O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA

DOS

CONHECIMENTOS UTEIS.

Volume Primeiro.

PUBLICADO DE MAIO A DEZEMBRO DE 1837.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE, RUA DIREITA DO ARSENAL N.º 55, PRIMEIRO ANDAR

1837.

INDICE ALPHABETICO

DOS ARTIGOS

CONTIDOS NO PRIMEIRO VOLUME DO PANORAMA.

(Os asteriscos denotam as gravuras).

LIBRARY 9 1934 UNIVERSITY OF TORONTO
875114
FD 56 F56 v. 1

Abestruz (o) 77
Aborigines do Chili 254
Abstinencia (a) 251
Aceio (o) da India 32
Affeição d'um lobo 32
Agathas : meio de lhes dar côr. 64
Agouro (o) 223
Agricultura e população de Portugal (calculo curioso sobre a) 251
Albatroz (o) * 117
Albinos 274
Alchimistas (os) e a pedra philosophal. 56
Alhambra * 65
Alliança fraternal dos Malgachos 207
Almirante (o cargo de) em Portugal 7
Alvares (Fr. João) V. Paço de Sousa.
Amoucos (na India). 119
Andeiro (morte do conde) e do bispo de Lisboa 53
Animaes : respeito que lhes tem os gentios da India. . 256
— : crueldade com que os tractam 240, 264
Anões (os). 175
Antigas dissensões dos primeiros reis portuguezes com Roma 67, 108. 155
Antipathias dos animaes . . . 76
Aos homens religiosos. 114
Appetite delicado 96
Aproveitar para ter. Parabola. 176
Arabes (differem dos mouros). 280
Arcebispo (o) soldado 115
Ardesias ou lousas. 259
Arganazes (destruição dos). . 216
Argonauta (o). 253
Arvore prodigiosa. 72
Arvores (velhas) : modo de as fazer dar fructo 56
— (preparação para defender os golpes das). 72
— (tractamento utilissimo ás). 128
— (meio de afastar as formigas do pé das). 176
— e mattas (da plantação das). 246
Astronomia (origem e progressos da) 98
Balança dos feiticeiros em Oudewater. 136
Baléa (a) e a sua pesca * . . 33
Banhos (novo esquentador para os ditos. Vid. *Esquentador*) 140
Banquete de Domiciano. . . 91
Banquetes dos antigos. . . . 196
Barbas e barbear 243
Baixa-Bretanha (superstições) 271
Batalha de Alcacerquibir . . 180
— de Navarino 126
Bichlorureto de cal (emprego do) para tirar nodoas, branquear o papel, estampas, &c. 8
Bodequim (o) ou cabra montez * 205
Boi (sagacidade do) 190
Bolor (preservativo contra o). 128
Bosques, prados e pastagens no continente da Europa. 252
Branqueamento dos tecidos de laã 224
Brazil. 279
Buceaneiros (os). 47
Bulla (a) *Anecdota de Montesquieu*. 80
Cabello de Judas 80
Cabo de Boa-Esperança * . . 82
Cabra (singular destreza de uma) 112
Cães de S. Bernardo. * Vid. convento de Moustiers. . . 133
Calau (o) * 185
Caldo feito em uma hora . . 104
— negro dos espartanos . . . 256
California (a) e os seus habitantes. 237
Camarinhas 262
Caminhos de ferro. 86
Canna de assucar — processo para fabricar o assucar *** 146
Cantão (cidade) na China. . 234
Canto do Cossaco 183
Cão (o) do Louvre 60
Carlos II e Guilherme Penn. 237
Carro da noiva na Allemanha. 171
Carvão vegetal (uso do) como medicamento 136
Casamento no Jura 79
Casas de correcção em Amsterdam 255
— de neve 244
Cataplesia (a). 148
Cathedral de Lamego * . . . 28
Caverna de Staffa * 142
Cemiterios e ritos funebres na Turquia 26
— em Lisboa 268
Cera (obras em) na antiguidade 247
Cerveja caseira 112
Chapelaria aperfeiçoada . . . 232
Cholera-morbus. Anecdota. . 128
Ciganos (os). 212
Classificação (ácerca da) dos animaes. 11
Cella á próva d'agua 64
— para louça quebrada . . . 279
Contra-veneno do verdete, azebre &c. 72
Côres (particularidades relativas ás) 173 e 203
Cornelina : modo de orna-las de ramificações 64
Corôa (a) real de Bohemia. . 167
Côrtes portuguezas, (antigas) de quem se compunham, e suas attribuições 22
Chinchilla * 277
Cós (ilha de), ou Stancho * . 177
Couros (novo curtimento dos). 224
Couto (Diogo do) : sua vida e escriptos * 150
Cumprimentos dos insulanos de Gambier. 256
Curdos [costumes dos] 83
Dança (a) 222
Dedaleira (a) ou digital * . . 230
Dentes (conservação dos) precauções relativas aos meninos. 150
— e gengivas : electuario para a sua conservação. 112
— Vid. pó dentrifico de carvão . . . . . .
Desafio (o). 223
Descuberta (singular) d'um thesouro 166
Deserto (o grande) d'Africa, e as tempestades de areia. 95
Despacho (o bom). 127
Dissensões com Roma. . 67, 108 e 155
Divida nac. da Grã-Bretanha (calculos curiosos sobre a) . 221
Economia politica. Preceitos geraes 70
Educação (da) physica 5
— materna. 62
— intellectual 214
— moral 274
Egoismo (o). Dito de Bacon. 192
Emprazado (o) 199
Enxertias : preparação para as cubrir. 72
Eschola (uma) turca 208
— dos Domingos em Inglaterra. 264
Escurial (o) * 236
Espingardeiros : côr ingleza para os canos das espingardas. 208
Espirito de ordem 239
Esponja (a) 222
Esquentador (novo) de banhos * 63
Estrellas cadentes ou que correm 204
Estylo (uma lição de) na Persia 248
Fakires (os) na India * . . . 162
Ferimento (primeiros soccorros em caso de). 158
Ferrugem (modo de preservar

o aço da) 56
— (modo de tirar as nodoas de). 216
Fesch (convite do cardeal) . . 196
Flamingo (o) * 197
Florença * 265
Fogos ou lumes fatuos 165
Formigas: modo de as afastar do pé das arvores. Vid. Arvores.
— (combate de). 184
Frieiras (remedio de). 280
Fuligem (uso da) como estrume. 112
Funcções turcas * 242
Galles [a nova] do sul * * . . 121
Gallicismos. 52
Gazetas dos romanos 228
Gilboyas (as) * 170
Goes (Damião de): sua vida e escriptos * 110
Gota (remedio para mitigar as dores da). 200
Grama (uso da) para curar e engordar cavalgaduras . . . 16
Gran de carrasco ou kermes. 235
Grecia (estado actual da). . . 101
Gruta de Antiparos. 142
— de Camões em Macau * . 39
Gymnastica (da) 118
Hahnemann (noticia ácerca de) e da medicina homoeopathica 115
Hamburgo * 226
Historia Natural: utilidade do seu estudo. 6
Homero: noticia ácerca dos seus poemas. 37
Hortas fluctuantes em Cachemira. 184
Hospitalidade arabica. 48
Hygiena medica e moral (preceitos geraes d') 87
Igreja do Carmo em Lisboa * 4
Incendio dos bosques na Suecia. 247
— modo de os apagar. 280
Indios (os) Puris * 172
Ingrato (um) 179
Innovações temerarias: aviso aos proprietarios de terras, que as emprehendem . . . 23
Instrucção popular: demonstra-se a sua utilidade . . . 36
Instrumentos cortantes: modo de bem os affiar 144
Inteireza d'um juiz. 168
Isabel d'Avel (sacrificio sublime de) 168
Isca infallivel para engodar os peixes do rio 200
Jacarés (os) ou caimães * . . 68
Jardins (duas palavras sobre). 221
Java (arvore venenosa da) . . 248
Joias (parabola) 278
Jogos, que apparentemente requerem grandes forças. . 111
Jorge de Albuquerque Coelho (acção heroica de). 144
Judeus em Portugal — seu valimento e perseguições que soffreram 19
Juizo por armas da Nova Galles do Sul * 123
Kermes. Vid. gran de carrasco.
Lausana (cap. do cantão de Vaud] * 137
Leão (combate do) e do bufalo] * 97
— : modo de o caçar 135
Legumes farinaceos (cozedura dos). 128
Leite dos animaes e suas propriedades 58
— de burra (introducção do uso do) 248
Leitura familiar. 224
Leopardo (caça do) na India oriental * 90
Linho: modo de o curar com o carvão 56
Livreiros (origem dos) na Europa. 252
Lombrigas: remedio para as do gado lanigero 216
Lyra (o passaro) * 213
Macau (descripção de) * . . 38
Machiavello (Nicolau) * . . 244
Madrid: situação, aspecto geral da cidade, ruas e praças * 18
Mahomet: embuste com que se fez acreditar propheta. . 168
Manteiga: receita para lhe tirar o ranço 120
Manual encyclopedico do Sr. E. A. Monteverdico 248
Maragatos (os). 174
Maravilhas (dicto de Bacon sobre as) 192
Marselha * 249
Medronheiros 262
Mergulhadores extraordinarios 195
Metaes (sua limpeza) 279
Minas d'azougue. 114
Mineração (a industria da) em Hespanha 170
Miguel Angelo. Dicto ácerca da perfeição. 176
— Anecdota. 263
Ministro (o) justiceiro 168
Milicia na edade media * * * . 217
Minho (o) romantico 211
— na sua cultura 227
Montgolphier, e o balão. . . 272
Monumento d'Egas Moniz. V. Paço de Sousa.
Monumento de Odivellas * . 57
Morta (a) viajando 40
Mosquitos (extincção dos) . . 176
Moustiers (o convento de) . . 113
Mulheres chins 248
Naphta. Vid. Petroleo.
Napoleão (singularidade do nome de). 216
Nariz (conjecturas ácerca do) * * * * 132
Natação 99
— sua utilidade na arte da guerra 270
Naufragio do Bergant. Sterling Castle 231
Nero, chefe das ilhas Massacre * 260
Nobreza de Portugal (class. da antiga). 46
Obelisco (o) de Luxor * . . 202
Odivellas * 57
Ormuz (tomada d'). 130
Ornithorinco (o) * 191
Ouro: meio de o reconhecer. Vid. pedra de toque economica.
Ovos (commercio d') entre a França e Inglaterra 24
Paço de Sousa — Egas Moniz — Fr. João Alvares 101
Pagão (origem da palavra). . 232
Palmeira (a) tamareira ou das tamaras * 130
Pampas (os) * 102
Pantheon * 257
Papel e pergaminho: sua invenção e introducção em Portugal. 21
— : fabrico do papel de carpo 232
Parsios (os) ou guebros, adoradores do fogo 229
Pasquim 190
Pastilhas para destruir o mau halito 112
Pastores habitantes dos Abruzzos 206
Paiva de Andrade (Diogo de) tio e sobrinho: sua biographia litteraria * 14
Peça (a) de Diu * 61
Pedra de toque economica . . 208
Pendulas (processo para regular as) e relogios 124
Petroleo e naphta (mananciaes de). 232
Poços artesianos 251
Pó dentrifico de carvão. . . . 136
Poesia: sua influencia e utilidade 69
— Poemeto de Millevoye. . . 280
Porco montez [a caça do] no oriente * 210
Portuguezes (reputação dos) na India 256
Povo russiano: sua miseravel condição, suas idéas religiosas 5
Presunto de carneiro 200
Priguiça (animal) * 85
Primavera (a), Poema do Sr. A. F. de Castilho 104
Pulgão (meio de preservar do) as plantas novas 399
Queimaduras (diversos remedios para as) 147
Raiva ou hydrophobia (emprego da giesta contra a). . 136
Rasgo d'humanidade d'um lusitano com Caio Mincio . . 32
Ratoneiros francezes no 16.º seculo 70
Ratos: receita para affugenta-los. 56
Religião dos indios orientaes. 188
Reptis: abundancia delles nos desertos da Arabia 80
Resposta heroica dos lusitanos a Decio Junio Bruto. . . 32
Rhinoceronte da Asia ou Aba-

*

da * 154
Roma: aspecto geral da cidade; o Tibre, a porta de S. Paulo; a pyramide de Cestio ** 42
Roubo (o) entre os arabes beduins. 194
Roubos: calculo dos commettidos em Londres em 1831. 48
Sabeus (os) ou christãos de S. João 106
Sal commum: sua utilidade na agricultura, e na jardinagem 16
Sanguesugas (signaes das boas) 72
Saragoça * 273
Senembi (o) ou iguana do Brasil * 181
Sicilia (estado da agricultura na) * 106
Sinos (os). 162
— na Hespanha 200
Sirgos (criação dos) 120
Sonah Wallah ou o ourives ambulante da India * . . . 10
Sultão (o) redactor 186
Superstição lucrativa para a companhia ingleza da India. 91
Tachigraphia (maquina de Galli) 263
Talismans protectores de Constantinopola. 223
Tarambola (a) e o crocodilo . 60
Tartaros (os) calmucos 128
Tasso (Torquato): sua vida e escriptos * 71
Tempestades de areia no grande deserto d'Africa * . . . 95
Templo de S. Paulo em Londres * 194
Templos subterraneos de Indra Sabah em Ellora, e de Keylas (na India) ** . . . 73
Terremoto (effeitos do) da Calabria em 1785. 119
Theatro (origem do) moderno; — theatro portuguez até os fins do 16.º seculo . . . 12
Tigre (o) e o javali * 80
Trigo Gigante ou de Santa Helena 240
Tinta para marcar roupa. . . 56
Torregiano (supplicio do esculptor) 72
Toucinho: maneira de o conservar 72
Toupeiras [destruição das]. . 184
Trabalho [o] ou cinco mil cruzados de renda 125
—, e os capitaes 170
Tristão da Cunha [a ilha de] e o seu Robinson. 186
Trombetciro [o] ou agamy de Cayanna * 167
Trovoadas [das] e do raio. Preoccupações ácerca deste phenomeno 91
Turcos [presentimento dos]. . 207
Typographia [origem da typographia]; impressão tabularia; circumstancias notaveis das primeiras edições . 29
— portugueza * 163
Urtiga: sua utilidade como planta alimentaria, como forragem, e tincturaria . . 16
Uvas: methodo de as conservar. 192
Valor civico d'uma portugueza 127
Vaud [o cantão de] na Suissa, e Lausana sua capital * . 137
Vellas [fabrico das]. 224
Veneno do povo, ou abuso das bebidas espirituosas 48
Veneza [a inquisição d'estado de]. 26
—: origem, incremento, e decadencia; plano geral da cidade; gondolas; palacio ducal * 49
Ventura [da] moral, e do bem estar material. 182
Verão [o] na America do Norte 238
Verniz para uso dos encadernadores, e modo de o applicar. 16
Vestuario [o] singular 171
Viagens: utilidades que os artistas d'ellas podem tirar. . 210
Viboras: modo de combater o effeito da sua mordedura . 112
Vidros embaciados: modo de restaurar-lhes o brilho . . . 256
Villa Real [o marquez de]: resposta que deu em conselho no tempo de D. João 3.º. 144

FIM.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

1 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MAIO 6, 1837

INTRODUCÇÃO.

De todas as cousas que se offerecem ao homem para lhe recrear os momentos de ocio, é a leitura talvez a mais aprazivel, e seguramente a mais proveitosa. Sem quebrar o seu repouso domestico, sem vaguear pelas ondas do oceano, ou trilhar peregrino as sendas e desvios de paizes remotos, diante de seus olhos se corre o panno a scena do mundo passado e presente, e do mundo da sciencia e da arte: trava conversação com as personagens mais distinctas de todas as epochas e com os mais nobres engenhos de todas as edades: trata as intelligencias dos diversos paizes, e bebe a largos tragos na taça da sabedoria. Cidadão de todas as republicas, membro de qualquer sociedade, contemporaneo de qualquer seculo, só o homem dado á leitura pode com verdade dizer que para elle foi o Universo creado.

Os antigos inventaram uma grande variedade de jogos publicos, para n'elles gastarem as horas que não consagravam aos negocios do estado, ou aos interesses privados. Nasceram assim os combates do circo, os theatros, as naumachias, e tantos outros espectaculos que attrahiam a attenção do povo desoccupado. Faltava aos antigos a leitura; porque, ignorando a arte de multiplicar as copias dos livros, estes não podiam ser populares, e ficavam só ao alcance dos abastados, ou dos sabios, que faziam do estudo o emprego da sua vida. Por esta causa a civilisação grega e romana foi mui diversa da que hoje encontramos no meio das nações modernas da Europa. Nos dois grandes povos da antiguidade a policia era mais apparente do que intima; mais tendente a aformosear, por assim dizermos, o aspecto da sociedade, do que a melhorar o caracter moral do homem, e a cultivar-lhe a intelligencia. Os preceitos da philosophia, os descobrimentos das sciencias, eram guardados no seio dos lyceus e escolas, como um thesouro, cujas riquezas não revertiam em beneficio commum. Por esta arte volveram muitos seculos; as nações surgiram umas apoz outras, e a barbaria estava no amago da vida humana, posto que esta parecesse muitas vezes aperfeiçoar-se, e que a gloria e o luxo tornasse brilhante a passagem de muitas raças pela face da terra.

Assim o grego era supersticioso, cruel e refalsado; em cada phenomeno extraordinario da natureza via a colera dos numes e sem pudor condemnava o virtuoso em o lio da virtude: assim o romano batia as palmas vendo correr no circo o sangue dos gladiadores, ou fazia combater seus escravos junto ás mesas dos banquetes e da prostituição, para lhe alegrar a alma feroz com o espectaculo das feridas: e, republicano orgulhoso, o simples cidadão de Roma era mais rico de tyrannias do que o despota mais barbaro das regiões da Asia.

Nasceu o christianismo, cujo objecto era reformar os costumes: mas os seus effeitos beneficos o foram quasi só para o coração do homem. Dahi proveio que o imperio da ignorancia popular não foi destruido, antes augmentou no meio das espantosas revoluções que passaram por essas eras. A edade média veio depois, bella e sublime em todos os costumes gerados pela religião do Evangelho, porém monstruosa e selvagem em todos os usos e habitos que nasciam das idéas de povos embrutecidos.

Foi a arte da impressão inventada no meado do XV seculo, que deu principio á epocha da verdadeira civilisação. A sciencia até então era como a fonte pobre, que jorrando em um lago fechado, ahi morre e se esvae pela terra, sem ser util ás veigas visinhas: com a invenção da typographia, porém, pouco e pouco se tornou manancial abundante, transpoz as margens, e correndo semelhante a rio caudal, fertilisou e cobriu de viço os campos da vida. O saber rasgou o seu veu de mysterio, e o homem, a quem a consciencia revelava um futuro de gloria litteraria, não deixou mais passar esta voz como a recordação de um sonho. Os livros em breve se multiplicaram por tal modo, que em menos de um seculo os volumes saidos dos diversos prelos da Europa subiam ao numero de milhões, e pode-se conceber até que ponto terão hoje augmentado, se nos lembrarmos que só os impressos n'esta parte do mundo que habitamos, montam annualmente a mais de cincoenta mil obras diversas, multiplicadas por milhares de copias. Bella é por certo a historia dos progressos da intelligencia, que em tão curto espaço tentámos bosquejar: mas, força é dize-lo, a riqueza nos tornou pobres. Os descobrimentos, as invenções, e a meditação do genio, do talento, ou do estudo, nem sempre poderam seguir de par os progressos da arte de escrever. Muitas cousas inuteis e até damnosas se publicaram: milhares de escriptores vestiram por molde seu alheias concepções; milhares nos deram volumes abundantes de palavras, e quasi ermos de idéas. Por outra parte, as observações e as theorias acerca de qualquer ramo dos conhecimentos humanos vieram umas apoz outras: cada uma d'estas variedades ou mudanças foi representada por um ou por muitos livros, e sem receio podemos affirmar que hoje a ninguem é dado nem sequer o examinar os escriptos que existem acerca de uma sciencia só, quanto mais tentar instruir-se na totalidade d'ellas. No seculo XIX a existencia de um Aristoteles seria absolutamente impossivel.

Daqui se originou o caracter particular da civilisação litteraria do nosso seculo: a individualidade quasi desappareceu no imperio do saber; as sciencias concatenaram-se estreitamente, e os homens superiores ao genero humano, que achamos na antiguidade, como Platão e Cicero, não podem surgir no meio de nós: a instrucção é só uma; quem a possue é somente a humanidade. Que sabio ousaria alevantar-se no meio da grande familia europea, e dizer as intelligencias: «vinde escutar-me que eu serei vosso mestre?»

N'este estado, pois, da illustração e do progresso, o que mais importa é o dilatar por todas as nações, e introduzir em todas as classes da sociedade o amor da instrucção; porque este é o espirito do nosso tempo e porque esta tendencia é generosa e util.

Mas como se dilataria a instrucção, como se faria descer a variada sciencia até os ultimos degráus da

escala social, se houvessemos de empregar n'isto essa multidão de escriptos especiaes sobre todos os conhecimentos humanos, esses innumeraveis livros accumulados por toda a parte em bibliothecas immensas? Fora baldada empresa, como o prova o que acerca disto dissemos. Alem d'isso, o homem publico, o artista, o agricultor, o commerciante, ligados a uma vida necessariamente laboriosa, poucas horas tem de repouso para dar á cultura do espirito, e nenhum animo, por certo, seria assaz curioso de instrucção, para gastar esses curtos momentos em folhear centenares de volumes, e embrenhar-se em meditações profundas, que só uma applicação constante pode tornar proficuas. Que é pois necessario fazer para que seja satisfeita a necessidade de generalisar a instrucção; para traduzir em obras a idéa caracteristica do tempo actual? A solução d'este problema encontra-se na historia litteraria da Europa, nos ultimos vinte annos.

De feito, a parte mais util da moderna litteratura tem sido o resumir os amplos productos da intelligencia. Com uma rapidez admiravel tem surgido os compendios, os quadros synopticos, os jornaes de instrucção popular. A' custa de sacrificios pecuniarios, e, o que é mais que tudo, de vigilias estereis de gloria, tem-se derramado entre o povo, não a historia do estudo, mas o seu resultado: a sciencia se introduz tanto no tecto do abastado, como no abrigo do pobre, e mostrando a mão do creador em todas as obras do universo, ergue até os degráus do seu throno o nosso pensamento no meio do tumulto do mundo.

A nação portugueza, cumpre confessa-lo, é uma das que menos tem seguido este movimento progressivo da humanidade. O nosso povo ignora immensas cousas que muito lhe importava conhecer, e esta falta de instrucção sente-se até nas classes, que pela sua posição social, deviam ser illustradas. Entre os mesmos homens dados ás letras, se acha falharem repetidas vezes as noções elementares de tudo o que não é objecto do seu especial estudo, e a sciencia em Portugal está ainda longe de ter aquele caracter de unidade, que ganha diariamente no meio das outras nações.

Assim a Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis julgou dever seguir o exemplo dos paizes mais illustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrucção variada, e que podesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, accommodando-o ao estado de atrazo, em que ainda nos achamos. Esta nobre empresa será por certo louvada e protegida por todos aquelles, que amam deveras a civilisação da sua Patria.

Sinceramente confessamos a nossa decadencia intellectual: com a gloria das armas morreu a nossa gloria litteraria. Sabemo-lo bem: nem para o saber careciamos dos insultos que muitos estranhos tem lançado sobre nossas cabeças por este motivo. Tal procedimento nos parece vilmente cruel. O estrangeiro, que se assentou á nossa meza, que achou o somno do repouso debaixo do nosso tecto, vae para o seu paiz escarnecer dos males e da ignorancia que entre nós introduziram desventuras de tres seculos, e fazer do nome portuguez o baldão dos povos. Semelhante procedimento se pode comparar ao do homem abastado, que recebido e acatado na tugurio do pobre, fosse depois na sala de seus banquetes motejar das estreitesas d'aquelle que o acolheu como irmão.

Entretanto estas affrontas não devem desanimar-nos; ellas procedem em parte do nosso antigo renome, que ainda pesa no espirito dos estrangeiros. Anjos despenhados procuremos subir outra vez ás alturas de que, não nós, mas sim torrentes de calamidades publicas nos precipitaram. Trabalhemos por nos instruir e melhorar nossos costumes, augmentando a civilisação nacional. E esta a mais bella resposta, que podemos dar ás accusações dos estranhos: é esta a unica resposta digna do caracter generoso, que nossos avós nos herdaram, e que não acabou de todo atravez de tres seculos de decadencia.

Em ultimo logar diremos que talentos mais conspicuos, engenhos de mais vasta erudição, se poderam ter encarregado da redacção d'este Jornal; porém, de certo, ninguem com melhores desejos de levar a cabo o virtuoso e patriotico proposito da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis.

A ARCHITECTURA GOTHICA.

Em nosso paiz os monumentos do estylo gothico teem sido assaz desprezados, e até a barbaridade e ignorancia lhes tem feito uma guerra cruel. Nas provincias septentrionaes do reino, onde a monarchia teve o berço, e se levantaram os mais antigos edificios nacionaes, já poucos vestigios existem d'estes, e construcções mesquinhas os tem substituido. Os velhos mosteiros do Minho e da Beira estão de ha muito convertidos em casarias semelhantes a alojamentos de soldados, e os templos veneraveis da edade media se derrubaram para em logar d'elles se alevantarem sallas ou armazens, de mais ou menos ambito, porém onde nem uma pedra falla do passado, onde nada respira uma idéa religiosa. As arcarias gothicas, o clarão solemne de uma luz reflectida no marmore do pavimento, atravez dos vidros córados das frestas esguias — os portaes profundos, formados de series de arcos ponteagudos, successivamente mais estreitos e baixos, e que eram na fachada como um symbolo do mysterio — as torres erguidas dos campanarios, cujos cimos pyramidaes pareciam apontar para o ceu — as columnas delgadas e subindo a prodigiosa altura, semelhantes ao pensamento que se ergue até o throno do Senhor — tudo isto desappareceu. Apenas uma ou outra cathedral, um ou outro mosteiro, conserva as formas da sua architectura primitiva; mas estas bellas formas estão cubertas de estuques, de dourados, de madeiras entalhadas com ridiculo máu-gosto. O capitel gothico, tão symbolico, tão semelhante ao vaso do incenso empregado nas solemnidades religiosas, foi sotto-posto, e cuberto pelo capitel corinthio, adorno proprio de outro systema de architectura, e adaptado a outra ordem de idéas religiosas. A' hora em que isto escrevemos soam talvez as pancadas dos martellos na antiga collegiada de Guimaraens, onde se vão gastando largas sommas, para destruir em parte, em parte tornar monstruosa, uma das mais formosas obras da architectura nacional.

Para salvar o que ainda resta, cumpria que o Governo, e as municipalidades vigiassem pela conservação d'estes monumentos, e podessem cohibir essas barbaras demolições. Na Inglaterra e na França seriamente se cuida em conservar e reparar esses edificios, que são como a historia da intelligencia e da grandeza do paiz, e que talvez em breve serão modello para os artifices, quando de todo acabar o preconceito de que em artes só o grego e o romano é bello; quando se persuadirem que os habitos, as opiniões e as crenças de uma nação devem estar em harmonia com os seus monumentos.

Em Strasburgo existe uma eschola especial de architectos e esculptores, cujo mister é reparar e

aperfeiçoar a celebre cathedral d'esta cidade, seguindo o systema gothico, em que ella foi construida. Se algum dia em Portugal se podesse fazer outro tanto, por ventura veriamos levado a cabo o riquissimo mosteiro da Batalha, que é a admiração de todos os estrangeiros que o examinam. Entretanto conservemos o que nos resta, e que, sobre tudo nas provincias meridionaes do reino, ainda é bastante para aformosear o solo que nos deu o berço.

Procuraremos n'este Jornal dar o desenho de todos esses edificios, de que podermos haver copia. A menor perfeição das gravuras, abertas em madeira, não os deixará apparecer em toda a sua formosura: mas a Sociedade julgou dever preferir o fazer

VISTA INTERIOR DA IGREJA DO CARMO EM LISBOA.

grava-los por artistas portuguezes a manda-los esculpir fóra do paiz. Assim se animará e aperfeiçoará entre nós a arte de gravar em madeira, e esperamos que dentro em alguns mezes o buril portuguez iguale n'este genero de obras o primor com que apparecem gravadas as estampas d'aquelles jornaes estrangeiros, cuja instituição é semelhante á do nosso.

A batalha de Aljubarrota não só assegurou a Portugal a sua independencia, mas tambem foi causa de se construirem os dois mais preciosos monumentos da architectura christaã, que jámais em nosso paiz se alevantaram. Em quanto, por causa de um voto que fizera antes de começar o combate, elrei D. João 1.º lançava os fundamentos do mosteiro da Batalha, o condestavel D. Nuno, erguia em Lisboa um templo [de cujas ruinas damos a gravura n'este numero do Panorama] obrigado por igual voto. Foi a obra ao que parece começada pelos annos de 1389 e acabada em 1422, epocha em que a architectura gothica chegava quasi ao cume do seu esplendor: assim esta fabrica magnifica se concluiu em pouco mais de trinta annos. O modico preço com que então se pagava aos trabalhadores e artifices explica a razão porque um simples particular, posto que poderoso, podia levar a cabo tão espantosas obras.

No livro dos brazões e armas das familias do reino, fallando-se d'este edificio, se diz, que os officiaes n'elle empregados andavam a soldo de treze réis por dia, ganhando assim o preço de dois alqueires e meio de trigo, que n'esse tempo corria a cinco réis por alqueire.

O templo da *Senhora do Vencimento*, nome que lhe pôz seu fundador, foi durante mais de tres seculos a admiração dos naturaes e estranhos, e a elle se prendiam muitas recordações nacionaes Alli, aos pés da Cruz, veio o salvador da monarchia, o maior capitão d'aquella epocha, despresar a gloria de cem combates, curvar, á voz da obediencia monastica, a fronte do homem grande, e depor aquella espada que aterrara Castella, e a que no campo não ousava esperar o mais esforçado cavalleiro. Alli, na obscuridade do claustro, dormiu o seu ultimo somno o condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Os restos d'este edificio que ainda hoje vemos, não são unicamente as ruinas que ficaram depois do terremoto de 55. A' excepção dos muros externos, parece que tudo se derrocou por essa occasião, e o estado actual das columnas que dividem as naves, mostram que de novo se tentou reedifica-lo. Houve com tudo o bom juizo de conservar a unidade da architectura: e em quanto pelas sés do reino a ignorancia do clero secular ia e vae destruindo os formosos monumentos da arte christaã e nacional, os frades mostravam que o gosto e o siso se acolhera aos claustros, não destruindo a harmonia do desenho, nem a sublimidade da architectura religiosa.

As dimensões internas do templo são as seguintes:

Comprimento da porta ao altar mór.	327	Palmos.
Largura das tres naves	100	»
Altura do templo.	112	»
Vão dos arcos que separam as naves	27	»
Altura d'estes, era	73	»
Largura da capella-mór.	30	»
Altura, era.	70	»
Largura do cruzeiro	40	»
Comprimento, era	150	»

Quanto ao systema geral do edificio referimo-nos ao desenho que d'elle apresentamos.

O tumulo do condestavel estava antigamente na capella-mór, do lado do Evangelho: este tumulo tinha sido mandado de França pela duqueza de Borgonha, quarta neta de D. Nuno Alvares; na frente estava levantado o vulto do condestavel, armado de armas brancas, e sobre a campa avultava tambem a sua imagem, porém vestida de habito de leigo carmelita. Junto d'elle, em uma especie de nicho aberto na parede, jazia sepultada Iria Gonçalves, mãe do heroe de Aljubarrota. No cruzeiro da egreja estavam as sepulturas do nosso celebre poeta Antonio Ferreira e do chronista mór João Baptista Lavanha.

N'este convento do Carmo se conservavam varias cartas do condestavel: nas quaes se vê a pouca, ou antes nenhuma cultura litteraria dos cavalleiros d'aquelle tempo. Parecen-nos curioso dar aqui uma pequena amostra do estilo de D. Nuno Alvares, transcrevendo algumas linhas de uma carta, que, depois de frade, escreveu a sua neta D. Isabel.

A senhora D. Zavel minha netinha faga deos santa. — Ninguna reson tenedes para renhirme, por que hei grão prazer de letras bossas ler. Os dias atraz ubi [recebi] *huma bosso, que me foy tragida por bentura, e se non bos foy respondida, non foy menga* [falta] *de bontade, mas de mui pouca soude que para ello* [isso] *tube. Escrever a Fernando mais avondo* [mais vezes] *bos non faga tenerdevos em o logo* [terdes em conta] *de que mas a el do que a bos hei d'afeiçom* etc.

Remataremos este artigo com a origem de um proverbio nosso. Estando o condestavel, já velho, conversando, ácerca de cousas de guerra, com alguns cavalleiros e encostado a uma janella do convento, que dava para o Rocio, houve entre elles quem dissesse, que, se Portugal tivesse algum rompimento com Castella, elle assim quebrado de forças não poderia já alancear tantos castelhanos como d'antes fizera. Ouvindo isto o condestavel, pegou de uma lança, despediu-a pelos ares, e a fez ir cair a extraordinaria distancia, accrescentando: *Se a minha patria carecer de mim, ainda metterei essa lança não só em Castella, mas em Africa.* Dahi, dizem, nasceu o dicto popular de — *Metter uma lança em Africa.*

DA EDUCAÇÃO PHYSICA.

O objecto da educação é o desinvolver e cultivar todas as faculdades do homem, por tal arte que venham a preencher o fim para que a natureza no-las concedeu.

Podem-se distinguir as faculdades humanas em tres classes, a saber: physicas, intellectuaes e moraes, e dividir-se, portanto, a educação em tres ramos: educação physica, educação da intelligencia, e educação moral.

Consiste a educação physica em dar ao corpo todo o desinvolvimento, força e agilidade, de que é susceptivel, e considerando-o depois como orgão da alma, aperfeiçoa-lo, por este motivo, o mais que for possivel: porque, em verdade, não é dos interesses do corpo sómente que se tracta na educação physica; mas tambem vantagens para o espirito n'ella se buscam. Os progressos da intelligencia e o desinvolvimento da sensibilidade dependem, em grande parte, de influencias physicas.

Tem-se visto almas fortes e puras habitar corpos debeis e fragéis: mas, por via de regra, a organisação viciosa e a saude quebrada empecem e perturbam os trabalhos do espirito, e imprimem nos sentimentos intimos um sêllo de corrupção. E pois de grandissima importancia que se ponham todos os meios para fortificar e tornar sadia a constituição das creanças. O gosto da vida laboriosa, e a capacidade do homem para se dar a ella, raramente

se poderão encontrar, sem esta principal condição; e como as classes populares vivem em geral dos recursos da sua industria, seria atraiçoar-lhes os interesses vitaes, se menos-prezassemos curar da sua educação physica.

Para assizadamente dirigir esta, e guerrear com proveito os funestos habitos, que a ignorancia e as usanças arreigadas ainda contrapõem á razão e experiencia, cumpre que as pessoas encarregadas da educação da infancia possuam noções de anatomia, de physiologia e de hygiena popular.

A anatomia, dando-nos a conhecer a estructura do corpo humano, e o uso, delicadeza e importancia de cada orgão; a physiologia, explicando as funcções, harmonia e desinvolvimento d'estes orgãos; a hygiena, indicando os meios de os conservar robustos e sandaveis, nos ministram instrucções preciosas, que nenhum homem bem educado deve de ora em diante ignorar. Tem-se posto de parte semelhantes estudos, tracta-se com despreso a educação physica, porque se considera o corpo como fonte de todos os vicios, e olhamos os nossos orgãos como instrumentos da corrupção do espirito. Falsissimos preconceitos são estes, dos quaes devemos fugir; pois a boa razão e a sciencia nos ensinam que a alma rege o corpo, e quanto mais se examina a estructura do homem, mais descubrimos ser o corpo humano admiravel ainda, comparado com as mais bellas creações do universo sensivel.

Quanto á physiologia e anatomia que é necessario geralmente saber, isto é, que tem uma applicação domestica e popular, daremos d'ellas noções em outro logar, passando agora a fallar d'aquella parte da hygiena, que importa immediatamente á educação physica da infancia. Consiste ella na dietetica, ou modo de nos alimentar, na temperatura da atmosphera, no ar e na luz, no aceio, nos meios de prevenir as doenças contagiosas, nas horas da vigilia e do somno, do repouso e do trabalho, na escolha das posições do corpo, e, finalmente, em toda a maneira de exercicios gymnasticos.

Quanto aos alimentos, bom seria que os peitos maternos fossem para o infante recem-nascido, e nos primeiros mezes da sua existencia, a unica fonte da conservação da vida; porque máus resultados physicos e moraes podem provir da alimentação comprada a amas mercenarias. Não entra, comtudo, em conta dos deveres maternos o sacrificar a existencia para cumprir uma obrigação que o é só, em quanto moralmente é possivel. Depois do sustento primitivo, a melhor alimentação, em qualquer epocha da vida, será sempre a que fôr mais simples, sendo ao mesmo tempo a hora da refeição regular. O mais que n'este logar poderiamos dizer ácerca dos alimentos, o guardamos para quando especialmente fallarmos da hygyena popular.

Os edificios destinados para escolas ou collegios devem ser voltados ao poente, tomando as necessarias precauções para quebrar a força do sol nos mezes calmosos. Cumpre que estes edificios sejam collocados em alturas, onde o sopro dos ventos possa renovar facilmente a atmosphera, e construidos de modo que a humidade os não torne mal-sãos, e que, ao mesmo tempo, recebam o ar e a luz em torrentes, por meio de janellas espaçosas. Nas escolas onde se reunem muitos individuos, o ar se está viciando continuamente, e por isso continuamente deve ser renovado.

O desaceio é uma das primeiras causas da corrupção atmospherica, pelo que é necessario vigiar muito as creanças a este respeito. Na edade infantil, o homem não tende para ser aceiado, nem para deixar de o ser, e a educação é que o faz seguir um ou outro caminho. Habituados á limpeza, as creanças a amarão constantemente na vida. Deve-se cuidar n'esta parte da sua educação por tal arte, que se lhes vigie constantemente a limpeza dos vestuarios, dos habitos da vida commum, e das pessoas, sem que pareça quere-los constranger ao aceio: por que aliás serão limpos, não por gosto, mas só por costume, o qual póde facilmente perder-se.

As horas do somno e do repouso cumpre sejam regulares, e proporcionadas á edade e forças das creanças. Na juventude ou na virilidade póde o homem variar o tempo do repouso, e encurtar-lhe ou prolongar lhe a duração, sem que dahi resulte damno sensivel para a saude, como a experiencia nos mostra, porém na infancia não acontece o mesmo, e sobre tudo, quando assim não fosse, bastaria a razão de que n'esta epocha da vida é sempre damnoso o habito da irregularidade.

Quanto aos exercicios gymnasticos daremos sobre elles um artigo especial.

O POVO RUSSIANO.

Considerando o presente estado da civilisação na Russia, e a connexão intima que ha entre os desejos e as fruições do homem, não me sinto disposto a julgar que a maioria dos servos russos viva menos commodamente que os indios livres. É verdade que nada possuem, mas tambem o é que nada desejam. Pessoas dignas de credito me informaram que uma caravana de cem camponezes, que transporta assucar de Moscow para S. Petersburgo, passára uma noite inteira n'um estalagem, e entre todos não gastaram trinta réis, por não chegarem a tanto as suas posses. Miseravel como é, se a avaliarmos pelas nossas idéas de felicidade, a condição d'estes homens, comtudo, deixa de o ser tanto em realidade, porque elles nem veem, nem conhecem outro estado. O seu senhor está muito acima d'elles para que lhes possa excitar ambição, ou inveja; e entre um e outros não ha classe intermedia. Em quanto pódem satisfazer as precisões ordinarias da natureza nada mais cobiçam; despidos de previdencia, não se agoniam com o futuro, a flagellação imposta n'esta hora esquece logo na immediata, e não se receiam do que lhes ha-de vir.

E ainda mais nos effeitos moraes do que nos physicos que se manifesta a fatal influencia da escravidão, e da ignorancia, que esta promove e perpetua. Quanto possue um servo d'aquelles, até a mulher, é propriedade do senhor. Como em muitos casos o assassinio seria a recompensa de uma paixão licenciosa, esta convicção, á falta de lei, é uma especie de freio para o superior; porém basta a mera existencia do poder, inda que raras vezes exercitado, para affrouxar os vinculos da reciprocidade social. Os servos vivem, e quasi que, a certos respeitos, obram como os animaes: andam appensos ao terreno que habitam, e não pódem legalmente alienar-se d'elle, mas esta lei é repetidas vezes illudida, e são comprados e vendidos como outra qualquer propriedade semovente. Um proprietario tem direito ao trabalho de seus escravos masculinos tres dias na semana sem remuneração alguma: se o emprega nos outros quatro dias deve fornece-lo de sustento e vestuario. Ficralmente interesses mutuos conduzem a um contracto reciproco; e ao servo é concedido trabalhar por sua propria conta, pagando ao senhor certo *abrok*, ou renda. Se além d'esta renda tira lucros, os esconde, e a primeira cousa que lhe ensinaram, mal tinha uso de razão, foi enganar o senhor: para o conseguir precisa enganar os escravos seus companheiros, do que nasce a infame velhacaria, e o habito de

uma perfidia descarada. A conveniencia propria é sempre a fiadora da boa diligencia; e logo que o trabalho do servo enriquece superabundantemente o senhor, removida a causa da industria, o servo fica habitualmente ocioso. Uma determinada mandriice é a principal feição de seu caracter: tudo o que não fôr impulso physico não a subjuga. Não respeitado pelos outros, não se respeita a si proprio: porque não tem reputação que perder. Se alguma occasião de roubar se lhe offerece, quem o impedirá! Se o descobrirem será espancado, mas elle está costumado a se-lo: e o gozo dos objectos roubados não tem o desconto dos remorsos da consciencia, ou de um principio violado.

Este quadro é melancholico, mas verdadeiro; e assim ha-de parmanecer, até que a illustração e a liberdade despontem n'aquella terra involta nas trevas.

A condição abatida do povo é resultado necessario da servidão: e não procede da carencia de capacidade moral e intellectual, pelo contrario o paizanismo a possue em grão muito notavel. Não se dá alli o caso de não ser possivel melhorar seu estado mais do que está. Os russos são em geral, dotados dos elementos do caracter christão, posto que desfigurado, e como encuberto pela ignorancia, superstição, e outros fructos fataes da escravidão. Informou-me um amigo meu, que por lá passou a maior parte da sua vida, que a convicção bastante arreigada do peccado original e individual, e uma singela esperança [quanto o permittem seus conhecimentos] nos merecimentos do Salvador, caracterisam os russianos. Prestam grande attenção á instrucção religiosa; e uma biblia é o presente mais valioso, que se póde offerecer a um pobre homem. O meu amigo me contou algumas das scenas, que presenciou, visitando as prisões com uma pessoa, que, sendo natural de Inglaterra e residente na Russia, fez ahi tamanha impressão, que nunca será esquecida; fallo de Mr. Menning. — O subito silencio, e devota preparação dos presos, e soldados da guarda, quando Mr. Tenning se dispoz a lêr a Biblia; o ar com que, fallando em segredo, passavam uns aos outros este aviso solemne: «*Vae lêr-se a palavra de Deus*; a inalteravel e anhelante attenção de todos os ouvintes; o instante peditorio d'alguns soldados, que sollicitavam uma Biblia, declarando que desejavam lêla uns aos outros quando estivessem de serviço; e o pesar, que manifestaram, ouvindo que o governo tinha prohibido a dadiva, que elles requeriam: todas estas e outras muitas passagens interessantes mostram que os russos estão preparadas para receber o Evangelho em toda a pureza, quando lhe possa ser annunciado; e affervoram a esperança, não enthusiasta, mas sobria e bem fundada, de que, quando a Deus approuver remover a obscuridade que ainda assombra a terra, avultadas porções do genero-humano se acharão dispostas a sacudir os grilhões de opprobriosa superstição, e a crer e adorar em espirito, e verdade.

(*Reparem bem os nossos leitores que está fallando um protestante; e já saberão que a Sociedade Propagadora da Biblia, a imprime em Londres, e a distribue em todas as Linguas*).

O meu amigo mencionou um facto interessante. Pouco depois da espantosa inundação de 1824, atravessando o Neva em uma barca de passageiros, onde iam muitos camponezes, despertou-lhe a curiosidade a conversação d'estes, que frequentes vezes versava sobre este ponto. — «E que tal foi a temivel visita que tivemos?» — Sim, mas nós bem a merecemos. Olhe la como somos peccadores!» — «Certamente que é verdade; e de mais, bem o conhecemos. Sim, senhor; não ha um de nós, sequer, que não tenha provocado a ira de Deus com a sua maldade. Tanto nobres, como servos, todos somos máus.» — «Não ha duvida, e digo-te que não me admiraria se viesse cousa ainda peior; e nós o merecemos, porque nos não pêsa do mal que obrâmos, nem fazemos caso dos castigos de Deus, como devemos.» — A chegada do barco á margem opposta privou o meu amigo de ouvir o resto d'esta curiosa conversa, sustentada entre dois rusticos paizanos, que um estrangeiro supporia possuirem apenas duas idéas além das providencias indispensaveis á vida. Elle me assegurou que este caso não era fóra do commum; pelo contrario os sentimentos alli apontados pódem servir de amostra dos de toda a nação em geral. Parece ser notavel feição do caracter nacional, que as idéas primarias estão repassadas de uma certa substancia religiosa: e que os russos, não tendo outras, obtiveram pelo cultivo d'ellas um certo conhecimento da religião, que apenas requer se lhe plantem as incorruptiveis verdades do Evangelho para produzir fructos espirituaes. Todavia, a despeito d'uma natural tendencia para moralisar, a escravidão impede o russo de subir ao ponto a que a moralidade o elevaria.

Presentemente os russos estão no estado de sentirem vehementemente a carencia de uma classes média; porque o povo, em geral escravo, dista infinitamente da nobreza, que é por extremo numerosa, e dividida em tres ramos, hereditaria, e inherente aos cargos publicos, e militar. Elles estão sobejamente civilisados para que desconheçam que são escravos; e muito pouco adiantados na civilisação para poderem restringir o autocrata, e os nobres, por meio da opinião publica.

Comtudo é impossivel visitar hoje aquelle paiz, e pensar no que elle era ha um seculo, sem ficar attonito vendo o que é actualmente. É extraordinaria a rapidez de seu progresso: com a diffusão das artes e das manufacturas, a condição moral do povo [com especialidade nas cidades populosas] tem experimentado decisiva e importante alteração. — *Extracto das cartas sobre o Norte, de Elliot.*

HISTORIA NATURAL.

Quando contemplâmos d'espaço as obras maravilhosas da natureza, espraiando a vista pelo theatro do Universo, considerando a sua magestosa belleza, constante ordem e magnificos ornamentos; o glorioso esplendor e uniforme movimento dos ceus; a curiosa fórma e fragante mimo das plantas; as exquisitas figuras dos animaes; e todos os demais estupendos milagres da creação, onde tão conspicuamente se ostentam os gloriosos attributos de seu Auctor, e em especial sua transcendente bondade; a nossa profunda admiração rompe em hymnos gratulatorios ao Creador Supremo: mas, apoz tão sublime sentimento, vem logo estimular-nos a curiosidade de indagar e conhecer pelo miudo tantas maravilhas. O exame dos phenomenos do globo, e dos entes que o povoam, é digno do homem. Conveniente e agradavel estudo é este, que, recreando o espirito, o enche conjunctamente de noções uteis e exactas, germen fecundo de numerosas applicações no decurso da vida. Exercitando assim a sua intelligencia, conseguin o homem sugeitar a seus usos domesticos tantos animaes, ou mais fortes ou mais ageis do que elle, para companheiros de suas fadigas, para supprimento de suas forças, e até para seu alimento: d'esta arte soube converter em seu proveito, não só os fructos da terra, patentes á vista, mas até, devassando-lhe as entranhas, os thesouros que lhe escondia.

Esta intelligencia, dadiva da divindade, e este

emprego proficuo, que d'ella tem feito, lhe renderam o nobre titulo de rei da creação. E será decoroso ao possuidor de tão largo e excellente dominio desconhecer a sua possessão? O homem que lança vistas estupidas sobre o espectaculo da natureza sem appreciar seus portentos, sem avaliar os dons de que se está utilisando, semelha aquelle proprietario dissipador, que no meio do bullicio e luxo das cidades consome as rendas de seus ferteis campos herdados, aos quaes nem uma só vez ainda fez visita. E cousa vergonhosa ignorar a historia dos entes e objectos com que frequentemente estamos lidando, das singularidades e prodigios da natureza, que tantas vezes dão materia as conversações; e em nossos dias, quando tão amplas são as fontes d'instrucção, e tão pouco reconditas, estando vulgarisados em obras excellentes e de facil percepção os rudimentos essenciaes da historia da natureza. Demasiado tem sido em nossa terra esquecido, ou despresado, tão importante estudo; apesar dos poucos, mas distinctos, sabios, que contámos n'este ramo dos conhecimentos humanos, permanece ainda patrimonio de raros, que frequentam as sciencias; e não está popularisado como convinha, e o fazem nos paizes estrangeiros tantos jornaes, e obras simples e claras, destinadas á instrucção publica. Não dizemos que invadido o dominio das aulas se queira ensinar ao povo a historia natural, a meteorologia, a physica etc., methodica e miudamente, porque nem todos tem vagar ou precisão de seguir um estudo regular, nem o nosso povo, carecedor de outras instrucções preparatorias, está muito apto para aproveitar tal ensino: mas é inquestionavel e sobre maneira util a conveniencia de publicar obras escriptas, para assim dizermos, familiarmente, sobre aquelles assumptos, e artigos, que, posto que avulsos, sempre são incentivos da curiosidade, despertam o gosto de outras leituras, e fixam algumas idéas. Firmemente accreditamos, que até para recreio e instrucção da mocidade, mais aproveitarão as descripções convenientemente elaboradas, por exemplo, de alguns animaes, de algumas plantas etc., do que os apologos ou fabulas que na tenra edade costumam dar-lhes a lêr e a decorar. As fabulas suppõem uma certa perspicacia para lhes entender as allusões: as demasiado claras são insipidas: e além disto a maior parte dos interlocutores, que lhes introduzem, são desconhecidos aos meninos, e então para a intelligencia da fabula necessarias são as descripções; e não seria melhor dar logo aos meninos essas descripções? Em logar de lhes lêr o apologo da raposa e do corvo, contar-lhes os costumes as astucias, em summa, a historia d'esses animaes? Se buscam imagens aprazíveis, objectos e assumptos recreativos, a historia natural os fornece em abundancia, e variados, e de mais a mais verdadeiros. Que necessidade ha de começar a educação de creanças com mentiras? Pretendem inicia-las na verdade principiando logo a dar-lhes noções falsas? E quererão que d'este modo adquiram idéas claras e exactas? O peior é que as fabulas para se enfeitarem aproveitam quantas patranhas se tem inventando ácerca dos tres reinos da natureza; e daqui provém encontrarmos tanta gente ateimada em sustentar erros e falsidades sobre os mais simples objectos, porque na mocidade assim lh'o ensinaram.

Não é nosso intento deprimir o merito dos fabulistas; reconhecemos e prezâmos o engenho de muitos, e se tiveramos de produzir exemplos nacionaes citariamos com ufania os excellentes apologos do Sr. Maldonado: mas parece-nos podermos asseverar que taes composições são mais adequadas para desenfastiada diversão de adultos, do que para ensino de creanças. A educação dos tenros annos deve em todas as suas partes fundamentar-se em bases seguras e verdadeiras: os variados assumptos da historia natural parece quadrarem-lhe bem. Daqui uma das muitas utilidades dos artigos escriptos simplesmente, e só com os adornos de um estylo ameno, recheados do maior numero de factos curiosos e interessantes, e desobstruidos das aridas dissertações scientificas: assim poderão servir de poderoso auxilio aos mestres, que tem de explicar a meninos, e de lição proveitosa e aprazivel para os que não teem proporções, nem tempo de se instruir mais a fundo n'estas materias, as quaes por si tanto convidam que um sabio distincto (Barrow) disse: «A natureza se offerece á nossa contemplação com seu inexhaurivel thesouro de fórmas variadas: nós podemos sem prejuizo, e com indizivel deleite, perscruta-las, examinar seus processos, penetrar seus segredos. Cada genero de animaes, de plantas, de mineraes, e de meteoros, appresenta materia, em que innocente, jucunda, e proveitosamente se entretenham nossos espiritos; e donde muitas sciencias nobres derivam, de cujo applicado estudo não só saíremos recreados, mas tambem melhorados e cultivados.» E com effeito estes ramos de sciencia até á moral interessam, porque, além de, como todos os outros, affugentarem a ociosidade, tendem a promover a serenidade da alma, favoravel á recepção dos bons pensamentos: e, para nos servirmos da expressão de outro sabio: «O apaixonado pela historia natural não será um homem cruel e ferino, porque elle não quererá destruir caprichosamente um insecto que seja, sabendo quão exquisitamente é fabricado, e quão curiosamente configurado para o logar que é destinado a occupar no reino animal.»

A' vista d'estas considerações não parecerá escusado que no sentido d'ellas sejam inseridos na redacção d'este Jornal artigos escolhidos sobre differentes individuos, e algumas generalidades dos tres reinos da natureza, comprehendendo o maximo numero de noticias, tractando com a possivel clareza, e illustrado quando o pedir o caso com adequadas estampas. —

DO CARGO DE ALMIRANTE.

O CARGO de almirante é hoje na Europa o maior da milicia naval. A origem d'esta denominação é arabica, da palavra *amir* ou *emir*, que significa *principe*, e do artigo *al*. No imperio grego de Constantinopola o nome de *amir* se dava aos governadores das provincias ou districtos, chamados tambem *amiradias*. Nos cargos navaes do Baixo Imperio o almirante ou *emir da armada* era o terceiro; porque antes d'elle havia o *grão-duque do mar e o grão-drungario*. Foi nas guerras das cruzadas, e durante o XII e XIII seculo, que este titulo se introduzia na Europa, para indicar o posto de capitão-mór do mar.

A Sicilia é o paiz, onde, por ventura, primeiramente se chamou almirante ao general das armadas, e pouco depois, este cargo appareceu com egual nome na republica de Genova. Entre nós parece que o titulo de almirante existia desde a mesma antiguidade, e já no reinado de D. Diniz havia o almirante-mór, general da armada de alto-bordo, e o almirante que era general das galés: distincção esta, que tambem se dava nos outros reinos da Hespanha.

Até o reinado de D. Diniz os almirantes foram portuguezes; mas por morte de Nuno Fernandes Cogominho [1316] veio a Portugal exercer este cargo

Micer Manoel Peçanha, genovez, em cuja familia se perpetuou tal dignidade durante um largo periodo.

Pelo regimento de guerra de Affonso V o almirante quando assumia este cargo, velava as armas na egreja, como tinham por costume os cavalleiros, segundo o que n'outro logar diremos, e no dia immediato ía com grande comitiva ao paço, onde elrei lhe entregava as insignias de general do mar, que eram um anel, uma espada curta, e um estandarte com as armas reaes, fazendo n'este acto o novo almirante preito e homenagem á corôa. A sua auctoridade era immensa, e das sentenças que dava só para elrei se podia appellar, mas tal jurisdicção só a tinha quando andava embarcado. Com o decorrer dos tempos a dignidade de almirante foi modificada, e era antes uma intendencia sobre as cousas da armada, do que um posto de milicia naval.

Em França e Inglaterra este titulo foi desconhecido até aos fins do XIII seculo, e só em 1284 é que appareceu a primeira nomeação d'um almirante francez, sendo em documentos do anno de 1297 que na Grã-Bretanha se falla no primeiro *almirante do mar d'elrei d'Inglaterra* que era um certo William Leybourne. N'este paiz, onde ainda então não havia um só navio da corôa, e onde o rei fretava, em tempo de guerra, os navios dos particulares, ou lh'os tirava, o almirante não era necessariamente um official de marinha, mas sim, como depois foi em Portugal, um funccionario publico, encarregado do armamento das esquadras, quando d'estas se carecia, o qual exercia as suas funcções, por via dos seus subalternos, e estava sugeito ao tenente rei do mar, o qual, n'este ramo de administração, era a principal auctoridade de Inglaterra.

ARTES.

Emprego do bi-chlorureto de cal para tirar as nodoas, e branquear o papel impresso, as estampas etc.

Deve-se a Mr. Chevalier a excellente receita que vamos transcrever, pela qual se obtem estes importantes resultados, sem ser necessario fazer mais do que uma operação, que tem além disso a vantagem de não ser perigosa para quem a practica. Consiste o processo em preparar uma dissolução saturada [1] de bi-chlorureto de cal, na qual, depois de filtrada, se mergulha a estampa, que deve ficar dentro do liquido até adquirir a côr branca, e isto por mais ou menos tempos, conforme a estampa submettida á operação estiver mais ou menos suja. Estampas muito amarelladas pelo tempo, e cheias de nodoas de humidade, foram no espaço de cinco minutos restituidas ao seu primitivo estado: tira-se a estampa da dissolução, e lava-se repetidas vezes em agua clara. O bi-chlorureto de cal emprega-se frio; e sómente necessario que a sua dissolução esteja bem limpida, e que o papel n'ella mergulhado seja depois lavado com muita agua.

Quando se quer limpar com esta composição as folhas d'um livro, por mais immundas que estejam, ou mesmo tornar os cadernos de um volume, que, por exemplo, tivessem sido tirados em papel azulado, tão alvos como os impressos no mais claro papel, é indispensavel descoser o livro; em outro artigo diremos como se póde evitar este trabalho.

(1) Nas dissoluções ha a considerar duas cousas, o liquido dissolvente, a que se dá tambem o nome de vehiculo ou menstruo, e a droga que se pretende dissolver. Diz-se que uma dissolução está saturada quando o liquido tem dissolvido a maior quantidade da droga, o que mui bem se conhece, porque em esta sendo em demasia, em vez de se dissolver, he precipitada, e assenta no vaso.

O bi-chlorureto de cal é uma preparação chimico, que se acha á venda ou póde encomendar-se nos depositos de productos chimicos: as suas outras propriedades e a maneira de o preparar acham-se descriptas no Curso de Physica e Chimica do Sr. Mousinho d'Albuquerque.

Apparelho para empregar o bi-chlorureto de cal.

Faça-se preparar uma prancha de madeira branca, que tenha mais tres pollegadas de comprimento, e outras tantas de largura, que a maior estampa que se pretender branquear. As peças de que se compozer a prancha devem ser solidamente unidas, não por meio de encaixes, mas de malhetes, e não hão de ser grudadas nem bitumadas, porque a humidade derreteria o grude, e o bi-chlorureto dissolveria o bitume ordinario, e depositando-se as partes colorantes, que este contém, sobre o papel, mancha-lo-íam. Uma borda forte, tambem de madeira branca, e de quatro pollegadas de altura, guarnece a prancha por todos os lados. Convém que não se empregue metal algum para ligar as differentes peças do apparelho, ao menos interiormente.

Esta especie de caixa deve estar coberta de *luto* de cal, com o qual deverão principalmente ser bem tapadas todas as fendas d'aquella, para conservar perfeitamente o liquido: cravam-se ao longo dos quatro lados, e perto das bordas, cavilhas de madeira branca, ás quaes se dá alguma inclinação para as partes de fóra.

Junto a um dos cantos deve haver um canudo de madeira branca para a evacuação do liquido; este tubo é fechado por uma rolha de cortiça. Outro tubo de páu, de um diametro capaz de receber o bico de um funil de vidro, está verticalmente encostado e seguro a uma das bordas pela parte de dentro, sem que comtudo desça até tocar no fundo interior da caixa.

O modo de operar é o seguinte:

Põe-se no fundo da caixa uma folha de papel branco do tamanho da estampa; estende-se esta por cima d'elle, e depois com linha branca, e com a ajuda das cavilhas, tece-se uma especie de rede por cima da estampa, para que esta não possa levantar-se, e fluctuar no liquido no decurso da operação. Deita-se devagarinho no funil a dissolução do bi-chlorureto de cal. O liquido cae sobre a prancha, e dalli se espalha uniformemente por toda a forma ou estampa, que se quer branquear, e que fica coberta cousa de umas seis linhas, pelo menos. Deixa-se tudo no mesmo estado até que a estampa apparece perfeitamente desenxovalhada.

Logo que esteja bem clara, despeja-se o liquido, abrindo o canudo, e lança-se pelo funil agua pura, para lavar a estampa; lava-se em muitas aguas, depois escorre-se toda a agua, inclinando a estampa para o lado do canudo, e deixa-se enxambrar, depois de se haver com precaução desmanchado a rede. Tira se a estampa antes de estar secca de todo, pois, é necessario que ella conserve alguma humidade para não ser deteriorada nas ultimas operações por que tem de passar.

Finalmente, faz-se seccar entre dois papellões, apertando-a n'uma prensa, ou pelo menos pondo-a debaixo de um grande peso, e mettendo os papellões entre duas taboinhas. Depois disto, a estampa não só recobrará as suas qualidades primitivas, porém até ficará mais branca do que d'antes era.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa. — Na Typographia da Sociedade.

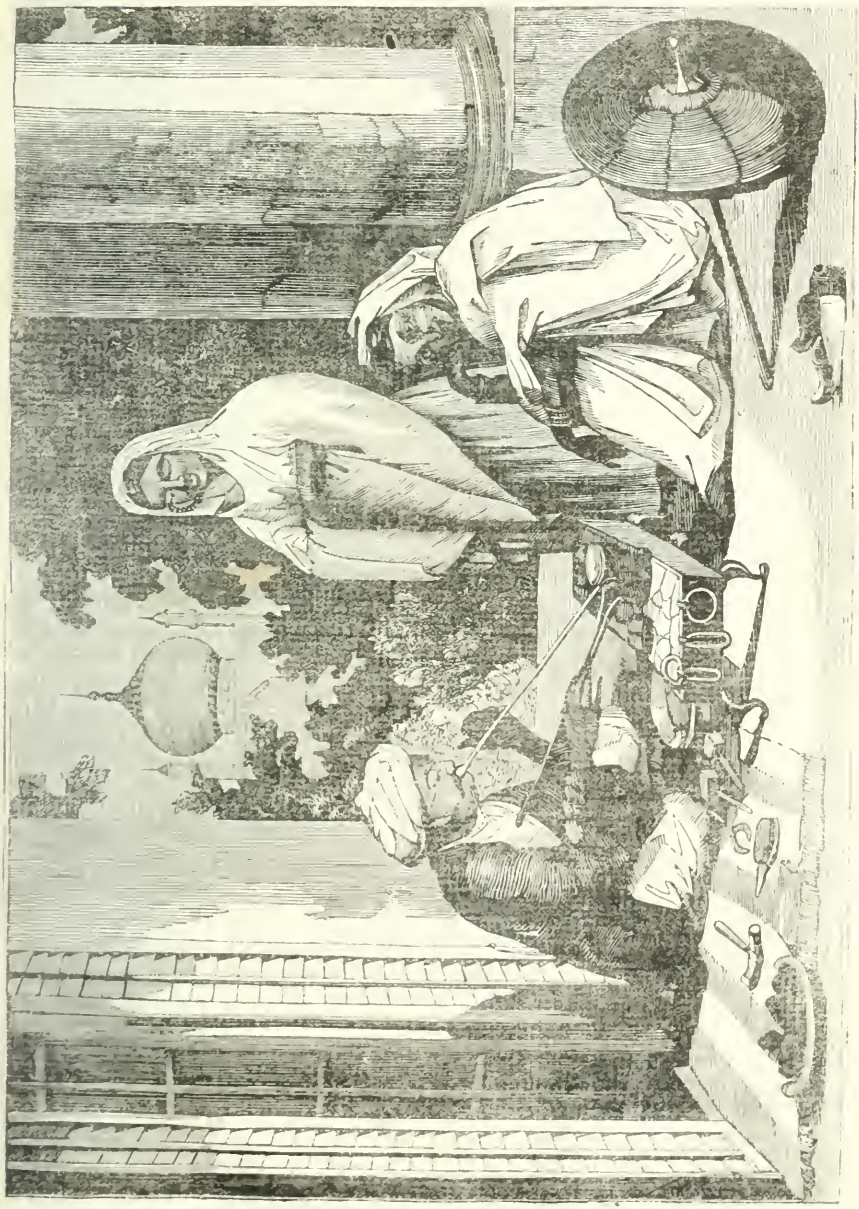
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

2 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. MAIO 13, 1837.



O CURIVES AMBULANTE DA INDIA.

SONAH WALLAH.

As occupações dos Indios dependem da sua casta, que é um dos mais poderosos instrumentos sempre empregado em regular a condição social de uma população de perto de cem milhões d'almas. Todos os officios nas Indias são abandonados aos Sudros, que formam a mais baixa e a mais numerosa das quatro grandes divisões integrantes do povo. O Shastra prohibe o exercicio de todas as artes mechanicas ás tres castas superiores; dando-se a ellas por esse motivo os Sudros, a quem não é prohibido o exercicio de taes misteres, e que nelles proseguem em successão de pais e filhos. Um Indio julgaria não só moralmente injusto, mas até um acto de abandono religioso, o entrar n'uma occupação, que antecedentemente não fosse seguida por seu pai; e tão restrictamente adhere o povo inteiro a este uso convencional, que se descobrem muito raros exemplos de infracção, Teem em grande conta os direitos hereditarios, e imaginam que um homem deshonra a sua casta, adoptando qualquer modo de vida, ou profissão, que não fosse por seus antepassados seguida desde mui remota successão de gerações.

Divide-se a população Indiana em quatro castas, Bramanes, Naires, Chatins, e Sudros. A primeira dizem os seus livros sagrados que sahiu da boca de Brama, a segunda dos braços, a terceiras das côxas, e a quarta dos pés. Para esta ultima olham as tres classes superiores como para uma raça ignobil, e por consequencia aviltada. Os Bramanes são exclusivamente destinados ao sacerdocio, e aos cargos legislativos do estado, por serem as funcções mais importantes e influentes, como tambem as mais honorificas. Aos Naires está commettido o executivo; por cujo motivo desta casta o exercito se organisa. Os Chatins se dedicam ao commercio, de fórma que a esta casta pertencem alguns dos individuos mais opulentos do Indostão. Aos Sudros são abandonados, como inferiores á dignidade das outras castas, todos os misteres mechanicos e servis.

Estas absurdas distincções teem produzido um effeito paralisador sobre a energia moral do povo, escravisando assim e debilitando os espiritos, e amortecendo os naturaes impulsos da ambição: por isso, estando circumscripta a sua esphera de acção, a multidão sente que está nacionalmente aviltada, conservando-se naquelles grilhões, que a impedem de subir a uma elevada posição moral. Os Bramanes, sob a influencia de seu mortifero systema, constituem uma classe pela maior parte soberba, ignorante, e sensual; arrogante por causa de sua prodigiosa influencia, tyrannica por excesso de poder, e sensual pela nenhuma restricção, estando facilmente ao seu alcance a satisfação de qualquer tendencia animal. Com effeito, mais os impelle a sua posição social a condescender com as propensões carnaes, do que a cultivar as faculdades do entendimento, ao passo que os Sudros, que formam a grande maioria do povo, exceptuados meia duzia d'elles, que por alguns incidentes condicionaes se ergueram acima do nivel ordinario dos espiritos vulgares, jazem envoltos em tal barbarie, que pouco se avantajam aos selvagens. Os vestigios de uma ordem de intelligencia muito elevada, tão conspicua em toda a India antes da conquista Mahometana, são causa para se deplorar profundamente que o aspecto moral deste bello paiz seja agora tão sombrio, e tão pouco esperançoso. Com tudo confiadamente esperamos; porque nos parece estarmos em vesperas de vastas mudanças civis em toda a fabrica social, que não dista muito o tempo em que se diffunda o clarão dos conhecimentos proficuos, não só pela extenso peninsula do Indostão, mas por toda a terra.

Tão abatida é a condição domestica dos Sudros, que nas institutas de Menu, em que se comprehendem os codigos civis e religiosos das leis Indianas, se prohibe aos Bramanes até o dar-lhes conselho espiritual, ou informa-los da expiação legal pelos peccados. E tão despresada pelos Bramanes esta infima casta dos Indios, que o meio unico de obter delles as graças da sua crença religiosa é prestar-lhes os serviços caseiros mais abjectos; varrem as casas daquelles despotas espirituaes, lavam-lhes os pés, untam-lhes o corpo com azeite, acarretam agua, lenha e terra para os sacrificios do templo, e acompanham os celebrantes durante as fastidiosas ceremonias do seu culto quotidiano; imaginando aquelles arrogantes sacerdotes que os taes seus criados são favorecidos grandemente pela condescendencia, que tem, de lhes apontar deveres, que aos olhos da boa rasão seria mais honroso violar do que observar. Está escripto no Shastra, que o Sudro, constantemente empregado em servir a um Bramane, tem vivido meritoriamente; mas tambem é expresso, que todo o que se escusa a esse serviço, e menospresa o sacerdocio, será condemnado aos tormentos eternos. « Alguns dos Sudros, diz Mr. Ward, » reverenceiam os Bramanes como deuses, e o grosso da multidão rude lhes tributa honras externas. Para saudar um Bramane, o Sudro ergue á testa as mãos postas, e inclina compassadamente a cabeça: o Bramane nunca retribue o cumprimento, mas deita ao Sudro uma benção, estendendo um pouco a mão direita, como uma pessoa na acção de levar agua nella. Saudando ao Bramane os peccados do Sudro entram no fogo, que, por uma figura oriental, dizem morar na mão do Bramane, e são consumidos. Se o Bramane estende a mão antes que o Sudro o tenha saudado, abysmar-se-ha na miseria; e se um Sudro encontra o Bramane e o não sauda experimentará igual sorte. » Tal é o estado de civil degradação, em que jaz uma população de quasi cem milhões, nesta era de civilisação progressiva.

Insistimos mais sobre a condição desta ultima casta, em referencia áquella vasta sociedade de que faz tamanha porção, porque é quasi exclusivamente por ella, que as artes mechanicas são exercitadas na India.

O Sonah Wallah é um artista que trabalha em metaes preciosos, porque Sonah significa ouro, e Wlalah camarada, palavra esta usada em Indiano como apposição a muitas designações do caracter ou occupação de differentes pessoas; e com effeito se applica a toda a classe de gente: por exemplo « um general inglez » diz o capitão Luard « é denominado *burrah topee Wallah*, camarada ou companheiro do grande chapeo; os soldados de infanteria do rei são sempre designados por *loll coatee Wallahs*, camaradas vestidos de encarnado: ha por lá muitos *bhoie acha Wallahs*, muito bons camaradas; porém ha muitos mais *burrah charab Wallahs*, muito máos camaradas.

O Sonah Wallah vem a vossa casa por meia rupia (obra de 200 réis) por dia, posto que geralmente cogite em defraudar-vos no tresdobro pelo menos: traz comsigo todas as suas ferramentas, que são poucas, e por extremo simplices, e consistem — n'uma pequena forja, a que estão presas umas argolas de ferro, que se viram sobre o carvão para suster os cadinhos: um canudo de lata, um par de alicates delgados de ferro, um par de tenazes pequenas, um martello, dois pires de barro, e uma bigorna tosca, que conta de uma peça de silex ou pederneira firmada n'uma moldura de ferro em bruto. Com tão poucos, e tão imperfeitos instrumentos, elle traça e leva a cabo a execução de todas as varias e melindrosas operações de sua arte.

Depois de ter arranjado a forja, e acceso o carvão, pega do ouro que lhe forneceis, mette-o dentro de um dos receptaculos, e lhe deita uma pequena porção de borax, a fim de o fundir mais promptamente: então colloca sobre a tal forja o cadinho n'uma camada de carvão ateado, applica a extremidade do canudo de folha por debaixo do pires de barro, que contém o precioso deposito, e soprando pela outra extremidade, levanta directamente ao redor delle uma chamma forte. O ouro, que ordinariamente se emprega nestas occasiões, é o ouro *mohur*, que é o da moeda corrente do paiz, e vale pouco mais ou menos 6:400 réis. Alli ninguem é chamado a juizo por apagar a imagem do rei. Logo que o ouro chega ao estado de fusão, o Sonah Wallah geralmente intenta segurar alguma porção para seus fins particulares, deitando lhe dentro uma pequena quantidade de acido nitro-muriatico (agua regia). Causa isto uma immediata effervescencia, pela qual se extravasa uma porção de metal fundido, e fica entre o carvão, donde o manhoso ladrão o separa com seu vagar quando volta para casa. Para supprir a falta, meche o que está no cadinho com uma verguinha de cobre, parte da qual se derrete, de fórma que a massa, pesada depois da fusão, parece ter soffrido pouca ou nenhuma perda. Esta pratica é mui commum, e tão destros são aquelles sujeitos neste genero de velhacaria, que invariavelmente se não descobre, posto que eu creio rara occasião occorrerá, ou talvez nenhuma, em que elles não defraudem os seus freguezes de uma parte do ouro, que lhes mettem nas mãos.

A sua habilidade é tão admiravel, que pouca gente cuida em contestar-lhes a probidade, porque com martello, bigorna, e tenazes sómente, fabricam lindissimos enfeites, como brincos, pulseiras, braceletes, annéis, e collares: seus dedos são tão delicados e flexiveis, que supprem uma variedade de instrumentos indispensaveis aos artistas Europeus. Ha, feitos por estes ourives ambulantes, collares de feitio mui complicado, que talvez se não fabricariam na Europa com igual delicadeza. E verdade que não são muito expeditos; porém este inconveniente fica mais do que pago com o singular primor da mão d'obra.

O Sonah Wallah, no desenho que damos do Capitão Luard, é um Mahometano, circumstancia que raras vezes occorre, excepto em o norte da India, e é muito provavel que, ainda ahi, sejam dos novos proselytos, que trocaram a crença de Brama pela do Alcorão. Muitas das classes inferiores da provincia de Bengala, desgostadas das severas restricções, que lhes impunham os rigidos preconceitos da casta, abandonaram as esplendidas momices de um polytheismo (culto de muitos deuses) complicado, e inintelligivel, pela crença menos barbara, posto que não mais pura, do Arabe embusteiro. Os convertidos naturalmente conservaram os mesmos officios em que foram creados, e por isso damos com o Mahometano, apparentemente assumindo a occupação especial do Indio. No desenho, que precede este artigo, representa-se o Sonah Wallah trabalhando na varanda de uma casa nobre, e as duas mulheres são provavelmente aias ou amas, pertencentes ao estabelecimento domestico, e que se estão entretendo em observar o progresso de seus destros trabalhos.

ACERCA DA CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAES.

Em quanto prevaleceu na physica a doutrina dos quatro elementos, isto é, em quanto durou a crença de que unicamente entravam quatro principios, a terra, a agua, o ar, e o fogo, na composição de todos os corpos vivos, ou inanimados, os escriptores, que tractavam a historia dos animaes, assentavam que o mais arrasoado era repartir todos estes entes em quatro grupos principaes, segundo os elementos, que habitavam; por isso nos livros dessa epocha achamos, em geral, os animaes distribuidos em terrestres, aquaticos, aerios eu volateis, igneos ou habitantes do fogo. Mas quaes eram os entes que compunham a ultima classe? Citavam uma especie unica, a salamandra, que diziam viver no meio das chammas, onde se mechia regalada, como o peixe na agua. Tambem não preencheriam melhor a classe precedente, se quizessem considerar como animaes aerios sómente aquelles, que vivessem constantemente nos ares; poderiam todavia inserir nella as manucodiatas, ou aves do paraiso; porque nesse tempo tendo vindo á Europa aves daquellas só empalhadas, e todas com os pés arrancados, geralmente se cria que o animal vivo os não tivera, e suppunham que voava de continuo, e até affirmavam que tinha o macho no dorso (nas costas) uma concavidade, que servia de ninho, (para a femea pôr os ovos e criar os filhos) poderiam tambem metter nella certas andorinhas do mar (sterna hirundo, Lath. (1)) que por semanas inteiras seguem, avoejando, um navio, e parece nunca pousarem. Inda hoje em dia muitos marinheiros acreditam que a femea não faz ninho, que põe no ar, e que apanhando os ovos no vôo traz um debaixo de cada aza, até o momento de sahirem os filhos. Não será preciso dizer que destas duas crenças tanto fundamento tem uma como a outra: a andorinha maritima faz o ninho nos buracos de certos rochedos, no meio dos cachopos, em paragens que os navegantes geralmente evitam; a manucodiata (tambem chamado passaro do sol) aninha em cima de arvores, o que os Europeus não podem ver, porque o caracter feroz dos habitantes das ilhas Molucas lhes não consente entranharem-se pelo interior do paiz.

Não ha animaes aerios propriamente ditos: e se por taes quizessem reputar os que gozam da faculdade de se levantar, e de se sustentar por mais ou menos tempo no ar, não só reuniriam entes essencialmente differentes uns dos outros, mas até separariam frequentes vezes os que entre si guardam maior semelhança: por exemplo, a femea do perilampo, ou vaga-lume, é desprovida d'azas, e não póde largar o chão, pelo que ficaria collocada entre os animaes terrestres: porém o macho, sendo organisado para voar, tratariam delle por occasião dos animaes aerios. Como todos os animaes que se erguem aos ares tem de mais a mais os meios de se moverem, quer n'agua, como os peixes avoadores, quer no ar, como todos os outros entes alados, é evidente que conservando tão sómente as duas primeiras divisões, de animaes terrestres, e de aquateis, todas as creaturas viventes achariam logar ou n'uma ou n'outra. Com tudo esta simplificação não faria desapparecer os inconvenientes, que apontámos, e entre especies mui proximas se daria sempre separação: deste modo o caracol das nossas hortas tomaria logar na primeira divisão, ao passo que seria necessario arrumar na segunda, especies, que lhe semelham tanto no aspecto externo, como na organisação interior, mas que passam a vida na agua, como o caramujo das praias, &c. Ainda mais: ha certas especies, que deveriam pertencer seis mezes a uma

(1) E' usual nas obras d'Historia natural pôr o nome scientifico de uma especie depois do nome vulgar ou local. Pelo primeiro a especie é reconhecida em todos os paizes, ao passo que a esphera do uso do nome vulgar ou local é mui limitada. Mas como acontece que uma especie tem diversos nomes scientificos, por lhe serem dados por diversos naturalistas, e tambem usual pôr o nome do naturalista depois da palavra, que elle inventou ou adoptou. Assim Lth. quer dizer, Latham, author de uma systema ornithologico das aves. Lin. quer dizer Linneo — Cuv. — Cuvier, etc.

divisão, e seis mezes a outra, porque metade do anno habitam nas aguas, e outra metade vivem retiradas no oco das arvores.

Ha muito tempo que os sabios reconheceram a impossibilidade de alcançar uma boa classificação começando a distribuir por este modo os animaes segundo o genero de sua habitação: porém sempre a antiga divisão deixou vestigios na linguagem vulgar, que é uma casta de conservatorio, aonde se depositam successivamente os restos das doutrinas extinctas.

Estas divisões defeituosas determinaram sabios distinctos, que dão honra á humanidade, e de que talvez viremos a ter occasião de fallar, a estabelecer classificações derivadas de caracteres permanentes dos animaes, como das formas externas, da organisação interior, &c., creando para esse fim uma linguagem, que para entrar nas profundidades da sciencia cumpre previamente conhecer. Distribuiram todos os Entes por classes, ordens, generos, e especies; e como em nossos numeros teremos de dar a historia de alguns delles, onde estes termos são de uso frequente, passaremos a defini-los por via de exemplo; e não perderemos occasião de explicar os que occorrerem em nossa escripta, com o intuito de familiarisar os menos instruidos com os termos technicos das sciencias, conseguindo assim insensivelmente facilitar a leitura de outras obras, e fixar idéas justas das cousas. Tiraremos os exemplos da classe dos mammaes, ou mammiferos.

Esta palavra «*mammal*» foi formada por Linnéo do Latim «*mamma*», do mesmo modo que a nossa palavra commum «*animal*» deriva de «*anima*», vida, ou alma; e foi destinada a denotar aquelles animaes, que dão de mammar aos filhos, para os quaes não ha nas linguas conhecidas um nome generico, sufficientemente definido e comprehensivo. A palavra commum Quadrupedes, que exprime aquella idéa exacta mais aproximadamente do que outra qualquer, não diz relação ás naturaes affinidades, que observamos entre os animaes, excluindo o homem, e as familias cetaceas (como as baleias), ao mesmo tempo que comprehende os lagartos, tartarugas e outros reptis, que não tem senão uma analogia muito remota com os verdadeiros mammiferos: o que já deu logar á distincção antiga de quadrupedes viviparos (que dão á luz os filhos vivos) e de quadrupedes oviparos (que poem ovos) como o sapo, &c.

Os termos vernaculos «Bestas — Feras» que frequentemente se usam em contraposição a «Peixes — e Aves», ainda são mais vagos e indeterminados. Entre tanto a palavra «*mammal*» tão felizmente imaginada pelo grande naturalista Sueco, não está sujeita a estas objecções, antes exprime, de uma maneira distincta e definitiva, as mais prominentes funcções e limites naturaes desta classe de animaes.

Os *mammaes*, na linguagem technica da Zoologia (descripção, ou tratado dos animaes), constituem a *Classe*, ou divisão principal do reino animal; e são, a este respeito, coordenados com as Aves, Peixes, Reptis, e Insectos, que formam outras tantas *Classes*. O termo *Ordem* denota uma divisão subordinada, e está na mesma relação para a classe, em que esta o está para todo o reino: porque uma classe se compõe de ordens, da mesma maneira, que um reino se compõe de classes. A subdivisão immediatamente inferior á *Ordem* é o *Genero*, e este mesmo se compõe de *Especies*, os infimos annelis na cadeia da classificação scientifica, e que não admittem ulterior divisão. Uma *Especie* comprehende todos aquelles animaes, que póde rasoavelmente suppor-se provirem de um tronco original e commum: e neste sentido todos os homens não compõem senão uma unica especie: todos os cavallos outra unica especie; e da mesma maneira todos os bois, todos os cães, &c. compõem respectivas e adequadas especies. A differença dos climas, a variedade dos alimentos, e outras circumstancias locaes e estranhas, indubitavelmente produzem notaveis alterações na fórma, tamanho, e côr dos diversos individuos, posto que das mesmas especies; de que temos abundantes exemplos entre todos os animaes domesticos, e ainda isto em exacta proporção ao grau de sua domesticidade, e ao cuidado e attenção, que lhes são prestados da parte do homem. Porém estas variações se estreitam dentro de certos limites prescriptos, e todo o poder e talento do homem debalde se tem esforçado para produzir e perpetuar uma nova raça ou especie de animaes. É verdade que foi bem succedido obtendo o mulo ou macho do ajuntamento de duas especies, cavallo e burro, muito distinctas, posto que a certos respeitos muito approximadas; porém o mesmo macho é um individuo esteril, que a natureza reputa um monstro, e a quem denegou a faculdade de continuar a sua raça.

Um exemplo illustrará melhor o verdadeiro valor dos termos, que procuramos explanar. O cão, a rapoza, o lobo, o chacal, ou adibe, são todos *Especies* de um *Genero* commum; como do mesmo modo o leão, o tigre, a onça, o lince ou lobo-cerval do norte da Europa, e o gato domestico, são *Especies* de outro *Genero*. As primeiras são respectivamente chamadas o genero *Canis*, ou do cão; as segundas o genero *Felis*, ou do gato; e compõem juntamente com as hyenas, gatos d'algalia, doninhas, ursos, texugos, &c, a *Ordem* dos *Carnivoros*, que tem seis dentes incisivos, ou da frente, em cada queixada *(mandibula)*, e que se nutrem da carne dos outros animaes. Outra ordem natural dos mammiferos comprehende todos os que (como o rato, o esquilo, o ecolho, e o porquinho da India) carecem de dentes caninos, e tem grandes incisivos, que empregam continuamente em roer tudo o que lhes fica a geito; motivo por que são denominados *Rodentia*, ou roedores. Estes, ao menos em o numero dos dentes incisivos, formam o annel intermediario que une os Carnivoros com a immediata ordem de mammaes, *Edentata* (desdentados), que se distinguem pela falta de dentes, como o Tamanduá do Brazil, e são por tanto obrigados a sustentarem-se de vegetaes, ou de insectos, e outras substancias molles, que requerem pouco cortadas e mastigadas. Estas differentes ordens de «*Carnivoros*» *Rodentia* .. *Edentata*» juntamente com os ruminantes (*Ruminantia*, animaes que remoem), como o boi, com os Cetaceos, ou genero das baleias, e com outros menos importantes, que é desnecessario enumerar aqui, compõem a *Classe* chamada dos mammaes, ou mammiferos.

ORIGENS DO THEATRO MODERNO—THEATRO PORTUGUEZ ATÉ AOS FINS DO XVI SECULO.

O PAIZ onde primeiro appareceu a arte dramatica moderna foi a Inglaterra, se arte dramatica podemos chamar a espectaculos tirados de passos historicos da Biblia, sem invenção ou enredo, e só copiados litteralmente em discursos e acções. Estas primeiras tentativas theatraes, a que depois os Francezes e Italianos chamaram *Mysterios*, appareceram na Grãa-Bretanha durante o 11.º seculo. Os monges as compunham e representavam, e ainda no fim do seculo 14.º elles pediam a Ricardo 2.º embargasse os comediantes de exercerem uma profissão que julgavam ser um privilegio seu, porque ordinariamente

o objecto dos dramas se tirava do velho e novo Testamento.

Pelas muitas relações que havia entre a Inglaterra e a França, parece que os *mysterios* inglezes não tardaram em introduzir-se neste ultimo paiz. A *Morte de Santa Catharina*, representada na abbadia de Dunstaple, em mil cento e tantos, foi no seculo seguinte posta de novo em scena no mosteiro de Sancto Albano em França, e é talvez esta a memoria mais antiga que temos da arte dramatica franceza. Depois esta continuou e cresceu, chamando-se ás farças prophanas *jogos* ou *representações*, e aos dramas sacros *mysterios*.

A Italia começou mais tarde, com este genero de composições barbaras; mas, tendo primeiro que nenhuma outra nação seguido o gosto da litteratura grega e romana, brevemente o tomou tambem no theatro. Os dramas de Mussato compostos no principio do 14.º seculo, e em latim, são *Ezzelino* e *Achilles*, imitações de Seneca, escriptas com um tão falso estylo como o do dramaturgo romano. Foi no decimo quinto seculo que appareceram em Italia os primeiros dramas vulgares: Lourenço de Medicis publicou a *Representação de S. João e S. Paulo*, e Angelo Policiano deu pouco depois a sua tragedia intitulada *Orpheo*.

Desde o 14.º seculo apparecem dramas na Allemanha: mas estes nada mais eram do que imitações dos *mysterios* francezes, e escriptos em latim pelos monges. No meado do seculo 15.º foi que verdadeiramente começou neste paiz o theatro nacional. *Hans-Folz* e *Rosenblut* compozeram diversas farças, que se representaram em Norimberga e Colmar: estas farças, obra de homens rudes, são um tecido de grosserias e indecencias apenas dignas de se recitarem diante da plebe mais desfaçada. Depois de 1500 é que appareceu *Hans-Sachs*, a que podemos chamar o Gil Vicente de Allemanha.

Na Hespanha, ou porque os Arabes o introduzissem, ou porque os Hespanhoes o inventassem, ou, em fim, porque muito cedo o imitassem dos Francezes, o drama remonta aos primeiros tempos da Monarchia. Só, na verdade, do principio do 14.º seculo conhecemos a scena hespanhola; mas restam memorias della muitissimo mais remotas, e, pouco depois de 1200, dizem que appareceram dramas em Valenciano. Do 15.º seculo ainda existem muitas composições hespanholas neste genero de litteratura.

Essas primeiras tentativas dramaticas eram forçosamente um tecido sem nexo, sem ordem, e ridiculo: os seus auctores se entregavam desenfreadamente a todos os caprichos de uma imaginação fervente, e as producções deste tempo são em geral monstruosas e absurdas. *Rodrigo de Cotta* começou a dar alguma regularidade ao drama na comedia de *Calisto e Melibea*; mas a licença de seus quadros e expressões mancha o merecimento desta peça, que depois foi algum tanto corrigida e accrescentada por *Fernando de Roras*, auctor de outra comedia, *Progne e Philomela*. Apesar de assim emendada a obra de *Cotta* ainda é monstruosa. Uma serie de enredos amorosos e de crimes se encruzam e estendem ahi atravez de vinte e cinco actos. Entretanto a verdade dos costumes e caracteres e a verosimilhança dos episodios lhe deram celebridade; e com o titulo de *Celestina* ella foi muitas vezes reimpressa, traduzida em diversas linguas, e até na latina pelo celebre *Barthius*. A reputação da *Celestina* fez nascer os imitadores, e novas composições, com o mesmo ou differente titulo, mas que estão longe de ter o merito da original, appareceram brevemente em Hespanha.

Por este tempo floresceram mais outros dois auctores dramaticos, o Marquez de *Villena* e *João de la Enzina*, que foi o principal modelo do nosso Gil Vicente. Os dramas do primeiro foram representados em Saragoça na côrte de D. João 2.º, pelo meado do 15.º seculo: os do segundo o foram tambem, na côrte de Fernando e Isabel, nos fins daquella mesma era.

Resurgiram então as letras gregas e romanas, e a admiração do theatro antigo despertou na Hespanha o genio da tragedia. *Oliva* publicou duas composições tragicas — *Hécuba triste* — e *La venganza de Agamemnon*, as primeiras que neste genero se escreveram na Peninsula. Restrictas e acanhadas imitações dos gregos, ellas se podem considerar como traducções livres da *Hécuba* de *Euripides* e da *Electra de Sophocles*.

Em Portugal é provavel começassem as representações scenicas pelo mesmo tempo em que principiaram na Hespanha; mas nenhuns vestigios restam desse theatro primitivo. O que é certo é que já nos fins do seculo de 400 havia em Portugal entremezes. Garcia de Rezende na chronica de D. João 2.º, narrando as festas que se fizeram em Evora no casamento do principe D. Affonso com a infante D. Isabel de Castella, falla, em varios capitulos, dos *entremezes e representações*, que nessa occasião se fizeram, dando a entender, pelo modo porque ácerca delles se exprime, que eram uma cousa bem conhecida e vulgar, e não é impossivel que ainda se depare com algum monumento desse nosso primitivo theatro.

Porém o mais antigo drama que hoje conhecemos é um de Gil Vicente representado em 1502 na côrte de D. Manoel, e Gil Vicente é, no estado actual da nossa historia litteraria, considerado como o fundador da scena portugueza, pela mesma razão com que o podemos ter por inventor dos *romances*, ou *vilancetes*, dos quaes os mais antigos que existem são os que elle entresachou pelos seus *Autos*, e o que dedicou á morte de elrei D. Manoel.

Gil Vicente dividiu em quatro livros as suas composições dramaticas, incluindo no primeiro todos os autos a que chamou de *devoção*, por versarem em geral sobre objectos biblicos e religiosos; mas estas *obras de devoção* parecem as menos devotas de todas, se das outras exceptuarmos a comedia de *Rubena* que pertence ao 2.º livro. Estes *autos* são na essencia o mesmo que os mysterios francezes, como elles cheios de indecencias, porém ao mesmo tempo ricos de sal e chistes. O poeta abominava cordealmente o clero, sobre tudo os frades, e não desaproveitou occasião alguma de os presentear com chascos e epigrammas. Os autos das *barcas*, que são como continuação uns dos outros, e formam a *trilogia*, ou drama em tres quadros, mais antiga da Europa, constituem com *Mofina Mendes* e *Rubena* a flôr do theatro de Gil Vicente; porque talvez em nenhuma das scenas que os compõem deixa de apparecer em subido grau o genio da comedia. Este poeta reunia á qualidade de auctor a de actor, e com seus filhos representava os proprios dramas na côrte de D. Manoel e de D. João 3.º Apesar da corte, o poeta morreu pobre, em Evora, depois de 1550. As suas obras se imprimiram em Lisboa em 1562, e muito mutiladas em 1586. Uma nova edição completa se publicou ultimamente em Hamburgo em 1853.

Gil Vicente teve um filho do seu mesmo nome, que dizem desterrou para a India, levado pelo ciume de este o exceder no genio dramatico. Ao moço Gil Vicente se attribue a composição de um Auto intitulado *D. Luiz de los Turcos*.

Pelo meado do seculo dezesseis appareceram em Portugal varios poetas, que mais ou menos seguiram as pisadas do auctor de *Rubena*. Ao infante D. Luiz se attribue o auto de D. Duardos, que ainda im-

presso como de Gil Vicente. Antonio Ribeiro Chiado tão conhecido na côrte de D. João 3.º e de D. Sebastião, pelos seus gracejos e agudezas, e pela propriedade com que remedava a voz e o gesto de todos, nos deixou dous autos assaz engraçados, o da *Natural Invenção* e o de *Gonçalo Chambão*. Na *Primeira Parte dos Autos e Comedias portuguezas*, publicada em 1587, livro hoje bastante raro, se imprimiram sete Autos de Antonio Prestes, em que se mostra espirito comico não inferior por ventura ao de Gil Vicente, cuja escola Prestes seguio, bem como Jorge Pinto, auctor de *Rodrigo e Mongo*, e Jeronimo Ribeiro Soares, auctor do *auto do Fisico*, que vem naquella collecção, cuja segunda Parte nunca se deu á estampa.

O nosso Jorge Ferreira de Vasconcellos, auctor dos dois romances da *Tavola Redonda*, floresceu tambem por estes tempos. Tres composições suas nos restam, *Aulegrafia*, *Euphrosina e Ulyssipo*, a que elle chamou comedias, e que realmente, são antes dialogos do que dramas. Nellas teve por alvo Jorge Ferreira reunir os proverbios e anexins da lingua ou a philosophia popular do seu tempo, e por este lado são ellas, na verdade, dignas da maior estimação; mas se as quizermos considerar como dramas, bem pequeno é o seu merito.

No reinado de D. Sebastião, o cego Balthasar Dias, poeta natural da Madeira, publicou um grande numero de autos e outras obras, humildes pelo estylo, mas com toques tão nacionaes, e tão gostosas para o povo, que ainda hoje são lidas por este com avidez. Correi as choupanas nas aldêas, as officinas e as lojas dos artifices nas cidades, e em quasi todas achareis uma ou outra das multiplicados edições do *Auto de S. Aleixo*, *de S. Catherina* e da *Historia da Imperatriz Porcina*, tudo obras daquelle poeta cego do seculo decimo sexto.

Este era o theatro verdadeiramente nacional até o anno de 1600, em que floresceu Simão Machado, auctor do *Cerco de Dio*, e da *Pastora Alfêa*. Muitas composições deste genero se perderam, ou não chegaram á nossa noticia, como os Autos de Antonio Pires Gonçe, de Sebastião Pires, e de Antonio Peres, que dizem escrevêra mais de cem dramas. O auto do *Fidalgo de Florença*, composto por João de Escobar, no reinado de D. Sebastião, teve nesse tempo grande celebridade, e se imprimiu repetidas vezes: porém delle ainda não encontrámos um unico exemplar.

Em quanto assim a escóla formada por Gil Vicente progredia, e, em nosso entender, se aperfeiçoava, independente de estranha influencia, poetas de grande nome trabalhavam por introduzir em nossa litteratura as fórmas do theatro grego e romano. Francisco de Sá de Miranda escreveu duas comedias, intituladas *Vilhalpandos*, e *Os Estrangeiros*, as quaes se imprimiram, depois da sua morte, em 1560 a primeira, e a segunda em 1569. Nestas procurou elle seguir as pisadas de Plauto e Terencio, como o confessa no prologo dos *Estrangeiros*, e com effeito ellas se podem comparar com as dos dous comicos latinos. Antonio Ferreira compoz quasi pelos mesmos tempos as comedias *Bristo* e *Cioso* e a tragedia *D. Ignez de Castro*, a segunda que appareceu na Europa conforme a todas as regras classicas, sendo a primeira a *Sophonisba* do poeta italiano Trissino; mas a Castro é superior, e nós a temos por um milagre dramatico, attendendo á falta de modelos modernos, e ao seculo em que foi escripta. O illustre Camões tambem nos deixou com o titulo de autos, duas comedias, *Os Amphytriões* e *Filodemo*, das quaes a primeira é quasi uma traducção de Plauto. Desde esta epocha o theatro classico portuguez foi caindo, e podemos dizer que nunca mais tornou a restaurar-se.

BIOGRAPHIA LITTERARIA.

Dous homens celebres deste nome apparecem em nossa historia litteraria: o primeiro foi o theologo Diogo de Paiva d'Andrade, o segundo foi o auctor do poema *Chauleidos*, sobrinho do precedente.

O Dr. Diogo de Paiva d'Andrade nasceu em Coimbra em 1528, e falleceu em 1575, de idade de 47 annos. Muito moço foi entregue aos cuidados de Fr. Luiz Montoya, chamado o *veneravel*, que o educou até aos 14 annos, tempo em que passou para o collegio dos Agostinhos de Coimbra, onde estudou as linguas latina e grega, a philosophia e ultimamente a theologia, que naquella epocha era a mais interessante parte do saber humano. Applicando-se á lingua hebraica, pôde, com proveito, entregar-se a uma repetida e meditada leitura da Biblia, e este mesmo estudo transluz nos sermões que nos deixou, onde muitas vezes mostra algum desvanecimento da sua pericia naquelle idioma. Mandado por elrei D. Sebastião, como theologo seu, ao Concilio de Trento, contando apenas 33 annos de idade, alli se distinguiu pelo profundeza dos seus conhecimentos, e o encarregaram de apresentar o quadro das opiniões das igrejas protestantes, o que fez com geral approvação, bem que se mostrasse algum tanto diffuso. Era a casa de Paiva d'Andrade o logar em que se reuniam, para conferenciar, os prelados e theologos que assistiram áquelle celebre Concilio, e alli se decidiam quasi todas as questões, que, segundo a observação do P. Sarpi, não vinham já decididas de Roma.

Havia neste tempo apparecido o cathecismo protestante de Moheim, e a Universidade de Colonia o fizera censurar pelos jesuitas. Kemnitz, theologo lutherano de grande reputação e saber, tractou de defende-lo, e por esta occasião atacou violentamente o instituto jesuitico. Paiva d'Andrade tomou então a peito o pugnar a favor da Companhia, e rebater as opiniões do escriptor allemão. Com este intuito, publicou em latim o seu livro *das explicações orthodoxas*, impresso em Colonia em 1564. Replicou-lhe Kemnitz com azedume, e com mais azedume ainda volveu ao combate Diogo de Paiva, na obra que intitulou *Defensão da fé tridentina*. Nesta lucta os dous contendores não pouparam nem injurias nem argumentos, armas que quasi sempre se usavam conjunctamente nas questões litterarias ou scientificas daquelles tempos.

Acabado o Concilio partiu Diogo de Paiva para Roma, e dalli para Lisboa, onde, segundo o uso de Portugal, foi esquecido e despresado, visto ter dado mostra de talento e sciencia não vulgar. Aqui se dedicou ao ministerio do pulpito, que accrescentou á sua reputação europea uma reputação nacional.

Os sermões de Paiva d'Andrade foram publicados depois da sua morte em tres volumes, o 1.º no anno de 1602, o 2.º em 1604 e o 3.º em 1615. O seu estilo é chão e corrente. Nos discursos pronunciados perante a côrte, dirigia-os de modo, que sempre reprehendia os vicios e injustiças dos poderosos. A adulação não manchava os seus labios, antes parece que elle se comprazia em affeiar os crimes dos grandes, e então o estylo do orador se avigorava, e subia acima do tom humilde da homilia, que elle com tanto sizo sabia conservar nos discursos dirigidos sómente ao povo. A moral de Paiva d'Andrade é singular e pura; e admira que nos sermões de um homem costumado ao amargor, de que usou na contenda com Kemnitz, não appareça em cada pagina a sanha e intolerancia propria dos theologos controversistas. O amor da divindade e dos homens é ao que elle constantemente exhorta o seu auditorio, e

sendo talvez esta a razão, porque muito poucas vezes toca as raias do sublime. As suas expressões parecem saídas de um espirito sereno e repousado, e elle não sabia de certo compôr aquelles periodos de energumeno, com que Bossuet produzia notavel abalo nos que o escutavam. Sem isso, comtudo, Paiva de Andrade apresentava ás vezes imagens vivissimas, e que revelam o seu grande talento oratorio. Nas palavras que attribue a Deus antes de soltar as aguas do diluvio. [Tom. 1.º f. 319] temos um exemplo dellas. Este orador costumava muito introduzir a fórma de dialogo nos seus discursos, e com isto por certo despertaria a attenção dos ouvintes. O seu modo de raciocinar mostra que elle estava muitissimo habituado ás fórmas de argumentar.

Paiva de Andrade foi um dos mais celebres pregadores do decimo sexto seculo; mas, depois de publicados, os seus sermões não tiveram a voga que mereciam; porque o gosto dos conceitos e trocadilhos de palavras começava a prevalecer; e a sua eloquencia, como o resto da litteratura, caia no esquecimento, em que a sepultou o falso brilho das extravagancias litterarias do seculo dezesete.

DIOGO DE PAIVA D'ANDRADE, THIO.

Sobrinho do precedente escriptor, e filho do Chronista-mór do reino, Francisco d'Andrade, a quem devemos a excellente chronica de D. João 3.º, foi Diogo de Paiva de Andrade: se menor a seu thio na idade, não inferior no merecimento. Nasceu em 1576, e ignoramos o anno da sua morte. Desde a mocidade deu-se ao estudo da historia e antiguidades patrias, e d'isto deu provas, publicando o *Exame de Antiguidades* [1619] em que refutou muitos erros do credulo Fr. Bernardo de Brito. Diz-se que este livro fôra escripto em desaggravo de não se lhe haver dado o cargo de chronista, que tivera seu pae, e de ter sido, para elle, preferido Brito. Fr. Bernardino da Silva, monge cisterciense, procurou desafrontar o seu confrade, e com effeito ninguem sustentaria melhor a má causa, que elle tentou defender nos dous volumes intitulados *Defensão da Monarchia Lusitana*, impressos em 1620 e 1627. As reflexões, porém, do *Exame* ficaram, em grande parte, sem resposta, porque realmente nenhuma era possivel dar a muitas das objecções de Diogo de Paiva.

O *Casamento Perfeito* é outra obra deste auctor sobre os deveres dos casados, e sobre os meios de conservar a paz domestica. Este livro curioso é pouco lido, como o são em geral os escriptos moraes; mas elle encerra valiosos documentos de vida civil, e noticias mui variadas. Foi impresso em 1630.

Diogo de Paiva publicou pelo mesmo tempo [1628] o seu poema latino intitulado *Chaulcidos*. Menos lida ainda é esta obra, por ser escripta em latim; mas nem por isso o seu merito deixa de ser grande. O objecto do poema é o cerco de Chaul, sendo governador daquella cidade D. Francisco Mascarenhas, e vice-rei da India D. Luiz de Attaide [1570 a 71]. Com effeito dignissimo era este cerco de ser canta-

do; porque talvez n'elle se não obraram menores gentilezas d'armas do que no cerco de Dio, em tempo de D. João Mascarenhas. O *Chaulcidos* contém doze cantos, e é o poeta romano *Estacio*, que Paiva d'Andrade tomou por principal modelo. Não faltam neste poema defeitos, como por exemplo a mistura da mythologia, da allegoria, e do christianismo no maravilhoso: porém compensa essas maculas com o appropriado de varios episodios, e sobre tudo com a harmonia da metrificação, e com o limado do estylo.

Deixou Paiva d'Andrade varias obras manuscriptas, que nunca se imprimiram, á excepção de uma carta em latim dirigida a João Rodrigues de Sá, a qual vem junta á *Defensa de Camões* de João Soares de Brito.

Concluiremos em outro artigo a biographia desta illustre familia, dando noticia do Chronista Francisco de Andrade, e de seu irmão o virtuoso e eloquente Fr. Thomé de Jesus.

ARTES.

Utilidade do sal commum na agricultura. — O sal quando se espalha pela terra em justa proporção dá novo vigor ás plantas leguminosas, e as faz crescer em menos tempo, sem lhes alterar o gosto. Tambem se pode empregar como meio efficaz de destruir os insectos dos jardins.

Utilidade da urtiga. — A maior parte dos agricultores julgam a urtiga uma planta nociva, e principalmente os jardineiros lhe fazem tão despiedada guerra que ella se ha refugiado nos sitios ermos, nos terrenos estereis, ou á sombra das sebes. Todavia o seu talo fibroso pode dar fios proprios para tecidos, propriedade que os Hollandezes primeiro que ninguem aproveitaram com grande vantagem. Das folhas da urtiga, quando é tenra, faz-se um guisado saboroso; os troquilhas misturam as sementes desta herva nas rações dos cavallos, para lhes dar vivacidade, e fazer o pelo luzidio; das suas raizes, fervidas com uma pequena porção de pedra hume, e de sal commum se extrahe uma linda côr amarella; de sorte que todas as partes desta planta podem ser empregadas na agricultura ou nas artes. Como forragem é para os animaes cornigeros um alimento sadio, e certo, por ser temporã e facil de cultivar, pois vegeta no mais arido terreno, e longe de exigir amanhos, soffre todas as intemperies, e reproduz-se sem carecer d'alheios soccorros. Póde ser ceifada cinco ou seis vezes no verão, e quando na primavera se não encontra pasto algum para os gados, já a despresada urtiga está crescendo com toda a força. Corta-se em quanto é tenra, quando se quer dar verde, e conserva-se mais tempo na terra quando se pretende empregar como forragem, pois que do contrario o gado não comeria com gosto os seus tálos mais grosses.

Uso da gramma para curar as cavalgaduras. — O coronel Janin, proprietario em Faye-la-Vineuse, dá aos porcos a planta de gramma, e parece tirar disso algumas vantagens; porém o chefe veterinario diz ter curado, e feito engordar cavallos cangados e esfalfados, dando-lhes todos os dias um ou dois feixes de gramma, do pezo de dez para doze arrateis, misturados com cenouras. Eis ahi convertida em util medicamento, uma planta que pelo muito que propagava, e pelo seu aferro ao terreno, fazia desesperar os jardineiros.

Verniz para uso dos encadernadores. — O melhor verniz que se conhece para as capas dos livros, é o que foi inventado pelo celebre *Tingry*, porque á vantagem de um grande brilho reune a de enchugar promptamente, e de poder ser applicado sobre o marroquim, sobre a carneira ou papel amarroquinados, e até sobre a seda.

Para o fazer, deitam-se em um matraz de gargalo curto, que possa pelo menos conter tres canadas d'agua:

» 6 onças de gomma almeeega em lagrimas,
» 3 onças de sandaraca, ou gomma gracha, em
» pó fino.

Antes de introduzir estas drogas no matraz, misturam-se com quatro onças de vidro branco, grosseiramente pisado, de que se deve ter separado a porção mais fina por meio de uma peneira de crinas cruzadas. Junta-se-lhe 32 onças de alcool puro (espirito de vinho rectificado, de 36 a 40 graus do areometro (peza-licores) de Baumé). Assenta-se o matraz em uma rodilha de palha dentro de um vaso chato cheio de agua, e expõe-se tudo isto ao calor. Conserva-se a ebulição (fervura) da agua por espaço de duas horas pouco mais ou menos.

O primeiro effeito do calor é o incorporar as drogas em massa, o que se evita mechendo-as á roda, e sem dar abalos ao matraz, com uma varinha de madeira branca arredondada na ponta, e mais comprida que a altura do matraz. Quando os ingredientes parecem estar bem derretidos, juntam-se-lhes tres onças de therebentina, que deve estar de parte em uma garrafa, e que se torna liquida, mettendo-a por um momento em banho-maria. Conserva-se mais meia hora o matraz dentro d'agua, tira-se finalmente, e continua-se a mecher o verniz até ter esfriado um pouco. No dia seguinte trasfega-se, e cóa-se por algodão: por este meio elle adquire a maior transparencia.

A addição do vidro poderá parecer desnecessaria, com tudo a experiencia prova a sua utilidade: em primeiro logar ella separa as partes da mistura, tanto antes como depois de irem ao fogo; em segundo logar obsta a dois inconvenientes, que fazem desesperar os compositores de vernizes, já porque dividindo os ingredientes facilita e augmenta a acção do alcool; já porque sendo o pezo do vidro maior do que o das resinas, não permitte que estas se peguem ao fundo do matraz, o que faz que o verniz não fique perfeitamente claro.

Dá-se este verniz com um pincel de pello de texugo, primeiramente no lombo do livro, evitando o da-lo nos logares que não devem ter lustro. Em o verniz estando secco, pule-se com uma boneca de panno fino branco, cheia de algodão em rama, e untada por fóra com azeite doce: ao principio esfrega-se levemente, porém á medida que o verniz vai enchugando, e aquecendo-se, esfrega-se com mais força: o azeite faz correr a boneca, e o verniz adquire lustro.

Envernisam-se com esta composição as capas dos livros que não podem ser pulidas a ferro; todavia nada obsta a que ella se applique a todos os que já foram pulidos com o ferro, quando se julgar que não estão bem lustrosos. Neste caso é necessario que o livro esteja prompto de todo, perfeitamente secco, e que não tenha a menor humidade; pois do contrario não pegaria o verniz, ou não se conseguiria pulil-lo.

Este verniz tem tambem a propriedade de preservar as capas das nodoas que podem causar-lhes as gotas de agua ou de azeite, que por desmazelo se lhes deixassem cair em cima.

LISBOA:
NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

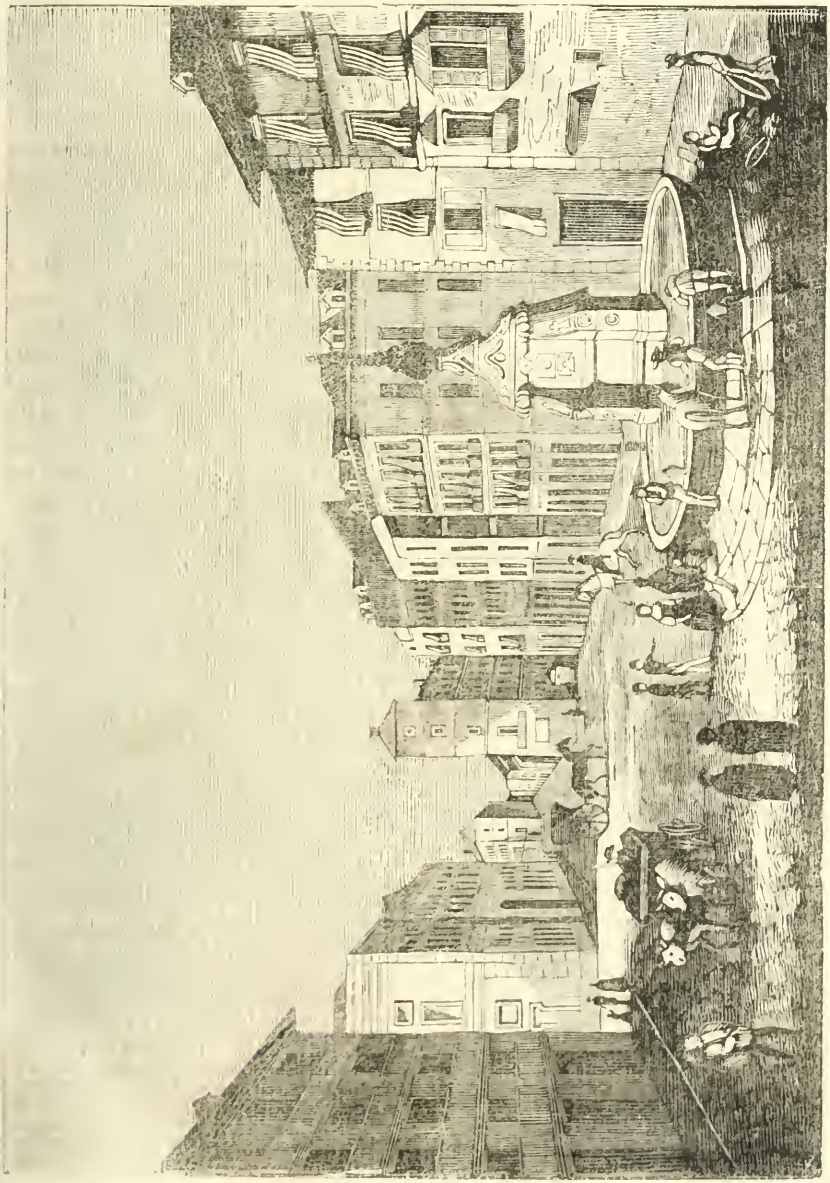
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

3) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MAIO 20, 1837.



VISTA DA CALLE MAIOR E DA FONTE DO BOM SUCCESSO EM MADRID.

MADRID.

Situação — Aspecto geral da Cidade — Ruas e praças.

No meio de uma planicie ampla, arida, e desigual, guarnecida de uma banda com uma cordilheira de serras alcantiladas, e aberta pela outra a um horisonte illimitado, está situada a cidade de Madrid, na elevação de mais de 2:000 pés acima do nivel do mar.

Poucas são as capitaes tão mal situadas; e custa realmente a perceber como elrei D. Filippe se resolveu a estabelecer n'um tal ponto a metropole de seus dominios. A unica vantagem que logra, é a situação central; mas ao mesmo tempo outras cidades tinha, iguaes a este respeito, e que não são expostas aos inconvenientes a que esta é sujeita. Não tem um rio caudaloso que a atravesse; não tem meios de natural communicação com as demais partes de Hespanha; vem-lhe agua de uma distancia de sete leguas, porque o Mançanares, ribeiro de pouca monta, apenas fornece um supprimento incerto durante uma parte do anno. O paiz circumvisinho é um deserto medonho, consistindo meramente em acanhados outeiros infertéis: e com effeito é tão pouco adequado aos trabalhos da agricultura, que a cidade, até certo ponto, está dependente, para o consumo dos alimentos animaes e vegetaes, dos soccorros das remotas provincias do reino. O peixe, que se vende pelas ruas, vem transportado por bestas muares desde o Atlantico, ou o Mediterraneo; o gado, e varias especies de vegetaes, são trazidos das Asturias, da Biscaia, e da Galliza; e os fructos de toda a casta vem das provincias orientaes, e meridionaes.

Esta particularidade do local de Madrid, não deixa de em certo modo ser curiosa para o viajante, que, ao avisinhar-se della, não descobre passeios umbrosos, extensas alamedas, jardins apraziveis, ou elegantes casas de campo: meia duzia de aldeolas, espalhadas aqui e acolá, alguns casaes solitarios, e algumas choupanas, são os unicos e imperfeitissimos annuncios da visinhança de uma grande capital, que se apresenta em massa á nossa vista a perto de uma legua de distancia, quasi como Palmyra, a antiga rainha do deserto, diz Mr. Quin. Fischer a compara a uma ilha no meio do Oceano. «Se caminhardes obra de 40 braças fóra das portas de Madrid [diz outro viajante] parecer-vos-ha que largastes a civilisação e frequencia dos homens.» Os habitantes da Castella se teem distinguido sempre, pela decidida antipathia ás arvores nas immediações de suas grandes cidades; e parece empregaram todo o cuidado em deixarem escalvado o territorio dos contornos da capital. Desde Samosierra, ás portas de Madrid, quasi trinta milhas inglezas, não se vê uma arvore. Grande parte do terreno é inculto, e o que se lavra, e produz grão, é todo coberto de ruins hervas, e de pedras. A vista da cidade por este lado não é magestosa; parece pequena, e posto que as torres e corucheus são em numero sufficiente, com tudo não é cousa para despertar grande curiosidade.

O plano de Madrid é um quadrangulo irregular; e anda por oito milhas que terá em circumferencia. E cercada com uma fraca muralha de taipa, por onde franqueiam a entrada quinze portas de granito, algumas dellas notaveis pela belleza da architectura. Um viajante recente lhe dá o seguinte: 8:000 casas, 146 templos, comprehendidos os de 62 conventos que tinha; 18 hospitaes, 13 collegios, 15 academias, 4 livrarias publicas, 6 prisões, 15 portas de granito, 85 praças, e 50 fontes publicas.

Está situada na margem esquerda do Mançanares, que na primavera engrossa um tanto com as chuvas, e neves derretidas, e nasce nos montes de Guadarrama, desaguando no leito mais amplo do Xarama, abaixo de Madrid, e ambos unidos entram no Tejo em Aranjuez, não muito longe de Toledo. Tem-se fallado por muitas vezes na abertura de um canal da capital para o Xarama, a fim de obter-se communicação navegavel com o Tejo. Diz-se tambem que um rei d'Hespanha formára o projecto de trazer o Xarama ao leito do Mançanares; porém morreu antes de o pôr em execução.

O Mançanares tem, não obstante o seu pequeno cabedal de aguas, duas soberbas pontes, chamadas uma de Segovia, e outra de Toledo, por estarem na direcção das estradas destas duas cidades: a primeira foi construida com grandes despezas por Filippe 2.º, e deu logar ao bem conhecido motejo de certo embaixador estrangeiro: — Amigos hespanhoes, ou comprar rio, ou vender ponte.

As ruas de Madrid são, em geral, soffrivelmente boas, e, como em todas as grandes cidades, algumas muito formosas, outras mediocres. As dos bairros antigos são as mais estreitas e tortuosas; ao passo que as da mais moderna porção da cidade teem mais largura e regularidade. São bem calçadas, e com passeios lateraes para a gente de pé, mas que não excedem o nivel do restante da rua.

A mais bella rua de Madrid é a *Calle de Alcalá*, que se manifesta á vista do estrangeiro logo que entra a porta de Alcalá. Mr. Quin descreve a sua perspectiva, dizendo que mais parece vista em pintura do que mera realidade. Parando no fundo desta rua, o espectador goza de qualquer dos lados as formosas alamedas do prado [passeio publico] com seus compridos alinhamentos de arvores magestosas, e suas magnificas fontes de marmore; atraz lhe fica a porta de Alcalá, que é um elegante modelo de architectura; e ao mesmo tempo se dilata na sua frente aquella rua toda, descrevendo uma curva engraçada, vasta, e guarnecida de esplendidas fileiras de edificios desiguaes, comprehendendo entre outros, a alfandega, e os palacios de muitos embaixadores. Com tudo isso é esta rua bastante incommoda para a gente de pé, especialmente em tempo de chuva, ou neve; porque a calçada é estreita e aspera, e fica exactamente por debaixo dos algerozes, que sáem um pouco fóra das cimalhas das casas, e despejam quanta agua ajuntam os telhados sobre as cabeças dos miseraveis que vão passando.

A gravura que apresentámos, representa a vista da rua principal «*Calle Maior*», que pertence á cidade velha: tem á direita a fonte do Bom Successo, que é um sitio de concorrencia de manhaã para ociosos; e á esquerda está a casa do correio.

O estrangeiro, que passeia pela primeira vez as ruas de Madrid, encontra abundantes objectos de curiosidade, e desfructa em summo gráu o prazer da novidade. Os vestuarios do povo lhe são estranhos, porque a despeito da moda, que actualmente tem assemelhado os trajos das outras capitaes europeas, os moradores das cidades hespanholas sempre conservaram o modo de vestir nacional.

De quantas praças tem esta cidade nenhuma se faz notavel, ou por tamanho, ou por edificios que a rodeiem; todavia algumas não são destituidas de belleza. A «Plaza Mayor» está no coração da cidade, e nella desemboca a «Calle Mayor.» É um espaço rectangular de 434 pés de comprido por 334 de largo, ou de 1536 pés de circuito: foi obra de Filippe IV, e nada tem de notavel. Era antigamente o theatro de *las fiestas reales*, ou corridas de touros; divertimentos barbaros, que ao presente ainda se fazem n'um amphitheatro, erecto para este fim sobre uma eminencia da parte de fóra da porta de Alcalá. Foi tambem nesta praça, que, em tempos, que felizmente passa-

ram, se praticavam as atrozes ceremonias dos chamados *Autos da Fé*. Hoje porém a praça grande de Madrid é destinada a fins de maior civilisação, porque actualmente está sendo um logar de mercado, ou feira, centro do commercio a retalho, e o ponto ordinario de reunião da classe inferior dos habitantes.

A praça, tão conhecida pelo nome de *Puerta del Sol*, não é mais do que um largo espaço formado pelo encontro de umas poucas de ruas largas. Veio-lhe este nome de uma porta do antigo recinto de Madrid; porque esta cidade, até ao principio do 16.º seculo, que os reis de Hespanha tinham a côrte em Valladolid, era terra de muito pouca importancia: porém desde que o imperador Carlos V estabeleceu nella a séde do governo, começou de augmentar com tal rapidez, que, não cabendo no circuito de suas antigas muralhas, foi necessario derruba-las, e deixar estender a povoação por um grande numero de braças. Póde isto facilmente calcular-se pelo local onde era antigamente a tal Porta do Sol, que transmittiu seu nome á praça de que tractâmos, que hoje occupa a mesma posição, e está quasi no centro da cidade.

Desta praça saem as ruas mais bellas e espaçosas, as mais commerciantes e frequentadas: e como está no ponto de juncção de duas linhas, que se prolongam do palacio real até o Prado, da porta de Toledo até a de Segovia, é infinito o numero de coches, carruagens, e sequitos de viajantes e de povo de toda a casta, que por alli gira de continuo. Custa a romper por entre tamanha multidão, augmentada com a chusma de curiosos e vadios, que alli vem tomar o sol, vêr o que vae de novo, fumar o *cigarrilho*, ou como se diz vulgarmente, matar o tempo. E tal a miscellanea, e o numero de individuos d'ambos os sexos, de todas as idades, e de todas as condições, que Fischer lhe chama «Madrid em miniatura, com tal agitação e variedade de grupos, que seria impossivel descrever ainda a decima parte.»

Entre os edificios publicos de Madrid fazem muito pouca figura as suas igrejas, e admira que uma cidade d'estas não possua um templo notavel. Algumas têem campanarios muito elegantes, outras bellos zimborios: mas que importa, se as agradaveis todas são demasiado pequenas, e as grandes edificadas sem gosto! Acharemos a razão disto se observarmos que Madrid era uma villa sem consideração nas epochas florescentes da architectura ecclesiastica. Nunca foi séde de bispado; e pertence á diocese de Toledo, cujo arcebispado intentaram em 1518 dividir, erigindo em Madrid sé á parte: e ainda o papa Leão X chegou a expedir a bulla; mas nunca se levou o projecto a effeito.

Nada diremos do novo palacio real, construido para substituir o que ardeu em 1784, não obstante ser um edificio magnifico e dos melhores da Europa, porque já delle correm vulgarmente estampa e respectiva descripção.

Remataremos este artigo com duas palavras sobre o real museu de pinturas, que é dos mais bellos que se conhecem. O capitão Cook disse que continha maior numero de obras boas com menor mistura de máos do que qualquer outro. As salas em que está collocado, são admiraveis para o intento; quatro em numero, cada uma de 150 pés de comprido, e 22 de largo, atravessadas por uma galeria, que as une, de quasi 300 pés de extensão. As pinturas são das diversas escólas, comprehendendo algumas dos mais famigerados mestres.

JUDEUS EM PORTUGAL.

Acerca do tempo em que os judeus entraram nas Hespanhas ha varias opiniões. Fazem alguns remontar a vinda dos primeiros ao tempo da conquista da Palestina por Nabucodonosor, outros affirmam que elles começaram a frequentar nossos portos por via de commercio no tempo dos Machabeus; pertendem outros, em fim, que foi depois da ruina de Jerusalem por Tito, quando os dispersaram pelo mundo, que muitos delles vieram fazer assento nas Hespanhas. Seja o que fôr, é certo que no tempo dos godos um grande numero de familias hebreas se achavam estabelecidas neste paiz.

Durante o dominio dos godos correram os judeus varia fortuna; mas a maldição de Deus, que sobre elles pesava, não os deixou respirar por largo tempo debaixo de affrontas e oppressões. Nas leis gothicas se encontram muitas tendentes a opprimi-los, e a conserva-los na inferioridade a respeito dos christãos. Desde a entrada dos arabes a sua sorte parece ter melhorado algum tanto, não porque o mahometismo fosse mais tolerante do que o christianismo, mas porque os principes sarracenos eram mais illustrados do que os godos. Foi nesta epocha que os judeus cresceram em numero e em riqueza, vivendo em boa harmonia com os dominadores arabes, e com os christãos vencidos.

Quando os reinos de Leão e Castella se começaram a estender, conquistando as terras occupadas dos mouros, deixaram os reis de Hespanha subsistir os judeus, attendendo á falta que havia de povoadores para os campos e cidades, e foi tambem por este motivo que se instituiram as Mourarias, ou bairros habitados por mouros. Parece que a primeira perseguição contra os judeus de Hespanha foi tentada por Pedro, abbade de Cluny, quando veio a Castella, em tempo de Affonso VII; porém esta perseguição não chegou a effectuar-se; porque ha memorias de terem os judeus vivido tranquillamente durante o reinado deste principe.

D'ahi avante a raça hebraica foi pouco a pouco florescendo em Hespanha. As riquezas por ella possuidas, os talentos e instrucção de muitos judeus, tanto mais notaveis, quanto maior era a ignorancia e barbarie daquelles tempos, lhes abriram o caminho das honras e do poder. Em geral, os differentes reis da Peninsula, achando nesta casta, menoscabada pelos nobres e pelo povo, o conselho e os soccorros pecuniarios, que nem naquelles nem neste encontravam, rodeavam o throno de homens intelligentes e activos, posto que odiados, e lhes confiavam os cargos mais importantes do estado. Esta preferencia, dada á nação hebrea, ainda pelos principes mais religiosos, era tal, que os herejes, que pretendiam, sem correr risco, propagar seus erros, se vestiam de judeus, e assim ficavam seguros de ser molestados. Fr. Affonso de Espina, no livro que intitulou *Fortalitium Fidei*, lamenta a grande entrada e valimento, que os judeus tinham nas côrtes dos reis; e Paulo Burgense narra que por esses tempos tiravam elles argumento do poderio que tinham em Hespanha, para provar que o Messias não era vindo, visto que, segundo a prophecia de Jacob, este devia nascer, quando á nação hebrea faltasse o sceptro o reino, cousas que ella possuia na Hespanha.

Este valimento que os judeus tinham em Castella, tambem o alcançaram em Portugal logo no principio da monarchia. Em uma decretal de Gregorio IX e reprehendido D. Sancho II por favorecer os judeus, e se ordena ao mesmo tempo aos bispos de Astorga e Lugo o admoestem para emendar este abuso. Ordenou além disso o papa que, no caso que os exactores das rendas publicas fossem mouros ou judeus, houvesse um superintendente christão, que vigiasse e acudisse as vexações que elles faziam ao clero, e com que naturalmente se vingavam das injurias que do clero recebiam. No tempo de D. Diniz, em um sar

tigos de queixa feita em Roma pelos ecclesiasticos contra este principe, foi elle arguido de dar os logares de fazenda aos judeus, e de, afóra isso, lhes permittir andarem sem devisas nem signaes, por onde fossem conhecidos, segundo nos canones era estabelecido; accrescentando o isenta-los dos dizimas ecclesiasticos; o que prova quão favorecidos elles foram no reinado daquelle piedoso, mas politico e assisado, monarcha.

A privança e entrada no paço, que os judeus tiveram em Portugal, durou até o tempo de D. Duarte, que prohibiu mouro ou judeu algum fosse official d'elrei, ou da rainha, infantes, titulares, e prelados, o que foi confirmado por seu filho D. Affonso IV. O tributo que elles pagavam, e que era por capitação, ou por outro modo, mas que parece ter sido individualmente, foi augmentado por D. Affonso IV em 50000 libras annuaes. Estes dois factos mostram que as riquezas dos judeus tinham crescido, mas que a sua influencia diminuia. O accrescimo das riquezas vinha-lhes, não só do commercio, que em Portugal, bem como em Castella, corria quasi só por suas mãos, mas tambem dos grandes bens de raiz que possuiam no nosso paiz, e que em Castella lhes não era licito adquirir, ou conservar. Elrei D. Pedro I regulou a fórma das trocas ou vendas de propriedades entre christãos e judeus, e ordenou dellas se passassem escripturas, jurando o judeu que na compra não havia engano ou onzena. Este juramento segundo se vê do livro dos costumes e foraes de Beja, era dado sobre o Pentateucho, ou cinco livros de Moysés, aos quaes nesse tempo elles chamavam *Toura*. Por uma lei de D. João I eram obrigados tambem a declarar por escripto, todos os annos, em dia de S. Martinho, os bens que possuiam, sob pena de os perder. Destes bens pagavam elles cento e vinte por cada seis mil réis do valor total, como o determina a ordenação de D. Manoel. Estes tributos variaram em diversos tempos.

Os judeus formavam uma nação á parte no meio dos portuguezes, com magistrados, leis, usos, e até bairros separados, em que viviam; distincção esta que durou até o principio do seculo 16.º A suprema auctoridade delles estava no *arabi-mór*, e além disso havia os *arabis-menores*, que eram eleitos annualmente pelas *communas*, ou bairros em que os judeus habitavam, em cada villa ou cidade, e a que vulgarmente chamavam *judearias*. Havia afóra estes magistrados, os ouvidores de comarca, para quem costumavam appellar dos arabis-menores. Estas distincções acabaram todas em 1500, e se ordenou que os judeus fossem regidos pelas leis communs do reino.

Quando os reis estavam para chegar a qualquer villa ou cidade, eram obrigados os judeus e mouros, que alli habitavam, a ir espera-los fóra da povoação com *tourinhas*, e *guinolas*, especie de cavalhadas e danças, sendo-lhes prohibido por D. João I levar armas nestas occasiões; porque ordinariamente armavam brigas e arruidos. No tempo de D. João II ainda durava semelhante costume.

As *judearias* ou bairros dos judeus, eram dentro das cidades e villas, no que se distinguiam dos mouros, cujas *mourarias* eram sempre nos arrabaldes das povoações. Estas judearias eram fechadas, e com guardas nas entradas. Em Lisboa havia duas, uma na Alfama, outra á Conceição velha, que então era synagoga: mas antes de elrei D. Diniz, parece que os judeus habitavam por todo o bairro que fica entre o Carmo e a Trindade. Depois de *correr o sino da oraçom*, isto é, depois de ave-marias, era defeso aos judeus andar fóra das *communas*. Nenhuma christã podia ir á judearia senão a comprar alguma cousa, e acompanhada por dois homens christãos, se fosse casada, e por um, se fosse viuva ou solteira, e isto com pena de morte. A mesma pena se impunha ao judeu, que em sua casa recolhesse qualquer mulher christã.

Desde o tempo de D. Affonso IV sabemos que foram os judeus obrigados a trazerem signaes por onde fossem conhecidos; mas isto caíu em desuso, de modo que elrei D. João I ordenou trouxessem uma divisa vermelha da feição de uma estrella, não só sobre o peito, mas tambem sobre as roupas externas, ou capas, com que podiam encobrir a que traziam pregada no vestido. Desde então se conservou constantemente o uso destes signaes até o reinado de D. Manoel.

Se por uma parte os judeus eram gravados com estes e semelhantes encargos e vexames, por outro lado eram protegidos, e respeitada a sua crença. Ninguem os podia forçar a baptizarem-se — mandava-se respeitar-lhes suas synagogas e cemiterios — não se podia proceder contra elles nos sabbados e mais dias consagrados da sua religião: em fim era prohibido gravarem-nos com tributos novos e exorbitantes. Estas disposições, estabelecidas por uma bulla de Clemente VI, foram mandadas guardar e cumprir em Portugal por D. João I.

Pelo que diz respeito aos judeus que se convertiam, era condemnado a pagar sessenta soldos quem que os insultava, chamando-lhes *tornadiços*, ou arrenegados. Gozavam além disso do privilegio de não serem obrigados a ter cavallo, nem a servirem com elle na guerra, ainda que estivessem, por sua riqueza, no caso em que os portuguezes tinham esta obrigação, segundo o regimento das candelarias. O judeu convertido, que voltava ás superstições do judaismo, se despresava as admoestações que por tal motivo lhe faziam, e persistia no seu erro, era condemnado á morte.

D. João I determinou, que, se o converso fosse casado, quando abjurava o judaismo, désse *quete* a sua mulher. Este *quete* era um instrumento publico, feito em hebraico, e segundo o formulario ordenado nas constituições judaicas, pelo qual o marido se desquitava da mulher, podendo ambos casar depois com quem lhes parecesse. No tempo de D. Affonso V ordenou que o convertido vivesse ainda um anno com sua mulher, e no caso que, passado esse praso, ella não mudasse tambem de religião, então se lhe désse o *quete*.

Assim viveram os judeus em Portugal durante uns poucos de seculos; mas a epocha em que esta desgraçada nação devia soffrer todos os horrores de uma perseguição barbara e atroz, chegou em fim com o reinado de D. Manoel. Este principe, no começo de seu governo, mostrou-se generoso com os judeus hespanhoes, que estavam captivos em Portugal, libertando-os, e dando-lhes licença para saírem do reino; mas breve mudou de procedimento, e deixou, pelo que dahi a pouco teve com os judeus em geral, a mais negra pagina das muitas desta côr, que ha em sua historia.

No reinado de Fernando e Isabel de Castella, e em tempo de D. João II, tinham sido os judeus, mandados despejar a Hespanha, em certo praso, sob pena de morte. D. João II recebeu em Portugal mais de cem mil, com condição de saírem do reino em tempo determinado ou ficarem escravos da corôa. Taes impedimentos puzeram os christãos a esta saída, tal era a cobiça dos capitães dos navios que os deviam transportar, e os máus tractamentos que faziam a estes desgraçados, durante o trajecto, cubrindo-os de affrontas, deshonrando-lhes as mulheres e filhas, e demorando as viagens para os roubarem, vendendo-lhes os mantimentos pelo que queriam, que muitos não ousando saír de Portugal, ou

não podendo, cairam nos ferros d'elrei. Nesta situação se achavam, quando D. Manoel subiu ao throno, e com elles praticou o acto de generosidade a que já alludimos.

Entretanto parece que a Hespanha conheceu o erro que tinha commettido, em expulsar de seu seio uma raça laboriosa, e possuidora de grandes riquezas; mas o passo estava dado, e então só restava anniquillar as vantagens que Portugal podia tirar da falsa politica dos reis de Castella. Assim estes requereram por cartas a elrei D. Manoel fizesse o mesmo em seus reinos, ao que elle accedeu por suggestões de alguns dos seus conselheiros, talvez por isso peitados, ou movidos pelo espirito da intolerancia religiosa daquelles tempos.

O modo que se teve em executar esta resolução foi horrivel. Presos por diversos laços á terra que lhes dera o berço, muitos judeus abjuraram sua crença, ao menos fingidamente; outros mais tenazes preferiram o desterro; mas, além do desterro, maior calamidade se lhes accrescentava. Ordenou elrei que todos os filhos dos judeus que saíam, que tivessem menos de quatorze annos, lhes fossem tomados para se criarem no christianismo. Faz eriçar os cabellos o lêr em Damião de Goes a descripção desta scena cruel, em que a tyrannia tirava a ultima consolação áquella raça desaventurada.

Alguns christãos-velhos, compadecidos da afflicção e lagrimas destes infelizes, lhes escondiam as creanças, para depois lh'as restituirem. Muitos pais e mãis pegavam em seus proprios filhinhos, e os lançavam em poços e rios, ou os acabavam por outro modo, para os não entregar aos seus oppressores; e a desesperação chegou a tal ponto, que alguns se matavam para não passarem por esta separação dolorosa.

O mesmo que se fez aos judeus, se praticou com os mouros, á excepção de lhes tomarem os filhos. O historiador já citado dá gravemente a razão dessa differença de procedimento, razão infame e immoral. Os judeus, sem senhorio proprio em parte alguma do mundo, não se podiam vingar, em quanto os mouros, poderosos na Africa e na Asia, por certo fariam represalias nos filhos dos christãos, que naquellas terras habitavam: este é o motivo que, segundo Damião de Goes, obrigou D. Manoel a proceder diversamente com os judeus e mouros. Tal facto, e tal razão do escriptor, só podem ser desculpados, o facto, por ser praticado no fim do seculo 15.º, o escriptor, por escrever o seu livro em um paiz, onde a Inquisição sepultaria infallivelmente no fundo de um calabouço quem ousasse pronunciar uma palavra de justiça em favor de homens, que não criam em Deus pela fórma prescripta no *Directorio de Inquisidores de Nicolau Eymerico*.

Desde esta epocha os judeus que ficaram em Portugal, com o titulo de christãos novos, deixaram de ter uma existencia politica differente da dos mais portuguezes. Em 1507 D. Manoel aboliu todas as leis que diziam respeito exclusivamente a esta raça, e ella se confundiu no corpo geral da nação.

PAPEL E PERGAMINHO

A invenção da escriptura trouxe a necessidade de achar materia, em que os caracteres se podessem estampar. Nos tempos mais remotos, entre os povos barbaros, e sobre tudo em quanto os geroglyphicos, ou escriptura por figuras e representações, não foram substituidos pelos alphabetos, ou escriptura dos sons, escreviam-se as tradições de toda a especie nos monumentos; e assim vemos hoje as columnas e as paredes dos templos remotissimos egypcios e chins, e muitas pedras runicas do norte, cubertas destas imagens, que para nós foram muito tempo mysteriosas. Achado o alphabeto pelos phenicios, brevemente se procurou materia, que se podesse empregar subjectivamente neste genero de escriptura, tão claro, posto que engenhoso, quanto o outro era obscuro e difficil.

O papel mais antigo de que ha noticia é o da casca de certas arvores que não dão cortiça, como a cerejeira e o abrunheiro, e nesta se gravavam as letras. O *papyrus*, ou papel do Egypto, remonta igualmente a grande antiguidade. Faziam-no de uma casta de canna, que nasce nos brejos do Egypto, e cuja altura não excede á de tres pés. Esta canna se rachava ao meio, e de cada metade se tiravam as diversas capas ou camadas, com que [estendidas umas sobre as outras em cruz, e collocadas com o lôdo do Nilo] se formava a folha de papel, que depois se polia, e lustrava com oleo de cedro, quando se lhe pertendia dar uma grande duração. O comprimento de cada folha destas era indeterminado; mas a sua largura nunca passava de dois pés. Segundo a parte mais interior ou exterior, de que eram tiradas as camadas do papyro, o papel tinha mais ou menos perfeição: o branco e fino fazia-se dos filamentos do centro, e o ordinario dos que estavam visinhos de casca. Neste papel se podia escrever com tinta, e os romanos usaram constantemente delle até a introducção do pergaminho. O papel que se fazia do entrecasco das arvores differençava-se do papyro em ser feito de muitas camadas de filamentos, e este de duas sómente. O uso do papyro perpetuou-se, apesar da invenção do pergaminho, até o principio do seculo 12.º

O pergaminho dizem que foi inventado em Pergamo para substituir o papyro: o que é certo é que a sua origem se perde na escuridão dos tempos. Fazia-se como hoje, ou de pelle de carneiro, ou de bezerro: polia-se com pedra pomes, e nos primeiros seculos, depois da sua invenção, era todo elle amarellado, porque não o sabiam branquear. Foi em Roma onde se descobriu este segredo, e tambem o de lhe dar diversa côr. Houve-o então em tres castas, o branco, o amarello, e o vermelho. Até o 6.º seculo da era christã foi exclusivamente o pergaminho empregado nos livros, e o papyro nos documentos publicos e privados. Depois desta epocha o pergaminho se usou tambem nos diplomas, sobre tudo entre as nações que derrubaram o imperio romano.

No 7.º seculo se inventou no Oriente o papel de seda e de algodão, e ahi se estendeu o uso do segundo, principalmente no seculo 12.º Na Europa teve este papel pouca voga, talvez pela falta do algodão, e entretanto se começou a fazer o de trapos, que o substituiu, bem como o pergaminho.

A importancia que havia em perpetuar os documentos fez, comtudo, que nelles se continuasse a empregar o pergaminho, e é notavel que dizendo-se geralmente ter sido em França inventado o papel de trapos, não appareça naquelle paiz nenhum diploma escripto nesta materia antes de 1239, havendo um em Hespanha no anno de 1179, e sobre tudo sendo vulgares em Valencia no 13.º seculo. Isto parece provar a opinião daquelles que attribuem semelhante invenção aos arabes de Hespanha, os quaes, segundo o seu geographo *Edrisi*, tinham estabelecido fabricas de papel em Nativa, hoje chamada S. Philippe.

Em Portugal parece estar introduzido o uso do papel no tempo d'elrei D. Diniz, chamando-se-lhe na traducção das leis das Partidas, feita por ordem daquelle principe, *pulgaminho de papel*, e ao pergaminho, *pulgaminho de coyro*. Além disso, do mesmo rei existe uma ordenação em que se diz, juravam

os tabelliães escrever as notas de instrumentos e cartas *em livros de papel*, e as *cartas de firmidoens*, ou contractos, em *livros de coyro*. Antes desta epocha é provavel que, tendo-se abandonado inteiramente o papyro, a unica materia em que se escrevesse fosse o pergaminho, o que bem se póde concluir de se dar o mesmo nome ao papel, e de não se achar nenhum rasto deste na grande porção de documentos que nos restam do principio da monarchia.

A vantagem na duração que o pergaminho leva ao papel, fez com que na idade media fosse quasi sempre o primeiro preferido ao segundo, e tanto assim que difficil será achar em Portugal diploma algum em papel, anterior ao meado do seculo 15.º Esta preferencia não era só dada nos actos publicos, mas tambem nos livros manuscriptos; porém tanto n'uns como em outros nunca encontrámos o pergaminho de bezerro, e tão sómente havemos achado o de carneiro, apesar de termos visto milhares de documentos, e grande numero de livros manuscriptos, feitos antes de 1500.

Quanto porém á materia em que se começou a imprimir, depois desta celebre invenção, póde dizer-se que posto ao principio se imprimisse tanto em papel como em pergaminho, brevemente foi o primeiro preferido. Este era de bella apparencia e encorpado nos primeiros tempos da typographia, e só no 16.º seculo, e ainda mais no 17.º, foi que elle se tornou cada vez peior.

A carestia do pergaminho na idade media fazia com que muitas vezes se raspassem antigas escripturas para escrever cousas novas, e isto produziu graves damnos á litteratura; muitos monumentos importantissimos assim se perderam. Além disto, memorias de grande monta se lançavam muitas vezes nas margens brancas dos manuscriptos, e na parte posterior dos documentos, que, em geral, só se escreviam de uma banda, porque era ordinariamente enrolados que se guardavam. Em um manuscripto de Sancta-Cruz de Coimbra, que continha varias obras de sanctos padres, e que era escripto no seculo 11.º, achámos nós no verso da ultima folha, que estava em branco, uma nota do dia em que D. Affonso Henriques foi áquelle mosteiro buscar certa somma de dinheiro, que alli tinha depositado, e da quantia a que montava o thesouro daquelle nosso primeiro rei

Esta carestia de que fallamos, fazia tambem com que se lavrassem diplomas, ainda de grande valia, em pedaços de pergaminho tão pequenos, que muitos não excedem o tamanho da palma da mão. Desta curiosidade se encontram repetidos exemplos em varios cartorios das ordens monasticas, estabelecidas no nosso paiz em tempos remotos. Por outra parte, quando o documento que havia a exarar era de grande extensão, cosiam-se muitas folhas de pergaminho umas ás outras, e sobre estas longas tiras se escrevia Algumas se encontram, cuja extensão é de umas poucas de varas.

O uso do papel se foi valgarisando em Portugal no seculo 16.º; mas ainda então apparecem muitissimos diplomas em pergaminho, e até manuscriptos. Que nós saibamos, até ao reinado de D. Sebastião se encontra o pergaminho empregado em muitos documentos.

Resta-nos fallar do papel da China. De tempo immemorial é alli conhecido o papel de seda. Além desta casta de papel, os chins o fazem tambem de *bambú*, que é uma especie de canna; não da casca, mas do interior da planta. O mais vulgar naquelle paiz é o que fabricam dos filamentos internos do tronco de algodoeiro. Tambem outras muitas materias servem na China para este mister, como a palha de trigo, ou de arroz, e a pellicula interior da amoreira, do ulmeiro, e de varias outras arvores.

CÔRTES PORTUGUEZAS.

Portugal, como todas as nações modernas da Europa, começou com governo representativo. Esta fórma de constituição social, nascida nos bosques d'Alemanha, entre os povos que invadiram e derrotaram o imperio romano, perpetuou-se nos seus descendentes. Os parlamentos de França, e de Inglaterra, correspondiam antigamente ás côrtes Portuguezas e hespanholas; e nem por isso os nossos reis eram menos amados e respeitados, porque o povo não deixava guiar-se pelo poder absoluto de um homem, como um rebanho de servos.

O objecto das côrtes no nosso paiz era o determinar a fórma e a porção dos impostos, e a administração da justiça, o ser consultada a opinião nacional sobre o casamento dos principes, sobre as expedições de guerra, e em fim ácerca de todas as questões que diziam respeito á boa administração e felicidade da republica.

As côrtes eram sempre convocadas pelo rei, ou regente, declarando-se nas cartas, que para esse fim se dirigiam aos concelhos, o logar da reunião, o qual era indeterminado; ainda quando os povos as julgavam necessarias, não se ajunctavam sem a convocação real, que nesse caso era requerida ao rei pelas municipalidades.

Compunham-se as côrtes das tres differentes ordens do estado: o clero, a nobreza, e o povo. As duas primeiras eram representadas, uma pelos bispos, e abbades de certos mosteiros, a outra pelos fidalgos e cavalleiros que tinham logar em côrtes: os procuradores do povo eram nomeados pelos concelhos das cidades e villas, a que por foral competia este direito; nas suas procurações se lhes apontava quaes os poderes que levavam, e ás vezes qual era o objecto das côrtes, o que já vinha declarado nas cartas convocatorias.

O numero ordinario dos procuradores de cada concelho era o de dois; para a viagem e manutenção destes lançavam os concelhos fintas, se as rendas municipaes não bastavam. O exemplo de o rei dar ajuda de custo aos procuradores só apparece nas côrtes de 1581 [Thomar], que sanccionaram a usurpação da corôa feita a Filippe II.

Parece que nas mais antigas côrtes portuguezas os procuradores eram auctorisados a requerer tudo o que fosse a bem do municipio, que representavam, ou do reino em geral; mas pelo meado do seculo 14.º se lhes começou a coarctar esta liberdade, fazendo-se nas camaras as propostas que elles haviam de appresentar no congresso. Aos paragrafos destas propostas se chamava ao principio *aggravamentos*; depois se lhes deu o nome de *artigos*, e mais tarde o de *capitulos*.

Estes capitulos, ou diziam respeito a todo o reino, e então a proposta delles era feita em côrtes por todos os procuradores, ou eram relativos a uma só provincia ou concelho, e nesse caso eram apresentados pelo procurador respectivo. Ha exemplo de propostas feitas pelos *mesteres* e povo de uma terra, separadamente das do concelho a que essa terra pertencia.

Nas côrtes dos primeiros seculos da monarchia apparecem, além das propostas dos povos, capitulos, apresentados pela nobreza, e pelo clero: depois todos os vestigios de semelhantes capitulos nos faltam, porque a preponderancia destas classes, que pesavam contra o rei na balança politica, foi diminuida, e

isto contribuiu gradualmente para a extincção das liberdades patrias.

A falla ou proposição de abertura dava começo á celebração das côrtes. Esta falla era feita pelo rei, e na sua falta por um ministro ou prelado, e em nome dos estados lhes respondia um ou mais membros de cada ordem. Estas se reuniam todas em um só congresso, e foi nas côrtes de 1641 que principiou o uso de constituirem tres braços diversos. Os capitulos ou propostas das côrtes eram apresentadas ao rei, que lhes concedia ou negava a sancção, sendo então, no primeiro caso, reduzidas a instrumentos que tinham o vigor das leis, quer fossem relativos a todo o reino, quer o fossem tão sómente a algum concelho. Muitas destas decisões de côrtes se acham inseridas nos corpos de ordenações. Dos instrumentos acima referidos se tiravam copias, ou do todo, ou de parte, as quaes se mandavam guardar nos archivos das municipalidades. Na fórma de expedir taes documentos havia grande variedade, que não apontâmos por evitar sermos prolixos.

Esta instituição e modo de representação nacional era comtudo defeituosa, e trazia comsigo desde a sua origem o germen do absolutismo puro. Tal era o direito que tinha o rei de fazer leis por occasião das côrtes, sem que por ellas fossem propostas, e independentes da sua approvação; e o derogar os capitulos approvados pelos estados, e por elle sanccionados, o que podia fazer por *Carta de Graça expedida pelos do seu Paço*. Isto juncto com a progressiva diminuição da influencia do clero e nobreza, trouxe pouco e pouco a ruina dos foros e liberdades publicas.

Além das côrtes geraes, cuja celebração era irregular e indeterminada [salvo no tempo de D. João III, em que se ordenou fosse de dez em dez annos], e que se reuniram em alguns reinados duas e tres vezes por anno, havia tambem as côrtes especiaes, para as quaes eram chamados procuradores de uma ou duas provincias do reino, e até só das cidades e villas mais notaveis. Destas foram as que annualmente se reuniam na minoridade d'elrei D. Affonso V, durante a regencia do infante D. Pedro.

Aviso aos proprietarios de terras, que emprendem innovações temerarias.

Dialogo entre um Agronomo, e um Innovador.

I. Venho, senhor, como vosso visinho do campo, dizer-vos adeus, e receber as vossas ordens para Paris. Não quero tornar a ouvir fallar em terras, arados, lavouras, e prados naturaes ou artificiaes. Enchêram-me de um enojo invencivel todos os livros agronomicos, que me arrastaram a adoptar vãs theorias, e a fazer despezas que me arruinaram.

A. Talvez que isso vos acontecesse menos por defeito da sciencia, que do uso que della haveis feito.

I. Vós o decidireis, se vos dignardes escutar-me, como vos peço. Eu tinha um caseiro, que deixava as terras em pousio, que ignorava o que é *systema alternativo*, e o que vem a ser *colheitas intercalares*, que se contentava com semear nas minhas terras um pouco de trigo, e uma pouca de aveia, todos os tres annos, e com cegar algumas hervas enfezadas de um prado que já não podia produzir. Que menos podia eu fazer do que despedir este vandalo?

A. Optima resolução fôra essa se tivesseis previamente formado um estabelecimento para fazer as vezes do que destruiêis.

I. Quiz elevar as minhas terras ao nivel da sciencia, e beneficia-las com as descobertas modernas, e para conseguil-o comecei eu mesmo a cultiva-las por minha conta e risco.

A. O que é sempre muito arriscado.

I. Andava annexo á minha herdade um rebanho, que se arrendava ao meio, composto de animaes indigenas, da raça a mais ordinaria, vendi-o, e, para substitui-lo, mandei vir dos Pyrenéus outro de animaes hespanhoes da mais fina casta, que, depois de um transporte longo, e trabalhoso, não puderam costumar-se ás pastagens deste paiz, e morreram quasi todos.

A. E ficastes por tanto, sem curral, sem rebanho, e *sem lã*.

I. Outro tanto succedeu ás vaccas que mandei comprar á Suissa, para substituirem as vaccas magras, e transparentes da herdade.

A. De sorte que vos achastes *sem leite*, *sem nata* e *sem manteiga*.

I. Exactamente; e podeis tambem accrescentar *sem queijos*, porque as cabras de Mont-d'Or nunca se puderam aclimatar nas minhas fazendas.

Os meus predios estavam cubertos de nogueiras, que contavam seculos, as quaes espalhavam nas terras uma sombra esterilisadora; fiz corta-las, e semeei papoulas, couves, e nabos sylvestres, e outras plantas oleosas, que não medraram.

A. E o resultado foi ficardes sem azeite, e por conseguinte *sem luz*.

I. Os meus pomares constavam sómente de arvores velhas e enguiçadas, que não davam senão fructos amargos. . . .

A. Fizeste-as cortar, e eis-vos sem pomar, e *sem fructos*.

I. É verdade; e para ingenuamente vos confessar tudo, devo tambem dizer que mandei vir do Baixo Languedoc bacellos para pôr em logar das cepas velhas das minhas vinhas, de que não tirava senão vinagre.

A. E em vez de vinagre tivestes *agraço*.

I. E esse mesmo em mui pequena quantidade; porém de quanto vi nas minhas fazendas o que mais me impacientou foram os arados com duas aivecas, com todos os demais contrapezos; arados que pezavam pelo menos sete para oito quintaes, e que tres cavallos podiam apenas abalar. Para substitui-los mandei vir de Roville arados leves. . . .

A. Com que nenhum dos vossos trabalhadores soube ou quiz trabalhar, e as vossas terras ficaram *por lavrar*.

I. Lembrou-me então supprir esta falta, fazendo cavar todas as minhas terras á maneira de surriba, cousa de dois palmos e meio de profundidade, em vez dos reguinhos de duas pollegadas, que abria o meu caseiro com os seus pesados arados.

A. E os vossos campos se cobriram de plantas tão ruins como as castas de terra que revolvestes para cima, e foram-se-vos as colheitas de cereaes, e por conseguinte o *pão*.

I. Eis-ahi toda a historia. E como posso deixar de praguejar os suppostos agronomos, cujos conselhos segui, e que tanto contribuiram para a ruina dos meus predios!

A. Não deveis, senhor, amaldiçoar a sciencia, porém o deploravel uso que della haveis feito. Concedei-me que vos diga que não a comprehendestes bem, ou, por outras palavras, que a olhastes pelo avêsso. Que diríeis do jardineiro, que quebrasse a enxada porque lhe ferira uma perna? Quem terá a culpa, o instrumento ou o jardineiro? Verdade é que se tem publicado algumas theorias que encerram principios geraes; porque nenhum dos escriptores agricolas tem cessado de dizer que toda a cautela é pou

ca contra as innovações repentinas, contra os systemas uniformes; que devemos observar attentamente antes de emprehender as culturas; edificar antes de derribar; fazer ensaios, limitados sómente a alguns astins de terra, e depois ampliar ou restringir as novas culturas, segundo as vantagens ou os inconvenientes que a experiencia mostrar que resultam desses ensaios. Elles dizem formalmente que a lavoura de uma fazenda deve ser considerada como se considera o estabelecimento de uma fabrica, cujas receitas se calculam antecipadamente em muito menos, e as despezas em muito mais, com um certo accrescentamento para os casos imprevistos, de sorte que haja sempre no fim do anno uma renda liquida, e a bem dizer certa.

Se houvesseis lido com attenção os livros agronomicos, verieis que de longe vos indicavam os cachopos em que viestes naufragar. Elles ensinam que para obter uma camada de terra vegetal mais profunda, é preciso, cada vez que se lavra, mórmente sendo terras em pousio, não trazer ao de cima mais do que uma ou duas linhas de terras novas, que, expostas ao ar, esboroadas convenientemente, misturadas com os estrumes e com as terras velhas, e saturadas de gazes aeriformes, se convertem pouco a pouco em terrenos fecundos. Elles previnem de que abrindo-se regos mais fundos, quando o terreno inferior é de ruim qualidade, se esterilisam as terras para muitos annos, se não houver a precaução de as semear de certas especies, que se dão bem em terras asperas. E quanto aos systemas das culturas alternadas, elles o inculcam por cousa mui necessaria, por ser extremamente rasoavel e util; mas que só com o tempo se póde attingir, substituindo ao principio o afolhamento de quatro em quatro annos ao de tres em tres, e caminhando assim para os prados artificiaes por meio do trevo, das ervilhacas, e das ervilhas, de maneira que ao cabo de alguns annos, uma terça parte, ou mesmo metade das terras, esteja cuberta de prados annuaes alternados com culturas de cereaes. Mas nenhum auctor dos que eu conheço podia aconselhar-vos a destruição dos vossos antigos prados, antes de terdes creado pastagens de outra especie, nem que despedisseis um caseiro aferrado ás usanças, para vos metterdes a agricultor, antes de haver adquirido a pratica necessaria.

Não bastava mandar vir de Roville novos instrumentos de lavoura, era tambem preciso pedir a *Mr. Mathieu de Dombasle* um dos seus discipulos, para ensinar a maneira de usar delles; era mister saber que o trabalhador repugna a toda e qualquer innovação; porque a teima, consequencia inevitavel da sua ignorancia, chega a fazê-lo persuadir de que o que elle faz é sempre o melhor. O amor proprio lhe não deixa crer que elle, e seus avós, que toda a vida consumiram nos trabalhos da lavoura, se tenham illudido. — Mudai a aiveca ou a relha d'um arado, ou até mesmo o cabo d'um alvião ou d'um forcado, e vereis o lavrador e o cavonqueiro ficarem de repente desatinados. *Isto cá entre nós não se usa*, vos dirão elles, e farão com que a obra sáia mal feita, para provarem que elles tiveram razão toda a sua vida, e que vós é que a não tendes em quererdes introduzir um melhoramento.

Mandastes vir bacellos do meio-dia para os plantardes no norte, mas todos os auctores vos diziam que deve sempre fazer-se o contrario, porque as vinhas aclimatadas no sul, como são muito temporãs, gelam sendo transplantadas para regiões mais frias; que as especies que vegetam em encostas empinadas, e em terras leves e pedregosas, jámais podem vingar em terras fortes e planas.

Quanto á trasladação dos animaes domesticos, o simples senso commum nos dicta que não basta mandar vir para as nossas planicies carneiros d'Hespanha, vaccas da Suissa, e cavallos andaluzes, mas que fôra tambem preciso, a ser possivel, transportar com elles as montanhas, as pastagens, os valles, e até a atmosphera inteira em que respiram, para que podessem prosperar nos novos climas.

Quem pertender aclimatar os animaes exoticos, convém que o faça gradual e successivamente, limitando-se a mandar buscar carneiros, bodes, e touros de boa casta, que cruzando-se com as especies indigenas, produzem uma raça mestiça, que sái ás mãis nos appetites e nos habitos do clima, e aos pais no vigor, e na belleza das proporções. E assim que no fim de algumas gerações, e continuando a cruzar os animaes mestiços com os de fóra, se consegue povoar uma fazenda de gados de boa qualidade.

Nada porém do que se faz de salto, assim na agricultura como em tudo o mais, é duradouro, porque o *tempo não perdoa ao que se faz sem elle*. Imitai a natureza na ordem das estações, e na successão dos seus phenomenos. Entre os rigores do enregelado inverno, e as calmas do estio, ella collocou o outono, que torna mais suave a transição d'um para o outro extremo; muitas horas decorrem desde que o sol nasce até chegar ao meio da sua carreira, e mil variadas côres tinguem a abobada celeste, antes que este astro illumine plenamente o mundo. Para que a cultura de uma herdade chegue ao maior ponto de perfeição, tem de passar por muitos melhoramentos successivos. A sciencia da agricultura, assim como todas as outras sciencias d'observação, consiste em uma continua tentativa. Todos os seus principios e regras fundamentaes não encheriam um volume em 32, e as excepções não caberiam todas em 10 volumes em 4.º Toda a arte consiste em observar, tentear, experimentar, avançar, retroceder, ampliar ou restringir, segundo a natureza do terreno, a temperatura das estações, e o bom resultado das colheitas.

Porém em logar de seguir esta marcha, que a prudencia indica, quizestes seguir immediatamente o bello ideal, que ainda ninguem póde obter na agricultura; em logar de reformas successivas, fizestes uma verdadeira revolução, pois que com as vossas lavouras revolvestes a terra. Este modo de proceder jámais aproveitou a pessoa alguma: aquelles que fazem mudanças arrebatadas nas suas terras, arruinam-se. Vós que fizestes das vossas um verdadeiro cahos, soffrei agora as tristes consequencias disso.

(O Conde François de Nantes, par de França).

A empreza nascente do Panorama tem encontrado muitas difficuldades, que successivamente se hão removido. Restam ainda bastantes a vencer: entre ellas a da impressão. As estampas já publicadas estão longe da nitidez que deviam ter, o que nasce da impericia dos impressores, n'este genero de trabalho, e da má qualidade da tinta, geralmente usada nas nossas imprensas. A Sociedade porém continúa a empregar todos os meios que tem ao seu alcance para melhorar este Jornal, sobre tudo pelo lado da execução typographica; e espera em breve dar-lhe o aperfeiçoamento a que é possivel chegar.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

4 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. MAIO 27, 1837.

ENTERRO TURCO.

CEMITERIOS E RITOS FUNEBRES NA TURQUIA.

Nas diversas regiões da terra, um sentimento interessante e profundo acompanha sempre as ceremonias e ritos da sepultura. Poucas pessoas ha dotadas de tal insensibilidade, que possam contemplar indifferentes o acto melancolico, em que o frio e silencioso sepulchro recebe os restos de algum ente humano. Podemos suppôr que a reflexão nessas occasiões surprehende até os mais descuidados; e que, ao verem fechar-se o circulo de uma vida, no exemplo do visinho, ou do amigo, os homens passam naturalmente a considerar no termo da sua propria existencia.

Todos os povos dão importancia ás honras funerarias, ainda que, pelas crenças, são diversas, e no apparato mais ou menos solemnes. Porém na Turquia andam tão annexas ás localidades e ritos sepulchraes a pompa e gravidade, que apenas lhe igualam os paizes christãos. Lá são os mortos, no geral, enterrados em cemiterios bastante espaçosos, adjacentes ás cidades, e outras povoações. Semelham duas cidades collocadas a par; — a cidade da vida — e a morada dos mortos. E quanto o numero dos povoadores desta não excede ao da outra!

Os cemiterios ottomanos nos arrabaldes de Smyrna cobrem mui consideravel porção de terreno. Podem facilmente distinguir-se de longe pela alta e sombria falange de cyprestes, que são sempre os companheiros favoritos dos tumulos na Turquia. Os Judeos tambem pela sua parte tem coberto a superficie de um grande cabeço sobranceiro ás visinhanças da mesma cidade com pedras, que denotam os sitios onde os restos caducos dos seus defuntos patricios estão depositados. Este logar, destituido de uma unica arvore, apresenta uma solidão e mostras de abandono, que faz vehemente contraste com as sombras espessas e regular belleza do local dos cemiterios turcos. Com effeito, parece que alli, até na morte, não estão os Judeos isentos daquella ignominiosa distincção, a que não poderam esquivar-se em vida.

É cousa muito do uso dos Turcos, e nações orientaes plantar um plátano pelo nascimento de um filho, e um cypreste pela morte. São duas allegorias e tanto a folhagem graciosa, e dilatados ramos da primeira arvore, como a verdura melancolica da segunda, revestem de certo colorido e expressão poetica este pensamento. É forte alli o predominio das imagens; é toda assim a linguagem do Oriente.

O iman escolhido para recitar as orações pelos mortos, ou pelos vivos, executa isto com uma solemnidade capaz de inculcar influencia sua sobre o nascimento da creança, ou sobre o futuro destino do que fallece u.

As ceremonias religiosas, que se seguem aos ultimos momentos de um Ottomano, são de caracter tão particular, que não resistiremos á tentação de as referir.

N'alcova do fallecido admittem-se todas as pessoas, que se apresentam para lhe dizerem o eterno adeos. Seguem-se depois as assembléas da familia mais pausadas e meditabundas, e cada um por seu turno se ergue, e recita uma especie de oração funebre, breve, mas entremeada dos lances particulares da vida do defunto. Findo tudo isto, é lavado o cadaver com aromas, e enfaxado como as mommias, sem lhe deixarem nem o rosto descoberto: concluida esta ceremonia o mettem na tumba com muitos perfumes. Então os circumstantes todos se erguem ao mesmo tempo, e se encaminham para o logar da sepultura, com ordem, e recolhimento d'espirito.

Apeada a tumba á beira da cova, dispostos em circulo os assistentes, o iman exige silencio, manda cessar o lamento, e annuncia que tem coisas que communicar ao morto: e todos se calam, como se a verdadeira dôr podesse obedecer a intimações que se lhe façam. De joelhos á ilharga do esquife, curvado,

em voz submissa diz o iman ao cadaver o que ha de fazer quando encontrar no caminho o espirito maligno, que não deixará de interroga-lo sobre as varias circumstancias de sua vida, e ácerca da sua probidade e religião. Finalisada a instrucção, ergue-se, declara aos espectadores que o defunto se acha na melhor disposição tocante á futura vida, e o corpo é deitado á cova, depois de cada parente ou amigo ter atirado á tumba tres punhados de terra. O iman se prostra novamente depois de tapada a cova, e applicando o ouvido no chão, escuta para se convencer, segundo diz, se o defunto tendo batalhado contra o anjo da morte alcançou a victoria; e bem certificado, clama que o espirito das trévas foi vencido, e que o morto *vivirá eternamente*.

As sepulturas são fundas, distinctas, e separadas umas das outras. Sobre os tumulos collocam duas columnas pequenas, ou dois pedaços compridos de marmore, lavrados toscamente; um á cabeceira, e se é de homem com um turbante; e outro aos pés, sem adorno: sendo de mulher, a inscripção o indica.

Póde dizer-se que os arredores de Constantinopla são um vasto cemiterio pelos muitos e mui dilatados que ha; e são estes os unicos passeios daquella capital: ruas bem traçadas, e a concorrencia de gente os fazem tão agradaveis quanto podem se-lo tumulos e bosques de cypreste.

A plantação de um cypreste sobre o tumulo é em Constantinopla uma especie de ceremonia religiosa, que recorda a simplicidade das eras remotas. Um iman, com as vestes ricas, recita as orações destinadas, no entanto as mulheres acocoradas ao redor da sepultura repetem os versiculos em voz baixa, batem no peito, e derramam copiosas lagrimas.

Por este uso universalmente consagrado entre os Turcos, os cemiterios musulmanos se convertem em legitimos bosques.

O mais bello e o mais curioso é incontestavelmente o de Scutari, na costa da banda da Asia. Conforme uma profecia, que dizem ser do seu Mafoma, os Musulmanos hão de vir a ser um dia expulsos da Europa: eis-aqui porque os fieis crentes de Stamboul querem ser enterrados na costa da Asia, que lhe está fronteira, para que as suas cinzas não sejam profanadas pelos inimigos natos da sua religião.

INQUISIÇÃO D'ESTADO DE VENEZA.

Bastante tem sido conhecida em o nosso paiz a Inquisição religiosa, tanto deste reino como dos estranhos, temida nos tempos de seu dominio por suas repetidas atrocidades, e detestada depois da sua extincção pela completa noticia que alcançamos das suas tyrannias, correndo hoje vulgarmente infinidade de escriptos que inspiram justo horror a tão nefanda instituição: mas ainda ninguem, que nós saibamos, tratou na linguagem patria de uma inquisição de especie diversa, se bem que não menos temivel, creada e alimentada no seio dessa republica, que tão enfaticamente denominou a sua capital, a rainha dos mares, por ser o emporio do commercio da India, antes que nós os Portuguezes commettessemos e levassemos a cabo a inaudita façanha de dobrar o cabo tormentoso. Era nessa mesma cidade, situada sobre o Adriatico (Veneza, a capital da republica do mesmo nome, que tão famoza se fez pelo commercio, como por continuas desavenças com os papas, e os imperadores) que existia e dominava o tribunal espantoso chamado = Inquisição de Estado =, que vamos noticiar aos nossos leitores. E de poucos annos a esta parte que possuimos alguma informação certa a respeito de sua origem, e das constituições, ou estatutos, que regulavam seus procedimentos; porque até as averiguações de Daru, que desencantou alguns preciosos manuscriptos encerrados na bibliotheca real de Paris, tudo o que dizia relação a esta materia andava envolto em obscuridade impenetravel. Os escriptores Venezianos tocaram o ponto com melindre e circumspecção, e o abandonaram com timida presteza: o seu principal historiador civil falla brevemente daquella mysteriosa organisação, da veneração que lhe era devida da parte de todos os cidadãos, da violação de um dever quando intentassem penetrar a obscuridade, que o envolvia; e conclue declarando: «com sinceridade e simplicidade, para gloria deste augusto tribunal, que se Roma, tão admiravel no restante de sua policia, tivesse estabelecido uma igual magistratura, poderia sempre existir segura das corrupções, que occasionaram a sua ruina.»

A Inquisição de Estado foi estabelecida por um decreto do Conselho Maior, datado de 16 de Junho de 1454, em virtude do qual o Conselho dos Dez, em consequencia da difficuldade resultante de reunir seus membros em toda e qualquer occasião em que os seus serviços se requeressem, são authorisados para escolher tres inquisidores de estado — dois da sua propria corporação, e um do Conselho do Doge: exercitando os primeiros, que da côr de suas vestiduras de etiqueta eram denominados *I Neri*, os Pretos, as suas novas funcções por um anno; e o ultimo, por igual motivo chamado *Il Rosso*, o Roxo, ou Vermelho, gozando-as por oito mezes sómente, por serem estes dois periodos os da duração de seus respectivos cargos originarios.

Os poderes delegados pelo Conselho dos Dez são estabelecidos concisamente n'outro decreto, o da sua posse lavrado tres dias depois, pelo qual os inquisidores são investidos de toda a plenaria authoridade possuida por seus eleitores, sobre toda a pessoa, de qualquer jerarquia que seja, na Republica, quer seja cidadão, quer nobre, ou ecclesiastico, ou ainda mesmo algum dos proprios Dez; sobre todos os individuos em uma palavra, que podessem por qualquer via expôr-se a merecido castigo. As penas que podiam impôr ficavam inteiramente a seu arbitrio, e se estendiam até a capital, por execução, ou publica, ou secreta. Cada membro de per si podia instruir todos os preparatorios do juizo, mas a sentença definitiva só podia ser pronunciada por unanimidade de votos. Tinham á sua disposição medonhos calabouços, ou debaixo de tectos forrados de chumbo *(I Piombi)*, ou inferiores ao nivel dos canaes, nos subterraneos do palacio *(I Pozzi)*: e guardavam as chaves do thesouro dos Dez, sem que fossem responsaveis pelos dinheiros, que extrahiam. Todos os governadores, commandantes, e embaixadores nas côrtes estrangeiras eram obrigados a prestar-lhes obediencia. Era-lhes permittido regular seus proprios estatutos, com poder para os alterar, supprimir, ou addicionar de tempos a tempos: e para effectivamente evitar os principaes motivos de revelação do seu segredo, nenhum *Papalista*, isto é, nenhum que contasse ecclesiasticos entre as suas intimidades, ou fosse por qualquer fórma interessado para com a côrte de Roma, era elegivel para Inquisidor de Estado, posto que pertencesse ao Conselho dos Dez.

As regras que os inquisidores seguiam, como norma no exercicio das suas extensas funcções, acham-se em os estatutos. «Estes decretos, diz o escriptor dos *Sketches from Venetian History*, são as unicas ordenações postas em escriptura, em que um corpo legislativo se atrevesse a erigir um codigo sobre manifestas bases de perfidia, e de assassinio. Tambem nunca o espirito do mal estabeleceu tão livre trafico para o

commercio do crime—tão amplo fundo para os homens poderem permutar iniquidades; — jámais houve tão plenamente authorisado o commettimento de um damno certo e irremediavel, na alternativa de um bem questionavel e ambiguo; — nunca se vio toda a generosa emoção do instincto moral — toda a maxima acreditada das obrigações sociaes, tão aviltada e sujeita ao fatal jugo de uma supposta vantagem politica. Os Estatutos da Inquisição de Estado de Veneza, apresentados agora aos olhos do mundo, excedem a quanto tem produzido a perversidade humana, premeditando, e deliberando maldades systematicas, estremes, e não disfarçadas. Estes Estatutos foram dados á luz a primeira vez pelo Conde Daru na sua *Historia de Veneza*, onde os imprimiu no original veneziano, acompanhados de uma traducção franceza. O autographo deste codigo era escripto inteiramente pela mão de um dos Inquisidores: e estava encerrado n'uma boceta, e a chave, guardava-a cada um dos tres magistrados por seu turno. Na parte de fóra se declarava que todo o procedimento do Tribunal se conservasse em segredo, e que nenhum inquisidor désse demonstrações de o ser por algum signal externo: pois que a vantagem para o serviço da Estado era considerada restrictamente proporcional ao mysterio, que envolvia o tribunal. Daqui vem que as citações, ordens de prisão, e outros papeis, eram publicados em nome dos Dez; e as suas investigações eram dirigidas, e os juizos pronunciados pelos secretarios. Se a parte accusada, depois da prisão, escapava a condemnação, o que raras vezes succedia, vinha a saber a sua absolvição e soltura, não por uma sentença directa, mas por uma aspera reprehensão do carcereiro: — «Que faz vossê aqui?... já para fóra» era a saudação com que o tal cerbéro entrava no quarto do preso a quem se restituia a liberdade. Procuravam-se espias com altissima diligencia em todas as classes, artistas, cidadãos, nobres, e religiosos: e suas recompensas eram graduadas por tal maneira, que mais servissem de excitar de continuo, do que de saciar absolutamente a expectativa de as receber. O escrupuloso melindre da honra, que este bando de Judas fingia prezar, era respeitado com particular delicadeza: porque se alguem os insultasse, em termos que podesse entibiar o seu zelo, e impedir o addiccionamento de outros a semelhante emprego, ou lhes chamasse espias dos Inquisidores de Estado, a pessoa que tal praticasse seria capturada, e apoleada, até que revelasse porque modo obtivera tão perigoso conhecimento, e depois castigada ao arbitrio do Tribunal.

Os Estatutos da Inquisição de Estado podem coordenar-se em duas grandes classes, a saber, os que respeitam os Embaixadores estrangeiros residentes em Veneza, e aos Embaixadores venezianos nos paizes estrangeiros, e em segundo logar, os regulamentos de policia interna. Eram especialmente determinadas providencias numerosas respectivamente á observação dos Ministros estrangeiros; e o fim principal parece ter sido impedir a communicação entre elles e a nobreza nacional. Quatro espias, pelo menos, desconhecidos uns dos outros, escolhidos todos das classes inferiores, eram destinados para vigiar cada Embaixador residente em Veneza. A sua primeira tentativa era sobre o Secretario, a quem se podia prometter um ampl estipendio mensal unicamente pela revelação de qualquer [illegible] do commercio entre seus amos e algum nobre: as pessoas mais aptas para estas confidencias, eram os Frades e os Judeos, porque tanto uns como os outros, dizem os Estatutos, alcançam entrada em toda a parte. Se um espia ordinario era insufficiente para penetrar os segredos diplomaticos, insinuavam a algum Veneziano condemnado a degredo, que procurasse asylo em casa do Embaixador, promettendo-se-lhe logo a immunidade da perseguição do governo, e uma recompensa futura proporcionada ás suas descobertas. O asylo deste modo era um manifesto pretexto; mas como o privilegio era na realidade concedido pelo Direito das Gentes, acontecia ser muitas vezes reclamado deveras; e para taes casos os Inquisidores resolveram que, se o delicto porque o criminoso se refugiava fosse de pouca monta se disfarçasse toda a noticia do seu esconderijo; porém sendo de natureza grave se empregassem todos os meios para o prender, e sahindo infructuosos, para o assassinar. Se o fugitivo era nobre, por mais insignificante que fosse o seu delicto, devia ser immediatamente assassinado.

Quando um Embaixador estrangeiro sollicitasse perdão para qualquer proscripto deveriam tomar as medidas convenientes para indagar do caracter do réo; e se estava provado ser homem de mediana condição, de estragada moral, e de poucos meios, era provavel que podia alliciar-se para espia; e nesta conformidade se lhe dirigiriam propostas para se encarregar de *fiscalisar* a morada do Embaixador, perante quem, até em razão do favor que recebia, obteria verosimilmente familiar accesso; e ao qual, por consequencia, debaixo das apparencias de gratidão, podia mais facilmente atraiçoar. Se algum nobre fosse relatar aos Inquisidores propostas que lhe fizesse um Embaixador, seria authorisado para seguir a traiçoeira negociação, até que o agente intermediario fosse apanhado em flagrante: então, dado caso que não fosse o proprio Embaixador, ou o Secretario da Legação, mas sim algum agente secundario, de quem poderiam dizer se ignorava a qualidade, devia ser immediatamente afogado.

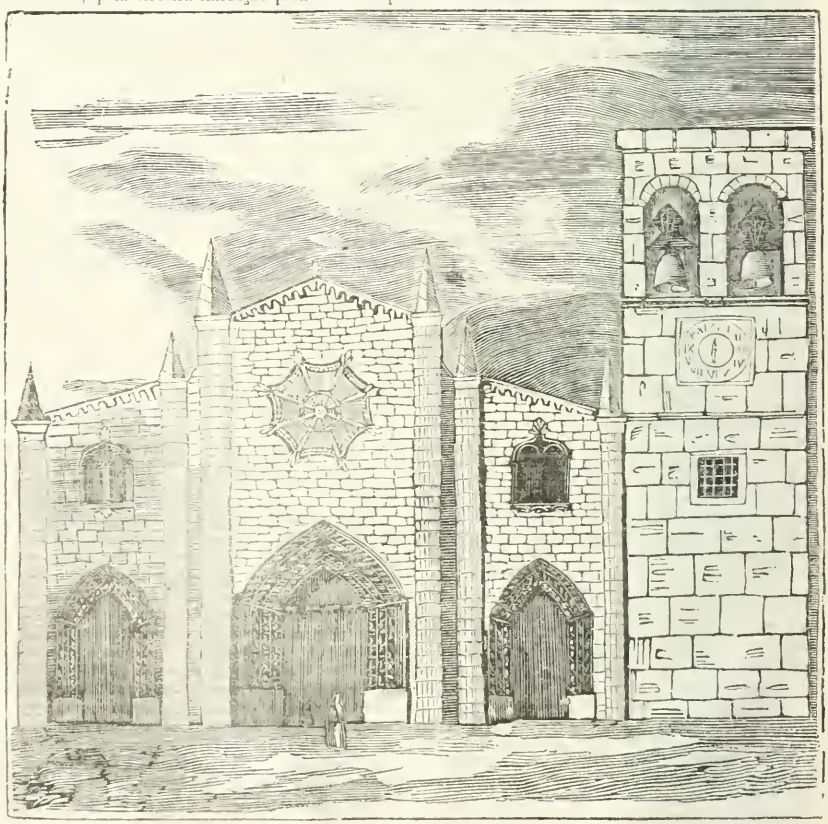
Por certo que a mais favoravel opportunidade para observar o Embaixador seriam as occasiões em que procurasse casas para residir: por isso era já lei estabelecida que se um Ministro estrangeiro quizesse alugar a um nobre a casa, o proprietario não poderia concluir o ajuste, sem primeiro obter permissão do Conselho dos Dez, que lhe prescrevia o methodo conveniente de effectuar o contrato, sem ter a minima communicação com o estrangeiro, que lhe era expressamente prohibida. Porém, para maior segurança ainda, determinavam os Estatutos que fosse examinada por cada um Inquisidor em separado, e com a mais escrupulosa particularidade, toda a casa indicada para habitação de um Ministro estrangeiro: a fim de decidirem se poderia estabelecer-se qualquer communicação occulta com as casas de aluguer adjacentes, e se o telhado corria de nivel com os outros visinhos, de modo que désse passagem de um para os outros. Se tal acontecesse a um nobre, seria este avisado para a largar, e cede-la a alguem de classe inferior «e se elle tiver uma migalha de bom juizo (diz o estatuto) entenderá e obedecerá.» Se o nobre sómente atrazia de renda, era logo mandado despejar, e o seu logar occupado por um espia, sendo as despezas da residencia costeadas, se preciso fosse, pelo Tribunal.

Os regulamentos de policia interna são concebidos no mesmo espirito. Todas as manhãs, depois da sessão do Conselho Supremo, os Inquisidores se reuniam para discutir quaes eram as posses, habitos e caracteres daquelles nobres que tinham sido nomeados para alguns cargos do estado. Dois espias, mutuamente desconhecidos, se deviam trazer no alcance daquelle em quem recahisse alguma suspeita, para seguirem todos os seus passos; e relatarem todas as suas acções. Se estes emissarios falhassem em descobrir alguma cousa de importancia, uma das pessoas mais dextras se escolheria para ir visitar o nobre á noite, e offe-

recer-lhe alguma peita da parte d'algum Embaixador estrangeiro para a revelação dos segredos do Conselho. Se ainda resistisse a esta prova, mas não fosse immediatamente denunciar a confidencia, seria apontado no livro dos suspeitos, e sempre dahi em diante cuidadosamente observado. Se algum nobre, não estando a cumprir sentença de degredo, entrasse ao serviço de côrte estrangeira, deveria ser chamado ao paiz: no caso de desobediencia todas as pessoas de sua intimidade seriam presas; e passados dois mezes de contumacia, se mandaria assassinar onde quer que se achasse; e falhando a tentativa seu nome seria riscado do *Livro aureo*. Se algum nobre fallando no Senado ou Grande Conselho divagasse do assumpto para materia, que fosse julgada prejudicial ao Estado, deveria ser no mesmo instante interrompido por um dos principaes d'entre os Dez; no caso que o orador lhe disputasse a sua authoridade, ou lhe dissesse algumas injurias, se não faria cabedal dellas no mesmo momento; porém, encerrada a sessão, deveria ser logo preso, processado conforme o delicto, e. quando se não podessem obter meios directos de convicção, executado particularmente. Quando a liberdade da discussão era assim coarctada nos corpos legislativos, não póde servir de espanto que, por outra parte se impozessem restricções á conversação. Um nobre delinquente por indiscrição de lingua deveria ser admoestado por duas vezes, pela terceira infracção prohibido de apparecer nos logares publicos e nos Conselhos, por espaço de dois annos; se passado este praso reincidisse, ou desobedecesse, o mandariam afogar por incorrigivel.

Taes são algumas das principaes disposições dos Estatutos deste celebre Tribunal, que por tanto tempo exercitou authoridade despotica sobre as vidas e bens dos Venezianos, e encheu seus espiritos de terror inexplicavel. Não eram os Inquisidores parcos no desempenho do seu horrivel systema; o mysterio e a brevidade da execução assombrava todos os cidadãos da Republica, e os habituava a occultar as suas opiniões com a maior cautela.

O Bispo Burnet refere, que quando esteve em Veneza, lhe affirmára pessoa de elevada jerarquia «que havia naquella cidade um envenenador geral, que recebia salario, e era empregado pelos Inquisidores para acabar com aquelles contra quem faria o processo publico um grande ruido.» E o mesmo accrescenta: «Custa-me a acreditar, não obstante asseverar-me a pessoa, que m'o disse, que fôra o proprio irmão de um, que tinha sido sollicitado para acceitar aquelle encargo, quem lh'o descobríra.» Todavia a existencia do officio é muito mais provavel (especialmente porque o veneno era uma das armas da Inquisição), do que haver quem fosse desinquietado para o acceitar, e depois o andasse divulgando com impunidade.



CATHEDRAL DE LAMEGO.

A Cathedral antiga de Lamego, segundo a tradição que ácerca disto ha, foi Santa Maria de Almacave, Mesquita que havia sido de mouros, e que os christãos, quando tomaram a cidade, converteram em igreja. O templo, cujo frontispicio apresentamos, é a moderna Sé, edificada pelo conde D. Henrique.

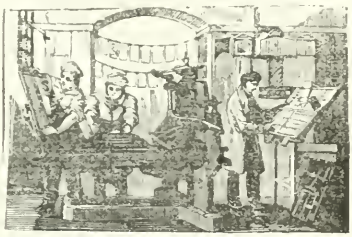
A cidade de Lamego, assentada em uma baixa, só se póde descobrir de mui perto. Uma legoa distante fica o rio Douro, e por junto lhe correm o Balsemão e o Fafel, que nasce nas visinhanças, e entra no Balsemão. E no bairro, que fica do lado do Fafel, que a Sé está edificada. No meio da cidade, n'uma pequena altura, se vê o antigo castello, em grande parte arruinado.

De remotas epochas foi Lamego Diocese, e ainda durante o dominio dos suevos; no qual tempo se acha ser um dos seus bispos o celebre escriptor Idacio. Depois da invasão dos Arabes formou esta cidade e o seu territorio um pequeno reino mourisco. D. Affonso 3.º de Leão a conquistou, e parece que nessa epocha ella estava mui abatida e despovoada; porque se refere te-la mandado este principe povoar de novo. Os Arabes brevemente a tornaram a reconquistar, volvendo successivamente, ora ao poder dos mouros, ora ao poder dos christãos, até que o conde D. Henrique se apossou della, deixando-a debaixo do governo de Eicha, seu rei, que para este fim teve a politica de se fazer christão. Foi D. Affonso Henriques que a tomou para a corôa, tornando-se Lamego desde então celebre por causa das primeiras côrtes portuguezas, que se dizem alli celebradas, mas cuja existencia é hoje mais do que duvidosa.

A Sé de Lamego foi illustre pelas virtudes dos bispos que ahi presidiram: mas devemos exceptuar do numero delles D. João da Silva, de quem se conta que el-rei D. João 2.º, estando para morrer, o mandara chamar, e lhe dissera que uma só cousa lhe gravava a consciencia naquella hora extrema, que era o te-lo feito bispo, dignidade que elle tinha deshonrado com o seu vicioso procedimento. Diz-se que esta reprehensão do rei moribundo produzíra tal effeito no espirito do dissoluto prelado, que apertando a mão de D. João 2.º, alli jurou mudar de costumes. Na capella mór da Cathedral estava sobre um retabulo a memoria deste acontecimento, a qual consistia em duas mãos cruzadas, junto aos pés de uma cruz, mandada pôr naquelle logar por D. João da Silva, que desde então foi o modelo dos prelados. Caso este por ventura unico, em que um rei, não muito santo, soube fazer o milagre de converter um bispo desenfreado.

A posição de Lamego, no interior do sertão, fez com que o seu crescimento haja sido mui vagaroso. No principio do 16.º seculo a sua população não excedia o numero de 1000 visinhos; porém durante tres seculos pouco tem augmentado, em comparação de outras cidades do reino. Naquelle tempo era Lamego terra de grande tracto, e nella havia uma fabrica real de lonas, e varios outros estofos e fazendas, que ha muito deixou de existir. Aqui, antes do descobrimento da India, se fazia uma feira annual, a que os mouros de Granada vinham vender as especiarias do Oriente, das quaes se abastecia todo o reino. Os impostos, que os reis pozeram aos mercadores que a ella vinham, não contribuiram menos do que a viagem de Vasco da Gama, para destruir este tracto, que depois debalde os moradores tentaram restabelecer, talvez, para outros objectos commerciaes. Por outra parte, a introducção de fazendas francezas acabou, nos reinados de D. Manoel e D. João 3.º, com os tecidos que se fabricavam nesta cidade.

Lamego é uma das povoações do nosso paiz, onde se conservam mais antigos monumentos dos tempos primitivos da Monarchia, e de que ainda para diante teremos occasião de fallar. As cercanias da cidade são montuosas, porém aprazíveis e ferteis: alli se encontra abundancia de todo o genero de excellentes fructos: os ares são sadios, posto que as visinhanças do Douro ás vezes os engrossem de nevoeiros pesados. Em geral o paiz é selvoso, mas a verdura dos soutos e bosques é nas provincias do Norte, como uma compensação dos cerros escalvados que se encontram em todos os paizes montanhosos, e que nellas são communs, sobre tudo no Beira e no Minho.



VISTA DE UMA OFFICINA.

Origem da Typographia — Typographia Portugueza.

1.º

Origem da Typographia.

A invenção da imprensa deve a Europa a sua civilisação actual: é este um facto que hoje ninguem contesta: o indagar quem foi o seu inventor não é pois uma simples curiosidade, é antes um dever de gratidão. Esta indagação tem sido, com effeito, objecto de muitos livros e dissertações durante tres seculos, e dellas ha resultado uma serie de factos interessantes que, se não teem estabelecido indubitavelmente a verdade, ao menos produziram a este respeito um gráu de probabilidade, que toca as raizes da certeza. Por esta razão, e por nos abstermos de discussões improprias deste logar, diremos o que nesta materia é provavel, sem nos embaraçarmos com as opiniões menos fundadas, seguidas por muitos escriptores.

Cumpre antes de tudo distinguir as diversas maneiras de multiplicar as copias de qualquer original, estampando este sobre superficies planas, e as diversas fórmas de preparar este original, para alcançar semelhante resultado. De feito, para formar o typo das differentes copias que se quizerem tirar de um discurso, se podem empregar varios methodos; o gravar em uma prancha de páu, ou de metal, os caracteres, e estes serem profundados ou em relevo: o reunir caracteres moveis em um quadro, e com elles assim reunidos estampar o que se pretende: serem estes caracteres de metal, ou de madeira, e no primeiro caso, fundidos ou esculpidos: eis diversas maneiras de alcançar o mesmo resultado. Importa agora ver se a todos estes methodos se póde chamar *Arte Typographica*, ou se tão sómente a alguns delles. E isto que vamos examinar.

Ha uma arte, cuja origem se perde nas trévas dos tempos, pela qual se multiplicam os exemplares das moedas, dos monumentos, das pinturas, e de mil outros objectos: a esta arte se chama *gravura*. Desde os Egypcios, antes da invenção do alphabeto, ella é conhecida, e até nas linguas primitivas o verbo *escrever*

sôa como *gravar*, ou vem de raizes que exprimem esta idéa. É verdade que ao principio a gravura se não multiplicava, e em cada objecto eram individualmente abertas ou resaltadas as letras ou os desenhos; mas os anneis, com que se assellavam as cartas, brevemente se inventaram, e depois os sellos, propriamente ditos, além das moedas effigiadas, que remontam a grande antiguidade. Ha memorias claras e irrefragaveis de que os Romanos gravaram letras em pranchas de metal ou de madeira, para ensinar os cegos a ler. Quintiliano recommenda semelhante systema para as creanças, e S. Jeronymo falla na invenção de letras soltas, gravadas como os nossos typos, para o mesmo fim. Em tempos modernos, no fim do 14.º seculo, usava-se a impressão de estampas abertas em páu, e muitas acompanhadas de texto ou escriptura semelhante á da typographia, tanto que varios auctores olham como monumentos desta arte, o que apenas o é da gravura em páu, de que adiante fallaremos.

Mas nada disto era a typographia; porque, aliás, esta nunca teria sido inventada, antes fôra um aperfeiçoamento ou variedade da gravura; e porque o que propriamente a distingue desta, e a faz a mais preciosa arte, é a *mobilidade dos typos applicada á estampa dos discursos*. E isto que indubitavelmente foi inventado na Europa, durante o 15.º seculo.

Devemos comtudo confessar, que é extremamente provavel que a gravura, e sobretudo a gravura de estampas acompanhadas de explicações, suscitasse a primeira idéa da typographia: mas pela historia desta se vê quantos trabalhos, e que perseverança foi necessaria para pôr por obra essa concepção admiravel.

Uma grande multidão de documentos, o testemunho dos mais respeitaveis escriptores contemporaneos, ou quasi contemporaneos, devem fazer-nos crer, que esta idéa occorreu pela primeira vez a João Guttemberg, natural de Moguncia, durante a epocha em que esteve estabelecido em Strasburgo, de 1424 até 1445.

Homo (João) Goensfleisch de Sulgeloch, chamado tambem João Guttenberger, Gudenburch, Gudinberg nasceu em Moguncia (Mainz) por 1398. Obrigado a sair da sua patria, por causa de guerras civis, foi em 1424 estabelecer-se em Strasburgo, onde se conservou largos annos. Em 1439 teve uma demanda com os herdeiros de um certo *Dritzehn*, por causa de varias sommas, mediante as quaes Guttemberg tinha admittido este a entrar na empreza de uma *invenção maravilhosa*, que os havia de enriquecer a ambos. Pelas actas deste processo se prova que Guttemberg, quando morreu Dritzehn, em cuja casa estavam as machinas e apparelhos da *invenção maravilhosa*, mandára mui depressa desmanchar *as fórmas, para que os pedaços que ellas continham se confundissem, e se podessem amontoar debaixo da imprensa ou prelo.*

Daqui se póde concluir que foi em Strasburgo, que se fizeram as primeiras tentativas da arte typographica, sem comtudo se tirar ainda dellas alguma obra ou resultado.

Em 1445 Guttemberg voltou a Moguncia, sua patria: alli, sem duvida, continuou a trabalhar na sua invenção da typographia, ou estampa com *caracteres moveis*. Se estes eram de madeira, ou de metal, fundidos, ou gravados, é ponto que ainda não está decidido. Gasta a sua riqueza nessas tentativas, cansado de ter empregado tantos annos infructuosamente naquella empreza, Guttemberg não desanimára. Declarando o seu invento a João Fust ou Faust, cidadão de Moguncia, o tomou por socio, e ajudado pelo dinheiro e talento deste, pôde em fim ver o resultado de suas fadigas. A opinião mais provavel é que então os dous reunidos começaram a fundir as matrizes ou fórmas, e a tirar nellas os typos metallicos em relevo. Com estes imprimiram a celebre Biblia sem data, que deve ter sido impressa desde 1450 até 1455, e da qual um exemplar em papel existe na Bibliotheca publica de Lisboa.

Em 1454 Fust rompeu a sociedade que fizera com Guttemberg, e este, em consequencia das sommas que tinha recebido adiantadas, se viu obrigado a cederlhe os prelos e mais apparelhos da imprensa.

Em quanto durava a sociedade de Guttemberg e Fust, elles haviam feito entrar nella, para os ajudar, Pedro *Schoeffer* ou *Schoyffer* de *Gernsheim*, ou Pedro *Opilio*, nome alatinado de Schoeffer, que em allemão significa pastor. Este aperfeiçoou a composição dos typos, e completou a arte. O que para isto faltava, e em que consistiram os aperfeiçoamentos de Schoeffer, é difficil hoje dizer.

Fust deu sua filha em casamento a Schoeffer, segundo se conta, em attenção ao grande melhoramento que este havia feito na sua typographia. O sogro e genro, separados de Guttemberg, começaram então a imprimir varias obras. O haverem impresso só uma Biblia antes dessa separação, e o grande numero de volumes que depois della publicaram, prova que Schoeffer tinha feito progredir muitissimo a arte. O livro mais antigo com data, que existe, é da typographia de Fust e Schoeffer, e vem a ser o *Psalterio (Psalmorum Codex)*, impresso em Moguncia em 1457, 1 volume em folio grande, reimpresso, tambem por elles, em 1459, anno em que publicaram o *Racional de Durando*. Em 1460 saíu dos prelos de Fust e Schoeffer o livro das *Constituições de Clemente 5.º*, e em 1462 uma Biblia, em 2 volumes de folio, conhecida pelo nome da *Biblia de 62*, da qual um exemplar existe na Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Ajudado por João de Meydenbach e Conrado Humery, Guttemberg estabeleceu pouco depois da dissolução da sociedade que tivera com Fust e Schoeffer, outra typographia em Moguncia. O que com certeza chegou até nós desta nova officina, é o *Catholicon* de 1460, especie de Diccionario latino, precedido por uma grammatica. Nada mais nos resta de Guttemberg, que, elevado á cathegoria de nobre pelo eleitor de Moguncia, que juntamente lhe concedeu uma pensão, abandonou a arte, deixando a typographia aos seus collaboradores, os dois irmãos Bechtermuncze, Spyes, e outros, os quaes em 1467 imprimiram em Eifeld o *Vocabularium ex quo*, especie de Diccionario latino-allemão.

Em breves annos a typographia se espalhou pela Europa. Em Bamberga appareceu em 1461 uma collecção de Fabulas em allemão, e no anno seguinte o livro das *Quatro Historias*, impresso por Alberto Pfister. Os typographos Mentel e Eggesteyn imprimiam em Strasburgo por 1466, e em Colonia Ulrico Zell por 1465. Conrado Sweinheim, Amoldo Pannartz e Ulrico Han introduziram esta arte na Italia, durante o pontificado de Paulo 2.º, e em Subiaco, mosteiro situado na campanha de Roma, publicaram as obras de Lactancio em 1465. Sweinheim e Pannartz foram depois estabelecer-se em Roma, separados de Ulrico Han, que tambem ahi fundou uma typographia, imprimindo aquelles em 1467 as *Epistolas Familiares* de Cicero, e este as *Meditações* do Cardeal Turrecremata, no mesmo anno. João de Spira levou a imprensa a Veneza, e alli imprimiu, em 1469, os livros de Plinio o naturalista. Em França começou a typographia em 1469. João de La-Pierre, prior da Sorbonna, mandou vir de Moguncia os tres impressores, Martim Crantz, Ulrico Gering, e Miguel Friburger, que assentaram seus prelos no edificio da Sorbonna, e começando a imprimir naquelle anno,

tiraram á luz as *Epistolas de Gasparini*. Em Hollanda, apesar de alguns Hollandezes pretenderem que a typographia fosse inventada no seu paiz por Lourenço Coster desde 1430 até 1440, não apparece nenhuma obra impressa com caracteres moveis, anterior a 1478. Em Inglaterra é incerta a epocha da introducção da typographia; mas parece ter sido Caxton o primeiro impressor neste paiz, começando ahi a arte typographica depois de 1470. Da Hespanha fallaremos quando tractarmos de Portugal.

Impressão Tabularia.

Chama-se em geral *impressão tabularia* aquella que é feita com pranchas ou laminas solidas, como os *fac-similes* de qualquer escriptura, e as estampas de pau ou metal. Quando estas pranchas são de madeira, chama-se-lhe *impressão xilographica*; taes são os desenhos que damos no Panorama. Este genero de impressão é mais antigo do que a typographia, e é a sua historia que julgamos dever bosquejar, depois da noticia que démos desta maravilhosa arte.

A gravura em madeira e em cobre existia na Europa antes dos fins do 14.º seculo e principios do 15.º Foi porém neste tempo, que ella começou a estender-se á xilographia, ou para melhor dizer, á impressão tabularia. Esta era conhecida na China, segundo alguns auctores, 300 annos antes da era de J. C. Segundo outros, data naquelle paiz de epocha mais recente. O modo porque alli imprimem é o seguinte. Um bom copista transcreve o livro, que se pretende estampar, em um papel subtil e transparente; o gravador gruda cada folha sobre uma prancha de páu duro e lizo, depois com um ferro bem affiado vai resaltando os caracteres, e vasando o resto da superficie da lamina, até a pagina ficar composta.

O impressor tem duas escovas uma que serve para dar a tinta nos caracteres, avultados na prancha em relevo, e outra, muito macia, com que corre por cima cada folha de papel, apertando-a assim contra a prancha gravada. É este papel tão fino, que, bem longe de poder servir para a impressão nos nossos prelos ordinarios, nem sequer nelle se poderia estampar á mão, methodo que usamos para tirar provas. Uma folha de impressão é, como na Europa, composta de varias paginas, e assim as pranchas se collocam umas ao pé das outras separadas com regretas, as quaes são tambem entalhadas pela borda com ornatos variados, de tal maneira, que depois do livro encadernado, fica cheio de adornos pelas margens das paginas. Como o papel pela sua finura não póde ser impresso senão de um lado, as pranchas se dispõem ao comprido, fazendo uma longa tira, e o papel (que tem a mesma fórma), depois de estampado, se dobra de modo, que cada pagina se une pelo inverso com a pagina immediata, á qual se gruda, ficando assim consistentes as folhas do livro.

Os Chins, apesar de terem noticia do systema typographico dos Europeos, conservam a arte na infancia, como o fazem ás outras artes, aos costumes, ás instituições, ás leis. A impressão xilographica de que usam tem porém algumas vantagens: as fórmas esculpidas conservam-se inteiras para repetidas edições, do mesmo modo que na stereotypia da Europa, sem como esta terem o defeito de absorver uma grande porção de metal: sendo as pranchas de madeira boa e rija, como o buxo, sorveira ou bambú, podem tirar com ellas cem mil exemplares, sem que os typos cansem: o preço porque neste caso sáe cada exemplar é extremamente barato.

A impressão tabularia estava pois, como já dissemos, em uso na Europa antes do principio do 15.º seculo, mas foi neste tempo que ella se tornou mais frequente. Applicavam semelhante genero de impressão a multiplicar as copias dos desenhos, que nessa epocha se estimavam, e buscavam muito na Allemanha e na Italia. Appareceu então um grande numero de gravadores, que abriam em páu duas castas de estampas bem diversas — as cartas de jogar e as imagens — que se intercalavam nos livros communs de resa. Copiaram-se para estes os contornos das figuras de santos e das scenas biblicas, que andavam pelos missaes e mais livros ecclesiasticos, copiados e ornados pelos copistas dos mosteiros. O povo gostava muito destas estampas, e pouco a pouco lhes foram ajuntando explicações gravadas na mesma taboa, em que se abria o desenho. Isto produziu a impressão tabularia dos discursos, e deu provavelmente as primeiras idéas de typographia.

Os mais antigos monumentos, que nos restam desta especie de gravura, são as chamadas *Biblias dos Pobres* (*Biblia Pauperum*), compostas de representações tiradas da Escriptura, e acompanhadas de textos appropriados. Dellas ha 5 edições diversas sem data, mas que provavelmente se imprimiram em 1430 a 1450. Quatro se compõem de 40 folhas, e uma de 50, do tamanho deste jornal, e impressas de um só lado. Pelo mesmo tempo, em que estas appareceram, se estamparam muitas outras obras, que seria longo enumerar, entre as quaes as mais celebres são o *Espelho da Salvação* (*Speculum salutis*) e o *Donatus*, especie de grammatica, de que se usava na idade media, e que geralmente se crê ser um compendio da de Elio Donato, grammatico romano do 4.º seculo.

D'ambas estas obras, de que se tiraram repetidas edições tabularias, restam varios exemplares, que mostram haverem nellas feito os inventores da typographia as suas primeiras tentativas de imprimir com caracteres moveis, talvez primeiramente de páu, e depois fundidos. E o que é mais notavel, é que em alguns dos exemplares, que se conhecem hoje, apparecem as differentes gradações porque se chegou á typographia. Em uns, estampas, e texto são inteiramente gravados em pranchas solidas; n'outros, o texto parece impresso com typos moveis de madeira; n'outros, em fim, o texto é estampado com typos fundidos, e inteiramente iguaes aos com que foi impressa a Biblia sem data de Guttemberg e Fust, de que já acima fallamos.

Nestes, e nos antecedentes, a côr da tinta é um dos argumentos de haver sido o texto impresso de diversa maneira das figuras ou estampas. A côr destas é um preto desmaiado, e a daquelle é negro, semelhante á das edições indubitavelmente typographicas. Isto apparece em varias edições dos *Donatus*, dos quaes o bibliographo Fischer aponta dois, em que o texto é impresso com os caracteres da Biblia sem data.

Depois que a arte typographica se começou a espalhar pela Europa, a impressão tabularia se foi reduzindo, e se tornou nos livros uma parte secundaria da typographia. Os impressores do 16.º seculo empregaram a gravura em páu para estampar as letras iniciaes, os rostos dos livros, e os adornos que usavam nas margens das paginas, e sobre tudo no principio e fim da obra, e que substituiram as pinturas feitas á mão, com que se ornavam as edições do 15.º seculo, onde se deixavam largas margens, e as iniciaes em branco, para se pintarem de côres variadas e ouro, com que ficavam imitando os antigos manuscriptos.

Circumstancias notaveis das primeiras edições.

Os caracteres, com que se começou a imprimir, são extremamente cheios de angulos e linhas, que sáem destes, e que tornam difficil a sua leitura, para os pouco versados no exame dos manuscriptos do 15.º

seculo. Estes caracteres apparecem só nas edições tabularias. Os inventores da typographia introduziram uma letra menos angulosa, a qual ainda hoje é a letra de imprensa em Allemanha, e que de novo começa a usar-se nas outras nações para os frontispicios dos livros e rubricas (titulos) dos capitulos. Dá-se-lhe vulgarmente o nome de *letra allemãa* ou *flamenga*.

O *redondo* ou *romano*, que hoje usamos, começou na Allemanha em 1472, e dalli se estendeu para o sul da Europa, d'onde foi pouco a pouco expulsando o caracter allemão: na Belgica misturaram-se um com outro, e apparecem edições daquelle paiz, em que simultaneamente se empregaram ambas as fórmas de caracter.

O *italico* ou *veneziano*, cuja origem vem da letra cursiva da Chancellaria romana, foi inventado em Veneza pelos celebres *Aldos*, impressores daquella cidade, cujas primeiras edições foram em redondo, passando ao italico, de que quasi constantemente usaram durante mais de um seculo, que existiu aquella typographia na familia dos Aldos.

Os primeiros monumentos typographicos são tão cheios de abbreviaturas, que mais ainda por este motivo, do que pela fórma dos caracteres, se torna grandemente difficil a sua leitura. Já por aquelles tempos os breves embaraçavam tanto os leitores, que em 1483 se publicou um livro em latim, com o titulo = *Do modo de lêr as abbreviaturas.*

Os *reclamos*, ou chamadas no fim da pagina, que consistem nas primeiras letras da pagina seguinte, não se usavam no principio da typographia, como em nossos dias tambem cairam em desuso. A numeração das paginas começou a marcar-se em 1469, mas falta ainda em edições muito posteriores, e ordinariamente se apontava só no recto da folha, de modo que era antes o numero destas que se pretendia indicar, do que o das paginas.

Os *alineas*, os principios dos paragraphos, apparecem muitas vezes saindo fóra do alinhamento prependicular da pagina, outras vezes perfeitamente igualados com este, outras em fim reintrantes, como ainda costumamos. Em quasi todas as primeiras edições os livros não tem rosto, ou quando muito, em logar deste, uma linha ou duas em letras minusculas, que indicam brevemente o conteudo da obra. Estes são os mais vulgares signaes, por onde se conhecem as edições de seculo 15.º, cujo preço em geral é grande. A ignorancia destas circumstancias tem feito com que do nosso paiz tenham saído tantas preciosidades deste genero, que os estrangeiros muitas vezes compram por um preço assaz modico.

Os livros foram no principio da typographia mui caros; porque as despezas necessarias para imprimir qualquer obra eram muitissimo maiores. A obra, que hoje custaria um quartinho, custava então a somma de umas poucas de moedas; porque além das grandes despezas que se faziam, não se tiravam ordinariamente mais de trezentos exemplares de cada obra. Daqui nasceu em parte o serem hoje alguns desses primeiros livros tão raros, que se tem chegado a pagar ultimamente um volume por uns poucos de mil cruzados.

A resposta heroica. — Quando o Proconsul romano Decio Junio Bruto campeava na Lusitania, sujeitando-a quasi toda, e levando suas armas vencedoras até o rio Minho, uma só cidade, que se chamava Cinania, se teve firme e constante, resistindo ao vencedor orgulhoso. Bruto, ou porque lhe não convinha demorar-se na expugnação da cidade, ou porque receou não a poder render, mandou propôr aos habitantes, que se elles quizessem remir-se a dinheiro, os deixaria em paz. Os nobres e generosos Lusitanos responderam: «*que seus maiores lhes haviam deixado ferro, com que defendessem a sua liberdade, e não ouro, com que a comprassem a um general avarento.*» Esta resposta é tão magnanima, que Valerio Maximo, referindo o caso, accrescenta, que *mais quereriam os romanos have-la dado do que ouvido.*

Durante a guerra de Viriato na Lusitania, succedeu que Caio Minicio, tribuno da legião decima-gemina-romana, ficasse mortalmente ferido em uma batalha: e como fosse deixado por morto no campo, e desamparado e abandonado do seu capitão e camaradas, um cavalleiro lusitano, por nome Ebucio, o salvou, e o mandou curar e tractar. O tribuno sómente viveu alguns dias; mas antes de morrer de suas feridas, mandou lavrar uma lapida, e nella deixou aos vindouros um testemunho perenne de reconhecimento e gratidão á piedosa humanidade, com que fôra tractado pelo generoso inimigo, declarando que morria triste e magoado por não poder retribuir tamanho beneficio da maneira que convinha a um Romano. A lapida ainda se conservava no tempo de Resende; e della diz, com razão, Diogo Mendes de Vasconcellos, que é de todos os monumentos que temos daquella antiga idade, o mais digno de perpetuar-se na memoria dos Lusitanos, por conter um illustre exemplo de piedade, raro em inimigos, e tão admiravel, que a gente lusitana se devera gloriar delle, não menos que das proprias victorias do seu insigne capitão.

O Accio da India. — Os bramenes não podem soffrer que um europeu tire o lenço e depois de assoar-se o torne a metter na algibeira: isto lhes causa extrema nausea e lhes perturba a cabeça, porque elles o fazem com muita mais limpeza do que nós. Quando um bramene precisa assoar-se, sáe do logar onde está, retira-se para um canto, agarra o nariz, assoa-se na palma da mão — limpa-a a parede — e volta ao logar onde estava, tendo feito esta operação com todo o accio possivel.

Affeição de um Lobo. — Para adornar a descripção da estructura dos animaes Mr. Decandolle, professor de historia natural em Genebra, introduzia nas suas lições varias particularidades interessantes ácerca do que elle chamava, *moral dos animaes*, ou, como nós diremos, das suas disposições naturaes, e as mudanças que nelles se podem fazer, quando sujeitos ao dominio do homem. Entre outros exemplos da affeição que por vezes até os lobos tem mostrado a seus donos, referiu um caso acontecido nas visinhanças de Genebra. Madame M. . . . tinha um lobo domesticado, que mostrava á dona a mesma amisade que lhe poderia ter um cachorrinho. Teve ella necessidade de saír de casa por algumas semanas: o lobo vendo-a desapparecer, mostrou a maior afflicção possivel, e por muitos dias regeitou o alimento. Durante a ausencia de sua dona o pobre animal parecia muito abatido. Ella voltou, em fim; ao sentir-lhe os passos, o lobo correu ao quarto, onde ella estava, transportado de alegria; ergueu-se em pé, e poz-lhe as patas sobre os hombros: porém no mesmo momento, caíu para traz e instantaneamente expirou.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Crucifixo. N.º 13 = 1.º andar.

Lisboa. — Na Imprensa Nacional.

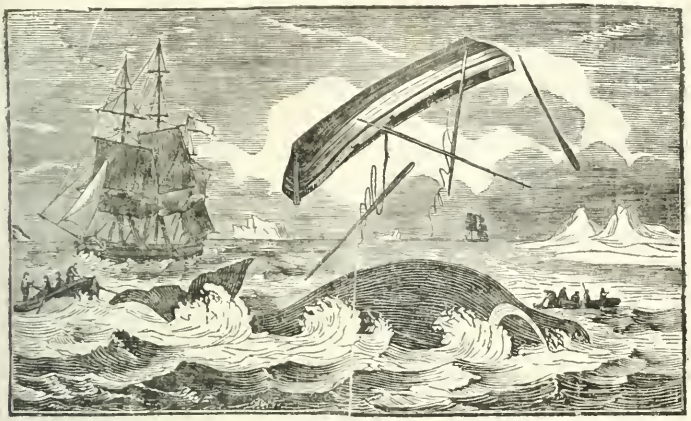
OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

5) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (Junho 3, 1837.



PERIGO DA PESCA DA BALEA.

A BALEA — E A SUA PESCA.

Os cetaceos, que formam a undecima familia, ou ordem, da grande classe dos mammaes, e que tem por caracter distincto a falta d'extremidades posteriores, foram por muito tempo confundidos com os peixes; e de facto habitam na agoa, posto que toda a sua organisação interna se assemelhe á dos mammaes ordinarios. Não tem pello: a cabeça é na parte anterior bastante achatada, e os queixos alongados; as ventas n'uma direcção mais ou menos perpendicular, segundo as especies, e se lhes dá o nome de respiros, porque os cetaceos jorram por elles a agoa a uma grande altura. Só uma especie de cetaceos teem dentes, que, por sua situação, se possam chamar incisivos: as outras especies teem só molares, ou são inteiramente destituidas de dentes. Todas teem a pelle forrada de um toucinho oleoso, e os olhos pequenos; e commummente uma barbatana vertical sobre o dorso, além das anteriores, e da caudal, ou do rabo: não tem pescoço distincto, nem concha do ouvido, mas sómente um pequeno conducto auditivo. Os generos são: os Golphinus (*Delphinus*); os Cacholottes (*Physeter*); as Baleas (*Balœna*); e o Unicornio (*Monodon*),

O genero das Baleas, que formam o objecto do nosso artigo, teem os respiros no meio da cabeça; e em logar de dentes, laminas, triangulares de uma substancia fibrosa, com rijeza e elasticidade cornea, enxeridas verticalmente no paladar, e apinhadas parallelamente, e na borda livre com fibras delgadas, que servem de embaraçar, e deter os pequenos animaes, de que se nutre a Balea: a esta substancia se dá no commercio o nome de *barba de Balea*.

Distinguem-se duas especies de Balea. — A Balea ordinaria do Norte (*Balœna mistecetus*, Lin.) é o maior dos animaes conhecidos: pescaram-se em outro tempo algumas de cento e vinte pés de comprido; porém no tempo presente não apparecem com mais de oitenta, fazendo a cabeça o terço deste comprimento: sua boca contém de quinhentas a seiscentas barbas de Balea, e todo o peso do animal deita acima de trezentos milheiros de libras. Não tem barbatana ao longo do espinhaço, como a outra especie, que é a Balea gibbar (*Balœna physalus*): esta é do comprimento da Balea ordinaria, ou talvez maior, porém mais delgada; é muito mais activa, e por consequencia mais difficil de apanhar, e menos productiva em azeite, porque tem menos toucinho: tem as barbas mais curtas e nodosas, e egualmente a tal barbatana dorsal, pelo que os baleeiros inglezes lhe chamam *razor-back*, costa anavalhada.

As Baleas se nutrem de pequeninos molluscos (1), abundantissimos nos mares em que ella habita. Causaria maravilha como tão grande vulto póde alimentar-se com tão diminutos animalculos; mas a nossa admiração deve cessar logo que examinarmos a sua economia animal. A boca da Balea é de enorme tamanho, e, quando aberta, apresenta uma concavidade como uma camara pequena. Ella faz as vezes de um coador em separar o alimento da agoa, porque, como já dissemos, é composta de obra de trezentas laminas de *barba de Balea* em cada lado da queixada superior: estas laminas tem as extremidades mais largas engastadas nas gengivas, e as mais estreitas continuam pela parte superior da boca, e assim formam a caixa do que chamamos um coador; e as bordas

(1) Os *molluscos* são uma classe de animaes de sangue branco, cujo corpo, ou pelo menos os membros, não tem ossos por dentro, inda que alguns sejam envoltos em uns estojos solidos, e ate de natureza de pedra, chamados conchas (*testa*); e a estes se dá em particular o nome de *testaceos*. Estes, e os que são de todo nús, comprehende o barão Cuvier debaixo do nome commum de *molluscos*, formando a quinta classe no seu systema de classificação dos animaes. Assim os Pólvos, os Caracoes, os Mexilhões, são molluscos, posto que pertencentes a generos, e ordens distinctas.

das ditas laminas são recortadas em innumeraveis fibras ou sedas, que dão áquella parte superior da boca a apparencia de uma vasta escova. Quando a Balea come é por este modo: nada com summa velocidade por baixo da superficie da agoa com as queixadas abertas, e toma na boca espaçosa um volume d'agoa, onde fluctuam em grande quantidade os animaes que lhe servem de pasto; a agoa se escôa pelos lados, mas vae, por assim dizer, peneirada pela escova ou coador de *barba de balea*, que é tão compactamente construido, que nem uma só particula de alimento deixa escapar: a direcção do fluxo da agoa, e as fibras da barba impellem os animalculos para o orificio da goela; então fecha a boca e os traga de um só jacto. Findo isto torna a começar a mesma operação.

Os olhos da Balea são desproporcionados ao tamanho por pequenos, pois excedem pouco aos do Boi: comtudo o animal possue soffrivel boa vista; e não tem, segundo diz o Capitão Scoresby, o ouvido tão embotado, como o faria suspeitar a falta absoluta de toda a externa apparencia daquelle orgão.

As Nações europeas enviam todos os annos mais de trezentas embarcações á pesca da Balea nos mares do Norte, a qual principiou no seculo duodecimo, tendo por objecto principal o azeite, que se extrae da gordura deste Cetaceo. E como esta pesca, sendo objecto de grande interesse, o é tambem de muita curiosidade, daremos aqui o extracto do diario de um navio baleeiro, onde se particularisam as suas mais essenciaes circumstancias, na persuasão de que o Publico Portuguez folgará de as saber, agora que uma forte empresa nacional encetou a mesma carreira.

O navio, do lote de 370 toneladas, deu á vela de Whitby, villa do Condado de York, em Março de 183—, e dirigiu-se ao porto de Lerwich, das ilhas de Shettland, do mar da Escocia, para concluir seus preparativos, conforme ao uso da maior parte dos baleeiros do Norte; e d'ahi fez-se á vela a 8 de Abril para o Estreito de Davis. O local para a pesca tinha recentemente mudado, porque o animal fôra obrigado, por um dilatado periodo de perseguição a abandonar as paragens das costas occidentaes da Groenlandia, e mares circumvisinhos, quando a sua abundancia na Bahia de Baffin era certificada por diversas viagens de descobrimento, feito naquella região durante os ultimos quinze ou vinte annos. As Baleas abundam mais no mez de Junho, e posto que se encontrem em todas as alturas, são mais frequentes e maiores nas visinhanças das grandes massas de gelo.

Logo que chegaram á latitude, em que esperavam encontrar *peixe*, pozeram as lanchas promptas para um caso repentino, e todos os mais preparativos, com tres lanchas por banda, suspensas de modo, que, ou uma, ou todas se arreassem n'um minuto, logo que a Balea estivesse á vista. Uma lancha baleeira tem de vinte e quatro a trinta pés de comprimento (36 a 45 palmos), e é construida de maneira que reuna as propriedades de se manobrar, e vogar com presteza, e de aguentar esforços consideraveis, e mares cavados: cada uma tem d'equipagem sete a nove homens, e leva sete a oito quintaes de linha-baleeira, e apparelhos: são largas á proporção, para resistir aos esforços do animal quando mergulha, que a não ser isso as puxaria para debaixo d'agoa, accidente que todavia não é muito raro. Cada uma, quando está em exercicio, anda provida com dois arpões ou fisgas, seis ou oito lanças, e cinco a sete remos; uma pequena flamula, que se arvora na pôpa quando a Balea está fisgada; um *tail-knife* (corta-rabo) para cortar as barbatanas á Balea morta; um arrimo ou descanço em que se põe o arpão para estar prompto a todo instante; machadinha para cortar a linha sendo necessario; um balde pequeno para despejar a lancha, e humedecer a linha, que se vae largando, a fim de prevenir que pela fricção prenda fogo na lancha; fateixa, croques, pá de arredar neve, e outros artigos de pouca monta. As lanchas maiores tambem são fornecidas com pequenos cabrestantes para recolherem, depois de morta, a Balea, e a linha que lhe largaram.

O arpão se prepara com uma peça de corda, de cousa de sête varas de comprido, entrelaçada com a cana ou verga do arpão, cuja grossura, onde entra o cepo, não deixa escorregar a corda: a outra ponta desta corda é pregada ao cepo, que estando mettido na dita verga ou cana com firmeza sufficiente para não sair do logar no acto do arremessão, não obstante isso é abalado pelos movimentos da Balea ferida. O objecto deste arranjo é que a pêga do arpão farpado não seja prejudicada pelo movimento de uma comprida alavanca como o cepo, e que este ultimo, estando amarrado ao arpão, sirva para indicar a situação da Balea por debaixo d'agoa, porque fluctua na superficie, e se não perde.

Todos as arpões tem esculpido o nome do navio, para no caso de se evadir a Balea, e de ser o arpão recuperado por outra embarcação, poder determinar-se o direito do navio proprietario.

Depois destes preliminares se alimpam e aguçam as pontas e farpas dos arpões, e se cobrem com lona, ou papel azeitado para os conservar assim até que sejam mettidos nas lanchas, e amarrados ás linhas para uso immediato.

As linhas-baleeiras são fabricadas do melhor cânamo, e feitas com todo o cuidado. Tem de diametro tres quartos de pollegada, e de comprido 120 braças; e a bordo de cada lancha se mettem seis juntas umas ás outras. Preso o arpão a uma ponta, o resto da linha é enroscado com toda a regularidade nos repartimentos da lancha, e a outra extremidade tem de prevenção uma azelha, para poder accrescentar-se outra porção de linhas d'outra lancha, no caso de precisão.

Sabido isto, voltemos aos pescadores do nosso navio. A 23 do mez de Abril deram vista de um *peixe*, como vulgarmente lhe chamam. Dois marinheiros saltaram no mesmo instante para as lanchas, que em menos d'um minuto estavam já n'agoa, e foram demanda-la; e porque se descobriram mais outras Baleas, immediatamente seguiram os primeiros mais duas lanchas para os assistir e ajudar. Primeiramente fizeram força de remos para uma planicie ou ilha de gelo, junto á qual se tinha visto o animal, alongando todos a vista, anciosa pela sua re-apparição, que, felizmente para o exito da pesca, se effectuou obra de um quarto de milha mais adiante. Conservando e maior silencio, porque estava um tempo tão serenoo que se corria o risco, de com a bulha dos remos, in, da que habil e mansamente agitados, espantar a Balea; o homem do governo ordenou aos marujos quparassem, em quanto elle vogava para o animal poe meio do remo especialmente empregado, nestas ocr casiões, para governar em vez do leme. Mas a distancia tinha sido avaliada pelo baixo, e antes que a lancha estivesse bem a tiro do arpoador, o curto espaço de tempo, que a Balea permanece á superficie decorreu, e o animal de novo desapparecen: mas pela direcção em que jazia, e pelo redemoinho que sergueu quando profundou, os marujos ficaram aptoe para a seguir sem perder muito caminho. Todavis remaram duas milhas completas antes que a Balea surgisse á superficie; quando ella tornou a apparecer, estava a distancias quasi eguaes das tres lanchas

que já a este tempo iam todas em seu seguimento, por ser a maior das Baleas, que tinham descoberto. Todas as lanchas, com ancia da presa, se foram chegando cautelosamente, e quando uma se precipitou sobre o animal, as outras duas não ficavam a doze braças de distancia.

O arpoador dardejou a sua arma com tal força, que a encravou quasi até ao cepo no toucinho, e os seus companheiros, d'antemão prevenidos, forçaram os remos simultaneamente para se pôrem fóra de perigo; mas uma das outras lanchas foi menos afortunada. Na convulsiva dôr causada pelo golpe, a Balea, que era um colosso, dando meia volta em obra de um segundo antes de profundar, com uma pancada do rabo atirou pelos ares a lancha mais proxima; e os marinheiros, remos, e apparelhos, dentro de um instante, andavam á tona d'agoa. Acudiu-lhe immediatamente a terceira lancha, e assim ficou a primeira sem o apoio tão necessario no momento. O homem do governo içou o galhardete de signal, e os remeiros successivamente foram erguendo ao alto os remos para indicar precisão de mais linha: a Balea no mesmo instante profundou, e o arpoador, posto que tinha feito uma ou duas roscas de linha á roda do *bollard* (2) para retardar mais por via de sua fricção o movimento do animal, estava receoso de ter que largar toda a linha que levava antes que lhe trouxessem mais; e a menos que se não sujeitasse á grande perda da Balea, incorria no perigo de ser arrastado por baixo da massa de gelo, para onde o animal se accelerava com tal velocidade, que exhaurindo a linha, arrastava a lancha por meio da agoa, abrindo um sulco, que erguia sobre as amuradas de cada banda altura sufficiente para a alagar.

Do navio se avistou o signal da primeira lancha, e o homem do quarto bradou = perigo, perigo =, e os marujos das lanchas restantes, que estavam descançando, saltaram ao convez com o fato nas mãos, e logo para as lanchas, assim desprevenidos para supportar a aspereza de uma geada, que baixa o thermometro a sete gráus. Os remadores iam satisfeitos para adquirir a presa, e faziam altos esforços para alcançar a primeira lancha, aos quaes incitavam os urgentes e amiudados signaes de soccorro; mas era necessario remar tres milhas; e a grande quantidade de gelo, que de noite se formara, retardando o seu progresso, mallogrou a diligencia. O arpoador vendo que os seus camaradas não chegavam a tempo, e achando-se a poucas varas do perigo a que de tão perto expoz a lancha pela ancia de não largar o *peixe*, foi obrigado a ceder ás circumstancias; e tendo pelo mesmo motivo deitado roscas de linha addicionaes, á roda do *bollard*, para as largar quando conviesse, pegou da machada, e cortou a corda pela amurada tanto a tempo, que o impeto com que a lancha foi d'encontro ao gelo produziu tal choque que arrojou a todos fóra dos seus logares, e os empilhou para o lado de estribordo.

Os marujos saltaram logo sobre a ilha de gelo, e tendo posto em salvo suas lanças e apparelhos, amarraram a lancha á borda com a proa bem alta para não ir a pique, esperando pelas outras. Entretanto com aquella indifferença aos perigos, que caracterisa as pessoas acostumadas a elles, se occuparam em matar ás lançadas algumas phocas, a quem tinham interceptado a fuga para o mar.

(2) O *bollard* é um troco de pau curto e forte, ou uma estaca, arvorada na pôpa da lancha para aquelle fim. E' tal a fricção da linha deslizando-se ao redor delle, que deita fumo e pegaria fogo, senão estivessem continuamente molhando, e á corda.

As lanchas, que voavam em seu auxilio, logo que deram fé de ter escapado a Balea, de que a lancha estava arruinada, e a gente em salvamento, acharam mais acertado deixa-los nesta situação por breve tempo, e proseguir em ajudar a captura de outra Balea, que já tinha aferrado outra das lanchas, que primeiro se deitaram ao mar. Já esta não tinha mais linha para largar, quando chegaram mais tres, e taes foram os esforços do animal para escapar, que lhes aconteceu quasi o mesmo. Sobreveio a ultima das que estavam capazes de serviço, exactamente quando a Balea já exhausta de forças consentia ás lanchas puxarem as linhas, e acercarem-se della. Então accommettendo-a com as lanças a acabaram em menos de dez minutos.

Trataram logo de segurar a presa, passando um cabo por dois buracos feitos no rabo com a *tail-knif*, que dissemos, amarrando-o por uma ponta á próa de uma lancha. Recolhidas as linhas e tendo tambem cingido as barbatanas cruzadas sobre a barriga do *peixe*, que é a parte que fluctua depois de morto, ficando uma lancha de guarda á presa, até que voltassem para ajudar a dar-lhe reboque, se foram as outras em demanda dos companheiros refugiados na ilha do gelo.

Estes logo que se viram abandonados tentaram descobrir a direcção, que levára a sua Balea: para o que pesquisaram toda a ilha em busca de concavidades, aonde a Balea vem respirar quando não surge de novo por debaixo do gelo para a agoa liquida; mas aquelle aonde se achavam era sobejamente grosso e compacto, para que o animal podesse quebra-lo erguendo a cabeça para respirar, nem havia fendas ou aberturas filhas de outras causas: por consequencia reconheceram que ella voltára para o mar.

Durante as suas indagações tinha variado o vento, e sobrevindo um nevoeiro, com elle se viram embaraçados, e suspeitando que não só o navio levantaria donde estava, mas tambem as lanchas não poderiam vir toma-los, o seu unico recurso era esperar que o tempo aclarasse, e o navio voltasse á mesma paragem, e mandasse por elles. A situação era horrivel, podiam ficar sem alimento, e desabrigados do vento penetrante, que augmentava com violencia, por um ou mais dias; e podiam finalmente perecer, se a ilha descahisse tanto, que não podesse haver certeza della. O oceano encapellando-se cada vez mais por causa do vento, provavelmente estalaria as massas de gelo, que elles occupavam, e ou seriam esmagados pela concussão de umas impellidas contra as outras, ou abysmados nas fendas.

Todos viram e conheceram o perigo, mas como homens já habituados aos trabalhos, não gastaram palavras em lastima-lo. Contentaram-se em andar em contínuo movimento, correndo em diversas direcções, tão longe quanto a prudencia o permittia; para prevenir os fataes effeitos do frio excessivo, espreitando sempre qualquer estrondo, ou indicio, conducente ao seu resgate.

As lanchas que os iam buscar, quando o temporal se levantou, conhecendo que havia de crescer, e que na distancia a que se achavam do gelo, era-lhes impossivel alcança-lo com um vento tão rijo contrario, seguiram para o navio, que estava á vista no horisonte, sabendo que em poucas horas teria de mudar de paragem.

O capitão, e o segundo contramestre, com maruja escolhida, passaram a equipar a lancha melhor, providos de todo o necessario para um ou mais dias. O navio debaixo do commando do primeiro contramestre, que sabia onde ficára a Balea, metteu a proa a essa direcção, para se aproximar á lancha que lhe fi-

cára de guarda, porque dava tanto cuidado a gente desta como a que ficára no gelo.

Tanto daquella lancha como do navio dispararam interpoladamente tiros de espingarda, como signaes para os companheiros de que andavam perto, e iam em sua ajuda. Dentro em pouco o navio manobrado habilmente alcançou a presa, e a sua vigia, e apesar do encapellado das vagas receberam a gente a bordo, e levaram a Balea a reboque, que era o que podiam fazer até que o vento amainasse.

Felizmente d'ahi a seis horas a atmosphera estava limpa e serena. A Balea ía então atoada por bombordo, e segura ao navio por um aparelho, que seria inutil descrever, e que a levantava fóra d'agoa o mais que tão enorme peso permittia. Então começaram a operação de *desmanchar*. Os homens tinham capatos guarnecidos de puas para se firmarem na superficie escorregadia da Balea; os arpoadores, debaixo da direcção de um intelligente na materia, cortavam o toucinho em grandes peças oblongas do peso de meia até uma tonelada, que eram içadas com o competente apparelho para o convez. Os marinheiros cortavam cada uma em pedaços do tamanho de um pé cubico, que se arreavam para o porão provisoriamente.

Tirada toda a gordura da barriga e cortada a barbatana direita, deram volta á carcassa por meio de um apparelho seguro ao mastro de prôa, e manobrado com o cabrestante, para fazerem o mesmo ao toucinho da parte superior, e á outra barbatana; e subsequentemente lhe foram tirando as beiçadas, e as barbas. Estas foram immediatamente rachadas por meio de cunhas proprias para isso (*bone-wedges*), compostas de cinco a dez folhas ou laminas cada uma, e depois as arrimaram. Finalmente cortaram a longa facha de toucinho que rodeava o pescoço, a qual tinham deixado para se poder dar volta ao corpo, mas que sendo pouco a pouco desapegada da carne, tinha ficado como uma cinta que segurava a ossada; então deixaram ir a píque os restos mutilados, até que a inchação, que acompanha a putrefacção de novo os levantasse ao lume d'agoa, para serem pasto dos passaros, tubarões, e dos ursos dos gelos, podendo chegar-lhes.

Em quanto se executava esta operação, que consumiu quasi cinco horas em razão do grande tamanho da Balea, esperavam ter a satisfação de ver chegar o capitão com os outros companheiros, e o bote arruinado: mas como os não avistavam, o contramestre novamente poz a prôa ao nordeste, esperançado em os encontrar com brevidade, e ao mesmo tempo descobrir mais pescarias. Realisou-se esta ultima espectação, e dentro em poucas horas todas as lanchas estavam em nado, proseguindo as numerosas Baleas, que appareciam ao largo. Afferraram mais tres, e espatifaram duas antes que chegasse o commandante, que se tinha demorado na ilha de gello pela necessidade de reparar sufficientemente a lancha para supportar os mares e receber a equipagem. Felizmente o vento tinha sido norte, e como o gelo se abrigava delle, não foram muito incommodados. Os marujos estavam bons, e os foram encontrar a cento e vinte braças da margem do gelo, porque tendo-se esta partido em varias porções, se tinham acolhido á maior.

Recolhidos ao navio, foi tão prospera e abundante a pesca, que precisaram proceder á necessaria *separação*, que consiste em despegar do toucinho, arrimado temporariamente, toda a carne, e pelle, que não produz azeite, e que o podia arruinar, embarricando-o em cascos levados para esse fim.

A scena de alvoroço e da actividade, que apresentou o navio em muitas semanas é inexplicavel. A vista daquellas mantas enojosas de gordura, e fetido, que saía do porão, e dos toneis, que se destapavam para recolher o toucinho, são cousas, que não poderia supportar o estomago do homem habituado á terra: porque não obstante os maiores esforços nesta operação praticados, a maruja nunca embarrica um *peixe* sem ter outro prompto para *desmanchar*. Os mais pequenos espaços entre as cobertas estavam por isso cheios de toucinho, e de barbas de Balea, e uma grande parte da equipagem teve de ficar algumas horas no gelo, a sotavento do qual o navio estava amarrado, em quanto a camara da pôpa estava occupada para seus trabalhos.

Em toda esta viagem o contratempo mais fatal, que experimentou o navio, foi a perda de tres homens durante o prolongado trabalho para o sacar de uma grande mole de gelo, onde estava embaraçado; sendo necessario abrir passagem á força de ferro e de braços. Rebocando o navio por esta abertura, uma ancora se foi pelo gelo abaixo; e nesta occasião, os tres homens de que fallamos, foram muito activos, e tinham ido com perigo imminente atravez dos gelos alar um cabo, quando uma corrente inesperada poz tudo em movimento — um grande pedaço foi d'encontro áquelle onde estavam os homens, amontoando-se com espantosa confusão, e deixando dois delles esmagados debaixo de um peso de muitos quintaes.

O terceiro foi empurrado para a agua; e como por effeitos do mesmo impulso tinha estalado um dente á péga da ancora, o navio foi á garra, e só passadas duas horas se pôde conseguir recolher o homem, que se tinha segurado a um pedaço de gelo; por isso quando o trouxeram para bordo estava sem dar acôrdo de si; os vestidos, e tambem o cabello, estavam empastados de gelo, e foi mister rasga-los para lh'os tirar do corpo; e posto que em consequencia de incessantes soccorros que se lhe applicaram por espaço de quatro ou cinco horas, recobrou os sentidos; com tudo o effeito sobre o seu physico foi fatal, e morreu dois dias depois.

O navio teve que batalhar com o tempo borrascoso, e com todos os perigos da navegação pelo meio dos gelos, em circumstancias taes, perto de dez dias; com tudo felizmente escapou a todo o prejuizo grave, e conseguiu manobrar em mar livre de gelos. Chegando-se o fim da monção, e estando o capitão satisfeito com a pesca, tendo apanhado cinco *peixes*, fez-se á vela para Inglaterra, aonde chegou a salvamento com uma breve viagem de pouco mais de tres semanas.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Uma observação mui simples basta para demonstrar a necessidade, e a utilidade da instrucção popular, e para combater victoriosamente, e reduzir ao silencio os amigos e defensores da ignorancia do povo.

O homem não é ligado a deveres e obrigações, senão por que é um ser moral; e não é um ser moral, senão porque é intelligente. Os deveres do homem nascem e morrem com a sua intelligencia. O menino no berço não tem deveres: o insensato tambem os não tem: nem o bruto. Se o homem perde o uso da razão, os seus deveres cessam ou ficam no entretanto suspensos; e só renascem, quando elle recobra o seu juizo e a sua intelligencia.

Para que o homem, porém, conheça e possa cumprir os seus deveres, requer-se um certo gráu de cultura em suas faculdades. Sem isso nunca elle poderá bem governar a sua casa, nem educar convenientemente os seus filhos, nem dar prudentes regulamentos e conselhos á sua familia, nem prestar aos seus semelhantes os serviços, que delle devem espe-

rar, nem finalmente, render verdadeira, razoavel, e digna homenagem ao seu Creador.

Commette, pois, um perigoso erro — direi mais — commette um grande crime quem se oppõe a esta tão necessaria e tão facil cultura. Convém antes aconselha-la, promove-la, favorece-la; convém trabalhar incessantemente na instrucção de todos os homens, sem excepção alguma; derramar a luz dos conhecimentos uteis, de maneira que a sua benefica influencia chegue a todas as classes da sociedade.

Mas não nos enganemos, confundindo as idéas que estas palavras exprimem.

Quando desejamos, por exemplo, que os homens, destinados para o exercicio da lavoura, para as artes fabrís, para os varios misteres da sociedade, *saibam ler*, não queremos que elles se habilitem para ler muitos livros, para gastar nisto a vida, para virem a ser grandes letrados: não pretendemos encher o mundo de sabios e eruditos. Cumpre ter idéas mais justas da instrucção que recommendamos, e dos resultados que della pertendemos obter. O nosso fim é tão sómente, que cada individuo tenha os meios de empregar, com maior proveito seu e da sociedade, as faculdades, que Deus lhe concedeu: que tenha os recursos, de que póde precisar, em qualquer situação, em que a Providencia haja de o collocar.

Os meninos pobres, que frequentam as escholas elementares, tiram desde logo a grande utilidade de livrar-se da ociosidade, da distracção e dissipação do espirito, dos perigos de uma vida vaga e desoccupada, da inclinação ao jogo e aos folguedos tumultuosos daquella edade. Ao mesmo tempo vão contraindo o habito da applicação, da ordem, da obediencia, do amor do trabalho, da piedade, da reciproca affeição de uns para com os outros, &c.

Além disso: a simples instrucção de ler, escrever, e contar desenvolve, pouco ou muito, nos meninos as suas faculdades, e lhes dá um certo gráu de cultura moral. Os homens, que teem aprendido aquellas artes, ainda quando em toda a sua vida não abram um só livro, sempre serão mais intelligentes, mais doceis, mais razoaveis, e consequentemente melhores, e mais habeis officiaes de seus officios, do que aquelles, cujas faculdades se teem conservado como entorpecidas no meio da grosseira e estupida ignorancia.

Ultimamente, se alguns destes meninos pobres sairem das escholas com uma grande e bem determinada propensão para os livros, e para os estudos, o que, certamente, se não verificará na maior parte, nem por isso a sociedade perderá. Muitos homens se teem collocado por este modo em uma ordem superior á sua primeira condição, e teem feito relevantes serviços ás sciencias, ás artes, aos estados e á humanidade. Quanto mais, que ha livros, cuja leitura é sempre boa e util, e talvez necessaria em qualquer situação ou estado do homem. Os meninos que frequentam as escholas, aprendendo bem o seu catecismo, dão o primeiro passo para o amor da religião: depois de grandes lerão com gosto e utilidade o divino Evangelho. . . . prouvera a Deus, que todos gastassem nesta admiravel lição uma hora de cada dia! Outros lerão, tambem com fruto, as obrinhas elementares e populares, que tratam de seus officios, artes, e misteres. O habito destas leituras influe pouco a pouco nos costumes, e é um dos meios de evitar os vicios, que acompanham a occiosidade. Taes são os resultados da primeira instrucção. Temos visto pessoas, aliás sensatas, recear e reprovar a propagação do ensino popular por um bem estranho motivo. Dáe educação (dizem elles) ao filho de um artifice, de um agricultor: elle deixará logo a profissão de seu pae. — Quando a instrucção se fizer commum, ninguem quererá exercer officios humildes e laboriosos.

Parece, em verdade, incrivel, que haja homens tão pouco reflexivos, ou tão preocupados, que d'eem peso a tão futil objecção.

Se um homem rico (por exemplo) chamar á sua casa o filho do seu quinteiro, ou de um official pobre, o mandar educar com seus proprios filhos, o fizer trajar vestidos ricos e preciosos, lhe fizer aprender as linguas sabias e as artes de luxo, natural parece, que o menino venha por tempo a desdenhar o estado, a vida, o officio de seu pae; que lhe seja penoso e repugnante lançar mão ao arado, á enchada, ao machado; que se não julgue igual, mas superior, aos seus visinhos; até que venha a desejar e a pretender empregos.

Mas se aquelle homem rico tiver uma generosidade mais illustrada; se, em logar de dar ao menino pobre uma educação brilhante, mas perigosa, estabelecer na sua aldêa uma escola elementar, a que possam concorrer todos os meninos pobres, e aonde se não ensinem estudos alguns superfluos; por certo que todos os meninos, que a frequentarem, receberão ahi principios religiosos, idéas e maximas moraes, regras de bons e virtuosos costumes, todos aprenderão a ler, escrever, e contar: todos saberão bem o seu catecismo, e respeitarão as obrigações religiosas, civís, e domesticas: nada os excitará a abandonar, e ainda menos a despresar, o officio de seus paes: nada concorrerá para alterar essa egualdade, que se deseja conservada: em fim não haverá na aldêa senão uma unica differença: — que os seus habitantes serão mais intelligentes, e menos ociosos: que terão mais juizo, e mais probidade: que valerão, consequentemente, um pouco mais que d'antes.

HOMERO.

Escaças noticias temos ácerca da litteratura grega dos tempos anteriores a Homero, e até essas são mais conjecturas do que memorias certas. É verdade que existem fragmentos attribuidos a Orpheu: mas estes, além de duvidosos, são assaz diminutos. O que parece indubitavel é que Homero não foi o primeiro poeta da Grecia. A parte externa da Iliada e da Odyssea, isto é, o estilo e o rythmo, ou versificação, é mui perfeita para suppormos que Homero fosse o seu inventor. Entretanto nada chegou até os nossos dias, desses tempos remotos: e é no poeta de Smyrna que principia a historia litteraria dos gregos.

Homero viveu ou oito seculos antes da era vulgar como quer Barthelemy, ou dez como pertende Pope: quanto á sua patria, sete cidades da Grecia disputaram entre si a gloria de lhe ter dado o berço. Para os modernos a questão ainda pende entre a ilha de Chios e a cidade de Smyrna, mas a crença mais seguida dá a palma a esta ultima.

A Iliada, que é o principal poema de Homero tem por objecto a epocha mais importante da guerra de Troya, que, verdadeira ou fabulada, dizem haver durado dez annos. Offendido Achilles por Agamemnon, recusa combater com os troyanos, e por sua falta estes levam a melhoria dos gregos, que chegam finalmente a verem-se nos ultimos transes do vencimento. Então Patroclo, o amigo intimo de Achilles, pede a este permissão para, revestido das armas do heroe, combater Heitor, o mais valente dos troyanos. Patroclo é morto na peleja, e Achilles enfurecido voa ao campo de batalha, vence e mata Heitor: — arrasta-lhe o cadaver á roda dos muros da cidade, e entrega-o por fim ao rei Priamo, que, banhado em la-

grimas, lhe vem pedir o corpo de seu filho. O poema termina com o funeral de Patroclo.

Tal é a materia da Iliada, desse quadro magestoso das idéas, da sciencia, dos costumes, e da crença dos tempos primitivos da Grecia. A rudeza da maior parte dos objectos, nelle traçados, desageita-se geralmente ao nosso modo de pensar actual, pelo mesmo motivo que Ulysses ou Agamemnon seriam pessimos generaes em um exercito moderno, e que a força prodigiosa dos heroes da Iliada fôra de bem pouco momento contra um mosquete, ou uma peça de artilheria. No poema grego, os homens apparecem como são naturalmente, e não como a natureza os tem modificado: alli, as paixões ainda não são hypocritas, nem o valor ficticio: os guerreiros insultam-se uns aos outros com uma sinceridade selvagem, e o mais debil, fugindo ante o mais forte confessa-lhe a superioridade. Quanto ao merito poetico da Iliada, a opinião de mais de vinte e cinco seculos confirmou Homero na posse de um distinctissimo logar entre os poetas historicos. A brevidade, de que necessitamos, não nos permitte dar aqui um juizo ácerca delle, e além disso, a poesia sente-se melhor do que se julga. Na falta de uma traducção portugueza da Iliada, de que não temos senão o primeiro livro pessimamente vertido, aconselhamos aos que entenderem o Italiano a leitura da versão de Monti, o primeiro traductor que, em uma lingua do meio-dia da Europa, soube mostrar-nos o que era Homero. Das traducções francezas, que conhecemos, a melhor é a de Bitaubé.

Crê-se que a Odyssea foi composta por Homero no ultimo quartel da vida. Elle havia peregrinado muito, e por isso tinha noticia das fabulas, da historia, e dos costumes de varios povos: os velhos gostam de contar o que viram, ou por tradição souberam; e este desejo natural foi quem provavelmente produziu a Odyssea, poema cuja variedade excede muito a da Iliada, mas que, fruto de uma imaginação cansada, é languido e mal traçado. O seu objecto são as viagens de Ulysses depois do cerco de Troya, e os seus extraordinarios casos, dos quaes alguns são no genero de *Palmeirim d'Inglaterra*, e outros no gosto das *Mil e uma noites* e dos mais contos arabios. Salvini e Pindemonti a traduziram em italiano. A traducção do primeiro, que tambem verteu a Iliada, é muito inferior á do segundo, e muitissimo á franceza de Bitaubé, de quem já havemos fallado.

Além da Iliada e da Odyssea, grande numero de poesias se attribuem a Homero, das quaes umas existem, outras inteiramente se perderam; mas ha muito quem assevere que Homero nada mais compoz do que a Iliada e a Odyssea. Destes poemas duvidosos resta-nos a *Batrachomyomachia* ou *guerra das rãas e ratos*, *os hymnos* e os *epigrammas:* perderam-se o *Margites*, o *Cercops*, a *Destruição de Oecalia*, as *Cypriaeas*, e outras obras, de que fazem menção varios escriptores antigos.

As obras de Homero imprimiram-se pela primeira vez, no original, em Florença (1488): antes disso havia apparecido, em 1474, uma versão latina da Iliada: depois as edições multiplicaram, e talvez hoje o seu numero exceda o de 200. Tal é a avidez, com que em tantos seculos se tem lido os cantos do grande poeta grego.

DESCRIPÇÃO DE MACÁU.

Os primeiros objectos que successivamente se offerecem á curiosidade do navegante, quando demanda o porto de Macáu, são uma bateria portugueza (que, sobranceira aos rochedos e ao mar, domina toda a cidade), e o convento da Guia, notavel por suas altas muralhas, e copadas arvores, as unicas destes sitios. Por cima da Guia, no cume da rocha, se eleva outro mosteiro; e pela encosta da collina vem descendo as casas de Macáu, á maneira de degráus, até o mar, que lambe os alicerces das derradeiras. Occupa a nossa colonia um retalho de solo ingrato, e tão limitado, que no espaço de duas horas pode ser visto, situado na ponta oriental da ilha de Negao-Men, a qual tem dez legoas de comprimento, e é a maior do archipelago, em cujo golfo desagua o Tigre, rio de Cantão.

Quando o imperador chim Khang-Hi, no meado do 16.º seculo, querendo remunerar os serviços prestados pelos nossos compatriotas contra os piratas, que infestavam estes mares, lhes deixou pôr pé naquella pequena parte dos seus estados, combinou as cousas de modo, que desta concessão jámais resultasse proveito aos fundadores da colonia, nem perigo ao continente. Se lhes concedesse uma ilha inteira, por mais pequena e esteril que fosse, estabelecidas fortificações nos pontos eminentes, e com o auxilio de uma pequena frota, assenhorear-se-íam das fauces do Tigre, constrangeriam os armadores de Cantão a pagar-lhes resgates, e dariam leis a toda a costa meridional. Para isto não acontecer, formaram os chins uma linha de demarcação n'uma especie de isthmo mui estreito, e todo o Portuguez que a ultrapassava, depois de maltratado pela povoação chim, era levado á presença dos mandarins, e se não podia remir-se a peso de ouro, soffria o supplicio da canga, ou ía parar a um carcere. Os chins pelo contrario entravam livremente pelo nosso territorio.

Apesar de todos estes obstaculos, Macáu, fundada n'uma epocha em que Portugal tinha um formidavel poderio, em breve se fez florescente, e rica. Cobrem-se os escalvados rochedos de opulentas casas; edificam-se nas alturas conventos guarnecidos de ameias, e um paço episcopal recheado de artilheria; e sobre as areias da praia, havia pouco deserta, já se divisam um caes, e amplos armazens.

Dois seculos durou este estado prospero, que diversas causas destruiram: a primeira foi o franquear-se a entrada dos portos da China aos navios Hollandezes e Inglezes, alternadamente dominadores dos mares da India. Assim que elles foram admittidos em Cantão e lhes foi permittido ancorarem no porto da Typa, e na enseada de Wampoa, perdeu o nosso estabelecimento quasi toda a sua importancia como emporio, e como posição maritima.

Foi a segunda causa da decadencia, força é confessa-lo, o terem os senhores da colonia, tão fortes quando Vasco da Gama, e Albuquerque os capitaneava, contrahido em tempos de paz e de prosperidade, habitos de indolencia e de fraqueza. Vendo nos chins homens laboriosos e intelligentes, concederam-lhes plena confiança, e entregaram-lhes a direcção de quasi todos os negocios. Como se divulgasse este bom agasalho, veio acolher-se ao estabelecimento europeu a relé mais viciosa, e falta de probidade de toda a China, e os novos colonos absorveram pouco a pouco o nucleo portuguez, já adulterado pelo perpetuo encruzamento das raças.

Esta população turbulenta, assim introduzida em Macáu, foi docil e util em quanto a guarnição europea a conteve nos limites da obediencia; porém assim que perdemos a nossa preponderancia na India, e não podémos enviar para a colonia senão cipaes, commandados por officiaes mestiços, aquella gente mais numerosa, mais activa, e mais intrepida do que a que se lhe devia oppôr, revoltando-se por differentes vezes, chegou a introduzir-se na cidade, e a apoderar-se das fortalezas. Então os senhores de Macáu conheceram

senhores: o menor pretexto bastava para os chins se amotinarem, revolverem a feitoria, e roubarem as casas dos ricos europeos. Isto os obrigou a invocarem a justiça indigena contra aquelles importunos hospedes; porém os mandarins, que foram chamados a Macáu, de taes ardís tem usado desde então, que o governador da colonia é hoje um agente passivo das suas vontades. Uma ordem deste funccionario asiatico pode de um dia para o outro fechar a barra; toda a mercadoria que se embarca lhe paga um direito; e sem permissão sua não se assenta uma só pedra nas paredes d'um edificio novo. Nem sempre o mandarim emprega a influencia directa para levar a effeito seus propositos; as mais das vezes serve-se de meios indirectos. Se quer, por exemplo, fechar o porto, transmitte as suas ordens, não aos portuguezes ou aos seus chefes, mas aos chins, que está auctorisado para punir, prohibe a todos os pilotos que vão buscar as embarcações ao mar alto: se quer lançar uma contribuição sobre os predios que se estão edificando, ordena aos obreiros que exijam a taxa como augmento de salario; e se acaso os nossos quizessem oppôr a força á malicia, o mandarim interceptaria a passagem dos mantimentos para Macáu, e instigaria contra os europeus a plebe, prometten lo-lhe a impunidade.

Quatro fortalezas defendem Macáu. N'uma d'ellas, que tem uma cisterna, quatro fontes d'agua nativa, e casamatas, e quarteis para 1.000 homens, existiam ainda em 1839, epoca a que se refere esta descripção, quarenta peças de artilheria. A outra mais pequena, é provida de trinta peças, tem tambem uma fonte inexhaurivel, porém não pó de acommodar senão 300 soldados. Estas duas fortificações, collocadas nas maiores alturas da ilha, dominam todo o territorio, e apesar disso não podem resistir á má vontade, e á astucia dos mandarins; porque se hoje trovejasse a artilheria, começariam ámanhã a sentir os macaistas os rigores da fome.

Com ser tão acanhado o territorio da colonia, não deixa de conter, além da cathedral e do acastellado convento da Guia, residencia do bispo, e dos doze conegos seus vigarios, umas dez igrejas ou conventos de religiosos d'ambos os sexos, assim como tres hospitaes civís ou militares.

Ao descer da cidade alta para as praias avistam-se de tempos a tempos, nos sitios mais ermos, as latadas de flores, e os alvejantes tumulos dos cemiterios chins.

As ruas de Macáu, proximas ao mar, são estreitas, tortuosas, e çujas, porém não tão immundas como eram antes de os chins introduzirem na cidade certo espirito de ordem e aceio, que sempre os acompanha.

As casas, feitas de pedra, e caiadas por fóra, teem uma apparencia de regularidade e de riqueza. Os armazens, os depositos das alfandegas, e os mercados são cobertos, e lavados de ares; porém o que principalmente enleva os olhos é a estudada disposição das fazendas, que os chins expõem á venda de modo o mais proprio para realçar o seu valor e para despertarem nos viandantes os desejos de compra-las, os quaes, se não usam das mais minuciosas precauções, quando pensam ter feito excellentes compras, acham o seu dinheiro convertido em cousas de nenhuma valia, pois ninguem leva a palma aos chins na arte de tirar dinheiro aos estrangeiros por meios fraudulentos.

O mais notavel objecto de Macáu, pela natureza das recordações que excita, é a gruta de um rochedo, em cujo cimo tinha o residente inglez feito construir

GRUTA DE CAMOENS.

um pavilhão ou mirante, d'onde se descobre a enseada, e parte do porto de Typa, povoado de bateis toldados de palha entraçada, de barcas que conduzem sal para Cantão, e dos juncos de guerra, em cujos mastros, curtos e grossos, tremulam bandeirolas de vinte côres diversas, dispostas em duas fileiras em torno do junco almirante, distincto pelo pavilhão amarello, ornado de dois bastões de mandarim.

No concavo d'este rochedo, que fórma como uma arcada de paredes quasi a pino, inflammado no mais puro amor da patria, compoz o nosso insigne Luiz de Camões parte do immortal poema dos Lusiadas, unico thesouro salvo por elle do furor das ondas, e o mais perduravel monumento dos heroicos feitos dos seus compatriotas. Para aqui se retirava o amante ineliz, o guerreiro intrepido e desvalido, o poeta philosopho e esquecido, o viajante observador e naufrago, o homem, finalmente, cuja gloria só podia ser egualada pelas suas desventuras; que não movido de premio vil, mas prevendo de mui longe que a sua lyra seria mais afamada que ditosa, ergueu até ás estrellas o pregão do ninho seu paterno, e confiando sómente na justiça da posteridade, expirou com a patria, ao annunciarem-lhe o fatal exito da batalha de Alcacer-Kibir. Ahi por ventura saudades da sua Nathercia vieram provocar as lagrimas do homem affeito a contemplar impassivel o espectaculo das pelejas, e a supportar resignado o peso do infortunio. Ainda hoje quando o forasteiro examina o interior do rochedo, todos os objectos que divisa lhe infundem tão religioso respeito, como se a alma do grande poeta jámais se houvesse apartado da lapa, confidente dos seus intimos pensamentos.

Compunha-se o governo portuguez de Macau d'um governador, nomeado para exercer este cargo por tres annos, o qual tomava o titulo pomposo de capitão general, e commandava uma guarnição de 400 homens; e do desembargador ou juiz civil, que exercia cumulativamente as funcções de chefe da alfandega, e administrava os bens vagos, e os fundos legados aos estabelecimentos pios. Depois deste logar, muito cubiçoso e rendoso, seguia-se o bispo, director do clero, e das missões. Além d'estas autoridades, uma especie de camara municipal composta de sete vereadores, escolhidos d'entre os mais ricos negociantes da colonia, com o titulo vanglorioso de = *augusto senado de Macau* =, regulava os poucos negocios concernentes á cidade.

Toda a guarnição de Macau consiste em 200 cipaes, e igual numero de milicianos, empregados em patrulhar de noite: os soldados andam armados de paus, e só aos officiaes é permittido trazerem espadas, de que não podem fazer uso contra um chim. Quando qualquer individuo desta nação é preso, mesmo em flagrante delicto, deve de ser tratado com certo melindre, e ai do soldado, que voluntaria ou involuntariamente matasse algum, porque seria reclamado pelo mandarim, e por sua ordem enforcado na praça, á vista da guarnição formada; mas se o chim fosse o homicida uma multa paga ao mandarim, o absolveria provavelmente de toda a culpa e pena. Por occasião de taes execuções recebem os magnatas chins as salvas das fortalezas ao entrarem na praça, e quando della se retiram.

Macau, portugueza no nome, é quasi inteiramente habitada pelos subditos do imperador da China. Destes, vinte e cinco mil moram na cidade, e cinco mil nos campos ou *locas;* e como a população total se julga ser de trinta e quatro mil almas, segue-se que andará por quatro mil o numero dos portuguezes, se é que este nome se pode dar a uma raça mixta, composta de sangue europeu, indio, chim, e até cafre, reputada na China inferior aos chins, e na India aos indios, ainda tão soberba como nos dias prosperos, pois crê aviltar-se exercendo certos misteres, que exigem trabalho manual, ao mesmo tempo que não se peja de estender a mão para receber esmolas.

Todavia estes entes, tão degenerados quanto ás qualidades moraes, teem conservado melhor as phisicas, por quanto são robustos, airosos, e de elevada estatura. Mais ou menos morenos, todos teem, em geral, feições regulares, e olhos negros e expressivos.

Outro tanto não póde dizer-se das mestiças de Macau, ás quaes a tez amarella, os narizes chatos, as enormes bocas, arruinadas pelo uso dos cachimbos, os olhos sem brilho, os cabellos encrespados, e o mau feitio das testas desfeiam muitissimo. Apesar destes defeitos, quando ellas transitam pelas ruas, com metade do rosto occulto nas mantilhas transparentes, arrastando as chinelinhas de marroquim salpicado de diversas côres, e com os roupões apertados com uma tanga, graças a este trajo desusado, não deixam de agradar aos recem-chegados.

A maior parte destas mulheres, e as mais bonitas, são as que provém da união dos chins e dos europeus. Dão-lhes o nome de *chinas-portuguezas*, e teem fama de peritas na arte de preparar o opio, e de ministral-o aos fumantes.

Era o opio n'outro tempo o mais lucrativo ramo de negocio de Macau, d'onde passava por contrabando para Cantão; mas hoje que as autoridades chins teem tomado precauções contra a sua introducção no territorio do imperio, reduzem-se os recursos de Macau a um pequeno commercio de cabotagem com Tourame, Saigong, Sincapura, e as Philippinas.

Finalmente, como povo neutro entre os portuguezes e os chins, existe um pequeno nucleo de negociantes europeos, insignificantes em numero, mas influentes por sua posição, e em attenção ás nações a que pertencem. A China não ignora, que não offenderia impunemente os inglezes, americanos, francezes, e hollandezes; e se os não ama, respeita-os ao menos. O forte do seu commercio é em Cantão, porém como o governo desta cidade os não consente ali depois da compra do chá, estabelecem-se ordinariamente com as suas familias em Macau, onde tem feito edificar elegantes habitações.

A morta viajando. — Pietro della Valle, viajante italiano de extremada ousadia, o qual viveu no seculo 17, e nos deixou uma interessante relação de muitas regiões do Oriente pouco frequentadas de europeus, casou, quando estava na Syria, com uma formosa rapariga christã, natural da Mesopotamia. Posto que mui moça e delicada, a bella *Giserida* acompanhava o peregrino italiano por toda a parte, e até estava a seu lado n'uma batalha, em que elle combateu como official no exercito dos persas. Uma prematura morte a separou do marido que escolhera, estando a ponto de partirem ambos para a India; porém elle levou comsigo o cadaver da defunta, para o que o metteu em um ataúde, que poz a bordo de um navio em que ia, e o depositou no camarote onde dormia. Durante quatro annos foi este caixão o inseparavel companheiro de Pietro della Valle nas suas longas e arriscadas peregrinações, tanto por mar como por terra, e no fim deste periodo, o viajante, chegando a Roma sua patria, o depositou no carneiro de seus nobres antepassados, recitando elle mesmo uma eloquente oração funebre, em que relatou a vida e aventuras extraordinarias de sua extincta esposa.

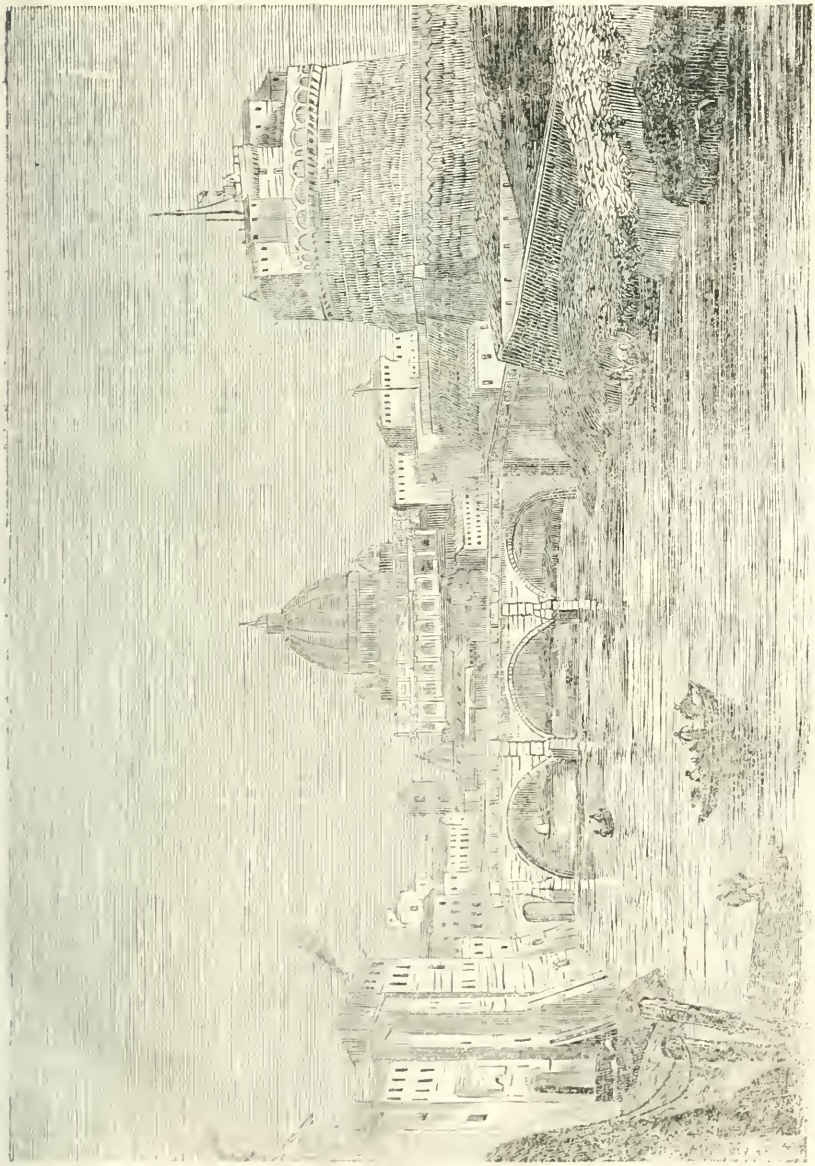
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

6) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. JUNHO 10, 1837.



VISTA DE ROMA E DO TIBRE DO LADO DA PONTE DE S. ANGELO.

ROMA.

Aspecto geral da Cidade—O Tibre—A Porta de S. paulo — A Pyramide de Cestio.

Ou Roma! — oh meu paiz! — cidade sancta!
Orphãos de coração que a ti se cheguem,
Mãe solitaria de florentes reinos,
Que hão passado na terra: — oh, dentro na alma
Ao consolo cerrada, esses, que julguem
Suas miserias vís junto a teus restos,
Que montam males do homem?—Venha e escute
O mocho, e veja o funebre cypreste,
E abra caminho, tropeçando em rachas
E do throno e do templo, o que se queixa
Das rapidas angustias de um só dia:
Ahi jaz a seus pés um mundo fragil,
Como este barro que reveste o homem!

Niobe das nações! — ella aqui pousa
Sem corôa, sem prole, e em mudas ancias:
Urna vazia tem nas mãos mirradas,
Cujo pó sacro foi disperso ha muito.
Já não existem cinzas no moimento
Dos Scipiões—e os tumulos lá jazem—
E heroes, os donos seus, não dormem nelles!
E tu correrás sempre, oh velho Tibre,
Por este ermo de marmore? Vem, surge,
Co'as turvas agoas vela-lhe as desditas.

Foi o Godo, e o Christão, e o tempo, e a guerra,
E diluvios, e chammas, que humildaram
Dos sete montes a cidade altiva.
Astros de sua gloria hão-se obumbrado
Um por um—e ella o viu—e viu subirem
Barbaros reis esse ingreme caminho
Por onde o carro triumphal buscava
O Capitolio: — e sem deixar vestigio,
A torre, e o templo baqueou por terra.

Byron—*C. Harold.*

— —

Não póde com exactidão dizer-se da moderna Roma, que está collocada sobre sete outeiros, como a antiga cidade; actualmente apenas são habitados os dois terços do espaço, que fecham as muralhas existentes; e o districto mais copioso em povoação é onde antigamente estava a planicie descoberta, chamada = *O Campo de Marte.* = Para outros lados, a parte de Roma velha mais populosa parece hoje uma paisagem: dir-se-ia que a cidade como que resvalára dos seus sete outeiros para o terreno baixo. Ainda mesmo na superficie da sua localidade tem havido consideravel alteração; nos valles o solo tem-se erguido nada menos de quatorze a quinze pés, como distinctamente se observa em o Forum, onde é grande a altura acima do antigo nivel, devida em parte á accumulação de terra e entulho acarretado pelas enxurradas, e principalmente occasionada, como se julga com razão, pela demolição dos antigos edificios, e prática dominante de levantar construcções novas sobre as prostradas ruinas. Anteriormente subia-se ao portico de Pantheon, no Campo de Marte, por sete degraas; hoje unicamente restam dous acima da superficie; elevação insignificante comparada com a accumulação no Forum, e em outras partes, mas que é notavel por ser quasi inteiramente obra progressiva do tempo e da natureza, independente dos ataques hostís dos barbaros, e da violencia domestica dos proprios Romanos.

O viajante, que tiver desejo de gozar a vista completa dos sete outeiros, suba á summidade do Palacio Senatorio, no Capitolio, e dahi estará sobranceiro a um prospecto, que em interesse não tem rival no mundo. As feições naturaes do paiz em si mesmas são formosas, e ainda a quem ignorasse a historia de Roma, o aspecto das ruinas prenderia a attenção. Distinguem-se os sete outeiros perfeitamente, porém não estão os seus confins tão assignalados como antigamente, por causa das accumulações de terreno em os valles, que já mencionamos. Deste ponto observa o espectador á primeira vista que Roma não occupa exactamente o mesmo terreno, que em outras eras occupava: com effeito, tem-se estendido para o lado do norte, e o Campo de Marte, que em os tempos de Augusto era um espaço descoberto, encerra presentemente a porção mais populosa da cidade moderna. Dos sete outeiros, o Capitolio, o Viminal, e o Quirinal, estão parcialmente occupados com edificios modernos; o Esquilino, o Celio, e o Aventino, pela maior parte, são cobertos de jardins. Na verdade que os dois ultimos parecem mais pertencerem a um paiz desamparado pelos habitantes, do que fazerem parte da área comprehendida pelas muralhas de uma cidade. O Aventino nunca teve muitos edificios: Virgilio lhe deu realce e interesse poetico, pondo alli a caverna de Caco, especie de monstro de raça humana, que roubava os gados da visinhança; numerando-se entre as façanhas d'Hercules o seu descobrimento e castigo. « Seriamente nos informaram (diz um escriptor recente) que esta gruta ainda existia no lado escarpado do Aventino, que pende sobre o Tibre; e alguns de nossos infatigaveis amigos quizeram tomar o trabalho de engatinhar entre os silvedos, e espinhaes, que guarnecem aquella riba perpendicular, com risco imminente de quebrarem os ossos, e estrago effectivo dos vestidos; e posto que acharam concavidades em abundancia, nenhuma era capaz de recolher um boi só, ou de ser por excesso de favor honrada com o nome de caverna, como o asylo de Caco, que segundo me consta, permanece incognito até o presente. »

A solidão do Palatino é uma das coisas dignas de observação. «Este monte (diz Mr. Forsyth) que originariamente abrangeu todos os Romanos, e depois não bastou para accommodação de um tyranno, é agora habitado por meia duzia de frades. Eu o corri todo, e não encontrei seis pessoas n'uma superficie, onde outr'ora se reuniam as jerarchias de Roma, e da Italia. A *villa* (quinta, ou casa de campo) de Raphael, a de Farnesio os pombaes e viveiros de Miguel Angelo, vão cainado no mesmo abandono do palacio imperial, que com suas rotas arcadas guarnece o monte. » Porém fallar destas, e das antigas ruinas da cidade por excellencia, não cabe nos limites do nosso artigo, quando para as tractar, ainda succintamente, não bastaria um arrasoado volume.

«Ainda que Roma, vista por dentro (empregaremos as palavras do eloquente Chateaubriand), se pareça hoje com a maior parte das cidades europeas, todavia conserva certo caracter particular: nenhuma das outras apresenta igual mistura de architectura e de ruinas, desde o Pantheon d'Aggrippa até as muralhas gothicas de Belisario, dos monumentos transportados de Alexandria até o zimborio erguido por Miguel Angelo. A belleza das mulheres tambem é outra qualidade distincta: na figura, no andar fazem lembrar as Clelias e as Cornelias; a imaginação as tomaria por estatuas antigas de Juno ou de Pallas, que apeadas dos pedestaes, animando-se, passeassem ao redor de seus templos. Além do que, neste povo se acha uma certa côr de carnes, a que os pintores chamam *colorido historico.* Nada mais natural do que os

homens, cujos antepassados figuraram com tanta grandeza na terra, servirem de typo aos Rafaeis, e Domenichinos, para representarem as personagens da historia.

« Outra singularidade de Roma são os rebanhos de cabras, e mais ainda as juntas de bois corpulentos, que se topam deitados ao pé dos obeliscos egypcios, entre os destroços do Foro, e debaixo dos arcos, que davam passagem ao triumphador romano para esse Capitolio, a que Cicero chamava *o conselho publico do universo.*

« Ao motim ordinario das grandes cidades accresce nesta o murmurio das aguas, que se ouve em toda a parte, como se fosse ao pé das fontes de Blandusia e de Egeria. Do alto das collinas comprehendidas no recinto de Roma, e da extremidade de algumas ruas, descobre-se a campina em perspectiva, fazendo esta mistura da cidade com os campos effeito bastante pittoresco. D'inverno, os telhados das casas estão cobertos d'erva, quasi como os tectos de colmo dos nossos camponezes.

« Todas estas diversas circumstancias contribuem para dar a Roma tal ou qual apparencia rustica, que nos faz lembrar que os seus primeiros dictadores guiavam o arado, que ella deveu o imperio do mundo a estes agricultores, e que o maior de seus poetas se não despresou de ensinar a arte de Hesiodo aos descendentes de Romulo.

« O Tibre, que banha esta grande cidade, companheiro de sua gloria, tem tido um bem singular destino. Passa por um canto de Roma, como se nada fosse; nem para elle olham, nem delle fallam, nem lhe bebem a agua, que só as mulheres empregam para lavar: esquiva-se furtivamente atravez de casas ridiculas, que o encobrem, e corre a precipitar-se no mar, como envergonhado de se chamar hoje *il Tevere.* »

A sua largura no sitio da ponte de Santo Angelo que representa a nossa primeira gravura, anda por 315 pés; e onde a corrente é dividida pela ilha terá uns 450. Com tudo não é tão caudal, que possa entrar na ordem dos grandes rios.

O Tibre, ainda abaixo de Roma, é de navegação difficil, por causa dos baixios, que lhe embaraçam a corrente. Um barco de vapor, que anda entre a capital e Fiumicino, distancia de quasi dezeseis milhas, gasta de ordinario cinco ou seis horas na passagem; e é necessario advertir que se não fosse o auxilio de bufalos, que o puxam da margem, teria muitas occasiões de ficar em secco até a proxima estação das chuvas. As embarcações communs gastam tres dias em subir o Tibre até Roma, sendo rebocadas sempre pelos mesmos animaes. Uma casta de faluas genovezas sobem carregadas de trigo, e trazem de retorno trapos, que usam como estrume para as laranjeiras, e a pedra chamada *puzzolana*, que (diz Mr. Simond) constitue a principal exportação de Roma, depois das indulgencias. A velocidade da corrente do rio póde avaliar-se reflectindo em que deposita o saibro mais grosso a trinta milhas acima da cidade, e a doze milhas o mais miudo, e d'ali prosegue para o mar acarretando só uma areia muito fina amarellada, que communica a suas aguas a côr particular, que os Poetas chamam dourada, e os viajantes barrenta. Não obstante isso estas aguas gozaram de grande reputação por suas qualidades salutiferas e agradaveis: o Papa Paulo 3.° constantemente levava provimento de agua do Tibre nas suas mais longas jornadas; e seu predecessor, Clemente 7.°, tambem se provêu della, por ordem do seu Medico, quando veiu a Marselha celebrar o matrimonio de sua sobrinha Catharina de Medicis com o irmão do Delphim, depois Henrique 2.° de França.

O Tibre é muito sujeito a cheias, que lhe engrossam a corrente, e lhe augmentam a velocidade; os sitios mais baixos da cidade são por isso muito a miudo inundados. Simond, escrevendo de Roma em Janeiro de 1818, diz: « O Tibre tem subido muito, e a cidade baixa está alagada; mas nada é comparavel com as inundações, que estão consignadas em duas columnas no porto de Ripetta (especie de caes.) A marca de uma dellas está dezoito pés acima do nivel das ruas contiguas, e se attendermos á rapidez da corrente, uma boa porção da cidade devia ter estado em perigo imminente de ser arrastada pelas aguas. » Em 1819 o Pantheon foi inundado: o que não é raro, porque está proximo ao rio, com o qual tem communicação o cano de despejo para a agua da chuva, que cae pela claraboia.

Com effeito, as inundações do Tibre foram uma das causas, que concorreram para destruir muitos dos monumentos de Roma na idade media: ha memoria de uma em 1345, entre as calamidades desses tempos, em que sómente os cimos dos outeiros ficaram fóra de agua, e todas as baixas se converteram n'um lago por espaço de oito dias. D'outras fazem menção os escriptores antigos; e Tacito falla de um projecto debatido no senado, no anno 15.° da era de Christo, para se mudarem os leitos de algumas ribeiras que desaguam no Tibre, o que não foi levado a effeito em consequencia das representações de varias cidades, que mandaram deputados a oppôrem-se, parte com o fundamento de serem prejudicados seus interesses locaes, e parte por um sentimento de superstição, que os compellia a argumentarem *que a natureza linha assignalado aos rios seus cursos proprios*, e outras razões de igual jaez. Aureliano tentou pôr termo aos damnos procedentes da irregularidade do rio, alteando-lhe as margens, e desentulhando o alveo. Com tudo os depositos, que resultavam destas frequentes inundações, grandemente contribuiram para a vasta accumulação de terreno que levantou a superficie da moderna Roma a muitos pés acima do antigo nivel; e deste modo o proprio mal veiu a servir de remedio para uma extensão parcial. Ainda que a cidade moderna é menos accessivel aos ataques do rio, sempre as inundações são origem da insalubridade daquelles sitios por onde se estendem: depois que as aguas se retiram, os subterraneos e lojas, ficam cheios de um deposito lodoso, e as paredes cospem todas com a salsugem. Depois da inundação de 1702 que foi das mais graves, o Medico do Papa obteve ordem para remover todo o lodo, e a consequencia foi que as febres intermittentes foram por alguns annos menos frequentes do que até ali. Todavia o clima de Roma é doentio, principalmente de Julho até Outubro, e muito mais funesto para os estrangeiros.

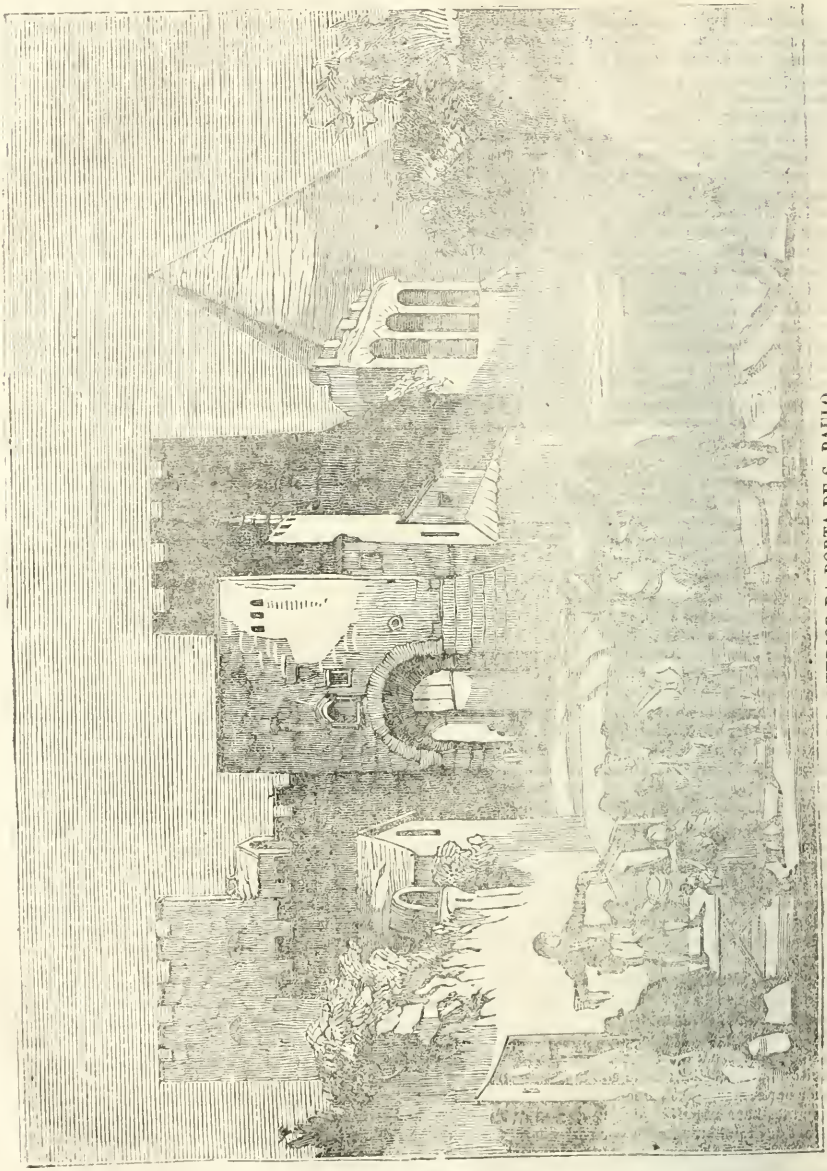
—•

O circuito das actuaes muralhas de Roma corresponde proximamente ao das muralhas de Aureliano, ainda que muito pouco resta da obra deste Imperador. O Doutor Burton as reconheceu em tres horas e dez minutos donde concluiu que a circumferencia não excede a treze milhas.

As portas de Roma são presentemente dezeseis em numero, e só doze estão abertas. A muralha de Romulo só tinha tres, ou quatro; a de Servio tinha sete; e no tempo de Plinio isto é, pelo meado do primeiro seculo, não tinha a cidade menos de trinta e sete portas: seus nomes, e situações são objecto de muita contestação entre os antiquarios.

Das que estão actualmente abertas, quatro dão para o lado Toscano, ou do nordeste de Roma, sendo a principal a *Porta del Popolo*, que pouco mais ou

menos corresponde á *Porta Flaminia*, e é por onde entra quem vem de Florença: as outras oito dão para o lado Latino, ou do sueste da cidade; e uma delas é a *Porta de S. Paulo*, que representa a nossa segunda gravura.



VISTA DO INTERIOR DA PORTA DE S. PAULO.

Esta, que julgam corresponder á antiga *Porta Ostiensis*, é notavel, não tanto pelo que é em si mesma, como pelos interessantes objectos, que lhe são contiguos. O mais digno de attenção é a pyramide de Cestio, monumento unico do seu genero, que ha em Roma. Parte fica dentro, parte fóra do recinto da cidade, porque Aureliano fez passar a nova linha das suas muralhas exactamente pelo meio delle. Sua base é um quadrado, que tem de cada lado noventa e seis pés de comprimento, e a altura é de cento e vinte e um pés. É construida de tijolos e lageada exteriormente de marmore, que o tempo tem denegrido. Uma

porta aberta em um dos lados conduz á camara interior, que tem dezoito pés de comprido, doze de largo, e treze de alto. O tecto e paredes são d'estuque, e algumas pinturas estão menos mal conservadas: consistem em um grupo de figuras femininas, com vasos e candelabros, e parece indicarem as honras funeraes de um, que diz uma inscripção ser dos septemviros, ou sete *epulones*, nomeados para prepararem os banquetes votivos solemnes. A data da inauguração conjectura-se ser anterior alguma coisa ao tempo de Augusto: uma inscripção refere, que para cumprimento da ultima vontade do fallecido, se acabara em trezentos e trinta dias.

Tendo sido muito arapidada, foi em 1663 reparada por ordem do Papa Alexandre 7.º; e nesse tempo tinha quinze pés de entulho accumulado acima da base. E' curioso ver como a natureza, cobrindo outras vezes aquella mole pyramidal sem os ordinarios meios de estragão, metia mãos á obra por outro caminho. Como a sua figura fornecia melhor pega as plantas, as raizes desses penetravam por entre as pedras, e crescendo como fossem cunhas, levantaram e apartaram grandes peças da cantaria, de modo tal, que ameaçavam ao todo desconjuntado completa destruição. No Egypto o extremo calor e a falta de humidade durante certa parte do anno, impede o crescimento das plantas em semelhantes logares; e por isso só em Africa as pyramides são eternas.»

É coisa singular que tão poucas noticias haja ácerca de duas pessoas, cujos tumulos tem permanecido mais do que os de muitos varões illustres, — Caio Cestio, de que tratamos, e Cecilia Metella, em honra da qual foi erecto o monumento, vulgarmente chamado — *Capo di Bove* —, cabeça de boi, em uma eminencia sobranceira ao circo de Caracalla. Bem póde ser que um merecido esquecimento encubra os nomes de quem não legou á posteridade outro presente mais que seus orgulhosos sepulchros.

Encostado á pyramide de Cestio está o cemiterio dos protestantes.

Tanto esta pyramide, como o interior da porta de S. Paulo, se vêem em a nossa gravura. A scena que ahi se representa é frequente nas ruas das cidades d'Italia, e não carece de muita explicação. A figura mais notavel é um charlatão vendendo os seus bentinhos, e dissertando as credulas turbas sobre as virtudes que elles auquiriam, por terem sido tocados na imagem de um santo feito em cera, que está em um nicho portatil á ilharga.

Classes da antiga Nobreza de Portugal.

Ricos-Homens.

A conquista das Hespanhas pelos Mouros igualou todas as condições neste paiz. O godo soberbo, oppressor dos antigos Hespanhoes, ficou, bem como elles, servo dos Sarracenos. As reliquias dos Christãos livres, que se acolheram ás serranias das Asturias, havendo abandonado as suas propriedades e riquezas aos Arabes conquistadores, não podiam dividir-se em outras classes, senão naquellas que o valor e força de cada individuo constituia. O valente e robusto era naturalmente superior ao timido e apoucado de forças, e assim podemos ter em geral por provavel, que as circumstancias moraes e physicas daquelle punhado de foragidos inverteu a ordem social, que havia dado a cada um delles o nascimento. Mas a desgraça, a necessidade de se defenderem dos invasores, e de reconquistarem a liberdade da Patria, os devia conservar algum tempo na união e igualdade fraterna. Pelaio começou o reino das Asturias, que seus successores estenderam, intitulando-se reis de Oviedo e depois de Leão. Neste tempo o augmento do poder e riquezas deu começo ás novas distincções de classes, que foram imitadas das tradições gothicas. No undecimo seculo o imperio arabe desabava em ruinas, e sobre parte dellas se alevantava o reino de Portugal. Este, nascido das conquistas feitas pelos descendentes dos reis de Leão e Oviedo, adoptou em grande parte costumes e instituições analogas ás do resto da Hespanha, e a nobreza appareceu ou antes continuou entre nós.

As primeiras distincções tinham começado no reino das Asturias, por uma circumstancia, que foi, e sempre será, em todas as nações, a mais propria para distinguir o homem do homem: — fallo, os dos bens da fortuna. As riquezas adquiridas nas correrias contra os Mouros, os despojos das batalhas, cainda, como era natural, nas mãos de poucos, estabeleceram esta differença. Os reis guerreiros desses tempos, obrigados a sustentar seus soldados, que não eram pagos, tratavam com os mais distinctos de entre elles, mediante certas honras e dignidades de que os revestiram. Daqui nasceu o titulo de *Rico-homem*, dado primeiro pelo povo aos que mantinham uma porção da soldadesca, e depois pelos principes, que delles fizeram uma classe nobre, com reversos e privilegios especiaes. Com o correr dos tempos foram confiados os mais importantes cargos dos exercitos, e em ninguem eram obrigados a reconhecer superioridade senão no rei. Chamavam-se Ricos-homens de pendão e caldeira, porque na guerra cada um trazia seu pendão ou bandeira separada, que seguiam os nobres ou vassallos que delles dependiam, e como eram obrigados a manter esta gente, conduziam comsigo grandes caldeirões, onde se cosinhavam os mantimentos. Destas caldeiras se conservavam ainda ha poucos annos algumas nos mosteiros da Batalha e Alcobaça, as quaes haviam sido tomadas em Aljubarrota, no tempo de D. João 1.º Os Ricos-homens podiam com seus vassallos ajudar nas emprezas militares os principes estranhos, quando não eram necessarios no reino, e ao proprio rei lhes era licito fazer guerra, em certos casos, sem que isso lhes resultasse damno ou infamia. Os vassallos destes regulos, particularmente os lavradores, gozavam de grandes privilegios e isenções, para que não lhe faltassem com as rendas, visto serem obrigados a servir com seus vassallos em todas as guerras, que elrei fazia em pessoa.

Durou esta dignidade em Portugal até ao tempo de D. Affonso 5.º, em que se começou a mudar na de condes, duques, e marquezes. O mais antigo Rico-homem que se encontra na nossa historia é o celebre Egas Moniz. Ruy Gomes de Britteiros, de Infanção que era, foi feito Rico-homem por D. Affonso 3.º; e na chronica de D. Affonso 4.º se acha concedido semelhante titulo a Lopo Fernandes Pacheco.

O acto da nomeação de um Rico-homem era feito com grande solemnidade. Veladas as armas em uma capella ou igreja, ía no dia seguinte o agraciado apresentar-se a elrei com um numeroso sequito; e posto de joelhos diante delle, recebia de suas mãos um pendão com as caldeiras pintadas; e isto era o signal que indicava poder o novo Rico-homem capitanear gente na guerra, com obrigação de sustenta-la. Feita esta ceremonia o novo titular começava a gozar de todas as vantagens e privilegios, que competiam á dignidade que recebera.

Infanções.

Os Infanções eram immediatos na dignidade aos Ricos-homens. Em geral dava-se este titulo aos filhos

segundos dos nobres. A origem do nome é obscura, e parece remontar aos tempos dos reis de Oviedo. A semelhança das palavras, fez com que alguns escriptores se persuadissem ser o titulo de Infanção dado aos infantes, filhos segundos dos reis; mas uma grande serie de documentos prova que elles eram inferiores aos Ricos-homens, o que não aconteceria se pertencessem á familia real. Entre os privilegios concedidos por D. Affonso 4.°, manda-se que pelas aposentadorias, que os mosteiros eram obrigados a dar aos fidalgos, tenham os Ricos-homens 30 rs., os Infanções 15, e os cavalleiros 10, o que mostra a gradação successiva das classes nobres. Os mais antigos Infanções portuguezes parece foram alguns habitantes da comarca da Feira, nas visinhanças do Porto, chamado tambem antigamente Cidade de Santa Maria, de modo que se tornou quasi como formulario em todos os privilegios de Infanção, *o ser igualado aos Infanções da terra de Santa Maria.* D. João 1.° concedeu as preeminencias e gozo deste titulo aos cidadãos de Lisboa, graça que successivamente obtiveram os do Porto e de Braga, e que mostra quanto menos valia começava a ter semelhante dignidade.

Condes.

O titulo de Conde existia desde o tempo dos imperadores romanos: a significação primitiva desta palavra era *companheiro*, por serem os que possuiam esta dignidade familiares dos principes. Os capitães godos que destruiram o imperio romano, abraçando o fausto dos vencidos, tomaram tambem delles o titulo de Conde, para indicar os proceres ou magnates que andavam nas suas barbaras côrtes. Destes o receberam as nações modernas; e nas Hespanhas começou a apparecer logo no principio das guerras de independencia contra os invasores arabes.

Na historia das guerras de D. Affonso Henriques com Affonso septimo de Castella mencionam-se varios Condes do Minho e Galliza: em escripturas deste tempo apparecem os nomes de outros muitos nobres com este titulo; e na tomada de Triana pelo principe D. Sancho, fam com elle dois Condes, que apontam as antigas chronicas. Parece que as dignidades de Rico-homem e de Conde se ajuntavam ás vezes na mesma pessoa, como aconteceu com Mendo Affonso, um dos cavalleiros de D. Affonso Henriques. Os condados eram então vitalicios, e dava-se tambem este nome ao senhorio de grandes terras, podendo ser que dahi proviesse o dizermos, ainda hoje, que *é um condado*, qualquer propriedade extensa.

Duques, Marquezes, Viscondes, e Barões.

As relações com Inglaterra no tempo de D. João 1.° em que subditos daquella corôa vieram a Portugal ajudar-nos a conservar a independencia nacional, e, dahi a annos, a ida de D. Affonso 5.° a França, introduziram em nosso paiz muitos usos e instituições estranhas, de que em outros logares teremos occasião de falar. Entre as cousas que nos vieram de fóra se contam os dois titulos de Marquez e Duque. O infante D. Pedro, filho de D. João 1.°, e depois regente do reino na minoridade do principe D. Affonso, foi o primeiro que houve em Portugal. Seu pai lhe deu o titulo de Duque de Coimbra, e ao celebre infante D. Henrique o de Duque de Vizeu. O titulo de Marquez foi introduzido por D. Affonso 5.°, que nomeou o Conde de Ourem primeiro Marquez de Valença. O mesmo rei creou os primeiros Visconde e Barões, depois de voltar de França.

Vassallos.

Quando em nosso paiz foram derribando as primitivas instituições de liberdade, a palavra *vassallo* começou a mudar de sentido e a significar o mesmo que *subdito;* porém muitissimo differente era o seu valor nos primeiros tempos da Monarchia.

Nas leis das Partidas de D. Affonso o sabio, mandadas traduzir por elrei D. Diniz, e que foram observadas como leis subsidiarias, se diz ser o vassallo *aquelle que recebe honra, ou boa obra do senhor, como o grau de cavalleiro, terras, ou dinheiro por serviço assig alado que lhe haja de fazer.* Havia assim tres especies de vassallos — os senhores de terras, que dependiam do rei, e os alcaides móres, que igualmente delle dependiam — os fidalgos — as pessoas abastadas de classe popular, que serviam na guerra. A respeito de cada um destes tres generos de pessoas nobres se davam circumstancias particulares.

O primeiro, como dissemos, era composto dos senhores de terras e alcaides móres, ou governadores feudaes dos castellos e fortalezas do reino. Estes eram em geral os Ricos-homens e grandes da nação, e geralmente o seu nome apparece entre os confirmantes das doações reaes. As suas obrigações eram por tanto as mesmas que notámos ácerca dos Ricos-homens.

Constituiam o segundo genero de vassallos os *fidalgos acontiados.* Eram estes aquelles nobres que sem serem, muitas vezes, donatarios da corôa, recebiam d'elrei certa *quantia*, para, além de servirem na guerra com sua pessoa, trazerem tambem comsigo soldados de cavallo, armados de lança, a que propriamente se dava o nome de cavalleiros. Os filhos succediam aos pais nesta dignidade immediatamente nascriam, vencendo desde então uma quantia como elles. D. Fernando limitou esta prerogativa aos primogenitos, e D. João 1.° ordenou se lhe desse tão sómente quando chegasse á idade de poder servir, e que fosse menor da que vencia seu pai.

Em fim a terceira ordem de vassallos era tirada da classe do povo, segundo a riqueza de cada um. Nesta classe entravam os subditos dos senhores particulares, que os serviam com armas e cavallo, e que além disso eram tambem vassallos d'elrei, sendo obrigados a estar sempre prestes para a guerra. Esta especie de vassallos senhores de terras é de uma origem assaz incerta: porém sabemos que os havia já em tempo d'elRei D. Fernando, e que D. João 1.° prohibiu que ninguem fosse vassallo senão da corôa, passando a esta obrigação que os donatarios tinham de lhes dar as *quantias* e que os reis dahi ávante deram, provavelmente só em tempo de guerra.

Vê-se da chronica de D. João 1.° que (talvez em consequencia de semelhante disposição) estes vassallos estavam alistados por comarcas, e que pouco a pouco se introduziu o abuso de contar neste numero todos os que serviam com armas, quer fossem cavalleiros, quer bésteiros de cavallo, quer peões, ou de infantaria. Assim naturalmente, sendo depois todos os Portuguezes em geral obrigados á milicia quando a sua pouca ou grande lh'o permittia, se perdeu com o correr dos tempos a distincção de vassallo, e se deu este nome em commum a todos os subditos da corôa portugueza.

OS BUCCANEIROS.

Os Hespanhoes, que foram os descobridores da America, e os primeiros Europeus que estabeleceram colonias nas Ilhas occidentaes, eram neste tempo dominados por um espirito de politica, a mais mesquinha, viciosa e illiberal, que era possivel; tal, que cansava espanto ainda naquella epocha, em que a verdadeira natureza das relações commerciaes não era entendida e em que até eram universalmente desconhecidos os mais singelos principios da economia politica.

A Hespanha considerava o Novo-Mundo, como se fosse uma panella de dinheiro, achada por ella, e da qual eram os Hespanhoes os unicos legitimos e enclusivos donos. Uma bulla do papa Alexandre 6.º, expedida a favor de Castella, os confirmou nesta posse, o que era então olhado como um reconhecimento sagrado do direito que lhes assistia; e o governo de Castella ordenou que ninguem, salvo Hespanhoes, podesse traficar, ou desembarcar nas ilhas, ou no continente americano. Semelhante loucura parece agora impossivel: mas é facto historico o terem imaginado os Hespanhoes, que podiam esconder ao resto do mundo os seus descobrimentos na America, e embargar que os navios das outras nações achassem a róta que para lá guiava. Nem o poder de Hespanha, então respeitavel, nem as crueldades praticadas pelos Castelhanos, para sustentarem os seus extravagantes intentos, poderam, com tudo, embaraçar os ousados marinheiros da França e da Inglaterra, de buscarem ter quinhão nas grandemente exaggeradas riquezas do Novo-Mundo. Já pelos annos de 1526, um certo Thomaz Tyson foi mandado para as Indias occidentaes por feitor de alguns mercadores inglezes, e varios aventureiros o seguiram em breve. Por este mesmo tempo começaram os Francezes a espalhar-se nesta parte do mundo. Todas essas differentes pessoas tinham ido certas de que haviam de encontrar procedimentos hostis da parte dos Hespanhoes; mas tambem tam resolvidas a corresponder-lhes do mesmo modo. Com effeito, os Castelhanos, para reprimir estes invasores, armaram navios de guerra, a que chamaram guarda-costas, cujos commandantes tinham ordem de não tomar prisioneiros! — Entretanto os Inglezes e Francezes, aos quaes brevemente se reuniram muitos Hollandezes e alguns Portuguezes, ligados todos entre si, começaram a tractar como inimigos todos os navios hespanhoes que encontravam, a fazer desembarques nas costas, assolando as cidades e feitorias hespanholas, e a retribuir, em fim, a barbaridades com barbaridades. Assim uma continua campanha se abriu entre os Europeus, nas Indias occidentaes, inteiramente alheia aos governos dos respectivos paizes dós belligerantes. Todos os Europeus, não Castelhanos, quer houvesse paz, quer guerra, entre as suas nações, no mundo antigo, encontrando-se em o novo, se olhavam como amigos e alliados; chamavam-se uns aos outros — *Irmãos da Costa* —, e consideravam os Hespanhoes como communs inimigos.

Quando não andavam occupados em fazer alguma correria, esta gente se dava a caça de gado bravio; mas isto foi alguns annos depois de terem apparecido nas Indias, e ainda mais tarde muitos delles se deram ao corte de madeiras na bahia de Campeche. Como caçadores elles poderiam tornar proveitosos para o commercio os couros, o sebo, e a carne secca dos bois bravos: como lenhadores, ou mateiros, ainda mais vantajosamente se haveriam empregado; e se os Hespanhoes lhes tivessem consentido exercer em paz estas occupações, é crivel que elles se tornassem membros innocentes da sociedade, ou, pelo menos, que não formariam tão numerosos e destruidores bandos, como ás vezes formaram. Mas os Castelhanos olhavam para qualquer palmo de terra, como uma propriedade inamissivel, e cheios de desassizada soffreguidão não queriam que outros povos tirassem vantagem alguma, nem sequer daquelles vastos terrenos, que elles não podiam povoar, e que apenas tinham visto, antes de irem (levados pelas novas de que alguns Europeus ahi se haviam estabelecido) espalhar sobre elles o incendio, a destruição, e a morte.

Quando a côrte de Castella se queixou formalmente áquelles governos da Europa, cujos subditos naturaes eram os aventureiros, que infestavam as indias occidentaes, conhecidos pelo nome de *Buccaneiros*, a resposta que recebeu de todos foi, que os homens de quem se queixavam, faziam o que faziam por sua conta, e debaixo da propria responsabilidade, não como subditos de potencia alguma; e que elrei de Hespanha podia proceder contra elles como bem lhe approuvesse. Moi differente, porém, foi a resposta de Isabel d'Inglaterra. Ella replicou ousadamente, que os Hespanhoes tinham attrahido sobre si este flagello, por tornarem exclusivo o seu commercio na America; que não podia perceber porque os seus subditos, ou os de outro qualquer principe da Europa, deviam ser excluidos do trafico das Indias occidentaes: — que não reconhecendo ella ser titulo algum de posse, uma doação do bispo de Roma, não podia tambem reconhecer que os Hespanhoes tivessem direito exclusivo a mais cousa alguma do que a possuirem as colonias que haviam fundado: que o terem tocado aqui e acolá, em varios pontos da costa, e dado o nome a certos cabos e ries, isso era uma coisa tão insignificante, que lhes não dava direito nenhum de propriedade, senão nos sitios onde se tinham estabelecido, e onde continuavam a habitar.

Pouco importaram aos Hespanhoes estas reflexões, e continuaram a tractar todos os aventureiros, pertencentes a nações alheias, como homens illegalmente intrusos, e a atormenta-los e exterminá-los onde quer que os podiam colher ás mãos. As crueldades dos Castelhanos se referiam por toda a Europa, e talvez se exaggeravam: estas historias se tornaram populares, e produziram effeitos notaveis. Um tal Monthars, natural de França, lendo uma destas narrações, concebeu tão mortal odio aos Hespanhoes, que partiu para as Indias, fez-se Buccaneiro, e exercitou o seu espirito de vingança com tão bom successo, que chegou a alcançar o titulo de *Destruidor*.

Como as armas dos Buccaneiros se dirigiam sómente contra os Hespanhoes, todas as outras nações europeas, que gradualmente fundaram colonias nestas partes, sujeitas a governadores nomeados pelas suas respectivas côrtes, os consideravam defensores da causa commum. Quando alguma destas nações tinha guerra com Hespanha, dava cartas de marca aos Buccaneiros, que então serviam como corsarios daquella nação. Por estas e outras circumstancias alcançaram elles grande poder, e até por vezes consideração e respeito. Muitos homens bem educados e pertencentes a familias distinctas se associaram com elles; e os Buccaneiros só foram havidos por salteadores, e sanguinarios piratas posteriormente, quando já sossego se ia restabelecendo na America, e a moral fazendo progressos nas differentes colonias.

Entre os mais celebres capitães buccaneiros se contam Pedro de Dieppe, chamado *Pedro o Grande*, L'Olonnais, Le Basque, e Mansvelt; mas a fama destes foi eclipsada por um Inglez de Gilles, chamado Henrique Morgan, que, alem de muitas outras façanhas, atravessou o isthmo de Darien para o mar do Sul, em 1670, e tomou e poz a saco a rica cidade de Panama. Todos estes capitães eram detestaveis por sua crueldade; mas pelos fins do 17.º seculo já se tinham tornado muito mais humanos. Os vicios da bebedice e do jogo continuavam, com tudo, a prevalecer sempre entre a maioria desta gente, que apoz uma vida quasi sem cessar arriscada, perecia prematuramente, ou nos combates, ou por algum accidente, ou, em fim, de doença. Alguns delles mereciam melhor sorte: — e estes eram os que haviam cultivado os seus entendimentos, que amavam a leitura, e que

se compraziam em examinar as maravilhosas variedades, que a natureza lhes apresentava, no curso de suas peregrinações e viagens, e que nisto achavam sufficiente passatempo, sem recorrerem á embriaguez e ao jogo.

HOSPITALIDADE ARABICA.

Hajji-Ben-Hassuna, capitão de um troço de soldados do Bey de Tripoli, sendo perseguido pelos Arabes, transviou-se, e ao cair da noite achou-se ao pé do campo inimigo. Passando pela porta de uma tenda que estava aberta, fez parar o cavallo e implorou abrigo, porque se achava exhausto de fadiga e sede. O guerreiro Arabe declarou ao seu contrario que podia confiadamente entrar, e o tractou com aquelle respeito e hospitalidade que dão a este povo tanta celebridade. O dono da casa é quem serve o hospede entre os Arabes: o mais nobre delles, recebendo alguem na sua tenda, vai pessoalmente escolher um cordeiro no rebanho, mata-o, e sua propria mulher é que o vai fazer preparar do melhor modo possivel. Entre algumas familias ainda dura o primitivo costume de lavar os pés, e esta ceremonia é feita pelo dono da casa.

Recebido assim Ben-Hassuna, apresentou-se-lhe a cêa, que era um nedio cordeiro assado: a sobremesa consistiu em datiles e fructas passadas. Para mais particularmente honrar o hospede de seu marido, a mulher do Arabe lhe poz diante um prato de *bosin*, feito por ella. Esta iguaria é preparada com farinha amassada, que depois de meia-cozida se parte em bocados e se amassa de novo com leite fresco, azeite, e sal, e se guarnece com *kadid*, ou carneiro extremamente secco e salgado.

Posto que estes dois capitães eram de bandos contrarios fallaram um com outro, candida e amigavelmente, contando reciprocamente as suas façanhas, e as de seus respectivos antepassados. No meio da conversa uma pallidez subitanea se espalhou nas faces do Arabe. Ergueu-se de repente—retirou-se—e dahi a pouco mandou dizer ao hospede que tinha a cama prompta, e todas as mais coisas necessarias para poder descançar; que elle não se achava bom, e por isso não podia fazer-lhe companhia durante o resto da cêa: que tinha ído examinar o seu cavallo, e que o achára muito cansado para poder fazer no outro dia uma jornada longa e trabalhosa; mas que antes da madrugada elle em pessoa lhe teria prompto á porta da tenda um cavallo, com todos os arreos necessarios, de modo que podesse partir immediatamente. O Mouro, não percebendo a razão deste procedimento, algum tanto extraordinario, do seu patrão, foi para o seu quarto, e deitou-se.

Um Arabe veiu accorda-lo com tempo, para tomar antes da partida uma collação, a qual já estava prompta; mas ninguem mais da familia lhe appareceu, e só ao cruzar a porta da tenda encontrou o patrão sustendo um cavallo pelas redeas, e pegando no estribo para elle montar, o que para os Arabes é a ultima prova de boa amisade. Apenas Hajji calvagou, o seu hospede lhe disse o seguinte: «Sabei que em todo este campo o maior inimigo que tendes sou eu. Hontem, narrando-me as façanhas de vossos maiores, entre elles encontrei o assassino de meu pai. Os vestidos que este trazia quando o mataram, ei-los aqui (neste momento outro Arabe os apresentava á porta da tenda): sobre elles jurei mil vezes, na presença da minha familia, vingar a morte do que me deu o ser, e trabalhar desde o nascer até o pôr do sol, por derramar sangue que tivesse gyrado nas veias do seu matador. — O sol ainda não surgiu: — apenas despontar, perseguir-vos-hei, depois de terdes saído sem risco da minha habitação, onde, felizmente para vós, me não é licito molestar-vos, tendo buscado a minha protecção e achado abrigo aqui; mas, assim que partirdes as minhas obrigações a vosso respeito cessaram, e tende-me por decidido a acabar comvosco, quando, ou onde quer que vos encontrar. O cavallo em que estais montado não é de raça inferior á do que eu tenho já enfreado e sellado para mim. A vida de um, ou de ambos nós, depende de ser o vosso melhor corredor.» Dito isto, apertou a mão ao Mouro, e affastou-se delle. Hajji, aproveitando-se do pouco tempo que tinha para ganhar-lhe a dianteira, pôde chegar ao campo do Bey, sem o alcançar o Arabe, que o seguia de perto, e se avisinhou do exercito inimigo até onde sem risco o pôde fazer.—*Tuliy—Residencia em Tripoli.*

Calculo dos roubos commettidos em Londres em 1831.

1.°	Pelos domesticos.....	2.840:000$000
2.°	Sobre o Tamisa, e nos caes...	2.000:000$000
3.°	os *docks*, e nas vias publicas.	2.080:000$000
4.°	Provenientes de moeda falsa. .	800:000$000
5.°	Idem de bilhetes de banco falsos	780:000$000
	Total....	7.500:000$000

Contendo Londres 1:200:000 habitantes, sem contar aquelles de que vamos fallar, segue-se que a miseria ou o crime tira annualmente da opulencia ou do commercio um tributo de 7$000 rs. por cabeça.

Esta resenha, extrahida da *Revista Britanica*, que a dá como feita por ordem do Lord.... parece exaggerada; mas quem souber que havia então naquella cidade 20.000 pessoas sem meios de subsistencia, 20.000 ladrões ratoneiros, trapaceiros, &ca, 16:600 mendigos, afóra os individuos recolhidos nas salas da sociedade d'asylo: quem se recordar que Londres é a capital d'um reino devorado pela pobreza, onde as substituições e os morgados teem accumulado as propriedades territoriaes n'um pequeno numero de familias, onde as alfandegas conservam aos cereaes um preço muito subido, onde o contraste perenne do luxo e da miseria suscita continuas tentações, não poderá decidir o que mais deva admirar, se a grandeza do mal, se a difficuldade que o governo parece ter em prove-lo de remedio.

Veneno do Povo.—O uso das bebidas espirituosas sem serem misturadas com agoa causa uma irritação no estomago que se patentea com dores e calor neste orgam: a isto segue-se a inflammação das delicadas tunicas desta viscera, e ás vezes a grangrena. Semelhante uso dá tambem resultados iguaes ao do veneno. Alem da doença local que produzem, obram as taes bebidas sobre os nervos do estomago, que teem intima connexão com os do cerebro, e causam a insensibilidade e estupidez, movimentos irregulares e convulsos, difficuldade de respirar, somno profundo, e muitas vezes morte repentina. O habito de beber com frequencia, e em grande quantidade, licôres espirituosos causa uma inflammação lenta, que progride insensivelmente, e que por isso mesmo que se não sentem os seus progressos, apparece muitas vezes tão tarde, que já se lhe não póde acudir. —*Jornal Medico Cirurgico de Londres.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos conhecimentos Uteis, Rua do Crucifixo N.° 13=1.° andar.

Lisboa — Na Imprensa Nacional.

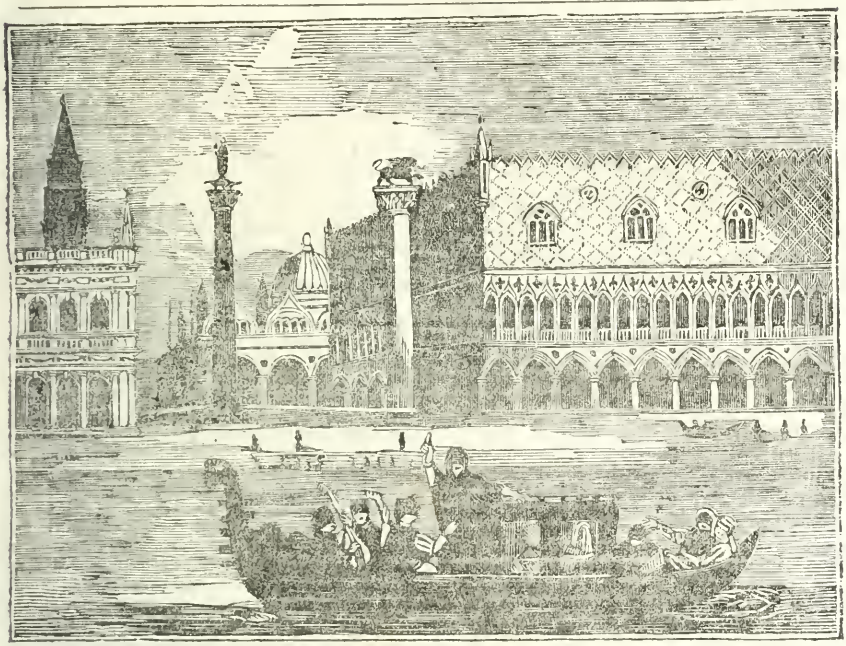
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

7) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 17, 1837.



PIAZETTA.

VENEZA.

ORIGEM, INCREMENTO, E DECADENCIA — PLANO GERAL DA CIDADE — GONDOLAS — PALACIO DUCAL.

A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou :
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
D'esforço, nações varias sujeitou,
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

CAMÕES.

QUANDO os barbaros no quinto seculo invadiram a Italia, os habitantes de Aquilea, e de Padua se refugiaram para as ilhutas situadas no meio de uma especie de *lagoas*, que são o termo do mar Adriatico. Aqui lançaram os primeiros fundamentos á cidade de Veneza, e elegeram d'entre si magistrados a que chamaram tribunos. Ao principio cada ilhota tinha os seus, e constituia uma republica particular : mas com o andar dos tempos reunindo-se todas para formarem um só estado, escolheram em assembléa geral do povo um duque, ou *doge*, que presidisse aos tribunos, e o investiram do poder executivo com largas prerogativas. Debaixo desta fórma de governo os venezianos experimentaram muitos alborotos domesticos : respeitava-se a auctoridade do doge em quanto era popular e feliz ; mas os caprichos da multidão voluvel o expunham sempre a uma violenta morte. É facto notavel que dos primeiros cincoenta doges de Veneza, cinco abdicaram, cinco foram banidos, depois de lhes tirarem os olhos, cinco foram assassinados, e nove depostos. Nem os sultões da Turquia experimentaram peior fortuna.

Em 1172 se estabeleceu um Conselho Supremo, que pouco a pouco foi assumindo toda a direcção dos negocios, e em pouco mais de um seculo se converteu em hereditario, e Veneza ficou sujeita a uma absoluta aristocracia. A conspiração de 1310 para restaurar a fórma antiga de governo deu logar á nomeação de um tribunal temporario, donde sahiu a instituição permanente do Conselho dos Dez, oligarchia severa e despotica : depois se lhe accrescentou a terrivel *Inquisição d'Estado*, de que já em o nosso N.º 4 demos noticia.

Nas primeiras epochas de sua historia, os venezianos tiveram que luctar com innumeraveis difficuldades. Seu commercio nascente era gravemente opprimido pelos piratas, que infestavam todas as costas do Adriatico ; e até no abrigo de suas lagoas, aquelles frugaes commerciantes não estavam livres das injustas aggressões de semelhantes vagabundos : porém a sua força cresceu no meio dos perigos que os cercavam, e já nos seculos nono e decimo empregavam na defeza da re-

publica navios de grande porte, e repelliam os invasores. Faziam extenso e lucrativo commercio com os estados da India, da Alemanha, da Grecia, e do Egypto. O seu poder augmentou em proporção com o seu commercio, e Veneza, como em nossos tempos a companhia ingleza das Indias, se fez conquistadora. A sua politica era ambiciosa, mas regulada pela prudencia; as suas feitorias se foram convertendo em fortalezas; e, ou por conquistas ou por tractados, conseguiu assenhorear-se de muitas cidades e portos da Dalmacia, da Albania, e da Morea. Pelos fins do seculo duodecimo, Veneza ligada com o papa, Alexandre 3.º, e o imperador grego, entrou na defeza das republicas da Lombardia contra o imperador Frederico Barbaroxa; e os serviços, que n'esta occasião prestou ao pontifice, o moveram a conferir-lhe em testemunho de gratidão a soberania do Adriatico. Deu isto logar á singular e esplendia ceremonia dos desposorios do doge com o mar, festa annual, que se fazia em dia da Ascenção, em que o doge lançava ao mar o seu annel, como symbolo dos esponsaes. Nesta occasião o doge ía a bordo do Bucentauro, celebre e sumptuosa obra construida por ordem do Senado no começo do seculo quatorze: tinha tres pontes, cada uma de 100 pés de comprido por 22 de largo; para o marear eram precisos 168 remeiros, que iam na coberta inferior, afóra o auxilio de muitas barcas, que lhe davam reboque. A segunda coberta era soberbamente guarnecida de veludos carmesins e de ouro, de estatuas allegoricas, de baixos relevos e de tropheos, tudo dourado.

Não obstante a renhida desavença que Veneza teve de sustentar contra a sua rival, a republica de Genova, contenda que ameaçou anniquilar-lhe o commercio, e até a existencia politica, sempre continuou em rapido progresso até chegar, no decimo quinto seculo, ao auge da sua grandeza e prosperidade. A magnificencia e esplendor, que ostentou nessa epocha, não tinha igual. «Tanto as rendas da republica [diz Robertson], como as riquezas dos particulares, excediam quantas até alli se tinham conhecido. Na sumptuosidade dos palacios, no custoso dos adereces, na profusão da baixella, e finalmente em tudo o que contribuia para a elegancia, ou para a ostentação do seu modo de viver, os nobres de Veneza desbancavam o fausto dos maiores principes d'além dos Alpes. Não era isto o apparato de irreflectida dissipação, mas consequencia natural de uma industria successiva, que, accumulando os cabedaes com promptidão, dava jus a desfructa-los com todo o esplendor.» O mesmo historiador refere que pelos annos de 1420 a força naval da republica consistia em 3:000 vasos mercantes de varias lotações, tripulados por 17:000 marinheiros; de 3:000 navios de alto bordo, com 8:000 marinheiros; e de 45 enormes galeões, com 11:000 empregando-se nos arsenaes 16:000, operarios.

Em 1508, o papa, o imperador, o rei de França, e o rei de Hespanha, entraram na celebre confederação, conhecida pelo nome de Liga de Cambray, destinada a destruir, ou abater o poderio de Veneza. Desta lucta sahiu salva a republica, ainda que com algumas perdas; e logo se viu a braços com o poder nascente dos turcos; ganhou porém decididas vantagens contra a marinha ottomana. Mas vinha já proxima a hora da sua declinação; Colombo, e Vasco da Gama humilharam uma potencia, que nem os papas, nem os reis, e sultões poderam abalar, nem derrubar; — com seus descobrimentos lhe fizeram pedaços a corôa de gloria, e toda a sua pompa, como na era subsequente a diffusão do saber humilhou a influencia e o orgulho de Roma.

Quando os principaes de Veneza ouviram dizer pela primeira vez que se descobrira passagem para a India pelo Cabo de Boa-Esperança, a sua sagacidade logo previu as consequencias, e antecipadamente sentiram desfalecer a sua força; viram-se excluidos do grosso trafico com a *Região do Sol*, e conheceram que a corrente do ouro se desviava para ir enriquecer outros paizes. Antes de findo o decimo sexto seculo, a republica decahiu da elevada posição, que occupava entre as potencias da Europa, para a ordem dos estados secundarios; e quando seus recursos iam diminuindo rapidamente, se viu precisada a resistir á poderosa furia dos turcos. Ainda por muito tempo luctou com vantagem; e tanto, que afastou da christandade os perigos de que os infieis a ameaçavam, e adquiriu o titulo honroso de *baluarte da Europa contra a Porta Ottomona*; porém o tractado de Passarowitz em 1718 apenas lhe deixou um fragmento de seus vastos dominios na parte oriental da Europa. Todavia assim mesmo decadente, Veneza manteve até certo ponto o seu antigo esplendor; e porque os seus governantes tinham a prudencia de occultar sua fraqueza debaixo da capa da moderação, continuava a ser tractada com respeito.

Seria maravilha se um estado enfraquecido e esgotado, como estava Veneza, passasse a salvo por entre a tempestade que se seguiu á revolução franceza. Tendo mantido por algum tempo uma neutralidade forçada, e consentido que os austriacos e os francezes pizassem repetidas vezes o seu territorio no continente da Italia no decurso das suas campanhas, por fim apresentou symptomas, que excitaram o desagrado de Buonaparte. A 15 de Maio de 1797, uma força de 5:000 a 6:000 francezes atravessou a *Laguna* em barcos, e tomou posse da cidade sem a mais leve sombra de resistencia da parte dos venezianos: e no mesmo dia os governantes de Veneza se demittiram, pronunciaram a dissolução de seu antigo governo, e a installação de uma municipalidade democratica, e *seriamente declararam* que era para elevar ao ultimo grau de perfeição o systema republicano, que foi por tanto tempo gloria e ventura da nação. O mesmo general francez, Baraguay d'Hilliers, se admirou da facilidade da conquista. «A metropole rodeada de mar [diz Mr. Simond] poderia facilmente defender-se; e só os operarios do arsenal, corpo de homens valente e decidido, seria mais que sufficiente para armar uma esquadra de pequenas embarcações, superior a quantas os invasores poderiam juntar; e o restante da população, ainda que talvez indifferente, se estimularia á resistencia se lhe dessem o exemplo.» Foi a pusillanimidade dos nobres que deu confiança ao partido contrario. Entregaram-se nas mãos do inimigo, que ao principio provocaram com imprudentes mostras de odio, e que creou mais ousadia á vista de sua submissão e cobardia, quando ameaçados.

Assim acabou a tão nomeada republica de Veneza. Foi seu ultimo doge — Manini, que fechou a comprida lista de cento e vinte, e que fôra eleito no mesmo anno em que rebentou a revolução franceza. A infeliz cidade, depois de espoliada dos seus quadros pelos conquistadores, foi poucos mezes depois cedida á Austria pelo tractado de Campo Formio. Em 1805 a annexaram ao reino francez d'Italia; mas em 1814 passou de novo para o dominio da Austria.

Desde este periodo até 1830 dizem que a politica do governo era dar maior impulso a Trieste do que a esta cidade, e a circumstancia de ser porto franco Trieste, lhe dava decidida vantagem sobre a sua visinha. Mas em 1830 tambem se arvorou em Veneza porto franco, e de então para cá tem completamente participado dos mesmos privilegios conferidos á outra. Não obstante isso, Trieste tem sempre conservado a

superioridade, e ainda que o commercio se tem restabelecido em Veneza, não é tão amplo como poderia ser, se tivesse começado anteriormente. Hoje, afóra o ser o centro do commercio das provincias adjacentes da Lombardia, tem muito pouca importancia em relação a seu antigo estado.

A rapida decadencia de Veneza desde a extincção do seu governo independente tem dado motivo a mui sinistros presagios a respeito de seu futuro destino. « Alguns dos canaes, que atravessam a *Laguna* (diz Simond) estão entulhados por falta de limpeza; sendo por onde o Brenta, o Piave, e outros ribeiros encanados acarretam para o mar o lodo, de que sempre deixam sedimento. Veneza hade vir a ser um montão de ruinas no meio de um pantano pestilencial, e é já muito sujeita a febres. » No verão a mortandade calcula-se em doze pessoas por dia n'uma população de pouco mais de cem mil almas. — « Com tudo ainda o nome de Veneza, como sombra esplendida, hade continuar a attrahir os estrangeiros, quando toda a sua gente estiver reduzida a meia duzia de pescadores, e já nem um só de seus palacios estiver de pé. » Esta prophecia (de Mr. Rose) ainda mais melancolica, e as de outros viajantes, por certo lastimosamente se verificarão, se não removerem a causa do mal.

A cidade, como já dissemos, está edificada sobre ilhotas, ou bancos d'areia no grande braço do mar, chamado *Laguna*; e são na la menos de cento e trinta e oito, com tão pouca elevação sobre o nivel d'agua, que os edificios parece que sahem do meio do mar, estes baixos ou ilhotas estão dispostos em dois grandes grupos separados por um canal todo em voltas, chamado *il canal grande*, ou canal grande, e que tem communicação d'um para o outro por meio da famosa ponte de Rialto: pelo que a cidade se pôde considerar dividida em duas grandes porções, só ligadas por esta ponte. Cada uma destas divisões se subdivide em tantas quantas são as ilhotas, de que é composta, que entre si communicam pelas pontas mais pequenas lançadas sobre os cannaes menores, que as separam. Como as ilhas são numerosas, estas pontes occorrem com frequencia; e como os seus arcos são necessariamente muito altos, porque se erguem de margens muito baixas, são todas de aspera subida, ainda que tem degraus espaçosos bastante para o commodo do transito, donde veio dizer Mr. Rose que passar por terra em Veneza é andar sempre subindo e descendo escadas.

Os canaes são as ruas de Veneza, os passeios por onde ordinariamente os habitantes se transportam de um bairro ao outro. O *canalazzo* é o meio mais geral de communicação, e para assim dizerem, a rua principal da cidade, correndo-a de um cabo a outro, e partindo-a em duas grandes metades: os outros canaes são ruas mais pequenas, ramificações que sahem do maior, e giram até pelo mais remoto canto de qualquer bairro. Não se pense por isto que Veneza não tem ruas como as outras cidades; tambem as tem ainda que estreitas, calçadas, e commodas, e livres de estrondo, por onde sem auxilio de barco se possa ir de um ponto a outro, graças a multidão de pontes. As descripções de Veneza tractam dos canaes, e omittem as ruas; porém, ainda que nunca em tão estreitas paragens se ouça a bulha das ferraduras das bestas, ou chiar dos carros, sempre dão alguma serventia para o trafico ordinario. Afóra estas ruas ha umas praças pequenas, que intitulam *campi*, campos, se bem que será difficil achar n'elles uma fevera d'herva. Ao comprido das margens dos canaes ha em muitas partes uma especie de cais, ou passeio, chamado *riva*, de ordinario guarnecido com um parapeito, onde tem sua portinhola: porém o mais geral é serem os canaes immediatamente contiguos ás casas por ambos os lados. Mr. Conder na sua *Italy* diz que o principal canal tem quasi trezentos pés de largo; que os outros são bastantemente largos; mas que a rua mais espaçosa da cidade não excede de 10 a 12 pés, e o geral de 6 a 8. Não é falta que se sinta, porque o transito e communicação dos habitantes é de ordinario por agua. As *gondolas* lhes servem para tudo; se alguem precisa uma cousa insignificante, por exemplo, fructa, adubos, &c., chama um bote. São estes o vehiculo universal da cidade: a idéa de gondola é inseparavel do nome de Veneza, onde é quasi impossivel andar 40 braças sem subir os degráus de uma ponte, pelo que as seges e os cavallos se não usam por inuteis. A gondola é uma especie de bote ou canoa, com 33 pés de comprido, e 4 de largo: a proa é fabricada de ferro polido, erguida, e lançada para avante, como um pescoço de cisne, e a pôpa tem um beque de madeira menos elevado que a proa, como póde ver-se na estampa da *Piazetta*. No meio tem uma camara coberta, guarnecida como uma carruagem, com suas vidraças e cortinas, e assentos de almofada para quatro pessoas: atraz vai o gondoleiro. O exterior de uma gondola, á excepção da proa de ferro, e de alguns ornatos de bronze, é de côr preta, que lhe da certo aspecto funebre; mas a libré de côres dos remeiros, e a elegante companhia que vai dentro desvanece logo a primeira impressão. Nos tempos da republica se promulgou, entre outras providencias sumptuarias, uma lei para cohibir os caprichos dos nobres, prescrevendo o tamanho, fórma, e côr, que ainda hoje as gondolas conservam. « Actualmente (diz um escriptor moderno), se a lei fosse revogada, os venezianos estão sobejamente pobres, para que lhe viesse á idéa alterar a moda estabelecida. Antigamente o nobre veneziano tinha sempre seis ou sete gondolas proprias, que estavam amarradas defronte das portas do seu palacio, equipadas com seus criados de libre: ao presente poucas pessoas ha que tenham mais de duas ou tres; e a maior parte das que o viajante vê pela cidade são de aluguer. As que pertencem aos particulares tem grandissima elegancia, e todo o aceio. Até ao meado do seculo passado i *gondolieri*, os barqueiros, eram uma classe de homens mais interessantes do que são hoje; e usavam cantar algumas passagens do Poema de Tasso; mui agradavel costume, que está completamente esquecido.

Veneza tem muitos e pomposos edificios, e não sendo possivel tractar aqui de todos, daremos noticia por agora do palacio ducal, que é o da nossa estampa. Este palacio occupa tres lados de uma praça quadrangular, ao lado do templo de S. Marcos fórma o quarto lado. Apresenta tres frentes: uma que dá para a Piazetta, outra sobre o cais immediato ao porto, e na mesma linha das duas columnas de granito, e a terceira e lavada por um canal estreito, que divide o palacio das prisões publicas, e é cruzado em uma grande altura pela famosa *ponte dos suspiros*. — A gravura mostra a vista das duas primeiras frentes tomada do porto.

O palacio ducal foi primitivamente construido em o seculo 9.º, porém sendo por varias occasiões destruido parcialmente pelos incendios, foi por vezes em diversas partes reedificado. O edificio, tal qual está, não remonta além do seculo 14.º, epocha de sua reedificação pelo doge — Marino Faliero, bem conhecido pela conspiração em que entrou, e pelo fim prematuro, que teve. A architectura é de genero barbaro, mais sarraceno do que gothico, mas por isso jucundo para um europeu pela sua elegancia e singularidade. Mr. Simond o compara a um vastissimo ar-

mario de gavetas, de obra de mosaico á antiga, sustentado em pequenos pés. Não obstante todos os defeitos de estilo e gosto desta enorme fabrica, o effeito que produz é grave e magnifico.

Tem oito portas; e a principal do lado da Piazzeta, entre o mesmo palacio e a igreja de S. Marcos, dá entrada para o *cortile*, especie de pateo vasto e escuro, a que correspondem os lados do palacio; daqui, por uma escadaria magestosa, chamada *escada dos gigantes*, por causa das estatuas colossaes de Marte e Neptuno, sobe-se para uma escada descoberta, onde no tempo da republica estavam pregadas as duas carrancas de leão, que de dia e noite recebiam pelas bocas os avisos anonymos. Esta communica com diversos quartos antigamente pertencentes ao doge, e com varias casas de conselho, onde os nobres se costumam reunir: a maior parte tem pinturas, que são bellas amostras da eschola veneziana. A sala do conselho supremo, que Evelino descreve como uma das mais espaçosas e magnificas da Europa, está hoje sendo a livraria publica: o tecto é excellente, e foi pintado a fresco por Bassano e outros, e os assumptos, pela maior parte, são allegorias dos actos da republica: por baixo estão por sua ordem os retratos dos doges com suas roupas e insignias ducaes, mas nesta serie falta um, e em seu logar está um vão preto com esta breve inscripção: *Locus Marini Falieri decapitati pro criminibus*: logar de Marino Faliero, que foi degolado por seus crimes. Outras casas encerra, todas esplendidas, e dignas da opulencia, e poderío da republica; porém nenhuma excita tão vivo interesse como a sala do Conselho dos Dez, cujo tecto é ornado de soberbas pinturas, producções do pincel de Paulo Veronense; esta sala era destinada áquelle tribunal da Inquisição d'Estado, que os nossos leitores já conhecem.

GALLICISMOS.

A LEITURA frequente dos livros francezes tem corrompido a nossa linguagem por tal maneira, que já hoje é impossivel desinça-la dos gallicismos, nomeadamente os de phrase, em que abunda; se isto em alguns casos é damnoso ou util para a grammatica ideologica, isto é, se algumas construcções daquella lingua, extremamente regular, serão boas de aceitar ao nosso idioma, não o podemos aqui dizer: mas o que não padece duvida é que essa lição de auctores francezes poz em esquecimento os portuguezes; que os habitos e costumes excellentes dos nossos antepassados se tem alterado e modificado em grande maneira por tal motivo, visto que a frequencia de estrangeiros torna estranhos os usos de qualquer povo, e o tracto dos livros produz muitos effeitos semelhantes aos do tracto dos homens. Accresce, que sendo a nossa lingua abundantissima, e escaça a franceza a muitos respeitos, pela falta de conservar os escriptores nacionaes encurtamos e empobrecemos as fórmas e os elementos do discurso. Sabemos que muita gente escarnece os que amam a pureza da lingua; mas a razão é obvia: mais facil é escarnecer dos bons estudos do que seguilos. A leitura dos livros classicos está ao alcance de poucos por uma parte, e por outra estes versam muitas vezes sobre materias aridas, e pouco importantes, para este seculo. Quem ha ahi, que, por exemplo, possa colher ás mãos a curiosissima historia da Ethiopia oriental de Fr. João dos Santos, a viagem de Fr. Gaspar de S. Bernardino, e outros tantos livros raros, ricos de instrucção deleitosa? — E aquelles que, por edições repetidas, sem grande custo se podem comprar e ler, sobre que versam em geral? — Contam milagres de sanctos, por vezes incriveis, descrevem usanças monasticas, pregam sermões sem unção, e quando muito pintam pelejas dos nossos maiores; em que ordinariamente já de antemão lhes sabemos das victorias. E, para não accumularmos exemplos, quem póde ir atraz do bonissimo Lucena, parando por quantas enseadas, por quantas aldêas tem a India, as Molucas, e o Japão, para escrutar as minimas acções de S. Francisco Xavier e dos seus jesuitas; para ver maravilhas onde muitas vezes a razão humana basta para explicar naturalmente o caso. Um erudito, que por novecentas paginas de folio vai buscando em Lucena uma ou outra passagem eloquente naquella tulha de dormideiras, leva isto com paciencia, esfrega os olhos, e segue ávante por esse mar de somno, para chegar ao porto do desejado = *Finis-Laus Deo* = e poder gabar-se da inaudita façanha de haver lido a *Vida de S. Francisco Xavier*: mas o vulgo dos leitores vinga-se em si proprio de alheios erros, e largando por mão o volume tedioso, volta-se para os mui agradaveis livros francezes; e se por acaso (nesta epocha em que, graças a Deus, todos escrevemos e estampamos) um desses ledores se converte em escriptor, certa é a tormenta e o granizo dos *remarcaveis* e *deboches*, das *conductas* e dos *ofazeres*, e outros que taes hediondissimos gallicismos, com que até já embicam os estudantinhos que apenas teem lido a cartilha, e o panegyrico de D. João de Castro por Jacintho Freire.

Desta leitura das obras francezas ainda outro grave damno se segue; e vem a ser que, até tractando de materias curiosas, os livros portuguezes enfastiam. Quem está habituado a certas idéas, e a certa ordem e disposição dellas, não gosta do que vai fóra daquelle trilho que costumou seguir. — O que muito tem manuseado os livros francezes, não só não gosta de ler os portuguezes, mas nem os inglezes, nem os allemães; nem os italianos, nem os de outra qualquer lingua; porque cada nação, pensando a seu geito, tem por consequencias as suas idéas particulares, e o seu modo de as exprimir, e o espirito habituado ao que é especial desta ou daquella, não se affaz levemente ao que o é de qualquer outra. Vejamos agora se haverá algum meio de obviar a todas as difficuldades que temos apontado, e que, como dissemos, são as causas da alteração, ás vezes depravada, da nossa formosissima linguagem.

E tractando primeiro do modo de tornar mais accessiveis as fontes da lingua classica, parece-nos, que se devia começar por fazer uma chrestomathia dos nossos auctores, tanto de prosa como de verso; em segundo logar reimprimi-los por preço tão modico, que a qualquer pessoa de medianos teres fosse possivel compra-los; em terceiro logar, em fim, traduzirem os homens eruditos as boas obras estrangeiras, que mais lidas são em Portugal nos seus originaes, e que em versões bem castigadas dariam util e agradavel leitura aos nossos compatricios. Usando destes tres meios, cremos que a lingua pouco a pouco surgiria do lodaçal, em que está mergulhada.

Quanto á chrestomathia, ou pedaços selectos dos escriptores portuguezes, ha muito propoz a Academia um premio a quem a apresentasse; mas até hoje ninguem appareceu a receber o premio. Demanda este genero de trabalho duas coisas, que raramente se encontram reunidas no mesmo sujeito — gosto e vasta lição —; mas se tal obra se escrevesse, de certo, o governo, se fosse illustrado, pagaria bem tão util livro, mandando que nas escholas primarias de nenhum outro se usasse para ensinar a ler as crianças. E assim seria por elle substituido o panegyrico de D. João de Castro, de que vulgarmente os mestres se servem, sem attenderem a que é este o mais improprio livro para semelhante idade.

Esta collecção, que deveria ser a flor da nossa litteratura, sendo ampla e feita com judiciosa escolha, fôra não só o livro das escholas, mas tambem dos adultos: uns por entreter-se o leriam, outros por sem grande trabalho os tentar erudição, mas todos aproveitariam delle copia de vocabulos, pureza de dicção, e mais que tudo, o habito de ler sem fastio os livros escriptos em vulgar. A mocidade tendo bebido as primeiras idéas nas fontes puras dos classicos, os buscaria, os amaria depois; e só faltára então o facilitar-lh'os.

Entre os propositos da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, um dos mais vantajosos é o de reimprimir e publicar os nossos bons livros por modico preço. Este intento esperamos vê-lo posto por obra em breve, e recebido como o da publicação do Panorama, que logo ao 5.º Numero se tirava a 5:000 exemplares, caso unico em a historia das publicações periodicas em Portugal.

Quanto á traducção dos bons livros estrangeiros, em que acima tocámos, forçosamente deploramos que isso se não haja feito. Dizem que o povo não lê senão novellas: mas que hade elle ler, se não lhe dão outra coisa? Porque despresarão os nossos homens conspicuos nas letras o serem traductores? — Não nos parece isso fundado em boa razão. Uma versão bem feita é tambem um titulo de gloria: o celebre Guizot traduziu a Historia da Decadencia do Imperio Romano, pelo inglez Gibbon, e não é este o escripto que menos reputação lhe alcançou. — Entendemos que as primeiras obras que devem verter-se são as dos historiadores, porque é esta a leitura mais facil, e o degráu que sem custo subirão os leitores de novellas. Creado o gosto de ler, brevemente se tornará em necessidade, e é então que os livros mais fastidiosos de outras sciencias, e das artes, se poderão com proveito publicar. E preciso que nos lembremos que em Portugal não carecemos só de dar livros ao povo, carecemos tambem de pouco a pouco o habituarmos a ler.

E aqui nos cabe responder aos que nos tem increpado pela disposição do Panorama, pretendendo que as suas columnas sejam dedicadas a materias de utilidade popular. Já, cremos, os embaraçariamos bastante, se lhes pedissemos um catalogo por alto dos objectos que elles julgam merecer o nome de *uteis*, ou por outra, se lhes pedissemos a definição exacta dos termos de que se servem. Mas abster-nos-hemos disso, e só lhes diremos que a razão do methodo que seguimos está no que ponderámos no paragrapho antecedente. Se os que nos reprehendem querem dizer que tractemos exclusivamente de artes e officios, e das applicações práticas das sciencias, responder-lhes-hemos que faltariamos á nossas obrigação e á confiança que em nós poz a Sociedade, se lhe escrevessemos resmas de papel, que só servissem de ir dormir repousadamente nas lojas dos livreiros. A verdade é, que a porção do povo, para quem querem que escrevamos, ainda communmente nem sabe ler. D'aqui a vinte annos o modo de redacção que nos propõem será talvez já vantajoso; por ora nada significa.

Porém ainda aqui não pára o que ha a dizer no caso. O Penny Magazine (em cujo molde vasámos o Panorama) é o periodico mais popular de Inglaterra, de um paiz onde o habito da leitura desce ás classes mais inferiores, e sem ter mudado o systema de redacção (inteiramente semelhante ao nosso) extrahe semanalmente de cada numero acima de trezentos mil exemplares.

Acabamos por esta digressão por nos ter caído naturalmente aqui, e porque nos julgamos com obrigação de dar razão de nós ao publico, para quem escrevemos.

QUADROS DA HISTORIA PORTUGUEZA.

I

Morte do Conde Andeiro e do Bispo de Lisboa

(1383.)

D. Fernando tinha morrido e a rainha D. Leonor governava o reino, cujo futuro destino estava duvidoso; porque a princeza D. Beatriz, unica filha do rei defunto se achava em Castella casada com D. João 1.º, e posto que, em virtude de contractos jurados em côrtes, ella havia de herdar o sceptro, o regimento do reino pertencia á rainha D. Leonor pelos mesmos tractados: além do que, o povo sempre contrario ao jugo hespanhol mal soffreria o governo estranho. Por outra parte os infantes D. Diniz e D. João, filhos de D. Pedro e de D. Ignez de Castro, que então andavam em Hespanha, tambem podiam demandar a corôa, e não faltavam motivos ao mestre de Aviz, para ter pertenções sobre ella, visto ser irmão d'elrei D. Fernando, e ter por si o voto commum da nação, que o estimava grandemente por suas excellentes qualidades.

D. Leonor era tão dissoluta e perversa mulher, quanto seu marido tinha sido fraco e desassisado rei. Quando ella tomou as redeas do governo, Portugal estava assolado por guerras intentadas sem justiça nem razão, e quasi todas seguidas de infelizes resultados. Nellas se tinham gasto sommas enormes, que haviam sido ajuntadas nos reinados antecedentes, e que D. Fernando dispensou com mão larga. O descontentamento publico chegára ao maior auge, e foi nestas difficultosas circumstancias, que uma princeza desenfreada se collocou á frente dos negocios do estado.

Levada de um amor impuro já D. Leonor, durante a vida do seu marido, tinha escandalisado a nação com o procedimento que seguiu e pela affeição que sem rebuço mostrava ao conde de Ourem, João Fernandes Andeiro. Era este natural de Galliza, e viera a Portugal por ser partidario de el-rei D. Fernando, nas guerras que este monarcha teve com D. Henrique de Castella. Quando a paz se fez entre os dois reis, foi elle mandado sahir para Inglaterra, onde teve muita entrada com Ricardo 2.º e com o Duque de Lancaster. Tentando, dahi a annos, el-rei D. Fernando, novas guerras com Castella, escreveu a João Fernandes Andeiro, para que tractasse de uma liga com o Duque de Lancaster, a fim de este o vir ajudar na empreza. Andeiro levou brevemente a cabo o negocio de que fôra encarregado, e veio elle mesmo a Portugal dar conta do feliz exito das suas tentativas. Não havendo, porém, ainda rompimento com os Castelhanos, e tendo elle sido expulso de Portugal em consequencia de um tractado, partiu disfarçado para Lisboa, e daqui para Estremoz onde D. Fernando então residia. Alli o teve elrei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha e que tão fataes foram para um e outro.

A guerra se declarou dentro em pouco, e Andeiro feito conde de Ourem cresceu em valimento e riquezas. A influencia da rainha no espirito fraco do monarcha portuguez contribuiu principalmente para a elevação do conde: mas el-rei passados tempos, começou a desconfiar do amor criminoso de sua mulher, que ella mal podia encobrir. Então se resolveu a manda-lo assassinar, encarregando disso o Mestre de Aviz, seu meio irmão, depois D. João 1º.; mas, por conselho do escrivão da puridade, sobre-esteve nesta resolução, e o conde pôde a seu salvo ver extinguir-se aquelle a quem pagára repetidos beneficios com a mais negra traição.

Apenas D. Fernando expirou, João Fernandes An-

deiro se retirou para o castello de Ourem que tinha bem fortificado, receoso do odio do povo e da nobreza, que geralmente o aborrecia. Declarada regente a rainha D. Leonor, o mandou vir logo para Lisboa com o pretexto de assistir ás honras funebres de seu marido, nas quaes, segundo o costume daquelle tempo, eram obrigados a appresentar-se todos os senhores e fidalgos do reino. Apesar das rogativas de sua mulher, o conde saíu de Ourem, e veio a Lisboa, onde se achava já reunida a nobreza. Celebraram-se as exequias de D. Fernando, ea imprudente D. Leonor chamou para junto de si o seu antigo amante, dando-lhe parte na administração publica.

Entretanto D. Beatriz, rainha de Castella, havia sido acclamada successora da corôa, em diversas povoações do reino; mas em quasi todas o povo se amotinára por esta occasião. Além da emulação que existia de largos annos entre as duas nações, os odios nascidos dos males, que reciprocamente haviam feito uma á outra, tornavam temeroso para os portuguezes o dominio hespanhol. Certo o rei castelhano da má vontade dos povos, e de que por outro lado a rainha D. Leonor de máu grado lhe largaria o governo do reino, resolveu-se a entrar com um exercito pela Beira, onde achou menos acolhimento do que lhe promettêra o bispo da Guarda, que em sua côrte andava, e que lhe aconselhára marchasse por esta provincia. Sabidos pela rainha os intentos d'elrei de Castella, decidiu sustentar-se na regencia, e para isso nomeou capitães, que defendessem as fronteiras no caso de commettimento, e o Mestre de Aviz foi nomeado fronteiro-mór do Alemtejo.

Nono Alvares Pereira era então um simples cavalleiro, mas poderoso e nobre; como quasi todos os fidalgos odiava o conde de Ourem; e sendo o infante D. João eleito general do Alemtejo, propoz-lhe que antes de partir o matasse, no que elle o ajudaria: conveio o Mestre de Aviz; porém, quando tudo estava prompto para semelhante feito, escusou-se elle, e Nuno Alvares, vendo falhar seu intento, se retirou para Santarem, d'onde só voltou depois do infante estar proclamado regedor e defensor do reino.

Havia neste tempo em Lisboa um velho, chamado Alvaro Paes, que fôra chanceller-mór de D. Pedro 1.º e de D. Fernando, respeitado geralmente não só pelos cargos que servíra, mas por suas virtudes e muita prudencia. Este era um dos que mais se doiam do procedimento de D. Leonor, e que mais desejavam a morte do conde de Ourem. O conde de Barcellos, irmão da rainha, que residia então tambem em Lisboa, estava grandemente affrontado dos desvarios de sua irmãa, e já, em vida d'elrei, havia tentado a morte de Andeiro. Sabia isto Alvaro Paes, e desejoso de pôr termo ás infamias de D. Leonor, fallou ao conde de Barcellos e procurou incital-o de novo a assassinar o de Ourem: porém não ousando o conde tentar só por si tão perigosa empreza resolveu fazer entrar na conjuração o Mestre de Aviz.

As razões do velho chanceller tal impressão fizeram no animo do infante, na primeira reunião que os tres conjurados tiveram, que este prometteu matar o conde de Ourem no paço. Ajustaram então que apenas o assassinio fosse perpetrado, um pagem do Mestre sairia do palacio, clamando que queriam matar seu amo, e que Alvaro Paes saíria tambem pelas ruas para excitar o povo a acudir-lhe. O dia destinado para este feito foi marcado a 5 de Dezembro daquelle anno de 1383.

Os paços, onde então habitava a rainha, eram onde hoje está o Limoeiro. Chamaram-lhes em outro tempo os paços dos infantes e da moeda; ahi moron depois el-rei D. Duarte, no principio de seu reinado, e ahi assistia o infante D. Pedro, quando regeu o reino, na minoridade de seu sobrinho D. Affonso 5.º Hoje apenas restam fragmentos da architectura primitiva deste monumento precioso d'uma das mais celebres epochas da nossa historia.

No dia aprasado o Mestre, em vez de se dirigir ao paço, montou a cavallo apenas acabou de jantar, e partiu da cidade, caminho do Alemtejo. Parece que elle receára as consequencias da sua tentativa, ou por temer o povo o abandonasse á vingança de D. Leonor, ou porque havendo fallado a alguns cavalleiros para o acompanharem na empreza, a maior parte delles recusou segui-lo com temor do poder da regente. Mas indo já tres legoas affastado da cidade, e reflectindo melhor, viu que tinha entrado muito ávante na conjuração, para poder a seu salvo retroceder: assim resolveu-se a voltar a Lisboa, e para se não tornar suspeito mandou adiante Fernando Alvares de Almeida, seu veador, com um recado á rainha, em que lhe dizia, que voltava a pedir-lhe mais alguns despachos, de que precisava para bem preencher a missão de que estava encarregado. Deu o veador o recado, e no dia seguinte o Mestre se achava de volta, apresentando-se no paço logo pela manhã com vinte escudeiros armados. Entrou o infante na camara de D. Leonor, onde estavam varios fidalgos, e João Fernandes Andeiro de joelhos juncto ao estrado da rainha, fallando com ella. O Mestre de Aviz começou então seu discurso, dizendo voltára para que se lhe désse mais gente de armas, porque a que tinha era pouca para guardar tão extensa fronteira, como a que estava a seu cargo. A regente pareceu não deconfiar desta observação, que era intempestiva, visto ter podido o infante faze-la quando foi nomeado fronteiro mór do Alemtejo: mandou por tanto que se apresentassem a D. João os livros dos vassallos (*), para que elle escolhesse quantos quaes quizesse; e então os que estavam presentes começaram a conversar ácerca de diversas materias.

Mas o conde de Ourem logo teve más suspeitas da volta do Mestre de Aviz acompanhado de escudeiros armados, e secretamente deu ordem aos seus que fossem armar-se tambem e que tornassem para o paço immediatamente. A's horas do meio dia o conde de Barcellos, que estava presente, convidou o infante a jantar, e ainda com mais efficacia João Fernandes Andeiro lhe fez o mesmo offerecimento; porém D. João se escusou; e os fidalgos começaram a sair da sala talvez sabedores das intenções do Mestre. Este ficou só com o conde, e querendo elle sair apoz dos outros, o não deixou; e dando-lhe o braço, o veio trazendo para a ante-camara, com o pretexto de lhe communicar algumas cousas de segredo. Aqui estavam os criados do infante, o qual, chegando-se com o conde para uma janella, lhe disse algumas palavras em voz tão baixa, que nenhum dos circumstantes pôde percebe-las. Então, indo o conde responder, levou o Mestre da espada, e lhe deu uma grande cutilada na cabeça. João Fernandes Andeiro, sentindo-se ferido, quiz refugiar-se no quarto da rainha; mas Ruy Pereira, fidalgo que viera com o infante, o atravessou com um estoque, golpe de que logo caíu morto, e assim esteve envolto em sangue até a noute, em que a rainha o mandou secretamente enterrar na igreja de S. Martinho.

Entretanto Gomes Freire, pagem de D. João, correu a casa de Alvaro Paes, gritando pelo caminho: «Acudi ao Mestre que o matam no paço!» — Alvaro Paes, chegado o pagem, saíu tambem clamando ao povo que salvassem o infante. Então começou o tumulto

(*) Sobre os vassallos vide o numero 5.º do Panorama.

popular: — as ruas se atulharam de gente — o clamor das maldições — os gritos de morte — o rebate dos sinos — o estrepito das armas retumbava em sons medonhos. A torrente do povo corria para a praça do palacio: uns pretendiam arrombar as portas, outros lançar-lhes fogo, outros, em fim, pediam escadas para abalroar os muros. Tudo era confusão e alaridos. A plebe vociferava as mais affrontosas injurias contra D. Leonor: e se chegassem a entrar no paço, ella sem duvida seria feita pedaços pelo tropel furioso. Neste momento de ancia e terror o Mestre de Aviz, por quem o povo clamava em altas vozes, appareceu a uma varanda, e declarando que o morto era, não elle mas o conde de Ourem, a tempestade acalmou e os gritos de furor se converteram em vivas ao infante. Elle então desceu á praça, e por entre a multidão, que o cobria de bençãos, se encaminhou ao Rocio, onde habitava o duque de Barcellos.

Quando assassinaram o conde Andeiro, a rainha, ouvindo os gemidos do moribundo e o estrondo das armas, mandou indagar a causa daquelle ruido. Costumada a dissimulação, sabendo a morte do seu amante, escondeu a afflicção que sentia; mas vendo que todos começavam a fugir, cheia de terror mandou perguntar ao Mestre de Aviz, se tambem ella havia de morrer. Segura da vida, e das intenções do infante, recobrou seu caracter altivo, ordenando a este sahisse immediatamente do paço. O que dahi a pouco elle fez, como vimos.

Neste tempo era bispo de Lisboa D. Martinho, castelhano natural de Zamora, ao passar o tumulto pela sé, dirigindo-se ao paço, os sinos da cathedral tocaram a rebate, como os das outras igrejas. Estes ao voltar o infante repicaram successivamente; porém a cathedral foi muda. O povo, que sabia ser o bispo parcial da rainha, enchen-se de furor com isto, e muito mais vendo-o no alto da torre, para onde se tinha refugiado com dois hospedes seus, mandando fechar todas as portas, assim que principiou o motim popular. Por uma fresta entraram logo na igreja, e abrindo as portas, subiu acima o procurador da cidade com mais tres homens, e perguntou ao bispo a razão porque não fazia repicar os sinos. Deu este as suas desculpas; e os que haviam subido voltavam já sem lhe fazerem mal algum, quando o povo, cego de furor, começou a ameaça-los de os matar por terem perdoado ao bispo e aos que com elle estavam. Então os quatro para salvarem as proprias vidas, retrocedendo, lançaram mão do desgraçado prelado e dos seus dois companheiros, e os arrojaram da torre abaixo. A plebe, sempre feroz, despindo primeiramente o cadaver do bispo, o arrastou pela cidade, indo adiante lançando um rustico o seguinte pergão: Justiça que manda fazer o papa Urbano a este traidor castelhano scismatico. Este theologo de taberna alludia a ser D. Martinho sectario dos papas que então havia em Avinhão, em quanto a maior parte dos portuguezes prestavam obediencia aos que residiam em Roma.

Depois disto a rainha fugiu de Lisboa: os animos asserenaram um pouco; e dahi a dias foi o Mestre de Aviz declarado defensor e regente do reino.

Os alchimistas, e a pedra philosophal.

Não tinham sómente o nome de alchimistas os homens estudiosos, que na idade media se applicavam á alchimia; tambem se lhes davam os de *filhos da arte*, *iniciados*, *cosmopolistas*, *adeptos*, *rosa-cruzes*, *assopradores* ou *philosophos hermeticos*. Esta ultima palavra alludia a Hermes, ou Mercurio Trismegisto (isto é, tres vezes sabio), famoso philosopho egypcio que alguns suppoem ter sido conselheiro d'Isis, mulher d'Osiris, e que vivêra perto de 1:900 annos antes de Jesus Christo.

A philosophia hermetica, segundo os escriptores que tiveram fé nesta sciencia, era tão antiga como o mundo: ella tinha por objecto o buscar a *pedra philosophal*, *a panacêa universal*, e a *grande obra*. Imaginavam os alchimistas que existiam *metaes perfeitos* como o ouro e a prata, *imperfeitos*, como o mercurio, o chumbo, &c., os quaes era possivel transmudar.

O ouro, diziam elles, é de todos os corpos da natureza o mais compacto, o mais pesado, e aquelle que o fogo, a agua, e o ar menos alteram. Designavam-no tambem pelo nome de *sol*, e o representavam na figura d'um circulo; o que era simplesmente uma consequencia da sua doutrina, que se propagava entre os *sabios*, sómente por meio de imagens, e de comparações misteriosas.

Os Arabes, que muito cultivavam a alchimia, foram os primeiros que attribuiram ao ouro as mais estupendas virtudes medicinaes, e o misturaram nas suas composições chimicas, reduzido a folhas, pois pensavam que este metal fortalecia o coração, reanimava os espiritos vitaes, recreava a alma, e era um remedio egregio contra melancholia, convulsões, e palpitações de coração. Os alchimistas que se apoderaram destas idéas ainda as ampliaram mais, attribuindo todas as virtudes possiveis a esse ouro que elles presumiam saber extrahir dos metaes imperfeitos. O *ouro philosophico*, a *quinta essencia*, a *alma do ouro*, a *tintura solar radical*, a *agua do sol*, o *pó de projecção*, o *magisterio*, a *essencia dos cedros do Libano*, o *restaurador das pedras preciosas*, o *elixir universal*, todos estes nomes foram indistinctamente dados á pedra philosophal.

Só uma crença mui forte, e muito arreigada, sustentada pelo prestigio de tão pomposas denominações, poderia inspirar aos alchimistas a pasmosa perseverança com que, sempre com mira na sonhada pedra philosophal, conservavam annos inteiros fornos accesos, onde fundiam os metaes, e com elles quasi sempre os seus cabedaes. Muitos houve de quem a fama publicou haverem achado a pedra philosophal. Por exemplo, muito tempo passou por certo que Nicoláu Flamel a descobrira em 17 de Janeiro de 1332, e como tinha credito de ser riquissimo, quando falleceu, a cubiça induziu em fazer varias excavações em uma casa que possuira na rua de Marivaux, em París; porém estes trabalhos foram sempre infructiferos, como devia esperar quem fosse dotado de juizo. Antes de Flamel, Raimundo Lullo, famoso escriptor do 13.º seculo, transformou em ouro, segundo a voz do povo, durante o tempo que esteve em Londres, cincoenta mil libras de azougue para o rei Eduardo 1.º

Por esse tempo, escrevia Affonso 10.º, rei de Castella, em uma das suas obras: « Eu tinha aprendido « com F. . . a fazer a pedra a que elles chamam phi- « losophal; nós a fizemos ambos; depois eu a fiz só, « e foi com o seu auxilio que muitas vezes engrossei « os meus thesouros. »

Finalmente, no 17.º seculo, Van Helmont filho, o ultimo homem notavel que se occupou em fazer a grande obra, affirmava ter visto e palpado muitas vezes a pedra philosophal, a qual, segundo elle diz, tinha a côr do açafrão em pó, e brilhava como o vidro moido. Deram-lhe a quarta parte de um grão, e esta tenue quatidade bastou para mudar oito onças de mercurio em purissima prata.

Contam-se infinitos tractados de alchimia, quasi todos escriptos em linguagem mysteriosa, que pres-

crevem formulas ou receitas para effeituar a grande obra. A seguinte é uma das mais concisas e claras: lançai em uma redôma de vidro forte, ao fogo de arêa, elixir de Aristeu com balsamo de Mercurio, e um peso igual do mais puro ouro de vida e a calcinação, que ficar no fundo da redôma, se multiplicará cem mil vezes. Os *assopradores* que queriam seguir semelhantes receitas, sempre se empobreceram.

A pureza d'alma era instantemente recommendada pelos alchimistas como condição essencial para o bom exito dos seus trabalhos; alguns delles todavia bem longe estavam de possuí-la. Flamel exercia a usura em París, e chegou a enriquecer muito mais por este meio, do que pela *divina pedra*. Paracelso no 16.º seculo passou quasi toda a vida na embriaguez e na devassidão, e morreu n'uma bodega de Salzbourg, tendo apenas 48 annos de idade, não obstante ter quasi chegado a prometter a immortalidade aos que fizessem uso dos seus segredos. Depois de haver queimado publicamente os livros dos medicos gregos, elle exclamava com orgulhosa ironia, durante o curso que deu na Alemanha: «Avicena, Galeno, e vós outros philosophos e medicos vulgares, as fitas dos meus çapatos sabem mais do que vós; todas as universidades e todos os escriptores reunidos tem menos sciencia que os pellos da minha barba e do meu pescoço, eu, eu só, sou o verdadeiro monarcha da medicina!»

A extravagancia destas palavras pouca admiração causará a quem se lembrar que naquelle tempo quasi todos os homens de merito criam firmemente nas sciencias occultas, que os mais instruidos frades lhes consagravam na solidão do claustro os seus estudos e vigilias, e que quando nasceu o protestantismo, philosophos, cujos nomes ainda hoje são honrados por muitos titulos, sustentavam theses publicas ácerca da astrologia judiciaria, da cabala, e da magia.

É certo que para isto concorria não existirem então as sciencias exactas, que com grandissima difficuldade começavam a surgir do cabos da fabula; porque não era possivel, sem dispender muito tempo, colligir as observações que deviam formar as bases de trabalhos serios e incontestavelmente uteis; porém hoje que o adiantamento da chimica tem feito conhecer que o ouro assim como todas as outras substancias, a que se dá o nome de metaes, deve ser considerado elemento ou corpo simples, visto resistir a todos os meios de composição, expor-se-hia com certeza a passar por insensato todo aquelle que tentasse a chimerica empreza de fazer ouro.

Mas nem por isso devemos condemnar severos ao despreso os alchimistas da idade media que obravam de boa. fé, e que tendo em pouco os trabalhos, as despezas, e os perigos, foram por entre as trevas abrir as primeiras portas da sciencia. De importantes descubertas somos devedores ás manipulações laboriosas e aturadas, a que elles submettiam uma immensidade de materias. Quem póde negar o merecimento dos esforços de Paracelso para introduzir na medicina o uso das preparações antimoniaes, mercuriaes, salinas, e ferreas, com que fez curas prodigiosas?

Quanto aos alchimistas de má fé, charlatães avarentos, que tanto se multiplicaram no 16.º seculo, voluntariamente votámos a sua memoria ao despreso devido a vís pellotiqueiros, que vagavam pelo mundo, vendendo mui caro aos crédulos o segredo de fazer ouro, como se quem o possuisse carecesse de vende-lo para ser rico.

São conhecidas algumas fraudes destes velhacos. Uns sabiam introduzir habilmente no chumbo ou cobre derretido parcellas de ouro contidas em uma varinha ôca, de que usavam para misturar os ingredientes; outros serviam-se de cadinhos, cujo fundo enchiam de ouro ou de prata amassada, que occultavam com outro fundo falso, feito com o mesmo pó de cadinho e agua gommada. Expostos estes vasos a um fogo vivissimo, e resolvido o mercurio ou o chumbo, que nelles lançavam, appareciam o ouro ou a prata calcinados.

Modo de conseguir que as arvores velhas deem fructo. — Um proprietario inglez tinha no seu pomar algumas maceiras, que de velhas já não davam fructo. Tomou no inverno uma pouca de cal virgem, e tendo-a desfeito em agua, caiou com um pincel os troncos das taes arvores, uma vez sómente. O resultado foi a destruição das moscas e insectos, e cair a casca ou cortiça velha, e ser substituida por outra nova. As mais dellas cobraram novo rigor, e uma apparencia de mocidade, que indicava não terem mais de vinte annos.

Modo de preservar o aço da ferrugem.—Para obstar a que se enferrugem os objectos de aço pulido, os cuteleiros inglezes os esfregam com cal virgem em pó, ou os mergulham em agua de cal antes de os exportarem.

Modo de curar o linho com o carvão. — Mr. Juck fez ferver algumas meadas de fio de linho, segundo o costume, com cinzas peneiradas, para delle separar a substancia extractivel. Depois de ter deixado seccar o fio, fez ferver uma meada, ou 140 varas de fio com tres onças de pó de carvão, por espaço de uma hora, em sufficiente quantidade d'agua. A linha depois de lavada e sêcca tinha adquirido uma alvura muito superior á que póde dar-se-lhe por meio da cinza.

Receita para offugentar os ratos.—A. Andran, proprietario no departamento de Tarn-et-Garonne, livrou os seus celleiros do flagello dos ratos, pela maneira seguinte: cortou um grosso mólho d'*arruda*, fê-la seccar á sombra, e depois pendurou-a no vigamento do celleiro em que costumava guardar trigo, cevada, favas, e outros grãos, que uma multidão de ratos até então tinham roído, sem que fosse possivel extinguila. Desde este momento não tornou o proprietario a ver nenhum destes animaes daninhos, o que o convenceu de que bastava sómente o cheiro d'arruda para affugenta-los; e como depois se lembrasse de pôr mólhos da dita herva em todas as entradas do celleiro, encontrou muitos ratos mortos, e deste modo se descartou de tão perniciosos inimigos.

Tinta para marcar roupa. — Tome-se de limalha de ferro, e de vinagre de madeira duas libras; mistera-se a limalha com metade do vinagre, chocalhe-se frequentes vezes a mistura, e á medida que fôr absorvendo o liquido, junte-se o resto do vinagre, e uma libra d'agua. Aqueça-se a mistura para facilitar a acção do acido sobre o ferro; e quando tudo estiver dissolvido junte-se-lhe tres libras de sulfato de ferro (caparosa verde), e uma libra de gomma arabica, previamente dissolvida em quatro libras d'agua. As quantidades indicadas dão ordinariamente doze libras de producto. Para empregar esta tinta, estende-se a roupa sobre uma meza, e fazem-se as marcas por meio de estampilhas de cobre, e de um pincel. Tal é o processo empregado nos hospitaes de París.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, largo do Pelourinho N.º 24

Lisboa—Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

8) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. JUNHO 24, 1837.

MONUMENTO DE ODIVELLAS.

ODIVELLAS.

Quem tivesse lido na historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, a descripção do convento de Bemfica, não descançaria sem ver este edificio, que a penna eloquente do escriptor soube pintar como uma das maravilhas do mundo. Chegando porém cheio de curiosidade áquelles sitios immortalisados pelo chronista dominicano, ao avistar de perto o convento começar-se-ía a desvanecer a illusão: — entrando, ella fugiria inteiramente. Nada ahi faltára do que se lêra no livro, salvo o genio do historiador: — este genio havia dado grandeza e vida ao que era mesquinho e morto: — o claustro, as aguas, o satyro, a verdura lá se viam — mas o frade, por ventura ignorante, que mostrava isso tudo, não era Fr. Luiz de Sousa. A realidade da pedra tosca, da fonte pobre, da verdura sem viço, da estatua mal cinzelada, contrastava o ideal da descripção: e o admiravel que até alli a imaginação attribuíra ao edificio, desde esse momento se dava a quem pertencia — ao escriptor, que, semelhante á divindade, tirára do nada uma fabrica maravilhosa.

Deste genero, posto que não primorosa em estilo, é a descripção, que o chronista Fr. Francisco Brandão nos deixou do mosteiro de Odivellas. — Quem ler por cinco ou seis capitulos da monarchia lusitana a historia da fundação do mosteiro, crerá ao visita-lo, que se enganou no caminho. Verdade é que só do primitivo edificio resta hoje a igreja; mas esta, acanhada, barbara, e mesquinha, não corresponde á idéa que della haviamos figurado. A capella, que contém o tumulo d'el-rei D. Diniz, fundador do mosteiro, é um vão escuro, onde apenas cabe o monumento, cujos lavores, que parecem ter sido obra de subtil artifice, hoje mal se podem ver; porque a frente do tumulo foi voltada para a parede, e o que ficava á face da igreja, coberto de estuque pintado; barbaria esta digna de freiras bernardas. — No exterior apenas offerecem vestigios de veneravel antiguidade os muros da capella-mór, e o atrio da entrada, collocado a um lado, e de architectura gothica. — N'uma das paredes deste está embebida uma bala de pedra da circumferencia de mais de cinco palmos, por baixo da qual se lê a seguinte inscripção: — *Este pelouro mandou aqui offerecer a san Bernardo dom Alvaro de Noronha por sua devaçam, que é dos quom que lhe os turcos combateram a fortaleza Darumuz sendo ele capitam dela, na era* 1557.

Esta data deve-se entender do anno, em que o pelouro se collocou em Odivellas; porque o cerco de Ormuz foi no anno de 1552, sendo vice-rei da India D. Affonso de Noronha. Pirbec, general dos turcos, poz este cerco, o qual foi obrigado a levantar depois de ter inutilmente esbombardeado alguns dias a fortaleza com artilheria grossa. Dizem Diogo de Couto e Francisco de Andrade, que nos muros ficaram embebidas muitas balas, que por largo tempo ahi se

conservaram; e seria por ventura uma destas que D. Alvaro de Noronha trouxe a Portugal em memoria daquelle feito.

Junto ao convento está um outeiro do lado de Lisboa, sobre o qual se vem estendendo a povoação de Odivellas. Neste outeiro se ergue o monumento, que precede este artigo, e que a tradição popular denomina = *Monumento de D. Diniz.* =

Em todos os nossos historiadores, quer ecclesiasticos, quer seculares, a unica noticia que havemos encontrado ácerca deste monumento e a que nos dá Fr. Francisco Brandão, descrevendo o enterro de D. Diniz: «Alguns querem dizer (palavras do escriptor) que aonde agora está um arco de pedraria, parou a liteira, e se fizeram as costumadas ceremonias; mas aquelle arco, que responde a outro, que está á saida de Lisboa para aquella parte, no campo da forca, se pozeram por descançar naquelles logares o feretro de D. João o 1.º, quando de Lisboa veio trasladado ao seu jazigo do real convento da Batalha, como se dirá a seu tempo.

O outro arco, de que falla Brandão, já não existe, e este parece com effeito ter sido erguido em memoria de D. João 1.º, por ter no remate a cruz floreteada de Avis, da qual ordem D. João 1.º era mestre. O escudo de armas, posto no fecho do arco, tem na orla treze castellos. Isto talver decidiria a questão; porque não conhecemos sellos de D. Diniz com tão grande numero delles, e só alguns de D. João 1.º se vêem orlados com treze ou quatorze castellos. Mas parece que algumas pegas do arco foram em tempos modernos reformadas, e não temos certeza se o escudo que está no alto, seria posto de novo.

Entretanto os pequenos arcos collocados no centro do monumento fa-lo-iam a muitos parecer de mais remota epocha: as suas voltas pertencem á architectura arabe, ou antes mourisca, e a separação das pequenas columnas sobre que assentam, lhes dá igualmente um cunho mourisco. Se a nossa architectura antiga podesse classificar-se como a dos outros povos, a denominação de *Monumento de D. Diniz*, dada a esta memoria, não seria inteiramente infundada; visto que fôra quasi impossivel achar uma obra do 13.º seculo traçada em grande parte segundo o estylo arabe: mas para a historia da architectura portugueza, nem ainda os fundamentos estão lançados; e não seriamos nós que ousassemos dizer, que a influencia do gosto mourisco não chegasse em Portugal até o reinado de D. Duarte.

O monumento de que tractamos não tem inscripção alguma que revele o seu objecto: apenas na face que olha para o lado de Lisboa tem a um lado e perto da base o seguinte letreiro, gravado em caracteres assaz modernos = 1721 — R. T. F. =: isto nada indica, a não ser a epocha em que foi concertado. Dahi apenas se poderiam tirar conjecturas de bem pouco momento, e que nada importariam ao leitor.

Do leite dos animaes e suas propriedades.

Por maiores que sejam as vantagens, que o homem sabe tirar do genero = *boi* =, sempre sobresáe, como uma das mais distinctas, a quantidade, e nutritiva qualidade do leite da vacca; que em todos os tempos tem sido uma consideravel parte do sustento do genero humano nos paizes, onde se acha aquelle animal; e que indubitavelmente foi a causa da primitiva domesticidade, e gradual melhoramento desta especie. Onde quer que se conhecem, a vacca e seus congeneres são quasi os unicos animaes, que dão leite em muito maior abundancia, do que requer a sustentação da prole; e que isto é uma propriedade destes animaes, mesmo no estado de bravios, póde inferir-se do grande tamanho da teta em comparação com as de todos os outros mammaes. A quantidade de leite que produz a vacca domestica varía commummente segundo a estação, a variedade de especie, e a natureza e abundancia do alimento. As vaccas de mais fama em Inglaterra são as das ilhas do canal, com especialidade as de Alderney: as de Guernesey são mugidas tres vezes ao dia: os nossos proprietarios em geral cuidam muito pouco no aperfeiçoamento das raças.

Londres, a cidade mais populosa da Europa, tem, para a prover de leite sufficiente a seu consumo, acimo de 9:000 vaccas; e como tão grande numero está em edificios fechados nos arrabaldes immediatos á cidade, não póde haver bastantes pastagens sequer para ametade; por isso a maior porção do alimento daquelles animaes consiste no bagaço dos grãos, de que se fabrica a cerveja, e de que se distillam outras bebidas espirituosas; n'algumas occasiões lhe ajuntam, em pequenas porções, nabos, cenouras, feno, e bolo d'azeite (oil cakee). Quando as vaccas estão já velhas para dar leite as cevam com este bolo para as vender ao carniceiro. De ordinario são mugidas duas vezes ao dia, pela manhã e á tarde; mas em algumas herdades as ordenham sómente ao meio dia, e sendo a esta hora não é tão boa a qualidade do leite.

Inda que o leite de vacca é o que principalmente se usa na Europa por alimento, comtudo differentes nações tambem empregam o de egua, de burra, e de camelo; sendo muito usado principalmente em o nosso paiz o de cabra, e de ovelha. Sendo todas as castas de leite, ainda que variem no sabor, proprias á nutrição da creatura, todas ellas se adaptam á sua geral composição chimica e organica. É um fluido branco, opaco, mais pesado do que a agua, e de sabor doce e delicado. Tirado recentemente do animal, e deixando-o assentar, separa-se em duas partes: um fluido mais consistente e oleoso, chamado nata, que fluctua ao de cima; e outro por baixo mais raro, pesado, e volumoso, em grandes flocos. É esta uma divisão puramente mechanica, que procede das diversas gravidades especificas das duas partes constituintes; e que ao menos tempo manifesta as propriedades daquella substancia.

Passado um lapso de tempo maior do que o necessario para produzir a separação da nata, quer esta tenha sido removida, quer não, succede uma alteração chimica no leite. O liquido se torna acido; a putrefacção sobrevem pela coagulação; o leite se divide em duas substancias distinctas: formam-se massas espessas, molles, e brancas chamados *coalhadas*, e fluctua um liquido delgado, chamado *sôro*. Esta coagulação póde impedir-se por algum tempo, addicionando-se ao leite algum acido, ou certas substancias chimicas adstringentes, o alcool, a gelatina, e varias outras. O leite é tambem susceptivel de fermentação vinosa e acetosa.

A nata differe do resto do leite porque contém a maior parte da porção oleosa, que é a base da *manteiga*: mas esta separação effectuada naturalmente ainda não é completa; porque apesar de predominar em a nata a parte *butirosa* ou manteiguenta, com tudo lá fica sempre alguma porção della no sôro ou *serum*, e na parte *caseosa* ou do queijo; e para se obter estreme aquella substancia é necessario empregar o artificio humano, do que para ao diante tractaremos. Notaremos de passagem que a manteiga, posto que extraida de um liquido azedo, é perfeitamente doce; e a pequena porção do acido se acha nella por tal fórma combinada, e occulta, que se não denuncia ao paladar.

Qualquer que seja a preparação do leite é sempre salutifera: e quando o estomago de alguma pessoa o não abraça é signal certo de estar arruinado. O leite simples, ou a nata, ou a manteiga, queijo, coalhada fresca, o sôro da nata quando se faz manteiga *(butter-milk)*, e ainda mesmo todas, ou alguma destas cousas, já um tanto coaguladas e acidas, são perfeitamente innocentes para a saude. O sôro, sendo guardado por tempo bastante, passará por uma fermentação vinhosa e espontanea, e poderá extrair-se-lhe alcool: neste estado, é nas provincias do norte de Inglaterra considerado como bebida embriagante. Os tartaros, como é bem sabido, preparam copiosas porções de bebidas espirituosas do leite das éguas. Este leite é na materia oleosa inferior ao de vacca, porém encerra mais partes saccharinas, e de outros sáes.

O leite de ovelha é tão abundante de oleo como o de vacca, mas contém menos partes saccharinas do que o de outros animaes. Ainda nos condados do norte da Inglaterra, e na Escocia, se fabricam os queijos do leite de ovelha; mas vão pouco a pouco caindo em desuso, por serem inferiores aos de leite de vacca.

O leite de jumenta se parece com o de mulher em varias das suas qualidades; de cuja semelhança procede a sua applicação aos doentes de achaques pulmonares.

O de cabra é talvez o mais proximo em qualidade ao de vacca; e por isso muito usado em todo o sul da Europa: fornece excellente queijo e tambem manteiga, porque tem a nata mais copiosa e succulenta que o de vacca.

O de camella é usado na China, na Africa, em uma palavra, em todos os paizes, onde este animal prospéra: e sendo bastante fraco, como é leite, sempre tem preço onde não póde haver-se melhor.

O leite da porca tambem se parece com o de vacca; e é usado em Cantão e outras partes da China.

O de bufalo é exactamente semelhante ao de vacca, posto que os dois animaes pertençam a especies diversas.

Nenhuma nação, que nós saibamos, usa do leite de algum animal carnivoro. Não ha razão para crermos que o leite desta ordem de animaes seja ou desagradavel ou insalubre: mas a ferocidade e a agitação dos individuos, apresentará sempre obstaculos a experiencia. Já mencionámos que as differentes castas de leite de animaes, de que temos conhecimento, combinam nas suas qualidades sensiveis e chimicas: o que facilmente se confirma, porque outros animaes, além do homem, podem ser na infancia nutridos com o leite de especies, e até de generos, ou ordens, muito distinctas. Ha exemplos de ratos e lebrachos ammamentados por gatas, de corços pequenos por ovelhas, e de burros por cabras; e o homem em todas as escalas de sua existencia é nutrido pelo leite de animaes diversos, menos dos carnivoros.

POESIA

O homem arrojado em uma vida semeada de gosos e dores, de recordações e esperanças, foi dotado pela natureza dos desejos e da faculdade de communicar estes sentimentos todos aos seus semelhantes; porém para o alcançar carecia de tornar a imagem delles tão sensivel como a propria realidade. Foi isto que deu origem a poesia, e depois á eloquencia da palavra, do gesto, e do estilo. Assim, todos os povos, ainda barbaros, tiveram e teem uma litteratura. Nós a encontramos nos monumentos mais remotos das nações de Europa e da Asia, nas canções das rudes tribus da Negricia, e nas tradições dos selvagens da America. Em toda a parte e em todos os seculos a linguagem harmoniosa da poesia influiu nas turbas: — em toda a parte e em todos os seculos retumbou no coração humano o gemido da afflicção, o cantico do prazer, ou o hymno vivido do enthusiasmo, surgindo da alma do poeta, quando nella trasborda qualquer destes sentimentos.

E estas inspirações, por cujo meio o homem revela a sua origem celeste, não dependeram jamais do augmento de civilisação, quanto a sua essencia, mas só quanto a sua fórma accessoria. O poeta, como o artifice ou o philosopho, é levado pelas opiniões e costumes do seculo; porém no amago dos seus cantos ha sempre um ou muitos pensamentos perpetuos e immutaveis: a tradição dos principios moraes que não fluctuam, das idéas sanctas que devem estar gravadas no espirito de todos aquelles que teem patria, familia, e deus, está confiada ás almas dos poetas. São elles os depositarios de uma herança de virtude: e desgraçado daquelle que falsando sua missão na terra, conspurcou com o lodo de paixões ignobeis o thesouro do genero humano.

O genio, pois, é superior a esse progresso lento de calculos e raciocinios, a esse augmento de complicação na machina social, a que se chama aperfeiçoamento. Como um deus elle grita á imaginação do povo: crêde-me porque sou omnipotente — e o povo levanta um clamor de admiração, e diz ao genio: — tu és, com effeito, um deus! —

Sobre as cinzas de David, de Isaias, de Jeremias, e de Homero pezam as cinzas das raças que passaram na terra por mais de vinte e seis seculos, e as palavras desses homens ainda resoam em nossos ouvidos com uma harmonia, que nos pede, ao escuta-la, amplo tributo de espanto e enthusiasmo. Os heroes do *Samunda-Edda* foram ha muito saciar-se de batalhas no ceu de Odin: os seus cantores dormem ha mil annos; mas as poesias athleticas dos Nibelungos e Volsungos, ainda nos aterram, a nós homens apoucados de uma epocha mesquinha, em que muitas vezes o sublime nos parece barbarie, e a virtude taxamo-la de superstição ou fraqueza.

A historia acompanha as nações do berço ao tumulo, alli lhes abandona os cadaveres, para seguir os povos que de novo nascem: — ella observa impassivel a humanidade, e impassivel transmitte de epocha a epocha os successos passados. A poesia porém paira sobre as existencias, e quando as levanta da terra é para as revestir de vida e de perpetuidade. Para as dores e desventuras do homem não tem a historia uma lagrima; mas a poesia as derrama, porque ella é o monumento da vida intima, em quanto a historia o é apenas dos actos e da vida externa.

E é isto o que tornou a poesia tão grata em todos os tempos. Ella é como um echo da existencia do futuro — e qual de nós não sente que esta não é a nossa patria? Quem não sonha um outro existir, mais digno de nós, e em que o homem não se envergonhe mil vezes de ter este nome? Alguem haverá: — porém, ácerca deste, doamo-nos só de que o barro que fórma o seu vestido terrestre lhe possa assim calar a voz consoladora da consciencia, que nos falla de uma origem celeste e de um futuro de immortalidade.

A poesia é a aspiração dessa voz intima: — nada mais. Onde esta não apparecer não surgirá aquella. Não se crêa poeta o que dispõe n'um livro alguns centenares de imagens trivjaes em versos melodiosos e com uma pura dicção: — os tyrannos costumam ter servos que lhes roubem aos remorsos suas horas solitarias — e esse desgraçado foi, por ventura, apenas um menestrel parasito.

Como nos cantos de Camões e de Homero sejam sempre livres, e inspirem sempre amor de virtude e de patria os cantos de todos os bardos: o que fôr alheio a estas paixões generosas, que não cure deixar um

nome á posteridade; porque se o alcançasse em vez de gloria só recolheria infamia.

Considerada assim, a poesia é uma cousa util. Companheira da moral, ella a faz penetrar no coração humano por meio do sentimento: e o sentimento para o homem vale mais que todos os raciocinios.

O seguinte poemeto, que allude ao facto de um cão que passou o resto dos seus dias junto da sepultura do dono, morto em Julho de 1830 no ataque do Louvre, foi composto por um dos mais celebres poetas francezes, ainda vivos. Procurámos quanto em nós coube dar na traducção o sentimento profundo que transluz em todas as estrophes do original. Os leitores avaliarão quanto nos aproximámos ao alvo que tivemos em mira.

O Cão do Louvre.

(Poema de Casimiro Delavigne.)

Tu que passas descobre-te! — alli dorme
O forte que morreu:
Dá ao martyr do Louvre algumas flôres:
Dá pão ao seu libréu.

Da batalha era o dia! — O canhão troa
E o livre corre á morte — e junto delle
O seu cão vae:
A mesma bala ambos feriu: — o martyr
Não choreis: — mas o amigo seu que vive
Só deplorae!

Tristonho sobre o forte elle se inclina,
Affagando-o, e gemendo: e a ver se acorda
Põe-se a latir;
E do seu companheiro no combate
Sobre o cadaver sanguinoso o pranto
Deixa caír.

Esse torrão guardando, onde repousam
As cinzas dos heroes, nada o consola
No seu gemer:
E ao que o ameiga, triste repellindo,
«Oh! que não és meu dono!» o cão parece
Tentar dizer.

Quando sobre as grinaldas de perpetuas
O matutino alvor da aurora o orvalho
Faz scintillar,
Os olhos abre vividos, e pula
Para affagar seu dono, que elle pensa
Ha-de voltar!

Quando da noite a viração as c'roas
Fez ranger sobre a cruz do monumento.
Desanimou:
Elle quizera que seu dono o ouvíra:
E ladra, e uiva; mas o adeus da noite
Não escutou.

O inverno chega; e a neve, com violencia,
Cáe, e branquêa, e esconde esse gelado
Leito de morte:
Ei-lo que solta um lugubre gemido,
E busca, alli deitando-se, ampara-lo
Do frio norte.

Antes que os membros lhe adormente o somno,
Mil tentativas para erguer a campa
Inuteis faz:
Depois comsigo diz, como hontem disse:
«Quando acordar, por certo ha de chamar-me:»
E dorme em paz.

Mas pela noite em sonhos vê trincheiras,
E seu dono entre as balas encontradas
Caír ferido
E ouve-o, que o chama com sibilo usado,
E ergue-se, e corre atraz de uma vãa sombra.
Dando um bramido.

E alli que elle espera, hora apoz de hora,
E saudoso murmura: — alli prantêa,
E morrerá:
O nome seu qual é? — Todos os ignoram:
O que o sabia, o dono seu querido,
Nunca o dirá!...

Tu que passas descobre-te! — Além dorme
O forte que morreu,
Dá ao martyr do Louvre algumas flôres:
E esmola ao seu libréu.

A tarambola e o crocodilo.

Quando o crocodilo carece de repouso, e que vem deitar-se a dormir na margem do Nilo, é obrigado a ter a boca aberta para respirar. Apenas o animal se deita, eis-ahi os mosquitos de volta com elle. Estes insectos, attraídos pelos restos da comida, que ficam sempre por entre os dentes do crocodilo, e que elle não póde extraír porque não tem mobilidade na lingua, vem ás nuvens metter-se-lhe na boca, e breve lhe mudam a côr das fauces de vermelha em parda; tão bastos são. Todos nós sabemos por experiencia propria, que os mosquitos têem uma especie de tromba com que mordem e chupam, e que basta um, que pouse em uma parte sensivel, para causar comichão, e levantar uma empola, que dóe sufficientemente, Imagine cada um agora, como raivará o crocodilo, com uma tal nuvem delles, offerrados á lingua e ao ceu da boca. Por certo que o animal não resistira a tão grave tormento, se não fôra um passaro, vulgarissimo no Egypto, que o soccorre. Esta ave, a que chamamos tarambola (em latim trochylus), sustenta-se de insectos. Levada pela golodice do abundante pasto, não arreceia de entrar nas goelas do crocodilo, de ahi pousar, e de ir tragando com todo o socego os mosquitos que estão entretidos a chupar. O crocodilo, agradecido aos bons officios da ave, não lhe faz mal nenhum, nem a isto só limita a sua gratidão; por que, se quer mergulhar, não se esquece de sacudir a cabeça, para a avisar de que se ponha em cobro. A ave, advertipa, vôa immediatamente, e o crocodilo desapparece.

Este singular facto, hoje indubitavel, souberam-no os antigos; e posto que Herodoto, Aristoteles, e muitos outros auctores fallem delle, os naturalistas modernos pozeram-lhe suas duvidas; e até alguns affirmaram que isto era um conto da carochinha. Foi Mr. Geoffroy Saint-Hilaire, um dos maiores sabios do nosso tempo, quem restituiu o credito aos antigos auctores. Sendo um dos membros da expedição scientifica mandada ao Egypto, quando os francezes conquistaram este paiz, testemunhou elle proprio, nas ribeiras do Nilo, o curioso facto da boa-amizade entre a tarambola e o crocodilo. Afóra isto, o mesmo facto se observou na ilha do S. Domingos; com a differença de que não havendo neste paiz tarambolas, é um passaro, a que ahi chamam *todier*, quem acode aos crocodilos. As circumstancias do caso são as mesmas, porque os habitos das duas castas de aves são inteiramente semelhantes.

No seguinte numero teremos occasião de fallar mais miudamente do crocodilo, tractando do jacaré, ou caimão.

A peça de Diu.

A epocha mais remota a que dizem remonta a invenção da artilharia é a 1330. — Foi por ella que o uso das armas de fogo começou, e chamavam então aos canhões *bombardas*. Estas eram a principio pequenas, mas como com ellas pretendiam substituir as balistas para arruinar os edificios, e as pequenas balas não alcançavam este effeito, começaram a faze-las maiores, e assim chegou brevemente a have-las de um tamanho prodigioso.

A primeira vez que se fez uso da artilharia foi no cerco de Claudia-Fossa, onde os venezianos sitiaram os genovezes em 1366. Outros dizem que já se serviam della em França, no tempo de Philippe de Valois, pelos annos de 1338.

As mais antigas peças eram construidas de vergas de ferro, que se ligavam com cintas do mesmo metal; mas era palpavel o defeito de semelhante construcção, e assim successivamente as foram fazendo de ferro batido e depois fundido. Das antigas peças de ferro batido está uma no nosso arsenal do exercito, que dizem viera da India, obra de maravilhosa perfeição.

Ja no decimo quinto seculo havia bombardas de desmesurada grandeza, ou por ventura foi esta a epocha em que as maiores se fizeram. No sitio de Constantinopola, posto pelos turcos em 1453, tinham estes algumas peças que jogavam balas de pedra de 1200 arrateis.

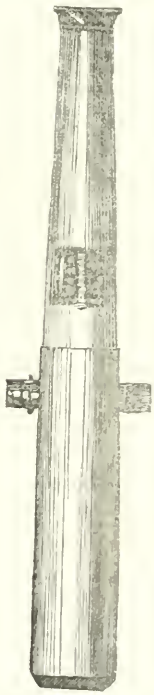
A peça de maior grossura que appareceu em França foi uma, fundida em Tours em 1470, que jogava bala de 500 libras e cursava 16:200 pés. Ao segundo tiro que se deu com ella, rebentou logo, matando o fundidor e mais de vinte pessoas, que estavam ao pé. A peça de maior comprimento que se fez no mesmo paiz foi a chamada colubrina de Nancy, fundida em 1598, a qual tinha 22 pés de comprido, jogava balas de 18 arrateis, e alcançava a distancia de duas leguas. Outra celebre colubrina, que existe em Metz, foi tomada pelos francezes em Ehrenbreitstein no tempo da revolução, a qual peza 26:383 arrateis, e lança balas do pezo de 141: o seu comprimento são 14 pés. Em 1717 se tomou aos turcos uma bombarda em Belgrado, cujas balas pesavam 110 arrateis, e cujo comprimento eram 25 pés. Nos primeiros tempos da invenção da artilharia, as balas eram todas de pedra; e talvez só no decimo quinto seculo se começaram a usar os pelouros de ferro.

Havia um numero mui grande de nomes que se davam ás peças, e que por ventura indicavam a sua fórma e tamanho. Em nenhuma nação, como entre nós, apparece tão notavel variedade desses nomes. Os leões, basiliscos, colubrinas, esperas, casapos, e tantas outras denominações que se encontram nos historiadores portuguezes, indicam as diversas castas de artilharia de que os nossos se serviam; e sobre tudo a grande multidão destes nomes se acha nas historias da India.

Em Portugal crê-se geralmente que a artilharia serviu a primeira vez na batalha de Aljubarrota; — porque nenhum historiador nosso faz menção della antes dessa epocha. Fernão Lopes refere que os Castelhanos trouxeram comsigo dezeseis *trons e bombardas*. Descrevendo a batalha, diz o chronista, que *poseram fogo* a alguns trons e bombardas, o que sómente prova serem esses trons peças de artilharia; visto que o mesmo nome se dava aos engenhos de guerra, que havia antes da invenção da polvora. Desta artilharia, porém, que toda caiu nas mãos dos portuguezes, não achamos mais noticias, nem sabemos que os portuguezes se servissem delles, antes continuaram a usar das diversas machinas de guerra antigas, como se viu no cerco de Chaves e de outras terras, em que combaterem e derribaram muros e torres com engenhos de diversas maneiras.

Porém no tempo de D. Duarte os historiadores fazem menção de artilharia grossa nos assedios das praças, e até no cerco de Tangere, posto pelo celebre infante D. Henrique, já os portuguezes tinham espingardeiros. Neste cerco, segundo Duarte Nunes de Leão, combateu-se a cidade com artilharia de grosso calibre, a qual ahi deixaram, quando houveram de retirar-se. Della se serviram os mouros no cerco de Alcacer-Ceguer, em tempo de Affonso 5.º, e entre outras d'uma bombarda monstruosa, que lançava balas de pedra que pesavam 512 arrateis, e que assim excedia a celebre peça de Tours, de que ja fizemos menção.

A bombarda, cuja gravura aqui damos, é uma das



PEÇA DE DIU.

maravilhosas em grandeza, que de tempos antigos nos restam. Tem de comprimento 27 palmos e 3 pollegadas: a sua circumferencia na culatra é de 9 palmos e 9 pollegadas, e na parte mais grossa da moldura da bôca 7 palmos e 7 pollegadas. Póde levar balas de ferro de 110 arrateis, tendo de diametro na bôca 8 pollegadas e 8 linhas. A sua materia é uma liga de cobre e estanho: vê-se que não foi torneada depois de fundida, porque apresenta vestigios da fórma; porém a fundição está excellentemente feita. Esta peça foi achada pelos portuguezes em Diu, quando tomaram posse da cidade, tendo morto o sultão Badur. Eis o que a este respeito diz o historiador João de Barros no livro 8.º da sua 4.ª Decada.

«A artilharia assi dos navios, como dos almazens, era de grande numero de peças de metal mui grandes, em que havia tres basiliscos de admiravel grandesa, dos quaes um que fôra do Sultão de Babylonia, que Rumechan trouxe quando veio a Dio, por ser peça notavel, Nuno da Cunha mandou a el-rei a Portugal, e as peças de ferro eram sem numero, e dellas mui fermosas e grandes.»

Segundo uma nota de João Baptista Lavanha, editor da 4.ª Decada de Barros, este basilisco estava no castello de Lisboa, em tempo dos Philippes. Murphy, na viagem a Portugal, refere que estando para se fundir a estatua equestre d'el-rei D. José, fôra esta peça trazida com outras, para ser derretida; mas que um embaixador de Tunes, então residente em Lisboa, vendo-a, fizera notar ao interprete, Fr. João de Sousa, a inscripção arabe que está sobre a peça, e que assim foi salva e depositada no arsenal do exercito, onde hoje está. Nas memorias de litteratura da academia se refere o caso quasi pelo mesmo modo. Fr. João de Sousa poz aquella inscripção em vulgar; porém Mr. de Sacy deu por inexacta a versão. O Sr. Fr. José de Sancto Antonio Moura publicou então uma memoria contra Mr. de Sacy; com o intuito de defender o mestre Sousa, mas na sua traducção apparece tanta differença da interpretação primeira, que julgamos desnecessario apresentar esta, contentando-nos com a que elle nos dá, que é a seguinte:

A nosso amo, rei dos reis do presente seculo,
Vivificador da lei do profeta do Misericordioso,
Esforçado guerreiro na exaltação dos preceitos do Alcorão,
humilhador do fundamento dos sectarios do erro,
destruidor das habitações dos adoradores dos idolos,
Vencedor no dia do encontro dos dois exercitos,
Herdeiro do reino de Salomão, confiado em Deos Bemfeitor,
e possuidor das virtudes, o soberano Bahadur Xah,
esta peça, fundida a 5 de Dul — Kaada do anno 939.
Se dedica. (corresponde a 29 de Maio de 1533).

Educação materna.

O que é a mulher? — O que é este ente a quem devemos o existir, que guia em nossos primeiros passos ao sair do berço, e que, assemelhando-se a um anjo consolador, véla por nós até descermos á sepultura. Os rudes Francos, saídos dos bosques da Germania, em vez de estabelecer a minima analogia entre os dois sexos, estavam antes persuadidos que a mulher era de uma especie privilegiada pelo ceu, e não duvidaram de haver-la por instituidora e mestra de suas tribus guerreiras. Estes barbaros (nome que nós lhe damos) tinham com o seu bom e singelo juizo conhecido que onde resplandecesse a ternura materna, ahi residiriam todos os elementos do progresso e ventura da humanidade. Brevemente desherdada dos seus direitos sagrados, e limitada, em cambio da veneração religiosa que lhe coubera, unicamente aos cortejos de ridiculo e culpado galanteio, a mulher foi constrangida a abandonar a sua missão de bemfeitora. Comtudo, sem embargo da nossa injusta e desassisada usurpação, ainda podemos certificar-nos de que com isto nos privamos nós mesmos de grandes vantagens.

Com effeito, saindo-lhe das mãos, para cair nas do homem, as creanças degeneram logo: a nossa aspereza lhes murcha as graças: o espirito se lhes torna inflexivel e brigoso: esmorece-lhes a esperteza e perspicuidade, e muitas vezes somem-se ambas para darem logar á torpe ignorancia, ou ás tristes consequencias de uma educação viciosa.

De que nasce isto? — de ser incapaz o homem de desenvolver nellas as primeiras faculdades, sendo tão habil em aperfeiçoar a propria especie: assaz affastado da infancia pela sua situação social, ignora que sentimentos deva excitar, as molas que ha de mover, nem sabe adivinhar as precisões destas tenras intelligencias, cuja linguagem desaprendeu, nem dirigir-lhes as vontades, nas quaes já não sabe ler. As mães e só as mães podem aquillo que nunca o homem será capaz de tentar, com bom successo; pelo menos até a epocha, em que o infante, já mancebo, se possa aproveitar das suas lições scientificas. Entreguemos pois ao cuidado das mães o exercer as funcções para que a natureza as creou: não nos envergonhemos de confessar que nos enganámos em encarregar-nos de um ministerio, para que não temos vocação: regeneremos fundamentalmente a sociedade, e em vez de nos arrepender disso, persuadamo-nos de que nos havemos de congratular desta prudente resolução.

Mas para tornarmos a tomar esta natural senda, nenhum meio despresemos: cumpre-nos despertar no espirito das mães o sentimento dos seus deveres, aplanar-lhes todas as difficuldades, que poderiam pôr-lhes barreiras, não ao valor, mas á modestia. Muito podem ellas, se quizerem: é o coração da mulher thesouro de affeição infinita: deixemo-nos de desdenhar de suas tentativas uteis, que assim virá uma nova era de regeneração ao mundo.

Não deve a mulher cessar um instante de ser mãe; e, visto haver a providencia posto a seu alcance tudo o que é essencial á existencia de seus filhos, cumpre-lhe abster-se de entregar a peitos mercenarios o cargo de lh'os sustentar, salvo quando nisso perigar a sua vida: tão sabia e previdente é a natureza, que raras serão as que possam allegar razões legitimas, para se desobrigarem deste sagrado dever.

E pois necessario que a mãe crie seus filhos: a sua ternura lhes deve ministrar totos os soccorros: importa que ella responda ao seu primeiro balbueiar; para que elles não ouçam senão palavras de amor. Um abuso que devemos apontar aqui, e a que não chamaremos crime, porque nasce de intenções purissimas, é o máu costume, que tomam as mães, de estropear todas as palavras que ensinam ás creancinhas. Que querem dizer estas expressões, em que se corrompem os elementos da linguagem? Porque inventam para os seus pequenos ouvintes um idioma de que nunca elles se hão de servir? Crêem acaso que ás creanças é mais facil pronunciar palavras que ninguem entende? — Enganam-se muito se de tal se persuadem. Devem por tanto deixar-se dessa gerigonça que não serve senão de lhes retardar o fallarem corrente, que é o fim que ellas pertendem alcançar.

Quando a creança começa a fallar, novos deveres recrescem á mãe, e então se torna importante a sua missão de mestra; porque dessa primeira educação, que lhe vai dar, depende a sorte futura do discipulo. Raras excepções contrastarão os nossos principios; mas porque se tem visto alguns homens com excellentes disposições triumpharem dos obstaculos que a estas se lhes oppunham, e caminharem por estradas que na infancia lhes não haviam sido apontadas, deveremos dahi tirar argumentos contra a verdade? — Não: — nem receamos affirmar que os vicios, os defeitos, e até a inhabilidade, nos provém de terem dirigido mal os nossos primeiros passos. E pois necessario que bem cedo as mãos lancem no espirito dos filhos sementes de sã moral: é preciso, diz Plutarcho, tornear-lhes e affeiçoar-lhes os costumes, visto que esta idade tenra está apta para receber toda a casta de impressões; e que lhes estamparemos facilmente nos corações tudo o que nos aprouver: por este motivo, Platão judiciosamente adverte ás amas que não contem a esmo ás creanças toda a sorte de fabulas, porque isso lhes

rechcará as almas de desvarios e erradas opiniões. Todo o apreço que se fizer destes prudentes conselhos será ainda pouco; de feito, porque vemos tão pouca gente dotada de sãa razão? Porque vemos tantos engenhos corruptos, cujas idéas desdizem umas das outras, e não geram senão erros, e destemperos? E porque acerca delles se não practicaram estes assisados preceitos.

Nem admittimos a desculpa, com que nos viriam, de que é preciso entreter as creanças, e occupar-lhes a attenção, para os distrahir dos primeiros padecimentos: e que o mais efficaz modo para o alcançar é o empregar taes meios: — Erro miseravel é este! . . . A verdade, ou a mentira, tudo é novidade para a creança: o attractivo que crêdes ella acha nos vossos embustes graciosos, acha-lo-ía na verdade, sem ser necessario damnar-lhe a intelligencia. Verdade, e só verdade: eis a unica estrada que se deve seguir: o que da hombridade ao homem é unicamente objecto da educação.

Não basta que as mães accelerem, por todos os modos, o momento em que possam communicar idéas aos seus filhinhos: não basta fazer com que elles amem a verdade: é necessario crea-los logo como quem tem de viver com os seus semelhantes. Grave erro é acreditar que a infancia não tem aptidão para receber impressões moraes: por mui pouco desinvolvida que esteja a nossa natureza, ha nella um tal sentimento de liberdade e de independencia, que mui cedo percebemos que perderiamos uma e outra, se não as respeitassemos nos outros.

Philosophos houve que pensaram ser o sentimento religioso a fonte da moral: outros houve que assentaram que desta provinha aquelle: sem disputar aqui ácerca dos dois systemas, diremos, que o sentimento religioso tarde apparece no homem, em quanto a moral parece que é uma necessidade innata nelle; do que se conclue que é preciso cultivar-lhe este germen cuidadosamente. Nunca seria cedo de mais para as mães trabalharem por affeiçoar os tenros corações dos filhos, de modo que comprehendam todas as vantagens, que de futuro colherão da moral: a verdadeira educação materna consiste em ensinar-nos que sejamos benevolos para com os nossos semelhantes, que amemos todo o bem, e que respeitemos tudo o que é digno de se respeitar e venerar.

Devem porém ir nisto com tento, e como quem busca diverti-los, aproveitando todas as circumstancias para dellas fazer nascer uma educação fecunda, e guiando a alma das creanças por tal arte, que venham a amar tudo o que póde aperfeiçoa-las. Devem pôr a mira em affasta-las do habito de se servirem de termos baixos, e deshonestos; porque, como dizia Democrito, as palavras são a sombra das obras. Que havemos de esperar de creanças cuja boca se acostumou a servir-se de termos, que breve lhes corrompem até os melhores sentimentos!

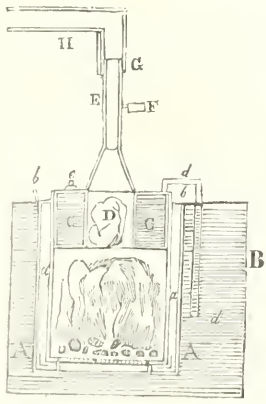
Nisto fica cerrado o primeiro gráu de educação materna: com efeito o infante ja sabe exprimir o que sente: não se transviou a sua intelligencia: sãas doutrinas alimentaram o seu tenro coração: cresça; que a sociedade não se envergonhará de o ter por membro: mas a cousa não pára aqui: o interesse pessoal o leva a outros estudos, necessarios segundo as nossas instituições politicas: será homem honrado: mas cumpre tambem que seja instruido. nestes deveres entra ainda em parte o ensino materno; aqui, pois, começa a instrucção que a ella toca dar-lhe.

O que vem a ser instrucção. Vem a ser em summa os principios necessarios para em nós se desinvolverem as faculdades da reflexão: o seu alvo é guiar a nossa intelligencia até onde póde chegar. Difficil é, diz Nicole, dar regras geraes ácerca da instrucção; porque é necessario proporciona-la aos differentes graus de luz e trévas, que variam segundo as diversas castas de entendimentos: podemos dizer, que, sendo a instrucção das creanças dependente sempre dos sentidos, importa, quanto fôr possivel, que se lhes ligue aos sentidos as lições que recebem, e que estas se lhes dêem, não só d'ouvido, mas tambem de vista; porque nenhum sentido ha, que mais vivas impressões produza n'alma, ou que gere idéas mais claras e distinctas. Accrescentaremos agora, que este ponto é um dos que mais se tem desprezado no ensino, e que desassisadamente nos havemos embrenhado por theorias incertas, ao passo que era mais natural e proficuo fazer com que as creanças se instruissem pelos sentidos em tudo o que podesse ser.

De futuro fallaremos ácerca desta instrucção primaria de que as mães devem encarregar-se.

NOVO ESQUENTADOR DE BANHOS.

O esquentador dos banhos inventado por Mr. Lemare é um apparelho ainda pouco conhecido, e mui digno de ser geralmente adoptado, por meio do qual se póde communicar a qualquer banho, mesmo dentro da tina, o gráu de calor que se desejar. Dois grandes defeitos tinham os instrumentos até agora empregados para este fim; por quanto não podiam ser aquecidos senão com carvão, e levavam uma hora, pelo menos, para darem á agua o calor ordinario dos banhos. Mas depois que se lhes fizeram varios aperfeiçoamentos, abaixo descriptos, são proprios para todas as qualidades de combustiveis, e em menos de meia hora fazem subir a agua d'uma tina assaz grande á temperatura de 30 gráus do thermometro de Réaumur (ou 36 gráus de centigrado), poupando assim lume, e tempo. A figura seguinte representa um córte do apparelho, que differe do de Lemare no que ao diante se dirá.



O ESQUENTADOR DE BANHOS.

AA é um cylindro de cobre mergulhado na agua da tina *B*. Nos dois lados do cylindro ha dois tubos *aa*, tambem de cobre, que servem de introduzir por baixo da grelha *cc* o ar destinado a alimentar a combustão; *bb* são duas portinhas de charneiras, que fechando-se, quando se quer apagar o lume, cortam

toda a communicação com o ar exterior. *CC* é uma panella de folha de Flandres, atravessada no meio pelo tubo *D*, de perto de seis pollegadas e meia de diametro. A tampa desta panella fórma com ella um só corpo, e não se abre: o tubo *D* tambem a atravessa. O canudinho *e*, tapado com uma rolha de cortiça, serve para por elle se introduzir na panella a agua necessaria para enche-la quasi até acima; *dd* é um tubo recurvado, de folha de Flandres, que se adapta a outro canudinho, tambem existente em cima da tampa, por onde é transmittido á agua da tina o vapor formado na panella. *E* é um tubo de folha de ferro com o seu cabo *F*; encaixa no tubo *D* da panella, e o seu diametro juncto da base, é um pouco maior que o deste, mas vai estreitando até á altura de oito pollegadas, onde tem apenas tres de diametro. O comprimento que se lhe póde dar daqui para cima depende sómente do local em que a tina está collocada. A extremidade superior do dito tubo *E* entra muito á larga na parte voltada para baixo do tubo de folha de ferro *G*, ficando entre um e outro um espaço vasio de tres para quatro linhas de circumferencia; finalmente o tubo *H*, communica, como o de um fogão, com a chaminé que dá vasão ao fumo. Este tubo *H* deve entrar tanto á vontade no buraco da chaminé, que seja possivel voltar para cima o cotovelo *G* em quanto se toma o banho, a fim de não entrar pela chaminé ar frio, que póde constipar a pessoa que se está banhando. Fôra melhor ainda poder tapar com o tubo toda a abertura da chaminé.

Segue-se agora o modo de usar do apparelho.

Suspenso o cylindro *AA* dentro da tina por meio de duas tiras de ferro adaptadas ás bordas, mas que a disposição da figura não permittiu representar, põem-se alguns bagos de carvão, e um punhado de aparas ou cavacos sobre a grelha *cc*, e mette-se no cylindro a panella *CC*, previamente cheia d'agua, e como o canudinho *e*, tapado com uma rolha de cortiça; ajusta-se no outro canudo o tubo de vapôr *dd*, e accendem-se os cavacos, depois de abertas as duas portinhas *bb*; e então na abertura *D* da panella arma-se o tubo *E*, cuja extremidade superior deve introduzir-se no cotovelo *G*. Quando se presume que os cavacos estão sufficientemente accesos, levanta-se o tubo *E* pegando-lhe pelo cabo *F*, e deita-se no cylindro pelo canudo *D* o combustivel com que se pretende aquecer o banho. Estabelece-se logo uma circulação rapida do calor, e em menos de meia hora a agua da tina tem chegado á temperatura necessaria; porque além do calor communicado ao liquido atravez das paredes do cylindro, o vapôr da agua encerrada na panella, indo condensar-se na da tina, eleva rapidamente a temperatura desta.

Não se deve deixar de agitar de vez em quando a agua da tina, para tornar a sua temperatura egual em toda a parte, aliás póde acontecer estar a agua muito quente na superficie, e quasi gelada no fundo da tina. Em faltando sómente um ou dois gráus para o liquido chegar á temperatura desejada, fecham-se as suas portinhas *bb*, e deixando o ar de entrar pelos dois tubos *aa*, o combustivel brevemente se apaga. Passados alguns minutos tira-se de todo o tubo *E*, e, se se quer, a panella *CC*; mas nesse caso fecha-se o cylindro com uma grande tampa de folha de flandres, á maneira d'um abafador de brazas, que tambem póde servir, quando não se emprega para aquecer banhos. Finalmente tira-se o cylindro da tina, e o banho fica prompto.

No inverno póde-se metter no vão *D* da panella, depois de tirada de cima do cylindro, um vaso de folha de Flandres feito á medida do vão, e fechado com sua tampa. Neste vaso, assim cercado d'agua a ferver, se póde aquecer o almoço, ou os lençoes e a roupa de que se ha de usar acabado o banho.

Tal é o apparelho, cujas vantagens a experiencia tem demonstrado. Differe do de Mr. Lemare, em ser neste ultimo o tubo *D* tapado pelo fundo, e em sair o fumo do carvão, unico combustivel que nelle se póde queimar, por um tubo demasiadamente estreito, situado ao lado da panella; do que resulta, que sendo a combustão muito menos rapida, e estando sómente o fundo da panella exposto á acção directa do combustivel, é necessario muito mais tempo para aquecer o banho, quando em o novo apparelho a rapidez da combustão, e a muito mais ampla superficie que a panella offerece á acção immediata da chamma, produzem uma vaporisação muito mais abundante, que contribue poderosamente para a promptidão com que a agua ganha calor.

ARTES.

Lapidario. — *Meios de dar côr ás agathas, e de produzir na superficie das cornelinas linhas brancas d'um lindo effeito.* — Ha muitas variedades d'agathas, devidas á diversidade dos seus principios constituintes. As que são formadas de laminas alternativamente negras e brancas, e que vem d'Allemanha, são pintadas artificialmente por um processo de que os lapidarios desse paiz fazem um mysterio, o qual, segundo toda a probabilidade, não differe do seguido na India. Todo o segredo está em ferver as agathas em azeite, e tirando-as deste banho, mette-las n'um vaso contendo acido sulfurico (oleo de vitriolo) a ferver: algumas laminas fazem-se immediatamente negras, outras conservam a sua côr natural ou adquirem ainda maior alvura, d'onde resultam os contrastes que tanto augmentam o valor destas pedras

As cornelinas mais estimadas são as côr de sangue; os indios augmentam-lhes o valor ornando-as de ramificações superficiaes, entrelaçadas de modo que muito agradam á vista. Consegue-se isto cobrindo as pedras de carbonato de soda, e expondo-as assim ao calor d'um forno.

Colla á prova d'agua. — Consiste o processo em conservar de molho em agua o grude ordinario até amollecer, devendo com tudo tirar-se d'agua antes de ter perdido a sua força primitiva; depois dissolve-se em oleo de linhaça a um lume muito brando até ficar em consistencia de gelea, e neste estado póde empregar-se para unir todos os objectos que se quizerem grudar, porque esta colla, além da sua força e dureza, tem a vantagem de poder resistir á acção d'agua.

Superfluo se torna elogiar a utilidade desta descoberta, porque todos que a experimentarem lhe darão o seu justo valor. Ella é principalmente importantissima para a marinha, por isso que tendo mais tenacidade do que o alcatrão, tambem não póde ser repassada da agua.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar

Na Typographia da Sociedade.

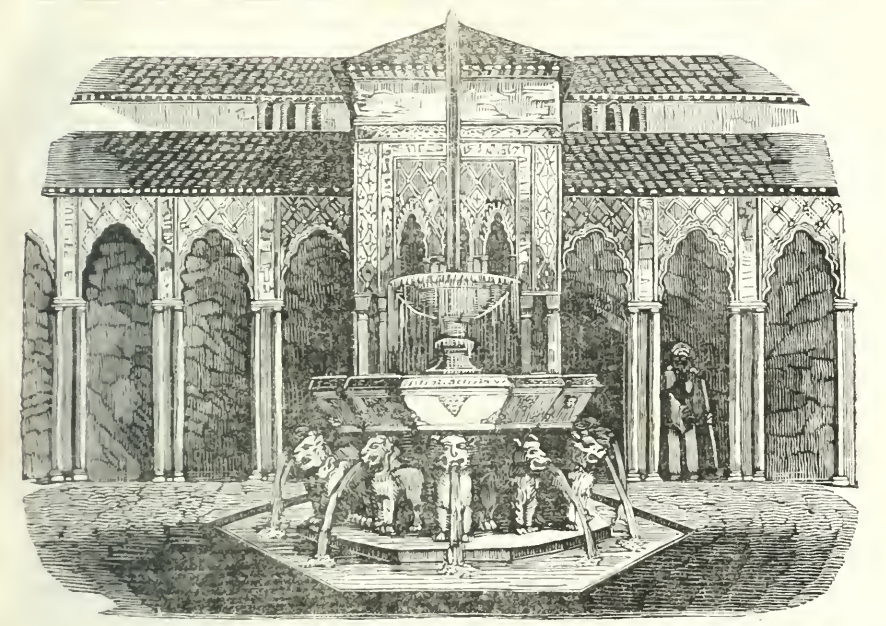
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

9 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 1, 1837



PATEO DOS LEÕES.

ALHAMBRA.

A ALHAMBRA é uma antiga fortaleza, ou palacio acastellado dos reis mouros de Granada. D'ahi regiam elles parte da romantica Hespanha, e n'aquella parte d'este paiz expirou tudo o que restava do imperio dos Arabes. Occupa o palacio só uma porção da fortaleza, cujos muros torreados circumdam irregularmente a comiada de um erguido monte, que campêa sobre a cidade, e fórma um braço da Serra Nevada. No tempo dos mouros, a fortaleza podia conter 40:000 homens, e ás vezes servia de guarida aos soberanos contra os vassallos rebellados. O pateo, por onde se entra n'estes esplendidos paços, chama-se o dos banhos publicos; é um vão oblongo; tem no meio um tanque profundo de agua limpida, ao qual se desce por degráos de marmore, e esta rodeado de larangeiras. O pateo é lageado tambem de marmore, e as arcarias que o fecham pelos lados estão sustidas em pilares de certo gosto, que não se parece com outro qualquer das ordens communs e regulares de architectura; e as paredes e abobadas são lavradas de relevo. Em cada painel estão escriptas sentenças arabicas, que dizem: *Só Deus é conquistador* — e: *obedeci ao nosso soberano, e honrei-o.* O apainelado das abobadas é dourado ou pintado, e as côres ainda conservam todo o brilho e viveza: a parte inferior das paredes é de mosaico enxerido em lagarias e grinaldas phantasticas. Os portices são a maneira de grutas, e um delles fórma uma galeria onde repercute longamente o echo.

Em frente da porta por onde se entra ha outra queda sobre o pateo dos leões, que é tambem oblongo, e tem cem pés de comprido e cincoenta de largo, cercado de arcaria, e lageado de marmore branco. As paredes, até a altura de cinco pés, são forradas de azulejos azues e amarellos, os quaes cinge por baixo e por cima uma fieira de tarjas esmaltadas de ouro e azul, com motes arabes, que dizem: *Só Deus é conquistador.* — As columnas, que sustem o tecto e a galeria, são de marmore branco, mui delgadas, com adornos desvairados, e collocadas irregularmente. Vario é tambem o desenho dos capiteis. E ahi de notar que entre tanta diversidade de folhagens, bruteseos, e ornatos extravagantes, não ha, nem por sombras, uma representação do reino animal. No tempo dos mouros o edificio estava cuberto de grandes azulejos pintados, de que ainda alguns permanecem.

No centro do pateo ha doze leões, que sustem um tanque enorme, do meio do qual se alevanta outro mais pequeno: este tem um repuxo d'agua, que vem cahir no tanque, e d'elle, pelas bocas dos leões, n'uma grande repreza, donde se deriva para as differentes quadras por varios canos. A fonte é de marmore branco, adornada com grinaldas, e sentenças arabicas, que descrevem com hyperboles orientaes a formosura e maravilhas da fonte.

A' esquerda do pateo dos leões está uma sala re-

donda, chamada dos Abencerrages, porque ahi, segundo se diz, mandou Abdallah cortar as cabeças aos cavalleiros d'esta illustre familia, e deitar-lh'as n'um deposito d'agua, que está no meio d'ella.

Fronteira a esta salla está a *das duas irmãs*, que tomou este nome de duas grandes lagens de marmore branco, que tem no meio do pavimento, e nas quaes não apparece a menor veia de outra côr.

No topo do *Mesuar*, ou pateo dos banhos communs, de que já fallámos, se alevanta a torre de *Comares*, que passa acima da altura geral do edificio, e está sobranceira a um algar profundo, que vai descendo, quasi a prumo, até o rio Darro. Certo, que é magnificente a perspectiva d'esta torre! — O aprazivel valle, por meio do qual serpêa o Darro — parte da cidade de Granada — e a sua extensa veiga — apresentam um formoso panorama natural. A grande sala de *Comares* era sem duvida a mais rica da Alhambra, e ainda conserva vestigios do seu passado esplendor. As paredes são primorosamente estucadas, e o tecto é de cedro marchetado de marfim, prata, e mãdreperola. A rejam-na immensas janellas, talhãdas nos muros espessissimos: e d'este modo são ventiladas todas as quadras da Alhambra.

A leste da *sala de Comares* fica outra chamada o *Toucador da Rainha*: a um canto d'ella está uma pedra cheia de buracos, por onde entrava o fumo dos aromas preciosos, que por baixo d'aquelle quarto se queimavam. Aqui ao pé está o jardimzinho aprazivel de *Lindaraja*, com uma fonte de alabastro, e bosquesinhos de roseiras, de murtas, e de larangeiras.

Quem vai de Granada para Alhambra, o melhor caminho que tem é a rua de *Gomeles*, cujo nome se derivou do de uma illustre familia mourisca. Ao sair a *porta das Romeiras*, divide-se a estrada em tres. A do meio é para seges, e as lateraes, que são muito ingremes, para a gente de pé. — O caminho do meio vai por entre os outeiros de Alhambra, e as *Torres Bermejas*, atravessando uma basta floresta de ulmeiros, tão enredados uns por outros, que não entra ahi raio de sol. É sitio abundante d'aguas, e chegando acima, dá-se com a fonte de Carlos 5.º posta n'uma especie de terrado, donde a vista se espraiava por toda a encosta. Passada esta fonte, chega-se á porta chamada *Judiciaria*, porque, segundo o costume dos orientaes, ahi se administrava a justiça. — É uma torre quadrada, cuja entrada em volta de ferradura lhe sobe a meia altura; e é acabado typo d'este genero de arco, tão caracteristico da architectura arabica. N'uma pedra da torre esta uma inscripção que declara ter sido construida esta porta por Abul-Hajjaj no anno da Hegira 743, de Christo 1348. Entra-se então no vestibulo, que corre com a barbacan, e dá para a praça dos *Algibes*, ou cisternas. Estas são duas: a maior tem 102 pés de comprido e 56 de largo. N'e-tes algibes assentava e purificava-se a agua, e estava sempre fresca, para o gasto do castello.

Para a banda oriental d'este pateo estão os paços de Carlos 5.º; obra de estilo quinhentista, do celebre architecto Berreguete. Ao norte fica-lhe a entrada do *Mesuar*, e começa o antigo palacio, que já descrevemos no principal.

A Alhambra foi edificada por Mohammed 2.º pelos annos 675 da Hegira, ou 1273 da nossa era. Deu-lhe o nome de *Mohmed Alacahira* ou a cidade vermelha; em consequencia de ser construida com certa casta de barro vermelho, segundo uns, segundo outros em obsequio da tribu de Mohammed Alhamar. O que é certo é que os muros do edificio são construidos com uma argamassa encarnada, que pelo correr do tempo se tem tornado rija como pedra. Ha uma tradição mourisca em que se diz que Mohammed 2.º era alchimista, e que da sua sciencia occulta tirára os meios para alevantar esta obra maravilhosa. Semelhante tradição prova quão desmesuradas sommas se gastaram em edificar a Alhambra.

A pouca distancia d'esta se ergue o *Cerro do Sol*, no qual está situada a *Generalifa*, especie de casa de campo, onde os reis mouros passavam os mezes de verão. O palacio da Generalifa é obra do mesmo gosto da Alhambra. O sitio é aprazivel: as vistas variadas e attractivas. Ha aqui fontes que repuxam acima das mais altas arvores, muitas cascatas, terrados que vão subindo em amphitheatro, cypresteс corpulentos, e velhas murtas, que outr'ora davam sombra aos reis e rainhas de Granada. Entre todas as arvores avulta o cypreste da *rainha sultana*, debaixo do qual foi colhida de improviso a rainha e o Abencerrage seu dilecto, segundo se conta nos antigos rimances granadis.

Tem a Alhambra um governador, que de ordinario vive em Granada, e os guardadores do castello são invalidos que servem de guias aos curiosos que ahi vão.

Amor do trabalho.

Um dos maiores e mais importantes beneficios, que se podem fazer aos homens, e em especial á classe popular; é inspirar-lhes o amor do trabalho: mostrar-lhes a sua utilidade, as suas inapreciaveis vantagens, os seus felizes resultados; fazer entrar este assumpto, como parte essencial, no plano da instrucção das primeiras escholas.

O trabalho é o destino commum de todos os homens, que existem sobre a terra: *comerás o pão* [disse Deus ao nosso primeiro pai] *comerás o pão á custa do suor de teu rosto*. Quem trabalha cumpre com o seu destino: obedece á voz do seu Creador.

O trabalho é a verdadeira pedra philosophal, que os antigos com tanto empenho, e tanto em vão, pretenderam indagar. A pedra philosophal consistia em converter os metaes em ouro. O homem tem em si mesmo a arte de crear o ouro: basta-lhe pôr em movimento os seus braços e as suas mãos.

O trabalho não deslustra, antes enmobrece e exalta a dignidade do homem. Pelo trabalho consegue o homem subjugar a natureza, e fazer-se senhor d'ella; conquista as suas riquezas e o seu poder; transforma de mil modos os seus productos, e os multiplica: governa em fim ao seu arbitrio, e faz fecundas as forças, que ella tem dispersas, e talvez ociosas, pelo ar, pelas aguas, no seio da terra, e pelo mais recondito dos elementos.

O trabalho fixa, e ao mesmo tempo entretem a inquieta actividade do homem, regulando-a e desviando-a de perigosos extravios e excessos, captiva-lhe os sentidos, e os submette a um regimen salutar. Os exercicios do trabalho previnem ou acalmam as agitações da phantasia; dissipam os seus vãos prestigios, e extravagantes chimeras: trazem o homem ao conhecimento do positivo, do util, ao paiz das realidades.

O trabalho é uma eschola de sobriedade, de temperança, de virtude, e livra o homem dos funestos perigos da ociosidade. Os vicios não entram de ordinario, ou não entram com facilidade, na casa do homem laborioso, que não tem tempo para os acolher, affagar e animar. O homem affeito ao trabalho não se lembra do jogo; porque não necessita de buscar meios de perder o tempo; não tem occasião de entrar em rixas e contendas com os seus visinhos: não tem necessidade de usurpar o alheio para sustentar a vida. A estatistica dos crimes mostra que as classes laboriosas

são proporcionalmente as que menos figura fazem no odioso e abominoso quadro das maldades humanas.

O trabalho é tambem uma eschola de resignação; porque nos ensina e lembra a nossa dependencia; corrige e castiga o nosso orgulho e vaidade; conduz nos á consideração dos nossos deveres e da nossa commum sorte, e é um longo e contínuo commentario d'aquella verdade capital, que define a vida humana como um tempo de soffrimento, e como uma grande preparação para outro melhor estado.

O trabalho conserva a saude, da força, vigor, robustez, e agilidade ao corpo; entretem a tranquilidade do espirito, a paz interior, o equilibrio das paixões, o exercicio de todas as nossas faculdades. Com o trabalho paga o homem o tributo que deve á sociedade, que o protege e defende, concilia o amor da sua familia, dos seus visinhos, dos seus concidadãos, e dá bons exemplos a seus filhos. Em fim, o homem amigo do trabalho é essencialmente interessado na conservação da boa ordem publica; porque d'ella depende a posse, e goso pacifico dos fructos da sua industria.

Convençam-se bem os homens d'estas importantes verdades. Tomem os pais e os mestres a seu cuidado inspira-las no animo dos seus filhos e discipulos. Procurem os parochos, introduzi-las em seus discursos e exhortações, empregando nisto toda a officacia do seu zêlo, toda a influencia do seu respeitavel ministerio. Mostrem ao povo quanto é agradavel a Deus, que cada um, trabalhando, cumpra com o que elle lhe ordenou: digam-lhe que as Santas Escripturas estão cheias de preceitos e de maximas sobre este objecto: deseveras invectivas contra a priguiça e ociosidade, de terriveis pinturas dos funestos effeitos destes odiosos vicios.

O povo é naturalmente religioso e christão; mas é necessario dirigir-lhe bem esta feliz propensão, e não abusar d'ella. Para isto basta expor-lhe singelamente a verdade e fazer lh'a sentir.

Os primeiros reis portuguezes — Antigas dissensões com Roma

I.º

Depois da morte do Conde D. Henrique, sua mulher a rainha D. Tareja, ficando com a administração de Portugal, se havia ligado com D. Fernando, conde de Trastamara, fidalgo gallego, por laços cuja especie é hoje duvidosa. O infante D. Affonso Henriques, temeroso de ser desapossado da herança do reino, fez guerra a sua mãi, e n'uma batalha juncto de Guimarães a prendeu e lançou em ferros. Affonso 7.º de Leão pertendeu liberta-la, mas foi derrotado em Arcos de Valdevez: — d'ahi a pouco voltou mais reforçado, e pôz cerco a Guimarães, onde estava o infante D. Affonso; foi então que succedeu o celebre caso de Egas Moniz, de que brevemente fallaremos.

N'esta epocha, segundo as remotissimas chronicas, repositorio onde, pela maior parte, se lançavam em escriptura, no 14.º e 15.º seculos, as tradições nacionaes, começaram as dissensões dos nossos reis com a côrte de Roma. Postoque a auctoridade d'estas chronicas seja controversa, ninguem lhes poderá negar veneravel antiguidade; e os factos n'ella contidos, que aos nossos escriptos approuve negar, não foram combinados com razões assaz poderosas para destruir em nós toda a crença nos primeiros monumentos da nossa historia. Seja como for, eis o que essas antigas memorias dizem da intervenção de côrte de Roma nas dissensões de Affonso Henriques com a rainha sua mãi.

O papa, que n'estas eras tenebrosas se intromettia em todas as mudanças politicas, que com rapidez succediam umas apoz de outras na Europa revolta, ou porque D. Tareja o tivesse occultamente attrahido a sua parcialidade, ou elle o fizesse em obzequio d'elrei de Leão, ou porque finalmente fosse movido pela persuasão de que, do alto do seu throno pontifical, devia dirigir todas as acções dos principes, que o reconheciam por cabeça da Igreja, ordenou a D. Affonso, por via do bispo de Coimbra D. Bernardo, que soltasse a rainha sob pena d'excommunhão, cousa que n'aquelles tempos, ainda sendo injusta, tinha consequencias fataes. Recusou o principe obedecer. Conta se que então o bispo o excommungára, e fugíra alta noite de Coimbra, onde estava a côrte; que no dia seguinte, sabendo D. Affonso da fuga do bispo, mandara reunir o cabido para que elegesse outro prelado, e que, recusando os conegos faze lo, ordenára a um clerigo preto, que encontrára ao sahir da sé, que se revestisse para dizer missa, assegurando-lhe que o nomeava bispo. Entretanto o papa, vendo que o principe lhe desobedecia, assentou em enviar-lhe um cardeal com o titulo de legado, esperando por este meio alcançar seu intento, recommendando-lhe ao mesmo tempo renovasse a excommunhão no caso de D. Affonso persistir em seu proposito. A noticia da chegada do cardeal assustou os nobres que seguiam o principe: mas este lhes assegurou que se o legado se descommedisse, seria severamente castigado. Nos paços de Alcaçova, em Coimbra, recebeu D. Affonso o legado do papa, e lhe declarou que não estava d'animo de obedecer ás suas intimações; e com tal vigor lhe fallou, que o cardeal fez pôr de noite o interdicto, e fugiu immediatamente. Ao romper o dia soube o principe da sua fuga, e cheio de furor pelo insulto que recebêra, o seguiu, acompanhado de poucos cavalleiros. Breve o alcançou, e já tinha travado d'elle para lhe cortar a cabeça, se os fidalgos lh'o não embaraçassem. Deixou-o emfim partir, obrigando-o primeiro a jurar que a excommunhão seria levantada logo, e que nunca mais o papa se intrometteria nos negocios de Portugal.

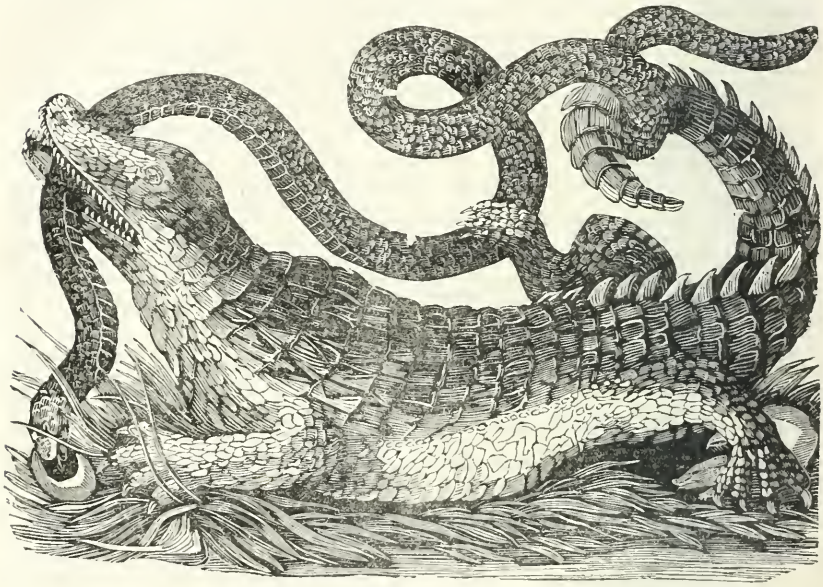
O judicioso historiador Fr. Antonio Brandão julga uma fabula este acontecimento, fundado em ser o bispo D. Bernardo parcial de D. Affonso, e por elle elevado a dignidade que exercia; razão em verdade de pouca monta, para quem sabe a influencia que o bispo de Roma tinha no espirito dos outros prelados nos seculos tenebrosos da idade media, e como o clero, que então era um estado no estado, cortava por todos os respeitos, para conservar a unidade e força do poder sacerdotal.

Dahi a pouco apparece o bispo de Coimbra confirmando, com os outros magnates da côrte de D. Affonso, varias doações d'este principe, o que não deve admirar, porque tambem em muitos d'esses documentos se lê, entre os confirmantes, o nome de D. Tareja e o do conde de Trastamara, com quem as desavenças do principe tinham sido maiores do que com o bispo D. Bernardo.

Socegado D. Affonso das inquietações domesticas, preseguiu na guerra dos mouros, a quem conquistou quasi todo Portugal. A batalha de Ourique lhe assegurou a corôa e o titulo de rei, que herdou a seu filho D. Sancho. As grandes victorias que alcançou lhe ganharam o nome de grande capitão. Chorado dos soldados que o amavam por sua liberalidade e brandura, morreu em Coimbra em 1185, pouco mais ou menos de 90 annos, e foi sepultado no Mosteiro de Sancta Cruz.

No mesmo anno em que seu pai falleceu, começou a reger os negocios o principe D. Sancho, no 32.º

anno da sua idade. Portugal estava subjugado, e o paiz começava a gosar de uma profunda paz. O moço rei voltou, por tanto, todos os seus cuidados para a boa administração da republica, fazendo povoar as villas e cultivar os campos, assolados da guerra; mas não durou muito esta tranquillidade. Os mouros continuavam ainda a habitar o Algarve; uma grossa armada de cavalleiros da cruzaria arribou a Lisboa com um temporal: convidou-os logo D. Sancho para o ajudarem a conquistar Silves: combatida a cidade, depois de larga resistencia foi tomada; e os defensores da religião seguiram sua viagem carregados de despojos, custando muito a D. Sancho alcançar d'elles que não passassem á espada todos os captivos. Os mouros de Hespanha, aggravados d'esta guerra, entraram por Portugal, devastaram-no, e retomaram Silves. Por outro lado a peste e a fome faziam horriveis estragos, de modo que elrei se viu obrigado a pedir aos mouros tréguas, as quaes brevemente quebrou. Depois de varia fortuna, nas guerras que teve com os leonezes e com os mouros, e de um reinado de vinte e sete annos, morreu em 1212. — Seus ossos foram sepultados ao pé dos de seu pai, no mosteiro de S. Cruz de Coimbra.



A SERPENTE, E O JACARE'.

Os jacarés, ou caimães.
(*Lacerta alligator*. Lin.)

Esta gravura representa, com as convenientes dimensões, um d'estes formidaveis reptís no acto de agarrar uma serpente, que tentava devorar-lhe os ovos. Os maiores inimigos do augmento d'estas horridas creaturas são as serpentes de todas as especies, que abundam nos climas quentes, onde os jacarés habitam, e lhes quebram e comem grande quantidade de ovos; porque é tamanho o numero dos que põem, que se não estivessem sujeitos a innumeraveis accidentes, os paizes, onde ha jacarés, estariam completamente inçados d'elles. Do mesmo modo um pequeno quadrupede, o *ichneumon*, ou *rato de Pharaó*, descobre e destroe os ovos do crocodilo do Nilo, especie congenere d'esta de que fallâmos.

Todos os animaes d'estas especies, que são quadrupedes oviparos, e que pertencem ao genero dos lagartos, geralmente se denominam segundo os paizes em que se encontram. A palavra original *crocodilo* especialmente se usa para os que abundam em o Nilo, e mais partes d'Africa: os francezes e inglezes chamam *gavial* ao *crocodilo do Ganges*, que se acha nas Indias orientaes, e os inglezes chamam *alligator* ao da especie do Novo Mundo, que os francezes denominam *caimen*; e nós, e os hespanhoes, *jacarés*, ou *caimães*. Ainda n'esta ultima especie se distinguem os da America do Norte dos da America do Sul; e o nome de alligator foi dado originariamente aos primeiros pelos colonos britannicos da Carolina, da Luiziana, e de outros estados meridionaes da União Americana, porque se encontram em seus paizes.

Comtudo, os caracteres proprios do alligator, ou jacaré, pelos quaes se distingue do crocodilo do Mundo antigo, não são de tal importancia, que possa suppôr-se que influem nos seus habitos e economia animal, e devam por isso formar generos distinctos e separados; e com effeito contar a historia de uns é contar a dos outros: os seus habitos e propensões são exactamente os mesmos, e a differença que existe em pequenas particularidades de estructura, é tal que não póde considerar-se como caracter *generico*, mas puramente *especifico*. Tal é a opinião, para nós de muito pezo, do mais insigne naturalista moderno, o barão Cuvier.

Os caracteres geraes, communs a todos, são: a maior estatura no seu genero; porque os crocodilos d'Africa excedem muitas vezes a vinte e cinco pés de

comprimento, e os jacarés do Brazil tem de quatorze a dezoito pés; a cauda da forma de uma pyramide conica, mas um tanto achatada pelos lados; um grande numero de dentes desiguaes e agudos em a boca extremamente rasgada, e cinco dedos nos pés e mãos mais ou menos separados por uma membrana: vivem nos grandes rios e lagos dos climas quentes; e são carnivoros e crueis.

Os naturaes dos districtos, onde elles habitam, teem como é de suppor, medo constante de tão enormes individuos: comtudo, ainda que o seu poder de fazer mal é muito grande, a sua natural timidez, e o gráu inferior das suas faculdades de instincto, lhes permittem, comparativamente, poucas occasiões de o praticar. Além disso, o peso immenso do rabo [que é um poderoso instrumento de progressão pela agua, e influe ainda mais do que o espalmado dos pés nos habitos aquaticos d'estes animaes], e a estructura anatomica do pescoço, cujas vertebras são dispostas de modo que não póde voltar a cabeça para os lados, lhes difficultam o passo, e os movimentos rapidos em terra; e lhes podem facilmente escapar furtando-lhes as voltas. E tanto conheecem a sua inferioridade n'este ponto que se retiram para o elemento que mais frequentam ao menor assomo de perseguição.

Muitas, e extravagantes fabulas se tem contado ácerca d'estes animaes, e até as fingidas lagrimas do crocodilo teem servido de simile poetico; d'ellas viremos a tractar em outro artigo, por não alargarmos este demasiadamente. Pelas ultimas observações se lhes reconheceu a falsidade. Entre outros erros suppozeram que elles possuiam a faculdade, que não tem outro animal, de mover a queixada superior em vez da inferior; e a isto deu causa o modo particular porque a queixada inferior adhere á superior. Nos quadrupedes, o ponto em que os ossos d'esta se ajunctam e sempre na *parte inferior*, mas nos crocodilos esse ponto é sempre *muito para traz*, e em consequencia da curteza das pernas, e da grande extensão do queixo, o reptil é compellido a levantar a cabeça para traz primeiro que possa abrir a boca; e esta operação produz em certo modo a apparencia de movimento do queixo superior. A boca é muito rasgada, e se prolonga consideravelmente para a parte posterior dos olhos; é guarnecida em cada queixo com uma ordem singela de dentes conicos, todos de diversos tamanhos, e afastados uns dos outros, que são mudados successivamente, e substituidos por outros de maiores dimensões á proporção que o animal cresce em idade e tamanho. A lingua é curta e carnuda, em toda a sua extensão presa ao queixo inferior, pelo que a não póde revolver, nem impellir para diante; o que deu logar a suspeitarem os antigos que o animal era privado d'este orgão. Os olhos estão muito proximos um do outro na superficie superior do crâneo: as ventas formam um canal estreito e comprido na extremidade do focinho; as orelhas são fechadas externamente por duas valvulas carnosas, e por debaixo da garganta tem duas pequenas glandulas, que abrem externamente, e contém uma substancia de cheiro semelhante ao almiscar. Alguns pensam que o fluido segregado por estas glandulas obra como uma especie de engodo para attrahir o peixe que é um dos principaes alimentos d'estes animaes.

Plinio refere que o crocodilo egypcio se retira a secretas cavidades, ou asylos, na proximidade do inverno, e passa os tres ou quatro mezes mais frios em um estado de lethargia, e sem tomar sustento; este phenomeno, ordinariamente chamado *hybernação*, é quasi universal entre os reptis, e serpentes, pelo menos nas temperaturas elevadas, e nas moderadas, e tem sido repetidas vezes observado pelo que toca ao alligator, e jacaré, ou caimão. Ao avisinhar-se a estação fria estes animaes se enterram em o lodo no fundo de algum lago estagnado, onde permanecem escondidos e em inacção até a volta da primavera. Affirmam os viajantes, que elles nunca se encontram em rios de corrente muito declive; porém são frequentes nos lagos estagnados, e nas angras, ou voltas dos rios caudalosos. Ahi andam em tamanho numero, que quasi se não podem contar, porque são extremamente numerosos nas partes remotas, e não frequentadas do Sul da America, deitando fóra as grandes, e achatadas cabeças por entre as folhas das plantas aquaticas, que cobrem a superficie da agua, e dalli espiando a presa; tambem muitas vezes se acham tomando o sol, ou dormindo ao longo das margens. Nunca sáem á praia senão nas horas mais calorosas do dia, e sempre se retiram para a agua antes do anoitecer, porque é durante a noite que andam mais activos em busca de presa. Dizem que raras vezes accommettem o homem, a não ser em defeza dos ovos, ou dos filhos; mas os jacarés do Brasil, e os caimães da Guyana dão muitos exemplos do contrario, e são bastante atrevidos, avançando aos animaes de todos os tamanhos. As femeas poem usualmente de cincoenta a sessenta ovos em um só logar, os quaes são pouco mais ou menos do tamanho des ovos do ganço; e os cobrem com areia, e deixam que os tire o calor do sol; porém nunca se afastam para grande distancia: quando os filhos saem da casca teem coisa de cinco a seis pollegadas, e ellas os conduzem immediatamente á agua. Raras vezes metade da ninhada inteira chega lá viva. Muitos são destruidos ainda nos ovos. Os abutres se emboscam, e espreitam a femea do alligator ou jacaré, quando sáe em terra a pôr os ovos, que elles desenterram, e devoram assim que a mãe se retira. As cobras tambem lhe dão boas saltadas, ainda que ás vezes pagam caro o atrevimento, como se vê em nossa estampa. Grande numero d'elles tragam-os os machos já crescidos da propria especie, e varias castas de peixes vorazes, que os engolem com sofreguidão. Todos estes contratempos obstam ao progresso de uma raça tão nociva, e que a não ser isso se propagaria infinitamente. Os indios, quando os colhem, comem a carne de todas as mencionadas especies; e os europeus, a quem a necessidade obrigou a acompanha-los em semelhantes banquetes, affirmam que é delicada, e saborosa.

Mencionaremos aqui a unica particularidade de habitos, que parece distinguir o alligator, e jacaré, do crocodilo verdadeiro: o primeiro nunca deixa a agua doce, ao passo que o ultimo frequenta tambem as embocaduras dos rios caudalosos, e até atravessa de umas ilhas para outras em distancias consideraveis.

Tambem o alligator dos inglezes, propriamente dicto, jacaré do Mississipi, e outras partes meridionaes dos Estados Unidos, parece ser mais feroz e voraz do que o jacaré da America do Sul, e diz-se que, como o tobarão, prefere os negros aos europeus. Affirmam que os do Norte crescem até quatorze ou quinze pés de comprimento, sendo a cabeça um septimo d'este; e que os do Sul crescem de quatorze a dezoito pés, sendo a cabeça pouco mais da oitava parte de todo o comprimento. Um viajante refere dos primeiros, que elles prêam de ordinario de noite, para o que se reunem em bandos, pondo-se á entrada de alguma angra, ou calheta, que os rios fazem, para onde previamente foram empurrando o peixe, e então berram com tal força, que podem ouvir-se a uma milha de distancia (1). Para apanhar o peixe

(1) Bartram diz que a voz d'elles se parece com o mugido de um touro.

mergulham por baixo do cardume, e tendo um seguro, o trazem á superficie, e o arremeçam ao ar, para deitarem fóra a agua que necessariamente tomaram com elle, e o tornam a apanhar de novo na quéda. Quando conseguem caçar um animal terrestre, de tamanho tal, que o não possam engulir de uma vez, o escondem pelos remansos do rio, até que apodreça, e então o arrastam para a praia, e o devoram de seu vagar, porque não tem dentes proprios para cortar e mastigar. » O mesmo diz que a femea do *alligator* só põe uma postura de ovos na mesma estação, quando, segundo a relação de La-Borde, o caimão, ou jacaré de Surinam, e de Caienna, põe em dois ou tres differentes periodos do anno.

Com tudo estas differenças, se existem, e as pouco importantes que se tem reconhecido na configuração d'estes animaes, talvez devidas aos varios climas que habitam, são mais interessantes para os naturalistas de profissão, do que para os curiosos da historia da natureza, e por isso não insistimos mais n'ellas.

Economia politica. — Preceitos geraes.

A economia, em vez de fundar a prosperidade publica no exercicio da força bruta, estabelece-a no bem entendido interesse dos homens, que illustrados por esta sciencia desistem de procurar a ventura onde não existe, mas vão busca-la aonde têem a certeza de a encontrar.

A instrucção é o que só nos falta, e principalmente a instrucção sobre a arte de viver na sociedade.

Todos os dias somos victimas das preoccupações dos tempos passados. . . . . Quanto mais estudamos mais nos convencemos de que os nossos conhecimentos não contam senão um dia de antiguidade, e de que talvez seja maior o numero d'aquelles que ámanhã terão começo.

Vale mais fundar boas escholas, e quintas para experiencias d'agricultora, do que edificar sumptuosas prisões; atalhar o infortunio e a miseria, do que construir, e manter luzidos hospitaes.

O publico, para não ser fascinado pelos charlatães, para não ser victima de privados interesses, carece de saber em que consistem os seus proprios.

Uma vez illustrada a opinião publica, o governo é obrigado a respeita-la.

O triumpho menos incerto é o da verdade.

O estadista ignorante deve ser mais detestado que o charlatão, se compararmos os estragos que um ou outro póde causar.

Se a economia politica desacredita as ruins instituições, presta forças ás boas leis.

Não ha povo ignorante que seja rico e farto.

As idéas erroneas são um mal positivo, porque induzem a medidas erroneas

As taxas moderadas têem por inevitavel resultado o augmento do consumo, e as excessivas paralysam simultaneamente a producção e o consumo.

Convém pois levar á evidencia, e não cessar de repetir que os direitos pesados com que se sobrecarrega um objecto da primeira necessidade, favorecem a sua falsificação e introducção illicita; porque n'este caso as immensas operações de um contrabando regular, organisado, e muitas vezes hostil, são alimentadas pelo engodo do exorbitante lucro. Os excessivos direitos são quasi sempre mais proveitosos aos contrabandistas, e falsificadores, que ao thesouro, e por conseguinte prejudicam a um tempo a saude, e fortuna publicas; pelo contrario, quando as taxas são modicas, todos se sujeitam a pagalas, não ha lucro que convide a fazer descaminho, e o consumo real augmenta em uma proporção consideravel.

Nos estados em que o governo tem algum amor ao bem publico, parte das rendas do fisco se transformam em publicos estabelecimentos.

E' facto mui confirmado pela experiencia, que todos os povos, cujas instituições depravam o entendimento, tem uma industria amortecida.

Um dos beneficios da economia politica consiste em habilitar-nos para darmos a cada vantagem, que alcançâmos, o seu justo valor.

Um povo visinho que prospera deve ser considerado mais como um amigo util, do que como um concorrente perigoso.

As taxas chamadas *minimum*, quando dão ás cousas um preço inferior ás despezas da sua producção, além de serem um attentado contra a propriedade, têem por effeito empecer a producção e o consumo do objecto em que são impostas.

Os mais felizes estados são os que tiverem maior numero de fortunas medianas.

As nossas riquezas estão na rasão da quantidade de cousas que podemos adquirir, e esta quantidade está na proporção da sua abundancia, ou, o que é o mesmo, da sua barateza; porque *abundancia* e barateza não são dois factos consecutivos, mas um só e unico facto, enunciado por duas palavras differentes. Quanto mais commum é um producto menos custa, e não custa pouco senão quando é commum.

Sem associação não ha divisão de trabalho, nem tão pouco se desenvolvem os conhecimentos.

O direito de propriedade é inherente á natureza do homem; e só da possibilidade de possuir póde provir o desejo de adquirir.

A nação que contar mais numerosos e eminentes talentos industriaes será a nação mais opulenta.

A legislação mais proficua á industria é aquella que proporciona a todos no mais alto grau a liberdade e a segurança das pessoas e das propriedades.

Não consiste a corrupção em buscar cousas uteis, commodas, e agradaveis, porém em ter gostos depravados, mais perigosos que uteis: é pelo contrario subir a mais alto grau de civilisação, é viver mais, é ser o homem mais completo, o procurar as commodidades da vida. — *J. B. Say.*

Ratoneiros francezes do seculo 16.º

Nas *Antiguidades de Paris* por Sauval se encontra a seguinte noticia da habilidade dos ratoneiros no tempo de Luiz 13.º

Para chegar ao grau de mestre corta-bolsas era preciso, afóra outras cousas, levar ao cabo duas obras primas da arte, perante os demais consocios. No dia da primeira prova atava-se a qualquer viga do tecto de um quarto uma corda com um boneco pendurado cheio de guizos, e com a competente bolsa no cinto. O que pertendia a carta de mestre era obrigado a pôr o pé direito sobre uma almofada, a encolher o esquerdo, e a cortar a bolsa sem cambalear, sem o boneco se mover nem levemente, e sem tinirem os guizos. Se falhava na minima cousa, se não mostrava toda a conveniente habilidade, ficava aprendiz como d'antes, e moíam-no á pancada, continuando nos dias seguintes a toca-lo bem, para lhe endurecer os membros, e habitua-lo aos máus tractos.

Se o aspirante ao nobre officio de corta-bolsas tirava a limpo a primeira experiencia, exigiam d'elle uma prova da sua subtileza mais difficil e perigosa. Conduziam-no os companheiros a algum logar publico, tal como praça ou egreja. Se viam algum bea-

to de joelhos, ou algum passeante com cara de parvo, ordenavam ao adepto lhe fosse cortar a bolsa, na presença d'elles, e á vista de todos. Apenas o ladrão partia para desempenhar a missão, começavam os outros a dizer aos que passavam, apontando para elle: Eis alli um corta-bolsas que vai roubar aquelle sujeito. Ouvindo isto, paravam todos para reparar n'elle; e ainda bem não tinha feito o roubo, já os seus consocios, de envolta com os passageiros, se estavam botando a elle, injuriando-o, espancando-o, sem o ladrão ousar dizer que elles eram seus companheiros, nem mostrar que os conhecia. No meio do tumulto e algazarra ajunctava-se naturalmente muito povo; os ladrões faziam apertão, iam limpando as algibeiras, e cortando as bolsas, e acabando com tirar subtilmente o seu camarada do meio do tropel, escapoliam-se com elle, e com o que tinham pilhado, deixando todos a gritar que estavam roubados, sem saberem como. Depois d'esta experiencia, assentava-se praça ao candidato em uma quadrilha, e dava-se-lhe a patente de mestre corta-bolsas.

TASSO

Torquato Tasso, o celebre cantor de Godofredo, nasceu em Sorrento, perto de Napoles, em 1544. Filho de Bernardo Tasso, escritor do *Amadigi*, seguiu o pai para Roma, quando as revoltas da sua patria obrigaram este a deixa-la, tendo Torquato apenas dez annos. A cabo de algum tempo Bernardo Tasso se apartou do filho, mandando-o para Bergamo, e indo elle para Urbino, por se arrecear de viver em Roma. Foi o poeta feliz em buscar este asylo; porque o duque de Urbino o acolheu com benignidade; e assim como um seu filho o ajunctar-se com elle. Aqui seguiu Torquato os seus estudos, sendo n'elles com predilecção do proprio filho do duque: mas passados dois annos, a incontestavel da feiticeira os constrangeu a irem para Veneza. Em Veneza o mandou seu pai cursar a faculdade de leis na universidade de Padua. Tornando, dando de mão as *Instituta* começou a seguir a carreira do seu engenho poetico. As suas primeiras obras foram, o poema de cavallaria intitulado *Rinaldo*, e varias poesias lyricas. — Diz-se que o poema *Jerusalem Libertada* o começou elle de 19 annos, estando então em Bolonha. — Em 1565 entrou Tasso pela primeira vez na côrte de Ferrara, introduzindo-o n'ella o cardeal Luiz d'Este, irmão do duque Affonso. D'este acontecimento nasceram as desventuras do poeta, e o seu amoroso enleio com a princeza Leonor, irmã segunda do duque. Ao que parece, não foi ella inteiramente esquiva á paixão de um homem que, alem de engenho raro, possuia os demais dotes que o podiam fazer amar. Todavia a historia lançou sobre este caso um véu mysterioso, que nunca se rasgou de todo. E' certo, porem, que exceptuando uma vista que Torquato Tasso fez a Paris em 1571, nunca mais saiu de Ferrara, até a conclusão do seu Poema. A este tempo já tinha estampado a egloga de = *Aminta* = uma das mais conhecidas e estimadas producções suas.

D'esde esta epocha nunca mais Tasso teve um momento de socego ou ventura. O grande poeta, cujo renome já enchia o mundo, vagueou na sua mesma patria, de cidade em cidade, por varios annos, quasi como um mendigo, levando-o a este estado um quebrantamento d'espirito que nenhuma mudança de situação podia melhorar. Ferrara era com tudo o alvo dos seus cuidados, e para onde, apesar de visiveis esforços, seus affectos constantemente se dirigiam. Posto que em tal estado fosse natural que Torquato praticasse actos extravagantes, custa realmente a crêr que houvesse motivo rasoavel para se tomar a atroz medida, a que em 1579 recorreu o seu antigo patrono, o duque Affonso, fazendo-o entrar como lunatico no Hospital de Sancta Anna. N'esta mansão de infelizes esteve Torquato encerrado quasi sete annos.

A princeza Leonor, que se julga ter sido a causa innocente da sua prisão, falleceu em 1581; — mas nem este acontecimento, nem as solicitações de varios dos seus mais poderosos amigos e admiradores, poderam obter de Affonso a liberdade de Torquato.

Todavia o supposto lunatico havia empregado grande parte do tempo em exercicios litterarios, compondo muitas obras, assim em prosa como em verso, algumas das quaes foram impressas; até que por effeito de ardentes supplicas de D. Vicente Gonzaga, filho do duque de Mantua, lhe foi dada a liberdade em Julho de 1586, e em Mantua passou o poeta o resto d'aquelle anno.

Torquato nunca mais voltou a Ferrara, tomando os seus andrajos de peregrino, só com o fim de satisfazer o desejo de correr mundo, que n'elle era já uma especie de mania, luctou com as maiores vicissitudes da fortuna. Hoje attrahia Torquato a attenção de esplendidas côrtes, e recebia as maiores distincções dos principes: — amanhã vagueava solitario por uma estrada, com passos vagarosos, e bolsa vazia, e cacetando de meios, a ponto de viver de emprestimos, ou esmolas! — e assim passou sete annos. Em Novembro de 1594 foi a Roma, onde determinaram que o maior poeta da Italia fosse coroado, bem como 250 annos antes o tinha sido o illustre *Petrarcha*. Porem, antes de chegar o dia de tão grande triumpho, foi Tasso atacado de uma doença, que logo se conheceu ser mortal. Por elle mesmo o pedir, o transportaram ao visinho mosteiro de S. Onesso, onde 30 annos havia que seu pai fallecêra. Tasso expirou nos braços do Cardeal Cinthio Aldobrandini em 2 de Abril de 1595, tendo 52 annos completos.

No momento em que o cardeal lhe lançava a benção do poeta, Tasso exclamou = *Esta é a corôa com que eu esperava ser coroado, não no Capitolio como poe-*

ta, mas no Ceu como bemaventurado.—E dahi a pouco o poeta deixou de existir.

Um pedante italiano, e um versejador francez — Salviati e Boileau — procuraram offuscar a gloria do Tasso, mas ella será eterna: será, por ventura, acima da de qualquer outro poeta; porque, em qualquer outro difficultosamente haverá tanta poesia, como a que brota da alma generosa do cantor de Godofredo: nem custoso nos fôra o prova-lo, se os limites d'este artigo no-lo permittissem. — Houve na Italia e fóra d'ella grande debate sobre a superioridade relativa de Ariosto e Tasso: Tiraboschi provou que esta questão devia ser não de superioridade, mas de preferencia. Quem amar a poesia da vida como ella é, lêa Ariosto: porém o que sonhar um mundo ideal — um mundo de intelligencias mais sublimes, procure-o na Jarusalem Libertada.

Preparação para defender os golpes das arvores, e para cobrir as enxertias. — Tomam-se partes iguaes de azeite de peixe, e de péz, e derrete-se tudo junto. Applica-se com um pincel, e fria, esta especie de unguento, que tem produzido os melhores effeitos na Bretanha. A composição que inculcâmos tem a estimavel propriedade de nunca gretar, e de vedar a entrada da chuva ou do vento, causas que commummente fazem apodrecer os pimpolhos, e é por isso muito preferivel á terra amassada, de que se usa para aquelle fim. Em logar d'azeite de peixe, podem-se empregar os oleos de noz ou de linhaça, o azeite de oliveira, e em geral todos os azeites doces.

Maneira de conservar o toucinho. — A utilidade da seguinte maneira de conservar o toucinho é proporcional á diminuta despeza que exige, e á sua simplicidade. Depois de estar o toucinho dezesete dias salgado, toma-se uma caixa capaz de conter tres ou quatro mantas, cobre-se-lhe o fundo com feno, e na mesma herva se embrulha cada manta de toucinho, ficando separadas umas das outras por uma camada de feno. Tapa-se a caixa em estando bem cheia e calcada com feno por igual, e deposita-se em logar não humido, evitando o expô-la ao damno dos animaes nocivos. O toucinho guardado d'este modo jámais cria ranço, e conserva excellente gosto.

Signaes de boas sanguesugas. — As sanguesugas mais dispostas a furar a pelle, mais insaciaveis de sangue, e mais proprias para se conservarem muito tempo, são um tanto chatas, teem o lombo repartido em tres partes iguaes, por quatro linhas longitudinaes, duas das quaes (as dos lados) são inteiramente amarellas, e as outras duas da mesma côr, porém salpicadas de pintas negras. A parte inferior é parda, denegrida, e pintada como o marmore. Toda a sanguesuga a que faltam estas linhas longitudinaes no lombo, péga difficultosamente, chupa pouco sangue, e conserva-se muito pouco tempo.

Contra-veneno do verdete, azebre, etc. — Julgava-se ha alguns annos ser a agua com assucar infallivel contra-veneno do verdete, e o doutor Orfila, digno de todo o credito, cuidou poder affirma-lo. Suscitaram-se depois duvidas, e o proprio Mr. Orfila confessou francamente não estar firme na sua primeira asserção. Entretanto Mr. Dulong, pharmaceutico d'Astafort, e homem credor da maior confiança, affiançou a efficacia d'um novo e simplicissimo antidoto, o qual consiste em fazer tomar ao enfermo, assim que se conceberem as primeiras suspeitas, grande quantidade de copos d'agua, cada um com uma clara d'ovo dissolvida. Para a dissolução ser perfeita deverá cada clara d'ovo ser batida em seu differente prato, e depois de reduzida a escuma, misturada e batida de novo com o copo d'agua, que se ha de dar ao enfermo. Este remedio, tão facil d'encontrar, avantaja-se a todos os até agora conhecidos: é um contra-veneno em toda a extensão da palavra, porque decompõe o verdete, e os outros sáes de cobre, de modo que deixa o oxido em um estado que cessa de ser perigoso. Quando as colicas tiverem quasi desapparecido, administrar-se-hão bebidas e clisteres preparados com sementes de linhaça, folhas de malvas, etc., consultando sempre um medico.

O azeite, muitas vezes recommendado, não póde ser util senão excitando vomitos. No caso contrario só serviria de augmentar o perigo, dividindo mais o veneno.

Arvore prodigiosa. — Uma das mais alentadas arvores de que ha memoria, era um castanheiro que existia na Sicilia haverá quarenta annos, e que talvez ainda lá exista. Muitos viajantes fallam d'elle, entre os quaes se conta o inglez Brydone, que o viu no meado do seculo passado. Na apparencia pareciam ser cinco arvores distinctas. — Diz-se que o espaço entre ellas era antigamente todo macisso de madeira, constituindo assim uma só arvore. Brydone, que o refere, assegura que ao principio não podia conceber como isto fosse possivel; porque as cinco arvores abrangiam um espaço de duzentos e quarenta pés de circumferencia. Convenceu-se em fim, não só pelo testemunho dos habitantes das visinhanças, e pelo exame de um naturalista muito entendido, mas tambem pela observação que fez nas mesmas arvores, nenhuma das quaes tinha casca pelas faces interiores, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta. Este castanheiro era tão affamado, que, segundo narra o mesmo Brydone, estava marcado n'um antigo mappa da Sicilia, publicado haveria cem annos.

Supplicio do esculptor Torregiano. —Pedro Torregiano, celebre esculptor florentino, auctor do bello tumulo de Henrique 7.º, na abbadia de Westminster, estava lavrando uma imagem do Menino Jesus para um grande de Hespanha. Não tinham ajustado o preço, porém o comprador, homem muito rico, havia promettido pagar a obra segundo o seu merecimento.

Fez Torregiano um primor d'arte; o proprio fidalgo admirou a obra com enthusiasmo, dizendo faltarem-lhe expressões para louva-la, e no dia seguinte remetteu pelos seus criados a Torregiano pesados saccos de dinheiro.

Ao ve-los o artista se julgou dignamente recompensado; porém, abrindo-os, achou . . . . trinta ducados em moeda de cobre.

Torregiano, indignado com justa causa, lança mão d'um martello, faz a estatua em pedaços, e põe fóra da porta os domesticos com os seus saccos, ordenando-lhes que relatem a seu amo quanto acabam de presencear.

Correu-se o fidalgo do seu procedimento; mas fazer envergonhar os poderosos é desafiar a sua vingança. Foi immediatamente procurar o inquisidor, accusou o artista de ter posto sacrilegas mãos no Menino Jesus, e fingiu tremer de susto ao narrar tão nefando desacato.

Debalde allegou Torregiano, para desculpar uma acção filha da colera, que o creador tem o direito de destruir a sua obra: em vão chamava a justiça em seu favor, sendo o fanatismo o seu juiz. O desgraçado posto a tractos, expirou nos mais horriveis supplicios.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa. — Na Typographia da Sociedade.

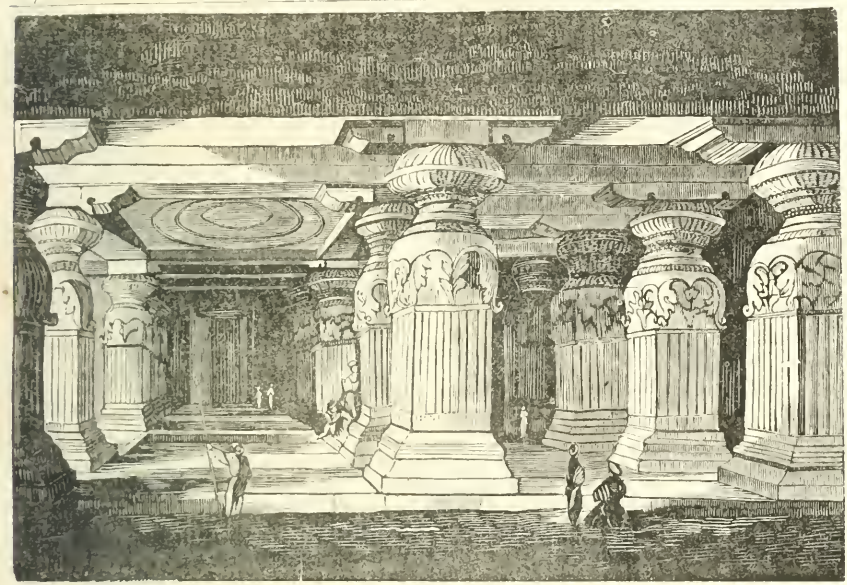
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

(10) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 8, 1837.



INDRA SABAH EM ELLORA.

TEMPLOS SUBTERRANEOS DA INDIA.

Se quizerdes saber miudamente qual é a religião de um povo, em que consistem seus ritos, as suas superstições, recorrei-lhe os livros sagrados, interrogae-lhe os sacerdotes, assisti ás suas ceremonias do culto: mas se quereis conhecer o geral caracter dessa crença, a sua bondade moral, e a idéa fundamental della, cerrae os livros; não converseis os sacerdotes: — perguntae-o á pedra do templo que julgaes muda, e ella vos dirá o que talvez, com largo estudo dos livros e dos homens, tarde ou nunca sabereis.

Os monumentos religiosos de todas as nações são o echo do principio religioso que em todas reside. O templo aprasivel da Grecia, a cathedral gothica do christianismo, o pagode subterraneo da India, são, cada um de per si, os symbolos da crença destes diversos povos.

O templo grego parece que sorri, como o risonho polytheismo da antiga Grecia: — a cathedral, mysteriosa no labyrintho das suas arcadas, erguida para o céu, e triste na sua escuridade, é a imagem do christão que suspira pela patria celeste, e geme no desterro do mundo: — o pagode subterraneo da India é o simulachro de religiões viciosas, absurdas e vis, que nas entranhas da terra escondem superstições abjectas, como envergonhadas de as patentear á luz do sol, e aos olhos do genero-humano.

Estes pagodes se encontram ainda por varias partes da India. Nos ultimos tempos os inglezes, senhores de quasi todo o Indostão, os têem tornado conhecidos na Europa: nós os portuguezes sabiamos da sua existencia e das maravilhas da arte, que encerravam, desde os fins do seculo dezeseis, em que Diogo do Couto escreveu uma noticia miudada de tres dos principaes delles.

Os mais notaveis destes templos subterraneos são os da ilha de Salsete, o da ilha do Elephante, e os de Ellora na provincia de Aurenbagad, nas cercanias da cidade do mesmo nome.

Para melhor intelligencia do que delles vamos dizer, daremos aqui em resumo uma idéa das crenças dos habitantes da India.

Ha ahi duas seitas principaes; a de Brama, e de Budda: segundo a primeira, existem tres intelligencias — a creadora, a conservadora, e a destructora — que revestem de corpo, dando-lhes os nomes de Brama, Visnú, e Siva: dizem que as duas ultimas incarnaram cá na terra em differentes seculos, e com varias figuras: cada uma destas incarnações, ou *avatares*, como elles lhe chamam, gerou uma differente deidade, que tem culto particular; só Brama não teve diversas incarnações, e por isso nunca o seu culto é vario como o dos outros. Além destes tres grandes deuses ha um tropel de outros inferiores. O sol, a lua, o vento, o mar, qualquer fonte ou rio, é divindade, ou tem alguma que lhe pertença; afóra esta chusma, os principaes deuses têem grande numero de servos e clientes: e no céu ha, como na terra, medicos, poetas, bailadeiras.

Como se crê que os deuses em varias das suas incarnações appareceram com muitas cabeças e mui-

e outras extravagancias, as imagens que estão pelos templos apresentam notaveis configurações. Daqui nasce, que na India, todos os monstros, todas as figuras meias de homem meias de fera, toda a somma de mãos e cabeças nas imagens que ahi são adoradas, indicam um logar sagrado pertencente ao bramismo. Por via de regra estes templos *têem o tecto chato*, e são geralmente quadrados.

A religião de Budda differe muitissimo da de Brama: creem os buddistas que por diversas vezes têem apparecido na terra homens de excessiva piedade, e abnegação de si, os quaes foram levados depois da morte a um estado de bemaventurança celestial. Estes sanctos, ou prophetas, havendo reformado o mundo em quantos vivos, ficaram com o poder de fazer prodigios, e exercendo certa influencia nos homens: são a estes sanctos que os subditos adoram, e onde quer que esta religião vóga, ahi são as suas reliquias veneradas. Os maiores templos, muitos dos quaes são de fórma pyramidal, ou da figura de uma secção de globo, dizem que encerram um dente, um cabello, ou outra qualquer reliquia de algum desses sanctos. Estes templos contém imagens de pernas encruzadas, ou em pé em postura de quem medita: taes são os objectos de veneração dos buddistas; e nos pagodes pertencentes a esta seita não se encontram imagens disformes, ou monstros de muitos braços e cabeças. O signal caracteristico de qualquer dos templos, que hoje restam, ter pertencido ao buddismo, é haver ao pé grande numero de cellas; porque os sacerdotes de Budda vivem conventualmente, como viviam os nossos frades. O corpo do templo é ordinariamente sustido por fileiras de pilares, com uma nave de cada lado, *tem o tecto em arco*, e é oblongo como as nossas egrejas.

Os pagodes de Salsete parecem ter pertencido a esta seita, e o da ilha do Elephante ao culto de Brama; em Ellora uns são templos de Budda, outros da religião de Brama.

Diogo do Couto, depois de descrever Salsete, falla do templo de Canari [que os inglezes escrevem Kenery] como de uma das maravilhas da India. A seguinte descripção é extraída deste escriptor, que em parte preferimos aos modernos viajantes, não só por nosso, mas porque examinou a obra em tempo em que não estava tão arruinada como hoje. — « No meio desta ilha, diz Couto, está aquelle admiravel pagode do Canari, que se presume ser obra dos canarás; e por isso se chama assim, que está feito ao pé de um arrasoado monte, todo de pedra de côr pardo claro; á entrada delle se faz uma formosa sala; e no pateo de fóra da porta, d'uma e d'outra banda della, estão duas figuras de vulto entalhadas na mesma pedra, tamanhas como duas vezes os gigantes que vão nas procissões da festa do corpo de Deus de Lisboa, tão formosas, tão primas, e tão bem lavradas, que nem em prata se podiam entalhar melhor, nem mais perfeitas. A porta, da banda de fóra, tem algumas cisternas feitas da mesma rocha, que recebem a agua do inverno, que no verão está tão fria, que não ha mãos que a soffram. Pela serra acima até o cume della, a modo de caracol, se fazem mais de tres mil camarinhas pequenas, a modo de cubiculos, cortadas na mesma rocha; e cada uma dellas tem á porta uma cisterna da mesma agua: e o que é mais para admirar é que ha um cano, feito por tal artificio, que corre por todas estas tres mil camarinhas: este cano recolhe todas as aguas vertentes daquella serra, e a reparte por todas as cisternas, que estão ás portas das camarilhas. »

Neste templo ha varias quadras antes de entrar na principal; na passagem daquellas para esta ha duas grandes moles de pedra com cupulas esphericas, chamadas *dhagopes*, as quaes indicam ser o templo consagrado a Budda. Uma destas pedras está n'um canto escuro, e cheia de figuras de relevo, das quaes a principal é a de Budda em differentes posturas, e acompanhada de varios emblemas. O exame destas esculpturas aclararia muito a antiga historia da religião da India.

Este templo foi convertido pelos portuguezes em egreja com a invocação de S. Miguel: e segundo Couto, na serra em que está entalhado se descobriu uma especie de caminho subterraneo, ou labyrintho em que alguns curiosos andaram sete dias sem lhe acharem termo. Havia tradicção entre os habitantes de Salsete, que este caminho, passando por baixo do braço do mar, que divide Salsete da terra firme, ía dar a Cambaia: assim a imaginação do povo contribuia para engrandecer esta maravilhosa fabrica.

O pagode de Manapaser, a que hoje chamam caverna de Montpezir, dista do de Canari obra de duas milhas, e é entalhada como o outro na rocha viva. Este pagode foi tambem mudado em egreja pelos portuguezes, que juncto delle fundaram um collegio para ensinarem os filhos dos indios convertidos. — As ruinas deste collegio ainda existem, e os inglezes, que se persuadem de que os Portuguezes só sabiam edificar conventos, dizem que são as ruinas de um mosteiro de frades, e que o templo serviu *provavelmente* de dispensa, o que só mostra a ignorancia em que estão ácerca de nossas cousas.

A ilha do Elephante, ou como agora lhe chamam, Elephanta, está lançada na entrada do rio de Bombaim, á banda do sul, e terá de roda obra de meia legua. Diz Couto que tomou este nome d'um grande elephante de pedra que se descobria logo ao entrar do rio: este monumento desabou em 1814. É aqui que está um dos mais famosos pagodes da India. — Tem o templo oitenta passos de comprido e sessenta de largura aberto na rocha viva; e todo o cume do tecto se sustenta sobre cincoenta columnas, que estão por tal compasso, que fazem sete naves. Cada uma destas columnas até meia altura é quadrada de vinte e dois palmos, e do meio para cima redonda, e de dezoito palmos de circumferencia. Na decada septima da Historia da India se acha uma particular noticia do estado deste pagode no tempo de Diogo do Couto; mas tendo-se de então para cá arruinado muito aquella obra magnifica, extraíremos alguma cousa do que ácerca della dizem os modernos viajantes inglezes.

O principal objecto que se encontra nesta caverna é um idolo de tres cabeças, entalhado com varios ornatos, e representando Siva, a quem o templo, pelos emblemas que tem, parece ser dedicado. Está este vulto no fundo da entrada do centro.

Ha pelas paredes varios relevos; mas como no inverno a agua entra dentro, estão parte alluidos, parte caídos; isto faz com que seja mui difficil o explicar o que elles representam.

Á entrada da caverna ha um templo separado, o qual lhe fica á direita, e tem pouco mais ou menos vinte pés em quadro, com suas entradas pelas quatro faces, ao lado de cada uma das quaes estão dois gigantes de quinze pés de alto, um de cada parte. Dentro está esculpido o emblema do poder creador, o *Linga*, o qual ainda hoje os indios costumam ir infeitar com flores.

O pagode principal está já muito arruinado, e ha sitios em que o tecto abateu, ficando tudo reduzido a montes de entulho. Os que pertenderem noticia exacta sobre o seu antigo estado leam a descripção de Couto, e ácerca do que ainda se conserva, vejam os *Fragmentos de Viagens* do capitão Basilio Hall.

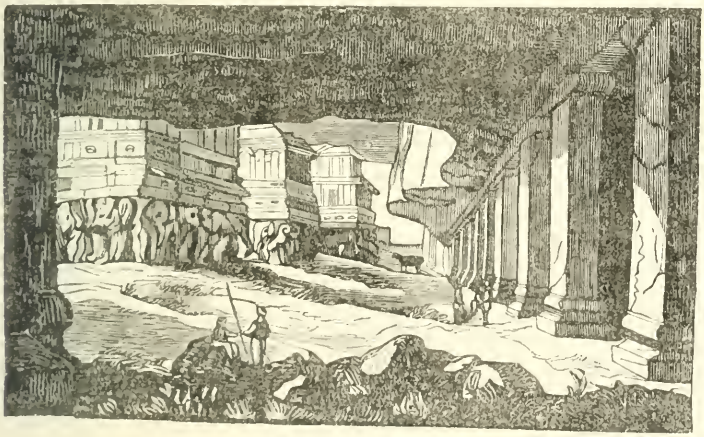
Os templos de Ellora, tanto pelo seu numero, como pela riqueza da fabrica, são talvez os mais curiosos subterraneos de toda a India. Estão abertos em um monte de figura de meia lua, cujo declive em geral é doce, mas que em algumas partes é de rochedo talhado a pique da altura de vinte, sessenta, e ás vezes cem pés. Foi nestas faces que abriram os pagodes, correndo assim um lanço delles por espaço de uma milha. Sobre o alto do monte avulta uma estatua agigantada de Budda, lavrada n'um rochedo de basalto negro: está toda nua, e assentada em um throno posto sobre elephantes e tigres. Tem a estatua dez pés d'alto, as pernas cruzadas, e as mãos no collo; corôa-a uma cobra de sete cabeças, cujas roscas servem de encosto ao throno. Estão de roda seis vultos, cinco sentados, e um em pé, como que fazendo-lhe oração, e adornados de brincos, rosicleres, e braceletes. Esta imagem é semelhante a todas as de Budda, que ha pela India, chama-se *Parusnath*, e os malabares vão alli em romaria todos os annos.

A caverna mais proxima é a chamada *Indra Sabah* ou templo do senhor do firmamento. Esta caverna se divide em tres corpos, e é a que representa a estampa que precede este artigo. Pertence o pagode á religião de Budda. Os tres corpos seguem no fundo uns dos outros, tendo communicação entre si por umas portas estreitas. O da entrada, representado na estampa, tem sessenta e um pés de comprido, quarenta e oito de largo, e quatorze de altura: a um canto está a estatua de Budda, na mesma postura do Parusnath collocado no cimo do monte: á roda da parede ha outros idolos que representam a mesma personagem, uns com as pernas cruzadas, outros sentados ao nosso modo. A segunda caverna parece-se inteiramente com a primeira. Na terceira ha tambem, como nas outras, uma figura de Budda, e muitas ao redor em nichos, umas em pé, outras sentadas, com servos atraz, montados em elephantes, tigres, e touros. O vulto em pé de Budda está á esquerda do sanctuario, com duas mulheres de cada lado, e aos pés outra na postura de resar; de roda estão entalhados ratos, carneiros, uma cobra e um escorpião, como que repousando á sombra d'elle: o portal é todo lavrado de figurinhas de Budda e dos seus servos: no topo da quadra ha uma varanda, em cujas extremidades estão os idolos chamados Indra e Inderani, aquelle sentado sobre um elephante, este sobre um tigre: nasce a cada um do alto da cabeça uma arvore, na qual está pousada uma ave.

Na frente desta caverna d'Indra ha um pateo talhado no rochedo, com uma capella no centro, em que está um altar com figuras de Budda: de cada lado ha um elephante sem cobertura ou ornato, e para outra parte está um obelisco levantado.

Estas cavernas são feitas em dois andares; mas o inferior tem-se estragado com a humidade, e entulhado em parte com a terra que para dentro lhe vae caíndo.

Adiante do Indra Sabah, seguem-se no mesmo monte muitos pagodes subterraneos, uns pertencentes ao bramismo, outros ao buddismo, de que não faremos menção especial por evitarmos prolixidade, e por passarmos a descrever o templo de Keilas, cujo desenho tambem aqui apresentamos. E o pagode de Keilas obra dos sectarios de Brama, e está situado no mesmo logar de Ellora.



TEMPLO DE KEYLAS.

O primeiro objecto que nelle se appresenta aos olhos do viajante é um portal, com camaras por cima e ligado aos encontros do monte por dois lanços de muros com ameas, e, segundo parece, talhados n'um antigo banco de pedra. por cima deste portal ha uma grande multidão de pequenos pagodes e obeliscos, todos avultados na mesma pedra. Entrando para dentro da se n'um extenso terreiro, o qual fica na frente do templo principal, que está assentado sobre elephantes tirados ao natural: é este templo obra espantosa; e parece impossivel que uma fabrica de tão curioso lavor seja cortada e entalhada na mesma pedra dura e aspera, que por tres lados cerra o grande terreiro. Ha para este duas aberturas, uma á direita, outra á esquerda, e diante dellas estão elephantes de grandeza natural, cingidos com cordas, mas já muito estragados: do pé destes e que se vê bem todo o exterior do grande templo pyramidal do meio, que tem cem pés d'alto, e cujos delicados lavores contrastam a aspereza dos rochedos que fecham o terreiro. Andando obra de trinta pés para diante dos elephantes chega-se a dois formosos obeliscos, bem conservados, de trinta e oito pés d'alto. O templo principal esta a uma banda do terreiro, e tem communicação com os quartos por cima da entrada, por um templo mais apoucado, no qual está o boi *Nundi*, que é pequeno e já todo quebrado. Ao lado do templo do meio ha outros menores, que assentam sobre vultos de animaes, elephan-

tes, leões, e monstros imaginarios, cinzelados em varias posturas; uns combatendo com os que tem ao pé; outros com meios corpos saídos da parede, outros tendo de fóra só as cabeças. Os leões são aqui desmesurados e da altura dos elephantes, como era necessario para toparem com as costas no pagode que fingem sustentar.

Entre o templo maior e o portal, no muro da cerca, ha nove ficiras de figuras lavradas, quasi de um pé de alto, que representam homens pelejando, com arcos, cacheiras, e espadas; alguns em carros tirados por cavallos ou macacos. Na frente do templo ha uma escadaria, no cimo da qual é a entrada para a quadra principal: dentro, a luz baça, as macissas columnas, o silencio de morte em que tudo está, e as figuras agigantadas que se vêem no topo geram um sentimento de pavor. O tamanho da quadra é de cento e tres pés de comprido, sessenta e cinco de largo, e só dezesete de alto. Sustem o tecto quatro renques de columnas grossissimas com os fustes cheios de lavores, mas os capiteis lisos: a côr da pedra destas columnas está toda affumada das fogueiras que Aurengzeb mandou fazer alli dentro por escarnecer dos malabares. Em frente na entrada ha uma capella grande, com vultos de gigantes aos lados, cujas cabeças vão entestar com o tecto: é esta capella o sanctuario, onde está o *Linga*. De roda corre uma varanda pela parte de fóra: e aos lados do templo ha porticos cheios de vultos e relevos. Na varanda que cerca o sanctuario ha portas que dão para outras capellas, que são em miniatura o mesmo que a grande quadra.

Ha por estes sitios muitos outros pagodes menos conhecidos; e no caminho de Puná para Bombaim se encontra o de Karli que é muito celebre, mas de que se póde fazer idéa pelos que temos descripto. Estes pagodes não igualam por certo os edificios religiosos da Europa em grandeza e primor; porém excedem-os no difficil da obra; porque só em Keylas tiveram os que o construiram de cortar talvez tres milhões de pés cubicos do rochedo, para no restante da pedra talhar tão delicados relevos e vultos, os quaes, ainda que incorrectos no desenho, são bem imaginados no todo, e de subtil lavor.

Antipathias dos animaes.

Os seguintes factos curiosos foram publicados pelo professor Rodet no jornal mensal = *O Veterinario.* =

Em 1806, durante a campanha de Austerlitz, um official piemontez tinha uma bellissima egua, excellente para todo o serviço, mas com uma particularidade unica, extremamente perigosa para cavallaria. Tinha uma aversão tão delicada ao papel, que o conhecia pelo ar, e até ás escuras esfregando-se duas folhas delle uma pela outra. Esta vista e este som lhe causava tão prompto e violento effeito, que muitas vezes sacudia o cavalleiro; e uma vez, em que este ficou preso por um pé no estribo, o levou de rastos sobre pedras por espaço consideravel. Fóra disto, a egua não tinha o mais pequeno medo de outros quaesquer objectos, que de ordinario espantam os cavallos: não fazia caso da banda de musica marcial, do sibilo das balas, do estrondo da artilheria, dos fogos dos piquetes, ou do lampejar das armas: a confusão e bulha de uma refrega lhe não fazia impressão; nem a vista de outros objectos brancos a abalava, nem lhe importava com outros sons: tão sómente a vista, ou ranger do papel a enfurecia. Todos os meios possiveis empregados para a curar de tão extraordinaria e prejudicial mania, foram baldados; e seu dono se viu a final obrigado a vende-la, porque lhe punha a vida em continuo perigo.

Uma egua, que pertenceu á guarda real [de 1816 até 1821], era completamente docil, não tinha antipathia com a gente, nem com outros animaes, excepto com os cavallos ruços; mal descobria algum desta côr arremettia para elle com toda a furia; e sempre acontecia o mesmo, em todo o tempo, e onde quer que fosse. Faziam della quanto queriam na parada, nas estradas, nas fileiras, em combate, e nas cavallariças; porém era tal a aversão que tinha aos cavallos ruços, ou esbranquiçados, que corria muito risco mette-la com elles na mesma cavallariça, fosse qual fosse a distancia. Apenas lobrigava algum, fosse cavallo ou egua, não descançava até que sacudia o cavalleiro, e arremettia ao outro, e o mordia por onde achava: geralmente lhe agarrava pela cabeça ou peito, e não largava sem o esganar, se lhe não acudissem de prompto. Envelhecendo não perdeu a mania, mas abrandou alguma cousa. Não dava a mais leve mostra de lhe fazer impressão outro qualquer corpo de côr branca.

Ao revez desta, uma egua do quinto esquadrão de hussares se assustava de todos os objectos brancos inanimados, taes como cobertas e vestidos brancos, as mangas das camizas, ou as mesmas camizas muito á mostra, e com especialidade as pennas brancas. Quando via de repente qualquer destas cousas, e muito principalmente se estavam em movimento, se este era rapido, e o objecto avultava, entrava n'um grande tremor e luctava por fugir; mas se não era de grande tamanho, e se agitava lentamente, fa-se embravecida a elle, calcando-o debaixo das ferraduras, e trabalhando pelo despedaçar a dente. Nem as outras côres lhe faziam impressão, nem a apparição, ainda que subita, de algum cavallo, ou cão de côr branca; mas se caia uma penna branca, ou fluctuava no ar uma folha de papel, seu medo, ou furor era indomavel.

Particularidades relativas ás côres.

Muitas vezes se tem suscitado vivissimas contestações entre os fabricantes de fazendas estampadas, e as pessoas que lh'as haviam encommendado, por causa das côres dos desenhos, porque pertendendo-se, por exemplo, que fossem negros em chãos vermelhos ou carmesins, em vez de negros elles appareciam verdes. Outras vezes tinham-se encommendado para armações ou forros de quartos debuxos cinzentos em chão verde; e estes parecendo côr de rosa, em logar de cinzentos, faziam nascer grandes altercações: — « Guarde lá o senhor a sua obra, eu quero desenhos negros. » — « Aqui tem as suas tapeçarias, e para a outra vez não misture o cinzento com o côr de rosa. » — « Mas, senhora, a nossa tinta negra é excellente; eu desafio qualquer fabricante a que mostre um preto de melhor qualidade. A nossa fabrica não começou hontem, e graças a Deus, sempre teve fama de ter melhores cinzentos que todos os fabricantes do reino. » — « Assim será, mas eu não tenho nevoas nos olhos, este negro é verde, este pardo côr de rosa; appello para o testemunho de todos. »

Um dos principaes francezes chimicos francezes, tendo sido escolhido para arbitro, deixou muito confusas as duas partes queixosas, fazendo recortar papeis brancos exactamente pelos padrões dos desenhos, negros ou cinzentos, applica-los sobre as fazendas de modo que ficassem inteiramente tapados os chãos vermelhos ou verdes, e substituidos por um fundo branco. Os debuxos pretos das capas appareceram logo perfeitamente negros, e os cinzentos das armações perderam a côr rosada.

Este phenomeno está ligado á theoria geral da in-

fluencia que duas côres exercem uma sobre a outra, quando se acham em juxta-posição; havia muito tempo que della se tratára: porém ao illustrado chimico, de quem acabamos de fallar, é que se deve uma collecção completa de factos e de principios relativos a este interessante assumpto, de que faremos uma summaria exposição em um dos proximos numeros.

As consequencias já mui amplas dos principios descobertos, são sem duvida susceptiveis de maior desinvolvimento; por tanto a arte de estampar desenhos em estofos de côres, — a de applicar diversas tintas sobre papeis pintados, — a arte de illuminar as cartas, — a arte de armador, que procura pôr em harmonia as côres dos estofos tanto entre si como com as das madeiras dos moveis, — a pintura dos quadros, dos vidros de côres, e especialmente a dos modelos de tapeçaria e de alcatifas, — a distribuição dos canteiros de flôres n'um jardim, em relação ao seu matiz e á epocha da sua florescencia, — a boa combinação das côres dos vestidos, e sua influencia na das pessoas que os trajam — os ornatos dos theatros, todas estas artes podem tirar uteis noções dos factos que a experiencia e a theoria tem descoberto.

O ABESTRUZ.

(Struthio camelus. Lin.*)*

Esta ave é conhecida desde tempos mui remotos, e della fazem menção os livros sagrados. Provavelmente foi alimento ordinario, pelo menos do povo; porque o legislador dos judeus lhes prohibe esta carne como um dos manjares immundos. Herodoto, o pae dos historiadores, falla do abestruz; e egualmente os primeiros philosophos, que trataram assumptos de historia natural. E com effeito, como podia ser desconhecida uma ave que vive nos climas da Africa e da Asia, tão povoados na antiguidade, e muito mais sendo tão consideravel pelo tamanho, tão notavel pela figura, tão pasmosa pela fecundidade? A verdade é que o abestruz habita os desertos, e prefere os logares mais solitarios e mais aridos, onde quasi nunca chove, o que parece confirmar o dicto dos arabes de que esta ave não bebe: mas tambem é verdade que o homem sabe atravessar os desertos. A vida do abestruz deve ser muito penosa em solidões vastas e estereis, mas elle lá encontra a liberdade e o amor; e que ermo, por tal preço, não seria um logar de delicias? Para gozar, no seio da natureza, bens tão inestimaveis, elle evita a sociedade do homem; mas o homem, que sabe quanto lhe póde aproveitar, vae procura-lo nos mais selvaticos retiros, e sustenta-se da sua carne, dos seus ovos, e do seu sangue e gordura; adorna-se com as suas pennas; e talvez nutre a esperança de o subjugar completamente, e pô-lo no conto dos seus escravos. O abestruz offerece sobejas vantagens ao homem para que elle o deixe viver seguro no centro dos desertos. Povos inteiros mereceram a denominação de *Struthophagos*, comedores de abestruzes, que tantos ou tão poucos devoravam; e estes povos eram visinhos dos *Elephantophagos*, comedores d'elephantes, que por certo não usavam melhor banquete. Apicio, o doutor dos cosinheiros romanos, prescreve em seu livro sexto, um môlho alguma cousa picante para esta especie de carne, e julgamos que com muita razão: isto nos prova o uso que fazia della o povo conquistador. O imperador Heliogabalo, prototypo dos comilões, banqueteou-se um dia com os miolos de seiscentos abestruzes; é bem sabida a mania deste imperador de comer em cada dia uma só casta de carne, como, phaisões, porcos, frangos, &c., e o abestruz entrava na conta, preparado sem duvida á moda de Apicio. Ainda hoje os habitantes de alguns districtos d'Africa os criam domesticos, e lhes comem a carne, e vendem as pennas: comtudo nem gatos, nem cães, quizeram ao menos cheirar a de um, que Vallisnieri tinha dissecado, posto que estivesse bem fresca; é verdade que estava excessivamente magro, e além disso podia ser velho; porque Leão o Africano, que a provou no proprio paiz, diz que só comiam os novos, e depois de os terem engordado. O Rabbino Kimchi diz que preferiam as femeas; e talvez se possam converter em soffrivel manjar submettendo-os á castração.

O abestruz tem de sete a nove pés de altura desde a cabeça até o chão, e do costado para baixo raras vezes excede tres ou quatro pés, porque o restante é o excessivo comprimento do pescoço. A cabeça é muito pequena, comparativamente ao corpo; e tanto ella como a maior parte do pescoço são cobertas unicamente com alguns pellos espalhados, o bico é largo, curto, e abobadado. As pennas do corpo são pretas, e soltas; as das azas e do rabo são alvissimas, fluctuantes e compridas, e umas por outras com as pontas negras. As azas são armadas de esporões: as coxas nuas, e os pés fortes, e de côr pardo-escuro. As azas lhe não servem para voar, mas sómente para o auxiliar na carreira, a qual é tão veloz que o não alcança o mais ligeiro cavallo. as pernas mais parecem de quadrupede que de ave.

Os ardentes e descampados areaes da Africa e da Asia são os paizes nataes dos abestruzes. Por elles vagam muitas vezes em ranchos tamanhos, que vistos ao longe já tem causado sustos ás caravanas, figurando tropeis de cavallaria dos arabes salteadores.

A fórma e os habitos peculiares deste animal são inteiramente diversos dos de toda a mais casta plumigera: e parece que fórma um dos anneis intermediarios na extensa carreira dos entes animados, ligando as tribus aladas com os quadrupedes. As pernas com juntas vigorosas, e (aventuremos esta expressão) armadas de unhas fendidas, são tão azadas para a carreira, como para a defeza: corre velocissimamente,

porque o feitio das azas, e disposição das pennas lhe vedam o vôo: o pescoço, como o do camello, é coberto de cabellos: a voz é um certo berro profundo e lugubre; e pastam como alguns quadrupedes.

Fazem grande perda aos cultivadores no interior da Africa meridional, vindo aos bandos ás seáras; e comem as espigas do trigo deixando só o pé. Como o seu corpo é da altura da espiga, e abaixam o pescoço para comer, não se pódem vêr; porém á menor bulha erguem a cabeça e fogem sem que se possa chegar-lhes a tiro.

Quando o abestruz corre tem um aspecto valente e altivo: se na direcção que segue sopra o vento, bate as azas sempre, e então nenhum cavallo o apanha; mas se faz calmaria, ou por qualquer accidente perde alguma aza, é muito mais facil alcança-lo.

O abestruz macho do sul da Africa no tempo da criação toma por companhia de duas até seis femeas. Estas poem todos os ovos junctamente em o mesmo ninho, que é meramente uma cova pouco funda, escavada no chão com as dimensões convenientes para ahi caber durante a incubação um destes passaros agigantados. Para pouparem espaço, e ao mesmo tempo darem a todos os ovos egual porção de calor, os collocam dentro do ninho com a extremidade mais aguda para baixo, e com a outra para cima, fazendo com a terra que tiraram da cova um cerco da parte de fóra, que os mantem na postura propria. As femeas se rendem por turno durante o dia, no mister da incubação, e o macho faz este serviço de noite, porque se requer a sua força para defender a prole dos ataques dos adibes, leopardos, e outros inimigos. Contam que muitas destas aves na luta ficam mortas ao pé do ninho.

Ás vezes se acham ninhos com sessenta ovos, mas o numero trivial é mais pequeno; e a incubação é de ordinario executada por um só casal. Cada femea põe doze a dezeseis ovos. Continuam a pôr durante a incubação, e até depois de tirados os filhos: os ovos supranumerarios são postos da banda de fóra á roda do ninho, e destinados ao sustento dos filhos, que posto sejam do tamanho de uma franga ao sair da casca, ainda não tem provavelmente força para digerir o alimento duro e acre de que subsistem os velhos. O periodo da incubação dura trinta e seis a quarenta dias. Tanto os machos como as femeas desamparam os ninhos na maior força do dia, porque então basta o calor do sol para chocar os ovos.

Um ovo de abestruz contém tanta substancia como vinte e quatro das galinhas caseiras. Os frescos tem bom paladar e são tidos por alimento sadio. Os hottentotes sabem o melhor modo de os cosinhar: poem-nos sobre cinzas quentes por uma das extremidades, e na que fica para o ar fazem um buraquinho, e vão com um bocado de páu mexendo até que fiquem sufficientemente assados: então os temperam com sal e pimenta, e sáe uma boa *omelette*. São muito bons para embarque, porque aturam muito mais que os de galinha, por causa da grossura da casca. No Cabo de Boa-Esperança se faz muito commercio delles. No Cairo, e outras cidades do Egypto, os comem com gosto, e se consomem muitos, que os arabes trazem a venda. São enfeite ordinario das mesquitas dos turcos, onde os dependuram das abobadas. Nas egrejas dos Cophtos (1) reina o mesmo costume; e quando um padre desta seita diz missa, tem sempre defronte um castiçal acceso entre dois ovos de abestruz, como para o advertir de que deve estar attento no exercicio do seu ministerio, assim como o abestruz, segundo a tradicção vulgar do paiz, nunca desvia os olhos de cima dos ovos.

Uma das maiores cascas destes ovos, que se tem visto, existia no gabinete da Academia de Suecia: pesava onze onças, e levava cinco quartilhos e meio da medida de França.

Ainda que estas aves correm mais do que um cavallo, comtudo é a cavallo que se cançam, e se apanham: para isto é preciso industria; e os arabes, que são os mais peritos nesta caça, a têem em conta de sciencia. Tudo consiste em seguir as aves de longe, sem apertar muito com ellas, inquietando-as quanto baste para as não deixar comer, mas nunca com tal excesso, que as delibere a fuga precipitada: isto é mais facil, porque ellas nunca seguem em linha recta, mas vão sempre descrevendo uma curva mais ou menos extensa, por consequencia os arabes vão descrevendo do lado opposto um circulo concentrico, interior, conservando-se em conveniente distancia, andando porém menos do que ellas: quando as tem assim cançado, e esfomeado durante dois, ou mais dias, aproveitam a occasião, vão sobre ellas a todo o galope, levando-as contra o vento o mais que pódem, e as matam á bordoada, para que o sangue não manche a bellissima alvura das pennas. Estas pennas, que são as do rabo, tem grande apreço no commercio, pela applicação, que lhes dão para enfeites de senhoras, penachos, &c.: são largas e flexiveis, e com barbas compridas, finas, e macias.

Contam que os abestruzes, vendo-se acossados sem poderem escapar, escondem a cabeça pensando que não são vistos, porque elles tambem não vêem: mas talvez a sua intenção, neste caso, seja livrar a cabeça que é a parte mais importante, e ao mesmo tempo a mais fraca. As recentes relações dos viajantes mostram que a estupidez attribuida a estes animaes é summamente exagerada. Em algumas occasiões, quando ainda lhes restam forças, combatem, e se defendem corajosamente, e não é a sua caça tão sem perigo, que não tenham ficado por vezes alguns caçadores com pernas quebradas das pancadas d'aza, ou dos pés, de um abestruz ferido. Os colonos do Cabo tomam estas caçadas por grande divertimento; e além disso tem interesse em os destruirem por causa do estrago horrivel que fazem nas seáras, deixando campos inteiros de trigo só com a palha. É cousa notavel que sendo estes animaes tão vigilantes, e acautelados contra os caçadores, se não espantem á vista de gente que vae de carroça. Um escriptor modernissimo conta que um hottentote lhe proporcionou deste modo o meio de vêr bem uma ninhada delles já crescidos; começou de andar á roda estreitando cada vez mais os circulos até a distancia de tiro de pistola, em que então fugiram.

As pennas são a causa principal da guerra geral que lhes fazem; mas os arabes tambem se servem das pelles depois de curtidas. A mesma pelle dá um meio de os apanhar, conservando-lhe as pennas. cobre-se com ella o caçador, e passando o braço pelo pescoço lhe dá todos os movimentos, que faz de ordinario o abestruz; e assim se póde facilmente approximar delles, e salta-los. Deste modo os selvagens americanos se disfarçam em cabras bravias para apanhar estas.

Sparrmann, escriptor de credito, diz que é facil distinguir o macho da femea, ainda que vá correndo, porque o macho tem pennas brancas nas azas e rabo, e pretas no costado e ventre, e a femea só as tem pretas no rabo e nas azas, sendo o restante do corpo todo cinzento

Sustentam-se principalmente dos olhos das varias especies d'arbustos, que crescem pelos sitios aridos da

(1) Christãos do Egypto, da seita dos Jacobitas. Veio-lhes talvez o nome de um antigo idioma do paiz.

Africa; e parece que não precisam d'agua, porque se encontram nas paragens mais ardentes daquella região, onde não existe outro animal. Engolem substancias durissimas; mas é falso dizer que digerem o ferro, como diziam antigamente: e parece que a causa principal desta voracidade procede da capacidade do estomago, e da precisão de o encher com volume sufficiente.

Não são absolutamente intrataveis, e criam-se e domesticam-se facilmente em seu paiz natal: mas são incapazes de qualquer serviço regular; e o arabe, que amanga o cavallo, e subjuga o camello, nunca pôde tirar vantagem completa do abestruz. Ommittindo outros exemplos de domesticidade, referiremos o seguinte que traz o celebre naturalista M. Adanson, na *Viagem ao Senegal*.

—«Creavam-se dois abestruzes havia dois annos na feitoria franceza de Podor, na margem meridional do Niger, e que ainda eram novos, quasi equalavam os maiores, que eu tinha visto nas tostadas e arenosas campinas á esquerda do Niger: estavam tão domesticos, que dois negros pequenos montaram juntamente no maior, que apenas sentiu o peso deitou a correr com toda a força, e deu umas poucas de voltas em torno da povoação, sem ser possivel faze-lo parar, até que lhe taparam a passagem... Para experimentar a força destes animaes, mandei montar um negro de boa estatura no mais pequeno, e outros dois no maior: a carga não pareceu desproporcionada para o seu vigor: começaram n'um trote amiudado, e quando os tocaram, alargaram as azas para tomar vento, e desataram em tal velocidade, que parecia mal tocavam no chão. Estou persuadido que deixariam ficar atraz os melhores cavallos inglezes: é verdade que não aguentariam tão longa corrida como estes, mas de certo que poderiam executa-lo com mais promptidão. Fui por vezes testemunha deste espectaculo, que póde dar idéa da força prodigiosa do abestruz, e mostrar de quanto poderia servir, se houvesse meio de o subjugar e instruir como se ensina um cavallo.»—

Casamentos no Jura.

Logo que um mancebo pertende casar-se um dos seus amigos se constitue medianeiro das negociações preliminares, e se dirige a casa dos paes da donzella, onde depois de haver feito um elogio emphatico dos merecimentos e teres do seu amigo, ouve em troco o panegyrico das virtudes e prendas da requestada donzella. Se este primeiro passo faz conceber esperanças de feliz resultado, os paes dos noivos tratam entre si ácerca do futuro consorcio, visitam-se, para se assegurarem da veracidade das mutuas informações, e então se faz o pedido com todas as solemnidades.

No fim do jantar o mancebo, collocado a par da sua futura noiva, lhe offerece em um prato, ou dentro de um copo, um rolo de moedas de ouro ou de prata, proporcionado aos seus recursos pecuniarios. Se ella o acceita, mette estas arrhas na algibeira, e desde esse momento é tida por noiva, ou pelo menos fica inhibida de quebrantar a promessa contrahida, sem restituir a somma que recebêra.

Na vespera da publicação dos banhos os futuros esposos distribuem filhozes ou confeitos a seus paes e ás pessoas da sua amizade. Chama-se a esta usança confirmar os esponsaes. No dia em que se lavra a escriptura matrimonial, reune a desposada em sua casa muitas amigas, que todas se disfarçam e retiram para um quarto interior. O noivo, acompanhado dos seus irmãos e amigos, vem bater á porta da casa reclamando uma ovelha que lhe pertence. Recusam franquear-lhes a entrada; porém elles tanto porfiam que conseguem entrar, e concluida uma rigorosa busca reiteram as reclamações á porta do quarto onde se encerraram as raparigas, até que a final lhes apparece um homem asseverando-lhes que nenhuma ovelha de outro dono se introduziu no seu rebanho. Para prova do que affirma, elle manda desfilar as raparigas uma apoz outra, na presença do noivo, que as faz dançar successivamente, e se acaso não encontra a desposada entre ellas, é alvo dos motejos de todos.

Um membro da assemblea, á vista dos vestidos do noivado, que estão patentes, dirige aos futuros esposos uma practica, em que o estado do matrimonio não deixa de levar alguns motejos.

É costume offertar á noiva um pedaço de pão negro, e depois uma fogaça e vinho, para lhe dar a entender que o seu novo estado traz comsigo trabalhos e deleites. Chegada finalmente a hora da ceia vão sentar-se á mesa, onde as mulheres apenas apparecem de fugida; mas os homens, occupados em cantar e beber á farta, não a deixam toda a noite.

No segundo dia celebra-se na parochia o casamento; e a noiva, coroada de myrto florido, depois de leve resistencia, se deixa conduzir a egreja ao som do estampido das armas de fogo, e dos instrumentos de musica.

O pae, ou na sua falta o mais proximo parente da futura, lhe dá o braço, e rompe a marcha do cortejo. Seguem-se na primeira fileira os amigos intimos dos dois jovens, a quem, com os nomes de *moço franco*, e *moça franca*, toca o fazerem as honras das bodas, e atraz vem o noivo na companhia dos anciãos.

O sacerdote, antes de estender a estola sobre os noivos, benze uma moeda de ouro ou de prata, assim como o annel do mancebo. No momento em que o casado mette esta prenda no dedo de sua mulher, suscita-se uma jocosa altercação; porque se a esposa ambiciona o governo domestico forceja por impellir para fóra da primeira phalange o annel que o noivo, levado do desejo de se apoderar do mando, procura introduzir quanto póde pelo dedo adiante.

Finda a ceremonia, o pae do esposo torna a conduzir a esposa para o seu domicilio, ao mesmo tempo que as acclamações dos assistentes, as descargas de mosquetaria, e os sons das gaitas de folles, exprimem de novo o jubilo desse dia festivo.

Quando as duas familias não habitam na mesma aldêa, as alfayas e o enxoval da casada são postos em cima de carroças puxadas a bois ornados de fitas, onde as mulheres, misturadas com os moveis, e armadas de fusos, vão fiando durante o caminho. Abala o cortejo; porém se a recem-casada deixa saudades, a mocidade do paiz lhe retarda a partida, pejando o caminho, que deve seguir, e á saída da aldêa lhe offerece um ramalhete.

Ao appresentar-se o par na habitação do mancebo, que está fechada, a mãe deste lhe lança pelas janellas muitos punhados de trigo, favas, cevilhas, &c., symbolos da prosperidade que lhe deseja. Abre-se a porta immediatamente; e a mãe, vindo até o limiar, apresenta á nora um copo de vinho, e um pedaço de pão. A noiva reparte este presente com o seu marido, porque entre elles tudo vae a ser commum, e passa a ser recebida na casa. Ahi a submettem a algumas provas; por exemplo, deixam uma vassoura atravessada á entrada d'um quarto. Se ella é diligente, acciada e laboriosa, ergue-a do chão, e encosta-a á parede; ou para ficar mais bem conceituada, varre o quarto na presença dos espectadores. Dão depois uma volta por todas as casas, e vão para a mesa, excepto o casado, que fica de fóra servindo a todos, porque as honras são reservadas para sua mulher

No fim da refeição, mascaram-se os amigos communs, e vem divertir a companhia, e dirigir os seus cumprimentos aos consortes.

Escusado é o accrescentar que a dança é um dos mais bem acceitos divertimentos em semelhantes festas.

Cabello de Judas. — O P. Antonio Pereira de Figueiredo foi um dos mais celebres homens da Europa dos fins do seculo 18.º e principios do 19.º Muito moço entrou em controversias com os jesuitas por causa do seu *Novo Methodo de Grammatica latina*, na qual patenteou os erros que se continham na Grammatica do jesuita Manuel Alvares, usada até então nas escholas do reino. Os frades da companhia lhe fizeram por isso viva guerra, que toda redundou em gloria deste grande escriptor. Era Antonio Pereira um grande theologo e muito versado na historia da Biblia, que traduziu e commentou, vulgarisando assim entre nós o conhecimento dos livros fundamentaes da religião christaã. Posto que de agradavel aspecto e bem apessoado, tinha os cabellos ruivos em extremo, o que deu logar á anecdota que vamos referir. Estava certa vez em uma reunião de varias pessoas, onde tambem se achava um jesuita. Este, para escarnecer do P. Pereira, travou conversação com elle, e fallando ácerca de pinturas, perguntou-lhe, com ironia, qual seria a razão porque em todos os quadros em que Judas apparecia, o pintavam sempre com os cabellos ruivos; e accrescentou: V. S.ª tem lido tanto, e sabe tanto das cousas ecclesiasticas, que, sem duvida, terá achado a origem desta tradicção. Não titubeou um instante o P. Pereira, e immediatamente respondeu ao jesuita nos seguintes termos: Saberá vossa paternidade que muitissimo tenho estudado as antiguidades da egreja, e havendo encontrado varias noticias ácerca dos demais apostolos, pelo que toca a Judas nada tenho podido descobrir senão o que se lê no Evangelho; isto é, que elle era um dos da *companhia de Jesus*.

A Bulla. — O celebre Montesquieu fez uma viagem a Roma, precedido pela reputação de seu nome. O papa tratou-o, em quanto elle alli se demorou, com toda a affabilidade, e á despedida lhe disse: « *Quero fazer-vos uma graça, meu caro Montesquieu, em prova da minha estimação. Permitto-vos, a vós e á vossa familia, comerdes carne á sexta feira.* » Agradeceu o philosopho, e ía retirar-se: porém o cardeal camarlengo lhe declarou que era preciso sollicitar a competente bulla, para entrar na fruição da graça concedida, e conduziu-o á Dataria. Lavrou-se o diploma, e antes de o darem a Montesquieu, lhe apresentaram a conta da despeza, somma enorme, que elle entendeu não poder, ou não dever pagar. Então sem hesitar voltou-se para o cardeal, que o tinha conduzido, e lhe disse: « *Eminentissimo senhor, Deus e o meu cura sabem que o papa é pessoa muitissimo capaz, e que eu não costumo mentir. Escusam estes senhores de se incommodarem mais; porque gozarei da graça sem escriptura de posse, e creio que não haverá novidade a este respeito.* » Dicto isto saíu da Dataria, e foi-se aviar para partir de Roma.

Abundancia de reptis nos desertos da Arabia. — No dia seguinte, chegando ao meio de um deserto árido, descobrimos um pequeno oasis [especie d'ilhotas de verdura dispersas pelos areaes d'Africa], povoado de certos arbustos, a que chamam jorfé; e estavamos já a poucos passos de distancia, quando os nossos dromedarios pararam de repente: a principio persuadimo-nos que queriam repousar naquella paragem, onde uns assomos de vegetação davam indicios de haver agua; mas brevemente reconhecemos que a sua repugnancia provinha de um susto por instincto, que se manifestava por todos os signaes de terror invencivel. Faze-los seguir ávante, nem caricias, nem ameaças o alcançavam. Movido de curiosidade extrema apeei-me para indagar a causa deste medo; mas apenas entrei no bosquesinho, até eu recuei involuntariamente: estava o chão juncado de pelles de serpentes de todos os tamanhos e castas, e isto aos milheiros; grossas umas como cabos de navio, outras delgadas como agulhas. Affastamo-nos precipitadamente dalli, dando graças a Deus de ter apenas topado as pelles destes reptís peçonhentos. Ao caír das trévas, não podendo achar abrigo, tivemos de passar a noite no meio do deserto; mas confesso que a minha imaginação, agitada pelo horrivel espectaculo do bosquesinho, me não deixou pregar olho: de instante a instante esperava vêr uma serpente enorme introduzir-se-me na barraca, e erguer o sanhudo collo juncto do meu travesseiro. » *Relação da residencia de Fatalla Sayeghir entre os arabes.*

O tigre e o javalí. — Neste dia comemos regaladamente, porque se caçou uma gazela, e repartiu comnosco um tigre de um javalí, que matou á nossa vista, não sem lhe custar sangue, porque a briga foi renhida, e o javalí sabia-se muito bem defender. Passou a cousa desta maneira. Chegando nós pelas onze da manhaã ao Euphrates, que se tinha affastado da estrada o dia d'antes com uma volta que fazia, demos com os olhos em um grande tigre, que, levantada a cauda em alto, bocca aberta, e todo um fogo, saltava de quando em quando sobre um pouco de lodo; tal nos pareceu á primeira vista o javalí com que elle brigava, por estar mui bem armado de camas de lodo, uma sobre outra. Pararam os camelos, adiantamo-nos os de cavallo, e mais de perto nos puzemos a vêr a batalha. Tinha o porco as costas em um salgueiro, os dentes bem affiados, e altura de tres dedos de lodo secco pelo corpo. O tigre raivoso trabalhava pelo tirar do posto; mas vendo que não aproveitavam suas diligencias, saltou-lhe de um pulo nas costas, empregou as unhas, e cuidando que se retirava levando couro e cabello, achou que só lodo e cabello lhe tinha tirado. Segundou uma e outra vez o pulo, até que totalmente lhe tirou das costas aquella saía de malha enlodada, mas com pouco damno do mais. Tanto que o javalí se viu desarmado, correu ao rio para se cucher outra vez de lodo; mas dando-lhe nas costas o tigre, o abriu pelo meio com as garras: depois de o matar deitou-se ao pé delle, lambendo uma ferida, que só recebêra naquella batalha, e como lhe pareceu tempo comeu o que póde, deixando-nos alguma parte, que bastou para os que só podiamos comer daquella carne, prohibida na lei de Mafoma. — *Godinho, Viagem da India por terra*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

14) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 15, 1837.

VISTA DA CIDADE E CABO DA BOA ESPERANÇA.

O CABO DE BOA-ESPERANÇA.

O celebre Cabo de Boa-esperança foi descoberto por Bartholomeu Dias em 1487. Pozeram-lhe então os portuguezes o nome de Cabo tormentoso, pelas muitas procellas que encontraram ao dobra-lo. Voltando ao reino Bartholomeu Dias, D. João 2.º, esperançado em que o descobrimento deste cabo abriria as portas do tão cobiçado Oriente, lhe poz o nome de Cabo de Boa-esperança, nome que sobreviveu á gloria e poder da nação portugueza, que primeiro rompeu esta barreira dos mares orientaes.

Em 1497 partiu de Lisboa a armada de Vasco da Gama para o descobrimento da India, intento que levou a cabo, com tanta honra do seu nome e espanto da Europa. Este ousado e feliz capitão foi o segundo que dobrou aquelle Cabo, passando alem delle a 22 de Novembro daquelle mesmo anno.

Por muito tempo a angra espaçosa que está junto com este cabo apenas era frequentada por alguns dos navios que andavam na carreira da India e que nella íam fazer aguada. Em 1650 os hollandezes formaram no districto do Cabo uma colonia, nas margens do Rio do Peixe; mas depressa a abandonaram por causa do máu ancoradouro, e a foram assentar na bahia da Alagoa, que lhe fica ao norte. Passados tempos mudaram ainda outra vez de local, passando a colonia para onde presentemente está a povoação chamada Cidade do Cabo.

Gradualmente augmentaram os hollandezes a colonia, cujos limites foram em breve quasi os que hoje tem. Possuiram-na quietamente até 1795, anno em que della se apossaram os inglezes. Foi-lhes restituida em 1802 pelo tractado de Amiens: os inglezes lh'a retomaram, comtudo, em 1806; e desde então até hoje ficaram estes de posse della.

O territorio que presentemente occupam os colonos tem de extensão de leste a oeste 600 milhas, e de norte a sul 233, contendo assim 140:000 milhas quadradas. Posto que por este espaço haja alguns chãos de bons pastos, a maior porção de terreno é de areal çafaro, ou coberto de montanhas escalvadas e intractaveis: isto não se deve entender do districto oriental de Albany, ou do paiz de Cafres, que fica além das raias da colonia, o qual pela maior parte está coberto de rica e robusta vegetação.

Todo o territorio que os inglezes possuem se divide em cinco districtos, a saber: o do Cabo, o de Stellenbosch, o de Zwellendam, o de Graaf Reynet, e o de Albany. A capital da colonia é a cidade do Cabo, a qual está situada n'uma encosta de suave pendor, que vem morrer no mar. Excepto por este lado, por todos os outros a rodeam alcantiladas montanhas.

A cidade é regular e bem construida. Ministra-lhe abundantes aguas uma ribeira caudalosa que desce da montanha chamada da Mesa. Tem muitas ruas de grande largura, com canaes de agua que lhe correm pelo meio os quaes são acompanhados de um e outro lado por fieiras de arvores: outras ruas ha estreitas e mal calçadas; todas porém são direitas e tiradas a cordel, formando nas quinas angulos rectos. As casas são commummente de pedra, e caiadas, tendo o maior numero dellas dois andares, e os tectos de eirado. As praças são espaçosas e dão á cidade um ar alegre; n'uma dellas é o mercado; n'outra se reunem os hortelões e marchantes: e ha ainda outra que serve para a tropa fazer exercicio. Esta fica entre a cidade e o castello, e tem mais duas aos lados, todas cercadas de boa casaria. O castello está lançado um pouco a leste da povoação, e é defendido com larga cava e fortes bastiões. Estão alli varias repartições administrativas, e tem alem disso accommodações para mais de 1.000 homens, com armazens para artilharia, munições e mantimentos. Os quarteis, que a principio foram destinados para celleiros e para hospital, occupam parte de uma das faces da praça principal. E edificio espaços e póde conter no andar de cima 4.000 homens. Os outros edificios publicos são a igreja calvinista, o tribunal de justiça, a igreja lutherana, o corpo da guarda, e o theatro.

Fóra da cidade, na encosta da Montanha da Mesa está a casa do governo, e um formoso passeio publico, espaço oblongo, que contém obra de quarenta geiras de terra feracissima, divididas com renques de carvalhos em quarenta e quatro repartimentos. Em parte delles se costumam semear plantas raras e curiosas da Africa, e fazer experiencias nas producções da Europa e da Asia, que podem ser mais uteis á colonia. Pela mesma encosta se veem espalhadas aprazveis casas de campo, cercadas de plantios e jardins.

A celebre serra chamada Montanha da Mesa, cujo topo do norte é um dos pontos mais eminentes do Cabo, se estende de leste a oeste por espaço de duas milhas. O plaino que tem na summidade está 3.582 pés acima do nivel da enseada, e as encostas que dalli descem são asperas e escarpadas. Para o lado do sul a descida é em socalcos, no mais baixo dos quaes ha varias gargantas, que sáem para a cordilheira que atravessa toda aquella peninsula. Os dois cerros do topo, um chamado *Pincaro do Diabo*, e outro *Cabeça do Leão*, não são mais do que ramos da Montanha da Mesa. Aquelles córtes que alli se veem, fe-los o tempo, ajudado pelas torrentes, que arrebataram as partes mais leves e menos compactas, separando a serra em varios cabeços; que ainda se tocam muito acima da base commum: a altura do primeiro cerro é de 1.315 pés e a do segundo 2.160. O Pincaro do Diabo é cheio de quebradas; mas o cume da Cabeça do Leão é um pedregulho macisso, talhado e affeiçoado como por arte, e parecido com o zimborio de Mafra, posto sobre um outeiro de fórma conica.

No Cabo costumam dividir o anno em dois periodos: a monção boa e a monção má; mas podiam-no dividir como nós em quatro estações. A primavera, desde o principio de Setembro até o de Dezembro, é alli o tempo mais aprazivel: o verão, de Dezembro até Março, é o de maiores calores: cáe o outomno desde Março até Junho: corre então varin tempo: de ordinario limpo, e assaz agradavel por Junho: o inverno vem por fins de Junho e dura até Setembro, com dias claros, mas com outros de tempestade, chuva, e frio. As ventanias mais geraes são do noroeste e sudoeste. Começam as primeiras por fins de Maio, e duram até Agosto, entrando ás vezes por Setembro. Sopra o sudoeste o resto do anno; e quando apparece certo nevoeiro sobre a montanha, vem ás grandes rajadas. Quando ha procellas destas, o aspecto dos astros é espantoso e terrivel. As estrellas affiguram-se maiores, e parece que dançam: a lua tambem parece que treme e os planetas apresentam uma cauda semelhante á dos cometas.

A cidade de Graham é a segunda povoação da colonia e a capital dos districtos orientaes. Foi fundada em 1820 por tres mil e setecentos colonos, mandados de Inglaterra de proposito para isso. Contém agora, pouco mais ou menos, dois mil habitantes, e seiscentas casas, entremeadas de jardins e passeios. O mais notavel edificio é a igreja, de gosto gothico, posto que tão moderna. O commercio desta cidade tem augmentado rapidamente, e já é bastante consideravel.

Posto que grande porção de montanhas do Cabo sejam de granito, ainda ahi se não tem encontrado nenhuma substancia mineral de valia. As producções principaes do paiz são laã, gado, cavallos, pellames,

trigo, e vinho. Em algumas partes, particularmente para a banda de oeste, dão-se as fructas dos tropicos como as guiavas, as romãas, e as laranjas; quanto aos fructos indigenas da Europa, dão-se excellentemente todos em qualquer parte dos cinco districtos.

Falta-nos fallar da historia interna da colonia, o que rapidamente faremos. Reduz-se toda a dizer que desde o principio até quasi o presente não se tem praticado senão actos violentos e crueis contra os naturaes, que são os povos chamados Hottentotes. Os colonos Hollandezes percebendo que para os selvagens não havia presente como o das bebidas espirituosas, começaram por comprar-lhes largas porções de terreno a troco de aguardente; mas depois assentaram que tirando-lh'as á força saíam mais baratas. Não houve casta de crueldade que não commettessem; de modo, que, quando os Inglezes se apossaram da colonia, o paiz, que fôra mui povoado, não continha já dentro dos limites da colonia, senão 1.500 Hottentotes, reduzidos á mais abjecta escravidão: mas parece que por muitos annos os Inglezes não ficaram devendo nada em barbaridade aos seus antecessores.

Abster-nos-hemos aqui de escrever por miudo ácerca dos Hottentotes; porque o guardamos para um artigo especial.

COSTUMES DOS CURDOS.

Na Asia central ha um paiz montanhoso, que confina com a Persia, e a Turquia: é limitado ao norte pela Armenia, ao occidente pelo rio Tigre, ao oriente pelas planicies d'Irak e de Aderbijan, provincias persas, e ao sul pelo territorio turco de Bagdad. O espaço comprehendido dentro destes limites é o Kurdistan propriamente dito; mas as tribus vagabundas dos Kurdos, ou Curdos, se encontram dispersas em muito mais ampla extensão de paiz. Para se fazer idéa do terreno do Kurdistan, imagine-se um immenso aggregado de pequenas serras encadeadas, cortadas em uma ou outra parte por cordilheiras mais elevadas, que tem na sua maior altura terrenos espaçosos, e lisos, como acontece em outras partes da Asia; e que por sua extrema elevação são expostos a intenso frio.

A propriedade mais distincta do caracter do povo, que as habita, é uma independencia feroz, que tem constantemente mantido no decurso de vinte e tres seculos. Já no tempo de Xenophonte, que os menciona pelo nome de *Kardouchoi*, era uma *nação guerreira, e que não reconhecia senhor*. A mesma denominação lhes é igualmente applicavel no tempo presente. E'verdade que os seus *chefes montanhezes* geralmente reconhecem a authoridade de um soberano; mas esta supremacia nunca se estende ao direito d'intervenção no governo interno do paiz. Como formam uma fronteira de separação entre a Persia e a Turquia, o seu preito e homenagem politica, é repartido entre os governantes dos dois imperios. Os districtos meridionaes e occidentaes prestam fidelidade ao governo turco, e os que ficam mais ao norte e ao oriente se declaram debaixo da protecção do monarcha da Persia: mas como o Sultão tem menos proporção do que o Persa para cobrar os tributos, e exigir o serviço militar, cabe-lhe por este motivo a mais copiosa porção da quella infertil homenagem.

Os Curdos nunca viveram debaixo da obediencia de um só chefe; mas o principal de cada tribo exercita as funcções da soberania dentro do seu proprio territorio: o mais poderoso destes feudatario é o *Walli* ou principe de Ardelan, provincia grande do Kurdistan persa. « O meu paiz (dizia elle a Sir John Malcolm em 1810) tem quasi duzentas milhas de comprido, e quasi outro tanto de largo. Nós devemos e pagamos feudo aos reis da Persia, mas estamos isemptos da severidade de governo, que frequentes vezes arruina os nossos visinhos que possuem ferteis campos, e opulentas cidades. Ardelan é fraca tentação para os invasores. Em nada abunda (accrescentou sorrindo-se), afóra em homens valentes, e em cavallos robustos.»

Os habitos dos Curdos são como os das outras tribus pastorís d'outros logares da Asia. As montanhas lhes fornecem sustento para os rebanhos, em que toda a sua riqueza consiste, e asylo seguro para si e suas familias. Descem ás planicies no começo da primavera para cultivar a terra, e no verão para ceifar as seáras. São diversos os productos do terreno, e os valles fertilissimos, e além de muitas castas de grão, dão copiosas colheitas de linho, algodão, tabaco, e manna, que alli supre o assucar.

Os Curdos, habitantes de um paiz montanhoso, e vivendo alternativamente em tendas, ou barracas, e em casas, differem dos Arabes Beduinos naquelles pontos de distincção, que pelo commum se dão entre os habitadores de serras e os domiciliarios das planicies; mas por certo os igualam, se os não excedem, na inclinação á rapina de toda a fórma. Não são menos destros do que ousados no roubo. Pessoalmente é raça mais nobre de homens do que os Arabes; e porque tem muito mais coragem é muito mais difficil intimida-los para não atacarem os viajantes, e as caravanas. Tendo algumas qualidades respeitaveis como nação, todavia suas paixões são vehementes e ferozes; e como tem menos occasiões de roubar do que os Arabes, andam mais anciosos de aproveitar as que lhes occorrem. O povo que habita entre o Tigre e o Euphrates, que tem sobejas razões para conhecer toda esta gente, tem um proverbio, que mostra bem a sua opinião ácerca do povo de que tractamos: usam dizer que os « os Yezidens são peiores que o diabo, os Arabes peiores que os Yezedens, e os Curdos ainda peiores que os Arabes. » Elogio de tres povos em bem poucas palavras!

Todavia não assassinam a quem não resiste, e são como os Arabes, diligentes observadores dos deveres da hospitalidade. Nenhum molestará o estrangeiro com quem tiver comido, nem consentirá, que em sua possoa, ou em coisa que lhe pertença, soffra damno algum das suas portas para dentro.

Ouçamos ácerca delles um viajante moderno. — « Em suas choupanas repousámos, e dormimos sobre o mesmo tapete a par de cinco ou seis Curdos, homens da mais fera catadura, que temos visto, e ao mesmo tempo a nossa bagagem estava toda dentro da mesma casa, e nosso peito completamente á mercê dos punhaes, que cada um delles trazia á cinta: com tudo isso acordamos com perfeita segurança, e nos deixaram partirem paz. Foi isto no Kurdistan proprio, porque a Armenia é tambem habitada em grande parte pela mesma nação. — Quando nos preparavamos para deixar a capital da Persia com tenção de atravessar pela Armenia para o Mar-Negro, desfalleciam nossas esperanças de concluir a salvo a viagem, pelo que tinhamos ouvido dizer de um poderoso salteador Curdo, que infestava o caminho, junto á estreita garganta das montanhas de Dahar, a quatro jornadas de Erzerum. Fomos informados de que, visto o ponto que occupava, havia pouca probabilidade de escapar sem elle dar fé de nós; e de que até a embaixada britannica na côrte da Persia se via obrigada a darlhe uma especie de presente annual, para que os seus fardos vindos d'Inglaterra não fossem saqueados. Esta noticia nos poz em grande sobresalto quando chegamos a Dahar, ao atravessar as 600 milhas, que ha entre esta e Teheran. Finalmente, o guia, que ti-

nhamos assalariado na jornada antecedente para nos conduzir por entre gelos não trilhados, e que com uns çapatos proprios para a neve, e as pernas bem ligadas, tinha galgado sem mostras de cansaço vinte e cinco milhas, nos trouxe ao cimo de um monte, donde descobriamos muito em baixo um estreito e profundo valle. O guia dirigiu a nossa attenção para um aggregado de pontos negros que se viam sobre a neve, e nos informou que alli era a aldêa de Dahar, habitada pelo capitão de ladrões e sua gente. Era nosso desejo e intenção seguir pelo meio do valle até a povoação immediata; mas o guia declarou que não podia ir para diante, e o mesmo fizeram os almocreves por causa do gado cansado: então reflectimos que seria impossivel descer o monte, e atravessar a aldêa sem nos verem, e por tanto resolvemos que era mais seguro mostrar confiança, invocando a hospitalidade daquelle chefe, do que indicar nossas suspeitas, intentando passar avante.

O nosso guia galgou pela serra abaixo adiante de nós para noticiar a nossa chegada ao chefe; e quando chegámos ao valle já elle vinha de volta, e nos conduziu á que bem podemos nomear caverna daquelle leão Curdo. Logo á entrada estavam alguns homens muito mais bem vestidos do que andam commummente os habitantes de tão pequenos logarejos. Assim que chegámos, um homem muito robusto e assignado das bexigas, veio a nós, e ajudou-nos a desmontar. Tinha um jaleco escarlate, e seu turbante de seda; as suas maneiras em geral eram conciliadoras, posto que os sobrolhos um tanto carregados neutralisassem a affabilidade e bom humor que exprimiam as demais feições. Era o chefe em pessoa. Fomos introduzidos n'um aposento, separado da estrebaria por uma parede de tres pés d'altura; era comprido e estreito, e no comprimento repartido em tres porções iguaes; a do meio era uma passagem descoberta da entrada para o logar do fogão e entre este, e as paredes dos lados, o chão estava coberto de esteiras, pelles, e tapetes, por onde se encostavam alguns homens de meia idade fumando nos seus cachimbos. Houve entre elles um leve rumor quando passámos; e nos deram logar a um lado do fogão: desenrolámos alli os nossos tapetes, e nos sentámos em cima. Era nosso costume ordinario arranjarmo-nos por outra forma; e se estava muita gente, ou se faziam bulha, no quarto que nos destinavam, pediamo-lhes que se retirassem; porém a nossa actual situação não nos dava essa faculdade. Dentro em dez minutos veio o chefe, e se assentou do outro lado; e subsequentemente entraram os outros homens, que tinhamos visto á porta; até que o aposento quasi se encheu de Curdos, todos de olhar penetrante, com seus punhaes á cinta, fumando nos cachimbos, e observando-nos as acções, com grande attenção. Unicamente o chefe tinha um cachimbo por onde o fumo passava por agua antes de chegar á boca: e quando nós o viamos assim entretido a fumar, e fazendo festa a um galante rapazinho, que era o mais pequeno dos seus filhos, se nos entregassemos ás proprias impressões, diriamos que presente estavam outros muitos homens com mais cara, e mostras, de ser qualquer delles o famoso salteador, de quem tinhamos ouvido fallar. Entre as coisas, que observámos, não era a menos divertida o notar a humildade, paciencia, e bom humor do nosso criado persa Ali, em quanto nos arranjava o jantar, em vez da sua habitual carranca, e maneiras altivas. A cêa dos Curdos se aprompton mais depressa que o nosso jantar: consistia ella n'uma quantidade enorme de trigo cozido com alguns bocados de carneiro, e temperado com manteiga derretida. Erão innumeraveis as mãos a sondar dentro do vasto caldeirão os avulsos pedaços de carneiro, e a ajuntar em bolinhas acommodadas ao espaço da boca o grão cozido, de fórma que, em breves audiencias, já se começava a ver o fundo.

Quando o manjar appareceu, o chefe nos mostrou desejos de que comessemos com elles; mas como tinhamos mandado preparar uma galinha, rejeitámos, sem advertirmos na vantagem para nós desta proposta, porque os Curdos, como os Arabes, raras vezes offendem a quem comeu com elles. Elle então disse que esperava para arranchar comnosco, e mandou pôr de parte um prato da sua iguaria para nos servirmos.

Prompto o nosso jantar veio sentar-se comnosco, e rejeitando a faca e o garfo com certo despreso, foi com toda a liberdade comendo á mão do que mais lhe agradava, de quando em quando dando alguns bocadinhos ao seu pequeno; de maneira que com sua ajuda limpámos completamente a comida, com grande desgosto do nosso criado, que de ordinario comia dos nossos sobejos.

Quando chegou o tempo de nos deitarmos aventurámo-nos a mostrar os nossos desejos de que se retirasse aquella gente: o chefe immediatamente proferiu algumas palavras, com que se foram; ficando elle só e um velho de barbas brancas. Estiveram até depois da meia noite, que veio o café, e o chefe me offereceu, por estar ainda acordado, uma taça delle; e logo depois saíram ambos. Julgámos que se deixára ficar para que os seus não desencaminhassem algum objecto nosso. Pelas quatro da manhãa voltou sósinho, e sentou-se a fumar até perto das oito: então estando fechados os nossos fardos, saíu para dar ordem aos arranjos para a nossa partida. Reflectimos que era justo e prudente presentea-lo com um ducado hollandez em ouro pelo agasalho: esta somma, ainda que não era equivalente ao nosso susto, dobrava a quantia que em outras partes costumavamos pagar. Por tanto lhe enviamos Ali com aquella moeda; porém voltou dentro em pouco restituindo-a, e asseverando que o Curdo lh'a não quizera receber. Quando estavamos para montar a cavallo lh'a offerecemos de nossa propria mão, e a recebeu sem hesitar, e agradecendo; porque ficaria mal ao seu brio tê-la acceitado da mão de um Persa, e demais a mais criado de servir. Acompanhou-nos a pé até a saída da povoação, e alli mostrando-nos o caminho, que deviamos seguir, fez a sua cortezia, desejando-nos boa jornada, e retirou-se.

Em quanto estavamos em casa do chefe nos julgavamos em perfeita segurança, á excepção de algumas pequenas gatunices que os seus nos podessem fazer sem a sua connivencia: mas assim que saímos não deixámos de recear que, ou com seu consentimento, ou sem elle, fossemos seguidos, e roubados, por alguns daquelles com que estivemos. Nada disto aconteceu, mas não largámos o medo, em quanto nos não vimos a quarenta milhas de Dahar.

Não obstante a vigilancia do chefe quando eramos seus hospedes, sempre alguns nos quizeram dar motivos para nos confirmarmos em nossas suspeitas: por exemplo; um de nós ao acordar pela manhãa, achou falta do lenço, e depois de uma busca mui cuidadosa, viu-o, com grande admiração sua, á roda da cabeça do homem, que tractava dos cavallos. A impudencia em assim mostrar o effeito roubado pareceu tão rara, que a não ser a singularidade do padrão do lenço, pôr-se-hia em duvida a sua identidade. Contando-se o caso ao chefe, e fallando este com o homem, o ladrão descaradamente affirmou que o dono lh'o tinha dado; mas como isto lhe foi negado, e o chefe o mandou restituir, arrancou o lenço da cabeça, e atirou com elle com modos de agastado, e de insolente.

Aconteceu outra anecdota com o mesmo lenço,

que posto não tenha relação com o nosso assumpto, é digna com tudo de referir-se. Tres dias depois de sairmos de Dahar, pousámos em casa de um turco em Aloor, e no dia seguinte chegámos a Erzerum. Nós a chegar, e quasi ao mesmo tempo um homem com o lenço, que tinha esquecido em Aloor, e que o turco nos mandava entregar em Erzerum, distancia nada menos de vinte milhas. O homem, apenas lhe diseram os criados, que estava entregue a quem pertencia, se foi logo embora, sem pedir, nem esperar recompensa do seu trabalho.»

Affirmam alguns escriptores que o paiz hoje habitado pelos Curdos é o solo da antiga Assyria, propriamente dita.

PRIGUIÇA.

A PRIGUIÇA

(Bradypus. Lin.*)*

As priguiças formam no systema do barão Cuvier a segunda serie da ordem das mammaes *desdentados*; não porque ellas não tenham dentes, mas porque lhes faltam absolutamente os incisivos. Estes animaes tambem se denominam *tardigrados* pela morosidade do seu passo. Ha duas especies, ambas indigenas da America Meridional: a priguiça maior (*bradypus didactylus* Cuv.), com duas unhas nas mãos, e tres nos pés, sem nenhuma cauda, e pelo tamanho do carneiro commum; e a priguiça menor (*bradypus didactilus*), muito mais pequena que a precedente, e com tres unhas nos pés e nas mãos. A primeira é a representada em nossa gravura: Waterton, em suas *Excursões pela America do Sul*, a descreveu excellentemente, e corrigiu muitos erros, que ainda ha poucos annos vogavam, tocante á sua historia natural. Extrahiremos o que passamos a dizer da elegante e acreditada relação deste viajante.

«Os que teem escripto ácerca deste singular animal relataram que estava n'um contínuo estado de constrangimento; que era proverbialmente vagaroso, e como um prisioneiro no espaço; que apenas acabava de consumir todas as folhas da arvore a que subira, se enrolava como uma pella, e se deixava cair no chão. Porém nada disto é inteiramente verdadeiro.

Se os naturalistas, que escreveram a historia da priguiça, tivessem corrido os desertos para examinar sua habitação e economia, não teriam tirado as conclusões precedentes; e aprenderiam que se todos os mais quadrupedes se devem descrever quando estão em pé sobre o chão, a priguiça é uma excepção desta regra, e a sua historia deve ser escripta quando ella anda sobre as arvores.

Esta singular creatura é destinada pela Natureza a nascer, viver, e morrer nas arvores. É um animal raro e solitario; e como é bom alimento, nunca póde escapar. Habita as florestas remotas e sombrias, onde as cobras moram tambem; onde os mosquitos, que mordem cruamente, os escorpiões, os pantanos, e os innumeraveis arbustos e mattos espinhosos, obstruem, e vedam o passo ao homem civilisado.

Como são quasi sempre os indios, e os negros, a gente que apanha a priguiça, e a traz aos europeus, póde-se daqui conjecturar que as narrações europeas, que até o presente tivemos ácerca deste animal, não foram escriptas com a mais leve intenção de enganar o leitor, ou dar-lhe uma historia exaggerada, mas que esses erros naturalmente nasceram de examinarem a priguiça naquelles logares, para os quaes a não criára a Natureza.

As suas pernas dianteiras, ou para melhor dizer, os seus braços são compridos em demazia, ao passo que as posteriores são muito curtas, e parece que foram retorcidas em forma de saca-rôlhas. Tanto uns como outras, pela sua configuração e pelo modo porque adherem ao corpo, são inteiramente incapazes de obrar em direcção perpendicular, ou de a sustentar em pé no chão, como os corpos dos outros quadrupedes se sus-

tem sobre as pernas: pelo qual motivo se a puzerdes em terra, a barriga lhe tocará no chão. Concedendo porém que se possa ter nas pernas, como os outros animaes, ainda assim se vê embaraçada, porque lhe faltam o que chamamos solas dos pés, e tem as garras muito agudas, compridas, e recurvadas; por maneira que para se ter em pé necessita firmar-se nas extremidades, como um homem que tentasse andar de gatinhas apoiando-se nas pontas dos dedos das mãos e pés; posição na verdade muito penosa. Em uma superficie totalmente lisa a priguiça ficaria estacionaria: mas como o chão é em geral escabroso, e desigual, porque tem pequenas excrescencias, como pedras, raizes d'hervas, &c., o animal move para todos os lados as pernas anteriores para se agarrar a alguma coisa, e quando o tem conseguido se empurra para diante, e assim vai caminhando, mas de um modo tão vagaroso e desconcertado, que d'ahi lhe veio o nome de priguiça. E na verdade o seu olhar e gestos evidentemente mostram sua desagradavel situação; e como então solta uma especie de gemido, temos razão para concluir que não está muito á sua vontade. Mr. Waterton teve uma priguiça muitos mezes, e a tirava varias vezes de casa para a rua, a fim de lhe observar os movimentos. Das portas a dentro, a sua estação favorita era nas costas de uma cadeira; e depois de ter lançado todas as pernas ao topo da cadeira, se deixava ficar pendurada horas inteiras; e muitas vezes dava signal de si com um grito rouco e lastimoso. Este grito lhe fez dar o nome de *Ai*, como lhe chamam os Francezes e Inglezes, por se assemelhar áquella palavra.

A priguiça, no estado bravio, passa a vida inteira nas arvores, e não as larga senão á força, ou por algum acaso. A Providencia, que tudo regulou, dispoz o homem para caminhar pela terra, a aguia para voar na extensão do ar, e o macaco e o esquilo para andarem nas arvores; porém todos estes podem trocar as suas situações relativas sem experimentarem grande inconveniente; mas a priguiça é condemnada a consumir toda a vida sobre as arvores, e ainda é mais singular que não seja *sobre* os *troncos*, como o esquilo, e o macaco, mas *debaixo dos troncos*: porque se move suspensa dos ramos, descança pendurada delles, e dorme da mesma maneira. Para este fim precisava ella uma organisação mui differente da dos outros quadrupedes conhecidos: e com effeito toda a sua configuração, na apparencia grosseira e mal concertada, é bem adaptada a seu modo de viver. Não se julgue que este animal passa em seu estado natural uma vida angustiada, e que lega á sua progenie uma existencia tristonha e miseravel: pelo contrario elle goza da vida a seu modo, como outro qualquer animal; e sua figura extraordinaria e habitos singulares, são outros tantos argumentos para admirarmos a harmonia das maravilhosas obras da Omnipotencia.

O auctor, de que extrahimos isto, conta que tendo apanhado uma priguiça, que não podia dar passada no meio de um areal, onde algum acaso a levára, foi-a conduzindo por meio de um bordão, a que ella se agarrou, para a arvore mais proxima; e descreve assim a sua fugida.

Ella fugiu com maravilhosa prestreza, e n'um minuto se poz no topo da arvore. Tomou então a sua ordinaria postura, e se agarrou a um ramo da arvore immediata; e assim proseguiu para o interior do bosque. Eu fiquei parado a olhar, pasmado de tão estranho modo de andar, e a fui seguindo com a vista até que as ramagens estreitamente enlaçadas m'a occultaram.

A priguiça tem a cabeça curta, e redonda á semelhança de gato. O cabello tem uma particularidade diversa do dos outros animaes, que penso tem sido omittida pelos naturalistas: é grosso e aspero nas pontas, e vai gradualmente adelgaçando para a raiz, onde é tão fino como a mais transparente têa d'aranha. A pelle tem uma tal côr do musgo que cresce nos troncos das arvores, que é bastante difficultoso distingui-la entre estes quando está parada.

É proverbio entre os Indios que quando se levanta o vento a priguiça começa a viajar; em tempo sereno permanece tranquilla, não querendo provavelmente agarrar-se ás extremidades frageis dos ramos, receando quebrem com ella ao passar de umas para outras arvores: mas logo que se ergue vento os ramos das arvores proximas se enlaçam, e então a priguiça se apega a elles, e prosegue a sua jornada com segurança. Naquellas selvas raras vezes ba um dia inteiro de calmaria. O vento geral de ordinario cursa pelas dez horas da manhãa, e assim a priguiça póde pôr-se em marcha depois d'almoço, e despejar muito caminho antes de jantar. Ella anda com passo soffrivelmente cheio, e se a visseis passar de uma arvore para a outra, como eu vi nunca nos viria á idéa chamar-lhe a priguiça."

Já se vê ser falsa a historia de nunca este animal desamparar uma arvore sem a despojar da ultima folha: porque nas remotas florestas dos tropicos, em que habita, tocando se as arvores mutuamente, por serem muito bastas e em grandissima copia, era-lhe mais facil, como na realidade succede, remover se para a arvore adjacente do que vir ao chão para buscar novo pouso. Diz o nosso author: «durante muitos annos em que eu girei pelos bosques do Novo-Mundo, nunca vi uma arvore naquelle estado de nudez; e posso arriscar uma conjectura, que ao tempo que o animal acabasse com a ultima das folhas velhas haveria já nova camada nos troncos que desfolhasse primeiro, e prompta para elle começar de novo: tão rapido é o progresso da vegetação nesses paizes."

A priguiça pare, e amamenta os filhos como os quadrupedes ordinarios: tem só um de cada parto; este logo que nasce se agarra ao pescoço da mãi até ganhar força e tamanho sufficiente para andar sósinho.

As priguiças são de vida tenacissima. Tem-se visto já algmas bolir com as pernas, exhibir outros symptomas de vitalidade, meia hora completa depois de lhes arrancarem o coração, e outras visceras. Waterton viu o curação de uma bater ainda meia hora depois de fóra do corpo; e accrescenta que o *veneno wourali* [*] parece ser a unica coisa, que a faz acabar promptamente. Uma setta ensupada nella mata uma priguiça em obra de dez minutos.

Os indios dão muito apreço á carne destes animaes; e por isso andam de continuo á caça delles.

CAMINHOS DE FERRO.

Os meios de facil transito no interior de qualquer paiz são o elemento indispensavel para a prosperidade do

(*) Usam deste veneno todos os selvagens que habitam entre o Rio Amazonas, e o Orenoco. Tão certo effeito faz nos animaes grandes como em pequenas aves. Destroe tão brandamente a organisação, que a victima não dá mostras de dôr; esvae-se a vida sem convulsões; e a carne e o sangue não contrahem qualidade alguma nociva, e podem comer-se com toda a segurança. Os Indios o preparam com o maior mysterio, e ceremonias supersticiosas.—Uma especie de videira dos desertos, chamada *wourali*, uma raiz amarga, e duas cascas de plantas bulbosas, que contém um succo verde e pegajoso, e finalmente duas especies de formigas, uma das quaes, pequena e avermelhada, pica como ortigas, e a outra, grande e negra, é tão venenosa que as suas ferroadas causam febre, são os principaes ingredientes deste mixto, a que juntam dentes pisados de varias serpentes, e pimenta forte de Cayenna.—Fervem tudo, e o reduzem a calda.

povo, e para o progresso da industria. As nações que seriamente cuidam no proprio augmento, persuadidas desta verdade, teem de ha muito prestado a este objecto séria attenção. Hoje a construcção das estradas está reduzida a preceitos, e fórma uma verdadeira sciencia, que se estuda em escholas especiaes na França, na Inglaterra, e na America Ingleza. A esta sciencia se dá o nome de Engenharia Civil.

São graves, e bem graves as queixas que, nesta parte, temos que fazer contra os nossos antepassados, os quaes, se em logar desses centenares de conventos e palacios que por todo o reino alevantaram, em monumento de uma gloria esteril, ou de uma devoção pouco judiciosa, houvessem atravessado o fertil paiz que habitamos de bons caminhos, e bem construidos canaes, dado aos nossos rios facil correnteza, aberto bons e limpos ancoradouros, plantado bosques de boas madeiras, ter-nos-iam deixado um solo mais abundante, e mais solidas e duradouras riquezas.

Só o trabalho e a industria abrem as fontes do verdadeiro progresso: mas para estes dois fundamentos da ventura geral se poderem assentar bem, cumpre animar os homens laboriosos, e industres: para isto o meio mais conveniente é o facilitar-lhes o modo de extrahir os fructos dos seus trabalhos, transportando-os facilmente aos grandes mercados; e para tal resultado se alcançar é absolutamente indispensavel a construcção de estradas e canaes.

Deixaram os Romanos honrada memoria, não tanto pelos seus feitos militares como pelas obras de publica utilidade que levaram a cabo, e das quaes algumas, que ainda existem, attestam a grandeza, e actividade daquelle povo. Muitas estradas subsistem na Europa, construidas por elles, que admiram pela sua solidez, e que merecem a attenção dos homens mais entendidos na materia.

Os methodos, porém, seguidos dos modernos na construcção das vias publicas, se não se avantajam ao dos Romanos pelo lado da duração, são muito mais convenientes pela barateza e rapidez na execução da obra. Taes se podem dizer as estradas chamadas á *Mac-Adam*, de que em um dos seguintes numeros fallaremos. Mas nenhumas produziram mais assignalado proveito, do que os caminhos de ferro, que por sua reconhecida utilidade se começam hoje a construir por toda a parte.

Os caminhos de ferro, invenção dos nossos dias, e que tanta honra fazem ao genio inglez, que os inventou, e a applicação da força motriz das machinas de vapôr, promettem produzir entre os homens mudanças taes, que só podem ser igualadas pelas que nasceram da invenção da typographia.

Se esta fez com que o pensamento de um homem, podesse quasi com a rapidez do relampago communicar-se a milhares de individuos, os carros movidos por vapôr sobre caminhos de ferro, porão algum dia os povos em contacto, a bem dizer, immediato, posto que habitem em distancias uns dos outros, que d'antes e ainda hoje se chamam remotas, ficando, deste modo, sendo as estradas de ferro para os objectos physicos, o que a typographia foi para o pensamento.

De futuro, a Europa, cortada em todas as direcções por semelhantes vias de communicação, constituirá um só paiz, e os seus habitantes um unico povo. Assim se accelerará a grande revolução que fermenta no espirito dos homens, e que tende a estabelecer a maxima parecença de costumes, de crença, de commodos, e de interesses; a crear em fim a verdadeira fraternidade entra todas as nações. Não será, pois, exaggeração dizer que a typographia, as machinas de vapôr, e os caminhos de ferro crearão realmente a idade de ouro para o genero humano.

A idéa de um caminho de ferro é muito simples; nem mais difficil é a sua construcção. Imaginemos em um caminho ordinario, bem nivelado, e com o mais suave declive em toda a sua extensão, duas linhas parallelas de barras de ferro, ligadas pelos topos umas ás outras, bem firmes e seguras no chão, e em tal distancia uma da outra, que um carro, ou uma renque delles, possam correr por todo o seu comprimento. — Façamos esta idéa, e teremos a de um caminho de ferro.

Para que as rodas não sáiam das linhas de ferro em que andam, teem estas umas bordas externamente, que as sogigam áquelle caminho. Se o motor é a machina de vapôr, teem demais as rodas e as barras, em que giram, dentaduras, que, entrando umas nas outras successivamente, dão ao agente continuos pontos de apoio, o que produz o progressivo e rapido movimento dos mesmos carros.

O pouco attrito, que resulta do duro e poído das superficies, faz com que um só cavallo conduza tres carros, levando o pezo de 16.104 arrateis, por um caminho cuja inclinação seja mui leve. Em terreno horisontal póde esse pezo subir a 18.568 arrateis.

Uma machina de vapôr de força correspondente á de quatro cavallos, puxa com a velocidade de passo accelerado, 30 carros carregados, tendo afóra isso cada um certa porção de carvão de pedra necessario para o gasto da machina.

Em Inglaterra o custo de 820 toezas destes caminhos de ferro importa em 500 libras esterlinas, pouco mais ou menos 2:000$000 réis.

Preceitos geraes de Hygiena Medica e Moral.

1.º

— Não desperdiceis nunca, em quanto tendes saude, aquillo que seria o vosso remedio na doença.

— Nunca passeis subitamente de um a outro extremo: nem da intemperança á excessiva sobriedade, nem da ociosidade ao affadigar-vos. Em tudo cumpre que haja um progresso graduado com prudencia. Perigosos são todos os começos. Mais vale respeitar um habito antigo, por máu que seja, do que affronta-lo de golpe.

— Não carece a saude de que estejam sempre a querer melhora-la: ella sabe caminhar bem sem soccorro e sem guia: bastante adjutorio lhe dareis em não a estragardes por culpa propria. — Porém para não fiar tudo do acaso, governai-vos segundo as regras da prudencia.

— Os principaes obstaculos, que se oppoem á propagação e vulgarisação dos preceitos da hygiena, são: a ignorancia dos pobres, o descuido dos mancebos, a leveza dos ricos, os habitos já radicados dos velhos, as preoccupações do vulgo, as paixões e sensualidade de todos: só aos abastados cabe praticar á risca os preceitos da hygiena; e ainda assim, precisa a abastança de ser ajudada pela prudencia e sagacidade. — Os excessos são por ventura mais damnosos á opulencia, do que as privações o são á miseria. De mais sio necessita o rico para sopear a sensualidade, do que de industria o pobre para vencer a penuria. Mais coisas exigem de nós os caprichos frivolos, do que as verdadeiras precisões.

— Vivendo como a natureza ensina, raramente seremos pobres; mas indo atraz de opiniões e de antojos, nunca seremos ricos. São os caprichos insaciaveis, e mudaveis; mas a natureza nem é prodiga, nem ambiciosa: com o real e necessario se contenta: mediocres são as suas urgencias, ao passo que as dos anto-

jos são infinitas como a imaginação que lhes dá vulto. Tem limites o real; não os tem o imaginario.

— Por falta do preciso muitas vezes adoece o pobre: o opulento por abusar do superfluo.

— Mais caro custa, frequentemente, aos ricos o arranjar uma doença, do que o cura-la. Mas aquelle que se sustenta do seu trabalho, o adoecer sempre o empobrece.

— Mais perigosos do que uma enfermidade são muitas vezes aquelles remedios inuteis, a que chamam de *precaução*.

— O verdadeiro medico sabe prevenir as doenças e balda, repetidas vezes, esforços em combate-las. Os conselhos que dá são talvez mais proveitosos para o que receia o mal, do que para o que o soffre. Mais facil é affastar uma doença, do que pear-lhe o andamento, ou inverter-lhe as phases: não só mais facil é isto; tambem é menos arriscado.

— Sangrias e evacuações intempestivas são menos nocivas ao habitante das cidades ocioso, por fraco e valetudinario que seja, do que ao campunez robustissimo e laborioso Mais sangue, do que a ociosidade comporta, tem sempre o ocioso.

— Antes a lanceta tire muito sangue, do que o gastem os excessos: daquelle modo sente-o menos a natureza.

— É necessario dar tonicos ás pessoas de temperamentos limphaticos e excitar estes, moderar os sanguineos, sempre inclinados a toda a casta de excessos; acalmar os nervosos, refrescar os biliosos, distrahir ou consolar os melancholicos: basta que se deem largas aos temperamentos athleticos.

— Enfermidades ha, de que seria arriscado sarar; por exemplo; uma empigem geral e envelhecida n'um corpo fraco e delicado; antigas chagas n'um velho reteito e sedentario, &c.

— O uso frequente de banhos enfraquece muito e produz varias doenças: a falta tambem delles, sendo absoluta, póde gerar molestias de pelle, exasperar as paixões, suscitar doenças nervosas nas pessoas desoccupadas, insomnias, ataques de sangue, e ás vezes uma comichão exasperante por todos os membros, principalmente naquellas pessoas que se dão a trabalhos mentaes.

— A extrema gordura traz comsigo perigos, que o exercicio póde remover; mas a gordura é que justamente torna necessario o descanço, que vem augmenta-la cada vez mais.

— Os prazeres vividos encurtam a vida: dôres leves a prolongam.

No goso consiste quasi metade da hygiena das mulheres: priva las delle em quanto teem saude, é expolas a enfermidades; e até quando estão doentes prohibir-lh'o é muitas vezes abrir-lhe a cova. — Mas para lhes convir, e para lhes agradar, cumpre que elle se dobre ao genio versatil dellas. — É necessario que varie a seu geito, que se metamorphosee segundo os seus caprichos. Sempre seja goso, porém nunca semelhante. dure sempre, mas sempre seja mudavel.

— Não ha vida mais estragada do que a dos que dizem que a querem *curta, mas regalada*. Esta vida dissoluta, sempre *curta* com effeito, até parece ás vezes comprida de mais a sociedade e ás familias. Encurta-a o padecimento, companheiro inseparavel das doenças demoradas, e triste herança dos vicios. Ao menos a isto prescrevem limites, ás vezes, as leis.

— Quem usar das suas faculdades sem negligencia, nem excesso, esteja certo de que terá saude: se o fizer póde affrontar-se com as estações, e viver em todos os climas.

— Quem com a propria industria provê amplamente as suas necessidades, deve casar-se. Duas pessoas prudentes gastam menos do que um homem devasso.

— Pais e mãis deviam sempre reger-se bem, quando mais não fosse, por interesse dos seus filhos. As doenças e um tropel de vicios moraes e physicos são coisas que tambem se herdam.

— A pobreza gera a ignorancia, o desaceio, e ás vezes a servidão, arreiga as preoccupações, e multiplica as doenças. Mas o luxo e a ociosidade, que a abundancia traz, dão tambem alguns máus resultados. Certo é que a abastança produz mais instrucção, melhor morigeração, mais policia no tracto, mais virtudes apparentes; mas tambem mais paixões, e enfadamentos. São então as doenças menos activas, e mais raras: porém, em compensação mais complicadas, mais obscuras nas suas causas, mais variaveis no seu curso, recalcitram mais contra os remedios, e resistem mais á sciencia do facultativo.

— Que o mancebo se acostume a passar por tudo, e a tudo soffrer: o bem e o mal, as privações e as fadigas, a chuva e o sol ardente, o frio e o calor: caia até em algum excesso. O ponto é não tomar habito nenhum fixo: habituar-se a tudo é guardar-se de todos os habitos.

— É o homem inclinado a imitar; — o exemplo tem grandissimo ascendente no seu proceder. Se pois os ricos fizessem acções prudentes, e os prudentes fossem sempre consequentes, não seria o unico fructo do seu procedimento irreprehensivel a tranquillidade da consciencia: tambem trabalhariam, com isto, em melhorar o genero humano.

— A gente do campo é susceptivel de instrucção, mas descuidada de instruir-se, e tarda em aprender: deviam tractar-lhe da intelligencia, como a gente ociosa das cidades tracta dos seus estomagos delicados. O aldeão carece de alimentos intellectuaes ja preparados, e que não exijam nenhuma digestão. Preceitos concisos, substanciaes, claros, expressos, e estremes; aphorismos, apologos, e proverbios: eis ahi o que lhe convém.

— A civilisação transviou insensivelmente o homem da senda que de principio lhe foi prescripta: pouco e pouco o espirito tomou o passo á força corporea. Raro é hoje haver quem tracte de ser mais forte: o essencial é ser mais illustrado e mais habil. Ser sadio é coisa que se tem em menos conta; assim é posposto o necessario ao superfluo.

— Este dominio, cada vez mais despotico, do espirito, ao mesmo tempo que favorece a inacção dos membros, gasta o corpo e altera a saude, de modo que, por via de reacção, a intelligencia vem a enfraquecer e a desorganisar-se por fim.

— Para se tornar conspicuo o espirito precisa ser cultivado por estudos e agitado por paixões; coisas ambas nocivas ao bom estado do corpo, a esse estado de repouso e justo equilibrio dos orgãos, de que resulta a saude. Só o são juizo é compativel por muito tempo com a energia corporal: elle só, entre todas as faculdades do espirito, nos não perturba, nem nos fobriga á ociusidade.

☞ *As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 13 deste Jornal são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa = Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

12) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 22, 1837.

CAÇA DO LEOPARDO.

CAÇA DO LEOPARDO NA INDIA ORIENTAL.

Os Europeus residentes na India entregam-se ao exercicio da caça com mais ardor que em seu paiz natal, provavelmente porque acham lá muita novidade nesse divertimento. Os quadros da natureza silvestre são mais amplos e magestosos, a caça é mais intratavel e difficil de matar, e os animaes, que se cavalgam para este entretenimento, são os mais corpulentos, fortes, e sagazes. Quando uma pessoa monta o elephante, e vai trilhando as selvas em busca do tigre, ou do leopardo, sente fortissimo abalo de curiosidade, e toda a idéa de perigo se desvanece; a vista se dilata, e palpita o coração mal se descobre o bruto acossado fóra do covil. As consequencias raramente ou nunca se calculam; e os tristes accidentes que frequentes vezes occorrem, são avisos baldados para a não continuação deste divertimento, que tanto tem de arriscado, como de incitador da curiosidade.

Não caçam tanto ao leopardo como ao tigre, porque em geral diverte menos. É muito mais arisco e matreiro, a anda-se um dia todo a bater matto sem apparecer um só.

Os leopardos se encontram sómente na profundidade dos bosques, donde sáem de noite á pilhagem de presas pequenas, como ovelhas, cabras, bezerrinhos, &c.; e raras vezes atacam os homens. São excessivamente rapaces, dilaceram a preza com as unhas e dentes, e a devoram com voracidade superior á de qualquer animal, e ainda que consomem quanto apanham, andam sempre magros. São os mais activos de todo o genero *Felis*, pulando d'arvore em arvore com extrema agilidade, evitando assim a perseguição dos caçadores, de fórma que só a tiro de refle se podem alcançar. O nome que lhes dão os indios refere-se a esta qualidade, porque *Lackrinburg*, diz litteralmente, *tigre das arvores*.

Este individuo é o mais notavel do seu genero pela belleza da côr, que é um loiro vivo e brilhante, salpicado de manchas pequenas da fórma de rosetas, dispostas em grupos por todo o corpo; estes salpicos de côr preta contrastam bellamente o luzidio da pelle. Tem quasi quatro pés de comprimento da ponta do focinho até o encaixe do rabo; este varia de dois a dois e meio pés de comprido. A panthera muitas vezes dá cabo do leopardo.

A nossa gravura representa a caçada de um, que se refugiára em uma arvore da matilha dos cães, que o perseguiam. Tinha-se escondido em um bosque mui denso junto d'uma aldêa, evidentemente com tenção de tomar fartos banquetes á custa dos gados da visinhança; alguns cães, que lhe descobriram o asylo, alvorotaram a gente; outros cães o perseguiram, e elle se acolheu a um mangue. Informado disto um inglez, que morava perto, veio ao sitio com seu elephante, e armado de um refle. Logo que o matreiro leopardo o avistou trepou por um ramo delgado, diante do qual crescia outro mais grosso que lhe resguardava o corpo da pontaria do caçador: parou na bifurcação de dois enormes troncos, escondendo-se entre elles, mas ficou-lhe a cabeça exposta ao tiro do inglez, que desfechou, e lhe metteu a bala mesmo entre os olhos: o bruto com a dôr levou as garras á ferida, e caíu morto abaixo da arvore.

O leopardo, como o tigre, reduzido a perigo de vida, é extremamente desesperado. A sua força comparada com o tamanho é prodigiosa; e o animal é temivel pela agilidade. Já tem acontecido chegar a ousadacia d'alguns a ponto de saltarem acima do elephante, e atacarem o cavalleiro; e o elephante lhe tem tal medo, que não é facil reduzi-lo a chegar-se a algum vivo. Como todos os animaes deste genero, o leopardo é cobarde; porque sendo a fuga praticavel nunca pára a defender-se, ainda sendo o animal aggressor de forças inferiores: raras vezes faz preza á força descoberta, mas quasi sempre de noite, e de salto. Ainda que é mui voraz, passa comtudo dias sem comer; mas tambem se alcança abundante subsistencia, apesar de devorar uma enorme quantidade, nunca parece satisfeito.

Não obstante a natural cobardia do leopardo, póde-se ajuizar da sua furia, quando provocado, pela seguinte occurrencia, que refere um viajante. Passava este pela parte meridional da India para Maissur, e tendo chegado a um sitio conveniente á borda de uma floresta já pela tarde, mandou armar a sua tenda para de noite. Levava comsigo uma cadella de busca com tres cachorros; prenderam-na debaixo d'uma arvore junto da barraca, e ao pé dormiam dois moços do palanquim. Não fazia luar, e augmentava a escuridão a densidade do bosque, que tinha escolhido para fazer alvo. A's duas horas da noite acordou-o uma gritaria estrondosa, e saltando fóra da cama, soube que algum animal carniceiro, a que os moços chamavam tigre, tinha carregado com a sua estimada cadella. Determinou-se a explorar o bosque logo que rompesse o dia, e apenas começou a luzir o crepusculo, pozse a caminho armado de um refle, e acompanhado por doze da comitiva, em busca do supposto tigre. A curta distancia para lá da raia do bosque estava uma brenha, por onde ninguem da companhia podia passar, pelo que procuraram meia duzia de cães pariás [raça indiatica], e lh'os metteram dentro. Estes cães tem soffrivel faro, e não são faltos de coragem andando juntos, posto que individualmente não mereçam confiança.

Os cães promptamente devassaram o escondrijo, e dentro em pouco os amiudados latidos, e uivos logo immediatos, denunciaram que o ladrão estava descoberto, e atacado. O continuado uivar de um cão provava estar ferido; e passado breve intervallo os cães tinham feito segundo ataque, segundo a immensa algazarra, que se ouvia na brenha, e dahi a alguns segundos saltou para fóra um enorme leopardo, perseguido por cinco cães, um dos quaes o agarrára por uma perna, e esporeava o animal; mas quando este ía a vingar-se do aggressor, um da companhia disparou, e o feriu na espadua esquerda. Primeiramente vergou sobre o costado, mas recobrando com a rapidez do relampago a sua anterior postura, lançou-se ao homem, e o levou a terra, cravando-lhe as garras no lombo, rasgando as carnes até o osso. Outra bala, que então recebeu, o fez largar a victima prostrada, e virar-se contra o segundo aggressor; porém tendo-lhe esta bala passado as costas não pôde formar o pulo. Todavia como pôde se arrastou, fazendo tenaz e vigorosa resistencia até que o acabaram. O miseravel, que elle dilacerou, morreu na seguinte noite.

Tão raras vezes o leopardo apparece de dia, que os viajantes não fallam de o terem encontrado ao atravessar as florestas. Na India é o tigre o formidavel tyranno dos bosques, e a paragem onde elle faz o covil converte-se até certa distancia n'uma solidão, como logar de perigos e de ruina.

É facto singular que todos os animaes carniceiros, que atacam o homem na India preferem os negros aos brancos. Está assentado, desde tempos mui remotos, por caçadores experimentados, e ainda ninguem o contradisse, que se acontecer estarem juntos um europeu, e um natural do paiz, e os assaltar o tigre, ha-de filar primeiro o patricio. Talvez isto nasça de não estar o tigre familiarisado com as caras brancas. Mas seja qual fôr a sua predilecção pelas pelles bronzeadas, ou pretas, bom é guardar de cair a geito a

epicureos d'este lote, que, ou á falta d'outros, ou por desfastio, não porão muita ceremonia em espatifar tambem qualquer Europeu.

BANQUETE DE DOMICIANO.

A Tito, cognominado *delicias dos Romanos*, pelas virtudes que o adornavam, entre as quaes muito resplandecia a beneficencia, succedeu seu irmão Domiciano, assassino de tão preclaro varão, segundo dizem alguns historiadores, acerrimo perseguidor de todos os cidadãos probos e doutos, manchado de toda a casta de torpezas, e em summa um dos mais execraveis e abjectos tyranuos que aviltaram o throno da senhora do mundo.

Enchêra muitas paginas a descripção das infamias d'este despota tão cruel como timido, o qual na idade de 45 annos, e aos 15 do seu reinado, veio a morrer ás mãos d'um liberto de sua mulher Domicia, no anno 96 de J. C., sem que lhe valessem precauções que o medo lhe suggerira para evitar o merecido castigo dos seus crimes; porém só tractaremos aqui, para que se forme uma idéa da sua engenhosa maldade, d'um singular banquete dado por elle aos principaes senadores, segundo o que refere João Xiphilino, patriarcha de Constantinopola, no livro 67 do seu epitome da historia romana de Dião Cassio.

Em uma sala, cujo tecto, paredes, e pavimento eram negros, assim como os leitos que a guarneciam, foram, no silencio da noute, introduzidos os convidados, sem acompanhamento algum.

Os primeiros objectos que defronte de cada um delles puzeram foram uma columnasinha, com o seu nome aberto, semelhante ás que se collocam sobre os tumulos, e uma alampada da feição d'aquellas que pendiam por cima dos sepulchros. Uns escravos mossos, nús, e pintados de preto, entraram na sala, quaes phantasmas, executaram danças lugubres em torno dos commensaes, e se deixaram ficar a seus pés: vieram então as coisas usadas nos funebres banquetes, e todo era negro, bem como a baixella, de sorte que os senadores tomados de medo, esperavam tremendo a cada momento a morte. O silencio que entre elles reinava, como se já fossem defunctos, e os discursos de Domiciano, que por divertir-se só fallava em mortes e assassinios, lhes redobravam o terror.

Despediu-os finalmente, e como houvesse mandado com antecedencia retirar os servos que no vestibulo os esperavam, fe-los transportar em liteiras ou em carros, por homens desconhecidos, o que lhes causou indisivel medo.

Mal começavam a cobrar animo em suas casas, eis que lhe vem annunciar que alguem os procura da parte do imperador. Julgaram-se então perdidos; mas eram homens a quem Domiciano incumbira de lhes levarem successivamente, um a columnasinha acima mencionada, a qual era de prata, outro um dos vasos que serviram no banquete, e um terceiro alguma peça preciosa de primoroso lavor, e por fim receberam, porém lavado e bem trajado, o escravo que fizera o papel de espectro e os servira. Assim passaram toda a noite em sustos, recebendo um apoz outro diversos brindes.

Superstição lucrativa para a Companhia Ingleza das Indias.

A romagem de Jagrenata é um rito abominoso, de que vamos fallar. Jagrenata é o nome de um idolo, que se venera em certo logar chamado Puré, nas costas d'Orixa, entre Madrasta e Bengala, em honra do qual vem todos os annos alli ter um enxame de peregrinos de todas as regiões da India: é incrivel o numero de victimas, que se sacrificam a este monstruoso idolo: basta que digamos que a 30 milhas de redor se póde saber que o templo jaz perto pelos membros despedaçados, e pelas ossadas d'aquelles, a quem se metteu em cabeça que faziam um acto de piedade gratissimo ao deus deixando-se arrebentar debaixo das rodas do seu carro. A Companhia ingleza não só olhava com indifferença para estas atrocidades, mas até d'esta maldita usança tirava infame lucro. Recebia os tributos, que pagavam ao idolo, corria-lhe com as despezas do culto, e sustentava mulheres perdidas para contentar os sacerdotes. Para augmentar o culto arranjou uma corporação de peregrinos, denominados Pondás, e Parharis, cujo mister é andar em baudos por toda a parte em busca de peregrinos para os trazer a Jagrenata. Estes notaveis alliciadores tinham um premio dado pela Companhia por cada peregrino, que alistavam na irmandade: por isso assim que encontravam um homem, que possuisse alguma somma avultada de dinheiro, fructo ás vezes do trabalho e economia de muitos annos, não o largavam até lhe metterem em cabeça que abandonasse mulher e filhos, para ir com o seu thesouro visitar Jagrenata. A despeza da viagem, as taxas, que pagava á Companhia, e as recompensas, que lhe apanhavam os guias, o empobreciam em poucos dias, e breve morria de miseria, ou por fanatismo ás portas do templo, onde muitos milhões annualmente se consomem nas mais abjectas dissoluções.

METEOROLOGIA.

Utilidade e progresso da Sciencia — Das Trovoadas e do Raio — Preoccupações ácerca deste phenomeno.

Os variados phenomenos, de que é theatro a atmosphera, graciosos e brilhantes uns, sublimes e terriveis outros, deram por muitos seculos alimento á cega credulidade dos povos, e á imaginação escandecida d'escriptores mais apaixonados do maravilhoso e sobrenatural do que amantes da verdade: vogaram por muito tempo opiniões e crenças extravagantes ácerca dos espectaculos, que nos offerece a creação; porque sempre foi mais facil acreditar de prompto do que entrar em laboriosas pesquizas. Suppozeram os homens que os magestosos phenomenos da natureza eram os instrumentos da cólera da Divindade, presando em mais dobrar a cerviz ao terror do que á gratidão, quando não é menos religioso, mas por certo mais jucundo, toma-los, não como factos independentes, que transtornam as leis da natureza, mas como resultados dessas mesmas leis, que contribuem para manter a estupenda harmonia, que o Supremo Artifice derramou pelo Universo. Desta ultima consideração nasce mais um incentivo para admirarmos as obras da Providencia, tirando-se ao mesmo tempo do conhecimento das causas naturaes as possiveis inducções proveitosas á vida.

Com effeito, ainda que a Meteorologia, cultivada ha meio seculo com vantagem, apresente hoje limitado numero de factos, e esses independentes e avulsos, para que possam servir de base a um systema regular, não é isso razão sufficiente para descoroçoar no seu estudo. Os factos, que já se conhecem, são estimulo poderoso para progredir no descobrimento de outros. Nem deverá maravilhar que possam chegar a conhecer-se completamente as leis geraes reguladoras dos phenomenos atmosphericos, e formar-se uma theoria luminosa: por quanto vemos que pelo feliz achado da attracção universal está hoje submettida a calculo rigoroso a marcha dos corpos celestes, que parecia tão irregular, e estranha a leis perma-

nentes, na epocha do atraso do espirito humano, como o parecem ainda as variações da atmosphera. Grande impulso tem dado a este ramo da sciencia as numerosas observações, e theorias especiaes dos sabios da nossa era; e tudo se deve esperar das que em progressão systematica e combinada se poderão ir colligindo, e virão a ser outros tantos preciosos materiaes reunidos para o edificio da sciencia; do mesmo modo que se compilam vagarosamente as memorias, os documentos, as tradições, para compaginar uma historia.

Do conhecimento das leis atmosphericas indubitavelmente seguir-se-íam ponderosas vantagens; por quanto sabido o andamento geral das estações, e a repetição dos mesmos phenomenos, dominantes em cada paiz, em periodos determinados, mais facilmente o agricultor dirigiria os seus calculos e trabalhos, e a Medicina poderia atalhar ou minorar os damnosos effeitos d'aquelles phenomenos, que por sua influencia desenvolvem muitas enfermidades. «Se possuissemos (diz um escriptor da faculdade) observações medicas e meteorologicas de alguns seculos, feitas em um mesmo paiz, deveriamos esperar o poder-se prever a apparição das doenças epidemicas, e dos meteoros que as acarretam, no fim de certo tempo; e os que fossem primeiramente atacados por essas molestias não estariam, como ordinariamente acontece, em maior perigo do que os outros, pois que se conheciam melhor as causas e os remedios.»

Não ignoramos o quanto muitas e diversas causas influem na constituição atmospherica; e deixando por agora a influencia da lua e de outros corpos celestes, bastará commemorar as que procedem da industria humana. A destruição das arvores faz diminoir consideravelmente a humidade e a quantidade de chuva, que costumava cair no terreno onde se arrasaram, alterando-se por consequencia a temperatura dominante. Os diversos generos de cultura n'uma grande superficie de terreno influem tambem notavelmente: o celebre astronomo Carlini, comparando a quantidade media de chuva caída modernamente no territorio Milanez com a de epochas mais remotas, presume que o seu augmento só pode ser originado pelos innumeraveis canaes de rega, com que a industria agricola daquelle fertilissimo territorio tem coberto a sua superficie, augmentando deste modo a evaporação. Tambem não é pequena causa influente a posição do logar: por exemplo: a elevação sobre o nivel do mar; a visinhança de grandes serranias, que resguardam, ou expoem mais particularmente a certos ventos; a proximidade do mar, de grandes lagos, ou de rios, alteram por tal fórma a constituição atmosphérica, que dentro em poucas legoas de distancia succede encontrarem-se climas mui diversos. Todavia todas estas e outras causas tem o devido peso na consideração dos sabios; e convenientemente attendidas, posto que difficultem, não tolhem os resultados de suas observações.

Deixando porém a parte mais elevada da sciencia, que, optimamente diz o Sr. Franzini, se encaminha á Estadistica da atmosphera; e tomando a Meteorologia no sentido restricto da palavra, isto é, como a descripção e explicação dos meteoros, é este um ramo dos conhecimentos tão deleitoso, como util: numerando-se entre as suas não menores vantagens a dissipação dos sustos e preconceitos vulgares, que obstruindo o caminho da verdade, se oppõe ao progresso do espirito humano, e deixam em ocio estupido o entendimento.

Meteoro é uma palavra, filha da lingua grega, que sôa o mesmo que — *elevado, alto:* e por isso se applica geralmente aos phenomenos, que succedem nas regiões da atmosphera; e deu o nome á sciencia, que os explica. Dividem-se modernamente em quatro classes.

1.º Os meteoros *aereos*, que tem por principio o ar, como os *ventos*.

2.º Os *aquosos*, que são produzidos pela agua, como, *a chuva, a neve, a tromba, ou manga d'agua* &c.

3.º Os *luminosos* oriundos da luz; exemplo, o *arco Iris*.

4.º Os *igneos*, que procedem do fogo, ou calor, ou antes do seu principio *o calorico;* e taes são, *o raio, ou corisco*, o *Santelmo, ou lume santo dos marinheiros*, &c.

Começaremos por um dos meteoros, que pertence a esta ultima classe, e que é por certo o mais terrivel e ao mesmo tempo o mais sublime de todos os phenomenos naturaes.

Antes dos antigos philosophos imaginarem as suas theorias ácerca da formação do *raio*, Thales de Mileto, que viveu 600 annos antes de Christo, tinha observado que o alambre, ou ambar amarello, adquire pela fricção a propriedade d'attrahir os corpos leves, que se lhe apresentam. Esta simples observação, que foi um germen enterrado por vinte e quatro seculos, veio a gerar um dos ramos da Physica o mais curioso e o mais fecundo em resultados, e a dar, depois de longa serie d'experiencias, a verdadeira theoria da formação das trovoadas.

Othão de Guericke, nascido em 1602, foi o primeiro, que deu a estas experiencias alguma celebridade. Extrahiu de um globo d'enxofre uma faisca, e apenas foi conhecido e repetido este resultado, logo a imaginação dos homens, comparando a faisca scintillante da materia electrica ao relampago das nuvens, suspeitou que não havia differença nas causas, mas só na intensidade destes dois phenomenos. Na falta de provas directas se lançaram no mar das hypotheses, quando um homem de talento, e de virtudes, Benjamin Franklin [1], dissipou todas as duvidas effectuando suas experiencias sobre a propria materia do raio. Saindo de Philadelphia em Junho de 1752 deitou para umas nuvens borrascosas uma expecie de papagaio armado com uma ponta metallica, construido sobre pequenas varas encruzadas; e foi extrema a sua alegria quando viu o cordel molhado com a chuva transmittir-lhe o fluido electrico das nuvens, e dar faiscas ao chegar-lhe o dedo. Este feliz ensaio foi logo repetido em França por Dalibord, em Marly-la-Ville, e por Canton, que reconheceu que a electricidade [2] das nuvens era, ora *vitrea*, ora *resinosa*,

(1) Americano dos Estados Unidos, um dos mais distinctos cooparadores para a independencia do seu paiz. Mereceu para inscripção do seu retrato este verso latino:

Eripuit cœlo fulmen, sceptrumque tyrannis.

«Arrebatou ao ceo o raio, e o sceptro aos tyrannos.» Foi um activo prégador da moral, um sabio de reputação universal, e um patriota zeloso.

(2) Electricidade. Denominâmos assim um fluido, que a fricção accumula na superficie de certos corpos, como o ambar, o vidro, as resinas, &c. e que lhes dá a propriedade de attrahir, ou de repellir outros corpos. A elevação da temperatura determina tambem uma accumulação mais ou menos forte do fluido electrico em as nuvens, e produz assim o phenomeno do raio. Ignora-se a natureza deste fluido espalhado universalmente. Muitos physicos dão preferencia á theoria das duas electricidades na explicação dos phenomenos electricos; outros seguem a de Franklin, que recorre a uma lei pela qual o fluido electrico tende a equilibrar-se, como outro qualquer fluido. Segundo esta, a fricção desenvolve nos corpos uma superabundancia d'electricidade, e então attrahem os que tem menos; e logo que o equilibrio

as quaes correspondem, no systema de Franklin, seguido pelos physicos inglezes, a primeira ao que chamam *electricidade positiva*, a segunda á *electricidade negativa*.

De Roncas, que aperfeiçoou o papagaio de Franklin, substituindo ao cordel, que é mau conductor, um fio de metal, obteve linguas de fogo de 9 a 10 pés de comprimento, que faziam (diz elle) tanto estrondo como tiros de pistola, e posto que se servisse de um *excitador* para dirigir as faiscas, era tamanha a violencia do choque que uma vez caiu por terra. Assim o professor Richmann, em S. Petersburgo, foi por imprudencia victima das suas observações.

Até o meado do seculo passado as theorias sobre este phenomeno não passavam de conjecturas mais ou menos engenhosas, degenerando algumas em extravagantes; porém a sciencia actual, estribada nas experiencias, é menos vaga, e mais cauteloso em seus systemas.

Conhece-se que uma simples evaporação ou a elevação da temperatura, basta para desenvolver o fluido electrico espalhado naturalmente, mas em estado de combinação, na superficie dos corpos, e particularmente na superficie da terra. Achando-se estas duas circumstancias reunidas na estação do calor, dão necessariamente logar a um despego abundantissimo da electricidade: mas na acto da evaporação, cada ponto do terreno não emittira sempre a mesma electricidade, uma nuvem se carregara de electricidade resinosa, e outra de electricidade vitrea (1). Estando além disto as nuvens, por sua natureza humida, na classe dos bons conductores, tem uma conhecida disposição para deixarem escapar o seu fluido; mas como se acham envolvidas pelo ar secco, são susceptiveis de receber uma forte accumulação de electricidade. Isto posto, se duas nuvens carregadas contrariamente vierem a encontrar-se no espaço, attrahir-se-hão mutuamente, os fluidos: quando tiverem chegado a alguma distancia uma da outra, e combinação se effectuará subitamente; relumbra uma centelha, e esta faisca electrica é o principio constitutivo do relampago.

Este primeiro effeito é seguido por um estrondo a que chamamos *trovão*: a cerca da causa d'este tem-se imaginado varias hypotheses. Uns pensaram que a centelha electrica inflammava differentes gazes acumulados nas regiões elevadas da atmosphera, e que esta combinação, que imitam os chimicos em seus laboratorios, dava logar a uma forte detonação, que se multiplica depois por via dos echos: outros physicos pretendem que no momento da producção do relampago se faz um vazio, onde o ar precipitando-se occasiona aquelle estrondo, cuja intensidade é ás vezes tão espantosa. Houve tambem quem suppozesse que o ar fechado no espaço, que separa as duas nuvens, faz esforço para dilatar-se, e evadir-se, no instante em que as nuvens, cedendo á attracção electrica, se reunem em um só volume; donde provém esses ventos impetuosos, e medonhos furacões, que acompanham as trovoadas, se estabelece, os corpos são immediatamente repellidos.

(1) Observou-se que os corpos leves electrisados, que o vidro attrahe no estado electrico, são repellidos pela resina posta no mesmo estado, e reciprocamente. D'aqui por analogia as duas electricidades. Estas reunidas neutralisam-se, e compõem um fluido combinado, o qual, posto que naturalmente comprehendido em todos os corpos, só se manifesta, quando diversas causas, a fricção por exemplo, o decompõe; e então cada corpo se carrega da electricidade, que prefere. E lei constante: *os corpos se repellem quando são carregados de electricidade da mesma natureza; e attrahem-se quando são carregados de electricidade differente.*

Sem recorreremos porém a outra hypothese nova para explicar o estrondo do trovão, sabemos que, todas as vezes que se extrahe uma centêlha de um conductor carregado d'electricidade, se ouve uma crepitação relativa á força da descarga. Discorrendo por analogia, que ruido não devera fazer a multidão de crepitações, que todas reunidas formam uma só explosão? Pensâmos por tanto que o estrondo do trovão procede da reunião dos estalidos parciaes, que se produzem sobre as moleculas aquosas, no momento em que se effectua a combinação electrica. Uma observação confirma o nosso systema; porque o trovão e o relampago despedem-se effectivamente ao mesmo tempo. Este facto é tão reconhecido que, pelo intervallo de tempo entre a vista do relampago e a percepção do trovão, se ajuiza da distancia da nuvem, onde teve logar o effeito electrico. Observa-se que o trovão se ouve muitos segundos depois do relampago; circumstancia, que tem por causa o vagar com que o som se propaga, comparativamente á rapidez da luz: donde se conclue que quanto mais tempo passa entre a apparição do relampago e o ruido do trovão, tanto mais longe está a nuvem borrascosa, e menos imminente é o perigo. Póde avaliar-se esta distancia calculando o tempo, que medeia entre o relampago e o trovão, sabendo se para esse fim que cada segundo representa uma distancia de 103 pés, ou 337 metros francezes.

Quanto a causa primeira do ruido, ou crepitação, que produz a centêlha, parece evidente que procede da dilatação subita do ar, dilatação necessariamente occasionada pela acção do fogo electrico.

Pela palavra *raio* ou *corisco*, se entende simplesmente o effeito, que produz a electricidade congregada nas nuvens, combinando-se com a electricidade dos corpos, que residem na superficie do globo. Annuncia-se este effeito dizendo «*caiu um raio.*» Não deve porém esta expressão fazer com que se considere a materia fulminante como uma substancia gazosa que se inflammasse na altura da atmosphera, e caísse sobre a terra em virtude do seu pezo. Hoje só entre gente mui rude póde vogar a crença de que o raio é certa pedra negra, que muitos guardavam com superstição como especial preservativo contra as trovoadas. A theoria dos phenomenos electricos se manifesta na acção do raio, e as experiencias do celebre Franklin demonstraram ser a queda do raio realmente uma descarga d'electricidade (1). As mesmas experiencias, repetidas depois por todos os physicos, deram a idéa de armar os edificios com instrumentos proprios para diminuir-lhes os effeitos. A construcção d'estes instrumentos, que se chamam *conductores*, e *guarda-raios*, é fundada geralmente na propriedade, de que gozam especialmente as pontas metallicas de transferir a electricidade.

As nuvens electricas se collocam com certa preferencia sobre o cume de montanhas, sobre a copa das arvores, sobre as agulhas dos torreões mais altos, e geralmente sobre todos os corpos, que terminam em ponta: é por isso extremamente perigoso procurar abrigo debaixo de arvores durante a trovoada: semelhante asylo tem por vezes sido funesto aos que o escolheram. Por uma segunda razão devem os viajantes preferir o permanecer em campo descoberto, e em vez de temer a chuva deixarem-se molhar, e repassar d'ella; porque o fluido electrico se deixa conduzir tão rapidamente pela agua, que apenas roça os corpos molhados. Franklin, em suas experiencias, fulminando

(1) Esta verdade é palpavel para o observador, que sabe apreciar os effeitos de uma bateria electrica; porque devemos considerar as nuvens, como immensos receptaculos, onde o fluido se accumula em abundancia relativa á intensidade do calor, ou da evaporação.

va com a *botelha de Leyde* um rato enxuto, que morria logo, ao passo que outro rato todo coberto d'agua, submettido á mesma experiencia, saía são e salvo. Por tanto, não sómente o raio accommetterá de raro n'uma planicie a individuos afastados dos objectos elevados, mas até se estes individuos estiverem molhados poderá muitas vezes passar-lhes pelos vestidos sem os fulminar. É tambem por esta razão que as trovoadas são menos temiveis quando descarregam fortes aguaceiros. Finalmente, suppondo que não é a elevação, nem a fórma conica das arvores, que as expõe aos ataques dos raios, sempre a sua visinhança seria muito perigosa, attenta a extrema humidade, que exhalam: humidade, que sem duvida abre facil passagem ao fluido electrico, pois que a agua, como já observamos, é um bom conductor da electricidade. Por uma consequencia da razão precedente, o fogo deve augmentar a attracção electrica, não directamente, mas indirectamente, porque desenvolvendo as partes aquosas dos combustiveis, estas sobem e formam uma columna de fumo, que serve depois de conductor á electricidade. É por tanto prudente desviar, durante as trovoadas das chaminés onde ha lume. A sympathia que o raio nos manifesta com os metaes é tambem uma advertencia para evitarmos cuidadosamente a proximidade de corpos metallicos. Algumas pessoas tem o costume de abrirem todas as janellas do quarto em que estão no momento da trovoada: o que é uma preoccupação, porque é o meio de excitar uma corrente de ar, que póde facilmente attrahir o raio. Tambem é perigoso o correr ao passar por baixo de uma nuvem electrica: algumas pessoas tem sido victimas desta imprudencia. Indicâmos estas precauções, porque a experiencia tem mostrado, e nós o julgâmos, serem prudentes, mas de modo nenhum pretendemos que a inobservancia de nossos preceitos seja immediatamente funesta.

Ha pessoas timoratas que ficam inconsolaveis apenas ouvem trovejar, e procurem subterraneos, e outros logares para refugio. Augusto Cesar, segundo refere Suetonio, tinha medo de trovões, e de relampagos, com fraqueza imperdoavel até n'uma mulher: trazia sempre sobre o corpo uma pelle de phoca, pela julgar preservativo contra os raios; e á menor apparencia de uma trovoada ía esconder-se debaixo de profundas abobadas, onde o ruido dos trovões, e o clarão dos relampagos não podia penetrar. O imperador Caligula, monstro de crueldade, estremecia de trovões, a pontos de chorar como uma creança ao ver fuzilar um relampago, e cobria a cabeça, pensando apparentemente que assim fugiria ao perigo. Este receio é bem pusillanime, e denota uma cobardia totalmente indigna do homem. O meio mais efficaz para não ter medo de trovões é a constante prática das virtudes: homem de consciencia pura vive necessariamente superior a semelhantes terrores.

Por muito tempo se acreditou que o toque dos sinos desviava as trovoadas; pensavam que a impulsão, que o ar então experimenta, se communicava ás nuvens, e presumiam por esta forma dissipa-las. Foi necessario o lapso de seculos para desarreigar este preconceito; e parece que ainda se perpetúa em povoações do campo entre algumas nações. Exemplos por extremo funestos, desgraças frequentes, tem concorrido em apoio da razão, demonstrando aos sineiros a necessidade de se deixarem ficar em casa, quando troveja. Com effeito, as igrejas e os campanarios são por sua altura naturalmente expostos aos raios: por outro lado o movimento produzido no ar pela agitação dos sinos não póde ter influencia senão sobre uma nuvem muito proxima, e esta influencia é evidentemente contraria á que se espera, porque a oscillação determina uma corrente, que attrahe o raio em vez de o afastar: depois, as cordas, que tem uma virtude bastante conductora, communicam o fluido aos imprudentes sineiros, que morrem assim muitas vezes victimas da sua ignorancia. Não fallâmos das vibrações occasionadas pelo som, porque o movimento, que dahi resulta é fraco em demasia para que possa ter alguma acção sobre massas tão pezadas, e tão densas, como o são geralmente as nuvens tempestuosas. Demais, esses que se lembravam de toear os sinos, e os que ainda seguem essa prática, possuiram por ventura, ou possuem o conhecimento da theoria dos sons? Seja qual fôr a origem de tal uso, as authoridades administrativas devem prudentemente intervir para acabar com elle onde ainda existir.

Julgam muitos que cada trovão dispára um raio: mas não é assim. A maior parte das explosões se effectuam em as proprias nuvens; e para haver descarga sobre a terra é necessario concorrer uma circumstancia rara; isto é, é preciso que a nuvem electrica passe na proximidade de um corpo collocado na superficie do terreno. Por tanto vê-se que a quéda de raios não é tão commum como se pensa; e esta observação seria bastante para tranquillisar os espiritos timidos, se a razão tivesse forças para influir nelles.

No momento em que duas nuvens electrisadas se reunem, as moléculas aquosas achando-se em certo modo duplicadas, vem a tomar-se demasiado pesadas para se poderem suster no ar, e caem logo precipitadamente: por isso vemos frequentemente cairem grossas pingas de chuva immediatas a um violento trovão.

De ordinario, na aproximação de uma trovoada, experimentâmos uma especie de anciedade e de fadiga por todos os membros. Julgou-se por muito tempo que a causa desta indisposição provinha do augmento de calor: mas observou-se depois que o calor nem sempre augmenta nesta circumstancia; muitas vezes o thermómetro tem baixado no instante mesmo em que os corpos se sentiam mais desagradavelmente affectados. Parece pois que esta sensação deve ser attribuida á superabundancia do fluido electrico, que então está disperso no ar, e particularmente nas regiões inferiores da atmosphera. Com effeito, exemplos notaveis nos dão as provas desta influencia da electricidade sobre os entes animados. Muschenbroeck refere que por duas differentes vezes lhes sobreviera febre depois de ter feito um grande numero de experiencias electricas; e muitos physicos tem experimentado, em casos analogos, anciedade, um estado de fadiga extraordinario, ataques nervosos, &c. Todavia é muito provavel que a diminuição da elasticidade do ar, que resido na parte inferior da atmosphera, contribua muito para o effeito de que fallâmos. Esta diminuição de elasticidade é produzida pelas exhalações mephiticas, que se ajuntam proximo ao chão algum tempo antes de se formar a trovoada, ou porque o ar superior se acha já saturado dellas, ou mais depressa porque esses vapores se compoem de particulas por tal fórma grosseiras que lhes é impossivel erguerem-se acima da terra. Observa-se effectivamente que os pantanos, as cloacas, e outros sitios, donde emanam muitas exhalações fetidas, espalham um cheiro mui forte em occasiões de trovoada: os proprios animaes parecem presenti-la: o galo manifesta a sua inquietação amiudando o canto; a andorinha vôa rente da terra; os cavallos escavando o chão com os pés, os bois mugindo, as ovelhas balando, mostram vivos desejos de se recolherem. Os animaes bravios tambem pressurosos buscam abrigo, porque parece que toda a natureza então presente uma crise energica, um transtorno universal. Vendo-se estes indicios, póde-se affou-

tamente affirmar que está proxima uma violenta trovoada.

É certo que todo o mundo confessa que os effeitos do raio, os relampagos, os ecchos simples ou repetidos dos trovões, são phenomenos magestosos, e que incutem respeito: mas tambem é certo que as trovoadas são de utilidade bastante real. Não sómente refrescam o ar, mas tambem o purificam de todas as exhalações nocivas, que a acção do calor tinha desenvolvido; depois de uma trovoada o ar fica mais claro, e as flores derramam mais fragrancia: aquelles vapores cahindo com a chuva penetram o seio da terra, donde primitivamente sairam, e a fertilisam. Indubitavelmente o fluido electrico, que se espalha com tanta abundancia sobre a terra no momento da trovoada, contribue poderosamente para os progressos da vegetação. E com effeito, está demonstrado por experiencias repetidas, que as sementes ou plantas submettidas ao estado electrico por muitos dias a fio, durante dez ou doze horas, germinavam dois ou tres dias mais cedo do que as outras sementes, que não tinham sido electrisadas; e que no fim de otto dias as primeiras tinham crescido o dobro das outras.

TEMPESTADE DE AREIA.

O Grande Deserto d'Africa, e as tempestades d'areia.

Na vasta peninsula, que fórma uma das quatro partes do mundo, e que denominâmos Africa, ha um deserto immenso, e arenoso, que alguns avaliam ter d'extensão metade da Europa. As serranias o separam da Berberia pelo lado do norte, e pelo sul confina com o paiz dos mouros e negros, tendo nesta largura obra de quarenta a cincoenta jornadas: ao nascente entesta com a Nubia e o Egypto, e ao occidente é banhado pelo Oceano.

Estão espalhadas por aquelle mar d'areia varias ilhas de diversas grandezas, ou paragens ferteis, que salpicam tão esteril região, e a que chamam *Oasis*. De todos o maior é o de Fezzan, que tem 300 milhas de comprido, e 200 de largo, rodeado por uma cordilheira de montanhas pedregosas, excepto da banda do occidente, por onde se descobre todo para o deserto. A fertilidade destes Oasis procede de terem abundante provimento de agua em poços, a qual lhes fornece as serras circumvizinhas, porque as chuvas alli são muito raras. As palmeiras de tamaras são as principaes producções vegetaes delles, postoque o terreno e o clima não sejam inteiramente desfavoraveis para crear trigo. Estes Oasis são mais abundantes na parte oriental do que na occidental.

Chama-se esta região *Saharà*, palavra arabe, que significa *Deserto*, e é talvez o maior do mundo conhecido: com aquelle nome vem marcada nas cartas geographicas.

A superficie deste paiz é geralmente arenosa, porém com differentes niveis, ou alturas. Em muitos sitios é inteiramente núa, mas no geral cria uma planta odorifera, que os arabes chamam *Shé*, algum tanto parecida com o tomilho bravo, e tambem produz mais algumas plantas, e entre ellas é a mais trivial uma bastante espinhosa, que serve de pasto aos camelos.

Ainda n'algumas partes rebanhos não muito pequenos de ovelhas, de cabras, e mesmo de gado grosso, encontram escassas pastagens; porém o solo mais commum são serras calvas d'areia movediça a que chamam *desertos sem agua*; denominação que recorda ao arabe a espantosa idéa de um calor intenso e suffocador, de uma carencia total de vegetação, e do perigo da morte horrivel por falta d'agua. A parte oc-

cidental do Sahará é d'esta natureza, e não tem menos de 1600 milhas de comprido, e 800 de largo; deserto que talvez não tenha parceiro.

Uma particularidade d'esta região é a abundancia de sal mineral, base principal do commercio dos naturaes (que habitam os Oasis) com os negros limitrophes. Tambem negoceiam o extracto de uma certa arvore, que dá gomma, e que mais abunda no districto de Sahel, que habitam os Mouros Trashaz, a 25 leguas francezas do estabelecimento de Portendic, que está entre o golfo de Argoim e o Senegal; e a 28 leguas do rio frequentado por estes mouros, onde vem traficar com os europeus.

Além dos animaes já mencionados encontram-se no Sahará os abestruzes (1); posto que em menor numero que na parte meridional do mesmo continente. Algumas especies de veação, e as gazelas tambem frequentam as paragens ferteis; porém, pela escacez da vegetação e falta d'agua, a historia natural d'este deserto é mui limitada.

Todavia a perseverança e energia do homem soube vencer os obstaculos, que o Sahará apresenta na apparencia á communicação entre as nações, que separa. Desde mui remotos tempos o atravessaram mercadores, juntando-se em grandes troços, chamados caravanas; e o camelo, por sua maravilhosa estructura, por sua robustez, docilidade, e parcimonia, habilitou os homens para effectuarem estas jornadas, que sem tal auxilio seriam impossiveis; porém ainda mesmo com este soccorro, e com todas as precauções, que a experiencia tem ensinado, as caravanas frequentemente padecem as mais terriveis necessidades por falta d'agua, porque as areias soltas apagam as marcas do caminho, e demorando-se em procura-lo, o provimento se exhaure primeiro que cheguem a algum dos raros e mui distantes poços do deserto. Além d'isto póde sobrevir-lhes outro damno não menos grave e destruidor: fallâmos das columnas de areia, que erguem os redemoinhos de vento. É commum este phenomeno a todas as planicies dilatadas das regiões dos tropicos; porém são mais nomeadas as que succedem no deserto de que tractâmos. Todas as cáfilas, que o atravessaram desde a mais remota antiguidade, constantemente se viam expostas á violencia exterminadora das tempestades d'areia. Os viajantes descrevem os indicios percursores, e a apparição da tempestade por esta fórma: «O ar está em absoluta serenidade, a luz baça produz tal illusão optica que parece que os céus se achatam sobre a terra, e o horisonte se contrahe, o que faz com que o viajante se desgarre mais depressa; levanta-se um vento do nascente, que sendo escaldado pelo contacto com a terra ou areia abrazada, duplica o calor, e revolve tudo sem dar o minimo refrigerio. Então immediata está a tempestade, e no horisonte se descobrem as pesadas nuvens d'areia. Se a direcção do vento as impelle para a banda da caravana, e não ha tempo sufficiente para lhes fugir, os cavalleiros, desmontando de seus camellos, ou cavallos, se arrojam de barriga e rosto contra a terra, tapando as bocas, e os olhos, para os preservar das particulas suffocadoras, e do vapor, que as acarreta. Os camelos por instincto enterram os focinhos n'areia para o mesmo fim; porém os cavallos menos habituados a estas experiencias, compellidos a fazerem o mesmo, soffrem espantosamente, e até morrem.»

Logo que o perigo passa, e o desfallecido viajante se ergue d'aquella constrangida postura, encontra as mais das vezes destruidos todos os marcos, e signaes conhecidos, que o deviam guiar em sua jornada, e os seus companheiros mortos da fadiga, do calor, ou pela suffocação; e se escapam a estas calamidades, as suas provisões, e os vestidos, estão arruinados pela areia, que é tão subtil e penetrante, que entra em qualquer fardo por mais seguro, e resguardado que esteja.

A historia nos apresenta exemplos terriveis d'estes desastres. Na antiguidade o poderoso exercito de Cambyses, voltando da conquista da Lybia, foi completamente destruido por uma d'estas furiosas tempestades. O celebre Delille (1) aproveitou este facto para um bello episodio de seu Poema *Les trois Règnes de la Nature.*

Recentemente, na expedição de Napoleão ao Egypto, a tropa franceza se viu quasi perdida por semelhante accidente.

Em o Novo Mundo, especialmente nas vastas e arenosas campinas do Perú entre Amotapa e Coquimbo, são tambem frequentes iguaes tempestades. Pela gravura, que juntamos, se póde, ainda que imperfeitamente, fazer idéa d'este phenomeno, e de uma cafila, ou caravana de arabes, parte já envolta no turbilhão, parte fugindo-lhe.

(1) Vide o nosso N.º 10.

(1) Poeta distincto, bem conhecido entre nós pela primorosa traducção feita pelo nosso Bocage do Poema os Jardins.

APPETITE DELICADO.

Um jesuita encontrou em certa occasião uma india muito velha, quasi a expirar. Chegou-se a ella, começou a catechisa-la, instruindo-a, como pode e soube, nos preceitos do christianismo, e depois de lhe ter tractado da alma, perguntou-lhe se haveria alguma cousa que ella comesse com vontade, para tomar alento. «Minha avósinha, lhe disse (avósinha era então, como hoje, um nome de amisade que se dava ás mulheres muito velhas), se lhe apresentassem agora um bocado de assucar, ou algum bolinho dos que vem d'além-mar, saber-lhe-ía acaso bem!» — «Ai, meu netinho, lhe replicou a velha convertida, o estomago já me não conserva nada. Ha só uma coisa que talvez ainda elle retivesse. Se eu pilhasse a cabecinha de uma criança Tapuia, talvez podesse esburgar-lhe os ossinhos; mas, pobre de mim, que não ha ahi quem me vá matar uma.» — Provavelmente o jesuita esqueceu-se, catechisando-a, de lhe dizer que o Evangelho não permittia o comer-se carne de gente. Este facto, narrado por Southey na Historia do Brazil, aconteceu no tempo das primeiras missões jesuiticas n'aquelle paiz, cujos habitantes estavam invencivelmente afferrados ao uso de comer carne humana.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 13 deste Jornal são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

Adverte-se que nos Estatutos da Sociedade, Art. 49.º, onde se lê *disfarçadas illusões*, deve lêr-se *disfarçadas allusões.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

15 PUBLICADO TODOS OS SAPBADOS. (JULHO 29, 1837

COMBATE DO LEÃO E DO BUFALO.

COMBATES DE FERAS.

São na India Oriental muito usados semelhantes combates, e ácerca delles extrahimos das paginas do *Annual Oriental* a seguinte relação curiosa.

«Estando de visita em casa do Rajá dos Curgos foi o auctor convidado para assistir a algumas pelejas com animaes ferozes, divertimento muito do gosto deste principe, que se jactava de possuir feras, e tinha engaiolados muitos leões, e tigres; e até costumava (segundo contam) introduzi-los no palacio, perante seus hospedes, sem ao menos a restricção dos guardas.

No dia aprasado reuniu-se a assembléa no palacio do Rajá, e depois de uma farta comida se encaminharam todos para uma galeria, que dava para uma grande praça fechada; e logo que o principe chegou começaram os taes divertimentos.

O primeiro combate foi de um javalí com tres cabras, uma por uma: mas o immediato foi muito mais terrivel. Entrou um homem na praça, vestido com umas ceroulas, que mal lhe cobriam os quadris e até meio das coxas, e armado sómente com uma especie de taca: brandia na mão direita este instrumento, que era uma folha pesada, da feição de ferro de arado, de quasi tres palmos de comprido, e tres pollegadas de largo, estreitando gradualmente pa a o cabo, com o qual formava um angulo recto. Os naturaes do paiz usam deste ferro com summa destreza, dando-lhe uma volta no ar antes de descarregar o golpe, que faz um effeito assombroso. O campeão que se apresentava perante o Rajá do modo que dissemos, quasi nú, e só com aquella arma, vinha disposto voluntariamente a combater com um tigre. Era um homem alto e delgado; porém tinha o arcabouço do peito espaçoso, e os braços compridos e musculosos: as pernas eram seccas, mas descobria-se a acção muscular em cada movimento, tanto no desembaraço do seu andar, como nos ensaios preparatorios que fazia para a empreza arriscada em que se mettêra; e tudo mostrava que elle possuia uma actividade não vulgar combinada com extraordinaria força. A expressão da sua physionomia era absolutamente sublime quando deu o signal para largarem o tigre; — era toda a concentração da energia moral; — o indicio de uma superior e firme resolução. Luzia-lhe o corpo com o azeite, com que se esfregára para promover a elasticidade dos membros. Ergueu os braços acima da cabeça por alguns momentos quando fez o signal para admittir o inimigo na arena. N'um instante se abriu a porta de grades de uma vasta gaiola, e saltou para fóra um medonho tigre real, e parou defronte do Indio, dando á cauda movimentos fluctuantes, ora para diante, ora para traz, erriçando o pelio, e soltando um certo uivo espremido: primeiro olhou para o homem, depois para a galeria, onde o Rajá com sua côrte estava assentado para ver, mostrou porém não estar inteiramente satisfeito do seu actual estado de soltura; e certamente o confundia a novidade da sua situação. Tendo espreitado breve espaço, deu subitamente volta em redondo, e acolheu-se á gaiola, donde os guardas, que estavam perto, mas fóra de peri-

go, intentaram debalde tira-lo á força. Então cerraram a porta, e lhe amarraram ao rabo varios buscapés para estourarem por intervallos.

Entregaram ao Indio um murrão aceso, e abriram de novo a portinhola, e largou-se-lhe fogo aos buscapés. O tigre saltou novamente, e deu um uivo horroroso: mas quando as bombas começaram d'estalar, pulava, virava-se, e revolvia-se como frenetico e damnado: por fim agachou-se n'um canto, rosnando como um gato quando esta assanhado. Aproveitaram este tempo para esconderem a gaiola.

Durante a explosão dos buscapés o Indio esteve observando o inimigo, e depois se encaminhou para elle com passo vagaroso, mas firme. O tigre se ergueu, e retirou com o pello erriçado de fórma, que o rabo parecia duas vezes mais grosso que o usual; não estava disposto a começar as hostilidades; mas o seu resoluto adversario o não largava, avançando para elle com mesmo passo compassado, e o tigre retirando, mas apresentando sempre a frente ao inimigo. Parou o Indio de repente, e depois foi recuando lentamente; então a fera se ergueu a pino, curvou o costado para dar o pulo, e sacudiu o rabo, evidentemente meditando maldade. O homem continuou a retirar-se, e logo que esteve a tal distancia que já se lhe não podia distinguir o movimento dos olhos, o bruto feroz se balouçou subitamente para diante, agachou-se, e saltou, soltando um clamor breve e agudo. O seu adversario, já para isto preparado, pulou ligeiramente para o lado, e mal o tigre tocou no chão, meneou rapidamente em volta a sua arma pesada, e a descarregou com força irresistivel sobre uma perna trazeira da féra, exactamente acima da junta; separou-lhe instantaneamente o osso, impossibilitando-a para segundo salto. O animal ferido bramia; mas voltando-se com velocidade para o Indio, que a este tempo distava delle algumas varas, lhe avançou com furia, levando a rasto a perna quebrada: excitado ao maior ponto de raiva cega, arremetteu mesmo em tres pernas para o adversario, que, com a sua arma terrivel alçada, estava tranquillamente esperando o assaltante, e que, apenas este lhe chegou a tiro, lh'a vibrou com tal força sobre a cabeça que lhe partiu o crâneo de orelha a orelha, e o inimigo vencido lhe caíu morto aos pés. Então victorioso limpou com ufania o ferro na pelle do animal; e fazendo uma grave cortezia ao Rajá se recolheu em meio das estrepitosas acclamações dos espectadores.

Sua Alteza nos informou que este homem tinha já morto varios tigres por este modo; e que posto que em uma ou duas occasiões fôra asperamente arranhado, com tudo isto nunca soffrêra feridas de cuidado. Estes Indios Curgos são bem conhecidos na Asia pelo habito de atacarem os tigres nos juncaes com a arma que descrevemos, e quasi sempre com successo infalivel. Na occasião, de que tractâmos, nada podia exceder a presença de espirito, e a certeza prudente e bem calculada com que o destemido Indio levou a cabo tão arriscada empreza. Os brincos deste dia concluiam com diversos, e mui singulares jogos de força, e de agilidade, em que toda esta gente é mui destra.

Na manhãa seguinte viemos ao palacio muito cedo; o Rajá nos estava esperando, e depois de uma pequena refeição, tomámos logares na galeria para assistirmos ao divertimento do segundo dia. Estava-nos preparado um espectaculo fóra do commum. Destinavam deitar um leão a um bufalo, que o principe havia mezes tinha comprado, e que sempre permanecêra descomedidamente bravio e feroz.

Tinhamos apenas tomado logar quando tiraram o bufalo do seu curral. Logo que entrou no circulo começou a mugir e a curvetear violentamente; a cavar a terra com as patas arremeçando a a mais de doze pés de altura. Era um animal corpulento como um grande boi, posto que não tão alto, porque tem as pernas curtas em proporção do tamanho: tinha uma enorme cabeça, com chavêlhos compridos retorcidos quasi como os de carneiro; e ao mesmo tempo olhos grandes muito saídos, e ventas largas, que lhe davam um aspecto de extrema ferocidade, raros cabellos se lhe viam pelo corpo, excepto no pescoço e rabo, e na extremidade deste tinha uma grande borla muito grossa e aspera. Era um animal magestoso, que todo elle inculcava força e braveza, como os bois da Thessalia. Poucos momentos depois ergueu-se o alçapão da gaiola do leão, e o rei dos brutos saltou para fóra: era um dos mais bellos que eu tenho visto. Poz-se a passear gravemente, meneando-se com arrogancia: mas logo que deu fé do bufalo deitou-se sobre o ventre, bascullhou o chão com a cauda, e soltando um pequeno rugido, fez dois outros pulos, e engalfinhou-se no cachaço do adversario sem mais preliminares. O subito impulso fez vergar o bufalo sobre as juntas dos joelhos; mas restabelecendo-se immediatamente, revirou a cabeça com tal violencia que desalojou o leão, e o arremeçou com prodigiosa força d'encontro ás fortes trincheiras de madeira, que fechavam a praça, cravando-lhe ao mesmo tempo um corno n'uma das ilhargas, abrindo uma horrorosa ferida. O leão ficou por momentos atordoado, mas erguendo-se antes que o inimigo podesse tirar partido da sua situação, filou-se de novo ao pescoço do bufalo, dilacerando-o encarniçadamente. O combate era implacavel; mas o bufalo repetindo a mesma acção, com que anteriormente se desembaraçára, arremeçou novamente o leão á trincheira, e ainda com maior violencia; e se poz a escorna-lo com tal porfia, que em pouco o impossibilitou inteiramente de renovar a contenda. Mas ao mesmo tempo o bufalo estava tão exhausto de forças que se estirou ao lado do inimigo prostrado: com alguns esforços os guardas o pozeram em pé, e o retiraram da scena do combate. O leão foi com difficuldade arrastado para a sua gaiola.

ORIGEM, E PROGRESSO DA ASTRONOMIA.

1.°

Ha tão pouca relação entre a grandeza do homem e a do globo, que habita, que por mais que estenda os olhos apenas descobre uma pequena parte delle. Por grande que seja, a extensão que vê sempre lhe parece um plaino, e para onde quer que se volte, o ceo se lhe affigura uma cupula immensa, que vem fechar na terra. Certo que esta era uma planicie extensissima, sobre a qual pelos extremos vinha assentar o ceo para os homens primitivos, cujas idéas eram em tudo mui curtas. Tal fórma lhe attribuem ainda hoje todos os povos, a quem a luz da sciencia não tem alumiado.

A curiosidade humana, levada para os objectos de mais urgente precisão, não curou de estudar a ordem do Universo; mas o progresso da civilisação fez apparecer quem ousasse commetter a entrada do sanctuario da natureza. A observação ajustada dos mais simples phenomenos trouxe as primeiras idéas acertadas sobre a forma do Universo. Viam-se o sol, a lua, as estrellas, desapparecer do lado do occidente, e assomar de novo no oriente, donde naturalmente se inferiu que o ceo não assenta sobre a terra, mas que a cérca por todos os lados; os que tinham peregrinado por paizes remotos davam tambem testemunho contra o erro do vulgo: o mesmo que viam n'uma região, tinham visto n'outra, e por mais que tivessem

caminhado, nunca tinham ido bater no extremo desse immenso hemispherio, que parece rodear-nos.

Então olhando para o firmamento, e considerando a terra collocada no centro do seu ambito, inferiram que seria redonda. Os espiritos reflexivos abraçaram logo de bom grado esta idéa; e por isso talvez prestaram attenção principalmente a outros phenomenos, que tambem indicam a redondeza do globo. E' provavel que os viajantes, e os que habitam nas visinhanças dos mares, fossem os primeiros, que observassem esses phenomenos, e os communicassem aos outros. Uma barca, saindo de qualquer porto, começava por occultar o bojo, depois o grosso dos mastros, e a final as extremidades destes, quando de todo desapparecia: por outra parte os que se fam aproximando á terra, enxergavam primeiramente o cimo das montanhas, e por fim viam a praia. Os que se adiantassem muito para o norte, ou para o meio dia, haviam de espantar-se vendo certos astros, que nunca tinham visto no seu paiz, e não lhes apparecerem outros, que lá viam quotidianamente. Se a terra é chata, diria então qualquer que attentasse por isso, todos veriam necessariamente os mesmos astros; e por tanto não acontecendo assim e porque a terra e o mar tem uma figura convexa, que occulta a uns o que a outros descobre; e como isto (o que denuncia a curvatura do mar ou da terra) se manifesta do oriente para o occidente, e do norte para o sul, claro é que devemos resolver que a terra é convexa por todos os lados.

Levados por esta idéa, os homens observaram immediatamente varios outros factos, que vinham confirma-la. Via-se um eclipse da lua em certo paiz por volta da meia noite, e n'outro muitas horas antes ou depois: uma estrella, que neste clima jazia a certa distancia do horisonte, apparecia naquell'outro mais proxima ou mais distante do mesmo horisonte. Estas e outras observações, que não podiam deixar de ser feitas e conservadas, facilmente traziam os homens a deduzir dellas a curvatura da terra; e sendo de todas as castas de curvatura a mais simples a circular, adoptaram esta, e assentaram que a terra era um globo posto no centro do Universo.

Por noites limpas o ceo parece semeado de grande multidão de pontos scintillantes, varios no tamanho, formando certos aggregados notaveis pela sua fórma, e por outras circumstancias. Taes são a ursa maior e a menor; as pleiadas, a constellação d'Orion, e a resplandecente estrella da canicula. Não era preciso repetir muitas vezes as observações para conhecer que quasi todas estas estrellas (nome que a principio davam a todos os astros, quer fossem planetas quer estrellas) guardavam sempre entre si a mesma ordem, obedecendo unicamente a um movimento geral, que as levava do oriente para o occidente. Observando-se depois com mais attenção as circumstancias deste movimento, notou se que umas descreviam grandes circulos, que abraçavam a terra, e que outras não descendo nunca abaixo do horisonte, descreviam circulos de differente grandeza, e como contidos um dentro outros: havia porém certa estrella muito notavel por ser a maior, que apparece n'um grande espaço de ceo a qual parecia não mudar nunca de logar. Comparando estes phenomenos o espirito humano conheceu que o ceo era um globo atravessado por um eixo em torno do qual girava de continuo, levando comsigo as que lhe giravam estrellas. Chamaram polos as duas extremidades deste eixo, uma das quaes suppozeram na direcção daquella estrella immovel, ficando a outra collocada n'um ponto diametralmente opposto.

Os phenomenos, que temos exposto, por serem os mais faceis de comprehender, foram provavelmente os primeiros, que a Astronomia explicou; porém para conhecer a natureza, e as circumstancias dos movimentos dos planetas se carecia de maior numero de factos, e de raciocinios. Verdade é que o do sol era menos complicado, mas em compensação este astro occultando com o seu resplandor todas as estrellas, que o visinham, não as deixava observar. Era por tanto preciso recorrer a outros meios, e talvez as seguintes considerações fizeram determinar a natureza, e circumstancias do seu movimento.

Já dissemos que as estrellas fixas, e moveis relativamente umas ás outras, apparecem sempre dispostas do mesmo modo, porém umas vezes offuscadas pela luz do sol, outras vezes desembaraçadas della; quadro que varia insensivelmente cada dia, e que só se assemelha quando volta a mesma estação: certa estrella, ou constellação, por exemplo, que no principio do verão apparece no alto do ceo á meia noite, com a entrada do outono desapparece de todo, ou está quasi a desapparecer: outra ha que n'uma estação nasce á meia noite, e seis mezes depois, á mesma hora está visinha do poente: outra, em fim, que apparece logo depois do pôr do sol, desapparece immediatamente sumida na luz d'aquelle astro, e quasi quarenta dias depois, mais ou menos, segundo a luz que derrama vê-se no horisonte do lado oriental um pouco antes de nascer o sol.

NATAÇÃO.

O corpo humano, no estado ordinario de saude, com os bofes cheios de ar, é mais leve do que a agua.

Esta verdade que todos deviam saber, salvaria mais gente de affogar-se, se fosse universalmente sabida, do que todos os outros meios que se usam para prevenir semelhantes desgraças.

O corpo humano, com o peito cheio de ar, fluctua naturalmente, com quasi ametade da cabeça fóra da agua, e tem tanto a qualidade de affundar-se como um bocado de páu. A coisa, pois, que unicamente se precisa para se poder respirar e viver, é ser o homem assaz senhor de si para que a parte que fica fóra da agua seja a cara.

A maior parte das pessoas que ordinariamente se affogam, acontece lhes isto pelos seguintes motivos:

1.° Porque imaginam que um continuo movimento é necessario para embaraçar que o corpo vá ao fundo; o que os move a estender-se, como quem quer nadar, na qual postura a cara fica para baixo, e seria preciso ter a cabeça toda fóra da agua para poder respirar. Como se não póde estar nesta postura sem mecher continuamente, n'um instante se esgotam as forças de qualquer, ainda que seja bom nadador, e não o sendo, isto só lhe servirá de tomar mais tres ou quatro vezes a respiração. O corpo, que com algum esforço se ergueu por instantes acima do nivel da agua, mergulha-se outro tanto para baixo, quando este esforço cessa: as pessoas que não sabem nadar, pensando que vão ao fundo, ficam assim desorientadas, e mais depressa são victimas do seu desventurado caso.

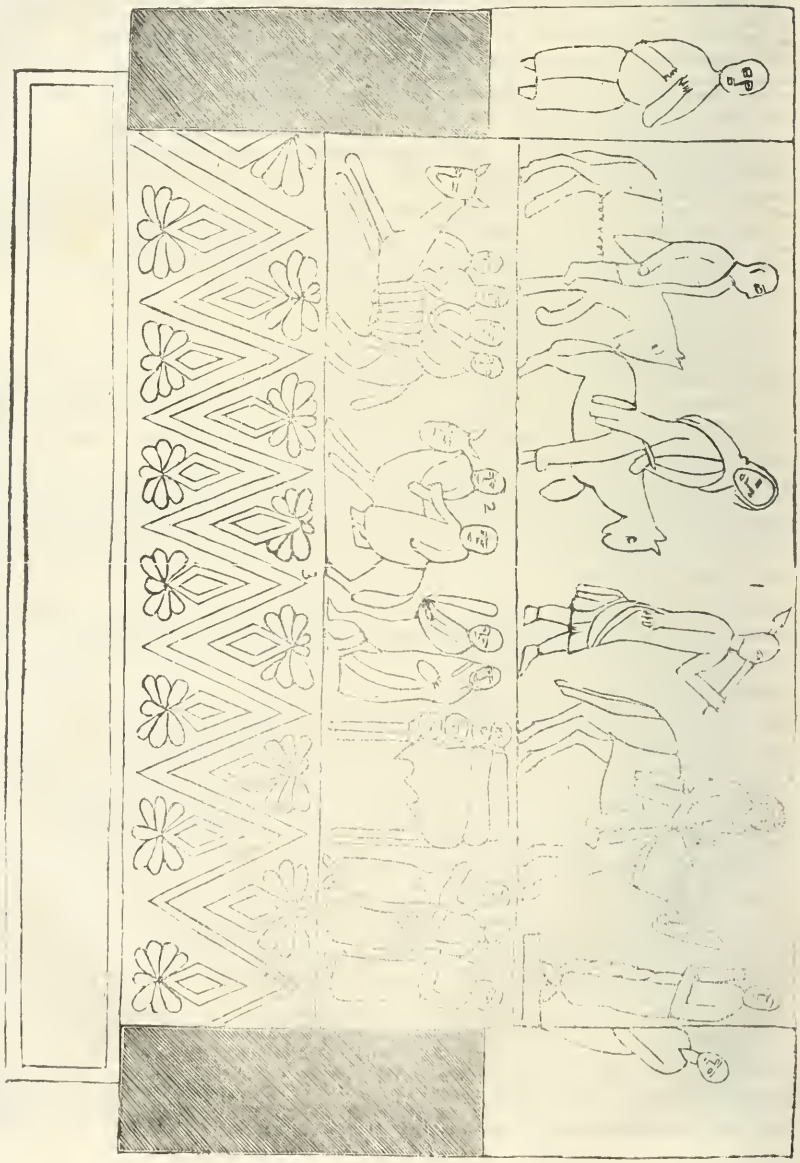
2.° Porque se tem que entrando pelos ouvidos a agua affogue a gente, como se entrasse pelo nariz ou pela boca, e para obstar a isso gastam-se desassisadamente as forças; o caso é que não póde a agua entrar alem do tympano, e por consequencia nenhum mal póde fazer. Todos os que sabem mergulhar ou nadar deixam, sem risco, cubrirem-se-lhe as orelhas d'agua.

3.° Porque quando um homem não sabe nadar vê que vai affogar-se, trabalha por conservar as mãos de fóra, crendo que as tem presas, se as conserva de

baixo da agua; mas esta tentativa é muito nociva, porque qualquer parte do corpo que se tenha de fóra junto com o rosto, que realmente carece de estar acima da superficie da agua, exige muito maior trabalho para se poder sobrelevar, o que então se torna impossivel.

4.° Porque não se attende a que, quando o corpo humano fluctua n'uma posição perpendicular, tendo só uma pequena porção acima da superficie, se a agua está agitada (como acontece no mar) ao passar qualequr vaga, a cabeça fica por um momento coberta, mas está desembaraçada dahi a um instante. O nadador habil aguarda essa occasião para respirar

5.° Porque não se conhece a importancia de ter os bofes cheios de ar o mais que se podér, o que vem a dar no mesmo que ter uma bexiga cheia de vento dependurada ao pescoço, o que bastaria para suster quasi toda a cabeça de fóra. Tanto que os pulmões ficam vazios, se a cara está debaixo da agua, não se pode já respirar, e então o corpo vai ao fundo, porque especificamente é mais pesado do que a agua.



MONUMENTO DE EGAS MONIZ.

Paço de Sousa — Egas Moniz — Fr. João Alvares.

O mosteiro benedictino de Paço de Sousa tomou este nome do Paço de Egas Moniz, edificado entre as obras do mosteiro, e do rio Sousa, que por mui perto lhe corre. O sitio em que jaz é baixo mas sadio, e distará da cidade do Porto cinco leguas para o nascente.

Segundo o chronista benedictino Fr. Leão de S. Thomaz foi o mosteiro do Salvador (mais conhecido pelo nome de Paço de Sousa) fundado por Truictozendo Guedes, neto de D. Arnaldo de Bayão, cavalleiro francez, aventureiro, que veio a Hespanha nos fins do 9.° seculo a buscar fortuna. Edificou-se o mosteiro pelos annos de 956.

Vulgarmente attribue-se a fundação de Paço de Sousa a Egas Moniz, amo ou aio de D. Affonso Henriques. Procede isto, segundo o referido chronista, de elle alli estar sepultado, e de ter accrescentado varias obras ao edificio antigo. Deste e daquellas talvez os unicos vestigios que restam são dois monumentos levantados em memoria delle, dos quaes o mais curioso damos desenhado na gravura que precede este artigo.

É sabido o que narram as antigas memorias ácerca do generoso feito de Egas Moniz no cerco de Guimarães. Achava-se D. Affonso Henriques, ainda então infante, sitiado naquella villa por seu primo Affonso 7.°, rei de Leão e Castella. Apertava-se o sitio, faltavam os meios de defensão, e o coração robusto do principe não cedia a nenhum partido dos que o temor costuma aconselhar. Era a victoria impossivel; e Egas Moniz para salvar o infante tomou sobre si ir ao campo dos Leonezes tractar da paz: em nome de D. Affonso fez promessas ao rei de Leão, sobre a natureza das quaes teem recrescido varias duvidas: o certo é que o cerco se alevantou; mas o infante recusou cumpri-las. Então o leal Egas, acompanhado de sua mulher e filhos partiu para Toledo e se foi apresentar ao rei Leonez, levando uma corda ao pescoço, para que nelle fosse feita a justiça da quebra da sua promessa. Elrei, assombrado de tanta virtude, o mandou voltar para Portugal livremente. É esta a historia que se vê esculpida no monumento, que pela barbaria do lavor bem mostra a sua veneravel antiguidade.

Esta memoria estava d'antes n'uma especie de capella, que, abrindo para o cruzeiro, dava para a parte do norte, á qual chamavam corporal. Com o andar dos tempos foi derribada: e os ossos de Egas Moniz e de seus filhos trasladados para a capella-mór, juntamente com as duas memorias, das quaes uma era a que estava sobre a sua sepultura, e a outra o monumento daquelle portentoso exemplo de fidelidade que referimos, a qual é representada na nossa gravura.

É esta composta de tres pedras: na primeira de cima se veem em relevo tosco figuras de homens a cavallo com vestidos sem ornato, e cabeça descoberta; notando-se ainda na primeira figura a corda lançada de roda do pescoço, e nas outras, terem os braços em tal situação, que parece irem maniatados, acompanhando-as peões com lanças. Na frente da mesma pedra, e na grossura della, ha figuras de mulheres como que curiosas e admiradas. Na immediata, ou do meio, apparecem tambem vultos em relevo, que dão mostra de serem a mulher e os filhos de Egas Moniz, todos a cavallo, descobertos, e com vestiduras desadornadas, ao que se segue creanças em um berço e figuras de pessoas que as acompanham, e que parecem vigia-las: a ultima pedra de baixo é de simples ornato.

O outro monumento, que omittimos aqui, representa a morte de Egas Moniz, de cuja boca sáe uma figurinha que rodeam dois anjos, e que mostra ser a alma do defunto; e mais abaixo está esculpido o enterro, em que dois homens lançam o corpo á cova, vendo-se ao pé um vulto de mulher em ar de deploração, e um abbade no acto de ler n'um livro. Por baixo tem a seguinte inscripção em latim = Aqui descança o filho de Deus Egas Moniz varão illustre. Era 1182 = A primeira linha da inscripção ficou ás avessas em uma das varias mudanças que as pedras soffreram, a ultima das quaes foi para o corpo da egreja, onde ultimamente jaziam.

Por muitos tempos foi Paço de Sousa seminario de todas as virtudes: mas pelo meado do 15.° seculo parece que os costumes dos monges estavam grandemente corruptos: foi então, que, sendo eleito abbade commendatario Fr. João Alvares, entre elle e os frades se fez uma composição para reformar o mosteiro, documento curioso que ainda existe, e do qual se vê a dissolução espantosa em que os monges viviam. Só destevel ho pergaminho extrahiremos uma anecdota menos vergonhosa: obrigaram-se nesta occasião os frades *a contentarem-se com canada e meia de vinho diariamente, em logar de tres que até ahi recebiam.*

Fr. João Alvares foi secretario do infante D. Fernando, chamado o sancto, que morreu captivo em Fez ao qual acompanhou constante nas tribulações do captiveiro. Só depois da morte do seu amo voltou da Africa, sendo dahi a poucos annos nomeado abbade commendatario de Paço de Sousa. Com sua firmeza e virtude póde alcançar a reformação do mosteiro. Negocios alheios o levaram a Roma, e á Belgica, donde escreveu aos monges tres cartas, remettendo-lhes a traducção de varios sermões *aos irmãos do ermo*, attribuidos a S. Agostinho, e da regra de S. Bento bem como uma copia do celebre livro da *Imitação de Christo*. As cartas acham-se impressas nas dissertações chronologicas do Sr. João Pedro Ribeiro: o resto do manuscripto, que com as cartas e aquellas versões formava um volume de quarto, desappareceu de Paço de Sousa, quando se extinguiu o mosteiro.

Além disto deixou Fr. João Alvares uma relação singela da vida do infante sancto, a qual se imprimiu em 1527, e de que mais edições se fizeram depois, mas grandemente alteradas.

Sabemos que Fr. João Alvares, havendo concluido as suas viagens voltára a Portugal; mas ignorâmos o logar e o anno da sua morte.

ESTADO ACTUAL DA GRECIA.

Escaças são as noticias que entre nós ha, acerca deste novo reino da Europa. Até não é vulgar encontrarmos quem saiba de quantas ilhas e provincias continentaes se compõe este Estado, para cujo governo foi chamado o principe Otho de Baviera, pela convenção de Londres de 7 de Maio de 1832.

Antes desta convenção e de ser elevada a Grecia a cathegoria de reino em Fevereiro de 1830, haviam os Gregos proclamado a sua independencia; e já no mez de Janeiro de 1822 tinham creado um governo provisorio, que se compunha do poder executivo, do senado legislativo, do poder judiciario, e de varias auctoridades territoriaes, annualmente eleitas. Foi esta constituição alterada em 1823 pela assembléa nacional, convocada para Ostra com esse intuito; e então se crearam as prefeituras ou *eparchias*, pelas quaes foram substituidas as administrações provinciaes.

No anno de 1827 proclamou-se em Trezene uma

nova constituição: porém em 1832 chegou o principe Otho, com cuja subida ao throno foi annullado aquelle codigo, ficando o novo monarcha debaixo da protecção das nações que tinham triumphado em Navarino. Recebeu a Grecia de máu-grado a quebra das suas instituições, mas foi constrangida pela força maior a calar-se. Otho prometteu dar aos Gregos uma nova lei fundamental; veremos se esta promessa é com effeito cumprida.

Para as despezas da guerra da independencia haviam os Gregos contrahido dois emprestimos: o 1.º no anno de 1824, de oitocentas mil libras esterlinas a 59 por cento; o 2.º em 1825 de dois milhões de libras a 554, servindo a ambos de hypotheca os bens nacionaes e as rendas do estado. Depois de subir ao throno o principe Otho, contrahiu a Grecia mais outro emprestimo, de sessenta milhões de francos a 94 por cento, do qual foram fiadores os governos francez, inglez, e russiano.

Podemos hoje calcular a receita deste paiz em 1600 contos de réis, do qual rendimento a dotação da casa real absorve só por si 160 contos, ou a decima parte delle. O resto se gasta em manter, além de um exercito de dez mil homens, oito ministros, muitos conselheiros de estado, e um enxame de empregados subalternos. Deste modo tendo os rendimentos de 1833, 1834, 1835, e 1836 produzido sómente 5790 contos, e orçando a despeza por 9612 contos, houve um *deficit* naquelles quatro annos de quasi 3900 contos de réis.

Á vista do que referimos, podemos dizer que a divida publica deste novo reino é, com pouca differenda 54 milhões de cruzados, a cargo de um paiz, apenas povoado por 788000 almas, e já onerado com graves impostos, que se consomem sem utilidade da nação.

Pelo que toca á instrucção publica, está ainda em desenho a creação de escholas primarias, e a fundação de uma universidade. Não tracta o governo de proteger a agricultura; e a industria vai ainda muito atrazada. Fabricas não as ha; e em muitas povoações é difficultoso achar officiaes que trabalhem até nos mais ordinarios misteres.

O que unicamente tem aproveitado com a independencia da Grecia é o commercio. Ha em Syra tres companhias de seguros, cujos capitaes montam ao todo em 80 milhões de cruzados. Esta cidade cuja povoação não passava de 6000 almas ao romper da guerra, contava 30000 moradores quando se assentou a paz. Hydra, que, depois de Syra, é a mais formosa e povoada cidade da Grecia, tem perto de 15000 habitantes. Os Hydriotas, que constituem a parte mais laboriosa da nação, possuem hoje para cima de 120 navios de carga de 150 a 170 toneladas

As mercadorias importadas para este paiz subiram em 1831 ao valor de 4445 contos, e as exportadas delle apenas valeriam 1078. Devemos porém advertir que Syra, escala principal do commercio grego, é como o armazem ou deposito, donde se extrahem as mercadorias para as outras ilhas, e tambem para a Moréa e Romelia; que, afóra isso, aquella praça abastece por miudo a Turquia europea e asiatica, e que estas reexportações feitas por costeação não as temos na conta. A navegação commercial dos Gregos em 1831 foi de 2685 navios do porte de 245:273 toneladas, ao todo.

Os generos que a Grecia exporta são vinho, aguardente, passas de Corintho, lã, seda em rama, cobre velho, cera, e ruiva dos tintureiros.

Não ao governo, mas á sua posição geographica deve a Grecia o florescente estado do seu commercio. Collocada, digamos assim, no meio do Mediterraneo, entre a Europa, a Asia, e a Africa, abrindo-se nas suas costas portos excellentes, poderia, por ventura, a sua navegação estender-se facilmente não só até o Mar Negro e o Egypto, mas ainda até Italia, França, e Inglaterra. Affamada foi sempre a formosura e bondade do clima da Grecia: fertilissimo é o seu territorio, nomeadamente nas bandas orientaes da Phocida e da Beocia, na Messenia, e nas cercanias de Calamata.

De que carece, pois, este paiz para a sua prosperidade? Carece de um governo judicioso, que lhe dê boas instituições, em vez das ordens de cavallaria, de que a inçou o governo do rei Otho.

OS PAMPAS.

São os Pampas umas vastas planicies da America do Sul, situadas no sertão da republica de Buenos Ayres. Jazem estes vastos plainos entre Buenos-Ayres e o Chili por uma grande extensão de legoas. Cortam-os alguns rios; mas não se veem ahi arvores, e a unica vegetação que nelles ha é uma relva mui rasteira. Para o lado do noroeste fica-lhes um territorio tambem chão, o qual, em vez de relva, cobrem arvores espinhosas, çarças, e muitos brejos e alagoas de agua salgada. Todo o terreno é salino, e chamam-lhe a Travessia ou o Deserto de Mendoza.

Os Indios selvagens que apparecem pelos Pampas são varias tribus que em outro tempo para alli vieram dos paizes circumvisinhos, ou acossados pelos Hespanhoes, ou em consequencia da muita caça que havia nestes plainos pantanosos. Dão-lhes o mesmo nome do paiz, e chamam-lhes tambem os Pampas. E estes povos andavam sempre em guerra com os colonos da Europa, e com os Indios que a estes se uniram, e de que se formou uma raça mestiça chamada Ganchos. Esta raça votou odio eterno aos Pampas, a que podemos chamar aborigines, e a guerra entre uns e outros ainda não acabou de todo, apesar da paz que o governo de Buenos-Ayres fez em 1796 com os Indios primitivos ou Pampas.

Estes são principalmente da casta dos Araucanos, tão celebres pelo seu valor, e pelas guerras que tiveram com os Hespanhoes. Os Araucanos são uma divisão da raça dos Patagões, de que em outro logar daremos noticias assaz curiosas.

Tem os Pampas todos os caracteres physicos dos Americanos tanto do norte como do sul: mas o tracto com os Europeus não tem feito nelles tantas mudanças como nos seus irmãos do norte. É gente habilidosa em obras de tecidos, e trastes de pelles, das quaes fazem cestos, freios, chicotes, e outras coisas curiosissimas, e algumas grandemente uteis, como são as botas de pelle de cavallo. Tingem-se como os outros selvagens de varias côres, mas somente pela cara. Andam ordinariamente nus, quer vão á guerra, quer a caça, e nas suas habitações andam do mesmo modo, salvo se faz frio, ou se vão as povoações, porque então vestem uma especie de saio de fundo branco e sarapintado por cima, que chamam chilipa, e deitam ás costas o poncho, que é como um cobertor.

Para caçar ou pelejar servem-se os Pampas de certas bolas presas a uma corda, com duas ou mais pernas, as quaes despedem, e puxam para si, depois de terem com ellas enredado o homem ou animal a que fazem o tiro. Trazem tambem lanças, terçados sem bainha, e lanças do comprimento de dez pés, adornadas no conto com penas de abestruz; mas a sua arma principal é a das bolas, de que se servem com espantosa

destreza, correndo a cavallo, e girando com ellas á roda da cabeça, antes de as despedirem. A mais abundante caça que ha nestas planicies frequentadas dos Pampas é a especie de abestruz a que no Brasil chamam emas.

A raça que hoje constitue a principal população dos Pampas são os Gauchos, de que já fallámos. Os Gauchos são os mestiços descendentes dos Indios convertidos e dos Hespanhoes, ou Indios que se uniram com estes; e em geral se dá este nome a todos os christãos que habitam os Pampas. Vivem em cabanas espalhadas por aquelles campos, ou, como pastores e criados, nas estancias (fazendas) dos Hespanhoes de Buenos-Ayres. Estas estancias são casas que os proprietarios ricos tem por aquellas campinas, onde vivem os guardadores dos seus gados, unica, mas abundantissima, producção dos Pampas. Ordinariamente estas estancias compõem-se de tres casas, uma para o capataz ou feitor, e para os criados gauchos, outra que serve de cosinha, e que tambem é a morada dos escravos pretos, outra, em fim, que é a que fica no centro, e está mais adereçada, na qual se recolhe o proprietario quando vai á estancia. Nos arredores desta pascem manadas de bois e de cavallos, contendo muitas mil cabeças. Todo este gado é marcado, e a forragem fazem-na os Gauchos e os escravos por Junho e Julho: tambem está a seu cargo o correr de tempos a tempos os limites da fazenda, para fazer entrar para ella algum gado que ande arredio. No inverno e primavera faz-se grande carnagem de bois, para lhes aproveitar o couro, o sebo, e a carne dos lombos, que se corta em mantas delgadas e se guarda para exportação, depois de mettida em salmoura e secca ao ar. Ovelhas, havia d'antes tantas, que as vendiam a 60 réis por cabeça: mas hoje, sobre tudo perto de Buenos-Ayres, já vão escaceando muito. As que ha guardam-nas cães ovelheiros, sem mais pegureiro, e elles as levam a pastar, e trazem ao redil ao anoitecer. São estes cães de raça grande, e ácerca delles ha coisas curiosas e de notar. Em pequenos são amamentados por ovelhas, com as quaes começam a andar por fóra ainda mui novos. Quando estão crescidos, os criados das estancias os fartam bem todos os dias pela manhãa, e lhes dependuram ao pescoço um cestinho com comida; porque se lhes der a vontade de comer voltarão para casa logo. Carne de ovelha não lh'a deem; porque ainda que tenham fome de palmo, antes morrerão do que come-la. Muitos destes cães são mastins; porém grande parte delles são gôzos.

Os costumes dos Gauchos das estancias estão em harmonia com a sua situação. Habitantes de extensas campinas, pelas quaes correm á sua vontade, custa-lhes a affazerem-se ao trabalho, e ainda mais á obediencia; religião e brandura não gastam muita, por viverem affastados ás vezes uns dos outros vinte ou trinta legoas, e o mesmo das ermidas ou parochias, que poucas são. Se uma vez por outra vão á missa, ouvem-na a cavallo á porta da igreja; mas o que não dispensam é serem enterrados em chão sagrado. Como isto não é facil por causa das distancias, quando algum morre os parentes o cobrem de pedras e troncos de arvores, onde as ha, até se lhe consumirem as carnes, e depois levam a ossada ao cemiterio: ás vezes, por maior brevidade, partem o defunto em pedaços, separam com uma faca os ossos da carne, enterram esta, e levam aquelles ao parocho para que lhes dê sepultura ecclesiastica. Se a igreja fica a menos de vinte legoas, poem o defunto a cavallo, seguro por detraz com dois páus em aspa, e com os pés nos estribos, e assim o conduzem á parochia mais proxima.

Quanto ao vestuario, os mais abastados, como os feitores e maioraes, trajam á europea, mas os criados andam em geral com a chilipa e chapeo na cabeça, posto que alguns tragam calças brancas, o poncho, e botas de couro de cavallo. — As mulheres que andam descalças e muito çujas, usam de certa camisa sem mangas, atada pela cintura. Costumam de ordinario ter uma por junto; e quando a querem lavar, vão ao rio tiram-na, lavam-na, e depois de a enxugarem ao sol, vestem-na, voltam para casa. A habilidade não lhe sobeja; não fiam, nem cozem; apenas varrem a casa e accendem o lume para assar carne, guisado unico dos Gauchos. Estes, pelo lado do vestuario, tambem não são muito abastados, porque commummente não tem senão uma andaina de roupa; assim, quando a chuva os colhe em descampado, despem-se, e mettem o fato debaixo do couro com que cobrem a sella do cavallo, e vão assim á fresca até que passe o aguaceiro. Dizem a isso, que a pelle secca-lhes logo, e que o fato levaria mais tempo.

A educação que os Gauchos dão aos filhos é ensina-los a montar a cavallo. Apenas a creança tem oito dias, toma-a o pae nos braços, e vai correndo a cavallo pelo campo, até que o rapaz desate em berreiros: então volta com elle a casa para que a mãi lhe dê de mamar. Repete-se isto até a creança chegar á idade em que possa montar n'um cavallo já velho e manso. Com esta educação bravia ficam os Gauchos selvagens e desconversaveis; fogem do tracto de quem não conhecem; não tem amor de patria, não obedecem a ninguem; e acostumados desde a infancia a ver matar animaes, a vida de qualquer homem é para elles coisa de mui pouco momento: frequentes vezes commettem assassinios, sem porque, e com a maior tranquillidade de espirito. Dahi tiram, com tudo, tambem proveitos; são robustos e saudaveis, sobre tudo os mestiços de sangue hespanhol e indio: soffrem a doença e as mais asperas dôres, sem soltar um só gemido. A propria vida teem-na em mui pequena conta. Um mulato que esteja de má tenção com um destes mestiços, vem ter com elle, e sem descer do cavallo lhe diz «Meu amigo estou arrenegado comtigo venho matar-te.» O mestiço pergunta-lhe então o porque: dá-lhe o mulato a razão, sem se alterar, nem levantar a voz; depois apea-se e mata-o. . . . e esta horrivel scena se passa diante de muita gente, sem que ninguem se metta de permeio.

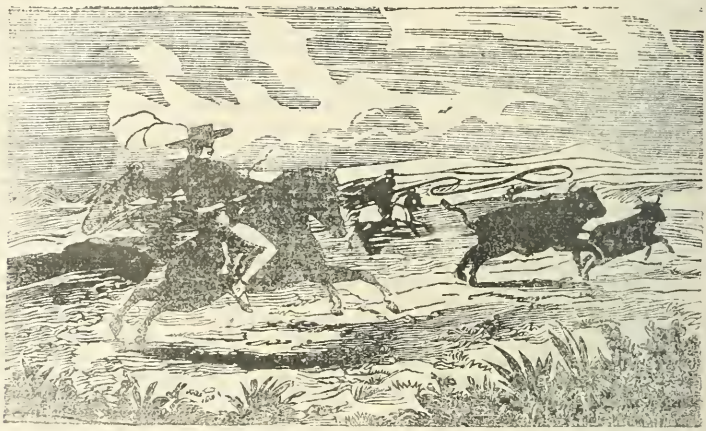
O que admira é serem estes Gauchos agasalhadores dos estrangeiros. Dão abrigo e de comer a qualquer viajante, e nem sequer lhe perguntam donde vem ou para onde vai. Custa-lhes o assoldadar-se: e quando lhes parece deixam o amo, dando por motivo unico o terem-no servido já muito tempo: gostam de jogar cartas, mas sempre com a faca ou punhal cravado em terra para matar o que fizer ladroeira. Joga o Gaucho até a camisa, se está boa; e se a perde, o que ganha dá-lhe a sua; porque todos elles assentam, que em consciencia ninguem deve ter mais do que uma.

Gaucho a pé, ninguem o vê. Podemos dizer que apenas sabem andar; e por isso, trabalho que não se possa fazer a cavallo, não o fazem. Nas pulperias ou estalagens estão horas inteiras a conversar sem se apearem: pescam a cavallo; e até a cavallo vão tirar agua dos poços, puxando o balde com uma corda, que levam presa á sella, sem desmontarem.

Já deste frequente uso se póde vêr quão destros cavalgadores são. Posto que montem com pouco ar, seguram-se bem, e por mais que um cavallo corra, escoucêe ou se empine, não é capaz de os deitar a terra. O mais que lhes succede é cair o cavallo, quando corre á redea solta; mas elles ficam sempre em pé e

sem largar as redeas. Os estribos de que usam são uns triangulos de páu em que apenas lhes cabe a ponta do pé.

Não são os Gauchos menos destros do que os Pampas em atirar com as cordas emboladas, de que já fizemos menção; porém no que são eximios é em deitar o laço. É este uma corda comprida feita de tiras de couro em uma de cujas pontas ha uma laçada corredia, e a outra está presa n'um gancho pregado na sella do cavallo do caçador. O Gaucho leva a corda enrolada em voltas, e pendurada na mão direita, até se aproximar do animal que persegue. Chegando a tiro arroja a corda com mão tão certa que a laçada vai encaixar-se no pescoço ou pontas do animal. O caçador toca então o cavallo para o lado, para quebrar a força do puxão que dá a presa quando se sente agarrada. Muitas vezes os touros, para apanhar os quaes principalmente usam do laço, correm com tanta ligeireza, ainda depois de terem a cabeça mettida na laçada, que levam a rastos o cavallo e o cavalleiro. Cáe o animal por fim, e o caçador corre sempre, levando-o aos tombos, para o não deixar firmar-se bem nos pés, até chegar a sitio em que o possa prender, ou em que alguem venha, e decepe as pernas do animal.



MODO DE ATIBAR O LAÇO.

A Primavera — Poema do Sr. Castilho.

Publicações litterarias são hoje raras em Portugal: — rarissimas as boas: a utilidade de um livro bom, verse este sobre o que versar, é indubitavel. A raridade, pois, e a utilidade das obras modernas bem escriptas nos movem a dar no Panorama noticias dellas, quando apparecem, porque entendemos que nisso fazemos serviço ao publico, sem que no decurso do anno tenhamos de encher muitas paginas com semelhantes materias. Oxalá a abundancia dellas nos embargasse o menciona-las n'um jornal destinado principalmente a outros objectos de instrucção popular!

O livro do Sr. Castilho não é fundamentalmente uma obra nova, mas é a poesia vivida da juventude aprimorada pela poesia severa do genio já maduro e repassado de meditação e de estudo. Na differença da antiga á moderna *Primavera* se contém a historia do progresso poetico do Sr. Castilho: é por isso que, longe de o reprehendermos por haver corrigido em vez de compôr de novo, o louvamos. Quando as vagas dos seculos tiverem passado muitas vezes por cima dos sepulchros da geração que ora vive: quando a posteridade tiver feito inteira justiça ao maior poeta portuguez dos nossos dias, darão as duas Primaveras argumento para o julgar. As opiniões que o tempo foi melhor acertando, o estilo que se foi mudando, serão materia de estudo para vindouros, porque ahi se julgou o genio a si mesmo: ahi notou imperfeições que a critica por ventura não notaria: ahi, em fim, o grande poeta deu lições de bom gosto. Nem é de arrecear que o tempo que nisto empregou o auctor da Primavera faça falta a novas composições. No vigor da idade e do talento é mui rica a fonte do seu engenho, para que de novo deixe de correr abundante por ter sido derivada algum tempo para dar viço e vida ás flores da Primavera.

Alguem acha tambem que o livro vem mui recheado de prosas: nós o quizeramos ainda mais cheio dellas; porque na prosa do Sr. Castilho se encontra muita poesia, e porque a harmonia dos versos é o menos signal daquelles com que se revela o poeta.

Terminaremos recommendando o livro por ser um modelo de linguagem pura e de engenho, e mais que tudo porque é uma voz de paz, de brandura, e de amor alevantada no meio dos odios civis, e das paixões procellosas deste seculo de transição.

Caldo feito em uma hora — Quando fôr necessario fazer um caldo muito á pressa, quer seja para um doente, quer para outro fim, cortar-se-ha em pedacinhos um arratel de carne de vacca ou de vitella, e dentro de uma cassarola se lhe juntarão cenouras, cebolas, um pouco de toucinho, e meio copo de agua. Deixa-se refugar e apurar tudo isto, sem lhe dar muito lume, até começar a pegar-se á cassarola. Então deita-se-lhe quartilho e meio d'agua, e umas penras de sal, e em tendo fervido por espaço de meia hora, côa-se por um panno, e eis o caldo pronto.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.° 55 = 1.° andar.

Lisboa — Na Imprensa Nacional.

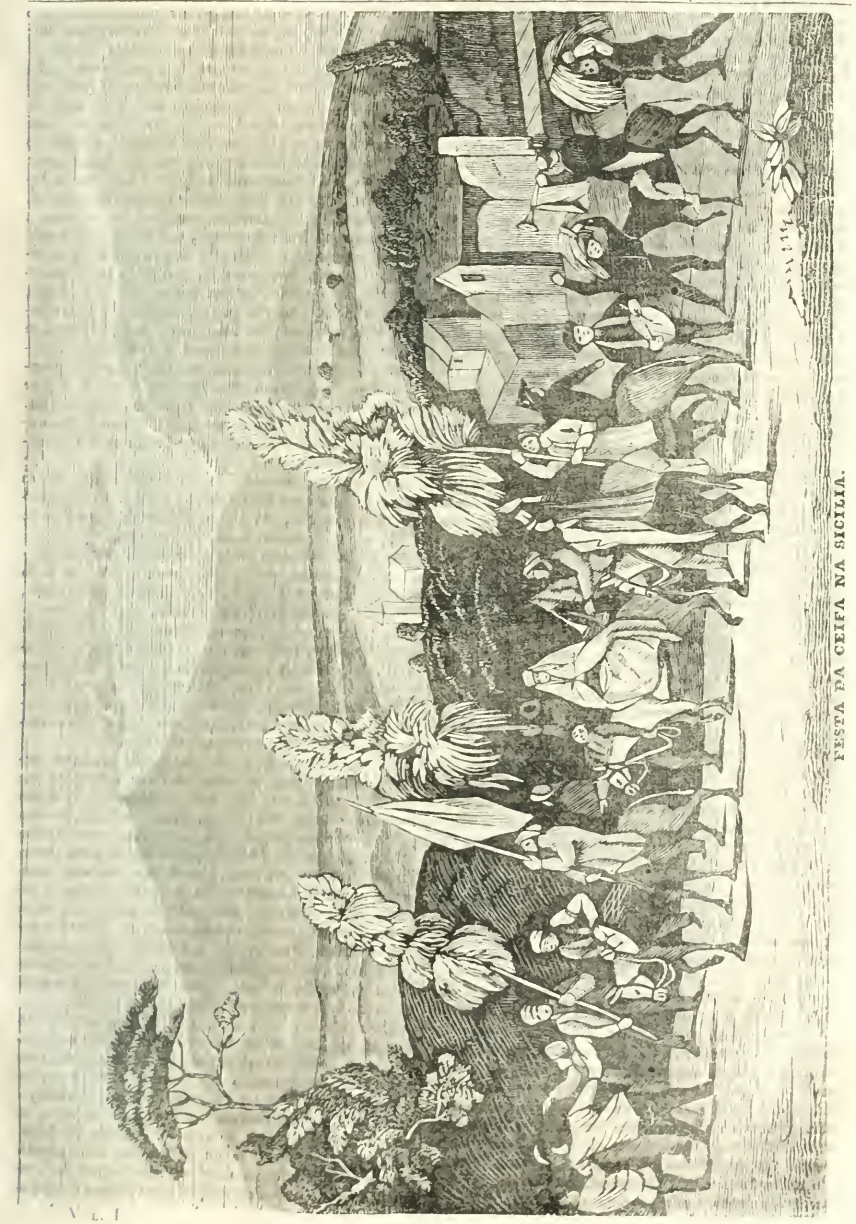
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

(1) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 5, 1837.



FESTA DA CEIFA NA SICILIA.

AGRICULTURA NA SICILIA.

A Sicilia, a maior das ilhas do Mediterraneo, em todos os tempos foi notavel por suas bellezas naturaes, e fertilidade de terreno. Juntas estas vantagens ás que procedem da localidade fizeram com que sempre fosse a posse della objecto da cobiça das nações, que, em diversos periodos, tiveram influencia no Mediterraneo. Alguns seculos antes da era de Christo estava cheia de colonias de gregos, que com o andar dos tempos chegaram a rivalisar com o seu paiz natal em opulencia, força, e luxo. Estas na sua declinação largaram o campo ao nascente poder de Carthago, e os carthaginezes, por seu turno, cederam á suprema fortuna dos romanos. Todos sabem que a primeira *guerra púnica* começou na Sicilia. Foi este o primeiro territorio que os romanos reduziram á fórma de provincia, e como diz Cicero: « Onde primeiro souberam quão excellente era dominar nações estranhas, e onde lançaram os fundamentos para a conquista da Africa. » Enviavam com abundancia para a metropole as producções daquelle fertil paiz, que lhe fornecia meios de sustentar milhares dos seus povoadores; e da sua importancia a este respeito tinham elles exacta idéa, porque lhe chamavam familiarmente *o celleiro de Roma*. O mesmo Cicero diz que seus antepassados acharam alli um thesouro, porque durante a *guerra social*, que por dois annos abalou vivamente a Italia, não só a Sicilia alimentou os soldados, mas até os vestiu, e armou, sem despeza alguma da republica.

A superficie do interior da ilha é muito variada; distinguem-na principalmente os outeiros, que a cada passo se erguem em altas montanhas, e os valles, que se espraiam em vastas campinas de exuberante fertilidade. Brydone descrevendo a sua viagem pela ilha exalta grandemente a sua paizagem.

« A belleza e riqueza do paiz [diz elle] cresce á proporção que nos vamos adiantando. Os montes, posto que de grande altura, são cobertos até á extrema summidade com a mais abundante relva. A herva nos valles já está inteiramente secca, de fórma que os rebanhos andam todos agora pelos montes. A gradual separação do calor, e do frio é muito visivel. Os valles parecem pardos, e chamuscados, e o mesmo as faldas das montanhas até consideravel altura; e dahi para cima começam a tomar uma sombra de verdura, que se vae fazendo cada vez mais e mais escura, e cobre todas as regiões superiores: todavia a herva, e o trigo, não são tão viçosos nos cimos, como nas regiões medias. Nós estavamos attonitos de ver a pasmosa riqueza das colheitas, muito e muito superior a quanto vimos por Inglaterra, e por Hollanda, onde um chão feliz é ajudado com todos os artificios da cultivação; porém ao mesmo tempo o miseravel lavrador siciliano difficilmente póde vender para os gastos da lavoura; e ceifa desgostoso, e tristonho, as mais abundantes seáras. E para que as teve elle? — só para jazerem como productos estagnados em sua mão, e ás vezes até que de todo se arruinam, sendo vedada a exportação a todo o que não póde pagar exorbitantes impostos para entrarem nos cofres reaes. »

Os trabalhos da agricultura na Sicilia são dirigidos com muito pouca arte. Os instrumentos, de que usam, mostram mais a rudeza d'antigos tempos do que os melhoramentos da sciencia moderna; e quando, em Inglaterra, por exemplo, os agricultores debatem, e determinam o merecimento comparativo dos arados escocezes e inglezes, os dos sicilianos permanecem ainda tão grosseiramente construidos como na vida do poeta das Latinas Georgicas. Inda mal que de semelhante censura não pequeno quinhão cabe á nossa terra. Todavia os sicilianos ainda estão peiores do que nós.

O arado siciliano consiste n'uma peça de páu, de onze pés de comprido; n'uma das pontas amarram os bois, e a outra encaixa obliquamente n'outra peça de madeira de quasi cinco pés de comprimento; a parte inferior é aguçada para penetrar, ou [como diz Mr. Simond] arranhar na terra; a parte superior serve de péga ao lavrador, e por sua curteza lhe faz gastar no trabalho dobrado tempo do que se fosse com mais asado instrumento. A extremidade que entra no chão é muitas vezes, mas nem sempre, guarnecida de ferro; por tanto substitue imperfeitissimamente o nosso arado de relha, *lavrando apenas pouco mais fundo do que um porco com o focinho*, diz um viajante. Este instrumento da edade primitiva é sujeito a todos os inconvenientes da falta de uma relha, e das aivecas; e a fórma da rabiça torna difficil ao lavrador a tarefa de o guiar em linha recta. Os carros, enxadas, e aneinhos são egualmente grosseiros; e supprem a grade com um feixe de garças, e arbustos espinhosos, puxado por um boi. Quando as terras são estrumadas, o que raras vezes succedê, dão trigo todos os annos; e senão de tres em tres annos, por esta fórma; — no primeiro anno, trigo; no segundo, alqueivam-se, e só dão herva para feno; no terceiro, lavram-se varias vezes e semeiam-se para o quarto anno. Alguns proprietarios alternam com favas, que lá é grande artigo de consumo para homens e gados, e que muitas vezes tanto as comem cruas uns como outros.

Em tudo isto nos referimos a Mr. Simond, viajante moderno, e acreditado, e que já em outros numeros temos citado.

As terras certamente dão na Sicilia muito menos do que dariam com um soffrivel amanho. O trigo produz oito sementes, em alguns districtos dezeseis, e ás vezes, em annos mais favoraveis, trinta.

As melhores castas de trigo da Sicilia são duas, — uma, de bago comprido, duas vezes maior que o do nosso paiz, e que lá usam cosido inteiro, como arroz; — outra, de um grão oval, molle, que faz uma farinha notavelmente branca, empregada só em pão de luxo, biscoitos, e massas, &c. A ceifa começa nos fins de Junho, e continua em Julho e Agosto. Ha alguns bocados de terreno, chamados *ortoggi*, que, sendo regados artificialmente, dão no anno duas colheitas successivas do mesmo producto, mas são comparativamente poucos, e de pequena extensão.

Ha em differentes partes da Sicilia armazens publicos, onde o trigo se póde depositar e guardar por tempo consideravel. São geralmente excavações em rochas calcareas, ou covas no chão, do feitio de uma garrafa com seu gargalo, emparedadas, e construidas á prova d'agua em dimensões sufficientes para encerrarem seiscentos ou setecentos moios. Quando o armazem está sufficientemente cheio lhe tapam a entrada com pedra e cal para vedarem a communicação do ar. Por este meio se conserva o trigo dilatados annos, e parece que os romanos assim o guardavam; achando-se nas Gallias e Hespanhas muitas destas espaçosas cavernas, sobre as quaes tem escripto os antiquarios, e os economistas, largas dissertações.

Os armazens, ou *caricatori*, nos portos d'embarque de trigos [porque ha certos portos por onde sómente se podem exportar] são numerosos e amplos: póde alli depositar-se o trigo até occorrer opportunidade de o embarcar. Sendo de boa qualidade, e transportado immediatamente depois da colheita, ou do ultimo de Agosto, é armazenado livre de despezas; sendo o lucro da venda por grosso, desde aquelle periodo, sufficiente para costear todos os gastos. O recolhimento do *caricator* é objecto de compras d'especu-

lação em Palermo, Messina, ou Catania, conforme a subida, ou baixa do preço do trigo. O que deposita póde vender a quantidade com que entra nas porções que quizer, dando-se de tudo conta fiel.

Faz pasmar em realidade que um paiz como a Sicilia, a quem a natureza liberalisou tanto os seus dons, apresente o quadro lastimoso da pobreza, e do abatimento, em que se acha. De ha muito que a sua triste condição jaz inalteravel. Brydone, depois de observar que a fertilidade da maior parte das planicies, sem tapumes, sem adubos, e quasi sem cultivo, é verdadeiramente assombrosa, diz que se a ilha fosse bem cultivada seria o grande celleiro da Europa. Do mesmo modo refere Simond que poderia ter cinco tantos da actual população, se a deixassem laborar sem estorvos, e desagrilhoada de absurdas disposições regulamentares, porque a natural capacidade das terras é superior á má cultura. O distincto economista Mr. Mac Culloch, auctor do moderno *Diccionario de Commercio*, attribue o estado retrogrado da Sicilia á especie de dependencia colonial, em que sempre têem conservado esta ilha as potencias da Europa, que a têem regido.

Quando os romanos foram expulsos da Sicilia, foram os sarracenos os que primeiro a occuparam, depois os normandos, e dahi os francezes: findou o dominio destes com as famigeradas, e sanguinolentas Vesperas Sicilianas; e um principe da casa de Aragão foi chamado ao throno, ficando a ilha como uma dependencia, primeiro da corôa hespanhola, e ultimamente do reino de Napoles. — Os abusos multiplicados, que medraram em Hespanha em tempo de Fernando o Catholico, e de seus successores da linha austriaca, se espalharam com a mesma abundancia pela Sicilia, e a experiencia mostrou que não menos destruidores foram da industria e civilisação da ilha, do que em Hespanha. O regimen napolitano lhe tem sido egualmente pernicioso. Brydone, no seculo passado, notou, e reprehendeu vigorosamente os máus effeitos de uma administração funesta. — « É realmente de todo incomprehensivel [diz elle] como um governo, por execravel que seja, póde ser capaz de fazer pobre e miseravel um paiz, que produz quasi espontaneamente quanto até o luxo póde desejar. »

Em outra parte fallando dos habitantes de uma aldêa por onde passou. — « A vista deste miseravel povo me penetrou d'indignação. Esta aldêa está cercada dos mais bellos terrenos do mundo; e não obstante isso nem pão, nem vinho lá se encontrava; e os pobres habitantes pareciam meios mortos de fome. »

Mr. Simond, viajante muito moderno, não é menos severo. Caracterisa o governo da ilha como se reunisse quasi todos os defeitos, tanto theoricos como practicos, de que as instituições politicas são susceptiveis.

— « É um modelo [diz elle] neste sentido: alli achámos um systema de leis inteiramente barbaro, e a administração dellas notoriamente corrompida, e tributos enormes levantados arbitraria e desegualmente. As terras geralmente se arrendam, ou afforam, com taes condições que são inalienaveis, de fórma que poucos podem ser proprietarios; e os arrendamentos, pelo menos os das terras da Egreja, ligam sómente o foreiro, e não o directo senhor. — A falta d'estradas não pódem transportar-se as producções de umas a outras partes da ilha: em consequencia disto, póde, como frequentemente acontece, existir a escacez e a abundancia, ao mesmo tempo em differentes sitios, sem meios de opportuna, e efficaz communicação. » —

Ha muitos paizes na Europa, cujos interesses materiaes padecem pela ruindade das estradas; porém na Sicilia o mal subiu a um ponto, a que nada chega. A natureza da superficie da ilha muito variada faz impraticavel qualquer systema de communicação, que não seja o d'estradas artificiaes, construidas com habilidade, e que vençam os muitos obstaculos naturaes do sólo; mas, não obstante esta precisão, as não ha, mesmo entre cidades principaes; e nas partes mais remotas do interior unicamente as substituem, em o tempo secco, os leitos *dei fiumari*, ou torrentes das montanhas. Contam que o rei, que falleceu, dera uma vez volta á roda da ilha com o principe hereditario, e não só vira o máu estado das estradas, mas até sofrêra seus transtornos trabalhando por vencer os obstaculos, que se lhe oppunham no caminho. Julgaram que era excellente a occasião de instar pela conveniencia e necessidade de fazer alguns melhoramentos, e choveram para este fim as petições de todos os districtos; mas o rei, assim que se apanhou são e salvo em casa, disse que elle tinha concluido a jornada, e os mais que fizessem outro tanto.

Todavia, o grande impedimento [segundo Macculloch] com que tem de batalhar a industria siciliana é a restricção imposta na exportação do genero commercial da ilha, o trigo; porque ainda que as difficuldades já não são como eram algum tempo, com tudo inda são tantas, que oppõem invencivel obstaculo á diffusão dos melhoramentos, e desinvolvimento dos recursos nacionaes. Nenhuma exportação de trigo se póde effectuar sem permissão do *Real Patrimonio*, tribunal a que attribuem o encargo de fiscalisar annualmente o todo da producção, e a quantidade necessaria para consumo interior. Quando esta corporação decide que póde fazer-se a exportação, publica as suas licenças para certas quantidades determinadas, ou [como alguns dizem] vende-se a meia duzia de individuos favorecidos, que por consequencia ficam habeis para regular os preços; de maneira que estes, e não os cultivadores, tiram todo o proveito. — « Por isso [diz Simond] quer as colheitas sejam fartas, quer minguadas, nada influem nos ganhos dos productores, que se desanimam; e frequentemente escaceia o trigo n'um paiz, que outr'ora foi o celleiro da imperial Roma; isto tendo agora um sexto da população, que tinha nossa epocha. »

O mesmo escriptor menciona como prova do apuro, e extensão do systema fiscal, que ninguem póde ir de uma cidade para outra com um pão ou uma peça de carnes, sem permissão especial. E o peior é que toda esta vexação é sem resultado; sendo no caminho para o thesouro sangradas as pequenas fontes de rendimento por dilapidações de toda a casta.

— « Se a bondade do terreno não fosse contrariada por leis e instituições viciosas [é a opinião de Mr. Mac Culloch], a Sicilia indubitavelmente seria um dos mais bellos e ricos paizes da Europa; o que necessita é segurança da propriedade, e liberdade da industria. Deixem-a empregar livremente os seus meios, e dentro em poucos annos desinvolverá os seus desmedidos recursos; e Girgenti, Termini, e Sciacca, virão a ser muito notaveis escalas para exportação de trigos. » —

A gravura, que precede este artigo, é o conspecto de uma festa popular, que costumam fazer os camponezes das visinhanças de Catania para celebrar o fim das ceifas, e debulhas. A figura principal da procissão é uma rapariga vestida de branco, e montada n'um jumento; á roda vão muitos homens em cavalgaduras semelhantes, e outros a pé levando paveias de trigo em signal das ceifas, que concluiram. Realça, e anima de ordinario esta scena o copioso concurso de povo, e acompanhamento de musicas. Dizem que este costume data de mui remota antiguidade, e parece ser uma reliquia das festas pagãs de Ceres, deusa protectora de seáras.

Primeiros reis portuguezes — Antigas dissenções com Roma.

II.

Herdou o sceptro de D. Sancho 1.º seu filho D. Affonso, esforçado cavalleiro, mas ambicioso de gloria e de mando. Tinha o rei defuncto legado ás infantas D. Tareja e D. Sancha, irmaãs do moço principe, as villas de Montemór, Esgueira, e Alemquer, e elle pretendia desapossa-las da herança paterna. O rei de Leão que fôra casado com D. Tareja, e della depois separado por serem parentes, tomou a seu cargo o defende-la. Armou-se d'ahi guerra, em que o papa interveio com excommunhões: mas parece, que D. Affonso cedeu, em parte de suas pretenções, mais por temor das armas leonezas do que dos raios de Roma.

Embora fosse D. Affonso movido pela ambição; nesta sua tentativa podia haver um motivo de publica utilidade. Nos tempos feudaes a oppressão dos povos augmentava em proporção do numero dos senhores; e a liberdade dos pequenos só nasceu do abatimento e diminuição dos grandes. Quanto mais a auctoridade se reconcentrava nas mãos de um unico homem, mais decresciam os males e avexações causadas por um tropel de tyrannos parciaes; e o governo absoluto era a ponte por onde necessariamente as nações haviam de passar, para que a liberdade, que nos tempos barbaros cabia só a uma parte dos homens, viesse hoje a ser propriedade de toda a sociedade em commum. E por esta occasião devemos notar que ainda nos seculos 10.º e 11.º a liberdade, do modo que então se entendia, era só para os *livres* ou *ingenuos*, como então lhes chamavam, e que os servos *de penna* e suas *crias* [servos de criazon] e os mouros captivos estavam sujeitos ao despotismo de seus donos e até ao direito de *soga e cutello*. Esta ordem social só os reis a podiam destruir, e se D. Affonso nisso trabalhou, não lhe deixará de ser grande gloria a semelhança que por tal motivo teve com S. Luiz, rei de França, que deu os mais valentes golpes no feudalismo que assolava aquelle paiz.

As leis até o tempo de D. Affonso eram apenas municipaes. De seu reinado são as primeiras côrtes de que temos noticia, e foi elle que promulgou leis geraes. Nellas se mostra que esse principe sabia unir a equidade com a politica. O seu reinado é pouco celebre pelo lado militar: o mais notavel feito d'armas dessa epocha foi a tomada de Alcacere do Sal pelo bispo de Lisboa, ajudado de alguns cavalleiros cruzados, que por esse tempo arribaram ao Tejo. Comtudo D. Affonso não esteve em paz: o clero substituiu os mouros: e menos inquietações teriam talvez causado a este rei dez entradas de infieis, do que os enredos do arcebispo de Braga, e a violencia de Honorio 3.º Pretendeu D. Affonso sujeitar os ecclesiasticos, quando criminosos á lei civil — impoz tributos nos bens sacerdotaes — e castigou o arcebispo, que intentava oppôr-se a estas justas disposições. Fulminou então o papa uma bulla indecorosa, e recheada das excommunhões do costume. Não cedeu o principe, ao que parece, porque em 1223, epocha da sua morte, ainda pesavam sobre elle as censuras papaes.

Por sua morte tomou as redeas do governo o infante D. Sancho. Apenas empunhou o sceptro, congraçou-se com o arcebispo de Braga, e sobreesteve nas disposições rigorosas, que contra o clero tinha estabelecido seu pae. Foi depois que tentou seguir a vereda que lhe elle abríra, mas já era tarde. Assim o começo do seu reinado mereceu os elogios dos nossos historiadores, achando-lhe os fins tão dignos de reprehensão. A mal entendida piedade os fez ser demasiadamente injustos com um rei, cujo principal defeito foi um genio em extremo bondoso, e cuja queda nasceu de querer obrar com justiça, sem ter o vigor necessario ao principe que quer ser justo.

Em quanto mancebo exercitou D. Sancho as armas contra os mouros com prosperos successos. Foram fructos das suas fadigas militares, as conquistas de muitas villas e logares de grande monta, taes como Elvas, Aljustrel, Arronches, e Aiamonte. Neste tempo foi que elle começou a querer pôr novamente em practica as leis de seu pae tocantes ao clero, e que este começou a trabalhar por o derrubar do throno. Então aprendeu elle, bem á sua custa, quanto era terrivel a vingança sacerdotal.

Gregorio 9.º tinha morrido; e Innocencio 4.º lhe succedêra. As dissenções de Frederico 2.º, imperador de Allemanha, com aquelle, continuaram com este Innocencio, perseguido, e expulso d'Italia pelo imperador, repellido de França por S. Luiz, e de Hespanha pelo rei de Aragão, acolheu-se á cidade de Leão, onde logo tractou de reunir um concilio para depôr Frederico. Lá se apresentaram entre os legados de Portugal, o arcebispo de Braga, o bispo de Coimbra, e os outros descontentes; e o papa ajunctou á deposição do imperador de Allemanha a de elrei de Portugal. Affonso, conde de Bolonha, e irmão de D. Sancho, foi nomeado regente do reino, para onde partiu com grande apparato, não de exercito, mas de interdictos, excommunhões, e absolvições, instrumentos que principalmente lhe serviram para usurpar a corôa. Chegando a Portugal, D. Sancho, cujo throno o povo parecia inclinado a defender, cobardemente fugiu para Castella, donde depois tentou recuperar o perdido, e em vão o tentou. D. Affonso assenhoreou-se, parte com peitas, parte á força de armas, de todos os logares fortes; e o rei desenthronisado morreu n'um paiz estrangeiro, deixando o nome entregue ás calumnias dos seus inimigos, e ao despreso da posteridade.

Custou, comtudo, a D. Affonso a alcançar a posse pacifica do reino. Alguns alcaides de certas villas e cidades recusaram obedecer-lhe: e é assaz celebre em nossas historias a defeza de Coimbra por Martim de Freitas. Cercado por mais de um anno, nem o aperto do sitio, nem os promettimentos do usurpador poderam abalar sua constancia. Avisado de que D. Sancho morrêra, passou, com permissão de D. Affonso, atravez do campo inimigo, e foi a Toledo certificar-se por seus proprios olhos da morte do seu soberano, em cujas mãos geladas depositou as chaves da cidade. Tornando-as depois a tomar, voltou com ellas a Coimbra, e abriu as portas a D. Affonso, então legitimo successor do reino. Queria-o este conservar em seu cargo, o que elle recuseu, indo viver no retiro, que esclarecia o esplendor da sua virtude, e da sua acrisolada fidelidade.

Os sabeus ou christãos de S. João.

Deram na Europa o nome de christãos de S. João a certa seita religiosa, assaz curiosa, que hoje existe derramada por varias paragens da Asia, nomeadamente nas cercanias de Bassorá, e em diversos sitios da Arabia, da Persia, da Syria, e até da India. Foi sem fundamento que lhes chamaram christãos; porque de modo nenhum o são, nem conhecem um só dogma da religião de J. C. — Baptisam-se; e como este acto, para os não christãos, e para todos os que lhe não comprehendem o sentido mystico, parece caracteristico do christianismo, dahi veio haverem por seita christaã particular a dos sabeus, quando apenas o seu baptismo o é na fórma externa.

O nome desta seita é o mesmo da dos antigos sa-

beus ou chaldeus, adoradores do firmamento, mas as parecenças que ha entre ellas são quasi imperceptiveis. A de que fallâmos nasceu directamente do judaismo, misturado com varias opiniões chaldaicas sobre os anjos e os demonios, opiniões, que, como sabemos, ingaram o judaismo primitivo: alguns usos e preceitos moraes, semelhantes aos do christianismo, accrescem a esse judaismo chaldaico dos sabeus, que no essencial não differe do judaismo moderno.

O mais interessante que ha ácerca dos sabeus, é o vir a seita desde o tempo de S. João Baptista, e poderem servir as suas tradições, na falta de mais amplas noticias, para nos dar idéa do que eram os discipulos deste celebre propheta, que, por suas proprias mãos baptisou J. C. nos aguas do Jordão. Os sabeus chamam-se a si mesmos *Mandaïc* de *Jahïa*, isto é, *discipulos de João*: a sua crença foi fundada pelos sectarios deste propheta, os quaes depois da morte de seu mestre, ficaram sobre si, e recusaram ajunctar-se aos seguidores de Jesus. Tractaram de fundar uma religião particular, e conservaram o baptismo tal e qual seu mestre o costumava administrar. Nos Actos dos Apostólos se mencionam os discipulos de S. João; e dahi resulta, indubitavelmente, que desde esta epocha elles se haviam espalhado, como os discipulos de Christo, fóra da Palestina. O capitulo 18 daquelle livro do Testamento Novo contém a historia de um judeu, mui instruido e eloquente, que veio a Epheso pouco depois de S. Paulo, donde foi a Corintho, fazendo em ambas estas cidades um grande numero de proselytos. O sabeismo, espalhado por esta propaganda, conservou até hoje o baptismo de S. João; e a formula de que usam nesta ceremonia capital revela a sua origem com tal clareza, que nenhuma duvida admitte. Contentam-se de pronunciar estas palavras: «Eu te baptiso com o mesmo baptismo com que João baptisou seus discipulos.» Esta palavra não parece ter significação alguma theologica, mas é clarissima a sua significação historica. Reconhecem os sabeus que João annunciou o Messias, como os outros prophetas israelitas o annunciaram: mas negam que J. C. o fosse, e como os judeus esperam ainda a sua vinda. Affirmam por consequencia, que os discipulos de Jesus corromperam o Baptismo, administrando-o em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Sancto, e que J. C. não estava nas circumstancias de lhes conferir tal direito. A imitação e commemoração de S. João formam os principaes fundamentos do seu culto. Nas ceremonias religiosas, destribuem aos assistentes mel e gafanhotos em memoria do modo porque o seu patrono viveu no deserto, e isto é a sua communhão, communhão commemorativa como a dos calvinistas. Todos os annos renovam o baptismo, para o que vão no rio mais proximo, despem-se, mergulham-se nelle dos pés á cabeça, e quando sáem, o sacerdote, posto na margem do modo que se costuma pintar S. João, lhes derrama agua sobre a cabeça com um vaso, dizendo: «Eu vos renovo o vosso baptismo em nome do Padre, e do nosso salvador João. Como elle baptisou os judeus no Jordão e os salvou, assim vos salvará a vós.» — Outra festa importantissima para elles é a do *Milagre*, cujo objecto é a commemoração de um milagre por elles attribuido a S. João, com o qual livrou a Galilea de um monstro saido do lago de Tiberiade. Nesta occasião todos os que podem, ou cuja devoção é maior do que outro qualquer respeito, sáem da sua terra, e vão peregrinando até as margens do lago, ao logar onde, segundo dizem, S. João matou o monstro: os mais occupados, ou menos fervorosos, contentam-se com celebrar a festa em casa. As duas outras solemnidades principaes que têem são a da Natividade e a da morte de S. João.

São quatro os seus livros sagrados. O primeiro, chamado *Diwan*, tracta da queda dos Anjos e da creação do homem; o segundo, chamado *Sedra-ladram*, é o livro de Adam; o terceiro, *Sedra Jaiia*, é a revelação de S. João, communicada, como elles affirmam, por este propheta a seus antepassados; o quarto, intitulado *Cholastch*, contém a collecção das suas ceremonias religiosas. Estes livros, conservam-nos elles com grande cuidado, e são mui raros. As tentativas que os maronistas, entre os quaes vivem, têem feito para lh'os destruir, fazem com que elles nesta materia sejam assaz acautelados. Possue, comtudo, a bibliotheca real de París muitos manuscriptos sabeus, trazidos, em grande parte, para França no reinado de Luiz 14.º, e por industria do ministro Colbert. Mr. Silvestre de Sacy deu já uma noticia bibliographica destes manuscriptos, enterrados largos annos no pó dos armarios, sem que se conhecesse a sua valia.

A passagem destes livros de S. João o Precursor, na qual se tracta dos mandamentos de Deus, é digna de notar-se com especialidade; porque serve para mostrar a solidez dos fundamentos em que os christãos estabelecem, segundo a auctoridade do Evangelho, a gloria de S. João. É evidente que estes preceitos tirados em parte dos de Moysés, apresentam, comtudo, mais amoravel, evangelico, e sublime caracter.

«Abster-vos-heis do *peccado* e do roubo; não amareis a mentira; não sereis homicidas; não cubiçareis o ouro e a prata; não adorareis Satanaz e os seus idolos. — O Rei da luz, o Arbitro supremo do mundo, julgará as almas de todos os homens, segundo as suas obras. — Não pertendereis ser entendidos nos prestigios do demonio; não levantareis falso testemunho, não faltareis á justiça, porque o que faltar a ella será lançado n'um brazeiro ardente. — Dae esmola ao pobre; porém não o publiqueis: se a derdes á direita escondei-o á esquerda: se á esquerda, que não o saiba a direita. Quando virdes um homem nú, vesti-o: quando virdes um fiel entregue ao mal, aliviae-o. Honrae pae e mãe, e os velhos: ai daquelle que despresar pae e mãe! — No beber, e no comer; no entrar e no saír; em tudo quanto fizerdes, honrae e exaltae o nome do Senhor!»

Os sabeus são muito unidos entre si: respeitam extremamente o matrimonio, e as mulheres e homens em vez de viverem separados, como a maior parte dos orientaes, vivem em intimidade conjugal, muito mais perfeita, e mais parecida com os nossos costumes. Dão-se os homens geralmente á agricultura, e as mulheres a fabricar fazendas de seda. Quanto ao vestuario, alimento, hospitalidade, e em geral aos usos exteriores, os sabeus se parecem com os arabes, que os rodeam. A religião basta para differençar inteiramente os dois povos.

A existencia desta seita, tão curiosa a todas as luzes, e tão interessante pelo que respeita á historia primitiva do christianismo, despertou pela primeira vez a attenção da Europa no meiado do seculo 17.º. Um carmelita, o P. Ignacio de Jesus, enviado pela côrte de Roma com certa missão aos nestorianos, teve occasião, durante a viagem, de encontrar e estudar os sabeus: voltando para Roma em 1652, publicou um livro em latim, intitulado: Relação da origem dos ritos e erros dos Christãos de S. João. Os viajantes do decimo septimo seculo, particularmente Koempfer, que foi na embaixada mandada a Persia pelo rei de Suecia, em 1683, continuaram a espalhar no Occidente algumas noticias ácerca dos sabeus. A obra mais erudita, exacta, e completa sobre a materia, foi a que compoz Matthieu Norberg, e que imprimiu nos

quarto volume dos Annaes da Sociedade de Gottinga. Norberg tinha tirado apontamentos dos manuscriptos da bibliotheca real de Paris, e conversado, em Constantinopola, muitos Maronitas instruidos, que haviam examinado de perto os Sabeus. Os manuscriptos de Paris, que são os monumentos mais preciosos que sobre tal materia possue a Europa, constam de sete volumes, afóra algumas folhas soltas; são escriptos em lingua sabea, dialecto particular dos Syros, e ainda não foram publicados nem traduzidos na sua integra. O illustre orientalista Mr. de Sacy, resumiu-se, como já dissemos, em dar a conhecer em geral o que nelles se continha.

Eis o que os estrangeiros hão dito ácerca desta seita curiosa: vejamos agora o que della refere um escriptor nosso que viveu com os Sabeus. E este o jesuita Godinho que assim falla delles na sua viagem, impressa em 1665.

«O maior numero de christãos que ha em Baçorá são os de S. João, chamados naquellas partes Sabis, os quaes se prezam de serem descendentes daquelles que converteu o glorioso S. João Evangelista, que dizem chegou com os raios de sua doutrina a allumiar muitas terras do Oriente. O nosso padre João de Lucena é desta mesma opinião.... Eu porém sou de parecer que estes christãos sabis se chamam de S. João, não por serem convertidos pelo Evangelista, senão porque em todas suas ceremonias procuram assemelhar-se ao Baptista. Assim como elle baptizava no Jordão, assim elles não baptizam senão no rio: e a fórma das palavras que pronunciam é esta: Eu te baptizo assim, e da maneira que baptizou a Christo o Sancto Baptista. Accrescenta-se a isto, que não tem missa, nem a ouvem; o que se não achará em christãos nenhuns convertidos pelos Apostolos. Ora tem muitas superstições judaicas; o que tudo mostra serem estes christãos daquelles que o Baptista converteu a Christo nas praias do Jordão, e como lhes faltou seu divino Mestre tão depressa, e elles se retiraram para as correntes do Eufrates no reino de Bombareca e Baçorá, foram com o tempo apagando-se nelles as tintas da fé, que o sancto precursor lhes prégou. Não comem carne alguma que outrem matasse, não sendo seu sacerdote. Baptizam-se muitas vezes no anno, e não communicam com nenhuns christãos dos orientaes; menos com mouros, aos quaes tem mortal odio, vivendo entre elles. Os casamentos fazem na fórma seguinte. Levam noivo e noiva ao rio despidos da cintura para cima, alli lhes ajuncta o sacerdote, ou ministro daquella ceremonia, os pescoços pela parte detraz da cabeça, e dando-lhes umas pancadinhas nas cabeças com certo cajadinho, e certas palavras, os tira da agua, e manda para casas separadas, onde estão um mez: este acabado, os tornam a levar ao rio, onde os baptizam, e acabam de casar.

Assim em Baçorá, como no reino de Bombareca seu visinho, que hoje é do Persa, haverá trinta mil familias desta gente: a qual no tempo que governava a India o conde de Linhares, lhe mandaram seus embaixadores, pedindo licença e navios para se passarem ás terras do estado: a qual licença se lhes mandou, e vieram muitos a Mascate, donde se repartiram por algumas povoações que tinhamos na Felix, e alguns passaram a Ceylão, onde foram muito bons soldados. A vida destes christãos de S. João naquellas partes, é de todos os officios mechanicos, principalmente de ourives, assim de ouro como de prata. As mulheres são alvas e de boas feições, sobretudo muito castas: vestem á persiana e turqueza: trazem por galantaria furado o nariz entre venta e venta, e dependurada delle uma grande argola de ouro a uso da terra.»

DAMIÃO DE GOES.

Damião de Goes nasceu em Alemquer, em 1501, de nobre ascendencia: educado desde a edade de nove annos na côrte d'elrei D. Manuel, de quem foi camareiro e guardaroupa, só della saíu para viajar pela Europa, sendo successivamente nomeado embaixador de Portugal na Polonia, na Dinamarca, e na Suecia. Acabados vantajosamente os negocios de que fôra incumbido, proseguiu nas suas peregrinações por varios paizes, merecendo em toda a parte a estima dos reis e dos sabios que tractou familiarmente, e dos quaes foi amado e reverenciado. Homens tão illustres como os cardeaes Bembo e Sadoleto, o historiador Oláu Magno, os eruditos Glareano e Pedro Nanio, lhe escreviam cartas cheias de amisade e louvores, ou lhe dedicavam suas obras. O celebre Erasmo, auctor do *Elogio da Loucura*, e terror dos homens de letras do seu tempo, viveu cinco mezes em Friburgo com Damião de Goes, a quem sempre respeitou. Depois de quatorze annos de viagem, assentou este em fim o seu domicilio nos Paizes-Baixos, onde, casando na Haya, foi habitar em Lovaina. Aqui viveu algum tempo entregue ao estudo e repouso domestico, até 1542 em que a cidade foi cercada pelo francezes. Neste sitio capitaneava Damião de Goes um corpo de estudantes em que consistia quasi só a defeza de Lovaina. — Algumas pessoas principaes tractavam entretanto com os francezes, para se renderem, o que sabendo Damião de Goes foi com o governador da cidade ao campo francez, para que as condições da entrega fossem menos onerosas. Feitas treguas o governador voltou á cidade; mas dahi a pouco rompeu outra vez o fogo dos sitiados, o que vendo os francezes, mandaram Damião de Goes prisioneiro para França, onde soffreu grandes males, libertando-se por preço de 2000 ducados depois de ter estado retido largo tempo em Saint-Quentin no Vermandois. Mandado recolher a Portugal por D. João 3.º, já em 1546 se achava restituido á patria, onde foi nomeado guarda-mór interino da Torre do Tombo, no impedimento de Fernão de Pina, preso por crimes de que o accusavam. Dahi a pouco, por morte do bispo de Miranda, D. Antonio Pinheiro, deu-lhe elrei o cargo de chronista-mór, que desempenhou publicando a chronica de elrei D. Manuel, cuja ultima parte saíu em 1567, e dando á luz no mesmo anno a chronica de D. João 2.º em quanto principe.

Os ultimos annos da vida deste homem celebre foram, ao que parece, os mais inquietos de toda ella. No anno de 1571 Damião de Goes foi demittido do cargo de guarda-mór, e sepultado nas masmorras da inquisição. Sabe-se que uma sentença daquelle tribu-

nal de horrivel recordação o condemnou a degredo e a confiscação de todos os seus bens: esta sentença parece foi adoçada mandando-se-lhe cumprir o degredo no mosteiro da Batalha. Consta que estava já restituido a sua casa quando morreu pouco mais ou menos por 1573. O genero de sua morte é hoje um mysterio. Ha quem diga que morreu de uma apoplexia, outros dizem que fôra assassinado. Por ventura é esta a opinião verdadeira. Talvez os inquisidores, não se atrevendo a lançar nas fogueiras de um auto de fé o homem a quem um papa e varios reis da Europa tinham tractado como amigo, fizeram com que o punhal de assassinos os livrasse de Damião de Goes, cujo saber e ousadia lhes podia ser fatal. A residencia deste na Allemanha, o tracto que tivera com os reformadores religiosos, a sua intimidade com Erasmo, deviam ter influido nas suas opiniões ácerca da egreja de Roma, que neste tempo favorecia, com a falta dos bons costumes, o progresso do lutheranismo. Damião de Goes, habituado a exprimir livremente os seus pensamentos, commetteu uma imprudencia em vir metter-se na côrte de Portugal; e esta imprudencia lhe custou o socego dos ultimos dias da vida.

Além das duas chronicas de que já fizemos menção, Goes publicou durante as suas peregrinações pela Europa varias obras latinas, como a *Deploração da gente Lappiana*; a *Embaixada do Preste João*; a *Fé, Religião e costumes dos Ethiopes*; as *Historias do 1.º e 2.º cerco de Diu*; a *Descripção de Lisboa*, e outros diversos livros ainda hoje muito estimados. Foi Damião de Goes, além de escriptor illustre, excellente musico, e muitas das suas composições se guardavam ainda no Archivo da Musica no tempo d'elrei D. João 5.º

De alguns jogos que apparentemente requerem grandes forças.

Apparecem de tempos a tempos nos theatros e praças homens cujos pasmosos jogos de forças chamam a attenção do povo, e muitas vezes ha mais geito do que força real na maior parte dos espectaculos assim offerecidos á curiosidade publica.

Sem que emprehendamos dar neste artigo a explicação de todos elles, indicaremos alguns que o doutor Desaguliers poz em pratica, explicando-os ao mesmo tempo, na presença da Sociedade Real de Londres, e que não eram mais do que a exacta repetição dos que no começo do ultimo seculo executava na capital da Inglaterra, um allemão chamado Van-Eckeberg.

N'um destes exercicios afivelava Van-Eckeberg na cintura um forte cinturão, que tinha na parte dianteira um annel de ferro, por onde passava uma corda presa a um poste em certa altura, e egualmente enfiada por outro annel tambem pregado no mastro. Pondo os pés d'encontro ao poste erguia-se quasi horisontalmente até a altura da argolinha, e depois entesando subitamente as pernas, quebrava a corda, e caia sobre um colchão posto por baixo.

N'outra experiencia estendia-se ao comprido no chão, e punham-lhe uma pesada bigorna em cima do ventre, sobre a qual forjava um homem um pedaço de ferro a poder de rijas martelladas. Para variar, cortavam outras vezes dois homens na mesma bigorna, com um escopro, uma grossa barra de ferro frio, ou partiam ás martelladas enormes pedras.

Van-Eckeberg, apoiando os pés n'uma cadeira e encostando os hombros n'outra, formava com o corpo uma abobada á qual subia um homem que todos viam elevar-se ou descer conforme o paciente tomava ou soltava a respiração. Nesta abobada carregava tambem n'outras occasiões o peso de tres ou quatro pessoas, sem que Van-Eckeberg se mostrasse fatigado, o qual reproduzia finalmente nesta posição todas as experiencias da bigorna e do martello.

O esforço que mais extraordinario parecia consistia em pôr uma peça d'artilheria sobre uma especie de prato de balança pendente de quatro cordas atadas no ponto de reunião a uma só corda ou cadêa, presa á cintura de Van-Eckeberg. Por baixo do prato estavam mettidos dois rolos, e dado um signal, tiravam-nos, e a peça ficava suspensa á cintura do athleta.

A explicação da primeira e da ultima experiencia não involve difficuldade alguma. Ellas baseam-se inteiramente na resistencia natural dos ossos da bacia, que formam uma duplice abobada cuja ruptura não póde ser causada por uma força immensa, na situação em que se achava Van-Eckeberg, isto é, por uma pressão externa exercida sobre o fecho das duas abobadas. Por outro lado os ossos das coxas e das canellas podem supportar no sentido do seu comprimento o peso de cinco a seis mil libras, e por conseguinte Van-Eckeberg podia sem muito custo sustentar daquelle modo a peça d'artilheria, conservando-se na posição horisontal d'encontro ao mastro, e partir a corda.

A experiencia da bigorna era realmente a mais estupenda; porém toda a difficuldade estava em aguentar com o peso da bigorna, porque o effeito das martelladas era inteiramente nullo para o Alcides. Se a bigorna fosse uma simples folha de ferro ou tivesse apenas o dobro ou o triplo do peso do martello, bastariam algumas pancadas para matar o athleta; mas sendo pesadissima, leve impressão causavam as martelladas, por quanto o impulso dado ao malho repartia-se depois do choque por uma massa de materia talvez cem vezes maior, e consequentemente não produzia no corpo do paciente senão um effeito cem vezes menor. Além disso, a reacção da bigorna ou da pedra contra o malho tambem amortecia a força das pancadas.

Finalmente a terceira experiencia explica-a optimamente a grande resistencia que oppunha á pressão a abobada formada nas arcadas osseas, que se escoravam mutua e perfeitamente. Cumpre observar ao mesmo tempo que neste caso a experiencia da bigorna era muito menos perigosa do que quando o Alcides jazia deitado de costas no chão.

A par destes jogos que provam mais habilidade do que força, citam-se comtudo alguns actos que revelam uma força verdadeira.

Eis-aqui muitos executados por um inglez chamado Tophan, de trinta e um annos d'edade.

Esmagava entre o dedo pollegar e o terceiro um cachimbo de barro.

Mettia um cachimbo de barro entre a liga da meia, e rebentava-o intumescendo sómente os musculos.

Pegando com a mão direita n'uma barra de ferro de tres pés de comprimento, e uma pollegada de diametro batia com ella no braço esquerdo arregaçado, entre o cotovelo e o pulso, até curva-la a ponto de formar um angulo recto.

Tomava uma barra de ferro cujos dois extremos eram semelhantes, punha-a no meio do pescoço, e depois unindo as duas mãos entortava-a até fazer tocar as duas pontas; e por fim, fazendo um esforço em sentido contrario indireitava a barra quasi de todo. Esta habilidade era muito mais difficil do que a precedente, porque os musculos de que depende o apartamento horisontal dos braços são mais fracos do que os que os fazem unir.

Cerveja caseira.

O modo de fazer na Inglaterra a cerveja caseira com promptidão e pouca despeza é o seguinte. Toma-se um quarto de pipa, atocha-se-lhe bem o batoque; põe-se a prumo sobre um dos tampos, e perto do fundo abre-se-lhe um buraco, que serve para levar uma torneira por onde se despeja a cerveja. No meio do tampo de cima faz-se outro buraco, que é tapado com uma rolha ordinaria.

Supponhamos que o barril leva seis almudes, e que se deseja fazer cerveja forte: deitae cinco libras de agua em uma caldeira, e logo que comece a ferver lançae-lhe dentro libra e meia de *lupulo* [vulgò pé de gallo] de boa qualidade; deixae ferver por espaço de cinco minutos, e no liquido separado do pé dissolvei quatorze libras de assucar e uma canada de lavadura de cerveja fresca e de excellente qualidade; vasae tudo isto no barril, e a fermentação não tardará a desinvolver-se. A escuma saírá ao principio do barril, mas por causa das bordas das aduellas tornará por fim a entrar e caírá no liquido. No verão, sendo o calor regular, tres semanas ou um mez bastarão para que a fermentação se ultime. Nos ultimos quinze dias é necessario metter a rolha no buraco superior, e destapa-lo todas as quarenta e oito horas. Em tendo inteiramente desapparecido o sabor adocicado, calca-se a rolha, e quatro dias depois está a cerveja em termos de se beber ou engarrafar. Pouco importa a qualidade do assucar; comtudo o branco produz constantemente cervejas mais claras, mais leves, de gosto mais fino e delicado, e que não tem o sabor enjoativo e glutinoso das cervejas ordinarias. Póde-se dar côr a esta cerveja, se se quizer, com algumas aparas de pão muito torradas: ella se clarifica por si mesma, é mui leve no estomago, de facil digestão, e fórma uma bebida salutifera.

Uso do chlorureto de cal para combater os effeitos da mordedura das viboras. — Basta desfazer n'uma pouca de saliva uma porção de chlorureto de cal bem forte, e untar com esta massa a ferida resultante da mordedura, fazendo entrar bem o chlorureto na chaga. Dentro de alguns minutos cessam os incommodos, e o animal torna ao seu estado ordinario. Esta propriedade do chlorureto de cal foi comprovada por muitas experiencias feitas nos animaes, e não duvidámos, posto que a experiencia ainda o não haja demonstrado, que a sua applicação seja egualmente proficua ao homem. As pessoas que levam animaes a sitios onde ha muitas viboras, farão mui bem em munirem-se d'um frasquinho cheio de chlorureto de cal em pó, para poderem applicar o remedio, sem a menor perda de tempo, depois da mordedura.

Uso da fuligem como estrume. — A fuligem, vulgarmente chamada ferrugem da chaminé, a não ser misturada com outro adubo, deve ser empregada com tento, visto conter muita ammonia. Releva que seja espalhada pelos prados no começo do inverno; ella produz um effeito maravilhoso nos dois primeiros annos, que chega a estender-se ao terceiro. Misturada com terra e estrume, ainda os seus effeitos são mais vantajosos: os alcalis da fuligem combinando-se com parte oleosa formam um torrão saponaceo em que todas as castas de plantas vegetam optimamente. A composição deve constar de duas partes de terra, uma de fuligem, e uma de estereo.

Forma-se uma camada de terra, cobre-se de fuligem, e sobre esta lança-se o estrume, e assim por diante, alternando sempre as camadas, de que se farão montes da altura de quatro e meio a seis palmos.

A fuligem misturada com a terra de cava ou de muinha das estradas forma ao cabo de seis mezes um bom torrão, e para os prados, a que o referido adubo é principalmente applicado, é mais proveitosa esta mistura do que a simples fuligem. Em taes circumstancias não é damnoso empregar maior porção de fuligem; porém não sendo misturada cabem quatorze a dezeseis alqueires por duzentas aguilhadas quadradas. Este adubo convém aos terrenos humidos, destroe o musgo, e neutralisa a força vegetativa do sólo. O gado come com avidez a herva creada em terras assim estrumadas.

Singular destreza de uma cabra. — Quando íamos no caminho de Jerusalem para Bethlem [diz o Dr. Charke nas suas Viagens] encontrámos um arabe com uma cabra, a qual lhe servia para ganhar a vida, mostrando-a por dinheiro. Ao som de uma cantiga que o dono cantava, o destro animal se punha em cima de pequenos pedaços de madeira cilindricos, postos a topo uns sobre os outros, fazendo a figura das tabulas de um gamão empilhadas, porém muito mais alta cada uma das peças. Deste modo estava a cabra primeiramente sobre o topo de um dos cilindros, depois de dois, e seguidamente de tres, quatro, cinco, e seis, até em fim ficar posta sobre todos junctos, na altura de uns poucos de palmos, sem que a solta peanha, em que se collocára, viesse a terra, apesar de ter os quatro pés reunidos em um ponto tão limitado. Esta habilidade com as cabras, costumam fazela os arabes ha muito tempo, e Sandys já fallava della. Nenhum outro facto prova como este a tenacidade e firmesa de pés que possue semelhante quadrupede para suster-se nos pincaros e agulhas dos rochedos. Tal exemplo de destreza vem desfazer o espanto que causa o vêr ás vezes as cabras dos Alpes e de outros sitios escabrosos, andarem á vontade por trilhos e passos onde apenas lhes cabem os pés, isto por bordas de despenhadeiros tremendos, e de insondaveis abysmos. O diametro do ultimo cilindro de cima, em que se collocava a cabra do arabe, no fim da habilidade, era de duas pollegadas, e a altura de seis.

Pastilhas para destruir o máu halito. — Tres onças de chocolate ou café em pó, uma onça de carvão vegetal porphyrisado, uma onça de assucar, uma oitava de baunilha, e de mucilagem de gomma arabica quanto baste. Fazem-se pastilhas do peso de 18 grãos, e tomam-se seis a oito por dia.

Electuario para a conservação dos dentes e gengivas. — Uma onça de carvão lavado e porphyrisado, uma onça de mel branco, duas oitavas de assucar abaunilhado, e quatro gotas de essencia de rosas ou de hortelaã. Emprega-se esta preparação como o opiato ordinario: com o accrescentamento de quatro oitavas de quina em pó fica mais energico.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

15 | PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. | AGOSTO 12, 1837.

CÃES DE S. BERNARDO.

O convento de Moustiers.

Horrivel é vaguear nos Alpes por uma noite dessas em que no ceu não se mostra uma só estrella, e em que o furacão assobia quebrando-se nas arvores, e misturando o seu rugido com o uivar dos lobos e com o fragor das torrentes! — Tremenda é uma noite dessas; porque o frio insupportavel contráe os membros, e encrava nos ossos dôres inexplicaveis: o peito mal resfolga como oppresso por um grande peso: a cabeça se affoguea e as idéas contrastam e baralham-se umas com outras: o halito vem esvaecer-se nos labios e parece golpea-los. E nesta solidão immensa tem-se medo; tem medo até o que sem elle affrontára o fogo de uma bateria, até aquelle que sem enfiar se veria encerrado n'um navio já meio sogobrado: tem-se medo; porque podemos estar á borda d'um precipicio, que nos engula á primeira passada que dermos. Com tudo não pareis, se ahi vos achardes, porque a neve que vai caindo vos sepultaria em mortalha de gelo, e tal mortalha vos regelára o sangue, e adormecer-vos-ia em afflictivo torpôr; e sentiriéis ir-se-vos a existencia gastando, parar, e fenecer ultimamente. Das diversas crises de homem que morre nem uma vos passaria por alto: as agonias do moribundo, sentil-las-ieis todas, e só a desesperação e a sensibilidade se esgotaria inteiramente no vosso coração, quando a obra da morte estivesse rematada.

Parece que nestes desvios, no meio dos precipicios, das torrentes, e da neve, nenhum homem ousaria morar; e que o passageiro perdido, salteado pelo gelo e pelo terror, não teria repouso das suas angustias. — nenhum repouso senão nos braços da morte.

Porém, muitas vezes, já nos trances da agonia extrema, o som de uma campainha sobresalta o moribundo, e o latir d'um cão, rompendo por entre o sibilo do vento procelloso, lhe retem o ultimo suspiro, e entorna um raio de conforto nas trévas da sua desesperação. Um mastim e um monge trabalham por desenterra-lo do meio da neve — e o cão o affaga, e o religioso lhe dá todos os soccorros que lhe podem restituir os alentos perdidos, em quanto n'um quarto bem reparado, ao pé do fogão acceso, e em cidade povoada e commoda algum philosopho prova a falta de intelligencia dos brutos, e o philantropo sentado defronte delle se espraia em dissertações profundas sobre o amor do genero humano, e por ventura sobre os males que tem trazido ao mundo a religião do Evangelho.

O convento de *Moustiers* está situado no cimo das cordilheiras que se estendem a leste do monte *Saint-Velan* e a oeste do pincaro de *Dronay*, cordilheiras estas, cuja maior altura é de 8200 pés acima do nivel do mar. Foi o mosteiro edificado no 10.º seculo por S. Bernardo de Menthen, conego d'Aosta. Em 1215 o conde de Blacas, voltando da Palestina, onde estivera captivo, tendo promettido á Virgem Maria uma cadeia de ouro, por conselho dos monges assentou que era melhor satisfazer este voto edificando junto de Moustiers um hospicio para recolher os pas-

sageiros perdidos naquellas serras nevadas. Pelos estatutos de Moustiers são os monges obrigados, em quanto dura o inverno, a mandar todos os dias, faça o tempo que fizer, dois homens destros e robustos esquadrinhar as montanhas, um para o lado da Italia, outro para o lado do Valais. Estes homens, a que chamam *Maroniers*, ajudados pelos cães apenas descobrem algum perdido ou enterrado na neve, veem correndo ao mosteiro a dar parte: os frades acodem immediatamente, e quatro mais forçosos tomam o viajante ás costas e o levam, em quanto o resto da communidade vai adiante rompendo o caminho pela neve, que ás vezes tem vinte pés d'altura. — Chegando ao hospicio ministram ao desgraçado todos os soccorros possiveis, sendo de notar que o remedio mais efficaz que empregam para o reanimar é um banho de agua fria misturada com gelo. Quando este remedio falha, são perdidos outros quaesquer.

Os cães que tão grande serviço fazem á humanidade são de raça hespanhola, mui grandes e sagazes. Conta-se que um delles vendo passar por pé do hospicio uma mulher com uma creança, foi logo na pista della, como quem previa o que lhe viria a acontecer: notaram os monges a ausencia do cão, e seguindo-lhe a pista foram dar com elle já a cavar n'um atoleiro de neve, onde a mulher estava empegada com a creança.

O convento de Moustiers é um edificio mascisso e forte, com uma egreja ampla e elevada. — Os monges, que ordinariamente sobem ao numero de vinte ou vinte cinco, são naturaes dos districtos do norte dos Alpes. Posto que sadios e robustos, raramente vivem muitos annos, o que se ha de attribuir aos trabalhos e privações porque passam. E gente simples, e de bom animo, dada a exercer a caridade; o que os leva o soffrerem com resignação a vida laboriosa e as estreitezas do instituto, a que os hão sujeitado.

Ha nas visinhanças deste convento uma ave notavel, a que chamam *herbene*, a qual no inverno é perfeitamente branca; na primavera e estio preta e branca; e no outono quasi inteiramente negra.

Minas de azougue.

As principaes minas de mercurio se encontram na Hungria, no Friuli, e na Hspanha. O azougue, ou mercurio, como os chimicos lhe chamam, é uma substancia importantissima para as artes. Serve para dar aos espelhos o que vulgarmente se diz aço; é a base de muitas tintas; debaixo de diversas fórmas a empregam na medicina, e tem varias applicações no lavor de metaes.

Desce-se ao fundo das minas do Friuli por uns poços de noventa braças de profundeza. Ha ahi machinas que fazem trabalhar as bombas sem interrupção, para obstar ás inundações que incessantemente ameaçam subverter os mineiros. Estes desgraçados são homens condemnados por seus crimes a tão penoso trabalho, ou obreiros que vão atraz dos ganhos exorbitantes que para isso se lhes offerece.

Todos os que andam nas minas estão sujeitos ás mais crueis doenças. Tanto que a influencia do mercurio lhes vai repassando os corpos, começam a sentir tremores nervosos: pouco e pouco lhes cáem os dentes, soffrem dôres agudissimas nos ossos, e a morte em fim lhes põe em breve termo aos padecimentos. Como principalmente das exhalações do azougue é que nasce tudo isto, os mineiros teem a cautella de metter na bôca alguma moeda de ouro que absorva estas exhalações, e lhes embarace a entrada nos bofes. Com tudo trazem todos os membros tão impregnados deste metal, que basta esfregarem um bocado de cobre com os dedos, para ficar tão branco como prata.

Mina abundantissima é uma que ha em Idria, cidade da Carniola nos estados d'Austria. Foi desconhecida até 1497, e deu-se com ella de um modo extraordinario. Como por estes sitios havia muitas madeiras, alguns tanoeiros ahi fizeram assento. Certo dia, querendo um delles ver se uma celha estava bem estanque, foi pô-la debaixo de um fio d'agua que gotejava de um penedo. No outro dia pela manhaã, indo tirar a celha, achou-a pegada ao chão, e metteu-se-lhe na cabeça, que andava alli bruxaria. Examinando o caso com mais attenção, viu no fundo da agua da celha o quer que era liquido, brilhante, e de extremado peso. Pegou então n'uma pequena porção deste metal, cujas propriedades ignorava, e foi amostra-la ao boticario da terra. Este, como é de crer, não disse ao tanoeiro o que valia aquillo, deu-lhe algum dinheiro pelo seu trabalho, e pediu-lhe trouxesse quanto podesse desta singular substancia. O rumor desta aventura espalhando-se em breve, logo se formou uma companhia para explorar a mina.

Refere certo viajante que indo visitar um dia esta mina de Idria, o fizeram metter n'um balde, em que o desceram a mais de cem braças de profundidade. Então se achou no meio de cavernas immensas, onde milhares de malaventurados, que nunca mais tornarão a ver a luz do sol, arrastam uma vida miseravel. Nada pude divisar, diz o viajante, durante algum tempo; nem sequer ao menos a pessoa que me andava mostrando estas scenas medonhas. Cousa nenhuma ha ahi mais deploravel que o fado dos mineiros. A negrura das caras lhes encobre a pallidez horrenda que nellas estamparam as exhalações mortiferas que aspiram. Os habitadores deste espantoso recinto são pela maior parte criminosos condemnados a trabalhos por toda a vida, os quaes vivem apenas ahi regularmente dois annos.

Eu seguia calado o meu guia, cogitando da situação horrivel em que a estes desventurados tinha arrojado o crime, podendo gozar a luz do ceu, a saude e a liberdade, se houveram sido virtuosos. Subitamente ouço chamarem-me por meu nome, volto-me, e vejo um homem de aspecto livido e medonho, que se chega a mim, e me diz com voz sumida: — „Conheceis-me?„ — Que espanto não foi o meu, quando dei com um intimo amigo! — Tinha tido um desafio com certo official, apesar da prohibição do imperador, e fôra condemnado a este cruel supplicio. Sua mulher, que pertencia a uma das principaes familias da Allemanha, não podendo obter o perdão do marido, se havia sepultado alli com elle. Devo accrescentar que o official, deixado por morto pelo meu amigo, saroa da ferida, e sollicitando generosamente o perdão do seu adversario, teve a felicidade de o restituir á luz e á liberdade.

AOS HOMENS RELIGIOSOS.

A egreja ressoa de hymnos sagrados: — o incenso ergue-se em rôlos diante do sanctuario — a orchestra, cuja musica muitas vezes profana, attrahe ao templo centenares de curiosos, é a espaços interrompida pela voz pouco harmoniosa do sacerdate, que então as orações do ritual: — celebra-se uma festa d'egreja.

O povo inquieto ondêa pelas naves, cruza incessante as portas abertas de par em par; como em um theatro ao começar do espectaculo se apinha e agita no atrio do edificio.

Foi pomposa a festa religiosa; mas subiram preces de alguns labios até o throno de Deus? — Talvez apenas as que pronunciou o ministro dos altares; o povo

assistiu a solemnidade, como as representações da scena.

E acabou o ruido, e o templo ficou deserto, e o musico e o sacerdote e outros muitos estenderam a mão para receberem a paga de um trabalho profano, porque a verdadeira oração, o verdadeiro culto é uma necessidade, um prazer para o homem que crê em Deus; seu premio não se recebe na terra, mas sim no reino dos ceus.

Que fez pois o abastado dispendendo uma somma avultada para converter a casa do Senhor n'um logar de folguedo, e o culto n'um tratico de estipendiarios? — Aos olhos da boa rasão perpetrou acaso um crime, fez talvez uma affronta ao Creador.

O sacrificio mais agradavel a Deus não é o do ouro profusamente gasto em festas ruidosas, em pompas sem unção, e sem aquella singeleza propria do christianismo: o que a Deus mais apraz é o dividir o homem os dons da fortuna, que lhe elle concedeu, com aquelles, que não têem um bocado de pão para se alimentar, um tecto onde abriguem a cabeça, um vestido que lhes resguarde os membros das intemperies das estações.

Quasi que só na caridade se encerram todos os preceitos do christianismo; desta religião cujo espirito se reduz a dizer aos homens: — *sêde todos irmãos.*

Em quanto assim o thesouro do rico se desvanece em fumo diante dos altares, para *divertir* a multidão, e muitas vezes por motivo de orgulho e vaidade, o pobre geme na sua miseria, e não ha quem estenda para elle mão soccorredoura.

«Mas, direis vós, nós ao menos gastamos as nossas faculdades com os objectos do culto; em quanto outros gastam as suas na devassidão e no luxo.»

Embora! — Não sois vós os juizes de vossos irmãos: Deus é o julgador de todos; e elle não vos ha de medir as obras pelas dos outros; mas sim pela lei que vos deixou cá na terra. Fazei o bem, e orae pelos que vão transviados, sem os reprehender na praça publica, e sem vos ensoberbecerdes, porque vos credes melhores.

Ja entre nós pessoas mais religiosas do que muitos que se têem em conta de homens de grande piedade, trabalharam por estabelecer na capital um asylo de mendicidade desvalida, e tão nobre empreza foi levada a cabo; porém, com acanhados recursos, não prosperou, como devia prosperar no meio na nação portugueza, que apesar de seu abatimento, ainda é, por ventura, a mais nobre e generosa de todo o mundo.

Entendam bem, por tanto, os nossos concidadãos o espirito do Evangelho; e vão antes depositar a moeda das boas obras no cofre vasio dos miseraveis, do que despende-la com vãos apparatos de um culto que não chega ao throno de Deus, porque delle o affastam os gemidos dos pobres, que *tem jús* á beneficencia dos abastados.

Quanto mais proficuas seriam a estes as orações dos desgraçados a quem soccorressem, e que, ao achar um leito em que repousassem, uma mesa parca onde se alcançassem, abençoariam os seus bemfeitores; quanto mais proficuas, dizemos, seriam taes orações, do que esses hymnos comprados, esse incenso derramado, essas preces tumultuosas, em que a ultima idéa é a da religião; em que os labios se abrem; mas onde o coração se fecha? Da esmola, por limitada que fosse, dar-lhes-ia a consciencia amplo galardão: da somma avultada dispendida com a festa apparatosa, nem Deus, nem o mundo lhes dará a minima recompensa.

Pedimos pois a todos os homens que ainda conservam a crença que seus paes lhes herdaram, que voltem a sua munificencia para objectos de caridade — a primeira virtude que recommenda o Evangelho; — que auxiliem os asylos de mendicidade; que nas grandes povoações onde ainda estes não existem tractem de promover a sua fundação: e dando de mão ás dispendiosas romagens, ás festas d'egreja, por vezes impias, em logar de alimentarem ociosos, sejam os paes e os amigos daquelles a quem ou a doença ou a edade impossibilitou de ganharem o sustento, e que a sociedade, por esse motivo, tem restricta obrigação de soccorrer e amparar.

O Arcebispo soldado

Na edade media a dignidade sacerdotal não embargava o exercicio das armas. Frequentes vezes os historiadores fazem menção das façanhas militares de monges e de abbades, de bispos e de arcebispos, que largando o breviario ou o bucalo vestiam a armadura, e brandindo a lança e a espada fazim muitas vezes morder o pó a cavalleiros de grande renome.

Na lista dos que estavam com o Mestre de Aviz na batalha de Aljubarrota se encontra o nome de D. Lourenço, arcebispo de Braga, do qual se conta o seguinte.

D. Lourenço recebeu naquelle encarniçado combate uma ferida no rosto; passados tempos, lembrando-se de mandar lavrar o seu tumulo, incumbiu um esculptor habil de lhe tirar ao natural a imagem sobre a pedra da campa, para que esta indicasse de quem eram os despojos que encerrava.

Esmerou-se o artifice na obra, e quando a teve por acabada foi convidar o arcebispo para que visse se estava a seu gosto. Logo que D. Lourenço viu o vulto deu mostras de estar mal contente, como que achando não estar bem effigiado, nem tirado bem por feições. — Faltava com effeito o signal do golpe, que devia suscitar a lembrança de um dos mais honrados casos da sua vida — o ter derramado o sangue pelejando pela independencia da sua patria. — Entendendo, pois, o arcebispo que o cinzel mais proprio para este retoque era um da mesma tempera e fórma daquelle com que os inimigos o tinham golpeado ao vivo, levou de uma espada, e entalhou um signal de golpe na face da imagem, no logar onde havia sido ferido. Despedindo então o artifice, lhe disse que o retrato ficava em fim a sua vontade.

Noticia ácerca de Hahnemann, e da medicina homœopathica.

Nasceu Hahnemann em Messein, villa da Saxonia, no anno de 1775. Começou a estudar medicina na universidade de Leipsig, onde chegou com vinte ducados, então toda a sua fortuna. Estes tenues recursos augmentou elle com o producto das suas versões allemaãs de muitas obras de medicina, escriptas em inglez. Depois de haver continuado os estudos em Vienna, e em Hermanstadt, onde principiou a ganhar certa consideração, foi doutorar-se á universidade de Erlangen, e veio estabelecer-se em Leipsig em 1789.

Descorçoado em breve pelas imperfeições que cuidou vêr na medicina, desistiu de practica-la, limitando-se a publicar grande numero de traducções d'auctores inglezes, francezes, e italianos, assim como muitos artigos de medicina, e de chimica nos jornaes scientificos de Allemanha.

Em 1790 traduzia Hahnemann a *Materia Medica de Cullen*; mas desagradando-lhe o modo porque nesta obra era descripta a virtude febrifuga da quina, assentou de aclarar as suas duvidas, fazendo experiencias em si mesmo. Foi este o primeiro passo para a

doutrina homœopathica, que abraçou mais tarde [*homœopathia*, deriva-se de duas palavras gregas, *omoios* e *pathos*, que significam *semelhante soffrimento*]: observando que a quina produz no *individuo são* uma febre intermittente, egual á que a mesma quina faz cessar, quando é ministrada ao individuo accommettido desta febre, concebeu a idéa de que a dóse de quina cura o enfermo, desinvolvendo nelle uma febre artificial mais forte que a natural, e por conseguinte aniquilando esta.

Para concluir com bom fundamento que é possivel curar as enfermidades oppondo-lhes medicamentos que, ministrados ao homem são, dão logar a molestias semelhantes; para poder em uma palavra proclamar o grande principio, *similia similibus curantur*, ou que as *semelhantes curam-se com semelhantes*, careceia Hahnemann de fazer muitas experiencias longas, e difficeis, tarefa que elle desempenhou com o zelo, que anima todo o homem que caminha apoz de uma descoberta importante. Em certas infermidades populares já elle tinha visto algumas praticas homœopathicas produzirem os mais felizes resultados; sabia, por exemplo, que se chamava a vida aos membros gelados, pela applicação da neve, que se empregava o fogo ou os alcoolicos contra as queimaduras, que se combatiam os suores com sudorificos, e os espasmos e convulsões por meio de narcoticos capazes de causarem effeitos semelhantes, &c.; porém se estes modos de curar concordavam com a applicação da quina em casos taes, não offereciam a Hahnemann fundamentos sufficientes para tirar uma conclusão exacta, e por isso resolveu levar ávante as observações, de accôrdo com alguns amigos, dispostos a coadjuvalo nos seus trabalhos. « Nada achou arduo, dizem os medicos homœopathicos, para levar ao cabo o seu intento: privações de todos os generos, dieta rigorosa durante os ensaios, padecimentos diarios e muitas vezes dolorosissimos, causados pela applicação repetida de pequenas dóses dos mais activos venenos, a tudo se sujeitou annos inteiros, para chegar a conhecer essa lei, que com tanto fervor procurava. »

Parece que uma multidão d'experiencias convenceram Hahnemann da verdade da lei que tinha antevisto, e lha fizeram adoptar invariavelmente; e desde então, deixando de investigar a causa essencial e occulta de cada molestia, cingiu-se á observação dos symptomas sensiveis, a fim de combate-los pela acção de substancias productoras de symptomas analogos em individuos sãos.

A pratica medicinal a que Hahnemann tornou a entregar-se depois de proclamar o seu principio *similia similibus curantur*, o conduziu a fazer grandes modificações na arte de regular as dóses dos remedios. Os medicos que não crêem na homœopathia [e até hoje formam a grande maioria], têem clamado principalmente contra a prescripção dos remedios em dóses extremamente pequenas. « Como é possivel, dizem elles, que os agentes, ainda os mais energicos, como o mercurio, o arsenico, a morphina, &c. &c., receitados na dóse do millesima ou decima millesima parte do peso d'um grão, possam produzir algum effeito salutar ou pernicioso em a nossa organisação? » A esta pergunta oppoem os medicos homœopathistas est'outra. « Qual é o peso da quantidade de almiscar que atacando os nervos d'uma pessoa delicada a faz cair em syncope? Qual é o peso da quantidade do miasma pestifero, que dá a morte ao animal sujeito á sua acção? » E de mais, quando Hahnemann tornou a praticar a medicina, segundo a sua nova theoria, empregou dóses muito mais fortes do que a millionessima parte d'um grão.

« Porém, dizem os homœopathistas, pouco tempo esteve sem fazer esta singular observação: que o acto de moer as substancias ou de agitar os liquidos que se misturam desinvolve em alto gráu a energia das suas propriedades homœopathicas, &c. »

Fez Hahnemann as curas que começaram a dar-lhe a fama de que gosa na Europa, em um hospicio de loucos, fundado em Georgenthal pelo duque Ernesto de Gotha, onde curou a Klockenburg, litterato alienado de juizo por effeito d'um epigramma de Kotzbue. Practicou depois em Brunswick em 1794, e em Kœnisglutter. Nesta ultima cidade começou a soffrer contradicções, que largo tempo duraram. Retirou-se pois para Hamburgo, e d'ahi para Eilenburgo, e para Torgau, onde proseguiu nas suas indagações.

Entretanto uma epidemia de escarlatinas, que devastou a Allemanha em 1800, proporcionou a Hahnemann o ensejo de fazer do seu principio *similia similibus curantur* uma applicação cujo resultado todos os medicos confessam ser importantissimo. Achando que a *belladona* produz no individuo são os principaes symptomas caracteristicos da escarlatina, desde logo lhe veio á idéa o emprega-la para preservar os meninos do contagio, da mesma maneira que se emprega a vaccina para evitar as bexigas. Ministrou a grande numero de meninos fraquissimas dóses de belladona [a decima parte d'um grão todos os seis ou sete dias], para livra-los das escarlatinas, e a experiencia, segundo affirmam os seus sectarios, confirmou plenamente as suas conjecturas. Mais para o diante, em 1831, epocha da cholera, fez tomar dóses semelhantes de cobre, para preservar d'esse terrivel flagello as pessoas que a elle recorreram.

Hahnemann tem publicado muitos volumes. Em 1810 saiu á luz o seu *Organon da arte de curar*, em que a doutrina homœopathica se acha exposta mudamente. Este medico celebre reside em Cœthen desde 1820, aonde foi chamado, e acolhido com distincção pelo duque reinante de Anhalt-Cœthen.

Para darmos aos nossos leitores uma idéa dos remedios empregados pelos homœopathistas, citaremos os que elles receitam contra os mais crueis e habituaes padecimentos, devendo entender-se que as dóses prescriptas são sempre infinitesimaes, e que como do mesmo medicamento provém muitos symptomas, segue-se que póde ser empregado contra muitas molestias.

« A *belladona* produz no corpo são os principaes symptomas da escarlatina, e cura-a optimamente. »

« O *cobre*, que faz sentir as primeiras dôres da cholera, obraria, dizem, contra ella. Parece que de se tomarem todos os cinco ou seis dias dóses preparadas deste medicamento se tiraram alguns bons resultados. »

« O *enxofre*, que origina certas erupções, tambem as destroe. »

« O *ouro*, que dispoem para a melancholia, restabelece o moral affectado. »

« A *pulsatilla*, que causa uma especie de constipação de cabeça, cura-a quasi sempre. »

« A *camomilla* provoca a irascibilidade, e por conseguinte cura as enfermidades provocadas pela cholera. »

« A *belladona* destroe muitas esquinencias: o mesmo medicamento póde dar logar aos symptomas da raiva no homem são, e por esta rasão lucta victoriosamente contra a hydrophobia. »

« A *arnica* tira as dôres procedidas de contusões, e dizem que tambem os callos dos pés. »

« As dôres de dentes são curadas por uma immensidade de remedios, taes como a *bryonia*, o *daphne-mezereum*, a *pulsatilla*, a *noz vomica*, &c., conforme as sensações que o enfermo experimenta. »

« O *aconito* produz effeitos extraordinarios na circulação. Esta substancia dissipa as inflammações, e sub-

stitue quasi sempre com vantagem as evacuações sanguineas.»

As discussões entre os partidarios de Hahnemann e os seus adversarios, ha muito tempo concentradas na Allemanha, já principiam a propagar-se na França. As traducções francezas das obras escriptas sobre a homœopathia pelo seu fundador, lhe têem dado discipulos zelosos, e alguns medicos de Genebra lhe hão consagrado uma publicação periodica. Em Paris acaba de apparecer um jornal homœopathico; em muitas cidades das provincias de França já se tem introduzido o novo modo de curar. Em Bordeaux é seguido por um dos mais famosos medicos; e conta tambem partidarios na Russia, na Austria, e em Napoles.

Esperâmos que estas tentativas lançarão ao menos alguma luz sobre uma das mais importantes questões que está intimamente ligada com a ventura do genero humano.

Pelo que nos toca, o nosso unico intento é habilitar os nossos leitores para seguirem com conhecimento de causa as controversias mais ou menos graves, que possam ter logar a este respeito.

ALBATROZ.

O ALBATROZ.

(Diomedea. Lin.*)*

Esta ave de todas as aquaticas é a mais macissa, sem exceptuar o cisne; tem de comprimento obra de quatro palmos e meio; e dez, ou mais de *envergamento* [1]. O albatroz commum *(diomedea exulans)* pela extrema corpulencia é denominado por muitos navegantes *carneiro do Cabo;* e com effeito faz quasi o volume de um carneiro; e acha-se em grande copia nas visinhanças do Cabo de Boa-Esperança, e por todos os mares austraes. Tem grande e redonda a cabeça, armada com um bico tambem grande, forte, e cortante, com suturas bem assignaladas, e um ganchorro na ponta, que parece articulado; e as ventas em fórma de pequenos cilindros situadas em cada lado do bico em um entalho, ou vinco, que o sulca em todo o comprimento. Parece que com arma tão poderosa, e força corporal, devia ser uma ave bellicosa; mas pelo contrario é cobarde de seu natural; nem ataca as aves que como elle cruzam aquelles vastissimos mares. Limita-se á defensiva, como se vê na segunda viagem de Cook. — «Muitas gaivotas [diz elle] pardas, e de casta grande, dando caça a um albatroz branco, nos deram um espectaculo divertido; sempre lhe chegaram apesar do comprimento das azas delle, e trabalhavam pelo atacar por baixo da barriga, por ser esta parte talvez indefeza; o albatroz, nesta occasião, não teve outro meio de se livrar dellas senão deixando-se cair de xofre, e margulhando o corpo n'agua; então deram mostras de terem algum respeito ao formidavel bico.»

Em razão de seu peso, experimentam os albatrozes muita difficuldade em levantar o vôo; e têem um celebre modo de voar: não se percebe o bater das azas senão quando tomam o vôo, e quasi sempre empregam ao mesmo tempo os pés, que sendo espalmados lhe servem para baterem na agua, o que os ajuda a levantarem-se. Uma vez dado o impulso não precisam mais de bater as azas, e as mantem muito estendidas, equilibrando-se para procurar presa alternativamente da direita para a esquerda, e seguindo seu rapido vôo rente da superficie do mar. Este balanço serve para accelerar o vôo, mas não era bastante para os sustentar nos ares: talvez que um tremor imperceptivel das pennas seja a principal causa de seu vôo extraordinario. Se tal é devem ter musculos particu

(1) Comprimento das azas estendidas de ponta a ponta.

lares e adequados. Nunca sobem o vôo a mais altura senão por occasiões de temporal; e de necessidade hão de pousar n'agua achando-se a largas distancias da terra; e com effeito não só pousam, mas até dormem ao de cima d'agua.

O sustento principal destas aves são pequenos animaes marinhos, zoophytos, e ovas de peixe, que as correntes carreiam, e que ás aves trazem aos montes: mas tambem devoram sofregamente peixes de todas as fórmas, quando os podem haver; e são tão vorazes que os marujos do capitão Cook, e outros, os apanharam com linha, e anzol meramente iscado com um pedaço de pellêgo d'ovelha. Esta presa era para aquelles homens muito agradavel, apesar do carne ser dura, e de sabor e cheiro de maresia, porque se lhes apresentava no mar alto quando havia muitos tempos estavam infinitamente arredados das terras. O intrepido navegante diz em sua primeira viagem: — « Esfolámos e estripámos estes passaros, e tendo-os de molho em agua salgada até o outro dia, os cozemos depois, e se lhes fez um molho picante; todos acharam boa esta iguaria assim preparada, e comia-se com appetite mesmo havendo á mesa carne de porco fresca. »

Desta ave ha cinco ou seis especies: uns são esbranquiçados, outros mais ou menos pardos. Tem voz mui desagradavel, semelhante ao zerrar dos burros. Diz um escriptor inglez que o nome que geralmente lhes dão = *albatross* = é uma palavra apparentemente corrompida do portuguez = *alcatraz* =, que os nossos primeiros navegantes applicaram indistinctamente aos corvos marinhos, e ás demais aves de maior grandeza, que encontraram nos mares em suas descobertas.

Julgou-se por muito tempo que andavam tão sómente pelos mares austraes, mas depois das observações de Steller é constante que pelos fins de Junho chegam aos milheiros ás costas do Kamtschatka [1], onde os tem por percursores dos cardumes de peixes; e retiram-se nos fins de Julho até meado d'Agosto. Estas cohortes d'albatrozes nunca sobem até a costa oriental daquelle paiz, onde apenas se encontram alguns desgarrados; porém ha immensos no golpho interior, e no archipelago das Kuriles.

Como são extremamente vorazes ajunctam-se á foz dos rios espreitando os salmões: engolem alguns inteiros, ás vezes de quatro arrateis de peso; e querem devora-los com tal sofreguidão, que acontece ficar-lhe meio peixe fóra do bico, até que a porção que tragaram dissolvida pela digestão dê vasão á outra pela dilatada goéla. As vezes se atulham por tal fórma que nem voar podem, nem fugir aos barcos que os procuram. Os habitantes daquella peninsula se aproveitam desta circumstancia para os matar, até ás pauladas: mais o mais geral é apanharem estes glutões com o anzol, como fizeram os marinheiros de Cook. Porém os povos do Kamtschatka não os caçam, ou para melhor dizer, não os pescam, para os comer, porque só em casos de fome usam de tal carne: diligenceiam apanha-los, porque fazem dos ossos das azas cachimbos, e outros utensilios.

Pelo meado de Setembro as femeas fazem seus ninhos n'areia, de quatro palmos, e mais, em redondo, e poem consideravel numero de ovos, maiores que os de ganso, esbranquiçados, e salpicados na extremidade mais grossa. As aves de rapina, e os reptís lhes destroem grande quantidade. Os moradores da cidade do Cabo os procuram para alimento, porque nada participam do sabor da carne das aves. É coisa singular que as claras destes ovos não endurecem quando se cozem.

(1) Extensa peninsula do nordeste da Asia, entre o golpho do mesmo nome, e o mar do Japão, na extremidade sueste da Russia. Os russos a descobriram pelos fins do 17.º seculo.

DA GYMNASTICA.

É a gymnastica a arte de exercitar o corpo para lhe augmentar a robustez e a agilidade. Por vezes temos visto no meio de nós estrangeiros, que vem com a habilidade, que pelo uso desta arte adquiriram, ostentar forças e destreza prodigiosas [1].

Começou a gymnastica em Sparta e passou dahi para Athenas. Chegaram semelhantes exercicios a ser tão honrados na Grecia, que presidia a elles um magistrado, a que pozeram nome de gymnasiarcha, o qual tinha seus officiaes encarregados de instruir a mocidade nos preceitos da arte.

Tambem os romanos não despresaram esta parte da educação. O campo de Marte e a praça publica eram os logares em que nos primeiros tempos se exercitava a mocidade nos jogos gymnasticos; porém nos ultimos tempos da republica, reservaram naquelles vastos e soberbos edificios chamados thermas uns espaços como pateos, aonde os mancebos fám luctar, saltar, atirar ao dardo, e jogar armas.

Passando aos tempos da cavallaria, ou da edade media, alguns rasgos da gymnastica se encontram na historia das nações da Europa, nas justas e torneios mui usados então, nomeadamente nas festas cortezãas.

Para estas os moços cavalleiros eram obrigados a adestrar-se nos varios exercicios que ahi se costumavam, e que muitas vezes eram de grande perigo, por ser a principal destreza de que careciam, a de bem menear as armas. Veio por fim a acabar até o costume dos torneios, e passados alguns seculos, nos institutos de educação da mocidade nem sequer apparecia já uma palavra ácerca da arte gymnastica.

Porém em 1819 — Mr. Amoros, persuadido da utilidade destes exercicios, fundou em Paris um estabelecimento, destinado a desinvolver as forças physicas e a agilidade dos mancebos que se quizessem dedicar a esta arte, do qual já tem saído muitos discipulos habeis. Uma igual eschola estabelecida no nosso paiz seria como um modelo para se irem successivamente creando estabelecimentos da mesma especie, com que só se póde completar uma boa educação physica popular. Sabemos com algum fundamento, que se procura fundar em Lisboa um gymnasio normal, civil e militar, para cuja direcção foi chamado um habil discipulo do coronel Amoros. Esperàmos ver realisada esta empreza, que tem por alvo crear professores desta arte, por onde será facil vulgarisa-la dentro em pouco tempo.

A gymnastica hoje não é exactamente o mesmo que era entre os gregos. Os rapazes andavam nús nos gymnasios de Sparta [o nome gymnasio vem da palavra *gymna* que significa *nú*], e os exercicios que faziam eram, em parte, differentes dos que actualmente se ensinam. Entretanto os que ha não são menos uteis á saude e robustez, avigorando e tornando agil o corpo por mil modos: taes são alucta, a carreira, o jogo da bolla e da barra, e outros, que sendo regulados com prudencia e sem excesso, concorrem para esse fim. O medico Tissot deu á luz em 1780 uma obra com o titulo de *Gymnastica medica*, na qual assentou as regras e modo que se deve ter nos jogos e mais exercicios corporaes, que ainda hoje se usam, e de que se póde tirar proveito, como o jogo do bilhar, da pella e do volante, o caçar, o nadar, o jogar a espada, o dançar, e tudo o mais que promove a agilidade, e vigora as forças do corpo.

Estes exercicios são principalmente uteis á gente das cidades: porque á do campo sobram trabalhos que a endureçam, e que a tornem rija e a habituem ás faltas de commodos, e até ás asperezas. A gymnastica

(1) Veja o N.º antecedente.

porém nas cidades e absolutamente precisa, não para formar arlequins, como o povo cuida, mas para educar homens vigorosos. Os mimos e branduras com que as pessoas mais ricas e poderosas costumam crear os filhos, os fazem communmente afeminados e de debil compleição: e esta mal dirigida educação physica da primeira infancia, que a arte gymnastica depois corrige com o exercicio acertado e regular

---

Effeitos do terremoto da Calabria em 1783.

A Calabria e as terras circumvisinhas são muito sujeitas a amiudados terremotos por causa do muito que ficam proximas á grande região volcanica do Mediterraneo. Os funestos abalos alli soffridos no fim do seculo passado deixaram memorias, que, se estimulam a curiosidade, tambem provocam as lagrimas.

Aos 3 de Fevereiro de 1783 começou a tremer a terra com desegual violencia, e desde então succederam-se os tremores com variados intervallos por espaço de quatro annos. O primeiro abalo lançou por terra muitas casas em todas as cidades e aldêas da Calabria ulterior, e até em Messina. Foi sentido o tremor no norte pelos habitantes de Napoles, e em grande parte da Sicilia; porém a maior força do terremoto carregou principalmente sobre um espaço de perto de 45 leguas quadradas de terreno, deixando inteiramente revolvida a sua superficie, e abertas por todo elle innumeraveis boqueirões, e fendas profundas. Desabando muitas collinas entulharam os valles; rios houve que expulsos de seus leitos se encontraram e reuniram; e no meio de estradas brotaram repentinamente fontes, ao passo que outras desappareceram. Perto de Laureano aconteceu se rem arrebatados dois campos inteiros com as suas oliveiras no meio d'um chão plano, e transportados obra de mais de um quarto de legua, e no logar que dantes occupavam descubriram-se correntes de agua quente, e repuxos de areia. Em Sencinara foi do mesmo modo precipitado um olival n'um valle, desde a altura de 300 palmos, o que não privou seus donos de colherem uma abundante novidade de azeitonas, alguns mezes depois. Parte do terreno onde a cidade de Polistena estava assentada foi arrebatado com as casas, e veio a parar a beira d'um algar pouco distante. Os mais dos boqueirões que ficaram abertos depois da catastrophe tinham 25 a 250 pés de profundidade, e alguns em Placiano e Forsolano eram de mais de um quarto de legua de comprimento.

Nos arrabaldes de Oppido sorveu a terra quatro herdades, e varios armazens de azeite, e casas de campo, com os seus habitadores, e animaes, e um bando de homens que andavam viajando; e unindo-se logo, nunca mais se viu nada do que a voragem engulira. Em alguns sitios onde se haviam feito excavações com a esperança de tornar algas victimas a vida, não se encontraram senão moles confusas, compostas de carne, pedras, ferros, e madeiras amassados. Enormes rochedos desapegados da penedia arrasaram muitas quintas situadas ao pé d'uma praia, que corre do lado de Messina, pouco distante do rochedo de Scylla. O principe de Scylla, homem avançado em annos, se refugiou em bateis com muitos dos seus subditos, para escapar ao terremoto, e pela meia noite aportaram ao cume d'uma montanha, que poucos minutos depois se aluiu. Os escarcéos que rebentavam á roda dos bateis esmagavam muitos delles d'encontro aos rochedos, e de resto os devoravam todos. As mil e quatrocentas pessoas que haviam acompanhado o principe pereceram com elle.

Os camponezes mais felizes testemunhas do desastre contavam que as arvores a tal ponto vergavam, que com as suas ramas varriam a terra, que os animaes soltando vozes lugubres e lamentos s agouravam a chegada de cada abalo, e que os bois e cavallos se deitavam por terra para não ser derribados.

N'um convento de 30 freiras escapou só uma de 80 annos d'edade, e em Terra-Nuova de 1600 pessoas pereceram 1200.

Notou-se em geral, quando se deu sepultura aos mortos, que os homens tinham luctado com o perigo até exhalarem o ultimo suspiro, e que as mulheres haviam succumbido mais resignadas: as mães conservavam os filhinhos estreitamente apertados ao peito. Foram desentulhadas das ruinas d'Oppido duas meninas vivas que haviam estado sepultadas uma por espaço de 11, outra de 6 dias: a primeira, de 15 annos de edade, trazia ao collo quando começou o terremoto uma creança de seis mezes, que só veio a morrer ao cabo do quarto dia, e como estivesse todo aquelle tempo sem comer cousa alguma, quando a restituiram a luz caia em deliquios a cada minuto, e largo espaço se conservou sem poder tomar alimentos. A outra menina de 11 annos d'edade tinha sido entaipada em tal posição, que como tivesse uma das mãos encostada ao rosto n'elle lhe ficou profundamente estampada. Sobreviveram tambem certos animaes, como mulas, cães, porcos, e gallinhas, que tinham estado sotterados mais de tres semanas, sem comerem cousa alguma.

AMOUCOS.

Tão celebres são nas nossas historias da India aquelles a quem se dava este nome, que julgamos será curioso o saber o mais notavel que a este respeito referem os viajantes e historiadores portuguezes. São os amoucos, segundo Diogo do Couto, homens da classe dos nobres ou naires [1], que em certos casos se ajuramentam para morrerem, com total ruina dos seus inimigos. Além de outros, ha tres casos em que elles fazem esse juramento. E o primeiro, quando lhes matam o rei a quem servem: isto obriga os que andam em guerras a precataram-se de atirar para onde esta um sombreiro alevantado, que é a insignia da tenda ou posto do rei. O segundo caso é quando matam algum panical. — São os panicaes os mestres de esgrima na India: a estes, refere Barros, têem elles em logar de paes, sendo-lhes entregues da edade de sete annos, em que logo começam a aprender a jogar as armas, e toda a casta de ligeirezas, em que são destrissimos. Tal é a veneração que os discipulos ficam tendo por estes seus mestres, que, diz Damião de Goes, onde quer que os encontram se lançam de burços, e os adoram como deuses: quando, pois, um dos taes é morto violentamente, todos os discipulos se ajuramentam para morrerem na demanda de vinga-lo. O terceiro caso em que os naires se fazem amoucos e quando dão seguro a alguem de o defenderem, se a pessoa assim assegurada recebeu a morte, ou ate alguma affronta. A este seguro, se chamava, no tempo dos portuguezes, jangada. — Tendo um forasteiro (diz Couto) necessidade de um destes naires para passar de uma parte para a outra, por segurar sua pessoa dos ladrões e salteadores, chega-se a um naire, e lhe pede seja sua jangada, e lhe da por isso algum dinheiro, valia de meio cruzado. Este naire, tanto que lhe toma o seu dinheiro, lhe dá a mão em signal que o toma em sua guarda, e assim o leva consigo, até onde o outro lhe releva, muito seguro e sem receber affronta de pessoa alguma. E se acaso este forasteiro fôr avexado ou affrontado de alguma pessoa, fica esta injuria tanto á conta deste naire, e de toda a sua geração, que

(1) Acerca dos naires veja-se o N.º 2 do Panorama.

logo se ajuntam todos, e se offerecem a morrer até satisfazerem aquella affronta, usando certas ceremonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de uma illarga, que é o signal de homens determinados a morrer. . . . e juntos todos dão naquelle logar, onde lhe fizeram a affronta, e o destruem e abrazam. Pelo que é isto tão arreceado em todo o Malavar, que se um portuguez [que é a mais odiosa nação de todas com os mouros] quizer passar de Cananor para Cochim, por todo aquelle Malavar, posto que esteja de guerra, e por meio dos mouros que lhe beberão o sangue, tomando sua jangada, vai com ella tão seguro como por Alemtéjo, sem lhe ninguem perguntar donde vem, nem para onde vai. E se este naire que se fizer jangada fôr menino, ainda esse é muito mais seguro; porque a affronta que se faz a um destes a satisfaz em mais que a que se faz a um homem grande, porque dizem que quanto menos força este tem para se defender, tanto é mór a obrigação dos parentes em acodirem pela affronta que lhe fizer. »

Este costume dos amoucos tornou, em varias batalhas, mui duvidosa a victoria aos portuguezes; porque eram obrigados a combater com homens desesperados, tendo de os acabar até ao ultimo. Destas pelejas foi a tomada da ilha de Beth, a cito leguas de Diu, no tempo do governador Nuno da Cunha. Ia este n'uma grossa armada com o intento de conquistar aquella celebre praça: mas antes de lá chegar surgiu em Beth, onde estava um capitão d'elrei de Cambaia, com dois mil homens de guerra; o qual não cedendo á intimação de se render, e sendo vigorosamente accommettido, por se não poder defender mais tempo se resolveu a acabar com todos os seus. Para isto correram os soldados a casa, e mettendo primeiro á espada mulheres, creanças e velhos, trouxeram á praça todos os moveis e riquezas que tinham, e, fazendo uma grande fogueira, abrasaram tudo. Depois deste sanguinoso e medonho feito, raparam as cabeças, e juraram morrerem em vingança daquelles innocentes, que elles proprios assassinaram. Na manhaã seguinte abalroaram os portuguezes os muros, e entraram na fortaleza; mas com grande perda, não ficando vivo um unico dos defensores. Conta-se, que então succedêra um caso espantoso: e foi que remettendo um soldado nosso a um daquelles amoucos, elle lhe apresentou o ventre para que o portuguez o atravessasse, o que de feito aconteceu; porém o amouco se foi interrando pela lança adiante até chegar ao contrario, a quem deu uma cutilada tal, que ambos caíram mortos ao mesmo tempo.

Caso ainda mais notavel refere o P. Fernando Guerreiro na Relação annual das Missões. Matou um indio christão a um panical, que fôra mestre do rei de Angamalé. Ajuramentaram-se muitos naires para vinga-lo; mas, sendo Angamalé reino pouco poderoso, e temendo-se do rei de Cochim e dos portuguezes, não sabiam como haviam de cumprir seu juramento, que era acabarem com todos os christãos. Começaram, com tudo, a queimar varias povoações onde estes habitavam; mas vindo alguns soldados portuguezes de Cranganor para defender as residencias dos missionarios, e obstar a estas devastações, viram-se os amoucos impossibilitados de levarem a cabo seus intentos. Entretanto era necessario que alguns dos amoucos morressem sobre isto, por não quebrarem suas barbaras usanças: tomaram por tanto a seguinte resolução. Mandaram recado aos portuguezes que apontassem o quando, e aonde haviam de vir, para que, sem elles fazerem damno, os matassem, por que assim, nem quebravam com Cochim, nem deixavam de guardar seu juramento. N'um dia, para isso aprasado, vieram, com effeito, e chegando já perto dos que com as espingardas á cara os estavam esperando, viravam-se para os que os acompanhavam, e, com lastima de quem os via, disseram que pelo arroz que comeram vinham morrer, alludindo ao soldo, que o panical lhes dava: logo os moços dos portuguezes dispararam nelles as espingardas, e em pouco tempo estava consumado este sacrificio horrivel.

Creação dos sirgos. — Os bichos de seda creados em sitios pouco adequados e ás vezes até improprios para semelhante fim, estão sujeitos a tão enorme mortandade no tempo da terceira ou quarta muda, que não são raros os exemplos de se perderem metade, infeccionados pelos vapores evolvidos das muitas folhas putridas que lhes servem de cama.

Os chloruretos de soda e de cal têem a propriedade extremamente notavel de decompôr todas as materias putrefactas, em que entra o gaz hydrogeneo, sem produzirem emanações nocivas á saude; e por tanto facil é de prever o partido que se póde tirar do uso de taes preparações desinfectantes, e quão deploraveis perdas ellas poderão evitar.

O unico meio até agora empregado para curar os sirgos consistia em queimar vinagre; precaução quasi sempre inutil, porque o unico effeito do vinagre é o substituir ao máu cheiro outro mais saudavel, mas não destruir aquelle; quando por meio do perservativo que inculcâmos se colhem os mais felizes resultados.

Disponham-se na casa em que estiverem os bichos de seda vasos mais largos do que fundos, em que se fará uma mistura d'agua e de chlorureto, na proporção d'um quartilho de chlorureto para cada seis quartilhos d'agua. É necessario que os vasos sejam em grande numero e proporcionados ao dos bichos. A medida que se effeituar a decomposição das folhas da amoreira os vapores putridos que exhalam serão absorvidos pelo chlore que entra na composição do chlorureto. Esta precaução tão simples como pouco dispendiosa, pois que com uma garrafa de chlorureto de cal em pó podem fazer-se pelo menos dez garrafas do liquido, impedirá a mortandade dos bichos, citada como uma das causas do elevado preço das sedas; tornará mais raras aquellas excessivas perdas, e mais abundantes os productos, e tenderá por tanto a diminuir o oneroso tributo que por estas e outras causas pagâmos aos estrangeiros. Este meio foi posto em practica nas visinhanças de Marselha, e produziu optimo resultado.

Receita para tirar o ranço á manteiga. — Bata-se a manteiga em sufficiente quantidade d'agua, contendo doze a quinze gotas de chlorureto de cal por cada arratel de manteiga; depois de bem batida a mistura, póde deixar-se em repouso por uma ou duas horas para então ser novamente batida em agua commum.

Nenhum perigo haverá no augmento da dóse do chlorureto, que mal algum póde fazer á saude, mas a experiencia tem mostrado serem sufficientes as quantidades acima prescriptas.

A mais rançosa manteiga recobra mediante esta manipulação todas as boas qualidades que podia ter quando fresca.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

16) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. AGOSTO 19, 1837.

NATURAES DA NOVA-GALLES DO SUL.

NOVA GALLES DO SUL.

Depois que os assombrosos descobrimentos dos intrepidos e infatigaveis navegantes modernos deram a conhecer as innumeraveis ilhas do vasto Oceano Equinoccial, assentaram os geographos que a maxima divisão da terra fosse em cinco partes principaes. As tres primeiras formam o antigo continente; a America, descoberta ha pouco mais de tres seculos, é a quarta; e a quinta, e mais recente, se denomina Oceania. Comprehende esta as ilhas do Oceano Pacifico (que é a mais vasta porção d'aguas em o nosso globo), e o archipelago ao sueste da Asia, entrando tambem a Nova-Hollanda. Está situada debaixo do Equador; ao norte d'Africa, e della separada pelo mar das Indias; ao sul e a leste d'Asia, donde a separa principalmente o mar da China; e ao oeste da America, sobretudo da Meridional. Divide-se todo este immenso archipelago em dezeseis grupos; mas como, nem é nosso intento, nem cabe em os limites do jornal, dar plena e circumstanciada descripção de todos elles, diremos quanto baste aos menos instruidos nestes assumptos ácerca da Nova Hollanda, que vem a proposito de nossas estampas.

Esta ilha, a maior do mundo, que tem de comprimento de leste a oeste 1.100 legoas francezas, e de norte a sul 800 de largura, merece o titulo de continente, que alguns lhe deram; e por muito tempo foi reputada parte de um, imaginario, que intitularam *Terras Australes*. As costas desta ilha foram chamadas *terras* de Carpentaria, de Wit, &c., á proporção que se iam descobrindo; denominações, que ainda conservam. O celebre Cook passou o estreito, que a separa da Nova-Guiné, em 1770, e deu o nome de Nova-Galles do sul á costa, que visitou; e a uma paragem della o de *Botany-Bay* (bahia botanica) pelo immenso numero de plantas que alli encontrou: este logar foi depois escolhido para terra de degradados pelo governo inglez, mas como era doentio transferiu o estabe-

lecimento para Porto Jackson, a cinco legoas do primeiro.

O estreito de Bass, capaz de navios de todos os lotes, a separa, pela banda de sueste, da terra de Van-Diemen, ilha que os Hollandezes descobriram, e a que deram o nome de Antonio Van-Diemen, general da sua companhia das Indias.

Os naturaes aborigenes da Nova-Galles Meridional, e da terra de Van-Diemen, são tidos geralmente por selvagens, que vivem sem restricção de leis, e sem raciocinio, nem moralidade, e como uma raça de individuos, que mal merecem o nome de *humanos*, e incapazes de civilisação e melhoramento.

Das raras tribus, que habitavam antigamente a terra de Van-Diemen, muito pouco se pode dizer; porque sempre foi muito limitada a communicação dos Europeus com essa gente. Parece com tudo, que a muitos respeitos differem dos habitantes da Nova-Hollanda; circumstancia digna de notar-se attenta a grande proximidade dos dois paizes. São d'estatura mediana, de côr quasi preta, e de carapinha como os negros africanos; usão de azagaias, que é a sua arma principal, arremeçando-a por modo diverso dos habitantes da Nova-Hollanda; e são mais ferozes, indomaveis, e vingativos do que estes. Aborrecem, e esquivam sempre a presença dos brancos. Como costumam caçar pelos esconderijos das serranias, e pela espessura dos bosques, é raro encontra-los neste exercicio. Empreitam sempre as opportunidades de roubar, e assassinam cobardemente os colonos intrusos.

Por isso estes lhes deram caça por tal forma, que os anniquilaram quasi de todo, como a feras.

Os indigenas da Nova-Hollanda são um pouco mais doceis; mas não ha povos que mais rebeldes sejam á civilisação; assassinam á traição o viajante incauto; e os Inglezes, que tem fundado naquellas costas estabelecimentos já ao presente mui lucrativos, não poderam ainda conseguir travar com elles alliança perduravel, tendo se obrigados a usar de rigor, e a repelli-los para o sertão. Verdade é que tendo principiado a colonisação europea com gente no geral depravada, por ser o logar que o governo destinou para degredos, é muito crivel que as ruins manceiras, e a immoralidade dos habitantes contribuissem para o arraigar o odio que os Australenses professam á gente branca.

Todavia é um povo bruto, e miseravel por muitas razões; em geral são baixos, e de figura desagradavel; e ainda lhes faz o aspecto mais horrivel a barba cerrada e preta, e os ossos que introduzem na cartilagem do nariz; não fallando na elegante moda de enlabuzarem a cara com barro vermelho, ou branco, e n'outra tambem muito da paixão de todos os selvagens, que é untarem-se todos de azeites, ou oleos de certos cocaes, pelo qual motivo exhalam um fartum de cunhaes. Pela maior parte são alguma cousa barrigudos, e tem o nariz chato, as ventas largas, os olhos encovados, e sobrancelhas espessas, os beiços grossos, e a boca enorme. Alguns são completamente negros, outros côr de cobre como os Malaios. Em summa, se não fosse a falla, pouco se differençavam dos Orangotangos. Já se vê que as mulheres correspondem no seu tanto a esta pintura dos homens. Tem havido viajantes que por lá acharam bellezas a seu modo; é um louvar a Deus haver optimistas de tão bom estomago!

Neste paiz a industria ingleza tem aproveitado as terras, e aclimatado os cereaes da Europa, e tambem os gados de toda a especie, com muito prosperos resultados, superiores sem comparação aos que obteve a companhia hollandeza das Indias, que por mal entendido ciume encobria cuidadosamente tudo o que dizia respeito ás terras austraes; procedimento de que não tiraram maiores vantagens. Desde o seu descobrimento até que os Inglezes tomaram posse da Nova-Galles, todo aquelle paiz permaneceu no mesmo pé, e sem melhoramento. Mas agora os Inglezes, nação activa, e emprehendedora, e que hoje se regula por um mais liberal systema de commercio, tem alli fundado uma colonia florecente, que progredindo, talvez venha a assombrar Batavia (1).

Os generos principaes da colonia são trigos, e carnes; mas não tem lá os gados e searas, tem seus pomares, hortas, e até jardins. A população tem crescido, e pode qualificar-se d'este modo: 1.° individuos, que vem espontaneamente d'Inglaterra e da India: 2.° os nascidos na colonia: 3.° os degradados por crimes, que commetteram na Gran-Bretanha. Observaremos de passagem, por nos parecer curioso, que o numero dos degradados para a Nova-Galles Meridional, e para a Terra de Van-Diemen montou, nos annos de 1817 a 1820, a 22.217 homens, 3.661 mulheres.

Em Porto Jackson, que é o ponto principal da colonia, já se imprimem uns poucos de jornaes; e ha observatorio, jardim botanico, e museu d'historia natural; e uma sociedade scientifica, que mantém relações com as da Europa.

Como a Nova-Hollanda está situada para lá do Equador, tem as estações ao inverso da Europa, como succede nas partes meridionaes da Africa, e da America; e por consequencia quando nós cá temos inverno é lá verão; e tem primavera quando nós o outomno.

Os indigenas, de que fallámos, trajam mui singelamente; o vestido principal é um capote de pelles d'animaes do paiz, posto sobre os hombros, e seguro ao pescoço com um cordel: na estação humida, e quando dormem, o trazem com o pello para a banda de dentro. Para fazer estas capas, procuram o numero sufficiente de pelles, e as estendem e pregam n'um tronco d'arvore para seccarem ao sol; e depois as esfregam, e amaciam pela parte interior, o mais que podem, tirando-lhes com todo o esmero quaesquer vestigios de carne, ou de filamentos, e tendo-as rabiscado de riscos, e garatujas encarnadas, as cozem umas as outras com os nervos delgados do rabo de certos animaes.

Trazem sempre á roda da cintura uma correia, da feição de talim, que pode alargar-se, e apertar-se, como convenha, e é fabricada das fibras entretecidas dos mesmos animaes; de ordinario a alargam quando comem, e a apertam quando caçam, ou andam esfomeados. As mulheres tecem e arranjam estas correias. Só ellas lhes fazem penduradas umas tiras, ou coberturas, em vez de tanga; uma por diante, e outra pela parte posterior. As tiras tambem são de pelles, e são pintadas. Dalli penduram tambem uma bolsa, que é feita de uma bexiga, onde trabalhosamente, e com os seixos, cujos usos se ignoram, e dos que conheceram o tabaco de fumo (de que são muito apercebidos, quer os homens, quer as mulheres, e até as creanças), a tal bexiga lhes serve de bolsa de tabaco, e raras vezes anda vazia.

Ao contrario dos Van-Diemenses, tem o cabello, que é côr de azeviche, muito comprido; o usam crescido, e atado em nó no alto da cabeça, deixando cair as hastas guedelhas para ambas as faces, e sobre os hombros. Se fosse penteado, e tratado com acio, poderia servir-lhes de adorno, mas trazendo-o emmaranhado, e sujo com toda a casta de sebo, se faz aspe-

(1) Capital da ilha de Java, uma das da Sunda, grande emporio de commercio, pertencente aos Hollandezes; mas hoje muito decahido da sua antiga importancia commercial.

zo e riscos), tornando-os mais hediondos, porque até lhes serve para limparem as mãos, como toalha. Todavia algumas tribus, ao norte de Sydney, amarram o cabello dispondo-o em forma conica, e pregando-lhe no centro um feixe de juncos, de grande altura: outras usam de plumas de pennas de varias aves: e taes são os seus enfeites.

São dotados de vista agudissima; e por vezes tem servido de muito aos colonos, que vão ao interior, descobrindo pelos vestigios das pisadas os cavallos, e gados que se lhes tem malharam. Basta mostrar-lhes os signaes dos pés, ou simplesmente o sitio onde os animaes foram ultimamente vistos, para lhes seguirem a pista, impercepti veis aos Europeus, ainda que seja por algumas milhas, e com tanta cautela, e certeza, como um cão de caça farejando uma lebre. Se quizerdes que he canta um ponto chega a perspicacia de vista de um negro natural da Nova-Hollanda, atirae ao longe a mais pequena peça de moeda, e vereis como lhe descobrirá a direcção, e a paragem da queda: ou arremeçar-lhe de distancia uma pedra com violencia, e vereis como a evita, ou aparando-a num bordão, ou furtando-lhe a força. Esta singular vantagem lhes é tão absolutamente necessaria para procurarem os meios de subsistencia, como a sua actividade, e destreza.

É pratica universal entre elles, arrancarem, em chegando a certa edade, o dente maior da frente do queixo superior; porém não é sabido o motivo porque o fazem, quem como, e quando o fazem.

O modo de sarapintarem a pelle é tambem exquisito; porque meramente consiste em fazerem com a borda de uma concha aguçada uns riscos pequenos no peito, entre as espaduas, e nos braços, sem ordem nem regularidade: nos golpes introduzem um liquido, ou sumo, que fazendo erguer a pelle, ao cerrar as feridas, deixa tudo em costuras. Começam a dar estes riscos nos rapazes aos sete annos. Nunca porém rabiscam a cara, como fazem os Zelandezes, e outros outros barbaros.

As suas armas são varias especies de lanças, que empregam diversamente, e tem uma especie que lhes serve para fisgar peixe. Tem uma especie de massa; e alguns usam machadinhas feitas de pau ferro.

As suas cabanas são toscamente construidas, e mal merecem o nome de habitações; porém como elles não tem residencia fixa, e o clima é bello, e sadio, precisam de pouco abrigo, e esse mesmo temporario. Os utensilios tambem os não carregam muito.

Tem cada tribu o seu chefe, mas até ao presente ignora-se qual seja o seu direito, e authoridade: como este povo é por extremo miseravel e estupido os seus regulamentos, ou codigo tradicional, devem ser mui limitados. E que leis póde manter uma gente vagabunda, e sem mais propriedade do que a caça, a pesca, e o mais que o acaso lhe depara.

Na primeira estampa verão os nossos leitores um casal destes figurões; e a que se segue representa uma ceremonia, que vamos explicar.

JUIZO POR ARMAS DA NOVA-GALLES DO SUL.

Quando algum delles intenta casar, espreita entre as mulheres de outra tribu uma, que lhe agrade, e convida-a para que o siga; ella recusa: elle a ameaça, e por fim a disanca muito bem com um bordão, e depois de muda a pancada, a leva de rastos para a sua cabana: e ella temes o negro já com sua consorte!

Este pecco é do ordinario motivo de desavença entre as duas tribus; aquella, a que pertencia a mulher, exige reparação da injuria de lh'a haverem tomado à força; para este effeito marca-se um ponto onde as tribus se reunem, e tem logar a ceremonia, que se vê na estampa. É uma especie de torneio, ou justa a pé, onde o campeão raptor vae na frente, e é obrigado a mostrar-se digno da noiva por seu esforço, actividade e destreza; e ainda que rarissimas vezes acontece a morte do offensor, todavia tem de passar por apertadas provas a sua agilidade na defeza, e o seu valor no combate. É uma scena muito enfadada, e ao mesmo tempo ridicula. Só um certo numero de ho-

mens de cada tribu sáem a encontrar-se, pintados todos de vermelho, para parecerem mais guerreiros, e terriveis. Quando os ranchos adversos se aproximam é facil distinguir a causa que os reune pelo clamor geral, que levantam, e a que logo succede um confuso palrar, como de gente agastada: mal se avistam começam de menear as lanças, e tomam varias posturas, como expressões de reciproco desafio. Passado breve espaço de tempo, a um signal do chefe, avançam para o centro do campo designado os homens escolhidos, separando-se para cada lado a chusma espectadora. O noivo sáe sósinho á frente dos seus, armado unicamente com um escudo de madeira, de que usam para aparar os arremeços das lanças: dois ou tres da tribu hostil se lhe oppõem prevenidos com doze, ou mais lanças, e as jogam contra o adversario, que se lhes esquiva com grande agilidade. A cada tiro falhado retumba uma solemne acclamação dos circumstantes. Findo este primeiro acto segue-se um duello entre o raptor e um dos valentes da tribu da mulher, que sáe do grupo escolhido; e armados de suas massas descarregam nas cabeças um do outro mutuamente rijas pancadas até que fiquem satisfeitos e pagos de sua valentia. Ás vezes acontece cair um sem sentidos, mas nunca resulta accidente fatal, porque tem uma prodigiosa dureza de craneo, que demais a mais defendem espessos cabellos.

No fim do combate, de que ordinariamente sáe victorioso o noivo, ergue-se novamente o clamor dos applausos: as duas tribus acampam juntamente por aquelle dia, que remata com danças de ambos os bandos.

Processo para regular as pendulas e os relogios. Julga-se commummente que em se comprando e acertando um relogio, nada mais é preciso do que dar-lhe corda todos os dias para que ande sempre certo, sem ser necessario mexer-lhe. Algumas pessoas até chegam a crer que estas machinas devem seguir a marcha do sol, e combinar sempre com elle. Erros são estes que convém destruir antes d'expôr as regras praticas que se dão no presente artigo. Diz respeito o primeiro particularmente aos relogios d'algibeira, pois os melhores são sujeitos a variações, causadas principalmente pelas mudanças de temperatura, pelas posições dos relogios, e pelos movimentos que o corpo lhes communica. Ha relogios que andam regularmente em certa posição, e variam mudada esta, ou segundo os differentes movimentos das pessoas que os trazem comsigo; circumstancia a que tem de attender quem quizer regular um relogio como deve ser. Com tudo, devemos accrescentar que um relogio sendo bom fará mui pequena differença, sejam quaes forem as mudanças de posição, e temperatura; e que as mesmas circumstancias devem sempre produzir o mesmo resultado, quer tendam a adiantal-o, quer a atrazalo. O segundo erro provém de saberem poucas pessoas que o sol nem sempre gasta o mesmo tempo para chegar d'um meio-dia a outro meio-dia, e que por conseguinte nem todos os dias do anno são exactamente de vinte e quatro horas; porque umas vezes gasta o sol vinte e quatro horas e alguns segundos desde o meio-dia d'um dia até o meio-dia seguinte, e outras vezes vinte e quatro, menos alguns segundos, atrazando-se ou adiantando-se assim na sua marcha.

Por outro lado, as pendulas e relogios devem dividir o tempo com perfeita regularidade, e indicar sem discrepancia o meio-dia todas as 24 horas.

Deu-se o nome de *tempo verdadeiro* ou *astronomico* ao tempo medido pelo curso do sol, e o de *tempo medio*, ao tempo reduzido a uma igualdade constante pelo andamento regular das pendulas e relogios. Vêse pois que um relogio ou uma pendula (todas as vezes que fallarmos nestes instrumentos entenda-se que os consideramos tão perfeitos quanto sel-o podem) não ha de encontrar-se todos os dias ao meio-dia com o meio-dia do sol, indicado por um relogio solar ou meridiana, mas haverá entre elles differenças, ou para mais ou para menos.

Calcularam os astronomos uma taboa indicadora da hora que deverá apontar um relogio ou uma pendula em cada dia do anno, quando fôr meio-dia verdadeiro. A taboa de que fallamos costuma vir impressa no fim das folhinhas chamadas de algibeira, e, seguindo-a, apontaremos a marcha geral das differenças que ha no decurso do anno entre o meio-dia do sol, e o de uma pendula bem regulada.

Supponhamos que no dia 15 d'Abril, que é o da minima differença entre o tempo medio e o verdadeiro, se dá ao relogio ou á pendula mais 1 segundo, quando na meridiana fôr meio-dia; no dia 17 quando a meridiana indicar esta hora, apontará a pendula meio-dia e 31 segundos, e esta differença irá sempre crescendo até os 15 de Maio, em que será de 4 minutos e 1 segundo. Desde então diminuirá successivamente até 15 de Junho, dia em que será apenas de 5 segundos. No dia 17 será a differença de 20 segundos em sentido contrario, isto é, quando o relogio do sol indicar meio-dia, será na pendula meio-dia menos 20 segundos. Indo sempre em augmento a divergencia neste sentido, chegará a ser em 27 de Julho de 6 minutos e 1 segundo. No dia 30 divergirão já sómente os dois instrumentos 5 minutos e 58 segundos, e em 30 d'Agosto 22 segundos. No 1.º de Setembro indicará a pendula, á hora do meio-dia, mais 14 segundos do que a meridiana, e continuando o sol a adiantar-se, levará a dianteira á pendula de 16 minutos e 14 segundos em 3 de Novembro. Em 5 deste mez será a differença de 16 minutos e 11 segundos, a qual descerá, até ser, em 23 de Novembro, de 26 segundos. No dia 25 tornará a differença a ser para menos na pendula 34 segundos: crescerá d'ahi em diante até chegar a ser em 13 de Fevereiro 14 minutos e 38 segundos, e finalmente tornará a diminuir e virá de novo a ser, em 15 de Abril, de 1 só segundo.

Segue-se do que temos dito que para acertar qualquer pendula ou relogio não se deverão pôr os ponteiros no meio dia quando o sol o indicar, porém na hora designada na supramencionada taboa.

Se o relogio se atrazar ou adiantar sómente um minuto por dia, não ha razão de queixa; mas as pendulas menos sujeitas ás causas das variações, não devem fazer tamanha differença.

É necessario acertar os relogios todos os oito ou dez dias por uma exacta pendula, ou por uma boa meridiana. Se elles não fizerem mais do que oito minutos de differença em 8 dias, basta acertar os ponteiros; se a differença fôr mais consideravel será preciso além disso tocar no *ponteiro do registo*. Dá-se este nome a um ponteiro posto sobre um circulosinho que está dentro do relogio, ao pé da roda do cabello, chamada *volante*.

Se o relogio se adiantar, andar-se-ha com o ponteiro do registo para a letra R, representada no circulo, e que significa retardar; se pelo contrario se atrazar, será necessario andar com o mesmo ponteiro para a letra A, que quer dizer adiantar.

Não convém fazer andar ao ponteiro do registo mais do que meia divisão do circulo de cada vez, salvo se o relogio fizer grande differença em 24 horas, como a de 4 para 5 minutos, pois então póde-se andar com o ponteiro uma ou duas divisões, conforme fôr a differença.

Para acertar um relogio metter-se-ha a chave na cabeça do eixo dos ponteiros, chamada *broca* em termos de relojoeiro, e far-se-ha gyrar o ponteiro dos minutos até que indique a hora e os minutos que se pretendem, havendo o cuidado de não fazer andar o ponteiro das horas sem o dos minutos.

Quando os ponteiros d'um relogio estão adiantados ou atrazados uma ou duas horas, convém andar com elles para o lado por onde possam chegar mais depressa ao ponto desejado. Não tem razão as pessoas que julgam estragar os relogios desandando os ponteiros, pois maior damno lhes causarão obrigando estes a dar mais voltas do que é mister. Esta regra é porém sómente applicavel aos relogios ordinarios: nos relogios de campainha, e nas pendulas deve sempre andar-se com os ponteiros para diante.

E' necessario dar corda ao relogio todos os dias á mesma hora, porque não sendo a força da mola sempre a mesma nas vinte e quatro horas, succede muitas vezes adiantar se ou atrazar-se o relogio nas primeiras doze horas, e atrazar-se ou adiantar-se nas doze seguintes, sem comtudo deixar de estar regulado, por quanto o adiantamento de certo tempo é compensado pelo atrazamento do outro. Mas se não se désse corda regularmente ao relogio todas as vinte e quatro horas, aconteceria repetidas vezes continuar a adiantar-se ou a atrazar-se sem compensação

Convém conservar sempre o relogio quasi na mesma posição, isto é, pendural-o n'um prego quando se tira do bolso, e tomar sentido que fique bem encostado á parede, para que o movimento do volante não faça estremecer o relogio, communicando-se á caixa desamparada.

Deve-se conservar quanto fôr possivel o relogio na mesma temperatura, e por isso no inverno, quando se tira, é melhor pendural-o ao pé do fogão de aquecer o quarto, do que n'outro logar.

Não se andará com os ponteiros d'um relogio de repetição em quanto estiver dando horas.

Todas as vezes que um relogio de repetição der as horas muito depressa ou muito de vagar, corrigir-se-ha este defeito andando com outro ponteiro que existe na fabrica, para o lado da letra V (que quer dizer veloz) quando se quizer que dê as pancadas mais rapidas, e para o lado da letra L (que quer dizer lentamente) se se pretender que as dê mais pausadas.

Maneira de regular as pendulas.

Para adiantar uma pendula é preciso fazer subir a lentilha do pendulo por meio da porca, que está por baixo: para atrazal-a faz-se descer a lentilha pelo mesmo meio.

Se a construcção da caixa da pendula não permittir tocar na lentilha, encontrar-se ha no mostrador um quadradinho d'aço, com que se andará mediante uma chave, da esquerda para a direita para adiantar, e da direita para a esquerda para atrazar.

Não se obrigarão a retrogradar os ponteiros das pendulas de campainha mais do que meia hora, e isso mesmo é preciso fazel-o com precaução, e parar em se sentindo alguma resistencia; nem tão pouco se deve recuar o ponteiro dos minutos, quando estiver perto de 28 ou 55 minutos, isto é, estando o engenho das horas proximo a dal-as; porque se então se achar o ponteiro mais para traz, succederá tocar a campainha, e tornando a tocar quando o ponteiro reverter ao mesmo ponto e passar á meia hora e á hora, deixará de condizer com os ponteiros, pois quando estes indicarem qualquer hora, dará a campainha da pendula meia hora. Em isto acontecendo, é necessario voltar o ponteiro dos minutos até que diste dois minutos pouco mais ou menos da hora ou da meia hora, e então far-se-ha retrogradar até tocar a campainha. Andar-se-ha depois com o ponteiro para diante e a campainha tornará a tocar, e dará a hora e a meia hora quando o deve fazer, bastando dar aos ponteiros para os pôr na hora e no minuto.

Quando a campainha d'uma pendula deixa de concordar com os ponteiros, será preciso fazer gyrar o ponteiro das horas sem andar com o dos minutos, e pol-o na hora da campainha. Depois far-se-ha gyrar o ponteiro dos minutos até que a pendula mostre a hora requerida.

Quem collocar uma pendula deve procurar que fique bem perpendicular, o que se conhece quando as pancadas são perfeitamente similhantes, cousa que não tem logar em ficando inclinada para a direita ou para a esquerda.

Se ella pender para diante ou para traz, póde a lentilha do pendulo roçar na caixa ou até na fabrica, e por conseguinte fazer parar o relogio.

O TRABALHO OU CINCO MIL CRUZADOS DE RENDA.

Quando eu tinha dezoito annos (ha que tempos isto vae!) costumava no verão ir passar os domingos em Versailles, onde minha mãe estava residindo. Para fazer o caminho, saía pelas barreiras de Paris, e fa na estrada esperar as seges que andavam nesta carreira. — Ao passar as portas encontrava sempre um pobre alto que gritava com voz esganiçada — *uma esmola pelo divino amor de Deus!* — O meu vintem fase-me sempre aqui.

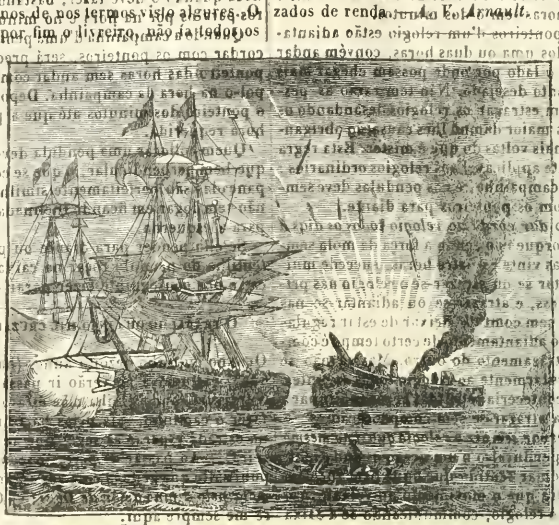
Certo dia em que eu pagava o meu tributo a Antonio (que assim se chamava o pobre) aconteceu passar por pé um sugeito baixo, magro, esperto, e de cabello polvilhado, a quem Antonio dirigiu o seu esganiçado memento: — *quem me dá uma esmola pelo divino amor de Deus!* —

O sugeito parou, e depois de ter os olhos cravados no pobre por algum tempo, lhe disse: Parece-me que V. M.ce póde trabalhar, e que não é lerdo; e dado o caso que seja o que me parece, porque anda exercendo tão vil officio? — Quero tiral-o desta tristissima situação, e dar-lhe cinco mil cruzados de renda. Pozse o pobre a rir, e eu tambem. Ria quanto quizer, proseguiu o velho dos polvilhos, mas siga o conselho que lhe vou dar, e terá o que lhe prometto. Tem exemplo em mim Aqui estou eu, que tambem fui pobre; mas em vez de mendigar, fiz de um cesto usado uma especie de canastra, com que fa pelas aldêas e cidades de provincia, pedindo, não esmolas, mas trapos velhos, que me davam de graça, e que eu vendia depois, por bom dinheiro, aos fabricantes de papel. Passado um anno deixei-me de pedir os trapos, e comprava-os, tendo, além disso, já um jumento e um carrinho para andar no meu limitado trafico.

Obra de cinco annos depois tinha de meu quinze mil cruzados, e casei com a filha de um fabricante de papel, que me fez seu socio. Tinha a fabrica pouca freguezia; mas como eu era ainda moço e activo, fui trabalhando e poupando. — Hoje possuo duas propriedades de casas em Paris, e traspassei a fabrica a meu filho, a quem inspirei desde creança o amor do trabalho, e a perseverança nelle. — Agora, meu amigo, faça como eu fiz, e enriquecerá como eu enriqueci.

Dito isto, o velho se foi embora, deixando Antonio a scismar, por tal modo, que duas senhoras passaram por elle sem ouvir a chiadeira esganiçada do mendigo — *ora dê-me uma esmola pelo divino amor de Deus!* —

Passaram annos, e estando eu em Bruxellas em 1845, entrei um dia na loja de um livreiro, para comprar certos livros, e um sugeito alto e gordo passava por o armazem, dando as suas ordens a cinco ou seis caixeiros. Olhamos um para o outro, como que entre-lembrando-nos de nos termos visto algures. O senhor, disse-me por fim o livreiro, não é todos os domingos a Versailles, haverá vinte e cinco annos? Pois que historia é esta? — exclamei eu. — O senhor é aquelle pobre chamado Antonio? — Sem tirar nem pôr, o proprio. — Estou aqui — O velho dos pólvilhos tinha razão — deu-me com effeito cinco mil pezos de renda. — Amanhã.



EXPLOSÃO DA CAPITANIA TURCA EM NAVARINO.

HISTORIA CONTEMPORANEA.

BATALHA DE NAVARINO.

Havia cinco annos que a insurreição gloriosa da Grecia contra os seus barbaros oppressores durava pertinazmente em meio da varia fortuna das armas; os Hellenos, que morriam tão heroicamente em defeza da Cruz, e da liberdade, conquistavam as sympathias do mundo civilisado.

Em quanto existiram as sedições politicas no Piemonte, e a revolução d'Hespanha, as potencias europeas olharam para a luta religiosa e civil dos Gregos com indifferença e indecisão, e até o congresso de Verona repellia com certa dureza diplomatica as rogativas daquella nação; mas, por morte do Imperador Alexandre, rebentou no imperio Russo tão violenta sympathia a pró dos Gregos, que fora impossivel a Nicolau, seu successor, comprimir o impulso, que dava aos Russos a identidade de crença. Declarou por tanto o gabinete de S. Petersburgo á Europa que estava decidido a prestar soccorro á Grecia; e a Inglaterra que desconfiada observava a influencia que a Russia ganharia no Mediterraneo, se intervieesse só, consentiu, de accordo com a França, em um tratado especial, que foi assignado em Londres, e que tinha por objecto por termo ás desgraças dos Gregos; nelle se estipulou a independencia, e a demarcação da Grecia, e como ultima clausula se declarava que a Porta Ottomana seria constrangida a acceitar os artigos estabelecidos pelas tres potencias supplicantes.

Em quanto o Grão Senhor fazia todas as diligencias para annullar, ou illudir todos os effeitos da intervenção, as potencias, que a tinham tomado a seu cargo, reuniam forças navaes, para a fazerem respeitar. Mandaram cada uma ao Mediterraneo uma esquadra de quatro naus de linha, quatro fragatas, e algumas embarcações menores, de que eram commandantes, pela Grã-Bretanha o vice-almirante Codrington, pela França o contra-almirante de Rigny, pela Russia o conde de Heiden, os quaes concordaram nas medidas que tomariam para uma suspensão de armas, e para impedirem as hostilidades entre os Gregos e os Ottomanos. Tinha ido ao Egypto um official inglez para prevenir o bachá das disposições tomadas, e convidal-o a suspender a partida da expedição preparada em Alexandria; mas o bachá, a quem por tantas vezes se tinham attribuido projectos d'independencia, tinha declarado a sua determinada resolução de seguir as ordens e a fortuna do sultão, de quem era feudatario. Por isso, apesar das representações dos enviados das tres potencias, a armada turco-egypcia, composta ao todo de 92 velas, ás ordens d'Ibrahim, filho do bachá, e de outro capitão, saindo do porto de Alexandria, escapou aos cruzeiros das nações alliadas, e entrou a 9 de Setembro de 1827, no porto de Navarino, que jaz na costa occidental da Morea, no golpho de Zonchio, chamado de Pylos nos tempos de Homero, e onde reinou o virtuoso Nestor.

O almirante inglez, que foi o primeiro informado da entrada daquella frota em Navarino, se pôz a cruzar em frente deste porto, esperando a chegada das outras duas esquadras. A 19 de Setembro Ibrahim expediu Tahir-bachá com uma divisão de sua armada, na intenção de saber como se haveria o almirante inglez; mas assim que Sir Edward Codrington o viu sair os navios turcos, enviou uma fragata ao commandante, e notificando-lhe que voltasse a Navarino, alias o compregaria á força para o obrigar. Esta intimação, respondeu o Turco, me parece mui extraordinaria, não se participa a Ibrahim, meu general em chefe. Ao Ibrahim, apenas foi sabedor desta ameaça, declarou que não começaria as hostilidades sem ordem formal da Sublime Porta, em consequencia do que deixa em

dem para o Capidão-bachá se recolher ao porto. Mas (accrescentou) saiu com toda a minha frota sem o meu plano de campanha, e pedi-o sem attenção ás forças combinadas, que preferiram opor-se-me em todas as occasiões, por motivos que sejam, e que de sempenhar o cobrar de general, e que não cumpre interpretar as instrucções do seu governo.

Na manhã de 21, a esquadra franceza se reuniu á divisão inglesa de fronte da Navarino. Os dois almirantes se visitaram em conferencia, em que [illegible] [illegible] [illegible]

lar a elrei, o qual lhe disse que já o havia dado. O homem beijou-lhe a mão, dando-lhe muitos agradecimentos, do que elrei ficou tão maravilhado, que perguntou ao requerente se havia percebido bem o que lhe elle dissera: « senhor, sim»: tornou o homem. Então elrei lhe ordenou repetisse o que lhe ouvira: « Disse-me V. A., respondeu elle, que já o havia dado.»—«E porque me daes por isso os agradecimentos?»—Porque me podéra V. A. remetter a algum ministro que me trouxera apoz si um mez, no que gastára vinte cruzados que trago comigo. Foi por estes que beijei as mãos a V. A., porque delles me fez mercê.»—Elrei, ouvindo esta resposta, mandou-lhe dar o officio, e prover n'outro o que estava já despachado.

Methodo para affastar a cholera-morbus.—Durante a minha ultima jornada em Bundi, tive que divertir-me com o expediente do principe meu amigo para affastar a morte da sua capital, bem como o modo por que o velho regedor de Cotá se pertendeu livrar desta importuna hospeda. Havendo reunido os bramenes astrologos, e mais gente versada em feitiçarias, preparou-se uma grande ceremonia, fez-se um sacrificio, e publicou-se um decreto de *desvatto*, ou desterro, contra *murri* (a cholera.) Em consequencia disto arranjou-se para ella uma carroça adornada de emblemas funebres, pintada de preto, e puxada a duas juntas de bois negros: nella se pozeram cestos, tambem pintados de preto, com comida, para que a referida senhora não fosse sem matalotagem. Ia adiante um carreiro vestido de côr negra, e o povo de roda a gritar. Assim foi *Murri* levada atravez de Chumbul, com ordem expressa dos sacerdotes para não tornar a pôr pé em Cotá. Quando o meu amigo soube da expulsão da cholera em Cotá, e que se dizia que vinha caminhando para Bundi, chamou todos os sabios da cidade para verem como haviam de obstar a que ella ahi entrasse. Para isto requisitaram toda a agua do Ganges que se pôde pilhar, e pozeram vasos de barro cheios della sobre a porta do meio-dia, dos quaes estava continuamente pingando, para que nenhum mal por ahi podesse entrar. Se o deposito da agua benta que havia se acabou, ou se *Murri* fez pouco caso della, é o que eu não sei dizer; mas o certo é que chegou a palacio—e até o meu amigo foi victima della.—*Coronel Tod—Annaes do Rajasthan.*

Os Tartaros Calmucos.—As mulheres calmucas andam a cavallo melhor do que os homens. Um calmuco estando a cavallo parece bebado, e que vae cair a cada momento, posto que isto nunca lhe aconteça; mas as mulheres teem-se melhor, e mostram extraordinario geito para a equitação. Fazem-se os desposorios entre os calmucos da maneira seguinte.—A rapariga monta primeiro a cavallo, e corre á redea solta: o noivo persegue-a, e se a apanha, volta com ella para a sua tenda, e ficam assim casados. Ás vezes acontece não querer a rapariga casar com o que a deseja por mulher, e então não se deixa apanhar. Asseveraram-me nem uma só vez ter acontecido, que alguma rapariga fosse alcançada por este modo, salvo, tendo ella vontade de ser mulher do que a persegue. — *Clarke— Viagens na Russia.*

Tratamento utilissimo as arvores. — As arvores costumam ás vezes cobrir-se de uma especie de musgo esverdeado ou amarellado: — este musgo é uma planta que se sustenta da substancia da arvore, e por consequencia lhe diminue o vigor: temos visto pomares inteiros cobertos deste lichen ou musgo, sem que os fazendeiros tratem de lh'o tirar. — Em algumas provincias da França costumam esfregar os troncos das arvores tres vezes no anno com um pedaço de panno grosso ou de sarapilheira, limpando-os muito bem destas pequenas plantas parasitas, e assim as arvores se lhes tornam frondosas e robustas, e dão mais e melhor fructa. Este tratamento é necessario principalmente nas arvores novas, em quanto não teem crescido quanto devem crescer.

Cozedura dos legumes farinaceos.—Duas coisas contribuem para fazer coriaceos e encruar os legumes farinaceos. Depende a primeira de terem soffrido mui fortes calores no estio, durante a sua vegetação; e a segunda da agua em que os cozem. Sabe-se que, por exemplo, a agua dos poços é impropria para similhante uso, por causa da porção de cal que contém em dissolução; porém remedeia-se este inconveniente deitando dentro da panella uma boneca de panno da grossura de um ovo, cheia de cinza, a qual se tira, cozidos que sejam os legumes. A cinza fa-los cozer com mais promptidão, e poupa ao mesmo tempo o sal, de que se lhe deve deitar menor quantidade.

Outro meio de alcançar o mesmo fim consiste em deitar na agua em que se cozem os legumes, um pouco de vinagre, ou certa porção de azedas dentro d'uma boneca.

Preservativo contra o bolor.—Ha mil objectos de uso diario que o bolor ataca, e deteriora rapidamente; taes são, para citar alguns exemplos, a massa, a tinta, os couros, os grãos, os livros, &c.

Os perfumes, e principalmente os oleos essenciaes obram com a mais notavel efficacia contra este agente destruidor. Se deitarem um pouco de oleo de therebentina n'um vaso em que haja massa, de modo que ella fique coberta, acha-la-hão tão boa como no momento em que foi feita, quando a quizerem tirar desta especie de prisão, seja qual fôr o lapso de tempo decorrido desde que fôra assim privada do contacto do ar.

Uma pequenissima quantidade de oleo de alfazema ou de cravo deitada na tinta obsta a que crie bolor. Qualquer outra essencia produziria o mesmo effeito.

Nos armazens militares onde a conservação dos arreios e do calçado exige avultadas despezas, e onde muitas vezes o bolor causa em poucos dias perdas enormes, evita-las-hão sempre usando de oleos essenciaes, e principalmente do de therebentina, que tem de mais a mais a vantagem de ser de todos o mais barato.

Algumas gotas deste mesmo oleo bastam para preservar uma livraria dos estragos do bolor.

Com igual resultado tem sido empregado para conservar os grãos, objecto tão importante e difficil, sobre tudo nas longas viagens.

Não ha a mesma certeza a respeito da excellencia do oleo de therebentina para livar a madeira do carunchu; com tudo, muitas tentativas felizes fazem esperar que tambem neste particular poderão obter-se resultados satisfatorios.

Finalmente temos nos oleos essenciaes, e com especialidade neste um meio infallivel de conservar as collecções zoologicas. Uma bexiga cheia de essencia de therebentina, e pendurada na casa em que estiver a collecção, será sufficiente não só para affastar della todos os insectos, mas tambem para matar as especies que fazem maior damno nestes asylos da sciencia, como são os escaravelhos, as centopeias, &c.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N°. 55=1.° andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.

OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

17) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 26, 1837.

A PALMEIRA DO DESERTO.

A Palmeira Tamareira, ou das Tamaras.

(*Phœnix dactylifera.* Lin.)

Magestosa, e ao mesmo tempo esbelta, e engraçada é esta arvore, tão interessante para a humanidade nos climas ardentes da Asia, donde é oriunda. Em todas as edades, os auctores, tanto sagrados como profanos a celebraram em suas composições; foi escolhida pelos antigos para emblema do amor conjugal, da saude, da fecundidade, e da conservação dos imperios; e os poetas a consagraram á victoria dos heroes.

Os arabes, a cuja industria se deve o ensino dos cavallos, e dos camellos, e a domesticidade dos carneiros, obtiveram deste soberbo vegetal, por via de aturada cultura, fructos doces e agradaveis, desinvolvendo-lhes o principio nutritivo, que é o seu merito principal. Da Arabia se propagou a cultura das palmeiras pelos paizes quentes das outras partes do globo; porém nestes mais servem de enfeite que de utilidade, ou porque a temperatura do clima lhes não convém, ou porque os cultores, achando n'outras producções alimento mais facil de obter, não lhes prestam todos os cuidados, de que a sua cultivação necessita. Só nos desvios da Asia, e d'Africa, a palmeira recebe das nações, de quem é o unico recurso, os desvelos, que requer para produzir bons fructos. Os povos destas regiões formam dilatados bosques destas arvores, que dispoem nas proximidades das montanhas, e dos rios, cujas aguas encaminham, distribuidas em regos innumeraveis, a cada pé de palmeira, conduzindo-as assim por vastas plantações, e levando-lhes uma perpetua fresquidão. Estes amenos retiros representam a vista de uma abobada immensa de verdura sustida por milhares de columnas. Crescem por alli de mistura laranjeiras, limoeiros, amendoeiras, &c.; e dão fructos excellentes. Alli se recreiam a um tempo todos os sentidos; a vista com a belleza das flores, o olfacto com seu agradavel perfume, o paladar com a bondade das fructas, e o ouvido com a cantilena das aves, que concorrem de toda a parte a buscar sustento, e agua, debaixo destas sombras. As tribus, possuidoras destes plantios, abandonam com solemne apparato, todos os annos, as aldêas, que habitam, carregam o seu trem nos camellos, e veem passar a estes sitios a estação dos calores, que em outra paragem seriam intoleraveis.

Multiplicam-se as palmeiras, ou de semente, ou pelos pimpolhos, ou rebentões. No primeiro caso, mettem-se em um buraco profundo no chão dois, tres, ou quatro caroços, no começo da primavera. O que brota deita uma folha singela; mas á proporção que se enraiza, augmenta o numero das folhas, e no fim de tres ou quatro annos a planta está desinvolvida, com todas as suas fórmas ordinarias, excepto a columna do tronco, que cresce progressivamente com a edade, lançando em cada anno um ramilhete de palmas central, seccando-se-lhe a camada anterior, que vem a cair, se lh'a não cortam; de fórma que os pés destas palmas, dispostas em fórma circular, vão formando uma serie de annels, que constituem o tronco, onde se observam as cicatrizes, ou vestigios das folhas anteriores, continuando a brotar annualmente novo palmito. Multiplicadas por esta fórma só dão fructo ao cabo de doze, ou quinze annos; se acontece saírem a maior parte machos, o cultor perdeu seu trabalho: por isso preferem reproduzil-a pelos pimpolhos, isto é, mettendo na terra as vergonteas de dois ou tres annos, que rebentam das raizes, ou das summidades das palmeiras já velhas. Deste modo saem sempre femeas; conserva-se, e aperfeiçoa-se a qualidade dos fructos; e produzem aos quatro, ou cinco annos.

Cultivam-se sómente as arvores femeas, que produzem o fructo; e basta para as fecundar dispôr nos plantios d'espaço a espaço alguns machos. N'alguns sitios nem isto fazem, e vão na epoca da fecundação buscar as flores ainda encasuladas dos que ha bravios nos bosques. Florecem pelo mez de Março.

Para fecundar as palmeiras artificialmente abrem o casulo das flores masculas, que dão n'um cacho, o qual cortam em pedaços, e os alporcam nos cachos das arvores femeas, quando começam a abrir as flores. Bastam cinco arvores masculas para um cento das femeas.

Que a palmeira carecia, para produzir, da fecundação de outro individuo da mesma especie, e não só ella, mas outros vegetaes; que o vento era o ministro de seus consorcios sabiam-no os antigos perfeitamente. O naturalista romano o disse, e antes delle o grego Theophrasto. Ignoravam porém quaes os orgãos, e o modo da fecundação. O celebre Linneu, aproveitando anteriores conhecimentos, foi quem rasgou completamente o veo do mysterio, e com seu engenhoso systema deu ás flores nova consideração, e novos attractivos.

Ha mais de quinze variedades da palmeira das tamaras, segundo o tamanho, gosto, e côr de seus fructos, uns de pouco preço, e outros muito estimados.

Diversas nações das margens do Euphrates, e do Golpho Persico, e outras se sustentam quasi absolutamente de tamaras. Os habitantes dos confins do Atlas atravessam as solidões do deserto sem mais provisões do que estas fructas reduzidas a uma especie de farinha.

Todos estes povos, quando as colhem maduras, teem o cuidado de as espremer antes de as seccar, para lhes extrahir um succo amelaçado, que lhes serve de manteiga. Tambem fermentando-as conseguem uma bebida agradavel, de que ao depois fazem vinagre, ou por distillação uma aguardente muito estimada. É esta a bebida costumada dos soberanos do Congo, e de outros potentados d'Africa, e d'Asia, que seguem a religião mahometana.

Não são porém os fructos a unica producção util desta palmeira. O amago da base do tronco da arvore ainda nova, ou a summidade da arvore adulta, e os gômos, ou olhos das folhas antes de desinvolvidas, são brancos, tenros, delicados, e bons de comer cosidos. Os cachos, e flores antes de rebentarem teem o mesmo sabor. Por meio de incisões verte esta substancia um liquido assucarado, e lacteo, que serve de bebida aos doentes e lhe chamam leite de palmeira.

Nos paizes onde ha muitas, os troncos e folhas destas arvores são os unicos materiaes que os habitantes empregam na fabrica de seus domicilios; e duram prodigiosamente, porque é lenha, que com difficuldade se arruina.

Das folhas (que para tal effeito demolham) fabricam esteiras, cestas, e outros muitos trastes caseiros; e das fibras muito boas cordas. Em summa applicam-nas a uma immensidade de usos; e até dos cachos, despidos das flores, fazem vassouras.

Os caroços das tamaras, apesar de serem muito duros, são um alimento muito bom para os camellos, e as ovelhas dos arabes, os quaes para isso os moem, e cozem em agua a ferver. Dizem que reduzidos a carvão, e pulverisados são muito bons para limpar os dentes.

QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

II

Tomada de Ormuz.

1507 — 14.

«A cidade de Ormuz (diz Barros) está situada em uma pequena ilha chamada Gerum, que jaz quasi na

garganta de dentro do estreito do mar persio, tão perto da costa da terra de Persia, que haverá de uma á outra tres legoas, e dez da outra Arabia.» Os geographos modernos a lançam a quatro legoas da costa do Kerman, e a 25 do cabo Mussadon na Arabia. É Ormuz um montão de rochas volcanicas da circumferencia de 8 a 9 legoas, posto que Barros lhe dê 3, e Godinho 4: esteril inteiramente, o seu solo é uma especie de sal e enxofre, sem que naturalmente produza nem uma fevera d'herva; e hoje está quasi deshabitada, por doentia, e pelos excessivos calores que nella reinam.

Era Ormuz, quando os portuguezes a commetteram a primeira vez, capital do reino do mesmo nome, situado na costa da Arabia, desde o cabo Rosalgate até o cabo Moçandan, espaço de 80 legoas. Apesar do cafaro do seu territorio estava então muito ennobrecida de edificios, por ser escala de grande parte do commercio do Oriente. Vinham-lhe os mantimentos da Persia e até fructas e hortaliças, e da proxima ilha de Queixome lhe vinha a agua para os moradores beberem. Diz o nosso viajante Godinho que a maior parte da lenha que em Ormuz ainda no seu tempo se gastava, era de um pau chamado horrá, nascido debaixo da agua, e que, deitando-se nella fa ao fundo como se fôra pedra, e mettendo-se no lume ardia como se fosse de oliveira. Disto, e do sal mineral em que abunda, tiraram os persas o dizerem de Ormuz, que era a terra onde se buscava a lenha no mar, e o sal no sertão. O mesmo escriptor diz que a pedra de que em Ormuz se faziam as casas, era de tal natureza, que deitada na agua sobrenadava como se fôra cortiça.

O primeiro senhor de Ormuz de que temos noticia foi Male-Caez, o qual, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquelle estreito. Grodun-Shah, principe do Magostão, lh'a comprou pelos annos de 1273, e a povoou e ennobreceu, passando para alli a sua côrte, depois de destruir o reino de Caez, e de attrahir a ella todo o commercio daquelle estreito. Os seus descendentes ahi reinaram tranquillamente até o principio do 16.º seculo, em que os portuguezes, conquistadores do Oriente, pozeram Ormuz debaixo do jugo de ferro do seu dominio.

Sargol, rei desta ilha, tinha morrido, e herdára a corôa seu sobrinho Ceifadim, filho de Shah-Vez, que fôra desenthronisado por Sargol. Era Ceifadim ainda muito creança, e em seu nome governava Coge-Atar, que havia sido valido de Shah-Vez e seu constante partidario. Foi nesta conjuncção que os portuguezes ahi chegaram

Affonso de Albuquerque, nomeado por elrei D. Manuel capitão-mór de seis naus para andar na costa da Arabia tolhendo o commercio que os mouros faziam no Indostão, tinha partido do reino na armada de Tristão da Cunha, sendo então governador da India D. Francisco de Almeida. Depois de varios feitos de armas e de fundada a fortaleza do Coco na ilha de Socotorá, partiu Tristão da Cunha para a India, deixando Affonso de Albuquerque com seis naus para correr aquella costa, e fazer o que no regimento d'elrei lhe era encommendado. Despedido Tristão da Cunha, assentaram em conselho os capitães das naus que fossem tomar Mascate no estreito de Ormuz, e andando alguns dias naquellas paragens esperassem ahi os navios, que nesta quadra costumavam sair de Barbora e Zeila para Diu e Cambaia, e para outros portos do Malabar.

Tomada esta resolução velejou a armada por aquelles mares, e com a variedade dos tempos chegou primeiro a Calaiate, onde Affonso de Albuquerque se proveu de mantimentos, e passando ávante destruiu Curiate, porque os moradores lhe fizeram traição; e correndo de victoria em victoria humilhou Mascate, Soar, Orfacão, ou destruindo-as ou sujeitando-as; e deixando espalhado por toda aquella costa o terror do seu nome, veiu surgir diante da cidade de Ormuz.

Ceifadim, ou antes o governador Coge-Atar, estava já sobre aviso da vinda dos portuguezes, e o ecco das façanhas destes, nas cidades da terra firme, tinha retumbado em Ormuz. Estava no porto uma armada de sessenta naus, duzentos galeões de remo, e muitas terradas, que são embarcações do tamanho de pequenos hiates, ou dos barcos do Tejo, que chamamos de agua-acima. Esta numerosa armada era guarnecida de muita artilharia e gente de peleja, afóra a que andava na praia, que eram de 15 a 20 mil homens. Affonso de Albuquerque apenas surgiu, mandou dizer a Ceifadim que se fizesse tributario d'elrei de Portugal, quando não destruiria aquella armada e depois a cidade. Procurou Coge-Atar entretel-o com boas palavras, em quanto não lhe chegavam mais soccorros que esperava; porém o capitão-mór, vendo ao quarto dia que o negocio se não concluia de maneira alguma, atacou com as suas seis naus aquella espantosa frota. Durou o combate travado por algum tempo, mas os portuguezes levaram por fim conhecida melhoria. Então começaram de fugir as embarcações dos mouros, e estes a saltarem ao mar, onde os portuguezes, que andavam já em bateis, os acabavam á sua vontade, trazendo-os á espada. Desbaratada a frota, e feita aquella grande carnificina, Affonso de Albuquerque se foi chegando a terra no seu batel, ao qual seguiram os outros, e esbombardearam um ceramo ou palanque que estava mettido pelo mar e guarnecido de artilharia. Aqui foi o capitão-mór ferido de uma frechada pelo rosto, e muitos outros com elle: mas isso não embargou que os portuguezes fossem correndo ao longo da praia, destruindo os arrabaldes: e para melhor o alcançar, alguns desembarcaram em terra, sem acharem contradicção, e foram queimando tudo quanto encontraram. Vendo os mouros a determinação dos portuguezes, e que certa era a ruina da cidade, ergueram uma bandeira branca, e vieram alguns fallar a Affonso de Albuquerque, offerecendo da parte do rei Ceifadim a sujeição de Ormuz. Depois de muitos recados de parte a parte, assentaram-se pazes, ficando Ceifadim tributario d'elrei de Portugal em 15:000 xerafins, pouco mais ou menos 12:000 cruzados. Feito este contracto começou Affonso de Albuquerque a edificar uma fortaleza junto com a cidade, na ponta de Morona; na qual trabalhou com tanta efficacia, que brevemente a poz em estado de defensão.

Entretanto Coge-Atar arrependeu-se de ter consentido em que os portuguezes se fortificassem em terra: por cinco homens que haviam fugido da armada soubera que grandes dissensões havia entre Affonso de Albuquerque, e os capitães das naus, desejosos de partir para a India, e que desde o começo da guerra em todos os conselhos a ella se tinham opposto. Isto lhe deu ousadia para romper com os portuguezes, os quaes se recolheram aos navios, e começaram a pôr a ilha em grande aperto: porém, declarando-se a revolta na armada, e fugindo tres capitães com as suas naus, o grande Albuquerque foi obrigado a partir para Socotorá, donde voltou outra vez por Ormuz; e sem acabar alli coisa alguma, partiu para a India, e chegou a Cananor nos fins do anno de 1508.

Neste estado se conservaram as coisas de Ormuz por algum tempo; até que sabendo Coge-Atar de

como Affonso de Albuquerque era governador da India, e das grandes victorias que havia alcançado dos mouros, mandou-lhe dizer que Ceifadim estava prompto a pagar o tributo, reconhecendo vassallagem a el-rei de Portugal, pedindo-lhe ao mesmo tempo pozesse em esquecimento os passados odios. Recebeu o governador da India esta mensagem benignamente: Coge-Atar pagou as pareas devidas: e assim o renome de Affonso de Albuquerque concluiu em grande parte o que as armas não tinham podido acabar.

Porém o governador da India não estava satisfeito com isto: pretendia estabelecer inteiramente em Ormuz o dominio portuguez; e por esse motivo partiu para aquella ilha com uma grossa armada de 27 velas no anno de 1514, levando a mira em acabar de fundar a fortaleza, que tinha começado quando ahi estivera da primeira vez.

Pedro de Albuquerque, seu sobrinho, já tinha no anno antecedente aportado em Ormuz com a armada de que Affonso de Albuquerque lhe dera a capitania para cruzar no cabo de Guardafú. Repetidas vezes pedíra ao rei lhe entregasse a fortaleza começada por seu tio, mas nada pôde alcançar a este respeito, apesar de em tudo o mais mostrarem os mouros que não tinham má vontade aos portuguezes. Foi por elle que o governador da India soube que Ceifadim tinha morrido envenenado, e que em seu logar reinava Torun-Shah, cujo principal valido era um velho persa, por nome Rais-Nordim, por quem todas as cousas do reino se governavam. Porém quando Affonso de Albuquerque chegou uma nova revolução tinha ahi mudado a face dos negocios publicos. Rais-Hamed, sobrinho de Rais-Nordim, ajudado de alguns facciosos se tinha assenhoreado da pessoa de Torun-Shah, e lançando em ferros o velho Nordim e seus filhos, em nome do moço principe tyrannisava Ormuz.

Tanto que Affonso de Albuquerque aportou com a armada, Rais-Hamed, assombrado do poder dos portuguezes, começou a abrandar suas tyrannias, soltando Nordim, e dando mais liberdade a Torun-Shah. O governador apenas chegou mandou logo um mensageiro ao rei, pedindo a entrega da fortaleza; e depois de varios recados foi esta cedida aos portuguezes, que logo começaram a trabalhar por concluil-a, aposentando-se Affonso de Albuquerque em terra para vigiar a obra. Entretanto Rais-Nordim lhe fez saber a oppressão em que Rais-Hamed tinha o rei e o reino, cousa que para o governador não era nova. Por livrar, pois, Ormuz deste estrangeiro, cujas miras pareciam ser sujeitar aquella cidade á Persia, resolveu-se Affonso de Albuquerque a matal-o. Parece que os mesmos intentos tinha o mouro ácerca do general portuguez, e levado por seus desejos foi cair no laço que lhe estava armado. Tinha-se aprasado um dia para Torun-Shah, Rais-Hamed, e Rais-Nordim irem visitar Affonso de Albuquerque, com a condição de que nestas vistas estariam todos sem armas. Desconfiados com tudo uns dos outros, nem os portuguezes deixaram de se aperceber secretamente com punhaes, nem Rais-Hamed de vir armado. Foi elle o primeiro que entrou na sala, e notando-lhe D. Garcia de Noronha o trazer armas, Rais-Hamed respondeu, mostrando alvoroço e soberba: «isso não se entende comigo.» — Ao mesmo tempo gritou para fóra a Torun-Shah que não entrasse porque os portuguezes estavam armados. Então o interprete Alexandre de Ataíde lhe travou do braço, e dizendo que lhe ía mostrar as casas para se desenganar de que nellas não havia soldado algum, o levou a Affonso de Albuquerque, o qual lhe ordenou se desarmasse, visto não vir conforme ao que se tinha ajustado. Rais-Hamed, ouvindo isto, lançou mão ao punho da espada. Pedro de Albuquerque, sobrinho do general, metteu-se logo de permeio; mas Rais-Hamed, já desatinado, segurou pelo vestido a Affonso de Albuquerque, que o lançou de si, e gritou ao sobrinho: *matai-o*. Os punhaes escondidos lampejaram logo nas mãos dos portuguezes, e n'um momento Rais-Hamed se debatia por terra envolto no seu sangue. Torun-Shah, entrando e vendo Rais-Hamed assassinado, sobresaltou-se; mas o general o recebeu com tantos protestos de amisade e comprimentos, que o rei se asserenou. Entretanto os parciaes do morto, posto que não soubessem o que lhe acontecêra, vendo cerrarem-se as portas, vieram com machados para as arrombarem: mas Affonso de Albuquerque mandando dar signal, com um tiro, aos soldados que andavam por fóra, estes começaram a tratar tão mal os mouros, que lhes foi forçado affastarem-se. Para accommodar a revolta appareceu Torun-Shah no eirado do edificio acompanhado por Nordim e pelo general portuguez, a quem os irmãos de Hamed começaram debaixo a pedir lh'o entregasse. Respondeu-lhes Affonso de Albuquerque, que se queriam lhes mandaria a cabeça delle. Como isto ouviram, conhecendo que seu irmão era morto, correram ao paço, e se fortificaram ahi. Um rompimento parecia inevitavel: mas a prudencia de Rais-Nordim acabou tudo sem mais sangue. Os da facção de Rais-Hamed convieram em sair da ilha, e dentro em pouco Affonso de Albuquerque, já muito doente, partiu para Goa, em cuja barra morreu, deixando Ormuz inteiramente sujeita á corôa portugueza.

Apesar das tentativas dos mouros, esta cidade continuou desde então a ser nossa até 1622, em que Shah Abbas, rei da Persia, ajudado dos inglezes, nos tomou a fortaleza, e se apossou de todo o reino. Augmentando as fortificações da ilha, tornou impossivel aos portuguezes o reconquistal-a; ainda que bastava para o assegurar de qualquer tentativa o rapido occaso com que então se ía sumindo para sempre o esplendor das nossas conquistas no Oriente.

PHYSIONOMIA.

Conjecturas ácerca do nariz.

Ha no vulto humano feições moveis e que mudam de continuo conforme o estado da alma, e feições que jámais variam, sejam quaes forem as commoções do coração: o nariz é desta ultima especie. Elle conserva-se da mesma fórma sempre immovel, embora os labios exprimam a alegria com um sorriso, o escarneo por meio d'uma equivoca dilatação, ou o desprezo por meio do franzimento, Espectador mudo e impassivel assiste ás scenas das paixões sem sentir o menor abalo. Rodeado de actores expressivos coadjuva-os desinteressado nas suas empresas, presta-lhes a sua energia para conseguil-as, ou condescendente permitte-lhes o tental-as, mas sem nunca tomar nellas parte activa. Quer a peça seja tragica como na colera, ou comica, como na explosão do jubilo, nem por isso varia o seu aspecto ou postura; mas conserva sempre a attitude soberana, a immobilidade da inercia, da incuria, ou da firmeza.

Dever-se-ha inferir disto que o nariz é uma feição insignificante para avaliar á primeira vista o caracter dos homens? Mui longe disso, é precisamente por estar isento dessas commoções fugazes que fazem do vulto humano um quadro tão variado e instavel, que releva dar mais importancia ás noticias que elle ministra.

O nariz indica muito menos as commoções actuaes do que a natural propensão do espirito, do que a energia da estructura, e o genero do temperamento. Elle paten-

tea a fraqueza ou vigor, a nobreza ou a abjecção, uma sensualidade excessiva, ou a submissão das paixões a uma vontade mais forte do que ellas; mas divulga ainda melhor as inclinações energicas que resultam da primitiva organisação, do que os desejos inconstantes, que nascem posteriormente da educação ou do exemplo. Finalmente, não revela quasi nenhuma das fraquezas adquiridas ou das virtudes convencionaes, porém denota com alguma certeza qual é a propria essencia do caracter individual. Vou explicar a causa disto.

Aos treze para quartoze annos, epoca da puberdade, adquire o nariz a grandeza e a configuração, que ha de inalteravelmente conservar d'ahi em diante. Elle não é, a fallar a verdade, mais do que o prolongamento, e o remate da testa, acabada mais cedo do que elle, e offerece, assim como esta, uma sorte de imagem do espirito, e como um programma da indole. O nariz, e a testa estão quasi sempre em perfeita harmonia, de sorte que um delles confirma o que o outro annuncia, e unanimes são as suas decisões. E' raro que um nariz ignobil esteja unido a uma formosa testa intellectiva. Tal nariz, tal testa, e tal testa, tal entendimento: esta regra tem poucas excepções.

Aos quinze annos tambem o peito se arredonda, muda a voz, e caracterisam-se os sexos. Fôra até alli impossivel prever qual seria a fórma do nariz ou o seu volume. A epoca em que elle acaba de desinvolver-se é, pois, aquella em que os sexos se distinguem, em que o temperamento se fórma, em que o corpo cobra forças ou fica sendo debil toda a vida; de maneira que o nariz é contemporaneo das propensões, das paixões, do temperamento, assim como dessa energia corporea que, segundo o seu gran, conserva sempre tão grande ascendente no procedimento dos homens. — Porque motivo pois causarão tanto pasmo as preciosas indicações que o nariz fornece a certas pessoas, que decifram uma figura humana muito melhor do que uma chronica da edade media?

Eis-aqui, em conclusão, algumas das fórmas que toma o nariz, e a este respeito varias conjecturas que cada um poderá modificar a seu geito.

As organisações mais felizes dão-se frequentemente a conhecer por esses grandes narizes aquilinos ou de outra configuração, que formam quasi a terça parte da face em altura, e a quarta da totalidade da cabeça. Os amenos climas de Athenas e de Roma, os costumes republicanos, a vida dos campos, do gymnasio, e da arena, tornavam este caracter muito familiar nas physionomias gregas e romanas; e estes grandes povos que escolhemos para modelos, em quanto conservámos a orgulhosa esperança de excedel-os, até consideravam o nariz de que se trata como o unico compativel com a magestade dos deuses e dos heroes.

Com tudo é difficil encontrar em os nossos tempos modernos esses narizes perpendiculares, que os artistas gregos costumavam dar ás suas estatuas, e isto mesmo é um aperfeiçoamento, e uma felicidade, se devemos dar credito a Lavater; porque este auctor pretende *que um nariz não é physionomicamente bom, ou signal de grandeza d'animo e d'engenho, senão quando apresenta inflexões suaves, ondulações delicadas, ou encarnas mais ou menos assignaladas*; e accrescenta: *onde não notardes uma leve inclinação, uma especie de resalto na passagem da testa para o nariz, salvo se o nariz fôr muito recurvado, não espereis descobrir o menor signal de nobreza, e magnanimidade.*

Os persas julgavam de tanta monta o caracter de que fallámos, dos narizes aquilinos elevadissimos, que não reconheceriam de bom grado por seu rei um principe que o não tivesse; e eis a razão por que certos eunucos eram especialmente incumbidos de amollecer os narizes dos reaes infantes da Persia.

Tem-se notado que em certas familias a semelhança dos narizes formava o caracter distinctivo e hereditario; e esta transmissão de uma geração á outra encontra-se principalmente nas classes ociosas, e polidas, a que um estado de constante felicidade permitte a escolha de suas allianças matrimoniaes, e o goso d'uma vida livre de estorvos, e vicissitudes; e na realidade estas pessoas providas d'um nariz aquilino mui raras vezes se applicam a trabalhos corporeos (os quaes quasi sempre modificam a organisação), e de ordinario são emprehendedoras, e desmedidamente ambiciosas. A familia dos Borromeus era desta laia, o que fazia com que o chefe da casa dissesse, dirigindo-se a um mancebo seu parente, ainda mais inquieto do que todos os outros: «Séde tão eloquente e virtuoso quanto puderdes; procurai ser douto, o que não é obra d'um dia; elevai-vos muito embora ao grau de erudito.... mas fazei-nos a mercê, meu caro amigo, de não ambicionardes ser sancto: a canonisação do vosso primo Carlos arruinou a nossa familia!

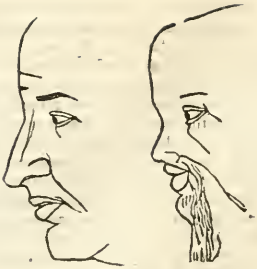
Um grande nariz coroado d'uma testa espaçosa e proeminente, de que o separa um leve chanfro indica uma sêde abrasadora de mando, a firme vontade de superar os obstaculos, e a perseverança necessaria para combatel-os, porém não a circumspecção que os esquiva, nem a provisão que sabe dissipal-os. A physionomia de Napoleão revelava estas qualidades.

Quando os olhos se acham quasi a nivel com o nariz, é mui provavel que o espirito seja fraco, a vontade indecisa, o bom juizo nullo.

O nariz que sae logo da testa, sem resalto nem recorte intermedios, é quasi sempre o indicio de caprichos pueris, de excessiva vaidade, e algumas vezes dos vicios e da baixeza. Nada faz o homem tão despresivel e apto para andar de rojo aos pés dos poderosos, com a irresistivel precisão de obter uma auctoridade que elle não póde conquistar com as suas proprias forças. A ambição da gente desta vil estofa costuma aplanar a estrada do despotismo e tyrannia: tal era o nariz de Narciso, valido do imperador Claudio.

NARCISO. NAPOLEÃO.

Um nariz aquilino annuncia commummente altivez e ambição: é o dos biliosos e melancolicos. A grandes narizes correspondem ordinariamente barba cerrada, olhos negros ou pardos, e cabellos pretos e asperos. A maior parte dos grandes politicos, os mais celebres ambiciosos, e muitos grandes poetas, e illustres prosadores, se fizeram notaveis por narizes de grandes dimensões: Cyro, Constantino, Machiavelo, Luiz 11.°, Catilina, Rabelais, a maioria dos escriptores do seculo de Luiz 14.°, Schiller, Cuvier, &c. &c.



Luiz 11.º Socrates.

Um nariz mediocre e afilado é indicio de viva sensibilidade, de imaginação, de enthusiasmo, algumas vezes de agudeza, de habilidade, de astucia: tal é o das pessoas nervosas. Todavia (diz o doutor *Isidoro Bourdon*, auctor do presente artigo) eu tenho visto narizes grossos conciliarem-se com uma habilidade tão desmarcada, que parecia ameaçar as barreiras da probidade.

Um nariz curto, abatatado, grosso junto das azas, pallido, e inchado (fig. 1.ª) é agouro, e muitas vezes signal certo d'um temperamento lymphatico, d'uma constituição escrofulosa. Semelhantes narizes encurtados e grossos associam-se quasi sempre com olhos azues, beiços grossos, e cabellos louros: a barba é então ou nulla ou delgada, e de varias côres. Narizes de tal natureza annunciam pouca energia, pouca constancia, e muito menos discernimento; porém não são incompativeis com certo grau de memoria, e imaginação, pois, ao contrario, como os individuos dotados destes attributos são pela maior parte doentes, ociosos, e sedentarios, a prematura experiencia domestica que algumas vezes adquirem faz que os seus ostenham em conta de coisas raras.

Teem muitas pessoas o nariz inclinado para a direita, mas isto nada influe no conhecimento do seu caracter; é o simples resultado de preferirmos quasi todos accionar com o braço direito. Os narizes dos canhotos são inclinados para a esquerda.

As grandes paixões, bem como as enfermidades, emagrecem o rosto, e fazem por conseguinte avultar o nariz; por isso se diz da pessoa cujos projectos falharam, cuja ambição fôra burlada: *ha de ficar com um palmo de nariz*! Um palmo lá é muito; mas é certo que os narizes nestes casos parecem mais compridos.

Os narizes cujo repartimento ou parede do meio os excede patentemente (fig. 2.ª) descaindo todo para a boca, indicam, com poucas excepções, um egoismo ou uma sensualidade tão refinados, que não ha precisão alguma deste attributo para os descobrir e amaldiçoar.

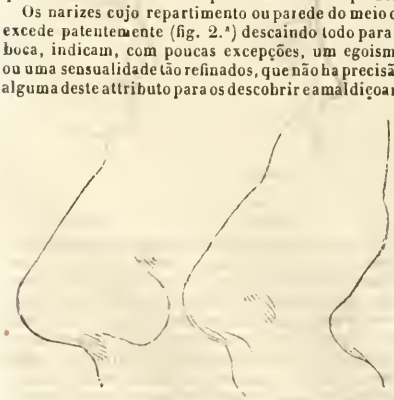


Fig. 1.ª Fig. 2.ª Fig. 3.ª

Um nariz cuja raiz é chanfrada, e a ponta grossa e arrebitada (fig. 3.ª) prognostica pouca sagacidade, mas em compensação muita pertinacia, e grande propensão para o ciume.

Se o nariz inclina para a boca (fig. 4.ª), e se inclina para a sepultura, como diz Mr. de Chateaubriand, isso denota, não a resignação, como crê o auctor d'Atala, mas pensamentos essencialmente mundanos.

As rugas parallelas que serpeam nos lados do nariz (fig. 5.ª), designam quasi sempre a hypocondria, a obstinação, ou a misanthropia, e muitas vezes uma malicia timida, que não ousando fallar, vinga-se fazendo visagens.

As pessoas timoratas, os maniacos, ou os homens a quem preoccupam vivos cuidados ou meditações profundas, contrahem ás vezes o habito de encrespar a ponta do nariz de uma maneira desusada; outras ha que levantam ao mesmo tempo a cabeça e o beiço para o mesmo lado; a outras escapa-lhes maquinalmente um guinchinho sem significação nem importancia.

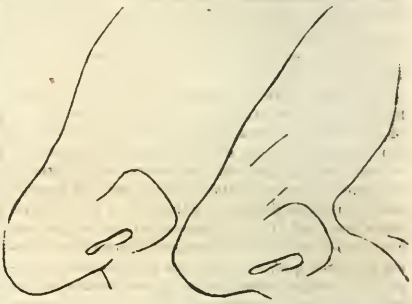


Fig. 4.ª Fig. 5.ª Fig. 6.ª

Muitas mulheres teem as duas azas do nariz excessivamente flexiveis. A celebre actriz Mademoiselle Duchesnois tira um grande partido desta observação, e até chega a accrescentar outro caracter verdadeiro á effervescente paixão que exprime, nos papeis de Phedra, e de Hermione, respirando então unicamente pelo nariz, como quem soluça.

A maior parte dos homens colericos teem narizes curtos, e subitamente arredondados, ou algum tanto arrebitados, e sobrancelhas grossas e desordenadas.

Um nariz arrebitado (fig. 6.ª) que não está em desharmonia com a boca nem com os olhos, é indicio, que raras vezes falha, d'um caracter terno. Socrates, e o celebre Gall tinham narizes arrebitados; e estes philosophos, que não tinham jús a queixar-se da natureza, que muito os favorecêra, não desmentiam o presagio que se tirava d'um dos seus defeitos.

Um narizinho arrebitado, olhos pequenissimos, e sobrancelhas elevadas, é quanto basta para caracterisar um homem hostil, demandista, e gratuitamente malvado. A gente desta especie venderia a sua felicidade por um dito mordaz; a sua familia por um rasgo de malicia; teem tambem louvores exaggerados para aquelles que os ouvem; censura para os ausentes.

Conheço alguns a quem um epigramma fez perder um logar rendoso que deviam a um madrigal.

São extremamente curtos os narizes dos tartaros, e a sua indole é muito hostil. Talvez que desta causa provenha o ter sido tantas vezes tomada e retomada a fertil planicie que habitam, pelos illustres capitães seus tyrannos.

Os narizes chatos e esmurrados annunciam enfermidades graves, todas as vezes que não resultam d'um

desastre ou molestia. Esta configuração de narizes, que tão defeituosa nos parece, os hotentotes a consideram como uma belleza; pelo que chegam a empregar meios artificiaes para produzirem aquella deformidade, que a seus olhos é um enfeite.

Outros povos pensavam mui diversamente. Os hebreus excluiam do sacerdocio aquelles que tinham o nariz contrafeito, e a pena a que os egypcios condemnavam as mulheres adulteras consistia em cortaremlhes os narizes.

PERIGOS DA CAÇA DO LEÃO.

O Leão.

O Leão, o rei dos quadrupedes, é o mais forte e o mais bello entre todos os animaes; mas onde elle é verdadeiramente o symbolo da força e da magestade é nas solidões profundas da Asia, e nos calados e sáfaros areaes da Africa. — Na visinhança das povoações, parece que a ousadia e a robustez lhe desfallecem, e que a proximidade do homem lhe quebra a ferocidade e os brios. Os leões nascidos na visinhança das aldêas da India, ou nas fronteiras da Nigricia e da Mauritania, temem a intelligencia, temem o ferro do homem. Costumados a ser vencidos por este, aprendem que não são senhores da terra: — e então o grito de uma mulher e até d'uma creança os arremessa dos bosques, onde, reis desenthronisados, vão esconder seu terror e sua vergonha. A' sombra do poder do homem a timida ovelha nem sequer cura do rugido do tyranno dos ermos. Porém nas solidões, raro ou nunca trilhadas por pés humanos, este rugido é tremendo; ahi o furor do leão é indomavel, as suas garras são como de aço, os seus braços como de bronze. — O homem e as suas armas não o assustam: romperá por entre os esquadrões, e coberto de feridas, já cançado e moribundo combaterá sem temor: cairá morto aos pés dos seus inimigos; mas quando a sua ossada alvejar ao longe no deserto, muitas outras derramadas ao redor della testemunharão que não foi sem vingança que o monarcha das feras baqueou do seu throno terrivel.

O leão é um animal dos mais bem conformados e dispostos. Enxuto de carnes, sem ser delgado: musculoso, sem ser pesado, reune agilidade extrema com extrema robustez. Os maiores teem oito a nove pés de comprido desde a ponta do focinho até o encaixe do rabo, que á sua parte tem quatro pés: os deste tamanho são altos obra de cinco pés; a femea tem menos a quarta parte destas dimensões.

A côr do leão é fouveira, isto é, tirando a ruiva, pelo lombo, e esbranquiçada pela barriga e lados. A juba, ou grenha que lhe cobre o pescoço, caindo-lhe sobre os peitos é basta, longa, e macia como seda: o rabo tem na extremidade um gadelha ou antes borla. As forças deste animal são superiores ás de muitos que o excedem em tamanho. Os ossos, tem-os tão duros que os antigos lhes attribuiam as propriedades da pederneira. As garras do leão são fortissimas e recurvadas, e elle as póde encolher quando quer. Tem a cabeça enorme, grandes queixadas, fronte espaçosa, focinho grosso, olhos rasgados, beiços pendentes. A grenha ondeante se lhe erriça quando irado, e o seu bramido restruge ao longe. Tem os dentes semelhantes aos do gato, e a lingua cheia de picos agudos, duros como as garras. As leôas não teem grenha como os leões, o que faz com que pareçam outro animal.

O caracter do leão é generoso e magnanimo, ás suas paixões violentas. Todos os outros animaes o temem e fogem até do seu cheiro. Parece que a luz mui viva o incommoda, e o senhor dos desertos vaguea de noite para caçar, como se fôra cruelmente cobarde. Tem pouco faro, e nunca segue a prea pelo rasto, mas só quando a vê. Avisinhando-se de algum rebanho pelas trevas, se de redor teem feito fogueiras, o leão não se aproxima. Quando tem fome não ha animal que elle duvide atacar; porém são as gazelas e os ma-

cacos que ordinariamente saltea. Come muito de uma vez e farta-se para dois ou tres dias. E' soffredor de fome, porém a sede lhe é intoleravel, e assim, em encontrando agua, logo se põe a beber.

Quando está encolerisado, o grito que solta é differente do seu rugido ordinario: sacode então as ilhargas com a cauda, erriça a grenha, encrespa a testa, arquea as sobrancelhas, reganha os dentes, dardeja a lingua: não ha então resistir-lhe. De noite vê como os gatos; dorme pouco, desperta facilmente; mas é erro dizer-se que dorme com os olhos abertos.

Vagaroso e grave é no andar, ainda que sempre vai de esguelha: quando corre é aos saltos, e para filar uma prea dá-os ás vezes de doze ou quinze pés. O elephante, o rhinoceronte, o hippopotamo, e o tigre são as unicas feras que podem resistir ao leão.

Ainda que tão terrivel, este animal não deixa de ser perseguido pelos caçadores, que o assaltam com matilhas de cães corpulentos acompanhados de homens bem montados e armados. Cumpre porém que tanto os cães como os cavallos estejam affeitos e adestrados, porque todos os animaes tremem e fogem do cheiro, só que seja, do leão, como já dissemos. Ainda que elle tenha a pelle grossa e rija, esta não resiste ás ballas, e até nem á azagaia: mas raro será matar algum do primeiro tiro. Ás vezes tomam-se ás mãos vivos, em covas fundas cobertas de ramos e terra, em que elles vão cair. O leão, em se vendo preso, amansa logo, e até se deixa prender e açaimar sem fazer resistencia.

A carne do leão tem desagradavel sabor; apesar do que os indios e os pretos não a acham má, e comem-a quando a alcançam: a pelle desta fera serve, nos paizes onde a ha, de cobertor aos caçadores, e a gordura, ainda que pouca, guardam-na para diversos misteres.

O animal a que os europeus que vivem na America chamam leão (*o puma* de Quito, *pagi* do Chili, e *tigre-loiro* do Brasil) é mui differente do leão da Africa e da India. O puma é mais pequeno, tem a cauda mais curta, e falta-lhe a juba. Parece-se mais com o tigre e com o lobo, trepa ás arvores, o que não faz o leão, foge do homem, e só ousa atacar o gado. — O rei das feras, por tanto, só habita nos desertos da Africa e da Asia.

A caça do leão é na India um dos grandes divertimentos dos inglezes: mas esta caça tem seus riscos, posto que não tantos como a do tigre; porque o leão só póde atacar nas clareiras, ou logares sem arvores, e elle accommette menos de salto do que o tigre. É verdade que isto procede de frequentar o leão sitios mais descobertos do que o tigre, que anda sempre embrenhado por selvas bastas e cerradas, e brejos alagadiços. — A caça faz-se com uma fileira de elephantes, com que se vai batendo o matto. O coronel Skinner conta varias anedoctas ácerca destas caçadas, de que extrahimos a seguinte, á qual serve de illustração a nossa estampa.

«A certo cavalheiro da minha amisade succedeu uma das mais perigosas aventuras que costumam acontecer neste divertimento, tendo tido a honra singular de se ver por alguns momentos nas unhas do real quadrupede. Um leão avançou ao elephante em que ia o caçador inglez, e elle, havendo o ferido com um tiro, inclinou-se para segundar com outro. Neste tempo a portinhola do *udá* (1) abriu-se, e elle salvou por cima da cabeça do elephante, indo cair mesmo entre as garras da fera enraivecida. — O leão, posto que já maltratado, immediatamente se lançou a elle, e o teria acabado em menos de um credo, se o elephante espicaçado pelo *mahut* ou *cornaca* (guia) não désse um passo ávante, e, vergando com a tromba uma arvoresinha, a que o leão estava encostado, lhe não esmagasse com ella o lombo, como fez. O animal obrigado da dôr largou a presa; e o caçador salvou-se; mas com um braço quebrado por duas partes, e com profundas arranhaduras nas costas e no peito.»

(1) O *udá* é uma especie de caixa ou pulpito, que vai ás costas do elephante, e em que se mettem os caçadores. A fórma delle melhor se verá pela estampa.

A balança dos feiticeiros em Oudewater.

No meiado do 17.° seculo ainda o governo hollandez auctorisava uma pratica seguida em Oudewater, a qual recordava as provas dos tempos barbaros, e fôra introduzida por Carlos 5.° a fim, segundo é fama, de arrancar á morte uma immensidade de victimas do fanatismo popular. Ella consistia em pesar na balança grande da cidade as pessoas accusadas de bruxaria, para se conhecer se tinham o peso que um bom e virtuoso christão devia ter: a maior parte dellas vinham espontaneamente pesar-se. Despiam-nas, e uma parteira competentemente auctorisada servia de testemunha com dois homens encarregados de pesarem. Entre o almotacel, o escrivão, e estes tres singulares empregados eram repartidos os seis florins e dez soldos (dois mil e tantos réis), pagos pelos individuos que reclamavam a prova, aos quaes, em troco, se passava uma certidão declarando ser o seu peso proporcionado á estatura, e não trazerem no corpo cousa alguma diabolica. Não custava muito caro a certidão, visto livrar do supplicio do fogo. Nota-se que a maior parte destes suppostos feiticeiros e feiticeiras vinham da Westphalia, e affirma-se que a superstição a que alludimos ainda não foi de todo extirpada.

Uso do carvão vegetal como medicamento. — São numerosos os usos therapeuticos do carvão. É empregado para limpar os dentes e sanear as gengivas. Posto em contacto com as ulceras phadegenicas (corrosivas), ou carne esponjosa, fal-as cicatrisar em pouquissimo tempo, e introduzido nas pomadas, é excellente remedio contra a tinha, reduzido a pastilhas destroe o mau halito, e algumas pessoas o teem empregado com feliz resultado contra os catarrhos, e como febrifugo, &c. Tambem faria bom effeito nas febres pôdres. Eis-aqui as receitas mais simples em que póde entrar como medicamento:

Pó dentifrico de carvão.

Uma onça de pó de carvão bem fino, uma onça de assucar, e tres gotas de oleo volatil de cravo. Faça-se de tudo isto um pó bem ligado.

Pó de carvão e de quina.

Uma onça de carvão bem moído, uma onça de casca de quina vermelha, quatro oitavas de assucar, e quatro gotas de oleo volatil de hortelã.

Emprego da giesta contra a raiva ou hydrophobia — Mr. Chabanon, medico em Uzés, colheu os mais satisfatorios resultados da applicação que fez d'um cozimento de giestas dos tintureiros a varios individuos mordidos por um cão damnado. Alguns jornaes tinham feito menção deste remedio, introduzido mui recentemente na Europa pelo doutor Marchetti, que o vira empregar com vantagem por um camponez russiano.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N°. 55 = 1.° andar.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

18 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 2, 1837.

VISTA DE LAUSANNA.

A SUISSA.

O Cantão de Vaud, e sua capital, Lausanna.

Poucos paizes ha tão pictorescos, e dignos da attenção do viajante, que fôr apaixonado dos quadros sublimes e aprasiveis da natureza, como a Suissa; tambem ha poucos que mais trasladados andem em descendos, vistas, e estampas, e mais divulgados em descripções e viajens. Na profusão immensa de variadas paizagens, e de exquisitas curiosidades naturaes é a Suissa um amplo theatro de scenas deleitosas para os homens de todas as profissões; e satisfaz a todos os gostos. Alli acha o pintor prototypos de todo o genero para o debuxo de seus paizes; o philosopho encontra dilatado e fertil terreno para indagações scientificas; o poeta inexgotavel manancial d'inspirações, harmoniosas como os accidentes da luz nos valles, magestosas como as asperas e levantadas serranias, terriveis como os despinhadeiros e torrentes, e graciosas como um breve e florescente prado, que encruzam placidos ribeiros: alli tambem o moralista e o politico não perdem seu estudo, observando a industria e perseverança de um povo laborioso, que soube aproveitar

todos os recantos d'um solo agreste, e accommodar ás suas precisões as circumstancias das localidades de um povo, que é sobrio, e activo, e que tem conservado as suas instituições e liberdade, por meio de uma confederação leal, estando rodeado de grandes e bellicosas nações.

É a Suissa uma região toda montanhosa, cortada pelos Alpes, que formam um amphitheatro: soffre agreste inverno, porque os cabeços das serras estão sempre toucados de neves: mas tambem n'alguns valles reinam na maior intensidade os calores do verão. É coisa singular que não poucas vezes d'uma banda das montanhas o ceifeiro está colhendo as seáras, quando o esperançoso lavrador da outra banda confia á terra as sementes.

A industria constante dos Suissos fertilisa porções de terreno ainda nas mais escarpadas paragens: faz pasmar ver breves nesgas de terras cultivadas em sitios, onde parece impossivel que os homens ousassem firmar os passos. Encaminham diligentes por um sem numero de encanamentos artificiaes as aguas dos montes, as quaes levam ás planicies com a fresquidão a fecundidade: em summa tem a arte de fazer dar a terra tudo o que póde produzir em seu clima. Se este povo sobrio e laborioso habitasse as ferteis e amenas veigas dos paizes meridionaes, como não seria opulento e farto! Que paraizo não seriam os campos da sua residencia! Mas se os estreitam os limites de um territorio pela maior parte esteril e bravio, que trabalhos e fadigas não supporta para subsistir! É natural que a condição desta gente, cujo paiz é pobre não obstante a assidua cultura, suscite estas reflexões á primeira vista. Mas se entrarmos em mais seria meditação sobre as relações das diversas nações com os climas que habitam, acharemos que o gráu de actividade de um povo é proporcional á fatalidade dos seus recursos; e que a sua industria é sempre analoga ás circumstancias locaes do seu paiz: cresce em vigor á medida que os obstaculos lhe vão d'encontro: e as urgentes precisões da vida compellem o habitador de um paiz ingrato a extrahir, á custa de fadigas, do solo que o viu nascer, o sustento de que carece. Os Hollandezes trabalham infatigaveis em seus canaes, usurpando ás aguas o chão de seu domicilio, e os campos do sua cultura: os Suissos domam recantos de alpestres serranias, fazem mais productivos os seus valles, e empregam habilmente as copiosas correntes que cáem de suas montanhas.

A Suissa é o mais elevado do territorio da Europa: e dalli em meio d'espantosas torrentes e fundos precipicios, nascem rios caudalosos, que vão fertilisar uns poucos de reinos. De cereaes, e linhos, tem limitadas colheitas; e sua principal riqueza consiste em numerosos rebanhos, pelo que os gados, e os queijos são o maior ramo do seu commercio. N'algumas cidades ha manufacturas especiaes, que se exportam com credito; e os relogios de Genebra mantiveram longa reputação.

Os Suissos figuraram na antiguidade nas guerras contra Cesar, como se lê nos commentarios deste insigne capitão. Depois, de accordo com os barbaros do Norte, devastaram o imperio romano. Por muitos seculos estiveram ligados ao imperio d'Allemanha; porém em 1308 sacudiram o jugo; porque o imperador Alberto lhes enviára dois governadores, que á força de tyrannias fizeram com que tres cantões se rebellassem: então se distinguiu Guilherme Tell, que matou d'uma frechada um dos tyrannos, e o outro foi expulso do paiz. Os tres cantões fizeram então uma liga por dez annos; e foi só em 1315 que Leopoldo, filho de Alberto, marchou contra elles á frente de 20:000 homens: os Suissos os esperaram confiadamente, ainda que em numero incomparavelmente menor, nos desfiladeiros de Morgarten; e as vantagens, que obtiveram decidiram outros cantões a ligarem-se com os tres já emancipados. Subiu esta confederação ao numero de treze, que formaram por muitos seculos a Republica Helvetica. Em 1798 e 1799 entrou na Suissa o exercito francez, e lhe alteraram a constituição. Apenas os Francezes saíram os Suissos se levantaram: foi contra elles um exercito; e a constituição foi de novo modificada em 1803. Em 1814 os alliados recusaram reconhecer a neutralidade dos cantões, e atravessando-os entraram em França; mas a 20 de Novembro de 1815 as potencias alliadas reconheceram a neutralidade permanente da Suissa, e a inviolabilidade do seu territorio.

O governo da Suissa é uma republica federativa; os cantões são ao todo 22, unidos por tratado de 7 d'Agosto de 1815. São seis os cantões directores: Friburgo, Berne, Soleure, Bâle, Zurich, e Lucerna. O landamann é annual, preside á Dieta geral, e vem a ser o primeiro magistrado daquelle dos seis cantões directores, onde aquella assembléa se reune. Cada cantão é soberano, e independente no que respeita á sua interna administração: porém tudo o que é concernente ás relações com as potencias estrangeiras, e que interessa a confederação em geral é da competencia da dieta, que se ajunta por turno annual em cada cantão director. Nove cantões professam a religião catholica, dez o culto reformado, e tres seguem promiscuamente ambos os cultos. A população da Suissa não chega a dois milhões.

Não cabe nos limites deste artigo dar uma descripção geographica de todo este paiz: os nossos leitores, que forem curiosos deste genero d'estudos, poderão consultar com fructo a obra, que está publicando na cidade do Porto o Sr. José Urcullu, onde acharão as noticias que desejarem. Esta publicação (que por sua natureza é obra que demandava muita leitura, critica, e trabalho) a julgarmos pelos dois volumes já impressos, é digna de favoravel acolhimento do publico, tanto pelas noções geraes, como pela parte descriptiva, onde nada essencial ou curioso se omittiu; e muito mais por ser a primeira deste genero estampada em o nosso paiz modernamente, concorrendo o aceio typographico com o merecimento intrinseco do livro. Aqui só diremos alguma coisa por occasião da nossa estampa ácerca do cantão de Vaud e de sua capital.

Entre o cantão de Vaud e a França erguem-se as mais altas cimas do Jura, algumas com 4:000 pés de altura: mas pelo interior do cantão não se encontram montanhas elevadas, e disso lhe veio o nome de Vaud, que em linguagem do paiz corresponde a *valle*. O Joral, que o atravessa em parte, não chega a maior altura que 2:700 pés em o Monte-Peregrino: porém na extremidade do cantão, a leste do lago de Genebra, os Alpes tem perto de 10:000 pés de elevação.

Sobre aquellas summidades, indo da banda da França, se encontram os primeiros *glaciers* (agglomeração de montes de gelo). Uma notavel particularidade do cantão de Vaud é o grande numero de lagos pequenos nos Alpes, que recebem os gelos, e neves derretidas das montanhas, e nunca trasbordam; alguns somem-se por canaes subterraneos durante uma porção do anno, e nos leitos vegetam periodicamente, ou seáras, ou prados; como acontece com um grande lago da Carniola, que sécca regularmente, e então é cultivado em parte, parte fornece feno para os gados, fazendo-se a pesca nas tócas e pegos nos dias que o lago gasta a escoar-se. As margens daquelles lagos temporarios, as dos permanentes, e as diversas eminencias do paiz, produzem tamanha variedade de plantas,

que das duas mil especies, que possue toda a Suissa, só no cantão de Vaud se acham mil e setecentos. O botanico alli está no seu elemento.

Saindo da parte franceza do Jura, o primeiro districto que se atravessa é o valle de Joux: situado entre cordilheiras de serras, que lhe ficam sobranceiras, cortado pelo rio d'Orbe, e por um lago de duas legoas e meia de comprido, este valle apresenta formosas veigas, paizagens encantadoras, costumes pastoris (*), e além disto uma industria activissima. Os frades alli introduziram a agricultura do seculo 12.º, e apesar da sua vida comtemplativa, foram causa de que um valle até então pantanoso se convertesse em domicilio de um povo pastor: porém foram os protestantes francezes evadidos á matança da *Saint-Barthelemy*, que alli crearam as officinas, e manufacturas, e enriqueceram um paiz pobre em fructos, com os recursos de que a França se privou por fanatismo. Não ha gente mais laboriosa, industriosa, e pacifica do que os habitantes do valle de Joux: os que não são pastores applicam-se á preparação do ferro, ou da madeira: são ferreiros, cuteleiros, espingardeiros, e relojoeiros: as mulheres se occupam em fabricar rendas. Mas apesar deste espirito trabalhador a população do valle, que ha dois seculos tem prodigiosamente crescido, é obrigada a emigrar em parte por não poder alli subsistir.

O lago de Joux, onde deságua o rio d'Orbe, é abundante de peixe; e por um lado é guarnecido de alcatifas verdejantes salpicadas de casas, e de *chalets* (cabanas onde fabricam os queijos); a outra margem entesta com rochedos escarpados cobertos por uma ourela de bosques da abetos. Ao pé da *aldêa da Abbadia* brota da base de uma rocha a bella *fonte da Leôa*, cujas aguas vão reunir-se ás do lago. Foi no local desta aldêa onde um cavalheiro fundou uma abbadia, que foi a primeira colonia do valle: a commodidade secularisou-se no tempo da reforma protestante.

Ao pé da *aldêa da Ponte*, situada na extremidade do lago, uma lingua de terra o separa de outro mais pequeno, chamado de *Brenet*, que communica com o grande por via de um canal. Affirmam por tradição que as aguas do lago de Joux se escoavam antigamente por concavidades subterraneas, chamadas os *funis*, porém que os monges da abbadia, tapando-os, obrigaram as aguas a formar a segunda caldeira, onde acharam saída pelas fendas dos rochedos. A industria aproveitou este escoamento das aguas para dar impulso ao mecanismo engenhoso dos moinhos de Bonport, uma das curiosidades do valle. A meia legoa dos rochedos, por onde desapparecem as aguas do Brenet, jorra um manancial copioso, que sempre foi reputado como a continuação do rio Orba, por cuja razão conserva o mesmo nome: todavia nem em todos os tempos brotou sempre na mesma paragem. Por longos annos rebentou da *gruta das Fadas*, vasto subterraneo natural de dois andares, ao pé de Valorbe, e que no interior assemelha-se a um edificio gothico arruinado.

Este paiz não esteve sempre tão tranquillo como presentemente: soffreu tambem por vezes o flagello da guerra. O forte *des clefs* (das chaves) guardava um desfiladeiro do Jura além de Valorbe, e servia na idade media de habitação aos senhores, que antes queriam devastar o paiz do que pô-lo florescente. Quando os Suissos vieram no conhecimento de sua força, e da liberdade, accommetteram aquelle importante posto, e levando-o de assalto, o reduziram a cinzas com a villa adjacente.

Seguindo o curso do Orbe, e as suas cascatas, chega-se a cidade deste nome, que é historica, por ter sido a capital da Borgonha menor, e tambem a residencia dos reis da raça Merovingiana. De Orbe para cima perdem a graça as margens do rio, que atravez de pantanos doentios vai até Yverdun, onde desembôca no lago de Neufchatel.

Yverdun é uma bonita villa, que com o seu porto, os seus armazens, a sua alfandega, e commercio de transito, apresenta em miniatura a imagem de uma escalla maritima. Afóra Yverdun, o paiz de Vaud possue mais á borda do mesmo lago, a cidade e porto de Grandson. Caminhando deste para o lago de Genebra encontra-se Coppet, onde residiu o ministro Necker e sua filha, a celebre madame de Stael, e onde esta jaz sepultada.

Nyon, construida sobre uma collina á borda do lago, vê-se de longe; já no tempo dos Romanos era uma colonia equestre: ahi se acharam muitas inscripções, que se conservam em Genebra. Morges é edificada regularmente, e tem um antigo castello, que é hoje o arsenal do cantão. Depois está Lausanna, capital do paiz de Vaud, cidade antiga, assentada sobre trez outeiros, donde se gosa toda a vista do lago, de que dista obra de duas milhas, onde tem o seu porto, chamado Ouchy. As ruas são estreitas e montuosas, porque o terreno é extremamente desigual. Afluem porém aqui os estrangeiros, por ser lavada de ares puros e sadios, e ter as coisas necessarias á vida em abundancia, e de boa qualidade. Teve n'outro tempo grande commercio dos livros, que se imprimiam alli; e actualmente conta ainda diversas manufacturas. A sua bella cathedral gothica, uma das igrejas notaveis da Europa, foi sagrada em 1275 por Gregorio 10.º, em presença do imperador Rodolpho de Hapsburgo, e de muitos cardeaes, que nem por sombras suspeitavam que este monumento serviria por mais tempo ao culto reformado do que ao catholico. Depois da reforma a sé transferio-se para Friburgo.

Ha coisa de cincoenta annos que Lausanna é capital do paiz de Vaud com governo independente: porque d'antes este cantão estava sujeito ao de Berne, e os seus habitantes erão tratados como vassallos conquistados. Nos antigos tempos dos duques de Saboia desfructavam ao menos o regimen representativo: mas os Bernezes os tinham privado deste direito importante.

Vaud fórma hoje cantão em separado, e independente: não tem casta alguma de previlegios, quer individuaes, quer de nascimento: todo o habitante é soldado. A religião evadgelica reformada é a do cantão; seus ministros são os parochos ou pastores, que tem accesso regulado como o dos militares. Ha 150 curatos no paiz, e estão divididos em cinco classes; quem entra n'uma classe não póde passar a outra, mas vai sendo promovido na sua pela ordem das antiguidades, sem que prevalença a intriga. Cada classe de pastores tem a sua assembléa, que se divide em secções. A academia de Lausanna, composta agora de 14 cadeiras, que outr'ora occuparam Gessner, Barbeirac, e outros sabios, é destinada especialmente aos estudos dos candidatos do ministerio ecclesiastico. Antigamente esta eschola attrahia estudantes estrangeiros, como a linda situação de Lausanna attrahe sempre grande copia de viajantes. O castello da cidade, residencia do governo do cantão, é vasto e quadrangular. Foi começado no seculo 13.º, e até a reforma protestante servio de fortaleza aos bispos-principes: depois residiram nelle os governadores por parte de Berne, nestes ultimos annos tem sido muito augmentado. N'uma das salas havia em outro tempo uma papeleira, que rodava sobre molas, e encobria uma passagem para um subterraneo. Por alli dizem que escapára o ultimo bispo, quando o castello foi assaltado em 1536 pelas tropas de Berne.

(*) Vide sobre os casamentos o nosso N.º 19.

BANHOS.

Na linguagem medica deve entender-se a palavra *banho* — a immersão mais ou menos prolongada do corpo todo *(banho geral)*, ou de parte delle *(banho parcial ou local)*, em um ambiente diverso da atmosfera em que de ordinario vivemos; isto é, em um liquido qualquer, como a agua, o azeite, &c., em um ar saturado de vapores aquosos, e até no mosto, nas borras de azeite, no lodo de aguas mineraes, no estrume, na areia quente, &c. &c. — Mas neste artigo tractâmos da hygiena, e não da medicina. Por essa razão poremos de parte os banhos medicamentosos propriamente ditos, que só respeitam ás doenças, e limitar-nos-hemos a considerar os banhos de que fazem, ou devem fazer uso as pessoas que logram saude. Para os banhos *hygienicos* servimo-nos de agua liquida, tal como a dos rios, dos lagos, e do mar — ou reduzida a estado de vapor. Porém agora só tractâmos dos banhos geraes, que se tomam em agua doce, ou do mar; porque os banhos particulares (pediluvios, *manuluvios*, de assento, e meios banhos) merecem apenas ser mencionados de passagem, como um meio de limpeza local, e só de importancia quando são empregados como remedio, e como taes preparados; dos quaes não nos occupâmos aqui por não serem da competencia da hygiena. Tambem julgâmos desnecessario declarar que o banho geral não deve ser entendido tanto á letra como — a immersão do corpo todo —, por quanto a necessidade da respiração exige que ou a cabeça, ou pelo menos o rosto, não existam por muito tempo mergulhados.

Para avaliarmos devidamente os effeitos de um banho sobre a economia animal, a circumstancia mais importante a que devemos attender é a temperatura do liquido; porque é della sobre tudo que deriva constantemente a diversidade dos resultados. Tomando o exemplo da maior parte dos auctores, dividiremos os banhos segundo os gráus do thermometro em seis ordens, a saber: — 1.ª banhos muito frios (de 0° a + 10° *Reaumur*) — 2.ª banhos frios (de 10° a 15°) — 3.ª banhos frescos (de 15° a 20°) — 4.ª banhos mornos ou temperados (de 20° a 25°) — 5.ª banhos quentes (de 25° a 30°) — 6.ª banhos muito quentes (de 30° para cima). Posto que esta divisão seja commoda para o estudo, é força confessar que é pouco exacta e rigorosa: a medida apontada para cada especie de banho é vaga, e os limites do thermometro são marcados arbitrariamente; mas em igual materia é inevitavel este defeito. As sensações de frio e de calor não dependem absolutamente do ambiente em que nos mergulhâmos, mas variam segundo a nossa propria maneira de ser: por exemplo, um banho, frio para um individuo magro e nervoso, será fresco e até morno para uma pessoa sanguinea e plethorica. Quem estiver habituado a banhos frios, achará quente um banho de 26° a 28°, e ha de acha-lo frio quem estiver costumado a banhos muito quentes. É mais segundo a sensação do banhista do que segundo a indicação do thermometro, que um banho deve ser considerado muito frio, frio, fresco, temperado, ou morno, quente, ou muito quente. Quando indicâmos entre parenthesis certos intervallos do thermometro, só pretendemos dizer que é ordinariamente entre taes ou taes gráus que a maior parte das pessoas sente tal ou tal sensação de frio ou de calor, e experimenta os effeitos que passâmos a referir ácerca de cada especie de banhos.

1.ª *Banho muito frio* (de 0° a + 10°). Causa ao principio uma displicencia geral, devida a uma arrebatada e excessiva deterioração de calor vital, e á accumulação superabundante do sangue para os orgãos internos, em consequencia da contracção dos tecidos exteriores. — Arrepiamentos por todo o corpo — tremor dos membros e do queixo — manchas arroxadas na pelle e sobre tudo no rosto, que se enruga todo — dôr grande de cabeça — caimbras violentas — respiração difficultosa e accelerada — palpitações do coração — e frequencia e fraqueza do pulso: eis-ahi o que os banhos muito frios produzem immediatamente. Continuados pódem dar logar a uma congestão mortal de alguma viscera importante, a uma apoplexia por exemplo; ou em fim acarretarem a morte pela dissipação de todo o calor vital. Mas ainda que não sejam prolongados até se chegar a semelhante extremidade, uma vez que durem alguns minutos, determinam de ordinario, por sua continuação, uma reacção febril, que póde degenerar em doença fatal. Por consequencia, se o banho muito frio fôr algumas vezes ordenado em medicina, como um meio perturbador para interromper o curso de certas affecções, a hygiena deve anathematisa-lo e bani-lo.

2.ª *Banho frio* (de 10° a 15°). Os seus effeitos no momento da immersão do corpo, são analogos com os do banho precedente, porém muito menos intensos. Os banhistas robustos em breve se afazem a esta nova situação, e sentem succeder aos primeiros instantes de displicencia geral uma especie de prazer, mórmente se elles se movem com actividade. As forças organicas são, em caso semelhante, assaz fortes para reagir, por mais ou menos tempo, contra o frio exterior; e esta reacção é aprasivel. O sentimento de exaltação vital dura ainda depois do banho, que dá robustez e agilidade, desperta o appetite, e excita os desejos do gozo.

3.ª *Banho fresco* (de 15° a 20°). É, em geral, o banho dos nadadores durante a primavera. É não é só pelo exercicio salutifero do nadar, que elle contribue efficazmente á conservação da saude; mas é além disso muito vantajoso pela reacção vital, que a sua temperatura, bem que inferior á do corpo humano, não deixa de produzir. Se fôr tomado no mar, torna-se ainda mais activo e energico; o que é provavelmente devido á irritação que a agua do mar (saturada como é de principios salinos) exerce na pelle — e á agitação das ondas, e ao seu embate no corpo.

4.ª *Banho morno ou temperado* (de 20° a 25°). Este banho não produz sensação alguma de frio ou de calor. Nem é tonico como os precedentes, nem debilitante como os seguintes. — Mas nem por isso é inutil; pelo contrario, é essencialmente *hygienico*; porque convém ás pessoas que logram perfeita saude, e que não precisam de ser debilitadas nem fortificadas. Limpando a pelle, previne-se o desenvolvimento das empigens e de outras erupções asquerosas, partilha ordinaria da escoria do povo; e talvez livra tambem de certas doenças internas, que a sordidez podia produzir, já obstando á passagem da materia da transpiração, já fornecendo elementos morbosos á absorpção cutanea. De mais, o banho temperado serve para refocilar os membros fatigados, moderar o ardor dos sentidos, e abrandar a irritação nervosa: e isto pela introducção da agua na economia atravez dos orificios absorventes da pelle.

5.ª *Banho quente* (de 25° a 30°). Accelera ou retarda o pulso e a respiração, segundo a particular disposição ou *idiosyncrasia* de cada individuo; mas tem por effeito constante o augmento de transpiração. Em quanto se está no banho, o suor manifesta-se nas faces, nas fontes, e na testa, e em summa, em todas as partes existentes fóra da agua; e logo que se delle sáe, vê-se por algum tempo um grande movimento de transpiração, que não póde, sem perigo, ser supprimida, e eis-alli sem duvida a que devemos princi-

palmente attribuir a debilidade que succede a este banho. De mais, a cabeça fica pesada e disposta ao somno, os tecidos exteriores entumecidos, e sente-se uma propensão singular aos prazeres voluptuosos, de que muitas pessoas abusam com ruina total de saude, e por ventura abusarão ainda apesar das lições da hygiena, que ignoram ou despresam.

6.ª *Banho muito quente* (de 30º a 37º). Todos os auctores, que têem observado em si proprios os effeitos deste banho, concordam em que no instante em que nelle se entra, se experimenta um arrepiamento semelhante ao de que fallámos tractando da primeira impressão causada pelos banhos frios; mas em breve este arrepiamento cede o logar a uma sensação de calor excessivo. A pelle torna-se vermelha, principalmente no rosto donde o suor corre em abundancia: a respiração accelera-se; o coração bate viva e fortemente, e, por consequencia, ha tambem plenitude e frequencia de pulso (100 a 120 pulsações por minuto). A injecção sanguinea dos olhos e seu lagrimejar, as dôres de cabeça, as vertigens e a somnolencia, tudo parece annunciar uma apoplexia imminente. Isto provem de que os fluidos da economia, dilatados descompassadamente por excesso de calorico, não só causam uma tumefacção geral das partes mais externas do corpo, mas tambem verdadeiros fenomenos de congestão nos orgãos internos, e sobre tudo no cerebro, que, encerrado em uma caixa ossea, de modo algum póde prestar-se á extensão dos vasos sanguineos. Assim que, não existe duvida de que o banho muito quente, prolongado por demasiado tempo, ou por muitas vezes repetido, possa dar logar a algum accidente mortal. Pelo menos tem sempre o resultado inevitavel de debilitar o organismo em razão das perdas, que uma transpiração copiosa determina. Em summa, este banho póde, como o banho frio, ser empregado pela medicina, a fim de preencher certas indicações; mas nem um nem outro pertence ao dominio da hygiena.

Não sabemos que se hajam experimentado os effeitos da immersão em um banho de mais de 37º até o maximo da temperatura que um homem poderia supportar, senão sem perigo, ao menos sem que se escaldasse; mas pouco importa a hygiena que exista ou não essa lacuna; porque em fim ha só quatro especies de banhos, cujo uso se deve regular para interesse e conservação da saude: são os banhos frios, os frescos, os temperados ou mornos, e os quentes — excluidas as duas especies extremas; isto é, os muito frios, e os muito quentes.

Vejamos agora quaes são as regras que a hygiena estabelece a este respeito. — Exporemos em primeiro logar as mais geraes, e indicaremos depois as particulares que cada individuo deve observar, attendendo ás circumstancias externas da estação, do clima, &c., e ás pessoaes, da idade, do sexo, &c.

Regras geraes.

Primeiramente, é um preceito quasi absoluto o tomar banhos com o unico fim do aceio, havendo cuidado de regular convenientemente o instante, a temperatura, e a duração, segundo as circumstancias. Apenas ha excepção para algumas pessoas a quem o banho é inteiramente antipathico e contrario: *idiosyncrasia* em verdade rara, porém real.

E perigoso tomar banho durante o trabalho da digestão.

E bom, ao entrar no banho, molhar a cabeça para evitar a congestão do sangue no cerebro. — Esta cautela é tanto melhor quanto o banho é mais frio, ou mais quente: facil é de vêr que no ultimo caso deve ser molhada a cabeça com agua fria.

A duração do banho deve ser proporcionada ao effeito obtido: cumpre sair do banho frio logo que a reacção vital começa a diminuir, e quando volta de novo o arrepiamento experimentado no instante da immersão. Deve sair-se do banho quente e do banho morno logo que se começar a sentir desfallecimento.

Cumpre fazer um pequeno exercicio antes do banho frio, mas nunca entrar nelle suado: enxugar-se bem ao sair do banho, e fazer de novo um leve exercicio, tal como um curto passeio, a cavallo ou a pé.

Finalmente enxugar-se com o mesmo cuidado depois do banho morno ou do banho quente, e sobre tudo evitar algum resfriamento, ainda que para isso seja necessario buscar na cama um asylo contra as intemperies da atmosphera.

Regras particulares.

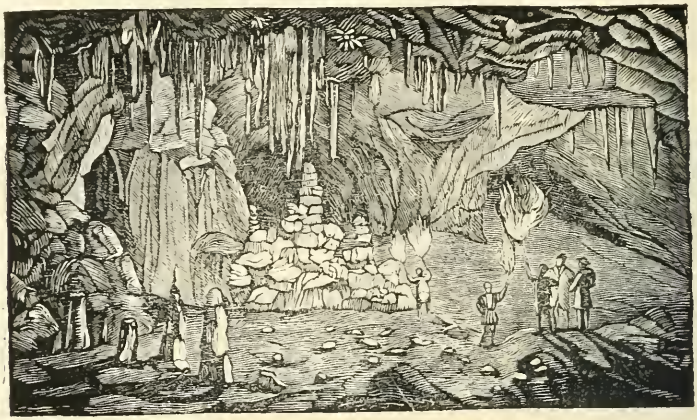
Relativamente ás circumstancias exteriores, é claro que os banhos do rio e do mar só pódem ser permittidos no clima e na estação, que mantenha a agua em conveniente gráu de temperatura. — Em Portugal só começámos a fazer uso destes ultimos banhos desde o mez de Setembro até o de Novembro. — Mas é por ventura verdade, como o affirma uma preoccupação vulgar, que seja perigoso tomar banhos durante os caniculares, isto é, desde o meado de Julho até o meado de Agosto? Este ponto merece explicação. — E certo que a constellação da canicula (aliás *cão celeste*) nenhuma influencia maligna exerce, e não ha razão de prohibir cegamente, por causa de um medo astrologico, os prazeres e vantagens do banho frio, ou antes fresco, durante os grandes calores dessa epocha; mas é tambem certo que nesse espaço de tempo, mais do que em nenhum outro, se devem temer os raios solares, então mais ardentes que nunca; porque uma impressão violenta do sol póde não só determinar erupções rubras incommodas na pelle, mas tambem uma febre cerebral e apoplexia. Em geral, para tomar banhos devem as manhãas e as tardes ser preferidas ao meio dia: as manhãas na força do estio, e as tardes no principio e no fim da estação dos banhos. Auctores ha que affirmam que o tomar banhos n'um rio immediatamente depois de ter havido uma trovoada, é muito perigoso, porque póde isso produzir uma febre intermittente; nós porém não ficámos por fiadores da verdade da sua affirmativa.

Quanto ás idades, a hygiena não approva, nem para a infancia nem para a velhice, o uso de banhos frios. Os meninos de tenra idade não têem ainda o organismo de tal modo consolidado que este possa oppôr á impressão da agua fria uma reacção vantajosa; e com mais forte razão é isto verdade a respeito dos recem-nascidos. E só, pois, quando os meninos chegam a um certo gráu de força que convém habitua-los pouco a pouco ao banho fresco e ao banho frio. Quanto aos velhos, o que deve prohibir-lhes aquelles banhos é o temor das congestões internas, as quaes sua idade sobejamente os predispõe, e que mais auxiliadas seriam ainda pela impressão externa do frio.

A respeito dos sexos, notaremos que as mulheres são, em geral, menos aptas do que os homens para supportar uma reacção salutar sob a influencia do banho frio; mas o banho fresco é em extremo conveniente á maior parte dellas, excepto no estado de gravidez. De mais, as mulheres devem, durante o periodo menstrual, e alguns dias antes, abster-se de banhos, posto que sejam quentes, porque, ainda neste caso, ellas devem temer o effeito de um resfriamento consecutivo.

Relativamente, em fim, á diversidade de temperamentos, habitos, predisposições morbosas, &c., ha e-

ria grande numero de regras particulares que dar ácerca do emprego dos banhos. Mas paremos no limiar deste dedalo immenso, cuja entrada compete aos medicos.



GRUTA DE ANTIPAROS.

GRUTA DE ANTIPAROS — CAVERNA DE STAFFA.

Ha poucos objectos naturaes, que, vistos pela primeira vez, excitem tanto a curiosidade, e affectem a imaginação, como as cavernas, ou grutas. Uma luz duvidosa, ou uma ausencia total da claridade do dia, a ignorancia da extensão de taes logares, e dos perigos, que pódem encerrar, o silencio, e solidão, e as curiosas, e exquisitas fórmas d'escalvados penedos, que se apresentam á vista desacompanhados do enfeite ordinario da vegetação, descobertos á luz escaça dos archotes, que dirigem os passos incertos do explorador, todas estas circumstancias produzem n'alma singular effeito, e infundem certo terror; sensações, que difficilmente se pódem descrever.

As cavernas são muito interessantes, porque se algumas vezes tem servido d'escondrijo ao crime e á perversidade, não poucas tem prestado asylo á virtude, e á innocencia perseguidas.

De ordinario se acham em meio das fragas compostas de rochas calcareas, que mais facilmente a agua dissolve: e geralmente se attribuem estas excavações á poderosa acção deste elemento por longa successão de tempos.

O phenomeno mais commum nas cavernas desta especie é a formação do que chamam *stalactites*, de uma palavra grega, que significa distillação, ou gotejar. Será conveniente explica-lo.

Quando a agua filtra atravez d'uma rocha, ou de substancia calcarea, ou de greda, dissolve uma porção della, e penetrando por alguma abertura da caverna, ou nos lados, ou no tecto, fórma uma gota, ou pinga, cuja humidade o ar em breve evapora, deixando uma pequena lamina circular de pura cal, ou greda: sobrevem outra pinga no mesmo logar, e accrescenta pela mesma causa nova capa de materia solida: com o tempo, estas successivas addicções formam uma projecção comprida, irregular, tirante a fórma cónica, no tecto da gruta: quando esta primeira está bastante grossa outra se vai coagulando ao lado della; e assim se forra o tecto destes brilhantes enfeites. Quando as pingas são muito abundantes cáem naturalmente no chão, e a materia calcarea se accumula em pyramides mais irregulares que as pendentes, e a que, para distincção, nomeam stalagmites. Acontece muitas vezes que pelo gotejar sem interrupção se unem as debaixo com as de cima, e assim formam os pilares naturaes, que inculcam apparentemente suster o tecto das grutas. Á disposição, e á fórma brutesca destas coagulações deve grande parte das cavernas a sua celebridade. Uma das mais nomeadas é a da ilha de Antiparos no Archipelago grego, de que damos a estampa, como uma amostra deste genero.

Antiparos é uma pequena ilha das Cyclades, arredada da de Paros obra de meia legoa para leste, e que terá de circumferencia quinze a dezeseis milhas: toda a sua população não chega a um cento de familias, que cultivam cevada, vinhas, e algum algodão: o porto só é susceptivel de pequenos bateis. Sua unica fama lhe provém da gruta, que estampâmos, e de que os nossos leitores poderão fazer idéa pela seguinte narração de um viajante francez, que a visitou em 1833.

« Não podémos resistir á tentação de examinar a celebre gruta de Antiparos, de que tanto ouvíramos fallar. Parece que os antigos a não conheceram porque nem Plinio o naturalista, nem o cosmographo Estrabão fallam della. Em 1673 o marquez de Nointel, embaixador de Luiz 14.º á Sublime Porta, achando-se aqui na vespera de Natal, mandou, com toda a pompa, celebrar a Missa solemne, que chamâmos do gallo: ceremonia que neste logar devia de ser magestosa. »

« A entrada da gruta não tem mais de seis pés de largo; e por ahi se desce, logo a prumo, a mais de vinte pés de profundidade, sem outro arrimo que as escabrosidades escorregadias dos rochedos, e uma corda delgada presa na entrada. Ainda que o explorador seja pouco medroso de bolços e contusões, de trévas e corujas, para o sobresaltar basta a monotona advertencia dos guias, que cem vezes n'um minuto recommendam que se não largue a corda da mão. »

« Entrámos munidos de archotes: e aqui estâmos nós quasi suspensos no ar, e servindo uns de degráos aos outros; porque os curiosos impacientes, que vinham mais atraz, deixavam-se escorregar com tal rapidez que vinham bater com os pés nos hombros dos companheiros. »

« Quando chegámos ao cabo do precipicio démos lo-

go com a vista em alguns do nosso rancho, que já andavam vagueando pelo subterraneo, e á luz dos archotes nos pareciam espectros. »

« Tractámos de nos reunir; e eramos ao todo quarenta: as baronezas de Grenger, e de Hann, que entravam neste numero, mostraram tanta intrepidez, e paciencia como os homens; e muitos eu conheço que talvez as não imitassem. »

« Choveram novas recommendações dos guias para não abandonarmos as escadas de corda, que estão amarradas aos rochedos; e a final depois d'algumas esbarradelas d'encontro aos angulos salientes da penedia, viemos dar aonde chamam o fundo da gruta. »

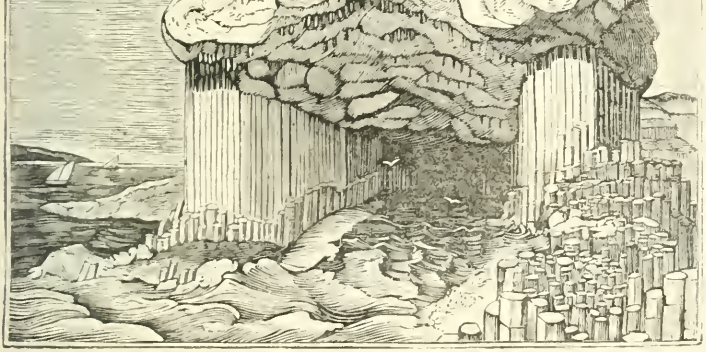
« E um vasto palacio subterraneo: d'uma parte estão gabinetes com stalagmites, que simulam muito bem columnatas mutiladas por algum terremoto: d'outra parte veredas mui accadas e abertas na rocha; aqui bancadas de marmore, acolá marquezas e sophás, se bem que não estofados, commodos, onde á vontade podémos escrever notas, e desenhar esboços do scenario romantico, que tão pictorescamente illuminavam as tremulas chammas de nossos archotes. »

« Circulámos processionalmente as diversas concavidades, mais ou menos espaçosas, mas todas curiosas de vêr, até chegarmos ao salão, que é, segundo a supersticiosa crença dos pobres insulares, a sala do conselho das feiticeiras daquelles arredores, e o tabernaculo dos espiritos subterraneos. Tem de largura mais de 120 pés, e de altura 60: aqui são mais notaveis as sinuosidades da caverna, e as varias fórmas das coagulações: cança-se a vista de admirar aquelles troços de cristal, como columnas pendentes do tecto, ou como pilastras firmadas no chão, e em muitas partes, como grinaldas serpeantes, que entapizam, forram, e toldam aquelle vasto subterraneo. A mais bella das stalagmites é incontestavelmente aquella onde o embaixador francez mandou dizer a Missa do Natal, e que dahi se ficou chamando *Altar*; tem quasi 30 pés d'alto, e mais de 60 de circumferencia na base. »

« Os guias nunca deixam de embutir a todos os viajantes, que em sitios mais reconditos da caverna ha uma voragem, onde uma vez lançaram uma cobra, que foi sair á ilha de Nio, por uma communicação sub-marina que ajunta as duas ilhas. Nenhum de nós se tentou a querer examinar o tal abysmo, se é verdade que existe; e como já a humidade nos ía repassando os vestidos, démo-nos pressa a saír dalli: foi preciso revestir-mo-nos de novo esforço, porque este passo é mais difficultoso que a entrada: todos ficámos mais, ou menos pizados; as senhoras deixaram pedaços do fato pelas anfractuosidades da rocha, que serão futuras provas da sua ousadia: e um pobre Italiano, a quem as proprias forças atraiçoaram, esteve dez minutos pendurado neste abysmo, clamando por quantos santos havia no paraiso, que lhe valeram menos que os nossos hombros para o empurrar, e sacar para fóra. »

« Finalmente depois de penoso trabalho conseguimos chegar a salvo á entrada da gruta, e comprimentámos o sol com toda a cordialidade, e satisfação. »

Não são porém só as cavernas das fragas, e pedreiras, que se encontram no interior das terras, as que merecem a attenção dos curiosos: tambem muitas denominadas maritimas, por serem em grande parte obra das vagas do mar, são estupendas maravilhas da natureza, dignas d'estudo e contemplação. Sendo mui longo enumerar, e descrever ainda uma pequena porção das mais notaveis, diremos duas palavras ácerca da que intitulam de *Fingal*, de que apresentámos estampa por ser sua natureza inteiramente diversa da outra, de que acabámos de tractar.



CAVERNA DE STAFFA.

A ilhota de Staffa, que não chega a ter uma milha de comprimento de norte a sul, é uma das Hebrides, ou ilhas occidentaes da Escocia, e parece totalmente composta de materias volcanicas: a singularidade porém é ser toda ella firmada em columnas angulares de basalto, como se vê de alguns troços, que sobresáem á superficie do terreno da ilha, e muito mais das penedias, ou arribas do mar, que são todas de pedras daquella natureza e fórma, dispostas com uma ordem parecida á da famosa *calçada dos gigantes* na Irlanda. Na parte meridional da ilha estas columnas são extremamente altas, e tem quasi tres palmos de diametro; e posto que nenhuma seja rigorosamente direita, comtudo, em massa, apresentam a vista uma apparencia de regularidade, como de obra de architectura, que se bem aude exagerada nos desenhos, e descripções, todavia é bastante notavel por este caracter peculiar para que seja acredora da fama, que tem grangeado. Neste mesmo lado é que está situada a excavação natural, a que, depois de Banks, que a visitou em 1772, se tem dado o nome de *Caverna de Fingal* (*), nome que, segundo escrevem os

(*) O heroe dos poemas primitivos da Escocia, conhecidos sob o nome de Poemas de Ossian, e vertidos por Mac-pherson.

Inglezes modernos, procedeu de um equivoco daquelle sabio, e não é fundado em tradição dos naturaes, que lhe chamam Caverna da Musica, pela especie d'harmonia resultante dos ecchos sonoros do bramido das ondas.

Tem de largura na entrada 42 pés, estendendo-se por 227 pés de fundo; e a altura vai gradualmente diminuindo de 100 até 50 pés: é forrada por ambos os lados com aquellas extraordinarias columnas quasi perpendiculares: a boca faz um arco magnifico, e toda a vasta abobada é uma superficie maciça, em uns sitios de rocha lisa e de uma só côr, em outros composta de pontas daquelles pilares pegados em grupos, ou feixes, tapando-lhes os interstieios a substancia das congelações, de que acima tractámos, de fórma que estende á vista um como painel de mosaico de grande regularidade, e belleza. O pavimento da caverna é a agua do mar.

O modo mais conveniente de observar esta maravilha é entrar dentro n'um bote: o que nunca se póde fazer com segurança senão quando o mar é bonançoso, e o tempo sereno. Como a abertura é espaçosa, ha muita luz em toda a gruta; e pela mesma razão, estando o mar crespo se enrolam as vagas por alli dentro com grande furia.

O Dr. Macculloch, que em sua descripção daquellas ilhas deu a mais circumstanciada noticia de Staffa, conclue deste modo: — «Seria tão vaidoso como inutil empenho intentar a descripção completa de um effeito pictoresco, em que até o mais habil pincel falharia. Se esta caverna fosse privada da symetria e magestade das varias peças que a infeitam, bastariam a sua vastidão, o sombrio crepusculo que dentro della produz variadas e agradaveis effeitos da reflexão da luz, o eccho das ondas compassadas, que alli se enrolam, e se desfazem, o transparente verde-mar das aguas, e a solidão profunda e melancholica de toda esta scena, para fazerem indelevel impressão no espirito do homem, que tiver disposições para conhecer e presar as bellezas, ou da natureza, ou da arte. E por certo, a este mesmo sentimento, com que nos dotou a natureza, e mediante o qual comparâmos suas obras com as da industria humana, a caverna de Fingal deve toda a sua celebridade.»

Vindo Jorge de Albuquerque Coelho em 1565 para Portugal, depois de ter descoberto e defendido do gentio a capitania de Pernambuco, de que era donatario, foi a sua náu accommettida de outra franceza, e em fim tomada, não obstante a valorosa resistencia, que o Albuquerque lhe fez com alguns poucos homens. O commandante inimigo lhe metteu dentro alguns dos seus; mas sobrevindo logo uma tempestade desfeita, as náus se separaram, e se perderam de vista. Foi o temporal tão furioso que a náu portugueza fa por esses mares, a Deus misericordia, sem leme, sem mastros, sem vellas, entrando-lhe agua por muitas partes, batida de grossas e empoladas ondas, e já em fim quasi sem esperança alguma de remedio, senão quanto Jorge de Albuquerque com palavras de singular esforço a todos animava, e consolava. A este tempo, e no meio desta desgraça, por não haver já mantimento, e os nossos estarem queixosos dos Francezes que os haviam maltratado, formaram o projecto de os matar, presumindo que assim minoravam a sua infelicidade propria. O illustre Albuquerque porém se oppoz a esta barbara e impia acção, e salvou a vida dos inimigos. Mas não foi isto o que mais realçou o merecimento deste generoso fidalgo. Serenando um pouco a tempestade, a náu franceza se approximou, e vendo os nossos em tão miseravel estado, recolheu os seus francezes, e offereció o mesmo agasalho ao Albuquerque, em reconhecimento da humanidade, que com elles havia praticado, abandonando porém os mais á furia do mar, ao extremo desamparo, e á morte que parecia inevitavel. O Albuquerque recusou este beneficio dizendo «*que não era elle homem que em tal tempo desamparasse os seus companheiros; e que antes queria com elles morrer, ou soffrer os trabalhos do naufragio, do que apartar-se deixando-os em tão cruel extremidade.*» O Ceo apiedou-se dos Portuguezes, e depois dos mais lastimosos transes, os trouxe ainda com vida ás praias de Portugal. Assim parece que quiz premiar as nobres virtudes do illustre capitão!

Bem sabido é que o principe de Castella, D. Filippe (que depois foi rei, D. Filippe 2.º), casou com a infanta D. Maria, filha d'elrei D. João 3.º e da rainha D. Catharina. Quando se tractava este consorcio, alguns Portuguezes sisudos, e zelosos do bem da nação, discorriam, que visto elrei D. João 3.º não ter outro filho que lhe succedesse, senão o principe D. João, parecia acertado que a infanta casasse antes com seu tio o infante D. Luiz, para assim melhor se assegurar em segunda linha a successão do reino. Elrei convocou nesse tempo o conselho d'estado para com elle conferir sobre o casamento: e como o marquez de Villa-Real começasse a notar as inconveniencias delle, a rainha, que estava presente, o atalhou dizendo «*que elrei não chamára o conselho para o ouvir sobre as conveniencias do casamento, porque esse já estava ajustado; mas sim para conferir sobre as condições com que havia de fazer-se.*» Os conselheiros, maravilhados destas notaveis palavras da rainha, ficaram em silencio; só o marquez, com grande respeito, mas com a nobre liberdade de um conselheiro d'estado, replicou, e disse «*pois esses, com quem elrei se aconselhou para o casamento, sejam tambem agora chamados para darem conselho sobre as condições delle:*» resposta ousada, mas digna de um honrado Portuguez! O tempo mostrou depois, que os discursos, que se faziam sobre aquelle casamento, nada tinham de insensatos.

Modo de bem affiar os instrumentos cortantes. — Tem-se conhecido que o meio de assentar facilmente o fio ás navalhas de barba, consiste em mergulha-las por meia hora em agua misturada com acido muriatico (espirito de sal) ou com uma gota de oleo de vitriolo, igual á vigesima parte da agua. Depois de feita esta immersão, limpa-se o ferro, deixa-se seccar por algumas horas, e correndo-o na pedra de affiar, elle toma fio mui depressa; porque tendo-o o acido gasto por igual em toda a superficie, fez as vezes do rebolo, e só resta amacia-lo na pedra. Esta simples operação não altera a qualidade aos bons ferros, antes pelo contrario lh'a melhora, o que é inexplicavel. Esta receita tem-se applicado com proveito a todos os instrumentos cortantes: por isso aconselhâmos aos obreiros, que trabalham com esta casta de ferramentas, que ás horas de descanço e quando acabam o dia, dêem uma gota da agua que indicámos nos ferros de que se serviram, visto ella ser baratissima, e custar-lhes menos a fazer isto, do que a estar a amola-los, o que mais depressa lhes dará cabo da ferramenta. Para os segadores, e serradores de madeira e de pedra serve principalmente esta receita: mas não é menos util ás pessoas que fazem a barba a si, e em fim a quem quer, que use de instrumentos de córte.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa. — Na Imprensa Nacional.

O PANORAMA.

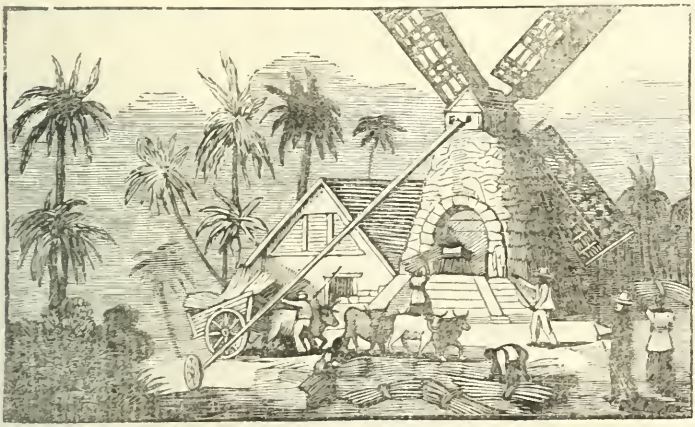
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

19 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. SETEMBRO 9, 1837.

O CORTE DAS CANNAS.



O MOINHO DO ASSUCAR.

A CANNA D'ASSUCAR.

É cousa averiguada que dos objectos mais vulgares são sempre a origem, e muitas circumstancias, ou ignoradas, ou esquecidas. E por isso estamos persuadidos que havendo de tractar do assucar, e da planta que o produz, para explicarmos as estampas do presente numero, não será destituida de novidade a noticia, que vamos dar, e que recopilámos cuidadosamente dos auctores de melhor nota; não obstante ser o assucar um genero tão conhecido, por isso que é hoje de uso quasi geral em o nosso paiz. Não tenham pois os homens sabedores em conta de inutilidade estas poucas linhas; porque sendo a nossa intenção dilatar a esphera dos conhecimentos populares, bem claro fica qual é a classe dos leitores para quem as escrevemos, classe que ninguem duvidará ser a mais numerosa em nossa terra.

A canna d'assucar, natural do Oriente, cultivou-se provavelmente na India e Arabia desde tempo immemorial: dalli seria transportada á Europa pelo Mar Vermelho em epocha muito remota. Todavia conjectura Lafitau que era desconhecida na Christandade até o tempo das cruzadas. Floresceu depois na Moreia, e nas ilhas de Rhodes e Malta, donde a transportaram á Sicilia. Daqui a mandou vir o illustre infante D. Henrique para a ilha da Madeira, e promoveu a sua cultura, que prosperou prodigiosamente a (que

as vinhas a substituiram, não sabemos se ao presente com maior vantagem para Portugal: á mesma ilha a mandou buscar Martim Affonso de Sousa para a villa de S. Vicente, e desta se espalhou por todo o Brazil. Tambem provavelmente da Madeira se propagou nas Canarias, e destas passou para os outros pontos da America. Ao infante D. Henrique, e aos Portuguezes, que o imitaram, se deve a propagação daquella util planta, e do fabrico do assucar. O caso é que este novo genero estabelecido nas Indias Occidentaes produziu um commercio, mais precioso que o das minas do Perú.

A Sicilia tambem deu cannas para a Hespanha, onde a cultura vingou na Andaluzia: a França não foi tão feliz, porque o clima da Provença para onde tinham sido transportadas lhes não era conveniente. Porém a grande quantidade de assucar, que a Madeira forneceu, fez logo cessar o cultivo das cannas na Europa; e o acabou de todo a maravilhosa facilidade com que entraram a produzir na America. Os Portuguezes e os Hespanhoes foram os primeiros que as introduziram em suas colonias, donde passaram para os Hollandezes, que as transmittiram a Francezes e Inglezes. Os methodos empregados então nesta cultura foram, como todas as coisas ao principio, bastante imperfeitos: aproveitando porém longa serie d'observações os colonos americanos chegaram ao methodo hoje quasi universalmente seguido.

As cannas d'assucar dão-se nos climas quentes; e podem cultivar-se até o quadragesimo gráu de latitude nas zonas temperadas. O terreno, que mais lhes convém, é um chão leve e poroso, profundo, exposto ao meio dia, e em declive, a poder ser, para facilitar o escoamento das aguas da chuva. Tambem crescem nos outros terrenos; mas sáe o assucar inferior em qualidade e quantidade. Esta planta transportada para a America perdeu a faculdade de produzir sementes que a perpetuassem: deita bandeira, isto é, desenvolve bem a sua florescencia, mas os germens abortam. Por isso para a propagarem aproveitam a propriedade, que tem, de produzir de estaca. Plantam-se pedaços de canna, que commummente são os olhos das cortadas para se moerem: cada pedaço deve conter cinco ou seis articulações [gomos, dizem no Brazil]. A estação das chuvas é a mais propria para esta plantação. O systema mais vantajoso, e seguido na Jamaica, e em outras partes onde esta cultura se tracta com mais desvelo, é dispôr em regos as plantas; e ninguem duvidará que para este effeito o arado é cem vezes preferivel á enxada em todos os sitios, em que se possa trabalhar com elle; o allivio, que por este meio se dá aos pretos nas terras seccas, e duras, é coisa estimavel no entender dos proprietarios humanos e providentes.

O methodo commum é o seguinte: arroteado o matto, divide-se o terreno em porções de medidas certas, de ordinario de 15 a 28 geiras cada uma. Entre estas divisões deixam-se intervallos, que tenham toda a capacidade para se poder carrear. Subdivide-se cada repartimento, com uma linha presa a cavilhas de páu, em pequenos quadrados de tres pés e meio. Ordenam-se os pretos em fileira, pondo-se na primeira linha a cada quadrado um preto, e são destinados a cavar á enxada os differentes quadrados, que levam pelo commum seis pollegadas de profundidade. Forma-se do lado mais baixo um banco com a terra, que se cava. As covas para a canna raras vezes chegam a dois palmos de alto. Um preto habil cavará 60 a 80 destas covas em 10 horas de trabalho no dia: mas se a terra tiver sido antecedentemente rasgada pelo arado, e deixada em alqueive o mesmo preto cavará no mesmo tempo quasi o dobro. Os troços da canna dispoem-se longitudinalmente no fundo da cova, cobrem-se da terra que se cavou, obra de duas pollegadas d'alto, ficando o sobejo da terra do banco para se empregar depois. Em 12 ou 14 dias começam a apparecer os filhos; e logo que crescem poucas pollegadas, devem-se mondar cuidadosamente das hervas nocivas [o que em alguns sitios do Brazil chamam *capinar*], chegando-lhes depois ao pé o resto da terra, que ficou.

São tão necessarias as frequentes mondas, ou capinas, em quanto as cannas são novas, que este ponto reclama a maior vigilancia do cultivador. O lavrador diligente apartará ao mesmo tempo todos os olhos gomeleiros, que rebentam pelos lados das cannas, quando principiam a perfilhar, porque rarissima vez chegam a amadurecer, e extrahem ou roubam a sua nutrição á custa da canna principal. As epochas, e o progresso desta cultivação varía nas diversas colonias, ainda que o processo geral seja identico, porque dependem da natureza, e exposição dos terrenos, da temperatura da atmosphera, e de uma multidão d'outras causas, cujo esmiuçamento não vem para aqui, porque nos não fizemos cargo de escrever um tractado especial desta agricultura.

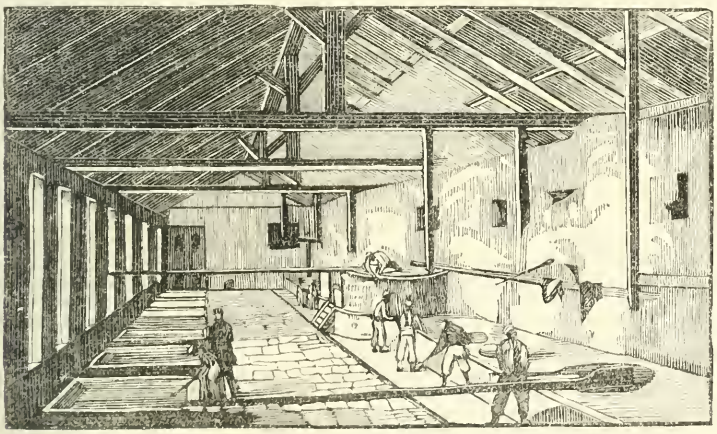
Os processos empregados nas colonias na extracção do assucar, comparados com os que usam os Indianos, são muito semelhantes. O padre João Loureiro, naturalista distincto, mais conhecido fóra que dentro de Portugal, fallando, na sua Flora Cochinchinense, dos meios que os Indios usam para extrahir o assucar, descreve o mesmo methodo dos Americanos: ora como a canna passou primeiro á Arabia, e os Arabes empregam o mesmo processo, é provavel que o recebessem da India.

Para obter o assucar da canna, é necessario extrahir-lh'o por via da pressão, faze-lo ferver, clarifica-lo e cristalisa-lo. Isto, em summa, se executa do modo seguinte: colhidas as cannas despojam-se das folhas, e levadas ás moendas passam-se aos molhos entre dois cilindros de metal onde se espremem; o liquido crasso, que produzem, deve ser fervido dentro de 24 horas para não fermentar. Este succo é recebido n'uma dorna, ou deposito, e dalli passa successivamente por quatro caldeiras onde experimenta um gráu de calor, que vai sempre augmentando. A fervura lhe faz perder a parte aquosa, desenvolve as escumas, que se lhe tiram quando o mechem. As lixivias, ou cenradas alkalinas, deitadas dentro, facilitam a clarificação, e a separação das escumas. Finda a necessaria cocção passa a calda destes clarificadores para os resfriadouros, onde á medida que esfria deposita o *assucar em bruto*. Para purificar este assucar usam deitar-lhe uma mistura de agua, e de argila. A agua, carregada de particulas calcareas, filtra atravéz do assucar, e lhe leva uma grande parte da substancia melacenta, que o tinge, e faz molle. Repete-se esta operação muitas vezes: tira-se a argilla, que vem á superficie, e fica o assucar, que é de varias sortes, segundo o numero de vezes que lhe applicam este processo. Aquella agua filtrada é o melaço. Todos sabem que o assucar vem da America em pedra, ou em bruto, e se refina na Europa. Ainda além do assucar se obtem a *rum* ou aguardente, um dos mais puros, fragrantes, e saudaveis licôres espirituosos, quando tomado moderadamente, e diluido com agua: sendo este producto de não pequena consideração no commercio.

O tempo da safra é a estação da saude e alegria nos engenhos. O succo da canna é tão agradavel ao paladar, como nutritivo e saudavel, de modo que todos os individuos bebendo-o livremente adquirem saude e vigor. Tem-se observado que os pretos magros e doentes manifestam rapida melhora poucas semanas depois que deitam a moer o engenho. Os cavallos,

bois, e outras bestas, ainda que trabalhem constantemente durante a moagem, dando-se-lhes abundancia de olhos desta nobre planta, e algumas das escumas da casa da caldeira, se vigoram mais que em outra qualquer parte do anno. Até os porcos, perús, e galinhas engordam, comendo o bagaço da canna. Em uma palavra, n'uma lavoura bem regulada, debaixo da intendencia de um director humano e benigno, tudo no tempo da safra respira vigor, abundancia, e contentamento.

O uso do assucar generalisou-se na Europa depois que a cultura da canna se diffundiu mais amplamente nas colonias Americanas, antes desta epocha era considerado como objecto de luxo, ou como um producto vegetal da competencia da medicina, e vendia-se nas boticas; mas quando as suas propriedades se foram melhor conhecendo foi sendo geralmente adoptado, e hoje converteu-se em genero quasi indispensavel. Todo o mundo sabe que o assucar além de compôr muitos alimentos é a base das caldas e licôres, e que diluido em aguardente resiste á putrefacção, e nos conserva os fructos, e outros muitos objectos. É por sua natureza mui nutriente e sadio: facilita a digestão, e convém a todas as idades: dá-se ás creanças de mama; e fortifica o estomago dos velhos. É tambem um medicamento; e na arte de curar tem usos mui variados, e utilissimos. Attribuem-lhe a diminuição das febres putridas. O celebre Trochin costumava recommenda-lo aos seus doentes. Edwards, citando o velho medico Slarz, diz: «Todo aquelle, que toma o partido contra os doces em geral, sujeita-se a mui difficil tarefa; por quanto parece que a natureza tem communicado a todas as creaturas o gosto das cousas doces: as aves, os animaes dos campos, muitos reptis e insectos se aprazem, e regozijam em provar o que é doce, e se desgostam do que não o é. Ora o assucar extrahido da canna é o padrão eminente das doguras vegetaes; por isso não admira ver quasi todos os individuos apaixonados desta substancia.» Todas as fructas que tem mais partes saccharinas são geralmente preferidas; e de muitas nestes ultimos tempos se tem conseguido fazer muito bom assucar: a castanha, por exemplo, o fornece em abundancia. Hoje é bem conhecido o de betterrava. A canna do milho abunda em partes saccharinas, e até della se faz uma aguardente um pouco aproximada á da canna legitima do assucar. Porém sempre a esta ultima cabe a primazia. E com effeito, que as Nações, que não possuem colonias para a cultivarem, procurem alcançar dentro do seu paiz productos, que substituam o assucar da canna, nada mais louvavel: mas que nós tendo perdido o Brazil, e possuindo dilatadas possessões nas duas costas d'Africa, não cuidemos em promover este lucrativo ramo de cultura em nossas actuaes colonias, que lhes são tão adequadas, é o apuro do desmazelo, e negligencia dos nossos interesses. Parece que ultimamente tem intentado na Madeira restaurar este ramo, que alli, como já vimos, tanto prosperou em tempos antigos. Nesses mesmos tempos se plantava com bom exito a canna na Andaluzia, donde póde naturalmente inferir-se que se daria bem em o nosso Algarve. Assentâmos que com as proporções, que tem a nossa nação, é mais conveniente progredir naquelles generos de agricultura já aclimatados dentro do reino, e que ainda estão longe de serem tão florescentes, como deveram; e nas possessões ultramarinas cultivar os generos do Novo-Mundo, não só pela analogia do clima, que affiança mais prosperos resultados, como para estabelecer um commercio directo entre as colonias, e a metropole, como d'antes faziamos com o Brazil: commercio este que seria grandemente nacional. O amor da patria nos fez em meio do nosso assumpto lançar estas considerações, que o bom juizo dos nossos compatriotas saberá avaliar. Assim ellas podessem despertar os animos, e impelli-los para emprezas proficuas e de interesse geral!



A CASA DAS CALDEIRAS.

QUEIMADURAS.

As QUEIMADURAS profundas causam poucas dores, quando a pelle desorganisada já não tem nem sentimento nem vida, e quando por consequencia vem a cair. A suppuração e o meio de que se serve a natureza para a deitar fóra, e todos os remedios que por ahi se usam para curar queimaduras são absolutamente baldados. O cerato ou pomada e as demais substancias oleosas só podem servir para os parches não se pegarem á ferida quando sêca; mas de nenhum modo contribuem para a reorganisação da pelle, obra que só a natureza póde levar a cabo. As queimaduras profundas vem sempre acompanhadas por outras superficiaes, mais ou menos extensas: são estas que doem muito, quer sós, quer de involta com as outras.

E coisa universalmente assentada que as queimaduras superficiaes e muito extensas são uma doença terrivel, que gera dôres agudissimas, e que produz a morte no meio de horriveis padecimentos. Os casos de queimaduras são tão frequentes, que talvez na Europa não ha dez pessoas que tenham chegado a 60 annos sem se terem queimado muitas vezes. De 20 queimaduras 19 são superficiaes: quando estas abrangem um grande espaço, reputam-se gravissimas, á vista das suas consequencias, as quaes pelo menos são padecimentos asperos e demorados. Entretanto este mal por si nada é; porque a acção momentanea do calorico não faz mais do que dar á pelle certa disposição que a torna susceptivel de ser queimada pelo ar, o qual não tendo acção alguma na pelle no estado natural, começa a tê-la quando esta chega a certo grão de calor, convertendo-se então este fluido n'uma atmosphera ardente, uma especie de fogueira, em que de continuo nos consome um fogo lento. Isto está hoje provado: assim uma immersão em agua fria, embaraçando o contacto do ar, faz immediatamente cessar a segunda combustão, bem como as dôres que della resultavam, e dentro de cinco horas está a cura feita; porque a agua tomando a si, para se volatilisar, o calorico que estava na epiderme, e que produzia a combinação do oxigenio, causa unica do mal, a pelle fica, como antes da queimadura, livre da acção do ar.

Quando alguem que se queima sente dores pungentes, fique certo de duas coisas; de que não é grande o damno que a pelle soffreu, e de que é o ar quem a continúa a queimar. A immersão da agua fria, embargando o contacto do fluido, faz cessar a causa do padecimento e as dores, as quaes, bem que logo desappareçam, tornam a apparecer com a mesma rapidez, todas as vezes que se tirar da agua fria a parte queimada, antes de passarem cinco horas. Tirando-a depois deste periodo, sarará perfeitamente o enfermo, que impunemente póde então expôr-se ao contacto do ar, tendo tido o cuidado de conservar o banho na mais conveniente temperatura, que é a de treze a quinze gráus; porque a experiencia tem mostrado que a excessiva ou diminuta frialdade da agua demora mais ou menos a cura. Esta temperatura de treze a quinze gráus é a que tem a agua no tempo das grandes calmas, estando posta n'um quarto á sombra. É portanto facil o dar-lh'a quando a não tem, e conservar-lh'a quando a tem, aquecendo-a alguma coisa de inverno, e pondo-a á sombra no verão.

Do grande numero de curas notaveis feitas com a immersão d'agua fria, citaremos algumas que servem para fazer perceber o modo porque se ha de applicar o remedio em qualquer caso.

Certa criada de servir succedeu metter o braço até o sovaco n'um caldeirão d'agua a ferver, ficando com o braço escaldado desde as pontas dos dedos até o hombro. Quando chegou o medico havia tres quartos d'hora que a rapariga soffria agudissimas dores, que augmentavam cada vez mais com os remedios que lhe faziam: mandaram-lhe então metter o braço n'uma grande celha d'agua fria; as dores cessaram no mesmo instante, e, depois de cinco horas de immersão, ficou tão livre dellas, que nessa mesma noite continuou a trabalhar. — Um rapaz, que escaldou uma das mãos e que só recorreu á immersão depois de padecer duas horas, ficou do mesmo modo são. — Isto prova que ainda que se demore a applicação do remedio, nem por isso se deve deixar de applicar, visto o que dissemos de não estar a pelle desorganisada em quanto se sente dor.

Mr. Magnin de Grandmont, de quem tomámos este artigo, cita varios exemplos de se terem curado queimaduras do globo do olho só com a immersão mais ou menos dilatada em agua fria, sem depois disso ficar o doente cego, ou com o menor defeito nos olhos.

As dores cessam, não só n'um banho de agua fria, mas até de agua morna: porém neste gasta a pelle mais tempo para perder a disposição em que fica para se combinar com o oxigenio do ar, de maneira que são necessarias quinze ou vinte horas para a cura. Com tudo, como em certas circumstancias o contacto da agua fria seria perigoso ás mulheres, conviria nesse caso antes empregar um banho de agua tepida, esfriando-o pouco a pouco, e recorrer a uma sangria, se tanto fosse preciso.

O algodão em rama, de que se usa ha annos para curar queimaduras, achou entre os medicos apologistas e detractores; o que não deve espantar, porque uns e outros o tiveram em conta de remedio, sem conhecimento de causa. O que é certo é que o algodão não tem virtude alguma propria, e só embaraçando o contacto do ar é que póde ser efficaz, para o que é preciso que cubra perfeitamente a queimadura. Quanto aos outros remedios, que para este caso é costume applicar, não é difficil de perceber que o banho de agua lhes deve ser anteposto por estar sempre mais á mão. Com tudo, quando é custoso de applicar, como acontece nas queimaduras do rosto, será conveniente mergulhar este na agua, erguendo a cabeça de quando em quando para tomar a respiração, até que esteja prompto um grosso parche de algodão, da grossura de duas pollegadas, que se porá sobre a queimadura, e que se apertará com uma atadura. Conhecer-se-ha se embaraça o contacto do ar pelo signal de cessarem as dores: neste caso, deixar-se-ha estar o parche por muitos dias sem lhe bolir: porque como o algodão não tira o calorico que está combinado na epiderme, se o parche se tirasse antes de se dissipar inteiramente aquelle fluido, a combustão tornaria a começar com o contacto do ar. Se a applicação do parche não faz cessar inteiramente a dor, é signal certo de que o ar continua a obrar sobre a pelle, e então é preciso recorrer a outros meios. O mais simples será usar do mesmo parche, bem traspassado d'agua, e continuar a molha-lo sem interrupção, porque não fazendo isto não se embaraçaria o contacto do ar, e os vapores quentes exhalados do parche só serviriam de fazer peiorar o mal. Este methodo, com tudo, não vale o do banho, e requer muitissimo mais tempo para produzir a cura.

Os liquidos a ferver, que tem 80 gráus de calor, só fazem queimaduras superficiaes, ao passo que a chamma, que tem mais de 400, fa-las profundas sempre. Quando uma mulher se queima, ardendo-lhe inteiramente o fato, não é possivel salva-lá. Mas, quando, acontecendo-lhe isto, sente dores intoleraveis, o que ordinariamente succede, devem logo mette-la em um banho; porque estas dores provam que algumas partes da pelle ficaram mais affastadas da chamma, e que só ao de leve foram queimadas, continuando por isso o ar a fazer o seu effeito nesses logares. Esta immersão no banho não lhe salvará a vida, é verdade; porém ao menos fará com que ella não morra martyrisada.

A CATALEPSIA.

Poucas doenças apresentam symptomas tão extraordinarios como os da catalepsia. As causas ordinarias desta molestia são o excesso do trabalho de espirito, o abuso das bebidas fermentadas, e as alterações ou desarranjos na economia animal, com especialidade nos orgãos do cerebro.

Os symptomas desta doença consistem em uma completa immobilidade, junta a grande flexibilidade dos

membros, tal, que se póde dobrar qualquer delles como se quizer. O pulso, sem deixar de bater, a muito custo se percebe; a respiração é quasi insensivel, o queixo inferior fica em convulsão; a pelle esfria; os olhos tem-se abertos, mas a immobilidade das palpebras é completa. Posto que o doente conserve o ouvir e o olfacto como d'antes, nem o estrondo, nem os mais recendentes perfumes podem terminar o ataque, e em fim a pelle perde inteiramente a sensibilidade. Os accessos desta doença, que tantos signaes tem da morte, duram ás vezes doze horas, e ha exemplos de se prolongarem por dois ou tres dias, ficando o doente inteiramente como morto. Daqui tem resultado enterrarem-se vivas algumas pessoas; o que deve servir de aviso a todos para não fazerem enterros apressados, com que podemos assassinar aquelles por quem chorámos: e certo que seria conveniente não sepultar cadaver algum, sem que elle começasse a dar mostras de proxima dissolução.

Ha annos que nós soubemos de um caso de catalepsia acontecido a uma mulher, o qual lhe durou por espaço de vinte e quatro horas. Sem signal algum de vida, mas com todos os sentidos, á excepção da vista, ella percebeu as experiencias que faziam para ver se estava morta: ouviu os gemidos da sua familia, e até depois asseverava sentíra o dobrar dos sinos: quando iam a cerrar-lhe o caixão foi que pôde soltar um gemido, e então conheceram que não morrêra. Mas o caso mais notavel é o de um Inglez que por igual accidente chegaram a sepultar vivo. Eis o facto, que transcrevemos pelas proprias palavras do protagonista deste drama terrivel.

« Havia tempos que eu andava com uma febre nervosa: diminuiam-me gradualmente as forças: mas quanto mais fraco me achava, mais crescia em mim o sentimento da vida. O medico em fim descorçoou de todo, e eu percebi que nenhuma esperança me restava. »

« Uma noite veio-me o crescimento: senti um arripiamento geral, e um zumbido extraordinario nos ouvidos: vi a roda da cama um grande numero de vultos extravagantes; eram estes resplandecentes e aerios. A camara estava allumiada, e parecia-me solemnemente adornada: procurei bolir-me, mas não pude. Durante alguns instantes uma terrivel confusão me transtornava as idéas, e quando saí desta agonia foi com todas as recordações do passado, com a intelligencia clara, e em poucas palavras, com tudo o que pertence á vida, menos a faculdade de mecher-me ou de fallar: ouvi gemidos ao pé do travesseiro, e a voz da enfermeira pronunciar — *está morto!* — E indizivel o que senti ouvindo estas lugubres palavras: forcejei por me bolir, mas nem sequer pude pestanejar. Passado pouco chegou-se a mim um intimo amigo, afflicto e lavado em lagrimas: poz-me a mão na cara e fechou-me os olhos. Ficou então tudo em trévas: porém eu ainda podia ouvir, sentir, e soffrer. »

« Tanto que me cerraram os olhos, percebi pelo que diziam os que ficaram de guarda a mim, que o meu amigo saíra do quarto, e quasi immediatamente senti as amortalhadeiras vestirem-me a mortalha, voltando-me para todos os lados, e tractando com a maior brutalidade aquillo a que chamavam *o corpo*. »

« Tanto que finalisaram foram-se embora, e então começaram as formalidades, que se costumam em Inglaterra, de um nojo simulado. Durante tres dias vieram ver-me muitos amigos. Ouvi-os conversar ácerca das minhas boas qualidades e dos meus defeitos, e senti muitos pôrem-me a mão pela cara. Ao terceiro dia já diziam que havia máu cheiro no quarto onde eu estava. »

« Armaram o caixão: metteram-me nelle; e o meu amigo poz-me debaixo da cabeça o que chamavam o meu ultimo travesseiro — e senti as suas lagrimas cairem-me sobre as faces. »

« Depois de terem estado algum tempo ao pé do caixão, as pessoas minhas conhecidas se foram, e os carpinteiros vieram pregar nelle a ultima taboa. Eram dois: um retirou-se antes de acabar a obra: ouvi o seu companheiro assobiar em quanto furava com a verruma, calar-se, e pregar o ultimo prego. »

« Deixaram-me só: todos fugiam d'onde eu jazia. Sabia, comtudo, que ainda não estava enterrado: posto que sem movimento e na escuridade, ainda conservava alguma esperança; mas esta brevemente se desvaneceu. Chegou o dia do enterro: senti erguer e levar o ataude; senti pô-lo no coche, e muita gente agitar-se ao redor; alguns diziam bem de mim: o coche começou a andar. Sabia que me conduziam ao cemiterio. Parou o coche e tiraram delle o caixão: pelo desencontrado do movimento percebi que ía ás costas de muitos homens. Houve uma pausa, ouvi o roçar das cordas, bolíram com o caixão, e brevemente o senti balouçar como que suspenso no ar: desciame ao fundo da cova. As cordas, deixaram-nas caír sobre o caixão: — ouvi a pancada que deram. Fiz um esforço terrivel para me bolir; mas os membros me ficaram immoveis. »

« Pouco depois, alguns punhados de terra foram lançados sobre o caixão, então houve outra pausa. Passados alguns minutos, ouvi as enchadadas. A terra caía sobre mim, e o ruido da sua quéda, mais espantoso que o retumbar dos trovões, me enchia de horror; mas eu não podia bolir-me. O ruido foi diminuindo gradualmente, e pelos sons fracos e quebrados percebi que estava a cova cheia: até me pareceu que o coveiro andava por cima e calcava a terra com a enchada. Acabou-se por fim a obra, e então ficou tudo outra vez em profundo silencio. »

« Não tinha modo algum de contar o tempo que assim ía passando; o silencio continuava. Entregue a reflexões horriveis, ouvi por cima de mim um som prolongado e surdo; pensei que eram os reptis e os vermes que vinham tragar a sua presa. »

« O ruido se aproximava e crescia: seria acaso possivel que os meus amigos se persuadissem que me tinham enterrado com muita precipitação? — A esperança começava a renascer em mim. »

« Cessou o ruido, e senti mãos que me corriam pela cara. Puxaram-me para fóra do caixão pela cabeça. Deu-me o ar, que me parecia frio como gelo: levavam-me como ás escondidas. Chegando a certa distancia, atiraram comigo como se fosse uma trouxa: mas não era no chão que eu estava. Passado um momento, senti que ía n'uma sege, e por algumas palavras soltas percebi que estava em poder de dois daquelles ladrões nocturnos, a que em Inglaterra chamam *resurrection-men* (homens da resurreição) que vem abrir os sepulchros para fazer um trafico sacrilego dos corpos que desenterram. Logo que a sege entrou a rodar por calçada, um dos dois ladrões deu alguns assobios, e depois começou a cantar varias cantigas obscenas. »

« Parou em fim a sege; pegaram em mim e levaram-me: senti pelo denso do ar, e pela mudança de temperatura, que estava em uma camara: rasgaram com violencia o panno em que eu estava envolvido, e puzeram-me sobre uma mesa. Pela conversa dos dois homens, que me tinham trazido, com outro que ahi estava, percebi que deviam dissecar-me naquella noite. »

« Eu ainda tinha os olhos fechados, e por isso nada via; mas brevemente dei fé, pela bulha que faziam no quarto, que os estudantes da anatomia tinham chegado. Alguns se aproximaram á mesa e me exa-

minaram minuciosamente. O demonstrador chegou por fim."

«Antes de começar a dissecção, propoz elle, que se fizessem em mim algumas experiencias galvanicas, e para isto se arranjou um apparelho electrico [1]. A primeira descarga me sacudiu todos os nervos que vibraram e resoaram como as cordas de uma harpa. Este phenomeno admirou os estudantes. A segunda descarga me fez abrir os olhos, e a primeira pessoa que vi foi o medico que tinha tractado de mim. Continuava com tudo a estar como morto, ainda que pude logo distinguir entre os estudantes caras que me não eram estranhas. Assim que abri os olhos, ouvi pronunciar o meu nome por muitos dos circumstantes, que mostravam pena de estarem fazendo experiencias no meu cadaver. Quando as acabaram, o demonstrador me fez uma incisão no peito com um canivete: senti então uma cousa terrivel por todo o corpo: tomei-me de um tremor convulso, e todo o auditorio começou a dar gritos de horror. Estavam quebrados os grilhões da morte; a minha lethargia tinha cessado. Fizeram-me toda a casta de remedios, e dentro de uma hora eu havia recobrado todos os sentidos."

DIOGO DE COUTO.

Diogo de Couto, o grande historiador do imperio portuguez na India, nasceu em Lisboa no anno de 1542. De mui mego entrou no serviço do infante D. Luiz, de quem seu pai era antigo familiar. Foi mandado educar nas boas letras pelo infante, com cujo filho, o celebre D. Antonio, depois prior do Crato, estudou a philosophia no mosteiro de Bemfica, onde então a ensinava o veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres.

A morte do infante D. Luiz cortou em flor as esperanças de Couto; e a de seu pai, que brevemente succedeu depois da do infante, o fez deixar na idade de 14 annos os estudos, embarcando-se para a India onde militou oito annos. Passados estes voltou a Portugal, e de Lisboa tornou a partir para a Asia, despachado em recompensa dos seus serviços. Em Goa, no repouso da vida domestica, Diogo de Couto novamente se entregou ao estudo: e a fama do seu saber, espalhando-se pela India, soou em Portugal. Tempos tinham decorrido; e a perda de D. Sebastião em Africa collocára no throno portuguez Philippe 2.º Este principe nomeou Couto chronista-mór do Estado da India, para que continuasse o que até então se tinha publicado das Decadas de João de Barros, isto é, as tres primeiras. Começou Diogo de Couto por escrever a historia dos successos da India desde o principio do reinado de Philippe, que assim lh'o ordenára; mas foi justamente esta parte daquella historia que só no fim do seculo passado se imprimiu. Depois de escrever esta decada, que é a decima, Couto escreveu a quarta, quinta, sexta, e septima, que se publicaram em sua vida. A oitava, que é propriamente um só livro, appareceu em 1673, tendo-se estampado em Paris no anno de 1645 metade da duodecima. Um fragmento da nona foi dado á luz com as já mencionadas em 1736. Na edição de Barros e Couto publicada em volumes de 8.º no fim do seculo passado, appareceu, como dissemos, a decima decada, e uma breve relação dos successos que se deviam conter na undecima, a qual inteiramente se perdeu.

Nas decadas o estilo de Diogo de Couto é claro e corrente. Não tem, na verdade, aquelles arrojos de genio que se encontram nas decadas de Barros, mas é por ventura mais igual do que o delle. Quanto á disposição da historia, averiguação dos acontecimentos, descripção dos costumes e dos logares, leva Couto conhecida vantagem a Barros, cujos erros ás vezes emendou. A epocha historiada por Couto abraça o longo periodo que começa com o governo de Lopo Vaz de Sampaio, e acaba com o vice-reinado de D. Francisco da Gama, isto é, o decurso de perto de oitenta annos, em que a nossa gloria na India subiu á sua maior altura, de que já nos ultimos dias de Diogo de Couto tinha decaído.

Esta decadencia do Estado da India moveu Couto a escrever um tractado sobre o modo de reger e conservar aquelles dominios; o qual intitulou *Soldado pratico*, e onde apontou as causas da decadencia dos portuguezes na Asia. Este livro conservou-se manuscripto por dois seculos, e só foi tirado á luz em nossos dias pela Academia das Sciencias.

As mais obras de Diogo de Couto, que possuimos impressas, são, a Vida de D. Paulo de Lima, capitão-mór da India, a Relação do naufragio da náu S. Thomé (que se encontra no tomo 2.º da Historia Tragico-Maritima), e uma Oração recitada em Goa a André Furtado de Mendonça, a qual de certo não é um modelo de eloquencia.

Muitas outras obras manuscriptas dizem deixára este celebre historiador; mas ou o tempo as consumiu, ou estão sepultadas em parte onde a ninguem são uteis.

Couto não voltou mais á Europa depois que se estabeleceu em Goa, e alli morreu da idade de 74 annos, em 1616.

HYGIENA PUBLICA.

CONSERVAÇÃO DOS DENTES. — PRECAUÇÕES RELATIVAS AOS MENINOS.

Desde o momento em que nasce o menino releva cuidar nos meios de atalhar os incommodos da dentição, empregando desde logo certas precauções para facilitar a saída dos dentes.

Estas precauções são de duas especies, as primeiras consistem em afastar tudo quanto tender a apertar, irritar, ou alterar as gengivas; as ultimas reduzem-se a dispô-las para a facil saída dos dentes.

Juntam-se nas cabeças dos meninos muitos humores, que se corressem para a boca, afrouxariam muito o tecido das gengivas, e com sua acrimonia as irritariam as

1 Veja se, cerca da electricidade o N.º 12 do Panorama.

mais das vezes ou disporiam para a irritação. Cumpre pois haver todas a vigilancia em desviar esses humores da boca, fazendo-os sair por via da transpiração, escovando para esse fim as cabeças dos meninos, duas vezes ao dia, e a horas certas, com uma escova macia, e cobrindo-as bem depois com pannos passados pelo lume.

A escova conserva limpa a cabeça, abre os poros da pelle, e prepara-os para darem livre passagem ao suor. São mui evidentes os beneficios desta evacuação, a qual levando comsigo para fóra as serosidades accumuladas na cabeça do menino, faz com que não acuda á boca tamanha porção de humores.

O methodo proposto de trazer os meninos com as cabeças descobertas, e expostas ao ar, é sujeito a graves inconvenientes; porque as impressões do ar externo tapam os poros, e estorvam a transpiração, augmentando assim a quantidade de humores que se encaminham para a boca, com aquelles que não podem sair por falta de suor. Eis a causa de ser sempre mais trabalhosa e demorada a primeira dentição dos meninos criados desta maneira, analoga á maneira de ver e de pensar dos phylosophos systematicos, porém contraria a todas as leis da arte, da razão, e da humanidade.

A boca, lingua, e paladar dos meninos estão ordinariamente cobertos de uma carepa esbranquiçada, e algumas vezes amarellada, mais ou menos grossa e apegada, a qual, conservando-se alli, produz dois inconvenientes, já porque impedindo a transpiração retém nos vasos daquelles orgãos uma porção de serosidade que os sobrecarrega, e que se não encontrasse semelhante embaraço sairia com o suor, já porque tornando o curso dos liquidos nos mesmos vasos mais difficil e vagaroso, contribue para enfarta-los. Esta carepa póde ao mesmo tempo fazer-se acre a ponto de causar infallivel irritação de gengivas.

Deve por tanto não haver descuido em limpar a miudo a boca dos meninos, porem ao de leve e com delicadeza, por não rasgar ou offender membranas tão finas; o que se fará esfregando sem carregar, com um dedo molhado em mel rosado, o ceu da boca, a parte superior e inferior da lingua, e as gengivas, até sair a carepa; e se esta estiver muito apegada, póde-se embrulhar o dedo n'um pedaço de panno de linho finissimo, ou usar de uma raiz de althea [malvaisco], ou de alcaçuz, convenientemente preparadas, molhando-se em todo o caso, assim o dedo como as raizes, no mel, ou em simples agua melada, que é ainda melhor.

Exige novos cuidados a preparação particular das gengivas, as quaes por sua rijeza, grossura, e tensão obstam frequentemente á saída dos dentes, d'onde resulta a necessidade de fazer as possiveis diligencias para amollece-las, relaxa-las, e até adelgaça-las. Quando ellas se acham neste estado, convem fazer uso dos emollientes; taes são, por exemplo, o mel de Narbonna, o unto sem sal, a manteiga fresca, os miolos de lebre, a enxundia de gallo, e o oleo de amendoas doces, que servem para esfregar levemente as gengivas, ou para ensopar tirinhas de panno, que se lhes poem em cima. Tambem se empregam raizes de althea ou de alcaçuz, cortadas, de proposito para esse uso, e molhadas em oleo de amendoas doces, ou em xarope de violas, de avenca, ou de althea; e finalmente faz o mesmo effeito um cozimento de figos graúdos, passas de Alicante, cevada, ou althea

Uma precaução especial póde todavia prevenir os maus effeitos dos emollientes de que adiante se faz menção. Aquença-se um dedo, esfreguem-se com elle as gengivas do menino, e repita-se a fricção o maior numero de vezes que fôr possivel. Esta operação ainda que simples, mantem, e até póde restabelecer a força das fibras, corija-las, e faze-las quebradiças, sem que se limite a isto a sua utilidade, porque produzindo uma compressão nas gengivas, adelgaça-as e facilita o seu rompimento, apertando-as ao mesmo tempo contra o gume do dente.

As roquinhas ou figas, que se dão ás creanças para metterem na boca, tambem adelgaçam as gengivas, apertando-as contra o gume dos dentes, e bom é dar-lh'as cedo, mas deve-se fugir do uso das de ouro, prata, e outros metaes, e mesmo de vidro, por que sendo muito duras comprimem as gengivas com demasia da força e desigualdade, e as enfartam, inflammam, e magoam algumas vezes. Ha uns brinquinhos feitos de tiras de couro de vacca da Russia, mais uteis e proprios para este fim, por serem mais macios, e terem uma superficie larga e chata, que comprime as gengivas por igual.

Assim que apparecerem os signaes annunciadores da vinda dos dentes, far-se-ha dos emollientes acima indicados um uso regular e continuado.

Proporei agora as fumigações de boca como um remedio que vi ser muito bem succedido: enche-se um vaso de agua quasi a ferver, e cobre-se exactamente com a parte larga d'um funil de papelão, cujo bico se introduz na boca do menino, ao qual se faz chupar o vapor da agua quente; repete-se isto tão amiudadas vezes quanto fôr possivel, sem com tudo deixar durar muito tempo cada fumigação, para não suffocar o doente.

O vapor distribue com igualdade por toda a boca um calor moderado e humido, que applicando-se immediatamente ás partes doridas, obra com muito mais promptidão e efficacia que os outros emollientes. Este tractamento ainda ninguem o propoz, e eu convido as mães de familia a emprega-lo, affiançando-lhes desde já o bom resultado.

Á medida que crescem os padecimentos, faz-se uso interno de medicamentos calmantes, temperantes, absorventes, e até narcoticos, e em alguns casos da sangria, combinando-se estes remedios e proporcionando-se as suas dóses e gráu de força á intensidade dos symptomas; porém recorrendo-se sempre nestas occasiões aos facultativos, os quaes costumam guiar-se por circumstancias a que só elles sabem dar o devido valor.

Devo confessar que estes soccorros são mui fracos, e ás vezes insufficientes, pois não podem destruir a causa da doença, mas nem por isso se julguem inuteis, visto que moderam muitas vezes os symptomas, mitigam as inquietações e as dores dos enfermos, e os fazem socegar, e dormir por algum tempo. Em quanto dura o descanço que elles conciliam, ganha-se tempo, e a natureza jámais ociosa aproveita-o, e adianta o trabalho da erupção. Vem ainda outra reflexão em apoio disto: o primeiro periodo da irritação dos nervos é o mais terrivel; passado este termo parece que os nervos ficam adormentados e perdem parte da sua sensibilidade; logo tira-se dos remedios outro proveito, porque diminuem a gravidade das dores, e o perigo do primeiro momento.

Convém tambem evitar que a muito frequente ou demorada applicação dos emollientes relaxe de mai as gengivas, e as amolleça, e faça tão sujeitas a distensões que só por effeito dellas cedam á acção do dentes, sem se dividirem e romperem, o que tornaria a saída dos dentes muito mais difficil e tardia, e as dores mais aturadas. Prevenir-se-ha este inconveniente examinando muitas vezes a boca: em quanto as gengivas estiverem inchadas por igual pouco ha que recear do uso dos emollientes, mas se apparecerem em certos logares algumas desigualdades muito visiveis, isto é, elevações que pela sua configuração mostrem ser effeito de dentes que vem apontando, sobrecestar-se-ha no uso dos ditos medicamentos. Não houve até

agora quem fizesse esta reflexão, a qual todavia é exacta, e por isso me apresso a publica-la.

O sumo do limão é o melhor de todos os remedios para combater o máu resultado da applicação dos emollientes, porque sendo levemente adstringente endurece as gengivas, fortalece-as, e facilita o seu rompimento. Applica-se ás partes mais altas por onde se presume que os dentes querem furar, com a ponta do dedo ou um bocado de algodão ensopado no sumo, ou com um panninho nelle molhado, que se expreme, e se póde deixar ficar sobre a gengiva.

Erupção dos molares ou queixaes.

Passados dois, tres, ou quatro annos é necessario empregar novos cuidados não só quando começam a sair os queixaes, mas tambem quando a sua erupção se prepara. Podem seguir-se então os mesmos preceitos que dei relativamente ao amollecimento e relaxação das gengivas na primeira dentição.

Cuidados que deve haver desde a primeira até a segunda dentição.

Os cuidados que exigem os primeiros dentes, assim que apparecem, devem ser continuados sem interrupção até o momento da quéda desses mesmos dentes, que precede a segunda dentição.

Necessidade de limpar os dentes da primeira dentição.

Os pretextos de que têem de cair, e de ser substituidos por outros, que devem durar por toda a vida, os dentes da primeira dentição, faz crer communmente que elles não merecem nem exigem cuidado algum; e por conseguinte julga-se cousa indifferente que estejam bem ou mal conservados, sãos ou arruinados, com tanto que os que se lhe seguirem conservem sem alteração a sua boa qualidade. Conveniente me parece extirpar este erro, que muito se ha propagado, e que sacrifica muitas victimas, á prevenção e negligencia das pessoas a quem compete velar na conservação dos dentes dos meninos.

Os dentes de leite ou da primeira dentição estão expostos a carie, como os que lhes succedem, e um tal vicio causa quasi sempre um prejuizo essencial e irreparavel aos ultimos, e especialmente aos queixaes.

1.º Os dentes de leite cariados estão muito menos seguros ás gengivas que os dentes sãos, e quasi que não oppoem resistencia alguma aos da segunda dentição, quando principiam a sair; estes, não achando obstaculo á saída furam com demasiada promptidão, e não tendo tempo de chegar ao estado de perfeição de que carecem, ficam sendo fracos, sujeitos a estalar, e mais expostos ás constipações, e por conseguinte a serem alterados ou a apodrecerem.

2.º Se estes mesmos dentes estão cariados quebram facilmente, e os novos dentes lançam para fóra parte dos seus fragmentos; porém como se conservem algumas pequenas lascas dentro do proprio alveolo, ou entre os dentes visinhos, sobrevem muitas vezes dores mais ou menos agudas, e irremediaveis, por se lhes desconhecer a causa, pois os dentes parecem estar inteiramente sãos, entretanto que as ditas lascas vão communicando o mesmo estrago aos alveolos, e aos dentes, que muitas vezes não devem a carie que os destroe senão aos restos dos dentes de leite cariados.

3.º Mais graves são ainda as consequencias do mal se provém da carie de um molar de leite, por que os fragmentos destes introduzem-se algumas vezes, tanto por um como por outro lado, entre os dentes novos, e por entre os dois mais proximos, pondo assim ao mesmo tempo tres dentes em perigo de apodrecerem.

E preciso em primeiro logar evitar tudo quanto póde constipar os dentes; como, por exemplo, a alternativa do calor e do frio.

As bebidas frias produzem este effeito quando seguem as comidas quentes, ou se usam entremeiadas com estas, como nos jantares.

Pede a prudencia, principalmente no inverno, que se faça amornar a agua, que se da a beber aos meninos, sem aquece-la muito, para lhes não relaxar o estomago: basta tirar-lhe a maior frialdade.

A conservação dos alimentos entre os dentes, e sobre as gengivas, assim como a formação, e accumulação do sarro ou pedra, são objectos que reclamam a mais seria attenção da parte das mães de familias, as quaes devem ter o maior cuidado em remover aquellas causas da ruina dos dentes, para o que basta seguir as poucas regras que passo a dar.

Consiste a primeira em empregar toda a vigilancia para que os meninos nunca levem aos dentes agulhas, pontas de facas, ou tesouras, e outros corpos duros; devendo alem disso tomar sobre si o esgaravatar-lhes todos os dentes depois das comidas com um palito de penna muito brando e macio, e depois limpa-los com um panno fino molhado n'uma pouca de agua tepida, esfregando-os levemente. Podem habituar-se os meninos desde muito pequenos a fazerem esta operação a si mesmos, e eu vi alguns que na idade de tres ou quatro annos, a executavam optimamente, contrahindo assim um habito, que conservam toda a sua vida, e que lhes vem a ser utilissimo para o futuro.

Tambem é bom esgaravatar todos os dois ou tres dias os dentes dos meninos com a ponta grossa do mesmo palito de penna, para tirar o sarro que se lhes pega, e que não cede á fricção do panno molhado; mas isto deve fazer-se como tenho recommendado, de modo que não offenda as gengivas: limpam-se depois os dentes n'um panno, e por fim faz-se tomar aos meninos um bocheeho de agua morna, temperada com algumas gotas d'um liquido aromatico.

O que deve praticar-se quando os dentes de leite estão cariados.

São muitas vezes inuteis todas as precauções, e os mais attentos cuidados não podem em certos casos preservar da carie os dentes de leite; um vicio interno, o vicio dos fluidos, obra com tal força que impede o effeito dos cuidados externos. Neste caso, não haja hesitação em mandar arrancar os dentes cariados, principalmente quando a carie tiver feito consideraveis progressos no corpo do dente; porém seja qual fôr o estado em que este se achar, fuja-se de deixar approximar a segunda dentição.

Os paes hesitam muitas vezes em permittir esta operação, por que temem expôr os meninos a soffrer dores, de que a ternura paternal engrossa a seus olhos a violencia; porém mal fundados são estes receios, por quanto os dentes dos meninos estão pouco cravados nos queixos, e os mesmos alveolos são fracos, pouco apertados, e faceis de abrir, e por conseguinte quasi que não resistem á operação, que é promptissima, facilima, e mais assustadora do que dolorosa. (*Botot.*)

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

20) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. SETEMBRO 16, 1837.

O RHINOCEROTE ATACADO.

O RHINOCEROTE DA ASIA, OU ABADA.

(*Rhinoceros unicornis.* Lin.)

Abaixo do elephante os maiores animaes quadrupedes são o hippopotamo, ou cavallo-marinho, e o rhinocerote. Este ultimo é o segundo em forças; mas de todos o menos intelligente: não recebeu da natureza senão o que ella commummente doou a todos os quadrupedes; é privado de sensibilidade na pelle, e de orgãos distinctos para o sentido do tacto, porque em vez da tromba do elephante, só tem um beiço movel, em que tem toda a sua destreza.

É superior aos outros animaes unicamente pela força, pelo tamanho, e sobre tudo pela arma offensiva, que tem sobre o nariz, e que é privativa da sua especie; esta arma é um corno durissimo, solido em todo o comprimento, e mais vantajosamente situado que os dos animaes ruminantes: os destes só munem as partes superiores da cabeça e do pescoço, ao passo que o corno do rhinocerote defende todas as partes anteriores do focinho, e preserva a boca, queixadas, &c.: de sorte que o tigre ataca mais depressa o elephante, porque se lhe póde agarrar á tromba, do que o rhinocerote, a cuja cabeça não póde filar-se, pelo risco de ser estripado: porque o corpo, e os membros deste são cobertos de uma capa impenetravel, e o animal não teme nem as garras do tigre ou do leão, nem o ferro ou fogo dos caçadores. A pelle é lisa, e de côr tirante a negro, como a do elephante, porém muito mais grossa e dura: pelo que não é o rhinocerote, como aquelle, sensivel ás ferroadas das moscas; não póde tambem franzir, nem contrahir a pelle, que só faz umas grandes rugas no pescoço, nas espaduas, e na garupa, que facilitam os movimentos da cabeça e das pernas, de forma que parece armado de couraça. Tem a cabeça proporcionalmente mais comprida que o elephante, porém os olhos inda mais pequenos, e só os abre por metade. O queixo superior sobresae ao inferior, e o beiço de cima é modeviço, e póde estender-se a seis ou sete pellegadas de comprido, e remata n'um appendice bicudo, que dá mais facilidade a este do que aos outros quadrupedes de colher a herva em feixes, como o elephante faz com a tromba: este beiço musculoso, e flexivel, é uma especie de mão, ou tromba incompletissima, mas que não deixa de agarrar com força, e de palpar geitosamente. Em vez dos compridos dentes de marfim, que são as prezas do elephante, tem o rhinocerote o seu rijo corno, e dois fortes dentes incisivos em cada queixo, que o elephante não tem. Traz sempre as orelhas direitas, que pela fórma semelham ás de porco, com o qual se parece tambem na voz grunhidora, e em certas propensões, e habitos ferozes e estupidos; e pertencem ambos á mesma familia, que os naturalistas chamam dos *pachidermes*. É só nas orelhas que tem pellos, ou para melhor dizer, sedas; e tambem na extremidade da cauda tem, como o elephante, uma borla dellas, grande, mui consistentes e rijas. As pernas são curtas e maciças, com tres dedos com cascos, nos pés e nas mãos. É unicamente vulneravel pela barriga, pelos olhos, e junto ás orelhas.

O rhinocerote, de que vamos fallando, é o da India Oriental, que tem um só corno fixo: ha outra especie no interior da Africa, descripta por Bruce, le Vaillant, e outros (*rhinoceros bicornis*), que tem dois cornos moveis, situados, um na extremidade, outro na raiz do nariz, sendo sempre este ultimo o mais curto; e não tem a pelle assim enrugada como os da outra especie; comtudo parece que esta variedade não é só de clima, e que tambem na Asia já tem apparecido, ainda que raros, alguns dos bicornes.

Os Indios teem em grande preço o corno de rhinocerote, não tanto pela materia, mas que delle fazem varias peças ao torno, como pelas propriedades medicinaes, que lhe attribuem; e não só o corno, mas todas as outras partes do corpo, até os excrementos, elles reputam como antidotos de toda a casta de venenos, e como remedios para muitas enfermidades. Ha toda a probabilidade de que essas virtudes são imaginarias, e quantas coisas não ha cá pela Europa, com o mesmo afinco procuradas e estimadas, e que não tem outro valor senão o que lhes dá a opinião?...

Posto que o rhinocerote não seja carniceiro, nem extremamente fero, comtudo é intractavel: e o mesmo em ponto grande que é o porco em ponto pequeno, sem intelligencia, sem sentimento, e sem docilidade. Tambem, como o porco, é propenso a chafurdar e revolver-se no lodo: gosta dos sitios humidos e pantanosos, e nunca larga as margens dos rios caudalosos. Sustenta-se d'hervas grosseiras, de cardos, d'arbustos espinhosos: e prefere estes alimentos agrestes á tenra pastagem das mais apraziveis campinas; gosta muito das cannas d'assucar, e tambem come toda a casta de grão. Como não é carnivoro não inquieta os animaes pequenos; tão pouco se teme dos grandes, e até o tigre se não atreve a accommetel-o.

O rhinocerote rarissimas vezes é o aggressor; mas se o perseguem perde o tino, cáe em accessos de rematada ferocidade, e derriba arvores e quanto se lhe põe diante. Kolbe, escriptor acreditado, diz na sua descripção do Cabo da Boa-Esperança que o rhinocerote d'Africa só ataca os homens sendo provocado, ou vendo-os vestidos de encarnado; mas que não é difficil escapar-lhe porque só vê adiante de si, e ainda que seja ligeiro, como a colera o cega, e vai de corrida, é deixa-lo chegar perto a dez ou doze passos, e arredar-se o homem para o lado, porque elle passa furioso sem o ver, continuando na carreira. Kolbe affirma que por vezes assim lhe acontecera.

Rarissimas vezes acontecem combates entre rhinocerotes e elephantes, porque tem poucas occasiões de se encontrarem, e menos motivos de dissensão; mas quando chega a haver conflicto é renhido e terrivel. Um só rhinocerote disputa e sustenta o terreno contra muitos elephantes, e ainda que fique vencido sempre deixa estirados dois ou tres elephantes, porque aproveitando-se da circumstancia de ter as pernas extremamente curtas em comparação daquelles, lhes póde vibrar cornadas por baixo do ventre, e rasgando-lh'o, os estripa e acaba: o elephante por sua parte o investe com as prezas, e se o inimigo erra o golpe, o esmaga e espesinha debaixo do peso enorme de seu corpo. Este facto por alguns tem sido contestado, o certo é que Plinio falla destes combates entre dois animaes destas differentes especies, como um dos espectaculos do circo de Roma.

Os rinhocerotes são menos numerosos, e menos espalhados, que os elephantes, nem como estes andam em bandos; são mais solitarios, esquivos, e bravios. As femeas parem um de cada parto, e os teem com intervallos consideraveis. São difficeis de caçar; tem uma pelle durissima, onde não entra ferro d'espada, ou lança, e que até resiste ás balas de mosquetaria. Os caçadores, como sabem que elle procura os sitios pantanosos, o espreitam quando se acolhe a estes charcos, cobertos nas Indias de bastos juncaes, e escondendo-se entre as montas da parte contraria ao vento, porque o animal tem mui atilado olfacto, aguardam que se deite para dormir, ou espojar-se, e então lhe disparam sobre os sitios vulneraveis das orelhas, ou da barriga, e assim conseguem mata-lo. Este animal só é util depois de morto, e util só para os Indios,

que lhe comem a carne, e lhe aproveitam o corno, e outras partes para seus remedios. Do couro, que é rijissimo e impenetravel, fabricam algumas obras grosseiras e de muita duração. Afóra isto lucram tambem em o matar por causa do immenso estrago, que faz nos arbustos dos prados e nas plantações da canna assucareira, quando lhe póde chegar.

Os antigos diffundiram muitas fabulas fundadas na existencia deste animal, contando que havia uma fera chamada unicornio, que tinha uma hastea na frente, a qual era singular preservativo de todo o veneno, e que deitada qualquer porção de peçonha em um copo fabricado daquelle osso, começava instantaneamente a ferver, manifestando a sua ruindade: que era tal a virtude daquelle animal, que estando todas as demais feras dos desertos á roda de um charco envenenado pelos reptís, ou plantas damnosas, não ousavam beber em quanto elle não chegasse, e mergulhasse o corno dentro n'agua para a purificar. Estas e outras semelhantes patranhas vogaram em quanto os factos da historia da natureza não foram pesquisados e averiguados. Mas como póde ser que alguem tenha ouvido e acreditado esses contos de velhas, por isso aqui delles fizemos menção. Aquelle animal é por certo o rhinocerote, e as suppostas virtudes alexipharmacas do corno nasceram talvez da credula superstição dos Indios, que usam delle como de triaga universal, conforme dissemos.

Primeiros Reis Portuguezes—Antigas dissensões com Roma.

III

Morto D. Sancho (em 1248) tomou seu irmão o titulo de rei. Era D. Affonso conde de Bolonha ou Altamira, cidade da Picardia, cujo senhorio lhe viera da condessa Mathilde, com quem casára, andando em França como simples cavalleiro. Quando os inimigos de D. Sancho offereceram a D. Affonso a regencia do reino, fizeram-lhe assignar um papel, a que sem duvida podemos chamar infame, no qual elle se obrigava por juramento a ser um mero executor da vontade do clero. Subindo ao throno cumpriu as promessas feitas: e a influencia dos ecclesiasticos foi desmedida no começo do seu reinado, pelo que é mui gabado dos nossos antigos historiadores. Passado pouco tempo D. Affonso repudiou a condessa Mathilde, que deixára em França, e desposou se com D. Beatriz, filha bastarda de D. Affonso, rei de Castella, chamado o sabio. Dizem que a condessa, vindo a Portugal e sendo mal recebida de seu marido, voltára para França, donde, por parentes e amigos alcançou do papa que se oppozesse ao consorcio criminoso de D. Beatriz. Com effeito o pontifice fulminou censuras contra elrei: mas o clero portuguez, que estava satisfeito com a valia que alcançára, e que não via no procedimento do principe senão uma pequena immoralidade, e a prova de um caracter ingrato, riu com elle dos raios de Roma. Até a morte de Mathilde viveu tranquillo D. Affonso com a sua nova esposa, legitimando o papa, depois deste successo, aquella união criminosa, a pedido do arcebispo de Braga e de outros prelados, e mediante uma somma avultada, exigida em attenção *a graveza do peccado*.

No começo do reinado de D. Affonso estava Portugal desinçado de Mouros, salvo no Algarve, onde ainda lhes eram sujeitas Faro e outras povoações. Já no tempo de D. Sancho 1.° os Portuguezes haviam conquistado uma parte desta provincia; mas tornaram brevemente a perde-la. D. Sancho 2.° encetou de novo aquella conquista, e apossou-se de Mertola, Ayamonte e Cacella, as quaes villas doou á ordem de Santiago, em obsequio do commendador d'Alcacer, D. Paio Peres Corrêa, o qual brevemente tomou, por si e por seus cavalleiros, Tavira e Silves. Nomeado D. Paio mestre da ordem de Santiago, as coisas ficaram neste estado, até que morto D. Sancho, elrei D. Affonso determinou continuar a conquista; e indo sobre Faro a tomou, acabando assim, em pouco tempo, de sujeitar todo o Algarve.

Voltou então elrei a Coimbra a prover em algumas coisas que cumpriam ao bom governo do reino, e a preparar-se para de novo guerrear os Mouros na Andaluzia, o que poz por obra no anno seguinte, tomando alguns logares naquella provincia.

Morrera por este tempo D. Fernando, chamado o Santo, rei de Leão e Castella, e succedera na corôa seu filho D. Affonso 10.°, a que deram depois o appellido de Sabio. Viu este que os Portuguezes se iam engrandecendo muito, apesar de enfraquecidos com a falta de muitos senhores e cavalleiros, que haviam seguido o bando de D. Sancho 2.°, e que ainda andavam foragidos por Hespanha. Confiado nisto moveu guerra a D. Affonso 3.°, tomando por pretexto, segundo parece, o pertencer-lhe a conquista do Algarve e da Andaluzia. Os Portuguezes foram mal succedidos nesta contenda, e viram-se obrigados a largar ao Castelhano o que tinham ganhado aos Mouros da Andaluzia, e a cederem as rendas do Algarve a D. Affonso 10.°, durante a sua vida sómente, ficando o senhorio delle a elrei de Portugal. Foi tambem por esta occasião que se tratou o casamento de D. Beatriz com D. Affonso 3.°, de que anteriormente fallámos.

Deu-se então elrei á administração do reino, convocando córtes em Leiria (1254), onde se fizeram varias leis geraes e municipaes. Fundou, além disso, muitas villas, e accrescentou outras, nomeadamente, entre as primeiras, Vianna e Odemira, e entre as segundas, Valença, Melgaço, e Beja, dando-lhes foraes, fortalecendo-as, e até povoando de novo algumas dellas.

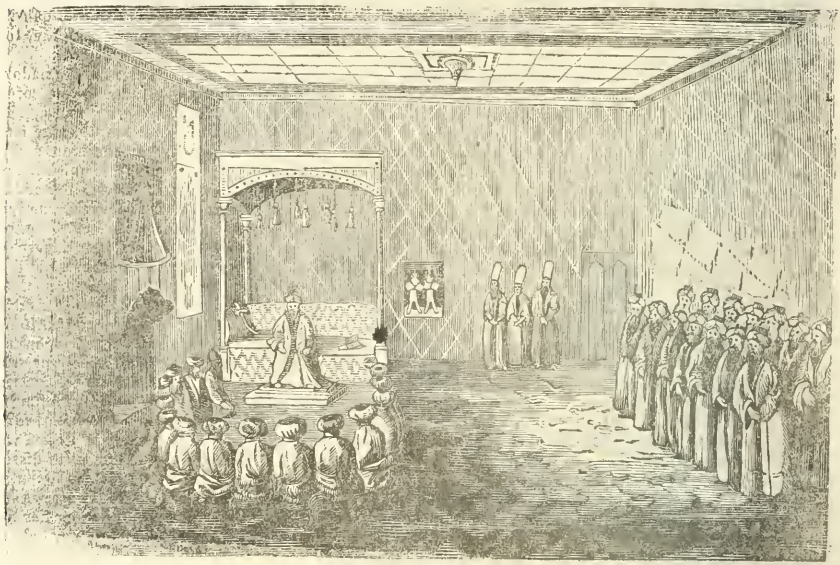
Dahi a pouco se acabou de assentar de todo a paz entre Castella e Portugal, marcando-se as fronteiras deste paiz por onde parte com o reino de Leão, sobre o que recresciam duvidas, e cedendo o Castelhano as rendas que recebia do Algarve ao infante D. Diniz, a troco de cincoenta cavalleiros com que o infante se obrigou a soccorre-lo em occasiões de guerra. Esta mesma obrigação foi remida no fim de algum tempo, em obsequio do soccorro que D. Diniz levou a Castella quando os Mouros tinham posto em grande aperto elrei D. Affonso 10.°

Depois de tantas prosperidades o reinado do conde de Bolonha acabou por dias tempestuosos. O clero, que o tinha elevado ao poder, fôra por elle recompensado com a restituição de todas as prerogativas de que havia sido privado; porém D. Affonso, vendo-se inteiramente seguro no throno portuguez, tractou de sacudir o jugo ecclesiastico, e seguir as pisadas de seu pae e de seu irmão. Doeu-se disto o clero, como era de crer:—os bispos excommungam elrei; segue este ávante na sua empreza: vão aquelles a Roma queixar-se ao papa Gregorio 10.°, o qual reprehende asperamente elrei: titubea finalmente D. Affonso, e convocando córtes em Santarem, nellas finge acceder ás principaes pretenções do clero; e assim se acalmam por algum tempo as publicas perturbações.

Pouco durou a paz. Elrei esqueceu-se de cumprir as promessas que a politica lhe extorquira. Enfureceu-se então o successor do humilde e paciente S. Pedro, e fulminou uma bulla em que desligava os povos do juramento de fidelidade a elrei, se dentro em tres mezes não estivesse por quanto o clero delle preten-

dia. A morte do papa e de tres successores seus, no espaço de um anno, suspendeu por algum tempo o effeito das censuras de Roma: e posto que por fim o nuncio em Portugal promovesse a ameaçada revolução, que devia assemelhar os ultimos dias de D. Affonso aos de seu irmão D. Sancho, elrei se conservou firme em seu proposito, e só á hora da morte conveiu em tudo o que delle se exigia, confiado talvez em que seu filho D. Diniz examinaria se convinha cumprir ou não as promessas arrancadas aos temores e fraqueza de um homem moribundo.

Assim acabou este principe no anno de 1279, tendo reinado 31 annos depois da morte de D. Sancho, a quem usurpára o governo. Devemos confessar que D. Affonso se mostrou digno do throno, apesar dos maus auspicios com que nelle se tinha assentado.



FESTA DO BAIRÃO.

RAMADÃO E BAIRÃO DOS TURCOS.

Antes que comecemos a tractar da festa do *Bairão*, ou paschoa dos Musulmanos, é justo que digamos alguma coisa ácerca do *Ramadão*, ou quaresma, que a precede.

É este um dos mais famosos ritos da religião dos Turcos, e a sua observancia, de obrigação canonica, por ser um dos cinco pontos capitaes do Islamismo; sendo os outros, reconhecer um só Deus, e Mafoma, seu prophetas; orar em determinados periodos; dar esmolas; cumprir, sendo possivel, a peregrinação de Meca.

Ramadão é o nome do nono mez dos Turcos, que foi applicado áquelle periodo de restricto jejum, a que a lei os obriga. Este jejum começa com a lua nova, isto é, no ponto da sua primeira apparição no ceo, porque toda a sciencia dos astronomos Turcos ainda lhes não chegou para calcularem o tempo exacto da *conjunção*. A importancia de fixarem rigorosamente o momento certo de começar o *Ramadão* os obriga a observarem com o maior cuidado a primeira apparição do novilunio; tarefa, que occupa a attenção dos magistrados nas differentes cidades, e até dos ministros na capital. Certos officiaes vigiam nos corucheus das mais altas mesquitas, ás vezes uma noite inteira, espreitando o momento preciso da apparição da lua; é necessario o depoimento de duas testemunhas competentes para constituir prova legal desta apparição, e geralmente é decisivo; e findo o praso estabelecido de trinta dias, decorridos desde a hora da observação, póde quebrar-se o jejum; e a festa do Bairão principia.

Se o tempo está chuvoso nessa occasião, e não deixa ver a lua, geralmente basta o depoimento de uma só testemunha, de qualquer sexo ou condição, a quem coubesse em sorte a felicidade de a descobrir; mas neste caso não é recebido como prova legal, mas simplesmente como declaração: e então não póde quebrar-se o jejum logo no fim dos trinta dias; continúa até a apparição da lua seguinte, que annuncia com certeza que o tempo de começar o *Bairão* é chegado. Se acontece apparecer a lua antes dos trinta dias completos, sempre o *Ramadão* se considera acabado; e a falta de um, dois, ou mais dias de jejum, é supprida pelo anno diante nos dias que cada um livremente escolhe. Se acontece que a obscuridade do tempo tambem empeça ver-se esta segunda lua, então o jejum se conta do periodo anterior mais proximo, que se substitue ao tempo verdadeiro, isto é, conta-se do dia trigesimo do mez antecedente ao do *Ramadão*.

Cumpre aqui observar que o anno Mahometano é lunar, composto por consequencia de 354 dias; pelo que estas festas n'um periodo de 34 annos devem cair successivamente em todas as estações do anno.

Nenhum povo, de qualquer religião que seja, tem um jejum tão rigoroso, como o Musulmano. Em todos os trinta dias, em quanto o sol brilha no horisonte, não podem metter na boca a minima porção de alimento, ou de bebida, e o que ainda é mais penoso, nem sequer tomar uma fumaça do seu querido tabaco: os rigidos devotos até se privam do gosto de cheirar as flores odoriferas. São unicamente dispensados os meninos, os reconhecidamente doentes, as amas de leite, as pessoas muito idosas, e os que andam viajando.

Durante este tempo todo o Turco de mediana condição traz comsigo um rozario feito de caroços de tamaras colhidas nos arredores sanctificados de Meca

Os moços e negligentes contentam-se em contar, ou passar as contas do seu rozario, de traz para diante, e vice versa, em moto continuo; porém os velhos e devotos acompanham esta operação com a repetição dos noventa e nove attributos, que os doutores mahometanos assignam ao Omnipotente. Consomem horas inteiras nesta occupação, observando o vagaroso movimento das mãos, e o cair das contas, anhelando pelo momento em que o luminar do mundo, escondendo-lhe da vista o seu disco radiante, os allivie da abstinencia.

Muitos opulentos se indemnisam de noite das privações do dia; que pela maior parte levam a dormir, ou em absoluta ociosidade; comtudo no meio do ocio, muito sensivel lhe é a falta do cachimbo, porque todos estes Orientaes teem uma paixão ardente pelo tabaco de fumo: todo o seu entretenimento consiste em passar as contas. Porém todas as classes de artistas, e de homens, que vivem do trabalho de suas mãos, soffrem incomparavelmente mais todo o peso desta abstinencia, com especialidade, quando cáe no verão: exposta aquella pobre gente ao calor do sol o dia inteiro em seu clima abrasador, sem nem ao menos ousarem tomar um bochecho d'agua. «Eu vi os barqueiros em Constantinopola (diz Mr. Turner) largarem os remos quasi desfallecidos, mas nunca vi, nem me consta um exemplo de cederem á tentação de violar o jejum.» — Todos o supportam com a resignação, que o enthusiasmo fanatico de ordinario inspira: proseguem em seus tractos e negocios com a mesma actividade que no restante do anno (a qual, a fallarmos a verdade, não é muita); e affectam o mais possivel a isenção de pena, ou de tibieza. O verdadeiro crente é mais escrupuloso neste que em outro qualquer ponto da pratica da sua religião; e a mais leve transgressão voluntaria estamparia no réo o ferrete indelevel da infidelidade e da apostasia, dignas de severissimo castigo, e sem esperanças de perdão; pelo que nenhum delles resvala da observancia deste artigo importante de sua crença. Se alguns ha que menos escrupulosos se atrevam a infringir o preceito, serão pessoas de subida jerarchia, que o pratiquem com todo o recato e segredo: o geral do vulgo cumpre a penitencia á risca, muitos por medo do castigo, e o resto por fanatismo.

Apenas o sol é posto a monotonia desapparece; brilha nos rostos um certo contentamento, e os Turcos se desforram quando podem da abstinencia de todo o dia; é sobre tudo incrivel a sofreguidão com que se deitam ao cachimbo.

Toda a noite estão as mesquitas abertas, aonde concorrem os devotos, que alli se occupam em rezar: mas como tambem os cafés e casas de pasto estão igualmente abertas, o maior numero se acolhe a estas, e passam a noite em folguedo e comezana. Os magnates e opulentos dão magnificos banquetes em suas casas. É singular nesta epocha o contraste entre os dias, e as noites; coisa bem capaz de interessar e divertir o viajante curioso. Fazem então mais fortuna que em outro periodo do anno os romancistas ambulantes, que correm todos os bairros contando suas historias, e ajuntando numerosas rodas de ouvintes.

Logo que expira o praso do jejum, começa a festa do grande *Bairão*, que dura por tres dias, ainda que por lei não seja mais de um: passados setenta dias precisos depois desta ha outra a que chamam *Curban-Bairão*, que dura quatro dias. Estas duas festas são as unicas geraes para os Turcos em todo o decurso do anno: não tem outros dias sanctos. O seu calendario menciona uma terceira festa, a do nascimento de Mafoma, porém é quasi nominal para o publico, por ser privativa da côrte.

O grande *Bairão* é mais uma festividade de geral regozijo, do que de ritos religiosos, ainda que tenha estabelecidas suas rezas particulares para o nascer do sol. É dia de camiza lavada (como usamos dizer) para todo o bicho musulmano.

Logo pela manhãa começam salvas de artilheria e toques de tambores; e por toda a cidade andam musicas e cantorias: a gente moça borrifa-se mutuamente com aguas de cheiros; e todos se comprimentam com demonstrações de alegria. Os Turcos se visitam reciprocamente; os ricos e os grandes sáem com grande pompa, e todos geralmente deitam as suas galas novas. Dão presentes uns aos outros acompanhados de comprimentos, como as nossas boas-festas.

Como os dois *Bairões* são as unicas solemnidades religiosas deste povo, são tambem as unicas epochas, em que é permittido em todas as cidades mahometanas fechar as lojas, armazens, e mercados publicos. Todo o trafico e commercio, todo o trabalho manual e prohibido nestes sete dias do anno. As creanças vão por casa dos parentes beijar a mão a seus avos, tios, etc. Porém os subalternos beijam aos seus superiores, e as altas dignidades do imperio, a orla, ou canhão do vestido. É esta quasi a unica occasião em que se usa geralmente apertar a mão, abraçar, e praticar outras demonstrações affectuosas de estimação e de amizade.

Porém não obstante tudo isto sente-se neste festejo a falta daquella vivacidade, e alegria turbulenta, que de ordinario se manifesta nos publicos regozijos das outras nações. A musica e a dança, partes integrantes e essenciaes de qualquer festa em qualquer povo, são pouco cultivadas pelos Turcos, que as abandonam aos escravos, e a musicos e dançantes de profissão. Estas agradaveis artes estão entre elles em tanto atrazo como a civilisação. O maior recreio do povo consiste em passear tranquillamente pela cidade e arrabaldes. Os parentes e amigos se ajuntam em ranchos, e vão visitar os seus conhecimentos, parando de quando em quando nas praças, ou nos passeios publicos, para fumar, tomar café, ou conversar nos assumptos do tempo, ou em anecdotas particulares, e ás vezes para ouvirem os improvisadores ambulantes. Em tempos mais antigos, a isto puramente se restringia todo o divertimento: hoje porém já tem seus espectaculos publicos, e assistem, por exemplo, aos combates de lutadores, ás sombrinhas, &c.: mas o caracter nacional taciturno e melancolico, reveste sempre estes ajuntamentos de certo ar de gravidade. E assim necessariamente deve ser em um povo, fatalista por crença, sujeito a um jugo despotico, e privado da frequencia entre os sexos, que tanto amacia os costumes, e alegra a sociedade. Finalmente não pouco contribue para a melancolia, e falta de hilaridade, a privação do vinho, que sendo proscripto por sua lei, é ainda mais rigorosamente prohibido nestes dias solemnes. Nas vesperas de cada *Bairão* a policia põe cuidadosamente cadeados com sellos nas portas das tavernas, que só existem em os arrabaldes, onde habitam os Christãos. Actualmente muitos Musulmanos vão infringindo esta lei, porém ás escondidas. Mr. de Tancoigne diz: «O uso do vinho, a despeito da severa prohibição, se vai generalisando ha annos a esta parte entre os Musulmanos. Eu me achei em um dos dias do Bairão com dois amigos meus em casa de um official do serralho, que nos tinha convidado para ver passar o cortejo do Sultão: podémos então observar, que não obstante o solemne daquelle dia, os Turcos presentes não tiveram escrupulo em largarem as redeas á sua irresistivel inclinação ao fructo vedado.»

A segunda festa, ou *Curban-Bairão* só diversifica na ceremonia addicional dos sacrificios de animaes,

com que pensam applacar a ira de Deus, e te-lo propicio. Cada individuo, ou chefe de familia é o sacerdote desta ceremonia, e póde consumma-la em sua propria casa. Os animaes immolados commummente são carneiros: os ricaços matam bois, ou muitos carneiros. Comem a carne; ou a distribuem pelos pobres debaixo da condição de certas rezas, ou coisa semelhante.

A ceremonia dos dois *Bairões*, em os primeiros dias de cada um, é a mais apparatosa e importante da côrte, e faz-se com grande pompa e solemnidade. O grão-senhor recebe então as homenagens e comprimentos de todas as dignidades do imperio, estando sentado em o throno de prata, e rodeado dos funccionarios de sua casa, como se vê na estampa. Esta ceremonia se pratica n'uma sala do serralho ao nascer do sol: é uma especie de beijamão, com a differença que o sultão dá a beijar o canhão da manga do vestido; logo que acaba, dirige-se o grão-senhor á mesquita principal com sequito muito mais brilhante que o das sextas feiras do anno. Este magnifico acompanhamento se acha descripto em varias relações de viagens, e é o apuro do luxo e ostentação oriental. Este fausto tem decaído no reinado do sultão actual, que se occupa mais em preparativos dos seus arsenaes, do que em ceremonias do rito e etiquetas da côrte.

Primeiros soccorros em caso de ferimento.

Ha circumstancias em que o perigo é tão imminente que nem sequer ha tempo para chamar um cirurgião, porque entretanto morreria o doente, principalmente se aquelle morar muito longe, como muitas vezes acontece fóra da terra. Nestas occasiões todo o homem é medico, pelo que bom seria que todos soubessem o como se hão de administrar os primeiros soccorros em caso urgente, o que convém fazer, e tambem o que se deve evitar, coisa de quasi tanta monta como a primeira; assim, por exemplo, se em caso de asphyxia (1), de envenenamento, ou de ferimento em uma arteria maior, o individuo não fôr soccorrido com intelligencia e presteza, está irremissivelmente perdido, quando alguns remedios convenientemente administrados,—o transporta-lo para o ar livre no primeiro caso,—o vomito provocado no segundo,—a compressão do vaso ferido no terceiro, podem arranca-lo á morte em toda a extensão da palavra.

Cumpre por tanto antes de tudo, quando acontecer algum desastre, examinar com animo socegado a natureza delle, pois nada é mais prejudicial do que a precipitação, e o medo, que, impedindo que se descubra qual é o mal a que é mister acudir com o remedio, causam enganos que podem vir a ser mais funestos do que o proprio mal. Collocar-se-ha logo a pessoa a quem succedeu a infelicidade, na posição mais commoda que as circumstancias e as localidades permittirem, ficando á mostra a parte doente, e far-se-ha com que se retirem os assustados, a gente inhabil, os falladores indiscretos, e aquelles que se mettem a doutores.

Vale mais que quem não estiver apto para prestar soccorros proveitosos se abstenha de o fazer, e se limite aos geraes, até chegar uma pessoa mais intelligente, do que estrague a obra, permitta-se-nos a expressão, fazendo remedios a torto e a direito. Aquelle que estiver bem senhor do que ha-de fazer, deverá proceder com ordem, com methodo, e principalmente com perseverança, sem que a inutilidade apparente dos seus desvelos o descorçoe, pois muitas vezes se tem visto renascer a vida dos afogados e enforcados, quando já se julgava extincta para sempre.

Habilitar-se para ser util a si mesmo e aos outros em caso de desgraça, em quanto não vem o medico, é um dever de todo o amigo da humanidade. O homem instruido deve ter firmeza, presença do espirito, e discernimento, saber em occasiões criticas valer-se de tudo que lhe cair debaixo de mão, em beneficio do doente, e certo de que os meios mais simples, aquelles que se encontram em toda a parte, são tambem quasi sempre os mais energicos, não pôr confiança nesses suppostos remedios infalliveis, cuja efficacia se diz comprovada por milhares de curas, mas que em ultima analyse são absolutamente insignificantes, e consistem em um expediente simplicissimo, envolto n'uma multidão de coisas inuteis, cujo menor inconveniente é o da perda d'um tempo precioso.

Diversos meios são applicaveis ás feridas conforme os sitios em que são feitas, os instrumentos que as produziram, e as complicações de accidentes, taes como as fracturas, as deslocações, e a introducção de corpos estranhos. Fallando em termos geraes o perigo das feridas é tanto maior quanto mais essenciaes á vida são as partes offendidas. As mais graves de todas as feridas são as da cabeça, quando o cerebro é offendido, e depois dessas as do peito, e do ventre. As feitas com instrumentos de gume, que separam os tecidos sem achar resistencia, são menos graves que as causadas por instrumentos perfurantes, que cortam mal, ou por corpos rombos que trilham ou pisam as carnes: neste caso estão as feridas de armas de fogo, dentro das quaes ficam além disso corpos estranhos que é necessario extrahir por meio de operações cirurgicas. Nas mesmas circumstancias se acham as feitas com instrumentos envenenados, como as prezas—da vibora e da cobra de cascavel, o ferrão de muitos insectos, os dentes de animaes damnados, e as facas que serviram para desmancharanimaes mortos de carbunculos, ou em um estado de podridão adiantado. Finalmente os ferimentos acompanhados de deslocação ou fractura d'ossos, de rompimento de grossos vasos sanguineos, &c. são summamente graves.

Nada disto deve escapar á attenção de quem quizer ser util ás pessoas feridas, quer tractando-as como convém, quer abstendo-se de fazer, ou evitando que se façam, coisas capazes de aggravar o mal, o que não é de menor importancia. E' evidente que a maioria das feridas supramencionadas exige operações e curas que uma pessoa estranha á arte de curar não póde emprehender, e por isso a melhor coisa que se póde fazer, em semelhantes conjuncturas, em quanto não vem o medico, é pôr o doente na posição em que sinta as menos dores que fôr possivel.

Nas feridas simples, que não passam da pelle e das partes carnosas, como são os golpes mais ou menos profundos, deve-se pôr todo o empenho para conseguir que a reunião das partes cortadas seja a mais immediata e perfeita que ser possa, para o que é necessario fugir desde o principio de apertar os labios da ferida, e de lançar-lhe dentro, como se custuma fazer, agua salgada, tabaco, liquidos espirituosos, e outros medicamentos cujo effeito consiste em augmentar as dores e retardar a cicatrisação. E' tambem nocivo espremer as feridas em todos os sentidos a fim de as fazer sangrar: a primeira precaução que convém tomar é a lava-las muito bem com uma esponja molhada em agua morna ou fria, para tirar todo o sangue coalhado, areia, terra, ou outros corpos estranhos, que por acaso se lhe introduzissem. Isto feito, una-se o mais que fôr possivel os dois labios da ferida, que se conservarão unidos, pondo-se-lhe por cima ti-

(1) Privação subita do pulso, da respiração, dos movimentos voluntarios, e da sensibilidade, como acontece aos suffocados, aos estrangulados, e aos afogados.

rinhas de oleado inglez, ou o que ainda é mais seguro, porque a humidade o não despega tão facilmente, tirinnas de panno de linho cobertas de unguento adhesivo. Segura-se tudo isto por meio de um chumaço, e d'uma ligadura enrolada: sendo este apparelho bem applicado não se carece ordinariamente de mais coisa alguma até a ferida sarar de todo.

O ponto importante consiste em unir os labios da ferida, e conserva-los em *contacto immediato*, de modo que nem o ar, nem os corpos estranhos possam influir nella, e conseguintemente é facil de perceber que qualquer meio com que se alcançar este fim deve ser tido por bom mórmente quando fôr mais expedito do que outro. Por exemplo, quando alguem dá um golpe n'algum dedo, póde-se envolver e apertar esta parte dando-lhe umas poucas de voltas com linha ou cordel; muitos operarios não empregam senão este meio. Da mesma maneira, Mr. Romand de Damierre, indica a seguinte receita por elle experimentada. Cobrir a ferida de assucar em pó, sobre o qual se applica a pelicula interna d'um ovo crú, pelo lado opposto á casca, sustendo tudo com um panno, e uma ligadura. Poder-se-ía em logar do assucar empregar pós de gomma, ou mesmo farinha, e em logar da pelicula do ovo, que facilmente se rasga, fazer uso d'um panno de linho fino molhado em clara de ovo, a qual em seccando fórma uma especie de oleado solido. A *agua vermelha*, gabada contra os golpes, e que é uma dissolução de resina no alcool, obra do mesmo modo, e emprega-se da seguinte maneira: unem-se as bordas da ferida, e depois envolve-se em um panno de linho apertado, por cima do qual se derrama a dita *agua* vermelha, cujo alcool se evapora, e deixa as resinas, que endurecendo formam um verniz. Vê-se pelo expendido não só que o bom resultado das curas depende da promptidão, e acerto com que os soccorros são administrados, mas tambem, que com tanto que elles preencham bem as condições indicadas, *todos são bons*, e sómente merece a preferencia o que estiver mais prompto.

Quando a ferida é n'uma arteria de certo volume, póde o doente, esvaindo-se em sangue, *perecer dentro d'alguns minutos*; cumpre por tanto veda-lo provisoriamente, até que um homem perito a isto possa dar remedio infallivel. A côr do sangue que sáe d'uma arteria, é um róxo vivo e vermelho; elle fórma um repucho impetuoso, e irregular, cuja elevação ora cresce ora diminue, correspondendo sempre aos movimentos de pulso. Se mediante a compressão feita na arteria principal do membro, entre a ferida e o coração, estancar de repente o sangue, é signal certo de que este provém de uma arteria, e o que ha então a fazer é applicar os dedos ao longo da arteria, e apertala contra um osso, de modo que fique vedada a saída do sangue, conservando-se nesta posição, até vir o cirurgião, a pessoa que tem na sua mão a vida do ferida (2). Tambem se póde conseguir o mesmo resultado atando um lenço á roda do membro, e torcendo-o por meio d'uma chave, d'uma bengala, do cabo d'um chicote, ou da vareta d'uma espingarda.

Mas se a distancia fôr tal que o cirurgião deva demorar-se muito, póde fazer-se a compressão por meios mecanicos; assim, quando a arteria é delgada tapa-se a ferida com fios apertados, e feitos em bolinhas algum tanto duras, que se sustentam com chumaços dispostos á maneira de cunhas, isto é, de fórma que o mais pequeno assente logo sobre os fios, e embrulha-se tudo em uma ligadura bem apertada. Este methodo tem com tudo o inconveniente de causar dores, e seria além disso insufficiente, se o vaso fosse algum tanto volumoso. Sirva-nos de exemplo o caso do rompimento da arteria radical (aquella em que se toma o pulso) no pulso. Seria necessario empregar: 1.° uma tira enrolada, e apertada, presa por alguns pontos ao meio d'uma ligadura, que teria o comprimento sufficiente para dar duas voltas á roda do braço: 2.° uma fita forte de lãa, linha, ou seda: 3.° uma chapa de papelão de tres pollegadas em quadrado, cujos cantos se arredondariam: 4.°, e finalmente, uma varinha de quatro pollegadas de comprimento, e da grossura de um dedo. O modo de arranjar o apparelho é este: põe-se a tira enrolada na parte interna do braço duas a tres pollegadas acima do cotovelo, no logar onde se sente latejar, e retem-se nesta posição, enrolando no membro as pontas da compressa, que se pregam com alfinetes. Do outro lado põe-se a chapa de papelão, depois de arqueada para amolda-la á convexidade da parte: então dão-se duas voltas com as pontas das fitas, e atam-se estas com um nó, mas não tão apertado que não possa caber um dedo entre a fita e o papelão. A varinha de que acabamos de fallar, que se introduz por este intervallo, serve para torcer a fita, e por conseguinte para achatar a arteria entre a tira enrolada, e o osso do braço, que lhe offerece um ponto de apoio. Em o sangue cessando de correr amarra-se a varinha com uma tira de panno, para que o apparelho não se desaperte. Tomadas estas medidas estancará o sangue, que se tornasse a correr bastaria dar mais uma volta a varinha para veda-lo; mas é necessario não perder da lembrança que isto é um remedio provisorio, e que releva chamar sem demora o cirurgião, ou levar o doente aonde estiver algum, pois fôra grande imprudencia esperar, por exemplo, uma noite inteira, em riscos de se declarar a gangrena no membro assim apertado. Se a arteria ferida fôr no pé ou na perna, far-se-ha a compressão do mesmo modo na parte inferior da côxa, um pouco acima do joelho, e na banda que lhe fica opposta, onde se sente palpitar a arteria principal do membro inferior, e se fosse mesmo na côxa comprimir-se-ía na dobra da verilha, que é onde a arteria sáe do ventre.

Quando em uma ferida ha muitas arteriasinhas rotas, applicar-se-lhes-hão uns fios molhados n'uma dissolução de pedra hume, de extracto de saturno (acetato de chumbo liquido), ou de agua de melissa (herva-cidreira), ou de Colonia puras: um chumaço, e uma atadura um pouco apertada susterão os fios.

As feridas das veias são muito menos perigosas que as das arterias; o sangue que dellas sáe é róxo escuro, e esguicha sem ser ás guinadas, correndo com mais abundancia quando se carrega em sitio superior á ferida, isto é, entre esta e o coração, e parando se se comprime a veia abaixo do logar ferido, de sorte que sendo isto inteiramente o contrario do que acontece nos ferimentos das arterias, é por essa mesma razão um indicio assaz seguro para distinguir as duas especies de feridas. Algumas bolinhas de fios, sustentadas por chumaços, e uma ligadura pouco apertada bastam para obstar a estas hemorragias, que aliás nunca são tão temiveis como as de uma arteria.

Todas as vezes que o ferimento fôr de alguma importancia, com ou sem hemorragia, deve o doente ser collocado commodamente, sobre uma cama livre de tudo que possa embaraçar a circulação do sangue, e conservado em perfeito descanço de corpo e de espirito, privado de alimentos, e principalmente de bebidas espirituosas até que o medico possa examina-lo e prescrever o que convier. Se fôr preciso transporta-lo para longe, será levado em uma padiola (um colchão posto em cima de uma escada), porque os

(2) Se uma só pessoa não bastar para este mister, poderão revezar-se duas ou tres.

solavancos de uma sege podem ser-lhe nocivos. As mesmas precauções são igualmente applicaveis ás fracturas e deslocações.

Quando depois de uma queda ou pancada mais ou menos violenta o individuo sentir n'algum membro uma dôr aguda, ou quando esse membro ficar tão mal tractado que não seja possivel o move-lo, pede a prudencia que na duvida de haver alguma fractura ou deslocação se proceda como se realmente existissem. As fracturas consistem na quebra d'um ou muitos ossos, a deslocação na descollocação das articulações (*juntas*) resultante da dilaceração dos ligamentos que mantêm no seu logar as extremidades osseas. Diz-se vulgarmente de quem soffre as ultimas que *tem um membro desmentido*. As *torceduras* e as *distensões* não são mais do que o effeito do empuchão que estes mesmos ligamentos soffrem quando o esforço não é tamanho, que fazendo sair os ossos do seu logar, cause uma deslocação. É facil de comprehender que se requerem conhecimentos profundos de anatomia em quem pretender prestar soccorros efficazes; a pessoa que os não possuir não póde deixar de fazer um grande mal, e talvez d'impedir que o cirurgião seja bem succedido na cura das partes inflammadas e doridas, e por isso é preciso sobre tudo fugir das mãos dos algebistas, e outros charlatães, cuja sciencia consiste unicamente em puchar fortemente e em todos os sentidos um membro, que uma vez por acaso encaixam no seu logar, de cada cem vezes que produzem graves doenças, especialmente havendo fracturas (3). Melhor fôra seguramente ficar sem soccorros alguns do que recebe-los de tal casta.

Nas fracturas e deslocações não é o perigo urgentissimo, posto que seja vantajoso obter promptos soccorros. As pessoas não versadas na arte de curar devem pois limitar-se a erguer o ferido com geito e cautela, tendo o cuidado de amparar o membro doente, de modo que não soffra abalo algum durante o transito. Logo que o doente estiver deitado na cama, despilo-hão, cortando com tesouras os vestidos que cubrirem a parte queixosa, para evitar toda a agitação dolorosa. O membro deverá descançar sobre almofadinhas ou travesseiros fofos, e ficar um pouco arqueado, por ser esta a situação em que se padece menos dôr. Convém além disso experimentar, por meio de tentativa, diversas posições, e adoptar aquella que o mesmo doente escolher. Esperar-se-ha assim pela chegada do cirurgião, porém se elle tardar póde-se cobrir o membro com pannos de linho molhados em agua morna, em que se deitarão tantas colheres de café, vinagre, ou aguardente, quantos forem os copos d'agua. Estes meios, que são os unicos de que se póde lançar mão sem perigo, deixam as coisas no estado em que o accidente as puzera, e o cirurgião não tem de operar sobre partes magoadas e inflammadas por operações insensatas, que podem tornar a cura impossivel.

Leva algumas vezes comsigo o instrumento que faz a ferida substancias nocivas aos corpos, e que fazem correr mais perigo do que a propria chaga, a qual em uma immensidade de casos é de muito pouca importancia. Os selvagens, por exemplo, usam molhar as pontas das flechas em succos vegetaes venenosos, e estas armas, bem como os instrumentos cortantes com que se desmancham animaes mortos de carbunculos, ou em estado de putrefacção, inoculam uma materia causadora de perigosas enfermidades. Por igual motivo as prezas da vibora, e os dentes d'animaes damnados causam a morte com symptomas particulares; finalmente o ferrão das abelhas, das vespas, e dos mosquitos contém em si um liquido corrosivo que inflamma fortemente as partes picadas, não fallando no ferrão que o insecto larga frequentes vezes na ferida.

Quando acontece um accidente do genero dos acima apontados convém dar-lhe prompto remedio, aliás apparecerão no fim de algum tempo symptomas assustadores.

Se occorrer a circumstancia de ser a picada ou golpe dado com instrumento impregnado de materias putridas, será necessario (neste caso escolhe-se do mal o menor) fazer sangrar a ferida o mais que fôr possivel, para que sáia a materia nociva que dentro se lhe depositára, e ao mesmo tempo se atará uma ligadura bem apertada acima da parte ferida. Se a conformação permittir o deitar uma ventosa, pôr-se-ha sobre a ferida uma torcida de lamparina, e accesa se cobrirá immediatamente com um copo: o vacuo que se estabelece obriga a sair os liquidos da ferida, como o faria a acção de chupar, expediente que não se póde aconselhar por não deixar de ser perigoso para quem o praticasse. Todavia se alguma pessoa movida de grande zelo quizesse expôr-se a isso deveria ter a cautela de lavar antes a boca com azeite, que impede a absorpção. A cauterisação da ferida com o ferro em braza, e melhor ainda com os causticos liquidos, é um recurso vantajosissimo e até indispensavel, mas de que só um medico póde usar, pois qualquer outra pessoa inexperiente na arte de curar se exporia a aggravar sem fructo algum as dores do ferido, se com mão timida lhe applicasse o caustico, ou a offender os grandes vasos ou os grandes troncos nervosos, se acaso o empregasse com demasiada afouteza. O enfermo deve além disso ser tractado como nas enfermidades agudas.

Os mesmos cuidados exigem os mordidos pelas viboras e animaes damnados. Quando felizmente se cauterisam a tempo as feridas feitas pelos ultimos, consegue-se quasi sempre impedir a manifestação dos symptomas funestos; porém não ha tempo a perder em semelhantes occasiões, e cada instante de demora póde expôr o doente a perigosas alternativas. Mas nem por haver decorrido algum tempo depois da mordedura, ou mesmo por já estar fechada a chaga, se deixará de recorrer á cauterisação, pondo-se uma confiança indevida nos imaginarios remedios gabados nos diversos paizes, porque nenhum delles até agora foi reconhecido como verdadeiramente energico. Não haja pressa de matar como damnado qualquer animal que tenha mordido alguem; pelo contrario encerre-se e observe-se o que lhe acontece. Tem se visto com effeito morrer algumas pessoas de hydrophobia só pela idéa de que um animal damnado as mordera.

Nas mordeduras de abelhas, vespas, e zangãos é necessario em primeiro logar extrahir os ferrões com pequenas tenazes ou pinças, ou com o bico de um alfinete, e depois applicar-lhe logo em cima uma mistura de azeite e de ammonia liquida. Não ha além disso accidentes reaes senão quando as picadas são muito bastas. *F. Rattier D. M.*

(3) Desgraçadamente ainda não é raro encontrar entre nós quem tenha fé nos extravagantes e ás vezes damnosissimos meios de curar molestias verdadeiras ou imaginárias, empregados por certos curandeiros velhacos e ignorantes. Quantas pessoas persuadidas de uma coisa impossivel, qual é a de lhes ter *caido a espinhela*, submettendo-se áquellas ruins práticas, ficam doentes para o resto dos seus dias. Congratulemo-nos ao menos de já não haver quasi ninguem que creia em feitiços depois que não ha frades que benzam ou demoninhados.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N°. 55=1.° andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.

OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

24) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 23, 1837.

O FAKIR MAHOMETANO.

OS FAKIRES DA INDIA.

Talvez em paiz nenhum do mundo sejam as praticas supersticiosas da idolatria mais grosseiras, repugnantes, e pertinazes do que no Indostão. Todas as classes da sociedade estão imbuidas dessas abominações, mas ninguem as segue tão notoriamente como os fakires, que por suas absurdas pretenções de santidade grangeiam extraordinaria influencia sobre os seus compatricios, e que é tão notavel quanto absoluta. São reverenciados como entes d'essencia intermedia entre os humanos e a divindade: e as suas vidas são uma extravagante alternativa de penitencia, e de dissoluções.

Abundam estes impostores por todo aquelle paiz, e n'algumas partes infestam absolutamente as povoações. Pedir é a sua principal occupação; e na realidade é espantosa a enorme somma, que annualmente extorquem aos caritativos da sua crença, que julgam alcançar remissão de peccados, e preparar a boa sorte futura de suas almas, soccorrendo aquelles *santos* homens.

O ponto a que sobe a mendicidade na India é apenas crivel; e o tom d'auctoridade, que assumem estes mendigos válidos, manifesta bem quão absoluta é a sua ascendencia sobre o animo do vulgo. Extrahem sommas immensas a titulo d'esmolas, e isto á porção do povo, que a custo adquire o necessario para subsistir. Só na provincia de Bengala se calculam em dois milhões os individuos, que vivem unicamente de pedir; e suppondo que cada um não tira mais de 300 réis por semana, redunda o total na *pequena* quantia de 78 milhões de cruzados por anno! Contribuição voluntaria, que pela maior parte péza nas classes laboriosas, que são extremamente pobres.

A mendicidade tem distincto logar entre as obrigações religiosas dos povos do Indostão, e segundo as suas idéas ninguem póde alcançar o summo grau de espiritual distincção sem passar por aquella escala.

De todas as castas de fakires os mais reverenciados por suas austeridades são os jogues, que praticam penitencias severissimas e assombrosas; dilaceram as carnes a golpes; conservam-se firmes e immoveis sobre um pé só, por tempo prodigioso; expoem-se descobertos dias inteiros aos raios abrazadores do sol intenso; alguns olham fixamente para este astro de lux até ficarem cegos, &c. Estes são absolutamente mendicantes; e a gente ordinaria tem pela maior honra poder ministrar-lhe qualquer serviço. Todavia esta classe d'individuos privilegiados, a quem os mais veneram tanto, e reputam immaculados, é a cáfila mais indolente, e arrogante, e não poucas vezes a de vida mais estragada.

O fakir, que representa a nossa estampa, é Mahometano, d'aquelles hypocritas sectarios do impostor Arabe, que se ageitaram com os embustes dos Indios, para alcançarem influencia igual nos de sua crença.

Dos antigos santões se gerou uma raça de enthusiastas, que não tem rival nos annaes da superstição: e são os de que tratamos. Não só pedem esmolas em

nome do seu propheta, mas quando lh'as negam quasi as extorquem á força. Andam frequentemente em bandos; e como as auctoridades se não intromettem com elles, espoliam com perfeita impunidade os passageiros indefesos. De toda a casta de embusteiros nenhuns vivem mais escandalosamente.

Quando encetam este seu modo de vida vaguem a pé, mas logo que á custa dos fieis se acham mais abundantes, montam n'um boi, trajando os habitos de sua vocação, que constam de pelles de carneiro com a lã para fóra. Ao pescoço trazem grandes colares em muitas voltas; e usam os cabellos compridos e soltos, á moda dos Nazarenos dos antigos Judeus. Penduram ao pescoço do boi uma campainha, que vai tinindo quando o animal anda, como os chocalhos do gado: tambem enfeitem com anneis d'osso os jarretes do boi.

Quando o fakir viaja só, geralmente recorre mais á importunidade que á violencia para obter esmola.

Não poderemos melhor concluir este artigo do que citando ácerca dos jogues, que são os penitentes mais afamados da India, as proprias palavras de um nosso antigo escriptor.

«São os seus religiosos mais apertados os jogues, a que chamaram os antigos, gymnosophistas; e eu com mais propriedade lhes chamara martyres do demonio, ou demonios vivos. Andam sempre de terra em terra, como siganos: alguns muito rotos e remendados, outros de todo sem vestidos, outros ainda com um pedaço de panno naquellas partes, em que a natureza poz maior pejo, e todo o mais corpo assim mesmo. E posto que pareça que estes cobrem alguma parte de seu corpo com vergonha, tem elles no mais mui pouca; porque em todas as coisas naturaes ao homem, onde quer que lhe dá a vontade, logo obedecem á natureza, sem terem pejo de serem vistos; dizendo, com os philosophos cynicos, que a natureza não faz coisa torpe. Andam todos cobertos de cinza desde os pés até á cabeça, olhos, e boca; e de cinza feita de bosta de vacca; esta lhe dá tambem agua, com que de quando em quando se lavam: não tem casa, nem cama, dormem ao ar sobre a terra. Não só despresam todo o mimo e delicias no comer e vestir, mas tambem fazem vida mui penitente, e tal que faz espanto e move a compaixão; porque andam alguns nús com grossas cadeias de ferro ao pescoço e ao redor de si, á maneira de cilicio; outros se enterram vivos junto dos caminhos, deixando só um respiradouro por onde caiba um canudo, porque se lhe bota na boca alguma canja, que é a agua do arroz. Outros se fazem estillitas, sobindo-se em columnas, ou madeiros, donde não descem senão mortos. Outros nos dias de maiores festas de seus pagodes se penduram de polés por uns ganchos de aço mui agudos, que mettem pelas costas núas, e estão no ar cantando com alegria versos aos idolos. Alguns destes jogues vi eu em Surrate, dos quaes um havia dez annos, que não abaixava os braços, tendo-os sempre elevados no ar, com os nervos e juntas tão hirtas, que lhe não era possivel abatel-os, ainda que quizesse; as mãos tinha-as fechadas em punho, como quem dá uma figa, e tão crescidas as unhas, que dando volta pelas costas da mão, serviam de cordeis, que lh'as atavam; o cabello da cabeça lhe cobria parte da cara. Outro vi que tinha só um braço em alto. Outro não se sentava por nenhum acontecimento, quer de noite, quer de dia: o maior descanço, que tomava, era pondo os braços sobre uma corda lançada de janella a janella, embalançar-se de uma parte para a outra. Outros andavam carregados de buzios, e de grandes ramaes de bugalhos ao pescoço. Deu-me na curiosidade ir ver como estes jogues dos braços levantados comiam e dormiam, e vi que certos rapazes de sua companhia lhes mettiam o comer na boca; e chegando-se a noite lhes trouxeram os baneanes muitos saccos de bosta de vacca, com que fizeram fogo, e sentando-se á roda delles passaram a noite.»

«O credito destes jogues é grande para com os Gentios: parece-lhes a estes que são os maiores santos do mundo, que andam fazendo penitencia pelos peccados de todo elle, e teem mão na ira de Deus com aquellas suas mãos levantadas para o ceo. Por mais maldades, que lhes vejam fazer, tudo hotam a boa parte, havendo que quem lhes fizer mal fica excommungado e perdido em alma e corpo. Cada um delles traz sua corneta, a qual tange em chegando ao povoado, para que se saiba que está alli o jogue, e lhe tragam de comer. Se, por impossivel, o jogue se escandalisar de alguma povoação lhe não acudir com o que ha mister, e rogar pragas sobre ella, em procissão irão logo todos seus moradores com quanto tiverem em casa pedir ao jogue que lhes perdoe, e revogue sua sentença, que já cuidam se executa nelles. Demais de respeitados, são os jogues muito temidos, porque se ajuntam logo dois ou tres mil para tomarem satisfação dos aggravos, que se fizeram a particulares, acodindo todos pela honra do habito.»

Todos estes jogues se prezam de saberem muita medicina, ainda que não passam de hervanarios.

OS SINOS.

O INDAGAR a origem dos sinos e a sua historia não nos parece coisa de pequena curiosidade. Os antigos usavam delles não só para misteres prophanos, mas tambem para os sagrados. Estrabão nos diz que a hora do mercado era indicada por um sino; e Plinio refere que de roda do sepulchro de certo rei antigo da Toscana estava pendurada uma fieira de sinos. Em Roma era costume marcar a hora do banho, tocando uma sineta: os guardas nocturnos traziam-na tambem, e servia para acordar os servos nas casas dos grandes e ricos. Trazia o gado chocalhos para metter medo aos lobos, ou antes para lhe servirem de amuletos. Esta usança, que ainda hoje dura, nos faz recordar dos tempos antigos. Geralmente se crê que Paulino, bispo de Nola, foi o primeiro que introduziu nas igrejas o uso dos sinos, pelos annos de 400 da nossa era. Antigos historiadores nos referem que o bispo de Orleans, estando na cidade de Sens, que se achava cercada, fez fugir o exercito sitiador mandando tocar os sinos da igreja de S. Estevão; prova evidente de que ainda neste tempo não eram geralmente conhecidos em França.

Os primeiros sinos de grande dimensão, falla delles Beda, no anno 680. Antes deste periodo em muitas partes da Europa usavam os christãos primitivos de matracas para reunir a congregação dos fieis.

As campainhas começaram provavelmente a apparecer nas procissões religiosas, e foram depois usadas pelos musicos seculares. As sinetas nem sempre se traziam nas mãos: ás vezes as tinham penduradas, e as tocavam com martellos: n'alguns manuscriptos se encontra o rei David pintado no principio do livro dos Psalmos, tocando-as dessa maneira. Era costume na idade media festejar a chegada dos reis, ou pessoas distinctas, tocando os sinos das igrejas, costume que até o seculo presente se perpetuou entre nós.

Corriam-se os sinos dos mosteiros antigamente com cordas, cuja extremidade era adornada de anneis de bronze ou de prata: tocavam-nos a principio os monges, ficou depois esta incumbencia aos criados, ou aos que não podiam fazer outra coisa, como, por exemplo, os cegos.

Na igreja catholica os sinos baptisam-se e benzem-se, dando-se-lhe ordinariamente o nome de algum santo. O ritual desta ceremonia encontra-se no pontifical romano.

Cria-se d'antes que ao dobrarem os sinos pelos defuntos, quanto maior fosse o sino, tanto mais para longe fugiria o diabo. De sorte que para arredar o espirito diabolico pagavam-se grossas sommas a troco de dobrar o sino grande da cathedral quando morria qualquer pessoa.

Eis-aqui o pezo respectivo dos principaes sinos da Europa:

	Libras.
O da imperatriz Anna, em Moscow	432:000
O de Boris Goniduff..... dito	288:000
Sino grande de Novogorod	70:000
Sino d'Amboise, em Ruão	40:000
Sino de Vienna	30:000
Sino grande de Oxford	18:000
Sino grande de S. Paulo de Londres	11:000

Origens da Typographia — Typographia Portugueza.

2.°

(*Veja-se o N.° 4 do Panorama.*)

Tendo dado antecedentemente uma noticia rapida da invenção da typographia, e da sua propagação pela Europa, reservámos para um artigo especial o fallar ácerca da sua introducção e progresso em Portugal: porque depois de referir as origens deste admiravel invento, o mais curioso que ha na materia é sabermos como a arte typographica se estabeleceu no nosso paiz.

Infelizmente a historia da sua introducção em Portugal não é menos escura do que a da sua origem: entretanto poremos aqui o que sobre este objecto hoje se póde alcançar.

É actualmente indubitavel que no anno de 1474 havia já em Valença de Hespanha uma typographia, porque desse anno temos o livro *Obres o Trobes de S. Maria*, impresso naquella cidade. Ha quem diga que ella existia em Palencia desde 1470, em que, segundo Nicolau Antonio, se imprimiu a Historia de Arevalo; porém esta edição desconhecida é regeitada como supposta, até pelos criticos hespanhoes.

Mas foi Valença, porventura, a primeira cidade da Peninsula que possuiu uma imprensa?—A nossa Leiria lhe disputa a primazia. Vejamos em que esta pretenção é fundada.

Pedro Affonso de Vasconcellos, que viveu nos fins do seculo 16.°, affirma, no livro *Harmonia das Rubricas*, que havia tradição, auctorisada com o parecer do nosso celebre Pedro Nunes, de que Leiria fôra a primeira cidade das Hespanhas que tivera uma typographia. Este fundamento tradicional não nos parece de grande pezo, desacompanhado, como vem, de outras provas. As pretenções de Harlem sobre a invenção da arte eram tambem fundadas n'uma tradição igual, seguida por homens notaveis, e até fortificada por testemunhos de contemporaneos: entretanto hoje os bibliographos regeitam quasi unanimemente essas pretenções, para attribuirem a Moguncia a gloria da invenção da typographia.

Ha comtudo um documento cuja existencia, se ainda se podesse verificar, serviria, se não para provar que Leiria tivera a primeira imprensa das Hespanhas, ao menos para nos certificar de que o seu estabelecimento no nosso paiz fôra mais antigo do que vulgarmente se crê. Fallamos da celebre edição em 4.° das obras do infante D. Pedro.

Foi o conde da Ericeira D. Luiz de Menezes o primeiro que fallou deste livro, n'uma sessão da Academia de Historia. A obra não tinha data, e só na subscripção (no fim do livro) se dizia que se *imprimira seis annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de imprimissão*. De outro exemplar da mesma obra falla o academico Soares da Silva; com a differença porém de dizer que fôra impressa nove annos depois da invenção da typographia.

Se esta edição tivesse com effeito existido, a imprensa portugueza remontaria aos annos de 1464 ou 1465, concedendo que os impressores, quando dataram o livro, se enganaram pelo que toca ao logar do nascimento da arte.

O nosso eruditissimo Antonio Ribeiro dos Santos em uma memoria que escreveu sobre a introducção da typographia em Portugal, trabalhou por sustentar a genuinidade desta edição das obras do infante D. Pedro. Elle conhecia quão duro era decrer nella: mas não seria possivel a outro qualquer escriptor defender melhor uma causa que nos parece bem pouco defensavel.

Com effeito não nos deve fazer desconfiar, e muito, a differença de annos que se lê na subscripção dos dois exemplares da mesma obra? — Não repugna o suppor que houvesse duas edições, conservando-se unicamente um exemplar de cada uma para virem ambos a apparecer passados mais de 250 annos, não havendo até ahi vestigios de nenhum delles? — Não é quasi impossivel que tendo-se impresso aquelle livro em vulgar por 1464 não appareça outra producção de prelos portuguezes senão em 1489, e que essa producção (a mais antiga que conhecemos) seja um livro hebraico? — A typographia que em toda a parte, apenas estabelecida, prosperou, cresceu, e rapidamente se derramou, só em Portugal, depois de imprimir um livro, morreu, para resuscitar passado o largo periodo de 23 annos? — Estas razões bastam para abalar a nossa crença na existencia de similhante edição: e se a estreiteza deste artigo o permitisse poderiamos produzir muitas outras, com que talvez a derrubassemos inteiramente.

Comtudo uma difficuldade resta; e vem a ser o caracter respeitavel dos dois academicos, que disseram terem visto o livro: mas esta difficuldade facilmente se desvanece. Das obras do infante existe uma edição sem data nem logar de impressão, mas que se crê impressa por 1478, edição em folio, cujo editor foi o Hespanhol d'Urrea. Podia ter acontecido que alguem pozesse em dois exemplares aquellas datas contradictorias; e sendo a letra *assentada* do 15.° seculo similhante á da typographia (porque os caracteres desta não eram senão a imitação da escriptura) facilmente se enganariam aquelles dois litteratos, tomando por impressas as subscripções que leram. Isto é tanto mais provavel, quanto é certo que a paleographia, como arte, estava nos seus começos, e ainda em Portugal era talvez desconhecida.

Nem faça embaraço a diversidade de formatos, para crermos que a edição, que viu o conde da Ericeira, e que diz ser em quarto, fosse a de folio publicada por D'Urrea: os folios do 15.° seculo eram em geral mais pequenos do que os quartos que em Portugal se imprimiam no tempo do conde, e dahi proviria por ventura o erro. Entretanto creia cada um o que quizer, que nós assentaremos as origens da nossa typographia nos monumentos que actualmente existem.

Os Judeus parece terem sido os primeiros que em Portugal introduziram a arte de imprimir. Dizem que as Communas (1) de Lisboa e Leiria mandaram

(1) O que eram as Communas veja-se no N.° 3 do Panorama.

vir de Italia typographos da sua nação. No anno de 1482 imprensas hebraicas estavam estabelecidas em Soncino, e pouco depois em Napoles. Foi dahi que provavelmente veiu Rabban Eliezer e Rab Tzorba, que em 1489 imprimiram em Lisboa o Pentateucho Hebraico. Depois desta epoca as edições dos livros na lingua santa se multiplicaram em Portugal até a expulsão dos Judeus, em que inteiramente cessaram.

Foi por 1490 que a typographia começou a ser exercida entre nós por impressores christãos. Vieram os primeiros de Allemanha ou de Italia, e o livro mais antigo que delles possuimos, é o Breviario Eborense, em latim, impresso em Lisboa no anno de 1490. Em 94 já a typographia de João Gherlinc estava estabelecida em Braga, onde se imprimiu naquelle anno o Breviario Bracharense.

Em Leiria parece não ter exercido senão a typographia hebraica, cujo primeiro monumento naquella cidade é a edição dos *Prophetas primeiros* em 1494. Verdade é que no anno immediato se publicou ahi o celebre livro em latim *Almanach perpetuo dos movimentos celestes*, impresso pelo mestre Ortas: mas ha vehementes suspeitas de que este era um typographo hebreu, e taes suspeitas se tornarão quasi em certeza, se nos lembrarmos de que o auctor da obra era o Judeu Abrahão Zacuto, astronomo d'elrei D. Manoel, e de que nenhuns vestigios typographicos apparecem mais naquella cidade desde a expulsão dos Judeus.

É no anno de 1495 que podemos com certeza assentar o começo da imprensa portugueza, porque é neste anno que se estampou o primeiro livro em vulgar, com data, dos que chegaram até os nossos dias. Fallamos da traducção portugueza do famoso livro de Ludolfo de Saxonia, intitulado = *Vita-Christi* = vertido do latim em linguagem por Fr. Bernardo de Alcobaça.

Esta obra que se compõe de quatro volumes de folio, é uma das maravilhas typographicas do seculo 15.º: o papel é excellente, o typo limpo e formoso: as tarjas do principio e fim assaz delicadas, attenta a rudeza dos tempos: o texto soffrivelmente correcto. Foi a edição encarregada por D. João 2.º, que a mandou fazer, aos mestres Nicolau de Saxonia, e Valentim de Moravia, dos quaes o primeiro tinha impresso por si só o Breviario Eborense; e parece que se uniu ao segundo unicamente para trabalharem nesta obra magnifica, porque logo depois os achamos imprimindo separadamente, Nicolau de Saxonia até 1498, e Valentim de Moravia ainda nos primeiros annos do seculo 16.º

A este impressor devemos a publicação da *Estoria do mui nobre Vespasiano, emperador de Roma*, talvez o mais curioso monumento da arte typographica em Portugal nos fins do seculo 15.º Das estampas e caracteres deste livro (que parece ser impresso com os mesmos typos da *Vita-Christi*) damos um fac-simile, e por elle se verá a que ponto subiu logo em nosso paiz não só a typographia, mas até a gravura em madeira, hoje restaurada na Europa por beneficio dos jornaes populares.

FAC-SIMILE TIRADO DA HISTORIA DE VESPASIANO.

A Historia de Vespasiano consta de vinte e nove capitulos, nos quaes se tratam varios feitos daquelle imperador e de seu filho Tito, e outros que dizem respeito ao christianismo, e á morte de Archeláu, e de Pilatos: as estampas que são allusivas ao texto achamse ao principo de cada capitulo; mas, talvez para poupar despeza, repetidas as mesmas de espaço a espaço. Fecha a obra por uma subscripção em que se diz ser impressa por Valentim de Moravia, em Lisboa, no anno de 1496. O unico exemplar conhecido que della resta é o que existe na Bibliotheca Publica de Lisboa.

De outras obras portuguezas impressas no 15.º seculo restam varias memorias; mas assaz incertas pela raridade dellas. Taes são a *Imitação de Christo* por Kempis, impressa em Leiria, e que talvez era a traducção de Fr. João Alvares; o *Itinerario do Conde D. Pedro*; e a *Historia de Isea*, cujo unico exemplar conhecido era o que existia na livraria do visconde de Balsemão, e que desappareceu durante o ultimo assedio da cidade do Porto.

Depois da impressão da Vita-Christi, Nicolau de Saxonia se limitou a imprimir livros de Liturgia em latim, como o Breviario Compostellano de 1497, o Missal Bracharense de 1496 e 98, e o Breviario Bracharense tambem deste ultimo anno: daqui em diante nada mais sabemos de Nicolau de Saxonia.

Já vemos quão pouco se imprimiu em Portugal no 15.° seculo: esses mesmos livros que sairam dos nossos prelos são hoje rarissimos; uns por se haverem tirado delles mui poucos exemplares, outros pelo grande consumo que tiveram. A Vita-Christi, por exemplo, era levada, segundo o testemunho de Barros, para as missões d'Africa e d'Asia, onde se perderam grande numero de exemplares: o mesmo aconteceu com a *Imitação de Christo*. E por ventura que se houvera ultimamente a curiosidade de examinar os espolios dos conventos extinctos das nossas colonias da Africa e da India, alguns exemplares ahi se encontrariam dos monumentos primitivos da typographia portugueza.

Resta-nos fallar dos caracteres extrinsecos das nossas primeiras edições: estes eram os mesmos que notámos na primeira parte deste artigo ácerca das edições estrangeiras. O typo commum era o gothico moderno que se conservou até áquem do meado do seculo 16 °; mas em geral bello e como o melhor das typographias de fóra. O papel era de varias qualidades, todo elle encorpado e mais ou menos branco: pelas marcas e outros signaes parece que vinha de Italia. Tambem se tiravam exemplares em pergaminho, como se vê do 1.° volume da *Vita-Christi* de S. Francisco da Cidade.

Os ornatos, posto que longe da perfeição moderna, são muitas vezes superiores aos que pelo mesmo tempo appareciam por livros impressos n'outros paizes; e não receamos de dizer que difficultosamente se achará em obra estrangeira estampada no seculo 15.° uma gravura, como a que damos reproduzida neste artigo.

Se nos primeiros tempos da invenção da typographia, esta não se dilatou muito no nosso paiz, logo no seguinte seculo, seculo de civilisação, de gloria, e de grandeza, se derramou e cresceu quasi por todos os angulos do reino. Valentim de Moravia publicou em 1500 as obras de Cataldo Siculo, professor italiano, que, despresado no seu paiz, veiu ensinar rhetorica em Portugal. Desta edição tarissima ha um exemplar, falto de algumas folhas, na Bibliotheca do Porto (2). Este impressor tomou o nome de Valentim Fernandes Mourão ou Moravo, e dos seus prelos é ainda o *Catecismo* do bispo Ortiz, impresso em 1504. Desde 1500 até este anno publicou elle a *Glosa sobre as coplas de Jorge Manrique* (1501), e as suas duas traducções da Viagem de Marco Paulo e da de Nicolau Conti (1502), dedicada a elrei D. Manoel.

Já por 1501 havia em Lisboa outra typographia, a do Italiano João Pedro Bonhomini, que nesse anno publicou o *Thesaurus Pauperum* de parceria com Valentim Fernandes, de quem parece depois se separou; porque até 1526 imprimiu varias obras, sómente com o seu nome.

A typographia brevemente se foi estabelecendo em diversas cidades e villas de Portugal. Em Setubal se estamparam no anno de 1509 *Os Estatutos da Ordem de Santiago*, e o *Confessional* de Garcia de Resende. Em 1512 saiu em Evora a 1.ª edição do *Itinerario* de Fr. Pantaleão d'Aveiro. Em Almeirim se começou a imprimir pelos fins de 1514 o Cancioneiro de Resende, que depois saiu em Lisboa; e alli se publicaram em 1516 os Estatutos da Ordem de Aviz. João de Barreira começou a imprimir em Coimbra em 1519, publicando nesse anno o *Reportorio dos Tempos*. Salsete na India tinha já uma imprensa em 1532, e ahi se estampou a *Explicação da Doutrina Christãa*, composta em lingua bramana pelo padre Diogo Ribeiro. Em Braga, onde já no 15.° seculo se imprimíra o Breviario Bracharense, tornaram a apparecer prelos em 1519 e 1532, dos quaes saiu um *Reportorio*, e a Grammatica Latina de Clenardo. Vasco Dias Tanco de Frexenal estabeleceu uma officina no Porto, onde em 1440 deu ao publico o doutor João de Barros o livro que intitulou *Espelho de Casados*. Estas foram as povoações de Portugal mais notaveis por estabelecimentos typographicos.

Por este tempo, isto é, por toda a primeira metade do seculo 16.° as imprensas se multiplicavam em Lisboa com grande rapidez. Uma das mais notaveis foi a de Germão Galharde, que floresceu desde 1536 até 1565: desta typographia sairam muitas obras de nome, e entre ellas as duas primeiras decadas de Barros (1552—3). Luiz Rodrigues, que imprimiu desde 1539 até 1549, foi um dos que mais contribuiram para o progresso da arte em Portugal, e na sua officina se estampou em 1540 a *Informação do Preste João*, pelo padre Francisco Alvares, que para a edição do seu livro trouxe de Paris os mais formosos typos que lá póde encontrar. João de Barreira é um dos mais conhecidos typographos portuguezes do seculo 16.°, e por ventura o mais opulento. De sociedade com João Alvares imprimia em Braga, Coimbra, e Lisboa, e dos seus prelos nestas differentes cidades sairam obras de grande preço. Em fim, ainda neste seculo começou a typographia de Pedro Craesbeeck (1590—1600), a mais afamada do seculo seguinte, e que durou naquella familia até muito depois de 1700.

Abster-nos-hemos aqui de enumerar as divisas dos nossos impressores, porque isso seria demasiado longo para este logar, e pediria fac-similes para bem se poder entender. Só diremos, quanto ao papel de impressão, que no seculo 16.° elle era mais alvo do que no 15.°, porém menos encorpado, e que nesta epoca ainda se tiraram exemplares em pergaminho de algumas obras. Tal é um da Chronica do Condestavel de 1526, impressa por Germão Galharde.

(2) E' assaz curioso este volume por uma carta de Cataldo a um Judeu, pretendendo provar-lhe que debalde esperavam elles o Messias: 1.° porque o povo os perseguia: 2.° porque *deitavam de si mau cheiro*.

METEOROLOGIA.

2.°

Dos fogos, ou lumes fatuos.

Apparecem frequentemente, na altura de poucos palmos acima da terra, umas pequenas chammas, ou fogachos, leves, e mui brilhantes, que em todo o tempo serviram, e ainda hoje servem, de texto a infinitos contos vulgares nas povoações onde a instrucção não tem podido desarreigar as idéas, e crenças supersticiosas. Como estes luzeiros em geral se observam nos sitios pantanosos, nos campos de batalha, e nos terrenos dos cemiterios, onde se dissolvem os cadaveres por via da putrefacção, o povo credulo e ignorante pensa, ao aspecto destes phenomenos, que são as almas dos mortos, que se evadem das sepulturas para virem visitar os vivos. Aquelles *lumes fátuos*, como se lhes chama, não sendo especificamente mais pezados que a columna d'ar, que os sustenta, giram para uma e outra parte conforme o impulso do ar: por isso, quando se chegam para os agarrar, se arredam, e parece fugirem; ao contrario, se correm adiante delles, vão arrastados pela corrente d'ar, e parece perseguirem a pessoa, que vae escapando. Destas diversas circumstancias o vulgo tirou por consequencia que as almas do outro mundo fazem estes signaes e fósqui nhas aos vivos para as seguirem, e áquelles que cáem na parvoice de acceitar o convite, ou que são em demasia curiosos, dão com elles em despenhadeiros,

barrancos, ou lagôas; e que então, regaladas com o bom exito de sua malicia, testemunham ás gargalhadas o seu regosijo: muitos ha que asseveram têl-as ouvido. Que tal era o medo! Quando não são almas do outro mundo são bruxas, que acodem aos conciliabulos nocturnos, e ou meramente por maleficas, ou por se descartarem d'importunas testemunhas pregam as mesmas graças. Em fim as pobres exhalações dos sitios humidos soffrem por esses campos todos estes aleives. Mas ponhamos de parte estas patranhas, e tractemos seriamente da indagação do phenomeno.

Os lumes, ou fogos fátuos tomam muitas vezes a fórma de bolinhas; outras fazem o effeito de uma chamma de véla, o que é mais frequente. Tambem tem apparecido de figura cylindrica com dimensões que não são constantes. A luz parece geralmente ao longe muito viva, mas é sempre de um clarão pálido; e de raro se vê avermelhada. Ora são inteiramente innocentes, ora seriam capazes de occasionar inflammação, e incendio, se pegassem em corpos bastante combustiveis. A pluralidade destes phenomenos são instantaneos, mas muito successivos nas paragens em que abundam as materias phosphorecentes que os geram. Ás vezes, no momento de fenecer, soltam um tenue estalido, e dividem-se em duas ou tres faiscas, que se apagam promptamente; tambem succede deixarem um rasto de fumo, que se dissipa logo. É provavel que existam fogos fátuos em todas as estações, tanto de noite como de dia; todavia sómente se observam durante o tempo dos calores, e nunca são visiveis senão depois do pôr do sol.

Afóra os logares, que já mencionámos, os arredores dos volcões, das minas d'enxofre, e de diversos metaes, são muito sujeitos a estes meteóros. Nas vastas planicies da Ethiopia, na Africa, brilham em toda a noite como estrellas espalhadas pela superficie da terra. Na Palestina, na Asia, identicos phenomenos cobrem dilatadas campinas, a pontos de cercarem as caravanas com uma luz desmaiada, mas innoxia, cujo contacto não é perigoso. Os campos da Italia são theatro de similhantes meteóros, e as visinhanças das cidades da India Oriental, nos cemiterios dos Gentios. Em o nosso paiz não são tão multiplicados: mas ha quanto basta para authorisar entre os credulos a existencia das bruxas.

Analogos a estes fogos ha outros metallicos, em as minas, e com particularidades curiosas: ora parecem chammas, ora fagulhas, ora molhos de raios divergentes, e seguem á superficie da terra a direcção das betas, ou veios metallicos, que correm por baixo, e até dão a suspeitar a sua existencia. Com effeito, Depping diz que onde giram estas luzes se póde julgar que existem betas de substancia metallica, ou mineraes que despedem vapores inflammaveis. Algumas vezes formam um espectaculo formoso de globos, de repuxos, de paveas de luz, ou a apparencia d'um vasto incendio; outras vezes são candêinhas errantes, que de longe parecem levadas por gente. Finalmente segundo a especie de metaes das minas, assim são as cores das exhalações: em muitas minas de chumbo são azuladas, nas de cobre dos Vosges são esverdeadas; n'algumas de prata alvacentas; porém nenhumas tão vivas como as que volteiam por cima das minas de betume; estas são avermelhadas, e sobem mais alto que todas. O Steingraben, montanha de Alsacia, n'algumas occasiões parece estar em braza, porque é toda composta de minas de cobre bituminosas.

Se considerarmos nas circumstancias de localidade, e na variedade de effeitos deste phenomeno, ser-nos-ha facil assignar-lhe as causas, e comprehenderemos que as materias, que servem de principio, ou de alimento aos fogos fátuos não são de uma natureza unica, e constante. A base destes meteóros é geralmente o gaz hydrogeneo combinado, ou com as emanações phosphorescentes, que emergem dos terrenos onde algumas substancias animaes e vegetaes estão em putrefacção, ou com gazes nitrosos ou sulphureos, que se exhalam commummente nas visinhanças dos volcões. Além disto estas exhalações volcanicas podem ser facilmente transportadas pelos ventos a distancias consideraveis do logar da sua origem; então combinando-se com o gaz hydrogeneo phosphoretado (que se inflamma ao contacto simples do ar, como póde certificar o effeito dos fuzis phosphoricos), estas emanações produzem frocos igneos de diversas cores: a luz é pálida, ou esbranquiçada, se predomina o gaz hydrogeneo, porque tal é, como se sabe, o esplendor deste gaz; pelo contrario é azulada, quando abundam as particulas sulphureas, etc.

Os campos de Bolonha, na Italia, em todas as estações do anno, são allumiados por estes lumes durante as noites escuras: nota-se que são mais frequentes no inverno, circumstancia esta singular, de que se segue que alli serão mais depressa oriundos das exhalações dos volcões pequenos dos montes proximos áquella cidade, do que das que se evaporam da terra. E com effeito, pela sua fórma em compridos cylindros inflammados, pela côr ora azul, ora vermelha, se collige que não tem por principio as mesmas substancias das pequenas chammas leves e descoradas, que giram pelos terrenos humidos e apaúlados.

É tambem indubitavel que a electricidade, fluido de tamanha energia, e que se acha disperso por toda a natureza, contribue poderosamente para a formação deste phenomeno; e della provém os estalidos, que alguns produzem.

Posto que alguns exemplos se citam de fogos desta natureza, que incendeiam, os fogos fátuos propriamente ditos não manifestam calor algum ao tacto: geralmente são uma materia luminosa, espessa, e viscosa, que deixa nas mãos uma humidade pegajosa. Este residuo, rapidamente esfregado, exhala um leve cheiro de enxofre.

É mui difficil agarral-os, porque á proporção que uma pessoa se chega, imprime no ar um impulso, que obriga o meteóro a afastar-se; porém basta dirigir a corrente do ar para outra pessoa immovel, para qualquer moita, para um monte de palha, ou mesmo d'encontro a uma arvore, ou muralha, etc. É bom sempre conhecer o terreno onde se faz a experiencia, porque póde ser na visinhança de algum charco, ou precipicio, onde o ar, condensando-se pela fresquidão, que provém desses sitios, se aggrega em maior quantidade, e attrahe os fogos fatuos. Ahi apagam-se subitamente suffocados pela abundancia dos vapores humidos, que os cercam; pelo que o observador desprevenido, e ávido de alcançar o meteóro, póde não dar fé do precipicio, e arrojar-se nelle imprudentemente, comprovando nos animos credulos a crença commum, e as historias de bruxas.

Comprehendidas bem as causas productoras destes phenomenos, servirão de fundamento á explicação de outros, de que fallaremos em artigos subsequentes.

Singular descoberta de um thesouro.

O facto seguinte lê-se no *Collectanea Cl. Castellani.* Na estrada real da Apulha, reino de Napoles, estava uma estatua de marmore, com esta inscripção em dialecto napolitano: = *No primeiro dia de Maio, ao*

nascer do sol, eu terei uma cabeça de ouro. = Por duzentos annos esteve erecta a estatua sem ninguem decifrar o sentido destas palavras mysteriosas. Um estrangeiro (Sarraceno, diz Castelliani) passando por alli, leu a inscripção, e capacitou-se de a ter interpretado, mas a ninguem communicou a sua suspeita. Como era já passado o primeiro de Maio daquelle anno, continuou seu caminho; mas no anno seguinte voltou ao sitio pontualmente no ultimo de Abril. No dia immediato, antes do nascer do sol, collocou-se ao pé da estatua, e observando com attenção onde caía a sombra da cabeça da estatua, no momento exacto em que o sol surgiu no horisonte, mandou ahi fazer excavações, e achou immensos thesouros.

A CORÔA REAL DE BOHEMIA.

PERTENCEO esta corôa a Carlos 4.°, e é preciosa. É toda de ouro, com as seguintes pedras engastadas: 19 rubís, 29 rubís-balais, 25 esmeraldas, 21 saphiras, e 20 perolas: todas estas joias são de notavel grandeza. A corôa remata com uma cruz de saphira. Carlos 4.°, imperador e rei de Bohemia, ordenou por carta regia que todos os seus successores fossem, na sua exaltação ao throno, coroados na cidade de Praga, capital do reino; que se conservasse alli a corôa imperial; que apenas finda a ceremonia da coroação, o rei pessoalmente entregasse a corôa a tres diguidades da cathedral, que são o deão, o conservador, e o sacristão; que estes prestassem juramento solemne de a guardar: finalmente que ninguem fosse provido em qualquer daquelles tres cargos não sendo sacerdote natural dos estados de Bohemia. O actual imperador, Fernando, que succedeu a seu pae em Março de 1835, foi coroado a 9 de Setembro, anniversario da coroação de Carlos 4.°

O TROMBETEIRO, OU AGAMI DE CAYANNA.

(*Psophia crepitans* LIN.)

NEM só entre os animaes quadrupedes acha o homem amigos, como o cão, tambem nas tribus aladas os encontra, porém nenhum tão affeiçoado como o agami, ou trombeteiro. Esta ave de grande instincto, e de muita tendencia para a sociedade humana, é natura da America do Sul, e particularmente da Cayanna, onde habita nos bosques dos cerros, e outras paragens elevadas. Enganaram-se os que a suppozeram aquatica por causa da côr esverdinhada dos pés, e outras similhanças com aquella familia. Tambem se parece com os phaisões em uma placa de furta-côr, que tem no peito, e no circulo dos olhos desguarnecidos de pennas: mas só nisto. A plumagem é negrejante: as pennas do urupigio são longas e cinzentas: a cabeça e pescoço só tem uma pennugem curta e macia. Não chega a ter tres palmos de comprido, e faz o vulto de um grande gallo; parece comtudo maior por causa do comprimento do pescoço, e da altura das pernas. Cuvier a poz entre as ribeirinhas de bico curto e grosso.

A mais singular propriedade destas aves consiste na faculdade de emittirem um som baixo e profundo, que muitos pensaram sair do anus, porque não as viam abrir os bicos na occasião de produzirem o som. Convém porém observar que é preoccupação crer que os sons emittidos por qualquer animal tenham de passar forçosamente ou pela goela, ou pelo anus; porque ainda que em geral o ar seja o vehiculo do som, comtudo estamos todos dias a ouvir, no roncar dos intestinos, sons que nem passam pela boca, nem pelo anus, e não obstante isso são mui perceptiveis. Vemos tambem os pombos arrulharem sem abrir o bico. Em razão daquelle estrepito ou susurro, chamaram ao agami *crepitante*, e os Hespanhoes o denominam *trompetero*.

Quando bravios, os agamis habitam as grandes florestas dos climas quentes da America, e não se chegam ás paragens descobertas, e ainda menos ás habitadas. São arrebanhadiços e procuram as terras altas; caminham e correm mais do que vôam, e são tão rapidos na carreira quanto pesados no vôo; erguem-se a pequena altura do chão, e pousam nos troncos rasteiros. Sustentam-se das fructas do matto. Escavam a terra ao pé de arvores altas, e fazem praça para pôr, porque não constroem ninho. Os ovos são quasi esphericos, maiores que os de gallinha, de côr esverdeada, e em numero de dez a dezeseis.

Estas aves não sómente se domesticam facilmente, mas até ganham affeição a quem as cria, e com tanto zelo e fidelidade como o cão. Um agami criado em casa anda adiante do dono, sae-lhe ao encontro quando o vê vir de fóra, faz-lhe festa a seu modo com demonstrações nada equivocas de alegria: conhece, e sabe avaliar tão bem as offensas como os beneficios, e repelle indignado os que o maltratam: tem particular aversão a mendigos esfarrapados, e os expulsa de casa ás bicadas nas pernas: manifesta repugnancia a certas pessoas, a qual sempre procede da figura desagradavel, ou mau cheiro dos individuos, e os trata do mesmo modo que aos rotos. Acode ao chamado do dono, e de todas as pessoas, a quem conhece e não detesta. Gosta de que lhe façam festa, e offerece a cabeça e pescoço para lhe coçarem: e quando alguem o costuma a estes affagos, vem a ser importuno. Corre ao vêr pôr a mesa, e começa a deitar fóra todos os gatos e cães, antes que peça a comida: é confiado e corajoso, e não foge; ás vezes trava-se combate entre elle e algum cão, que em sendo de mediocre tamanho é obrigado a ceder-lhe, porque elle evita muito bem as dentadas saltando, e caindo depois em cima do adversario, procurando espicaçar-lhe os olhos.

No estado da domesticidade sustentam-se como as gallinhas e perús; comem tambem carne e pão, e gostam muito de vermes e de peixes pequeninos. Os habitantes de Cayanna tem muitos, que andam pelas ruas, e acompanham muitas vezes as pessoas, que

transitam: são attreitos a darem seus passeios, mas tornam regularmente a casa dos donos. Já tem havido curiosos que os tem emmestrado em guardar e conduzir rebanhos de ovelhas.

A carne, sobre tudo a dos novos, não tem ruim gosto, porém é secca, e dura. As pennas da brilhante placa de furta-cores são lindas, e empregam-se em plumas, e enfeites.

Recopilando o que temos dito, resulta que o agami, ou trombeteiro, é de todas as aves a que tem mais instincto, e mais tendencia para a sociedade do homem; e a este respeito parece tão superior ás outras aves quanto o é o cão aos outros quadrupedes. Seria util multiplicar esta especie, aclimatal-a nos paizes temperados da Europa, e aperfeiçoar-lhe as faculdades, e o instincto.

É certo que nada demonstra mais efficazmente a distancia immensa, que vae do homem selvagem ao homem social, do que as conquistas deste no reino animal. O homem civilisado tomou o cão para seu auxiliar e companheiro; serviu-se do cavallo, do boi, do camello, do elephante, etc. Ajuntou ao redor de sua habitação as gallinhas, os patos, os perús; deu alojamento aos pombos, etc. O selvagem despresou tudo, ou para melhor dizer, nada emprehendeu neste ponto para sua utilidade, ou para diminuir a intensidade de suas precisões. Tão verdade é que o sentimento das commodidades, e até o instincto da propria conservação, mais procede da sociedade que da natureza, mais das idéas moraes que das sensações physicas.

No anno de 1562, pondo os Mouros apertado cerco á praça de Mazagão, era de ver o honrado alvoroço, com que muitos fidalgos, e cavalleiros portuguezes se offereciam, e aprompta vam, como á porfia, para ir defender aquella fortaleza. A rainha D. Catharina, que então tinha a regencia do reino por elrei D. Sebastião, seu neto, ainda menino, avaliando com o seu grande juizo esta prova de lealdade, não faltava da sua parte a animar e recompensar vassallos tão fieis; e quando tinha noticia de haver algum sido morto nos combates e assaltos, mandava consolar seus paes ou parentes, que com isto se davam por bem pagos de seus serviços, e quasi indemnisados de suas perdas. Succedeu então que a rainha mandasse um destes comprimentos a Isabel de Avellar, cujo filho, Jorge Nunes de Leão, tinha sido morto em um dos assaltos da praça. Isabel de Avellar respondeu com varonil constancia: «*que já quatro filhos seus tinham perdido a vida nas guerras da India, e agora este que ella muito amava, mas que ainda lhe ficava outro, unica consolação sua, e que o estava fazendo prestes para o mandar a Mazagão em serviço de Deus e d'elrei.*» A rainha como tão prudente e virtuosa, não consentiu neste ultimo sacrificio da honrada matrona: e indo logo um fidalgo mui valido pedir-lhe a mercê de certa propriedade da corôa, que vagára pela morte de Jorge Nunes, respondeu «*que Jorge Nunes ainda não era morto, nem o seria jámais na lembrança dos reis de Portugal*» e com isto refusou a mercê que se pretendia. O filho, que ainda ficava a Isabel de Avellar, era Duarte Nunes de Leão, bem conhecido entre nós por seus escriptos. Se o procedimento de Isabel de Avellar a faz igual ás virtuosas matronas de Lacedemonia, não é menos digna de admiração e louvor a maternal bondade, com que a rainha attendia aos serviços de seus vassallos, e os honrava, e favorecia.

Pretendendo Mahomet fazer o ultimo esforço para firmar o seu duplicado poder, legislativo e religioso, offereceu a um dos seus partidarios riquezas immensas, com promessas de repartir com elle o poder, mas debaixo da condição de consentir que o mettesse n'uma profunda cisterna, donde em occasião opportuno, e convencionada, bradasse ao povo: Deus é Deus, e Mafoma o seu propheta. — Assentiu o parvo ambicioso, e desempenhou a commissão. A impostura maravilhou o povo, que se prostrou aos pés de Mafoma; e o *honrado propheta* clamou logo sem hesitar: — «A voz de Deus nos fallou, fechemos para sempre o santuario da sua palavra.» — E dentro em poucos minutos a cisterna ficou entulhada de pedras; e o segredo sepultado com o confidente.

O *Ministro Justiceiro*. — Em tempo de elrei D. Sebastião, governando por elle sua avó a rainha D. Catharina, e sendo ministro D. Gil Eannes da Costa, aconteceu que viesse á presença do ministro um neto do grande Duarte Pacheco Pereira, com tantas mostras de pobreza e indigencia, que o excellente varão, entrado de lastima, e magoado de vêr que assim vivia quem tinha por avó um homem de tão raro merito, se foi á rainha, e depois de lhe tomar palavra de que lhe não negaria a mercê que ia pedir-lhe, disse: «Não saiba o mundo, Senhora, que o neto da verdadeira honra e gloria de Portugal é tratado de tal modo em tempo que Vossa Alteza governa este reino. Uma commenda, que está dada a meu filho, a Vossa Alteza peço, que a dô a este homem.» A rainha respondeu, que o neto de Pacheco teria uma commenda, e que o filho do ministro ficaria com a sua, mas o ministro replicou: «Meu filho, Senhora, póde esperar, porque tem que comer, e este homem não. Vossa Alteza me prometteu fazer-me a graça que eu lhe pedisse: esta lhe peço.» A rainha lh'o concedeu assim. Oh rara virtude! — Oh exemplo sem segundo!

Inteireza de um Juiz. — No tempo de elrei D. João 2.º corria em Lisboa demanda, sobre objecto de grande valor, entre elrei e o contador-mór da cidade. Um dos juizes, que haviam de julgar o pleito, era o vigario de Thomar, que depois foi bispo da Guarda, e prior de Santa Cruz de Coimbra. Os juizes sentencearam contra elrei, o qual sabendo isto, e tendo informação de que o primeiro, que votára contra elle, fôra o benemerito vigario de Thomar, mandou-o chamar á sua presença. Veiu elle, não sem algum receio; porque não conhecia bem a grande alma, e as excellentes virtudes do principe. Este porém, longe de mostrar-lhe algum desabrimento, pelo contrario lhe disse: «que sabia, que fôra elle o primeiro que dera o voto, que os outros juizes haviam seguido: que lhe louvava e agradecia esta inteireza, propria de um varão honrado, e de um juiz virtuoso: e que em prova do quanto se agradára do seu proceder, tinha já dado ordem a Antonio de Faria, para lhe dar duzentos cruzados para suas despezas.» Assim prezava D. João 2.º os actos de justiça, e assim mostrava quanto lhe era odiosa a vil adulação, maiormente quando com ella se offendesse aquella primeira e principal virtude dos grandes reis.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 — 1.º andar.

—

Lisboa — Na Imprensa Nacional.

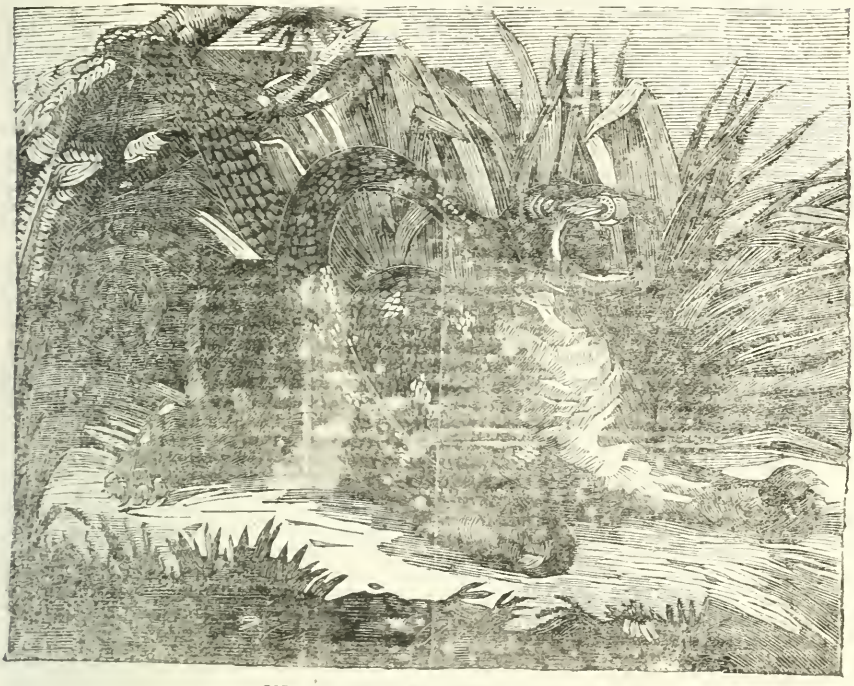
OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

22) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 30, 1837.



GIBOYA ESMAGANDO UM TIGRE.

AS GIBOYAS.

(*Boa.*)

Os *boas*, ou serpentes giboyas, são os maiores animaes da sua ordem (*ophidios* *). A este genero pertencem essas monstruosas cobras, que ás vezes chegam a trinta, e a quarenta pés de comprido, e que dizem serem capazes de devorar homens, touros, &c.

Ainda que tão enormes reptís são destituidos de veneno, a sua força, agilidade, e astucia fazem temiveis. Ou pendurados das arvores, ou escondidos n'agua, ou escondidos por entre a herva, espreitam a presa, arrojam-se a ella, e a enleiam, apertam, e machucam com suas roscas: por este modo a victima fica, como o Laocoonte de Virgilio, afogada, e moida; e assim quebrados os ossos, a podem mais facilmente engolir.

Quando o animal está inteiramente morto, a giboya o estende no chão, e depois de o cobrir com baba, começa de o tragar. Nesta especie de glutição dilata consideravelmente as queixadas, e parece que devora um corpo mais volumoso que o seu. Ás vezes é pilhado o monstro nesta penosa obra, e então é facil mata-lo; porque nem póde fugir, nem desengasgar-se. Quando engole um animal inteiro, ou parte consideravel delle, entorpece, e faz difficultosa digestão; e para que o esophago, primeiro, e depois o estomago, a completem, necessita estar immovel, e por isso se recolhe a sitios remotos até que a putrefacção amolleça a substancia animal, e os succos gastricos a macerem completamente.

Das diversas especies de giboyas mencionaremos a constringente (*boa contrictor*), a que os Francezes chamam *devin*. É das serpentes maiores, e muito notavel pelo comprimento, força, belleza das cores, e regularidade das malhas. As tribus selvagens lhe tributam culto sob varias denominações; e os Mexicanos tinham como presagios importantes os assobios mais ou menos fortes que ella dá.

O sabio naturalista Adanson viu fragmentos de uma com mais de tres palmos de circumferencia. Quando roja sobre as hervas, as esmaga, e quebra, como se fossem aplanadas pelo cylindro de jardineiro. A giboya constringente não investe o homem, e parece teme-lo; e é mui vagarosa nos movimentos. Muitas

* Os reptis de corpo escamoso, sem pés e sem orelhas. As giboyas são um genero desta ordem, e distinguem-se por terem debaixo da cauda e ventre uma só fileira de escamas circulares: a maior parte das especies não tem venenos, e algumas são d'excessiva grandeza — Quem estiver presente breves noções, que démos em o nosso N.° 2 a pag. 11. poderá bem comprehender estes termos.

vezes se acha occulta, e enroscada em espiraes, á borda dos ribeiros, á espera de presa. Nesta attitude fórma um disco de obra de dez palmos de diametro, e do centro ergue de quando em quando a cabeça para observar quem vem. Se acontece sera presa vigorosa, forceja pela arrastrar para o pé de uma arvore, e enlaçando com as mesmas voltas a victima e o tronco onde a immola, com menos fadiga lhe sujeita os movimentos, e serve-se da resistencia do lenho para lhe moer os membros.

O focinho das cobras desta especie tem sua parecença com o de um cão de caça.

A que está figurada na estampa, que acompanha este artigo, é da especie chamada giboya gigante (*boa gigas*). É a maior de todas: habita as regiões quentes da America; e não se acha no antigo continente. Tem as escamas quadradas, e ao comprimento do costado uma camada seguida de grandes malhas ovaes, de pardo mui escuro, postas transversalmente duas a duas. Na Cayanna lhe chamam *la depone*.

A industria da mineração em Hespanha.

No tempo dos Romanos a Hespanha fornecia chumbo, estanho, ferro, cobre, prata, ouro, e mercurio, ou azougue: no dominio dos Mouros continuaram activamente muitas explorações; mas quando foram expulsos para Africa, a industria da mineração quasi se aniniquilou nas mãos dos vencedores. Por occasião do descobrimento d'America, os reis d'Hespanha, para favorecer as minas do Novo-Mundo, que eram para elles manancial de mais avultadas rendas, prohibiram quasi inteiramente as explorações na Peninsula, e só ficaram trabalhando as minas de Almaden, que mandavam annualmente para o Mexico 5 a 6 mil quintaes de mercurio, necessarios para a extracção dos metaes preciosos; a producção annual d'Almaden subiu até a 18 mil quintaes, no meado do seculo passado.

Todavia as guerras que a Hespanha sustentou, já com a França, já com as colonias, tronxeram a industria mineralogica ao apuro de decadencia, em que se achava em 1820. Nesta epocha desapparceceram os regulamentos, que peavam as explorações, e que eram por tal fórma embaraçosos, que Fernando os não restabeleceu; e em 4 de Julho de 1825 a legislação das minas em Hespanha se estabeleceu conforme as principaes bases da legislação franceza.

No itinerario da recente viagem de Mr. Le Play, engenheiro de minas, lê-se o seguinte.—«A população do paiz montuoso das Alpujarras, que desde a expulsão dos Mouros vivia em profunda miseria e desmoralisação, acordou subitamente da apathia ao saber que o monopolio odioso tinha cessado, e se applicou com fervor á exploração das minas de chumbo, em que abunda o seu paiz. O resultado avantajou-se ás esperanças ainda as mais exaggeradas, poucos mezes bastaram para crear estabelecimentos a pobres camponezes, a quem favorecia o acaso; os exploradores se multiplicaram infinitamente, e de 1826 para cá mais de 3:500 minas, ou excavações importantes se pozeram em actividade nas serras de Gador e de Lugar. Antes de 1820, as fabricas reaes, unicas que tinham o privilegio de fundir os metaes, que compravam por um preço taxado pelo governo, não produziam annualmente mais do que 30 a 40 mil quintaes de chumbo. Em 1823 já montava a producção a 500 mil quintaes, e em 1827, epocha da maior prosperidade da fabrica, subia a 800 mil quintaes.

O prodigioso desenvolvimento da industria fez grande impressão. Todos pensaram acharem-se em um terreno que bastava rasga-lo para exhibir aos prescrutadores afortunados uma somma de inexhauriveis thesouros. Infelizmente a falta de intelligente direcção quasi sempre obsta ao bom exito das emprezas. A Hespanha soffreu o castigo, neste ponto, da negligencia com que tractou o impulso progressivo, que, ha trinta annos, as sciencias tem recebido na Europa!»

Porém o subito desenvolvimento da industria mineralogica no reino de Granada foi para o governo uma boa lição. Crearam-se duas escolas de mineração, uma em Madrid, outra em Almaden: mandaram-se alumnos á de Freyberg na Saxonia; e chamaram-se muitas pessoas, que desterradas por motivos politicos estudaram as sciencias e processos da industria em França, Inglaterra, Hollanda, e Allemanha.

Hoje a exploração das riquezas mineraes da Hespanha prosegue activamente, e desenvolve-se por toda a parte; como, na Andaluzia e Galliza, as minas de ferro; nas fronteiras de Portugal as de cobre de Rio-Tinto; na Mancha, em Alcaraz, as de calamina; na provincia de Jaen, e na Catalunha, as de chumbo, que se exploram apesar da concurrencia com as da serra de Gador. Nas Asturias, nas visinhanças de Oviedo, grandes bancos de carvão de pedra. Os barcos de vapor, que em 12 horas vão de Sevilha a Cadiz, fornecem-se de uma mina proxima á primeira cidade.

O TRABALHO, E OS CAPITAES.

Á proporção que se for dilatando a instrucção pelas classes inferiores da sociedade, o povo se irá desabusando das falsas idéas, que prevalecem entre os operarios, de que o trabalho manual é a unica fonte da riqueza; de que elle não é adequadamente remunerado por combinação dos ricos contra os pobres; de que o trabalho mental não é valioso; de que a prosperidade, ou riqueza, não deve ser transmittida, nem accumulada; de que o tirar interesse, ou juro, do dinheiro emprestado, ou do capital empregado é injustiça; e outras semelhantes. Convém que o povo rude, a quem taes fallacias illudem como verdades, conheça que a *instituição da sociedade politica* dimana da *protecção concedida á propriedade*, e que tal sempre tem sido, e continuará a ser o seu principal fim; que a igualdade que apparecesse hoje viria forçosamente a ser desigualdade amanhã; que o trabalho não teria applicação, nem se poria em movimento se não fossem os meios da riqueza, ou, o que é o mesmo, os capitaes; donde o trabalho vem a ser o resultado do emprego dos capitaes; que os ricos são tão necessarios aos pobres, como estes aos ricos, donde se vê que tudo na vida social é reciprocidade; que não é injustiça dar aos illustres pintores Raphael, ou Ticiano, maiores estipendios do que aos moços que móem as tintas. James Wat, que fez a applicação do vapor ás machinas, foi mais util á sociedade, e mais digno de apreço, do que quinhentos mil homens ordinarios. Se a classe trabalhadora persistisse em tão nescios pensamentos, justamente crearia inimigos naquelles que aliás seriam seus amigos razoaveis e uteis; e enganar-se-ha muito imaginando que a riqueza não tem meios, nem deliberação, para defender a sua propriedade dos ataques da injustiça, e da ignorancia.

O que um bom governo póde fazer é proporcionar a todos os meios de adquirirem conhecimentos uteis, e não pôr obstaculos ao progresso da industria, e do talento.

Que estimulo poderá haver para a industria, e frugalidade, se o homem for privado de legar os seus lucros, e economias á sua familia? Que regulação de salarios, ou estipendios, poderá estabelecer-se, se não for o voluntario contracto entre quem pertende ser

servido, e aquelle que quer servir, seja qual for a natureza do trabalho? Já se vê que as propriedades necessariamente se accumulam, e que a sua igualdade é tão chymerica, como a das physionomias; que o trabalho é um genero de permutação, e que o seu preço, como de tudo mais, é regulado pela competição de merecimento, pela necessidade da sua applicação, e por outras circumstancias.

A natureza, e os inevitaveis incidentes da sociedade, teem promovido desigualdades, que tambem são inevitaveis. É necessario que cada um de nós, em nossas relativas posições, tranquillamente se submetta ao que não póde evitar. Nem os pobres ficariam felizes por se apossarem dos bens dos ricos; porque as mesmas disputas que existiam antes da invasão das propriedades, se suscitariam na partilha do despojo; e então, ou a desigualdade daquellas se renovaria, ou a guerra seria continua. Por tanto a idéa da primitiva republica franceza foi um sónho enganoso, e prejudicial. É nossa profunda convicção que semelhante tentativa nenhum esforço, nenhuma união, por mais formidavel que seja, poderá levar a cabo.

Alguns advogados da divisão da propriedade aconselham que, por morte de qualquer membro da sociedade, seja abolido o direito exclusivo da viuva, e dos filhos, e se reparta a herança por todos os outros membros da sociedade, de idade adulta. Não hesitamos em affirmar que se tal distribuição se effectuasse dentro em pouco cessariam de haver propriedades para distribuir.

(*Extrahido das lições d'economia politica de Cooper.*)

O CARRO DA NOIVA NA ALLEMANHA.

Usava-se antigamente na Allemanha uma ceremonia nupcial, que consistia em conduzir a noiva ao seu futuro esposo, com o enxoval que trazia de dote, em um carro chamado o *carro da noiva*, e esta pratica era acompanhada, principalmente em Hesse, de ceremonias singulares, que um autor antigo descreve nos termos seguintes:

O carro tem a fórma do dos ceifadores; é amplo, guarnecido de degráos, e ornado de tiras de papel pintado: toldam-no dois grandes arcos triumphaes forrados de flores e de rama de pinheiro, cabem-lhe cinco pessoas a par, e costuma sair de casa do futuro marido para ir buscar a noiva. Na parte anterior ha uma bancada para os musicos, na qual tambem vão algumas vezes a madrinha, a quem cumpre animar a donzella, e as damas de honor.

Em chegando ao cabo do caminho apeam-se as damas de honor, sem dizerem palavra, e são introduzidas na alcova da menina, onde tomam parte n'um almoço e bebem cerveja, e vinho quente. Entretanto tocam os musicos peças alegres, e vivas; mas depois do almoço, pelo contrario, cantam algum romance mavioso, cujo assumpto é ordinariamente religioso, e dahi saem com as demais pessoas presentes, do quarto em que só fica a noiva, a qual se retira para traz do lar: então a madrinha, que tem a seu cargo apresental-a ao esposo, entra na casa, e repete tres vezes estas palavras:

«Nós vos saudamos, grandes e pequenos reunidos!
«Vimos noticiar-vos isto: trazei-nos a joven noiva,
«vossa filha, porque lhe edificámos uma casa para
«habitar durante a sua vida. Kyrie eleison!»

Depois tornam a entrar no carro com os musicos as damas de honor, que levam as cabeças descobertas, e as louras madeixas entretecidas de fitas e rosmaninho. Neste momento, as vozes e os instrumentos entoam um cantico religioso, que assim começa: «O que Deus faz é bem feito.» Depois de breve pausa continuam a cantar:

«A noiva está em casa; porque tarda em apparecer?»

Um dos cavalleiros de honra põe uma cadeira do lado direito do carro, e em breve o segue outro, que traz a roca da noiva, mimo das suas amigas, que é do estilo ser preparada no domingo antecedente ao dia do casamento, e que costuma ser enfeitada com fitas, e carregada de linho fino, ao qual se dá a figura de uma campainha. Na parte superior tem a roca enxerido um enorme ramilhete d'onde pendem doze fusos pintados.

A madrinha da noiva sae de casa levando o véo nupcial e sobe ao carro: segue-se, acompanhada de seu pai ou padrinho, a propria noiva, para a qual ha reservado um assento chamado o *assento livre*, que deve ter sido feito de proposito para a ceremonia. Em tudo estando prompto, dirige-se o padrinho aos musicos nestes termos:

«Resoem e executem novos hymnos os vossos instrumentos! Embocai a trombeta silvestre, e louvai a Deus em todas as horas!» E eis que os musicos começam a assoprar quanto podem nos seus instrumentos, em quanto o carro roda, seguido algumas vezes de outros muitos carregados de objectos que lhe pertencem. Mas esta pomposa marcha é subitamente interrompida, porque uns cavalleiros d'honra, e mancebos de cavallo, armados de brandões, emprehendem queimar a roca da noiva dentro do carro. Trava-se por tanto um conflicto para defendel-a contra os assaltos dos mesmos cavalleiros, que em tempos mais antigos procuravam arrebatar e despojar a noiva, o que dava logar a descarregarem-se de parte a parte bem puxados pescocões.

As cantilenas, e as vozes dos instrumentos recreiam a gente do noivado, até chegarem ao logar onde o esposo, cercado de amigos e cavalleiros d'honra, sae ao encontro da noiva. Ali, lançando mão d'um fuso, uma das damas de honor torce sem descontinuar tres fios com o linho da roca, e passa-os ao fuso, que deita para traz de si; um parente a cavallo dá tres voltas á roda do carro, e outro, que havia sido deputado á noiva, encaminha-se para o noivo, e recita lhe uma extensa pratica, recheada de citações da Biblia, na qual entre outras coisas, narra a historia de Tobias. Vem depois os cavalleiros d'honra comprimentar a noiva, e o carro se dirige á casa conjugal, saudada com festivaes applausos. Apea-se o noivo do cavallo ao chegar á porta, e em quanto os musicos tocam uma peça religiosa acompanhada de vozes feminis, vai buscar uma cadeira, e depõe-na á direita do carro, para ajudar a noiva a apear-se, e passados alguns instantes, tendo ambos trocado as vestes nupciaes, as fitas, e as corôas, por mais singelos vestidos, dirigem-se á igreja com os musicos e as demais pessoas do noivado, onde recebem as benções matrimoniaes.

O VESTUARIO SINGULAR.

Mr. de Louvois tinha sempre sido uma cabecinha de vento. Achando-se em Porest aos 18 annos d'idade carregado de dividas, e sem real, escreveu a seu pai para ver se lhe pilhava mais algum dinheiro, porém como não recebesse resposta, desfez-se de todo o seu fato para ter com que fizesse a jornada, e ficando apenas com um unico traste da sua guarda-roupa, que era um fraque velho já sem pello, poz-se a caminho para a quinta de Louvois, onde o marquez de Souvré, seu pai, o recebeu com cara de ferreiro. Não se atreveu Mr. de Louvois a repetir o seu peditorio nos primeiros dias, porém como Mr. de Souvré lhe dissesse

uma tarde que no seguinte dia viriam jantar no seu palacio certas senhoras das mais respeitaveis da visinhança, e accrescentasse: espero que vos resolvais a despir essa borjaca de viagem, e a vestir-vos com decencia. Mr. de Louvois, sem cair em dizer-lhe que não tinha mais que o vestido que trazia em cima do corpo, declarou-lhe que não trouxera senão o seu fato velho, mas que desejava fazer um vestuario novo, e aproveitou logo esta occasião para pedir dinheiro. Negou-lh'o Mr. Souvré com um modo tão desabrido, que Mr. de Louvois, perdendo todas as esperanças, não ousou atalmar, e contentou-se com responder-lhe que appareceria com outro vestido. Ora, havia na alcova em que elle dormia um panno de raz velho com grandes figuras. Mr. de Louvois corta-lhe um pedaço que representava Reinaldo e Armida, manda chamar a toda a pressa o alfaiate da aldeia, e determina-lhe que lhe faça daquella tapeçaria uma casaca, calções, e vestia; que perca a noite, e que sem falta lhe traga tudo prompto pela manhã muito cedo. O alfaiate, para dar alguma regularidade a esta obra singular, fez as mangas dos dois braços de Armida, e nas costas da casaca arranjou a cabeça de Reinaldo, ornada d'um elegante capacete; duas cachinhas de amorinhos, e os fragmentos d'um escudo compunham o resto do vestido, com que Mr. de Louvois se paramentou saltando de contente. Ataviado por este bom gosto no mez de Julho esperou impaciente no seu quarto a chegada da companhia, e logo que sentiu rodar as carruagens no pátio, desceu velozmente a escada, apesar do pasmoso peso da sua armadura, para ajudar a apear as senhoras, o que fez com toda a seriedade, e com a maior naturalidade e singeleza. Em quanto as visitas cheias de espanto interrogavam debalde Mr. de Louvois, que com o garbo d'um triumphador conduzia as senhoras para o salão, chegou Mr. de Souvré. Ao ver seu filho ornado com os despojos da sua alcova, deu dois passos para traz, e em tom colerico lhe perguntou o motivo de semelhante extravagancia.

Meu pae, respondeu Mr. de Louvois, vós me tinheis mandado apparecer hoje com vestido de novo, e como não tinha á minha disposição senão este panno, vi-me obrigado a aproveita-lo para obedecer-vos.

HABITAÇÃO DOS PURIS.

OS INDIOS PURIS.

O paiz plano, e cuberto de florestas, ao norte do rio Parahiba no Brazil, é habitado por uma tribu de Indios conhecidos pelo nome de Puris. A seguinte relação de seu modo de viver em seus bosques naiaes é abreviada das Viagens do Principe Maximiliano, que visitou o Brazil pelo anno de 1818.

«Tendo mandado um mensageiro aos bosques para annunciar a minha intenção de os visitar (diz o principe), cinco homens, e tres ou quatro mulheres com seus filhos acceitaram o convite, e nos sairam ao encontro. Eram todos baixos, não tinham mais de quarenta e cinco pollegadas: muitos de robusto corpo, e bem proporcionados. Vinham nús, excepto poucos, que traziam lenços á roda da cintura, ou calções curtos, que alcançaram dos Portuguezes. Alguns traziam as cabeças tosquiadas, outros tinham o cabello, que era basto e côr de carvão, cortado sobre a testa, e o resto pendente em madeixas pelas costas abaixo. Em geral elles tem pouca barba. Usam trazer ao pescoço ramaes de bagas pretas muito duras enfiadas, de que penduram os dentes caninos de macacos, de onças, e de gatos bravos. Os homens andam armados de arcos e flechas, que trocam, bem como todos os demais utensilios seus, por bugiarias e avelorios. Manifesta-

mos-lhes nosso desejo d'entrarmos em seus bosques se nos tratassem bem: convieram nisto; e no dia seguinte penetrámos pela floresta em companhia dos Indios, que outra vez nos vieram esperar; achámos a horda inteira sobre a relva. O grupo destas figuras morenas, e núas, apresentava um singular espectaculo; homens, mulheres, e creanças, tudo estava de mistura, e nos contemplavam entre curiosos, e timidos. Todos se adornam o mais que podem; e alguns dos homens trazem como enfeite pelles de macacos enroladas á roda da cabeça. Muitos se pintam com malhas encarnadas, e alguns com listas na testa, e faces: outros com faxas pretas ao comprido por todo o corpo, e com riscos atravessados, e salpicos nos intervallos. Muitas creanças são todas matisadas de malhas como os leopardos. Esta pintura parece ser arbitraria, e regulada unicamente pelo gosto do individuo. As mulheres ligam os pulsos e outras juntas com cordões d'entrecasco d'arvores, para adelgaçarem, e tambem por via de enfeite. Ellas carregam nas suas excursões com os filhos pequenos, e suas provisões em cabazes.

O arco dos Puris tem nove palmos, e mais; é polido, e fabricado do lenho rijo, e escuro, de uma casta de palmeira. As frechas tem pouco menos do comprimento do arco, e são feitas de certa canna forte e nodosa, empennadas n'uma ponta com pennas de lindissimas cores.

Satisfeita a nossa curiosidade de observar esta pobre gente, lhes pedimos nos levassem a ver suas habitações: toda a tropa se poz a caminho, e nós os seguimos a cavallo. Fomos parar a um valle, e ao cabo delle entrámos por uma estreita vereda, e subitamente viemos ao sitio de suas cabanas, que são em verdade as mais simplices do mundo. Compoem-se de uma rede de dormir, suspensa entre dois troncos de arvores fronteiras; por cima corre parallelamente uma vara amarrada pelas pontas aos mesmos troncos com certa corda, que fabricam de uma grande especie de corriolas, ou campainhas, esta vara serve para encostar a barlavento, obliquamente, palmas de vastas dimensões, que forram por dentro com folhas de bananeira; e eis-aqui completo o domicilio. Ali ao pé fazem uma pequena fogueira, e proximo desta estão espalhadas algumas cabaças, varias bugiarias d'enfeites, cannas para frechas, pennachos, e provisões, como bananas, e outros fructos. Os arcos e settas estão arrimados a uma arvore.

O lume é uma das primeiras necessidades da vida para todas as tribus brazileiras, e por isso o mantém constantemente em as noites, não só para o terem prompto, como pela vantagem de afugentar as feras.

Alguns tem asseverado que estes povos eram cannibaes, e devoravam os seus defuntos em demonstração de affecto; porém é certo que de taes costumes hoje não resta o menor vestigio.

Vendem grandes ballotes de cera, que recolhem quando andam á pesquiza do mel silvestre, e tambem fabricam della umas tochas, que ardem muito bem. Estimam sobremaneira uma navalha, que trazem pendurada d'um cordel; as mais das vezes é um pedaço de ferro aguçado em pedras.

Alguns escriptores negam a estas tribus americanas as idéas religiosas, mas em todas as que visitei encontrei provas evidentes de uma crença qualquer. Os selvagens brazilicos creem na existencia de entes poderosos, reputando o principal o trovão, a que chamam typa, ou tupan. Muitos delles teem uma idéa confusa do diluvio universal.»

Os Puris tem uns *pajés*, que são uma casta de feiticeiros que existem com diversos nomes em todas as hordas primitivas. Dizemos feiticeiros, porque os selvagens assim os reputam: são os seus padres e medicos a um tempo, e os advinhos, que predizem a sorte das emprezas da tribu, que fazem os conjuros, e outras macaquices muito usuaes entre estes barbaros.

Os vinculos de familia são mui relaxados nesta tribu. Raro se intromette o chefe em desavenças domesticas. Não ha precedencia entre o primogenito e os outros irmãos; e quasi nenhuma differença de paes a filhos. Em suas guerras o general é o melhor caçador, o que matou mais jaguares (onças do Brazil).

Qualquer toma as mulheres, que lhe convém, ou que póde sustentar; e as abandona quando lhe dá na cabeça: mas não obstante esta indefinida tolerancia, ha consideravel numero de monogamos. As mulheres chegam muito cedo á maternidade: é frequente ver raparigas de vinte annos com quatro filhos, mas poucas passam deste numero. A celebração do matrimonio exige poucas formalidades. O noivo dá aos paes da moça um pequeno presente, e leva a noiva para casa.

Os homens só se occupam na caça; e os trabalhos caseiros, e de sua tenue agricultura estão a cargo das mulheres. A injusta repartição do trabalho é circunstancia geralmente notada em todas as nações americanas dos sertões.

Como estes Indios vivem regularissimamente, de raro adoecem, e chegam de ordinario a mui avançada idade. Quando se sentem indispostos accendem um grande fogo ao pé da cabana, deitam-se na maca, e esperam. Se peoram, chama-se o *pajé*, que lhe dá umas fumigações, ou certas fricções com hervas escolhidas, ou simplesmente com a saliva: tambem costumam sangrar-se.

Quando morre algum o enterram na barraca, que fica abandonada, se o defunto era já adulto. Embrulham o corpo em grosseiros pannos de algodão, e o lançam á terra, em cima da qual vem homens e mulheres fazer uma pateada, exhalando gritos, e lamentos. Até recitam, ao que parece, uma especie de oração funebre. Já se vê que este povo não é inteiramente destituido de ritual.

Particularidades relativas ás cores.

Promettemos no decimo numero deste periodico entrar em mais algumas particularidades ácerca dos interessantes phenomenos que se observam a certas distancias nos objectos corados, e desempenhando agora a promessa quanto cabe em tão curto espaço apresentaremos, sobre uma descoberta susceptivel de numerosas applicações ás artes, algumas idéas expendidas nas lições do professor Chevreul, o qual pretendia consagrar a este assumpto uma obra especial, que já deve ter saido á luz, onde sem duvida acharão os leitores, desejosos de se instruirem neste ramo da optica, tudo quanto possam desejar.

Ha uma experiencia curiosa que todos podem repetir, e é esta: Fitai os olhos por alguns momentos n'um quadrado vermelho posto em cima de papel branco, e dentro em pouco o vereis guarnecido de um ourela de côr *verde desmaiada*, e se depois de ter demorado a vista largo espaço sobre este objecto, a lançardes sobre outro fundo branco posto a alguma distancia, enxergareis em cima deste um quadrado da mesma grandeza do *vermelho*, porém de côr *verde pallida*.

Por tanto o olho quando acabar de soffrer a sensação do vermelho apprecia de uma maneira particular os objectos corados, que se lhe apresentam, e lhes sobrepoem a côr verde; reciprocamente, se em primeiro logar se fita n'um objecto verde, sobrepôr-

lhe-ha a côr encarnada. Dá-se o nome a estas duas cores de *complementarias* uma da outra.

Esta propriedade não está sómente provada pelo que respeita ao verde, tanto assim que com o auxilio de experiencias exactissimas formou-se o quadro seguinte:

Verde azulado — Complemento — Vermelho.
Rôxo..... Amarello levemente esverdinhado.
Azul.... ..... Alaranjado.
Anilado..... Amarello levemente alaranjado.

Duas cores complementarias teem tambem a propriedade de formar a branca quando as misturam.

Passemos agora aos phenomenos que receberam de Mr. Chevreul o nome de *contrastes simultaneos*.

Se olhardes ao mesmo tempo *(simultaneamente)* para duas tiras de panno ou de papel de differentes cores postas uma a par da outra, reconhecereis nos tons e gradações das cores, modificações que serão mais ou menos sensiveis, conforme for a delicadeza do olho que as appreciar, e a natureza mesma das cores. Todas as modificações dependem desta lei achada por Mr. Chevreul, *que quando o olho soffre simultaneamente a impressão de duas cores que estão em contacto as vê o mais dissimilhantes que é possivel.*

Illustremos esta theoria.—Tomai dois vélos de lã *CC'* tintos de carmesim escuro e perfeitamente identicos; tomai outros dois *cc'* tintos do mesmo carmim, porém fraco, e tambem perfeitamente identicos: ponde-os pela ordem seguinte em cima d'uma mesa, a saber *C*... *C' c'*... *c* de modo que *C'* e *c'* fiquem em contacto, e vereis claramente que *C'* é mais escuro do que *C*, e pelo contrario que *c'* é mais claro que *c*. Assim quando uma côr mais escura é posta ao pé d'outra mais clara, a escura augmenta de intensidade, e a clara enfraquece, isto é, segundo a lei acima enunciada, *a differença da intensidade das cores augmenta pela sua juxta-posição.* Esta experiencia é muito concludente, e se em quanto o olho está fito nos quatro vélos, o demonstrador tomando por exemplo *C* e *C'* os muda reciprocamente de logar, percebe-se durante o transporte a modificação de intensides que se effectua entre os dois carmesins, e vê-se *C* e *C'* parecerem identicos, e depois este mais intenso do que aquelle.

Eis-aqui outra experiencia que está ao alcance de maior numero de pessoas, e que mostra o facto precedente d'uma maneira ainda mais distincta.—Dividi uma folha de papel em tiras iguaes 1, 2, 3, etc.;

a	*b*	*c*	*d*	*e*	*f*	*g*	*h*	*i*	*j*
1		2		3		4		5	
a	*b*	*c*	*d*	*e*	*f*	*g*	*h*	*i*	*j*

dai em toda ella uma aguada de tinta da China, e quando esta estiver enxuta, segunda aguada exceptuando a tira 1, depois terceira reservando as tiras 1 e 2, etc., e tereis uma serie de tiras cujas cores vão, a começar da primeira, sendo successivamente mais escuras; porém se vos puzerdes a alguma distancia vereis que cada tira em vez de apresentar uma côr egual, apresenta duas gradações muito distinctas: a tira 4, por exemplo, parecerá mais escura ao longo do listão *gg*, e mais clara no listão *hh* do que realmente é. Recordemo-nos com effeito da lei acima enunciada, em virtude da qual, e por ser a tira numero 4 mais escura do que a numero 3, deve o listão *gg* augmentar de intensidade, visto estar a par do listão *ff*. Pela mesma razão sendo a tira 4 mais clara do que a 5, deve a lista *hh* diminuir de intensidade a par da lista *ii*, e parecerem de cores differentes as listas *gg* e *hh*.

Se quizerdes ver as tiras de uma só côr, basta que tapeis com outras de papel branco as tiras 3 e 5.

Vejamos agora o que aconteceria se puzessemos o amarello ao pé do alaranjado, o verde junto ao rôxo, etc. A lei já exposta, *quando o olho soffre simultaneamente a impressão de duas cores que estão em contacto as vê o mais dissimilhantes que é possivel*, nos ensinaria a fazer o resultado; mas para fugirmos ao peso da linguagem scientifica nas explicações chamamos em nosso auxilio a dos pintores, que admittem na pratica tres cores simples, o *vermelho*, o *amarello*, e o *azul*, com as quaes compoem as outras, isto é, que fazem o alaranjado de vermelho e amarello, o verde de amarello e azul, o anilado e o rôxo de azul e encarnado em differentes proporções.

Se puzermos em juxta-posição uma tira verde e outra rôxa, como o verde é composto de azul e amarello, e o rôxo de vermelho e azul, teem estas duas cores um elemento commum, que é o azul, e por tanto é claro que a dissimilhança entre o rôxo e o verde augmentará á custa do enfraquecimento do dito elemento. Com effeito, acontece que perdendo o verde e o rôxo o seu azul parecem aquelle mais amarello, e este mais vermelho.

Notar-se-hão effeitos semelhantes em todos os grupos de duas cores compostas que tiverem uma côr simples por elemento commum; assim postos em juxta-posição o alaranjado e o verde, parecerá o primeiro mais vermelho e o segundo mais azul, porque cada um delles perderá certa porção do seu amarello.

Ponham-se agora em contacto as cores vermelha e rôxa; que o rôxo perderá parte do seu vermelho é facil de advinhar á vista do que fica exposto, mas que o vermelho adquirirá certa porção de amarello é o que carece de explicação. Todavia facilmente atinará com a razão deste phenomeno quem estiver lembrado de que o rôxo é côr complementaria do amarello; ora entre duas côres complementarias não existe elemento commum, e por conseguinte estão no estado da maior dissimilhança possivel; assim no caso proposto o vermelho tomará amarello para ficar ainda mais dissimilhante do rôxo.

O resultado será o mesmo se se puzerem em juxta-posição uma côr composta e outra simples que entre na composta. Assim entre o alaranjado e o vermelho, o alaranjado faz-se mais amarello, e o vermelho toma o azul complementario do alaranjado. Da mesma forma entre o rôxo escuro, o rôxo larga o azul, e parece mais vermelho, e o azul toma o amarello complementario do roxo. Esta ultima combinação de cores é desagradavel, e a juxta-posição as faz parecer como desbotadas pelo sol.

Os exemplos precedentes bastam para fazer comprehender a lei dos *contrastes simultaneos*. N'um ultimo artigo trataremos das applicações de que estes resultados são susceptiveis nas artes.

COSTUMES HESPANHOES.

Os Maragatos.

Os Maragatos, tribu distincta dos povos visinhos pelo seu caracter, usos, e costumes, occupam as montanhas de Astorga na Castella a Velha, formam sociedade á parte, e olham com profundo despreso para tudo que lhes é estranho. Quasi todos elles são *arrici-*

tos, isto é, almocreves, e posto que sejam francos e dotados de reconhecida probidade, são graves e taciturnos, e jámais cantam nas estradas quando conduzem as mulas. Ainda que fortes e vigorosos, são enxutos de carnes, e magros de rosto. As mulheres desta raça são robustas e de animo provado.

Esta pequena tribu tem sido alvo de muitas discussões na Hespanha, porém nada se sabe com certeza ácerca da sua origem, cuja remota antiguidade attesta o afferro aos seus particulares costumes e hereditarias occupações. Refere o historiador Mariana, que D. Affonso, rei de Leão, que reinava no meado do oitavo seculo, houve de uma barregã de humilde nascimento um bastardo, por nome Mauregato. Por morte de Affonso, passou a corôa a Affonso 2.º, seu neto; porém Mauregito apesar do seu illegitimo nascimento allegou ter direito ao throno, e aspirou á herança paterna. Achando-se á frente d'um partido que conseguíra formar, como não se julgasse com sufficientes forças para sustentar a sua pretenção com as armas na mão, recorreu aos Mouros, e obrigou-se a pagar-lhes, se o assistissem na empreza, um tributo annual de cincoenta donzellas nobres, e outras tantas de baixa condição. Debaixo de taes condições lhe enviou Abderraman, rei de Cordova, soccorros consideraveis.

Não tinha Affonso forças para oppôr á torrente dos barbaros, e por isso, desamparando a capital, foi refugiar-se nas montanhas da Biscaya, entre tanto que Mauregato subia ao throno, que occupou perto de seis annos. Durante o seu reinado cedeu muitas terras e praças aos Mouros, que o mantinham na posse da usurpada soberania.

Querem alguns que os Maragatos actuaes sejam os descendentes dos ajudadores mahometanos daquelle usurpador; mas esta opinião quasi que não tem outro fundamento senão a mera semelhança dos nomes, pois não se funda em monumento algum historico; apenas as mulheres conservam em seu trajar vestigios do vestuario mouriscó. É este trajo inteiramente original, e não consente a minima semelhança com os modos de vestir dos Hespanhoes, porque trazem na cabeça uma especie de chapeos brancos, que muito se parecem na côr e feitio com os de que usam as Mouras. Costumam pintar os cabellos, que, separados em duas porções na testa, lhes pendem sobre as faces, ornar as orelhas de enormes argolas, e enfeitar-se com rosarios de coral, que lhes cíem sobre o peito á maneira de collares, em que trazem pendurados centos de medalhas de prata, e de imagens de sanctos. Os seus vestidos são de cores escuras, abotoados desde cima até abaixo, e teem mangas largas e abertas pela parte de traz.

Os homens usam de chapeos pyramidaes, de jaquetas apertadas ao corpo por meio de cintos, e largas calças atadas nos joelhos, mas que chegam até meio perna abaixo da liga. Um collar encarnado lhes cobre a garganta, e umas polainas de panno abotoadas completam o vestuario quasi semelhante aos que representam algumas medalhas desconhecidas da peninsula iberica, e das quaes entre outras, existe uma, que dizem ser celtiberica, em que se vê gravada a effigie d'um cavalleiro exactamente vestido como um Maragato moderno. Pretendem os antiquarios que este monumento seja coevo do dominio carthaginez.

Vivem os Maragatos dispersos em aldeias, confederadas em virtude de uma especie de tracto tacito, e sujeitas a regras fixas, que nenhuma deixa de observar. Se alguns delles infringisse os usos e costumes da sociedade della seria expulso. Não casam senão com pessoas da mesma tribu, e logo que uma rapariga é promettida não póde fallar com outro rapaz que não seja o seu noivo, sob pena de lhe ser imposta uma multa, que é ordinariamente paga em vinho. Todos os mancebos a perseguem para a fazer cair no laço, obrigando-a á força de importunas diligencias a travar conversação com elles. As mulheres depois de casadas deixam de pintar os cabellos, e em quanto os seus maridos se occupam no seu trafico, e em correr com as mulas pelos montes da Galliza, dão-se aos trabalhos da agricultura, e aos cuidados domesticos.

Esta tribu poderia viver na abundancia, por ser composta de homens activos e industriosos, porém como poucas precisões conhecem, creem ser mais christão viverem na pobreza. Parece que os Maragatos são o typo daquelles despiedados almocreves com que o famoso D. Quichote, na engenhosa ficção de Cervantes, teve por mal de seus peccados um funesto encontro de que saiu, segundo o seu costume, com as costellas amolgadas.

Os costumes maragatos se vão modificando de dia em dia, e o curso dos seculos, e o contacto dos homens lhes teem já tirado grande parte da primitiva originalidade. O trajo das mulheres tem, com especialidade, soffrido notaveis alterações, e póde prever-se o dia em que passando por cima desta raça esquecida o grande nivel da civilisação, ella ficara confundida com os seus visinhos.

OS ANÕES.

Em uma das sessões da Academia de Paris, deste anno, foi apresentado um anão por nome Mathias Gullias, de idade de vinte e dois annos. É filho de pais bem apessoados, e deixou de crescer aos cinco annos. Tem cabeça volumosa, figura expressiva e regular, e não tem apparencia de corcha; a cabeça do peito é dilatada e bem desenvolvida, a columna vertebral direita; e as pernas, e os braços proporcionados á sua estatura de 4 palmos e meio de alto.

Os mais antigos autores fallam de anões, e até admittiam povoações inteiras delles nas regiões mais aridas da Africa. Mas esta hypothese carece de fundamento; e a existencia dos Troglodytas na Abyssinia é tão digna de credito como a dos Pygmeus, que liziam os Gregos andavam sempre em guerra com os grous, que lhes devastavam as searas. Fazendo porém abstracção destas nações imaginarias, e de algumas outras especies, como de um poeta chamado Philetas, tão pequeno, e tão leve, que era necessario pôr-lhe solas de chumbo no calçado para o vento o não derribar, é pelo menos incontestavel que a antiguidade conheceu muitos anões. Marco Antonio, um dos Triumviros, tinha em casa um de tres palmos de altura. Domiciano juntou quantidade delles, de que pretendia compôr um troço de gladiadores. Na conquista do Mexico, os Hespanhoes acharam bastantes no palacio de Montezuma, que este principe conservava para seu divertimento. Quando a moda dos bobos do paço caiu em desuso na Europa, pelos fins do 16.º seculo, adquiriram os anões o triste privilegio de os substituir. Catharina de Medicis reuniu alguns de ambos os sexos, e os casou, porém estes matrimonios foram quasi sempre estereis.

Os jornaes inglezes deste anno annunciaram o nascimento em Londres de um anão de 13 pollegadas, e que pesava vinte onças. Mas apesar de nascer em praso regular, e de ser perfeita a configuração externa, não viveu mais de uma hora. Este facto é sobretudo notavel pela estatura dos pais, porque longe de ser ordinaria, como acontece com todos os que geram anões, os progenitores daquella creança, Dom San-

ctiago de los Santos e sua mulher Anna Hopkins, tambem são anões. Dom Sanctiago é filho de Manilha: tinha sido exposto n'um matto, o vice rei andando á caça o viu, compadeceu-se delle, e o salvou. Tem 25 pollegadas de alto, e de idade quarenta annos. Em Birmingham travou conhecimento com a mulher, com quem está casado, que tem 31 annos, e é mais alta treze pollegadas. Amaram-se logo que se viram, e a sua união celebrou-se nesta cidade em 14 de Julho de 1832. Dom Sanctiago é dotado de boa constituição; falla muitas linguas; e é apaixonado pela musica, e artefactos de ourives. Sua habitual bebida é agua quente; só nos dias de festa toma uma pinga de vinho. Sua mulher é de gentil figura. Em summa é um par completo.

O estado de anão póde ser temporario. O sabio Virey refere a historia de um rapaz anão, que chegando á idade de quinze annos se desenvolveu rapidamente, e não tardou a ter a altura de sete palmos e meio. Outras vezes, individuos, que nasceram com as dimensões normaes, param cedo no seu crescimento geral, e ficam toda a sua vida inferiores á estatura de adultos. Finalmente creanças notaveis pela extrema pequenez, logo que sáem á luz do mundo, são anões em todos os periodos da sua existencia. Estes tres generos abrangem todas as anomalias de diminuição de estatura.

Os anões em geral são irasciveis, e turbulentos. A circulação, e as outras funcções vitaes effectuam-se nestes corpos com maior rapidez, porque o giro, e o espaço é mais circumscripto, e mais cedo se avelhentam. Alguns morrem caducos, e enfermos aos vinte e cinco annos; porém muitos seguem longa carreira, e conservam boa saude até muito avançada idade. Uns, como o celebre Bebé, são quasi idiotas; outros, como Borwilaski, fidalgo polaco, mostram ao contrario uma intelligencia pouco vulgar. Jeffery Hudjon, favorito de Henriqueta de França, rainha d'Inglaterra, deu provas de coragem: n'uma disputa, que teve com um chamado Croft, não temeu desafia-lo. O desafio foi de pistola, e acavallo; e Croft morreu ao primeiro tiro. Este anão figura no romance historico de Walter Scott, intitulado, *Peveril of Peak*.

Mathias Gullias, de que acima fallámos, tem talento, falla cinco linguas; monta a cavallo, atira bem, e conversa agradavelmente.

APROVEITAR PARA TER.

Parabola.

Proseguia seu caminho para uma povoação um derviche acompanhado de outro, proselyto ainda novato; descobriu na estrada o que que era luzidio: era uma ferradura partida; disse ao seu companheiro que a apanhasse, mas este que ía todo embebido em idéas da grandeza, e importancia do seu novo estado, sonhando com a veneração, que lhe tributariam os fieis crentes, não esteve para se abaixar a ninharias, e fez ouvidos de mercador.

O derviche apanhou o pedaço de ferro, e calou-se: á entrada do logar estava um ferreiro, e vendeu-lh'o por alguns tantos réis. Logo mais adiante era o mercado, viu á venda formosas ameixas maduras, e comprou dellas aquelle dinheiro, e as metteu na saccola. Não pousaram na villa; e o caminho, que levavam ía por meio de campinas sem arvores, nem casas, inteiramente destituido de sombra: era na maior força do dia, o sol queimava, e por maior desventura o sitio era arido; dar-se-ía a bolsa mais rechecada por um copo d'agua. O derviche velho, que sempre ía adiante, puxou das ameixas, comeu, e, como por descuido, deixou cair uma: o noviço, que o seguia, abaixou-se logo a colhe-la, com tanta pressa como se fosse um pomo d'ouro do jardim das Hesperides. Aquella ameixa o refrescou. Dahi a pouco o velho tornou a deixar cair outra ameixa, que tambem não ficou na estrada. Assim por intervallos foi obrigando o seu discipulo a dobrar-se para apanhar as ameixas, que lhe largava, até que voltando-se para elle lhe disse: mancebo, se te tivesses abaixado quando convinha, comerias agora as tuas ameixas mais commodamente; quem despreza as coisas tenues arrisca-se a ter depois muito trabalho por coisas ainda menos importantes.

Aconteceu vir um amigo do grande artista Miguel Angelo visita-lo quando estava concluindo uma estatua. Passado tempo segundo a visita, e vendo-o trabalhar na mesma estatua, disse-lhe: — Nada tendes adiantado desde a vez ultima que vos visitei? — Enganais-vos; — retoquei esta parte, poli aquella; fiz sobresair mais este musculo, dei mais expressão a este beiço, mais energia a este braço. — Bem! bem! mas isso são bagatellas. — É verdade; mas *lembrai-vos que se não hão-de despresar as bagatellas para conseguir a perfeição; e a perfeição não é bagatella.*

Extincção dos mosquitos.—Ha um meio excellente para acabar com estes insectos, em qualquer parte que os haja. — Accenda-se um fogareiro, e deite-se no lume um punhado da farinha de mandioca, chamada farinha de páu. O fumo della fará desapparecer inteiramente os mosquitos.

Meio de afastar as formigas do pé das arvores.— Este meio cuja infallibilidade assim como a do precedente, é affiançada por C. A. Dubois que o puzera em pratica sempre com feliz resultado, consiste em semear violas junto dos pés das arvores, as quaes devem ser regadas a miudo no primeiro anno. Arranquem-se as violas no anno seguinte, e as formigas não tornarão a apparecer no pé das arvores.

Outra receita para o mesmo fim. — Desfaça-se fuligem de forno em um copo de oleo de linhaça, e applique-se esta mistura sobre a arvore ou planta que se pretender preservar.

O autor desta receita, que fazendo-a publicar n'um jornal estrangeiro, affirma ter sido coroada por um optimo resultado, accrescenta que até se conseguiu afastar as formigas dos cortiços, untando com esta mistura os buracos por onde ellas se introduzem. Tambem diz que este processo simplicissimo poderia ser applicado á destruição dos persevejos.

Em todo o caso, como qualquer dellas não exige grandes gastos, nem depende de complicadas operações, mui proveitoso seria o pô-las em pratica, para que, se a experiencia confirmasse a sua bondade, podessem ser affoutamente recommendadas, e adoptadas por todos os cultivadores.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N°. 55=1.° andar.

Lisboa — Na Imprensa Nacional.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

23) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 7, 1837.

MERCADO DE COS.

ILHA DE CÓS, OU STANCHO.

Esta ilha é uma das importantes do Archipelago da Grecia, e seria a mais fertil se fosse bem cultivada. Tem 10 legoas de comprido por 4 de largo: a ponta mais ao norte apenas dista 4 milhas inglezas da costa d'Anatolia.

A moderna cidade é pobre e miseravel; repetidos terremotos, e inundações, até já neste seculo, a tem arruinado. Mas não tanto aos insultos da natureza como ao pessimo governo dos turcos deveremos attribuir o estado lastimoso, a que chegou. As ruas são estreitas, mal calçadas, e immundas; e raras casas teem vidraças. Depois da revolução contra os turcos em logar de melhorar tem peiorado.

Esta ilha, que hoje se denomina Stancho, foi muito conhecida na antiguidade com o nome de Cós, não só pela bondade do seu territorio, como por ter sido a patria de dois homens celebres, cujos nomes ainda hoje designam a excellencia por antonomasia, em suas respectivas profissões. Foi um Hippocrates, o pai da medicina, e outro o insigne pintor Apelles. O primeiro floreceu pelos fins do quinto seculo antes da era christãa; e o segundo viveu depois, no tempo de Alexandre Magno.

Os antigos habitantes assentavam que a sua ilha era consagrada ao deus da Medicina, Asclepios, segundo lhe chamavam os Gregos, ou Esculapio, conforme os Romanos e nós (seguindo estes) lhe chamámos. Nos suburbios da cidade de Cós havia um templo dedicado áquella divindade, do qual hoje nenhuns vestigios restam. Estrabão o menciona como excessivamente notavel, e muito abundante em offertas, e promessas; porque os pagãos usavam muito offerecer donativos aos numes, que pertendiam lhes fossem propicios, e os soccorressem; e penduravam nas columnas e paredes de seus templos votos, como á sua imitação praticam os christãos, isto é, figuras, e paineis com inscripções, que referiam o perigo ou desastre, de que escaparam. Os maritimos salvos de algum naufragio penduravam no templo de Neptuno os vestidos molhados com a *tabula votiva*, como diz Horacio, representando, e descrevendo as circumstancias do perigo. Por esta razão o templo de Esculapio, que era reverenciado como deus da saúde, e da arte de curar, abundava em riquissimas offertas, e innumeraveis testimunhos de casos da recuperação da saúde dos devotos, a quem a natureza, ou o facultativo fez o milagre, e o idolo extorquiu a remuneração.

Permittiam aos doentes dormir debaixo do portico, e no interior do templo, e suppunham que em sonhos lhes communicava o nume os remedios, que fariam para recobrar a saude. As inscripções, que acompanhavam os votos, ou milagres, faziam sempre menção dos remedios. Diz se que Hippocrates, colligindo a totalidade dos casos, que se liam no famoso templo da sua patria, os aproveitára para converter em regras fixas a prática da arte de curar. Plinio refere que elle as copiára, e que depois tendo-se queimado o templo, instituíra com taes bases o systema da medicina clinica, ou prática. Por tanto esta sciencia derivou se do mero empyrismo aproveitado, e posto em ordem por um talento extraordinario.

Ainda permanece uma recordação curiosa d'aquelle homem illustre em seu paiz natal: a tres milhas distante da praia existe uma fonte, chamada de Hippocrates, que abastece d'agua a cidade de Cós. É uma caverna, para onde se entra por uma passagem arqueada, que dá serventia para um quarto d'abobada, com uma abertura no alto, donde recebe ar, e luz, da superficie da montanha, em que é feita esta excavação. A agua é quente na nascença, parece terrea, e jorra com força para um tanque pequeno: vem para a cidade por um encanamento coberto de telha, e pedra; corre com rapidez, e quando chega ao chafariz é fria, e fresca.

O objecto mais notavel, que ha em toda a ilha, é a praça do mercado na cidade com o seu afamado plátano, como representa a nossa gravura. Aquella arvore passa por ser a maior do mundo na sua especie. Turner, que a viu em 1815, achou que tinha o tronco 50 palmos em circumferencia, e que os ramos se estendem da extremidade de um lado á do lado opposto, obra de 37 passos geometricos. Segundo o Dr. Clarke esta grande arvore cobre com a sua folhagem mais de quarenta lojas, ou tendas; um ramo enorme, que chegava quasi ao mar, caiu; e esta perda diminuiu consideravelmente o effeito da belleza, e tamanho prodigioso d'este gigante vegetal; mas ainda assim causa assombro, estendendo horisontalmente a prodigiosa distancia os outros ramos, que são espécados com pilares de granito, e de marmore, tirado da mesma ilha, e que estão postos ha tanto tempo, que ja a cortiça crescendo encabeçou n'elles.

O melhor edificio da cidade é o castello antigo; está situado na ponta occidental, é bello, e vasto, posto que de pouca importancia, por ter pouca artilheria, e essa desmontada, e em ma ordem.

O porto (ou, para mais correctamente fallarmos, os restos d'elle) jaz ao occidente do castello. É de fórma circular com o diametro de um oitavo de milha. Na antiguidade recebia grandes embarcações, mas hoje está muito entulhado, e tão estreito que só entram as canoas, e pequenos barcos de pesca dos gregos. É tradição geral no paiz que os venezianos, antes de entregarem a cidade aos turcos, sepultaram no porto as suas riquezas; e no anno de 1801 um engenheiro sueco se offereceu com gente para o desentupir á sua custa, debaixo porém de condição que tudo o que se achasse seria seu. Os turcos, então senhores da ilha, recusaram assentir a uma obra de tão reconhecida utilidade, só pela lembrança de passarem a mãos estranhas os thesouros que acreditavam jazerem no fundo do porto. A este respeito contam muita patranha, e entre outras dizem que alli estão sepultadas quatro peças de artilheria, todas de ouro.

Para supprirem de algum modo a falta do antigo porto, fabricaram uma especie de mólhe acanhado, onde se recolhem embarcações pequenas, quando não sopra vento norte.

A superficie d'esta ilha é muito variada, offerecendo aos olhos uma combinação agradavel de campinas aprazíveis com formosos outeiros, guarnecida da banda do sul com serras empinadas. A fertilidade do terreno foi sempre mui notavel. O geographo grego Estrabão diz que era summamente productiva no tempo de Augusto; e os escriptores venezianos do seculo 17.° a pintam como abundante de todas as coisas necessarias á vida humana.

Porém actualmente está muito decaída da antiga prosperidade, e ja de ha muitos annos que vae progressivamente peiorando. Junto á capital ha grandes pomares de laranja, e limão, que são os principaes generos d'exportação da ilha para todo o Archipelago. Produz tambem figos, romas, e melões, em abundancia, e de sabor delicioso. As uvas são excellentes, e geralmente servem para vinho, que sempre tem tido fama.

Infunde realmente melancholia, e entristece ver que um territorio tão famoso, e tão largamente dotado pela natureza, apresenta por desmazelo, e por erros governativos, o espantoso quadro de miseria, a que está reduzido. Turner a caracterisa como a ilha

mais cheia de penuria de quantas viu pelo Archipelago, exceptuando Chypre: e se as relações de outros viajantes nos não dessem igual testimunho, bastaria para o comprovar o progresso da sua despovoação. Antigamente os seus habitantes andavam por 20:000 almas; no fim do seculo passado já este numero estava reduzido a metade. Ha vinte annos não passavam de 8:000, distribuidos d'esta fórma: 5:000 turcos, 3:000 gregos, e talvez 50 judeus. Segundo as ultimas informações actualmente terá umas 4:000 almas. As causas principaes d'esta diminuição são — a peste, que por vezes tem levado o terço dos habitantes — as prolongadas, e devastadoras guerras com os turcos — e a perda, que a emigração occasiona por falta de recursos.

UM INGRATO.

Elrei Renato é o Arun-al-Raschid da Provença, e do 15.° seculo. Lançado desde que nascêra, como o heroe das Mil e uma Noites, n'um turbilhão de aventuras, tinha tambem, para tornar mais completa a parecença, um confidente ou Giafar, socio em todas as suas correrias. Era este João Cossa, inseparavel companheiro do rei desde o seu nascimento, assim na prospera como na adversa fortuna, o qual tanto amava Renato, que apesar da superiodade do seu entendimento, não tinha o necessario desembaraço para oppôr conselhos prudentes aos caprichos do velho, contra quem a fortuna se mostrára sempre tão rigorosa.

Renato era pae infeliz, e monarcha desditoso. Expulso do throno por Luiz XI viu morrer o duque de Anjou, seu filho primogenito, no meio dos brilhantes triumphos, que acabava de alcançar em Barcelona contra os inimigos de seu pae. Nicolau d'Anjou, sua irmã Yolanda, e o esposo d'esta, seguiram de perto Antonio á sepultura; e bem notorios são os infortunios de Margarida, filha mais velha de Renato, e esposa de Henrique VI, a qual depois de ter, graças ao seu valor, restabelecido por duas vezes no throno, aquelle principe cobarde e desprezivel, o viu a final expirar com seu filho, e se retirou para França, pobre e desamparada, *para alli morrer*, diz Voltaire, *como a rainha, a esposa, e a mãe mais desgraçada.*

Uma tarde que o idoso monarcha, para distrahir o espirito de tão amargas recordações, saira com o seu fiel João Cossa em busca de alguma aventura interessante, quando já voltavam ambos tristes e enojados, por não terem encontrado coisa que lhe excitasse a attenção, ouviram lamentar-se com azedume um pobre camponez.

— Oh! clamava elle, quanto sou infeliz, pois me vejo forçado a morrer de fome por falta de trabalho! Virgem sancta, fazei com que eu ganhe com o suor do meu rosto, e pelo trabalho dos meus braços, um salario certo, e eu me julgarei o mais feliz dos homens.

— Serão satisfeitos os teus desejos, diz repentinamente o rei, saíndo de traz da monta onde se escondêra. Serás um dos jardineiros do meu palacio. Eu sou elrei Renato; acompanha-me.

O camponez, que se chamava Claudio Fayolle, seguiu o rei.

Passado um mez, moveu a elrei a curiosidade de tornar a ver Claudio Fayolle; e descendo para esse fim aos seus jardins encontrou o jardineiro cheio de tristeza, encostado á sua enxada, e engolfado em meditações.

— Em que pensas? perguntou o rei, batendo-lhe no hombro.

— Ah! senhor, nunca ousarei revela-lo, balbuciou Claudio, córando.

— Falla, falla livremente, meu filho.

— Pois, senhor, já que o exigís, dir-vos-hei que amo uma rapariga, e que por ser muito pobre não posso casar com ella.

— De que somma careces?

— De cem escudos.

— Aqui tens uma ordem para que o meu thesoureiro te pague essa quantia.

E elrei voltou para o seu palacio, alegre, esfregando as mãos, e pensando que acabava de fazer um homem feliz. Claudio tem uma subsistencia certa e commoda, e é marido d'uma mulher linda, dizia Renato comsigo mesmo. Aposto que tão cedo não torna elle a appetecer coisa alguma; porém d'ahi a dois mezes viu, com grande pasmo seu, que Claudio instava por fallar-lhe. Claudio que depressa se affizera ao tracto da côrte já não era aquelle acanhado camponez que córava, quando elrei o inquiria.

— Que pertendes, Claudio?

— Senhor, o logar de primeiro jardineiro ha de infallivelmente vagar com brevidade, porque quem o exerce está velho e doente. Venho pedir-vos esse emprego.

Elrei carregou o sobrolho.

— Claudio, desagrada-me esse pedido, porque aborreço os ambiciosos, mormente quando requerem empregos alheios.

— Não é isso, senhor, o que eu quiz dizer, exclamou o jardineiro. Deus não permitta que a ambição penetre no meu coração, e que eu venha pedir o logar de outrem. Como serei pae dentro em poucos dias, e devo prover na futura subsistencia da minha familia, para não ser prevenido por outros concorrentes, venho sómente pedir vos a supervivencia do dicto logar, sem querer desaccommodar quem o occupa, — que é um homem honrado e benemerito, que eu amo como a pae.

Deixou-se elrei convencer por estas tão enganosas palavras, e tento quatro dias depois fallecido o jardineiro velho, obteve Claudio o logar que tanto desejava.

Em fim, Claudio alcançou successivamente, no periodo de poucos annos, os cargos de subintendente do palacio, de intendente geral, e de secretario intimo d'elrei; porque, esporeado pela ambição, se havia dado incansavelmente ao estudo, e tinha adquirido os conhecimentos que lhe faltavam, e eram indispensaveis para levar ao cabo os seus projectos ambiciosos. Andando desde então sempre ao lado d'elrei, valeu-se Claudio de toda a sua astucia e cobrez para medrar em valimento, e empregou todos os meios para conservar afastados do throno os mais zelosos servos de Renato. Caiu este no laço, e fez-se subjugar pelo novo valido, sem lhe passar pela idéa o quanto mortificava João Cossa, e o fiel João Binée: João Binée que um dia lhe respondêra: *Senhor, não tenho os requisitos necessarios para o emprego que me offereceis, e para desempenha-lo como é mister.*

Desterrados havia muito da côrte, causaram espanto a elrei, quando voltando ambos á sua presença, lhe pediram uma audiencia secreta.

Senhor, lhe disseram elles, tramam em França contra a vossa pessoa. Luiz XI não contente com despojar-vos de parte dos vossos dominios, inveja ainda o resto, e comprou traidores para vos entregarem a elle, quando amanhãa andardes á caça. Se não nos dais credito, eis-aqui estão estas provas irrefragaveis: é uma carta do seu agente, daquelle que qual outro Judas, deve vender-vos.

Elrei leu, e fez-se pallido, porque reconheceu a letra de Claudio Fayolle. O desleal annunciava n'esta carta a Luiz XI que tudo estava prompto para a execução do seu infame plano, e recordava ao mo-

marcha francez porque preço commettia acção tão execranda! Lembrai-vos de que jurastes pelas reliquias de S. Ló, que me farieis vice-rei de Provença.

Uma lagrima regou as faces venerandas de Renato, que se lançou nos braços dos fieis servos, aos quaes por um momento preferira o preverso Claudio. Mandou depois chamar este ultimo.

«É possivel que tão horrivel coisa seja a ambição? lhe perguntou elle... Tirei-te do nada para encher-te de honras, e tu attentas contra o teu bemfeitor, e chegas a ponto de querer roubar-lhe a corôa.»

Mereces a morte, porém eu te perdôo. Uma escolta segura te conduzirá para França, e te entregará áquelle que é rei, e não se envergonha de empregar traidores.

Oxalá que o teu exemplo ensine quanto é perigoso o não saber domar os desejos, e resistir á ambição.

Porque, diz João Binée, que fôra mercador de pannos, — a ambição é semelhante a uma nodoa de azeite caída n'um panno, que não sendo ao principio mais do que um pontinho, alastra, alastra, e tanto cresce, que por fim estraga a peça inteira.

QUADROS DA HISTORIA PORTUGUEZA.

III

Batalha de Alcacerquibir (1578).

A DEXTRA de Deus tinha escripto no livro da Providencia o dia em que para Portugal devia acabar a gloria de seculos e toda a casta de prosperidades.— O moço rei D. Sebastião vellejava com uma numerosa armada, de oitocentas embarcações, para a conquista de Africa. Os velhos cavalleiros da India, a nobreza, e a flor da mocidade portugueza, soldados de varias nações, o acompanhavam n'esta arriscada e temeraria empreza.

Certa porção da frota se reunira em Cadiz, e d'alli partiu para Tangere: mas foi em Arzilla que se ajuntaram todas as embarcações, e que desembarcou o exercito. Composto este em parte de gente mercenaria estrangeira, parte de soldados bizonhos, alistados á força, levava em si todos os elementos da propria detruição.

Mulei-Moluco reinava em Berberia; homem de engenho e esforço mui superiores ao do commum dos mouros. As dissensões civis o tinham arrojado de sua patria, e uma grande parte da vida gastou-a no serviço do imperio turco. Dotado de variadissima instrucção, conhecedor da policia e artes da Europa, militar experimentado em muitos combates navaes e terrestes, havia estabelecido solidamente o seu dominio em Berberia, e ao exercito heterogeneo e desordenado dos christãos tinha para oppôr soldados velhos, habituados á guerra e á disciplina, e capitães quasi todos companheiros de suas victorias, e encaneci dos nos cargos da milicia, e no meio do tumulto dos campos.

O xarife Mulei-Hamet, filho de Abdalla, tinha succedido ao pae no imperio de Marrocos. O seu nascimento illegitimo deu pretexto a Mulei-Moluco, irmão de Abdalla, para lhe fazer guerra e derruba-lo do throno. O talento militar deste, e a ajuda do rei de Argel, vassallo do turco, o fizeram sair com seu intento. Longas guerras civis se originaram d'aqui; porém o xarife, vencido em todos os recontros, se viu obrigado a buscar o amparo e soccorro dos portuguezes.

Tanto que o exercito christão desembarcou em Arzilla, Mulei-Hamet, que se havia acolhido a Tangere, veiu unir-se a elle com todos os alcaides e mais mouros que eram seus parciaes, e que o seguiram em sua desgraça. Ensinado pela experiencia sobre o modo de fazer a guerra n'aquellas partes de Africa, e pela adversidade a respeitar a pericia militar do Moluco, em todos os conselhos que elrei fez ácerca da maneira porque se havia de começar a campanha, o seu parecer era sempre cauteloso, e o mais acertado; mas os capitães de D. Sebastião, ou comprados por Filippe 2.º, ou orgulhosos de sua habilidade, despresaram constantemente os votos prudentes do xarife, o que talvez contribuiu mais que tudo para o triste resultado daquella memoravel expedição.

O intento d'elrei ácerca do começo da guerra era tomar Larache: este parecer fôra approvado em Tangere; mas decidiu-se de todo em Arzilla. Dois meios havia em seguir esta empreza: ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exercito por terra e sitiar aquella cidade. A pessima entrada do porto de Larache difficultava o desembarque e os combates maritimos: o haver de marchar em um paiz inimigo, occupado por gente belliccosa era consideração muito grave para de leve commetter a arriscada marcha pelo interior do sertão; porém a opinião dos que se inclinavam a esta parte prevaleceu no conselho.

Larache era então logar pequeno e pobre. A sua situação é na costa do Oceano á foz do rio Lucus, que passa por Alcacerquibir. Fica lhe ao oriente. Arzilla, antigamente praça nossa. O porto é espaçoso; a maré sobe até quatro legoas pelo interior, e ahi se divide o rio em dois braços, um que vae para Alcacer, e outro que se interna nos campos á maneira de esteiro. Para este lado é chão o paiz, posto que para a banda de Larache seja o terreno montuoso. A barra e perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro: pelo que tem sido sempre couto dos corsarios de Berberia. Do outro lado da povoação corre o pequeno rio Huadmachacim ou Mohacadi, que vem desaguar no Lucus.

Assentado no conselho o commetter Larache por terra, o exercito marchou de Arzilla, levando mantimentos para cinco dias, em quanto a frota se ia collocar na boca do rio, a que deu nome aquella povoação. Seis dias gastou o exercito em chegar ás ribeiras do Huadmachacim, e só então os generaes souberam que Moluco vinha tambem chegando ás margens do Lucus, com grande poder de pé e de cavallo. Apesar da innumeravel multidão de soldados que tinham, os mouros temiam os portuguezes, cujo valor já por elles experimentado, ganhava maior força com a presença de seu rei. O habil Mulei-Moluco chegou a lançar Larache em conta de perdido; mas a Providencia tinha determinado sepultar toda a gloria de Portugal nos campos de Alcacerquibir.

Sabida a aproximação do exercito mourisco, fizeram conselho os capitães da gente christã. Ahi se deram encontrados pareceres; depois de largos debates assentou-se sobreestar na facção de Larache, por perigosa, ou antes por impossivel, e dar batalha ao Moluco. Marcharam pois os exercitos um para o outro, atravessando os Christãos o Huadmachacim, e os Mouros o Lucus. Eram quatro de Agosto, quando se encontraram: na força do dia se decidiu D. Sebastião a pelejar; uns dizem que por suggestões do capitão castelhano Aldana, outros que contra o voto d'elle. Ao principio levaram os Portuguezes conhecida vantagem: a cavallaria christã rompeu e desbaratou a vanguarda dos mouros; mas teve que ceder ao numero. Apesar do valor da infanteria allemãa e italiana, a portugueza, composta pela maior parte de soldados bizonhos, pelejava frouxamente. A mosquetaria inimiga fazia terrivel estrago nas fileiras do nosso exercito; e

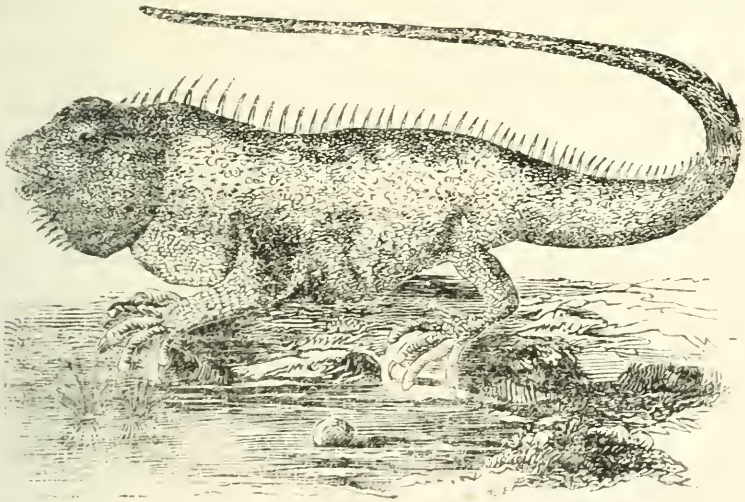
a perda da batalha tornava-se inevitavel. Os mouros percebendo a desordem do campo christão, repetiram as cargas, e brevemente o combate se converteu em ampla carnificina.

Molei-Moluco no começo da peleja, vendo que os seus fam de vencida, procurou lançar-se no meio da revolta com a espada na mão. Doente havia muito tempo, e quasi moribundo então, este ultimo esforço lhe poz termo á vida; mas os seus capitaes souberam conservar escondida, até ao fim da batalha, a noticia da sua morte.

D. Sebastião era um louco, porém valoroso e de nobre animo; a educação que lhe dera o manhoso jesuita Luiz Gonçalves da Camara lhe enlodára o espirito em fanatismo e em orgulho, vicios sempre companheiros, mas a generosidade natural lhe transparecia atravez dos defeitos emprestados. Foi desde que a batalha se começou a perder que este mancebo mostrou para quanto seria, se nos primeiros annos o houveram melhor guiado. — Já não se tractava senão de morrer com gloria: elrei se arrojava como um leão, onde quer que a revolta era mais cerrada e o combate mais acceso; e de roda delle brevemente abria a sua espada larga clareira no meio daquella selva de armas. Encontrando o alferes Luiz de Brito, que já trazia a bandeira real, sem hastea, enrolada debaixo do braço, perguntou-lhe D. Sebastião: «Trazeis o estandarte?» — Luiz de Brito lhe disse que sim: então elrei lhe tornou: «Abraçai-vos com elle, e morramos sobre elle!» — Baldadas foram todas as reflexões que lhe fizeram para que se deixasse captivar: — estava decidido a morrer, e foram vãos todos os esforços que fizeram para o salvar aquelles que o seguiam. Dizem que houve quem o visse nas ultimas do conflicto irse desviando do campo, sem que os mouros o seguissem: por outro lado muitos fidalgos prisioneiros chamados pelos Mouros para verificar se era o cadaver de D. Sebastião um que diziam se lo, asseveraram que por tal o reconheciam; mas não era assaz difficil de conhecer um cadaver cuberto de feridas (das quaes cinco eram na cabeça) depois de algum tempo? — Não podiam estes fidalgos ter dicto isto com o intento de facilitar mais a salvação d'elrei? — Seja o que fôr, hoje é um mysterio o modo porque D. Sebastião acabou, e provavelmente se-lo ha para sempre.

O xarife desenthronisado fizera com os Mouros de seu bando prodigios de valor; mas a má estrella dos Portuguezes o involveu na desgraça commum. Vendo roto o campo christão procurou salvar a vida com a fugida. Escapando aos que o perseguiam foi morrer afogado, tentando vadear o Lucus. Alguns dos que o acompanhavam poderam ainda refugiar-se nas praças portuguezas fronteiras.

N'esta batalha se perdeu a flor dos antigos cavalleiros da India e da nobreza de Portugal. Uns pereceram na batalha; outros jazeram por largo tempo em penoso captiveiro; para os tirar do qual as riquezas do thesouro e dos particulares se esgotaram. Um dia e uma batalha acabou assim com a gloria e a felicidade de um povo, que fôra tão afamado e temido.



IGUANA.

O SENEMBI, OU IGUANA DO BRAZIL.

(*Lacerta iguana*. Lin.)

Nem a tribu dos lagartos escapou á voracidade do homem: lá foi desencantar em o Novo-Mundo uma especie para guizar, e comer. O iguana é um d'aquelles animaes pacificos, que não merecem se lhes faça guerra: mas os glotões o provaram, e lhe acharam carne boa, e gostosa, e tanto bastou para uma continua perseguição. Augmentou se por tanto a arte do caçador com mais um ramo, emmestraram-se cães para ella, e estudaram se os habitos do animal, a fim de melhor o poderem apprehender. Na America a caça dos iguanas é uma certa arte, que vae sendo aperfeiçoada, e uma profissão lucrativa para quem a exercita com pericia. O caso é apanha-los vivos, para os transportar para onde tiverem melhor venda. Se os podem colher sem que seja a tiro, depois cravando-lhe um bico pelas ventas até ao cerebro, os matam promptamente. A guerra que lhes teem feito é realmente uma guerra d'exterminio; quasi inteiramente

se lhes acabou a casta em ilhas onde d'antes abundava; e só se conserva nas vastissimas florestas do Continente. Como não faz mal, nem é muito desconfiado, cáe facilmente nos laços. Domestica-se com facilidade, ainda que já esteja crescido.

Este lagarto é grande: alguns ha de nove a dez palmos de comprimento, sendo a cauda mais de metade; tem cinco dedos nos pés, e nas mãos; é coberto de escamas pequenas, e tem ao longo de todo o corpo, até a ponta do rabo, uma crista formada de bicos separados, e levantados verticalmente, por baixo da garganta pende-lhe um grande sacco, ou papeira. A estampa que mostra fielmente todos estes caracteres, nos dispensa de mais miúda descripção.

Ainda que o iguana tenha consideravel peso, como póde ajuizar se por suas dimensões, trepa com maravilhosa presteza, caça insectos, de que se nutre, bem como de folhas e fructas, e de quando em quando desce das arvores para procurar na terra vermes, caracóes, &c. Posto que tem as queixadas guarnecidas de dentes agudos, engole tudo sem mastigar. Excepto na grandeza, e fórma, semelha muito em habitos, e agilidade aos de seu genero, que temos na Europa.

Ha n'esta especie a singularidade de ser a femea maior que o macho. Poem os ovos em cima d'areia, em numero de quinze a trinta; e basta para os tirar o calor do sol. Os ovos são pouco mais ou menos do tamanho dos de pomba.

Finalmente não admira que no Brazil se comam d'estes lagartos, cuja carne dizem excellente, quando nós conhecemos pessoalmente trabalhadores do campo, que comem regaladamente os que se criam em o nosso paiz.

Da Ventura Moral e do Bem-estar material.

Quem duvidará de que os desejos da nossa alma são insaciaveis e eternos? — Dai lhe o que mais cubiça: — cubiçará de novo: nem o universo lhe basta. Só no infinito se poderá saciar: appraz-lhe o embrenhar-se por calculos, o enxergar as coisas minutissimas, o abarcar as maiores. Por fim, repleta, não farta, de quanto devorou, atira-se ao seio de Deus, onde se accumulam as idéas do infinito em perfeição, em tempo, e em espaço. Essas esperanças que pullulam do coração humano não inquietam os animaes, que facil e rapidamente alcançam a suprema felicidade. Farta-se o cordeiro em feixe de herva; o tigre sacia-se em jorro de sangue. Se com alguns philosophos houveramos de affirmar que unicamente a disparidade dos orgãos nos extrema dos brutos, dever-se-ia, quando muito, admittir tal pensar só pelo que toca aos actos restrictamente materiaes. Mas fóra dahi, que tem o pensamento com a dextra, quando no repouso da noite, me arremeço ao espaço, para ir la dar com o architecto dos mundos? — Porque não faz o boi o que eu faço? Os olhos lhe bastam; que se tivesse braços e pés como os meus de pouco prestimo para isso lhe seriam. Que se deite no prado; erga aos ceos a fronte, e chame com seu mugido o Ente desconhecido que enche essas immensidades. Certo que não o fará. Preferindo a relva que piza, não interroga nas alturas do firmamento esses astros, que mais que tudo nos fazem evidente a existencia d'um Deus; e descuidado do espectaculo da natureza, nem sequer desconfia que elle proprio foi lançado debaixo da arvore, ao pé da qual repousa, como uma breve prova da intelligencia suprema.

É, por tanto, o homem a unica creatura que busca fóra de si alguma coisa, e que de si não faz todo o seu cabedal. Ha quem diga que o povo não tem esses cuidados; porque dos desejos o afasta o trabalho, e no suor se lhe extingue a ancia da felicidade. Mas quando o vemos raler-se durante seis dias para comprar algum gozo no septimo; quando, esperançado sempre em alcançar repouso: sem vir a cabo disso, a morte o colhe ainda desejoso, diremos que não quinhoa o calado desejo de um desconhecido bem-estar, a que aspiram todos os homens? — Nem nos venham com dizer que esse desejo está cifrado para elle no das coisas terrenas: é esta opinião mais que duvidosa: dai ao homem pobrissimo os thesouros de todo o mundo, tirai-lhe o trabalho: suppri-lhe as precisões, poucos mezes serão passados, ei-lo outra vez envolto em tedio e em esperanças. Mas, em verdade, é acaso coisa averiguada que na sua miseria não sinta o povo aquella sede de ventura, que transpõe os termos da vida? De que nasce certo instincto melancolico vulgar na gente do campo? Muitas vezes ao domingo e dia santo, quando a aldêa em peso foi orar ao segador que separa o *bom grão do joio*, havemos visto um ou outro camponez sózinho á porta da choupana; e elle escutava o som do sino com ar pensativo; e nem o distrahiamos pardaes chirlando na eira proxima, nem os insectos que de redor d'elle zumbiam. Esse nobre vulto humano, potisado como a estatua de um nume no limiar da choupana; essa fronte, sublime, posto que tórva de scismar; esses hombros sombreados por negras guedelhas, e que pareciam erguer-se como para suster o ceu, bem que curvados debaixo da carga da vida; esse ente, em fim, tao magestoso, dado que miseravel, em nada pensava, ou cogitava só de coisas mundanas? — Certo não era isso o que se adivinhava nesses labios meio-abertos, nesse corpo immovel, nesse olhar cravado em terra: — lá o som do sino religioso estampava a saudade de Deus.

Se é impossivel negar que o homem espera até ás bordas do sepulchro; se é certo que os bens da terra, em vez de nos fartar os desejos, só servem para nos gastar o espirito e augmentar-lhe o fastio; dahi podemos argumentar que além do tempo existe seja o que fôr.

Outra prova da immortalidade da alma, a consciencia a dá. Todo o homem tem no fundo do coração um tribunal, onde elle proprio começa de julgar-se em quanto o soberano juiz não confirma a sentença. Se o vicio é apenas a consequencia physica da nossa organisação, d'onde virão aquelles receios que turvamos lias do culpado em meio das prosperidades? Porque será o remorso tão terrivel que antepomos sujeitar-nos á pobreza e a todo o peso da virtude, a alcançar uma abastança mal adquirida? Porque gritará o sangue, e clamará o rochedo? Despedaça o tigre a prêa, e adormece: o homem converte-se em assassino, e véla: busca os ermos; e a solidão o aterra: vagueia ao redor dos sepulchros; e os sepulchros lhe criam pavor: olha a furto e espantado; e na sala dos banquetes não ousa erguer a vista para as paredes, receando ler nellas alguma inscripção funesta. Os sentidos parece que se lhe apuram para o atormentarem: na alta noite vê clarões terrificos, o cheiro da carniça o cerca em toda a parte, acha sabor de peçonha até nas iguarias que guiza por suas mãos, os ouvidos, que lhe ganham desmedida agudeza, acham rumor onde toda a gente acha silencio, e debaixo dos vestidos do amigo, ao abraça-lo, cuida presentir um punhal escondido.

Oh consciencia! — Seria por ventura apenas um fantasma da imaginação, ou o temor dos castigos sociaes? — A mim mesmo faço esta pergunta: « Se tu podesses, á vontade de um só desejo, acabar com um homem da China e herdar na Europa todos os seus bens, com a condição sobrenatural de nunca ninguem

o saber, acaso consentirias em ter tal desejo ?» Embora comigo exaggere a minha indigencia; embora queira desculpar este homicidio, suppondo que por virtude de tal desejo o Chim morre subitamente e sem dôr, que não tem herdeiros, e que por sua morte o estado se apossará da sua fazenda: embora esse estranho se me affigure rala de enfermidades e pezares; embora me persuada que a morte é para elle um bem, que elle a chama, e até que é um instante o que lhe resta de vida: apesar dos meus vãos subterfugios, ouço no centro da alma uma voz que tão alto clama contra tal presupposto, que nem por um momento posso duvidar da realidade da consciencia.

Tristissima cousa, por tanto, é ser um homem obrigado a negar o remorso, para negar a immortalidade da alma, e a existencia de um Deus vingador. Não ignoramos, com tudo, que os atheus, se os apertam muito, se podem a salvo com esta vergonhosa negativa. O falso sabio, no paroxismo da gôtta clamava: «Oh dôr, nunca jamais confessarei que és ruim!» E quando houvessem ahi homens tão mesquinhos, que podessem sapitar o grito do remordimento, que provaria isso? — Não julguemos o que tem os membros desembaraçados pela mesma bitola por onde medimos o paralytico, privado do uso dos seus: no summo grão, o crime é uma casta de peçonha, que queima e gasta a consciencia; derrubando a religião, destroe-se o unico remedio que póde restaurar a sensibilidade no coração meio morto. A admiravel religião do crucificado é como um supplemento do que faltava aos homens. Se por excessos, por demasiada prosperidade, ou por aspereza de genio nos tornamos criminosos, ella ahi está para nos advertir da inconstancia da fortuna, e do perigo das paixões desregradas. Se, pelo contrario, nos expomos a sedo, por indigencia, ou por tibieza de espirito, ella nos ensina a menoscabar as riquezas, accendendo o fervor em nossa alma, creando, de algum modo, paixões. Para com o criminoso, principalmente, a sua caridade é inexgotavel, homem polluido não o ha cujo arrependimento elle não admitta, nem leproso tão nojento que não toque com as puras mãos. Para o passado só pede um remorso; para o futuro uma só virtude: sempre a ponto de advertir o peccador, o Filho de Deus estabeleceu a sua religião, como uma segunda consciencia para o culpado, que teve a desdita de perder a consciencia natural: consciencia evangelica, rica de piedade e doçura.

Depois de haver fallado do remorso que vem aroz do crime, seria baldado o fallar da satisfação que é companheira da virtude. O contentamento interior, que sentimos quando fazemos boas obras, vem a ser tanto uma combinação da materia, como o flagello da consciencia, quando commettemos uma acção damnaca, é temor das leis sociaes.

Se os sophistas affirmam que a virtude nada mais é do que amor proprio disfarçado, e a piedade amor de si, não vamos nós perguntar-lhes se nunca sentiram commoverem-se-lhes as entranhas ao soccorrerem e alliviarem qualquer desgraçado, nem se o receio de voltarem á infancia é quem os faz compadecerem-se da innocencia das creanças. São para os homens a virtude e as lagrimas a fonte da esperança e o alicerce da fé: mas como crera em Deus quem não crê na realidade da virtude, nem na verdade das lagrimas?

Iriamos talvez affrontar o bom juizo dos leitores, gastando palavras em mostrar que a immortalidade da alma, e a existencia de Deus se provam por essa voz que escutamos no intimo da consciencia. «Ha no homem, diz Cicero uma potencia que o impelle para o bem, e o desvia do mal, a qual não só é anterior ao nascimento dos povos e das cidades, mas tão antiga como o Deus que conserva e governa o ceu e a terra; porque a razão é um attributo essencial da intelligencia divina: e esta razão, que existe em Deus, discrimina necessariamente o que é vicio do que é virtude.»

A moral é o fundamento da sociedade: mas se tudo em nós é materia, não existe realmente nem o vicio, nem a virtude, e por consequencia, nem moral. As leis civis, relativas e mudaveis sempre, não podem servir de élo e sustentaculo da moral, que é absoluta e inalteravel: cumpre por tanto, que o manancial della se encontre em um mundo mais estavel do que o nosso, e que não sejam meio recompensas precarias, nem castigos transitorios os principaes liadores do procedimento virtuoso.

Philosophos houveram que se persuadiram terem sido inventadas as religiões para esteiar a moral; a estes não occorreu que punham a causa em conta de effeito. Não brota a religião da moral: a moral é que nasce da religião, sendo certo, como ja dissemos, que, se do espirito se varre a lembrança de Deus, os homens se precipitam em toda a casta de crimes, sem embargo das leis e dos algozes.

O CANTO DO COSSACO.

Por Beranger.

Vem meu ginete: — oh vem meu nobre amigo!
Chama-te em altos sons toda do norte:
Prestes no saque, intrepido nas brigas
Dá, guiado por mim, azas á morte.

Os teus jaezes não arrêa o ouro;
Mas de meus feitos o teras em paga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Tuas redeas me entrega a paz que foge:
Ei-los por terra os europeus baluartes!
Meus aureos sonhos realiza agora;
Terás repouso na mansão das artes.

Volve a terceira vez ao Sena inquieto,
Que te lavou sanguento, e a sede apaga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Reis, sacerdotes, grandes nos clamaram,
Entre o choro de miseros humanos:
«Cossacos, vinde ser de nós senhores! —
«Servos seremos, por ficar tyrannos.

E a cruz e o sceptro quebrarão meus fortes
Que eu hei tomado minha lança e adaga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De um enorme gigante eu vi o espectro
Nosso campo correr com a vista ardente;
E, gritando: — «meu reino outra vez surge!»
Mostrar com a hacha d'armas o occidente.

A sombra era immortal do rei dos Hunos,
D'Attila a voz qual maldição aziaga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De que serve seu brilho á velha Europa?
Que lhe presta o saber para salvar-se?
Os turbilhões de pó, que hão-de sumi-la,
Debaixo de teus pés vão levantar se.

Templos, palacios, leis, memorias, usos,
Na correria extrema, e piza e estraga:
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

HORTAS FLUCTUANTES EM CACHEMIRA.

A CIDADE de Cachemira, capital da provincia do seu nome na Asia, é situada em meio de numerosos lagos, que, uns com os outros, e com o rio Vedusta, communicam, por via de canaes, separados por faxas estreitas de terreno enxuto, e campos insulados. Sobre os lagos ha jardins, ou hortas fluctuantes, separadas geralmente do volume das aguas com cercados de cannas: a sua cultivação não só é muito singular, mas de grande proveito, e digna de imitação naquellas partes da Europa, que seu elharem áquelle paiz. O 2.° N.° do *Journal of Geographical Society* encerra uma noticia das producções naturaes, e da agricultura de Cachemira, que em substancia diz assim.

—A cidade de Cachemira é sujeita a consideraveis inundações, que são cada anno mais frequentes, pela negligencia do governo em não obstar á accumulação dos limos e do lodo, que diminuem a profundidade, e por consequencia dilatam a superficie dos lagos. Isto suggeriu para o caso das campinas alagadas o expediente de um subsidio fluctuante, onde os vegetaes fossem em segurança cultivados. Diversidade de plantas aquaticas brotam do fundo dos lagos, como lirios das lagoas, juncos, cannas, &c.; e como os botes, que atravessam estas aguas seguem geralmente as linhas mais curtas para os seus destinos, os lagos em muitas partes estão cortados de umas como avenidas, separadas por bancadas, ou muros de juncaes, e de cannaveaes. Ahi os cultores para disporem os pepinos, e melões fluctuantes, cortam as raizes das plantas aquaticas, que vegetam muito enlaçadas, tres palmos abaixo d'agua, de modo que perdem completamente toda a connexão com o fundo, mas conservam a sua situação, respectivamente umas ás outras. Depois d'assim desapegadas as unem mais, e formam talhões de oito palmos de largo. Cortam as plantas rente, e alli mesmo ficam os troços, e cobrem tudo por cima com uma delgada camada de lodo, que pouco a pouco se vai embebendo nesses troços cortados e enlaçados. O talhão fluctua, mas póde erguer-se, ou abaixar-se, conforme a agua cresce, ou baixa, e segura-se com estacas de salgueiro. Apanham bastantes plantas das que mencionámos, e as collocam nos talhões amassando-as em montes de fórma conica, com um vão no topo que enchem de lodo fresco, e de cinza de madeiros. Nestes vãos dispõem melões, pepinos, &c.; tres plantas em cada um. Nenhum cuidado é preciso senão ir colher o fructo, e a despeza prévia é uma bagatella.

M. Moorcroft, que atravessou o espaço de mais de cincoenta geiras de terreno, tudo cheio destas hortas fluctuantes, diz que na Europa nunca viu meloaes tão bem creados, nem tão viçosos, não havendo em tanta extensão meia duzia de plantas definhadas. A estação desta cultivação dura tres mezes e meio, começando em Junho. Cada monte com os seus tres pés dá noventa a cem melões bem creados; e sendo de pepinos, abundancia extraordinaria. A semente dos melões vem annualmente do Ballistan, porque no primeiro anno dá fructos de quatro a dez libras de peso, mas a segunda semente, tirada destes, não os dá de mais de duas ou tres libras.

Alli gente, e cavalgaduras, tudo no tempo quente se sustenta de melões, porque não fazem prejuizo á saude. É notavel que não cultivam por esta fórma senão as duas especies, que mencionámos, ainda que M. Moorcroft está persuadido que as cebolas, os agriões, os mastruços, e outros vegetaes uteis, alli produziriam da mesma maneira.

Cachemira é uma das provincias septentrionaes da India áquem do Ganges. É cercada de montanhas, e por sua belleza, e fertilidade, chamada o paraizo da India: é abundante de gados, e de caça, e diz-se não ser infestada de animaes de presa, ou de outras feras. Comprehende mais de 100:000 aldeias. Os habitantes são engenhosos, e parecem-se em suas pessoas com os Europeus: as mulheres são altas, bem feitas, e formosas. Os chales chamados de Cachemira derivam seu nome deste paiz, posto que actualmente poucos de lá venham.

—s—

Combate de formigas. — Um naturalista descreve assim uma batalha, que presenceára, dada por formigas de duas especies differentes. Marchando na melhor ordem se foram aproximando os dois exercitos de insectos. D'uma parte estavam as *formica rufa* formando uma só linha de dez a doze pés de comprimento, flanqueada por diversos corpos, dispostos em quadrados, e compostos de vinte a sessenta combatentes.

D'outra parte uma especie mais pequena, as *fofusca* apresentava uma linha muito mais extensa, posto que nella estivessem dois ou tres combatentes de fundo. As *fofusca* deixaram destacamentos de guarda ás suas collinas ou formigueiros, para defende-los contra algum ataque imprevisto. Um corpo cerrado de muitos centenares de combatentes guarnecia a direita da linha; outro corpo semelhante de mais de mil guarnecia a ala esquerda.

Estes dois corpos lateraes não tomaram parte alguma no combate; mas o da ala esquerda executando certa manobra tendente a envolver o exercito inimigo, avançou rapidamente ao formigueiro das *formica rufa*, e tomou o de assalto.

Investiram-se os dois exercitos com furor, e muito tempo pelejaram em boa ordem: mas por fim introduziu-se a desordem em differentes pontos e continuou a batalha entre grupos separados, até que, depois de um encarniçado e sanguinolento combate, que duron quatro horas, foram as *formica rufa* obrigadas a fugir.

A scena mais interessante desta batalha singular, era ver estes insectos aprisionarem-se reciprocamente, e levarem ás costas os seus feridos, mostrando tanto zelo pela conservação destes, que as *formica rufa* preferiam o deixar se matar sem resistencia pelos seus inimigos, ao abandonarem as cargas.

Quando os inimigos tomam algum formigueiro, são os vencidos reduzidos á escravidão, e empregados, no interior delle, em trabalhos domesticos.

Destruição das toupeiras.—Nozes meias abertas á faca. — Fervam-se n'uma dissolução de sabão branco, ou n'uma lixivia fraca de cinzas de madeira, e de sabão negro. Tire-se do lume, e empregue-se. As toupeiras são muito gulosas deste guisado que as envenena immediatamente. Devem-se metter muitos pedaços de noz em cada asylo das toupeiras.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos conhecimentos Uteis. Rua Direita do Arsenal N.° 55 — 1. andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.

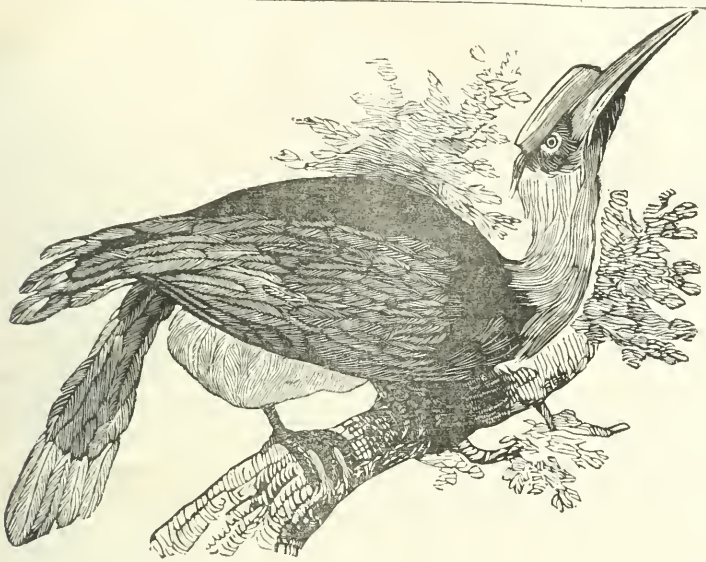
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

24) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 14, 1837



O CALÁO.

(Buceros. LIN.)

Esta estampa mostra uma ave do genero singular dos caláos, a qual o conhecido naturalista e viajante Le-Vaillant denomina calão de capacete concavo. A singularidade deste genero, habitador da Africa, e das Indias, consiste na fórma dos bicos. Conta muitas especies, que todas neste ponto diversificam; e até na mesma especie, conforme as idades. Este ultimo incidente já tem motivado equivocos na enumeração das especies.

Todo o genero dos caláos se parece muito com os corvos ainda que alguns são muito maiores, e é o seu caracter distinctivo o bico enorme, de substancia mui tenue, e por isso muito quebradiço nas bordas, sobrepujado por uma grande protuberancia, ás vezes tamanha como o mesmo bico, e vária na fórma, segundo as especies, como já dissemos. Quando são pequenos aquella protuberancia é minima em todos, porque nascem com o bico simples, ainda aquelles que vem a te-lo mais armado. Augmenta o tal capacete á proporção da idade. Physiologistas modernissimos explicam isto pelos phenomenos da respiração, o que não vem para aqui.

O calão de capacete concavo é maior que o corvo: a protuberancia é de mais de cinco pollegadas de comprido, e de pollegada e meia d'alto, redonda pelos lados, e cavada em todo o comprimento. As mandibulas são regularmente denteadas: a superior é avermelhada na ponta, e no resto côr de ocre, bem como o capacete. O comprimento do bico não corresponde ao do individuo.

Cáe-lhe para traz da cabeça uma especie de pôpa deitada, de pennas compridas, e delgadas, de côr arruivada fouveira: na base do bico, e d'ambos os lados da cabeça as pennas são pretas; a barriga, as pernas, e as pennas da cauda são de um branco arruivascado; o resto do corpo é preto baço: os pés e unhas inteiramente negros.

Porém de todas as especies a mais extraordinaria é, sem duvida, a que chamam calão rhinocerote (denominação tambem por alguns dada a todo o genero), por causa da enormidade da protuberancia, que lhe carrega o bico. Citaremos as proprias palavras de Le-Vaillant.

«O bico de monstruosa construcção de nada serve para a defeza do animal, como eu proprio reconheci, mettendo-lhe por muitas vezes a mão no bico sem experimentar a mais leve dôr, posto que elle fizesse todas as diligencias para m'a apertar fortemente. Esta ave é de natural timido, e arredio, e amiga de se esconder quando vê alguem: a sua postura é sempre pesada, e a apparencia estupida. Não anda, mas salta aos pés juntos. O unico momento em que me pareceu mostrava maior segurança era quando lhe levavam a comida; pulava a encontrar o marujo, que tomava cuidado della, estendendo as azas, e abrindo o bico: e soltava alguns gritos de alegria, muito fracos para um passaro daquelle tamanho. Sustentavam-na de ordinario com biscoito demolhado, e carne crua, ou cozida: comia tambem arroz, legumes cozidos, e até toucinho: parece que estas aves, em geral voracissimas, se dão bem com toda a casta de alimentos. Trazendo-lhe um dia alguns passarinhos, que apanhei á caça, devorou-os um a um com pennas e tudo, depois de os amarrotar muito tempo com o bico. Os marujos do navio, em que viera da Java, me certificaram que dava caça a ratos e murganhos, logo que os podia vêr, mas que não era tão ligeira, que os apanhas-

se: porém engolia inteiros os que lhe offereciam. Eu dei-lhe em varias occasiões bananas, e goyabas, mas nunca fez caso destes fructos, nem os comia, apesar de lhes dar muitas voltas com o bico. Finalmente observei que sem distincção, e avidamente agarrava quanto se lhe offerecia; mas rejeitando o que não era do seu gosto, nunca mais lhe tocava.»

O caláo de Malabar é menor que o antecedente, rasteja pelo tamanho d'um corvo. Abunda muito delles a ilha de Ceilão, onde os habitantes os criam nas casas, para lhes servirem de gatos, dando caça aos ratos, no que são mais espertos do que os maiores. Quando estão bravios andam nos grandes bosques; empoleiram-se nas mais altas arvores, e com preferencia nas ramos seccos: aninham nas tocas dos troncos carunchosos, e fazem uma postura de quatro ovos d'um branco sujo. Muitas vezes estragam a ponta do bico, que é fragil, pelo costume, que têem, d'espicaçar os ramos das arvores para lhe levantar a casca, e descobrir os vermes, e larvas das borboletas.

Parece, diz Sonnini, que os caláos em geral não são frugivoros, pelo menos no estado de liberdade, e que são verdadeiras aves de rapina. Até se alimentam de carniças.

Todavia, em a sua viagem ás ilhas de Timor, Rawak, &c. — MM. Quoy e Gaimard acharam caláos pousados em cima de arvores altas, sobre tudo em cima das muscadeiras, ou arvores que dão a noz-muscada; cujos fructos engolem inteiros, e lhes dão excellente gosto á carne.

Esta ave póde ser um exemplo do quanto influem as localidades nos habitos dos animaes. Na Asia, rodeada de fructos, aproveita este alimento: e nos desertos d'Africa nutre-se da carniça dos cadaveres, e segue de longe os caçadores para aproveitar as entranhas da caça grossa, que aquelles aviam mal a apanham.

Os caláos são tristes e taciturnos; tem vôo pesado, e dão-se a conhecer ao longe pelo estridor das azas, e o rangido das mandibulas. Um que veio a París no tempo de Buffon morreu dentro de tres mezes, antes que findasse o verão. Talvez o clima frio da Europa lhes não convenha.

O SULTÃO REDACTOR.

A maior parte das pessoas que isto lerem saberão por ventura que o Grão-Senhor dissolveu a corporação dos janisaros, e disciplinou o seu exercito ao modo da Europa: saberão tambem que estuda com muito affinco a arte militar, que bebe vinho, e que usa do vestuario francez com grande garbo: mas o que provavelmente ignoram é que o Grão-Senhor é periodista.

Nada ha mais curioso do que a folha semanal intitulada *Tekwimi-Wekai*, ou *Quadro dos acontecimentos*, impressa em arabe e francez, redigida por pessoas da intimidade do sultão, e dirigida por elle. Quando o *Monitor Ottomano*, que assim se chama a parte franceza do periodico, appareceu a primeira vez (a 5 de Novembro de 1831), os turcos não queriam crer que désse gosto o ler a tal folha de papel, onde não havia nem gravuras, nem dourados. Embriagados de café e de fumo de tabaco apenas olhavam para ella de relance; e os mais ousados motejavam de Mahmud e do seu periodico. Mas o Grão-Senhor se vingou nobremente desta indifferença; teve a arte de fazer com que lhe lessem o *Tekwimi-Wekai* primeiramente com attenção, depois com furia, depois com phrenesi: eis como para isto se houve.

Todos os pachás foram convidados para subscreverem certo numero de exemplares em beneficio dos habitantes da sua provincia; afóra isso o texto ottomano, que nem sempre corresponde ao francez, continha criticas tão mordazes, ou elogios tão lisongeiros aos principaes figurões do paiz, que estes tractaram de regular o seu procedimento segundo o espirito daquella publicação, entregando-se ora a uma descompassada alegria, ora a uma profunda tristeza, conforme o *Quadro dos Acontecimentos* se mostrava para com elles mais ou menos benevolo.

O sultão fez, além disso, com que esta gazeta se lesse em voz alta nos logares publicos, como nos cafés, gabinetes de leitura, &c.: os que sabiam ler tomavam a seu cuidado o servirem de interpretes entre os seus compatricios, e, por assim dizer, fallarem pela boca do sultão. Ainda hoje se faz muitas vezes esta leitura em voz alta: solemnidade que differe essencialmente do modo porque os ottomanos narram as fabulas e anedoctas, pois, quando se tracta disto, o narrador é muitas vezes interrompido pelas acclamações ou risadas da assembléa que o rodêa, mas, ao ler-se a gazeta a attenção é extrema. Só de espaço a espaço é o silencio interrompido pelos clamores de *Ins Allah* (se Deus quizer)! ou *Allah Kerim* (Deus é grande)!

Devemos tambem aqui dizer que o sultão admira Mr. O'Connel com enthusiasmo. Os mais revolucionarios discursos do agitador da Irlanda, são transcriptos no seu jornal com escrupulosa exacção; e quando haja algumas omissões, póde-se ter por averiguado que são apenas de pedaços que só têem interesse local ou particular. Geralmente a escolha das passagens extrahidas dos jornaes estrangeiros é feita com discernimento e bom gosto.

E de notar o cuidado que o governo tem de excitar a curiosidade dos orientaes e de interessa-los nos negocios publicos. Tracta-se na folha official de todos os objectos que dizem respeito á organisação do exercito, aos movimentos da armada, á noticia das batalhas, á administração civil, e aos acontecimentos das provincias. De tempos a tempos acha-se ahi o orçamento, no qual se especificam todas as rendas e despezas do estado. Na historia do imperio ottomano é inaudito o dar o soberano aos contribuintes contas do uso que faz dos rendimentos publicos. A industria, as artes e officios, os inventos uteis, a litteratura, e tudo o mais que póde aproveitar, e ser de beneficio material ou intellectual ao povo, pareceu ao grande periodista de Constantinopola digno da sua sollicitude. Em fim o *Monitor Ottomano* é a expressão de um reformador prudente; é o verbo suave e energico de um propheta de boa fé, que lucta gloriosamente com as adversidades que lhe tem suscitado a fortuna.

A Ilha de Tristão da Cunha, e o seu Robinson.

Em 1506, indo deste reino para a India Tristão da Cunha, com uma armada de quatorze vélas, descobriu, pelos 27.º 57' de latitude de S. e 15.º de longitude O., um grupo de tres ilhas, e deu o seu nome á principal, que do mar se reconhece a larga distancia por um elevado pico, que alguns viajantes não duvidaram de comparar ao de Tenerife, e que está sempre coberto de neves na cima, e é cercado de bosques até meia altura. A bahia fica ao norocste da ilha, e esta tem quasi 50 milhas de circumferencia. Os hollandezes a visitaram em 1643, e os francezes em 1776. O capitão Patten, do navio americano *Industry*, foi o primeiro que residiu por algum tempo nestas ilhas, e as descreveu com exactidão. Esteve sete mezes em Tristão da Cunha, de Agosto de 1790 até Abril de 1791, occupado na caça das phocas. No fim deste tempo tinha

ajuntado 5:600 pelles para ir vender á China, e ao cabo de tres mezes tinha carregado de azeite uma embarcação. O capitão Patten acampára ao pé de duas cascatas d'agua limpida, que correm para o lado da bahia, cujos arredores são cheios de mattos, e de florestas. « As arvores (diz na sua relação) não crescem muito; mas bracejam, e formam amplas, e verdejantes copas. A especie mais abundante é uma, que semelha ao teixo na folha, e ao bordo na madeira. » Não achou quadrupedes, excepto algumas cabras, que alli deixaram varios navegantes, e estavam bravias. A ilha só era habitada por diversas castas d'aves. O terreno mostrava boas porções cultivaveis, e nem o menor vestigio havia de animaes venenosos. Desde aquella epocha tem sido mais frequentada, e por consequencia tem augmentado em generos. O capitão Colquhoun, do brigue americano Betzy, propagou alli as batatas, cebolas, e outras hortaliças. Quando arribou a esta bahia o capitão Heywood, em 1811, achou tres americanos, que estavam estabelecidos ha annos com o projecto de apanhar phocas para vender as pelles aos navios, que abordassem alli. Um destes aventureiros lembrou-se de publicar um edital declarando-se proprietario soberano da ilha. Em consequencia desta singular investidura arroteou 50 geiras de terra, e as semeou de varios productos, entrando tambem café e assocar. A sementeira vingou; mas apesar deste feliz resultado, talvez por falta de exportação, os colonos abandonaram a ilha, que foi depois occupada em nome do governo britannico por um destacamento enviado do Cabo de Boa-Esperança. O almirantado de Londres conservou-lhe guarnição até 1820, epocha em que mandaram recolher o destacamento, que se compunha de oito homens, e um cabo d'esquadra: este, que tinha arranjado uma fazenda na ilha, pediu que o deixassem ficar como dono, e possuidor em nome da Grã-Bertanha; e foi-lhe concedido. Em diversas occasiões, este novo Robinson tem feito serviços, quer aos navios precisados de refresco, quer a infelizes naufragos arrojados á ilha por tormentas, que são naquella paragem mui frequentes, e perigosas. Porém nenhuma aventura deste genero é tão romantica, e interessante, como a de um mancebo, artista inglez, de que tracta o roteiro inedito do *Astrolabio*; e é a seguinte.

« Pelos fins de 1824, M. Earle embarcou de passagem n'um pequeno navio inglez para Bengala. Como desenhador de prestimo, e compatriota, contava com a protecção do governador-geral, que tem a côrte de um principe. »

« Quando chegaram á altura de Tristão da Cunha a embarcação ía muito maltratada dos mares que tinha aguentado; e tão falta de lenha, e agua, que foi mister para refazer destas provisões demandar a ilha. M. Earle quiz acompanhar a gente que foi a terra. Munido do seu *album* queria tirar alguns desenhos das paizagens daquelle paiz bravio, onde nunca pintor algum pozera o pé. Deixou por tanto os marinheiros, e trepando por entre rochedos denegridos, descobriu profundas cavernas, transportou-se de um ponto de vista a outro, cada vez mais activo, e mais curioso, até que por fim chegando a uma solidão melancholica o assaltou subitamente involuntario temor; e um vago pressentimento de desamparo lhe encubriu o coração. Afagado em suor frio, correndo quanto podia, vôa a uma eminencia donde se avistava a praia e a enseada. Que desesperação! A praia, que ainda ha pouco retumbava com as vozes humanas, está deserta, e muda, e a enseada vazia. Nem lancha, nem navio: só descobria o mar, d'antes espalhado, e manso, e agora inquieto, e empelado, e ao longe, lá bem longe, a embarcação pequena combatida das vagas, e que parecia com a sua bandeira ingleza, acenar, e dizer adeus ao infeliz que abandonava. »

« Por longo espaço permaneceu o mancebo como pregado, e immovel naquelle logar, com os olhos espantados, os cabellos arripiados, maldizendo a sua sorte, esconjurando o mar, e resignado a morrer. Mas pela tarde resolveu-se a procurar abrigo: e depois de vaguear um pouco, avistou (e com que assombro!) no declive de um outeiro uma cabana, construida á ingleza, com seu cercado de arbustos sylvestres. Raiou subito clarão d'esperança naquelle animo abatido. As bilhas de leite luziam expostas ao ar em um banco da banda de fóra da porta: um cão entrou a ladrar, e não tardou que apparecesse um homem que na lingua ingleza saudou o recem-chegado. Era um companheiro, era Glass, o cabo d'esquadra, proprietario e senhor da ilha de Tristão da Cunha, em nome de S. M. Britannica. Fallaram-se, explicaram mutuamente as suas qualidades, e abraçaram-se; por fim o donatario conduziu M. Earle a sua casa, onde logo appareceu uma mulher, e uma creança, complemento da colonia, e o artista attonito encontrou uma familia n'uma ilha, que reputava deserta. »

« Alli viveu por quatorze mezes bem tractado e alimentado. Os seus hospedes tinham-se habituado á vida solitaria, com que se davam bem. Alguns gados bem nutridos, que permutavam com os navios, quando era occasião, por chá e biscoito, um arranjo caseiro pobre, mas limpo, uma casinha bem tapada, e abrigada: eis-aqui todos os recursos da colonia. As noites eram compridas, e os serões tristes, mas o estrangeiro veio dar-lhes realce, e vida. Tinha elle o seu album, que não era pouco. Para compensar uma hospitalidade generosa, M. Earle ensinou a ler ao pequeno, e para lhe ensinar a escrever, sacrificou o verso das folhas do seu album. »

« Eu vi este preciosa livro cheio de bellas vistas selvagens, porém magestosas, daquella ilha singular. Dir-se-ia que a desesperação do pintor derramou em todas as scenas um particular colorido de terror. Esta collecção, de genero novo, captivava a attenção, e lhe davam não pequeno realce as garatujas informes do menino, escrevinhadas nas costas de tão excellentes desenhos. »

« M. Earle, na epocha em que me contou a sua aventura, ainda conservava penosa recordação do seu longo infortunio: fazia sempre da ilha uma pintura carregada, grave, e medonha, como de terra onde recopilara a natureza sua austera sublimidade. Narrava com enthusiasmo as suas excursões perigosas por meio de um labyrinthe de rochedos; as suas caçadas ás phocas, em que o cabo d'esquadra executava prodigios de destreza; a guerra mais facil, que faziam ambos ás tordas mergulheiras, quando á tarde estas aves singulares se ajuntavam como em conselho n'uma rocha insulada, e se deixavam matar ás bordoadas, immoveis e graves como senadores romanos em suas cadeiras curúes. É provavel que por sua configuração estas palmipedes deixem de tomar o vôo á vista do perigo, e que a sua estupidez apparente nasça das pessimas disposições que têem para voar. Habitam sempre as regiões polares, e nunca vem a esta latitude senão empurradas por tormentas, ou fatigadas de luctar contra o vento. Então os caçadores, mettendo-se por entre as penedias, fazem boa feira dellas, desancando-as uma por uma até á ultima. »

« Finalmente, depois de quatorze mezes de degredo, arribou um navio a Tristão da Cunha; e M. Earle conseguiu ser tomado a bordo, despedindo-se affectuosamente da hospitaleira colonia. »

Ha cousa de dez annos, já o cabo d'esquadra, Glass, regia paternalmente sete familias: e segun-

do as ultimas noticias mais colonos se lhe tem aggregado, e possuem abundante provimento de gados de toda a especie, e de aves caseiras, que vendem aos navios, assim como hortaliças, e legumes, ovos, e manteiga; tudo de tão boa qualidade como na Europa.

TRINDADE INDIA.

RELIGIÃO DOS INDIOS ORIENTAES.

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páu, e em pedra fria
Varios de gestos, varios de figuras
A segundo o demonio lhe fingia
. . . . . .
Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Lybia estava;
Outro n'um corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

Camões, Lus. Canto 7.º Est. xlvii e xlviii.

O Indostão, qual o tem feito nos ultimos tempos o dominio inglez, é o paiz do globo que encerra maior variedade de cultos, pois no meio dos dois indigenas, que são o brahamismo e o buddismo, vivem alli em paz os sectarios do judaismo, do mahometismo, do magismo, do catholicismo, os manicheus, e os membros das igrejas grega, armenia, lutherana, e presbytereana, assim como os das religiões de Confucio, e de Sinto.

O culto indiatico reconhece, como o nosso, um Ente supremo, eterno, e omnipotente, um espirito incomprehensivel creador de tudo o que existe, que é Para-Brama, associado com tres entes menos perfeitos do que elle, que, posto que distinctos, formam uma só pessoa, ou a trindade indiatica. Brama, Visnú, e Siva, que são as tres divindades que a compõem, ou os espiritos *creador*, *conservador*, e *destruidor*, correspondem na linguagem methaphysica á *materia*, ao *espirito*, e ao *tempo*, e na da philosophia natural á *terra*, á *agua*, e ao *fogo*, de quem são os regedores. Outra semelhança que ha entre esta religião e a christã é a historia da rebellião de Messassur, que arrastou á revolta parte da milicia celeste, o que moveu Para-Brama a crear, a instancias da trindade divina, não só um mundo visivel, composto de 15 globos de purificação, no centro dos quaes existe o nosso, mas 89 fórmas de corpos para habitação daquelles espiritos rebeldes. O espirito que durante a sua longa peregrinação por todos estes globos, se não houver tornado rén de nova desobediencia ou rebeldia, irá lograr a bemaventurança, aliás será precipitado no ultimo, e condemnado a recomeçar a tarefa expiatoria.

Brama, a primeira pessoa da trindade asiatica, ou o espirito creador, tinha cinco cabeças antes de Verever, filho de Siva, lhe cortar uma: as quatro que lhe restam symbolisam as quatro partes do mundo, ou os quatro elementos dos philosophos antigos, e das suas quatro bocas saíram os quatro *Vedas*, principaes livros sagrados daquellas gentes, colligidos, e coordenados 1400 annos antes do nascimento de Christo, por Vyasa, celebre philosopho e poeta. De certas contestações entre Brama e Visnú resultou um conflicto, em que interveio o Ente supremo, e por este facto, Siva condemnou Brama a não ter templos particulares. Desde então, é este idolo sómente adorado nos pagodes dos outros. Os que não adoptam semelhante tradição, acham a razão deste procedimento na ingratidão dos homens, que, consumado o acto da creação, cessam de depender de Brama, o qual não tem influencia immediata na conservação, e destruição da materia; porém o verdadeiro motivo disto, o *Veda* o declara, dando-nos ao mesmo tempo uma sublime idéa da di-

vindade, quando diz: «Não ha figura que dignamente represente aquelle cuja gloria é tamanha que illumina tudo, ordena tudo, de quem tudo procede, que dá a existencia a tudo, e em que tudo se deve tornar.»

A nossa gravura representa Brama com os seus emblemas mais usados, a saber: com quatro cabeças e outros tantos braços, e tendo nas mãos uma porção dos Vedas, uma colher, que serve para derramar a agua lustral nas ceremonias religiosas, e um rosario. Ás vezes tem em uma das mãos um vaso, contendo a agua necessaria para as abluções, cousa de que nunca se prescinde em qualquer sacrificio ou oração.

Visnú, a segunda pessoa, ou o poder conservador, o mais reverenciado de todos os tres deuses, porque só a sua suave influencia o manifesta á humanidade, umas vezes corresponde ao sol, sua imagem, outras representa o tempo, a terra, a agua, a humidade em geral, e o ar. Tambem significa o espaço, e como tal, dizem que é azul, por ser esta a côr do ceu. Fingem-no com quatro braços, e ás vezes com mais: a sua physionomia é nobre e affavel, e ornam-lhe a cabeça tres tranças, que significam os tres maiores rios da India.

Montado n'uma aguia, ou antes n'um animal meio aguia e meio homem, representam-no algumas vezes como vagueando no seu proprio elemento, ou voando para o ceu.

Quando o consideram como o principio da humanidade dão-lhe como distinctivo um triangulo com o vertice para baixo.

Os paraizos ou mansões celestes de Visnú são situados no ceu, sobre a terra, e tambem em um mar de leite, sotoposto á terra, sobre o qual o figuram deitado em cima d'uma serpente.

A estampa juncta á presente descripção mostra Visnú com os seus attributos ordinarios, que o distinguem dos demais idolos, e vem a ser um grande busio *(chank)* côr de vermelhão, e uma arma de arremesso *(chakra)*, semelhante á rodela do jogo da concá, a qual tem no meio um buraco por onde se introduz o dedo index, á roda do qual se faz girar a *chakra*, antes de arremessa-la. As bordas deste instrumento são cortantes, e de sua peripheria partem chammas, quando é Visnú quem a faz andar á roda: o chank é todavia o emblema que melhor o dá a conhecer.

São tambem insignias de Visnú o *gadha*, e o *padha*, a primeira é uma massa ou clava, a segunda o loto; porém estas ornam muito menos vezes as imagens do idolo, do que as suas *avataras* ou incarnações, as quaes parecem outras tantas allegorias relativas á historia do paiz. Na primeira methamorphoseou-se Visnú em peixe para salvar d'um diluvio universal, querem uns que um rei, outros os livros sanctos; na segunda em tartaruga, para suster uma montanha prestes a caír ao mar; na terceira em javali, quando estripou o gigante Paladas. Depois incarnou alternadamente em homem-leão, e em bramane anão ou simples mortal, com os nomes de Rama, Balapatren, e Passurama; e por ultimo em pastor, celebrado com a denominação de Kishna. A decima incarnação de Visnú acontecerá passados noventa mil annos.

Siva ou Rudra, como lhe chama Diogo do Couto, e a terceira pessoa da trindade, a quem o mesmo auctor dá o nome de *Maha-Murte*, é dotado dos predicados de destruidor e conservador; parece ser symbolo das operações da natureza, que destroe uns seres para produzir outros. É invocado com uma immensidade de nomes, e é a divindade mais acceita ao povo, que a todas as outras a julga superior. Raras vezes o representam com muitas cabeças, porém dão-lhe quatro até trinta e duas mãos, armada cada uma dellas de uma machada, espada, clava, &c. Cinge-lhe o pescoço um collar de caveiras humanas, e na qualidade de deus do fogo, é sua insignia um triangulo com o vertice para cima. Sua mulher Bahavani é o symbolo da natureza creada, e tem alguma parecença com a agua ou Thetis.

Como deus da justiça cavalga um touro branco, emblema da justiça divina. A côr de Siva é branca, sem duvida para recordar a immaculada pureza da justiça; alva é tambem a sua madeixa, e algumas vezes vermelha. Tem tres olhos, um delles vertical, e no meio da testa, distincção que lhe é particular e aos seus filhos e incarnações, e que significa que vê o passado, o presente, e o futuro. A sua mais ordinaria insignia e um tridente, que denota que reune em si tres grandes poderes, e que lhe dá grande semelhança com o Neptuno da mythologia grega. O collar de caveiras indica a revolução dos seculos, e a successão das gerações da especie humana; uma cobra que tem pendurada ao pescoço, os annos; e a meia lua que se lhe vê na cabeça commemora as phases da lua, medida do tempo. As serpentes, como symbolos da immortalidade, enfeitam muitos idolos, mas nenhum tem tantos como Siva, á roda do pescoço, dos braços, dos pulsos, e das pernas. A figura que damos o representa tendo em uma das mãos a arma chamada gadha, e na outra uma cabra montez.

Parvadi, mulher de Siva, logra grande celebridade nas legendas indias, e outr'ora lhe sacrificavam muitas victimas desde o homem até a tartaruga, porque os sacerdotes tinham tido artes para fazer acreditar a efficacia de taes sacrificios, fundando-se em passagens dos seus livros sagrados, nos quaes, segundo diz William Jones, que pôde obter um fiel traslado delles, se estabelece, por exemplo, que o sangue da tartaruga fará propicia esta divindade por um mez, e o do homem ou do leão por mil annos.

Budda, reformador da religião indiatica, substituiu leis mais suaves aos preceitos do culto geralmente dominantes no seu tempo, e conseguiu que até os que o reputavam um embusteiro abrissem mão daquellas nefandas práticas. Apesar disso ainda ha hoje muitos fanaticos, que têem por obra mui meritoria deixar-se esmagar debaixo das rodas dos pesados carros dos seus idolos (vide o nosso N.º 12, pag. 91), e rasgar as carnes com ganchos de ferro, sem fallar nas viuvas, que fazem timbre em morrer queimadas, posto que alguns factos particulares tendam a desmentir a opinião geralmente recebida, de que ellas de sua livre e espontanea vontade se offerecem a este genero de morte.

Não deixaremos porém no silencio, que, até quando os abominosos sacrificios humanos estavam em voga, era vedado o faze-los sem o consenso do soberano, sob pena de commetter o sacrificador um peccado e um crime, entretanto que na Europa, em nome de uma religião de paz, que desapprovava taes crueldades, alguns hypocritas malvados e ignorantes, lançavam em hediondas masmorras, martyrisavam com requintada barbaridade, e faziam morrer nas chammas as pessoas mais conspicuas do seu tempo, sem que os mais poderosos principes da christandade ousassem valer ás desgraçadas victimas do furor sacerdotal. E com tudo mais de uma vez este descarregára os seus golpes sobre homens que esses mesmos principes haviam julgado dignos da sua amizade e privança.

Parvadi, quando a consideram revestida do poder vingador, corresponde a Proserpina, a Diana de Tauride, e a Hecate. Com outro caracter é Durga ou a virtude activa, vencedora de Messassur, principe dos anjos rebeldes. Dão-lhe tambem os nomes de Padamala e Camala, com os quaes é perfeitamente a Ve-

nus da mythologia occidental, nascida como ella sobre uma flor da escuma do Oceano. A sua progenie divina é quasi incalculavel: ella houve Mammadin, o Cupido dos indios, de Karticeya, o seu Marte, ou deus do exercito celeste, a quem representam com tres cabeças, cercadas d'uma aureola, e a cavallo n'um pavão. Tambem deu á luz Ganesa, deus da sapiencia. Com Sarassuadi protege as sciencias, preside á extracção dos mineraes, e á musica. Dest'arte Parvadi só ou como mulher de Siva, é muito venerada em toda a India. Seu filho Ganesa é representado com cabeça de elephante; dão-lhe ás vezes o nome de Polcar, e como deus da sabedoria tem parte no favor popular.

Os outros filhos de Siva são Supramanier e Verever; este traz á maneira de collar umas cabeças, enfiadas umas nas outras; tem quatro braços, tres olhos, e dois dentes saidos, á imitação de meia lua.

Depois destas divindades principaes vem uma turba de deuses dotados de differentes attributos, como são: Tchandra, a lua; Yama, deus da morte; Cuvera, deus das riquezas; Laschmi, deusa da fortuna; Anhi, deus do fogo; Visvacarman, deus dos obreiros; Pavan, deus dos ventos e da musica, pai de Hanuman, representado na figura d'um macaco; Indra, deus dos meteoros, o maior abaixo da soberana trindade, porque os homens sempre foram mais sollicitos em render cultos áquillo que mais temem; Mariata, adorado sómente pela gente de humilde condição, e finalmente o Linga, symbolo do poder gerador.

Admittem os indios um fado ou predestinação, porque dizem que quando alguem nasce, Brama lhe estampa no cerebro o que lhe deve acontecer, e dizem que a mesma divindade os extremou em quatro castas, tiradas a primeira da cabeça ou da boca do dicto idolo, a segunda dos braços, a terceira do ventre, e a quarta dos pés, ás quaes o nosso já citado historiador dá os nomes de Rayas ou militares, de Bragmanes sacerdotes ou letrados, de Chatins, mercadores grossos, e de Balalas ou lavradores, que todas quatro se subdividem em noventa e seis. É bem sabido que aos membros de qualquer destas castas é prohibido sob pena de perder os privilegios que lhe são inherentes, o casarem-se com pessoa d'outra casta, ou o exercerem officio differente daquelle que seus paes exerciam. Os pariás não formam como muitos suppoem, uma raça distincta, porém são o refugo de todas ellas, ou um aggregado de individuos, que em consequencia das suas proprias culpas, ou pelas de seus pais, porque o estado de pariá é uma especie de peccado original, são olhados com despreso e até com horror pelos membros das outras classes da sociedade.

E o principal dogma do brahamismo a perpetua transmigração das almas d'uns para outros corpos. Quanto mais culpada for a alma tanto mais vil será o animal cujo corpo ha-de tomar, de sorte que do corpo humano, póde, conforme o numero e qualidade dos seus peccados, passar a habitar no de uma vacca ou de outro homem que são tidos pelos mais nobres, ou no de um cão, reputado como o mais vil de todos, e até em pedras. Isto explica o motivo porque os indios consideram acção impia a de dar a morte aos animaes, e tambem dá a razão da particular devoção que têem a varias especies delles, como são a vacca, o boi, o abutre, o cysne, a adem, o macaco, o peixe, o elephante, e a cobra de capello, sem com tudo deixarem de ser exaggeradamente caritativos para com os demais animaes, para os quaes fazem construir hospitaes, onde, excepto os das especies carnivoras, são tractados com todo o carinho. Diz um viajante moderno que havia em Surrate um destes asylos, em que de quando em quando sacrificavam aos appetites dos vermes, um mendigo comprado a peso de ouro. O nosso Diogo do Couto, descreve nos seguintes termos um hospital de passaros.

« Nós vimos um na cidade de Cambayete muito para notar, porque tem enfermarias separadas para as castas que alli recolhem. São as paredes levantadas sobre arcos abertos por todas as partes, tapados com redes subtís de arame, tem grandes corredores, e de uma e de outra banda vão as cellas em que estão recolhidos, e tem enfermeiros que correm com aquillo, tem rendas e muitas esmolas para a fabrica, e despeza. Nós conhecemos na cidade de Chaul um baneane, criado entre os portuguezes, muito rico. Este quando falleceu lhe fez seu testamento um tabellião portuguez chamado Gaspar Rosado, em que deixava a todas as confrarias das igrejas de Chaul 30 pardaus a cada uma, e para o hospital de Cambaya dos passaros 4,000 pardaus. Tem este hospital certos homens a que se dão tenças e comedias, que são obrigados a andar pelos campos, e pelas ruas das cidades, buscando passaros doentes, aleijados, cegos, e de qualquer outra enfermidade, para os levarem ao hospital: e outros têem cuidado de visitarem as praças onde os mouros caçadores vão vender os passaros, que compram todos e os tornam a lançar a avoar. Fazem tambem curraes para as alimarias velhas e doentes, em que as recolhem, e curam: e para as buscarem tem outros deputados. Estes em achando a bufara velha, o cavallo ou mula com chagas, ou tolhido, logo é levado ao seu curral e curado com grande caridade; mas se acharem um homem paralytico, e tolhido caído por esse chão não lhe darão a mão para se levantar, ainda que o vejam trilhar dos homens, e das bestas, porque dizem que aquelle por seus peccados chegou áquelle estado. Resgatam os passaros como dissemos, e não o farão a um captivo, ainda que seja seu pai. »

Como estão persuadidos de que as almas passam sempre para os corpos mais proximos, abstem-se os indios de matar as pulgas, piolhos, e outras sevandijas que os atormentam; e quando algum está nas agonias da morte lhe chegam á cama uma vacca, cujo rabo mettem na mão do agonisante, para que a sua alma entre logo no corpo da vacca.

Nada ha mais curioso do que ver os baneanes, que se avantajam a todos os outros indios no amor dos animaes, tomarem as mais extraordinarias precauções para não esmagarem ou engulirem algum animalculo, e trazem sempre nas mãos assucar, farinha, ou mel, para offerecerem a qualquer alimaria que encontrarem nas estradas.

Não crêem os bramanes na eternidade das penas, porque, dizem elles, essa idéa repugna á da justiça e immensa clemencia de Deus, que é um Ente com cuja essencia é incompativel o odio, e assim tem lá para si que por enormes que sejam as culpas, maior é ainda a misericordia divina, e cumprida a expiação proporcionada ao delicto a alma será salva.

O brahamismo tem tido seus scismas: os mais consideraveis são o buddismo, e depois delle as seitas da mão direita e da mão esquerda, que reciprocamente se reputam impuras desde tempo immemorial; a religião dos Seikes ou nanekismo do nome do seu fundador Naneck, e a seita dos baneanes de que já expuzemos a ridicula superstição.

PASQUIM.

« Vivia em Roma um alfaiate de muita fama chamado *maestro Pasquino*; tinha muita freguezia, empregava bastantes officiaes, e com elles fallava livremente ácerca do que se preparava na cidade. Motejavam

descaradamente das acções, e maneiras dos papas, dos cardeaes, e dos prelados, e senhores. Porém como estes epigrammas saíam de bocas plebeias, e eram concebidos em termos rasteiros e vulgares, a côrte fazia delles pouco cabedal, e a ninguem vinha á idea vingar-se de sarcasmos de tão infima origem. Todavia quando um senhor, um doutor, ou qualquer pessoa de consideração referia uma anecdota injuriosa para algum poderoso, eram logo Pasquino, e seus officiaes, apontados como auctores da noticia escandalosa, e por esta fórma serviam de capa ao rancor, e vingança dos offendidos. Veio a ser moda, e para assim dizermos, proverbial, attribuir a *maestro Pasquino* todas as satyras, e chascos que se lembrava qualquer de publicar contra as disposições impoliticas, ou pouco populares da côrte, bem como contra os vicios dos prelados, e dos ministros. Finalmente com a morte de Pasquino caíu o véo que escondia á policia pontifical a critica prudente dos romanos: porém foi momentaneamente Defronte da loja do alfaiate mordaz estava uma pedra, que em tempo de chuvas, servia de ponte aos freguezes do mestre, para atravessar o ribeiro, que lhe corria defronte da porta. Os trabalhadores, que andavam nivelando esta rua, chamada do Parione, tiraram a pedra, e viu-se que era o costado d'uma estatua antiga de marmore, mutilada em parte: ergueram-na, e encostaram-na ao palacio Pamphili, fronteiro a loja, e o povo afluz entrou a dar-lhe o nome de Pasquino. Os cortesãos e poetas não quizeram perder a occasião de continuar a encubrir as suas satyras com aquelle nome já tão conhecido: e começaram de affixar na estatua os sarcasmos, que lhes veio á lembrança divulgar: dahi por diante enchia-se Pasquino quotidianamente de conceitos, allusões, e motejos, que tomaram o nome de pasquinadas, ou pasquins.

O que acabâmos de referir é extrahido de Barotti, antigo escriptor italiano. Com effeito, pelo meiado do seculo 16.º se descobriu a estatua de Pasquino, e ácerca da personagem que ella representava, não pouco quebraram a cabeça os antiquarios. Os artistas reconheceram logo o preço da estatua, e é tão estimada que o celebre Bernini não só não duvidava iguala-la, mas nem até antepô-la, ás melhores de Roma.

Pasquim nem sempre exprimia mordacidade, e critica, tambem se vestia de gala em dias de publico regosijo. Porém os seus vituperios eram tão pungentes que todos o temiam. O papa Adriano VI lembrou-se de aniquilar este anonymo terrivel, e chegou a dar ordem para que o deitassem ao Tibre. Um cortesão o arredou deste proposito, expondo-lhe que se afogassem Pasquino, depois se ouviria mais que as rãs do fundo dos charcos; e se podessem queima-lo, os poetas malediccos se ajuntariam annualmente no logar do supplicio do seu patrono, para lhe celebrarem exequias á custa da memoria de quem lhe instaurasse o processo. A sentença revogou-se, e Pasquim permanecen incolume.

Todavia, com o andar dos tempos, deu em mais taciturno. Só fallava durante os interregnos; e actualmente não palra senão por occasião dos conclaves.

Desta breve noticia colherão os nossos leitores a origem etymologica do que chamâmos *pasquins*.

SAGACIDADE DO BOI.

E no sul da Africa onde o boi tem toda a valia. A sua intelligencia dá ahi provas de exceder á do cavallo, por mais notaveis cousas que deste se contem, e até de ser mui pouco inferior á do cão, animal a que por excellencia podemos chamar sagaz. Fazem os bois entre os hottentotes as vezes de criados, e são os companheiros destes rudes homens nos seus divertimentos e trabalhos. Não sómente protectores dos cafres, tambem lhes são servos dóceis, ajudando-os a guardar o gado, e defendendo este de qualquer ladrão estranho. Em quanto os rebanhos de ovelhas erram pastando, o fiel *backely*, nome que dão a esta casta de bois, anda-lhe ao redor ruminando. Sempre attento, com tudo, ao signal de seu dono, corre ao menor aceno pelos contornos do prado, e encarreira os rebanhos que se affastam do grosso do gado: se ha quem queira roubar alguma rez, ei-lo de volta com o ladrão: e o mesmo acontece vendo qualquer estranho: mas não para aqui o serviço destes animaes, porque tambem são soldados. Qualquer exercito de hottentotes traz comsigo manadas de *backelys*, que lançam contra o inimigo. Quando desembestam levam tudo adiante de si: marram em quem quer que se lhes oppõe; e pizam aos pés quanto encontram, fazendo assim com que seus donos ganhem muitas vezes facil victoria sem desfecharem um só golpe.

O ORNITHORINCO.

(*Ornithorincus Paradoxius.*)

Em o nosso N.º 16 já démos uma noticia dos habitantes da Australasia, especialmente da Nova-Hollanda; dessa terra, que parece um mundo arrojado, como uma creação em separado, no meio do vasto Oceano Pacifico.

As producções vegetaes deste paiz, e os animaes, que tanto differem dos que se conheciam nas outras partes do globo habitado, têem convidado os naturalistas a estuda-los, e a dilatar com acquisições novas os reinos da natureza.

Entre os animaes é digno de menção, apesar da sua pequenez, o ornithorinco, pela singularidade da sua organisação. O nome, que Blumenbach lhe deu, é grego, e vale tanto como *bico de passaro*, e dão-lhe o epitheto de *paradoxal* por causa da extraordinaria configuração. Os colonos inglezes chamam-lhe *toupeira d'agua*, denominação popular, que não é fóra de razão, vistos os habitos do animal.

É um amphibio, mais aquatico do que terrestre, que frequenta as aguas fundas e crystallinas das calhetas embocetadas dos rios da Nova-Hollanda.

Olhando-se para a organisação deste animal parece extravagante á primeira vista, porém estudando-o cuidadosamente, observa-se como a Providencia a adaptou ás precisões e habitos da residencia aquatica, que lhe destinou. No estado de adulto anda pela grossura de um coelho, e tem dezoito a vinte pollegadas de comprimento. É coberto com um vello curto, e ma-

cio, composto, como o da lontra, de duas castas de pello. Tem o rabo achatado, á semelhança do castor, porém em vez de ser a pelle escamosa, é pelo contrario coberta de pello, mais rijo que o do corpo, pela parte de cima, e pela banda inferior é nú, e pellado. Os membros do corpo são notaveis pelo encolhimento, e pelo vigor da acção; a parte interna sobre tudo é mui carnosa, e, como a toupeira, tem extrema força nas mãos, que são muito azadas para cavar em chão humido, porque as unhas são fortes, e curvas: tem mais uma membrana como a das aves palmipedes, entre os dedos e unhas, e assim as mãos lhe servem d'enxadas, e pás para desentulhar; e quando anda n'agua fazem as vezes de remos: os pés tambem são espalmados. Os machos têem no calcanhar um esporão, que faz, segundo dizem, perigosas feridas, porque transmitte ao golpe a secreção venenosa, ou muito acre de uma glandula, que tem na base; pelo que deve-se pôr todo o cuidado em evitar estas feridas, intentando-se agarrar algum dos machos já crescidos. Este facto precisa bem averiguado.

Porém a parte mais singular do ornithorinco é sem contradicção a cabeça: em vez de acabar em focinho, como os outros mammiferos, continúa como uma especie de bico de colher, semelhante ao do pato, largo, e comprimido, e de mais a mais acompanhado de uma especie de beiço membranoso, parecido com sola demolhada: esta substancia fórra as duas queixadas. O exterior deste singular bico, ou focinho, é preto por cima, alvacento por baixo. O queixo, ou mandibula inferior, que é mais estreito, e curto, que o superior, entalha neste, como uma tampa n'uma caixa de tabaco. Na parte anterior deste bico ha dois orificios, que são as ventas: e na base é cercado com uma certa golla membranosa, e preta. Tem os olhos pequenos, mas saídos, e luzidios: e póde abrir, ou fechar á sua vontade o orificio das orelhas, conforme está n'agua, ou fóra d'agua.

A carne deste amphibio, apesar de cheirar extremamente a marezia, é iguaria agradavel para os naturaes.

O ornithorinco habita esconderijos em aguas placidas: a sua captura é difficultosa, porque é bastante cauteloso, e o auxiliam os sentidos vigilantes, e agudos. A pelle é tão dura que resiste á bala, salvo na cabeça. É tambem difficil empreza descobrir, e matar este animal desconfiado, quando vem respirar á superficie: á menor bulha desapparece, e ainda mesmo quando o não inquietam, poucos minutos pára ao lume d'agua.

A M. Bennett, naturalista inglez, devemos o pouco que se sabe ácerca destes animaes em tudo raros. A grão custo conseguiu elle haver alguns vivos, esperançado em os mandar assim para Inglaterra. Mas ate agora todos têem morrido na viagem: e os naturalistas da Europa inda os não poderam vêr senão empalhados, ou conservados em alcool.

Os ornithorincos excavam, para sua habitação, por baixo das ribanceiras dos rios, um longo corredor subterraneo de trinta palmos de comprido, com uma saída ao nivel d'agua, e o fundo bastante alto, em chão fóra do alcance provavel das inundações. Neste asylo a femea arranja a sua cama de plantas aquateis, e de cannigos, para parir. A'cerca da creação dos filhos, e tambem sobre o modo de os dar á luz, vogam opiniões diversas, porque os factos ainda se não poderam averiguar. O tempo, e a curiosidade incansavel dos naturalistas, acclararão de futuro estas, e outras mais circumstancias destes animaes singulares, ainda não ha longo periodo descobertos, e hoje mesmo imperfeitamente conhecidos pelo que respeita aos seus habitos caseiros.

Vantagem da celeridade. — Como as forças animaes se exhaurem exactamente em proporção do espaço de tempo durante o qual se empregam, bem como em razão da intensidade da força que se faz, muitas vezes se poupará esta trabalhando depressa, ainda que se faça mais algum esforço. Supponhamos dois homens, ambos do mesmo pezo, subindo juntamente por uma escada, e que um delles gasta só um minuto, gastando o outro quatro: a subida custará ao primeiro pouco mais da quarta parte da fadiga que custa ao segundo; porque o cansaço é proporcional ao tempo em que os musculos estão em actividade. O apressado talvez gastasse mais a vigessima parte da força no primeiro instante para dar maior velocidade ao corpo, e continuando depois a dar-lh'a; mas o vagaroso teve que sustentar o proprio pezo durante quadruplicado tempo. — *Arnott, Elementos de Physica.*

Egoismo. — O egoista é aquelle que poria fogo a uma casa alhêa para assar um ovo para comer. — *Bacon.*

Maravilhas. — Os homens, em quanto uma cousa se não faz, maravilham-se de que se possa fazer: feita ella, maravilham-se de que ha muito se não tivesse feito — *Bacon.*

Methodo de conservar as uvas. — Na Italia usam da seguinte receita para guardar uvas, que duram em bom estado até Março ou Abril.

Quando querem colhe-las com o intento de as conservar esperam que o tempo esteja secco: depois de colhidas limpam-nas muito bem de todos os bagos podres, ou que dão mostras de proxima podridão. Limpos os cachos, mettem-os n'um caixote ás camadas, separadas umas das outras com folhas de pessegueiro, forrando previamente o fundo e os lados com as mesmas folhas, e cobrindo tudo com ellas. Poem depois estes caixotes em quartos enxutos e bem arejados: devendo observar-se que por via de regra cada caixa não confém mais do que quatro camadas de uvas.

A analyse chimica deu a conhecer que as folhas do pessegueiro contém acido prussico. É provavelmente a este acido que se deve a conservação das uvas por este methodo tão simples e pouco dispendioso.

Ha outro methodo que é menos facil; mas que poremos aqui para que o experimentem as pessoas que podérem ou quizerem. N'um tonel dos que têem porta, e que recentemente tenha tido aguardente, se porão páus atravessados de lado a lado. Façam-se penduras de cachos bem enxutos e limpos, e pendurem-se nestes páus. Feche-se depois a porta do tonel, e tape-se de modo que não lhe entre ar, renovando-se esta mesma cautela todas as vezes que se tirarem uvas. Assim se conservam uvas em França de um para outro anno.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal, N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa. — Na Imprensa Nacional.

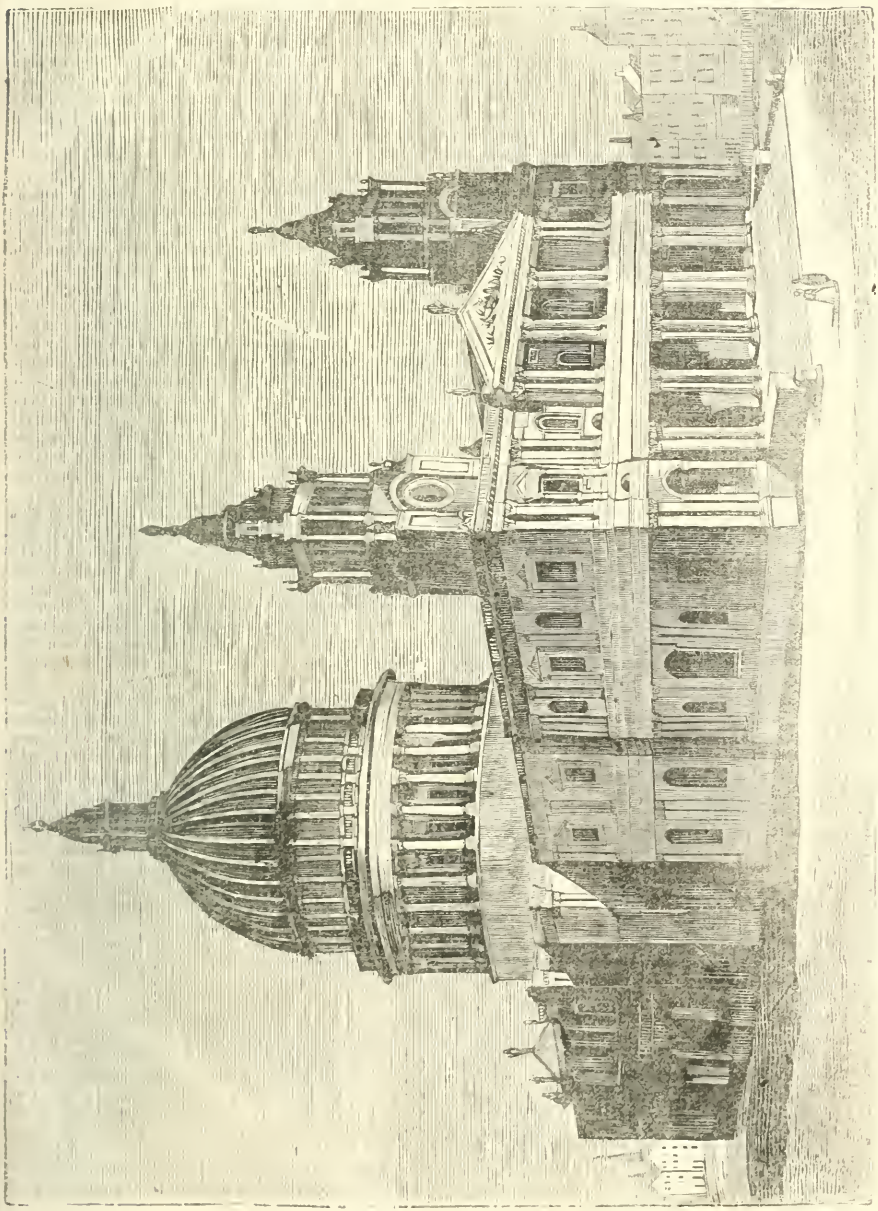
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

25 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. OUTUBRO 21, 1837.



CATHEDRAL DE S. PAULO — LADO OCCIDENTAL.

TEMPLO DE S. PAULO DE LONDRES.

Fariamos um livro se quizessemos miudamente descrever a sumptuosa cathedral da capital da Grã-Bretanha, mas além de que a nossa estampa sufficientemente inculca a magnificencia de tão magestoso edificio, bastarão para o geral dos leitores as abbreviadas noticias, que passâmos a dar.

Este templo data de mui remota antiguidade, e alguns fazem a sua primitiva fabrica obra dos romanos: melhorado consideravelmente com o progresso dos tempos passou por diversas vicissitudes, até que o espantoso fogo de 1666 o consummiu, e a mais oitenta e oito igrejas em Londres. Logo depois tractaram com todo o empenho de o restaurar; e depois da difficultosa, e dispendiosa tarefa de remover o entulho da obra antiga, se lançou a primeira pedra no edificio actual aos 21 de Junho de 1675, ficando inteiramente concluido em 1710. E notavel que o architecto, e superintendente geral da obra, Christovão Wren, o bispo de Londres, que então era Compton, e o mestre viram começar e acabar tão dispendiosa, e vasta fabrica, cousa rara em construcções desta natureza. A igreja de S. Pedro de Roma, que é a primeira da Christandade, e com quem S. Paulo tem sido comparada, é edificio muito maior, mas gastou 135 annos a construir, durante os governos de dezenove pontifices, e sob a direcção successiva de doze architectos.

O templo de S. Paulo de Londres não só exteriormente é sumptuoso. O choro é uma peça grandiosa, onde estão, do lado do sul a cadeira do bispo de Londres, e do lado do norte a do lord mayor: tem um orgão soberbo ornado ricamente. A estante é a figura d'uma aguia, de bronze dourado, que nas azas abertas sustenta o livro. O altar é adornado de columnas enfustadas azues com veios d'ouro como o *lapis lazuli*, e de capiteis dourados. Porém os objectos mais curiosos para o estrangeiro, no interior deste edificio, são: a *livraria*, que encerra muitas preciosidades litterarias, e tem o pavimento primorosamente assoalhado, sem prego, nem cavilha: a *escada geometrica* de noventa degráus sustentados no ultimo degráu do fundo: o *sino grande*, que pesa 11:474 libras, e tem mais de quinze palmos de diametro: e a *whispering gallery*, ou galeria dos segredos, que tem um eccho d'especie singular, de fórma que transmitte o mais leve som, com força e clareza, de uma pessoa para outra collocada no lado opposto da galeria, sendo a distancia, dizem, nada menos de 140 pés. Na parte interna do zimborio ha oito bellas pinturas, representando passagens da vida de S. Paulo, as quaes são de James Thornhill. Estatuas, e columnas adornam o templo, que em todas as suas partes, e accessorios é igualmente respeitavel, e magnifico.

Antigamente recamavam suas paredes, como trophéos das armas britannicas, as bandeiras tomadas aos inimigos, mas ultimamente foram removidas para logares mais adequados; as navaes para o hospital da marinha em Greenwich, e as do exercito para o de Chelsea.

Neste mesmo templo está entre outros o tumulo do seu famoso architecto, Wren, com um modesto epitaphio: nelle tambem jazem os restos mortaes do famigerado almirante, Horacio Nelson.

O custo desta cathedral avalia-se em mais de sete e meio milhões de cruzados; somma enorme obtida em parte por donativos voluntarios e subscripções, e em parte por um modico tributo sobre o carvão, durante a edificação do templo.

O ROUBO ENTRE OS ARABES BEDUINOS.

Encontram-se nos desertos da Arabia, e do norte da Africa tribus nomades ou vagabundas, que onde acham uma pouca d'agua e alguns pastos para os seus gados costumam abarracar-se: são estas tribus as dos beduinos, cujo nome não designa um povo, nem uma raça, mas sómente quer dizer *habitantes do deserto*.

E a superficie do deserto movediça e fugaz qual a do mar: umas vezes rasga-se, divide-se, e espraia-se ao sôpro carinhoso da suave brisa; outras vezes aos repelões da tempestade fórma ondeadas serras, que no mesmo dia crescem, e se desfazem. As pegadas de mil camellos se apagam, assim que passa a caravana, como se desvanecem os escumosos redomoinhos da esteira d'um navio, á medida que elle se adianta. Se por acaso a areia deixa crescer uma pouca de relva, repousa alli a tribu livremente algumas horas para aproveitar este beneficio do ceu, da mesma maneira que o pescador detem o seu batel onde se lhe antoja, para tirar proveito d'um mar piscoso. O deserto, bem como o mar, pertence a todos; o mar fez o marujo, o deserto o arabe beduino; porém o mar aproxima, e reune os povos, o deserto separa-os, e dissocia-os; o mar abbrevia as distancias, o deserto augmenta-as; no mar concorrem, soccorrem-se, e coadjuvam-se cem povos diversos, e no deserto só roubadores acham lucro. O camello, esse maravilhoso vehiculo destinado a ser o elemento civilisador entre as raias do deserto, como o navio o foi entre as regiões banhadas pelas aguas, não é mais do que um instrumento de latrocinios e maleficios! Tanto têem os homens abusado das dons da providencia!

Quem diz beduino, diz ladrão, porque o roubo fórma parte integrante da sua existencia, e é para elle um officio que tem seus proes, um genero de cavallaria andante fecundo em aventuras epicas, uma arte rica de poesia, uma alternativa d'incidentes prosperos e adversos, uma precisão da sua imaginação romanesca, um alimento da sua curiosidade ávida de commoções inopinadas, e finalmente um regimen de vida, que tem regras estrictas e leis, — uma honra, uma virtude.

O ataque das caravanas, e a expoliação dos viajantes não são mais do que episodios do systema depredatorio dos beduinos. Se o fim do roubo fosse sómente o modo de satisfazer a cubiça, poderiam elles talvez limitar-se a commette-lo, nas occasiões, taes como estas, em que o lucro fosse certo; porém, tendo-o a transmissão hereditaria do sangue, o clima, a educação, e o habito, tornado paixão predominante, foi forçoso que se generalisasse ao ultimo ponto, formando de alguma sorte um ramo de commercio ou escambo. D'aqui vem o proverbio — que a mão direita d'um beduino procura roubar a sua mão esquerda, e a esquerda a direita. Roubam-se as tribus desaforada e despiedadamente, desenvolvendo nos mui bem encertados planos das suas mutuas contendas uma astucia e actividade muito mais temiveis do que na investida das caravanas, e dos viajantes; porque ladrões contra ladrões devem obrar avisadamente.

Quando algum beduino quer commetter uma aventura leva comsigo uma duzia de amigos todos envoltos em vestidos velhos e esfarrapados, para assim disfarçarem a sua classe, e se livrarem de pagar um resgate muito avultado se não forem bem succedidos; porém este ardil poucas vezes lhes aproveita, porque quem possue bens capazes de excitar desejos de rapina considera-os como a isca d'uma ratoeira, em que póde cair algum ladrão pouco matreiro. Colhido o ladrão no laço tractam de descubrir a sua verdadeira fortu-

na, e não o soltam sem lhe tirarem, regateando com elle, um proporcionado resgate

Sáem pois a campo os nossos doze larapios, munido cada um delles d'uma pouca de farinha, de sal, e de um odresinho cheio de agua. Com tão escassas provisões apartam-se algumas vezes a distancia de oito dias de marcha do seu arraial. Chegam de noite perto do sitio em que se estabelecêra a tribu de cujas riquezas intentam apoderar-se, e fazem encaminhar para as barracas tres dos mais desembaraçados, que não devem lá achar-se antes da meia noite. Tudo dorme, e vai por tanto correr-se o panno á scena. Cada um dos tres actores faz o seu papel, de que d'ahi em diante toma o nome. Um delles, o *mostambeh*, introduzindo-se por detraz d'alguma barraca, trabalha por chamar a attenção dos cães de vigia, os quaes em breve lhe caem a perna: deita a correr, e indo-lhe os cães no alcance, consegue desvia-los largo espaço do acampamento. Apparece então o segundo actor, que é o *kharami*, o qual corta as peias dos camellos, e os faz levantar: um camello sem carga póde erguer-se e caminhar sem fazer o mais leve rumor. O *kharami* conduz para fóra do arraial um destes animaes, que os outros seguem espontaneamente. Em quanto dura a operação, o outro aventureiro, a que chamam o *kayde*, conserva-se á porta da barraca com uma cacheira alçada para descarrega-la sobre a cabeça do primeiro que saisse, e consumado o roubo vai reunir-se ao seu camarada. A certa distancia agarra cada um delles pela cauda um dos mais vigorosos camellos, e puxa-o com quanta força tem. Isto obriga a besta a partir de galope, levando apoz si o arabe: os outros seguem na mesma andadura, e chegam ao logar onde o resto do bando os espera. Dão-se então pressa em soccorrer o *mostambeh*, e retiram-se para o campo da partida a marchas forçadas de dia e de noite, deixando logrado o dono dos camellos, que algumas vezes quando acorda acha-se com menos cincoenta camellos, sem que o seu repouso fosse perturbado, nem um sinistro sonho o inquietasse, graças ás precauções tomadas para não incommoda-lo.

Se por acaso fosse pilhado algum dos da quadrilha, dar-lhe-iam um tractamento muito singular, cujo uso é uma prova, além de mil outras, da existencia desta lei convencional, que impera sobre todas as nações, e as protege contra si mesmas, e contra a destruição geral que deveriam muitas vezes trazer comsigo os seus habitos anti-sociaes. Segundo um dos costumes invariaveis do deserto se o homem que está em perigo em poder d'um arabe alcança tocar em outra pessoa, ou até mesmo em algum objecto inanimado que traga nas mãos, ou se tem artes para se pôr indirectamente em contacto com ella, atirando-lhe com uma pedra, ou lançando-lhe um escarro, e bradando ao mesmo tempo: *Sou teu protegido!* ei-lo dahi em diante em seguro: porque a pessoa em que tocára tem por obrigação outorgar-lhe a protecção pedida.

Ja se vê que o preso é conservado em tanto mais apertado quanto maior é o interesse que ha em priva-lo do beneficio desta lei conservadora. Declara-se entre os dois uma continua guerra d'astucia contra astucia. O arabe da barraca abdiga-se todas as manhãs para evitar o ladrão uma renuncia ao direito de protecção; se não valera bradadoras, recorre a punhaladas; porém esta renuncia ja não é valida passado o dia em que foi feita, é mister renovar-se diariamente a mesma formalidade, e se o preso repetir todas as vezes que os [illegible] visita d'alguem estranho.

Como o arabe deve guardar o seu prisioneiro na barraca em que habita, é obrigado a tomar precauções extraordinarias para evitar o direito de protecção, e por isso abre uma cova de cinco palmos de profundidade, e nella deposita o ladrão com as mãos atadas, os pés presos ao chão, e os cabellos separados para a direita e para a esquerda, e amarrados a estacas: uns páus grossos atravessados na boca da cova, e carregados de pesados fardos, não deixam vêr senão uma pequena parte do rosto do pobre diabo engaiolado, a quem para cumulo de tormentos não dão mais do que o alimento estrictamente necessario para que não morra á fome.

Apesar desta, tem-se visto beduinos perseverarem por espaço de seis mezes em não quererem revelar o seu nome, sobre tudo se pertencem a familias opulentas. Raras vezes acontece que antes deste termo não perca a paciencia o carcereiro, pois elle mesmo se dá a perros por causa da vigilancia que deve ter na sua barraca. Se, por exemplo, algum dos seus filhos mais pequeninos se chegasse ao preso e lhe désse um pedaço do seu pão, deveria o ladrão obter immediatamente a liberdade. Nem para aqui a cautela, porque é preciso livrar dos escarros, que o captivo, não obstante ter presa a cabeça pelos laços dos proprios cabellos, póde lançar mui longe, por entre os buracos da sua gaiola, pelo muito que nisso se tem exercitado. A estes inconvenientes accresce que os rigores do captiveiro não tardam em fazer perigar a vida de quem os soffre, e segundo as crenças do deserto, o sangue do homem que assim succumbe recáe sobre a cabeça do carcereiro. Ah, esta crença não existe senão no deserto!

Durante o captiveiro fazem os amigos do preso todos os esforços para liberta-lo, pondo em pratica para esse effeito força, astucia, manhas, supplicas, e ameaças. Nestas tentativas manifestam os arabes inaudita riqueza d'invenções subtís, e engenhosas. Um dos mais communs estratagemas é este: a mãi ou a irmã do prisioneiro finge chegar casualmente á tribu, como quem se transviára, e implora a hospitalidade, que é quasi a unica virtude conhecida daquelles povos. Depois de haver descuberto a barraca em que seu filho ou irmão jaz encerrado, entra nella com algum pretexto, ou de noite, levando um novello de fio: a ponta do fio fica na boca do preso, e a mulher ao saír vai desenrolando o novello até chegar a alguma barraca visinha: bate, e saindo o dono, applica-lhe a mulher a outra ponta sobre o peito para o pôr em contacto com o preso, e exclama: *Aquelle está debaixo da tua refeição.* Parte logo o arabe a cumprir o seu dever, e vai procurar o seu visinho, que livrando elle proprio dos ferros o seu prisioneiro, o tira da cova, e depois de lhe dar uma boa refeição, lhe restitue a liberdade.

MERGULHADORES EXTRAORDINARIOS

Refere o doutor *Joel Langelot* ter visto em Tronningholm, logar onde a rainha de Suecia tinha um palacio magnifico, um jardineiro de sessenta e cinco annos de idade, que dezoito annos antes, tendo-se arriscado imprudentemente a ir pelo gelo soccorrer um homem que estava para morrer afogado, caíu n'um pego de quatro braças de profundidade, onde esteve dezoseis horas com o corpo direito, em quanto não puderam descobri-lo. Accrescenta o auctor, que havendo interrogado aquelle homem, elle lhe dissera, que o frio lhe interigira todos os membros, e que depois ficára como morto, até que lhe deram na cabeça fortes pancadas com um croque, com que o procuravam, que logo que o tiraram d'agua lhe asseguraram que da boca lhe saíra uma grande bella de ar, a qual, segundo lhe disseram, obstara a que morresse suffocado.

do, e finalmente que as suas orelhas estavam cheias d'agua.

Pelo fim do penultimo seculo escrevia *Tirasius*, guarda da bibliotheca de Stockholm, um facto ainda mais pasmoso. Uma mulher da provincia de Dalia, na Suecia, dizia elle, chamada *Margarida Larsdatter*, caíu tres vezes n'agua. Da primeira vez, sendo ainda muito moça, esteve tres dias de mergulho, nas outras duas soccorreram-na com mais promptidão, e ella morreu em 1672, com setenta e cinco annos de idade.

Barmead, quando voltou da sua viagem da Goetna occidental para Stockholm, narrava um facto muito mais incrivel. Dizia que havendo por acaso assistido a um discurso funebre, cujo assumpto era a morte d'um velho septuagenario, ouvíra asseverar ao cura, chamado *Lourenço Jona*, da aldêa de Boness, que este homem quando tinha dezesete annos, caíra n'agua, d'onde só o tiraram ao cabo de duas semanas, e que apesar disto tinham conseguido reanima-lo.

Estes factos bem comprovados tornam menos incriveis outros referidos por diversos auctores. Lêmos, por exemplo, em *Herodoto* que um certo Scyllias vencia com facilidade o espaço de duas legoas por baixo do mar, sem vir uma só vez ao de cima d'agua para respirar. *Didion*, cognominado o *Ruivo*, tinha a mesma faculdade, e perseguia os peixes nadando por baixo d'agua; porém não obstante isso afogou-se no rio Mora, e o cirurgião que o abriu nos dá sem contradicção a solução deste problema, dizendo no seu relatorio, que descobrira na separação das duas auriculas, *uma abertura transversal fechada por meio de uma valvula de pouca resistencia.*

Por mais pasmosa que seja a historia do famoso mergulhador siciliano chamado *Pesce Cola* (Nicolau o peixe) avantaja-se-lhe no maravilhoso a de outro buzio hespanhol, por nome *Francisco de la Vega*, de Lierganes, aldêa do arcebispado de Burgos. Seus pais o mandaram para Bilbau a fim de aprender o officio de carpinteiro. Contava então quinze annos, e conservou-se naquella cidade dois annos até a vespera de S. João de 1674. Tendo ido uma occasião banhar-se em companhia de outros rapazes, estes o viram dar um mergulho, depois de ter deixado a roupa na praia junta com a delles. Como não duvidassem que voltaria em breve esperaram por elle algum tempo, até que persuadidos de que se afogára, perderam as esperanças de tornar a vê-lo, e informaram do acontecido o mestre com quem aprendia, que mandou a infausta nova aos paes de Francisco. No anno de 1679 vieram alguns pescadores do mar de Cadix dois dias consecutivos um vulto de homem, que nadava, e mergulhava, e publicaram esta descoberta, a qual excitou de tal maneira a attenção do publico, que formaram o designio de se apoderarem daquelle objecto, como com effeito se apoderaram, usando de manhas para colhe-lo em redes. Era o mesmissimo rapaz que desapparecêra em 1674, porém estupido, e incapaz de responder ás perguntas que lhe dirigiam. Pronunciava, com tudo, a palavra Lierganes, que trazendo á memoria a historia de Francisco de la Vega, o deu a conhecer. Nada diremos a respeito dos estranhos boatos a que deu logar esta estupenda aventura nos logares em que succedeu, nem ácerca das estravagantes idéas que suscitou; diremos sómente que um frade de S. Francisco, chamado *João Rosendo*, se encarregou de o reconduzir para casa de seus paes, o que executou no anno seguinte, e tendo ordenado ao rapaz, quando chegou a um quarto de legoa distante de Lierganes, que fosse adiante, e lhe ensinasse o caminho da casa, obedeceu o moço, e encaminhou-se em direitura á casa de sua mãe, a qual logo o reconheceu, assim como dois irmãos que com ella estavam; mas o rapaz não deu demonstrações de amizade a sua mãe e irmãos, nem indicio algum de lhe causar admiração o que via. Morou nove annos em casa de sua mãe, sempre alienado de juizo, fallando muito pouco, e o mais que dizia eram as palavras *tabaco*, *pão*, *vinho*, e sem sequer as pronunciar seguidas e a proposito. Fazia recados, quando não consistiam senão em levar embrulhos d'um logar para outro, e dava boa conta de si; mas no fim de nove annos tornou a desapparecer, e nunca mais houve delle noticias.

Estes factos nos provam invencivelmente, que se ordinariamente não é dado ao homem viver muito tempo debaixo d'agua, e se aquelles que cáem dentro della perecem quando não são soccorridos a tempo, ha todavia disposições particulares que conferem ao homem a faculdade de viver neste elemento. Talvez que não fosse tão raro como se julga o achar quem possuisse a mesma vantajem, se os homens que caíssem no fundo d'agua não perdessem o tino, e contivessem a respiração para que a agua, que em taes casos passa vezlozmente pelos bronchios, os não suffocasse. É mui provavel, diz judiciosamente o sabio Buffon, que este privilegio fosse extensivo a todos os homens, se houvesse a precaução de os mergulhar n'agua e no ar alternativamente, por um certo tempo, apenas nascessem. Esta opinião do illustre naturalista funda-se em varias observações anatomicas, que omittiremos, das quaes parece poder-se concluir, que os phenomenos acima descriptos foram sómente devidos a ter cessado a respiração dos individuos que mencionamos, durante todo o tempo que estiveram submergidos.

O CARDEAL Fesch, thio de Napoleão, vivia muito retirado de Paris, no seu palacio da rua de Mont-Blanc; frequentava e conhecia poucas pessoas, e sómente tres ou quatro vezes cada anno, julgava dever dar jantares ceremoniaticos. Quando queria fazer convites, abria o almanak imperial, e quasi ao acaso escolhia os seus convidados entre os membros do senado, do corpo legislativo, do conselho d'estado, da magistratura, e do alto clero.

Tinham sido convidadas quarenta pessoas para um destes jantares, e trinta e nove já estavam reunidas nos salões do cardeal. Eram sete horas e meia, e ainda não iam para a mesa; o cardeal dava signaes de impaciencia, e as barrigas dos convidados começavam a dar horas.

— Vossa eminencia ainda espera por alguem? se abalançou a perguntar-lhe um dos convidados.

— Sim, espero um respeitavel senador.

Passa mais meia hora, e o mesmo convidado torna a dirigir-se ao cardeal.

— Eminentissimo senhor, estará acaso doente o respeitavel senador?

— Oh! não; se o estivesse mandava-m'o participar. Passa outra meia hora.

— Porém, senhor, quem é esse respeitavel senador?

— O conde de Laville-Leroux.

— Que por signal morreu ha um anno.

— Isso agora é outro caso; então vamos para a mesa.

OS BANQUETES DOS ANTIGOS.

No 12.º e 13.º seculo pedia a etiqueta que nos banquetes se assentassem alternadamente á mesa os convidados de ambos os sexos, e que cada par comesse no mesmo prato. Nas refeições das familias bebiam todos por uma unica taça, e o pae de S. Berland o deserdou, porque antes de beber limpára a taça, com o pretexto de que elle tinha lepra.

O uso das saudes estava ligado com a religião dos romanos, e em certa epocha foi geral na Europa. Não ha mais de cincoenta a sessenta annos que na Allemanha bebiam não sómente á saude de todas as pessoas presentes, mas tambem á dos thios, thias, e primos, e até á de parentes já fallecidos, de sorte que um extranho, convidado para jantar, se via na rigorosa necessidade de indagar toda a parentella de quem o convidára. A obra de Pasquier refere uma anecdota interessante relativa á infeliz Maria Stuart, que pereceu no patibulo. Na noite que precedeu a execução, bebeu, depois da ceia, á saude de todos os seus servos, rogando-lhes que lhe fizessem a razão. Obedeceram-lhe todos, e ao beberem á saude da desgraçada rainha, as lagrimas lhes caiam nos copos, tão profunda era a sua magoa.

As nações antigas pareceu necessario variar os banquetes com espectaculos, e representações de differentes generos. Os gregos e os romanos recrearam os seus hospedes com pantomimas, e algumas vezes com os sanguinolentos combates dos gladiadores e luctadores; e os principes christãos dos primeiros seculos do christianismo tinham paixão pelas danças pantomimicas durante os banquetes, nos intervallos dos quaes cantavam os menestreis e os trovadores os seus versos ao som das harpas. Nos refeitorios dos frades, e ás mesas dos piedosos prelados, a leitura de livros devotos, ou a musica acompanhavam as refeições, e o primeiro organ que na França appareceu foi construido para a mesa de Carlos Magno.

Certas especies de espectaculos, a que chamavam entremezes, eram os mais nobres divertimentos dados pelos grandes aos seus hospedes: consistiam aquelles espectaculos em justas de cavalleiros, em habilidades de automatos, e em representações theatraes ou mimicas de successos importantes. Em uma festa dada por el-rei Carlos VI as damas da côrte, dois cavalleiros, que eram Reinaldo de Boye, e micer Boucicaut, correram a cavallo á roda da mesa, e romperam uma lança, durante o banquete: succederam-lhes outros no mesmo genero de combates. Em outro jantar dado por Carlos V, em 1378, representaram a partida de Gofredo de Bulhões para a Terra Sancta, e a tomada de Jerusalem, e n'uma festa com que Carlos VI solemnisou a chegada de Isabel de Baviera fez-se uma imitação do assedio de Troya, representada por uma enorme fortaleza, defendida por cinco torres, sendo quatro nos angulos, e a quinta no centro. As cotas de armas e os escudos pendentes dos muros mostravam ser a fortaleza a cidade de Troya, e a torre central a cidadella de Ilion. A pequena distancia se divisava um vasto acampamento, que pelas armas se conhecia ser o dos gregos, e por detraz deste arraial estava um navio capaz de conter pelo menos cem guerreiros. Tanto a fortaleza, como a barraca e o navio, moviam-se por meio de rodas cujas molas estavam escondidas, bem como as pessoas que as punham em movimento. Travou-se renhida batalha entre os heroes gregos do arraial e do navio, e os troyanos encerrados na fortaleza; mas pouco durou, porque a multidão dos espectadores era tamanha, e o calor tão forte, que muitas pessoas ficaram machucadas ou suffocadas.

Na côrte de Borgonha eram summamente presados os espectaculos d'automatos e de animaes. Na festa do casamento de Carlos o Atrevido com a princeza Margarida d'Inglaterra, representaram-se tres entremezes. Entrou primeiramente um grande unicornio trazendo as costas um leopardo, que trazia em uma das patas as armas d'Inglaterra, e na outra uma bonina (em francez *marguerite*), allusiva ao nome da princeza.

Nos tempos antigos era costume, para fortalecer o estomago, beber vinho, e comer ovos antes de principiar a jantar ou a cear. O jantar de Carlos Magno consistia, nos dias ordinarios, em quatro entradas, e n'um prato de caça assada.

As mesas em que antigamente comiam eram de páu, bem polidas, mas sem especie alguma de toalha: depois cobriram-nas com um couro, que foi substituido pelas toalhas de linho ou de algodão. Os primeiros pratos não foram mais do que codeas de pão de figura circular, porém depois os fabricaram de páu, de louça, e de todas as especies de metaes.

Até o tempo de Carlos V fez a gente da classe media mui pouco uso dos guardanapos: os primeiros vieram de Rheims, e esta cidade fez presente a el-rei d'um guardanapo avaliado n'uma grossa somma de dinheiro. Quando algum cavalleiro, por seu procedimento, incorria no desagrado, cortavam-lhe o guardanapo, com grande ceremonial diante do logar que occupava, e voltavam-lhe o prato com o fundo para cima, e o cavalleiro era em tal caso compellido a lavar a mancha da sua honra, ou a mostrar em como o injuriavam. Por este dissabor passou o conde de Ostrevan á mesa de Carlos VI; um arauto cortou o guardanapo em dois pedaços, na presença do cavalleiro, dizendo que um principe que não meneava as armas era indigno de jantar á mesa d'el-rei. Guilherme respondeu como assombrado: Eu meneio a lança e o escudo tão bem como qualquer outro cavalleiro. — Isso não póde ser, replicou o arauto, aliás terieis vingado a morte do vosso segundo thio. A historia accrescenta que esta lição publica produziu no conde o effeito desejado.

O FLAMINGO.

(Phanicopterus.)

No idioma desse povo espirituoso e sensivel, os gregos, quasi todas as palavras pintavam o objecto, ou caracterisavam a cousa, e apresentavam a imagem, ou descripção abbreviada de qualquer ente ideal, ou real. O nome de *phenicopteros* (ave d'azas chammejantes) é um exemplo destas expressivas analogias, em que consistia a graça, e energia da linguagem dessa nação engenhosa, analogias, que raras vezes apparecem nas linguas modernas, e que se perdem, ou

se desfiguram na traducção. Os primeiros naturalistas francezes tambem denominaram a esta ave *flamband*, ou *flammant*, de flamme (chamma de fogo); e muito erroneamente suppozeram alguns que este nome se originára do paiz de Flandres (onde talvez nunca se viu), pensando que assim como varios generos alli fabricados se intitulam *flamengos*, outro tanto succederia com estes passaros. Gesner, e alguns ainda produziram mais ridiculas causaes. E certissimo que a palavra, como a do grego, antigo, é icastica, pinta o objecto. E com effeito vendo-se a especie mais vulgar desta aves voar contraria ao sol, o vivo encarnado de suas pennas chammeja como lume, e dá um bonito espectaculo. Ouvimos dizer que na provincia do Maranhão lhes davam o nome de guarás.

Habitam os climas temperados, e quentes; e são frequentes em as nossas ilhas de Cabo-Verde, donde já foram mandados a este reino com pelicanos, e outros passaros, e consta-nos que estiveram na real quinta de Belém. Na Europa, apparecem na ilha de Sardenha, e de arribação nas costas meridionaes da França. O distincto M. Bory de S. Vincent, quando no tempo da guerra peninsular esteve em Sevilha, observou bastantes na proximidade desta cidade, e até os tiveram domesticos no paço, que occupava o general francez.

Os antigos os conheceram bem, e os estimavam muito em seus banquetes, principalmente as linguas, que são extremamente gordas. Apicio, de cuja voracidade diz Plinio ser capaz d'engolir as gerações vindouras, dá no livro sexto a maneira de os guizar; e foi elle o primeiro, que descobriu na lingua do phenicoptero o sabor, que lhe deu voga, como exquisito manjar. Alguns viajantes ainda fallam da excellencia deste prato, ou por experiencia propria, ou por preoccupação para com a antiguidade. Lampridio, entre os excessos da profusa mesa de Heliogabalo, numera esta iguaria. Marcial em um epigramma alluda a esta sensualidade (*). Mas que muito que os corrompidos romanos servissem a seus banquetes as linguas dos pavões, e flamingos, se não lhes escapava a lingua musica, e encantadora do innocente rouxinol, que sem piedade victimavam á sua devastadora gula!

O imperador Caligula, monstro de crueldade, e pouco d'inepcias, que chegou a tão rematada loucura que se acreditava Deus, e queria como tal ser venerado, escolheu o phenicoptero, e o pavão, para victimas singulares, que se immolassem á sua divindade; e na vespera do dia em que foi assassinado (diz Suetonio) se borrifou n'um sacrificio com o sangue de phenicopteros.

Estas aves têem as pernas muito compridas, os dedos anteriores inteiramente espalmados, o pescoço delgado, e tão comprido como as pernas; e o bico d'uma figura singular, a saber, a mandibula inferior é oval, e curvada longitudinalmente, a superior curvada em sentido contrario, apresentando ao ar a convexidade, para cubrir a debaixo, e ambas são mui fortes. Este bico é uma colher de feitio exquisito.

As grandes differenças de tamanho, indicadas pelos auctores, provém da idade, assim como muitas variedades, que observaram nas côres; porque os flamingos quando pequenos não dão a mais leve idéa do esplendor que de futuro os adorna. Na especie de ha mais tempo conhecida, os novos, antes da muda, são alvadios com muito preto na segunda ordem de pennas das azas, e rabo. Quando chegam ao anno são d'um branco sujo, e as azas vão tomando um leve banho côr do rosa, que aos dois annos adquire maior brilho, mas o resto do corpo ainda é esbranquiçado. Os machos já dos tres para os quatro annos são d'um formoso encarnado mui vivo, porém um tanto mais esmorecido nas costas, e peito, e nas azas, cujos cotos são pretos. Os circulos dos olhos, e a base do bico são alvacentos: desde a base até a curva o bico é côr de sangue, e dahi até a ponta preto: os pés são vermelhos. As femeas velhas, tambem são encarnadas, mas de côr mais desmaiada. Em tamanho do corpo são inferiores á cegonha, porém muito mais pernaltos, o que juncto ao pescoço igualmente desmesurado lhes dá singular aspecto.

Vivem de mariscos, d'insectos, e de ovas de peixe. Para apanharem o alimento, encostam ao chão, como uma colher, a parte chata da mandibula superior, rapando ao mesmo tempo com os pés, levam para o bico d'envolta com o lodo a presa, que o denteado do mesmo bico segura bem. Andam sempre em bandos, e para pescar ordenam-se em fileira, e o mesmo praticam quando descançam na praia. Têem o habito de pôr sentinellas para commum segurança, e ou descancem, ou pesquem, um está sempre á mira de cabeça levantada, se qualquer cousa o assusta, solta um clamor, que se ouve mui longe, e semelha o som de trombeta; a tropa abala immediatamente, e observa no vôo uma ordem como os grous.

Alguns têem dicto que não são tão previstos; mas eis-aqui o que diz a este respeito Le Dominiquin: «Difficultosamente consentem estes passaros que se lhes chegue ao pé; para se lhes atirar quando vem a terra é necessario estar escondido entre as brenhas. A nossa gente matou alguns, e achavam-lhes a carne boa. Eu comi delles, e souberam-me a marezia: os novos são melhores por mais tenros. Desejei colher alguns pequenos para os domesticar; e a esse fim armei laços nos paúes, onde haviam ninhos antigos delles, e vinham procurar sustento: iscava com peixinhos, que apanhavamos. Ainda mesmo presos pelo pé se não submettiam; os velhos principalmente se defendiam ás bicadas, e, quando lhes seguravam as cabeças, arranhavam desembaraçabamente com as unhas, que lhes armam os pés, não obstante serem espalmados. Fizemos o que podémos pelos aquietar, mas nunca foi possivel reduzi-los a comer, e beber, ou amansa-los. A final os matámos, e comemos. Os novos foram sem comparação mais doceis; aos quatro dias já vinham comer á mão. Comtudo sempre os conservava presos, e não me fiava nelles por lhes descobrir algum desejo de se safarem; e mesmo com as guias cortadas não estão muito seguros, porque correm como lebres. Viamo-nos obrigados a dar-lhes a agua salgada a beber. Quando cheguei a Guadelupe ainda levava dois, de que fiz presente a um amigo meu, que os trouxe a França.»

Varios indios na America os domesticam, e o curioso viajante, o P.e Labat, e outros mais modernos tambem os crearam. Mr. de Pommiez, que esteve commandando tropa em S. Domingos, diz em uma carta o seguinte: «Um flamingo viveu quinze annos em nosso pateo, até em boa harmonia com as aves caseiras, e fazendo-lhes festas. Nutria-se do mesmo grão que ellas, misturando-lh'o com alguma agua, mas não podia comer senão voltando o bico para tomar d'ilharga o alimento. Todavia chafurdava como os patos. Conheciam tão bem os que tractavam delle, que quando tinha fome, lhes derrigava com o bico pelos vestidos. Entrava muitas vezes n'agua até meia perna, e não mudava de sitio, mergulhando a cabeça de quando em quando para apanhar peixitos, que preferia ao grão; outras vezes corria pela agua, batendo-a com os pés alternadamente, sustendo-se nas azas

(*) Para os curiosos da lingua latina damos este epigramma.

Dei mihi penna rubens nomen; sed lingua gulosis
Vestra sapit: quid, si garrula lingua foret!

semi-abertas: não gostava de nadar, mas de chapinhar n'agua. Quando lhe succedia cair custava-lhe a levantar-se: dormia sobre um pé com o outro encolhido debaixo do ventre, e a cabeça escondida debaixo da aza, que era sempre a opposta á perna, que tinha encondida.»

Estas circumstancias são applicaveis a todos os que se criam familiarmente. Comem mais de noite do que de dia; e o pão, que se lhes dá, demolham-o primeiro em agua. São tão sensiveis ao frio que chegam a crestar os pés de se aproximarem ao lume. Por isso é difficil mante-los em os climas do norte, onde nunca se encontram brayios, arribando pelo contrario immensos aos paizes quentes. O estado de domesticidade parece ser-lhes contrario, porque desfallecem muitos, e ainda nem um só multiplicou.

Os flamingos bravos fazem os ninhos nas lagoas, e charcos d'agua salgada: para o que ajuntam muito lodo com os pés, e fazem monticulos, que parecem ilhotas, e sobresáem acima d'agua mais de dois palmos: a base destas emineneias é larga, e vai diminuindo em fórma de pyramide conica até o cimo, onde deixam uma cova para pôrem. Durante a incubação estão de pé, descançando sobre o ninho, que encobrem com parte do ventre, e a cauda, porque o comprimento excessivo das pernas os não deixaria acocorar como fazem as outras aves; e por isso a natureza os dotou deste instincto analogo á sua organisação. Raras vezes poem mais de dois, ou tres ovos, que são do tamanho dos de ganso, um pouco mais compridos; e dizem que prestam para comer. Os filhos ainda meios implumes correm já com extrema velocidade.

O bem conhecido naturalista, M. Geoffroy Saint-Hilaire, viu muitas vezes no Egypto o lago Menzaleh, ao poente de Damietta, cuberto d'um sem numero de barcas destinadas á caça dos flamingos, e que de ordinario voltavam cheias. Alli se utilisam das linguas destas aves por modo diverso do que faziam os romanos; porém lh'as arrancam, e por via de pressão extrahem uma substancia gordurenta, que empregam com a manteiga. Tiradas as linguas vendem os corpos aos pobres, que lhes aproveitam a carne, não obstante ser oleosa, e conservar, apesar de todos os temperos, o cheiro desagradavel de marezia.

Depois d'esfolados, a pelle é guarnecida de um bom fronxel, ou penugem, e serve como a do cisne. Das mais bonitas pennas vermelhas se fazem varios enfeites.

O Emprazado — Chronica de Hespanha.

(1312).

O exercito castelhano capitaneado pelo infante D. Pedro estava cercando os mouros de Alcaudete. — Em Martos, povoação pouco distante, se alojára com seus cavalleiros el-rei D. Fernando I.

Este principe contava apenas vinte e cinco annos de idade, e alguns mezes de reinado. Os seus costumes eram devassos: as noites passava-as em banquetes: os dias em escutar os enredos dos cortesãos: colerico em demasia, a sua sanha e vingança eram sempre terriveis. Pouco tinha de esperar a Hespanha do seu reinado, que promettia ser longo.

Juncto a Martos havia um rochedo altissimo pendurado sobre um valle profundo: a vista se turbava a quem quer que do alto olhava para o abysmo que jazia a seus pés.

Dois homens vestidos de pellotes (1) caminhavam entre sayões e alvazis (2) para o pincaro do rochedo: desordenadas lhes pendiam as capas curtas dos hombros, e sem toucas na cabeça, o vento lhes agitava os cabellos desgrenhados. Levavam as mãos soltas, e ninguem diria que papel faziam neste drama, senão fosse a desordem dos seus vestidos, as pualadas que davam no rosto, e os movimentos da afflicção que os agitava.

Eram dois condemnados: aquella a sua hora extrema.

Quando a côrte estava em Palencia saia certo dia do palacio real um cavalleiro da familia dos Benavides: dois vultos se chegaram a elle e o apunhalaram: caiu o cavalleiro moribundo, e expirou sem conhecer os seus matadores: tambem ninguem mais os conheceu.

O furor d'elrei, que amava este cavalleiro, subiu ao maior auge: as masmorras se atulharam de accusados; mas nenhuns delles pareciam serem os assassinos.

Comtudo a vingança real precisava de ser satisfeita: juizes corruptos fizeram recair a culpa sobre dois cavalleiros, os irmãos Carvajales: e condemnaram-os á morte.

Morram por ello: — disse el-rei transportado de alegria, quando lhe levaram a confirmar a sentença: «do alto do rochedo de Martos sejam precipitados no fundo do valle: que os corvos pastem um dia carnica de cavalleiros.»

Era pois aquelle dia o dia do supplicio.

Cubertos de armas luzentes, encostados ás lanças, e montados em cavallos acubertados, um basto esquadrão de cavalleiros, ao lado do caminho que dava para o rochedo fatal, aguardavam a passagem dos dois condemnados. No meio daquelles elmos lampejantes um havia adornado com uma corôa: o cavalleiro cuja cabeça elle resguardava trazia vestida uma cota toda bordada com as armas de Castella. Era o moço D. Fernando, que, com a viseira alevantada, ria e fallava com os nobres que lhe estavam aos lados.

Já se vinha aproximando o cortejo dos justiçados. Adiante um pregoeiro dizia em voz alta:

«Justiça que manda fazer el-rei dos dois irmãos, Pedro e João Carvajal, por haverem atraiçoadamente assassinado o mui nobre cavalleiro Benavides!»

«Mentira, mentira! — clamavam os dois desgraçados: — aleive infernal! — as nossas mãos estão innocentes.»

E aquelle prestito de morte chegava ao sitio em que el-rei o estava aguardando.

Alli, os dois irmãos Carvajales, rompendo por entre os esbirros, foram cair em joelhos aos pés do ginete de D. Fernando de Castella.

«Salva-nos oh rei; salva-nos; porque não somos culpados. Promptos estamos a passar pelas provas do fogo e da agua: promptos a alevantar na estacada a luva daquelles que nos chamam traidores; porém morrer como o mais vil servo; morrer cubertos de infamia, nós que sonhavamos a gloria dos combates, nós que contavamos cercear tantas cabeças de mouros! — Rei salva-nos! — porque esta morte é horrivel.»

El-rei os escutou calado: e olhando para os sayões e alvazis, lhes disse com ar torvo: — «Que esperais vós-outros? — levai os assassinos!»

Então os dois irmãos, como movidos por uma só vontade, se ergueram em pé: os seus rostos, até ali afflictos e cubertos de lagrimas, pareceram asserenar-se; mas esta serenidade era a da desesperação: — Fitaram os olhos no ceu, e este olhar era tremendo, porque nelle havia a expressão da confiança de Deus, e da maldição que a innocencia sabe arrancar do ceu

(1) Especie de veste como jaqueta com abas.
(2) Officiaes de justiça, meirinhos.

contra os tyrannos da terra. A postura dos dois cavalleiros era naquelle momento sublime.

«Tu não queres perdoar-nos?» disse por fim Pedro de Carvajal, dirigindo-se a el-rei.

«Não, traidor assassino!»

«Assassino és tu, malvado, que nos condemnas sem justiça; que cobres de lucto e de infamia a nossa nobre familia. — Porém não folgues em tua maldade, mesquinho rei da terra; porque ha um rei nos ceus. — Lá nós e tu seremos julgados. Comparece ahi d'hoje a trinta dias — Eu t'o ordeno em nome do supremo juiz. Rei emprasado, que não te esqueça este dia!»

Dicto isto, os dois irmãos caminharam com passos seguros para a extremidade do alto rochedo; e dentro em breve os seus membros jaziam dispersos no fundo do valle; e os corvos pairavam e esvoaçavam ao redor delles.

El-rei tinha ficado silencioso e carregado: ninguem ousava fallar-lhe.

Ao longe vinha correndo um cavalleiro, pela estrada de Alcaudete. Trazia brancas de pó as armas. Chegando perto d'el-rei, sem se apear, lhe gritou: «Boas novas, senhor! Alcaudete já não póde resistir: os mouros mal se defendem: vinde com vossos cavalleiros acabar este feito: seja vossa a gloria do seu vencimento.

E na manhã seguinte marchava D. Fernando para Alcaudete, no meio dos seus cavalleiros; mas sempre triste e carregado.

Dahi a alguns dias elle se achava em Jaen. Chegando ao campo do infante seu irmão, adoecêra gravemente; e por isso deixando ahi todos os seus, viera afforrado a Jaen, onde uma febre invencivel o retinha no leito das dores.

Alcaudete brevemente caíu nas mãos dos castellhanos: os mouros foram exterminados; soldou-se mais uma divida do oitavo seculo. Esta nova chegou a Jaen. Levada a el-rei, as unicas palavras que se lhe ouviram, foram: «Que me importa Alcaudete? — Que me importa Castella?»

Eram 7 de Setembro do anno do Senhor de 1312.

Pela sésta el-rei parecia dormitar. Havia trinta dias que á mesma hora um bando de corvos pairava e esvoaçava ao redor dos membros despedaçados de dois homens, que haviam sido precipitados do alto de um rochedo, o qual se levanta á entrada da pequena povoação de Martos.

A esta mesma hora, em Jaen, se dava na camara em que D. Fernando jazia um som rouco de estertor; e este som surdia d'entre as cortinas do leito real.

O som foi diminuindo, até acalar n'um silencio profundo.

No outro dia umas andas, seguidas de homens a cavallo, cubertos de burel branco, conduziam para Cordova o cadaver d'el-rei. O seu juizo devia ser em Toledo ou em Sevilha: mas foi impossivel leva-lo tão longe: a podridão e os vermes começavam a despedaçar-lhe os membros, com a mesma rapidez com que se tinham despedaçado os dos dois irmãos Carvajales no fundo do valle contigo á povoação de Martos.

Meio de preservar do pulgão as plantas novas.

Flor de enxofre em pó. . . . duas onças.
Agua . . . . . .
Misturem-se, e batam-se bem.

Toma-se a porção de semente que se quer lançar á terra, e deixa-se de molho por vinte e quatro horas nesta composição; as proporções são uma quarta parte da dóze acima para cada libra de semente, e deve-se deixar tapada a vasilha em que se fizer a mistura. Ao cabo daquelle tempo tiram-se os grãos e semeam-se segundo o estilo.

Quando a semente for de couve de Flandres, será preciso duplicar a dóze.

«Sirvo-me ha dez annos deste methodo, diz Mr. Dubois, a quem foi decretada uma medalha em recompensa dos seus uteis trabalhos, e sempre tenho tido o prazer de vêr corresponder o resultado ás minhas esperanças.»

Presunto de Carneiro. — O uso de só fazer presunto de pernas de porco prevaleceu sem dúvida, porque a carne deste animal recebe melhor o sal, e mais gorda, e de gosto mais delicado. Com tudo é facil conservar as pernas de carneiro, fazendo-lhes uma preparação semelhante.

Escolham-se as pernas dos carneiros bem gordos, e esfreguem-se com uma mistura de duas onças de assucar em bruto, uma onça de sal commum moído, e meia colher de salitre: depois de esfregadas deitem-se dentro d'um alguidar, vascolejem-se, e voltem-se duas vezes por dia, durante tres dias consecutivos, e de cada vez lance-se fóra a salmoira, que escorre da carne depois de limpa; tornem-se a esfregar com a mesma mistura, e no dia seguinte sacudam-se, e repitam-se estas duas operações alternativamente por espaço de dez dias.

Receita para mitigar as dores da gota. — Ha pessoas que tem sido instantaneamente alliviadas das dores da gota, por terem exposto a parte doente a uma fumigação de tabaco de fumo. Bom seria que os amigos da humanidade pondo em pratica esta receita, publicassem o seu resultado, a ser satisfactorio.

Isca infallivel para engodar os peixes do rio. — A isca que com mais certeza attrahe principalmente as trutas, que sobre tudo se dão nas aguas das vertentes das serras nevadas, consiste em ferver em agua tres ou quatro libras de cevada, que ainda quente se deita nos lagos e caneiros em que se criam as trutas. O peixe convidado pelo cheiro que exhala a cevada fervida, acode para se apossar deste alimento, e é deste modo colhido com mais facilidade pelo pescador.

Sinos na Hespanha. — A Hespanha tinha 60 igrejas cathedraes, 89 collegiaes, 3:000 conventuaes, 12:000 parochias, 3 eremiterios, e 2:000 capellas. O numero dos sinos de todas as grandezas sobe a 84:108, e o seu peso é de 3,651:130 arrobas. O valor destes sinos derretidos andaria por 1,120:000$000 rs.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal, N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa. — Na Imprensa Nacional.

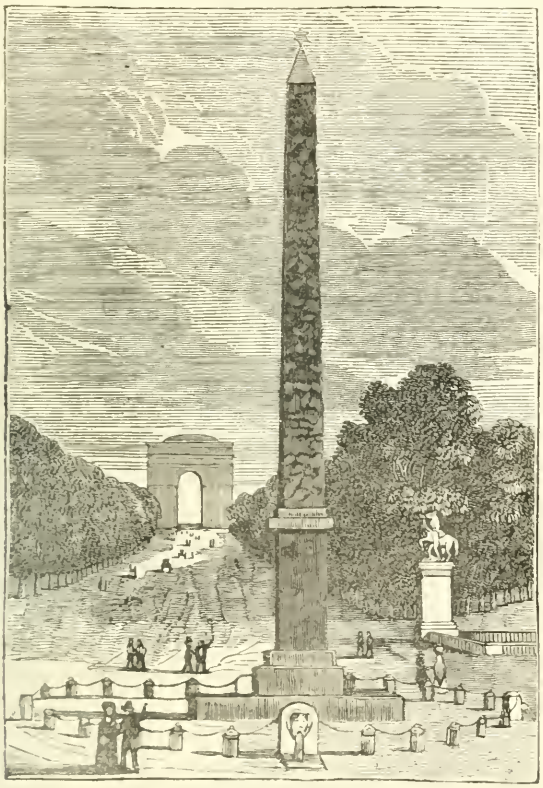
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

26 | PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. | OUTUBRO 28, 1837.



O OBELISCO DE LUQSOR.

Um monumento da antiga civilisação egypcia se acha agora em frente dos monumentos da civilisação franceza: os seculos antigos das margens do Nilo erguem a cabeça no meio de nossos tempos modernos. Singular destino dos monumentos! As obras do homem, como o mesmo homem, têem suas revoluções, e suas aventuras. Quando no paiz de Thebas, ha perto de trinta e quatro seculos, se alevantou o obelisco actualmente chamado de *Luxor*, ou *Luqsor*, quem diria que o gigante de granito, que ficou solitario entre as ruinas da Thebaida, seria arrancado do seu terreno, e transportado além do mar para o meio de povos, que o admirassem sem o comprehender! Quem diria que, decorrido tão longo periodo, nações novas bateriam as palmas perante o monumento tirado das pedreiras de Syena, como no dia em que a população da antiga Thebas o saudou pela primeira vez erguido sobre a sua base?

A idéa de adornar uma praça de Paris com um monumento da cidade das cem portas pertence ao governo da França anterior a 1830. A expedição de Luqsor foi concebida quando a de Argel: os mesmos homens que zelavam a honra da bandeira franceza, vigiavam tambem pelo interesse e gloria das artes. Elles tiveram tempo de conquistar Argel, mas não alcançaram vêr chegar, das margens orientaes do Nilo, o colosso viajante á praça de Luiz XV.

O governo da restauração herdou talvez este pensamento da epocha de Napoleão, que tencionára transportar alguns dos soberbos monolithos daquelle paiz. Quando o exercito francez, penetrando sob as inspirações ousadas do seu chefe no coração do Egypto, chegou perante as ruinas de Thebas, todos pararam subitamente em silencio de admiração. Jaziam á sua vista templos dispersos, e arruinados, estatuas, palacios, fragmentos immensos d'uma cidade gigante, amontoados uns sobre outros, como se depois de luctas espantosas uma geração extincta os deixasse alli, para unico testemunho de sua existencia, de seu poderio, e dos seus furores. Os soldados de Bonaparte eram dignos deste espectaculo. Passados os primeiros instantes de assombro retumbou naquellas fileiras heroicas um applauso unanime. No ardor do enthusiasmo quereriam transferir todos esses monumentos para o

solo patrio, e enfeitar a sua capital, a quem já promettiam numerosas bandeiras tomadas ao inimigo. Porém a guerra com os inglezes interceptava então as communicações, e aquella briosa gente legou a tempos mais pacificos o cuidado d'enriquecer París moderna com os despojos do velho Egypto.

Thebas dilata-se d'ambas as bandas do Nilo em toda a superficie do valle até as montanhas. Quatro aldêas occupam um pequeno espaço de seu vasto circuito: Luqsor e Carnach a leste, e outras duas ao occidente. Todas as construcções, que as cercam, tem um caracter de collossal grandeza, que assombra a imaginação. Quem foram os homens, que arrancaram das pedreiras tão desmedidas moles? Com que designio, com que meios emprehenderam tão milagrosos trabalhos? que querem dizer estes signaes magicos, que cobrem todas as paredes destes edificios?... São questões que a curiosidade arma, mas que a sciencia ainda não póde resolver completamente.

Em Luqsor dois obeliscos guardavam a entrada d'um templo destruido. Era um uso particular da architectura egypcia collocar diante do sanctuario da divindade, ou da morada dos reis, grandes signaes que distinguiam o solemne destino destes edificios Tal era a serventia dos obeliscos, especie de pyramides, a que tambem chamam *agulhas*, e nelles escreviam os nomes dos principes, que os erigiam, e dos numes a quem eram consagrados. Os de Luqsor são, como todos, formados de uma só peça enorme de granito; mas distinctos dos outros, tanto pelo seu lavor admiravel, como pelo estado de perfeita conservação. O maior tem 75 pés de altura, o outro é pouco mais pequeno. Tres fieiras verticaes de hieroglyphicos cobrem os lados: as do meio gravadas mais fundo, de fórma que a differença de relevo varía o reflexo, e jogo das sombras. Ambos têem esculpido o nome de Rhamesses, ou Sesostris, celebre conquistador, e sabio monarcha daquella região.

O famoso Augusto Octaviano foi o primeiro, que se lembrou de transportar os obeliscos; e tendo achado Roma feita de tijolos (como elle dizia), e querendo-a deixar de marmore, transferiu para Roma dois de Alexandria, erigindo um no Circo Magno, outro no Campo de Marte. Á sua imitação, Caligula trasladou o terceiro; e o navio, ou jangada, em que veio, era tão vasto que, no tempo do imperador Claudio, bastou para construir um dos lados do porto de Ostia. Estas agulhas não eram das mais altas. Constantino quiz desbancar os seus predecessores, trazendo para Byzancio (que do seu nome se ficou chamando Constantinopola) um dos grandes obeliscos de Thebas. Conseguiu conduzi-lo ao porto de Alexandria; mas seu filho Constancio, lhe trocou o destino mandando-o para Roma. Chegou felizmente ás margens do Tibre: mas avaliar-se-ha da imperfeição das artes mechanicas, então, pelos inauditos esforços praticados para mover aquella peça. Ammiano Marcellino, que os descreve, diz que com muitos perigos, e immensos apparelhos de madeira, e cordame, se erguêra aquella montanha de pedra caberta d'escripturas com as fadigas de milhares de homens.

A invasão dos barbaros assolando Roma sepultou no pó os monumentos, que não foram arrazados; e seculos passaram antes que alguem se lembrasse de os inaugurar. Sixto V foi quem primeiro cuidou disso, intentando restabelecer o obelisco de Canigula. Poz a empreza a concurso; e de todos os planos o de Fontana mereceu a preferencia. Mas que projecto! A repetição da scena descripta por Ammiano. Todavia no seu tempo passou por maravilhosa, e em vinte grandes estampas foi transmittida á posteridade.

Desde então ninguem mais tractou de obeliscos até que o governo francez em nossos dias quiz e conseguiu collocar em uma das praças da sua populosa capital este de que tractâmos, e que se vê em a nossa estampa qual o possue hoje París.

As relações amigaveis da França com o bachá do Egypto, as sollicitações dos antiquarios, e dos amigos das artes, entre os quaes figuraram MM. Delaborde, e Champollion, determinaram o governo a pedir a permissão de tirar os obeliscos de Luxor, ou Luqsor. Era preciso fabricar um navio, que ao mesmo tempo podesse aguentar os mares, e navegar o Nilo, que em muitas paragens é baixo, e que fosse estreito que bastasse para caber pelas areadas das pontes do Sena, que podesse tambem levar os apparelhos necessarios para a obra, e accommodasse 136 homens de equipagem com os viveres respectivos. Todas estas condições pareciam inconciliaveis; mas a final uma deliberada tenção, e a perseverança, e habilidade venceram os obstaculos, e desmentiram os calculos oppostos, e tudo se fez.

A 15 de Abril de 1830 largou o navio de Toulon: não póde vencer a barra de bancos do Nilo senão a 17 de Junho, descarregando-se quasi inteiramente, porque só corria em seis pés d'agua, e esteve a ponto d'encalhar. Subiu o rio, auxiliado pelos moradores arabes do littoral, que os turcos do bachá levavam adiante de si á bordoada, e deu fundo a 14 d'Agosto defronte da aldêa de Luqsor, depois de ter vogado 120 leguas de rio. Mr. Lebas, habil engenheiro, encarregado da empreza, já lá estava havia um mez a fazer os preparativos para o mudar: porque foi preciso abrir um caminho do templo para o rio, desentulhar as bases dos obeliscos, e comprar, e demolir umas trinta casas, que os obstruiam.

Encalharam a embarcação, que ficou meia-enterrada na areia para evitar os damnosos effeitos do sol ardentissimo. A equipagem aposentou-se n'oma sala do palacio dos Pharaós, e pendurou suas macas ao longo daquelles venerandos muros, recamados d'esculpturas: era porém maior a honra do que o prazer de habitar este alojamento, porque os escorpiões saíam a miudo pelas gretas, as cobras se introduziam por entre as taboas do solho, e os *lagartos geckos* (especie venenosa em summo gráu) corriam á larga por toda a residencia, n'uma temperatura de 30.º a 35.º de Reaumur. Dispozeram uma horta ao pé da habitação, dando á terra sementes de toda a casta levadas da Europa, e com maravilhosos resultados; bastará dizer que, semeados no 1.º do mez, no fim delle serviram-se feijões verdes á mesa do estado-maior. Nos momentos d'ocio os officiaes íam á caça colligir objectos de historia natural. E notavel que a cholera-morbus, que então flagellou o Egypto, e despovoou a aldêa de Luxor, poupasse os marinheiros francezes de fórma que não succumbiu um só.

Finalmente no 1.º de Novembro de 1831 foi o obelisco deslocado da base por um modo semelhante ao que empregaram para depois o inaugurarem: toda a gente dos arredores concorreu; tres viajantes inglezes assistiram a este espectaculo: o apparelho trabalhou optimamente, e dentro em 25 minutos aquella mole immensa estava em terra sem o menor desar. Conduziram-no ao sitio do embarque fazendo-o correr ao comprimento sobre peças de madeira, como se deita um navio ao mar; e para o metterem a bordo foi mister cortar a proa da embarcação, ficando o porão de nivel com a calhe, ou caminho de madeira, por onde o traziam. Fez-se isto a 17 de Novembro: e quando o tiveram perfeitamente accommodado, e precavido contra o balanço do navio, ajustaram a parte da proa, que tinham serrado para lhe dar entrada.

Aos 25 d'Agosto do anno seguinte o crescimento

das aguas permittiu á expedição descer o rio: o navio correu ainda mais perigos do que da primeira vez para transpôr a foz; mas conseguiu-o a salvamento no 1.º de Janeiro de 1833, e tres mezes depois deu á vêla d'Alexandria para a França, rebocado pelo barco de vapor *a Esphinge*, que tocou em Zante, Toulon, Gibraltar, Corunha, e Cherburgo, e aportou no Havre em 13 de Setembro. Em Ruão foi preciso desmastrear a embarcação, e arrasar as trincheiras para o passarem pelas pontes do Sena; deram-lhe reboque com dezeseis, e ás vezes trinta cavallos; e por fim, a 23 de Dezembro, ancorou junto á ponte de Luiz XV, e a 8 de Julho seguinte já o obelisco do Egypto jazia estendido em terra de França.

Concluido o pedestal, que lhe destinaram, inaugurou-se aos 23 de Outubro de 1836. Para este fim cravaram-se a macaco no chão grossas estacas de carvalho para segurarem os cabrestantes: depois consolidaram o pedestal com fortes peças de madeira. Com pedra e cal, e taboões, tinham construido um plano inclinado, que, nascendo donde estava o obelisco, ía progressivamente alteando até morrer na altura do pedestal. Por este plano o foram levando, com a ajuda de cabrestantes, cordame, e cadernaes, até com a base tocar no pedestal. Dez mastros de 65 pés de comprido, oppostos cinco a cinco estavam juntos pelos topos inferiores, de cada lado do obelisco, sobre um grossissimo cylindro de páu, que girava dentro de outro semi-cylindro concavo: os mastros nos topos superiores estavam seguros de uns para outros com vigas atravessadas, tudo amarrado fortemente. Tal era o jogo do machinismo: cabos presos áquellas travessas prendiam no obelisco pouco abaixo da extremidade superior, e como elle podia girar sobre um cylindro de páu collocado no angulo inferior de sua base, facilmente se concebe que recuando os mastros segundo a disposição mencionada, o obelisco seguindo o movimento destes devia-se ir erguendo pouco a pouco. Dez cabrestantes movidos por tresentos artilheiros executaram este movimento: inutil é observar que para augmentar a força motora, e regular o andamento do apparelho, se empregou grandissimo numero de cadernaes.

Todos os apparelhos trabalharam com resultado completo: o obelisco moveu-se á maneira dos astros sem estrondo, nem abalos; e tendo o processo começado ás onze da manhã, findou ás tres horas e doze minutos no meio dos applausos da immensa multidão, que assistia a este espectaculo. Foi cousa pasmosa, um effeito verdadeiramente magico, a passagem dos extremos gráus de obliquidade para a posição vertical: duzentas mil mãos bateram palmas, e retumbaram unisonos os gritos de = *bravo, Mr. Lebas.* = O povo de Paris se enthusiasmou, cercou Mr. Lebas, e quasi o levou ao collo quando foi ao ministerio da marinha receber as felicitações de Luiz Filippe.

A simplicidade é o unico merecimento desta operação; assim como a exactidão da manobra era toda a difficuldade. Mas por ambos estes lados se deve comparar a mechanica dos nossos dias á dos tempos passados. Fazer por meio de machinas, e com pouca gente o que então só se executava com milheiros de braços, eis o problema resolvido.

Particularidades relativas ás côres.

Indicando algumas applicações dos principios enunciados no artigo concernente ao contraste das côres, impresso a pag. 73, concluiremos o que tinhamos a dizer sobre este assumpto.

Supponhamos que um pintor queira apresentar n'um quadro duas côres de uniforme intensidade postas em contacto, um vermelha, e a outra azul; á medida que pintar, temperará naturalmente as côres da sua palheta, porque o phenomeno do contraste ha de manifestar-se á delicadeza dos seus olhos previstos; porém se depois um tapeceiro quizer imitar o quadro que lhe derem para modelo, e ignorando a lei dos contrastes, lançar mão sómente de duas especies de lãs, uma azul, e outra vermelha, e as cotejar separadamente com as duas côres do quadro, o que acontecerá? Que a lã azul, e a lã encarnada, achando-se em juxta-posição, mudarão de intensidade nos listrões proximos á linha do contacto, e que o pobre tapeceiro cançar-se-ha, e se affligirá debalde para imitar as côres do exemplar, porque a não ser o acaso (o que acontece algumas vezes), ou se a sciencia não vier prestar-lhe auxilio, jámais logrará o seu intento.

Se, pelo contrario, o pintor tiver posto em juxtaposição duas côres de uniforme intensidade, que nesse caso *contrastarão*, só á força de muito trabalho poderá o tapeceiro imita-las, combinando lãs de diversas gradações, o que immediatamente conseguiria com duas lãs uniformes, e, em resultado obterá effeitos que peccarão por excessivos para mais ou para menos.

Deve tambem o armador chamar em seu soccorro a lei dos contrastes, quando pretender combinar as côres das fazendas com as das diversas madeiras de que se fazem moveis; e por certo que errará se empregar estofos de côr vermelha amarellada, taes como escarlates, côr de fogo, ou nacarados, para ornato de trastes de mahogono, porque a côr vermelha e brilhante desta madeira desapparecerá de todo, e o páu ficará parecendo-se com a nogueira. Todavia como muitas pessoas preferem o carmesim a qualquer outra côr, mesmo sobre moveis de mahogono, porque o sol não a desbota tão depressa, póde-se diminuir o máu effeito desta combinação, cobrindo com uma larga tira verde ou negra as partes em que o carmesim e o mahogono estiverem em contacto; ou tambem com um galão de seda amarella, ou de ouro pregado com pregaria dourada.

Já tractámos a paginas 76 dos desenhos negros, que estampados em fundos vermelhos, carmesins, ou côr de amaranthe, parecem verdes, porque a côr verde, complementar do fundo, se une ao negro. Do mesmo modo o negro, estampado em fazendas verdes, perde toda a sua força. Hoje que é moda pregar nas quinas cartazes amarellos, côr de rosa, esverdinhados, e alaranjados, não é cousa indifferente saber que, para imprimir no papel de côr os caracteres typographicos de modo que dêem mais nos olhos, a regra que se deve seguir é que a côr do fundo seja complementaria da da tinta: em papel amarello, por exemplo, empregar-se-ha tinta violete.

A lei dos contrastes tambem acha frequentes applicações na distribuição das flores d'um canteiro. O aspecto dos jardins perde ás vezes a sua belleza, quando os olhos não encontram senão azul ou branco, ou os deslumbra o amarello derramado com profusão, ou tambem quando diversas gradações da mesma especie de côr se acham visinhas, como acontece na primavera se acaso fica o narciso amarello desmaiado ao pé do duronico côr de ouro, e no outono quando ficam visinhos cravos de Tunes, rosas amarellas, e gyrasoes.

A principal regra dada por Mr. Chevreul para a disposição das flores consiste em plantar as azues ao pé das côr de laranja, ou de violeta junto das amarellas, e em cercar de verdura, e flores brancas as amarellas, e as côr de rosa. Alem disso, como é possivel calcular as quadras do anno em que hão de florecer as diversas especies de flores, dispôr-se-hão es-

tas no canteiro de maneira que seja sempre observada a lei dos contrastes, na variedade de cores resultante da florescencia successiva dos arbustos. No mez de Abril o *jasmineiro amarello* com a sua folhagem verde, faz bello effeito ao lado do *pessegueiro anão*, &c.

Não se julgue que as cores dos vestidos não estão tambem sujeitas á lei dos contrastes simultaneos. Todos sabem que um uniforme de panno da mesma côr dura menos tempo em estado de se trazer do que outro de variadas côres; as antigas calças azues do exercito, por exemplo, como não se vestiam no verão, conservavam a viveza da côr mais tempo do que as fardas, e quando se tornavam a vestir no inverno, devia acontecer, como vimos no artigo antecedente, que o azul desbotado da farda velha, ainda desmerecia mais, por estar ao pé do azul mais ferrete da calça quasi nova, que, vice-versa, tomava uma côr mais carregada. Pela mesma razão o uniforme dos dragões francezes, verde e vermelho, é vantajosissimo, por ser composto de duas cores complementares, o que faz que depois de terem as calças e as fardas passado um anno nos armazens, a juxta-posição as aviva, e faz com que mostrem ter cores tão brilhantes como seriam as de uma farda verde, e uma calça encarnada, vistas separadamente, quando fossem novas.

As senhoras possuem o segredo de tirar o maior partido dos effeitos do contraste. Qual dellas ignora que os véus negros tiram para o rôxo nos chapéus verdes, assim como que o côr de rosa sobre o côr de carne faz desmerecer muito mais esta, e por isso assenta melhor nas pessoas trigueiras, que nas claras? Estas observações são proveitosas para a escolha das tapecerias das salas, ou da côr que mais convém darse ao fundo dos camarotes nos theatros. As senhoras que se forem ver ao espelho d'uma modista cujo armazem estiver forrado de vermelho, parecerá desbotada a côr do rosto, e, pelo contrario folgarão de ver realçada a louçania da cutis, quando, ao pôr os chapéus se contemplarem ao espelho d'uma casa de toucar forrada de verde. Convém todavia, que nas particularidades do arranjo e disposição de todo o vestuario, se preste grande attenção aos reflexos, que podem destruir o effeito dos contrastes, e dar um resultado inteiramente opposto. Assim uma cortina verde inundada de luz diffunde em torno a sua côr, que predomina, e apaga o vermelho da côr complementar, a tal ponto que a verde é a unica que fica apparecendo.

METEOROLOGIA.

3.º

Das estrellas cadentes, ou que correm.

Ninguem ha que não tenha observado em as noites serenas do nosso clima temperado esses mui pequenos globos de fogo, claros, e rapidos, que, surgindo repentinamente do seio das trevas, se precipitam em diversas direcções, descrevendo uma curva mais ou menos pronunciada, mais ou menos extensa. Estes luzeiros partindo das alturas da atmosphera, parecem estrellas, que se despegam da abobada celeste, para irem atravéz do espaço occupar novas posições. Esta analogia lhes deu o nome *d'estrellas cadentes*, ou *estrellas que correm*. Frequentes vezes um vestigio luminoso indica o caminho que seguiu o meteoro: mas esta especie de rastilho é instantaneo; é como um sulco, uma cauda luzente, que se fórma da propria substancia do meteoro, e ao mesmo tempo occasiona a sua destruição.

As estrellas cadentes observam-se em todas as estações, porém mais raras vezes d'inverno que de verão, sem duvida porque o ar saturado de vapores aquosos impede a formação do phenomeno. Do mesmo modo, ainda que muitos reputem a obscuridade condição essencial para a sua origem, nem por isso concluiremos que se não formam de dia. Algumas observações o attestam. Por exemplo, Gassendi affirma que n'um formoso dia de verão, estando o céu sereno, e o ar em absoluta calmaria, viu antes do meio-dia uma flamma alvissima, que descia prependicularmente, e tinha a feição de uma pyramide conica, e deixava na passagem um vestigio igualmente esbranquiçado, que diminuia insensivelmente: a final a chamma desappareceu sem ficarem rastos da sua presença. O viajante Bernier conta que observára o mesmo de dia, por muitas vezes, no imperio do Grão-Mogol. Os antigos tambem o suspeitavam. « Que pensariam de mim (diz Seneca) se eu asseverasse que não existem as estrellas durante o dia, porque não são visiveis? — Do mesmo modo que o fulgor do sol as obscurece, e occulta á nossa vista, assim as flammas, e meteoros igneos, que atravessam o espaço, são offuscados pela claridade do dia. — Podem comtudo ser visiveis (accrescenta o philosopho romano) se a vivacidade da sua luz sobrepujar o esplendor diurno. Assim nós temos visto alguns destes fogos brilhantes na força do dia dirigirem-se, uns do oriente para occidente, outros vice-versa. » A quantas patranhas não têem estes lucidos meteoros servido de texto, desde os delirios populares até as theorias extravagantes de alguns sabios, aliás de reconhecido merecimento? — Se nos referirmos ás idéas vulgares, umas vezes, a apparição d'uma estrella que corre denota o transito de uma alma, que vôa do purgatorio para o paraiso, e os que a observam repetem a usada saudação, que até os rapazes sabem — *Deus te guie:* — outras vezes é um sancto que vai de jornada a negocio importante, e quaesquer rogativas que se lhe dirijam neste passeio, nunca deixam de ser attendidas, assim como um principe acolhe as petições dos seus subditos quando lhe dá na veneta passear pelos seus estados. Offerece-se só uma pequena difficuldade, e vem a ser ignorar-se a que sancto se hão de encaminhar os rogos, e de mais a carreira do benaventurado é tão subita e rapida, que ninguem terá tempo d'exprimir o menor desejo nessa occasião.

Voltando-nos agora para outro lado: o distincto Mr. Biot na sua *astronomia elementar* pensou que estas estrellas cadentes poderão ser fragmentos de cometas, que atravessem o nosso turbilhão com extrema velocidade, e por isso é tão curta a sua apparição. Para admittir-se esta hypothese era necessario explicar a razão porque estes fragmentos de cometas apparecem sempre da mesma grandeza, com o mesmo esplendor, e com a mesma velocidade; e depois, que incomprehensivel rapidez não seria mister suppor-lhes para correrem n'um abrir d'olhos centenares de milhões de legoas! A sua velocidade seria maior que a da luz (*).

Os sabios attribuem geralmente este phenomeno á acção do fluido electrico, que encontrando materias humidas na atmosphera corre as suas moleculas formando uma serie de centelhas em todos os intervallos, que as separam. Esta theoria parece explicar exactamente a rapidez do phenomeno, mas não parece dar perfeita razão de todas as circumstancias deste meteoro. Com effeito, as estrellas cadentes seguem sempre uma linha mais ou menos inclinada para o horisonte, conforme a força, e impulso do vento, mas o seu movimento nunca é ascendente. Porém, se a electricidade fosse a sua causa unica, não sabemos por-

(*) A luz, segundo o systema da *emissão* de Newton, corre em 8 minutos e 13'' o espaço que nos separa do sol; isto é, quasi 70 mil leguas por segundo.

que lei o fluido se determinará a seguir um movimento vertical, ou obliquo antes que outra direcção.

Descartes pensava que as estrellas cadentes eram simplesmente materias terrestres erguidas ao ar por effeito da evaporação, e que encontrando o que elle chamava *segundo elemento* se inflammavam, e caíam para a terra em consequencia d'uma nova combinação. Esta explicação parece mui natural depois que Volta nos mostrou a arte de imitar estes phenomenos, que antes delle só a natureza tinha produzido. Tome-se agua de sabão, impregne-se de ar inflammavel, isto é, de gaz hydrogenio, e soprem-se bôlhas semelhantes áquellas que fazem os rapazes; depois por meio da machina electrica toque-se a bôlha: uma centelha lhe larga fogo subitamente, então o globo inflammado se despega, corre um mui longo espaço com muita rapidez, como o meteoro, e a final rebenta com estrondo.

Quem confrontar esta experiencia com o que dissemos acerca dos fogos fatuos em o N.º 21 deste Jornal, facilmente comprehendera que se se ajuntarem nas regiões elevadas da atmosphera exhalações especificamente mais leves que as camadas inferiores d'ar, e estas exhalações se combinarem com o gaz hydrogenio, que sem cessar emana das aguas, que cobrem a terra, e se inflammarem por um effeito puramente electrico, produzirão assim o phenomeno das estrellas cadentes. As materias subtís, que por virtude da sua combinação tornam as substancias grosseiras das emanações, assaz tenues para nadarem na atmosphera, sendo uma vez dissipadas pela rapida combustão, as moleculas mais grosseiras se aproximam, se fazem mais pesadas, e tendem para a terra, seguindo uma linha, ora vertical, ora obliqua, em razão da força, ou nullidade do vento.

Esta explicação, que parece muito plausivel, e tanto mais importante, quanto por ella se póde igualmente dar razão de outros phenomenos analogos.

O BODEQUIM, OU CABRA MONTEZ.

(*Capra ibex*. Lin.)

Esta especie, como a das camurças (*antilope rupicapra*) habita os sitios escarpados das mais altas montanhas: os Alpes, os Pyrennéos, as serranias da Grecia, e das ilhas do Archipelago, são quasi as unicas paragens onde se encontram, porque tanto fogem dos grandes frios das latitudes subidas, como dos calores da proximidade da zona torrida: de verão residem ao norte de suas montanhas, e de inverno buscam o lado meridional, e descem dos altos para os valles.

O bodequim é maior, e mais vigoroso que o bode domestico, de que tambem differe n'algumas circumstancias de fórma: a cabeça é curta, os olhos grandes, e mui vivos, e os cornos são annelados de espaço a espaço, augmentando a curva, que descrevem, á proporção do comprimento, e ás vezes tão excessivamente prolongados, que chegam á origem da cauda, quando o animal ergue a cabeça, e os estende para o costado. Este enfeite corniger talvez em occasiões lhe seja incommodo, porque não é raro encontrar alguns do peso de deze libras: a femea não é tão copiosamente armada como o macho; porém é mais esbelta, e engraçada.

A muda produz nestes animaes uma alteração de côr, de fórma que são cinzentos no inverno, e trigueiros, ou amorenados no verão. A femea só tem um de cada barriga, e seria grande o seu embaraço se tivesse mais, porque os pastos são escaços, onde elles vivem retirados, preferindo a segurança á abundancia. Porém ainda assim mesmo os caçadores lhe não consentem este repouso comprado á custa de tão rigidas privações. Alguns dos habitantes dos Alpes tem decidida paixão pela vida aventureira, pelos riscos, e fortes commoções do caçador de bodequins, e camurças. Estes animaes trepam mais facilmente do que descem, porque têem as mãos mais curtas que os pés; e por isso se refugiam nas alturas quando são perseguidos. Firmes, e confiados nos seus movimentos, se arrojam, e sustém á borda dos precipicios, onde lhes não pódem chegar o caçador, ou os cães, sem o perigo de quedas mortaes. Os homens, que por irre-

sistivel inclinação abraçam esta profissão perigosa, acabam quasi sempre de morte prematura; todavia em quanto dura é mui lucrativa pela valia das pelles. De todos os visinhos dos Alpes os povos do Tirol são os mais destros, e bem succedidos neste exercicio, e delles recruta o exercito austriaco atiradores intrepidos, e temiveis.

Esta caça é mui penosa, e arriscada, não só pelo agreste dos sitios, como porque os cães pouco auxilio prestam, e o bodequim vendo-se apertado pula, e com violenta marrada derruba o caçador ás vezes no proximo despenhadeiro. As camurças são tão ageis, e espertas como os bodequins, mas são menos fortes, e mais numerosas, e andam quasi sempre em bandos. Hoje não são unicamente as pelles destas especies o objecto da caça, mas ainda mais as dos veados, e gamos, dos zorlitos, ou cabras montezes, &c.

Posto que os bodequins quanto podem evitam os animaes carnivoros e de rapina (comprehendida a nossa especie), buscam a sociedade dos seus semelhantes, e se podessem acostuma-los á vida domestica, se fariam sem custo numerosos rebanhos, e ha exemplos de alguns mansos fazerem casta com as cabras caseiras. Os caçadores os encontram frequentemente aos oito, e aos dez, e não se topam mais juntos, porque a necessidade de viver os obrigaria a largar seus asylos, tendo de occupar forçosamente maior espaço. Mas apesar da extrema sobriedade são dotados de prodigiosa força muscular, e se atiram aos pulos por ingremes penedos acima, chegando á ponta, e sustendo-se n'uma aresta, onde um homem não poderia firmar o pé, e estar immovel meia duzia de segundos.

Como caça, o bodequim, sobre tudo em novo, é muito estimado dos comilões. Foram muito preconisadas antigamente as propriedades medicinaes do seu sangue, principalmente contra os pleurizes, e diziam que descoagulava o sangue, e promovia a transpiração; porém ignora-se como criaram voga, e ao depois perderam a fama. Ha quem affirme que o sangue do bode domestico tem as mesmas virtudes, nutrindo-os com as hervas aromaticas, que os bodequins, e camurças costumam pastar.

Os pastores habitantes dos Abruzzos.

Os Abruzzos, paiz dos Samnites nos tempos de Roma primitiva, são hoje duas provincias do reino de Napoles, a ulterior, e a citerior, ambas extremamente montanhosas. As planicies das circumvisinhanças de Sulmona e de Chieti, que são duas das suas cidades mais importantes: as corôas, e encostas dos outeiros, que cercam o formoso lado Celano: algumas tiras de terreno ao longo das costas do Adriatico; e poucos outros sitios mais, são susceptiveis de proveitosa cultura, e com effeito são bem agricultados: mas, geralmente fallando, o solo é montuoso, e aspero, falto de recursos para a economia rural, excepto em copiosos pastos para ovelhas, e mattos para cabras. Por este motivo os habitantes deste paiz são um povo eminentemente pastoril. Entrando sem prevenção nos Abruzzos pelo lado da romantica cidade de Castel di Saugro, indo de Napoles, o viajante encontra um mundo novo, cujas fórmas são singelas, e primitivas. Desapparecerão da sua vista as videiras pendentes dos ulmeiros em graciosos festões, os campos vercejantes de corpulentos pés de milho, as terras fecundas que dão duas novidades, os pomares florecentes, e os fechados e sombrios pinhaes italianos, e a população agil, e garrula da agricultora e fertil provincia da *Terra di Lavoro*, ou *Campagna Felice:* mas em cambio descobre immensos rebanhos d'ovelhas derramados pelas pastagens das serras, ouve a incessante bulha dos chocalhos das cabras nas alturas dos montes, observa as choças, e os casaes; e em vez de o cercarem hortas, e campos cultivados, vê-se rodeado de curraes, e redis: e quasi as unicas pessoas, que de caminho encontra, são os pastores vestidos com seus jalecos, guarda matos, e cothurnos, tudo de pelles d'ovelha, e acompanhados de rafeiros brancos, e felpudos. Em logar dos aqueductos, e encanamentos das terras chãs, só vê arvores escavadas, não como as manilhas de barro, mas do feitio de calhas, para conduzir a agua, e onde os rebanhos bebem em qualquer parte. Além destas ha dispersas algumas fontes de pedra de estructura igualmente rustica, e com as mesmas calhas para commodidade dos gados. Em uma palavra, o aspecto deste paiz é essencialmente pastoril. Os costumes de seus habitantes, que passam a maior porção da vida em quasi absoluta solidão, apresentam á imaginação quadros dos primitivos tempos do mundo. Os camponezes dos Abruzzos têem a mesma paixão pelas tradições romanticas que os montanhezes da Escocia, e em geral os de todos os paizes montuosos; são igualmente supersticiosos; tem o mesmo gosto da musica, e o seu instrumento favorito *la zampogna* é muito semelhante á gaita de folle dos escocezes. Conservam tradicional veneração ao seu compatriota Ovidio, mas como os rusticos napolitanos, que julgam que Virgilio fôra um grande magico, fundam elles a reputação do seu poeta na nigromancia. Na cidade de Sulmona, patria do vate, ha uma grosseira estatua de pedra, e metteu-se em cabeça ao povo appellida-la de Ovidio Naso. Um dia estando a vê-la um inglez, passou um pegureiro, e lhe tirou o chapéu, como se fosse a effigie d'algum sancto. O viajante que ainda ignorava a prenda de magico attribuida a Ovidio, tomou a cortezia como uma prova de veneração popular ao talento, dizendo com os seus botões que por certo um camponio inglez não tiraria o seu chapéu a qualquer estatua de Milton, ou de Shakspeare.

Os pastores dos Abruzzos são bem apessoados, e se fazem excellentes soldados, principalmente de cavallaria, posto que são naturalmente adversos á disciplina militar. As melhores tropas de Murat foram recrutadas nos Abruzzos. Em diversas epochas foi este paiz muito infestado por bandoleiros principalmente nas fronteiras, e passos das montanhas para os estados romanos, em ranchos compostos mais dos banidos d'outras terras que dos naturaes das serranias, onde aquelles malfeitores vem procurar abrigo.

O inverno é muito rigoroso nestas montanhas, que têem algumas summidades cobertas sempre de neve, como os altos picos do *Gran Sasso d'Italia*, os das visinhanças de Aquila, cidade capital das provincias, e outros. A *planicie das cinco milhas*, valle estreito e chão quasi no topo dos Apenninos, que é a principal communicação com a cidade de Napoles, é sujeito a gelos fluctuantes, e a temiveis furacões. A neve accumulada frequentemente impede o transito com risco das vidas. Os ventos, que sopram das serras, ainda não bem acabado o verão, são gélidos, e penetrantes. Os numerosos rebanhos, que por alli pastam no estio, morreriam se lá os deixassem no inverno; e por isso no abrir desta estação os pastores emigram com elles para as baixas d'Apulha. Esta planicie é um vasto amphitheatro, que se estende em frente do mar Adriatico, e o resto é fechado pelo Garganus, e uma volta semicircular e rapida da condilheira dos Apenninos onde campêa a pyramide do Monte Vultur, volcão extincto, cujas crateras são actualmente lagos romanticos. Todavia os montes no geral abrigam a planicie dos ventos nocivos do inverno, e o clima é

brando, e agradavel, como era d'esperar da latitude favoravel da região, e da sua insignificante elevação acima do nivel do mar. A carencia d'aguas, e a falta absoluta d'arvores, que attrahem a humidade ao chão sequioso, têem sido as razões porque esta immensa planura permanece intacta pelo arado, e a enxada. A sua grande extensão apresenta a apparencia de um deserto oriental, onde, quando não o animam os pastores d'Abruzzo com seus gados, podeis vaguear milhas e milhas em todas as direcções sem encontrar um homem, nem vestigios alguns d'humana industria — sem avistar uma arvore, ou uma moita, ou a minima eminencia, que encubra a vista do Adriatico, e das montanhas circumstantes.

Cada rebanho, que chega dos Abruzzos a este *Tabolcíro d'Apulha*, como lhe chamam nas estatisticas napolitanas, é contado, e paga um tanto por cabeça por direito de pastagem: pequenas como são estas taxas, pelos innumeraveis gados, que alli concorrem, produzem uma somma, que, depois de deduzidas as despezas da cobrança, rende muitos mil pezos, ou ducados, ao governo napolitano. Ha espalhados na planicie grandes telheiros, e casas baixas construidas de pedra e barro, que ou pertencem a grandes proprietarios de rebanhos, ou lhes são alugadas por preço modico pelos administradores do *taboleiro*. Outras residencias temporarias constrúem os pastores quando chegam, como palhoças, e barracas, &c. Por causa dos lobos, que frequentemente descem ás serranias, onde habitam, sustentam os maioraes grande numero de rafeiros, que são de excellente raça, de côr branca, e corpulentos, e fortes, muito leaes, e guardas vigilantissimas: bastam dois para o lobo mais valente, e atrevido.

No meio daquella bravia planicie, a quasi seis milhas da cidade de Canosa (antigamente Canusium) era o assento, que hoje mal se conhece, da cidade de Cannas, junto á qual se deu a famosa batalha deste nome, em que os romanos desbaratados por Annibal perderam a flor de seus cavalleiros. Os unicos objectos, que ainda restam da antiga cidade, são uns vestigios de muralhas, e algumas excavações, ou quartos subterraneos com poços; e a pouca distancia dois grandes marcos de pedra, ao cabo d'um terreno, escorados um no outro — simples monumento, que serve para os pastores indicarem o campo de Cannas, ou como elles dizem, o campo de sangue.

O auctor deste artigo, que observou pessoalmente estes logares, conta que recebêra dos pastores, de que fallámos, e que temporariamente os habitam, o mais cordial agasalho, e hospitalidade. Juncto a Cannas o acolheu um maioral exprimindo-lhe o pesar de que o seu tugurio fosse tão indigno para receber uma pessoa distincta; e o regalou com uma frigideirada d'ovos, e algumas talhadas de toucinho, excellente pão de milho, uma especie de requeijão, e algum vinho generoso trazido de Canosa. Como o sol se fá escondendo, e o crepusculo é escaço naquelles paizes meridionaes, antes de finda a comida era já noite cerrada. O maioral offereceu ao seu hospede manda-lo acompanhar por dois homens até a proxima cidade de Canosa: ou querendo determinar-se a passar mal uma noite o ficar alli com elles. O viajante acceitou este ultimo partido; e posto a bom recado o seu cavallo, deitou-se n'um estrado, e o cobriram com pelles de ovelha, ao pé do lume.

Quando toda a sociedade pastoril se reuniu, o maioral tomou a presidencia, e entoaram em voz clara as suas rezas da tarde. Logo um rapaz accendeu um velho castiçal macico de bronze, que parecia ter pertencido as excavações de Pompeia, e saudou com — *la santa notte a tutta la compagnia*. Então os pegureiros tomaram a sua frugal refeição, que consistiu principalmente em pão de milho, cebolas crúas, e um pouco de vinho.

O interior da casa constava de um só quarto, e faziam fogo no meio sem chaminé, saindo o fogo pelas fisgas do tecto: o chão estava alcatifado com palha de milho, e pelles d'ovelha, que eram as camas daquella gente, excepto dois, ou tres estrados destinados aos maioraes. Tirados estes, e alguns utensilios grosseiros de cosinha, não havia outros trastes na casa.

Na manhã seguinte o viajante se achou apto para continuar a sua jornada até Canosa, e querendo retribuir o bom agasalho com algum dinheiro, o seu hospede o recusou, mostrando-se escandalisado da offerta, e não recebendo mais paga do que sinceros agradecimentos. Eis-aqui mais uma prova de que os povos pastores apesar da sua ignorancia, e rusticidade, são por natural condição hospitaleiros, e bemfazejos.

PRESENTIMENTO DOS TURCOS.

O mais amplo cemiterio dos turcos de Constantinopola está situado nas praias da Asia; porque como os habitantes desta cidade estão persuadidos de que serão constrangidos a retirar-se para a Asia, d'onde vieram, querem que os seus corpos descaneem em um logar onde os christãos inimigos da sua religião, não venham inquieta-los.

Antigas prophecias, e assaz curiosas coincidencias de nomes, que se encontram na historia de Constantinopola, arreigam n'alma dos supersticiosos turcos esta crença.

Constantinopola foi engrandecida e escolhida para séde do imperio grego no anno 328, por um Constantino, filho de Helena, sendo patriarcha um Gregorio; foi tomada, e destruido o imperio grego, reinando outro Constantino, filho de Helena, e exercendo a dignidade patriarchal outro Gregorio. Os Latinos se apoderaram della sob o commando d'um Balduino em 1204, e foram expulsos em 1261, no reinado d'outro Balduino. Os turcos, capitaneados por um Mahomet, assenhorearam-se della em 1453, e estão persuadidos de que a perderão no reinado d'outro Mahomet, nome do sultão actual; finalmente, na epocha em que se manifestou a revolta da Grecia, era um Constantino o herdeiro presumptivo do throno da Russia, e o patriarcha de Constantinopola chamava-se Gregorio. Este foi enforcado, e Constantino morreu depois; porém os turcos ainda assim mesmo estão persuadidos de que a tal combinação dos nomes de Mahomet, Gregorio, e Constantino, presidirá á destruição do seu poderio na Europa. — *Walsh, viagem á Turquia.*

Alliança fraternal dos Malgachos.

Subsiste ainda entre os malgachos habitantes da ilha de Madagascar, um antigo uso, digno de ser proposto como exemplo ás nações da Europa, e vem a ser o juramento de sangue, ou solemne e fraternal alliança contrahida por dois individuos que se obrigam a prestar-se mutuo auxilio. Preside á ceremonia a principal auctoridade do sitio, ante a qual se ferem os dois amigos na boca do estomago. No sangue que das feridas corre ensopam-se dois pedaços de raiz de gengibre, e cada um dos futuros irmãos d'armas come o pedaço tinto no sangue do outro. Apresenta-lhes então o mestre de ceremonias um vaso contendo agua doce, agua salgada, arroz, prata, e polvora, e tendo molhado duas azagaias nesta mistura,

perante os contrahentes, com a arma que fez as feridas, passa a pronunciar a imprecação seguinte: — „Grande Deus! Senhor dos homens e da terra, digna-te de ser testemunha deste indissoluvel juramento; seja fulminado o primeiro de nós que o quebrantar, e devorem os cães a mãe que o gerára.“ Concluidas a jura, e imprecações arremessam os dois irmãos as suas azagaias na direcção dos quatro pontos cardeaes, querendo conjurar desta arte os genios do mal. Invocando finalmente o testemunho da terra, do sol, e da lua, bebe cada um delles metade da porção do liquido contido na taça, dirigindo fervorosas preces a todas aquellas potestades para que convertam em mortal veneno a bebida do perfido que, ao pronunciar o juramento, premeditar trahi-lo.

UMA ESCHOLA TURCA.

A seguinte anecdota é extrahida de uma carta escripta de Bujukdere por um viajante inglez.

Ia eu passeando com dois amigos pela rua principal de uma aldêa visinha, quando um borborinho de vozes attrahiu a minha attenção. Percebi que o ruído saía de uma especie de mesquita, com que íamos a dar de rosto: então perguntei se poderiamos entrar; porque a nenhum estrangeiro é permittido entrar nas mesquitas turcas sem expressa licença. Responderam-me que sim. Seguindo, pois, pelo som, subimos um lanço de escadas, e em vez de nos achar n'um logar de oração, démos n'uma quadra com bancas por pé das paredes, ás quaes estavam sentados muitos rapazes com seus livros nas mãos. Disto concluimos que era a eschola da aldêa; e depois soube que a muito custo haveria outra melhor em Constantinopola. A um canto da sala vimos o mestre reclinado n'um asseado tapete: era um velho mullah, ou ecclesiastico, com um turbante enorme na cabeça, barba grizalha, caftan amarello, e pernas cruzadas inteiramente ao modo turco. Tinha na mão esquerda um comprido cachimbo, em que fumava, e estava com a direita pousada no collo com toda a quietação, salvo que de quando em quando a agitava, como se tivesse um tremor nervoso. Do lado esquerdo tinha um rolo de tabaco, e diante de si um grande calhamaço, que era provavelmente o Alcorão. Segurava com a mão que tinha caída no collo uma canna da India de tão desmesurado comprimento, que chegava ao tecto, posto que estivesse encostada á parede. Quando entrámos saudou-nos com um leve meneio de cabeça; mas nem se ergueu, nem tirou o cachimbo da boca. Os trinta rapazes que estavam sentados, ou de joelhos, conforme a idade de cada um, á roda da mesa, e em cima de tapetes, distrahiram-se um momento da lição, com a nossa chegada; mas uma olhadella involuntaria que deram para a carranca do mestre, ou antes um signal que elle lhes fez com os dedos da mão direita, que nem por isso tirou do collo, os metteu todos outra vez a caminho. Pareceu-nos que estavam aprendendo a lêr, e muito adiantados, porque já nenhum soletrava. Liam todos rapidamente, e como cada um lia alto, e nenhum a mesma passagem, faça-se idéa da bulha e confusão de linguas que ahi haveria. Os mais crescidos, ou mais expertos (porque entre elles havia alguns mui pequenos) faziam de decuriões: estes não liam, como o resto dos seus condiscipulos, mas ouviam e emendavam; isto não meramente com palavras, mas com a ajuda de murros dados pela cara sem ceremonia. Particularmente certo pequeno diabrete que era um raio em corrigir os *lapsus-linguae*, não fazia escrupulo algum de repetir os seus sôccos liliputianos, e dirigi-los, com toda a actividade e ancia, á cara de um alentado marmanjo que parecia incorrigivel, e a quem elle servia de mentor: pouco lhe importava, com tudo, que os murros fossem caír nas ventas do gigante, ou nas de outro rapaz que estivesse ao pé delle. Durante esta scena o pedagogo, que estava ao canto, continuava a fumar no seu cachimbo, sem mover pé nem mão, como se fôra tolhido. Um dos meus companheiros que tinha um punhado de amendoas torradas na algibeira, deu-lhe na vontade armar desordem, e atirou com ellas ao meio da sala. Podia-se dar alguma cousa para vêr o barulho que então se armou; decuriões e rapazes, tudo atirou com os livros, saltando nas amendoas. Tel-as-íam devorado em menos de um credo, se os dedos do velho mullah não houveram pilhado de salto a descomunal canna da India, com que, sem se desencruzar, nem tirar o cachimbo da boca, assentou as costuras aos rapazes para todos os lados, porque não havia recanto aonde o desalmado comprimento da canna não chegasse. Tudo então correu a postos, e nós para a rua, antes que alguma cousa nos tocasse tambem pelo espinhaço.

Eis-aqui um modelo das escholas turcas. — *Journal of Education*, N.º 18.

Espingardeiros: côr ingleza para os cannos das espingardas. — Dissolva-se em quartilho e meio d'agua da fonte oitava e meia de sulfato de cobre *(pedra lipes)*, e depois misture-se-lhe outra oitava e meia de alcool nitrico, contendo tres oitavas de hydrochlorato de ferro, e lance-se com cautela sobre todos estes ingredientes uma oitava de acido nitrico *(agua forte)*. Estenda-se a mistura nos canos com um panno, depois de estarem bem limpos: logo que enxugue a primeira camada dê-se-lhe segunda.

Para os canos feitos de fitas de aço, emprega-se a composição seguinte:

Quartilho e meio d'agua da fonte, duas oitavas e meia de hydrochlorato de ferro, duas oitavas e oito grãos de alcool nitrico, duas oitavas de sulfato de ferro *(capa rosa verde)*.

Pisa-se o sulfato de ferro e dissolve-se na agua: feita a dissolução, accrescenta-se-lhe o hydrochlorato e o alcool. É preciso que não esqueça chocalhar bem a garrafa, para que a mistura seja perfeita. Antes de empregar esta composição, que se estende com uma esponja, é necessario correr os canos com acido sulfurico (*vitriolo*) diluido.

Pedra de toque economica; meio de reconhecer o ouro. — Toma-se uma pedreneira (*silex*), e roça-se sobre ella o objecto que se pretende ensaiar. Quando a marca metalica estiver sufficientemente impressa, accende-se uma mecha bem enxofrada, e chega-se quanto fôr possivel á marca feita na pedra. Se o metal não fôr ouro desapparecerá a marca.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal. N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa. — Na Imprensa Nacional.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

27 | PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. | NOVEMBRO 4, 1837.

CAÇADA NO ORIENTE.

A CAÇA DO PORCO-MONTEZ NO ORIENTE.

De todos os divertimentos da India nas colonias britannicas o que mais incita a curiosidade é a caça do porco bravo, ou javalí; e talvez não é menos perigosa que a do tigre, ou a do leopardo (de que já démos uma estampa em o N.º 12); porque esta geralmente é feita a cavallo n'um colossal elephante, onde o caçador vai mais a salvo do perigo. Porém na caça do javalí o caso é differente, porque este animal é naturalmente corajoso, pertinaz, e possante, cega-se no perigo, e não teme o cavallo; e as suas feridas são muitas vezes mortaes. Elle não tem a ferocidade do tigre, ou do leopardo, nem salta veloz, nem tem a certeza do pulo; mas defende-se com esforço, e joga destramente as prezas, com que o armou a natureza. Não é raro vê-lo no meio da mais arrebatada carreira parar subitamente, dar uma volta em redondo sobre o aggressor, e rasgar-lhe d'um golpe a barriga do cavallo: se apanha o homem é este victima certa da sua colera.

O porco montez é bem conhecido nas serranias do nosso reino pelos estragos, que faz á cultura; e em Salvaterra, e outros sitios, tambem a sua caça tem sido objecto de recreio da familia real. Os habitantes da serra da Estrella sabem optimamente guerrea-lo. Na India é um divertimento mimoso dos colonos inglezes andar á caça dos porcos-montezes, e de ordinario o exercitam até obra de 50 milhas a distancia das feitorias, ou estabelecimentos: mas lá tem mais um perigo, e vem a ser, que do mesmo covil onde o javalí é atacado salta muitas vezes o tigre, que tambem andava occupado na mesma caça, mas por sua conta, e risco; accidente repentino que não é pequeno embaraço para os curiosos. Observaremos de passagem que o tigre nos seus ataques contra o porco, posto que sáe quasi sempre victorioso, recebe ás vezes feridas desesperadas das prezas do adversario, que só succumbe nos extremos do conflicto.

O preparatorio para uma caçada destas no Oriente é uma scena de regozijo, e de folgança. Carregam-se em bois, ou em camellos as tendas, e as munições de toda a especie. Os caçadores são ás vezes mais de cem, contada a criadagem, e além disto se ajunta numeroso concurso das aldêas circumvisinhas; os principaes da companhia vão a cavallo, armados com umas lanças de choupas d'aço, e de sufficiente comprimento: a cabeça da presa pertence por uso estabelecido ao primeiro que lhe acertou um bote. Os movimentos rapidos, e desconcertados da fera não poucas vezes fazem falhar o golpe, mas quando este se emprega, e é vibrado por um braço destro, e musculoso, o animal succumbe. Alguns javalís velhos tem a pelle coriacea, onde só bala penetra. Attendendo ao volume e peso do corpo destes animaes, e á certeza das pernas, faz pasmar a velocidade da sua carreira.

Acontece frequentemente matarem-se seis, ou oito porcos-montezes n'um dia; e apenas é morto algum é necessario pô-lo immediatamente a bom recado, porque se o deixassem no sitio em menos de vinte minutos era devorado pelos abutres; é tal o olfacto, ou a vista destas aves immundas, que aonde ha carniça apparecem logo como se caíssem das nuvens, e limpam tudo em um abrir d'olhos.

No *Oriental Annual* de 1835 refere-se uma destas caçadas, e diz-se que proseguindo os caçadores ardentemente no divertimento, esconderam no matto a primeira presa, que fizeram, para a recolherem á volta; porém posto que a demora não chegasse a duas horas, acharam-lhe depois unicamente os ossos dentro da pelle inchada com o ar, que figurava o porco inteiro; e viram ír d'abalada uma nuvem de abutres, fartos do banquete, que tiveram a habilidade de pouco a pouco fazerem praça pelos buracos das balas, e arremeços, até poderem introduzir as cabeças, e comerem toda a carne á sua vontade. Estes passaros feios, e nojentos, abundam na Asia.

A nossa estampa apresenta o caso de se intrometter tambem o tigre na festa, sem ser procurado. Quando isto acontece de ordinario o deixam evadir-se a salvo, por ser perigoso para um cavalleiro quasi sempre armado só com um dardo accommetter uma fera, a quem a natureza deu garras possantes, ligeireza de pés, olho perspicaz, e certeza de pulo. As vezes, inda que raras, paga com a vida a temeridade e a audacia de se metter onde o não chamavam.

BELLAS-ARTES — VIAGENS.

Não pretendemos neste artigo dar a conhecer as vantagens, que os litteratos e artistas pódem adquirir por meio das viagens; porque julgámos ocioso querer demonstrar uma verdade, que a razão e a experiencia têem sobejamente confirmado: porém levámos o fito em apontar com a maior franqueza e imparcialidade, quaes são as qualidades e requisitos, que se devem exigir dos que se propõem a viajar para exercerem as Bellas-Artes, indicando ao mesmo passo as consequencias que se seguem da falta desses predicados, e o pouco ou antes nenhum fructo, que das viagens resultam aos que estribam todo o seu saber e valia na magica palavra *viajar*.

A primeira qualidade, que deve possuir o artista mancebo que viaja, é a boa educação, a segunda o genio, a terceira o estudo. Sem costumes ninguem espere aproveitamento solido nas sciencias e artes; porque sendo estas uma como emanação da divindade, e um aggregado de verdades uteis e necessarias, destinadas a fazer o homem feliz, nunca este o poderá ser, se, em menoscabo da moral, ignorar ou despresar os deveres que tem a desempenhar para com Deus, e para com os homens. Sem genio, e propensão natural tambem não espere alguem aproveitar no estudo das Bellas-Artes: o genio é um dom do céu, um thesouro escondido, que o homem nunca poderá achar por suas diligencias e fadigas, ainda que o procure por todo o mundo. Sem estudo não póde haver aproveitamento, nem alcançar-se o gráu de conhecimentos, que devem distinguir o bom artista. Póde o homem mostrar a sua natural inclinação para as artes; mas se ignorar os preceitos dellas, e não cultivar o genio por meio de assiduos estudos e trabalhos, nunca merecerá o nome de verdadeiro artista. De tudo o que acabâmos de dizer, se deve colligir que um artista (viajante ou não) sem educação, é um homem baixo e plebeu, e que seu espirito é rude, como sua linguagem e modos: um artista sem genio não é artista: é um homem adventicio e incognito na classe a que por força quer pertencer; um artista, até de genio, sem estudo, é um navio sem leme, ou, por melhor dizer, um diamante tosco, que não póde brilhar por mais precioso que seja.

A firme convicção destas verdades faz com que as nações civilisadas sigam o costume de mandar viajar pela Italia e por outros paizes os estudiosos das Bellas-Artes. Mas de que modo? — Escolhendo d'entre elles os que têem os requisitos necessarios para colherem fructo das viagens: e ainda assim em França e Hespanha usam de eleger um professor nacional, para acompanhar e dirigir os estudantes, que vão á Italia; porque a mocidade sem director, em um paiz delicioso cheio de entretenimentos, é muito natural, que se corrompa e desvie do fim de sua missão. Não sabe-

mos com certeza se as outras nações praticam o mesmo; porém não podemos deixar de louvar aquelle procedimento.

A proposito do que vamos tractando, cumpre-nos declarar que não são as viagens o unico meio de se crearem artistas em um paiz civilisado. Depois que se aperfeiçoou a arte da gravura, as melhores collecções dos grandes mestres têem corrido toda a Europa: e devem advertir os louvadores das viagens no que disse um grave auctor: *quem não estuda pelas estampas de Rafael, não aprenderá vendo os seus originaes.* Os gessos antigos têem sido reproduzidos e enviados por toda a Europa, por meio das *fórmas*. As collecções de estampas de ruinas, e de architectura antiga e moderna correm por toda a parte. Os livros e preceitos das artes têem-se divulgado: e aquelle que for dotado de natural inclinação para as Bellas-Artes, póde no seu paiz, com os estudos particulares e publicos, alcançar os conhecimentos, que oxalá não faltassem a muitos viajantes tão pagos de si mesmos!

E na verdade que fructos se devem esperar daquelles mancebos, que desprovidos de tudo quanto acabâmos de referir, e atidos unicamente á ancora da protecção sulcam os mares, e passam de uns a outros paizes, para dahi a poucos annos voltarem á patria, fallando só em viagens, como causa unica de instrucção não vulgar? A semelhantes homens fechou o desmesurado orgulho, e diremos, a ignorancia, o caminho do minimo adiantamento.

No que levâmos dicto apontámos em summa as consequencias da falta de *genio*, de *costumes*, e de *estudo* naquelles individuos que só estribam o seu merecimento nas viagens. — Deveriam taes pessoas conhecer que a perfeição não consiste no muito emprehender, mas sim no muito obrar; que viajar e ler, sem principios nem meditação, de nada serve. E, com effeito, quantos folheam os livros, sem distinguir nelles a sã critica do satyra mordaz, as maximas sociaes, e os exemplos instructivos dos successos e invenções de simples curiosidade? — Sentir e aproveitar todas estas variedades, eis o que se chama ler bem. O mesmo succede com as viagens. Quantos artistas principiantes passam de um a outro paiz sem conhecerem nem distinguirem o que ahi ha mais bello, e sem tirarem fructo algum de suas peregrinações? — Copiam a natureza sem discernirem o que nella é trivial ou admiravel: confundem no modelo o sublime com o agigantado, o simples com o mesquinho, o caracter verdadeiro com o carregado. Elles lêem a natureza; mas para a ler bem é necessario conhecer fundamentalmente o *Alphabeto do Antigo*; comparar as suas bellezas com as do natural, que se copia; ter bastantes luzes para perceber os defeitos do modelo, e talento para os emendar.

O MINHO ROMANTICO.

I.

Os HABITANTES dos paizes chãos da Europa, isto é, os da maior parte della, quando viajam por aquellas provincias onde o solo é variado por montanhas, são quem a estas póde dar todo o seu preço. Nas planicies a luz, e a vegetação é monotona; mais ainda do que o são as campinas do oceano, muitas vezes cavado pela procella, e onde o sol então batendo nos vagalhões se reverbera com accidentes variadissimos nas nuvens prenhes das tempestades. Nos paizes plainos, porém, a procella é medonha, sem ser sublime: e um dia formoso é ameno, mas calado e tedioso, porque lhe falta a variedade: uma geira de terra, uma legua, uma provincia equivalem para o homem a uma só impressão: e as impressões, que não os dias, são a verdadeira medida da nossa existencia. Dahi o pouco afferro que os naturaes de regiões plainas têem á terra natal. Desmente-lhes o solo os desejos de uma longa vida: porque, em taes paizes, um dia é como outro dia; uma sensação como outra sensação, e o espirito humano, no qual a synthese é innata, reduz todos esses dias, todas essas sensações a uma só idéa, a um unico sentimento, o que torna a existencia do homem semelhante a um canal aberto pela arte, em que as aguas se escoam insensivelmente, sem que, muitas vezes, nem sequer se possa dizer para que lado seja a sua corrente.

Não assim os paizes de montanhas: ahi tudo é vivo, tudo falla, tudo ri ou ameaça. Ahi os cimos das serras se prolongam ora nús e brancos, como uma ossada esquecida em campo de batalha, ora negros como as bordas de um vulcão, ora cubertos de pinhaes cerrados, que faz gemer o bafo do vento, e que na sua côr triste semelham a viuva assentada sobre pedra de sepulchro: lá de qualquer modo que serranias se coroem, contrastam na sua gravidade selvagem com a macia verdura dos valles, cultivados pela mão do homem: lá a luz do dia, quebrada pelos rochedos, varia de estação em estação, diremos de hora em hora, o aspecto da paizagem; e a existencia sente-se passar a cada instante, e não se escôa como um rio adormecido.

E por este modo que a Suissa leva a palma da formosura entre as regiões da Europa: é por este modo que a Escocia inspirou romanceistas e poetas. Ahi correm as almas generosas a abastecer-se de inspirações: são esses paizes como o granel onde busca alimento para a vida intima aquelle que sabe viver. Se discorrerdes pelas cumiadas e gargantas dos Alpes, encontrareis lá gente de todas as nações, homens de todas as crenças; porque a Suissa é a romagem da religião suprema, aquella que repassa todas as outras; da religião que nos ensina a adorar Deus na admiração das suas obras mais formosas e sublimes.

Nós os portuguezes não carecemos de ir tão longe para abençoarmos a Providencia pelas maravilhas de um paiz montuoso: a nossa serra da Estrella com as suas cimas nevadas e as suas cordilheiras penhascosas, a romantica Cintra com as asperezas dos seus retiros, com as fontes frias que manam dos rochedos de marmore, são como a imagem dos despenhadeiros dos Alpes, dos comoros da Escocia; a differença unica entre uns e outros sitios é, que as torrentes de luz de um sol meridional banham as nossas encostas, onde as plantas da Africa e da Asia crescem muitas vezes a par das da Europa, em quanto nas serranias da Suissa e sobre tudo da Escocia o astro do dia apenas dá um clarão frouxo e tepido; e apenas nellas se encontra uma vegetação pouco varia, e em parte enfesada e pobre.

Mas do romantico Portugal nada tão bello e saudoso, como o paiz que se estende entre o Douro e o Minho. Nesta provincia querem alguns que os antigos collocassem os campos elysios: verdade ou mentira que isto seja, o que é certo é que tudo o que a imaginação dos poetas figurou naquelle logar de paz e bemaventurança parece ser a descripção deste formoso terreno. Poderiamos dizer que o Minho é como um mar, que agitado pela maior das tempestades, e erguido em ondas temerosas, fosse tornado de repente immovel pela mão do Omnipotente: taes e tão varios são os accidentes do solo. Como ás ondas enfileiradas no meio do oceano revoltoso, os montes e os valles succedem uns aos outros: nos cabeços daquelles só, a maior parte das vezes, se vêem pedras calvas e ermas; só silencio e morte; no fundo destas só verduras e sombras; só a vida e o seu ruido. De cada

encosta, de cada rochedo borbulha um arroio, que vem sumir-se nos rios proximos, de que todos os valles são regados. Estes rios, quasi todos de suave declive, não têem talvez iguaes no mundo pela amenidade das margens, e pela abundancia de peixes saborosos que nadam nas suas aguas.

Porém para em tudo o Minho ser a terra dos contrastes — dos contrastes, que talvez dão todo o encanto á natureza — o Douro, que para a banda do sul põe termo áquella provincia, é o rio mais torvo e intractavel de Portugal. Quasi sempre comprimido entre montanhas altissimas penduradas a prumo sobre elle; correndo por muitas leguas por um leito de rochedos, a sua navegação é perigosa, e as suas aguas têem devorado milhares de existencias. E em quanto o Lima, o Cávado, o Ave, e outros rios se vão derivando tranquillamente por entre os pomares, as hortas, os linhares, e os campos de milho, o Douro, por meio das rochas de granito e syenita, vai rugindo como um leão do deserto.

Das montanhas do Minho a mais notavel é o Gerez, onde em partes ha neves perpetuas como nos mais solitarios desfiladeiros dos Alpes: nestas serras se encontram variadas riquezas botanicas, que apenas têem sido exploradas. As aguas sulphureas em que o Minho abunda nascem principalmente no Gerez.

Foi nesta provincia que a monarchia portugueza teve o berço; e ahi foi que a piedade, ou, se quizerem, a superstição de nossos avós alevantou maior numero de Mosteiros. Já no tempo dos godos os benedictinos estavam espalhados no Minho, e nelle se conservaram durante o dominio dos arabes. A esta ordem respeitavel, e que sempre será lembrada com gratidão pelos verdadeiros amigos da humanidade, deveram em grande parte a cultura e civilisação os habitantes daquelle territorio. Ainda hoje não ousaremos affirmar que a sua conservação fosse inteiramente desvantajosa: deixaremos decidir esta questão gravissima por aquelles, que, sem nunca sairem d'entre o bullicio das grandes cidades, julgam os *monges* dos campos pelos frades viciosos das povoações. — Nós que assistimos á suppressão de uma parte dos velhos mosteiros do Minho, e que vimos as lagrimas do povo, que nelles encontrava os soccorros na doença, e o pão na decrepitude, não sabemos se aquellas lagrimas mentiam, se mentem as theorias dos politicos que escrevem no silencio do seu gabinete. O que é certo é que todos os argumentos economicos que se hajam de fazer contra a existencia das ordens monachaes, a que com mais propriedade poderiamos chamar *sociedades agricultoras*, vão ferir, talvez com mais força, os senhores de terras, os proprietarios opulentos. Do que estâmos seguros é de que estas nossas reflexões merecerão apenas um sorriso desses homens de espirito subido, para quem tem mais força um epigramma francez ou inglez ácerca da nossa superstição, do que uma boa razão portugueza, que sirva de defender-nos dos escarneos mesquinhos de estrangeiros ignorantes de nossas cousas.

Guardaremos para artigos especiaes o descrever mais miudamente as amenidades de certos logares desta nossa formosissima provincia; e n'um proximo Numero tractaremos em geral do caracter e costumes dos seus habitantes, o que não comportaria a brevidade necessaria do presente artigo.

OS CIGANOS.

A ORIGEM desta tribu de vagabundos é bastante obscura: ao menos, a razão de lhes darem tal nome. O que é certo é que os antigos egypcios tinham a nota de serem descompassados embusteiros, donde viria o passar-lhes o nome para outras linguas, como na verdade aconteceu, visto os gregos e romanos chamarem egypcios aos embaidores: outra razão plausivel ha para trazer do Egypto tal denominação. Era este povo mui versado na astronomia, que então andava d'involta com a astrologia, e por isso daríam semelhante nome aos adivinhões e astrologos. Raro será o paiz da Europa, onde não haja egypcios ou ciganos, posto que com diversas denominações. Chamam-lhes os hespanhoes *gitanos:* os francezes *bohemiens:* os inglezes *gipsies:* os italianos *cingani* ou *cingari:* os allemães *zigeuner:* os latinos lhes chamavam *aegyptii:* nações ha que lhes dão o nome de tartaros ou sarracenos. Appareceram a primeira vez no norte da Europa pelo meado do 15.º seculo: da Allemanha se estenderam pela França, e dahi por Hespanha, e Inglaterra. Quando a principio se espalharam além do Danubio, vinham rotos e macerados, posto que fizessem de fidalgos, e viessem acompanhados de grandes matilhas de cães de caça atrellados. Os escriptores desses tempos descrevem-os como uma raça de côr trigueira amarellada, e de cabellos pretos e encarapinhados. Traziam vestidas umas tunicas, na cabeça uns barretinhos como os que usam os gregos; e mantos tecidos de cordel, pendurados dos hombros, e das orelhas furadas lhes pendiam monstruosas arrecadas de prata.

O papa Pio II, que morreu em 1464, falla delles, e lhes chama *zigari*, suppondo que eram um bando foragido dos *zigris*, que vem a ser os modernos circassios. Segundo outro escriptor antigo, que viveu com elles, eram habitantes do Baixo-Egypto, que haviam sido obrigados pelos sarracenos a abjurar a religião christã. Reconquistado o seu paiz pelos christãos, foram constrangidos a ir a Roma, para alcançar a absolvição da sua apostasia. Confessou-os o papa, e deu-lhes por penitencia o andarem errantes pelo mundo sete annos a fio, sem nunca se deitarem em cama. Com tudo, para que não morressem de fome, mandou-lhes expedir bullas, pelas quaes ordenava a todos os bispos e arcebispos que encontrassem pelo caminho, que lhes dessem dez libras por modo de esmola. Pelo que toca ao nome de bohemios, entende o mesmo escriptor, lhes foi dado muito depois do seu apparecimento, e porque, segundo se dizia, vinham da Bohemia, andando então no quinto anno da sua penitencia, e havendo discorrido já quasi toda a Europa. Mas na epocha, em que pela primeira vez se viram, lhes chamavam *penanciers* que sôa o mesmo que *penitenciarios*, e o que pareceria comprovar a origem que este escriptor lhes attribue, se ella em si mesmo não fôra tão absurda.

O allemão Grellmann n'uma dissertação ácerca dos ciganos, assevera que vieram do Indostão. Funda principalmente esta hypothese na semelhança da giria cigana com a lingua indica. Suppõe que elles eram da classe mais inferior dos indios, a saber — os parias — ou como por lá lhes chamam — os sudros (1). Sir William Jones (Indagações Asiaticas) lembra que talvez n'alguma expedição de pirataria desembarcassem nas costas da Arabia ou da Africa, donde vaguearíam até o Egypto, e d'ahi emigrariam ou seriam trazidos á Europa. Uma casta de bandidos, que têem parecenças com os ciganos, se encontra entre os tryglodytas (assim chamados de *trygli*, rochedo, e *dyo*, eu entro) nas pedreiras dos arredores da Thebas egypcia. Mr. Grellmann calcula em setecentos ou oitocentos mil estes bandidos, que parecem ser da mesma raça dos ciganos.

---

(1) A'cerca dos sudros veja-se o N.º 2 do Panorama.

Por uma ordenação dos estados de Orleans, no anno de 1560, foi decretado que estes embusteiros vagabundos sairiam de França, sob pena de gallés. Em consequencia deste decreto dividiram-se em pequenos bandos, que se espalharam por toda a Europa. Da Hespanha foram expulsos em 1591: mas tanto lá, como em Portugal, ainda hoje duram restos delles.

O LYRA.

O PASSARO LYRA.

(*Menura Superba.* Davies nas Lin. Trans.)

Os paizes recem-explorados da Australia (*) têem sido uma inexgotavel mina para os naturalistas do nosso tempo; e as familias plumosas não são das menos abundantes em individuos raros, que lhes tem sido difficil classificar entre os generos conhecidos. O formoso, e elegante *passaro lyra* é deste numero. O general Davies em 1800 o fez conhecido no vol. 6.º das *Transactions Linnean*, como typo de um novo genero, e o denominou *menura superba*.

Esta ave interessante é, pouco mais ou menos, como o phaisão ordinario, mas tem todos os membros proporcionalmente mais vigorosos, e pronunciados, e os pés muito maiores, armados de longas unhas arqueadas, e de côr preta lustrosa: a cabeça é pequena, e o bico triangular na base, agudo e comprimido na ponta; as azas curtas e arqueadas; a plumagem em geral é basta, macia, e pennugenta, de côr alambreada escura com sua tinta azeitonada, misturada com o ruivo das azas; as partes inferiores do corpo são cinzentas: os machos têem na cabeça uma poupa de pennas estendidas como uma crista. O rabo é um lindo ornato plumoso, comprido; e quando a ave o ergue, e abre como o pavão, faz a figura d'uma lyra, do que lhe proveio o nome. Este bello enfeite é privativo dos machos. Compõe-se de dezeseis pennas, e ocioso será descrever-lhe a fórma, de que a estampa póde dar idéa. E de côr tambem alambreada escura, excepto as duas externas pennas dos lados, que são cinzentas, pretas nas pontas, orladas de ruivo, e transversalmente marcadas com barras transparentes, e triangulares, no tecido interior.

Os habitantes desta ave singular ainda são bem pouco conhecidos. Tem bonita cantiga, forte, e sustentada, e imita bem todas as outras aves, que escuta. Ao romper da manhã começa a cantar; e subindo a alguma eminencia pedregosa, raspa o chão, como alguns phaisões, e erguendo o rabo, por intervallos arremeda as notas das aves, que estão cantando; continúa neste exercicio por espaço de duas horas, e torna depois para os valles, e terras baixas. Reside nos districtos elevados da Australia, e é commum nas cordilheiras da colonia da Nova Galles do Sul, onde já houve mais, porque actualmente são muito procurados por causa das pennas do rabo dos machos, que se pagam por bom preço em Sidney. É um passaro cauteloso, e reservado, e quasi exclusivamente terrestre, e raras vezes toma vôo, só o faz com trabalho e difficuldade sendo perseguido, e necessitado a fugir. Mal pressente o caçador, corre velozmente, ajudado das azas, sem que os cepos d'arvores nos mattos, ou as rochas, ou qualquer obstaculo lhe impeça a rapida carreira, e só em grande aperto salta ás arvores, onde pula de ramo em ramo. Aninha nos troncos velhos, carunchosos, e ôcos, ao pé do chão, ou nas tocas das fragas. A postura consta de doze a dezeseis ovos brancos com alguns salpicos anilados. Os novos ainda são mais difficeis de caçar, porque além de correrem muito se escondem entre os penedos, e as moitas. Vêem-se mais pela manhã cedo, e á tarde que durante o calor do dia. Como todas as *gallinaceas* es-

(*) Vide o N.º 16 sobre a Nova Galles, e o N.º 24 sobre o Ornithorinco.

garavatam para descobrirem sementinhas, e vermes. Os aborigenes se enfeitam com as suas pennas, como com as de outras aves.

Ainda se não fez a tentativa de o conduzir vivo á Europa, o que parece não seria mui difficultosa empreza, e realisando-se obter-se-ía uma bella acquisição para os parques, e pateos de bichos dos poderosos: porque as emas, e varias gallinaceas, com quem tem affinidade, e outras aves sem comparação mais delicadas, criam-se, e vivem bem nos climas brandos da Europa, e ainda n'alguns menos temperados, como o norte da França, e muitos pontos da Grã-Bretanha. Por ora os lyras, que tem visto a Europa são empalhados para collecções d'historia natural.

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL.

A educação intellectual, e a educação moral tractam da alma, como a educação physica tracta do corpo.

A tarefa da primeira é compôr a intelligencia, isto é, dar-lhe os necessarios conhecimentos, e capacidade para desempenhar o papel que tem de representar na scena da vida.

A intelligencia manifesta-se primeiro pela attenção, que não é outra cousa mais do que a intelligencia applicada a uma cousa, concentrada em um só objecto. A attenção commummente é excitada por uma sensação, isto é, um sentimento de prazer, ou de dôr, occasionado por um objecto externo, por uma impressão qualquer sobre o corpo, por um objecto, que impressiona algum dos nossos orgãos. A intelligencia, avisada pelos sentidos, percebe o objecto, e este acto de percepção lhe dá a idéa de uma cousa. Quando a attenção se dirige alternativamente a duas cousas, ou duas impressões, ou duas sensações, a intelligencia sempre activa, sempre differente das sensações, e das impressões, está em estado de as comparar. Da comparação passa ao juizo; pronuncia da relação que existe entre uma e outra cousa, e diz que uma cousa é melhor, ou peior que outra. De muitos juizos compõe um raciocinio. *Todos os homens são mortaes*; eis-aqui um juizo: *eu sou homem*; aqui está outro: ambos me conduzem a esta conclusão: *logo eu sou mortal.*

O raciocinio umas vezes é curto, outras vezes longo. Examinado miudamente reduz-se sempre a alguns juizos, dos quaes tiramos uma conclusão. *Esta casa me convem.* Estas palavras encerram um raciocinio completo, que póde desenvolver-se desta maneira; *Eu sou um negociante, tenho muitas fazendas, preciso uma casa com grandes armazens, que esteja situada em bairro bem frequentado; ora esta casa reune todas estas vantagens; logo esta casa me convem.*

Ninguem ha que não esteja em circumstancias de fazer este raciocinio. O povo os faz muito subtís. Toda a gente discorre, toda a gente está obrigada a discorrer. Para fazer uma panella de feijão é necessario um raciocinio mais complicado que este que citámos. Por tanto é inexactissimo dizer que o habito de discorrer é funesto: o que deve ser proscripto é discorrer mal, e nunca o usar da razão. Nada ha tão funesto como raciocinar mal, porque se não delira senão por paixão, ou por ignorancia, inimigos perfidos da especie humana.

É importantissimo recommendar ao homem que se habitue a discorrer, e desde a infancia encaminha-lo, para se acostumar a observar bem as suas impressões, e sensações, a tomar boa conta das suas precepções, a formar idéas bem claras, bem completas, a comparar as cousas com toda a attenção e por todas as faces, a não proferir juizos senão com perfeito conhecimento de causa, e a não discorrer senão sobre juizos bem exactos.

Longe de desgostar, ou de cançar as intelligencias tenras, nada as recreia tanto como os exercicios de comparação, e de raciocinio. Nas escholas da Suissa, d'Allemanha, e da Hollanda, usam muito destes exercicios.

Porém debalde a nossa intelligencia se enriqueceria com percepções, idéas, juizos, e raciocinios, se não tivesse a faculdade de os conservar, e de os recordar quando precisa. Mas todos sabem que ella possue esta faculdade, a que chamâmos *memoria*: e tambem é sabido que as nossas idéas chamam naturalmente umas pelas outras, ou por algum ponto de parecença, ou de contraste, ou por outras causas. O caso é, que esta *associação* natural das idéas, e estas reminiscencias involuntarias prestam á memoria um grande auxilio.

A estas faculdades a nossa intelligencia ajuneta outra, isto é, a de combinar as nossas idéas de modo que faça novas creações, ou *imaginar* cousas que não existem, ou que pelo menos não existem como nós as imaginâmos. Com os rochedos e as arvores, os homens e as côres, que tem visto, executa o pintor uma paizagem, que tem o merecimento da novidade, e é uma especie de creação produzida na tela, ou na madeira. O musico combina por um modo analogo os sons, que recebêra pelo ouvido, e compõe sonatas, e arias, que jámais os rouxinoes trinaram. O architecto combina pedras, vigas, e taboas, para fazer uma casa, e assim cria palacios, como os poetas os concebem na imaginação.

Tambem se fazem ataques á imaginação como á razão; tambem do mesmo modo a temem: é uma louca, e desvairada, dizem; e com effeito ás vezes assim é; mas por isso mesmo é necessario explicar bem á mocidade o que ella é, o que póde, e deve ser; o que tem, e o que não tem razoavel em si.

É este o dever da educação intellectual; ella deve explicar as faculdades da intelligencia, e exercitar cada uma de modo que venham a ser tão uteis ao homem como Deus quer. Quem ataca a imaginação, que nos é precisa a cada passo na vida, não tem razão: mas quem combate a imaginação, que se divirte em extravagancias e em sonhos, que doudamente lisongeia a camponeza com a prespectiva de ser um dia princeza, e o pastor com a de vir a ser grão senhor, esse sim que tem razão de sobejo. Dizei aos meninos o que é a imaginação, o que ella vale e não vale; ensinai-os a sujeita-la á razão; e obrareis muito melhor do que prohibindo-lhes a leitura de certos livros. Ha sem dúvida alguns que se não devem consentir: os máus livros são como as más acções; tanto se hão de combater uns, como as outras: todavia é necessario comprehender que para ambas estas cousas desapparecerem não basta proscreve-las com violencia, é muito mais valioso ensinar ás consciencias novas a detestar o mal. Tal deve ser o resultado da educação intellectual, cuja mais bella parte é a explicação das faculdades, que acabámos d'indicar.

Esta sciencia tem nas aulas o nome de psychologia. Nada importa o nome; a sciencia é preciosa, porque offerece noções, que nenhum preceptor da juventude, nenhum pae de familias illustrado deve ignorar. O mesmo são as regras, e os methodos que a nossa intelligencia deve seguir, applicando-se á indagação da verdade: estas regras, estes methodos constituem uma sciencia; mas que é d'uso geral, e está ao alcance de toda a gente. Chamam-lhe logica, e o povo tem uma logica, e tem precisão da sua logica, como a classe superior, e como os sabios precisam da sua. O povo segue até mais naturalmente, e com

mais fructo, as regras da natureza, e os methodos do senso commum, do que os sabios seguem as da sciencia. Não podem comtudo daqui inferir-se consequencias contra o estudo. O que se quer dizer é que na logica scientifica se tropeça muitas vezes, e que o vulgo é de ordinario mais feliz com a sua logica do senso commum: que esta se applica unicamente ás cousas mais ordinarias na vida, e que a dos sabios se applica a questões mais levantadas e difficilimas.

As pessoas encarregadas da educação da mocidade acharão tanto gosto em lhe explicar os methodos e as regras, que se seguem no usar das nossas faculdades, como em lhe desenvolver a theoria das mesmas faculdades. Com effeito examinar com os meninos até que ponto nos illudem os nossos sentidos, apresentando-nos como redonda uma torre octogona (1), que está a certa distancia de nós; ensinar-lhes até onde, e em que circumstancias podemos acreditar nos testemunhos dos outros; encaminha-los a distinguirem as verdades *evidentes* das que não o são, as verdades *necessarias* (2) das que são puramente *contingentes* (3), é cousa facil, instructiva, e divertida.

Será inda mais facil, e por certo mais instructivo firmar cada uma das faculdades da intelligencia no seu necessario desenvolvimento.

A sensibilidade desenvolve-se em precisão d'estudo especial: comprehende-se facilmente; por tanto só é necessario explicar bem aos meninos algumas sensações fortes, algumas impressões profundas, e fazer-lhes observar bem a percepção, que se lhes segue, e a idéa que esta fornece. Dêmos um exemplo trivial. Pondo na mão d'um alumno um pero cozido, alguma cousa quente, faz-lhe uma *impressão* nos orgãos, causa-lhe um *sensação* de calor; elle observará esta sensação, ou a *percebcrá:* ella lhe dará a *idéa* de um corpo um tanto *extenso*, um tanto *molle*, um tanto *pesado*, e que tem uma *certa fórma*, &c. — Por tanto esta *idéa* abrangerá os elementos das idéas da *extensão*, da *resistencia*, do *peso*, da *rotundidade*, &c.

A attenção, que muito importa cultivar, explicar-se-ha tambem com facilidade, distinguindo-a bem da distracção, da desattenção, da dissipação das idéas; observar-se-ha quanto ella nos ensina dilatando-se, e quanta exactidão, e clareza então presta aos nossos conhecimentos. Este ponto é de summo interesse. O que nós vulgarmente chamâmos uma cabeça vigorosa, e bem organisada, não é outra cousa senão uma intelligencia habituada a concentrar as suas faculdades n'um só objecto: as cabeças frageis são as incapazes de se applicarem a cousa alguma seguidamente, e com attenção. Já se vê de que importancia é estimular, e fortalecer bem esta faculdade, que é a primeira de todas.

Na educação dos meninos de continuo lhes lembram a attenção; porém recommendam-lh'a quasi como se manda a soldados apresentar armas. Dir-se-ía que não ha mais, da parte dos meninos, do que o quererem. Seria porém melhor encaminha-los para quererem: seria melhor promover, estimular, e entreter a attenção do que rege-la imperiosamente. Ella obedece em quanto está de boa vontade, mas dessa fórma apresenta-se por momentos; se a exigís para mais tempo, sabei mante-la, isto é, excitai a curiosidade da intelligencia; interessai-a, ao passo que a instruirdes. Nada de monotonia no ensino. Quando assim tiverdes feito o vosso dever, e ella o seu, parai; porque sendo violentada faria serviço de momentos, e seguiria mal para diante.

(1) Figura de oito lados.
(2) Deus e justo, e uma verdade necessaria.
(3) Paulo e avarento, é uma verdade contingente, porque não e força que Paulo seja avaro.

Para fixar, e prender bem a intelligencia dos outros, é necessario que a lição seja rica de idéas, que produza o seu pensamento d'um modo vehemente e claro, que varie as suas instrucções, e que desça bem, e fique ao alcance daquelles que a recebem.

O modo porque abusam da primitiva curiosidade dos meninos; a seccura das narrações, que lhes embutem; a inutilidade das explicações, que lhes dão; o escarneo, que fazem dos seus esforços, tudo isto os desgosta, os desmoralisa, e assassina na sua origem aquelle genio verdadeiramente philosophico, que de continuo os impelle a perguntar-vos: *mas como é isto?... mas como se faz isto?* Que admiravel methodo se acharia observando os seus primeiros passos, espreitando a sua instructiva curiosidade, alimentando a sua natural applicação!

Depois da attenção, que sem cessar lhes pregam, e nunca lhes cultivam, a unica faculdade, a que ainda dão exercicio, é a *memoria*. Pelo muito que tractam della, parece que nisto se cifra toda a intelligencia, e toda a alma. Mas em que a empregam? Em palavras, e textos difficeis, em phrases abstractas, em periodos incomprehensiveis, em discursos não especificados. O menino aprende tudo, sobrecarregam-lhe a memoria com milheiros de cousas inuteis, e pensam que fica sabendo algumas quando sáe das aulas: mas em breve se conhece que de quanto aprendeu nada comprehendeu.

A memoria, como é sabido, para ser boa deve receber com presteza, guardar com fidelidade, reproduzir com promptidão. Ella é tão docil que faria tudo isto só com a condição de fazerem comprehensivas as cousas, que lhe apresentam. Eis-aqui a regra principal. Fazei que vos comprehendam, não tracteis o homem como maquina: sejam as vossas lições escolhidas, e bem entendidas. É tempo de desterrar systemas de frades da Companhia, que, ainda mal para a instrucção publica do nosso paiz, não desappareceram com elles. Fazei aprender palavras, que assim é preciso, mas vão a par dellas os pensamentos; e liguem-se as cousas como convém. Cada palavra tenha um sentido, exprima algum facto, alguma idéa; porque são as idéas, e os factos, que se hão de explicar, e consignar á memoria.

Não deve a memoria cultivar-se á custa das outras faculdades. O juizo, e a imaginação requerem igual cuidado. O juizo, principalmente fallando, é a consciencia e a razão do homem; ora, na vida humana, não ha um instante em que a consciencia e a razão não tenham que julgar alguma cousa, que decidir algum negocio, que tomar alguma deliberação: e como se exporá alguem a fallar sem empregar a razão, a obrar sem o impulso da consciencia? Logo é restrictamente necessario que o juizo seja cultivado com o maior esmero, e attenção. E como se cultivará? Sobre que recahirão os seus exercicios na educação primaria? Sobre todas as questões, que estiverem ao alcance dos meninos; sobre tudo o que elle vê, e ouve, sobre tudo o que lê, e principalmente sobre o que diz. As occasiões nunca faltam, o que faltam são as direcções: porque os pedagogos, e os paes estão pouco habituados a estes exercicios.

Ainda neste ponto quasi todos concordam; porém já não é tão geral a opinião da conveniencia de exercitar a imaginação; mas é porque estão a este respeito n'um erro, que já apontámos. Tomam por imaginação os seus delirios, as suas extravagancias, e desvarios. Mas é exactamente porque essa bella faculdade é sujeita a deploraveis aberrações, que é necessario regula-la, e dizer o que ella é positivamente, e o que deve ser. A imaginação é senhora quando a razão é serva; porém isto é uma usurpação: ella é que

deve ser a serva da razão; auxilia-la, executar-lhe as vontades; póde aos trabalhos da razão unir algumas combinações; mas não crear monstros: ella imagina pelas imagens, que d'antemão recolhêra.

Para cultivar a imaginação a duas cousas se ha de attender: habitua-la a reproduzir, e representar exactamente as imagens das cousas, e a combina-las util, feliz, e engenhosamente. Todas estas combinações são uteis; e não se creia que ella serve sómente aos artistas, que têem de pintar quadros, ou compôr peças de musica; aos poetas, que têem d'inventar personagens, scenas, e discursos patheticos: a imaginação é tambem util ao operario, ao cultivador, e ao professor d'eloquencia. O cultor, e o jardineiro tem que executar mil trabalhos segundo a sua imaginação; o architecto, o pedreiro, o marceneiro, o tapeceiro, &c. sem cessar precisam de consultar a sua imaginação. Não ha homem de officio, por grosseiro que seja o seu trabalho, que possa dispensa-la; isto explica o pouco successo de muitos, o máu gosto, e o disparatado de suas obras, e sua condição miseravel; porque lhes falta a imaginação, ou para melhor dizer, porque a sua imaginação, privada das direcções, que estabelecem o gosto, os desvaira, ou os illude.

Pestalozzi, que tão bem comprehendeu a educação, porque a estudou de todo o coração. porque conheceu o povo, e as suas miserias, não fez pouco caso da imaginação; e a cultivava principalmente com o desenho linear; mas este desenho não era como o de muitos mestres, que se limita a figuras de geometria, á copia de alguns moveis, de alguma peças d'architectura, ou de algumas machinas. O desenho linear na eschola de Pestalozzi era uma arte d'imaginação. Longe de restringir os alumnos a simples copias, aquelle grande mestre provocava pela sua parte combinações de todo o genero. Convidava-os a compôr de tres linhas curvas, que traçava n'um espaço negro, cinco figuras differentes. Depois que os seus alumnos tinham executado esta ordem, escolhia das figuras, que elles inventavam, uma porção das mais bonitas, mandava-as copiar n'um caderno de modelos, e as communicava aos principaes fabricantes do seu paiz, que ficavam muito satisfeitos, e aproveitavam esta collecção para os desenhos dos tecidos, que saíam continuamente das suas immensas manufacturas.

Por este, e semelhantes modos positivos, se exercita a imaginação; e são milhares de vezes preferiveis aos contos cavalheirescos, e de fadas, com que outr'ora a deslumbravam; contos, e patranhas, que teriam falsificado todas as noções justas, e uteis, se não houvesse na razão humana um fundo de bom siso inexgotavel.

Fornecer á imaginação muitos objectos, imagens, e cousas uteis; enriquecer a memoria com principios bem exactos, e completos; dar ao juizo, á razão, e á consciencia, a maior rectidão possivel, eis-aqui a verdadeira educação intellectual. O bom pedagogo da mocidade saberá devidamente avaliar a sua importancia, e não perderá as occasiões de a desenvolver, e cultivar.

Destruição dos arganazes. — De todos os meios empregados para este effeito o que póde dar melhor resultado consiste em trazer para os campos do trigo maços de moinha ou palha um pouco pisada, como a que serve de cama aos cavallos. Fazem-se disto uns montesinhos, e mistura-se com cada um delles um punhado de grança de avêa. A distancia adoptada entre cada monticulo é de vinte e cinco passos. Como os arganazes preferem este asylo ao que occupam debaixo da terra humida acodem alli, e pódem facilmente distrui-los homens, que examinem todos os dias os montinhos, ou cães, ensinados a fazer taes caçadas.

Remedio contra as lombrigas do gado lanigero. — Os animaes lanigeros estão expostos a enfermidades causadas pela existencia de vermes nos bofes, no estomago, nos intestinos, e particularmente no figado. Os agricultores dos Estados-Unidos da America costumam combater estas molestias com a *gomma de aloes*.

Meia onça de gomma em pó, misturada com uma pouca de farinha, e agua sufficiente para que tudo forme umas papas grossas, é quanto basta para um carneiro: não é difficil fazer-lh'as engolir, abrindo-lhe a boca, e pondo-lhe a bolinha sobre a raiz da lingua, com uma colher.

Tem-se tirado optimos effeitos do mesmo remedio, porém administrado em menor dóze aos carneiros, que começam a adoecer e a perder o appetite. O emprego do aloes assim enfraquecido é sufficiente para fazer desapparecer todos os symptomas de doença.

Modo de tirar nodoas de ferrugem. — Para tirar as nodoas de ferrugem ou de tinta, que não cederem á acção do sal de azedas (super-oxalato de potassa) basta juntar ao dicto sal umas poucas de aparas de estanho, que facilmente se encontram nas lojas dos picheleiros.

Deitam-se o sal, e as aparas de estanho n'uma colher de prata, com uma porção d'agua, que se faz aquecer: mette-se a parte manchada dentro da dissolução, e dentro em pouco desapparece a nodoa em virtude de certas reacções chimicas.

Tambem se póde pôr a parte manchada, depois de molhada, sobre a tampa d'um vaso de estanho cheio d'agua a ferver, derramando-se o sal por cima da nodoa. A maior parte das vezes vê-se desapparecer a nodoa, sem se quer ser necessario auxiliar a acção do sal com a mais leve fricção feita com a ponta do dedo.

Singularidade do nome de Napoleão. — Este nome, que em francez se escreve *Napoleon*, compõe-se de duas palavras gregas, que significam *leão do deserto*. O mesmo nome engenhosamente combinado fórma uma phrase que offerece singular analogia com o caracter daquelle homem extraordinario.

1	Napoléon
6	apoléon
7	poléon
3	oléon
4	léon
5	éon
2	on

Cortando successivamente a primeira letra desta palavra, e depois a de cada palavra restante, formam-se seis palavras gregas, cuja traducção litteral, designada pela ordem dos numeros, é: *Napoleão, sendo o leão dos povos, ía destruindo as cidades.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Rua Direita do Arsenal. N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa. — Na Imprensa Nacional.

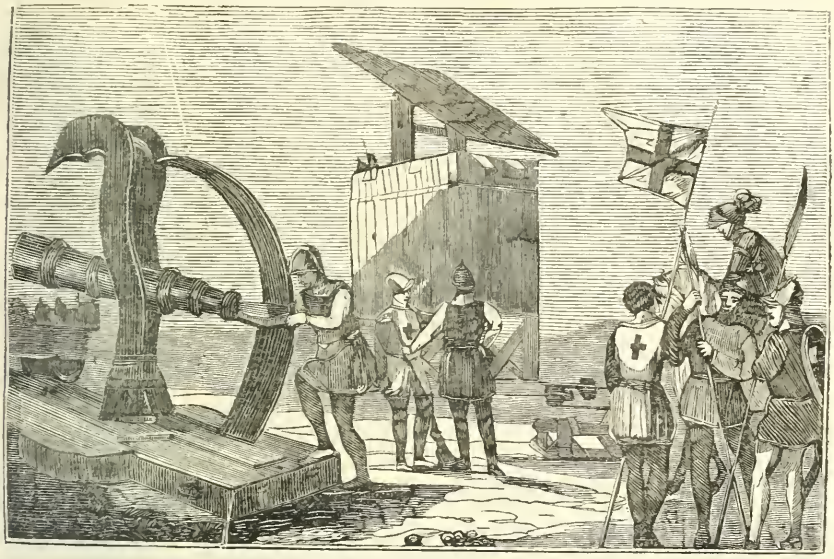
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

28) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (NOVEMBRO 11, 1837.



CAVALLEIROS, INFANTES, ARTILHEIROS, E MACHINAS DE GUERRA DO 15.º SECULO.

MILICIA DA EDADE MEDIA.

Já em dous logares do Panorama, tivemos occasião de tractar de objectos pertencentes á milicia da edade media — quando fallámos da nossa antiga nobreza, e dando a descripção da famosa peça de Diu: mas o que dissemos a tal respeito nesses artigos foi tão sómente accidental, e quanto bastava para se entender a materia de que tratavamos. Agora fallaremos em geral da milicia desses tempos, e sobre as armas e costumes militares de então, especialmente no nosso paiz: trabalho na verdade incompleto; mas que em Portugal pela primeira vez é tentado. A differença entre a arte da guerra nos seculos chamados barbaros e a de que hoje usamos, a dessemelhança das armas dos diversos tempos, o modo de organisar os exercitos, tudo nos parece dever despertar a curiosidade dos nossos leitores.

Todos os povos da antiguidade, entre os quaes a civilisação fez mais ou menos progressos, sentiram que nos combates o mister do soldado consistia não só em offender, mas tambem em defender-se. Desse sentimento, mui facil de conceber, veio que desde quasi as mais remotas eras encontramos na historia o uso das armas offensivas e defensivas. Talvez desde que houve uma espada houve um escudo: os hebreus, os egypcios, os persas vestiam armaduras mais ou menos completas: os gregos e romanos tão habeis nas artes da paz, não foram menos entendidos na guerra; e é de notar que mais ainda aperfeiçoaram e augmentaram os meios de se resguardar do ferro dos inimigos, do que os de os offender.

Os mesmos barbaros do norte, sem policia, nem tracto algum de civilisação: esses homens, que em ondas se arremeçavam ás lanças romanas, e que nós esmagavam muitas vezes as legiões cubertas de ferro: estes mesmos homens ferozes, que pareciam menoscabar inteiramente a morte, procuravam abrigar-se dos golpes, cubrindo-se nos combates com escudos enormes. Derrocado por elles o throno romano, estes povos se misturaram com os vencidos. Inquietos e educados entre o estrondo das armas começaram a luctar entre si sobre o cadaver do imperio aniquilado; e dos costumes militares dos vencidos tomaram todos aquelles, que a propria barbaridade lhes deixava perceber que eram uteis. O franco, o godo, e o vandalo cubriu-se de ferro luzente; e se nas suas pelejas faltava a boa ordenança, não faltava em cada guerreiro o lustre e fortaleza das armas.

Mas a armadura dos romanos soffreu, como devia acontecer, grandes alterações nas mãos dos barbaros. Pouco sabemos ácerca dos objectos militares, durante os quatro seculos que decorreram desde o sexto até o decimo; nos monumentos do 11.º vê-se que a armadura dos cavalleiros era toda de malha, sem exceptuar o elmo: póde-se dizer que andavam envoltos n'uma rede de ferro, tecida á feição de todo o corpo. Tanto se haviam alterado as armaduras com o correr dos tempos! — Parece que os orientaes tinham conservado mais puras as fórmas das armas defensivas dos romanos. Deveu-se isto á existencia do imperio grego de Constantinopola. Os sarracenos, nação a que podêmos chamar civilisada, no meio das trevas daquella epocha, tambem guardaram em gran-

de parte, se não as tradições militares dos romanos, ao menos muitas das machinas, instrumentos de guerra, armas e armaduras dos antigos povos policiados. Nos monumentos da monarchia franceza do P. Montfaucon se vêem effigiados os guerreiros sarracenos, com elmos e couraças, ao pé dos christãos cubertos de saios e cervilheiras de malha.

Foi no decimo seculo que a moderna Europa começou a dar os primeiros passos da sua demorada infancia. Entretanto tinha nascido a cavallaria, que era uma necessidade social. No meio da falta das leis e dos costumes, quando a força era a cousa que unicamente se respeitava, era preciso que as almas generosas se reunissem, e a empregassem a favor da innocencia e da virtude, contra o crime e a tyrannia. Tal foi a origem desta milicia illustre, escarnecida nos tempos modernos por aquelles que abrigados á sombra da civilisação, não calculam os beneficios que a humanidade deveu á cavallaria. Por ella começou a milicia a formar um corpo separado; porque no 12.º seculo já a ordem dos cavalleiros não era mais do que um corpo de soldados escolhidos, ligados entre si com regras e estatutos, formando de certo modo em cada paiz um exercito permanente.

La-Curne-Sainte-Palaye nos deixou uma historia da ordem da cavallaria, tirada de todos os documentos, que as chronicas e as novellas, a poesia e os archivos da edade media podiam subministrar. Esta obra escripta com extremo cuidado, e com uma consciencia pouco vulgar em escriptores francezes, ainda até hoje é a melhor que se conhece daquella brilhante instituição. Desta obra extrahiremos uma breve noticia sobre a dignidade de cavalleiro, observando primeiro que, o que vamos dizer ácerca desta é applicavel a todos os paizes; porque em todos elles os regulamentos da ordem eram semelhantes.

Naquelles tempos a classe da nobreza era muito extensa; porque havia nella cathegorias variadissimas. Era da numerosa mocidade desta classe que saíam os cavalleiros. Os que eram destinados a seguir esta gloriosa carreira, tiravam-os das mãos das mulheres, logo que chegavam á edade de sete annos, para lhes dar uma educação religiosa e guerreira. Esta educação recebiam-na nos paços dos principes, e dos grandes senhores, onde eram chamados pagens: aos quatorze annos passavam a escudeiros. A cerimonia, com que subiam a este grau, era mui simples: pae e mãe o conduziam ao altar: ahi o sacerdote lhe cingia a espada. Dividiam-se os escudeiros em muitas classes, mas todas ellas se podem reduzir a duas; a dos que continuavam a servir nos paços, e a dos que se davam logo ao mister da vida aventurosa da cavallaria, pondo-se ao serviço de algum cavalleiro de nome. As obrigações destes taes era cuidar das armas do seu senhor; ministrar-lhas nos combates, cura-los quando feridos, e fazer-lhes todos os mais bons officios de um amigo fiel.

Aos vinte e um annos os escudeiros podiam ser armados cavalleiros: em tempo de guerra esta cerimonia se reduzia a mui pouco, e muitas vezes centenares de mancebos recebiam a ordem da cavallaria diante dos muros de uma fortaleza, ou no fim de uma batalha; mas, em tempo de paz, era o dar o grau de cavalleiro a qualquer uma das grandes pompas da edade media. O candidato acompanhado dos padrinhos velava as armas n'um templo, e recebidos os sacramentos, vestia-se de vestiduras brancas, e um sacerdote lhe explicava os seus deveres como christão. No dia seguinte voltava á igreja, e approximando-se do altar, com uma espada lançada a tiracollo, a apresentava ao celebrante, que a benzia, e lh'a tornava a lançar ao collo. D'alli passava a prestar juramento nas mãos do senhor de quem dependia, acabado o qual, um ou muitos cavalleiros, e até damas, lhe vestiam as armas, com certo ritual. Depois disto o nobre, que recebêra juramento, lhe dava tres pancadas nas costas com uma espada. Então o *novel*, ou novo cavalleiro, punha o elmo ou capacete, e montava a cavallo, dando algumas voltas pelo terreiro, e brandindo a lança e espada.

Pelo regimento de guerra de D. Affonso 5.º, inserto no primeiro livro de suas ordenações, se vê que esta cerimonia era ainda a mesma, com pouca differença, no decimo quinto seculo. Neste regimento, copiado em grande parte do *Regimento e Ensinança de Principes* de Fr. João Verba, se dá a razão de todo este cerimonial. Nelle tambem se explicam as obrigações da cavallaria, bem como os crimes por que esta dignidade se perdia.

Estes crimes consistiam em vender, ou perder as armas em tempo de guerra, em joga-las aos dados, da-las a mulheres publicas, ou empenha-las nas tabernas. O commerciar, o trabalhar em misteres vis, o fugir da batalha, e todas as mais acções, que indicassem animo vil, cobardia, ou maus costumes, faziam perder o cavalleiro sua honra. Neste caso era desauctorado. A cerimonia da desauctoração se descreve no regimento citado da seguinte maneira.

O cavalleiro era levado a um logar publico, sem armas. Um escudeiro lhe calçava as esporas e lhe cingia a espada: feito isto cortava-lhe com um cutello a cinta pela parte detraz, e do mesmo modo a corrêa das esporas. Feito isto, o cavalleiro ficava degradado da ordem, e cuberto de perpetua infamia.

Temo-nos demorado em fallar ácerca da cavallaria; porque, como dissemos, nella consistia o nucleo e o principal nervo dos exercitos na edade media. Para maior clareza, tractaremos das suas armas em primeiro logar: depois das que usavam os soldados communs; e, deixando de fallar na artilharia, e machinas de guerra, de que já fizemos menção no artigo sobre a peça de Diu, concluiremos este rapido esboço com a noticia das antigas auctoridades militares no nosso paiz, e do modo de conduzir os exercitos.

Já dissemos, que nos monumentos do undecimo seculo, as armaduras de que os cavalleiros apparecem cubertos são tecidas inteiramente de malha, sem exceptuar a parte que defendia a cabeça: este genero de armadura consistia n'uma especie de calças, n'um saio, que descia até o joelho, e n'uma casta de barrete, a que os nossos antigos chamavam bacinete de camal, ou cervilheira. Traziam o seculo pendurado ao pescoço, o qual era geralmente semelhante a metade de uma piramide conica com o vertice para baixo. As armas offensivas eram a espada, larga e curta, o montante, comprido e estreito, a facha d'armas, especie de clava com ferro de machado, e a lança, principal arma do cavalleiro. — Estas armaduras e armas se usaram vulgarmente até o meado do decimo quarto seculo; e foi então que se generalisaram as armaduras pesadas e lisas, tomadas, em nosso entender, dos orientaes.

Estas eram mais seguras, e defendiam muito melhor o corpo; porque resistiam aos golpes sem se dobrarem, como necessariamente aconteceria á malha, ainda que de ferro. Compunha-se uma destas armaduras de diversas peças, cada uma com seu nome particular e até de diversas fórmas. Elmo era o nome generico da peça que defendia a cabeça: quando tinha cimeira, isto é algum adorno no cimo, chamava-se-lhe murrião; quando era liso e sem adorno, davam-lhe o nome de bacinete. Capacete, tambem nome generico, parece ser mais moderno. Do elmo descia por baixo do queixo uma cinta de metal, cha-

mada barbote ou barbeira. A cara era defendida pela viseira, ou visagem, tecida de arcos de ferro, com dois buracos, todos engradados, diante dos olhos, aos quaes buracos chamavam vistas d'elmo. Estas viseiras giravam sobre os lados do barbote, e se podiam alevantar sobre o elmo.

Gorjal ou gorgel era a parte da armadura que defendia o pescoço, quer fosse de malha, quer compacto. Vinha este nome da palavra *gorja*, que significava pescoço; e d'ahi vinham tambem, as phrases militares = *mentir pela gorja* = e = *desdizer-se pela gorja*. = Gocete ou bocete parece, em algumas passagens de antigos escriptores nossos, significar o mesmo que gorjal; mas o que mais commummente significa é as pregaduras, ou orlas ataxiadas dos saios de malha, e das couraças.

A couraça, que cobria o tronco, compunha-se de duas partes distinctas, o espaldar e o peito. Em geral era de couro forrada de laminas de ferro, e estofada por dentro de panno. As placas de metal chegavam até a cintura: daqui para baixo pendia a escarcella, a que tambem chamavam fraldão ou tonelete, e que era ou de peças compactas, que íam encaixar na armadura das coxas, ou de malhas, e pendente como um saio, ou finalmente como umas calças que chegavam até o joelho.

Dava-se o nome de braçaes, bracellones, ou mangotes ás peças que cubriam os braços, e que vinham terminar na manopla, ou guante, luva de ferro que defendia as mãos.

Os coxotes ou coxetes eram as peças que desciam pela parte dianteira das coxas, e iam jogar nos joelhos com as grevas ou caneleiras que completavam a armadura das pernas.

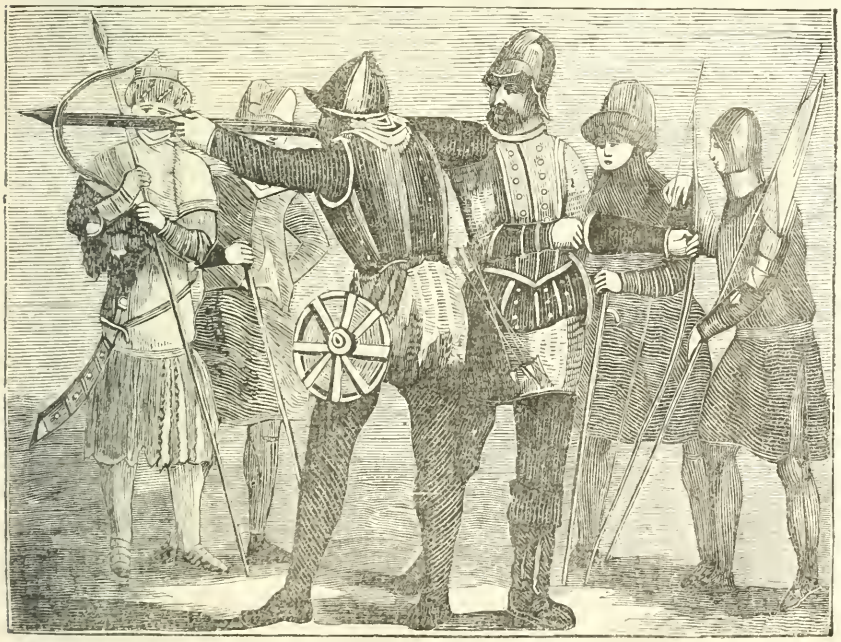
Taes eram as armas defensivas de um cavalleiro da edade media: e posto que nellas houve ainda algumas variedades em diversas epochas, como a loriga, especie de saio feito de loros, o cossolete, peito mais leve, usado já no seculo 16.º, e outras diversas castas de armaduras, abster-nos-hemos de fallar dellas, pela muita abundancia de objectos que temos de tocar neste artigo. Pelo que respeita ás armas offensivas dos cavalleiros poucas alterações nellas houve até a invenção da polvora.

Parte das peças da armadura completa eram tambem usadas pelos que pelejavam a pé, taes como o elmo, e a couraça; porque nos combates eram o peito e a cabeça os membros mais arriscados.

Á armadura completa dava-se o nome de arnez, mas tambem se acha esta palavra empregada nos nossos escriptores na significação especial de armadura do tronco.

Por cima das armas vestiam os cavalleiros a cota, que era uma especie de casaca, em que costumavam trazer bordadas as armas da sua familia, sobre tudo aquelles nobres, cuja linhagem era menos geralmente conhecida.

Tendo dado uma rapida noticia da cavallaria antiga, resta-nos tratar da infantaria, e da organisação dos nossos exercitos.



SOLDADOS DE PÉ DO 15.º SECULO.

Em Portugal a infantaria regular consistia nos bésteiros, que correspondiam aos *arbaletiers* dos francezes, e aos *archers* dos inglezes. Era a bésta certa machina semelhante a um arco para arremessar frechas, e viroiés. Do meio do arco vinha uma especie de cronha, sobre a qual passava a corda, que parece era puxada para o peito do soldado, quando este queria desfechar o tiro, com um certo gancho, a que

chamavam *garra* ou *garrucha*, ou por uma especie de roldana ou polé. A maior ou menor perfeição das bésta dava maior ou menor importancia ao bésteiro: os de *bésta de garrucha* eram os principaes, e destes alguns até andavam a cavallo; os mais ricos *armezados*, isto é com armadura, e os outros *singellos*, isto é sem arnezes. Os de *bésta de polé* eram os de menos monta; e pelo regimento de guerra de D. Affonso 5.º se vê que eram muito menos privilegiados.

Dava-se tambem o nome de bésteiros a outros soldados de pé, que, em vez de bésta, usavam de lanças ou chuços: estes eram os infimos no exercito, e chamavão-lhes commummente peões.

Os bésteiros de conto eram aquelles que estavam alistados em cada comarca, e que se podiam considerar como soldados de um exercito permanente. Da ordenação de D. Affonso 5.º se colhe que estes bésteiros eram todos de bésta de polé; porque os de bésta de garrucha eram isentos de serem alistados, podendo servir na guerra com armas e cavallo.

Já no decimo quinto seculo tivemos entre nós artilheiros: mas das escaças noticias que ácerca delles temos, apenas podemos deduzir que pela maior parte eram estrangeiros, e não formavam corpo algum regular, salvo como creados d'el-rei: quanto á artilheria, referimo-nos ao que dissemos, fallando sobre a peça de Diu.

Nos primeiros tempos da monarchia os combates se reduziam ao encontro desordenado dos dois exercitos, e o valor individual decidia do seu exito: a tactica principiou no seculo 14.º, e ainda então eram mui curtos os conhecimentos que entre nós havia desta arte, hoje tão difficil e complicada. O soccorro que os inglezes deram a el-rei D. Fernando nas guerras com Castella, parece que foi causa de se reformarem as cousas da milicia portugueza. Nós devemos então áquelle povo guerreiro uma grande parte das nossas instituições militares.

Antes desta epocha, o exercito, que se chamava *hoste*, era dividido em quatro corpos, a vanguarda, a que chamavam dianteira, a retaguarda, então chamada ça̧ga, e as alas, a que davam o nome de costaneiras. O commando de toda a hoste tinha-o o Alferes mór na ausencia del-rei. Os cavalleiros mais nobres íam na dianteira, e os de menos conta na ça̧ga: de modo que nos foraes de algumas terras que el-rei queria honrar, se declarava que os cavalleiros naturaes dessas terras tivessem logar na dianteira, e não na ça̧ga da hoste. Capitaneava a vanguarda o filho mais velho d'el-rei: o commando das alas se dava aos filhos segundos, e o da ça̧ga a algum bastardo. Estas divisões não eram as unicas: cada terra levava sua bandeira sobre si, e ao pé della combatiam os soldados moradores dessa terra, com preferencia de umas ás outras. Da infanteria parece que se fazia pouco caso: esta pelejava desordenadamente, com arcos e frechas, páus tostados, fundas, béstas, arremessões e outras armas de tiro, d'onde, segundo Fr. Manuel dos Santos, lhes vinha o nome de *armatoste*, ou armas ligeiras. Este foi o estado do exercito até o tempo de D. Fernando.

Foi então que a vinda a Portugal do Duque de Cambridge, com um corpo de tropas inglezas, fez com que se alterasse a organisação do exercito. Creou-se a dignidade de Condestavel, que ficou sendo a principal auctoridade militar, e a de Marechal que lhe era immediata: a cargo do Alferes mór ficou só o levar e defender a bandeira real.

Foi ao Condestavel que, desde aquelle tempo, pertenceu o capitanear a vanguarda. Quando el-rei ía no exercito, devia todas as noites ter conselho com elle e com o Marechal. O Condestavel nomeava os coudeis ou capitães dos bésteiros; repartia os despojos das batalhas por via dos seus officiaes, e nelle residia a supremacia da justiça militar até a pena de morte. Todas as mulctas impostas por qualquer crime lhe pertenciam, bem como certos direitos pagos pelos mercadores e vendilhões, que andavam no exercito: em fim o Condestavel ordenava as marchas, os combates, o logar dos alojamentos, e tudo o mais que dizia respeito á direcção da campanha.

Ao Marechal competia o julgar com seu ouvidor em primeira instancia: repartir os alojamentos, ordenar as vigias, e fazer as vezes do Condestavel, em varios casos. Como este, tinha direito a diversas mulctas, e a certos impostos que pagavam os regatões do exercito.

Havia além destas duas auctoridades supremas, os coudeis, de que já fallámos, e que capitaneavam cada um de per si certo numero de bésteiros de conto: os outros cargos militares mais notaveis eram o de Adail e o Almocaden.

O Adail era o que guiava os soldados, que se mandavam saír do grosso do exercito a fazer correrias contra o inimigo. Elle ordenava tudo o que tocava a estas correrias, a que chamavam antigamente guerra guerreada. Para ellas eram escolhidos homens de pé e de cavallo, a que davam o nome de Almogavares, gente de ordinario a mais feroz e bravia da que havia no campo: nestes destacamentos podia o Adail nomear os Almocadens; e era elle quem repartia os despojos.

O Adail eleito recebia d'el-rei armas e cavallo, e a espada cingia-lh'a um cavalleiro principal. Depois disto doze Adais o alevantavam ao ar sobre um escudo, e alli, com o rosto voltado para o oriente, o novo Adail dava dois golpes no ar, e em voz alta desafiava todos os inimigos d'el-rei, de Deus, e da patria, e o mesmo desafio repetia, voltando-se para as outras partes do mundo. Então el-rei, ou quem suas vezes fazia, lhe mettia na mão a *sina*, ou bandeira, que indicava o novo posto a que era elevado.

Os Almocadens, foram no 15.º seculo os que nos primeiros tempos da monarchia se chamavam coudeis das pioadas: tinham o commando dos piões, ou gente solta de pé, ainda sendo bésteiros, uma vez que não fossem dos de conto. Serviam principalmente nas correrias, e entradas por paiz inimigo; eram eleitos como os Adais, com a differença de serem levantados sobre duas lanças, horisontalmente erguidas por doze Almocadens, e só recebiam um pendão pequeno, que deviam trazer como insignia do seu cargo.

Estes eram os differentes postos do nosso exercito no seculo 15.º De pião podia-se passar a Almocaden; de Almocaden a Almogavar de cavallo, de Almogavar de cavallo a Adail, e neste ultimo posto, já muito honroso, se alcançava ás vezes o grão de cavalleiro.

Muito mais haveria curioso de apontar na milicia da edade media; mas a demasiada extensão deste artigo não nos permitte ír mais longe; e de outras particularidades teremos occasião de fallar em diversos logares deste jornal.

ATAQUE DE UMA PRAÇA DA IDADE MEDIA.

Calculos curiosos sobre a divida nacional da Grã-Bretanha.

Um jornal inglez anterior a 1830 fez os seguintes calculos sobre a divida da sua patria, que actualmente se suppõe consideravelmente augmentada. Então a avaliavam em 700 milhões de libras esterlinas, que se pódem redondamente calcular em 7:000 milhões de cruzados, supposta a lib. egual e 4:000 rs. Esta somma enorme, em bilhetes de uma libra do Banco de Inglaterra, cobriria um espaço de 4,516 milhas quadradas; convertida em guineus faria uma linha de 10,521 milhas e 558 jardas de comprido; em schellings faria outra fileira, ou renque de 209,959 milhas e 1,048 jardas, ou quasi nove vezes a circumferencia do globo, porque a circumferencia da terra se reputa ser de 23,083 milhas. Esta mesma somma pezaria em ouro 14:981,272 lib.; em prata 325:805,451 lib.; em cobre faria 4:687,500 tonneaux. [O tonneau se avalia em vinte quintaes, e occupa 40 pés cubicos.]

Para contar toda a quantia, a razão de cem peças de moeda por minuto, e gastando doze horas em cada dia, seria preciso; se fosse em guineus, 27 annos 6 mezes, duas semanas, 5 dias e 6 horas; se fosse shellings, 578 annos, 8 mezes, 2 semanas 2 dias, e 4 horas; e se fosse em moeda de cobre, e se começasse na creação do mundo, segundo a Vulgata, ainda seriam precisos mais 1,132 annos. Finalmente para levar a totalidade da divida em cobre, seriam precisos 9,375 navios do porte de 500 toneladas.

Duas palavras sobre jardins.

Nos ultimos tempos de Roma antiga, os jardins eram povoados de estatuas, guarnecidos de vasos e obelis cos, e adornados com terraços, e columnatas, cujo effeito geral, apesar das arvores e flores, produzia a impressão d'um estilo de architectura, accessoriamente aformoseado pela natureza, e nunca a de uma vegetação copiosa, ou engraçada. As obras do esculptor, e do architecto, ostentadas fóra de proposito, e de logar, tyrannisavam os jardins, e por isso se dizia geralmente, construir, ou edificar jardins. [*hortos ædificare*]. A Italia moderna, herdeira do gosto dos romanos, continúa a subordinar a natureza a arte; ainda lá se *edificam jardins*. Até o presente pouco, que ha disto em nossa terra, é modelado por este gosto facticio, e pesado: ultimamente já alguns proprietarios, e artistas se vão resgatando da mania obstinada de seguir em tudo ás cégas os antigos, e preferem com rasão as sensações, que motiva a simples natureza, magestosa e aprazivel, aos mesquinhos effeitos da arte captiva dos preceitos, que dictara servil imitação. Já hoje muita gente [principalmente os genios melancolicos, e sensiveis] conhece que a belleza d'um jardim não consiste em regulares, e monotonos muros de verdura, em subjugar sempre o livre curso das aguas aos caprichos de repuchos artificiaes. Todos apreciam as horas deliciosas, que em algum momento da vida passaram á sombra de copadas alamedas, juncto de limpidos ribeiros, onde ao cantico das aves se misturava o susurro das aguas, e todos as comparam com a fastidiosa impressão d'um passeio em qualquer jardim symmetrico. Bem sabemos que a arte, ou industria humana ha de forçosamente entrar na composição destas artificiaes imitações da natureza, mas queremos que esta appareça no gráu mais proximo possivel da sua nativa singeleza, e magestade; e que os effeitos da mão do ho-

mem alli se disfarcem o mais que possa ser; e assim melhor sobresairá o profundo contraste da cultura, e da natureza silvestre: uma certa combinação das obras espontaneas desta com as da arte humana deve dar mais realce a umas e a outras, e será um manancial de gratas impressões para o espirito, e para a imaginação. Não serão talvez inuteis para os nossos proprietarios, que pertenderem aformosear as quintas, estas breves reflexões: assim como o não foram para os francezes os cantos dos muitos poetas descriptivos do seculo passado [*]. Em França, antes de conhecerem os jardins inglezes, *desenhavam-os* em linhas rectas, em curvas symmetricamente oppostas, em quadrados, em parallelogrammos; geometria rigorosa por toda a parte. Tudo era *desenhado* no gabinete; as ruas, os maciços, os taboleiros, os grupos das arvores, e de flores, sem nenhuma attenção para com os pontos de vista. Em Inglaterra, e na Allemanha, *plantam-se* os jardins, cuja perfeição consiste em os associar ás localidades, em estudar e aformosear a paizagem e terreno, que se apresentou ao jardineiro. A França começou a pôr em practica este princípio pelo meado do seculo passado; e posto que admire ainda em Versailles a magestade das ruas dilatadas, e regulares, e a reunião das divindades do Olympo, distribuidas pelos bosquesinhos, e avenidas, no meio destas recordações historicas, e mythologicas, prefere-se sempre a variedade dos jardins inglezes, as sinuosidades das ruas, o encontro imprevisto d'um maciço d'arbustos anões, as frequentes mudanças de paizagem. Todavia conheceu-se que sendo compostas as curvas, na apparencia irregulares, que cercam os maciços, de fragmentos de curvas geometricas, como a circumferencia do circulo, a ellypse, a cycloide, etc., a vista se recreia mais do que sendo formadas ao acaso, e pelo capricho da mão, que as desenha: e tanto maior impressão fazem quanto menos parece que a arte estudou traça-las, e quanto mais livremente se deixam copar, e entrelaçar os arbustos.

A ESPONJA.

Os zoophytos constituem a ultima escala na historia dos animaes, e é por elles que a vida sensivel passa gradualmente á existencia insensivel. Dos zoophytos, o ultimo genero é formado pelas esponjas. Esta producção marinha bem conhecida é usada em diversos misteres desde mui remota antiguidade. Os naturalistas por largo tempo duvidaram se haviam de collocá-la no reino animal, se no vegetal. A maior parte delles assenta hoje em fazer da esponja o ultimo termo da vida animal. Ha quasi cincoenta differentes especies de esponjas. Acham-se no Mediterraneo e nos mares de regiões quentes ou temperadas, diminuindo em numero, e tornando-se de inferior qualidade, quanto mais se vão chegando para os climas frios. Vivem ou vegetam agarradas aos rochedos por sitios mais resguardados dos embates das correntes e das vagas, mas que não fiquem fóra do alcance do rôlo do mar. As melhores esponjas que ha são as que vem do Archipelago, onde abundam nas costas de varias ilhas, cujos habitantes, segundo dizem, subsistem da pesca das esponjas, se é licito servirmo-nos desta expressão. Nas Cyclades, por exemplo, o ir tirar de mergulho as esponjas é a principal occupação do povo. O mar por aquellas paragens é muito christallino, e os mergulhadores, ensinados da experiencia, enxergam de cima da agua as róchas a que em baixo as esponjas então pegadas; quando a muito custo apenas poderiam vêr o fundo pessoas pouco practicas neste exercicio. Cada barca leva atado a um cabo um pedregulho, o qual o mergulhador toma nas mãos, deitando-se da pôpa abaixo. Isto serve para augmentar a velocidade da descida, com o que poupa a respiração, e póde ajudar-se quando sóbe, sendo igado pela companha. Poucos destes pescadores tem folego para poderem estar mais de dois minutos debaixo da agua; e por ser assaz custoso o arrancar as esponjas das pedras, tres, e ás vezes quatro, mergulhadores descem successivamente para colher algumas de superior qualidade.

A melhor esponja é a mais esbranquiçada e leve, a que tem os buracos mais miudos, e que é macia. Na medicina antiga a esponja era tida em conta de remedio para um grande numero de enfermidades: este numero está hoje reduzido a bem pouco; comtudo a esponja queimada, modo porque unicamente se applica, ainda entra em algumas preparações pharmaceuticas.

(*) Já que vem a proposito, de novo recommendamos a excellente versão de Delille pelo nosso Bocage.

A DANÇA.

Um rei do Ponto, na Asia Menor, achando-se em Roma no tempo de Nero, assistiu a uma pantomima, que representava os trabalhos d'Hercules. Tanto o captivou o dançarino, que fazia o papel do heroe, com tanta facilidade seguiu o fio de acção, tão perfeitamente comprehendeu todas as circumstancias, que se deliberou a pedir ao imperador lhe desse de presente aquelle extraordinario mimico. «Não vos assombre a minha rogativa (disse o rei): tenho por visinhos uns barbaros, cuja lingua ninguem percebe, e que nunca poderam aprender a minha. Os *gestos* deste homem alcançarão insinuar-lhes as minhas deliberações.»

Esta anedocta, que á primeira vista parecerá ridicula, encerra todavia nas palavras do monarcha asiatico a idéa mais profunda, que se póde dar, do que é a dança. A dança é o *gesto* do homem em toda a sua plenitude: a dança, que souber exprimir os sentimentos internos da alma com toda a magia das fórmas exteriores do corpo, com toda a graça das attitudes, com toda a impetuosidade dos movimentos, póde ser, em certas circumstancias, uma linguagem universal, comprehensivel até para o selvagem, que estiver no ultimo degrau da escala da humanidade.

Os antigos navegantes, que n'uma imperfeita embarcação d'algumas toneladas, honrada com o pomposo nome de fragata, se aventuravam aos gelos do pólo, e ao encontro de povos barbaros, conheciam bem o poder da musica, e da dança, e recorriam a este prestigio para applanar as difficuldades da primeira communicação com os insulares daquellas regiões. Dest'arte, John Davis, quando em 1585, penetrando no estreito do seu nome, se viu cercado das canoas de seus naturaes, mandou aos seus musicos tocar, e aos marujos dançar: os selvagens, gente simples, e sem más intenções, comprehenderam logo estes signaes de benevolencia; e tanto os captivou o bom acolhimento, que em breve tempo fam trinta e sete canoas, ou pirogas, acompanhando os dois pequenos navios da expedição.

Parece averiguado que, ou nascesse do instincto, ou do raciocinio, a precisão d'exprimir, por meio de movimentos cadenciados, um aggregado de sentimentos, que a linguagem mais expressiva não alcançaria transmittir, foi a introductora da dança em todos os povos, em todos os tempos, em todas as occasiões.

Os sacerdotes salios, que Numa instituiu para o culto de Marte, executavam danças nos sacrificios.

e festas solemnes: em outros muitos logares appareciam individuos inspirados, que principiando uma dança compassada, pouco a pouco adquiriam enthusiasmo, e fingindo-se repassados do espirito da deidade, que veneravam, sacudiam-se com violencia, e practicavam rapidas contorsões, assombro do povo credulo, que lhes chamava *furor sagrado*.

Os egypcios dançavam perante o boi Apis quando o inauguravam nume, e em todas as festas em honra sua, e até nas exequias quando morria. A religião judaica tambem admittia a dança nas suas cerimonias: David dançou diante da arca da alliança, e nos primeiros tempos da Igreja havia uma dança, que era a demonstração exterior da dependencia das creaturas, e uma expressão primitiva de reconhecimento. Hoje mesmo folga a mocidade nas danças da noite de S. João: e em muitas partes do nosso paiz as funcções da Pentecostes são tambem celebradas com danças.

Os derviches turcos usam uma especie de *sarilho* tão rapido e violento, que a final cahem esfalfados, e sem sentidos, e pertendem com exercicio tão penoso celebrar a festa do seu fundador, que, dizem elles, dançou assim quatorze dias sem descançar ao som da flauta do seu companheiro.

É naturalissimo dançar nas vodas, e festins; e nisto os povos modernos seguem os antigos: porém já se não usa dançar nos funeraes, como os athenienses, e os romanos. Estes ultimos, nestas tristes occasiões, tinham introduzido uma costumeira mui singular; isto é, o *archimimo*, que com uma mascara parecida ao defunto, vestido com o fato deste, representava em dança os actos mais notaveis, bons ou maus, da pessoa, que fingia. Era uma casta d'oração funebre em acção e gesto; e asseveram alguns que era imparcial.

A historia nos conservou cópia de factos relativos á dança na antiguidade, e sabemos que as rivalidades dos dançarinos do theatro por vezes suscitaram motins entre os seus acalorados partidistas. Nos theatros modernos ainda estas intrigas produzem turbulencias, menos violentas é verdade, graças á civilisação.

O sabio e sisudo Socrates era summamente apaixonado pelas danças, que lhe ensinára Aspasia. O grave e carrancudo Catão, aos sessenta annos, tomou mestre de dança para poder apparecer convenientemente nos bailes. Estes espectaculos, e danças mimicas dos romanos tinham tal verdade de acção e de caracteres, que os espectadores se penetravam dos affectos dos representantes, e os imitavam. Nos povos mais polidos da Grecia acontecia outro tanto. Conta-se que pondo-se no theatro de Athenas a dança das Eumenides, furias encarregadas da vingança dos numes, foi tal a impressão d'horror, e espanto, que o povo fugiu espavorido, guerreiros experimentados tremeram como varas verdes, e até o venerando Areopago enfiou, e deu signaes de perturbação.

O AGOURO.

Abbas, o Grande, andando á caça nos arredores de Netheny, cidade pequena situada n'um valle estreito entre duas montanhas, encontrou uma manhaã, ao romper d'alva, um homem descomedidamente feio e disforme, a cuja vista inopinada o cavallo se espantou, e sacudiu o monarcha da Persia, que quebrou a cabeça. Foi logo agarrado o pobre camponio; e estando a pontos de ser alli mesmo justiçado, rogou o infeliz lhe explicassem seu crime. «Teu crime [disse o rei] é a tua sinistra, e feissima cara, o primeiro objecto, e de mau agouro, que eu vi logo pela manhaã, e que occasionou o meu desastre.» — Ai de mim, senhor! [exclamou o camponez] Desse modo, que nome darei eu á cara de vossa Magestade, que foi o primeiro objecto, que meus olhos hoje viram, e vai a ser a causa da minha morte!» — Abrandaram o principe o feliz repente, e a presença d'espirito do homem; e mandou que o soltassem, e, em cima de lhe poupar a vida, o brindou com algum dinheiro. — Sketches of Persia. —

O DESAFIO.

Certo official superior de um exercito estrangeiro foi desafiado por um mancebo do seu paiz, que era senhor de muitos bens; e respondeu ao cartel pouco mais ou menos nos seguintes termos = «Nenhum desafio deve ter logar senão com armas iguaes, e com todas as mais circumstancias iguaes. Quanto á escolha das armas nenhuma dúvida se offerece: porém as circumstancias são entre nós mui diversas. Eu tenho mulher, e cinco filhos, que todos comem bem, e vivem unicamente do meu soldo: vós não tendes familia, e possuis uma opulenta herança. Por tanto para se effectuar o nosso desafio é necessario ajustar seguramente uma condição preliminar. Se eu succumbir, o meu provocador ficará obrigado a pagar de futuro á minha familia o meu soldo, como pensão. Se estiver por isto, eu marcarei o dia, e a hora.» — Esta resposta deu logar a serias reflexões; e o mancebo resolveu-se a ír abraçar como amigo o seu adversario.

Talismans protectores de Constantinopola.

Todos sabem que os turcos dão sempre a Constantinopola o epitheto de *bem guardada*. Eis-aqui o que escrevia no começo de XVII seculo um auctor musulmano a respeito dos talismans, que, segundo a crença popular, tinham protegido ou protegiam ainda então a cidade de Constantinopola.

1.º Ha no mercado das mulheres [Avret Bazari] uma columna de marmore branco, edificada por Jank, filho de Madian, que fez esculpir na sua superficie as figuras dos povos que vencêra. Tinha antigamente no vertice uma elegante figura de mulher, a qual em certo dia do anno dava um grito tão forte, que muitas centenas de milhares de aves de toda a especie caíam por terra, e serviam de alimento aos habitantes. No tempo de Constantino os frades lhe puzeram um sino para dar rebate á chegada dos inimigos. Quando nasceu o propheta foi esta columna derribada por um violento terremoto, mas, graças ao talisman, não pôde ser de todo destruida, e apresenta ainda hoje um espectaculo maravilhoso. [E a columna de Arcadio.]

2.º No mercado das gallinhas [Tawouk Bazari] ha outra columna de pórphydo vermelho, alta de cem covados. Tambem a damnificou o tremor de terra precursor do nascimento do propheta, gloria do mundo. Constantino lhe tinha posto em cima um talisman da figura de um estorninho. Uma vez em cada anno sacudia o estorninho as azas, e fazia caír passaros, que traziam cada um d'elles tres azeitonas, uma no bico, e duas nos pés. [E a columna de Theodosio].

3.º No mercado dos corrieiros [Serradj-Khané] ha no cimo de uma estatua que se ergue ao ceu, um pedaço de marmore branco, que serve de tumulo á desventurada filha d'um rei chamado Byzantino. É um talisman que affugenta as formigas e cobras. [E a columna de Marciano].

4.º Vêem-se na praça dos Seis Marmores [Alti Mermer] seis columnas, sobre cada uma das quaes havia um observatorio, obra dos antigos sabios.

Na primeira estava a figura d'uma mosca negra feita pelo sabio Filikus, a qual zumbia de contínuo, e lançava todas as moscas para longe de Constantinopola.

N'outra o divino Iflatoun [Platão] havia posto a figura d'um mosquito, que tambem fazia fugir todos os mosquitos e moscas.

Na terceira havia o sabio Bocrat [Hippocrates] collocado a figura d'uma cegonha, cujo grito fazia morrer as cegonhas que viessem aninhar-se em Constantinopola: de sorte que até hoje nem uma só veio fazer ninho na cidade, posto que haja muitas no suburbio de Abou-Eyyoub-Ansari.

Na quarta tinha posto o sabio Socrates um gallo de bronze, que todas as vinte e quatro horas batia as azas, e cantava de modo que lhe respondiam todos os gallos de Constantinopola. É facto certo, diz o auctor, que os gallos desta cidade cantam mais cedo que os dos outros paizes. Quando é meia noite advertem com o seu ku, kiri, ku os homens preguiçosos e negligentes de que se aproxima a hora das rezas.

Na quarta columna tinha posto Pythagoras no tempo do rei Salomão, a figura d'um lobo, feita de bronze, que era o terror destes animaes, de sorte que os rebanhos podiam pascer sem pastor, e viver seguros no meio dos lobos.

Na quinta estavam representadas em bronze as imagens de dois esposos com os braços enlaçados. Bastava para pôr termo ás rixas ou á frieza, perturbadoras da paz domestica, que um dos esposos viesse abraçar-se com esta columna, obra do sabio Aristatali [Aristoteles].

Finalmente na sexta havia duas figuras de estanho, feitas pelo medico Galinous [Galeno]; uma representava um velho corcovado e decrepito, e defronte d'ella uma velha carrancuda e com um par de beiços semelhantes aos d'um camelo. Quando alguem não lograva a felicidade domestica, vinha abraçar a columna, e podia ir certo de que teria logar a separação. Estes talismans jazem hoje enterrados.

5.º No chão dos banhos do sultão Bayazid Veli havia uma columna quadrangular, de oito covados de alto, alçada por um sabio antigo chamado Kirbarya, a qual era um talisman contra a peste, que nunca reinou em Constantinopola, em quanto se conservou em pé. Foi demolida pelo sultão, que deu o nome áquelles banhos, e no mesmo dia um dos seus filhos morreu da peste, que d'então para cá nunca deixou de affligir Constantinopola.

Menciona tambem o tal auctor muitos outros talismans, como por exemplo a columna de 150 covados de alturá no At-Meidan, o obelisco de pedra vermelha que ainda alli se vê, e um dragão de tres cabeças, que tinha a virtude de affugentar as cobras, mas que a perdeu, desde que Selim II lhe deu com a hacha d'armas.

Havia ao todo 366, sem contar os que diziam respeito ao mar; destes, uns affastavam dos portos os navios inimigos, ao mesmo tempo que outros, faziam com que houvesse felizes pescarias, ou dissipavam as tempestades.

Novo curtimento de couros.

Experiencias recentemente feitas provaram que o bagaço da uva, depois de esprimido, é preferivel á casca do carvalho para o curtimento dos couros. — Depois de se haverem preparado as pelles segundo o modo ordinario, se collocam em tinas, supprindo-se o curtume com o bagaço de uva. Trinta e cinco, ou quarenta e cinco dias bastarão para que o curtimento seja completo. Disto se tirarão as vantagens seguintes: 1.ª de fazer obra em menos tempo; 2.ª de poupar no custo da casca de carvalho; 3.ª de dar ao couro um cheiro suave e agradavel em vez do do curtume da casca que de ordinario é enjoativo; e 4.ª finalmente, o couro assim preparado dura o dobro do preparado com a casca de carvalho.

Fabrico de vellas.

Entre todos os meios que ha para endurecer o cebo no Verão, o uso da pedra hume, e o branquea-lo em logares sombrios e humidos, merecem sem contradicção a preferencia. Não obstante isto, uma pequena quantidade de sulfato de zinco, [capa-roza branca] ou ainda melhor de acetato de chumbo [sal de chumbo ou de saturno] impede tambem que as vellas amolleçam com o calôr, e faz que ardam por mais tempo sem se derreterem.

Branqueamento dos tecidos de laã.

A raiz pulverisada de uma especie de pilriteiro, [o leonticis leontopetalon] que se vende com a denominação de saponaria do Egypto, ou de raiz de Hungria, e que se acha facilmente, é uma raiz cinzenta esbranquiçada, sem cheiro, e cujo sabor acre bem se distingue. Esta raiz deixa na agua uma mucilagem mui grossa que limpa bem os tecidos de laã, e os torna macios. Na Hungria serve nas lavagens das laãs para lhes dar consistencia e flexibilidade.

Leituras familiares. — Poucos pensam na influencia que podem ter as leituras familiares bem continuadas, e bem dirigidas. Além de crearem habitos caseiros, reunindo a certas horas fixas todos os que moram debaixo do mesmo tecto, produzem em todas essas pessoas simultaneo effeito; e augmentando o numero de seus pontos de contacto estreitam necessariamente os vinculos do parentesco. A communidade d'instrucção, e de sentimentos, que resulta destas leituras, põe em harmonia os espiritos, e os corações. Vivem na mesma atmosphera de pensamentos, e comprehendem-se reciprocamente, porque todos beberam as doutrinas nas mesmas fontes. Assim como no physico a hygiena d'uma familia influe em todos os membros della, e lhes incute precisões iguaes de alimentos, de vestuario, e de habitação, da mesma maneira a communidade do regimen moral lhes deve influir doutrinas, e affectos identicos. Fazer estas leituras de familia é acostumar os espiritos a tomarem tambem em commum o seu alimento.

Os Senhores Accionistas que ainda não satisfizeram a segunda prestação de suas acções, e a assignatura deste jornal, na conformidade do Art. 10.º e 16.º dos Estatutos da Sociedade, são convidados a fazê-lo no prazo de quinze dias depois da publicação deste annuncio, aliás ficarão incursos na disposição do Art. 11.º dos mesmos Estatutos.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal. N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa — Na Typographia da mesma Sociedade.

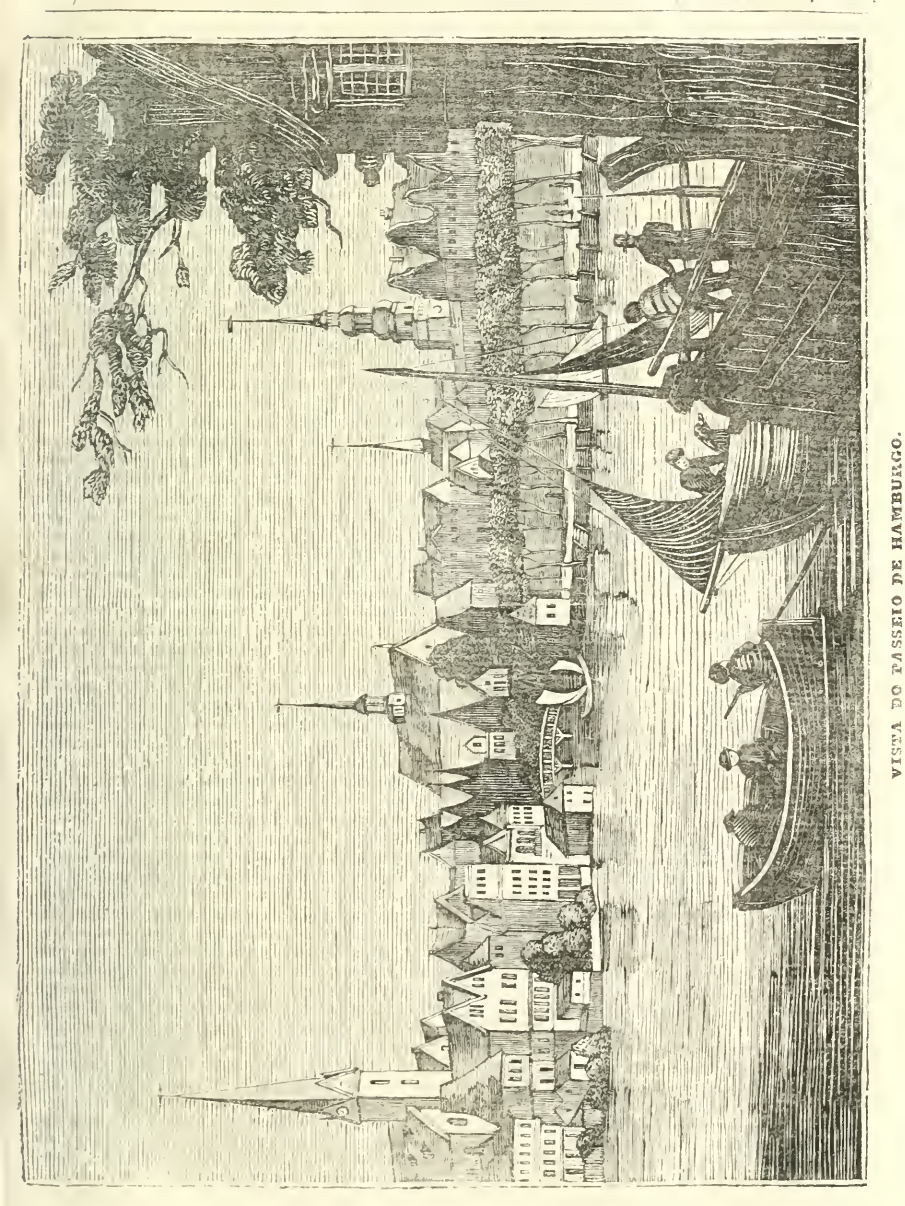
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

29 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. NOVEMBRO 18, 1837.



VISTA DO PASSEIO DE HAMBURGO.

HAMBURGO.

Esta cidade é a mais commercial de toda a Allemanha; e uma das quatro cidades livres admittidas, como estados independentes, á Confederação Germanica. As outras tres são Francfort-sobre-o-Meno, Lubeck, e Brême.

A situação d'Hamburgo é extremamente vantajosa, e a causa principal de sua importancia presente, como o foi de sua prosperidade em tempos anteriores. Está edificada sobre a margem septemtrional, e direita do Elba, quasi a distancia de oitenta milhas do mar, exactamente no ponto em que cessa a navegação das embarcações grandes, e começa o uso de jangadas, ou barcos sem quilha. Em frente da cidade tem o rio obra de quatro milhas de largura, mas logo acima o repartem muitas ilhas em canaes estreitos, e intrincados, que não admittem a passagem dos navios. Dois riachos, o Alster, e o Bille, correm para o Elba atravez da cidade: o primeiro, muito mais consideravel, fórma na parte do norte uma especie de deposito, ou lago pequeno, cuja agua se distribue para fazer andar muitas moendas, para supprir numerosos chafarizes, e para encher os canaes, que crusam a cidade, especialmente a baixa, e são em tanta quantidade, que tem umas noventa pontes.

A origem de Hamburgo sóbe ao principio do seculo nono, quando Carlos-Magno construiu uma fortaleza, e um templo nas alturas entre o Elba, e as margens orientaes do Alster: o seu intento era fundar uma estação, que podesse servir de baluarte contra as tribus esclavonias, estabelecidas nas costas do sul do Baltico. Apesar de varias vicissitudes, foi esta praça em pouco tempo uma paragem de muita affluencia de mercadores, e colonos. Em 833, Luiz *Le Debonnaire* [o bondoso], filho e successor de Carlos-Magno, a elevou á cathegoria de sé archiepiscopal. Em 845 os dinamarquezes a saquearam, e em parte destruiram; e apenas restaurada deste desastre soffreu igual flagello ás mãos dos esclavonios. Quasi cincoenta annos depois, o imperador Othão erigiu a Saxonia em ducado, e achando-se Hamburgo dentro do seu territorio, ficou a sua immediata soberania pertencendo ao imperio, e veio a ser um novo feudo daquelles duques, do poder dos quaes passou no seculo duodecimo para os condes de Holstein. Neste meio tempo, fez immensos progressos na industria e commercio, e já então começou a desenvolver principios de liberdade, e de isempção. No meiado do mesmo seculo doze, formaram-se corporações, ou bandeiras de officios, sob a protecção e impulso dos individuos reunidos de varios misteres, e occupações. No anno de 1152, achâmos a *Companhia dos mercieiros, e mercadores de pannos* confirmada com a approvação do duque reinante, Henrique o Leão. As riquezas affluiram para os burguezes, ou cidadãos industriosos, e os habilitaram, conforme a practica commum da edade media, para extorquirem da penuria do soberano a concessão de muitos privilegios, e immunidades, que davam cada vez maior impulso á sua prosperidade crescente. Em 1189, quando Frederico 1.º, apellidado o Barbarôxa, foi á terceira cruzada á Terra Santa, o povo d'Hamburgo costeou todas as despesas do seu soberano, Adolpho 3.º, para acompanhar o imperador naquella desastrosa expedição; e á volta obteve, em consequencia disto, a concessão de varios privilegios, que são importantes na historia desta cidade, como bases de sua subsequente liberdade; e cuja fruição lhe foi assegurada por duas chartas, ou diplomas distinctos; um assignado pelo conde, outro pelo imperador. O fim deste contracto foi firmar a independencia da cidade, a liberdade de seu commercio, e a isempção de differentes impostos; entrando nas estipulações que nenhum forte se levantaria dentro de duas milhas ao redor da cidade; — que os burguezes commerciariam livremente no Elba, da cidade até o mar; — e que não seriam sujeitos a encargos alguns nas campanhas externas, ou internas, do soberano. Porém ao começar do seculo treze, de novo se achou a cidade involvida em guerras. Os dinamarquezes, seus inveterados inimigos, a tomaram tres vezes no espaço de quinze annos, e por fim a venderam a um certo conde, Albrecht de Orlamund, por 700 marcos de prata; porém o comprador, vendo o seu titulo disputado pela familia de Holstein, revendeu a cidade a seus proprios habitantes por 1500 marcos tambem de prata, e renunciou pela venda a seus direitos, e soberania. Começaram então os habitantes a governar-se por uma constituição de sua propria feitura; e a séde do arcebispado foi transferida para Brême. Aconteceu, todavia, que o comprador Albrecht foi desbaratado pelo conde de Holstein: pelo que os hamburguezes foram obrigados a abrir suas portas ao victorioso Adolpho, o 4.º do nome; porém seguraram cuidadosamente o pleno gozo de todos os seus privilegios; e póde-se julgar quão extensos eram estes, sabendo-se que até abrangiam a faculdade de concluir tractados com povos estrangeiros. Em 1238 a cidade fez alliança commercial com a nação que habitava o paiz comprehendido entre o Elba, e o Weser, e em 1241 entrou n'uma liga com Lubeck, que hoje se reputa a origem da celebrada liga anseatica.

Desde então foi em continuo adiantamento a opulencia, e independencia d'Hamburgo; o seu commercio dilatou-se gradualmente; e os vinculos de obediencia aos condes d'Holstein relaxaram-se pouco a pouco. Finalmente estabelecendo-se alli uma feira imperial em 1368, a cidade abertamente recusou preito e homenagem ao senhor feudal, reconhecendo unicamente a directa soberania do imperador, e intitulando-se cidade livre e imperial do imperio germanico. Nos seculos seguintes tomou parte em todas as perturbações, que procederam, quer das discordias intestinas, quer das hostilidades externas: o rei de Dinamarca foi seu constante inimigo, e lhe occasionou muitas calamidades. Mas a despeito de todos os contratempos a prosperidade de Hamburgo continuou em augmento, até que pactuada a convenção de 1768 com aquelle monarcha, este renunciou inteiramente a suas pertenções, e reconheceu a independencia da republica. Desde então, até o principio do seculo actual, foi Hamburgo a mais opulenta, e prospera das cidades livres da Allemanha.

Mas ainda lhe estavam reservados dias tormentosos. Em 1803 os francezes entraram no Hanover, e logo fecharam o Elba aos inglezes; as esquadras destes em represalia bloquearam a foz do rio; e assim pozeram ponto ao commercio hamburguez. Os francezes compelliram os habitantes a pagar uma somma de 2,125,000 marcos: repetiram-se amiudadas vezes iguaes exacções, até que por fim, em 1810, foi Hamburgo encorporada no imperio francez, como capital do departamento recem-organisado das *Bocas do Elba*. No mez de Março de 1813, quando começaram os revezes de Napoleão, foram obrigados os invasores a despejar; mas no fim de Maio de novo tomaram posse da cidade, e os desgraçados moradores tiveram que pagar caro o seu temporario descanço. Exhibiram uma contribuição forçada de quarenta e oito milhões de francos [pouco mais ou menos dezenove milhões de cruzados]; e o general Davoust, que commandava, postergou todos os direitos da propriedade particular, nos esforços, que fez, para converter

a cidade em praça, e posição militar. Porém antes que elle a fortificasse estava a guerra concluida; e os francezes em Maio de 1814 saíram da cidade. As perdas, que esta experimentou desde Novembro de 1806 até o periodo do seu resgate, avaliam-se em perto de cento e doze milhões de cruzados; e a unica compensação, que obteve, foi um assignado sobre os fundos francezes, no valor de oitenta contos, na restauração dos Bourbons. De populosa que era, viu-se reduzida a 60:000 habitantes, mas de tal modo o seu vasto commercio lhe reparou perdas immensas, que actualmente lhe contam mais de 120:000 visinhos. Quando os francezes saíram entraram os russos, e estiveram até o fim do anno: porém desde essa epocha tem sido unicamente regida pelo seu governo particular.

Hamburgo ainda hoje conserva evidentes signaes da sua antiguidade: as ruas são estreitas, tortas, e mal calçadas; as casas pequenas, altas, e mal construidas; e toda a cidade tem uma apparencia compacta, e contrahida, parecendo o que realmente é, muito pequena para a sua copiosa população. As casas estão como apinhadas, isto é, não ha praças, nem rocios, que interrompam os maciços dos edificios, e ainda que alguns pequenos largos tenham aquelle nome, em boa consciencia o não merecem: isto tira á cidade a salubridade, e belleza. A melhor cousas d'Hamburgo é o *Jungfrau Stieg*, ou como lhe chamam, passeio das senhoras, onde os moradores concorrem a tomar ar, e fazer exercicio. Mr. Hodgskin, escriptor moderno, assim o descreve. « D'um lado, em todo o comprimento, corre uma enfiada de bonitas casas, com uma larga calçada para carruagens, e logo o passeio plantado em quatro ordens de arvores; e do outro lado está o pequeno lago mui formoso, que é formado pelo Alster na parte septemtrional da cidade. Os caffés por alli são esplendidos, e á tarde parece que tôdo o povo d'Hamburgo affue a este unico ponto. Uns passeiam, outros repousam assentados nos caffés, ou nas bancadas exteriores, outros se divertem em contemplar as aguas. É bello este passeio em uma noite serena do verão, e quando a lua resplandece no firmamento, e allumia o lago. Em outras partes d'Allemanha ás dez horas se recolhe toda a gente: mas aqui ainda á meia noite o passeio está atulhado de concorrentes, e alguns se retiram ainda muito depois. »

O MINHO NA SUA CULTURA.

2.º

Em um artigo anterior démos uma idéa geral do aspecto do solo desta nossa bella provincia; fallaremos agora dos costumes dos seus habitantes.

Em todas as terras do sertão o caracter do povo diversifica do dos habitantes dos logares maritimos, e só os une o sentimento religioso, toque moral que sobrepuja todos os outros affectos nesta gente, talvez a melhor de Portugal. Tambem o amor do trabalho seria um signal commum, se não houveramos de exceptuar os moradores da costa do mar, que pela maior parte pescadores, vivendo em extrema pobreza, costumados a lidar com a morte, parecem despresar o trabalho continuo, que gera os commodos e a abastança. Como a vida da caça, a vida da pesca nem um grau é acima da existencia selvagem, e o pescador conserva muitos habitos de antisociabilidade, e que desmentem as compassadas regras da civilisação. Hoje lucta o pescador com as vagas, com o vento e com o frio: na sua fragil barca, singra por entre cachopos, muitas vezes sem pão, sempre sem repouso: porque para elle não existe a distincção da noite e do dia — do descanço e da fadiga — como existe para o agricultor, o artista e o pegureiro: ámanhaã, porém, ve-lo-heis estendido ao sol á porta da cabana, descuidado do futuro, em quanto o lavrador ára a terra cujos fructos deve colher dahi a muitos mezes; em quanto o pastor guarda o gado que o vestirá dahi a um anno, e o artifice na sua officina se affadiga para satisfazer os caprichos e o luxo do rico, que nem apenas conhece, mas cujo ouro, atravez de muitos canaes, correrá até elle: nestes está estampado o symbolo da civilisação: no pescador lá se devisa, por entre alguns fragmentos das artes europeas, um homem mui semelhante ao filho do Amazonas, do Meschacebé, e do Ohio.

Mas deixando os areaes que orlam a costa do mar, e atravessando os pinhaes que quasi sem descontinuação os cobrem, os valles e as montanhas do Minho se desbobram tapizados de verdura, e ricos da sua cultivação immensa. As povoações se multiplicam; a mão do homem apparece em todos os cantos de terra capaz de produzir alguma cousa. As estradas bordadas de carvalhos, enredados em vides, d'onde pendem os cachos de uvas negras, se assemelham a longas ruas de quinta illimitada. Estas mesmas fieiras de arvores, enfeitadas de vides, e plantadas juncto a murinhos de pedra solta, que dividem os campos, fingem ao longe um bosque fechado, illusão nascida da grande divisão da propriedade, que torna mui proximas estas separações, estes marcos vegetaes, testemunhas perennes do direito de cada qual ao campo que lhe herdaram seus paes. Os arroios multiplicados cruzam estes campos cubertos, como dissemos, de milhos e linhares, sombreados pelas encostas de soutos de castanheiros, de carvalhos e de sobros, e coroados no cimo da montanha pelo pinhal solitario.

Quem foragido correu os campos estrangeiros e viu as immensas propriedades de um nobre inglez, cubertas de florestas, onde algum mez do anno, elle vae, cansado da embriagez e do luxo quotidiano de Londres, alliviar o pêzo da vida, correndo a cavallo atraz de um veado, por campos que cultivados produziriam bastas searas; quem tal viu, e vem do alto de uma eminencia do Minho, observar os seus valles, não póde deixar de perguntar a si mesmo se é verdade que nós façamos vergonha á Europa, como alguem por esse mundo pertende; nem póde deixar de sorrir-se lembrando-se de que em livros inglezes se lamenta repetidas vezes, o nosso atrazo e incuria, e a miseravel situação dos nossos agricultores.

Com effeito quantos lavradores inglezes estão longe de se poderem comparar com a maioria dos portuguezes! Pesados direitos dominicaes, os impostos para o estado, e a horrivel taxa dos pobres levam áquelles a melhor porção do fructo do seu suor. Entre nós, nem, geralmente fallando, são os direitos senhoriaes pesados, nem os impostos de vulto, nem existe a devoradora taxa dos pobres, peste necessaria em Inglaterra, escusada em Portugal. Compensam, na verdade, parte destas desvantagens em Inglaterra, a facilidade do transporte dos generos aos grandes mercados, cousa difficilima em Portugal, e o apuro e perfeição da arte do cultivador, atrazada entre nós; posto que não tanto como pensam aquelles que julgam a agricultura practica da França e da Inglaterra pela agricultura theorica dos livros destas duas nações.

D'antes nesta bella provincia duas pêas havia á industria do povo, uma absurda, outra nociva: ambas ellas se desfizeram diante do sopro vivificador da liberdade. Eram estas as coutadas o os dizimos, que ainda pesam sobre os inglezes assentados ha tantos se-

culos á sombra da arca sancta das instituições livres. Muito poderiamos dizer sobre os dizimos; mas véda-o o instituto do nosso jornal: quanto ás coutadas era este um resto dos absurdos feudaes. A caça e a pesca era prohibida ao povo dentro de grandes porções de territorio, e os rios e espessuras da maior parte do Minho apenas serviam para abastecer as mesas dos poderosos ou dos monges. A caça e a pesca, meios de sustentação para o homem antes da existencia das sociedades; livre para todos, como o ar do espaço, como a agua das fontes, como o calor do sol, era tolhida por um direito que nenhuma sancção tinha na natureza, nem nos interesses sociaes. Essa ridicula instituição desappareceu ha quatro annos do meio de nós barbaros: quando desapparecerá na civilisada Inglaterra?

O solo do Minho é em geral fraco: para o que talvez contribue a demasiada humidade; mas o incansavel desvello dos habitantes o torna fertilissimo: os lavradores das provincias do sul repousam grande parte do anno: no Minho, nunca. As searas de milho exigem mais trabalho que outras quaesquer, sobre tudo nas terras de regadio, circumstancia que ahi vulgarmente se dá: a sylvicultura pede tambem cuidados, e o preparo dos adubos vegetaes, que são quasi os unicos que ha no Minho, demandam todos os annos muitos dias de trabalho. A creação dos gados é tambem neste paiz um importante ramo das occupações campestres.

Os habitantes do Minho não são ricos, geralmente fallando; mas têem o necessario para a vida com abundancia. Não os louvaremos por sobrios e soffredores, porque estas duas virtudes são essencialmente portuguezas: mas no que realmente não têem iguaes é na hospitalidade. Chegando á porta de qualquer lavrador a pedir um pucaro de agua, elle vos offerecerá o seu pão e o seu vinho; guarida, se fôr ao caír da noite. — Grandemente religioso, este bom povo sente que o espirito do christianismo se encerra todo na caridade.

Os naturaes do Minho têem ainda a intelligencia muito pouco cultivada: d'ahi nasce a superstição de que os accusam; e a pouca tendencia do povo para abraçar as reformas politicas: ensinai-os, porém, a lêr; instrui-os, e elles serão os melhores cidadãos de todo o reino.

O clero, como o das outras provincias, é tambem pouco instruido; mas, faltando entre nós um systema de ensino ecclesiastico, ainda é de admirar o encontrar por essas parochias das aldêas d'Entre-Douro e Minho, sacerdotes que o catholicismo não se envergonharia de comparar em vistude e saber aos pastores protestantes.

A nobresa conserva ainda o orgulho dos antigos tempos, no meio da sua decadencia. A fidalguia do norte do reino tem-se em conta da mais antiga, e de mais puro sangue: talvez a das provincias do sul lhe podesse contestar esta primazia; mas o que de certo ninguem lhe negará é a superioridade da nobreza de animo, a unica que aos olhos da saã razão póde distinguir as diversas condições.

Resta-nos fallar das mulheres do Minho: abrigo e confôrto do homem em toda a parte, a mulher o é aqui mais do que em nenhuma outra. Nos campos principalmente, é companheira do agricultor nos seus rudes trabalhos, e sobre ella repousa, além disso, todo o arranjo domestico. Os seus costumes ainda conservam a severidade dos tempos antigos, e esta primitiva singellesa e virtude existe ainda nas mesmas classes superiores, e até nas cidades. Commummente as feições das mulheres do Minho são regulares e formosas, mas, pela maior parte, nas classes laboriosas, acabrunhadas pela asperesa da vida, perdem brevemente os encantos da mocidade.

Em um subsequente artigo diremos alguma cousa sobre as grandes povoações do Minho, sobre a sua industria, e sobre o caracter dos seus habitantes.

GAZETAS.

1.º

Gazetas dos romanos.

O nosso intento no presente artigo é dar uma leve noticia da origem e progresso das publicações periodicas destinadas a generalisar o conhecimento dos acontecimentos publicos.

A instituição de semelhantes escriptos data de remotissimos tempos, posto que não seguisse sem interrupção até os nossos dias. Os *Acta Diurna*, ou *Actos Diarios* dos romanos, serviam quasi para o mesmo que servem os modernos jornaes politicos. Este documento era publicado em Roma diariamente [como se colhe do seu nome] tanto durante a republica, como durante o imperio, e sabemos, de certas allusões feitas por Seneca e por outros escriptores da antiguidade, que os *Acta Diurna* continham o resumo das causas que corriam nos tribunaes civis, e das actas das assembléas nacionaes; a noticia do estado das obras publicas; a relação das varias penas cominadas aos criminosos, a lista dos nascimentos, cazamentos e obitos &c. Consta-nos que um genero de noticias, em que principalmente abundavam, eram as que versavam sobre demandas de divorcio; tão communs eram estas entre os romanos. Ahi se encontrava tambem a relação dos terremotos, diluvios e temporaes, que ainda hoje não passam por alto aos periodistas. Como hoje, os negociantes, e os que proviam a cidade de bastimentos, faziam inserir no diario novas falsas para seus fins particulares. Havia certos escudrinhadores que indagavam tudo o que se passava, e que forneciam os elementos para a redacção dos *Actos Diarios*: a estes homens se dava o nome de *Actuarii*.

Pelo que sabemos da historia antiga vemos que na republica romana, apesar da sua tão gabada liberdade e egualdade, o senado frequentes vezes procurava exercer uma auctoridade tão arbitraria como a do mais ferrenho déspota. Parecia-se aquelle senado, no seu procedimento, com todos os corpos arbitrarios, e não consentia que aos seus actos se desse publicidade: por tanto era prohibido fallar nos *Acta Diurna* ácerca das suas discussões ou deliberações, até que Julio Cesar [segundo nos refere Suetonio na vida deste célebre capitão] depois de ter obtido a primeira vez o consulado, concedeu por um decreto o dar-se aos actos do senado a mesma publicidade que se dava aos das assembléas mais populares do que era aquella. No tempo de Augusto, porém, o governo tinha outra vez tomado um caracter tão despotico, que uma instituição desta natureza foi julgada impropria, e por tanto prohibida. Entretanto a utilidade deste memorial quotidiano, se limitou ainda mais com a extincção das assembléas populares, e com as leis sanguinarias promulgadas contra os *libellos*; sob o qual titulo provavelmente classificavam a publicação de qualquer circumstancia desagradavel aos homens do poder. Para ainda mais restringirem a liberdade da *penna*, no reinado de que vamos fallando, se decretou pena de morte contra todos os auctores de escriptos satyricos; e os subsequentes tyrannos muitas vezes se aproveitaram desta lei sanguisedenta para exercerem vinganças contra aquelles, que ou aborreciam ou temiam.

Dissemos que as gazetas romanas continham méramente um extracto dos acontecimentos publicos: — e na verdade devia ser um extracto muito descarnado, na falta da arte typographica, e com os imperfeitos materiaes que então havia para se escrever; mas parece que a escriptura abbreviada, ou uma especie de tachygraphia, por cujo meio se podia conservar verbalmente um discurso ou debate, não era desconhecida dos romanos (*), porque escreventes desta especie foram empregados por Cicero em copiarem o discurso de Catão, no célebre debate que houve no senado, ácerca do castigo que deviam receber aquelles que se tinham involvido na conspiração da Catilina.

Comtudo, apesar de quaesquer meios que houvesse para se redigir bem o jornal romano, o seu uso devia ser necessariamente limitado em extremo, e a sua composição muito defeituosa. O mais que faziam para lhe dar publicidade consistia em pregar copias desta gazeta *escripta* em dois dos logares mais publicos da cidade imperial, ficando entretanto desconhecidos, como se nunca fossem publicados, os actos do governo, para as outras cidades e provincias deste vasto imperio. Ajuncte-se a isto o ser esta a folha do governo, e o ser sempre dirigida por este, e vêr-se-ha quanto o seu uso seria limitado, e de pouca monta a sua reputação, como orgão das noticias politicas: apesar disto tudo, a alguns respeitos os *Actos Diarios* dos romanos faziam as vezes dos jornaes politicos modernos, e entre elles e estes havia alguns pontos de semelhança.

Os Parsios, ou Guebros, adoradores do fogo.

Os habitos, e usos dos guebros, são tão provenientes das suas opiniões particulares, que para bem se comprehenderem, é necessario primeiro explicar as bases do seu systema religioso, — systema, que depois de ter por mui dilatados tempos prevalecido no imperio Persa, durante o periodo da sua prosperidade e grandeza, é ao presente unicamente professado por uma seita d'idolatras, limitada em numero; e que, á maneira dos armenios e judeus, é um povo disperso, que sendo opprimido em seu proprio paiz, se encontra mais geralmente em terras estranhas.

Florecia na Persia na epocha remota de sua luzida existencia politica um systema de religião, a que chamavam dos magos, e que ensinava que haviam dois grandes principios coevos, isto é, dois entes, um supremo de todo o bem, e o outro de todo o mal. Esta crença reputava a luz como o symbolo da presença do bom principio, e por isso tributava ao Sol culto religioso, como ao manancial de luz mais perfeito: e os magos punham todo o cuidado em explanar que não adoravam o Sol, como idolatras, mas sim ao principio do bem, que nos beneficos effeitos do astro da luz se revelava. Nos tempos primitivos os persas não tinham templos, e practicavam as ceremonias do culto sobre as montanhas, porque [diziam] os edificios excluem em todo ou em parte os brilhantes raios do Sol. De fórma que esta religião era em certo modo na sua origem bastante espiritualista.

Com o andar dos tempos se corromperam tão simples doutrinas, ou quasi inteiramente se perderam, até que Zoroastro, que os persas chamam Zerdhust, appareceu, segundo provavelmente se julga, no reinado de Dario Hydaspe, e a final conseguiu restabelecer a crença antiga com modificações, e melhoramentos. Não alterou a doutrina dos dois principios, mas ensinou a preeminencia de um Ente Supremo, que intitularam «Mesdan.»

Zoroastro não supprimiu a adoração do Sol, mas parece que foi o primeiro introductor de culto do fogo, porque os crentes, quando o Sol estava posto, não podiam estar sem o symbolo da divina presença. Para este intento forneceu lume, que disse obtivera do Céu, e com o qual se accenderam outros em todos os logares dos magos. Esta novidade trouxe comsigo a erecção de templos para manter o fogo sagrado. Os guebros affirmam que o lume ainda hoje ateado em seus templos foi propagado do primeiro, que Zoroastro accendêra, e que ainda não se perdêra, tendo sido por infinitos milagres preservado de se apagar.

Os templos do fogo eram reverenciados com grande zêlo, e respeito. Entretinham-no com páus especialmente designados como puros, e despidos de cortiça; e nunca o assopravam, quer com folles, quer com a boca. Os magos não se chegavam ao fogo sagrado sem taparem as bocas, temendo profana-lo com o bafo; e era um crime de morte arremeçar-lhe qualquer cousa impura, que o polluisse.

Além desta veneração para com o fogo, professavam tambem certo respeito aos outros elementos, que evitavam manchar com muito cuidado. Daqui provinha o costume peculiar de collocar os seus defuntos: porque imaginavam que o fogo, queimando-os, se profanaria, ou a terra, se os sepultassem, ou a agua, se os submergissem: por isso os expunham ao ar em os eirados de certas torres, ou em plataformas, até que os reduzissem a esqueletos as aves de rapina, e o natural progresso da decomposição: então recolhiam os ossos em urnas, e as depositavam em cavernas, ou em vastos montões de terra. Tiravam suas inducções ácerca do destino do falecido na vida futura, conforme a parte do corpo que as aves encetavam.

Estas opiniões, e practicas, continuaram e prevaleceram na Persia até a conquista daquelle paiz pelos arabes, que foram particularmente incitados por um odio violento contra os adoradores do fogo. O termo gauro, *(infiel)* ou guebro, é em geral applicado a todos os que não são musulmanos, na Turquia, e paizes mahometanos; mas na Persia, empregado simplesmente designa sempre o parsio, ou guebro, como se fosse um nome proprio. Quando os arabes subjugaram o paiz, o grosso da nação provavelmente abraçou a fé dos conquistadores, e quasi todo o resto foi obrigado pelas perseguições a emigrar. O pequeno numero, que ainda se encontra naquella região, mora principalmente na grande, e commercial cidade de Yezdi, na provincia esteril e arenosa de Kerman, onde lhe permittiram erigir um templo, e alli conservam o lume sagrado, que dizem ser o primitivo de Zoroastro, e tambem lhe concederam magistrado proprio. Mas em cambio destes privilegios lhes extorquem pesados tributos. Os guebros em geral são muito mal vistos pela actual raça dos persas, que os tratam com altissimo desprezo, e aversão, e que não hesitam em propagar absurdissimas, e horriveis historias ácerca desta gente, na realidade pacifica, e innocente, accusando-a de comer creanças, e outras enormidades.

Porém a maior porção desta nação proscripta, em numero talvez de 120:000 familias, reside no territorio do governo inglez de Bombaim, onde só na povoação da capital contam mais de 6:000. Em toda a India não têem os inglezes mais uteis, opulentos, e bem procedidos subditos que estes; nem ha classe alguma de naturaes do paiz que mais intimamente se ligue com a nação britannica. Os habitos desta gente não oppõem barreiras, que obstruam o livre com-

(*) Quando fallarmos das — Notas Tironianas — diremos o que ha nesta materia.

mercio, como os indios, e mahometanos. Elles não tem castas — comem de todas as iguarias — bebem vinho — e só tem uma mulher. As familias ricas têem adoptado muito o modo de viver inglez, e os filhos aprendem a lingua ingleza. Quasi todas as casas de commercio europeas em Bombaim têem um socio parsio, porque elles constituem uma parte principal na cidade. A maior porção da ilha de Bombaim pertence aos parsios. São excessivamente liberaes em suas esmolas, soccorrendo indifferentemente os pobres, e afflictos de todas as tribus, e mantendo os da sua tão amplamente que não se conhece um mendigo guebro. Os mais opulentos são negociantes, proprietarios de navios, ou rendeiros de dilatadas terras: e a jerarchia mais humilde consta de cultivadores, tendeiros, tecelões, e officiaes de outras artes mechanicas, que não dependem do emprego do fogo: em consequencia dos seus escrupulos a este respeito não são ourives, nem obreiros em metaes, e menos ainda militam, porque por seus principios abominam o uso das armas de fogo. Como á imitação de seus antepassados aborrecem as viagens por mar, por isso não querem ser marinheiros; o que sem dúvida tambem procede das suas idéas; mas é singular que os modernos persas mahometanos partecipam desta mesma preoccupação; e em verdade conservam mais vestigios de sua antiga religião do que elles mesmos presumem. Poderemos citar como exemplos a imagem do Sol no cunho de varias moedas persas; e uma festa inda hoje observada, que foi originariamente instituida em honra do mesmo astro.

A condição presente dos parsios, ou guebros, na India, mostra ter consideravelmente melhorado sob a protecção britannica, porque ainda não ha um seculo os viajantes os representavam no mais ínfimo estado de abatimento, e opprobrio.

A raça dos parsios divide-se em clero, e seculares. O clero, e seus descendentes são numerosos, e distinguem-se dos leigos em trazerem um turbante branco, mas seguem as mesmas profissões, excepto os poucos, que são destinados ao serviço de seus templos. Estes são despidos de ornatos, e de apparato; estão nelles os sacerdotes sempre, mas o total do povo só em dias assignalados os frequenta. Todos elles adoptaram o trajo, e muitas maneiras dos indiaticos, e o idioma do Guzarate; poucos se dão ao estudo da linguagem do seu paiz primitivo, e ao da historia da sua raça.

Os modernos parsios conservam ainda muitas practicas, e opiniões dos antigos magos. Em Bombaim, de manhaã, e á tarde, se apinham nas esplanadas para saudarem o Sol em seu nascimento, e occaso. Observam quasi o antigo uso da collocação dos defuntos: expõem os corpos n'uma plataforma de pedra, cercada de muros altos, onde em breve os consomem as aves de rapina. Ajunctam os ossos n'uma especie de cisterna no centro do terrado, que tem entrada por uma passagem subterranea para o removimento das ossadas de tempos a tempos. Não consentem aos estrangeiros testemunhar as exequias, nem examinar aquelles terrados, dos quaes ha cinco na ilha de Bombaim, mas nem todos em serviço effectivo. As familias abastadas tem seus jazigos particulares, mas todos de igual construcção. N'alguns destes ultimos ha por cima engradamentos de ferro, que vedam o ingresso das aves, decompondo-se os cadaveres só pela acção dos elementos, e a natural dissolução.

O livro sagrado dos parsios, ou guebros, chama-se Zendavesta, e attribue-se a Zoroastro. Em muitos particulares coincide notavelmente com as Escripturas hebraicas, de fórma que muitos julgam que o auctor obtivera conhecimento da religião judaica, talvez do propheta Daniel, ou de outro qualquer judeu captivo em Babylonia, ou em Suza. Os parsios da India nestes ultimos tempos patentearam consideravel empenho em adquirirem informações concernentes ás practicas, e noções religiosas de seus antepassados; a fim de os obter, colligindo livros, tradições, e outros documentos, mandaram á Persia, por vezes, pessoas intelligentes. Por este meio alcançaram, alguns annos ha, uma cópia do «Desatir», que foi impressa, junctamente com uma versão ingleza, em Bombaim, sob a protecção britannica. Este livro é summamente interessante; e apezar da remota antiguidade, que lhe attribuem, encerra em seu contexto evidentes provas de ter sido escripto muito posteriormente á conquista da Persia pelos arabes.

A DEDALEIRA, OU DIGITAL.

[*Digitalis purpurea.* Lin.]

Esta planta venenosa, que lança um talo medíocre, guarnecido de flores purpureas do feitio de um dedal, e pendentes todas a um lado, não deixa de ter sua elegancia neste estado de florescencia. A sua raiz é biennal, isto é, fenece sempre ao fim de dois annos. É indigena do nosso reino, e a temos encontrado em sitios tão altos, como a entrada para o convento da Pena, na serra de Cintra.

Tem sido remedio acreditado em varias enfermidades, mas igualmente famoso pelos funestos acciden-

tes, que já tem resultado da sua incauta applicação. Parece que em geral é mais perigosa para as pessoas de forte compleição do que para as mais delicadas. Ministra-se mais commummente em tintura, e possue a singular propriedade de aplacar os movimentos desordenados do pulso, o que em muitos casos é absolutamente necessario para a salvação do doente, mas a sua acção é tão irregular, que exige a mais constante vigilancia e desvelo da parte do facultativo assistente.

Os effeitos deleterios deste vegetal não se limitam á especie humana. Mr. Salerne, medico em Orleans, ouviu dizer que tinham morrido alguns perús pequenitos por comerem por engano as folhas da Dedaleira: para experimentar deu algumas a um grande e robusto perú. A ave sentiu logo o effeito, e não se podia ter nas pernas, como entontecida: todavia o bom alimento a restabeleceu em poucos dias. Repetiu-se a experiencia dando a outro perú só daquellas folhas quatro dias successivos; ao fim destes já lhes não queria tocar, e, apesar de todo o tractamento, finou-se d'ahi a oito dias. Sendo aberto, acharam-se-lhe os bofes, o coração, o figado, e a bolsa do fel, todos encarquilhados, e completamente ressequidos.

Esta planta, quando machucada, deita um cheiro ruim, nauseativo, e virulento. Para colher as folhas destinadas a usos pharmaceuticos, recommenda-se que seja em dia quente e sêeco, e na sasão em que as pétalas [*] caem, e quando o tegumento, ou cobertura exterior das sementes vai engrossando. As folhas recem-apanhadas se devem seccar com a possivel promptidão, e nunca ao sol.

Um distincto medico da capital [segundo nossa reminiscencia, o Sr. Dr. Elias] publicou não ha muito tempo sobre a Dedaleira uma memoria, que não tivemos opportunidade de ver.

Naufragio do bergantim Sterling Castle.

Aos 16 de Maio de 1835 partiu de Sydney o bergantim Sterling Castle com destino para Singapura. Compunha-se a sua tripulação de 18 homens e 2 rapazes, e ía tambem a bordo *mistress* Eliza Ann Frazer, mulher do capitão, a qual se achava no ultimo periodo da gravidez. No dia 23, ao aproximarem-se do estreito de Torres, impellido o navio pelo vento que soprava rijissimo, e não podendo vencer a força da corrente do cabo Eliza, tocou ás 9 horas da noite n'um banco de coral, que a densa escuridade da noite não permittiu evitar. Os dois homens que estavam ao leme morreram nesta occasião, e a popa e os mantimentos foram ao mar.

Asserenada a tempestade, procurou a companha cortar os mastros, e conseguiu assim indireitar a embarcação, porém sem fructo, attenta a avaria que soffrêra; resolveram por tanto abandona-la, e sabendo acharem-se ao norte da bahia de Moreton, que faz parte d'uma possessão ingleza, determinaram demanda-la o mais depressa possivel. Feitos para isso os necessarios preparativos com a incansavel diligencia e industria de homens a quem tanto o perigo urgia, confiaram-se n'um domingo pelas 4 horas da tarde á mercê das vagas, embarcando na lancha pequena o carpinteiro, o cosinheiro e o seu ajudante, J. Frazer, sobrinho do capitão, e tres marinheiros mais, e na grande o capitão, sua mulher, o piloto, e os dois moços, com o resto da maruja.

Quatro dias depois de se haverem entregado á divina providencia, deu mistress Frazer á luz um menino, não obstante estar mettida n'agua até á cintura, ao qual, como poucos momentos depois morreu afogado, amortalhou o piloto na propria camisa, que tirou do corpo, e deu sepultura no Oceano.

Não podia a pobre mãe comprehender o porque com tão extraordinario valor supportava esta calamidade, que accrescia ás outras a que se via exposta. Felizmente, tinha estado algum tempo insensivel, e só depois de haver sido a creança engulida pelas ondas, soube que dera a vida a um ente, que tão rapidamente lhe fora arrebatado para a eternidade.

Depois de terem muito tempo trabalhado em vão por ganharem a bahia de Moreton, luctando todo esse tempo com os rigores da fome e da sede, mais cruel ainda, chegaram a um cabo, onde amarraram os bateis, e foram em busca d'ostras e d'agua; porém baldon-lhes as esperanças uma borrasca, que sobreveio, e os obrigou a largar da costa. Maravilharam-se no dia seguinte os da lancha grande de não enxergarem a outra, e suppozeram perdidos para sempre os seus companheiros de infortunio, pois não os julgavam capazes de seguir outro rumo sem o capitão ou o piloto para os guiar. A intenção d'aquelle era chegar á bahia de Moreton; porém vendo que os ventos e as correntes lhe eram adversos, e os seus campanheiros reduzidos á ultima extremidade, e deitados de costas para receberem na boca o orvalho, decidiu aportar á primeira terra. Mas quão penosa era a escolha da terra para quem, como elle, sabia serem todas aquellas praias frequentadas por selvagens intractaveis! Deram por tanto a popa ao vento, dispostos a receberem a morte de qualquer modo que se lhes apresentasse; pois tão trabalhados estavam da fadiga e soffrimentos, que pouco lhes importava já o morrerem ás mãos dos barbaros ou tragados pelas ondas; mas em fim avistaram terra, e pouco depois encalhou a lancha n'uma praia chamada Bahia-larga, cem milhas ao norte da bahia de Moreton, que é a capital dos estabelecimentos inglezes, para onde os criminosos desta nação vão degradados acabar o resto dos dias em continuos trabalhos.

Logo que se avisinharam á praia viram algumas selvagens nuas, que vinham dando mostras do contentamento que lhes causava a presa, que se lhes offerecia: os selvagens rodearam o batel, e tendo arrastado os infelizes até o meio das arvores, entraram a arranear-lhes os vestidos até os deixarem nus em pello. John Baxter, segundo piloto, tendo já entregado todo o seu fato com as mais benevolas maneiras, quiz esconder uma camisa mareada com os cabellos de sua tia, mas vendo isto um selvagem, enfurecido o matou ás pancadas, em quanto os outros faziam em mil pedaços os chronometros, relogios, &c., com cujos fragmentos enfeitavam o nariz e as orelhas. Quando acabaram de repartir os despojos, atiraram aos tristes naufragantes, para lhes saciar a fome, com as cabeças e entranhas dos peixes, que pouco antes lhes haviam servido de pasto, e ao cabo de dois dias de demora, embrenharam os seus prisioneiros nos mattos, para serem, como depois foram, entregues a outras tribus, sob o dominio das quaes maiores padecimentos os aguardavam. Mr. Frazer temendo ainda peiores tractamentos desta mudança de senhores, offereceu-se para servir os primeiros, e os demais brancos foram conduzidos para o sertão, até que appareceram novas tribus, que os levaram presos, e os obrigaram a acarretar troncos d'arvores por caminhos quasi intransitaveis.

Mistress Eliza era a unica mulher branca que alli se achava; não a captivaram, antes foi deixada atraz como objecto inutil; seu marido porém lhe recom-

(*) Petalas são as peças da corolla; isto é as que vulgarmente chamam folhas da flor; corolla é a parte da flor de ordinario corada; segundo a linguagem trivial, a propria flor.

mendou que se conservasse onde ficava, promettendo-lhe buscar meios de a vêr dentro de poucas horas. N'aquella noite deitou-se na praia, e na manhaã seguinte, tendo examinado tudo á roda de si, e não descobrindo uma só creatura humana, resolveu seguir as pisadas impressas na areia, porém depois de correr um pedaço encontrou-se com uma chusma de negras pertencentes á tribu que no dia anterior tão cruelmente os maltractára, as quaes a obrigaram logo a fazer lenha, e a accender lume; e por que no estado de completa nudez a alvura da sua pelle formava um contraste excitador da inveja das negras, constrangeram-na a esfregar o corpo com certa gomma e hervas, que a pozeram quasi tão escura como ellas, e tendo-a apalpado toda arrancaram-lhe os cabellos, e lhe cobriram tambem com uma especie de gomma a cabeça, que ornaram com pennas de papagaio e outros passaros. Uma das negras, que tinha duas creanças, lhe entregou uma para que a amamentasse; e não obstante as tarefas fadigosas que lhe davam, se por acaso o negrinho chorava, era mistress Eliza espancada barbaramente.

Passados quatro dias viu mistress Frazer pela primeira vez o seu esposo, que vinha puxando um enorme tronco, e estava summamente abatido: perguntou-lhe ella por que motivo não a viera vêr mais cedo, e quando elle lhe começava a responder, que não se aventurára a tanto por causa da ferocidade do selvagem seu senhor, apparece o cafre repentinamente, e colhendo-os a fallar juntos, avança para elle, e vara-lhe o peito com uma flecha. — Expirou, — e a misera esposa arroja-se sobre o corpo inanimado, e exclama: «Meu Deus, eu já não posso supportar tantas desgraças!»

Tira-lhe a setta, e ao ve-lo morto cai sem sentidos.

Quando tornou a si achou-se no meio da tribu que a escravisára, ignorando o que tinham feito ao corpo de Mr. Frazer.

Logo em seguimento desta catastrophe aconteceu outra: informado o piloto do desastroso fim do capitão, concebeu o desesperado projecto de vinga-lo, mas havendo os barbaros descoberto o seu designio, deram-lhe um castigo horroroso. Mistress Frazer accendeu por ordem dos negros uma fogueira em que foram mettidas as pernas do desditoso mancebo, o qual com as contorsões que fazia abriu na areia a cova, que recebeu depois as suas entranhas.

Com o intervallo de dois dias deste successo tragico foi assassinado um lindo moço, por nome James Mayor: estava trabalhando quando chegando-se a elle um selvagem, sorriu-se, e o deitou morto no chão; porque parece ser costume d'aquella gente o mostrar rosto alegre ás victimas, quando premeditam taes assassinios. Outros dois cafres lhe decepparam a cabeça com umas conchas, e tendo comido parte do tronco, a levaram para servir de ornato na proa da canoa do chefe, como o capitão Frazer, conhecedor dos costumes e indole dos selvagens d'aquellas costas, tinha prophetisado ao malfadado Mayor que lhe aconteceria um dia.

O resto da equipagem esperava por conseguinte ser trucidado.

Dois marinheiros chamados Doyle, e Big-Ben tentaram furtar uma canôa e atravessar um lago, porém morreram afogados.

Havia entre a tripulação um preto por nome José, despenseiro do navio: tinham-lhe os selvagens tambem roubado o fato quando chegára á Bahia-larga, mas em attenção á côr nenhum castigo lhe deram, e permittiram-lhe andar solto por onde lhe approuvesse, o que não era concedido aos outros. Este homem, que nunca deixou de procurar evadir-se, asseverou a mistress Eliza que a poder fugir seria ella a primeira pessoa que salvaria, e tendo a final conseguido furtar uma canoa chegou a Moreton com seis semanas de viagem, e noticiou ao commandante do presidio todo o acontecido.

Concluida a terrivel narração perguntou o commandante se alguem do presidio queria acompanha-lo para salvar os seus desventurados compatriotas: — todos se offereceram, — e um degradado costumado ao tracto dos selvagens deu traça para serem salvos todos os naufragantes que ainda existiam, aos quaes a gente do presidio fez o mais cordial acolhimento.

Mistress Frazer, gratuitamente conduzida para a sua patria pelo capitão do paquete Mediterranian, fez em 8 d'Agosto deste anno uma declaração legal das particularidades do seu naufragio, e o lord Mayor lhe alcançou uma avultada subscripção para, conforme os seus desejos, ír ajuntar-se com dois filhos que tem n'um collegio na ilha de Wight.

Fabrico do papel de Carpo.

Um grande numero de substancias se ensaiaram já para o fabrico do papel, e apezar disto só um pequeno numero dellas se têem empregado neste mister. Roset apresentou papeis feitos com o entreeasco do carpo, [especie do bordo] do freixo, do alamo &c., assim como cartões fabricados com as mesmas materias primas. As receitas de Roset são simples e economicas: consistem em a maceração em agua de cal, ou em dissoluções alcalinas, depois em um pizo ou moedura perfeita, e finalmente em um branqueamento, tantas vezes repetido quantas forem necessarias.

Chapelaria aperfeiçoada.

Foi demonstrado que o sulfato de ferro, [capa-rosa] é preferivel ao acetato para obter uma bella côr negra. Pelles de castor e de lebre em bruto foram tinctas com elle, e o preparo e a pressão não alteraram a côr. Depois da preparação do feltro nada mais resta do que dar-lhe o lustre por meio de um segundo banho fraco de tinctura. O auctor deste aperfeiçoamentô teve idéa de dar nos feltros uma tinta de azul e de vermelho com ruiva e anil, antes de os submetter ás operações ordinarias da tinctura. Esta receita já é usada nos pannos de um preto fixo. Finalmente o uso do sulfato de ferro, do acetato de cobre, e do campeche torna inutil a gomma, e a suppre, fazendo como um oleado interior que torna os chapeus impenetraveis.

Origem da palavra pagão. — Os povos dos campos persistiram ainda muito tempo depois do Imperador Theodosio no seu antigo culto do gentilismo; e por isso aos sectarios da antiga religião deram o nome de *pagãos, pagani*, do nome das villas pequenas, chamadas *pagi*, onde deixaram subsistir a idolatria até o seculo 8.º; de sorte que o nome de *pagão* não significa senão componez, aldeião, &c. — *Voltaire.* —

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal. N.º 55 = 1.º andar.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

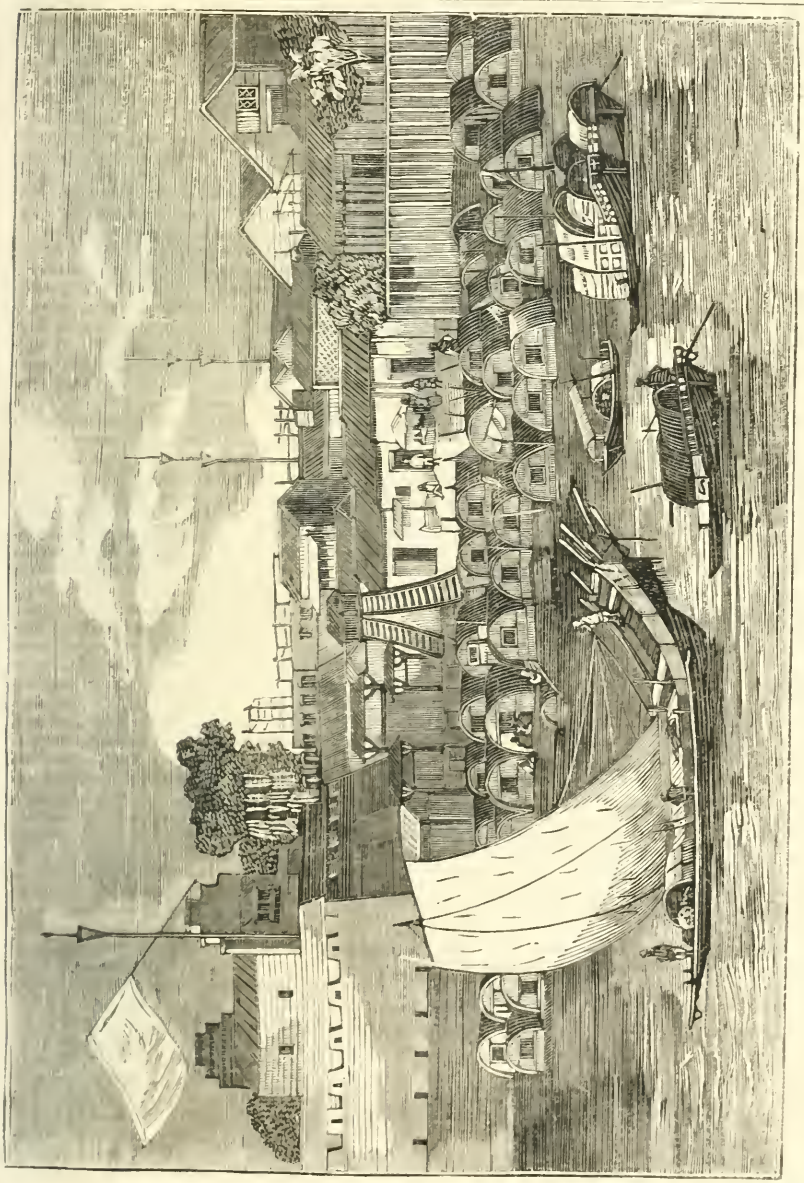
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

30) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (NOVEMBRO 25, 1837.



RIO E CIDADE DE CANTÃO.

A CHINA.

1.º

Cidade de Cantão.

Esta cidade é a mais commercial do imperio chim, e a unica onde o governo tolera a concorrencia dos europeus, exceptuando o nosso pequeno estabelecimento de Macau, que nos foi concedido em virtude de tratados (1). Abaixo de Calcuttá é Cantão talvez o maior emporio de commercio do oriente. Este nome, pelo qual é conhecida na Europa, é uma corruptela de *Quang-Ton*. nome da provincia onde está situada, sobre a margem esquerda do largo rio, chamado no paiz *Chu-Kiang*, e que vai desaguar n'uma espaçosa bahia, ou golpho, que fórma o vasto mar, que banha as provincias meridionaes da China. A entrada desta bahia, ou golpho, denominada vagamente a foz do rio de Cantão, dista obra de oitenta milhas da cidade, e é coalhada de muitas ilhotas, sendo a maior Negao-Men, em cuja ponta oriental jaz Macau. A cincoenta milhas inglezas da entrada, no fim do golpho está a foz, ou embocadura, propriamente dita, do Chu-Kiang, ou rio de Cantão, formada por duas pontes de terra bojantes, que distam uma da outra pouco mais de um tiro de mosquete. A esta barra estreita chamam os europeus *Boca do Tigre*, do nome que ao rio poseram os nossos portuguezes, que foram os primeiros commerciantes naquellas paragens. A vinte milhas, rio acima, está Wampoa, que bem póde apellidar-se a «enseada de Cantão», porque ahi fundeiam os navios estrangeiros, communicando com a cidade, que ainda fica a nove ou dez milhas, unicamente por via de bateis, ou botes.

A circumstancia de ser Cantão o unico porto da China, onde os estrangeiros são admittidos, e por consequencia, onde se faz todo o immenso commercio de navegação com aquelle paiz, dá a esta cidade grandissima importancia, e interesse; e por isso tambem é summamente curiosa para o observador. É uma das principaes do imperio em vastidão, e talvez a maior em opulencia. Alli se podem observar os usos e costumes nacionaes tão bem como no interior do paiz; e o viagante tem de mais a mais a vantagem de examinar aquelle povo nas suas relações com os europeus, e de ver os admiraveis esforços do seu genio imitador, a que dá impulso e desenvolvimento o commercio externo daquella praça. É verdade que nas feitorias europeas, que são apartadas da cidade, poucos objectos especiaes podem captivar a attenção de quem tem corrido o mundo: porém o caracter geral da população da cidade, as usanças e costumeiras de todo o povo, as scenas dos arrabaldes, podem fornecer muitos dias de divirtimento, pela sua novidade, porque são inteiramente diversas do que se tem visto em os outros paizes. Mr. Ellis, que acompanhou a embaixada de Lord Amherst de Pekim a Cantão, diz que o numero e tamanho dos navios, a infinita variedade dos barcos pequenos, a architectura das feitorias europeas, e o sussurro, e actividade da população copiosa, e occupada, dão um aspecto a Cantão diversissimo do de qualquer das cidades da China por onde a embaixada transitou; e que ella não cede a outra do imperio, exceptuando a capital, na riqueza dos habitantes, no engenho dos artistas, e na variedade das manufacturas. O viagante, que só viu Cantão, está arriscado a formar uma idéa exaggerada da povoação e opulencia da China. O effeito do trafico externo, alli concentrado, e o emprego que o commercio uropeu fornece a todas as classes d'habitantes, diffundem uma apparencia de prosperidade, que ninguem espera achar nas outras cidades onde não obram tão poderosos estimulos.

A embocadura do rio Tigre, ou de Cantão, é de vista mui agradavel; e com pouca sciencia de fortificação se poderia fazer defensavel, e prohibir a entrada daquella barra estreita a qualquer força naval: porém os chins só alli constituiram tres fortes em posições mal escolhidas, com ruim artilharia, e que ficam debaixo do fogo de qualquer fragata. Os inglezes já tem forçado esta passagem, com os seus vasos de guerra a exigir satisfações, e reclamações, e recentemente em 1834, quando lord Napier foi mandado a Cantão, e se extinguiu o privilegio exclusivo do commercio com a China da Companhia Ingleza da India.

Navegando da foz do rio até Wampoa, goza-se uma scena nova, interessante, e variada; e quanto mais se prosegue mais indicios vão apparecendo do grande trafico de uma cidade commerciante. Daqui até Cantão, que está acima obra de dez milhas, ainda mais se augmenta o movimento e actividade; as margens do rio são povoadas de aldêas e pagodes, e a corrente toda obstruida por uma navegação intrincada e perenne, que vai crescendo a cada milha de caminho, até que o viajante se acha junto á cidade no meio de infinitos *juncos de guerra* chins, e barcos mercantes, com suas flammulas pintadas raiadas segundo a phantasia de cada um. Milheiros de barcos em fileiras a dois e dois formam ruas ou canaes, pelo meio dos quaes vão e vem em giro continuo um sem numeor de botes pequenos. O arruido do trafico, misturado com o sussurro das vozes humanas, produz uma bulha, que atordoa os ouvidos. Tudo é vida, e movimento.

De noite é sobre tudo esta scena brilhantissima. Apenas escurece, surgem da obscuridade, como por magica, innumeraveis lampiões e lanternas nas embarcações, e apparecem, ou dispostos em ruas alinhadas a perder de vista, ou mudando de posição, e variando o aspecto geral, conforme as differentes direcções dos barcos, que se movem. A escrupulosa exactidão com que os chins observam ás minimas distincções de jerarchia, contribue matrialmente para animar e variar este quadro; porque até os lampiões, que costumam içar de noite, indicam a classe das pessoas, que estão a bordo. Todas as lanternas são elegantemente pintadas de cores, cujos tremulos reflexos sobre a agua produzem bellissimo effeito: os descantes simples, mas engraçados, dos marinheiros, aviventam mais esta scena nocturna, desusada para um europeu.

Nada porém é tão notavel para o estrangeiro, que chega a Cantão, como a grande multidão de botes pequenos collocados á borda do rio, e commummente chamados «cascas d'ovos» pela sua fórma semelhante á secção longitudinal d'um ovo, coberto com um toldo arqueado de bambús, ou de esteira, e habitados cada um por uma familia. Alli estão juntamente os paes, os adultos, os recem-nascidos, e ás vezes, os avós. Milhares dos moradores destas singulares habitações nascem, vivem, e morrem, sem nunca pôrem pé em terra firme, e seus antepassados por muitas gerações foram todos amphibios como elles. Nós geralmente appellidâmos a terra nossa mãe commum, de cujo seio extraimos o nosso sustento; mas aquelles são filhos das aguas, donde derivam o parco alimento, e onde a final dizem o extremo adeus á vida.

E tal a cópia e densidade destes domicilios, n'algumas paragens, que tapam grande superficie do elemento, que os sustem, e estão por tal modo confundidos que parecem uma mole compacta. N'outros sitios estão dispostos regularmente, como os lados contiguos, estendidos por ambos os lados do rio, deixando meio desimpedido. Os chins consideram os ha-

(1) Veja-se a Descripção de Macau no n.º 5 deste Jornal.

bitantes das aguas como raça distincta da sua; e nunca fazem reciprocas allianças matrimoniaes. Têem por tradicção, que fôra uma gente vinda do outro lado da foz do rio. O avô do imperador actual foi quem primeiro os naturalisou, e antes disto não lhes era permittido vir a terra. Mas o povo, ainda o mais pobre da cidade e suburbios, sempre lhes tem aversão. O numero destas habitações fluctuantes, segundo um recenseamento ultimo, sóbe a 50:000. Além disto navegam entre a cidade, e Wampa mais de dezoito mil embarcações maiores, e de varios lotes. Na praia fronteira a Cantão ha muitas casas edificadas sobre estacaria, que entrão pelo rio consideravel espaço.

A cidade é cortada por canaes, bem como os suburbios, que lhe estão adjacentes, e onde são os estrangeiros admittidos, não lhes sendo permittido ultrapassar os muros, que a cercam; afora estes ha uma muralha geral, que a divide em duas porções, correndo de leste a oeste. Os edificios da cidade principal estão muito junctos, e os arrabaldes, que tomados collectivamente são menores, espalham-se para todos os lados, menos para o norte, onde o terreno extramuros é descoberto, e despovado.

O rio corre de norte a sul, mas pouco antes de chegar á cidade faz uma curva para o poente, e logo abaixo della descreve outra, e recobra a sua primitiva direcção para o sul: a cidade está situada do lado septentrional.

A guarnição da praça, com um general que a commanda, é de tropas Mantchús (1).

Alguns geographos dão a Cantão, e a todos os seus suburbios mais d'um milhão d'almas.

Gran de Carrasco ou Kermes.

A Gran de Carrasco, ou Kermes, foi desde os mais remotos tempos havida por uma materia tão singular para a tincturaria, que osphenicios e os romanos a procuravam diligentemente no nosso paiz, para tingir as chlamydes de seus generaes, e os paludamentos dos imperadores, chegando a tanto a paixão dos artistas e habitantes de Roma pelo vivo e porpureo escarlate da Gran da Lusitania, que com ella tingiam até as pedras preciosas.

Entre nossos antepassados era ainda tão valiosa, que andava em contracto real, sendo defeso aos particulares o commercio della. Repetidas vezes clamaram os povos em Côrtes contra este monopolio, principalmente em tempo d'elrei D. Affonso 5.º; mas só elrei D. Manuel deu ouvidos a seus clamores, e proveu de remedio, ordenando por lei de 18 de Julho de 1499 que toda e qualquer pessoa podesse livremente apanhar Gran, dispor della para aquillo que mais lhe aprouvesse, quer negociando-a dentro do reino, quer vendendoa aos estrangeiros.

Hoje em dia nenhum uso se faz della em nossas tincturarias, nem talvez seja conhecida, apezar de ministrar o mais bello e fino escarlate. Os estranhos sabem apreciar o seu prestimo: e ainda no anno de 1835 se despacharam para exportação, na alfandega de Tavira, 2544 arrateis, e em 1836 sairam do mesmo porto 5720 arrateis; e na alfandega de Lagos 80 arrateis neste anno, saindo por alto quasi outra tanta. Daquella cidade é ella levada em barcos nacionaes para Gibraltar; e d'alli vae para Genova, Liorne, e Marselha, e para Tunis e outros portos de Berberia.

Bem pouco conhecida é esta producção animal entre nós, sem embargo da sua antiguidade. O illustre Brotero faz ácerca della a seguinte observação na Flora Lusitana: « *Quercus Coccifera*. Carrasco. As femeas dos insectos que se criam neste arbusto, quando estão grávidas fixam-se quasi immoveis nos raminhos e folhas; põem os ovos dentro do abdomen, e, depois de postos, morrem, e seccam-se, deixando-os involtos em seu proprio corpo, o qual toma a fórma de um casulo vermelho escuro, luzido, dò tamanho e feitio quasi de uma ervilha pequenina, da qual parece ter-se cortado um outro segimento na parte inferior, em cujo estado se chama Gran. Apanha-se do arbusto em maio ou junho; depois de apanhada, borrifa-se com vinagre, para impedir a germinação dos ovinhos; e dahi se estende ao sol sobre pannos, para seccar. » Esta observação serve quasi de descrever o insecto, e a maneira de o apanhar e aproveitar; são satisfazer, porém, plenamente: e mui digno seria da attenção de um naturalista o examina-lo nas suas metamorphoses, e observar quaes são os carrascos de que mais gósta; pois nem em todos se nutre.

O que por ora se tem podido saber é qua este insecto apparece no principio da primavera, do tamanho de uma pulga, nas varinhas e raminhos de certos carrascos rasteiros, que lançam suas hasteas e ramos juncto do chão, estendendo-se para os lados, e elevando-se muito pouco: fórma depois um casulo ou tubeculo redondo, coberto de uma lanugem branca, á semelhança de bolor, e que pouco a pouco vae perdendo, deixando apparecer um cor-de-rosa escuro por entre aquella lanugem: chega á grossura de um grão de pimenta, e ainda de uma ervilha, chata na parte em que está pegada ao ramo ou vergontea, d'onde se colhe neste estado desde o fim de abril por diante, tempo que parece ser o proprio de estar o casulo cheio de miudissimos ovos. A camara de Azeitão providenciava em uma das suas antigas posturas (N.º 85) que não se colhesse antes de 15 de maio, e a de Alcoutim acaba de prover que não se apanhe antes de 5 do mesmo maio, e com razão; porque, de se apanhar mais cedo resulta não estar ainda na sasão propria de dar a sua excellente côr; e então vem a perder o valor e estima, que conserva naquelles paizes, em que sabem conhecer o seu uso e merecimento.

Colhida assim a Gran, é espalhada em casas de sobrado, e alli, á sombra, se deixa ir mirrando, revolvendo-se de tempo a tempo com cuidado, para não apodrecer, e fazendo-a limpar de todos os corpos estranhos que possa trazer misturados. Em junho põem-se ao sol sobre lençoes ou pannos grandes, revolvendo-a com rodas de pau para seccar bem. No meio do mez começam os insectos a sair dos casulos, quasi em fórma de mercurio rubro, por um pequeno orificio que nelle abrem. Então se ajuntam com todo o cuidado, apanhando-os e mettendo-os em algoidares, depois de bem limpos de materias estranhas, e alli se esmagam e amassam com vinagre; e desta massa se fazem pastilhas de $\frac{1}{2}$ pollegada de diametro, á semelhança de márcas de anil, as quaes se põem em taboleiros a seccar: nestas pastilhas se contém a parte mais fina da materia colorante.

O casulo ou tuberculo, que encerrava os insectos, ainda contém materia colorante: e bem secco (no qual estado fica reduzido á 4.ª parte do seu primitivo pezo) se mette em saccas de 2 arrobas, cada uma das quaes leva junctamente 4 pastilhas, que se met-

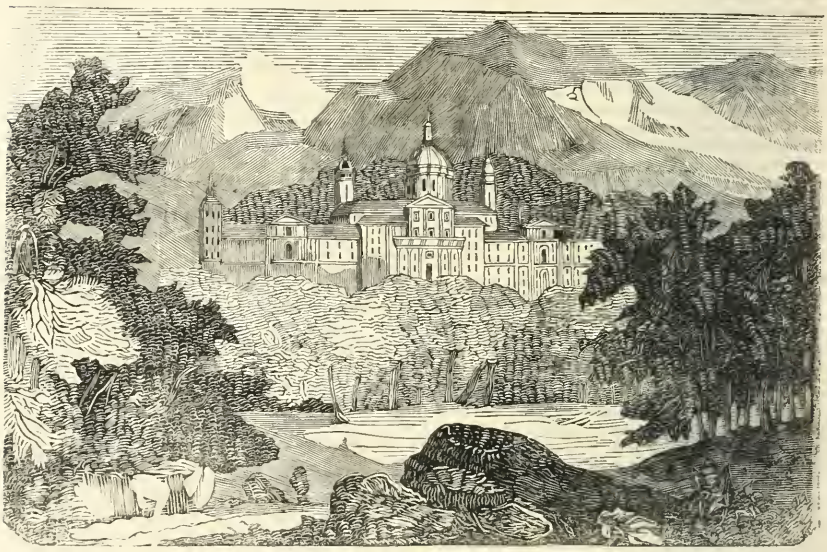
---

(1) Os Mantchus são uma nação, que habita a parte oriental da Asia central, ou o paiz ao nordeste da China, e conquistaram este imperio pelo meado do seculo 17.º O imperador actual é o 6.º da dynastia, que elles fundaram. No seu estado primitivo eram um novo pastoril, que os europeus classificaram com os Mongoes, e outras nações differentes em linguagem etc., debaixo da vaga denominação de Tartaros; e áquelles muitas vezes chamam Tartaros Mantchus. Esta gente constitue hoje a nobreza militar do imperio chim.

tem em pequenas caixinhas dentro dellas. Cada uma sacca destas se vende ainda em Tavira por setenta ou oitenta mil réis, isto é de trinta e cinco a quarenta mil réis, por arroba. As pastilhas só por si chegam a vender-se a 12$000 réis por arratel. O preço na primeira mão, quando vem da serra, é de 160 a 200 réis por arratel: havendo menos commissões, começa a 80 e 100 réis: outros annos chega a 300 e 400 réis, havendo compradores novos que se atravessem para a comprar.

Ainda que esta Gran se encontre em quasi todo o reino, comtudo onde mais se apanha é nas freguezias da serra de Tavira, Alcoutim, e Castro-Marim; e toda vem a vender-se em Tavira d'onde se exporta. Alguma vez tambem dos termos de Ourique, Almodovar,, e Mertola, e ainda das charnecas de Serpa e Mora; mas não é de tão boa qualidade.

Muito importante seria introduzir em nossas tincturarias este genero, fazendo-se as competentes experiencias para se conhecer a maneira de o empregar, quer no pó dos casulos, quer na massa das pastilhas. Parece que não deve differir muito do modo porque se emprega a cochonilha, e que a tincta se fará da mesma fórma. Aquelle que primeiro promover estas expriencias, prestará um serviço assignalado ao seu paiz.



VISTA GERAL DO PALACIO DO ESCURIAL.

O magestoso, e vasto edificio do Escurial, de que os hespanhoes com razão se vangloriam, é um dos principaes da Europa, e fica obra de sete leguas ao noroeste de Madrid. Deve a sua existencia a um voto de Filippe 2.º, que fez promessa de edificar um templo sumptuoso ao santo, em cujo dia ganhassem suas armas victoria contra os francezes, a quem então guerreava. Deu-se a batalha de Saint Quentin, e triumpharam os hespanhoes em dia de S. Lourenço; foi por tanto este o padroeiro escolhido, e o monarcha tractou de cumprir magnificamente o seu voto. O architecto João Baptista de Toledo encarregou-se de construir o edificio em fórma de grelha, em louvor do martyr; e com este intento dispoz os renques das muralhas interiores em ordem a figurarem os varões, ou barras da grelha, uma porção do corpo da igreja para representar o cabo, e collocou nos angulos quatorze torres, que indicassem os pés do seu modelo extravagante. Se alguma licença poetica tomou foi em imaginar a grelha com os pés voltados para cima.

Seria preciso um livro para dar miuda descripção de tão vasta, e grandiosa fabrica: mas os nossos leitores farão idéa de sua grandeza, sabendo que comprehende 1860 camaras, e salas, 12000 janellas e portas, 4000 columnas, 80 escadarias, 73 fontes, 48 adegas, 51 sinos, e 8 orgãos. Tem no interior 1560 pinturas a oleo; e as pinturas a fresco, se fosse possivel reuni-las n'um só espaço do mesmo nivel, occupariam um quadrado de 1100 pés. Tem de circumferencia 4800 pés, isto é, quasi uma milha ingleza. Além do paço, o mosteiro, que foi habitado por 200 monges de S. Jeronymo, comprehendia dezesete claustros. Os jardins são vastos, as fontes, e as alamêdas magestosas. A bibliotheca, referta de raridades, e manuscriptos, contava cento e trinta mil volumes antes do incendio, que tambem consumiu muitos quadros, e outras preciosidades. A igreja, que foi construida pelo modelo da de S. Pedro em Roma, é obra maravilhosa, e [diz Mr. Inglis] sobrepuja a toda a expectação. O altar-mór com dimensões agigantadas é uma agglomeração de jaspe, de porphido, de marmore, e de bronze dourado, com infinita variedade de custosissimos ornatos. As riquezas da Hespanha, e de suas antigas colonias se exhauriram em tão soberbos materiaes. Com effeito é impossivel voltar os olhos para qualquer parte, que se não empreguem em raros thesouros da natureza, ou excellentes obras da arte. Alli nada é decepção, tudo é realidade: e o mais miudo exame em nada diminue, ou enfraquece o esplendido effeito do todo do edificio.

O Escurial é o jazigo dos reis d'Hespanha: foi fundado em 1563, seis annos depois da famosa batalha de Saint-Quentin.

A California e os seus habitantes.

A California, ou Nova Hespanha, é uma grande peninsula da America septentrional. Um golfo do mesmo nome lhe põe os limites da banda de leste: ao sudueste lava-a o grande Oceano. Tem de comprido 370 leguas; de largo, n'umas partes 10, n'outras 37. O seu primeiro descubridor foi Fernando Cortez [1526]; mas os hespanhoes só nella fizeram assento em 1679 erguendo um forte, a que pozeram nome *Nossa Senhora do Loreto*. O clima é excellente; mas o torrão é areento e arido: apesar disso, os valles por onde desagua alguma ribeira são fertilissimos, e produzem toda a casta de grão e de fructos; juncto ás suas praias acode muito peixe Criam-se neste paiz cavallos, machos, e gado cornigero. O ar é secco, mas grandemente sadio. Em 1883 a sua população orçava por 9:000 habitantes, porém pela maior parte selvagens. As perolas da California são de extremada valia. Esta provincia entra hoje no numero das que sompõem a confederação mexicana.

Os indios da California podemos po-los abaixo até dos esquimáus, na escala do genero-humano, sem que se lhes faça affronta. Habitualmente cujos e desalinhados como elles, não têem aquella singelleza e perseverança que honra os seus visinhos do norte: cabeçudos e madraços, só os esperta a necessidade extrema; e nas colonias de missionarios, chamadas missões, onde podem saciar a fome e a sede, para trabalharem é preciso força-los a isso.

Os homens são alentados, porém não musculosos, e de pouco viril apparencia: têem a pelle mui negra, e arremedos da raça dos pretos nas feições. Tambem as mulheres são de bons corpos, e de feições e membros bem despostas, mas feias; fazem todo o trabalho caseiro, e não inteiramente escravas do outro sexo. O cabello desta gente é longo e macio. Ambos os sexos serapintam o corpo; mas sem traça regular nos signaes que nelle fazem. Furam as orelhas, e mettem-lhes pedaços de pau de quatro e seis pollegadas de comprido, adornados de pennas. Enfeitam tambem os toucados com pedaços de madeira, de ossos, de dentes de animaes, e de madre-perola. Não usam de casta alguma de louça, mas de uns taes cestos, tão bem tecidos e cerrados, que até levam liquidos. As suas armas unicas são arcos e frechas, tudo feito de abeto, e levemente affeiçoado; e para reforçar o arco, que tem obra de tres pés de comprido, dam-lhes pela face posterior com certo grude feito de nervo de veado. As frechas são do mesmo comprimento, bastante delgadas, e armadas na ponta de pedaços de pederneira, aguçados, e de córte dentado.

O *temiscal* ou banho de vapor, de que desmedidamente gostam, é usança peculiar desta região da America do Norte. Consiste a casa do banho em uma tóca feita de terra amassada, cujo assento é quatro ou cinco pés abaixo da superficie da terra, e de fórma circular, de quinze a dezoito pés de diametro. Afora a entrada, que é uma estreita passagem, para o ar externo não entrar de subito, ha um pequeno buraco na parte superior, para dar saída ao fumo da fogueira accesa no centro do temiscal. Ao redor desta fogueira jazem os indios, embrulhados nos seus tapados cobertores, com os pés para o lume; e assim estão até cairem na debilidade nervosa, que causa a excessiva transpiração: neste estado saem daquelle forno, e se atiram a algum ribeiro d'agua fria, juncto dos quaes têem sempre a cautella de construirem os temiscaes.

Estes indios adoram certo genio mau, que segundo elles, preside a todas as cousas, e cuja colera elles crêem apasiguar com os seus cultos. Têem para si que este espirito é supremo, e que nenhuns agentes inferiores existem. Então convencidos de que ha uma vida futura, e de que depois da vida presente gosarão de bemaventurança n'alguma ilha deleitosa do firmamento, bemaventurança esta, que, medindo-a pelas idéas deste mundo, consistirá em prazeres sensuaes. Quando algum morre, tanto que dá o ultimo arranco, queimam-lhe o cadaver sem o mover do logar em que está; e não sendo as suas choças de custosa fabrica, costumam queima-las com o defuncto dono.

É quasi innumeravel a quantidade das pequenas tribus que ha na California; e o que é mais singular é fallar quasi cada tribu uma lingua, ou antes dialecto papticular, inintelligivel para as outras. Alguns dialectos têem a pronuncia aspera da linguagem dos esquimáus; outros são suaves e cheios de vogaes.

As choças dos habitantes da California são formadas de estacas cravadas no chão em redondo, e colmadas por cima: isto porque é preciso que sejam de facil construcção, visto as tribus mudarem frequentes vezes de assento. Ha occasiões em que força é lançar-lhes o fogo por causa dos vermes que não faltam nestas rudes habitações. O que é notavel é que abundando a California em cavallos, os indios deste paiz nenhum uso fazem delles.

Carlos 2.º e Guilherme Penn.

O celbre Guilherme Penn, povoador e civilisador da provincia de Pennsylvania na America ingleza, era um dos chefes da seita dos quakers em inglaterra: maltractado por suas opiniões religiosas, resolveu ir-se estabelecer no Novo Mundo com uma colonia dos seus coreligionarios, para o que comprou ao governo aquelle territorio, que delle tomou o nome. Estando para dar á vella d'Inglaterra, foi-se despedir d'elrei; e entre ambos houve o seguinte dialogo.

« Muito bem, amigo Guilherme, lhe disse Carlos 2.º; vendi-te uma excellente provincia da America do Norte; mas aposto que não tens tenção de ires papa lá, » — « Tenho sim, raplicou Guilherme: e é para me despedir de ti que cá venho. » — « Que! pois queres ir-te metter com os selvagens da America do Norte? — Que certeza tens tu de não estares a assar nas grelhas, duas horas depois de teres posto pé em terra? » — « A maior certeza possivel, retrucou Penn. » — « Duvido muito, amigo Guilherme. Não sei que seguridade possa haver contra esses cannibaes, senão um regimento de bons soldados com as competentes espingardas e baionetas; mas lembra-te que [desde já t'o digo] apezar da boa amisade que te tenho a ti e a toda a tua familia, a quem devo muitas obrigações, não mando comtigo um unico soldado. » — « Nem eu preciso dos teus soldados, respondeu Guilherme, porque tenho melhores fiadores de segurança. » Mostrou então elrei que desejava saber em que elle se fiava. — « E nelles mesmos — no seu sentimento moral — e até na graça de Deus, que elle reparte com todos os homens. » — « Receio muito, amigo Guilherme, que não a repartisse com os indios da America septentrional; porque se lh'a houvera concedido, elles não teriam tractado os meus subditos com tanta barbaridade como tractaram. » — « Isso nada prova, amigo Carlos. Os teus subditos foram os aggressores Quando elles chegaram pela primei-

ra vez á America do Norte, acharam aquella gente branda e humana quanto podia ser. Todos os dias os íam esperar ao desembarcadouro, faziam-lhes festa, e convidavam-os com tudo o que tinham. Em paga da hospilalidade dos chamados selvagens, os teus subditos que se chamam christãos, se lhes apossaram do paiz, e das selvas abastecidas de caça, para as arrotearem, e fazerem plantios! — Grande milagre, por tanto, que este povo tão offendido, caisse em desespero com semelhante injustiça, e que, ardendo em vingança, commetesse alguns excessos! » — « Pois bem, amigo Guilherme, espero que te não queixes se te tractarem do mesmo modo. » — « Nenhum medo tenho disso » replicou Penn. — « E como assim? Creio que tambem tens tenção de lhes entrar pelos bosques. » — « Sim: mas sem expulsar delles essa pobre gente. » — « Então como hasde tomar posse do territorio? » — « E que tenho assentado em comprar-lh'o. » — « Comprar-lhes as terras? Pois não m'as compras-te já a mim? » — « É verdade; e por signal bem caras; mas foi só para te fazer a vontade e pôrte de boa avença; não que eu pensasse que tinhas algum direito a ellas: nenhum por certo, amigo Carlos; porque nenhum titulo te vejo para isso. » — « Não? — e o direito de descobrimento? o direito que o papa e todos os principes christãos assentaram reconhecer uns nos outros. » — « Direito de descobrimento! — é exotico, em verdade, tal direito! Suppõe tu, amigo Carlos, que algumas barcadas destes indios, attravessando o mar, e descobrindo esta ilha, vinham demandar a propriedade da Graã-Bretanha como cousa sua, e po-la á venda nas tuas barbas, que dirias tu delles? » — « Mas... mas... Confesso que lhes levaria isso em conta de desmarcada impudencia. » — « Ora pois, bem: como ousas tu, principe christão, fazer aquillo mesmo que condemnas naquella gente que chamas selvagem. Sim, amigo Carlos, suppõe mais, que estes indios, recusando tu entregar-lhe a ilha, te declaravam guerra, e, tendo armas mais destruidoras do que as tuas, acabavam com grande parte de teus subditos, e levavam o resto comsigo: não julgarias tal procedimento horribilissimo? » — Elrei deu mostras de estar convencido. Então Penn continuou: « Está bem: como poderei eu, pois, que sou christão, fazer o que detestaria n'um pagão? Certo que não o farei: mas comprarei as terras a seus donos, que são os indios. Procedendo assim imitarei a justiça e a piedade de Deus, e attrahirei as bençãos delle sobre a minha colonia. »

A Pennsylvania brevemente se tornou florescente, e existiu setenta annos [durante o qual tempo a governaram os quakers] sem nenhuma força senão a vara do magistrado civil — e durante estes setenta annos nem uma só vez foi accommettida por inimigo algum.

O verão na America do Norte.

A estação particularmente designada por este nome é muito celebrada em todos os livros, que descrevem as paizagens, e o clima da America septentrional; mas nem por isso é devidamente appreciada na Europa. Suppurá muita gente que o verão alli é a volta periodica de um tempo sereno, e de sol claro e resplandecente depois dos frios, — uma renovação dos calores, e esplendor de Julho: mas não é assim. O verão das Indias Occidentaes é dotado de pouca belleza; e se caisse em outra parte do anno, ninguem faria caso delle. Seu unico attractivo para o estrangeiro é a novidade; e para os naturaes a repetição dos regozijos do paiz depois da diminuição apparente das invernadas.

Tendo-se deitado n'um quarto bem resguardado, ergue-se o estrangeiro em a primeira madrugada do verão, admirado do tepido da casa: ao abrir da janella, a sensação da bafagem do ar é deliciosa, serena, e morna; faz gosto aspira-la. Se está em cidades, vê os campanarios das igrejas banhados d'uma claridade branda e especial, e as extremidades das ruas perderem-se n'um fundo azulado. Se está no campo, observa o ceu limpo de nuvens, e d'um azul pallido. Os rios parece jazerem sem movimento quando o rubicundo esplendor do sol matutino illumina suas correntes e meandros; as arvores idosas das selvas parece remoçarem-se sombreadas por um clarão azul escuro. As primeiras madrugadas desta estação são as mais placidas do anno.

A fumaça apparente da atmosphera tem occasionado alguns equivocos ácerca da origem deste verão americano. A sua causa permanece obscura; e ainda não ha plausivel explicação da sua invariabilidade; porque sempre occorre na mesma epocha, e desapparece ao cabo de tres dias. Suppozeram os primeiros colonos que este tempo pardo e quente era causado pelas queimadas, que faziam os indios nas caçadas do outono, e pelas conflagrações dos bosques, que abandonavam. Mas esta lembrança passa agora por absurdo. É muito improvavel que estes incendios se ateassem sempre na mesma epocha, e que o seu fumo se espalhasse simultaneamente a tão larga extensão de territorio, e aturasse unicamente por tres ou quatro dias. Além disto é averiguado que o mesmo verão occorre onde já não ha indios, e os fogos das mattas são raros e limitados. Espera-se que as causas se descobrirão com o progresso da meteorologia, antes que o phenomeno desappareça. Parece certo que a circumstancia notavel desta estação é menos distincta no centro da porção do paiz largamente cultivada e povoada, do que nos desertos e terrenos bravios; e que assim acontecia, segundo o testemunho de pessoas que ainda vivem, quando esta porção era inculta. Se desapparecerá inteiramente, ninguem póde dize-lo, visto ignorar-se a sua natureza.

A minha primeira experiencia do verão da America do Norte foi na verdade deliciosa. Tinhamos sido compellidos por um temporal a dessitir de uma viagem pelo lago Erio. Os ventos invernosos tinham gelado e abatido todos a bordo. Os passageiros andavam de mãos nos bolsos, passeando todo o dia no convez, e as senhoras estavam encantoadas nos camarotes. Varias vezes o nosso capitão tentou sair da enseada de Erio na Pennsylvania para o lago, que estava crespo e agitado; e outras tantas se viu obrigado a recolher. A maioria dos passageiros desviados da sua viagem, foram obrigados a sugeitar-se ao capricho dos elementos. Porém eu, e mais alguns, desembarcámos, anciosos de nos aquecermos a bom fogo.

Dahi a poucas horas experimentei extraordinaria mudança. Sobreveio o verão indiano quando eu chegava a Meadville. Juncto com meus companheiros andei por fóra todo o dia, gozando o ultimo tempo benigno do anno. A atmosphera estava balsamica como em Maio, e avermelhada como em Outubro na Europa. Tudo estava em profunda serenidade, nem a leve viração bolia nas folhas do arvoredo. Nenhum som se escutava, salvo o correr dos esquilos pelas folhas seccas, e aqui e acolá a queda d'algum côco, que debalde esperára por mãos que o colhessem. O sol amarellado espalhava um clarão pallido por entre as quebradas, expellindo as sombras, sem scintillar: tudo representava um luar distincto e placido.

Em toda a tarde, durante a nossa jornada, tivemos ampla occasião de observar o effeito da estação nos habitantes do paiz. Andavam todos tão boliçosos,

quanto os bosques estavam tranquillos. Passámos por Seager, estabelecimento hollandez fundado em 1826. Tudo alli respirava satisfação, e regozijo. Os moradores saíam de seus lares para os *stoups*, terreiros que correm por ambos os lados das habitações. As mulheres vinham costurar, e fiar para a rua; as creanças brincavam e pulavam de contentes, e até os decrepitos se mechiam para desfructar a benignidade do ar. Estava tudo em perfeito movimento.

Podémos gozar desta breve estação em todo o seu auge, e plenitude, porque Meadville, e todos os estabelecimentos circumvisinhos tinham sido recentemente fundados. Uma rapariga se lembrava de colher fructos sylvestres onde era a rua principal de Meadville.

Era o 1.º de novembro; e poucos dias depois, já os ventos de travessia tinham varrido as ultimas gotas d'orvalho das folhas das arvores agrestes, e as rodas da nossa caleça deixavam vestigios sobre tenues camadas de neve. O verão indiano tinha diffundido a sua jucundidade, e desapparecido.

Mananciaes de Petroleo, e de Naphta.

Petroleo quer dizer oleo de pedra, e designa toda a substancia bituminosa liquida que mana d'entre pedras, de rochedos, ou de varios logares na superficie da terra. E de muitas castas, que se distinguem pelo pezo, calor, consistencia, e inflammabilidade. Chama-se geralmente *naphta* ao petroleo mais leve, mais transparente, e inflammavel; *petroleo*, propriamente dicto, a um bitume liquido de côr pardo escuro; e *pêz*, ou *resina mineral* a um bitume negro, denso, pouco liquido, tenaz, e pegajoso. Todas estas substancias se acham em diversos logares.

A especie mais pura existe em grande quantidade na Persia, na costa do nordeste do mar Caspio. A terra nestas paragens é *marna* argilosa, repassada de naphta. Os naturaes cavam poços de trinta pés de fundo, onde o oleo de naphta se ajunta pouco a pouco, e assim lhes fica facil extrahi-lo. No paiz serve em vez d'azeite para as luzes; e até mesmo de lenha, que alli é rarissima, para os misteres da cosinha. Para este fim deitam nas fornalhas alguns punhados de terra, e as humedecem com o tal oleo de naphta, e largando-lhe o fogo, com a cautella de irem mechendo, e atiçando este mixto, conseguem cozer a comida tão prestes como com a lenha. E verdade que esta combustão exhala denso, e copioso fumo, de cheiro mui desagradavel, mas os tartaros ja lhe estão affeitos.

Perto destes mananciaes, que indicámos, jaz um territorio, de cuja superficie sae o oleo de petroleo em quantidade immensa, e arde constantemente n'um espaço de quasi quarto de legoa em redondo. Está a curta distancia do porto de Rakou *(Albanopolis)* sobre o Caspio; é o logar da romagem dos parsios, ou guebros, que noticiamos em o n.º antecedente, e a Meca destes idolatras adoradores do fogo. Todos os que na india seguem a religião dos antigos Magos, ou de Zoroastro, vem a esta paragem, se podem, ao menos uma vez na vida, practicar os seus exercicios de devoção, e obter a remissão dos pecados. Aqui acreditam elles que existe o fogo perpetuo, ateado com a chamma primitiva communicada pelo ceu a Zoroastro. Os peregrinos, que chegam, se accommodam em varios templos de pedra, muito antigos, o que não passam d'umas pequenas abodadas; e estão cercados com uma muralha baixa, e servem tanto de capellas como de hospedarias aos devotos, sendo a mais central, que é a maior, especialmente destinada ao culto religioso. Em todas estas casas se obtem lume pela ignição do gaz, que surge do terreno, conduzido a alguma altura do nivel do chão por meio de certos tubos, ou funis encravados neste. Produz-se a combustão applicando alguma substancia inflammavel á extremidade dos tubos. Na capella central arde constantemente o chamado fogo perpetuo dos parsios. A flamma é parecida com a do espirito do vinho; desmaiada, mas clara; sem fumo, porém acompanhada de um vapor sulphureo, que impede a respiração a quem se lhe approxima. Quando se extingue, ouve-se um som baixo, applicando-se o ouvido ao orificio dos tubos, e é muito perceptivel a subita queda da columna d'ar frio.

Em outras partes da mesma provincia de Schirvan brotam mananciaes, mais ou menos copiosos, da naphta branca, e preta, de que tira o governo considerável rendimento. A naphta branca é mais rara que a preta, de mais tenue consistencia, e de maior valor no commercio. Os russos, persas, e indios fazem subido conceito das virtudes cordiaes, e medicas desta substancia, e a applicam internamente para uma longa lista d'enfermidades, e como medicamento externo na cura das affecções escorbuticas, e das rheumaticas. Fornece tambem um verniz bello, e duradouro; empregam-na em tirar nodoas das sedas, e estofos de laã, e dissolve perfeitamente a gomma elastica. Esta naphta fluctua na superficie de certas fontes, ou pequenos lagos, principalmente na peninsula de Apcheron, e a apanham, e guardam em jarras. A preta é um bitume, ou pez mineral, a que não attribuem tantas virtudes, mas é de grande utilidade nos usos da vida, para os povos d'aquellas visinhanças do Caspio, onde é o combustivel essencial da gente pobre.

Na Europa, em varias paragens da França, e principalmente da Italia, se acha o petroleo, e a naphta. O mais puro vem de Monte-Claro, perto de Placencia. Na Sicilia ha um pequeno lago encostado a uma collina, onde se divisam restos das ruinas da antiga cidade de Palica. De inverno os pequenos tanques ou caldeiras d'agua, de que se compõem, formam um só, e ainda então não excede 120 pés de diametro. De verão está repartido em cinco ou seis daquelles pegos. Assim, com as aguas baixas, são visiveis muitas fendas, e buracos, por onde rompem constantemente correntes d'ar impuro, porém quando estão cobertas d'agua produzem pela evasão desse ar pequenos repuchos mui galantes. Os vapores, que de continuo passam por esta superficie são em extremo insalubres, e evidentemente de origem volcanica. Os pastores da visinhança têem a cautella de nunca apascentarem as suas ovelhas, senão em a margem para onde o vento, que sopra, não carreia os vapores do lago.

Em Coalbrookdale, em Inglaterra, existe um manancial de petroleo, que nasce d'uma mina de carvão mineral. Estes oleos vem muitas vezes, nas paragens onde abundam, á superficie das aguas, e por isso se podem facilmente colligir. Nas alturas das ilhas de Cabo-Verde ja se tem encontrado grandes massas de petroleo sobrenadando no mar. Quasi sempre se acha nos logares onde os volcões activos estão collocados nas immediações de camadas de carvão mineral; e deste petroleo por distillação se obtem uma naphta mais artificial. Porém os chimicos do nosso tempo obtiveram outra em resultado de suas exprieneias. O carvão elaborado para a formação do gaz de illuminação, deixava um liquido de cheiro mui desagradavel, chamado *alcatrão de carvão*, e que do principio foi empregado, como o alcatrão ordinario, para cobrir madeiras expostas ao rigor do tempo &c.; porém, além do seu mau cheiro, gastava muito tempo a enxugar, pelo que caíu em desuso. Depois se desco-

brir um methodo, pelo qual as mais volateis partes se separam por distillação, e resulta uma naphta artificial muito pura, em fórma de um fluido prefeitamente descórado. Começaram empregando-o, em vez de azeite, em candieiros de construcção particular, e dava uma boa luz, e clara; porém a sua mais valiosa propriedade é a de dissolver a gomma ilastica, que sécca, e endurece exposta ao ar; e serve a uma infinidade d'outros destinos, sendo mais um exemplo da applicação dos descobrimentos chimicos ás artes uteis da vida.

A maior parte dos naturalistas, e dos chimicos attribuem a formação dos petroleos á decomposição dos bitumes solidos, que esconde a terra, effectuada pelos fogos subterraneos. A naphta parece ser o oleo mais leve, que o fogo desembaraça primeiro: o que lhe succede, adquirindo densidade, fórma as diversas castas de petroleo. Em fim este ultimo, unido a algumas substancias estranhas, toma o caracter do *pêz mineral*, que se chama asphalto, e pissasphalto, conforme a consistencia mais ou menos forte: o que confirma esta opinião é que todas as especies de petroleos desde a *naphta* mais leve até o *pêz* ou *resina mineral*. se acham frequentemente no mesmo logar.

O asphalto e pissasphalto abundam no Mar-Morto, na Palestina, chamada tambem Lago Asphaltite, porque encerra abundantes mananciaes de bitume. Sobrenada á superficie: primeiro é liquido e viscoso, mas condensa-se a pouco e pouco, e faz-se tão duro, como resina secca. O cheiro fetido e agudo, que exhala aquelle mar, é mui noctivo á vida. Affirmam alguns que nem sustenta peixes, nem as aves o podem cruzar: porém os viagantes modernos não dão o facto por provado, e ultimamente Mr. Lamartine, que diz: « A obra de alguns centos de passos do Mar-Morto disparei a espingarda e matei alguns passaros semelhantes a patos bravos, que se levantaram das margens apaúladas do Jordão. Se o ar do mar lhes fosse mortifero, não viriam tão perto arrostar os vapores mipbiticos. » Este mar tem sido visto, mas não explorado, porque ainda se não tentou a sua circumnavegação. Dizem que os seus bitumes serviram outrora para a construcção dos famigerados muros de Babylonia, Os Egypcios tambem untavam com aspbalto as faxas em que enrolavam os cadaveres, e reduzido a pó, misturado com o de plantas aromaticas, e enchiam e tapavam com esta massa as cavidades internas das momias, onde se tem achado perfeitamente conservado.

Trigo gigante ou de sancta helena.

Ha 12 para 13 annos que Mr. Noisette, a quem a França deve o conhecimento e introducção de muitas especies e variedades de vegetaes exoticos, recebeu da ilha de Sancta Helena alguns grãos de uma nova variedade de trigo, a que elle pelo tamanho que tinha chamou *trigo gigante*. As espigas são grandes, e bem fornecidas de grãos muito grossos, e armadas de fortes barbas: a palha é enorme, tanto em grossura como em altura: a producção desta semente é muito superior á de todas as outras variedades conhecidas, produzindo cada pé de 12 até 14 e mais espigas, que contém cada uma 75 a 80 grãos, e as mais bem creadas até 120 [1]. A sua cultura não differe da das outras variedades, e póde semear-se tanto no inverno, como na primavera: em quanto á sua farinha, tem-se conhecido conter entre 9 e 10 por cento de gluten, e ter muita analogia com as farinhas de Moissac, muito estimados em París, pela superior qualidade do pão que dellas se faz.

Noisette, para poder fornecer aos cultivadores francezes a necessaria semente deste tão vantajoso cereal, o cultivou primeiramente no seu vasto viveiro de París, e na sua herdade de Borgonha; o seu preço, porém regulava ainda em 1834 por duas moedas o alqueire. O Sr. Pereira Rubião, portuguez distincto, que grandes serviços tem feito á industria e agricultura portugueza, o intruduziu no nosso paiz, remettendo nesse mesmo anno uma porção delle ao Sr. Manuel Alves Ferreira Pinto Villar, proprietario e residente em Villa-Nova de Gaia, o qual semeando-o pela primeira vez em 1835, acha-se hoje nas circumstancias de fornecer a quantidade, que estiver em proporção com a sua actual colheita.

Não trabalaharemos por inculcar aos agricultores de cereaes esta importante semente: o bom juizo de cada um basta para fazer perceber as vantagens, que se podem tirar da propagação do trigo gigante em Portugal.

(1) Um cultivador francez, dando parte a Mr. Noisette do resultado da cultura desta nova variedade de trigo, entre outras cousas lhe diz, que um pé produzira 17 espigas que continham 1370 grãos, e que a mesma extensão de terreno que produz sessenta e cinco alqueires de outro trigo produzirá centu e trinta de trigo gigante. isso é, o dobro.

Do espirito de ordem. — É uma preoccupação, infelizmente acreditada, que o espirito de ordem é partilha das almas apoucadas. Muitos se accusam na sociedade de serem faltos de arranjo, ou de ordem, como muitos tambem se accusam de serem demasiado bondosos, ou demasiado francos, sensiveis, &c. com essa orgulhosa humildade, que é uma isca indirecta para pescarem elogios. Nesta opinião vai um erro pernicioso. Não têem distinguido que se nas pessoas de mediocre engenho o espirito do homem degenera em ridiculas minucias, a culpa é do caracter acanhado dessa gente, e não do *habito de collocar tudo no seu respectivo logar*. Não é este o que apouca as almas, pelo contrario são as almas apoucadas que o desfiguram, applicando-o a bagatellas; porem o mau uso que uma pessoa faz de qualquer qualidade nada argue contra essa mesma qualidade. Longe de ser incompatitvel com o desenvolvimento da intilligencia, o espirito de arranjo, ou de ordem o auxilia, e facilita; estabelece em o nosso entendimento uma especie de serviço regular de todas as nossas faculdades, que dobra a força de cada uma, fazendo-as obrar por seu turno, e em tempo opportuno. Mas é sobre tudo em a nossa felicidade que elle exercita a sua influencia salutar; arranja a vida como uma casa bem disposta, onde o proprietario acha todas as commodidades; previne as magoas, e assegura o futuro. Finalmente milhares d'exemplos que temos á vista pelo mundo, nos provam que o espirito de ordem póde muitas vezes substituir o gran superior da intelligencia, da força, da actividade, e as demais qualidades, que nos ajudam a trilhar o caminho da existencia, ao passo que nenhuma dellas o substitue. Os dons naturaes, ou adquiridos, nos encaminham aos resultados; porém só o espirito de ordem torna os resultados proveitosos.

Aquelles que são crueis para com os animaes, e, esquecidos de que estes entes sentem, e soffrem como nós, os maltractam sem proveito, deveriam pelo menos lembrar-se, de que é preciso poupar o servo de que carecemos. — *Simão de Nantua.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

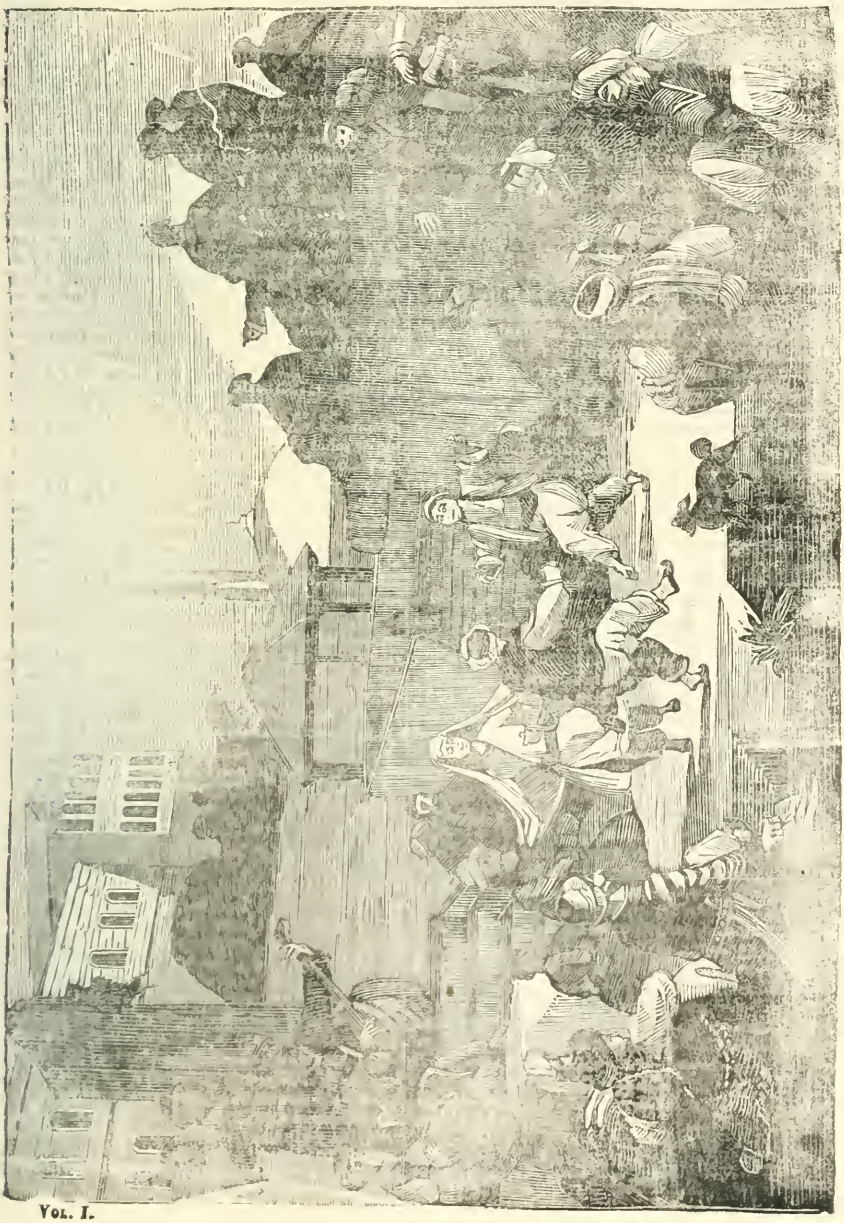
OPANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

34) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 2, 1837.



FESTA TURCA.

FUNCÇÕES TURCAS.

A INDOLENCIA dos turcos é proverbial. Custa a descrever a gravidade, e apathia fleumatica, que constituem as feições distinctivas do seu caracter: todas as suas maneiras e costumes encaminham-se a nutrir, especialmente nas classes mais subidas, um amor quasi invencivel das commodidades, e do ocio voluptuoso. Parece que a sua unica regra geral é nunca se incommodarem por cousas, que lhes seja possivel mandar fazer por outrem; e a observam exactissimamente, até nas minimas bagatellas da vida domestica. Um nobre turco, que se ageita e encosta no canto d'um sophá, faz seu fincapé de grandeza em não bolir-se dalli; e gravissimo, e de summa importancia será o negocio, que o obrigue a largar a postura. Se carece de qualquer objecto, ainda que esteja alli ao pé, chama os escravos batendo as palmas, como nós usamos tocar a campainha, e ordena-lhes que lh'o tragam: offenderia a sua dignidade se se erguesse a ír tomalo. Este habito de inacção reina do mesmo modo no sexo feminino: uma senhora turca não erguerá um lenço, que lhe caia, tendo servo que lh'o apanhe.

Aquelle, que possue proporções para passar a vida sem trabalhar, fecha o círculo da existencia n'uma absoluta ociosidade: a sua principal occupação é fumar em um cachimbo, ou *chibuque*, como lhe chamam; e leva neste divertimento horas a fio. Sae de casa ás vezes, e vae até o botequim, onde se apega novamente ao cachimbo, e bebe sua taça de café: passeia affectando dignidade, com passo vagoroso, porte mui direito, e olhar grave;—nem olha para os lados, apenas se digna lançar a vista sobre os objectos, que lhe atravessam o caminho. É porém extraordinario, que com tal habito de viver, não falte aos turcos distinctos o vigor corporal, e a susceptibilidade de supportar fadigas; porque quando teem de fazer longas jornadas, como por exemplo, indo tomar conta do governo d'alguma provincia remota, andam a cavallo centos de leguas sem mostras de cansaço.

Os divertimentos deste povo são mui limitados, e adequados ao seu caracter. Não teem jogos, ou espectaculos publicos—nem outros meios de diversão, de que usam muitas nações (vid. Panorama N. 20, pag. 157); e são-lhes desconhecidas as representações dramaticas. Em algumas occasiões o sultão recreá os seus vassallos com a funcção do *Djerid*, ou justas dos turcos, e outros divertimentos executados em campo descoberto: e concorre sempre grande tropel de povo a aproveitar-se da bondade do grão senhor. O Dr. Madden presenciou uma destas festividades, dada em honra do nascimento d'um principe imperial; e diz que nunca assistiu a um espectaculo tão solemne, e variado, como o que offerecia a immensa multidão de gente por esse motivo congregada, e que subia a mais de sessenta mil pessoas d'ambos os sexos, e de todas as diversidades de trajos orientaes, assentadas pelos lados obliquos d'um amphitheatro natural, presidindo o sultão, magnificamente vestido, e com uma luzida comitiva d'escravos brancos e pretos. Centenares de cavalleiros galopavam na planicie para uma, e outra parte, brandindo ao acaso o *djerid* (especie de cacete curto), ora assaltando os que lhes estavam mais proximos, ora perseguindo os desarmados. A destreza dos combatentes, evitando estes arremeços, é grandissima; ainda que nestes jogos algumas vidas se perdem, e alguns damnos acontecem. Nunca porém os accidentes funestos interrompem os brincos, que proseguem regularmente. Depois do *djerid* vieram os luctadores, nús até a cintura, e untados d'azeite: prostraram-se varias vezes ante o sultão, e começaram a mostrar sua pericia. Toda a sua industria consiste em se atracarem pelas cadeiras; o que tem mais força faz perder campo ao adversario, e o derriba, caindo com todo o vigor sobre elle. A musica ajudava a dissipar o enfadamento, em quanto não occorria algum desastre: até que, por fim, um miseravel ficou espantosamente estropiado, e foi recolhido do campo, ao som de estrepitosos applausos ao vencedor. Seguiu-se o combate do urso; mas o animal, que tiraram ao terreiro, estava pouco de maré para pelejar, e debalde os cães lhe arremetteram. Durante todos estes passatempos os escravos iam, e vinham das chusmas para o sultão, trazendo petições, que o grão-senhor não deixava de acceitar; mas de raro achava tempo para as ler. A retirada do urso pacífico findou estes brincos brutaes, e todos, á excepção das amizades do morto, e dois feridos, davam mostras de se haverem recreado grandemente.

Todos os raros divertimentos deste povo teem o mesmo ferrete de barbaridade. As suas recreações sociaes são muito poucas. Difficil é fazer idéa do modo porque os turcos d'ambos os sexos passam o tempo em casa. Alguns delles são em verdade estudiosos, ainda que a pluralidade mais se occupa em negocios de dinheiros, e de interesse pessoal. Quando estão dispostos a entreterem-se, as suas diversões são contar historias, e bons ditos, e jogar o xadrez, ou as damas, e ás vezes ver os dançarinos, e musicos, que ganham a sua vida exercitando suas respectivas profissões em varios sitios da capital. Quando jogam é por mero divertimento: ninguem detestam tanto como quem joga a dinheiro;—teem-no por peior que um ladrão de estrada, e crêem que o seu crime receberá no futuro severissimo castigo.

Os seus contos, e ditos, são chocarrices grosseiras, e plebeias, e se algum da companhia não tem graça para isso, toca esta tarefa a algum familiar, ou grego, ou armenio, ou judeu. O contador se põe no meio da casa, e alli repete o seu sarapatel; entretanto o grave turco vae fumando em seu cachimbo ao canto do sophá, e larga de quando em quando uma risada deseuxabida. Ás vezes o buffão recebe a paga de suas graçolas em maus tratos de todo o calibre, e não poucas sae com os queixos e ventas em sangue.

As danças, e as musicas são prohibidas pela lei musulmana: pelo menos tal é a interpretação, que lhe dão os seus commentadores, fundados nas tradições de seu propheta. Todavia existem nas grandes cidades bandos de dançarinos, e musicos; mas só apparecem em occasiões solemnes, e são admittidos ás casas particulares unicamente nos casos de grandes festejos. Os dançarinos são quasi exclusivamente gregos; é raro ver musulmanos entre elles. Parece comtudo estranho (a não dar-se como causal o absoluto despreso dos turcos para com os gregos, que avassallaram) como nascendo ambos estes povos no mesmo clima, e vivendo misturados ha tantos seculos, ainda não adoptaram uns a hilaridade dos outros, vendo os turcos entregues os gregos de contínuo a musicas, cantorias, e danças, sem que se resolvam a fazer côro com elles na mesma folia. Porém quando um turco opulento dá uma funcção a seus amigos pelo successo feliz d'um nascimento, ou d'um matrimonio na familia, os bandos de dançarinos são divertimento de tarifa, e ainda que se não distinguam por elegancia, ou graciosidade, são accommodados ao gosto dos espectadores, e sempre applaudidos. Em Constantinopola as paragens frequentadas pelos pelotiqueiros, musicos, dançarinos, e caturras são os botequins, especialmente no bairro de Galata

A nossa gravura representa um divertimento destes, presenciado pelo viajante francez, Mr. Choiseul-

Gouffier, e que foi dado pelo agá, ou governador turco de Eski-Hissar, povoação situada onde era a antiga cidade de Estratonica, na Asia Menor, ou Anatólia. Nesta occasião a récita de versos precedeu á dança.

Barbas e barbear.

Sobre as vantagens comparativas de usar a barba crescida, ou cortada, não é facil decidir. A favor das barbas tem-se argumentado com dizer que, se a natureza nos deu este adorno, é para que o usemos, e por que, segundo affirma Tertuliano, o corta-las «é blasphemar contra o rosto.» Certo é que uma barba povoada, e bem penteada accrescenta a gravidade do aspecto, e, mais que tudo, dá grande expressão aos olhos. Se compararmos retratos barbados, a outros sem barbas, acharemos que a vantagem toda fica aos primeiros. Na Turquia é impossivel comparar os homens, que se vão arranjando á europea, e fazem a barba, com os afferrados a esta e ao trajo nacional, sem conhecer que aquelles são (para nos servimos de um simile oriental) gallinhas depennadas, comparados com estes. Falla-se muito do aspecto nobre e magestoso dos turcos; mas a maior parte da sua dignidade consiste nas barbas e vestuario. Afora estas considerações, note-se o incommodo de fazer a barba, o qual fez dizer a Seume, escriptor allemão, notando no seu *Diario* quando deixou de usar polvilhos—«Hoje deitei a borla dos pós pela janella fóra: quando chegará o bemdito dia, em que vá atraz della o estojo das navalhas!»

Ha quem por outro lado pondere, que tendo-se sempre usado o rapar as barbas, entre todos os povos, quando chegam a alto grau de civilisação, é porque se achou que o deixa-las crescer era incompativel com a delicadeza e apuro dessa civilisação. Accresce, que entre todas as nações barbadas, a barba gosou sempre de certa santidade, que a preservava de toda a casta de violação; e como a tendencia da civilisação é desarreigar as preoccupações, esta havia soffrer como as outras, e os homens andariam em contínuo risco de gracejos pesados, e de brincos de mãos, a que um adorno tão conspicuo devia necessariamente convidar. Além disto, póde-se perguntar se o cuidado que a barba exige para a conservar limpa e decente, não seria igual ao ter de a rapar? Pelo que toca ao aspecto, é indubitavel que o que perdem os olhos com a falta da barba, é plenamente compensado pelo que ganha a apparecia da boca. Em summa: pela experiencia de varios europeus, que teem usado de barbas em outras partes do mundo, o que se póde concluir é, que a regra nesta materia, para cada um se barbear ou não, depende da conveniencia que dahi resultará para a sua edade, circumstancias, intentos, ou inclinações.

O costume de fazer as barbas provavelmente nasceu de se conhecer que nas batalhas o inimigo poderia segurar por alli o seu contrario. A esta causa se attribue o barbearem-se os gregos, no tempo de Alexandre; e com effeito vemos que em quasi todos os paizes tal costume começou pelos militares, e que os homens dados a trabalhos pacificos e ás lettras conservaram por mais tempo as barbas. Os gregos continuaram a barbear-se até o tempo de Justiniano, durante cujo reinado as barbas compridas tornaram a ter voga, e duraram até a tomada de Constantinopola pelos turcos. Parece que os romanos tomaram dos Sicilianos, que eram de raça grega, o uso de cortar as barbas; porque lemos em antigos autores, que deste paiz foram mandados para Roma grande numero de barbeiros, no anno 296 antes de Christo; e que o apuro de fazer a barba todos os dias, foi introduzido nada menos do que por Scipião Africano. Quando expirou a republica, as barbas compridas se tinham tornado rarissimas, e os historiadores mencionam o susto, em que viviam alguns imperadores, de que os barbeiros lhes cortassem as goellas. Hadriano, para disfarçar as cicatrizes que tinha no rosto, começou a usar de barbas, e isto tornou a dar-lhes voga; mas tal moda não lhe sobreviveu muito; posto que os dois immediatos successores de Hadriano ussassem de barbas, como philosophos que eram. Entre os romanos o barbearem-se não começava com o despontar da barba; a mocidade usava-a crescida por algum tempo, e a primeira vez que se fazia era com grandes ceremonias. Faziam esta operação aos filhos de pessoas nobres pessoas ainda mais nobres do que elles, ficando por este acto paes adoptivos ou padrinhos dos recem-barbeados. Tal dia era um dia de festa: faziam-se visitações aos mancebos, que recebiam nesta occasião presentes dos seus amigos, e os cabellos cortados então eram solemnemente consagrados a alguma divindade—usualmente aos deuses penates.

As antigas nações da Allemanha cortavam a barba, salvo a do beiço superior, não consentindo, comtudo, que os mancebos a cortassem, sem terem morto um inimigo em alguma batalha. Os godos, os francos, os gallos, e os bretões tambem usavam só de bigodes, que deixavam crescer descompassadamente. Os saxonios andavam de barba crescida; mas, quando se converteram ao christianismo, começaram os seculares a imitar o clero que a trazia rapada; apesar disto conservaram sempre bigodes. Os normandos cortavam a barba toda, e tinham tão grande teiró com a barba crescida, como um signal de miseria, que aonde quer que chegavam eram accesos apostolos da rasoura.

Entre nós as barbas se usaram desde o começo da monarchia até o tempo de elrei D. Duarte, em cujo reinado parece as traziam só os que eram militares, e os que andavam de luto. Nos fins do seculo quinze, e em grande parte do seculo dezeseis, tornaram a ser moda. Desde a usurpação dos Philippes as barbas portuguezas foram desapparecendo; e Fr. Gaspar de S. Benardino, que escrevia por 1600, lamenta que os homens do seu tempo as tivessem mudado para as grandes trunfas que traziam na cabeça.—Por 1640 parece que as barbas quizeram resuscitar em Portugal; e D. Francisco Manoel moteja nos Apologos dialogaes daquelles que queriam fazer-se graves e respeitaveis, trazendo-as crescidas e penteadas... A moda não pegou, e as barbas foram desterradas, até os nossos dias. Durante a guerra civil de 1832 e 1833 os militares deixaram, geralmente, crescer as barbas, principalmente os do exercito libertador; mas, acabada a guerra, as barbas teem outra vez desapparecido.

Como acima dissemos, os normandos faziam guerra crua ás barbas. Em consequencia disto, quando se assenhorearam de Inglaterra, trataram de persuadir e obrigar os inglezes a rapar os bigodes. Cedeu o maior numero á necessidade; mas houve inglez cabeçudo, que antes quiz sair do seu paiz do que depenna-las. Voltaram, comtudo, ainda dias serenos para as barbas inglezas. No 14.º seculo tornaram a ser moda, e continuaram a se-lo até o principio do 17.º Neste tempo começaram-se a aparar e encurtar, e brevemente as deixaram de todo, escapando só os bigodes. Estes mesmos foram a terra no principio do seculo 18.º

Na França o ultimo rei que usou de barbas foi Henrique 4.º Succedeu-lhe um menor imberbe: por lisonja a este os cortesãos cortaram as barbas, á ex-

cepção dos bigodes. Tocando depois a successão a outro menor, o costume prevaleceu, e até os bigodes desertaram por fim. Os hespanhoes começaram a barbear-se quando os inglezes e francezes ja iam deixando os bigodes. A subida de Philippe 5.º, principe barbeado, ao throno de Hespanha, deu cabo das barbas hespanholas. Com dôr profunda os cortesãos imitaram o principe: o povo com mais profundo sentimento imitou os cortesãos. Este sentimento ainda é lembrado no proverbio castelhano, que diz: «Perdemos as barbas, perdemos a alma.»

Pelo que toca ás barbas do clero, como as modas deste foram diversas das dos seculares, devemos fallar dellas em separado. Varias vezes foi ordenado ao clero do occidente usasse de barbas, com o pretexto de que o barbear-se era um costume de homens afeminados, e que nas barbas estava a gravidade do caracter ecclesiastico: n'outras occasiões se ordenou que os ecclesiasticos se barbeassem, na idéa de que era mui provavel que a soberba se aninhasse debaixo de uma veneranda barba. Conta-se que Guilherme Duprat, bispo de Clermont, que assistiu ao concilio de Trento, e edificou o collegio dos jesuitas em París, tinha uma das mais formosas barbas nunca vistas. Era formosa de mais para um bispo; e os congressos da sua sé, reunidos em pleno capitulo, tomaram a barbara resolução de lh'a deitar abaixo. Em consequencia do que, a primeira vez que appareceu no côro, o deão, o arcipreste, e o chantre, se chegaram ao pé delle munidos de tesouras, navalhas, sabão, bacia, e agua quente. O bispo, vendo isto, tomou as de villa-diogo, e foi afferrolhar-se no castello de Beauregard, duas milhas distante de Clermont, onde caiu doente de afflicção, e onde brevemente morreu.

Segundo a regra de algumas ordens monasticas, os monges leigos eram obrigados a usar de barbas crescidas, e os de missa a barbearem-se. As barbas dos noviços eram bentas com muitas ceremonias; e ainda existem certas resas, que se diziam quando se offereciam ao ceo as barbas de qualquer sacerdote, e este se rapava pela primeira vez. Havia nos mosteiros casas destinadas a este mister, a que chamavam *casa de rasoura*. Os ecclesiasticos da egreja grega eram grandes fautores da barba; e quando entre esta e a egreja de Roma houve inteiro rompimento, os catholicos cairam mais decisivamente do que nunca no extremo opposto. Porém a disciplina sobre este objecto não esteve sempre em vigor, sobretudo pelo que respeita ás altas dignidades ecclesiasticas; porque depois disso vemos retratos de cardeaes e bispos com barbas. Os primeiros bispos da egreja protestante usavam commummente de barbas; mas o proprio Martim Luthero, que tinha sido monge, apparece sempre retratado sem este enfeite.

Casas de neve.

As habitações de inverno dos esquimaus que vem ás vezes a Churchill, são construidas de neve, e, ainda que impossivel isso pareça, são mui commodas e bem reparadas. Um delles edificou uma, a qual vimos fazer, e que vamos descrever. Tendo escolhido um sitio junto ao rio, onde a neve tinha quasi dois pés de profundeza, e era sufficientemente compacta, elle começou a obra traçando um circulo de doze pés de diametro. A neve que ficou da parte de dentro do risco, foi então dividida, com uma faca larga de cabo comprido, em tiras de tres pés de comprido, seis pollegadas de largo e dpas de alto, que era a grossura que tinha a neve. Estas tiras tinham consistencia bastante para se moverem, não só sem esboroarem, mas nem sequer se lhes quebrarem as arestas, sendo arredondadas pelos topos, á feição do circulo d'onde eram tiradas. Foram depois empilhadas umas sobre outras, á maneira de fiadas de cantaria, pela linha circular que fôra primeiramente traçada, terraplenando o esquimáu o leito de cada camada, e affeiçoando estas por tal modo, que o muro fosse ficando com uma leve inclinação para a parte de dentro. A abobada começou de golpe, ficando muito achatada, por serem cortadas as tiras de cima á maneira de cunhas. Ficou o tecto a oito pés d'altura do chão, e de fecho de abobada serviu um pedaço de neve de fórma conica. Trabalhou o esquimáu em toda esta obra sempre pela parte interior, e tal era o talho de cada tira de neve, que ficava assentada e fixa, sem lhe pôrem anteparo algum, até que lhe collocavam outra ao pé, ao que muito ajudava a levesa das tiras. Acabado de cobrir o edificio, o constructor deitou por cima alguma neve solta para vedar todas as fendas, e com a faca abriu no muro uma porta baixa. Formou depois uma especie de leito, mui bem esquadriado, com tiras de neve, que cobriu com uma delgada cama de vergonteas, para que se não derretesse com o calor do corpo. Em cada um dos topos do leito alevantou um pilar de neve para lhes pôr em cima lanternas; e finalmente fez-lhe um alpendre á porta, e n'uma abertura que servia de janella metteu um pedaço de gelo transparente. A puresa da materia de que era construida a casa, a elegancia do feitio, e o diaphano das paredes que coavam uma claridade suaves, lhe davam uma apparencia mui superior á de qualquer edificio de marmore; e alguem haveria que olhando para esta simples obra, experimentaria uma sensação similhante á que produz o aspecto de um templo grego construido por Phidias; porque um e outro seriam monumentos d'arte, inimitaveis ambos no seu genero.—*Franklin. Viagem ao Mar do Polo.*

RETRATO DE MACHIAVELLO.

Nicolau Machiavello.
1469—1527.

A palavra *machiavellismo* é usada em todas as linguas da moderna Europa para indicar uma politica insidiosa, e iniqua, ou uma velhacaria, e intriga artificiosa. Deriva do nome de Machiavello por uma dessas injustiças que se transmittem por tradição, e

que a maioria acredita sem averiguar seus fundamentos. Segundo a accepção da palavra *machiavellismo*, os pouco vistos na historia assentarão que Machiavello era um perverso: para rehabilitar sua memoria entre os que assim ajuizarem, escreveremos aqui uma succinta biographia deste politico celebre.

Nicolo Machiavelli nasceu em Florença a 3 de Maio de 1469. A sua familia descendia dos antigos marquezes da Toscana, cujos dominios foram a pouco e pouco usurpados pela republica daquella cidade, nos fins do nono seculo. Treze vezes coube a esta familia a dignidade de *Gonfaloneiro da justiça*, que correspondia á de Doge; e por cincoenta e quatro vezes, em diversas epocas, a de entrar no conselho *dei Priori*, que era a suprema magistratura da republica.

Profunda obscuridade involve a primeira edade de Machiavello: sabe-se apenas que aos dezeseis annos ficou orphão de pae, e que findou seus estudos sob a tutella de sua mãe. Em 1694 foi confiado á protecção e desvelos do erudito Marcello Virgilio, que occupava um dos principaes cargos da chancellaria d'estado; com elle se instruiu nos negocios publicos, e, passados cinco annos, obteve por concurso a preferencia ao logar de chanceller da segunda chancellaria. Apenas empregado, logo por novo decreto o nomearam secretario do conselho dos Dez, ou do governo da republica. Nesse mesmo anno subiu Marcello á dignidade de chanceller-mór (*primario cancelliere*), cargo que conservou, como Machiavello o seu, até quando os Médicis, reintegrando-se em Florença, derribaram o governo, que tinha empregado aquelles. Em quatorze annos e cinco mezes que Machiavello serviu o seu cargo, desenvolveu toda a actividade de sua alma, e todos os recursos do seu talento. Sobre elle recaíam a correspondencia interior, e exterior do estado, a redacção dos assentos e deliberações do conselho, e a mais importante ainda, dos tractados concluidos com as potencias visinhas, e com os soberanos estrangeiros. Mas seus concidadãos não se limitaram a um emprego, para assim dizermos, esteril, da sua capacidade; quizeram recolher fructos mais immediatos do seu talento e habilidade, porque durante o exercicio de todas estas funcções, lhe confiaram vinte e tres embaixadas fóra, sendo quatro á França juncto a Luiz 12.º Em todas estas negociações, cujo exito extremamente importava á republica, soube sempre manter e defender os interesses, e decoro de sua patria. Se não póde conseguir salvar o governo de Florença, a culpa foi da pouca energia, e do espirito de discordia, que reinava entre os habitantes. Todavia não cessou de empregar a influencia que tinha nos publicos negocios, para intentar o salvamento da liberdade do seu paiz; e, fossem quaes fossem os resultados de seus esforços, sempre lhe cabe a gloria de os haver praticado.

Voltando novamente Florença ao poder dos Médicis, mudou-se o governo; e Machiavello, depois de quatorze annos de uteis serviços, foi logo despojado do seu emprego, e dahi banido do territorio, defendendo-se-lhe saír do sitio assignalado para seu desterro. Foi este o começo de suas desventuras. Passado pouco tempo, alguns republicanos conspiraram para derribarem o novo governo, e restabelecerem a liberdade. Descoberta a conjuração, dois dos chefes foram degolados, e os cumplices principaes sepultados em masmorras. Machiavello, por meras suspeitas, e sem contra elle haverem provas, foi posto a tractos, e soffreu, como elle proprio diz n'uma carta, quanto é possivel soffrer sem perder a vida. Nada porém revelou, ou fosse porque tivesse valor bastante para vencer a dôr, e guardar segredo, ou porque realmente estivesse innocente, como sempre o affirmou. A final entrou na amnistia geral publicada por Leão decimo, que assignalou por este acto de clemencia a sua exaltação á cadeira pontificia.

Machiavello, posto em liberdade, não foi mais feliz. Era casado, e pae de muitos filhos; e seu desinteresse no exercicio do seu cargo lhe não adquiriu fortuna, pois saíu tão pobre como entrara. Procurou então consolar-se na solidão, e no estudo. Cabe aqui rectificar alguns juizos pronunciados sobre os escriptos deste homem celebre.

Fez-se um livro sobre as vicissitudes da fortuna de Aristoteles; outro se poderia fazer quasi similhante ácerca de Machiavello. As suas obras ao principio fizeram pouca impressão: as tres principaes, *a Historia de Florença*, *os Discursos sobre Tito Livio*, e o *Principe*, appareceram annos depois da sua morte, com o privilegio do papa Clemente 7.º, um dos mais illustrados pontifices, que tomaram assento na cadeira de S. Pedro. Os successores de Clemente consentiram longo tempo na reimpressão destes livros, sem lhes acharem cousa contraria á moral, e á religião. Só no pontificado de Paulo 4.º o nome de Machiavello foi escripto no catalogo dos auctores prohibidos: mas era já tarde vedar livros reimpressos tantas vezes, e bem occulto devia estar nelles o veneno, visto que foi mister tamanho lapso de tempo para descobri-lo.

Se profundarmos os desenvolvimentos em que Machiavello estriba a maioria de seus principios, veremos despontar o seu verdadeiro pensamento, e nos admirara achar que este escriptor, a quem taxam de moral corrompida, (porque expondo logo a questão friamente, e desacompanhada de louvor ou vituperio, parece rejeitar a idéa da virtude) nunca desampára o partido do bom, e do honesto. O fim do auctor do livro *o Principe* já hoje não póde ser duvidoso. Sem fundamento pretendem alguns que esta obra era um laço armado aos Médicis afim de accelerar sua quéda como o engodo do poder absoluto; sem fundamento ajuizam outros que o austero republicano alli fizera concessões pelas quaes o reputam fautor do despotismo.

Aquelle tratado foi composto só com a intenção de provar aos Médicis que seu autor soubera tirar partido da sua situação para adquirir profundos conhecimentos politicos, e que era digno de ser empregado pelos novos dominadores da sua patria.

Em 1523 rebentou em Florença nova revolução, e restabeleceu-se o governo popular. As esperanças de Machiavello restituido ao paiz natal, se reanimaram. Quem terá direito melhor fundamentado ao publico reconhecimento? — Porém Machiavello obteve triste experiencia da ingratidão dos homens. As suas idéas lisongeiras se dissiparam; e aquelle, que supportara os tratos com tanta constancia, não póde resistir ao despreso, e esquecimento dos seus patricios. A magoa lhe alterou a saude; e pensou restabelecê-la tomando um remedio, que usava habitualmente para as dores d'estomago, que padecia, e consistia n'umas pillulas, que aconselhava a seus amigos, e que, dizia elle, o tinham resuscitado. Mas desta vez foram ineficazes: com violentas dores d'entranhas expirou a 22 de junho de 1527, de 58 annos de edade. Proximo ao seu fim implorou os soccorros da religião, de que foi assistido até á morte. Grande devia ser o furor de seus inimigos, chegando a asseverar que morrera atheu declarado, e proferindo horriveis blasphemias: quando existem tantos testemunhos do contrario, despejado era propalar similhante calumnia. Todavie em 1787, e governando o grão-duque Leopoldo, Florença, até então ingrata á memoria d'um dos seus mais insignes varões, erigiu a Machiavello um tumulo de

marmore na igreja de *Santa-Croce*, ao pé dos monumentos de Miguel-Angelo, e de Galileu.

Machiavello é tido na Italia por um dos escriptores que deram á lingua nacional mais energia, clareza, e naturalidade. O seu modo d'escrever afasta-se inteiramente do de seus contemporaneos. Ao passo que o Bembo, e o Guicciardini, se esmeravam em desenvolver os seus periodos, Machiavello, impellido pela impetuosidade de seu pensamento, despede a frase como se lhe offerece á mente, e não procura enfeita-la com pompas estranhas. E' digna de observar-se a analogia entre o seu estylo, e o de Montesquieu. Parece indubitavel que este publicista estudara Machiavello, a quem chama grande homem, na immortal obra do *Espirito das Leis*; e se lhe não fez especial justiça, confessando as obrigações em que lhe estava, seria pelo mau nome de que ainda gozava o secretario florentino.

Tem com tudo durado contra elle uma accusação terrivel, que faz o seu nome, como já dissemos, synonimo da perfidia e immoralidade politicas. Mas será cousa difficultosa apagar esta nodoa? — Porventura em materias governativas não existia o *machiavellismo* muito antes de Machiavello?—Todavia, senão é possivel dissipar inteiramente funestas provenções contra os seus escriptos, elle achará talvez desculpa nos tempos em que viveu, e na situação em que se achou. A França vira a Luiz 11.° em seu throno: e a Inglaterra Henrique 8.°, que fizera morrer no patibulo tres rainhas, esposas suas; e a séde pontificia estava deshonrada por Alexandre 6.°, esse Borgia de vergonhosa memoria.—Educado, por assim dizer, no meio do esquecimento de todas os principios de moral, e de justiça, lançado aos vinte e quatro annos na carreira dos publicos negocios, obrigado por suas missões a tratar com personagens, a quem a elevação não abrigava da corrupção, ser-lhe-ía necessario uma alma de bem extraordinaria energia, para não ser arrastado pela torrente do exemplo.

Em o numero dos antagonistas de Machiavello acham-se dois nomes de autoridade. O primeiro é Frederico 2.°, monarcha guerreiro, philosopho, e litterato; e o segundo é Voltaire que empregou em publicar o *Anti-Machiavello* do principe real da Prussia aquella infatigavel actividade, que foi sempre o movel de suas acções, Esta empreza de dois adversarios tão illustres, deve apontar-se como uma brilhante homenagem tributada á superior reputação de Machiavello, e como o complemento de todas as vicissitudes a que suas obras foram expostas.

Da plantação d'arvores e mattas.

A devastação das arvores, quasi geral em o nosso reino, principalmente em as provincias do sul, e o desleixo culpavel em substituir as que se arrancam, ou em amanhar as poucas, que ficam, nos induz a escrevermos aqui breves reflexões, que não serão perdidas para os nossos compatricios sensatos, e amigos do paiz. Parece que os frondosos e interessantes individuos do reino vegetal, apesar da sua bellesa, e utilidade incorreram no odio dos portuguezes: a guerra assoladora que lhes fazem parece acintosa. E com effeito causa dó ver desguarnecidos e despovoados os ribeiros, e rios caudaes, cujas margens aprazíveis nossos maiores orlaram de magestosos arvoredos. Desappareceu a sombra, a frescura, e o abrigo das aves: ribanceiras nuas, e aridas, fazem esmorecer a vista, e contristar o coração. Cerros, eminencias, e assomadas, vestidos d'antes com o manto verde-escuro das florestas, presentemente escalvadas, e ermas dos seus habitantes, enfastiam a quem as vê, e suscitam logo a penosa lembrança da carencia de lenhas, e d'aguas, conseqnencias futuras, e inevitaveis de tão imprudente assolação.

O homem, que desafogadamente derriba uma arvore, sem a prévia cautela de plantar a sua substituta, devia reflectir ao menos que as utilidades que lhe resultam do tronco abatido o constituem na obrigação rigorosa de levar a seus vindouros iguaes vantagens, E quantas vezes a propria mão que semeia é a mesma, que recolhe?—Para forrar um tenue trabalho privar-se de um lucro infallivel, só o faz um louco rematado. E se o que assim obra não cura da posteridade, não se pejando de allegar como causa de seus actos o interesse momentaneo, é um egoista pernicioso, que mal merece da sociedade commum, a quem tudo deve.

Bastará reconhecer algumas verdades incontestaveis, e lançar depois olhos para o futuro, para qualquer se capacitar de que não somos exagerados. Os bosques e mattas influem grandemente na economia geral da natureza: os paizes, que os perderam, se esterilisaram, e despovoaram, como a Syria e a Palestina, a ilha de Chypre, &c —Um territorio privado de mattas e florestas, tambem é falto d'humidade, agente poderosissimo da vida; não tem rios perennes, que fertilisam as terras, porque diminuem os orvalhos e chuvas; é exposto a trovoadas, que tudo arrazam, e o suão torra seus campos infecundos. Está calculado que uma arvore de dez annos distilla quasi insensivelmente cada dia mais de 30 libras d'agua, que diffunde ao redor de si; e que um chão despido, e desabrigado, de tres pés e meio quadrados, perde quotidianamente 30 onças d'agua. As arvores auxiliam a conservação da humidade do terreno, e derramam pelo estio a frescura do inverno: attraem os vapores, que em parte dissolvidos, caem em chuvas, em parte decompostos em gazes, purificam o ar: absorvem os miasmas dos charcos, e por isso nos campos abertos e calorosos de Portugal fervem sesões, e febres malignas, pela falta de bosques em paragens proprias, e de aguas correntes. As arvores sustem as terras e o *humus*, que resulta dos despojos de sua ramagem, augmenta e fecunda o solo. As alamedas das margens dos rios seguram as ribas, fortalecendo-as contra as cheias, oppondo-se a que as aguas minem os terrenos adjacentes; igual serviço prestam nas vallas, e tapumes. E sem fallarmos no recreio da vista, na frescura da sombra, na amenidade dos passeios, no pasto abundante, que muitas especies fornecem aos gados, basta considerar nas propriedades, que enumerámos; basta reflectir nestas duas palavras, *lenhas*, e *madeiras*, para que o homem assizado as estime, e julgue preciosas.

E se estas vantagens resultam de arvoredos limitados a um districto, o que não serão em ponto grande relativamente a um reino? Esses pinhaes, que ainda temos, não serão inutil testemunho.—Não ha-de um paiz, é bem certo, cobrir-se inteiramente de florestas; mas nós fallamos com a consciencia do quanto são estas diminutas em o nosse Portugal. Avaliou-se que o nosso paiz, em proporção com a sua superficie, e com os demais ramos de cultura, devia ter em mattas, ou bosques, 247 leguas quadradas de 18 ao grau. Um sabio nosso perguntava em 1815, *onde estão ellas?* — E nós podemos afoutamente renovar a pergunta.

Se quizessemos, em apoio desta doutrina, citar exemplos, bastaria o da illustrada França. Coalhado está o reino de pessoas, que a tem viajado, e digam; vêem por cá o mesmo que a este respeito por lá observaram?—O sol nos tisma em nossas estradas me-

ridionaes totalmente desabrigadas; e é bello viajar á sombra em grande parte da França. Este paiz tem um codigo especial de mattas, recheado de disposições excellentes e dignas d'imitação.

Finalmente hoje em o nosso paiz só póde ignorar a *sylvicultura* quem de nada quer saber. A nossa Academia das Sciencias publicou uma Memoria de seu illustre Socio, o Sr. José Bonifacio de Andrade, *sobre a utilidade e necessidade do plantio de novos bosques em Portugal*, a qual nos serviu de guia, e está cheia de noções, e doutrinas excellentes, tanto theoricas como praticas, sobre o assumpto; e alli vem um largo plano para melhorar nossas costas maritimas por via de plantações; e assim mais muitas consas uteis, algumas das quaes aproveitaremos. A mesma Academia imprimiu novissimamente um Opusculo, e barato, o *Manual da cultura dos pinheiros*: a historia natural do pinheiro Larix está escripta pelo insigne Brotero; por tanto quem desejar instruir-se nesta interessante materia tem, até entre nós, fontes a que recorra, sem o auxilio de idiomas estranhos.

Incendios dos bosques na Suecia.

Extrahiremos a seguinte passagem da interessante viagem de Sir Arthur de Capell Brookes pela Suecia, Noruega, &c. ao Cabo do Norte.

—«Passámos por mui di atadas porções de florestas consumidas pelo fogo, cujo aspecto nos penalisou em extremo. O formoso tapiz de verdura, sobre que d'antes a vista se espraiava deleitosa, tinha desapparecido: e só aqui e alli, dispersos, appareciam sobre o nivel das cinzas os troncos denegridos dos pinheiros queimados, como columnas de carvão.—Varias causas se podem assignar a estas conflagrações tão frequentes e devastadoras em o Norte da Europa. E' pratica geral entre os camponezes, quando querem desbastar uma porção de bosque, largar-lhe o fogo. Assim forram o immenso trabalho de arrancar, e remover o matto fechado, e beneficiam o solo, que as cinzas vegetaes sobremaneira fertilisam. Porém frequentemente acontece, que, ou por não pôrem as necessarias cautellas, ou por fazerem a queimada na intensidade da estação calmosa, não podem conter o fogo nos limites, que intentavam, e este rapidamente se propaga por mais espaço do paiz, diffundindo estragos, e ruinas, conforme o grau de força do vento. Não poucas vezes estes incendios procedem da malicia, ou da vingança; e um exemplo me relataram de certo camponez, que pertendia um talhão de selva para desbastar, e cultivar, como geralmente concedem; porém que sendo-lhe recusada a pertenção largou fogo a todo o bosque por vingança da repulsa. A violencia das chammas devastou muitas milhas, e grande lapso de tempo decorreu primeiro que o podessem atalhar.—Os raios tambem são frequentemente origem destes desastres, caindo nos ramos seccos dos pinheiros velhos, e communicando-se pelos musgos, e mattos resequidos. — Um rustico acaba de fumar, e por costume sacode as cinzas do cachimbo; por horas inteiras vão moendo os restos do lume, e calando nos mattos seccos: á menor viração, um pouco mais rija, a chamma esperta, desenvolve-se e manifesta-se, quando já não pódesuffocar-se; e assim começa, e progride a obra da destruição, oriunda do descuido d'um villão negligente.

Uma dilatada floresta do Norte, ardendo envolta em turbilhões de fumo, por onde rompem as chammas em oppostas direcções, amiudando-se os estalos das madeiras verdes, que parece gemerem pelo inevitavel estrago; o rouco susurro dos ventos e das flammas; tudo isto combinado apresenta um espectaculo terrifico, mas sublime. O viajante, que vem ao longe, e ignora a causa, vê com assombro brilhar de subito o horisonte avermelhado; e se infelizmente tem de passar pelo bosque incendiado, difficultoso lhe é escapar á furia das chammas. Cercado por todos os lados de arvores, que ameaçam proxima queda, escondendo-lhe o caminho a fumaça, e o lume, suspende-se embaraçado, e não sabe se avançará, se recuará. Se o vento se levanta, muge a vasta floresta; e rebentam milheiros de explosões; se o vento abranda, prolonga-se um forte murmurio, condensam-se as nuvens de fumo, e parece reprimir-se o incendio, mas para d'ahi a pouco reviver com duplicado vigor. Os mansos habitantes da selva, expulsos dos covis bravios, onde viviam quietos, fogem sem tino ao irresistivel inimigo; e os lobos, e os ursos, forçados a sairem dos seus escondrijos para as habitações dos homens, exhalando clamores dissonantes, e temerosos, vingam-se em desesperados ataques contra o gado dos camponezes. Poucas scenas ha tão horridamente sublimes como uma destas conflagrações, observando-se do alto das montanhas o progresso das chammas, e a alteração que soffre a aprasivel presença da natureza na invasão do elemento destruidor.—»

O grande naturalista sueco, Linneu, viu-se uma vez em grande estreiteza, e immediato perigo de vida, por um similhante incidente. Este sabio o descreve com sua costumada energia n'uma de suas obras, e diz: *nessa occasião, além de muitos outros riscos, caíu uma arvore de assombrosas dimensões exactamente entre mim e o meu guia, nada mais d'um passo de intervallo; mas ambos, graças a Deus, escapámos com perfeita segurança. «Lacchesis Lapponica.»*

Obras em cera na antiguidade.

Os antigos tinham grandissimo numero d'obras miudas em cera, como os cunhos dos sellos, ou sinetes, a cera empastada para a pintura encaustica (ou a fogo), e o verniz de cera para as estatuas, e as paredes de marmore. Os gregos tinham uma classe de artistas, que rivalisavam com os estatuarios, e os fundidores em bronze modelando em cera bellissimas figuras. Anacreonte cantou uma imagem do Amor fabricada em cera. «Meu pae (diz Luciano, tom. 1.º pag. 5) ajuizava as minhas disposições para a esculptura pelas obrinhas, que eu me divertia a fazer de cera. Quando saía da escola escarafonchava em cera, e arranjava boisinhos, cavallos, ou figuras de gente. — Por Jupiter! são mui naturaes; affirmava meu pae, mas os mestres me desancavam com bordoada.» O celebre comico Aristophanes falla, em *as nuvens*, de um brinco similhante.

Sphœro, do Bosphoro, philosopho stoico e discipulo de Cleanthes, fôra chamado a Alexandria por Ptolemeu Philopator. Um dia, sustentava Sphœro a verdade das imagens recebidas pelas impressões dos sentidos: o rei, para o refutar, mandou lhe servissem um prato de romãs de cera; o philosopho estendeu a mão para as comer, e logo Philopator o motejou de que illudido pelos sentidos fizera um juizo falso. Sphœro redarguiu immediatamente: Eu não julguei que fossem romãs, julguei que era provavel que fossem romãs; vai muita differença entre uma idéa positiva, e uma probabilidade.

Lampridio conta que o extravagante imperador Heliogabalo, que tyrannisou os romanos, se recreava em dar banquetes, onde mandava servir imitados em cera todos os manjares de que elle ia comendo. Levantada cada coberta, eram obrigados os convidados, segundo o uso, a lavar as mãos, como se as tivessem su-

jado; e depois lhes apresentavam um copo d'agua para ajudar a digestão.

Introducção do uso dos leites de burra.—O uso do leite de burra, hoje tão recommendado na Europa para as queixas de peito, e empregado com proveito, foi pela primeira vez introduzido em França por um judeu. Francisco 1.º achava-se muito fraco, e incommodado; as suas fadigas bellicosas, e os seus excesos o tinham chegado a um ponto de debilidade, que se aggravava quotidianamente; e os remedios nada lhe faziam. Fallaram então ao rei n'um judeu de Constantinopola, que adquirira a reputação de curar esta casta de molestias. Francisco 1.º ordenou logo ao seu embaixador na Turquia mandasse a Paris o doutor israelita custasse o que custasse. O judeu veiu, e o unico remedio, que prescreveu foram leites de burra, com que o monarcha se restabeleceu; e desde então espalhando-se o seu uso ganharam a fama, que hoje tem.—Veja-se o que dissemos a este respeito no N.º 8, pag. 59, col. 1.ª

Uma lição de estylo na Persia.—Varios officiaes inferiores de artilheria haviam apresentado ao primeiro ministro da Persia os seus requerimentos escriptos por um doutoraço, e tão embrulhados em comprimentos, e phrases sediças e empoladas, que era empreza difficillima o decifral-os, por maior que fosse a attenção do leitor. Mandou o ministro gratificar o doutor com duzentas bastonadas nas plantas dos pés, e depois que o misero escriptor recebeu a correcção, ordenou que o trouxessem á sua presença, e disse-lhe: «Um grão visir tem muito em que cuidar, e não lhe sobra tempo para ler os teus chochos palavrões, e desfazer o cahos dos requerimentos que escreves. Emprega um estylo mais claro e simples, ou não escrevas para o publico; aliás mandar-te-hei cortar as mãos.

Commercio d'ovos entre a França e a Inglaterra.—Os ovos de gallinha fazem um ramo mui extenso de commercio entre estes dois reinos. Grande numero d'embarcações de pequena lotação andam exclusivamente empregadas em exportal-os para a Grã-Bretanha, que os recebe quasi unicamente por Londres e Brighton. De setenta e dois milhões d'ovos, que, uns annos por outros, entram de varios paizes, como dos Paizes-Baixos, das ilhas de Jersey e Guernesey, etc., só a França fornece, á sua parte, cincoenta e cinco milhões, isto é, os sete oitavos da totalidade. Em França o preço de cada duzia no porto póde avaliar-se em pouco mais de 67 réis; e um jornal francez, attendido o preço e a exportação, calcula em 308 contos de réis a somma de que a Inglaterra se faz annualmente tributaria á França só neste artigo, que á primeira vista parece um genero de pouca monta. O direito d'entrada excede a pouco mais de 160 réis por cada 120 ovos, de forma que a exportação destes da França paga ao fisco, ou rendas publicas britanicas, um imposto de mais de oitenta contos de réis. Cabe neste logar mencionar o extracto de uma nota de Mr. Legrand, membro da Sociedade Franceza de Estatistica, sobre a producção, consumo, e exportação d'ovos em França. De 1816 a 1822 a exportação subiu rapidamente de oito para nove milhões d'elles, a mais de cincoenta e cinco milhões, e em 1834 foi de 90 milhões. Em 1835 só para Inglaterra sairam acima de 76 ditos, e para outros reinos da Europa, Estados-Unidos, e outros paizes do mundo, perto de 500 mil ovos. A somma total das exportações deste anno montou a mais de 612 contos de réis, valor da nossa moeda. Ora só o consumo em Paris se achou ser de 101.152:400; e o do reino inteiro, incluindo a capital, avaliou-se em 7.231:160,000, porque em todo aquelle paiz se gastam muitissimos, sendo os ovos, e o leite iguarias forçadas em todas as mesas. Portanto ajuntando áquelle numero, o da exportação, e o dos necessarios para a reproducção, resulta ser o numero 7.380:925,000 a totalidade dos ovos de gallinha postos em França no decurso de todo o anno de 1835.

Mulheres chins.—Na China, a corpulencia nos homens é uma perfeição; porém nas mulheres um defeito. Teem estas as sobrancelhas arqueadas de um modo muito particular—o que não é só obra da natureza, mas tambem da arte:—o rosto dellas geralmente mostra pouca esperteza; mas o que teem mais de notar é a excessiva pequenez dos pés, sobre tudo nas classes mais altas da sociedade. Nasce isto de lhos apertarem em caixas de pau muito pequenas, durante a infancia e a mocidade. Originou-se tal moda (segundo se refere nas Chronicas da China) ha alguns seculos, quando uma numerosa turba de mulheres se alevantou, com o intuito de derrubar o governo. Para obstar a que similhante acontecimento se renovasse, poz-se por lei, que todas as mulheres se habituassem a trazer desde a infancia sapatos de madeira, tão apertados, que, sem muito padecimento, as pozesse em estado de não se poderem servir dos pés. Tão familiar se tornou este costume com o andar dos tempos, que um dos maiores attractivos que póde ter uma chim é um pé monstruosamente pequeno.

Manual Encyclopedico do Sr. E. A Monteverde.—As obras destinadas a dar ás creanças as primeiras noções do universo, tanto intellectual como physico, são muito escaças no nosso paiz. Em França, na Allemanha, e principalmente em Inglaterra, a infancia tem a sua litteratura, sim les, agradavel e perceptivel, qual essa edade ha mister. Nestes dias nos veiu á mão o *Manuál Encyclopedico* do Sr. E. A. Monteverde, destinado ao uso das escolas de instrucção primaria, e folgámos de saber que já em algumas tinha sido admittido para aquelle fim.

Em breve volume dá o Sr. Monteverde a necessaria idéa da Moral, da Physica geral, da Historia da Natureza, da Ethnographia, da Grammatica portugueza, da Arithmetica, da Geographia, da Historia nacional, da Mithologia, e das Instituições sociaes: tudo por um modo claro, facil, e inteiramente ao alcance das intelligencias que começam a desenvolver-se.—Com o uso e conversação deste Manual ficarão as creanças habilitadas, para seguirem estudos mais assentados e profundos, e para entrarem no mundo não ignorando o valor de grande multidão de vocabulos, a que, sem esta instrucção primeira, não ligariam nenhuma idéa. É este livro, portanto, um livro util e digno de ser recommendado; e esperamos que seu autor o vá successivamente melhorando em subsequentes edições; louvando nós entretanto o seu zelo pela educação publica, que tão desleixada e esquecida anda ha muitos annos em Portugal. Incitamo-lo tambem a proseguir em obras desta especie, as quaes não sómente lhe serão proficuas, mas, além disso, gloriosas.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA—NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

32 PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 9, 1837

VISTA DO PORTO DE MARSELHA.

MARSELHA.

No formoso territorio da Provença, á borda do Mediterraneo, está situada a opulenta cidade de Marselha, fundada, 600 annos antes da era christã, por uma colonia de gregos da Phócida. Foi chamada em sua origem *Massilia*, e edificada no mesmo logar que occupa hoje. Os fundadores souberam logo aproveitar a situação, que se offerecia sobremaneira vantajosa ao negocio, e á navegação. Além d'estes misteres deram-se muito á pesca; cultivaram vinhas; e plantaram a oliveira nas Gallias antes que na Italia fosse conhecida. Tanto a sua posição, e o seu porto magestoso e vasto, como a infertilidade do torrão circumvisinho a cidade, contribuiram para que esta se fizesse com especialidade maritima, e commerciante. Debalde a accommetteram os earthaginezes, invejosos da sua prosperidade; Marselha floreceu no meio de longas guerras. Os seus concidadãos, Pytheas e Eutymene, lhe augmentaram a reputação com suas viagens. Já no terceiro seculo, antes de Jesu-Christo, era havida pela Athenas das Gallias, e como uma cidade modelo de sabedoria, e de boa administração. O seu governo era republicano, e composto de seiscentos senadores. Alliou-se com Roma, e debalde se oppoz á invasão de Annibal: seria anniquilada então se o valente general de Carthago tivesse conseguido debellar os romanos. Mais tarde, abraçou o partido de Pompeu contra Cesar; e experimentou a severidade do vencedor, como sabem todos os que conhecem os Commentarios d'aquelle insigne capitão. Despojada do poder, e arrazadas as suas fortificações, perdeu a influencia politica nas Gallias, mas por outro lado conseguiu estabelecer uma republica commerciante, e independente, sob a protecção romana. Assim foi gradualmente prosperando. Em 752 os sarracenos a destruiram quasi completamente: e os seus monumentos antigos desappareceram: mas pouco a pouco se restabeleceram das perdas.

Na epocha turbulenta das cruzadas os marselhezes tomaram uma parte activa na geral agitação, porém esta de natureza mais commercial que bellicosa; e as guerras religiosas lhes alcançaram grandes vantagens mercantis. Em Marselha se proviam os guerreiros de transportes, munições, e armas; e foi tal o fabrico de piques, e lanças, e tantas eram as officinas d'esta manufactura, que hoje em dia uma rua mui extensa da cidade ainda conserva o nome de *rue de la lancerie*. Já n'este tempo era dominada por viscondes, e senhores particulares, até que em 1481 passou do poder do ultimo conde da Provença para o de Luiz Undecimo, que reuniu a cidade e seu territorio á corôa de França.

No 16.º seculo o povo marselhez foi partidista fervoroso da Liga, e ainda depois de se render Paris a Henrique 4.º continuou na mesma causa até que um soldado corso, ou genovez, vendeu a cidade ao exercito real. A final Luiz 14.º lhe supprimiu os privilegios, e franquias, que sempre conservara.

Não ha cidade na Europa, onde a peste em differentes epochas fizesse tantos estragos como em Marselha: porém a invasão d'este flagello, a mais memoravel, e espantosa, foi em 1720: trouxe-a um navio vindo do Levante. D'horriveis scenas foi então o theatro; e em seus annaes, e tradição respeitosa, conserva o nome do seu bispo, Mr. de Belzunce, que se illustrou por seu zelo, e caridade. É inexplicavel o fervor e desvelo d'este venerando prelado em visitar

os moribundos e os enfermos, e em consola-los, atravessava as ruas em meio de cadaveres; os empestados mais horrendos eram os que primeiro soccorria. Vendeu todos os seus bens e alfaias, deu todo o seu dinheiro para acudir aos necessitados; e no foco da geral consternação seu animo nunca abateu. Desde então tem Marselha experimentado outros insultos da peste, mas sem comparação menos violentos, e atalhados breve com prudentes precauções.

Quando a revolução espantosa do seculo passado rebentou, Marselha entrou n'ella quasi ao mesmo tempo em que a capital. Durante o imperio o seu commercio decaíu; e só com a restauração recobrou o seu pristino esplendor. O povo odiava Napoleão e seu governo; e quando em 25 de junho de 1815 se espalhou o boato da batalha de Waterloo, a insurreição foi geral e sanguinaria; concorreram tambem partidas de gente dos campos, e a matança foi horrivel; todos os que pertenciam ao exercito succumbiram aos golpes das espadas, e baionetas; nem os officiaes a meio soldo, nem os restos dos mamelucos das campanhas do Egypto, escaparam; a carniceria durou noite e dia, e na manhaã de 26. É esta a pagina mais melancolica da historia de Marselha.

Esta cidade tem a fórma d'uma ferradura, cujo vão figura o porto; este é dos mais bellos, e seguros do Mediterraneo: é quasi formado pela natureza, que abriu uma vasta caldeira de 300 toezas de profundidade, de fórma oval, capaz de recolher mil e duzentos navios: fecham lhe a entrada dois rochedos, onde estão assentadas duas fortalezas, que a defendem, ainda que bastante damnificadas, e servem actualmente de quarteis á guarnição. Distantes uma legua do porto ha tres ilhotas, ou rochedos; parece que de proposito alli collocados pela Providencia, para locaes destinados ás precauções sanitarias. A primeira, e mais pequena, é a ilha do Teixo [l'île de l'If], rodeada de penedias altas, e escarpadas, mais de 50 pés acima da superficie do mar; e com uma fortaleza, que passa por ser uma das melhores do Mediterraneo: foi construida por Francisco 1.º, em 1529: era d'antes um logar todo coberto de teixos. O castello de l'If teve nome entre as antigas prisões d'estado; e serviu de reclusão a varios prisioneiros illustres, citam por ultimo o celebre conde de Mirabeau.

Pela parte de cima de Marselha campêa sobre o mar um grande cabeço, onde está o templo de *Notre Dame de la Garde*, que se avista de longe, e é mui frequentado pelos marinheiros: hoje é este cêrro muito escalvado, mas na antiguidade foi muito selvoso, porque alli começava o famoso bosque, do qual nos deixou Lucano a pomposa descripção, que anda traduzida nas rimas de Bocage. Era uma selva consagrada aos numes da idolatria; hoje é sitio destinado ao culto da Mãe do Redemptor.

Marselha, cidade de tão remota fundação, quasi nada conserva de suas antigualhas: os incendios, os cercos, e outras devastações, nivelaram o chão, que assoberbavam sumptuosos edificios. Mas esta fatalidade, que perseguiu os antigos monumentos, respeitou todavia um, notavel por sua vastidão, e formosa fabrica. Como d'antes estava no recinto d'um convento de freiras era inaccessivel aos curiosos: mas agora que acontecimentos civis o poseram patente, por destino incomprehensivel jaz no esquecimento da maioria dos viajantes, e até dos proprios visinhos. Chamaram-lhe os escriptores antigos as *Cavernas de S. Salvador*, por estar nos subterraneos da abbadia d'este nome: consistem em sete sallas, todas iguaes e parallelas, cercadas de treslados por uma galeria estreita, e menos elevada. Por sua disposição parece que servira de quartel ás tropas romanas. Outros monumentos d'epocha muito posterior acham-se quasi inteiramente consumidos.

Esta cidade reparte-se em duas partes mui distinctas, a velha, e a nova. A cidade velha é feia, suja, e triste, com ruas estreitas, e em torcicolos: porém a outra tem ruas largas e bem cruzadas, esbeltos edificios, praças espaçosas, e agradaveis passeios. A casa da camara, onde é tambem a praça de commercio, ou *bourse*, e o palacio da prefeitura, são vastos, e elegantes.

A cathedral está situada na cidade velha, no local d'um templo antigo dedicado a Diana: não tem cousa notavel. As funcções religiosas fazem-se em Marselha com toda a pompa, e apparato, sobre tudo a procissão do Corpo de Deus. Por occasião d'esta observam de tempo immemorial uma costumeira, que tem bastante analogia com o boi bento d'algumas terras do nosso Portugal pela festa do Espirito Santo. Os carniceiros e cortadores da cidade são, de paes a filhos, os executores d'esta ceremonia, para a qual escolhem um boi de bom tamanho, douram-lhe os chavelhos, enfeitam-lhe a cabeça com festões de flores, e cobrem-lhe o costado com uma rica alcatifa, e em cima vai montado um rapaz vestido de levita, todo adornado de fitas, e grinaldas. Acompanham-o quatro carniceiros vestidos com opas de damasco de varias cores, cingidas pela cintura, e que só dão pelo joelho; o cinto de seda com franja d'ouro, a camisa cheia de laços de fitas, chapeu armado á antiga, agaloado d'ouro, com plumas, meias de seda brancas, e çapatos afivellados. Na semana, que precede á do Corpo de Deus, corre este cortejo as ruas, seguido de tamborinhos, fazendo peditorio de porta em porta, e o producto é applicado ás despezas. No dia da solemnidade, o boi e a sua comitiva vão no centro da procissão com as bandeiras, ou corporações dos officios. Tem-se dissertado muito ácerca d'esta cerimonia: alguns historiadores pensaram que o boi representava o costume dos primitivos marselhezes, que votavam á morte um desgraçado, como o bode emissario dos judeus, onerado com todas as iniquidades do povo. Mas esta opinião foi contestada. Em todas as medalhas de Marselha figura um touro; e os habitantes o immolavam a Diana. Provavel é que o boi da funcção actual seja imitação tradicional dos antigos sacrificios, que o povo por habito conservou. Ignora-se o motivo porque esta costumeira se celebra no dia solemne do Corpo de Deus, e não em outra qualquer festa do anno. Bastara notar que o trajo dos carniceiros, n'este dia, semelha muito á vestimenta dos sacrificadores, que traziam toga curta; e a victima tambem era enfeitada com grinaldas, e fitas, e levava os cornos dourados; e a carne em cru se distribuia ao povo como se practicava em Marselha antes da revolução.

Resta-nos fallar succintamente do commercio d'esta cidade, uma das principaes de França. O movimento maritimo mercantil tem ido, n'estes ultimos annos, em grandissimo augmento, que tem crescido com a conquista de Argel, a qual abriu a porta a muitas e importantes emprezas, e especulações novas e lucrativas, já individuaes, já collectivas. A situação do porto de Marselha é unica, respectivamente as costas da Hespanha, da Italia, da Grecia, de Levante, e d'Africa; mas não se limitam só a estas regiões as suas relações commerciaes, estendem-se ao Mar-Negro, ao Baltico, a Grã Bretanha; e seus navios mandados ás Indias orientaes, as suas communicações com os Estados-Unidos, e as Antilhas, e com a America do sul, sobejo provam quão dilatadas escalas segue o seu commercio. Bem se deixa ver que uma praça de tão activo trafico, e navegação,

forçosamente ha-de ser opulenta, além do que, tem fabricas de varias manufacturas.

Marselha é cabeça do Departamento *des Bouches du Rhône*, e dam-lhe 145:000 habitantes. Nos seus arredores sente-se muitas vezes o *mistral*, vento furioso do noroeste, que arranca as arvores mais grossas pela raiz, sécca toda a verdura, e commette os insultos do inverno no meio da primavera. Este vento, e as alluviões do Durance, motivaram o rifão antigo: *trois fléaux en Provence, le parlement, le mistral, et la Durance*: tres flagellos soffre a Provença, o parlamento, o vento mistral, e o rio Durance. Todavia estes dois ultimos, ainda assim, teem suas vantagens: as inundações do rio fertilisam as campinas, que alagam, e o mistral purifica o ar, que poderiam corromper os grandes calores, e os vapores fetidos do porto de Marselha. Os antigos moradores tributavam áquelle vento grande respeito; e Seneca diz que lhe eram devedores da serenidade do ceu, que no restante do anno desfructam. Augusto, quando esteve nas Gallias, levantou um templo ao mistral. Nota-se como raridade que em 1759 e 1770 o temporal durou quatorze mezes a fio.

Calculo curioso sobre a agricultura, e população de Portugal.

Computando a superficie de Portugal, feitos os devidos descontos, em 2470 leguas quadradas, de 18 ao grau, em area terrestre, e dando metade d'ella para penhascos e cabeços escalvados, rios e ribeiras, lagoas, estradas, matas, e maninhos de pastagem incapazes de cultura, ficam 1235 leguas quadradas proprias para a lavoura. Tirando d'este numero os dois quintos, como terras menos productivas em pão, para prados, e verdes, vinhas, hortas, pomares, etc., sobejam, como melhores para a cultura exclusiva de pão 741 leguas quadradas. Ora, mais d'um quarto da população de Portugal usa de milho grosso, que produz de 20 até 40 por semente: e a maior parte da gente de Traz-os-Montes, Beira, e d'outras provincias, sustenta-se tambem de centeio, que produz de ordinario 8 por um: portanto só o resto do reino precisa de trigo, cuja producção media é pelo menos 5 por um em terras escolhidas, segundo esta hypothese. Este calculo pelo miudo seria mais vantajoso; mas supporemos [o que ninguem negará] que o producto de toda a casta de pão, um por outro, não é menor de 7 por um. Portanto, contendo 741 leguas quadradas 14.731:821 geiras *academicas* de 40:000 palmos quadrados, e dando a cada uma d'estas geiras, uma por outra, 3 alqueires de semente, teremos de semeaduras 44.195:463 alqueires, ou 736:581 moios, etc. Multiplicados estes por 6 de producção, descontadas as sementes, dão 4.419.546 moios e 18 alqueires. Sendo metade da povoação total mulheres, que consomem menos pão que os homens; e montando a mais do quarto da mesma os individuos até 10 annos, que ainda comem menos, poderá assignar-se para o sustento annual de cada pessoa 40 alqueires, quando muito. Assim os 4.419:546 moios, divididos por 40 alqueires, podem sustentar annualmente 6.629:319 pessoas. Logo, se o nosso terreno for aberto e cultivado, ainda com as imperfeições da lavoura actual, poderá Portugal ter e alimentar bem á vontade uma população de mais de 6 milhões e meio d'almas: e se a nossa agricultura, com o tempo, crescer em perfeição, e por consequencia em producção, segue-se que tambem crescerá o numero da gente. Com o augmento da agricultura, em todo o caso, crescerão os gados, e por isso a robustez do povo pela comida de carnes; abundarão os estrumes para as terras; e, além de infinitas vantagens, terá o commercio e a industria largo quinhão n'esta prosperidade, e assim florecerão os tres fecundos mananciaes da população. Corrobora estes calculos a provincia do Minho, que, apezar de muitas serranias incultas, e de bastantes maninhos, asseveram-se que tem por legua quadrada usual acima de 3:700 almas: d'onde claro fica que, se o resto do reino for tão cultivado como esta pequena provincia, poderá vir a ter 9 milhões d'almas.—*Ext. da Mem. de J. B. d'Andrade.*

Poços artesianos.

1.º

A denominação de *poços artesianos* deriva do *Artois*, uma das provincias em que a França se dividia antes dos departamentos: e os de que tractamos assim foram chamados, ou porque alli primeiro se abriram, ou por ser onde mais se generalisaram.

Estes poços, ou fontes artificiaes, fazem-se furando a terra por meio de uma machina chamada *verruma terrestre (la sonde du fontanier* pelos francezes, *boring rods* pelos inglezes) até chegar a um lençol d'agua subterranea, cujos mananciaes estejam mais elevados do que o ponto onde se executa a operação. O esforço que faz a agua para obter o seu nivel respectivo a obriga a elevar-se acima da superficie do terreno; e por este modo se consegue abundante provisão d'aquelle necessario elemento em districtos, onde alias se não alcançaria tão grande bem. Os romanos fizeram despezas, e trabalhos inauditos, para terem copia d'aguas: e os restos, que ainda existem, de seus aqueductos, são os mais nobres monumentos do seu talento comprehendedor. Porém as obras d'esta natureza não foram construidas sem grandes fadigas, e os gastos d'immenso capital: ao passo que a applicação dos principios das sciencias, hydraulica e geologica, ensinou nos tempos modernos um processo muito mais simples, e, sem comparação, economico.

E facil de comprehender a causa, que obriga a agua dos poços furados, ou artesianos, a subir á superficie. — Se a chuva que cae, ou a neve que se derrete, em cordilheiras de montes, filtra por entre *estratos*, ou camadas, porosos, ou acha saida pelas aberturas ou fendas da pedra, situada entre camadas, quasi ou de todo impermeaveis á agua, vai correndo por debaixo do valle, e abre um canal subterraneo, cuja fórma suppõe-se ser a d'uma curva alongada. Portanto, se em alguma parte do valle, com o apparelho proprio, se furar o chão até esse canal, ou lençol d'agua, esta forçosamente esguichará, pelo impulso da lei hydraulica, a que alludimos, e d'esta maneira crear-se-ha uma fonte natural de jôrro, ou repucho. A força com que a agua se eleva é regulada pela posição escolhida para a operação. Será maior no ponto situado no mais baixo nivel, e diminuirá quanto mais proximo for do manancial d'onde as aguas derivam, porque ahi tanto menor é a curva que ellas descrevem. — Os pequenos repuchos, que se encontram cavando um poço ordinario, regulam-se pelas mesmas leis das fontes artesianas, mas não são sufficientemente copiosos, nem tem quéda bastante para que se elevem á superficie. — As correntes subterraneas, em geral, vem de mui longe, por isso brotam fontes de jôrro em terrenos, onde só os conhecimentos geologicos podem suspeita-las; por isso quem pertender obte-las deve unicamente consultar os conhecedores, e practicos na materia, e cerrar os ouvidos aos preconceitos vulgares, que de ordinario se oppoem a tudo o que lhes é estranho, e com tanto

mais tenacidade quanto mais visos de utilidade tem o objecto proposto.

A vantagem principal dos poços artesianos é fornecerem aguas abundantes, perennes, saudaveis, e proprias para lavagens, para cosinha, e outros usos domesticos. A sua construcção é de ordinario mais economica do que a dos poços ordinarios; e as suas aguas de qualidade mui superior, além de não variarem de nivel, como os outros.

Portugal, que é cortado quasi inteiramente de montanhas, e cabeços, se em muitos districtos soffre a penuria d'aguas é pela falta dos poços artesianos, que na França, na Inglaterra, e em outros paizes da Europa, são de uso mui geral. Para não irmos mais longe, os arrabaldes, e contornos da nossa capital, bem experimentam esta falta, porque as aguas de ordinario são escaças, e, em bastantes partes, de mau sabor, e insalubres. Pelo que o nosso reino, que em materias de industria, de commercio, etc., parece que se vai em nossos dias regenerando, e saindo do torpor em que jazêra deixando adiantar tanto os outros com opprobrio seu, e desluzimento do engenho de seus naturaes, não deve desprezar a propagação dos poços ou fontes de que tractâmos, á vista das muitas vantagens que lhe promette n'esta empreza a natureza do seu terreno, e a esperança de melhorar os sitios aridos.

Agora que o espirito de associação se tem consideravelmente diffundido entre nós, que vamos presenciando prosperos exemplos, de que já recolhemos não pequeno fructo, assentâmos que tambem a propagação, e construcção dos poços artesianos era digna e proficua tentativa d'uma companhia industrial. O começo d'uma empreza d'esta natureza suppõe o empate de capitaes em despezas prévias, e indispensaveis, taes como a compra das machinas, e aparelhos, a manutenção dos individuos practicos n'este genero de trabalho, etc.; portanto parece-nos pesado encargo para as forças de um particular, que além disso não offereceria as seguranças d'um corpo collectivo, e nunca poderia dilatar as suas especulações por uma grande escala. Mas ao mesmo tempo a sociedade que se dedicasse a esta empreza podia contar com lucros positivos, affiançados pela utilidade do seu fim, e tanto maiores que o particular quanto era maior a latitude de suas especulações, pela accumulação de maiores fundos, abrangendo assim as precisões do paiz, e o proprio interesse da associação. Além do que a companhia póde, pelos meios á sua disposição, baratear mais o custo da construcção dos poços do que um só individuo, o que não é pequena circumstancia para a concorrencia dos proprietarios que delles carecerem: e daqui resultaria o que todos comprehendem, tanto mais obras tanto mais lucro para quem as emprehende. Ousâmos portanto affirmar que não seria frustrada uma tentativa util aos proprietarios particulares, e aos povos em geral, e ao mesmo tempo fructuosa para os associados, que a commettessem. Os brilhantes resultados do commercio, e industria ingleza, são consequencias da organisação, e augmento de numerosas companhias, e desde que o espirito de associação se desenvolveu tão efficazmente entre aquella nação, ella tem obtido successos, que individualmente nunca se conseguiriam

Voltaremos n'outra occasião a este assumpto, explicando um pouco mais largamente a theoria das fontes de jôrro, ou artesianas, apoiando a com a relação d'algumas curiosidades naturaes

---

Origem dos livreiros na Europa.

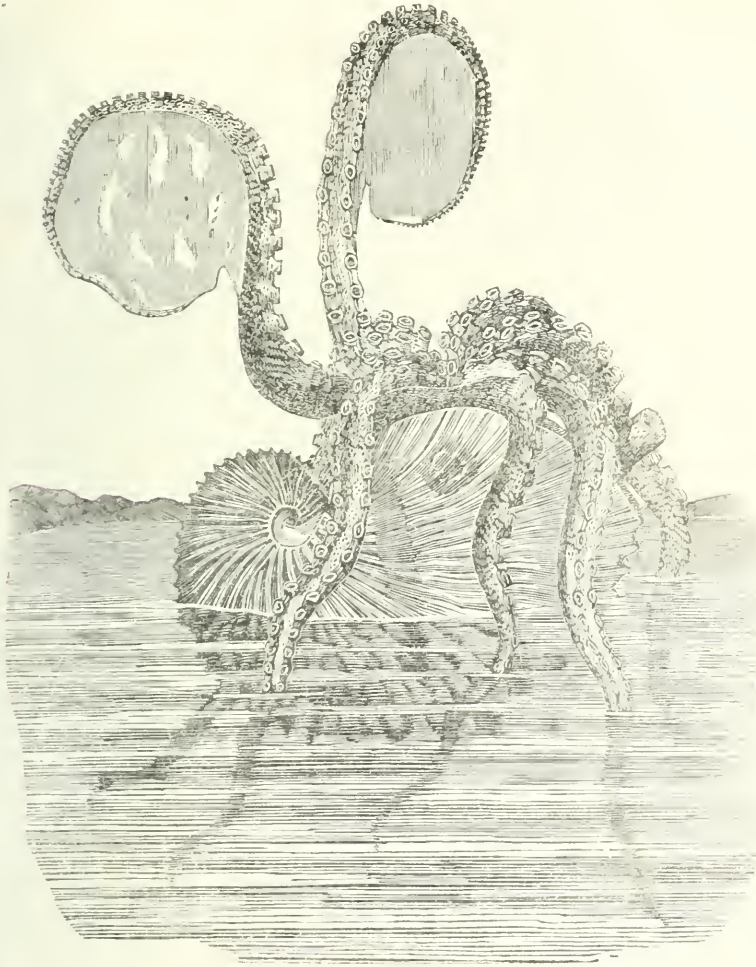
O commercio dos livros parece que se estabeleceu em Bolonha e París no 12.º seculo: os legistas e as universidades foram quem lhe deu a existencia. É muito pouco provavel que o houvesse na epocha a que propriamente damos o nome de seculos tenebrosos. Pedro de Blois falla de certo livro que comprára a um vendedor publico d'elles *(a quodam publico mangone librorum)*. Mas até o seculo seguinte, não ha noticia alguma clara de livreiros, que nós saibamos. Estes vendedores se chamavam *stationarii*; talvez derivando-se o nome dos balcões patentes, em que faziam o seu negocio; posto que *statio* seja palavra, que significa geralmente loja, na baixa latinidade. Colhe-se dos antigos estatutos das universidades de París e de Bolonha, que elles vendiam livros por commissão: e ás vezes os distinguem, posto que nem sempre, dos *librarii*, palavra que, significando a principio só os copistas de livros, foi depois applicada aos que commerciavam n'elles. Vendiam os *stationarii* o pergaminho, e os outros materiaes necessarios para escrever, e exerciam as occupações de encadernadores e illuminadores (1). Provavelmente davam que fazer aos copistas: pelo menos achâmos que haviam pessoas nas universidades e nas grandes cidades, cuja profissão era a de copista, e por meio das quaes, antes da invenção da imprensa, os livros de grammatica, leis, e theologia, grandemente se multiplicavam, como era necessario para o uso das escolas. — Estas copias, porém, eram muito mais incorrectas, e de maior custo, do que depois da invenção da typographia. Tal invento poz subitamente termo a esta liberal occupação. Mas, fosse qual fosse o odio que mostravam os copistas contra a nova arte, baldaram-se-lhes todos os esforços, que fizeram para embaraçar a sua introducção; porque não era possivel crear no publico uma parcialidade contra um beneficio tão manifesto e incontestavel. Os copistas, habituados a lidar com livros, começaram então a dar-se ao officio de impressores, trabalho que tinha grande analogia com aquelle a que eram usados. Os primeiros typographos eram sempre livreiros, e vendiam as proprias edições; nem as duas occupações foram separadas, senão nos começos do seculo 16.º Os riscos da venda, n'aquella epocha, em que o saber estava bem longe de ser vulgar, combinados com o grande custo das obras [pela grande carestia do papel, e dos outros materiaes necessarios para a impressão] tornavam complicado e difficilimo o commercio dos livros n'aquelles primeiros tempos. — *Hallam.* — *Litteratura da Europa.*

Bosques, prados e pastagens no continente da Europa.

La Statistique, periodico francez, dedicado a colligir factos interessantes sobre materias estatisticas, contém varias particularidades relativas a extensão de superficie que, em diversos paizes da Europa, está coberta de bosques, e produz os pastos: deduz-se das observações apresentadas n'aquelle periodico que na Alemanha, Suecia, Noruega, Russia, Bohemia, e Gallicia, o terreno occupado por selvas é um terço da superficie total: na Austria, na Prussia e na Illyria, um quinto: na Belgica e estados da Sardenha um quinto: na Suissa um sexto: nos Paizes Baixos um setimo: na França um oitavo: Italia um nono: na Hespanha um decimo. O terreno de prados e charnecas de pastos, segundo o mesmo jornal, é um terço na Dinamarca, na Baviera e no ducado de Brunswick: um quarto na Austria propriamente dita, estados continentaes da Sardenha, na Styria e Illyria: um quinto na Prussia, na Hungria, na

(1) Vide « Origens da typographia » no n.º 1 do Panorama.

Hollanda e na Belgica: um sexto na Suissa, na Bohemia, e no imperio d'Austria: um setimo em França, na Italia, na Escocia, no Wurtemberg, e no ducado de Baden: um oitavo no ducado de Hesse-Cassel: um nono na Moravia e no ducado de Nassau: um decimo no reino das Duas-Sicilias, em Portugal e na Sardenha: um undecimo na Gallicia, na Lombardia e nas provincias venezianas: um duodecimo no Tyrol: um quadragessimo na Turquia Europea: um quinquagessimo sexto na Russia da Europa e na Hespanha apenas uma sexagessima quinta parte do territorio é occupada por prados e pastagens.



O ARGONAUTA.

O Argonauta. — [*Argonauta argo.* Lin.]

Todos sabem que nem só o homem é o ousado navegante, que atravessa os mares, e leva ao cabo dilatadas viagens; outros individuos do reino animal, guiados por seguro instincto, tambem se abalançam á mesma tentativa; e são notorias as emigrações de muitas aves, e as excursões dos cardumes de peixes. Não é porém d'estas duas numerosas classes, que pertendemos agora tractar. A nossa estampa representa um animal, a que vulgarmente chamam marisco, portanto temos á vista um viajante de nova especie, e não qualquer nauta rude, mas perito, e consummado na sua arte. A sua embarcação é a concha, que os naturalistas chamam *Argonauta, ou Navetta unicellular*; consta de uma só concavidade funda, e larga, e compõe-se de duas ou tres espiraes contiguas, formadas no mesmo plano, involvidas na ultima, que

é maior que todas juntas. A quilha, ou borda saliente ao longo do costado da concha, é toda estriada, ou guarnecida de dentilhões, unidos por pequenas rugosidades transversaes, que entre si deixam outros tantos sulcos. E *univalva*, isto é, d'uma só peça; e de substancia tenue e flexivel, d'um branco laço, as vezes aeinzeirado, ou arruivado em certas partes; e é tão delicada que parece que o menor toque a quebraria; por isto a compararam antigamente a papel, e dahi lhe veio o nome, que lhe deram, de *Nautilo papyraceo*, ainda que os nautilos façam outro genero immediato ao das *Navetas multicellulares*.

A tripulação do baixel é o individuo, que o habita, muito semelhante aos polvos; tem o corpo em fórma de saco, a cabeça arredondada, e separada do corpo por uma contracção bem distincta, com dois olhos grandes, e no alto coroada de compridos tentaculos de fórma conica, que cercam a boca, e são guarnecidos ao longo de toda a face interna de vesiculas convexas, ou chupadoiros, como o polvo. Dois d'estes braços se alargam em parte do comprimento fazendo uma membrana oval, que se dilata até a extremidade; a qual o animal dobra e desdobra, como quer.

O Argonauta pertence á ordem dos molluscos (1), denommada dos *cephalópodes* (2): foi conhecido na antiguidade; Aristoteles, Eliano, e Oppiano referiram a sua industria, e o naturalista romano a descreve exactamente.

É muito inclinado a viajar, mas, como os da sua classe, tem movimentos tardios, e carecia de muitos dias para caminhar breve espaço se andasse, ou nadasse, como elles. Porém quando o mar está bonançoso, e o ceu sereno, sobe á superficie do mar, despeja d'agua a sua concha, e a põe leve para fluctuar sobre as ondas, como uma barca. Desembaraça seis dos tentaculos, ou pernas, estendendo tres por cada lado do seu navio, fazendo com elles o mister de remos: ergue os outros dois, largos e membranosos, e expondo-os ao vento, lhe servem de vélas: assim voga em quanto a navegação lhe apraz, dirigindo-se para onde quer mediante os remos, que, sendo flexiveis, supprem vantajosamente um leme. Se as vagas se alborotam, e presagiam tormenta, ou o Argonauta se receia de outro perigo, amaina as vélas, e as recolhe com os remos dentro do seu batel; e com prompto movimento o submerge, deixa-se ir a pique, e vai abrigar-se na areia entre os rochedos do fundo. Ahi permanece até que a tempestade, ou o perigo tenham passado; e renova a viagem se os elementos lhe são propicios. Dest'arte o instincto, que lhe doou a Providencia, e as proporções da sua casa, o constituiram navegante, e o habilitaram para correr mais mar do que os outros molluscos.

Pouco se sabe dos outros habitos d'este animal, ignora-se como, e de que se nutre. Acham-se em muitas paragens do Mediterraneo, no mar das Indias, na parte septentrional de S. Domingos, debaixo dos tropicos, mas não se encontram nos mares do norte. Um naturalista francez, que atravessou o Mediterraneo, teve occasião de ver centenares d'Argonautas manobrando junto ao navio, mas não pôde apanhar um só, que tão attentos são em observar quanto se passa, e em se esquivarem á mão, que pertende colhe-los.

Já Aristoteles tinha observado que o animal do Argonauta não esta pegado á concha; facto extraordinario, que, sendo reconhecido veridico pelos modernos, suscitou uma discussão scientifica, já um tanto velha, mas que ainda não findou completamente. Muitos affirmam que o morador d'esta naveta é uma especie de polvo, que d'ella se apossa achando-a vazia, e que o verdadeiro dono e constructor ainda não é conhecido. Não é do plano da nossa redacção produzir as rasões pró e contra, e alargarmo-nos sobre este assumpto, mas, se nos é licito emittir a nossa humilde opinião, declaramo nos pelo abalisado Cuvier, e seus discipulos, que tem o animal, que se encontra navegante, pelo legitimo proprietario da concha, porque é sempre a mesma especie que n'ella se encontra; porque as outras especies d'argonautas tem tambem um animal dissemelhante deste, e constantemente semelhante na mesma concha; porque esta, sendo mui fragil, está sempre bem conservada inda que habitada; porque as novas tambem encerram um animal novo, e semelhante; e porque Aristoteles descreveu excellentemente o mesmo animal, que hoje se encontra nesta concha, concordando com o que actualmente se sabe de seus habitos.

(1) Vide a nota a pag. 33 n.° 5 d'este Jornal.

(2) Os de cabeça livre coroada de tentaculos, ou pernas.

Aborigines do Chili.

Os principaes chefes dos indios Araucanos [1] chamam-se toquis, abaixo dos quaes são os caciques. Pertence a estes a administração das poucas leis estabelecidas que ha, e o poder exclusivo de vida e de morte. Entre a pena ultima e a absolvição não ha castigo intermediario para estes indios. A execução é feita por todos os da tribu que se acham presentes, alanceando cada qual por sua vez o criminoso até que expire. Se o crime é atroz prolongam-lhe os padecimentos, não fazendo feridas muito fundas, de modo que lh'os não abbreviem. Posto que os homens possam ter muitas mulheres, o adulterio é entre elles considerado como o crime mais odioso, e ambos os culpados ficam sujeitos á morte; mas a peditorio do marido offendido, a mulher póde ser perdoada, ficando comtudo banida da sociedade. Tres ou quatro caciques formam um tribunal, e basta uma testemunha pró ou contra o accusado, mas nem por isso se creia que este povo tem aquella idéa de honra, que tal lei parece indicar. Tem tambem os araucanos os seus videntes ou prophetas, que se mandam chamar em caso de doença, para adivinharem qual dos inimigos do doente foi o causador da enfermidade, e ai d'aquelle que o propheta nomea, se é colhido ás mãos!

Os indios d'esta tribu se chamam a si proprios *Filhos do Sol*, e rendem culto a este astro pela manhaã e á tarde, com genuflexões e resas; não se esquecendo de adorar a Lua, quando é visivel. Concebem a morte como um longo somno, a que todos estão sujeitos, e creem que durante este intervallo passam para um paiz de bemaventurança do outro lado do mar. Muitas alfaias dos defunctos são enterradas com elles, na persuasão de que não deixarão de lhes fazer arranjo na vida futura. Tem o casamento em conta de um simples contracto civil. Quando qualquer homem escolhe qualquer rapariga para casar com ella, começa por tractar com os parentes, que, se convem n'isso, se ajustam com o pretendente em certo numero de cabeças de gado, e outros presentes, segundo as possibilidades d'elle, e sem consultarem a vontade da indicada noiva. Apraza-se então um dia, em que venha o esposo eleito, de noite, e com uns poucos de amigos, para a levar como roubada. Começa-se n'essa noite uma briga simulada, entre os dois bandos [o dos parentes da noiva, e o dos companheiros do noivo], a qual, usualmente, dura tres dias, sain-

(1) Veja-se o que já apontamos ácerca dos araucanos no artigo « Pampas » do n.° 13 do Panorama.

do no fim victorioso o noivo, como era de esperar, e levando o seu bando prisioneiros os contendores, que são retidos alguns dias, com banquetes e folias. É permittida a polygamia, tanto quanto qualquer homem quer, uma vez que tenha meios de comprar e sustentar mulheres; mas não pode pôr nenhuma fóra em caso algum, salvo por caso de infidelidade, ou por mutuo consentimento. Sendo por este ultimo motivo, a mulher é restituida aos seus parentes, com os mesmos presentes que haviam sido feitos na occasião do casamento. As solteiras usam uma enfiada de contas vermelhas a roda dos pulsos, que tiram quando casam, começando então a usar enfeites no cabello e nas orelhas.

Trocam os seus pannos de laãs [que é quasi o unico objecto em que mercadejam, excepto gado], por sal, anil, e velorios. As suas armas consistem em grandes clavas de pau, fundas, e lanças de vinte e quatro a vinte e oito pés de comprido, feitas de bambú com as pontas de ferro — arma pouco meneavel, mas que elles jogam com grande destreza

Antes de comerem ou beberem teem os araucanos por costume metterem por tres vezes o dedo index no prato, ou taça, sacudindo o outras tantas sobre a cabeça, tendo sempre a cara voltada para o sol; e são exactos nas suas abluções, ou lavatorios, antes e depois das comidas. Quando alguem morre não fazem prantos, nem mostram pena alguma, por crerem, segundo dissemos, que os defunctos passam para um mundo melhor. Os funeraes dos araucanos fazem lembrar os que nos descreveu Homero: os guerreiros são enterrados com as suas armas; sobre a cova sacrificam-lhes um cavallo, e depositam-lhes comestiveis; tudo arranjos para a viagem, segundo da sua crença se póde concluir.

Os pannos que os araucanos fabricam, e de que já fizemos menção, estimam-os geralmente na America para fazer os *ponchos*, de que fallamos no artigo dos Pampas: são estes pannos fortes, posto que finos, e tecidos de lindissimas cores. Outra industria, que tem este povo, é a de fazer lonça. Tambem sabem extrahir ouro e prata de minas, e derreter estes metaes em certos cadinhos, feitos lá a seu modo.

A feição caracteristica do genio dos araucanos é o seu orgulho, que nunca lhes consentiu pedirem paz a ninguem, concedendo-a sempre aos que lh'a pediam. D'ahi nasceu serem elles os que mais difficil tornaram para os hespanhoes a conquista do Chili; e foram as sanguinosas guerras d'esta tribu com os europeus, que deram materia ao celebre poema castelhano intitulado — *Araucana* — do poeta-soldado D. Alonzo d'Ercilla.

A sua religião é simples. Teem um deus supremo [Pillan] a quem estão sugeitos outros deuses, que presidem a diversas cousas, como ao bem, ao mal, á guerra, etc. Alem de admittirem a immortalidade da alma, teem o seu Caronte femea, que é certa velha (*Tempulagy*) que transporta as almas pelo mar para a banda de oeste, onde jaz a morada da eterna bemaventurança.

A ABSTINENCIA.

A HISTORIA do veneziano, Luiz Cornaro, é geralmente conhecida. Cornaro era um homem dissoluto que, chegado aos quarenta annos, achou que tinha apressado muito os dias da vida, e se determinou a seguir os conselhos dos medicos e a tomar um modo de vida mais temperado. Foi diminuindo a quantidade de sustento até que chegou a reduzir a sua comida diaria a meia-gema de ovo, e com esta rigida abstinencia restaurou por tal modo o principio vital, que viveu cem annos. Um caso mais recente de abstinencia igual se refere nas Transacções do Collegio dos Medicos de Londres.

Thomaz Wood, moleiro de Billericay no Essex, estava no costume de comer voraznmente carne gorda tres vezes por dia, além do que tragava grandes porções de manteiga, queijo, e cerveja da mais forte. Por muito tempo nenhum mau resultado sentiu desta glotonaria; mas chegando aos quarenta e quatro annos começou-se-lhe a perturbar o somno, teve continua sede, a sentir o animo abatido, e mais outros symptomas maus. O mais terrivel era falta-lhe a respiração, ordinariamente depois de comer. Durante um anno foi cada vez a peior, até que o clerigo seu visinho lhe emprestou a vida de Cornaro. Leu-a o moleiro, e ficou persuadido a mudar de vida; mas fe-lo gradualmente. Limitou-se, no principio, a uma garrafa de cerveja por dia, e foi se deixando de comer carne. Immediatamente melhorou alguma cousa, por isso, no fim de dois mezes, reduziu a bebida de cerveja a metade, e ainda mais se absteve de alimento animal, d'ahi a pouco deixou-se de bebidas fermentadas; e passados dois annos já não provava nem carne, nem queijo, nem manteiga, nem liquido algum, salvo os que tomava como remedios. Depois d'esta epocha o seu sustento consistia principalmente em pudim feito de bolaxa de embarque

Com este mesquinho alimento, que já pelo habito lhe sabia bem, saroa inteiramente dormia descançado, andava alegre, e tinham-lhe augmentado tanto as forças, que pegava em pozos, que nem bolliria, quando tinha trinta annos. A voz lhe entraquecêra; mas com a dieta se tornou firme e sonora. Emfim, segundo elle mesmo dizia, estava metamorphoseado de monstro em uma pessoa de volume moderado; e a sua situação de velho decrepito, na de um mancebo vigoroso e activo.

Uma circumstancia mui notavel d'este homem, que tamanhas provas dera de bom juizo e preserverança, era o pouco tempo que dava ao somno: deitava-se as oito da noite, e alevantava-se á uma ou as duas de ante-manhaã. Depois de elle andar seis horas [diz o Dr. Baker] lhe examinei por tres vezes o pulso, as dez horas da manhaã. As pulsações andavam por 45 cada minuto, isto é, menos 25 ou 30 do que as do pulso de uma pessoa no estado ordinario de saude.

O mais extraordinario é, que Wood se tinha abstido de toda a casta de liquidos, do que não ha outro exemplo bem provado, o que nos deve persuadir de que a mesma agua não é absolutamente necessaria pera a vida.

CASAS DE CORRECÇÃO EM AMSTERDAM.

UMA das curiosidades d'esta celebre cidade são os castigos correccionaes. Ha ahi um logar chamado *Raphuis*, onde os criminosos, cujo crime não é de morte, são empregados em serrar pranchas de madeira, e quando são indolentes, ou recusam trabalhar, fecham-os n'uma especie de cella, em que corre agua, de modo que ou se hão de affogar, ou dar constantemente a uma bomba que alli ha para despejar a agua; raras vezes, porém, ha necessidade de recorrer a este expediente para os compellir a trabalharem. O Spinhuis, ou casa dos trabalhos forçados, é um estabelecimento muito singular. N'este edificio uma parte é destinado para mulheres, cujas culpas não são mui graves, e a outra para as que foram condemnadas por crimes mais serios. Estão apartadas restrictamente umas das outras, e é muito di-

verso o modo porque são tractadas; mas todas as empregam em obras de utilidade. Raparigas de familias distinctas, e até nobres, são mandadas para alli, em consequencia de mau procedimento, ou de culpas domesticas, e obrigam-as a vestirem-se com certo vestuario particular, e a trabalhar umas poucas d'horas por dia. Os maridos, que teem motivos de queixa de suas mulheres, podem manda-las para o *Spinhuis*, a fim de que se habituem a costumes mais bem ordenados; mas, por outro lado, a mulher que apresentar uma queixa, bem provada, contra seu marido, por mau procedimento, arranja-lhe de certo um quarto naquelle espaçoso edificio, que dá para tudo, e em que tambem se mantem e educam muitissimas creanças pobres.

Os sectarios da religião bramanica teem um respeito extremo aos animaes, e nenhum ousariam matar, ainda dos mais nojentos e damnosos. Provém isto da crença, em que estão, de que as almas transmigram passando do corpo de qualquer homem, que morre, para o de algum animal. Eis um facto acontecido a um viajante portuguez, que se embarcou da India para a Persia em uma náu de mouros, em que iam tambem varios gentios do Malabar. Po-lo-hemos aqui pelas proprias palavras do escriptor.

Estes negros gentios foram os que n'esta viagem me deram mais pena, que todos os incommodos d'ella: porque, como estivessem arranchados juncto ao logar em que eu dormia e passava todo o dia, no castello da popa, por a náu não ter camarotes nem cubertas de vago, e elles, por lei do seu Rama, não possam matar cousa alguma viva, quantas sevandijas tiravam de si botavam na minha cama, havendo que lança-las no mar era affoga las, e ficarem irregulares; cóm o que me vi inçado d'estas sevandijas, e tão desesperado, que não podia dormir de noite. Quando as não lançavam em mim immediatamente, punham-as muito a de leve no chão, para que não quebrassem alguma perna, e do chão me subiam á cama, que n'elle estava. Dava-lhes eu garrote diante dos idolatras, para ver se por evitarem aquellas mortes, iam mais longe espiolhar se; porém elles se desculpavam com dizerem, que aquelle sangue viesse sobre mim; que elles não intentavam a morte, mas a vida dos que em mim botavam: e assi fiquei padecendo sem remedios. Era cousa muito para ver estar-se um destes catando, e botando os viventes, que achava, no vizinho mais chegado, sem o outro lhe fugir com o corpo, nem se enfadar disso. Dizia o Persiano, meu companheiro, que não vira sevandijas mais bem afortunadas que as dos gentios. — *Godinho: Viagem da India a Portugal por terra.*

A reputação dos Portuguezes na India ainda era mui grande no principio do seculo 17.º — Equebar, imperador mogol, que reinava em 1602, e que tinha feito grandes conquistas no Indostão, desejava sobre maneira assenhorear-se de Goa. Fallando uma vez com os cortezãos ácerca de conquistas, disse, que em se vendo senhor do Decan, sugeitaria o Idalcão, e viria tomar Goa. Um soldado portuguez, que havia fugido das nossas possessões para elle, e que acertou andar na sua côrte, lhe pediu então licença para fallar: deu-lha elle, e o portuguez lhe disse em lingua persia: «Senhor, V. A. falla muito seguro, e isso que diz chamam na minha terra fazer a conta sem a hospeda. Se V. A. tem os portuguezes em tanta reputação, como diz que os tomará tanto a seu salvo; porque, ainda que elles fossem gallinhas, haviam-no de picar?» — Respondeu a isto o mogol: «Eu não quero vir com elles ás mãos, mas quero-os tomar á fome:» ao que tornou o soldado: «Senhor V. A. está concertado com os portuguezes: porque elles tambem dizem que o hão-de tomar á sêde.» — *Guerreiro: Relação das Missões de 1601.*

Caldo negro dos espartanos. — A comida entre os espartanos mais estimada, era o que elles chamavam *melas zomos*, ou caldo negro, nome que por muito tempo excitou a curiosidade dos eruditos. Quaes eram os ingredientes, de que este guizado se compunha, é cousa que ainda até hoje se não pôde exactamente averiguar. Lembra-nos aqui o caso de um antigo viajante que vendo no oriente, pela primeira vez da sua vida, o caffé preparado para se tomar, conjecturou que esta bebida era o caldo negro dos lacedemonios! Julio Pollux, mestre do imperador Commodo, no seu *Onomasticon*, diz que este famoso guisado consistia em sangue engrossado com alguma outra mistura, ou por algum modo particular. O Dr. Lister nas suas notas ao Tractado de Gosinha d'Apicio, suppõe que era sangue de porco; e se assim é, devia ser cousa algum tanto parecida com os chouriços mouros, entre nós usados. Fosse o que fosse, parece que não era cousa muito saborosa: um sybarita, tendo-o provado, declarou que já se não admirava de que nas batalhas os espartanos mostrassem tão pouco medo da morte; porque qualquer d'elles que estivesse em seu juizo, antes quereria soffrer mil mortes, do que continuar a viver com tão abominavel comida.

Refere Plutarcho que um rei do Ponto, ouvindo fallar d'este celebre caldo, chamára um cosinheiro lacedemonio para lh'o fazer. Mas logo que o provou, com as mais violentas expressões declarou que era manjar detestavel, ao que atalhou o cosinheiro, dizendo-lhe: «Senhor, para este guisado saber bem a qualquer, é preciso tomar primeiro um banho no Eurotas» — querendo com isto dar a entender, que os costumes asperos e bravios dos espartanos eram quem lhes fazia achar saborosa esta grosseira e ruim comida. O mesmo escriptor nos informa de que os velhos de Esparta gostavam tanto do tal caldo negro, que ao jantar [o qual por lei era commum e publico] se punham todos a uma parte das mesas para o tomarem á sua vontade, deixando aos moços o resto da comida os quaes provavelmente não levariam muito a bem esta golodice dos velhos.

Cumprimento dos insulanos de Gambier. — O modo que estes ilheos teem no saudar qualquer pessoa, é pegar no nariz, ou esfrega-lo, no que ha differentes graus de civilidade, ou de signal de amisade: por exemplo, puxar pelo septo [divisão das ventas] reter a respiração, demorando o contacto por alguns segundos, e dar depois um desagradavel ronco, corresponde a um forte apertar de mãos. Tivemos que fazer esta desagradavel cerimonia, por mais de cem vezes, e de soffre-la outras tantas. — *Diario de uma viagem de descubrimento.*

Modus de restabelecer o brilho dos vidros embaciados pelo tempo, ou por outra causa. — Limpam-se perfeitamente as vidraças, copos, e crystaes, quer com um pouco de cré, desfeito em vinagre diluido em agua, e esfregando depois com um ou muitos pannos, quer com uns pedacinhos de maçaã raineta, pellados, e tão delgados, que a fricção os possa facilmente reduzir a polpa.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa. — Na Typographia da Sociedade.

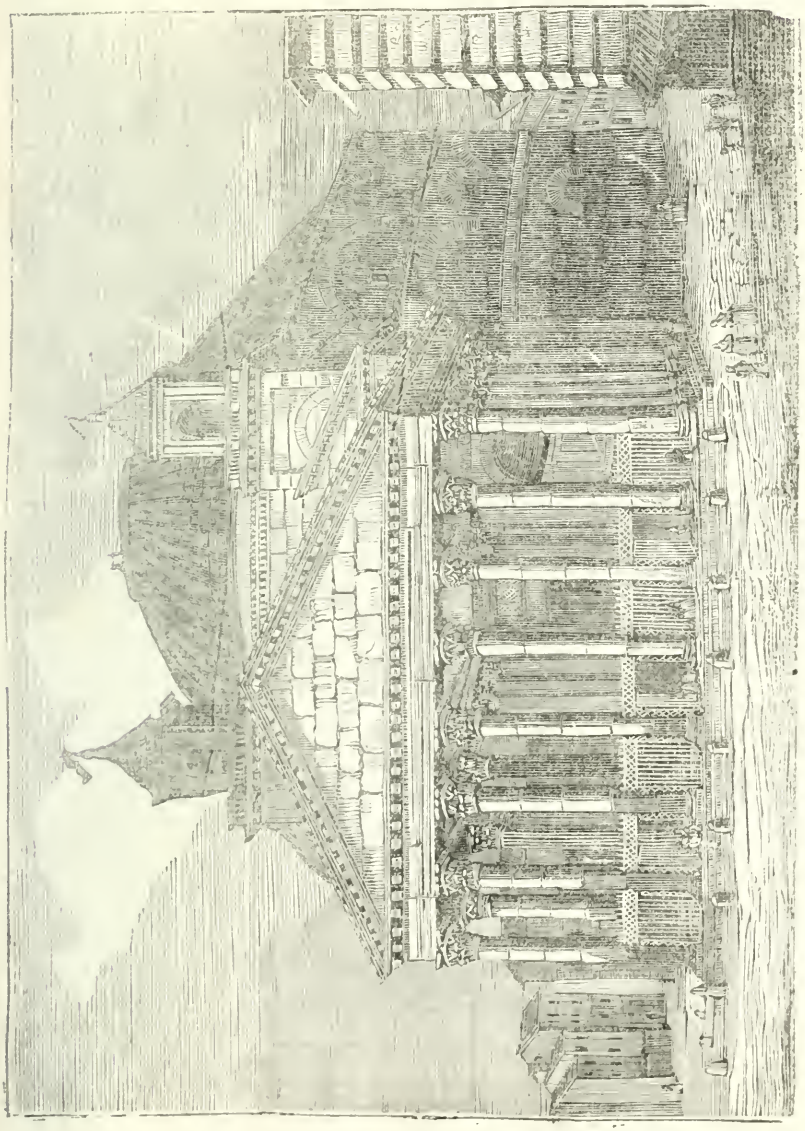
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

33) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 16, 1837.



O PANTHEON.

O PANTHEON.

« Assim como [diz Mr. Simond] o templo de S. Pedro é a melhor obra da moderna architectura em Roma, o Pantheon é a mais agradavel, e a melhor conservada das que lhe deixou a arte antiga; porque não obstante os damnos, que soffreu, ás mãos dos barbaros de todos os tempos, ainda não manifesta signaes evidentes de decadencia: e com este magnifico modelo diante dos olhos admira que os architectos de *S. Pedro* não desempenhassem melhor a sua tarefa. O Pantheon figura ser o zimborio semi-espherico d'um templo moderno, tirado do seu logar e apeado no chão: e assim nos parece porque estamos acostumados a ver as nossos cúpulas; porém aos antigos a cúpula d'um templo moderno pareceria o Pantheon levantado ao ar. » —

Este edificio magestoso está situado no centro de Roma, cercado de casas, em posição summamente desvantajosa á sua belleza. O inglez, auctor de *Roma no seculo dezenove*, diz que é aquelle o mais immundo sitio da cidade, onde a bulha incessante, as importunações excessivas de numerosos mendigos, a lama das ruas, e os maus cheiros, incommodam por tal modo o espectador, que o contemplar este edificio mais se lhe deve levar em conta de penitencia do que de gôzo. E na verdade contraste dos mais repugnantes sair d'um templo sumptuoso para uma rua cuberta de immundicie.

O Pantheon é mais conhecido pelo nome de *La Rotonda*, e é actualmente a egreja de *Santa Maria ad Martyres*, porque foi consagrada á Virgem pelo Papa Bonifacio 4.º, que trasladou para este logar as reliquias dos santos e martyres, que estavam dispersas por varios cemiterios, e foram tantas que encheram vinte e oito caixões. Gregorio 4.º, em 830, o dedicou a todos os santos.

Diz-se que o Pantheon fôra edificado por Agrippa, intimo amigo, e conselheiro de Augusto, 26 annos antes da era christaã, em memoria da batalha alcançada pelo imperador contra Marco Antonio; e que fôra então dedicado a Jupiter *Ultor* [o vingador], e a todos os numes. Fundamenta-se esta opinião em que a palavra Pantheon é composta de duas gregas, que querem dizer « todos os deuses. » Não é porém recebida geralmente, e tem sido por varios antiquarios contestada; e até na antiguidade apparece duvidosa não só a origem da denominação como o primitivo destino do edificio, como se vê em Dion Cassio, escriptor do terceiro seculo, e n'outros. Muitos querem que fosse o local dos banhos d'Agrippa, e o magnifico portico a sua entrada, e allegam para isto varios fundamentos, que não vem para o nosso intento referir. Tambem é ponto ventilado se foi construido todo de uma vez, ou primeiro uma parte, e posteriormente a outra.

Damos em estampa a externa apparencia do edificio. O portico tem 110 pés de comprido por 44 de fundo; é sustentado por dezesseis columnas d'ordem corinthia. Cada fuste das columnas é uma peça de granito oriental de 42 pés d'alto; as bases e capiteis são de marmore branco: a altura toda das columnas é 46 pés e 5 pollegadas; o diametro junto á base 4 pés e 10 pollegadas, e junto ao capitel 4 pés e 3 pollegadas. O interior da rotunda tem de diametro quasi cento e cincoenta pés: a altura do pavimento á cupula era o mesmo primitivamente, mas o chão foi levantado sete a oito pés a nivellar com o pavimento do portico. A luz entra ùnicamente por uma abertura circular no zimborio, de 28 pés de diametro: dalli se espalha uma torrente de claridade por todo o interior do templo, e produz sublime effeito. A chuva alaga por esta abertura o magnifico pavimento, tendo escoante as aguas por um cano para o Tibre; mas como o edificio jaz mais baixo é inundado internamente pelo mesmo rio, quando engrossa, entrando a enchente pelo cano.

A parede da rotunda tem 20 pés de grosso, e ha nella encravadas seis capellas, cada uma com duas pilastras, e duas columnas corinthias; a setima capella fica fronteira da entrada.

O Bohon-upas, ou arvore venenosa da Java.

Por longo tempo assombraram os leitores europeus espantosas relações da singular arvore da Java, e os seus terriveis effeitos ministraram allusões a alguns escriptores. Nunca será util desabusar d'erros desta natureza, por isso mesmo que o espirito humano tem extraordinaria tendencia para tudo o que é maravilhoso, e fóra do commum.

A ilha da Java, assim como as mais do seu vasto archipelago, pode-se dizer que era quasi desconhecida antes que o imperio britannico se dilatasse por aquellas partes, como já tivemos occasião de observar tractando da Nova Galles do sul. Foi portanto facil diffundir, ácerca da arvore venenosa, as erradas opiniões que vogaram na Europa, porque só as poderiam averiguar os mesmos que as espalharam, os soldados dos hollandezes, então quasi os unicos que frequentavam aquelles mares. Porém o que sobretudo contribuiu para se acreditarem as maravilhas da arvore da Java foi a narração circumstanciada de um tal Foersch, cirurgião das tropas hollandezas na ilha. Resumiremos a sua relação, d'onde surgiram tantas historias fabulosas, para que se ajuize até que ponto póde chegar a audacia, e descaramento d'um impostor.

Esta arvore terrivel crescia [diz elle] a vinte e sete leguas de Batavia, e a quatorze da residencia do imperador, e um valle profundo, que exhalava de contínuo malignos vapores, que destroiam toda a vegetação dos arredores: nem uma tenue moita, nem uma fevera d'herva, crescia naquelle valle, e nas serras circumvisinhas; nenhuma ave cruzava quelles ares, nem um só animal por alli passava, nem sequer os reptis, que costumam rojar pelos sitios immundos. Unicamente alivejavam, dispersas pela terra escalvada, as ossadas dos criminosos condemnados á morte, que tinham podido obter a graça de tentarem a absolvição da pena, procurando ir colher a gomma venenosa do *upas* para o imperador. Os infelizes, que se expunham a esta horrivel alternativa, eram conduzidos á residencia d'um sacerdote malaio, distante algumas leguas da arvore, pelo unico lado por onde esta era accessivel. Ha trinta annos [diz o tal Foersch, que vamos citando] que elle desempenhava este cargo, e de 700 condemnados, que expedira, não voltaram dois de cada vinte. Davam a cada um uma caixa de prata, ou de tartaruga, para o veneno, um par de luvas de pelle, e um capello da mesma fazenda, que lhe descia até o peito, guarnecido com dois vidros no logar dos olhos. — Alli as victimas se despediam de seus proximos, e amigos, e endireitavam para um monte, que lhes indicavam, trepando-o para o descerem pelo lado opposto, onde iam dar com um ribeiro, cuja corrente os guiava ao valle da morte. —

Com estas bases julgue-se quão singulares patranhas inventaria a imaginação popular. Todavia, pelo mesmo tempo, outro hollandez, membro da academia de sciencias physicas de Roterdam, por nome Lambert Nolst, fundado em rasões, e na auctorida-

de de John Mathew, que residiu na Java vinte e tres annos, quando o Foersch pertendeu ter feito as suas observações, mostrou indisputavelmente que a narração daquelle cirurgião era um solemne embuste.

Porém nem esta memoria, que fui vertida em inglez no *Gentleman's Magazine* de 1794, nem a dissertação judiciosa e exacta de um naturalista sueco, que deu uma noticia veridica do *Bohon-upas*, ou arvore venenosa do Macassar, foram bastantes para desarreigar a crença, que a primeira historia tinha espalhado. Tal é a disposição do commum dos homens para persistirem nos erros de origem maravilhosa: tanto mais inclinados a acreditarem quanto mais inverosimeis são as circumstancias.

Finalmente quando os inglezes em 1811 occuparam Batavia, começou a Europa a ter exacto conhecimento daquelles paizes: de então para cá se principiaram a avaliar as suas producções, e importancia. Soube-se o que era a ilha de Java, cuja extensão territorial é quasi igual o dois terços da Graã Bretanha, e comprehende uma população de cinco milhões de habitantes. Ruinas magnificas attestam em muitos sitios uma subida e antiga civilisação. Soube-se mais que a Sumatra, maior que Java, ainda poderia ser de mais alta importancia; que as Celebes, e as Molucas, são jardins deliciosos, situados ao pé de volcões ardentes; e que as Filippinas, mais ao norte, pertencentes aos hespanhoes, apresentam ao commercio europeu inexhauriveis mananciaes. Revelaram-se os mysterios da Oceania; e dilatou-se com elles a esphera dos conhecimentos humanos.

Tambem á arvore de Java tocou a vez de ser verdadeiramente conhecida, e de se desfazerem as fabulas, que a seu respeito corriam, ficando devidamente apreciada. O Dr. Horsfield deu a miuda discripção deste vegetal no tomo 8.º das *Batavian Transactions*, que passâmos a extractar. — Esta arvore, longe de ser unica e peculiar á Java, cresce em abundancia na extremidade oriental da ilha (onde os naturaes a designam pelo nome de *ant-char*) no Macassar e em outras varias localidades: em vez de anniquilar os vegetaes da sua visinhança, folga no centro dos bosques densos e copados. Pouparemos aos nossos leitores a discripção botanica; bastará saber-se que o tronco é cylindrico, perpendicular, e nú até a altura de 60 a 70 pés, e ás vezes mais. No topo lança uns poucos de ramos quasi horisontaes, com varias curvas irregulares, dividindo-se em ramos menores, e formando uma copa semi-esphérica, mas tambem pouco regular. Do tronco, feita uma incisão na casca, corre copiosamente uma seve, ou succo amarellado, que se faz trigueiro ao ar, e é da consistencia do leite, porém mais espesso, e viscoso. A preparação deste veneno é segredo exclusivo dos habitantes da extremidade oriental da Java. Mas o Dr. Horsfield conseguiu conhece-la, e a descreve. É usado para envenenar as frechas na guerra, e por isso lhe dão os malaios grande apreço: seu effeito é tão prompto que mata um cão n'uma hora, um rato em dez minutos, os macacos em sete, e os gatos em quinze; porém um bufalo, sujeito á mesma experiencia, durou mais de duas horas: differe nisto, e na atrocidade da morte, do promptissimo effeito do veneno *wourali*, que noticiamos em o n.º 11. — O naturalista Rumphio observou os effeitos do *upas* em 1650 quando os hollandezes foram atacados em Amboino. « A penas [diz] os soldados eram feridos das frechas, o veneno lhes corria o corpo, produzindo-lhes, principalmente na cabeça, ardencia excessiva, seguida irremissivelmente da morte. »

As ardesias ou lousas.

Os naturalistas collocam a ardesia, ou lousa, como vulgarmente se lhe chama no Minho, entre os schistos ou substancias argilosas, siliciosas e calcareas. O seu caracter mais notavel é dividir-se facilmente em placas de differentes grossuras. O modo por que se acham collocados os bancos d'esta pedra é em camadas, ora verticaes, ora inclinadas. A sua côr ordinaria é uma côr de cinza, mais ou menos escura. Ha algumas avermelhadas e outras verdes, mas estas ultimas são raras, e nunca em Portugal as vimos.

Nas de côr de cinza, que são as communs, ha differentes especies; em algumas são as placas tão adherentes que difficilmente se dividem, e quebram a maior parte das vezes, quando se tenta fazel-o; outras estão misturadas com varios mineraes, que as deixam durar mui pouco, sendo d'estes o carvão de pedra e a argilla. Por isso se busca, para os diversos misteres em que se empregam, que sejam bem limpas e faceis de separar.

No Minho ha grande abundancia d'estas lousas, que servem principalmente para ornarem chaminés de fogões; mas que podiam servir para outros misteres, se aperfeiçoassem o modo de as arrancar das pedreiras, e se generalisassem o seu uso.

Entretanto, apesar do methodo imperfeito de que os cavouqueiros se servem, temos visto lagens de lousa de maravilhosa grandesa: mas para isto se estraga grande porção d'ellas. Estas pedras são conduzidas em bruto das pedreiras para officinas, onde as affeiçoam e pulem, trabalhando-as com grande facilidade, quasi como se fosse madeira, e fazendo-lhes molduras e relevos de grande gosto e primor. Na cidade do Porto é onde com mais frequencia se acham d'estas obras.

O modo por que na Alemanha, na França, e na Italia tiram as lousas das pedreiras, varía segundo a intelligencia dos obreiros de cada paiz. No Platsberg, descobrem o banco de lousa, e vão tirando moles de pedra contendo umas poucas de camadas, mas de um tamanho tal que seja facil movel-as. Para isto servem-se do mesmo methodo, que nós usamos vulgarmente para arrancar grandes pedras de qualquer pedreira, com a particularidade, a todos obvia, de as separar por onde são as divisões das camadas. Esta mole de pedra, assim separada, se leva logo, e em quanto está bem humida, para um logar á sombra, onde se divide em placas, antes que seque [o que se póde impedir humedecendo-a de quando em quando], porque em estando enxuta de todo não é possivel separar as placas.

É com uma especie de grande faca, cujo ferro é bem temperado, mas de pouca grossura, que se vão abrindo as laminas mais delgadas, e, se é preciso, vão-se mettendo cunhas de pau na abertura que fez a faca.

Quanto á maneira de pulir as obras de lousa não ha que dizer; porque no Minho o sabem fazer com bastante perfeição, chegando a preparal-as com tal arte que até parecem de ebano.

As boas castas de lousa são as mais duras, pouco quebradiças, lisas quando ainda estão por pulir, que soam quando se lhes da uma pancada, que não contem muita materia calcarea, e que não embebem a agua. Para qualquer se certificar desta ultima qualidade, não tem mais do que metter a terça parte do comprimento de uma lamina de lousa n'um vaso com agua. Se a pedra se não humedecer para cima do nivel da agua mais do que uma linha até duas, é de boa casta.

Para obras grandes, como para cubrir mesas ou tumós, e preciso que as placas sejam mais grossas, e neste caso a lousa serra se como a outra pedra. Quando

se quer trabalho mui delicado aplainam-se com uma garlopa, como as dos marceneiros; e esfregando-as com arêa, e depois com pedra pomes, ou com um trapo envolto em pó de carvão, se pulem maravilhosamente: para ficarem bem negras e luzentes, correm-se com uma gôta de oleo.

Em França e Inglaterra a lousa serve principalmente para os telhados, o que dá um aspecto triste ás povoações vistas de longe, mas que é sobremodo util. A lousa é muitissimo mais leve do que a telha, e ao mesmo tempo mais impenetravel á agua; e os telhadores sabem colloca-la por tal arte, que, apesar de serem chatas, não deixam passar nem uma pinga de chuva.

Para forro de muros é a lousa pedra aprovadissima; porque com ella se póde pôr uma silharia mui delgada, e por consequencia mais barata do que a de lagedo, ficando o fundamento da parede preservado da agua, tão bem como se fosse com pedra de cantaria.

Outro grande proveito que se póde tirar da lousa é fazer della os tanques de azeite. Tem-se experimentado na Italia que este liquido se conserva melhor nestes, do que em cisternas, em pipas, ou em tanques forrados de chumbo: por este motivo em todos os grandes armazens de azeite em Genova, em Napoles, e em Leorne os depositos são feitos de lousa. Construem-nos sobre um massame de pedra e cal: assentam no fundo uma lousa; põem-lhe a prumo uma por cada um dos quatro lados emparedadas com um muro em volta; e bitumam estas cinco lagens com um mixto de cal e pó de tijollo; mas póde-se usar de outro bitume, que se julgue melhor. Estes tanques duram tempo infinito, sem que nunca seja preciso concerta-los.

Com a lousa pulverisada e peneirada por uma peneira bem fina, se prepara um couro excellente para assentar o fio ás navalhas de barba. Misturado este pó com barro é tambem muito conveniente para fazer fôrmas para a fundição de metaes. A applicação das lousas para n'ellas se escrever, e sobre tudo o uso que teem nas escholas de ensino mutuo, são cousas tão conhecidas, que não carecem de aqui fazermos d'ellas particular menção.

Ainda ha poucos annos que em Lisboa se temia o uso dos fogões nas sallas durante o inverno: esta preoccupação, que o é em nosso entender, tem diminuido como outras muitas; é portanto provavel que nos novos edificios se vão construindo chaminés para ter no inverno fogo que modere a aspereza da estação: nós lembramos aos proprietarios que a lousa lhe offerece, para obras d'esta natureza, materia que, sendo talvez a mais barata, mandando-a vir do Minho, por mar, é, como ornato, de uma bella apparencia.

O novo systema dos cemiterios publicos, que substituiu o systema barbaro, indecente, e damnoso de sepultar os mortos nas igrejas para envenenar os vivos, dá novo preço á lousa, que é pedra proprissima para os monumentos da morte. Além da facilidade que presta para nella se gravarem inscripções, a tristesa da sua côr, quando é da que se póde fazer negra, quadra com a gravidade soturna de um campo sancto. Adorne com ella o rico e poderoso as faces dos monumentos dos seus; colloque-os o pobre e humilde, sosinha e desacompanhada de marmores custosos, sobre os restos daquelles que mais amou na terra, — a lousa será sempre a pedra das espulturas.

Em Portugal, esta casta de pedra acha-se em grande abundancia na provincia do Minho: as visinhanças de Abrantes teem muita; e no Alemtejo abunda tambem, nomeadamente nas visinhanças de Estremoz: esta, segundo nos dizem, é commummente vermelha. Na Beira diz have-las o Dr, Vandelli, e lamenta que para muitos usos se comprem aos estrangeiros. Com effeito as lousas, para escrever, para afiar navalhas, vem todas de fóra, podendo nós te-las do nosso paiz com tanta facilidade.

NERO, CHEFE DAS ILHAS MASSACRE.

OCEANO PACIFICO. — NERO, CHEFE SUPREMO DAS ILHAS MASSACRE.

No decurso do anno de 1830. o capitão americano Morell, commandante do brigue « *O Antartico* » da Nova-Yorck, descubriu o grupo dilhas *Massacre*, no Oceano Pacifico. Apenas o navio tinha fundeado, começaram a acudir os naturaes, quasi tão pretos como os africanos, mantendo-se, todavia, a respeitosa distancia, em as suas canôas, e mostrando, por signaes, curiusidade, assombro, e temor. Chegaram a obra de uma milha do navio, e então suspenderam os remos, como se não ousassem adiantar-se mais. Á vista disto, o capitão Morrell desfraldou uma bandeira branca em testemunho d'amizade, e acenou-lhe com avelorios, e outros objectos, resplandecentes ao sol. Decidiram-se então a approximarem-se do brigue, mas quando observaram o cordame, e aparelhos, parece que por longo espaço se não poderam resolver a subir a bordo. « Logo eu distingui na chusma um [escreve o capitão] que reconheci ser o chefe d'aquella gente, e á falta de nome mais conveniente, o chamei *Neron*, ou *Nero*. Era d'estatura athletica, e de olhar magestoso e nobre, estava mui esplendidamente, ou, para melhor dizer, mui extravagantemente enfeitado de conchas e flores, que trazia na cabeça, ao pescoço e á cinta, e tinha os braços e pernas, adornados de annéis, e braceletes de bellissima tartaruga.

Passado tempo bastante consegui persuadi-lo a que viesse a bordo com alguns dos seus; o que fez, depois de muitas duvidas e hesitação. Não ha termos bem fortes que pintem o pasmo destes negros quando se viram a bordo. Pareciam mudos e estupidos; e não fizeram o menor movimento, nem boliram pé em quanto eu não tomei o chefe pelo braço, e o incitei a passear, com todas as possiveis demonstrações de civilidade."

Desassombrado um tanto por este acto de benevolencia, e pela cordialidade da recepção, *Nero* começou a recobrar animo pouco a pouco, e a dar mostras de viva curiosidade: examinou rapidamente os mastros, as vellas, o convez, os cabos, as ancoras, e tudo o que lhe apparecia diante dos olhos, passando de um a outro objecto, apalpando-os com as mãos ambas, perguntando o uso de cada cousa, mas nunca esperando resposta, e voltando-se logo para outro objecto. Por fim entrou a saltar como louco em cima do convez, alternativamente rindo e soltando exclamações de assombro. Os seus companheiros se interessavam tambem muito nos objectos, que os rodeavam, mas não se atreviam a exprimir as suas sensações na presença do caudilho. Morrell convidou este para a sua camara, mas elle recusou em quanto tres dos seus não descessem a examina-la, e para isso lhes deu logo ordem, a qual executaram com visivel repugnancia. Todavia apenas elles poseram o pé na camara, o medo succedeu ao pasmo e admiração, vendo a grande quantidade de espingardas, de pistolas, e de espadas reluzentes; tapavam os olhos com as mãos, e davam clamores de espanto, a que seus compatriotas respondiam em cima do convez. Mostraram-lhes depois um espelho, a cuja primeira intuição se amedrontaram, olhando uns para os outros; mas quando repararam melhor, e reconheceram, reflectida pelo espelho, a imagem de seu rosto, preto como o ébano, abraçaram-se, fizeram ridiculas carantonhas, riram a todo o panno, e uivaram de alegria.

Nero, que os ouviu, não pôde resistir mais á curiosidade, e n'um pulo entrou na camara; e correndo os olhos por tudo, as suas exclamações de gosto e pasmo eram sem limites. Brevemente acharam-se á roda do navio infinitas barcas, vindas das outras ilhas carregadas dos naturaes, igualmente nus e pretos: pareciam estes incredulos ás historias maravilhosas, que lhes contavam os seus amigos, que já estavam a bordo. Mas em pouco, por seus proprios olhos, se convenceram que lhes não diziam metade. Mostrou-se-lhes então a cosinha, offerecendo-se-lhes pão, e outros alimentos, que recusaram com muita repugnancia. As peças de artilheria preoccupavam muito o chefe preto, que estava inquieto por conhecer-lhes o uso: mas nem era conveniente, nem politico nessa occasião satisfazer a sua curiosidade neste ponto. Entretanto o capitão Morrell tomou alguma polvora; e largou-lhe fogo sobre o convez, na presença delles, o fogacho os intimidou por tal maneira, que se prostraram por terra; mas vendo que nenhum mal succedia, levantaram-se sem receio, e deram a entender que o effeito era semelhante ao trovão, e relampago. Quando a sua curiosidade começou a socegar, e se applacou o ardor do primeiro enthusiasmo, distribuiram-se a *Nero* e a seus principaes camaradas, alguns presentes, pelos quaes manifestaram excessivo reconhecimento. *Nero* não quiz ficar atraz em urbanidade, e expediu logo á praia varias canôas, que não tardaram, carregadas de côcos, e outras fructas. Então, por elle lh'o pedir, o capitão acompanhou *Nero* a terra na canôa propria do chefe, e o segundo commandante do brigue os seguiu na lancha, bem equipada d'homens e d'armas.

Apenas desembarcados, *Nero* conduziu seus hospedes a sua casa, que simplesmente se distinguia das outras em ser mais alta, e mais vasta: ahi tomaram refrescos, que consistiam em fructos, e peixes de muitas especies; e depois sentados em esteiras, que alcatifavam o chão, os chefes, com algumas mulheres, ainda que pretas, muito esbeltas, formavam roda aos estrangeiros: porém no capitão Morrell fitavam todos elles os olhos, considerando-o talvez como chefe de alguma tribu poderosa d'ilhas remotas. Finalisada a comida, o capitão apresentou á *rainha*, ou mulher de *Nero*, um par de tezouras, uma faca pequena, e vidrilhos, o que tudo acceitou com bastante agrado, e pareceu mui contente, sobre tudo das tezouras. Estes trastes excitaram geral admiração; o que era mui natural n'um ajuntamento d'individuos, que não tinham ainda visto um só bocado de ferro ou d'aço, e cujos melhores utensilios eram fabricados de conchas ou de pedra.

«Nenhum d'elles [continúa Mr. Morrell] se atreveu a apalpar-me, á excepção do *rei Nero*, e ainda este com muita timidez. Mas ficando convencido que eu era de carne e osso, como elle, e os seus semelhantes, e que se não podia tirar a côr branca, que elle suspeitava encubrir a minha pelle negra, virou-se para os seus conselheiros todo pasmado, e fallou-lhes por algum tempo ácerca d'este maravilhoso phenomeno. Toda a assembléa o escutou com mais assombro que respeito, immoveis, e de boca aberta. *Nero* me rogou desabotoasse a camiza para fazer o mesmo ensaio na côr do meu corpo; e então o resultado foi um accrescimo de admiração. Cada homem, por seu turno, se chegou, e conveneeu de que a minha côr não era artificial. Depois de satisfeitos n'este ponto, as mulheres me brindaram com formosos collares de conchas, que desprenderam dos pescoços, e braços, para me adornarem. Esta civilidade foi imitada pelos homens, que me presentearam com suas grinaldas de plumas, trabalhadas com arte e gosto, e enfeitadas com coral vermelho. — Estavam comnosco mais de quatrocentos dos naturaes; e de repente entoaram, em côro, uma cantiga, velhos e moços, homens e mulheres. A julgar pelos seus gestos, a cantoria me era dirigida, com o intuito de agradecer os presentes, que lhes dera. Por signaes e acções, reverencias e sorrisos, procurei retribuir a sua cortezia. Acabado o concerto, dei a entender a Nero que eu desejava examinar a ilha, e pedi-lhe me fizesse a honra de me acompanhar, no que com satisfação consentiu, levando comsigo muitos da sua comitiva. Seis, por ordem sua, marcharam adiante, servindo de guias, e abrindo caminho. Eu não levava armas, pensando que o maior penhor da minha segurança individual era a plena confiança que testemunhava aos meus conductores, que com effeito mostravam ser gente obsequiosa, pacifica, e de boas intenções. Em quanto atravessavamos a floresta todos procuravam divertir-me, pulando, correndo, e cabriolando, como os garotos, ao sair da eschola. Quantos objectos se me offereciam aos olhos n'esta jornada me pareciam dar mostras de mocidade, e frescura; como se toda a ilha fosse de recente creação; as arvores eram muito novas; e passando pelo meio dos bosques, vi algumas plantas cobertas profusamente de flores purpureas, e lindas, as quaes *Nero* me disse serem exclusivamente cultivadas para enfeites. Para o centro da ilha, prenderam a minha attenção muitas pilhas regulares de pedacinhos de coral, separadas umas das outras por carreiros, cujo accesso era defeso por via de estacas pregadas no chão. *Nero* me insinuou que alli era o cemiterio real e as pilhas de coral outros tantos tumulos, e servia de jazigo aos chefes, e guerreiros d'e-

tinctos, unicos a quem era franca a estacada; os cadaveres do povo eram deitados ao mar.»

Nas ilhas Massacre, os homens são geralmente de nove palmos d'alto, bem proporcionados, direitos, o largos d'hombros; por isso são vigorosos, nervosos, e robustos, e ainda que um tanto grossos, extremamente ageis, bemfeitos, de braços e pernas em harmonia com o restante do corpo. A fórma da cabeça é engraçada, e differentissima da dos africanos; a pelle é macia ao tacto; e os cabellos um tanto encarapinhados, porém brandos e lustrosos; olhos grandes e proporcionados, nariz elegante, e os beiços tambem ainda que grossos, de um escarlate vivo como o coral de suas ilhas, e que descobrem duas fieiras de dentes iguaes, e brancos como o marfim. Todavia a expressão da sua physionomia, quando não ameigada pelo contentamento, é bravia e feroz, e ao mesmo tempo inculca firmeza, e resolução. Sarapintam o corpo extravagantemente de fórma que alguns causam horror. As mulheres são quasi tão corpulentas como os homens, igualmente pretas, porém mais engraçadas e mimosas. Quanto a vestuario nada diremos por decoro; o seu luxo consiste nos enfeites de conchas, ossos de peixe, &c., que trazem na cabeça, nas orelhas, no nariz, ao pescoço, e em quasi todas as junctas do corpo: adornos estes muito do uso de quasi todas as nações selvagens. Os chefes conhecem-se pelos barretes e grinaldas de plumas, que ondeam graciosamente ao sopro do vento. As armas de que usam são numerosas, bem como os instrumentos de guerra, o que prova que em caso d'hostilidades, seriam uns inimigos formidaveis. As armas são as seguintes: arcos de pau das palmeiras, de 8 pés de comprimento, leves, rijos, e mui elasticos; as cordas são do entrecasco das mesmas arvores: flechas feitas de caniços rectos, que brotam em abundancia naquellas ilhas; são de 5 pés de comprido, e tem a ponta fabricada de um lenho extremamente duro. As lanças são do mesmo pau dos arcos, de altura de 16 pés, polidas com tanto cuidado, e trabalhadas com tanto artificio, que parecem de marfim. As massas são tambem da mesma maneira, de 4 pés de comprido, achatadas n'uma das extremidades na largura de cinco pollegadas, e bem aguçadas; a outra extremidade, que é o cabo, é quasi redonda, e de grossura azada para segurar-se na mão; remata em uma especie de bola, semelhante á maçaã do punho de uma espada, onde está esculpida a carranca de um negro feroz. As facha d'armas são de comprimento de pouco mais de dois palmos, com uma ponta adelgaçada para servir de punho, e a outra figurando uma cabeça talhada toscamente, e da grossura d'um côco, que representa as feições horridas de um guerreiro sarapintado a seu uso, como para entrar em batalha. Finalmente não faltam a esta gente meios de defesa, quer no seu armamento, quer no seu valor, e corpulencia.

Aproveitamento de dois arbustos indigenas.

Crescem espontaneamente em o nosso terreno duas plantas aggrestes, que não são destituidas de utilidade, e tanto mais faceis de aproveitar quanto são mais vulgares. A camarinheira, de que temos duas variedades [*empetrum album et purpureum.* Lin.], e o medronheiro [*arbutus unedo.* Lin.], ou como lhe chamam na Beira, ervedeiro. A primeira vegéta copiosamente nos areaes maritimos, por mais aridos, e açoitados dos ventos, que sejam. É um matto miudo, que defende o terreno da incursão das areias movediças, serviço mui importante para abrigar as sementeiras proximas ás costas, e preservar da esterilidade o torrão contiguo. Não requer a minima cultura; basta semea-la nos sitios ou de ainda não brota, e a natureza benigna a cria, e amanha. Seus fructos ou bagas, não refrigerantes, quando maduros; porém espremidos, e reduzidos a mosto, dão agua-ardente, e vinagre. Ainda que o mosto, fermentado por si só, não forneça tanto alcool, como o da boa uva, comtudo poderá ser valioso conforme as localidades; além de que a cultura sempre ganha em augmentar, e variar os seus productos, muito mais quando, como este, pouco ou nada custam.

Como o alcool é devido á decomposição do principio assucarado contido no mosto; e é tanto mais copioso quanto o é este principio, o producto das camarinhas crescerá muito se lhe ajuntarem o outro fructo silvestre, que tambem abunda em nossas terras arenosas, isto é, os medronhos, que encerram muitas particulas saccharinas. Armesto, que fez ensaios nestes fructos, na provincia d'Orense em Galiza, pelos annos de 1807 e 1808, affirma que não contém de assucar menos d'um quinto do seu pezo, e falla das suas vantagens com muito enthusiasmo nos *Annaes das Artes e Manufacturas tom.* 44.º Todavia, sem lhe ajuntar medronhos, o mosto das camarinhas póde enriquecer-se com assucar mascavado, com bem pouco custo.

Para fabricar a agua-ardente, apanham-se os fructos bem sazonados, e lançam-se em balseiros, deixando-os estar, antes de os pizar, doze ou mais horas a curtir. Depois na piza se lhe deve ir junctando assucar mascavado, quanto baste para o mosto ficar doce como o de uvas, não o deixando ficar nem muito doce, nem muito aquoso. Convem tambem ajuntar-lhe algum sarro de pipa, por exemplo 6 onças por almude, pizado, diluido em mosto quente. Quando o fermentação afracar, por mau tempo, ou outras causas, deitar-se-lhe-hão algumas caldeiradas de mosto cozido, reduzido, pouco mais ou menos, a metade do seu volume. Convem deixar o bagaço na lagariça, ou balseiro, por mais tempo que fica o da uva: o mosto deve ir limpo de fezes para as vasilhas. Estas se conservarão destapadas só quanto baste para dar saída ao acido carbonico sem que se avapore e alcool em demasia, e attestar-se-hão constantemenla durante a fermentação sensivel. As vasilhas maiores são preferiveis, porque melhor fermenta o mosto sendo maior a porção, e mais depressa a fermentação sensivel acaba. O vinho, assim feito, destillado quando velho, dá melhor agua-ardente que o novo. Em tudo o mais practica-se o mesmo que se usa com o vinho d'uvas.

Taes são, em resumo, as circumstancias essenciaes do processo, que deverá empregar quem intentar em ponto grande este fabrico, e as que practicou o Sr. José Bonifacio de Andrade quando obteve as amostras, que em 1805 apresentou ao Avô da Nossa Augusta Soberana. Porém, sem nenhuma destas regras e precauções, houve quem fizesse das camarinhas excellente agua-ardente de 28 graus de *Baumé*, ainda que o producto andou por metade do que se recolhe das boas uvas.

Para converter em vinagre o vinho ou mosto das camarinhas, não é preciso deitar-lhe assucar, pois por si da bom vinagre; mas querendo-se mais forte e cheiroso, será bom juntar-lh'o em pequena quantidade. É porém muito conveniente deitar-lhe algumas borras de vinho, ou sarro de pipa, que servem de fermento. Quem pertender fabrica-lo com toda a perfeição póde seguir o seguinte processo.—Tomam-se quartolas, ou barris, colloca-las em sitio quente, e abrir-lhes na tampa superior buracos quadrados de 6 a 8 pollegadas. Uma das vasilhas enche-se até acima, e cobre-se com tampa; na outra faz-se no fundo uma

camada de vides e parras, sobre a qual se deita o bagaço, se o ha, e a poder ser algumas borras, ou sarro de pipa, como se recommendou, para fermento; então enche-se do mosto até metade, ou o terço da altura, e deixa-se destapada para entrar o ar, e fermentar sem deitar por fóra. Começa a fermentação ao segundo ou terceiro dia, deixa-se ferver por mais de 24 horas; e então se lhe deita da outra vasilha cheía algum vinho ou mosto, e assim se continúa até estar completa a fermentação acetosa, que se conhece ter acabado quando cessa de todo o movimento intestino. A outra vasilha deve continuar a estar bem tapada, para que o seu liquido pouco ou nada fermente. No verão deve fabricar-se o vinagre ao ar livre: a temperatura do liquido fermentante não deve exceder a 24 graus de *Réaumur*, o que se consegue, ou trasfegando-o, ou juntando lhe novo liquido da quartola tapada; isto a fim de arrefecer o liquido, e não se volatilisar todo o alcool, que dá ao vinagre bom sabor e cheiro. Finda a fermentação, e o vinagre estando assente e puro, cumpre trasfega-lo para nova vasilha, e se estiver pouco forte lançar-lhe alguma agua-ardente para melhor se conservar; guardando-o em logar frio e desabafado, e trasfegado-o de tempos a tempos, quando seja destinado para mais annos.

A apanha das camarinhas deve fazer-se em tempo secco, porque estão mais dispostas a fermentar, e se colhem mais facilmente, para o que basta sacudi-las ou vareja-las, pondo por baixo pannos grossos, ou sarapilheiras, como se usa em muitas partes com a azeitona. — A planta nasce espontanea, mas em paragens, onde a não ha, conviria aos proprietarios de grandes terras de cultura, visinhas ás costas maritimas, povoar com ella estes sitios, que para nada servem, e ainda quando lhe não aproveitassem os fructos lhes resultaria a vantagem de abrigarem e defenderem os seus terrenos adjacentes da irrupção temivel das areias, que esterilisam tudo. Para a sementeira é preferivel a variedade de bagas tirantes a côr purpurina, porque contém mais principios saccharinos.

Já dissemos que os medronhos tambem abundam em assucar, e principios fermentantes; em casa temos a prova, porque no Algarve, de ha muito se fabrica agua-ardente de medronhos. Esta póde ser boa, e propria para varios usos, sendo bem preparada, e lhe são applicaveis as precauções, recommendadas para a de camarinhas. — Em uma obra franceze e recente, que nos não lembra, lêmos que mil libras de medronhos forneciam uma barrica de agua-ardente de 16 graus, e que era especial para conservas de fructas. Além disto os medronhos tem outras utilidades. Das folhas usam, em algumas partes da Grecia, para curtir couros, o que indica consideravel grau de adstriogencia, pelo qual motivo tem tambem seus usos medicinaes; e os camponezes sabem, por experiencia, que os seus fructos, posto que insipidos, são nutritivos. A madeira é de bonita côr amarella, e obtendo crescimento pelo amanho, poderia servir para moveis, porque muitos medronheiros ha incultos, aproveitaveis para este destino. Os gados comem bem a sua folhagem tenra, que os não prejudica; e tem este arbusto a vantagem de ser sempre virente, e de amadurecerem os seus fructos no inverno, passando gradualmente por tres côres, e deleitando a vista com o seu bello encarnado, quando perfeitamente sazonados; pelo que seriam um ornamento muito agradavel dos jardins n'aquella estação melancolica, em que o geral das arvores se despojam da sua gala, contrastando assim lindamente os seus ramos vecejantes e fructiferos com os troncos pardosos e despidos, e emulando as vistosas laranjeiras nas ruas dos nossos pomares. Finalmente é provavel que estes arbustos adquirissem pelo cultivo consideravel melhoramento, e melhor servissem para os fins que indicámos. Se os seus fructos não são saborosos, ao menos agradam á vista, e o talento discriptivo do nosso Camões os poz entre os presentes, que o pastor Agrario offertava á sua nympha.

— E se os crespos medronhos nos caminhos
A ti com tanto gosto apresentei;
Porque não dás a Agrario desditoso
Um só revolver d'olhos piedoso? —

Machina tachigraphica. — Esta machina, imaginada por *Galli*, poderá vir a ser de grande vantagem, no caso de no seu uso não se achar alguma difficuldade insuperavel:

Consiste em dois teclados, formado cada um de tantas teclas circulares quantas são as letras do alphabeto, reunidas em um curto espaço, de modo que possam ser abrangidas pelos dedos de uma das mãos. Quando se poem os dedos sobre as teclas fazem-se, como no piano, levantar umas hasteas, em cujas extremidades estão as letras, que podem ser da mesma composição dos lapis, ou de outra qualquer materia que dispense o uso da tineta.

Estas letras vão estampar-se em um papel que anda sobre um cilindro, ao qual se póde adaptar uma manivela para o fazer girar. Os dois teclados são um para cada mão. *Toca-se uma palavra* n'um, outra no outro, alternadamente, por fim apparecerá o papel cheio de palavras na mesma ordem em que foram pronunciadas.

Esta invenção engenhosa não encerra tantas difficuldades como na apparencia tem. Do mesmo modo que a practica de muitos annos faz com que se lêa e toque a musica desembaraçadamente, o que, para quem nunca o tivesse visto fazer, pareceria incrivel, assim o uso d'esta machina faria vencer as difficuldades que n'ella parecem invenciveis.

Miguel Angelo e Braz de Cesena. — Veio um dia Paulo III visitar Miguel Angelo, que estava acabando o sublime quadro do juizo final, para a capella sixtina. Era numeroso o sequito do pontifice, e muitos dos individuos que o compunham careciam das qualidades necessarias para avaliarem a producção de tão preclaro engenho, e em taes circumstancias se achava Braz de Cesena, mestre de ceremonias do papa. Perguntou-lhe Paulo III que tal lhe parecia a pintura; e como um mestre de ceremonias não é de direito homem de gosto, e juiz competente em objectos de artes, respondeu-lhe Micer de Cesena, sem hesitar, que o quadro estava proprio para ornar uma taberna, ou uma bodega, porém não para uma igreja.

Os artistas são pouco affeiçoados á critica, mormente sendo injusta, e nem sempre prescindem da vingança: a de Miguel Angelo foi prompta, porque deu logo ao mestre de ceremonias um logarzinho no quadro entre os condemnados: uma serpente o enlaça e devora, e a cabeça do novo Midas apparece enfeitada com um par d'orelhas de burro, sem duvida para memoria da excellente sentença que proferira.

O retrato de Braz de Cesena era muito parecido, e a malicia do pintor em breve se fez publica. Debalde pediu aquelle a Miguel Angelo que o tirasse do logar de tormentos, em que o lançára sem respeito á sua reputação. O artista foi inexoravel, e o bigodeado mestre de ceremonias recorreu ao papa para obter justiça.

Paulo III soube tirar-se do aperto com sagacidade. Eu tenho, disse elle a Micer Braz, todo o poder na

terra e no ceu; se elle vos tivesse mettido no purgatorio, ainda eu lhe poderia dar algum remedio, porém como estaes no inferno, não póde haver remissão.

Ás escholas domingueiras. — Roberto Raikes, fundador das escholas domingueiras, nasceu em Glocester, em 1736; exercia a profissão de impressor na cidade onde nascera. Movido d'um ardente amor da humanidade tomou primeiramente um grandissimo interesse na sorte dos presos; porém reconhecendo que a sua ignorancia e embrutecimento repelliam quasi invencivelmente qualquer tentativa de melhoramento moral, comprehendeu que era preciso, antes de tudo, cuidar na educação dos rapazes do povo. Magoado ao ver todos os domingos os meninos da sua parochia andarem ás bulhas nas ruas, n'um estado lamentoso de desamparo e miseria, escolheu quatro mulheres do seu bairro, que dirigiam pequenas escholas de leitura, e pagou-lhe um schelling [192 réis] cada domingo, debaixo da condição de receberem n'esses dias tantos meninos quantos lhes enviassem. O pastor da parochia offereceu-se a auxilial-as na manutenção da boa ordem. Os meninos vinham para a eschola ás dez horas, e saíam ao meio dia: voltavam uma hora depois, e eram todos junctos conduzidos ao templo; depois tornavam para a eschola, onde estudavam o cathecismo: ás cinco horas e meia despediam-nos, e elles voltavam pacificamente para suas casas. Esta instituição teve o mais feliz resultado. Roberto Raikes imprimiu um livrinho, contendo exhortações pias, e distribuiu-o pelos escholares. Para recompensal-os dava-lhes exemplares da Biblia. Mantinha relações frequentes com as familias dos seus meninos; porque sabia quanto é poderosa a influencia domestica para fecundar as lições das escholas. A instituição de Raikes propagou-se pelas cidades e villas da Inglaterra. Em 1785 formou-se uma sociedade central das escholas dos domingos, debaixo da direcção de William Fox, pio successor do philanthropo de Glocester. Estas escholas foram introduzidas em 1800 no paiz de Galles, e passados tres annos já se contavam 177 escholas frequentadas por 800 meninos.

Em 1803 formou-se em Londres uma grande associação, com o titulo de: *União das escholas do domingo.* Esta sociedade tem publicado grande numero de obras elementares, e fundado bibliothecas populares nos concelhos.

O bem é uma semente fecunda: ao principio eram as escholas regidas por mestres assalariados, o que fazia que nos concelhos pobres fosse menor o numero d'ellas, mas em breve appareceram pedagogos voluntarios, zelosos da educação religiosa, e esta tarefa foi reclamada qual privilegio honroso, e passado algum tempo os proprios discipulos vieram a ser mestres, e d'entre elles sairam professores distinctos.

Contam-se hoje na Inglaterra 13:000 escholas do domingo, dirigidas por 140:000 mestres que ensinam gratuitamente 1.500:000 discipulos, e nos Estados-Unidos 1.000:000 de discipulos e 100:000 mestres.

Lancaster, um dos inventores do methodo do ensino mutuo, conversando uma occasião com Raikes, perguntou-lhe se entre os presos do condado tinha encontrado algumas vezes discipulos seus: Raikes tinha curado da educação de muitos milhares de meninos pobres; qual seria a profunda alegria do velho venerando, que consagrára as forças da sua vida a uma empreza tão bella, quando respondia a Lancaster: « Nunca. »

Oxalá que semelhantes instituições fossem introduzidas e animadas em Portugal, onde a educação de certas classes é nulla. A immoralidade anda quasi sempre a par da falta d'instrucção; e o que se póde esperar de individuos de tenra idade, a quem as suas familias apenas consentem em casa ás horas da comida, ou quando teem d'elles precisão, pois até chegam a ordenar-lhes expressamente que vão para a rua? O resto do dia passam-o estes entes despresados em reprehensiveis jogos e travessuras. Com a edade crescem-lhes os appetites; como não tem meios para satisfazel-os, nem idéa alguma do que é justo ou injusto, nem já póde haver freio que os dome, não ha excesso a que não se entreguem, e uma vez encetada a carreira do crime, caminham a passos de gigante para a sua perdição. Nós desejáramos que quando os paes faltassem aos filhos com aquella educação que ainda o mais pobre póde dar-lhes, fossem punidos correccionalmente, pois estamos persuadidos de que taes punições muitos remorsos poupariam áquelles, e muitos crimes a estes, e que assim aproveitaria a nação cidadãos que, criados como brutos, só servem de deshonra-la.

Crueldade para com os animaes. — O abuso do poder é commum nos homens e até nas creanças. Se nos convencemos, por experiencia diaria, que as mais fortes intelligencias, e os mais maduros juizos, não sabem resistir ao attractivo da auctoridade illimitada, e que, descomedidos na plenitude do poder, quebram todas as leis da razão e da justiça, como podemos esperar que o espirito de uma creança seja menos vezes fascinado, e com mais difficuldade pervertido, e que vendo-se dotado dos meios de distribuir a vida e a morte ás tribus de animaes e insectos que lhe estão sujeitos, exerça o seu dominio sem injustiça? Não só pelo que nos respeita, mas tambem pelo que respeita a muitas outras pessoas, nos foi, na infancia, reprimido o furor do despotismo, e interrompido o gozo da tyrannia por admoestações amigaveis, e pela intervenção da auctoridade paterna. Mas como póde uma creança fazer caso da reprehensão recebida, ou respeitar a auctoridade dos maiores, quando, depois de ser severamente reprehendida por haver barbaramente despedaçado uma abelha, ou esmagado uma borboleta, é muitas vezes chamada para matar uma aranha, ou pôr o pé sobre uma bichacadella, porque talvez uma senhora tem horror a uma, ou antipathia com outra?

Reparem bem os paes, que quizerem conservar seus filhos puros de crueldades contra os animaes, no modo porque os fazem instrumentos da sua vingança. As distincções de animaes innocentes, ou maleficos, não são para as creanças; e tudo o que por este lado necessitam para sua conservação não é preciso explicar-lho, porque a natureza lho ensina: até diremos que antes alguma cousa soffram, do que se acostumem a crueldade. — Parecerá isto a alguem de pouca monta; mas d'esta parte da educação depende muito a humanidade ou deshumanidade das pessoas adultas: é na infancia que se adquirem a maior porção dos habitos de toda a vida.

☞ Os Senhores Socios e Assignantes, que mudaram de residencia no fim do presente semestre, terão a bondade de o fazer constar á Direcção, para não soffrerem interrupção na entrega d'este Jornal.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

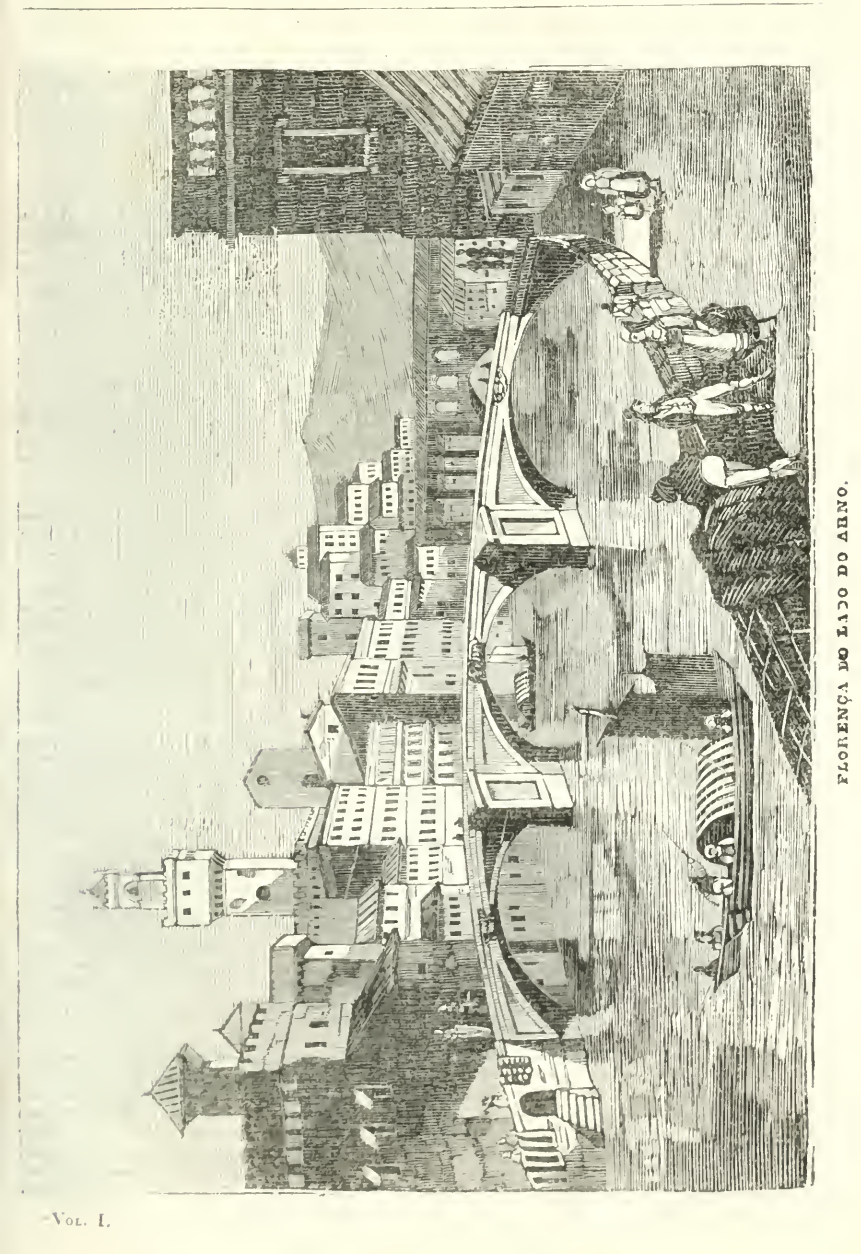
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

34) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 23. 1837



FLORENÇA DO LADO DO ARNO.

FLORENÇA.

Situação — Edificios notaveis — Homens celebres — Escola florentina.

Dizem que Florença deriva seu nome da grande copia de flores, que brotam suas visinhanças. Se esta etymologia é arbitraria, pelo menos não é disparatada; porque não ha campos mais vistosos, nem mais abundantes de jasmins, de arbustos florentes, e de pomares de cidreiras e larangeiras, que embalsamam o ar com suas fragrancias. Geralmente o territorio é fecundo e rico, e maior seria a profusão dos fructos, e vegetaes, se não fossem as torrentes devastadoras, que á menor tempestade caem dos proximos Apennino sobre as veigas, e o vento do sueste, chamado sirocco, que enfeza e cresta a vegetação, assim como prejudica a vida humana. Entretanto estes damnos são accidentaes, e passageiros; e os arredores de Florença, nas estações bonitas do anno, merecem bem o titulo que lhes dão de *jardim da Toscana*.

A cidade, edificada em ambas as margens do Arno, está á entrada do largo e fertil valle, que se estende até Pisa, e d'ahi para o mar. A entrada, ao longo do rio, entre estas duas cidades, apresenta uma serie de lindas e variadas vistas. Não admira que os italianos nasçam, por assim dizer, pintores e esculptores; a natureza lhes expoz á vista seus maravilhosos quadros, e as montanhas, que os circumdam, são todas de marmores, de alabastros, e de porphidos.

Florença é construida em fórma quasi oval, e terá 80:000 almas. As ruas são extremamente aceadas, os edificios magnificos, os palacios innumeraveis, e posto que d'um estilo carregado e severo, notaveis pela magestade e solidez da construcção, sendo os mais grandiosos levantadas na edade media, como o celebre palacio Pitti, hoje *il Palazo Ducale*. O caracter dos florentinos é affavel e urbano. Todas estas circumstancias reunidas n'uma cidade, onde se encontra tamanha copia d'obras primas das artes, situada em clima tão benigno, fizeram com que a formosa capital do grão-ducado de Toscana fosse canonisada a Athenas da Italia, e seja, á excepção de Roma, o ponto de maior concurrencia de estrangeiros n'esta região da Europa.

Quando as artes expulsas da Grecia, sua brilhante patria, pela invasão dos barbaros, pediam asilo ás nações, que eram dignas de as conhecer, o generoso Cosme de Medicis as chamou a Florença, e lhes deu protecção e abrigo. Este principe, como Pisistrato, intentou dominar por meio da liberdade, e das artes, um povo que idolatrava estes preciosos objectos: se elle foi tyranno, como houve quem dissesse, pelo menos exercitou o seu dominio sem ostentar, fez que as lettras florecessem, restaurou as artes, firmou a paz, e a patria escreveu no seu tumulo o epitheto de pae da patria, próva de que não foi detestado. Os successores de Cosme herdaram o seu gosto, e d'ahi nasceu a multidão de monumentos publicos, que Florença deve á casa de Medicis. Entre elles merecem particular menção:

1.º A sé, ou templo de *Santa Maria dei Fiore*. — Miguel Anjelo, que todos sabem é voto de grande peso na materia, dizia que a prodigiosa cúpula desta igreja, obra de Brunelleschi, podia igualar-se, mas não exceder-se. N'esta cathedral abundam maravilhas da arte, e entre muitas curiosidades se numera o maior instrumento d'astronomia, que se conhece, a famosa meridiana da Toscanelli.

2.º Ainda na mesma sé, o *Campanile*, torre colossal d'onde se avista Florença toda; o mais esplendido, adornado e bello dos campanarios, de uma architectura gothico-allemaã, e obra do Giotto. Carlos 5.º dizia que era peça que, a ser possivel, devia ser resguardada com um estojo. *Bello come il Campanile*; diz com emphase o povo de Florença.

3.º O Baptisterio, contiguo ao zimborio e ao campanile, e, como elles, desligado de outro qualquer edificio. Foi um templo dedicado a Marte, e hoje chama-se a igreja de S. João. Este monumento é celebre, sobre tudo por suas portas de bronze, que Miguel Angelo declarava *dignas de servirem de portas do Paraizo*.

4.º A praça do Grão Duque.

5.º O Palacio Velho, com sua torre, e o vastissimo salão onde o principe dá as suas funcções.

6.º O Palacio Ducal, enriquecido d'estatuas e pinturas dos melhores mestres, e adornado de bellissimos e grandiosos jardins.

7.º *La Loggia*, especie de portico, onde em dia de S. João vai o grão-duque ver passar os deputados de suas differentes cidades.

8.º As Portas de S. Gallo; soberbo arco triumphal erecto em honra de Francisco 1.º

9.º A Galeria, formosa collecção dos primores da pintura, da estatuaria, e das outras artes; riquissima nas obras primas da antiguidade, e dos tempos modernos, deposito precioso das mais excellentes amostras dos talentos de todas as edades, e que tem sempre merecido a attenção do orbe litterario, e as visitas *dei amatori*. O vasto edificio, que occupa, está situado na margem septentrional do Arno, e toma os tres lados de uma praça oblonga. Alli está a *Niobe chorando os filhos*, o *hermophrodito de marmore branco*, e a celeberrima *Venus de Praxiteles*, dita, *de Medicis*, porque a esta munificente familia deve o estabelecimento a sua creação. Emfim são tantos os milagres da arte reunidos n'esta galeria, que para enumerar os principaes seria preciso um extenso catalogo.

10.º O Museu, tambem abundante de curiosidades.

11.º A Bibliotheca de S. Lourenço, com mais de 1:000 manuscriptos, pela maior parte preciosos, e raros.

12.º As igrejas do Espirito Santo, de Santa Maria-Novella, de S. Lourenço, da Annunciada. N'esta ultima ha uma alampada, que os florentinos teem em grande estima; é de ouro maciço, e tem nove palmos de circumferencia.

13.º A Capella dos Medicis, jazigo das familias reinantes, que posto não esteja acabada, é fabrica primorosa.

14.º A *Ponte della Trinitá*, uma das quatro lançadas sobre o Arno, e que passa por modelo de elegancia no seu genero. É obra de Bartholomeu Ammanati, architecto de grande reputação. A sua construcção é d'um estilo particular, e sustenta-se em tres arcadas ellipticas de marmore branco: nas quatro extremidades tem sobre pedestaes as estatuas allegoricas das quatro estações. Completou-se em 1569.

A gravura, que precede este artigo, representa esta ponte, e mostra mais ao longe outra chamada a velha, *Ponte Vecchio*, que tambem é curiosa, por ser guarnecida de casas por ambos os parapeitos, excepto no centro, onde tem arcadas gothicas. Produz esta disposição um lindo effeito, porque o estrangeiro, que atravessa a ponte, só quando chega á arcada patente do meio conhece a sua situação; e a pictoresca magnificencia das margens do Arno então se descenrola subitamente á sua vista.

Se intentassemos alargar-nos sobre todas as particularidades, e bellezas da capital da Toscana, não bastaria o presente numero; porém o que levamos dito, sobre os objectos apontados, inda que não pela ordem de sua importancia, será sufficiente para dar ao leitor uma noção d'esta cidade, que os estrangeiros, principalmente os inglezes, muito frequentam. Não deixaremos todavia em silencio alguns dos homens illustres, que honraram Florença com o seu nascimento, e no-

ticiaremos brevemente a origem da celebre eschola florentina.

São filhos d'esta cidade: —

Americo Vespucio, sabio navegador, que não descubriu o Novo-Mundo, mas que lhe deu o nome, e morreu em 1516.

O Historiador Guicciardini, que foi simultaneamente habil advogado, grande diplomatico, e escriptor de nome. Falleceu em 1540.

Nicola Machiavello. Póde ler-se a sua biographia a pag. 244, N.º 34, d'este jornal.

Alberti, maquinista insigne, que alguns fazem filho de Bolonha. Contam d'elle emprezas pasmosas como o transporte de uma torre de sinos em peso, sem apear os sinos, a distancia de 15 a 20 passos do local onde fôra construida. Floreceu no principio do 16.º seculo.

Galileu, que segundo Mr. Michaud, e outros escriptores, nascêra em Pisa. É bem conhecida a abjuração deste insigne mathematico, que teve de expiar nos carceres inquisitoriaes a exposição do unico systema astronomico verdadeiro. Exemplo eterno dos attentados da ignorancia contra o talento! Um sobrinho deste sabio lançou no fogo alguns escriptos de seu tio para alcançar a absolvição do confessor. Galileu morreu em 1641.

Lulli, musico de alta reputação, que bem podemos chamar francez: pois que tanto contribuiu para a gloria do seculo de Luiz XIV. Grandes, como eram, os seus talentos, a posteridade decidiu que não precisavam d'elles para brilharem os versos de Quinault, como dissera o injusto Boileau.

O Dante — patriarcha da poesia italiana — tão conhecido por seus escriptos, como por seus infortunios. Abraçou o partido dos gibelinos, adverso aos papas. Sendo nomeado, em 1300, um dos oito *priori* de Florença, desagradou a uma das facções poderosas, que luctavam na sua patria, e então começaram as suas desventuras. Foi condemnado, e banido, arrasada a sua casa, e saqueados os seus bens. Passado muito tempo morreu miseravel em Ravenna. O principe d'esta cidade lhe fez magnificas exequias, e recitou o seu elogio funebre.

Da eschola de pintura florestina saíu tambem quantidade de homens illustres. Foi fundada no seculo duodecimo por Giunta, natural de Pisa, da mão do qual existe ainda um Christo na igreja *degli Angeli*. Vê se n'este quadro, apezar da sequidão do desenho, um estudo fiel do nú, uma expressão de dôr compungente, e as dobras na roupagem, superior ás obras mercantis dos gregos ignorantes, vindos de Constantinopola á Italia. — Cimabue appareceu 50 annos depois, e de tal fórma eclipsou o seu predecessor, que por muito tempo foi considerado unico no seu genero. Consultou melhor a natureza em suas imitações, e deu-se principalmente a variar as attitudes de suas figuras. Sobre tudo as cabeças de velhos, que desenhou, são de notavel acabamento; physionomias arrogantes, como o seculo em que pintou, mais parecem de semi-deuses que de homens. Não só foi grande pintor, mas tambem distincto architecto, e, á força de estudo, habil litterato. Carlos d'Anjou, irmão de S. Luiz, o visitou em sua officina, e lhe liberalisou altissimos elogios. Não se divisa porém em suas obras aquella harmonia da luz, e das sombras, que constitue o claro-escuro. Não tinha a menor idéa da perspectiva linear e aeria; porém estes defeitos, provindos da infancia da arte, são compensados por bellezas da primeira ordem. Nada faz lembrar tanto as pinturas celebres da antiguidade como as de Cimabue. O seu talento póde reputar-se o annel da cadêa que prende a pintura antiga com a moderna. Cimabue ainda conseguiu outra gloria, e foi a de descobrir um homem raro em um pobre guardador de gado. Giotto de Bondini desenhava em barro amollecido os seus bois, cães, e ovelhas, quando Cimabue o viu, e inquiriu, e o tomou por alumno. Giotto excedeu seu mestre, e ainda que ao principio tomou a maneira d'este, isto é um desenho e colorido seccos e asperos, e a disposição sem symmetria, foi pouco a pouco apurando o pincel, e em suas obras appareceu a graça e a harmonia; as suas linhas e contornos foram mais puros e graciosos, e o seu colorido mais vivo, mais verdadeiro, e ao mesmo passo mais suave. Teve numerosos discipulos, que desenvolveram a arte das faxas do berço, e applicando a geometria á pintura, fixaram a sciencia da perspectiva. Vieram depois Ghiberthi, Donatelli, Masaccio, e outros, até que subiu ao solio pontifical um homem ávido de gloria, e de nomeada, Sixto 4.º; dado, desde a mocidade, aos estudos theologicos, conhecia as artes mui superficialmente; comtudo o seu espirito recto e claro lhe dizia incessantemente que só ellas eram capazes de transmittir ao futuro a sua memoria. Chamou a sua côrte os artistas mais afamados da Italia, e todos acudiram para pintar a capella de Sixto. Deste concurso inesperado data o lustre da eschola florentina. Leonardo de Vinci, homem de conhecimentos vastos, agradavel não só pelas faculdades intellectuaes, como até pelos attractivos da presença e do corpo, abriu com estrondo esta segunda epocha. Tudo é bello, tudo é grandioso nas suas figuras e nos seus accessorios. Pintou com infinita elegancia, graça, e magestade.

Vinci teve excellentes discipulos, mas todos se eclipsaram diante de Miguel Angelo Buonarotti, como as estrellas em presença d'um meteoro resplandecente. Lourenço de Medicis deu impulso e protecção ao genio nascente d'este homem raro, que foi ao mesmo tempo engenheiro, architecto, pintor, esculptor, litterato e poeta. Morreu em 1564, de edade de 90 annos honrado com os favores de todos os pontifices, e principes, que reinaram durante a sua vida. O seu desenho era varonil e correcto, o seu colorido vigoroso, ainda que um tanto sêcco, admiraveis a expressão e attitudes de suas personagens, e todo o seu estilo ressumbra vivacidade e arrogancia. Póde-se dizer que não meneou o lapis, ou o pincel, com sua pasmosa facilidade, sem produzir effeitos até alli desconhecidos na historia da arte. Todavia a pintura era um accessorio do seu immenso talento. Para se dedicar inteiramente a esta arte encantadora, foi preciso que o papa Clemente 7.º viesse em pessoa, acompanhado por doze cardeaes, á sua officina, arranca-lo á esculptura, sua especial favorita. Pintou então a capella sixtina, que é reputada, com justiça, uma das maravilhas da Italia.

Succederam-lhe outros muitos pintores de raro engenho; mas ultrapassou a todos il Rosso, pelo genio creador, unico que constitue o grande artista. Fechou este, para assim dizer, aquella serie immortal. O seu merecimento é reconhecido; cultivou tambem a poesia, a musica, e architectura. Francisco 1.º, de França, o honrou com muitos beneficios; e o museu do Louvre possue muitos dos seus quadros.

Uso da turfa ou turba.

1.º

A falta de lenha que os moradores de tantas povoações de Portugal experimentam, nomeadamente na capital, onde faz com que suba ás vezes tanto o preço dos combustiveis, nos deve excitar a procurarmos um dos mais economicos meios, que a natureza nos offerece no nosso paiz, para substituir a lenha, e que

no resto da Europa se emprega, sobre tudo na Hollanda, na França e na Allemanha. Este meio, que já por vezes tem sido apontado, consiste no uso da turfa, que é uma substancia de côr carregada e denegrida, embaciada, e bastantemente leve, formada de restos de plantas misturadas com terra, e já em parte decompostos, na qual muitas vezes se divisam os vegetaes que a produziram.

Nas Memorias Economicas da academia das sciencias de Lisboa foi já lembrado, pelo celebre naturalista Vandelli, que possuiamos este producto natural, o qual alli vem designado pelo nome de *trufa ou turba*, que se lê no titulo do nosso artigo. Da denominação de *turfa* se serve tambem outro socio da academia das sciencias [tom. 12.º, part. 1.ª das Mem.] em uma Memoria Geognostica dos arredores de Setubal. Os francezes chamam a esta substancia *tourbe*, e os alemães *Torf*.

Depois da venda das lesirias do Tejo e Sado, começou-se a formar uma associação para, por via de um contracto com a direcção da sociedade das lesirias, explorar a turfa na *Comporta*, perto de Setubal. Não sabemos com individuação que motivos houvesse para se não pôr em pratica uma tal empreza, que de certo fôra de grandissima utilidade publica.

A abundancia, que em alguns sitios ha d'este combustivel, faz com que se deva ter em muita conta semelhante objecto, e se houve embaraços para se tentar extraí-lo na Comporta, onde se acharia abundantemente, não concorrerão as mesmas difficuldades para se buscar em outros logares do nosso paiz onde se possa encontrar.

As maiores e mais importantes porções da turfa se acham em camadas, de maior ou menor grossura, nos terrenos pantanosos, e até nos chãos enchutos, mas que foram já brejos, ou lagos de agua doce. Apparecem estas camadas ás vezes nuas; outras vezes cubertas com um leito de arêa, ou de terra vegetal, leve, e commummente de poucos palmos de espessura.

Ha chão de turfa de diversos tamanhos: depende isto principalmente da extensão que occupavam as aguas, onde existiam os vegetaes de que ella se formou. Estes chãos de turfa são, ás vezes, divididos em diversos leitos, por estreitos depositos de lodo, de arêa, e de conchas fluviaes.

Provém a turfa da alteração dos vegetaes accumulados, depois de terminada a sua existencia, no fundo dos lagos ou terrenos brejosos, misturados com o lodo, e estratificados com os limos e outras plantas aquaticas. Basta observar a densa e enraizada verdura, que cobre os chãos alagadiços, para comprehender a formação da turfa. As camadas de plantas augmentam annualmente de espessura, e por fim vem a ficar a uma grande distancia do chão, do qual as separam os seus proprios residuos. Agglomerações d'esta especie, submergidas, e entranhadas em um assento terreo, deram certamente origem á turfa por via de uma decomposição lenta. Entretanto nem todos os pantanos a geram, o que parece mostrar que a sua producção depende de mais algumas circumstancias particulares.

E mui facil a extracção da turfa. Como as suas camadas andam sempre á flor da terra, descobrem-se com leve trabalho, e tira-se a turfa, mais ou menos methodicamente.

Em qualquer banco de turfa as camadas inferiores são as de melhor qualidade, por serem formadas de vegetaes, quasi inteiramente transmudados. A turfa que se tira d'estas camadas é mais estimada, e procura-se com maior cuidado. As camadas superiores são muito fibrosas, e n'ellas se distingue ainda a mistura dos vegetaes. Arrancam-se estas camadas de cima com uma pá ordinaria, e molda-se em grandes adobes que se seccam ao ar, ou ao sol. A turfa lodosa extrae-se por outro modo na França e na Alemanha. Quando, tiradas as camadas superiores, se chega ao deposito inferior, corta-se em cespedes com uma pá cortante chamada *lucheta*. Estes adobes, ou cespedes, são, da mesma fórma, seccos ao ar, ou ao sol. Quando a turfa está cuberta de agua servem-se de um instrumento, a que os francezes dão o nome de *drague*, semelhante áquelles com que se limpam os diques. A que se extrae muito molhada, seja em cespedes, seja em lodo, põe-se a escoar, n'um logar ladeirento, para que se torne compacta, e só depois se molda. Na Hollanda seguem um methodo particular, a descripção do qual se póde ver no tom. 34, pag. 255 dos Annaes de Chimica publicados em Paris.

A turfa analysada dá os mesmos productos que o pau, mas em proporções differentes. Moldada, como dissemos, é empregada immediatamente em muitos paizes. Dá algum trabalho a accender, mas depois arde bem, e até dá grande chamma. Parece-se em tudo com as bolas de cisco que se usam em muitas cosinhas de Lisboa, e que são feitas com pó de carvão amassado com barro ou greda, mixtos que tambem entram na composição da turfa.

No que deve haver muito cuidado é em não guardar a turfa sem estar bem secca, e em não amontoar muita n'um deposito; porque em ambos os casos corre risco de incendiar.

Tem este combustivel o inconveniente de exhalar, quando arde, um cheiro desagradavel. O remediar este defeito alcança-se com a boa construcção das fornalhas.

A turfa dá, como as bolas de cisco, uma temperatura uniforme, e não precisa de ser atiçada.

Como adubo para as terras tem tambem a turfa grande valia. O Dr. Vandelli, no seu Diccionario dos Termos de Historia Natural [pag. 299] diz, que onde a houver, com ella se póde fertilisar o terreno. O seu uso, porém n'este mister, depende de certas circumstancias, que explicaremos em um artigo subsequente.

Os cemiterios.

N'uma tarde do passado outono, em que sosinhos visitavamos o cemiterio occidental de Lisboa, a solidão, no meio dos raros tumulos que alli se divisam, nos convidou a uma serie de reflexões que poremos n'este logar, porque as julgamos uteis, e proprias para melhorar a moral do povo.

Já no numero antecedente, tractando do uso das lousas como monumentos sepulchraes, louvamos a instituição de cemiterios publicos. A magestade da religião, a hygiene, e a decencia exigiam que os templos deixassem de ser o receptaculo dos cadaveres e dos vermes. O bom juizo do povo da capital, e ainda de outras cidades, recebeu esta innovação ou com applauso, ou, pelo menos, sem queixume. Desprendeu-se o povo de uma superstição antiga e radicada, conformou-se com a idéa de separar, morrendo, os seus restos dos restos de paes e parentes que desceram já á terra, e que dormem seu ultimo somno debaixo das lagens da igreja calcadas pelos pés dos vivos. O povo das cidades sugeitou-se, sem murmurar, a estas mudanças, que contrariavam parte dos seus affectos, porque percebeu que n'isto havia um progresso de civilisação; que n'isto interessava o bem publico e a moral: — e este povo que fez isto, que sempre se mostra docil ás reformas uteis, ainda as outras nações o accusam de ignorancia, de apego ás preoccupações, de aviltamento e de cegueira! — Que mal teremos nós feito á Europa para sermos tão barbaramente calumniados?

Antes de passarmos ás reflexões geraes sobre os cemiterios, faremos uma particular ácerca d'aquelle que em nós as suscitou. O cemiterio occidental de Lisboa está assentado n'uma situação a que podemos chamar poetica: sobre uma pequena altura, d'alli se descobre para o lado do mar grande extensão de ceu, o sol o aquece ainda com seus ultimos raios, e a brisa fresca do norte o varre desempedida: ondeado brandamente, o terreno contido no seu ambito, offerecerá um aspecto picturesco, quando cuberto de monumentos, de arvores, e de flores; mas disto ainda elle está ermo, e de toda a herança dos mortos, de que o campo sancto é o thesouro, ainda não recebeu porção abundante, senão de cadaveres e de lagrymas.

O sitio em que o cemiterio está collocado chamava-se d'antes *Terras dos Prazeres*, nome que tomou de uma ermida, que, incluida no seu recinto, serve de deposito aos corpos dos mortos. D'ahi veio a este logar consagrado o titulo de *Cemiterio dos Prazeres*. Ha n'estas duas palavras uma contradicção tão absurda, que tal denominação parece um escarneo, um epigramma insupportavel á cousa mais veneranda na terra, a jazida dos mortos. Quantas dôres, quantas saudades, quantas agonias e suspiros não teem pesado sobre este outeiro escalvado! — E o outeiro é o *cemiterio dos prazeres!* Sê-lo-ha para o mau filho, para o mau irmão, para o mau esposo; nunca para o homem honesto; para o que crê na virtude, e em Deus.

Nós desejariamos que o povo nunca lhe desse este nome; porque com isso revela que não cura dos sentimentos intimos, que para elle o cemiterio é apenas um receptaculo de immundicies, e quando muito um passeio publico. N'esta denominação ha uma especie de linguagem de prostituição: ha uma falta de pudor publico, o qual realmente existe ainda no coração do povo. Aqui rirão os philosophos, [d'estes que nunca meditaram dez minutos a fio, e de que está inçada a sociedade] de nós darmos tanta importancia a duas palavras: a estes taes diriamos, se elles nos entendessem, que na linguagem do povo está a historia da sua intelligencia, da sua depravação ou da sua morigeração; e que, já que o pudor fugiu do theatro, da litteratura, e muitas vezes das artes, que deixem ao menos que o povo o conserve nas suas expressões. Mas passemos ao objecto a que dedicámos este artigo.

Em quasi todo o reino os cemiterios estão estabelecidos; e se em algumas povoações o seu estabelecimento achou difficuldades, estas estão na maxima parte vencidas. Comtudo o espirito dos habitantes do campo não se affez ainda inteiramente a este uso. Cumpria que os parochos fizessem entender bem ás suas ovelhas, quão util, quão religioso era sepultar os mortos n'um logar a isto só consagrado; mas para os pastores poderem com fructo trabalhar n'esta parte do seu ministerio, é preciso que as auctoridades, a quem isso incumbe, destruam as causas de justa queixa, que o povo tem contra os novos cemiterios. Em varias parochias, ou por desleixo ou por pobreza, os campos dos mortos ainda não estão murados, e ha exemplos de terem os lobos ou os cães desenterrado de noite os cadaveres, achando-se estes pela manhaã devorados. Isto offende em verdade a moral, e o povo é justo oppondo-se a uma cousa cujos resultados são tão maus; porém ninguem creia que se este escandalo se atalhasse elle não recebesse de boa mente a nova instituição. Desenganemo-nos que o povo só pensa mal quando não comprehende as cousas: quando elle as entende, e até onde as entende, a intelligencia mais habituada a pensar, não faz melhores raciocinios do que o bom juizo popular.

O que porém temos que lamentar é o descuido geral que tem havido em adornar estes logares sanctificados pela morte. Sobre tantos corpos que durante tres annos n'elles se tem sotterrado, bem poucas lapides se erguem; e em muitas sepulturas jazem pais de familia, a quem seus filhos nem sequer consagraram uma cruz de madeira, uma taboa escripta em que pedissem uma oração pelo extincto ao que por juncto d'ella passasse! E isto embrutecimento? — é isto corrupção de espirito? — Talvez ambas as cousas. Se nós tivessemos de escolher um amigo, antes de dar entrada á amisade, iriamos ver se no cemiterio os restos de seu pae jaziam esquecidos; e se assim aconteceesse, nunca seria juncto do nosso coração que bateria o seu.

A sepultura é a unica memoria perenne que deixamos na terra, porque um nome illustre são raros os que o deixam. Pede a sepultura do christão bem pouco: basta-lhe uma pedra humilde, sobre a qual os seus irmãos pelo Evangelho orem ao que tudo perdoa. Mas elle, como os outros homens, tem direito a ser lembrado, porque bem singular caso será o d'aquelle que passar n'este mundo sem fazer uma boa acção, pela qual mereça que o seu nome seja por alguem recordado.

Estamos n'um seculo em que é moda tractar a sensibilidade como *sentimentalismo*, [palavras estranha á boa e severa lingua portugueza] e todos os sanctos affectos da alma como objecto de mófa: estamos n'um seculo em que só homem abalisado se reputa o que considera o seu semelhante unicamente como uma força motora para os trabalhos da industria, e que unicamente sabe achar o algarismo pelo qual é preciso multiplicar esta força para que seja igual á de um engenho de vapor, ou á de outra qualquer machina. Mas esta moda, que contradiz a consciencia, passará como as outras, e como um ingrediente venenoso e amargo, porém necessario para a civilisação, a qual, nós o cremos, como cremos em Deus, se converterá toda, algum dia, a melhorar o espirito humano. É então que os abastados, e até os governos, facilitarão aos pobres os meios de consagrar aos entes, que os deixaram na terra, uma pedra de campa, onde se gravem seus nomes.

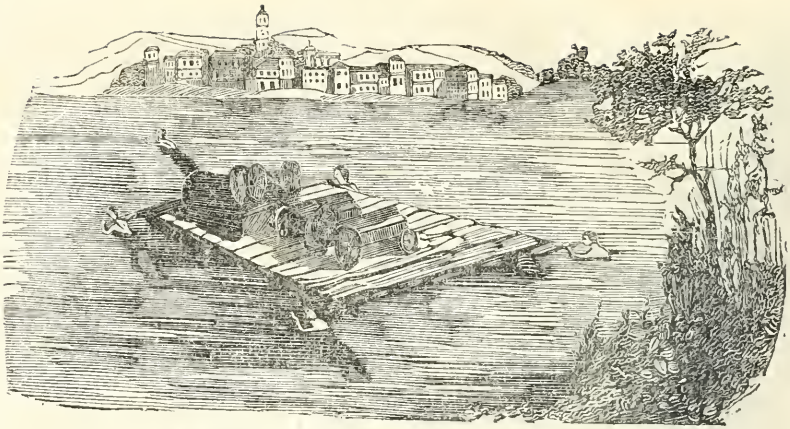
Guardamos para o fim d'este artigo dizer algumas palavras sobre uma falta gravissima, commum em todos os nossos cemiterios, falta que immediatamente, em muitos d'elles, se podia e devia remediar. Fallâmos da nudez completa em que se acham, até os de Lisboa, de toda a casta de arvores e arbustos; nudez que sem produzir uma suave melancholia contrista o coração dos que visitam estes logares de repouso.

No interior das cidades construem-se e plantam-se jardins para espairecerem ociosos: adornam-se praças para colher approvação e louvores de viajantes, fazem-se tantas obras para recrear os olhos dos homens felizes: só o orphão e a viuva, emfim os desgraçados, não terão uma sombra, uma arvore, juncto da qual vão mitigar amarguras com lagrymas, vão affagar com gemidos as cinzas dos que perderam? — Não pedimos para estes privilegios, pedimos justiça igual. Nós a imploramos, em nome da desventura, áquelles a quem cabe distribuil-la.

Pelo lado da hygiene publica é já vulgarmente sabido que as arvores servem para purificar o ar, e claro é que em parte nenhuma elle precisa de ser puro como nos cemiterios; e a est'outras considerações moraes esta inteiramente material deve accrescentar grande força.

Talvez temos sido longos de mais nesta materia; mas aqui cerraremos o nosso discurso. Os que desejarem ampla instrucção sobre este objecto podem recorrer á excellente Memoria *sobre a inconveniencia dos enterros nas igrejas*, publicada no Porto em 1836, pelo Sr. Dr. Assis, lente da eschola cirurgica d'aquella cidade.

Alli acharão tudo o que se póde dizer sobre as vantagens dos cemiterios publicos, e sobre a maneira de estabelecer e conservar estes.



JANGADA PARA TRANSPORTAR ARTILHERIA.

UTILIDADE DA NATAÇÃO NA ARTE DA GUERRA.

«A AGUA, no seu estado livre, nos seus movimentos naturaes, isto é, ou profunda, ou rapida, ou tranquilla, ou agitada, é um adversario formidavel, que é preciso combater, e vencer sob pena de morte. A lucta com este elemento é a natação. O nadar não é faculdade natural ao homem, que não recebeu do Creador o dom de nadar, como recebeu o de andar, e as aves o de voarem. Além d'isto, a estructura e constituição do homem parece que o impedem de nadar, porque para este fim necessita tomar attitudes e posturas, que lhe são pouco naturaes: só com os auxilios da arte consegue elle, assim elevar-se aos ares, como guiar-se no meio das aguas.»

Tal é o preambulo de uma obra recente, publicada pelo visconde de Courtivron. (1) O auctor emprehendeu a tarefa de mostrar a utilidade da natação; por quanto, depois da caça fôra a primeira precisão dos homens primitivos. Privados do soccorro das pontes, ignorando a construcção de barcos, não conheciam outros meios de passar os rios caudaes senão atravessando-os a nado. De necessidade deviam recorrer a este unico expediente, por causa das frequentes inundações a que eram expostos certos paizes; pela pesca de que viviam algumas nações, e que então se fazia, colhendo o peixe a mão dentro d'agua; e tambem pelo uso universal de se banharem. Por isso vemos o exercicio da natação honrado entre os povos mais antigos, principalmente os que habitam á beira dos rios ou das praias do mar.

Todavia o fim principal do excellente livre de Mr. de Courtivron é provar a utilidade da natação applicada á arte militar; e para este effeito recopila grande numero de factos curiosos, entre os quaes escolhemos o seguinte. — «O bloqueio de Genova foi, pela sua importancia e pelas circumstancias que o acompanharam, um dos episodios mais interessantes das guerras da revolução. É inexplicavel a extremidade a que a cidade se viu reduzida em Maio de 1800. De 60 barcas mandadas a França a buscar bastimentos, nem uma póde escapar á vigilancia do cruzeiro. Todavia os officiaes, successivamente enviados para dar noticia da posição do exercito, não receavam affrontar os perigos da jornada para trazer as respostas de Bonaparte, aos avisos dos soccorros, tantas vezes promettidos, e com tanta impaciencia esperados. Entre elles sobresae a intrepidez e ousadia do chefe d'esquadrão, Franceschi, que depois veio a ser um general benemerito. A 25 de Maio, tendo embarcado n'um batel só com tres remeiros, atravessou, com o auxilio da noite, o cruzeiro inglez, e chegou á linha de chalupas, mais proxima da praça, quando rompia o dia. Achou-se no meio da bahia, a uma legua da praia, exposto ao fogo cruzado das embarcações. Um dos remeiros foi morto, outro ferido, e não podia aquelle official evitar de ser aprisionado dentro do batel. N'esta extremidade, amarrou com um lenço os officios ao pescoço, despiu-se, e deitou-se a nado para a praia, mas lembrando-se que abandonára as suas armas, que seriam um tropheu em poder do inimigo, voltou a bordo, e de novo se deitou a nado com a espada segura nos dentes: teve que vencer um grande espaço, luctando teimosamente contra as vagas, mas conseguiu chegar salvo á praia, ainda que já quasi esgotado de forças.» D'este modo salvou a missão de que era incumbido, a sua liberdade, e a sua honra.

Mr. de Courtivron não se limita só a expender factos, mas querendo desenvolver practicamente o seu pensamento, construiu um modelo de jangada para o transporte d'artilheria em campanha, conduzida por soldados nadadores, como se vê na *vinheta* juncta. Até o presente quando se tem usado de jangadas para este fim, são encaminhadas por homens com remos e pás, e nunca sem muita fadiga, e bulha. Ora o meio certo d'evitar o estrondo é substituir com soldados nadadores os homens dos remos. Seis soldados, quatro aos angulos da jangada, e dois á frente, a conduzirão com facilidade, e em silencio, á margem que for designada segundo a opportunidade: dizemos *com facilidade*, porque é incrivel quão pouca força se precisa para dar impulso n'agua aos campos mais onerosos. A simples pressão do dedo do nadador basta para imprimir um leve movimento na viga mais pesada.

A jangada proposta pelo auctor é composta de quatro traves entalhadas pelas pontas umas nas outras formando um quadrilongo; o espaço intermedio cobre-se com pranchões fortes; e collocam-se na parte inferior dos angulos d'este quadrilongo toneis ou pipas vasias cintadas com cortiça. Estas vasilhas sustentam a jangada, que póde assim carregar enormes pesos. Por esta fórma os seis nadadores, que a farão mover por impulso manual, levam decidida vantagem a homens que é necessario collocar nas jangadas ordinarias; e os remos, e mais aparelho são inteiramente inuteis.

(1) Traite complet de natation. Essai sur son application à l'art de la guerre. 1 vol. in 8.°

Mr. de Courtivron acaba assim. — «Officiaes engenheiros, a quem mostrei o meu modelo, lembraram-se de que certa quantidade de bexigas, postas á roda da machina, a pouca distancia umas das outras, lhe prestariam força prodigiosa para supportar grandes pezos. Adopto a sua opinião, e persuado-me que este methodo seria muito economico. Deixo aos engenheiros o cuidado de applicar as minhas idéas ás machinas, que será possivel fazerem-se para o transporte d'artilheria. Procurei desempenhar a minha tarefa como nadador, offerecendo-lhe o meio de transportar as jangadas com mais segurança, e com tanta promptidão como pelo modo até agora em practica.»

Superstições dos povos da Baixa-Bretanha.

Povo mais supersticioso do que devoto chamou ao portuguez o auctor da historia da revolução que collocou no throno elrei D. João IV. Posto que não seja possivel dissimular que entre nós existiram muitas superstições, e que ainda nos resta avultado numero d'ellas que a lima do tempo e da instrucção não tem podido gastar de todo. Nós, que temos tomado a peito o combate-las, como se póde ver nos artigos de meteorologia, e em varios outros, e que talvez lhe façamos guerra mais encarniçada em um artigo especial, não consentiremos com tudo que d'aquella e d'outras asserções se conclua ás cegas ser a nossa nação das mais supersticiosas, e por isso offerecemos aos nossos leitores na seguinte descripção de varios costumes dos bretões, existentes ainda no presente seculo, um objecto de curiosidade, e um desagravo das injurias que nos teem feito alguns escriptores estrangeiros.

Se o pão, bento na capella de S. Servais, cria bolor dentro do precioso relicario em que usam encerra-lo, se a rosa de Jerichó não desabrocha a corolla prophetica, e se acaso nas ruas da tenebrosa Morlaix se ouve rudar o carro a que chamam *Cariquel Ançou*, é infallivel a morte de que estes signaes são presagios.

Tambem o será se os corvos adejarem por cima da casa d'algum enfermo, por que estas aves de rapina teem um faro tão apurado, que presentem a morte d'alguem tres dias antes de acontecer.

Asseveram-me alguns camponezes, diz Mr. de Marchangy, terem visto passar alta noite um carro cheio de defunctos: seguia-o uma procissão de finados armados de tochas, que se dirigiu á igreja onde um dos mortos tinha dicto missa. Durante o trajecto parou o carro á porta de tres casas, onde bateram tres pancadas, e de cada uma das tres casas morreu uma pessoa antes de findo o anno.

No dia d'anno bom costuma a gente de certas parochias lançar nas fontes tantos pedacinhos de pan quantas são as pessoas da familia, e creem conhecer, pela posição, que tomam os madeiros ao de cima d'agua, os que hão de fallecer no decurso do anno. Sendo o doente menino, não fallecerá se o veu branco que a mãe lança na fonte de Loguaoy aboiar sobre as suas aguas consoladoras.

Aquelle que, mesmo perfeitamente são, vir um medico em sonhos, fará bem em dictar o testamento. O não se fechar o olho esquerdo d'um defuncto ameaça de morte proxima algum seu parente.

Consulte-se o fumo do lar quando o moribundo estiver para exhalar o ultimo suspiro: se elle se elevar com facilidade subirá a alma facilmente para o ceu, porém se em espessos e negros redomoinhos voltar para baixo, espera o inferno mais um hospede.

As estrellas cadentes, ou exhalações, como o vulgo lhes chama, são almas que vão para o paraiso; se em quanto fazem a brilhante marcha, o christão que as contempla tiver a presença de espirito necessaria para fazer um voto, elle será instantaneamente cumprido.

Quando alguem está a concluir, mandam chamar o seu padrinho, e madrinha, para que vejam morrer aquelle que viram nascer.

Teem por costume os bretões resar certa oração para que o doente morra depressa, se não tiver de ficar bom, e para este fim mandam dizer uma missa, a que chamam do Tépidu, o que quer dizer—uma ou outra cousa.

Ha dioceses em que os doentes de perigo recebem todos os dias a extrema-unção até sararem ou morrerem. Um terror popular, alimentado por falsos doutores, e combatido em vão pela igreja, dissuade os christãos de recorrerem a este sacramento libertador em quanto lhes resta um vislumbre de esperança. Julgam que quem recebeu a extrema-unção não póde, mesmo quando recobre saude, comer carne, e andar descalço.

É quasi geral o uso de estenderem os que morrem sobre um camada de cinza, e de cobri-los com o cilicio da penitencia, por ser este o estado em que o christão deve deixar o mundo d'onde muitas vezes, ainda o mais virtuoso, distraído da salvação por illusões seductoras, deve levar humilhada e confundida á presença do Eterno uma alma transfuga das verdades celestes.

Em alguns logares limitam-se a traçar no peito do moribundo uma cruz de cinza benta, n'outros deitam-lhe em cima, por tres vezes, uma chuva de cinzas.

O que fallece sem haver feito testamento, é tido por um desesperado, — um ente proscripto da terra e do ceu. Esta crença erronea nasce principalmente de que, segundo uma antiga superstição, é olhada a morte repentina como um castigo com que Deus pune os grandes peccadores, e como os que soffriam morte subita falleciam quasi todos sem testamento, confundindo o vulgo o effeito com a causa, persuadiu-se de que não sómente a morte inopinada, mas tambem a falta de testamento, era um signal sobrenatural da reprovação. D'aqui vem dizerem de quem morre repentinamente — *que morre sem lingua*; d'aqui resulta igualmente o punirem a falta de testamento com a confiscação dos moveis, e com a pena nimiamente severa de negarem sepultura ao defunto em chão sagrado.

Assim que alguem expira correm a despejar a agua dos vasos, que estão em cada casa, para que não aconteça que banhando se n'elles a alma errante, beba alguma pessoa um trago dos seus peccados. Em fallecendo alguem, um homem vestido de roupas negras, sobre as quaes traz pintadas lagrimas e ossos encruzados, e coberto de uma mitra tambem funebre, gyra todos os bécos bradando que morreu fulão, e que tal dia será enterrado. Segue-o grande numero de meninos, que levam tochas, ou vão tangendo campainhas.

Vestem ao defunto, se foi casado, a camiza do noivado; mas ah! a que fez outrora palpitar o coração do amante já não póde reanimar um coração morto para sempre.

Se o morto é uma criança tiram-o pela janella, que não pela porta, porque se por desgraça fizessem o contrario as mães, que passassem pela porta aziaga, só teriam filhos mortos.

Os bretões, e outros muitos povos da França julgam muito agradavel aos mortos a practica de lhes metterem nas mãos algumas moedas, e cordinhas cheias de nós. Os parentes e amigos, chorando em silencio, acompanham o ataúde. Nos funeraes de maior pompa vão quatro meninos, vestidos de tunicas brancas, e levam em uma das mãos uma tocha accesa, e na outra um brazeiro sobre o qual lançam incenso, e que depois é deitado na cova.

Não consentem os bretões que se empreguem caval-

los para puxar os carros em que vão defuntos: é forçoso que sejam bois ou eguas, e que nenhuma esteja prenhe. Julgar-se-íam infamados se recebessem o aluguel das bestas de carga, que houvessem emprestado para tão triste uso.

Se as eguas ou bois que puxam estes carros funebres param por acaso, esperam que lhes torne a vontade de se pôrem outra vez a caminho, guardando-se d'incita-los com a voz ou com o aguilhão, pois nunca deve haver pressa em chegar á ultima morada. Duram ás vezes dias inteiros estas paradas casuaes; entretanto sentam-se os do sahimento sobre as relvagens visinhas, ou ao abrigo dos densos vallados, e ahi discorrem ácerca das virtudes do defuncto, passando dos elogios sinceros ao gemidos e soluços. Se o caixão pára defronte d'alguma cruz, pregam na base d'esta outra cruzinha, de madeira, ao que chamam *refrescar a devoção*, uso que herdaram dos celtas, os quaes cada vez que passavam por uma sepultura lhe deitavam em cima uma pedra, para que todas estas amontoadas, formassem com o correr dos tempos um monumento sepulcral.

Dado o morto á sepultura, vão para o banquete funebre, menos os velhos, que ficam no cemiterio, como para darem a idéa de que quem tão cedo tem de tornar para elle, não carece de ter o trabalho de saír do seu recinto. Sentados sobre as malvas das sepulturas propoem enigmas, porém a morte não revela a tremenda explicação do seu!

Em nenhum paiz da França ha mais espirito de familia do que na Bretanha. Alli o parentesco passa além do decimo segundo grau, e vai de geração em geração; por isso certas familias andam sempre de lucto, visto ser raro o mez em que não percam pelo menos um primo, e algumas vezes dois ou tres.

Não alliviam os parentes o lucto por espaço d'um anno inteiro, e longe de admittirem consolações, avivam, por todos os meios que uma ternura engenhosa lhe suggere, o pesar e a saudade. Durante os doze mezes das lagrimas estão cubertos os espelhos. E para que hade a filha e a esposa querer realçar com o esmero das galas as bellezas que já não pódem captivar os olhos da mãe, ou do esposo?

Tambem conservam os vasos em cima das mezas voltados com o fundo para o ar; as festas e os banquetes cessam inteiramente, e os moveis collocados em logares differentes dos que o defuncto lhes assignára, recordam aquelle que já não existe, cada vez que ha precisão d'algum utensilio.

Nem cabe tanto amor e saudade no curto espaço do anno do lucto: a magua d'estes corações contristados, saindo fora dos limites de tão estreito circulo, diffunde-se por todo o campo da existencia, e n'uma festa annual, consagrada á memoria dos mortos, são estes chamados ás suas moradas hereditarias com practicas ternissimas. Tão grande é o concurso dos que acodem á evocação, que segundo um proberbio de Morlaix, ha n'esta occasião mais almas em cada casa do que folhas n'um carvalho, o que dá causa a não varrerem as casas no tempo de taes festas, por que fôra certamente uma impiedade *varrer os mortos*. Á roda da meza e do lar costumam pôr cadeiras, que ninguem occupa, por serem para os mortos, aos quaes os vivos dirigem a palavra, persuadidos de que elles, posto que invisiveis e mudos, estão com effeito alli sentados. Porém é nos cemiterios que estes encontros imaginarios illudem a ponto que os habitantes de Morlaix chegam a crer que ao menos um dia viveram com todas as gerações de seus ascendentes. Levam as familias os seus jantares para o campo *grande assemblêa*; suspende-se o lucto, por que cessa a ausencia, e a morte vencida em todos os pontos não retém debaixo das suas leis inflexiveis senão aquelles de que se esqueceram corações ingratos. Terminadas estas festas volve aos cemiterios a habitual taciturnidade, e os parentes quando voltam para casa creem que os finados os vão seguindo.

Os bretões conservam as cabeças dos seus parentes em preciosos relicarios, a que dão a figura de casinhas, e os depositam n'um logar bem visivel da igreja, ou no melhor sitio do cemiterio. Ha parochias onde se edificam capellas que não servem se não para receberem tão preciosos restos. Uma duzia de caveiras esculpidas em pedra, e mettidas em nichos exteriores, indicam ao passageiro estes ossarios.

Os nobres teem sepulturas nas capellas de seus palacios, ou nos carneiros das abbadias que fundaram, e das cathedraes que enriqueceram com seus donativos. Algumas vezes mettem-lhes nos tumulos vasos de brazas sobre que lançam perfumes. Muitas vezes os parentes do defunto votam-lhe á memoria uma alampada perpetua, cuja fundação costa duzentos réis por anno.

Mas estes costumes, estacionarios tantos seculos, vão-se dissipando, graças aos progressos da civilisação, e a ignorancia, origem de tantas superstições, é hoje guerreada na Bretanha, diz o artigo de que extraímos este, por homem d'animo e de saber.

Montgolfier e o balão. — O celebre Montgolfier, inventor dos balões aerostaticos, tinha estreitas relações com os impressores de Avinhão, onde publicava os seus escriptos. Muitas vezes costumava ir hospedar-se, quando ahi ía, em casa da viuva Guichard, dona de uma typographia. Certo dia observou esta que do quarto de Montgolfier saía um fumo espesso: teve a curiosidade de ir ver o que era, e ficou espantada de ir dar com elle muito attento a encher uma especie de sacco de papel com o fumo de um esquentador. Montgolfier parecia estar quesilado com o balão, que quando estava cheio de fumo se erguia por um momento, e depois começava a bambolear de um para outro lado, de modo que elle se via na necessidade de segurar com uma das mãos o balão n'aquella postura que elle julgava mais conveniente para se encher, em quanto com a outra ía deitando palha molhada no esquentador; porque, como todos sabem, a principio julgava-se que o fumo, e não o ar rarefeito, era quem fazia subir os balões. A viuva Guichard, vendo a difficuldade em que o pobre physico laborava, lhe disse com a maior simplicidade: «Ora, com o que está! — Por que não prende o esquentador por debaixo do balão?» — Estas palavras foram um raio de luz para Montgolfier. Com effeito era n'isto que estava o segredo: — a descuberta estava feita, logo que elle pendurasse do balão o esquentador.

A ignorancia. — Pouco depois de se ter introduzido a arte typographica em França, houve quem quizesse fazer imprimir em Paris os Elementos de Geometria de Euclides. Todos sabem que n'um livro como este entram toda a casta de circulos, de triangulos, e de linhas. Um dos officiaes que trabalhavam na typographia metteu-se-lhe em cabeça que o livro era consa de bruxaria, e que todas aquellas garatujas só serviriam para fazer apparecer o diabo, que podia arrebata-lo quando menos o cuidasse. Insistia o dono da casa em querer a obra continuada; e o pobre parvo assentou de pedra e cal que queriam dar cabo delle: tal impressão lhe fez esta idéa, que, sem dar ouvidos a razões algumas, morreu de medo no fim de tres dias. — *Mercier.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa. — Na Typographia da Sociedade.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

35) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 30, 1837.)

SARAGOÇA.

O NOME desta cidade não será desconhecido aos nossos leitores, quando tão frescas estão ainda as memorias dos successos das guerras peninsulares contra a ambição de Buonaparte. E constante o valor e pertinacia com que os briosos aragonezes defenderam quasi palmo a palmo a sua capital, ja meia invadida por tropas numerosas e aguerridas. Este feito é a mais brilhante pagina da historia comtemporanea dos nossos visinhos; e ainda ha pouco o vimos ter lousavel imitação na heroica defesa da cidade de Bilbau. Não quiz a Hespanha actual, emulando em nossos dias as suas celebradas Numancia e Sagunto, ficar em divida de civismo e valentia ás proezas da Hespanha antiga nos tempos remotos do poder romano.

Quando o General Lefebvre se apresentou com a sua força diante de Saragoça, em 14 de Julho de 1808, reputou-a facil conquista, tão desguarnecida estava, e tão pouco santajosa, militarmente fallando, era a sua posição. Mas os peitos e a constancia dos habitantes suppriram a falta de fortificações, debaixo do commando do governador Palafox. Nem os fer desfalecer o horror do bombardeamento, nem o vigor dos assaltos. Em Agosto entraram os francezes pela rua de Santa Engracia, e então se avivou todo o impulso do attaque, e se duplicou a tenacidade da resistencia dos defensores. De todos os edificios, e encrusamentos das ruas, rompia o violento fogo dos combatentes quasi á queima roupa. Lefebvre julgou opportuno propor a entrega nesta brevissima nota: « *Quartel general de S. Engracia. Capitulação.* » A resposta do brioso governador hespanhol foi igualmente laconica: « *Quartel general de Saragoça. Guerra até chegar ás facadas.* » A peleja immediata foi renhida, e terrivel. Os francezes occupavam um lado da larga rua do Cozo, e no centro della o general Verdier dava do convento franciscano as suas ordens. Os hespanhoes mantinham o lado opposto, erguendo nas aberturas das ruas as suas baterias, defronte, e a poucos passos das baterias inimigas. O espaço intermedio estava atulhado dos mortos, que alli caiam, e dos que eram arremessados pelas janellas. No dia seguinte as munições começaram a faltar aos habitantes; mas nem ainda assim desmaiavam, e ninguem fallou de capitulação: estavam resolutos a combater a ferro frio, attaque espantoso quando commettido por homens desesperados. Felizmente chegaram soccorros a tempo, e o conflicto continuou de rua para rua, de casa para casa, exasperando-se o furor dos assaltantes ao verem que não podiam subjugar uma cidade insustentavel segundo todas as regras da sciencia militar. Ultimamente cor-

reram noticias que descoroçoaram os sitiadores; e no dia 14 d'Agosto as columnas francezas desfilaram em completa retirada.

N'este cerco memoravel habitantes d'ambos os sexos rivalisarem em enthusiasmo patriotico. A condeça Burita, joven e formosa, organisou companhias de mulheres, incumbidas de transportar os feridos, de levar agua e provisões aos defensores. Não houve differença de jerarchias; nas altas classes da sociedade, e nas mais inferiores, appareceram exemplos dignos d'imitação. Agostinha Saragoça, pessoa de baixa condição, distinguiu-se auxiliando uma boca de fogo, collocada nas linhas de defensão, durante os maiores perigos.

Porém no segundo sitio, que começou em Novembro do mesmo anno, experimentou Saragoça adverso destino: depois de porfiada resistencia teve de capitular no meado de Fevereiro.

Esta nobre cidade, que já foi côrte dos antigos reis do Aragão, não era escaça de magnificos edificios, principalmente ecclesiasticos, de que ainda muitos subsistem: mas póde com facilidade avaliar-se quaes seriam os estragos, e ruinas, que ficariam, depois de tão devastadora e tenaz contenda, onde [como diz um escriptor francez] quasi não ficou casa que não fosse objecto d'um cerco especial. O mais famoso d'estes edificios, o mosteiro de S. Engracia, pertencente á ordem de S. Jeronymo, e notavel a muitos respeitos, foi pelos ares, n'uma explosão, quando os francezes fizeram a sua primeira e infructuosa tentativa para conquistar a cidade.

As duas cathedraes são ainda dignas de consideração: a sé velha, no estilo severo e melancholico da edade media; e a nova, ou templo de N. S.ª do Pilar, mais elegante, e aprasivel, conhecida em todas aquellas provincias do norte pelo culto da Virgem, que, sob a invocação do Pilar, é muito venerada dos hespanhoes. Entre as mais construcções notaveis tem o primeiro logar a torre inclinada, erecta em 1594, e famosa rival da celebre torre Pisana. Em a nossa gravura damos o prospecto d'uma excellente ponte de cantaria, lançada sobre o Ebro, e que dá serventia da principal porção de Saragoça para os seus suburbios. Consta de sete arcos de consideravel altura. Além d'esta ha outra de madeira sobre o mesmo rio, que passa pela mais formosa d'este genero na Europa.

A universidade de Saragoça foi fundada em 1113, depois da expulsão dos mouros do Aragão, mas a sua completa organisação data de 1474. Frequentaram-na em outros tempos mais de 2:000 estudantes, e contava 121 professores de differentes faculdades.

Albinos.

Esta palavra alatinada designa aquelles individuos, que tambem chamâmos pretos-brancos. O uso tem consignado denominações particulares para os diversos fructos do encruzamento das principaes raças humanas como, por exemplo, as de mulatos, mestiços, &c. — Porem as gerações, que succedem a estas mixturas, formam variedades permanentes, e conservam as suas denominações especiaes. Não são, porem, assim os albinos, que não constituem raça, e teem simples variedades accidentaes, que se devem reputar affecções morbosas.

Ainda que os que temos visto em Portugal sejam, pela maior parte, africanos, comtudo esta aberração da especie humana é commum tambem aos brancos, e ha alguns exemplos d'elles na Europa. São mui frequentes nas tribus americanas, principalmente no Isthmo de Darien, a ponto de alguns viajantes se enganarem reputando-os uma nação especial. Encontram-se nas Molucas, na Samatra, e outras partes do oriente. Em Africa ha muitos; e Bodowich diz que o rei de Ashanti ajuntára na sua côrte mais de cem pretos-brancos.

A singularidade d'estes individuos consiste em que, ou nasçam de paes de côr branca, ou de côr preta, ou bronzeada, teem a pelle, em toda a superficie do corpo, de um branco deslavado, e sem graça, como de cêra branqueada. Os cabellos, sobrancelhas e pestanas, e até os raros cabellos da barba, são do mesmo modo esbranquiçados, quer sejam [segundo a raça] corredios, quer encarapinhados. Teem os olhos lacrimosos, extremamente sensiveis á luz, o iris é de ordinario rosaceo, ou avermelhado, e a pupilla vermelha, de fórma que se assemelham aos olhos dos coelhos brancos. Mas esta vermelhidão é procedida da ausencia total da materia colorante de certas membranas do olho, que deixam apparecer os vasos sanguineos da parte vascular do orgão. — Os albinos não podem supportar a luz constante, e por isso preferem a obscuridade. Nunca são muito altos; e a sua constituição, de ordinario, é debil. Sendo objectos de repugnancia e quesilia quasi geral, são desleixados, fugidiços, e vivem na miseria e com pouco aceio: circumstancia que faz augmentar a zanga, que a mais da gente lhes tem. O seu caracter moral, as suas faculdades intellectuaes são tambem ignobeis. Os que nasceram entre os negros experimentam toda a casta de mau tracto, e vendem-os como objectos mais de curiosidade que de prestimo. Todavia alguns teem apparecido dotados de grande intelligencia: tal era o allemão Sachs, que publicou um Ensaio d'Historia Natural sobre a sua propria pessoa, e sua irmaã, que era da mesma sorte.

De todos os animaes, não é o homem o unico sujeito ao *albinismo*; infinidade d'outros apresentam a mesma alteração, ou durante toda a vida, ou n'um periodo mais ou menos longo da existencia; phenomeno, que se observa tanto nos quadrupedes, como em muitas aves. Porem n'estas varias especies d'animaes o *albinismo* se converte em segunda natureza; e a deviação organica se transmitte, e só pode ser modificada, ou destruida, pelo encruzamento successivo das raças, como demonstraram as concludentes experiencias de Bacwel.

Está assentado que os albinos são congenitalmente affectados d'uma molestia incuravel, seja qual for, ou a lepra branca, de que falla Moysés [*leprosus quasi nix*], ou uma cachexia, como quer Blumenbach. Nada póde aproveitar-lhes a arte de curar; só a philantropia, espalhando as suas doutrinas, póde esquiva-los ás mortificações que soffrem no meio do vulgo, que os apupa, por uma deformidade de que são victimas, e não culpados. A boa educação ensina os meninos a não escarnecerem dos miseraveis que a natureza fez defeituosos, e que, por isso mesmo, longe de serem objecto de mofa, são dignos da commiseração da humanidade: a caridade, e a saã moral, ensinarão do mesmo modo a proteger e beneficiar os individuos a quem a natureza maltratou com a enfermidade ou defeito do albinismo, ainda que ridiculo e fastidioso nos pareça o seu aspecto.

Da educação moral.

Quando em o nosso N.º 27 se deram as principaes regras da educação intellectual, foram de volta com ellas indicadas as de educação moral: resta, portanto, desenvolver estas.

A educação moral tem por objecto amoldar os cos-

tumes, os quaes dimanam dos sentimentos, e manifestam-se nas acções.

Os nossos sentimentos uns são physicos, outros moraes; a dôr que nos causa uma ferida é physica, a dôr que nos causa a morte de um amigo é moral: porém a educação moral só tracta destes ultimos sentimentos, os quaes procedem de um principio, ou de uma faculdade da alma, a que chamamos *sensibilidade*. Esta é inherente á nossa natureza: foi-nos dada pelo Creador, e é conforme ás *leis moraes* que elle assignalou a todos os viventes, que teem uso da razão.

A nossa vontade é a resolução que tomamos de obrar, em virtude dos nossos sentimentos. Somos naturalmente inclinados a obrar em consequencia destes sentimentos, mas não somos forçados, porque podemos examinar os motivos que nos dirigem, e temos liberdade para preferir este, ou aquelle partido. A educação moral deve encaminhar-nos a escolher sempre o melhor, fazendo bom uso da nossa liberdade. A tarefa é simples, porem magnifica; porque tanto se avantaja a educação intellectual á physica, tão superior é a educação moral á intellectual.

Esta educação demanda um estudo mui severo do homem moral. É facil quando bem encaminhada; mas de ordinario é difficultosa, porque a dirigem mal, e porque a abandonam a toda a casta de influencias que, ou a paralisam, ou a adulteram. Desenvolveremos alguma cousa as idéas, que acabamos d'emittir, para que se comprehenda quantos conhecimentos e attenção requer a educação moral, para ser perfeita e efficaz.

Os nossos sentimentos moraes emanam, por uma parte, das disposições privativas das faculdades naturaes, de que a nossa alma é dotada, e desenvolvem-se, por outra parte, pelas sensações physicas da dôr e do prazer. Desde os primeiros dias da vida suscitam-se as nossas sensações, e formam os nossos sentimentos. Amamos o que nos causa sensações agradaveis, o que satisfaz os nossos appetites naturaes, o que lisongeia os nossos instinctos physicos: odiamos tudo que nos contraría: consideramos o prazer como um bem, a dôr como um mal. Portanto o prazer e a dôr são as nossas primeiras sensações; o amor e o odio os nossos primeiros sentimentos, as noções do bem e do mal as nossas primeiras idéas.

Estas idéas, estes sentimentos, e estas sensações se referem ao physico, mas é tal no homem a connexão do physico com o moral, que do primeiro se applicam estas primeiras lições logo ao segundo. Uma creança ama de todo o seu coração, e com suas mais puras affeições, todos os que lhe fazem bem, seu pae, sua mãe, toda a sua familia, em summa todos os que se mostram seus amigos: pelo contrario toma aversão a todos os que se mostram seus inimigos. Isto sem duvida será egoismo, mas é um egoismo, que a natureza nos dá, que exigem os nossos primeiros instinctos, o amor de nós mesmos, o instincto da propria conservação. Este instincto, abandonado a si mesmo, desenvolver-se-hia por modo espantoso, e se converteria em egoismo absoluto; mas sendo bem dirigido é o manancial de todas as virtudes. Com effeito o nosso *Eu* não é o corpo, é a alma, espirito immortal de que o corpo é apenas o instrumento. Logo a este *Eu*, a este espirito immortal, é que devemos amar em nós mesmos, exercita-lo, e cultival-o tanto como o corpo, e com mais cuidado que o corpo, porque é elle quem nos habilita para obrarmos bem, para passarmos neste mundo vida virtuosa e util, e quem nos prepara para mais alto destino

É esta a missão, que deve desempenhar a educação moral: ella deve vigiar com igual applicação os instinctos physicos, e as disposições moraes, e tanto mais quanto ambos se mudam facilmente em propensões, e as propensões trazem os habitos e as paixões, e tanto estas como aquellas tomam frequentemente sobre nós imperio tal, que sempre achamos facil desculpa a seus desvarios.

Os nossos habitos adquirem-se em consequencia da repetição dos mesmos actos: uns naturalmente guiam aos outros; e sirva de exemplo o habito de dormir sempre ás mesmas horas. Outros são artificiaes, ou arbitrarios, como o de tomar tabaco. Destes nos podemos desfazer; mas pelo que respeita aos outros podemos varia-los, alterar-lhes o tempo, e o modo, mas nunca extirpa-los inteiramente, quando nascem d'uma necessidade. Eis-aqui os habitos physicos.

Os habitos moraes são mais difficeis de modificar, ou de banir. São menos imperiosos, mas alteram mais toda a existencia. O habito da leitura, ou da meditação, por exemplo, póde cessar sem que sofframos muito; até se lhe póde ganhar indifferença, porque emfim ha homens, que lhes custa menos a largar estes habitos, que a trocarem as horas da comida: porém as consequencias d'estas mudanças são differentissimas. O abandono d'um habito moral começa toda uma vida nova, muda toda uma ordem de idéas. O homem, que deixa de lêr, ou que deixa de meditar, é ainda o mesmo homem, mas a sua alma já não é a mesma; a perspicacia dos seus raciocinios, a rectidão das suas concepções, a pureza das suas intenções, e a gravidade, que o caracterisavam, desappareceram com os seus bons habitos.

Ora o abandono dos maus habitos produz o mesmo effeito em sentido contrario. Tomemos para exemplo um dos mais notaveis, o de praguejar, tão commum nas classes infimas da sociedade. O homem, que conserva este ruim habito, affecta, ou mostra naturalmente um arrebatamento, uma grosseria, uma rispidez de sentimentos que fazem com que se fuja da sua companhia, e que o tornam insupportavel: mas logo que perde este habito, tudo muda na sua linguagem, como nas suas maneiras; passa a ser benigno, rasoavel, e obsequioso. É o mesmo homem *por forma*; mas é quasi outra alma.

Os habitos, que mais importa vigiar são os que, para assim dizer, são ao mesmo tempo moraes e physicos; como o da comida, e da bebida. Este é physico em sua origem, e como tal permanece, porque é uma necessidade principal da vida: mas o seu abuso tanto destroe a organisação physica como prejudica a moral.

Outros ha que são quasi indifferentes, por exemplo a escolha de cores dos vestidos; porém muitos parecem indifferentes, e não o são, como o apertar a mão aos nossos amigos: a esta pratica ligam-se idéas moraes, e então é de grande importancia, e não deve por abuso practicar-se a toda a hora, sem escolha nem reflexão; porque perde o seu prestigio moral, e deixa de significar uma das mais ternas affeições do coração humano, a sincera amizade; passa ao rol de uma etiqueta trivial, insignificante como outras muitas, e, o que é peior, ás vezes dissimulada e traiçoeira.

A maior parte dos nossos usos de urbanidade nasceram de idéas moraes, hoje mais ou menos obscurecidas: visto por este lado, o verdadeiro codigo da civilidade é um verdadeiro codigo de moral; e por isso convem muito abster de familiarisar os meninos com as bugiarias das cortezias de mera formalidade; porém ao mesmo tempo inculcar-lhes a razão, e o valor da bem entendida urbanidade, sincera e affectuosa. Esta observação, que talvez pareça minuciosa, é de altissima influencia no tracto da vida humana.

As paixões nascem dos habitos. Um habito, uma affeição, que adquire em nós certo grau de ardor e

impetuosidade, a ponto de fascinar e dominar a razão, e de falcificar o juizo, é uma paixão. Sendo a razão a lei soberana do homem, sendo a imagem da Divindade, toda a paixão que a despreza é pessima e infame. Paixões ha de sua natureza nobres, e são as que nos arrastam impetuosamente para o bem, permittindo-nos escutar a razão: taes são o amor da gloria, o amor da patria, o zelo ardente pelo proximo. Longe de nós a intenção de as inpugnar: aconselhamos pelo contrario que se disseminem no coração da mocidade; mas ensinando-lhes ao mesmo tempo a necessidade de regular as occasiões e o modo de as manifestar.

Outras ha que se devem prevenir em tempo com escrupulosa solliccitude; e o unico meio é apresentar idéas bem claras, e bem completas, das virtudes que lhes são oppostostas. Para preservar da avareza, explicai bem o que é a economia; para affastar da paixão pelo jogo, fazei comprehender bem o que é o jogo, como simples distracção; em uma palavra tratai de que os vossos educandos adquiram em moral idéas bastante exactas, e bons habitos bem arreigados; assim opporeis uma barreira contra as paixões viciosas no decurso da vida.

Todavia não ha meio da moral mais poderoso que a vigilancia de nós mesmos sobre as nossas proprias acções; porque a moralidade não é outra cousa senão o bom governo das nossas faculdades. Examinar o que dentro em nós se passa, o objecto dos nossos pensamentos, os motivos das nossas acções; tomarmos a nós mesmos conta severa no intimo tribunal da consciencia, submetter a nossa vida a um exame regular, calcular o nosso dia pela manhaã, passar-lhe revista á noite; eis-aqui um grande meio d'educação, e de aperfeiçoamento moral, e que está sempre em nossa mão. Eis-aqui o que aconselhava e practicava o honrado Benjamin Franklin, o sabio benemerito da humanidade.

Este habito, tão proficuo, só na juventude pode conseguir-se, porque o homem moral está todo na primeira edade: portanto é nesta que todo o empenho é pouco para que os educandos o adquiram e conheçam, e avaliem toda a força e necessidade da moral. Milhares de occasiões se apresentam na vida familiar, para desenvolver as disposições da infancia. Com a edade, em que os primeiros estudos começam, encetа-se tambem a carreira dos nossos deveres. Em cada dia ha uma tarefa que desempenhar, uma obrigação que cumprir. O menino as executa promptamente, ou por instincto ou por obediencia: mas é necessario que se lhe faça comprehender a razão porque as deve fazer, que se lhe assignale a satisfação que experimenta em obrar bem, para que não fique confundida no pégo das sensações communs. A voz interna que lhe diz que deve trabalhar, que deve instruir-se, e fazer o que lhe prescrevem; e o contentamento que sente por ter obedecido, ou feito um progresso, ou desempenhado uma tarefa, não são outra cousa senão esta *consciencia* que Deus nos deu, para reconhecermos a lei que dictou á nossa razão. Esta consciencia desponta cedo, mas desenvolve-se lentamente, caminha a par da intelligencia, como ella augmenta ou diminue; com ella se illumina ou se obscurece.

Suscitado o sentimento geral dos deveres, em toda a parte acha applicações. Um menino está em relações immediatas com seus paes, com seus companheiros, com seus preceptores: recebe beneficios d'uns, serviços d'outros, e é alvo das affeições de todos. Fazei-lhe comprehender quanto reconhecimento e ternura deve a todos em consequencia dessas relações; mas sobre tudo mostrai-lhe com que actos deve elle revelar os sentimentos de sua gratidão, e de suas affeições, afim de que se não habitue a toma-las como palavras vazias de sentido, e aquelles actos como meras formalidades.

São mui curiosas de observar as primeiras relações dos meninos com seus camaradas: ahi se revelam com igual candura o seu bom coração, ou o seu egoismo. Ao principio são reservados; mas em breve se entregam á mais affavel familiaridade; desavem-se, disputam, contendem depois por qualquer bagatella, á menor offensa do seu amor proprio; mas tambem não se demoram em perceberem que lhes é necessario transigir, e fazer sacrificios, porque precisam de paz, ou de tregua para seguirem os seus mutuos interesses. Tambem a principio são pouco generosos, mas são mui susceptiveis de generosidade. Naturalmente não se chegam de bom grado ao seu companheiro, que a fortuna ou a natureza infelicitou, que é o pobre ou disforme; mas, quando destramente encaminhados a sentimentos benignos, desenvolvem a compaixão, a sympathia, e a generosidade. O coração humano é um oceano de virtudes; e o coração d'um menino é o coração humano com todas as suas riquezas nativas.

O menino não é de sua naturcza modesto. E timido quando a sua intelligencia ainda ignorante encontra em tudo difficuldades, porém não é humilde. A humildade é uma virtude religiosa, e social, que se desenvolve quando o homem entra na sociedade. Os meninos se appreciam, e tomam perfeitamente a sua cathegoria; comparam-se reciprocamente nos brincos como nos estudos, e reconhecem de prompto a superioridade d'uns, a inferioridade d'outros, o que se observa principalmente naquelles estabelecimentos, onde os regentes teem a criminosa fraqueza de favorecerem os filhos dos ricos e dos grandes. Embora lhes prodigalisem premios e boas notas, os seus companheiros sabem firmar muito bem a sua opinião. A eschola é um verdadeiro remedio do amor-proprio; bem entendido que fallamos da boa eschola; a má, além dos fructos detestaveis, que infelizmente produz, tem o inconveniente de não ensinar os meninos a conhecerem-se, nem a corrigirem-se.

A boa eschola tambem desenvolve os sentimentos de modestia, de sociabilidade, de ternura, de gratidão, de benevolencia, que são todas excelsas virtudes. A má eschola exercita uma influencia contraria. As superioridades excitam a inveja, o ciume, o odio; as distincções mal distribuidas desenvolvem ambição prematura n'uns, infundem damnoso descoroçoamento n'outros. Uns aprendem a sacrificar tudo ao desejo de brilhar; habituam-se a pavonear-se com desmedido amor-proprio, e seu unico cuidado é eclipsar até os seus amigos: outros se afazem á preguiça, ao descontentamento, á maledicencia, á inveja, e ao odio.

Isto é incontestavel: mas por isso que na eschola se manifestam as paixões, ahi as deve combater a educação moral. Tudo está na mão do preceptor. Elle deve apontar aos seus alumnos as causas do brilhante successo d'uns, e da inferioridade d'outros, analysalas em sua presença, e demonstrar-lhes que todos são dotados da faculdade da attenção, e da capacidade para o trabalho; que na verdade receberam da natureza dons diversos, este mais memoria, aquelle mais imaginação, aquell'outro mais juizo, mas que applicando-se todos com igual regularidade podem todos obter, cada um no seu genero, notaveis vantagens.

Acontece louvarem excessivamente uns, e reprehenderem fóra de medida outros; e isto faz nascer o orgulho, e a preguiça. O preceptor, que conhecer o coração humano, se resguardará deste excesso; procurará ser justo, e verdadeiro. Não evitará por certo completamente o desenvolvimento do ciume, da maledicencia, do rancor, da ambição, da vaidade; estes

sentimentos dimanam mui naturalmente das nossas disposições primitivas para que seja possivel aniquila-los; mas o bom mestre ensinará a modera-los; combaterá os que poder, e a final desarreigará uns, e mitigará outros. Se os homens não aprendessem ainda moços a moderar o impeto d'algumas d'estas funestas paixões; se ellas rebentassem pela primeira vez na epocha do maior desenvolvimento das forças physicas, a sociedade dos animaes ferozes seria menos perigosa que a nossa.

O modo mais ordinario de reprimir os primeiros movimentos culpaveis do coração, é empregar as reprehensões, os vituperios, e até as injurias. E pensam que se corrigirá uma creança, que começa mal, prodigalisando-lhe logo todas as qualificações d'um mau individuo, d'um homem incorrigivel? — Não ha erro mais deploravel. A creança primeiro horrorisa-se vendo fazer de si tal pintura, depois acha-a exaggerada, e a despreza, ou então julgando-se perdida no conceito publico, desespera, e não tarda em justificar esse mau conceito, e perde-se realmente. Olhem os mestres que a historia diz aos legisladores: não patenteeis uma opinião, um conceito rigoroso, injusto: isto irritará os povos contra vós, e os impellirá para o mal, que suspeitastes.

Preceptores, e paes, quando reprehenderdes um menino, fazei-o em termos simples, e concisos; sêde claros, e breves; nada d'exaggeração, nada d'emphase, nada de ameaças absurdas, que não serieis capazes de realisar, nada de repetições, de pesados sermões. A maior, a mais severa reprehensão para o alumno, deve ser a franca exposição da vossa opinião recta, contraria ao que elle practicou. Se elle vier a temer a vossa opinião, temerá a vossa censura: e a vossa auctoridade será omnipotente, se a exercitardes com a conveniente dignidade. Nós temos visto sempre nos bancos das escholas que o mestre que falla com mais gravidade, e brandura, é sempre o mais escutado, o mais respeitado, e o mais amado. Temos visto pelo contrario paes, e mestres, armados sempre da ferula e de palavras ameaçadoras, semelhantes a lobos esfaimados no meio de timidas ovelhas, espraiando-se em injurias, em exaggerações, muitas vezes risiveis umas, detestaveis outras. O riso suffocado dos meninos, e o seu desprezo patente ao passar da trovoada, sempre nos pareceu ser o unico resultado d'este culpavel aviltamento do sacerdocio paternal. Se reflectirmos na brauda susceptibilidade dos meninos, na sua profunda deferencia aos nossos juizos, que precisão ha de phrases duras, e de esforços violentos? — Sem duvida deveis reprimir o mal, por meios suaves, poupando quanto seja possivel a punição, e sobretudo fazendo-o detestar pelos seus ruins effeitos. É forçoso confessar uma verdade; os mestres, com raras excepções, quanto mais ignorantes, mais severos: o homem illustrado reprime o ardor do seu genio. Paes, vigiai que os mestres, que destinardes a vossos filhos, não sejam brutaes e estupidos. Que ensinará um estupido? — Como habilitará seus alumnos na carreira dos bons costumes aquelle que os tiver maus, e for brutal por condição? — Não façais vossos filhos martyres simplesmente do a, b, c. Lembrem-se todos que muitas vezes da educação primeira depende a futura felicidade da vida.

CHINCHILHA.

Quasi todas as pelleterias, ou forros de pelles que se usam, pertencem principalmente a animaes das duas ordens, carnivoros e roedores. Os forros mais estimados são os que teem o pello comprido, basto, e macio como seda, cobrindo outra camada tambem farta de felpa ou pello mais miudo. A maior parte vem dos paizes frios, e as regiões quentes só exportam algumas pelles de pello *razo*, porque a próvida natureza ves-

tiu os animaes adequadamente aos paizes, que habitam. Mas nem só o clima, tambem as estações influem grandemente na qualidade das pelles: no verão é o pello mais curto e menos copioso que no inverno, e só n'esta ultima estação existe na base do mesmo pello a abundancia de cotão ou felpa. A's vezes, conforme as estações, sobrevem alterações consideraveis na côr dos cabellos; em certas epochas do anno os mammiferos os mudam, principalmente na primavera e outomno; e a muda, ou se effectua sem modificar a côr geral, ou o novo pello differe totalmente do antigo. Assim para o norte, a harda, ou esquilo commum, em vez de conservar sempre a sua côr arruivada, toma no inverno um alvadio muito agradavel. O rapozo azulado da Siberia [canis lagopus] apresenta variações não menos consideraveis, pelo que as suas pelles são d'inverno muito procuradas, ao passo que de verão teem pouco preço.

A maior parte das pelleterias, estimadas no commercio, vem do norte da America, ou da Siberia; mas tambem da Europa meridional se aproveitam muitas, a que os francezes chamam *sauvagines*, e são d'uso muito commum, como as de raposa, as de toirão, as de lontra, as de coelho, lebre, &c. — Porém a pluralidade d'estas pelles são tintas [ou, como dizem no commercio, *lustradas*] para arremedarem os forros preciosos.

No imperio russo a caça dos animaes das pelleterias faz-se principalmente no dilatado territorio situado a leste do Volga até o Kamschatka, e até nas costas do noroeste da America, onde se acham muitas lontras marinhas, que são forros estimados, e se vendem pela maior parte aos chins. A Siberia fornece as pelles de diversas especies de rapozas, que teem subido valor, e as de marta, de zibelina, d'arminho, &c., além d'infinidade de pelles d'urso. Das immensas florestas do nordéste da America vem as de castor, de lontra fluvial, e tambem de marta, d'urso, &c.

Estas pelles teem as applicações, que todos conhecem, umas uteis e commodas, outras de mero fausto. Todos sabem tambem que o pello d'alguns *roedores* se emprega no fabrico dos chapeus de feltro, assim como o do castor, cujo preço tem descido depois da introducção dos chapeus ditos *de seda*.

A gravura acima representa um pequeno roedor, cuja pelleteria ha muito tempo tem grande consumo e preço nos mercados europeus, sem que fosse conhecido o animal que a produzia. Por informações vagas confundiram-no no genero dos *criccetos*. Porém M. M. Benett e Beechy, alcançaram alguns em sua viagem em 1831 á costa noroeste d'America; e por sua via poderam estes animaes ser estudados na sociedade zoologica de Londres. Em 1833 estiveram dois vivos no museu d'Historia Natural de Paris, trazidos pelo official de marinha, Mr. Durand. Agora comprehende-se esta especie na grande familia toda americana que corresponde ao genero *caria* de Linneu, a par das cutias, e cobayas. Os hespanhoes lhe pozeram o nome de chinchilha.

Tem de comprimento este animal nove a dez pollegadas, e a cauda quasi dois terços do corpo. É de limitadas proporções, porém grosso para o tamanho, e goza a faculdade de se ennovelar como o coelho, com quem se parece na fórma da cabeça. Tem olhos grandes e pretos, as orelhas largas, redondas, affastadas, e sem cabello, bigodes muito compridos, e move de continuo o focinho como o coelho, porém menos sensivelmente. Nas mãos, ou pés dianteiros, tem quatro dedos desiguaes, com o rudimento do quinto, e dos pés trazeiros o mesmo numero, sendo tres compridos, e d'estes o do meio mais saído que os dois lateraes, e o quarto e ultimo muito curto. As unhas são compridas e pequenas, menos robustas que as do coelho europeu, que é um cavador infatigavel; por isso, posto que o chinchilha habite em tocas, é provavel que se aproveite das excavações que achar feitas, ou pelo menos da vantagem dos terrenos arenosos, ou movediços. A pelle d'este pequeno animal é forrada de pello mais fino que a seda, muito basto, e tão leve que segue todas as direcções d'um fraco assopro; a côr é cinzenta, ondeante e muito bella. Prefere-se a mais escura.

O chinchilha póde suster-se sobre os pés trazeiros, mas a sua postura ordinaria é assentado, e assim come levando com as mãos o alimento á boca. Molina escreveu que os individuos d'esta especie viviam em sociedade, mas parece não ser isto exacto, porque n'uma occasião, em que se ajuntaram dois na mesma gaiola, combateram a ponto de ser preciso separa-los para os conservar. Todavia, ás vezes se acham junctos mais de oito, ou dez, que são os numeros ordinarios de uma familia de chinchilhas. Essencialmente sedentarios, é raro arredarem-se mais de vinte passos das suas habitações, e quando saem é sempre depois do sol posto, e quando não escutam bulha. Parece que a timia claridade os incommoda. Mas a prudencia, que manifestam em evitar o perigo, não exclue certa coragem. Os indios affirmam que os chinchilhas se defendem com bastante energia contra as çarigueias, e outros carnivoros pequenos que são seus inimigos naturaes. Propagam tres vezes no anno, e de cada vez cinco ou seis filhos. Quando domesticos, são doceis, e se deixam tomar sem pertenderem fugir. Parece gostarem de que os afaguem. Não teem cheiro ruim; e como são extremamente limpos não emporcalham os fatos das pessoas que lhes pegam; e por esta razão se podem consentir pelas casas, onde nem incommodam, nem fazem muita despeza, porque se nutrem com grãos cereaes, folhas seccas, e plantas, como o trevo, e a luzerna, de que são bastante gulosos.

Estes animaes habitam as faldas das cordilheiras no Chili, e o Perú. Os antigos peruvianos, mais industriosos que os modernos, fabricavam do pello dos chinchilhas cobertas de cama, e estoffos de muito valor.

As joias.

O celebre mestre, Rabbi-Meier, demorou-se um sabbado inteiro n'uma synagoga, pregando, e ensinando ao povo a lei do Senhor.

N'este meio tempo dois filhos que tinha de estremada gentileza e instruidos nas sciencias de Deus, vieram a morrer.

E sua mãe os levou para uma alcova, deitou-os sobre o leito nupcial, e cobriu-os com uma cobertura branca.

Ao caír da noite Rabbi-Meier voltou para sua casa. «Onde estão meus filhos? perguntou:» quero dar-lhes a minha benção. Por umas poucas de vezes corri com os olhos toda a synagoga, e nunca os pude enxergar.

Então sua mulher lhe apresentou um copo com vinho: elle deu graças ao Senhor, bebeu, e tornou a perguntar. «Onde estão meus filhos? — Porque não vêem beber na taça da benção paterna.»

«Não estarão muito longe,» tornou a mulher: — e poz-lhe diante alguma cousa para elle comer.

Meier estava de bom animo e alegre; e quando acabou a refeição sua mulher lhe disse:

«Rabbi, has-de-me dar licença que te pergunte uma cousa.» — «Pergunta o que quizeres» — replicou o marido.

«Certa pessoa, haverá uns dias, poz em minhas

mãos varias joias, para que lh'as eu guardasse: pedem-m'as agora; devo acaso restituir-lhas?»

«Pergunta é essa, que minha mulher me não devia fazer: disse Rabbi-Meir. Ha que hesitar em restituir a cada um o que é seu?» — «Não, replicou ella, porém não o quiz fazer sem te dar parte primeiro.»

Então o conduziu para a alcova, e chegando-se ao leito, tirou a cobertura branca de cima dos dois cadaveres.

Meus filhos, meus pobres filhos! exclamou Rabbi-Meir: filhos, luz de meus olhos, luz do meu entendimento! — Eu era vosso pae; mas vós podieis ser meus mestres nos caminhos de Deus!

E a mãe se voltou para a outra banda; e chorava amargamente.

Por fim, apertou as mãos de seu marido entre as suas, e disse-lhe:

«Rabbi, — não me ensinaste a restituir sem relutancia o que nos foi dado a guardar? — O Senhor no-los deu; o Senhor no-los tirou: bemdito seja o seu nome!»

«Bemdito seja o seu nome, atalhou Rabbi-Meir, e mil vezes bemdito por que te creou a ti. Certo, com verdade está escripto: — O que achou mulher virtuosa, possue thesouro mais rico do que perolas de grande valia: quando ella falla, da sua boca mana a sabedoria; e a lei da brandura e do amor encontra-se nos seus labios. — *Tradicções dos Rabbinos.*

O Brasil.

1.º

Ainda que hoje este vasto imperio, separado de Portugal, forme por si uma nação, independente por todos os titulos, não deixam comtudo os brasileiros de ser irmãos dos portuguezes. Por que uma grande familia não póde viver reunida, segue-se porventura dahi que os membros, de que ella se compunha, sejam entre si estranhos? Se um filho, chegando á virilidade, saiu de sob a tutella materna, deverá sua mãe amaldiçoa-lo por isso? Neste caso está o Brasil: a sua edade viril tinha chegado. Mais rico do que Portugal; com uma civilisação sempre progressiva; produzindo genios e homens extraordinarios, era absurdo, ou antes impossivel, que os seus habitantes deixassem de conhecer que Portugal não tinha jus a tracta-los como colonos. A consciencia desta verdade causou a revolução do Brasil, e esta revolução era justa. Nós tentámos a sorte das armas, porque o orgulho nacional fôra offendido; mas a sorte das armas nos foi contraria, e a independencia do Brasil foi reconhecida. Esses acontecimentos pertencem já a historia; os odios reciprocos estão extinctos; e os dois povos, ligados por laços de sangue, fallando a mesma lingua, seguindo a mesma fé, habituados a usos e costumes mui semelhantes, nada mais devem ser do que alliados fieis, e amigos sinceros: a razão, a politica, e até a religião aconselham estes sentimentos a ambas as nações.

Entretanto ainda o nosso povo não conhece isto inteiramente; ainda não percebe até que ponto a fraternidade com os seus irmãos de alem mar lhe póde ser vantajosa. Afóguram muitas pessoas o Brasil como um paiz ainda inculto e barbaro: creem que a civilisação, as artes, e os commodos da vida, são apanagio só dos europeus. Erro miseravel é este, que cumpre derrubar pelo pé. Importa fazer saber ao povo a verdade, e destruir preoccupações vaãs, que só servem de transviar o espirito publico do que lhe póde ser proveitoso. Nós pela nossa parte trabalharemos nisto com animo sincero de ser uteis aos nossos compatriotas; e das pessoas illustradas do imperio brasileiro receberemos quaesquer notas, ou rectificações, que tiverem a bondade de nos communicar, sobre o que escrevermos ácerca do seu paiz.

O Brasil é uma terra de esperanças. As producções quasi espontaneas do seu extensissimo solo, regado por tantos rios caudaes, que facilitam o tracto do commercio, o tornam independente dos outros povos, ao passo que estes d'elle carecem para muitos objectos que se têem convertido em necessidades da vida. A' sombra de boas leis, e se alcançar a tranquillidade interior, aquelle imperio crescerá cada vez mais em navegação e em industria; assim o horisonte do seu futuro brilhante não é facil de comprehender. Verdade é que ainda hoje está em muitas cousas atrazado; mas as fontes da sua prosperidade tem-as em si mesmo, e só precisa de ser administrado com juizo para augmentar sua grandeza, ao passo que as velhas nações da Europa, sobrecarregadas em grande parte de população, contidas em limites estreitos, precisam de mil calculos e combinações economicas e politicas para prosperarem, e talvez muitas d'ellas para não decairem.

Guardamos para um proximo numero o escrever outra vez sobre as cousas geraes do Brasil, e successivamente iremos dando aos nossos leitores o que podermos alcançar sobre a situação actual, costumes, e mais circumstancias notaveis d'aquelle dilatado imperio.

Limpeza de metaes.

Cobre e latão. — Se estiver muito sujo, esfregue-se com pó de tijolo inglez, ou pedra pomes; molhe-se depois uma boneca de panno de linho na mistura abaixo descripta; esfregue-se o cobre com força e rapidez, e lave-se immediatamente com agua fresca, enxugando-o com panno limpo e secco.

Agua limpa	8 onças.
Oleo de vitriolo	2 ditas.
Pedra-hume em pó	2 oitavas

Querendo-se que a mistura seja mais forte, ajunte se maior porção de vitriolo.

Zinco. — Se o zinco estiver muito sujo, convem limpal-o primeiro com pó fino de tijolo inglez; depois, com uma boneca de panno de linho, molhada na mesma mistura, se esfregará com muita presteza e força, e lavar-se-ha immediatamente com agua fria bem limpa, enxugando-o com panno de linho, e sem perda de tempo, para que não se cubra de nodoas brancas.

Prata. — Faz-se desapparecer a côr denegrida que altera a prata, em que se acabou de comer ovos ou outras iguarias, esfregando-a com fuligem levemente embebida em agua: lava-se depois com agua de sabão e esfrega se por fim com gesso-cré.

Concerto da louça e vidros quebrados. — Descubriu-se n'uma substancia animal uma colla, por extremo forte, com que se podem soldar as cousas dos utensilios caseiros.

E esta colla um producto natural que, sem ser abundantissimo, poderia comtudo chegar para todos os concertos em que é susceptivel de ser empregado. Os caracoes corpulentos, de que ha tão grande copia nos jardins e bosques, e que em algumas partes da Europa servem de iguaria, têem na extremidade do corpo uma bexiguinha cheia de certa substancia de côr alvacenta, que parece gordurenta e gelatinosa. Quando, depois de a extrafrem do animal, a applicam entre dois corpos, seja qual for a dureza delles, e se unem os ditos corpos de maneira que fiquem em perfeito contacto, é tamanha a adherencia que d'a-

qui resulta, que se acaso, por meio d'uma pancada ou de um forte puxão, tentam separa-los, quebram-se muitas vezes em parte differente daquella onde faram soldados. Para que esta colla adquira toda a força de que é susceptivel, é preciso dár-lhe tempo para seccar.

Methodo prompto para apagar incendios em chaminés. — Quando pega fogo em qualquer chaminé deve-se espalhar logo na lareira o brazido e as achas que estiverem a arder, e lançar-lhes por cima, bem espalhadas, tres ou quatro mãos-cheias de enxofre reduzido a pó muito fino. Feito isto tape-se immediatamente a boca da chaminé com uma banca, uma porta, ou um panno molhado, bem unido por todos os lados, de modo que não deixe entrar o ar.

Sendo o enxofre materia muito inflammavel, accende-se no mesmo instante, e de tal maneira absorve o oxigenio do ar contido na chaminé, que a chamma pára logo. Sendo tão facil evitar grandes desastres por este meio, seria prudente haver em todas as casas dois arrateis de enxofre em pó, para um caso d'estes.

Esta receita talvez inspire receio a alguem, na persuasão de que uma materia que se inflamma tão facilmente, e com tanta actividade, como o enxofre, deve augmentar a intensidade do fogo, em vez de a diminuir. Mas a pratica [que vai d'accordo com a theoria] demonstra a efficacia d'este meio. Mandou-se, ha annos, em França verificar se o methodo era bom: fez-se a experiencia n'uma chaminé da casa da moeda, em París, a qual não fôra limpa havia muito tempo. Metteram-lhe dentro quatro ou cinco molhos de carqueja, e deitaram-lhes fogo: quando viram que este tinha pegado por toda a chaminé, e que já saíam por cima as labaredas, deitaram o enxofre na lareira, e taparam a boca da chaminé com uma porta velha: o fogo apagou-se immediatamente. Renovou-se, por tres vezes, a experiencia, e o resultado foi sempre o mesmo.

Recommendamos que não se destape a boca da chaminé, sem deixar passar um bom espaço de tempo, isto é, o que for necessario para deixar extinguir-se bem o lume da fuligem.

Differença d'arabes amouros. — É um erro muito commum, adoptado até por alguns historiadores, confundir os arabes, e os mouros, como se fossem o mesmo povo. — Os arabes são asiaticos, do meio d'elles saíu a religião de Mafoma; elles foram os primeiros que a espalharam na Asia, na Africa, e na Europa. Os mouros são tribus d'Africa, que os arabes musulmanos converteram ao mahometismo. Portanto os mouros são tanto arabes, como eram romanos os godos, os francos, os lombardos, que abraçaram a religião christaã que professavam os romanos. Pelo contrario o imperio temporal de Mafoma foi destruido pelos mouros, e os turcos foram convertidos ao islamismo, da mesma maneira que o imperio de Constantino foi destruido pelos barbaros já convertidos ao christianismo.

Pomada para as frieiras. — Cera branca, meia onça; tutano de boi, uma onça; unctó sem sal, tres onças. Cosam-se todos estes ingredientes em lume brando dentro d'uma vasilha de barro vidrado; depois de uma leve fervura, coem-se por um panno.

Quem padecer de frieiras deve, antes de se deitar, cobri-las com este unguento, e embrulhar os pés, ou as mãos, para que com o roçar dos lençoes não caia o remedio, que a por-se em practica logo que vierem as frieiras, as fará desapparecer [diz o auctor da receita] dentro de tres ou quatro dias.

O seccar das folhas.

Por Millevoye.

Das ruinas d'estes bosques
O outomno alastrou o chão:
A selva perdeu seus mimos;
Os rouxinoes mudos são.

No bosque, amigo da infancia,
Triste um joven vagueava:
Na sua aurora a doença
Para o sepulchro o inclinava.

«Adeus, floresta querida!
Vestes lucto por meu fim?
Como te cáe folha e folha
A morte me segue assim.»

«Intima voz, que revela
Seu fado extremo aos mortaes,
Me diz: vês caír as folhas?
São estas só: não ha mais!»

«Sobre esta pallida fronte
O torvo cypreste ondea,
Como o que, pharol de mortos,
Sobre campas se menea!»

«Antes da vide na encosta,
Antes da relva no prado,
Os dias da juventude
Terão para mim murchado!»

«Minha linda primavera
Qual a vaã sombra passou!
Eu morro: o euro gelado
Da vida a seve mirrou.»

«Cae, oh passageira folha,
Vem esta senda cobrir;
Esconde ao pranto materno
Logar onde vou dormir.»

«Mas se vier minha amante,
Involta em véu luctuoso,
Ao pôr do sol, na lameda
Dar-me um suspiro saudoso.»

«Com o teu leve rugido
Desperta, oh desperta o morto;
Que assim sua sombra tenha
Ainda allivio e conforto!»

Disse: — affastou-se, e não volve:
Ultima folha caíu:
Era o signal. seu sepulchro
Sob o carvalho se abriu.

Mas sua amante não veio:
E só do valle o pastor
Quebrou, com som de passadas,
Repouso do trovador.

Os Senhores Socios e Assignantes, que mudarem de residencia no fim do presente semestre, terão a bondade de o fazer constar á Direcção, para não soffrerem interrupção na entrega d'este Jornal.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

Lisboa — Na Typographia da Sociedade.

AP
65
P36
v.1

O Panorama

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY